

A ERA INTERESTELAR

A TRILOGIA COMPLETA



VALMORE DANIELS



A Era Interestelar

A Trilogia Completa

por Valmore Daniels

Traduzido por Íris Bértolo

Esta é puramente uma obra de ficção. Os nomes, as personagens, os lugares e os incidentes são o produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Este livro não pode ser revendido ou doado sem permissão, por escrito, do autor. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, copiada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrónico ou mecânico passado, presente ou futuro.

Copyright © 2016 Valmore Daniels. Todos os direitos estão reservados.

Visite-o em: ValmoreDaniels.com

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice

[A Era Interestelar](#)

[Proibidas as Estrelas](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[A Música das Esferas](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)

[A Mundos de Distância](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)

[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)

[49](#)

[50](#)

[Sobre o autor:](#)

[Posfácio](#)

Proibidas as Estrelas

O FIM
Copán:
Honduras:
Conglomerado da América Central

Os meus antepassados contam, que numa noite calma e silenciosa, se nos esforçarmos o suficiente, podemos ouvir os planetas a moverem-se. Chamam a isso; A Música das Esferas. E a sua melodia, é um conto sobre o retorno dos deuses! Eu já ouvi essa melodia.

Mas eu sou apenas um homem velho. Que sei eu?

O meu neto vem até mim, pedir permissão para ir brincar com os seus amigos. Eu pergunto-lhe: “Queres que te conte a história do fim do mundo?”

Eu sei que ele já me ouviu contar esta história e que não acredita. Prefere ir brincar com os seus amigos.

Talvez, se eu lha contar mais algumas vezes, ele venha a acreditar.

Posso apenas ter esperança; mas que sei eu?

Conto-lhe de Hunab’Ku, o deus dos deuses, o criador de Maya. Conto-lhe que Hunab’Ku reconstruiu o mundo três vezes, depois de três dilúvios, que saíram da boca de uma serpente do céu - alguns dizem que saíram da boca de Kukulkan, o deus do sol, dos oceanos, da terra e do céu.

Conto ao meu jovem neto, que cresce entediado com as minhas histórias, que Kukulkan construiu o primeiro mundo e o segundo mundo. Ele fez isso, para que o terceiro mundo estivesse pronto para o Povo da Terra, os Maias.

Eu falo-lhe da loucura dos Maias, da sua arrogância, das suas maneiras decadentes, dos sacrifícios humanos e da profecia do homem branco. Falo-lhe do final do terceiro mundo, da destruição dos nossos antepassados.

O meu neto sorri. Ele acredita que eu sou apenas um velho solitário, que conta grandes histórias.

Eu sei a verdade e sei o futuro. Digo-lhe que o quarto mundo pertence ao homem branco. No entanto, esse mundo, não vai estar aqui por muito mais tempo.

Os deuses antigos decretaram isto.

O quarto mundo deve perecer sob um dilúvio, para abrir caminho para o Novo Mundo. Se os homens brancos não aceitarem as mudanças, Kukulkan irá destruí-los.

Os deuses vão construir o Novo Mundo, acima de todas as coisas.

Os deuses retornarão das estrelas e vão precisar de um mundo melhor, no qual fazer as suas casas.

O tempo está a chegar, em breve.

“Como assim?” O meu neto pede paciência, fazendo a vontade ao seu velho avô.

“Tu vais ver o final do quarto mundo, na tua vida”, digo-lhe. “E vais ver a vinda do quinto mundo. Não sei se eu o irei ver. Estou a ficar muito velho.”

“Não é assim tão velho, Avô.” Diz-me ele.

Eu sorrio-lhe, sabendo que, no fundo, ele é um bom menino. Mas ele olha pelo canto dos olhos para os seus amigos e, anseia por ir brincar.

“Agora vai ter com os teus amigos.” Digo-lhe. “Mas lembra-te do que eu te disse.”

“Sim, avô. Vou lembrar-me do que me disse.”

Ele vai-se embora e sei que se vai lembrar. Mas...irá acreditar?

Ou, pelo contrário, será que ele pensa que sou apenas e só, um velho tolo?

Para Divulgação Imediata
Notícias da NASA
Assunto: Missão *Orcus*

A restringir a Nuvem de Oort e quaisquer outros asteróides ou cometas errantes que orbitam o Sol, Plutão é o último corpo celeste no perímetro externo da família de planetas que compõem o Sistema Solar. Plutão é um marco. Indica a fronteira entre o Sol e o início do espaço interestelar.

Agora, pela primeira vez, a NASA está a enviar uma equipa, para explorar o corpo planetário mais distante do nosso Sistema Solar. A tripulação do voo ainda não foi anunciada, mas um porta-voz indicou que eles estavam perto de finalizar a lista. A Quem atribuírem essa invejável missão, terá de suportar uma viagem de seis meses a Plutão, seguida de outros seis meses de viagem. No regresso a Terra e, contando com os sete meses no planeta, até que este retorne à órbita ideal. No Total, A tripulação da Missão *Orcus* vai estar longe de casa, durante quase dois anos seguidos.

Os cientistas têm muitas perguntas sobre Plutão. Por isso, esperam que esta missão lhes vá proporcionar o conhecimento de que estão à procura, há mais de um século.

Um pesquisador experiente da NASA, indicou a possibilidade de que a obtenção de informações sobre o pequeno planeta, possa fornecer informações sobre as viagens interestelares.

Nos últimos cinquenta anos, inúmeras naves e sondas não tripuladas, foram a Plutão em missões de exploração. A *Orcus* representa a primeira missão tripulada.

###

Adenda científica:

Plutão orbita o Sol, a uma velocidade de 17.064 quilômetros por hora, levando 248 anos para dar a volta completa. É de longe, o mais aberrante dos planetas, seguindo uma órbita elíptica excêntrica em 17,148 graus de inclinação acima e abaixo da elíptica.

Leituras preliminares confirmam que a composição do planeta é baseada em metano e nitrogénio. Com traços de hidrogénio, hélio, silício e uma série de outros elementos.

O próprio Sol, não é mais do que uma estrela brilhante no céu distante - cerca de quatro vezes o brilho de Polaris. A Estrela do Norte, vista da Terra. A iluminação de Plutão durante o dia é menor, do que a de uma lua cheia durante a noite na Terra. Dá ao céu um tom matiz arroxeadado escuro, bastante exótico e... algo misterioso.

As próprias estrelas, são visíveis através da fina camada de atmosfera de nitrogénio e metano, durante o período de rotação de Plutão de 6 dias, mas são mais fáceis de ver à noite, sem o nevoeiro gelado a obscurecê-las.

De 2.320 quilômetros de diâmetro, Plutão tem cerca de 0,04 de gravidade, segundo o padrão da Terra.

Em 1905, o astrónomo Percival Lowell previu a existência de um nono planeta. No entanto, morreu antes de o poder observar. E, na realidade, as coordenadas que ele havia previsto, estavam erradas. Ainda assim e, em sua honra, o planeta foi nomeado com as letras das suas iniciais; PL - Plutão.

Essa honra, a da primeira observação de Plutão, foi dada a um antigo estudante de Lowell; Clyde Tombaugh, em 1930. Fotografou três imagens do pequeno planeta, a partir do Observatório do seu antigo professor. No entanto, a análise dos seus resultados, não coincide com os números de Lowell. Uma vez que, o planeta necessitaria ter mais massa, para assim, afetar a órbita de Neptuno. Isso deixou no ar, a possibilidade de existir um outro corpo celeste próximo a Plutão.

Só em 1979, é que James Christy descobriu, que Plutão tinha um irmão gémeo menor; Caronte.

Macklin Rock:
Mina Número 568 da DME:
Sistema Solar:
Cinturão de Asteróides:

O som da sirene de emergência encheu os seus auscultadores septafónicos.

<*Piratas. No leitor de telemetria são assinalados três motores*> SIAC, a personalidade do computador, falou com ele num tom sucinto, à medida que imagens passavam pelo campo de visão de Alex, através dos seus tampões ópticos.

Ao fundo, a Nebulosa de Ronge, brilhava. Verde escura, em grandes redemoinhos, contra um magnífico campo de estrelas. Pequenos sinais de luz identificavam os veículos de guerra. Eram Pilotados pelos piratas que infetavam este setor da galáxia. Havia três deles.

O Capitão Alex Manez amaldiçoou os seus pilotos de reserva, que se tinham afastado para perseguir uma NEP (nave em perigo). Era, obviamente, uma pista falsa. Tinha sido projetada para dividir as suas forças.

Com o dispositivo de ligação-mente, de primeira geração, preso à sua têmpora, Alex não tinha necessidade de retransmitir os seus comandos verbalmente. Era, no entanto, uma segunda natureza fazê-lo.

“SIAC faça uma chamada de emergência para os pilotos Grande e Makato. Diga-lhes para voltarem já! Com os seus traseiros para aqui, para o flanco!”

<*Mensagem confirmada. Transmitida,*> disse o computador em voz alta, à medida que as palavras passavam ao fundo da janela do SRD (simulador de realidade digital).

“Dê-me uma análise de todo o sistema de defesa deles e de todas as suas possíveis principais munições.” Ordenou ele. Não havia tempo para um reconhecimento do computador. Os piratas levariam três minutos, para passar

dentro do alcance de tiro.

Quando a avaliação chegou, Alex ponderou e tomou uma decisão rápida.

“Eu quero todos os escudos no máximo. A traseira toda coberta. Cinquenta por cento nas laterais. Carregue dois raios laser de longo alcance. Prepare o canhão maser de radiação para a aproximação. Confirme!”

<Ordens confirmadas.>

O relógio confirmou que os piratas estariam no alcance, dentro de um minuto e quarenta e um segundos. Piscou um indicador luminoso na janela do SRD.

<Os mantas estão preparados e quentes. As trajetórias dos inimigos são estáveis.>

“Dê-me uma projeção de zero menos trinta, da posição deles.” Disse Alex a SIAC. “Eu quero antecipar o seu ataque e ver como eles reagem. Atinja só os pilotos da asa, deixe o líder para o canhão maser.”

<Ordens confirmadas> respondeu o computador.

Cerca de um nanossegundo depois, apareceram as coordenadas para o ataque, na janela do SRD. Alex sabia, que o computador nunca tinha considerado a reação humana ao estar debaixo de fogo. Os parâmetros eram demasiado grandes. Essa era a razão, pela qual, as naves tinham que ter pilotos humanos.

Quando os *radares* dos piratas detetassem as duas ogivas manta mortais a aproximar-se, eles iriam dividir-se e tentar separar os mantas; e a nave não alvejada iria, então, tentar desativar os mantas com o seu próprio material bélico. No caso dos Piratas de Ronge, usavam-se repetidores laser padrão. Não tão mortais como os canhões maser. Mas, em última análise, mais rápidos no lançamento. Alex tinha algo planeado para eles, depois disso, uma surpresa que ele tinha vindo a preparar mentalmente, desde o seu último confronto.

“SIAC altere as coordenadas do primeiro manta para - 118.12.335; e do segundo manta para - 136.53.799. Confirme e efetue o lançamento.”

<Ordens confirmadas. Mantas lançados.>

Antes que os mantas estivessem a meio caminho do seu destino, um sinal de mensagem brilhou no canto superior da janela do SRD e a redundância do SIAC disse-lhe:

<Ordens Recentes.>

Esperando que fosse a resposta dos seus pilotos, a informá-lo de que se iriam juntar ao combate, Alex ficou surpreendido, quando a voz que veio ao

longo dos auscultadores septafónicos era do sexo feminino. Ele reconheceu-a imediatamente.

“Alex.” Disse a sua mãe: “Estamos prontos para sair lá para fora. Venha despedir-se de nós.”

“SIAC: pausa; salva.” Disse Alex ao programa. E o seu jogo parou a meio do ataque. Teria que continuar mais tarde.

Ele tirou o dispositivo de ligação-mente e os tampões ópticos, bem como os auscultadores septafónicos, que a sua mãe o fazia utilizar quando os seus pais estavam na UHTA (unidade de habitação temporária asteroidal). Deixou a sua cabine pessoal e, foi procurar a sua mãe e o seu pai. Deambulando pela área comum da unidade de habitação temporária asteroidal.

Havia um grande grau de indiferença no seu comportamento e no seu passo. Estava a tentar não se importar por ter sido, mais uma vez, deixado sozinho horas a fio, com nada para fazer, segundo a sua estimativa. Passou casualmente a mão pela cabeça, lançando para trás o seu longo cabelo.

Os seus pais concederam-lhe certos privilégios no seu último aniversário. Para compensar as limitações das suas novas responsabilidades, deram-lhe a escolher como manter o cabelo. Ele decidiu deixá-lo crescer e evitar um corte de cabelo do servobot pessoal programado. Orgulhoso do comprimento do seu cabelo, ele fez um grande esforço para aperfeiçoar o movimento da sua cabeça para o lado. A manobra mantinha a franja fora dos olhos e provocava uma careta de desaprovação nos seus pais. Ele gostava de lhes lembrar que tinha sido uma decisão sua, boicotar o corte de cabelo tradicional.

A sua mãe sabia que a sua equanimidade, era uma fachada. E ele sabia, que a sua mãe sabia, que era uma fachada. Ainda agiu como se não se importasse, que ambos os pais tivessem que sair novamente, nesse dia, para ir para o local em estudo. Interiormente, ele odiava quando eles o deixavam sozinho na pequena UHTA, tendo apenas a sua ligação à TerraNet como companhia.

Estavam em Macklin Rock há dois meses e os seus pais trabalhavam pelo menos seis, em cada sete dias. Isso não lhes deixava muito tempo para Alex.

Macklin Rock, um dos maiores satélites naturais do Cinturão de Asteróides do Sistema Solar, assemelhava-se a um cilindro com extremidades afuniladas. Como um ovo esticado ao máximo. A secção transversal do seu comprimento, cobria uma área maior do que a área metropolitana de Nova York. No entanto, Macklin Rock ainda era uma rocha grande e desinteressante.

Em casa, na Terceira Estação do Canadá, os Holovisores 3D de FC

(hologramas tridimensionais de ficção científica) alugados, mostravam que o Cinturão de Asteróides do Sistema Solar era um anel cheio de pedras e detritos, que circulava entre o Sol e as órbitas de Marte e Júpiter. Nos Holovisores 3D, o Cinturão de Asteróides era normalmente o lar, para refugiados de um governo global terráqueo mal sucedido, ou para expatriados, que tinham que se esconder dos agentes militares que tentavam eliminar os desertores. O perigo sempre presente de uma colisão de asteróides, mantinha o drama elevado nessas histórias polêmicas.

A verdade era ligeiramente diferente. De Macklin Rock e, olhando para o cenário visto das janelas da UHTA, Alex não podia ver qualquer outro asteróide, sem o auxílio de um telescópio. Se houvesse qualquer perigo de colisão, os sensores de proximidade do SIAC dariam o alarme aos habitantes da UHTA, com uma hora de antecedência e, em seguida, disparariam um tiro de deflexão com um laser. Raramente, uma partícula passaria as defesas do computador. Era tudo bastante aborrecido.

O Sol não era nada mais do que um pequeno mármore brilhante. Que fornecia tão pouca luz aos habitantes do Cinto, como a que pode ser vista num dia de nevoeiro em Londres, mas sem a atmosfera romântica daquela velha cidade.

Os outros planetas do sistema, eram nada mais do que pequenas manchas, vistas no telescópio. A Terra, na sua maior aproximação a Macklin Rock, estava mais de mil vezes mais distante, do que a Lua da Terra. Parecia um isolamento maior do que tudo, para uma criança de dez anos de idade, sem amigos próximos ali à mão.

Mesmo Júpiter, com mais de onze vezes o diâmetro da Terra, não era nada mais do que uma pequena estrela estável, que podia ser vista de Macklin Rock a olho nu, por três meses e meio a cada dois anos. O resto do tempo, ela estava obscurecida através dos telescópios normais, pelo brilho do Sol onnipresente.

O SIAC podia filtrar a imagem. Melhorá-la, com uma ampliação de 200 vezes, para lhe dar o tamanho aparente da Lua vista da Terra. Para Alex, que tinha visto mais do que a sua quota de reproduções de todos os planetas do Sistema Solar, através de telescópios, estes não eram diferentes, vistos do Cinto.

De pé, sobre a superfície de Macklin Rock e, a olhar em todas as direções, pode ter-se a impressão de se estar a viver numa ilha escura. Algo deserta, a flutuar pelo Sistema Solar.

Era tudo muito aborrecido. Para Alex tudo era muito mundano.

Não que faltassem tarefas a Alex. Tinha lições para serem integradas e uma análise de biosin que tinha que compensar, por ter faltado às lições dadas por SIAC (sistema informático anfitrião centralizado). Uma vez que, no dia anterior, tinha optado por jogar a última versão de “*Piratas de Nova*”, que tinha descarregado da Sociedade Tailandesa de Multimédia.

Mas Alex estava muito entediado.

Ele enviou mensagens em ASE (audiovisual por sinal eletrónico), para os seus amigos da TEC (Terceira Estação do Canadá), uma das dezenas de orbitais habitadas das várias corporações do país, posicionada no ponto L4 da Terra-Lua.

As comunicações em ASE, eram enviadas mais por dever e obrigação, do que por desejo. As notícias de casa, faziam-no sentir ainda com mais saudades de tudo. O atraso de sete minutos entre as transmissões tornava o diálogo demorado. Uma troca de palavras algo superficial, mesmo para páginas de conversa online.

Alex observava a mãe a preparar-se para a sua excursão.

“Mãe, você não pode ficar em casa hoje?” Perguntou.

A mãe de Alex virou-se, antes de fechar o seu fato de proteção biológico, dando um sorriso gentil ao filho.

“Sinto muito Alex, mas temos que verificar as novas informações do SIAC; este relatou uma anomalia, na leitura do elemental percentual do Nelson II, no Setor 14. Se for o que estamos à procura, podemos sair deste asteróide dentro de uma semana e deixá-lo para os mineiros da Corporação do Canadá. Você não iria gostar de voltar para casa, na TEC, e brincar novamente com os seus amigos?”

“Sim.” Disse Alex, com relutância. “Mas isso demora demasiado...o SIAC é chato! A única coisa que ele quer fazer é, ensinar-me os algoritmos de Fulman e cartografia astral. Eu quero interagir com um rosto real, sabe?”

“Eu sei Alex.” Disse o seu pai, quando entrou na área comum da câmara de descompressão, tendo terminado a reverificação dos medidores de pressão e reguladores atmosféricos.

Gabriel Manéz era mais baixo do que a sua esposa. A sua pele estava permanentemente bronzeada, em contraste com pele pálida e branca dela. O seu cabelo era preto, ao contrário de Margaret, que era loira. Alex tinha herdado o aspeto Maia do seu pai.

Ele era a voz da autoridade.

“Lembre-se, de que foi você que concordou, que seria melhor vir conosco nesta escavação. Você tinha a opção de permanecer na TEC. A empresa teria atribuído um androide, para lhe fazer companhia.”

“Sim. Acho que, se não houver problema, talvez da próxima vez eu fique em casa. Como disse antes, aqui em cima é tudo muito aborrecido.”

Os Manez participavam em, pelo menos, uma pesquisa todos os anos. Nos anos anteriores, Alex tinha ficado na estação, mas este ano, não quis ficar separado dos seus pais. Mas, considerando a sua situação atual, ele lamentou a sua decisão.

O seu pai sorriu e disse. “Bem, você pode enviar um ASE para alguns amigos, depois das aulas. Acho que podemos suportar os custos, em tempo real. E talvez possamos estar em casa, mais cedo do que está a pensar.”

Gabriel virou-se para a sua esposa. “Especialmente se essas leituras forem precisas, Mags. Esta poderia ser a descoberta, que você está à procura. O bônus que a Corporação oferece nos novos sucessos, será o suficiente para nos reformarmos e podermos comprar uma parte da Estação Ilha Flutuante, como sempre sonhámos.”

Ela deu-lhe uma palmada na brincadeira, ignorando o seu entusiasmo. “Você sabe, que eu detesto que me chame Mags.” Ela repreendeu o marido, fingindo uma expressão de aborrecimento, quando correu o fecho de vácuo do peitoral do seu fato. “Gabe!” Disse-lhe ela, simulando uma careta propositalmente.

Ele devolveu-lhe um olhar provocante. “Está bem. Margaret.”

“Obrigado, Gabriel.”

“Eu prefiro, ‘amor da minha vida’.”

“E eu prefiro mais...” Margaret inclinou-se diante do marido, levantou-lhe o capacete replicador atmosférico artificial e... deu-lhe um sonoro beijo nos lábios!

“Que nojo!” Declarou Alex e, deambulando para a janela holográfica do simulador de realidade digital, localizado na parede pré-fabricada do outro lado do painel da consola, colocou o dispositivo de ligação-mente nas suas têmporas.

Utilizando o SIAC para o motor de ASE, já que não tinha um gerador para autocarros, tal como tinha no seu apartamento na Terceira Estação do Canadá, ele ligou-se ao sistema operacional global da TerraNet e esperou sete minutos, para que as suas configurações pessoais se manifestassem e o seu cyberambiente (ambiente de trabalho) modificado fosse carregado.

“Isto leva tanto tempo!” Disse, mas também se congratulou, uma vez mais, pela sua inventividade no *design*.

O seu cyberambiente era baseado num dos seus romances favoritos, a Odisseia de Homero. Chamou-o de odyssambiente.

À semelhança de Ulisses, ele tinha que navegar com a sua nave para terras diferentes, para ter acesso a programas, utilitários e jogos diversos, no seu cyberambiente. Ele alterava o cyberambiente, sempre que lia um romance que captava a sua fantasia. Animando o seu ambiente de trabalho de acordo com a sua última estória favorita. Os seus ambientes de trabalho já tinham incluído os mundos de: Lewis Carroll; CS Lewis; JRR Tolkien ou Robert E. Howard.

“Leva uma eternidade só para arrancar com o sistema.” Reclamou ele, embora não tivesse escolha, ao utilizar o drive virtual da TerraNet. A ligação LAN do SIAC não tinha sequer até um quarto da memória necessária, para que Alex executasse o odyssambiente. As unidades eram dedicadas aos aspetos técnicos do trabalho dos seus pais e aos sistemas biológicos da UHTA.

Na janela do odyssambiente, a figura grega alta de Ulisses estava na praia da Ilha de Calypso, a fazer uma jangada para tentar regressar a sua casa, em Ithaca. A janela mostrou Hermes, o mensageiro dos deuses, a voar pelo céu fora, logo após entregar a sua mensagem a Calypso, dizendo-lhe que ela devia deixar ir Ulisses. Aquilo assinalou o arranque do seu ambiente de trabalho.

A IGC (imagem gerada por computador) era laboriosamente lenta, na ligação dos troncos da sua jangada e Alex pigarreou com impaciência. O gerador de energia do SIAC, simplesmente, não era poderoso o suficiente.

“Não se esqueça, é preciso algum tempo, para que o sinal eletrónico luminoso chegue à Terra e retorne. Nós não dominámos, propriamente, a velocidade da luz... ainda.” Brincou Gabriel e, colocou o capacete.

A mãe de Alex colocou o seu próprio capacete e, cada um, verificou o fato do outro. Para assim detetarem alguma brecha no fecho. Passando também um detetor de perda de vacuidade nas costuras e no corpete dos seus fatos. O computador ecossistémico sinalizou que os seus fatos não tinham vazamentos e estavam revestidos apropriadamente.

Ouviu-se, a voz da sua mãe nos auscultadores septafónicos da UHTA. Esta ia perdendo um pouco da sua tonalidade na tradução digital.

“Voltamos a ver-nos dentro de dez horas, Alex. Porte-se bem. E... faça os

seus trabalhos de casa. O SIAC irá informar-nos, se você não os fizer.”

O alerta havia sido dado, logo após a aula da noite anterior e Alex ficou cabisbaixo, com o olhar envergonhado.

“Eu sei, eu sei!” Respondeu. No dia anterior, ao regressarem do trabalho e pedirem um relatório sobre as atividades de Alex, o SIAC informou-os de que ele tinha passado seis horas a jogar “*Piratas de Nova*”, em vez de se concentrar nos estudos. O SIAC estava a ser mais do que mortalmente preciso, no seu relatório.

“O SIAC é um delator.” Declarou ele, amuado.

“Não.” Corrigiu a mãe de Alex. “Um delator é quem que fala sobre alguém, com o objetivo de o meter em apuros. O SIAC informa-nos, para o seu próprio bem, Alex. É o programa dele.”

“Eu sei...eu sei.” Mas o timbre da sua voz sugeriu, que ele considerava a ideia desleal, de qualquer forma.

“Vamos encontrar-nos em breve, Alex. Porte-se bem.”

“Está bem.”

Os pais de Alex entraram pela escotilha. Com um profundo e audível clique, o trinco da porta fechou-se. A luz da notificação de vácuo brilhava, no painel de controlo à direita da porta ao nível dos olhos, à medida que soava o sinal sonoro, para indicar que a equalização da pressão estava a iniciar.

Ouviu-se um zumbido baixo, à medida que as bombas sugavam o ar para fora do trinco e o replicador de gravidade e magnetismo largava lentamente o conteúdo, ao corresponder com a G insignificante da superfície do asteróide.

Os seus pais faziam alguns exercícios leves, para acomodar os seus músculos à gravidade próxima do zero e aos seus próprios pesos relativos, de menos de um grama.

Erguida sob a superfície do asteróide, a UHTA fornecia a proteção ideal a uma equipa de pesquisa. A equipa de engenharia de construção, tinha utilizado cargas de luz para criar uma cavidade artificial de dez metros na superfície, formando uma caixa retangular de quinze metros de lado e de quatro metros de altura. Foram *robots* mecânicos com inteligência artificial, que construíram a própria UHTA.

Com dois cubículos privados, uma área comum, um lavatório, uma cabine para jantar, uma sala de informática e uma câmara-de-ar. Era do tamanho perfeito para uma equipa de pesquisa de duas pessoas. Se os pesquisadores fossem um casal, como era o caso, poderia adicionar-se à missão uma terceira pessoa, como um filho. Tudo sem colocar pressão significativa sobre os

recursos da UHTA.

Havia comida suficiente para seis meses e, os conversores de partículas do vento solar, mantinham as baterias completamente carregadas.

Eles construíram um íman de conversão de gravidade no chão da UHTA, ampliando o campo magnético natural do asteróide dentro da construção, num fator de 85,91. O suficiente para simular uma gravidade próxima à da Terra. As exigências de energia eram enormes, mas o Sol, a quatrocentos gigametros de distância, fornecia uma fonte ilimitada de energia.

Construída sobre a superfície do asteróide, a sala de VTT (veículo de todo o terreno), segurava o próprio VTT, bem como um pequeno flutuador para duas pessoas, para o caso de emergência. O flutuador tinha energia suficiente para escapar da gravidade de qualquer objeto celeste, mais pequeno do que a Lua, emitindo depois um sinal luminoso de alerta.

Cada cabine privada dentro da UHTA continha uma cápsula de segurança, que se convertia num flutuador para uma pessoa. A segurança era uma prioridade.

Alex virou-se para o SRD.

“SIAC”, disse ele em voz alta, ainda que o computador seguisse cada comando, assim que ele o pensasse. “Dê-me uma janela de realidade virtual, para a câmara do VTT.”

Por um momento, ele ignorou o seu odyssambiente, preferindo utilizar o motor da UCP (unidade central de processamento) do SIAC, que era muito mais rápido para tarefas locais. Desativou a sua ligação à TerraNet. Afinal de contas, ele deveria estar a trabalhar na sua biosin. O SIAC tinha, na sua drive virtual, planificação suficiente de aulas carregadas para mais um mês.

Não era necessária uma ligação à TerraNet, mas Alex sentia-se melhor, ao saber que o contacto com a Terceira Estação do Canadá estava a sete minutos de distância.

O SIAC disse:

<VTT visto em holograma, Alex. Por favor, coloque os tampões ópticos de realidade virtual.>

Alex pegou nos tampões ópticos, mas esperou, antes de os colocar nos seus olhos.

A câmara de interface do painel do VTT ligou-se. Iria proceder a um registo audiovisual do progresso dos seus pais, em cada um dos setores do Nelson II, gravando os seus relatórios, teorias, falhas e descobertas. De forma automática estas eram enviadas por ASE, para os terminais da Corporação do

Canadá. Mais propriamente para Ottawa, na Terra.

A janela do SRD à frente de Alex mostrou uma imagem em 2D, do campo de visão atual da câmara. Alex sentiu escorregar os tampões ópticos do dispositivo de ligação-mente. Pressionou as estruturas oculares contra os seus olhos, para que elas se acomodassem aos contornos do seu rosto.

A partir do painel da sala de VTT, de repente, ele viu tudo, como se estivesse lá sentado na capota.

Aproximando-se do VTT, os seus pais foram guiados por um sistema de cabos de sustentação, ligados ao VTT e à sala. Com a gravidade minimalista do asteróide, um salto forte poderia atirar uma pessoa para fora do asteróide e pô-la a voar pelo espaço.

O próprio VTT utilizava uma versão dos ímanes gravitacionais, combinada com um íman de polaridade invertida, para se repelir contra a superfície do asteróide, de modo a que pudesse flutuar dois metros acima do solo.

Os seus pais prenderam-se aos seus lugares, no interior do veículo e dispararam as células de energia, antes que a sua mãe visse a luz verde da câmara a indicar ‘transmissão de imagem’, assim como ‘gravação de imagem’.

“Olá, Alex.” Disse ela, sorrindo através da viseira transparente do capacete, adivinhando corretamente que tinha sido ele, quem tinha manipulado a sua realidade virtual para a câmara. Surgiu a clara voz septafónica, nos altifalantes.

“Olá mãe.”

“O que é que aconteceu, filho?” Perguntou Gabriel, depois de algum tempo a acelerar os restritores de assento.

“Não sei. Só queria que vocês soubessem, que eu tenho saudades vossas.”

“Nós também sentimos a sua falta. Amo-te, Alex.”

“Eu também te amo.” Ainda não era demasiado adulto para dizer aquilo. Pelo menos não em privado. Quando eles estivessem de regresso à Terceira Estação do Canadá, ele poderia sentir-se desconfortável, em dizer aos seus pais que os amava, à frente dos seus amigos.

“Está bem. Então termine as suas aulas esta manhã, passe nesse teste de biosin... e, quando regressarmos, talvez me possa mostrar exatamente como funciona o jogo ‘*Piratas de Nova*’.” Disse-lhe o seu pai, com o sorriso a preencher a largura da viseira do capacete.

“Está bem!” Exclamou Alex, subitamente mais animado. “Vemo-nos mais tarde, pai!”

Ele terminou a ligação de realidade virtual com o pensamento e, virou a sua atenção para a revisão do material de biosin, que o SIAC tinha apresentado numa janela secundária do SRD. Estava a piscar uma luz vermelha, de urgente, nos contornos.

<Lição trinta e sete: revisão-biosin.>

O SIAC foi amável, como de costume.

O computador iniciou a revisão numa voz infantil, mas que endureceu, à medida que Alex tentava concentrar-se. Depressa ele sentiu a sua atenção a vaguear para o jogo ‘*Piratas de Nova*’ e, uma hora depois dos seus pais terem saído, ele minimizou a janela da lição, ignorando as advertências do SIAC.

Maximizou a janela de realidade virtual.

Segundos depois, ele estava a expulsar os piratas para fora da Nebulosa de Ronge.

**Relatório Geológico:
Macklin Rock:
Arquivado por Gabriel Manez:**

Segmento do Cintó de Asteróides: 14.568

Número da Mina da DME: 928-3

Nome: Macklin Rock

Idade: 237.89 milhões de anos (padrão da Terra)

Tipo: Metálico / Carbono Condrito (Tipo - C)

Distância do Sol: 425.92 gigametros (média)

Abordagem mais próxima da Terra: 276.33 gigametros

Dimensões: 148.11 km de maior diâmetro / 35.08 km de maior diâmetro.

Temperatura da Superfície: -103,5 °C média

Massa (estimada): 10,020.5 teratoneladas

Gravidade de superfície: 0,0000002373 G

Pressão Atmosférica: Nenhuma

Velocidade de Escape: 0.009568 km por hora

Conteúdo mineral: alumínio, cálcio, carbono, cobalto, cobre, hélio, ferro, magnésio, níquel, silício, sódio, enxofre, titânio

Valor Potencial: US\$14 (CAN) trilhões de dólares canadenses, ao longo de 50 anos.

**Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão *Orcus 1*:
Plutão:**

Escuro, frio, silencioso, inóspito.

Maravilhoso.

A Capitã Justine Turner chegou ao limite do Sistema Solar. O reconhecimento histórico foi atribuído a ela, como Capitã da *Orcus 1*.

Para ela, era mais uma, numa série de estreias: Tinha sido a astronauta feminina mais jovem na história da NASA. A pessoa mais jovem a obter uma capitania de um veículo espacial. O primeiro ser humano a pisar na superfície gelada de Plutão.

Ela tentava pensar em algo notável para dizer, para benefício daqueles que, na Terra, acompanhavam o seu progresso. Dominada pela vaga de emoções, Justine não conseguia pensar apropriadamente. O ar reciclado viciado no seu fato, não ajudava a limpar a sua mente.

“Plutão.” Declarou ela finalmente, pelo seu microfone.

Girando a cabeça para enfrentar o Sol, um pequeno alfinete a brilhar no horizonte baixo, ela imaginou que estava a falar para o bem da posteridade.

“Foi uma jornada de duzentos anos para chegar até aqui, desde que a existência do planeta escuro foi inicialmente teorizada. Agora, esse sonho, é uma realidade. Esta ocasião é um marco na história da humanidade. A partir daqui, tudo o que resta é conquistar as estrelas.”

Ela respirou fundo, antes de continuar o seu discurso, mas uma voz digitalizada preencheu o seu capacete.

“Capitã!” Chamou Helen Buchanan no comunicador. Emprestada pelo Departamento da Agência Espacial Canadiana, Helen tinha mais do que provado a sua competência administrativa, na sua posição como segundo-

comando. Ainda assim, ela tinha uma tendência para o drama.

Irritada pela interrupção, Justine rosnou “O que é que se passa, Helen?”

“A equipa científica informa, que todos os relatórios de análise espectral estão normais. Ekwan pede novamente permissão, para se aventurar lá fora na superfície.” A Primeira Imediata baixou a sua voz, para combinar com o tom da Capitã. “Sabe Justine, se ele não conseguir o seu objetivo, brevemente vai pôr-nos a todos, para fora do planeta.”

Havia sempre uma maçã podre no cesto. Infelizmente a NASA não teve voz, acerca de quem os japoneses incluíam na missão. Tiveram que aceitar Ekwan, juntamente com os quinze biliões em dinheiro, para pesquisa, que a Administração Espacial Japonesa tinha investido.

Contudo, seis meses no espaço, com aquele descomedido e imbecil opinativo, era o suficiente para testar a paciência de um santo.

Devia recusar o seu pedido, só por despeito. Isso seria mesquinho e uma má utilização flagrante da sua autoridade. Além disso, não era uma atitude generosa para se ter com qualquer um dos membros da equipa científica civil.

Olhando à sua volta, ela mal podia ver para além de vinte metros das luzes de aterragem da *Orcus 1*. Disposta a ignorar as politiquices dos países corporativos da Terra, ela tinha aceitado esta missão, extática e cheia de paixão, para ter a oportunidade de tocar o coração de Plutão.

Agora eu estou aqui! Ela deliciava-se com aquele fato.

A superfície de Plutão era estéril e implacável. A realização de a alcançar, estimularia a Terra a investir mais recursos na exploração do espaço. O manto dessa responsabilidade repousava diretamente sobre os seus leves ombros e ela não se atrevia a deixar qualquer coisa desagradável acontecer nesta missão. Ela sabia que devia fazer com que os outros oito membros da tripulação esperassem, uma hora depois da sua exposição à superfície do planeta, para o caso de existirem micróbios que comessem o seu fato, ou qualquer outra possibilidade fantástica pensada pelos cientistas da NASA.

Mas...e se ao deixar que Ekwan saísse, fizesse com que os sismólogos fechassem as suas bocas barulhentas por apenas cinco minutos...

“Permissão concedida, Helen. Mas certifique-se de que ele segue os regulamentos. Eu estou a voltar para dentro da nave. Vi tudo o que precisava de ver, por agora. Tenho fotos suficientes, para manter o departamento de publicidade da NASA ocupado por um ano.”

“Muito bem, Capitã.”

Ela podia sentir o alívio na voz da Primeira Imediata.

Justine fez o seu percurso até à escada de cerâmica da sonda e entrou no ventre da *Orcus 1*. Levou um minuto para atravessar a câmara-de-ar.

∞

No interior, ela encontrou uma multidão desorganizada. Numa orquestra confusa, quatro tripulantes circulavam sobre o seu condutor espontâneo, todos a gritar de raiva, numa cacofonia.

“Ekwan! Vá com calma.” Ordenou Justine, captando a sua atenção. “Estaremos aqui por sete meses. Você terá todo o tempo que precisa na superfície.” Ela fixou os seus olhos irritados. *Tanta ansiedade, num homem tão pequeno.*

“São estes cintos estúpidos, Capitã! São demasiados e estão a atrapalhar. E ela,” ele acenou com a cabeça para a Primeira Imediata Helen Buchanan, “não me deixa ir lá para fora, sem me ter amarrado como a um prisioneiro.”

“Ekwan, cumpra os procedimentos. Prefere perder tempo a discutir, ou colocar o seu fato de forma adequada e sair para a superfície mais cedo?”

Claramente infeliz, o sismólogo permitiu que Helen terminasse de amarrar o seu fato. Com um exagero cómico, ele pisou a câmara de compressão.

“E espere por nós!” Gritou Helen, através do intercomunicador. “Estaremos prontos em poucos minutos.”

A resposta de Ekwan foi ininteligível, mas não houve nenhum mal-entendido na frustração do seu rosto.

De alguma forma, Justine conseguia relacionar-se com ele. Mesmo no Japão moderno, a necessidade de excelência e de superar todos os outros, dirigia a sua ordem económica e social.

Num país pequeno, com uma densidade populacional tão elevada, não era surpreendente que as pessoas fossem agitadas e mal-humoradas, na sua corrida para chegar à frente no grupo.

Lentamente, no vestiário, os outros atrapalhavam-se ao vestir os seus fatos.

Justine acenou para Johan Belcher, o geólogo da Agência Espacial Europeia. O belo austríaco estava lá para executar testes detalhados sobre a composição da superfície gelada de Plutão, incluindo profundidades, densidades e percentagens.

Se não fosse pela sua posição de Capitã, Justine teria incentivado os seus subtis avanços lisonjeiros. Mas ela tinha que se manter afastada dos outros, pois fazer o contrário, prejudicaria a sua autoridade. Era imperativo que ela mantivesse o seu comando e autoridade, nos vinte meses de duração da

missão.

Johan devolveu o aceno com um sorriso calculado, enquanto ajudava Dale Powers, o astro-navegador da NASA, com o seu fato.

Dois dos outros membros da NASA esforçavam-se para ficarem prontos: Henrietta Maria e George Eastmain. Justine suspeitava que os dois se tinham tornado amantes, durante a longa viagem. Eles riam-se um para o outro, como se fossem crianças de escola, quando pensavam que ninguém estava a ver e, segredavam ao ouvido um do outro, com frequência.

“Onde está Sakami?” Perguntou ela ao grupo. O único representante da República Popular da China, Sakami Chin, era claramente uma pessoa estranha. Ele recusava-se a jantar com os outros e não fazia o mínimo esforço para uma conversa casual. Grosseiro e abrupto, Sakami não disfarçava a sua aversão a viagens espaciais.

Justine virou a cabeça para o som de botas a bater, na placa de metal que dividia o vestiário do resto da nave.

Sakami forçou o caminho através da multidão para apanhar o seu fato, ignorando os gritos de indignação dos restantes membros.

Justine olhou para a Primeira Imediata. “Vou para a ponte, se você tiver tudo aqui sob controlo.”

“Claro que sim, Capitã. Faça uma sesta. Eu alerto-a se Ekwan cair nalguma cratera.” Brincou ela.

“Não faça isso. Alerta-me só se ele se matar”.

Ela forçou um sorriso e caminhou ao longo da nave espacial.

∞

Com a *Orcus 1* vazia, Justine passou pela cozinha e serviu-se de um tubo de chá frio. Felicitou-se, por alcançar o objetivo mais importante da sua vida.

As histórias acerca do Planeta X tinham enchido a mente jovem de Justine e alimentado a sua imaginação, e, quando era adolescente, estudou cada livro que conseguiu encontrar sobre o assunto.

Ela fez disso a paixão da sua vida, lendo tudo o que pudesse encontrar sobre o planeta, polindo dois séculos de história. Ela fazia questão de descarregar toda a informação relevante, de cada sonda que passava no mundo escuro.

Depois de se ter licenciado com distinção no Departamento de Astronomia, no Estado do Arizona, o Observatório Lowell deu-lhe uma bolsa de mérito e patrocinou-a no programa de treino da NASA. Justine tinha trabalhado

duramente, ao longo da sua curta carreira. Ela abriu o seu caminho nas fileiras, apenas pela oportunidade de realizar o seu sonho. O seu objetivo final era Plutão. A Missão *Orcus 1* Pertencia-lhe, embora lhe tivesse custado um casamento, no percurso.

Brian, o seu ex-marido, tinha decidido que não queria ser uma segunda opção relativamente à carreira de Justine. O seu único arrependimento, foi nunca ter aberto espaço na sua agenda para ter um filho. O sentimento de perda e de pesar sobre a sua decisão de colocar a carreira à frente da família, poderia tê-la atirado para uma depressão profunda, se a Missão *Orcus 1* não se tivesse tornado uma forte possibilidade.

O dever chamava. Alguém tinha que assegurar o serviço na ponte. Com o tubo de chá na mão, ela caminhou pela nave.

Chegou à sua cadeira de comando, no momento exato em que a sirene tocou.

Ao digitar nos monitores sem sucesso, Justine modelou a voz para conseguir que o computador reconhecesse o seu comando. “Comando: ligar.” O computador da nave apitou e Justine disse, “Aqui Turner. O que é que se passa?”

A voz que respondeu chegou repleta de elevado som de estática.

“Capitã! Temos algo estranho aqui fora, sabe! Algo que você *tem* mesmo que ver!” Não havia, no sotaque canadense de Helen, nenhuma dúvida quando ela estava entusiasmada e ela tendia a ficar superexcitada até nas mais pequenas coisas. Justine suspirou.

“Se é um pedaço de gelo com riscas rosa e roxo a atravessá-lo, eu não vou ficar impressionada.”

“Você quer ficar impressionada?” Perguntou a voz digitalizada de Helen. “Bem, eu garanto-lhe que não se vai dececionar. Venha cá e veja por si mesma!”

“O que é...”

O computador apitou, indicando que Helen tinha cortado a comunicação.

Contrariada, Justine levantou-se da cadeira e deslocou-se para os armários, com o propósito de vestir o fato e ir lá para fora.

Sempre a resmungar. “Canadenses loucos. Sempre com os seus suspenses. Ela provavelmente adora o clima daqui, ao passo que eu congelo o meu traseiro.”

Justine, que pesava 59,8 kg na Terra, tinha dificuldade em lidar com o seu peso plutoniano de 2,4 kg. Quando estava fora do simulador de gravidade

artificial da *Orcus 1* ela pesava tanto como um saco grande de sal. Um salto mais longo, poderia enviá-la umas dezenas de metros em qualquer direção. Esse tipo de atividade, repreendeu-se a ela própria, era inseguro e contra os regulamentos.

Sendo a sua superfície, uma placa lisa de metano congelado e dunas de gelo, qualquer pequeno passo em falso em Plutão, poderia fazê-la deslizar centenas de metros de distância. Não haveria tempo para usar os ganchos de gelo colocados nas mangas dos protetores do seu fato, para a frear. As suas botas eram equipadas com sugadores de vácuo, para se manterem estáveis no gelo. Mesmo assim, uma queda numa das crateras com quilômetros de profundidade, que marcavam a superfície, poderia significar uma morte fria.

O departamento de publicidade da NASA, queria uma grande quantidade de comentários sobre a viagem e, Justine tinha decidido pô-lo de lado enquanto podia. Ela falou ao seu microfone e apontou uma pequena minicâmara para o maior objeto no céu de Plutão.

“A lua Caronte, cuja superfície é majoritariamente à base de água, sem traços de metano, é uma esfera azul escura, que preenche o céu.”

Deslocando-se, para sair do brilho intenso das luzes de aterragem da *Orcus 1*, ela deslizou através de uma extensão de gelo e conteve-se. Com um profundo suspiro de alívio, ela olhou novamente para cima.

“Embora tenha 1.270 quilômetros de diâmetro, um terço do diâmetro da Lua, Caronte parece cinco vezes maior do que a Lua, vista da Terra, devido à sua proximidade com Plutão, a 12.640 km de distância.”

Justine entrou num VTT e configurou-o para seguir na direção do sinal luminoso que localizava Helen.

Ela relatava, enquanto o veículo deslizava sobre a camada de gelo, que compunha a maior parte da superfície do planeta.

“A principal missão da *Orcus 1* é; examinar as possibilidades de formas de vida baseadas em metano, existentes em Plutão. O nitrogénio é necessário à vida e compõe cerca de 78 por cento do volume de ar da Terra. Constitui uma parte vital das moléculas de proteínas. Tal como aconteceu com os micróbios de Marte, há um século atrás, a NASA está à espera de encontrar alguma evidência de vida em Plutão.”

O sinal luminoso indicou que ela estava a um quilómetro do grupo.

Ela esforçou-se para pensar em algo para dizer, que pudesse interessar ao público da Terra.

“Plutão foi batizado com o nome do deus romano dos mortos e do

submundo. Para continuar a alusão à mitologia grega, eles chamaram ao gêmeo menor de Plutão ‘Caronte’, que designa o velho barqueiro que transporta as almas, através do Rio Styx. Seguindo esta tradição, a NASA decidiu nomear a primeira missão tripulada a Plutão *Orcus 1*, devido a...”

À medida que Justine subia, cerrou os lábios com um estalido que ecoou dentro do seu capacete. Abaixo dela, a equipa de ciência e Helen reuniam-se como acólitos, à volta de uma estátua divina.

Os olhos de Justine contemplaram uma visão, para além de qualquer coisa que ela já tinha imaginado possível.

Num lugar, onde nenhum outro ser humano jamais tinha colocado o pé antes, contra a escuridão fria do horizonte de Plutão, havia um monumento do tamanho de um hangar de aviões. O corpo da estrutura assemelhava-se ao núcleo de um átomo complexo.

A orbitar esse núcleo, uma série de objetos esféricos, que formavam o que parecia ser uma nuvem de eletrões, pairavam no espaço, em redor do monumento, sem quaisquer amarras ou suportes visíveis.

Um estranho calafrio percorreu os dedos gelados até à espinha de Justine.

A humanidade não estava sozinha no universo...

**St. Lawrence Charity Hall:
Ottawa:
Corporação do Canadá**

Michael Sanderson, Vice-Presidente da Divisão de Mineração Espacial da Corporação do Canadá, deu o seu melhor sorriso a Stall Henderson, o Presidente do Município de Ottawa e a Ian Pocatello, o Ministro das Finanças.

Partilhando saudações superficiais com copos de champanhe no St. Lawrence Charity Hall, Michael resmungou interiormente, pela necessidade de tal fachada cosmética.

Michael tinha perdido a conta de quantos eventos daqueles tinha assistido, ao longo dos últimos trinta e dois anos da sua carreira, tanto dentro, como fora do governo corporativo. Desde a sua nomeação para Vice-Presidente da DME, cinco anos antes, que a sua comparência a esses eventos triplicou. Eles desgastavam-no.

O seu sorriso, porém, nunca se desvaneceu.

“Eu não costumo beber, mas depois de degustar este excelente champanhe, estou a pensar em mudar a minha perspetiva.” Ele tomou um gole, para enfatizar a sua opinião.

“A minha esposa leva centenas de horas a tentar descobrir e a provar amostras novas e, compra ocasionalmente, quando descobre um que gosta. Vou dizer-lhe para lhe enviar, a si e a Melanie, uma garrafa pelo Natal.” Ofereceu Stall Henderson.

“Maravilhoso. Estarei ansioso por isso.”

O Presidente do Município, Stall Henderson, era um homem aberto, jovial e bem adaptado a um cargo público. De pequena estatura, ele tinha uma careca e uma barriga em expansão; um sinal dos bons tempos que ele trouxe

à cidade. Amigo de todos, ele tinha uma mente rápida mas um sentido de humor seco, que algumas pessoas achavam condescendente.

Michael gostava realmente dele pela sua personalidade e pela sua integridade e perspicácia política. Ele era o político dos políticos.

“Então, como vai o negócio dos asteróides?” Disse Stall. Ele fixou o olhar no Ministro das Finanças.

Stall Henderson estava bem nos seus sessenta anos e era o Presidente do Município da capital do país, há vinte anos.

No último século, Ottawa tinha crescido de apenas uma capital legislativa do Canadá, para uma grande cidade internacional que atraia investidores e pesquisadores de todo o globo. A Corporação do Canadá tinha resistido à tendência corporativa mundial de diversificação e tinha localizado todas as suas divisões em Ottawa e nos arredores; um grande golpe de sorte para a reputação política de Stall.

Michael sorriu e, pousou o seu copo vazio numa bandeja trazida por um servobot, trocando-o por um cheio.

“Oh, estamos a ser tão bem sucedidos, quanto se pode esperar.” Disse Michael. “Temos mais algumas perspectivas em desenvolvimento, como pôde sem dúvida ler no comunicado da imprensa de ontem. Se os levantamentos preliminares estiverem corretos, posso ver no futuro um dia, em que os recursos naturais da Terra deixarão de ser extirpados. Toda a mineração para o mundo será feita fora do planeta. É muito animador.”

“Fascinante, acrescentaria eu rapidamente” Disse o Presidente. “Tudo o que tenha a ver com o espaço exterior tem despertado o meu interesse. Eu tenho um filho a fazer uma pós-graduação sobre as anomalias geotérmicas de Marte.”

“Sted Henderson.” Michael procurou na sua mente e ficou satisfeito com a sua memória. “Sim, eu li a sua tese de doutoramento sobre isso. Acho que foi publicada na última edição do Solar Weekly. Desde que encontraram aqueles micróbios, no século passado, que os especialistas discutem sobre ter existido vida em Marte. A tese de Sted aponta para as mesmas evidências, só que sugere o contrário; que a vida *irá* existir em Marte algum dia, no futuro e, que o planeta está a preparar-se para algum tipo de explosão evolutiva. Um benefício para o movimento naturalista. Falou-se da degradação das órbitas ou de algo nesse sentido, aumento das temperaturas e por aí adiante.”

“Sim! Ele ficará encantado por ouvir que você ficou interessado.”

Ian imiscuiu-se. “Eu também reparei nesse assunto, embora o tenha

comprado mais pela reportagem de capa sobre a Missão *Orcus* a Plutão.”

Ian Pocatello era a atração da noite, mas ainda numa dimensão desconhecida para Michael. Mais novo que Stall e Michael, pelo menos uns vinte anos, Ian ganhou um assento na Câmara de Ministro na última rodada das eleições para os representantes, com uma retumbante decisão da maioria. Tinha sido a sua primeira campanha, servindo para mostrar que ele era um adversário político perigoso.

Ao pesquisar os antecedentes de Ian, Michael descobriu que o homem passou a primeira parte da sua vida, como um consultor financeiro bem sucedido. Após a sua eleição para a legislatura, Ian foi nomeado como “Ministro das Finanças” pelo Presidente de longa data da Corporação do Canadá, Pierre Dolbeau.

Os dois primeiros orçamentos, sob a administração de Pocatello, trouxeram cortes profundos para todos os departamentos do governo corporativo do Canadá. Ao aviso de uma tendência para o colapso económico global, com a Japan Ltd., a Austrália Company, a Índia Ltd. e a Corporação de Espanha a serem os primeiros países a declarar falência e a serem tomados pelas potências económicas vizinhas, Ian tinha previsto que um dia, a Corporação do Canadá iria ser vítima de uma aquisição hostil, pela fiscalmente mais poderosa EUA, Inc.

Em três anos, do seu Plano de Cinco Anos, ele transformou as perspectivas financeiras da Corporação do Canadá, e, embora o orçamento ainda fosse restritivo, a dívida da Corporação do Canadá diminuiu em oitenta por cento e as previsões indicavam a possibilidade de um excedente para os próximo seis trimestres.

A abordagem frontal e tranquila de Ian Pocatello nas suas funções, era assustadora. Todavia, seriam necessários todos os recursos de Michael, para manter a conversa e tentar encontrar um ponto fraco nas defesas do Ministro.

“Eu não sabia que você era um aficionado do espaço.”

Ian balançou a cabeça. “E não sou. No entanto, o progresso na indústria espacial merece atenção. Se for rentável, eu estou interessado.”

Em torno dos três homens, rodavam dignitários e funcionários de todos os níveis do governo nacional, provincial, municipal, bem como lobistas de diferentes empresas privadas e grupos minoritários, numa dança cacofónica de manobras políticas. Por detrás de sorrisos e acenos educados, estavam planos ferozes e agendas ambiciosas.

Ostensivamente, eles estavam todos presentes no jantar, para ajudar a

arrecadar fundos para o Child-Find Canada e estava a ser mais do que um sucesso, ficando em dez mil dólares um prato, com a casa cheia. Mas aquilo era uma desculpa para os participantes fazerem *lobby* e conseguirem o apoio de outros políticos, para quaisquer objetivos individuais, que tinham trazido para alcançar no Hall.

As intenções de Michael eram simples, mas seria melhor guardar os seus intentos ou os outros iriam utilizá-los para algum interesse particular. Se ele não agisse como uma barracuda política, perderia a posição e a reputação. O esforço de mineração iria sofrer e, em última análise, ele acreditava que também assim seria para o resto da subcorporação.

A DME necessitava de fundos, para reforçar os seus esforços de investigação. No momento, eles possuíam treze minas de níquel de Classe 2 para apresentar, pelos cerca de \$ 140.000.000.000 que as corporações e os agentes privados tinham investido na Divisão de Mineração Espacial. Quarenta e duas, das suas minas projetadas nos asteróides, tinham mostrado depois de pesquisas adicionais, terem jazidas de minerais impuros e, num custo versus esquemática do produto, no momento, elas não valiam a pena.

Michael Sanderson acreditava que a DME, seria a melhor esperança para a supremacia financeira da Corporação do Canadá na economia global, e também, a melhor esperança para o mundo. Os cientistas tinham estimado, que o próprio Cinturão de Asteróides continha centenas de novos elementos não descobertos, com atributos que podiam melhorar a qualidade de vida de todos na Terra.

A EUA, Inc. e o Conglomerado Britânico da Commonwealth, já tinham programas de mineração do espaço agressivos e rentáveis em funcionamento, embora a maioria das outras empresas do país tenham ido tão longe, quanto sido tão mal sucedidas, como a Corporação do Canadá. Ainda não tinha sido descoberta uma grande jazida de minério, em nenhum dos asteróides da Divisão de Mineração Espacial e a corrida à jazida-mãe de minério mais conhecida, estava a ficar tensa.

Michael sabia que havia jazidas de ferro no Cinturão, que seriam mais do que justificativas, para o investimento maciço da Corporação do Canadá e de outros. Uma ou duas grandes descobertas, iriam aliviar a dívida que a DME estava a acumular.

Ele precisava de mais alguns bilhões de dólares para os custos operacionais e de investigação, pois existiam centenas de milhares de asteróides para fazer o levantamento e ele tinha a certeza de que a ‘Grande Descoberta’, iria

ocorrer em breve. Ele tinha que ter o Ministro das Finanças do seu lado e levá-lo a acreditar na DME.

Depois, eles poderiam levar o seu caso ao Presidente Dolbeau.

Todavia, nos últimos dois meses, Michael tinha sido incapaz de organizar uma reunião com Ian Pocatello. O Ministro tinha estado indisponível para reuniões privadas com o Vice-Presidente da DME e, não havia retornado nenhuma das suas chamadas. Quando Michael descobriu, que o Ministro das Finanças estava na lista de presenças para o jantar de caridade dessa noite, soube que ele e o Ministro iriam cruzar caminhos.

Um outro homem estava a aproximar-se e, ao ouvir as últimas palavras que foram ditas, comentou numa voz irónica.

“Nós temos uma canadense na *Orcus 1*. Sabia disso? Eu mesmo estou a seguir a história de perto.” Ele riu-se. “E vi um tablóide na Net, ainda hoje, a prometer que o desembarque em Plutão irá significar o fim do mundo. 93% dos leitores concordam.”

Era por isso, que eles realizavam extensos testes de competência mental e de personalidade, antes que alguém pudesse comprar uma quota da corporação do país e pudesse, então, votar nos assuntos nacionais, pensou Michael.

Os outros enrolaram os lábios com o comentário, quando o Ministro da Energia, das Minas e Recursos, co-superior Diretor de Michael, se juntou a eles. Ele e o Ministro da Exploração Canadiana do Espaço dividiam conjuntamente o portfólio da presidência da Divisão de Mineração Espacial.

“Michael, como está?” Perguntou Alliras Rainier. Um homem de cabelos grisalhos, de setenta e um anos, que foi o principal impulsionador da DME. Há dez anos atrás tinha feito uma cruzada pessoal para levar à aprovação do projeto para se criar a divisão e, pressionado para o seu amigo de longa data, Michael Sanderson, ser nomeado Vice-Presidente e Diretor do empreendimento. A ascensão meteórica de Michael, através das fileiras da ERM (Energia e Recursos Minerais) poderia ser atribuída, em certa medida, à sua associação com Alliras Rainier, um defensor de longa data das filosofias de Michael, em matéria de energia e conservação.

O próprio Michael tinha acabado de comemorar o seu quinquagésimo terceiro aniversário juntamente com a família, uma semana antes, na casa dele nos arredores de Hull no Quebec, durante o fim-de-semana. Ele mantinha-se em forma a correr duas milhas todas as manhãs, a evitar as gorduras animais e a comer cereais, peixe, arroz, frutas e legumes em

abundância. No seu último *check-up*, o médico disse-lhe: “Eu tenho más notícias; você só tem cerca de mais cinquenta ou sessenta anos de vida.”

A família era a coisa mais importante da vida de Michael. Mas, quase simultaneamente, era o bem-estar dos seus companheiros humanos que lhe suscitava mais emoções. Não apenas dos canadenses, mas de todos os seres humanos. Ele fazia doações para a caridade e fazia o que podia para ajudar o meio ambiente. Razão pela qual entrou na área da energia ambiental na Universidade de McGill, onde conheceu a sua esposa Melanie, uma especialista em Humanidades.

Alguns pequenos sucessos; no início da sua carreira, concederam-lhe a atenção do Departamento de Energia, Minas e Recursos da Corporação do Canadá. Nos últimos trinta anos, ele tinha vindo a subir na carreira, na corporação governamental e, hoje em dia, estava próximo do topo, onde ganhou mais influência do que já tinha esperado ou sonhado.

Ele estava numa posição de efetuar grandes mudanças, na forma como o mundo descobria e utilizava a energia e as possibilidades entusiasmavam-no. A paixão que o tinha guiado para os Estudos Ambientais na Universidade, não se tinha dissipado ao longo dos anos.

O seu nível de energia e de tolerância para manobras políticas, contudo, estava a desvanecer-se rapidamente.

Quando Michael acenou com a cabeça que estava bem, Alliras perguntou solícito, “E a sua adorável esposa, Melanie?”

A conversa a partir deste ponto foi coreografada. Os dois tinham-se reunido na casa de Michael, na noite anterior, para discutir as táticas.

“Melanie? Ela anda por aqui, algures. Acho que está a encurralar a Angela e as duas estão provavelmente num debate profundo sobre a estética da arte pré-colombiana.”

“Eu nunca a deveria ter incentivado, a tirar essa disciplina do curso de Carleton. Acho que já gastei mais de uma centena de notas grandes, em estátuas feias de deusas grávidas, nos últimos seis meses.” Ele riu-se e os outros três homens juntaram-se-lhe, gentilmente.

Michael podia observar, que Ian Pocatello estava a começar a sentir-se mais do que um pouco encurralado, com três lobistas de pró-mineração em torno dele. O Ministro estava tenso, como se esperasse o ataque concertado.

Toda a charada lembrou a Michael, os tigres a perseguirem um urso polar. Teriam que ter cuidado ou iriam enfurecer o urso.

Virando-se para Ian, Michael sorriu. “Eu sei que estão na ordem do dia, os

parabéns pelo seu último orçamento?”

“Sim. Era simples, na verdade...”

Se havia uma coisa de que Ian Pocatello gostava, era de ouvir o som da sua própria voz.

Os outros acomodaram-se para o ouvir, provocando no Ministro uma falsa sensação de segurança. Eles cheiravam a vitória.

**Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão *Orcus* 1:
Plutão:**

A doze quilómetros do local de aterragem, Justine, conduzindo o VTT, parou lentamente.

Frente a ela, estava um artefacto alienígena.

Ekwan Nipawin deu um passo em direção a ela.

“Pare!” Rugiu Justine.

Um por um, eles viraram-se para ela.

Ela saiu do VTT e caminhou até eles. Foi uma tarefa difícil, considerando o caminho traiçoeiro e a sua incapacidade de tirar os olhos do artefacto, por mais que alguns momentos de cada vez.

Quando se aproximou mais dele, percebeu que podia ver através da superfície semitransparente do monumento. Com um hectare de largura na sua base e, facilmente, uns dezasseis andares de altura, era uma estrutura enorme de construção alienígena.

Justine olhou para o artefacto gigante, com a sua imaginação a escapar-lhe. Pensamentos sobre outras formas de vida na galáxia encheram a sua mente. Ela não tinha dúvida nenhuma sobre isso. Eles não estavam sozinhos no universo.

Como seriam eles? De onde vinham? Há quanto tempo visitavam o Sol?

Seria este monumento, uma espécie de cartão-de-visita?

Aqui, é onde estamos... venham visitar-nos.

Ou seria uma bandeira?

Nós estivemos aqui.

Ou seria algum tipo de aviso?

Não vão mais além, humanos insignificantes!

Tinha a certeza de que os pensadores, lá na Terra, estariam vinte e quatro horas por dia a tentar responder a essas mesmas perguntas, quando ela transmitisse o seu relatório. Como executiva da missão, Justine tinha pouca formação científica, comparativamente aos outros da equipa científica. Cada um deles, não teria menos do que dois doutoramentos. A sua formação baseava-se mais em tecnologia mas, mesmo essa educação, não a ajudava minimamente a resolver o quebra-cabeças que tinha à sua frente.

“Ele não está a fazer nada, Capitã.” Helen separou-se do grupo, para se juntar a Justine. “Está apenas ali. Pode estar ali há cem de milhões de anos, sem fazer nada.”

“Eu quero ter a certeza. Se houver mesmo, nem que seja a mais remota possibilidade de perigo para a tripulação, irei declarar esta área circunscrita. Isso até que cheguem instruções da Terra.”

“Não seja tão densa!” Os lábios de Kwan torciam-se. “Eu vou mostrar-lhe.” Ele baixou-se e apanhou um pedaço considerável de gelo e arremessou-o contra o artefacto, antes que Justine percebesse o que ele ia fazer.

“Pare!” Ordenou, mas a bola gelo impactou o artefacto e quebrou-se num milhão de fragmentos minúsculos.

O artefacto permaneceu um objeto nobre e imóvel.

“Vê, Capitã! Eu já fiz isto antes. Está apenas ali, como disse a Helen, sem fazer nada. Se você vai reportar isto à Terra, o mínimo que podemos fazer, é tirar algumas análises da superfície, talvez fazer uma leitura com o espectrómetro de massa; as coisas habituais.”

O geólogo insuportável tinha razão, como era costume. A imensidão do próprio artefacto e a consciência profunda de que existiam outros seres no Espaço, anesthesiava Justine, retardando as suas reações. Esta descoberta, sacudiu-a até à medula.

“O que é que lhe vamos chamar?”

“*Dis Pater*, é claro.” Isto veio de George Eastmain.

O nome era pertinente. Existiam muitos significados para a palavra, mas o que veio à mente de Justine foi “O Senhor dos Reinos das Trevas.” Os romanos tinham chamado ao seu deus do submundo *Dis Pater* e, mais tarde, mudaram para Plutão. Justine tinha feito o seu trabalho de casa, sobre todas as coisas plutonianas.

Henrietta soprou um beijo a George.

Feliz pelo seu capacete ter obscurecido o olhar azedo que ela dirigiu a ambos, Justine assentiu. “Muito bem. Vamos tentar obter o máximo de dados

que podermos, numa hora. Depois teremos que voltar por causa do oxigénio e eu vou transmitir o meu relatório.”

Como se fossem bonecos de corda, a equipa entrou em ação e começou a montar os seus instrumentos.

Eles passaram o resto da hora seguinte a tirar medidas, leituras, fotos estáticas, a fazer vídeos e a formar hipóteses. Pouco depois, Dale Powers gritou.

“O que é que se passa?” Perguntou Justine, sem fôlego de ter corrido para ele, apesar da hipótese de escorregar.

O astro-navegador levantou o braço e apontou o dedo. No centro de uma face inclinada do monumento, Justine podia ver milhares e milhares de símbolos gravados. Quando se mudou para outra das bolhas, viu que esta também tinha algo estranho escrito na superfície.

“Meu Deus!” Justine virou-se e procurou pela engenheira. “Henrietta! Venha cá. Eu preciso de si, para obter uma imagem disto. E diga-me o que estiver a pensar.”

Com a sua câmara, Henrietta tirou algumas fotografias e, de seguida, correu os dados através do seu *tablet*.

“Há quarenta e nove colunas, nesta bolha.” Anunciou ela. “Cento e setenta e cinco linhas. Não consigo entender nada disto. Tenho que observar mais de perto.” Ela esperou por um aceno de aprovação de Justine, antes de ligar os seus anti-magnetos.

A engenheira projetou-se da superfície do planeta e pairou diante da gravação, a tirar fotos e a fazer vídeos.

“Cada coluna e cada linha representam um conjunto único de símbolos, talvez como uma frase ou algo semelhante. Daqui, não consigo compreender nada.”

“Quantos conjuntos são?” Perguntou Justine ao grupo, enquanto todos olhavam para cima, para a sua colega flutuante.

George, o génio astrofísico, respondeu: “Oito mil, quinhentos e setenta e cinco linhas de hieróglifos.” Os números vieram-lhe sem esforço. “Em cada face.”

Dando uma volta rápida em redor da circunferência do núcleo, George contou: “São, pelo menos, trinta e cinco neutrões. Isso são mais de trinta mil linhas.”

“Sim.” Confirmou Henrietta. “E acho que cada linha está num idioma diferente; cada estilo é muito diferente e eu não reconheço nenhum deles.”

Ela mediu alguns, com o seu *tablet*. “Cada linha tem vinte centímetros de altura e cada coluna mede setenta e um centímetros de largura, separados por quarenta e dois milímetros de espaço em branco. Toda a criptografia abrange uma área quadrada na face, de 35 por 35 metros. Eu estou a transmitir a imagem para os vossos *tablets*.”

Todos eles puxaram dos seus *tablets* e reviram as imagens. Cada linha tinha um número variável de símbolos, ideogramas, pontos, rabiscos, ou glifos, de dez a algumas centenas de caracteres. Alguns espécimes continham, simplesmente, um milhar de linhas retas inscritas lado a lado.

Na parte inferior da última coluna, por si só, estava uma única linha de símbolos. Justine pensou que poderia ser uma espécie de assinatura.

A Justine sabia, no seu coração, que era uma espécie de pedra de Rosetta, de uma coleção interestelar de idiomas.

Imagine-se! Mais de trinta mil outras espécies, além, na vastidão do espaço!

Justine balançou a cabeça.

“Está bem. Temos que regressar e enviar um relatório. Além disso, o nosso oxigénio está baixo. Dentro de dez horas, já devemos ter uma resposta ao nosso relatório e depois seguimos a partir daí.”

Justine teve que persuadir todos os membros da equipa a regressar à nave.

Ela, mais que todos, foi a mais difícil de convencer.

[Relatório do Evento: Formulário RE-102]:**Data:**

21-08-2090 / 13:23 GMT

Reportado por:

Capitã Justine C. Turner, *Orcus 1*

Navegadora Helen Buchanan (AEC)

Equipa Científica:

Joanne Belcher (AEE), Ekwan Nipawin (JAP), Dale Powers (NASA),
Henrietta Maria (NASA),

George Eastmain (NASA), Sakami Chin (RPC)

Natureza do Evento:

Descoberta de artefacto desconhecido. A equipa científica nomeou-o de ‘*Dis Pater*’, nome do deus romano do submundo, que mais tarde foi renomeado de Plutão.

Origem:

Desconhecida - não de manufatura humana.

Idade:

Desconhecida.

Localização:

Plutão. Longitude 120: 14: 04. Latitude 42:98:31.

Composição:

Desconhecida. Gravidade específica de 100+. Impenetrável por bombardeamento de iões (perfuradora a laser ineficaz). Análise espectral inconclusiva, apesar de teste repetido. Composição atômica não cartografada ou não cartografável.

Dimensões:

35.02 metros NS por 49,38 EO na base do núcleo. 168,27 metros de diâmetro, incluindo a nuvem de eletrões. 75,91 metros de altura.

Observação:

Fundação / base repousa na superfície do planeta; sem entalhes identificados.

Massa:

Estimativa de 1,44 teratoneladas.

Cor Aparente:

Translúcido. Há uma perturbação subtil de luz, que flui através do objeto.

Animação:

Nenhuma. O objeto é inerte.

Marcas distintivas:

Cada superfície curva do núcleo está coberta com glifos, inscrita por meios desconhecidos. Catálogo extensivo de fotos, incluído no relatório em anexo.

Observações:

Obviamente de origem alienígena. Nós tentámos todos os testes que pudemos pensar, mas nenhum deles nos deu mais do que dados superficiais. Até que possamos interpretar os glifos, não temos ideia de quem os arquitetos são, ou

para que finalidade erigiram este monumento. Ekwan Nipawin acredita que a forma deve representar um elemento, embora não seja nada comparado com alguma coisa da nossa tabela periódica atual, ou com qualquer outra coisa que já tenhamos encontrado.

Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão *Orcus* 1:
Plutão:

“Capitã.”

Era Helen.

Na sua cadeira de comando, Justine, perdida em pensamentos, pestanejou e voltou a sua atenção para a canadense.

“Sim?”

Todos eles tinham estado numa vigília silenciosa, à espera de uma resposta da Terra. Ocasionalmente, alguém fazia referência a uma leitura ou a uma imagem e fazia um comentário, mas num tom baixo. A enormidade da sua descoberta foi-se instalando profundamente, ao longo do dia.

Para passar o tempo, Justine tinha elaborado algumas mensagens para a família e amigos e para um ou dois colegas. Numa altura em que a existência do Ser HUmano, se reduzia a uma quase insignificancia, em comparação com o conhecimento de que existiam mais de trinta mil raças alienígenas *por aí*: Por isso, Justine sentiu necessidade de reafirmar a ligação com aqueles seres que amava e respeitava.

Fazia-a sentir-se melhor, saber que ela era uma parte de um acontecimento, que poderia revelar os incríveis segredos do espaço exterior. Nunca, nem nos seus sonhos mais inimagináveis, ela teria acreditado que a Missão *Orcus* daria tal fruto cósmico.

Os outros ficaram mais animados, quando Helen disse. “Nós temos um ASE (audiovisual por sinal eletrónico) binário do Controlo da Missão. Huh.” Ela olhou para cima com os olhos arregalados, incrédula. “E uma confirmação da tradução de glifos do *Dis Pater*!”

Houve um momento de hesitação. E George Eastmain pestanejou

rapidamente.

A boca de Kwan abriu-se num «O» silencioso.

Então Justine balbuciou: “Uma o quê?”

“Repito: Uma tradução.”

“Isso não pode ser!” Dale Powers levantou-se. “Esses glifos provam que existe mais vida no Espaço e que eles já estiveram de visita aqui.” Ele apontou para o teto e a sua voz assumiu um tom de incredulidade. “Mas eu sei que é um *fato*, que a *vida terrestre* nunca esteve em Plutão!”

Justine olhou-o por um momento, contemplando o seu discurso. “Eu tenho que concordar consigo, Dale.” Ela examinou o grupo. “Mas, se o Controlo da Missão diz que têm uma tradução, é melhor ouvi-la, antes de recusar a sua validade.”

“Helen?”

“Vou passá-la imediatamente.”

Todos eles focaram a atenção nos monitores da sua estação de trabalho.

Estação da Lua:
Lua:

Chow Yin tinha passado cada um, dos últimos setenta e nove anos da sua vida, na Lua. Se alguém tivesse consciência disso, iria certamente escrever notícias e bater recordes de vendas. No entanto, essa era a última coisa que Chow Yin queria.

Certo dia, Por volta dos três anos e meio, enquanto acompanhava os seus pais numa colocação na Estação da Lua, ele escapou-se sorrateiramente da vigilância da sua mãe e fugiu. Como acontece na maior parte dos acidentes, ele estava a correr numa zona de construção e, caiu para debaixo dos pneus de um transportador. As suas pernas foram esmagadas e os seus ossos quebraram-se em mil pedaços.

A cirurgia reconstrutiva e a fisioterapia extensiva, combinadas com a fácil gravidade lunar da altura, tinham-lhe devolvido a capacidade de andar, mas com um arrastar muito pronunciado e só com a ajuda de muletas. O seu andar desajeitado, estava muito para além de um mero coxear. Ao longo do seu percurso no ensino elementar na Lua, ele tinha sido chamado de: Troll, Troglodita, Quasimodo e de uma série de outras alcunhas indesejadas.

Ele tinha-se ressentido dos seus colegas. Odiava-os.

A popularidade estava demasiado longe do seu alcance, até mesmo para ser considerada um sonho. A aceitação era inatingível. Ele era um exilado.

Os médicos disseram-lhe que ele nunca poderia viajar para a Terra: os ossos das suas pernas iriam quebrar-se como palitos, sob os duros Gs de um meio de transporte de reentrada, e, andar numa gravidade seis vezes maior do que a da Lua, era uma impossibilidade.

Para todos os efeitos, ele tornou-se o único órfão da Lua, uma vez que, mais ninguém para além dele, tinha permissão para ser colocado lá por mais

do que um ano, para sua própria segurança. Inclusivamente, os seus próprios pais biológicos. Yin safou-se razoavelmente bem. Os seus pais tinham-no visitado uma vez por ano, mas concederam a sua tutela à República Popular da China.

Com o passar dos anos, quando ele entrou na idade adulta, o contacto com os seus pais diminuiu, ao ponto de Chow Yin não se importar mais em aceitar as suas tentativas de contacto. Até hoje, ele não sabe o que lhes aconteceu.

Quando a Estação da Lua instalou magnegravitadores para gravidade artificial, apenas Chow Yin usava roupas não revestidas de chumbo. A pressão seria demasiado, para o seu corpo deficiente.

Um homem menor ter-se-ia deixado abater; talvez tivesse mesmo posto término à vida.

Mas Yin não era um Homem menor.

Ele transformou a sua desvantagem, numa vantagem. A única coisa que ele reparava, em todas as pessoas que olhavam para ele, especialmente assim que chegou à adolescência e nos seus vinte e poucos anos, era nos seus olhares horrorizados, repletos de piedade e de repulsa. Eram a sua principal fixação. Se por acaso acontecesse que ele estivesse a arrancar os chips de crédito das dobras dos seus casacos, elas nem reparavam, pois uma pessoa deficiente e patética era o seu único foco.

Aos vinte e três anos, ele já não estava satisfeito com o roubo de chips de crédito dos transeuntes e dos turistas; esses montantes eram suficientes para o seu sustento, mas o que ele realmente desejava, era a riqueza: riqueza suficiente para que as pessoas olhassem para ele com reverência, ao invés de repulsa.

Como único residente permanente na Lua, Yin estava mais familiarizado com a estação do que ninguém. Ele tinha convertido uma sala de armazenamento de baixa gravidade, no nível mais inferior da estação, nos seus aposentos particulares. Com a ajuda de um jovem e entediado génio da informática, cujos pais tinham sido colocados na Lua durante um ano, ele apagou os vestígios da sala de armazenamento do computador principal, mudou as palavras-chave de segurança, criou novos códigos de acesso, que serviriam para impedir a entrada de pessoas indesejáveis e, alterou todo o sistema de computador do setor para atender às suas necessidades e desejos.

A partir desta base, ele aventurou-se entre a população adolescente da Lua. A maior parte deles estava entediada e desencantada com a vida na Lua e Yin recrutou-os para a sua causa, especialmente aqueles com habilidade para os

computadores e para a tecnologia.

Configurada como um local de lançamento para os destinos fora da Terra, a Estação da Lua, pela sua configuração, era um empreendimento cooperativo para trinta e duas corporações de países. Como tal, nenhum governo tinha a jurisdição absoluta. O computador principal foi programado para ser um governador administrativo e aplicar a política votada pelo Conselho de Administração da Estação na Terra.

Foi apenas uma questão de tempo, até que Yin e o seu clube de cibernautas penetrassem nas defesas do computador.

Os pupilos de Yin criaram um arquivo fictício para aceitar as instruções da Terra, para executar os relatórios de simulação de tais iniciativas e enviar esses relatórios falsos em retorno, mantendo o Conselho na Terra ignorante e feliz.

As coisas foram-se desenrolando e, na altura em que Yin já tinha vinte e oito anos, ele era praticamente proprietário da Lua. Quase de tudo, menos do nome. A riqueza e o poder que ele tinha reunido, rivalizavam com os das próprias corporações de países. Todo o prazer era seu. Todo o luxo era seu. Tudo apenas à distância de um pensamento.

Nada acontecia na Estação da Lua, sem a influência de Chow Yin e as únicas pessoas que sabiam disso, eram as que trabalhavam para ele.

Senhor do seu pequeno império, Yin vigiava as idas e vindas de todos os transeuntes na Estação da Lua e tinha influência no poder das corporações-países, que atracavam as suas naves e instalavam temporariamente o seu *staff* na Lua.

Se Yin quisesse, poderia ter o computador da Lua programado para controlar todos os voos de saída ou restringir quaisquer serviços de transporte de entrada, de qualquer país ou empresa privada que o desagradasse. Ele poderia manter tudo no espaço exterior, sob resgate, se o escolhesse fazer.

Contudo, ele nunca o fez. Tinha aprendido com a experiência, que a descrição era o mais importante para o aumento da sua riqueza pessoal.

... E a informação era a ferramenta mais poderosa, na obtenção desse objetivo. Ele usava a informação que adquiria, de formas produtivas. Vingança e tirania mesquinha, não faziam o seu género. Além disso, abusar do seu poder, só o iria fazer-se notar e ele preferia operar e deleitar-se no anonimato.

As únicas pessoas que ele deixava que se aproximassem dele, eram os adolescentes, a quem ele tinha continuado a recrutar pessoalmente, ao longo

dos últimos quarenta e poucos anos.

Como parte da sua campanha para dominar a Estação da Lua, quando o último Diretor da Estação Chinesa tinha regressado à China, Yin programou os computadores para fabricar uma identidade falsa para a substituição desse Diretor e colocou-a na base de dados de Hong Kong. Uma não-pessoa tinha sido transferida para a Lua e a grande máquina burocrática que era a República Popular da China, nem percebeu, de tão emaranhada que estava nas suas políticas mesquinhas e nos esforços de secretismo dos comunistas. Foi um golpe de Estado, no que a Yin dizia respeito, embora um ainda inédito.

Todo o Setor Chinês estava firmemente sob o seu controlo e a restante estação estava à sua mercê.

Os documentos secretos do governo eram seus, para ler e utilizar como quisesse e ele assim fez, com total impunidade. Ele tinha corrompido o governador da porta de transporte, desviado tarifas das despesas para as suas próprias contas bancárias privadas e apropriou-se de quase todo o orçamento atribuído ao Setor Chinês da RPC. Até agora, ele tinha reunido um património líquido numerado na casa dos triliões. Tinha investido fortemente em muitas das corporações privadas das nações da Terra e, com alguma manipulação, conseguia garantir um retorno saudável do seu investimento, bem como lhe permitia manter a sua influência na atividade industrial da Terra.

Como parte da sua rotina diária, enquanto tomava lentamente o seu pequeno-almoço, ele gostava de ler alguns dos comunicados ultrassecretos do governo, que os seus jovens técnicos-assistentes intercetavam.

Quando leu uma tal missiva, dirigida da Terra a Plutão, quase se engasgou com o sumo de laranja.

Imediatamente, ele ligou para o seu secretário e disse-lhe: “Convoque uma reunião com todos os nossos principais cyber-espiões. Temos uma nova prioridade.”

Macklin Rock:
Mina Número 568 da DME:
Sistema Solar:
Cinturão de Asteróides:

Por volta do meio-dia, a fazer uma pausa para comer qualquer coisa, Alex tirou o dispositivo de ligação-mente e os tampões ópticos. Piscou os olhos, enquanto se concentrava na pequena UHTA. Os adultos sempre lhe tentaram dizer, que demasiada realidade virtual, ia fazê-lo ficar cego. Mas, na verdade e, até ao momento, Alex nunca viu qualquer evidência disso.

“SIAC.” Ele dirigiu-se ao computador. Agora que o dispositivo de ligação-mente foi desligado, ele tinha que verbalizar o seu pedido. “Batatas fritas e Coca-Cola, por favor.”

<As bebidas com elevado teor de hidratos de carbono, estão em restrição, Alex. Bem como os alimentos fritos. Sinto muito. Será que gostaria de comer uma sanduíche de atum e um copo de leite, ao invés disso?>

Alex resmungou para consigo mesmo. Os seus pais estavam preocupados que ele não estivesse a comer suficientemente bem. Ele sentia-se bem, mas não tinha escolha naquele assunto. Ainda não tinha descoberto uma forma de substituir a palavra-chave de entrada no SIAC, para que pudesse substituir os seus códigos de prioridade, impunemente. Decidiu que iria que trabalhar nisso na parte da tarde, ou corria o risco de severas sanções, quando os seus pais descobrissem que ele estava a faltar às aulas novamente.

“Sim, isso seria bom.” Quando ele entrou na cabine de refeições, a sanduíche e o leite estavam à sua espera. O replicador estava pré-programado, de acordo com as diferentes preferências pessoais de cada um dos três habitantes. Alex gostava de aipo picado e cebola, sem maionese extra, mas os seus pais preferiam a alface como única adição. Ele sentou-se e

comeu rapidamente, com a mente ausente da comida, mas focada no problema da matriz de entrada no computador.

Se ele criasse um subprograma, que respondesse ao ficheiro denominado “Gráfico do Progresso e das Atividades Diárias de Alex”, então, sempre que a sua mãe ou o seu pai efetuassem uma pesquisa sobre ele, o arquivo fictício surgiria no ecrã, por cima do arquivo legítimo. Ele poderia, então, gerir o arquivo fictício da maneira que quisesse.

O problema com isso, era que...

A sirene de alerta da UHTA soou, sobressaltando Alex na cabine.

<Aviso de proximidade,> informou SIAC. <Objeto desconhecido aproximando-se da UHTA. Origem desconhecida. Velocidade próxima da velocidade da luz; treze segundos para o impacto. Por favor, dirija-se para a cápsula de segurança, Alex.>

Sem demora, Alex digitou no mini-monitor de 2D da cabine, tentando avisar os seus pais.

“Mãe! Pai!” Gritou, mas o monitor não mostrou mais nada, para além do branco estático.

“Tenham cuidado! Eu acho que é um asteróide!”

<Oito segundos para o impacto. Amortecedores de energia a cem por cento. Escudo de escoamento seguro. Escudos de superestrutura em potência máxima. Por favor, dirija-se à cápsula de segurança, Alex.>

Saindo da cabine, Alex correu para o seu cubículo. Os exercícios de emergência que os seus pais o tinham forçado a repetir, vieram-lhe à mente como uma segunda natureza.

Saltando para a cápsula de segurança, ele fechou os olhos, à medida que os amortecedores o envolviam, protegendo-o de bater nas paredes, quando se desse o impacto com o que quer que estivesse do lado de fora.

Ele teve um breve momento, para especular sobre o que estava a vir na sua direção. O seu primeiro pensamento tinha sido um asteróide, mas um asteróide não se deslocaria tão rápido. Uma explosão solar? Pouco provável, a esta distância.

O suor escorria-lhe da testa, à medida que entrava em pânico.

<Um...>

Os seus pais estavam lá fora, desprotegidos.

<... segundo...>

Incapaz de se controlar, ele gritou.

<... até...>

**St. Lawrence Charity Hall:
Ottawa:
Corporação do Canadá:**

Quando Michael Sanderson e Alliras Rainier começaram a sua primeira rodada de manobras táticas, para influenciar Ian Pocatello a conceder-lhes mais um financiamento de mil milhões de dólares, um servobot interpôs-se entre eles.

O *robot* de inteligência artificial tinha sido projetado na forma de um humanóide, mas em vez de pernas, tinha seis rodas de borracha para deslizar em superfícies. As rodas estavam ligadas a uma caixa retangular, que podia ser personalizada como: uma unidade de refrigeração; um armário de arquivo; uma caixa de ferramentas ou qualquer outro tipo de recipiente requerido pela habilidade programada do *robot*. Para ser empregado de mesa, o compartimento do *robot* foi utilizado para transportar garrafas de vinho e licores.

Para surpresa de Michael, o servobot estava a segurar uma bandeja de prata, em cima da qual estava um envelope de plástico branco dirigido a ele.

“Quão pitoresco!” Comentou o Ministro das Finanças. “Uma mensagem entregue em mão. Não me lembro de alguma vez ter recebido uma dessas.”

Alliras disse: “Não sei porque é que acabámos com isso. Os correios e os aparelhos de fax eram maravilhosos. Agora enviamos tudo pela TerraNet. Honestamente, eu não me sinto confortável com o facto de todos os hackers informáticos do mundo, terem acesso às cartas de amor transmitidas digitalmente, que envio à minha esposa do meu local de trabalho.” Tanto Ian como Stall riram com gosto.

Olhando para a UCP (unidade central de processamento) do servobot, como se a inteligência artificial fosse justificar a sua presença, Michael pegou

no envelope, abriu-o e resmungou um rápido “Desculpem-me” para os três cavalheiros que, com interesse, o observavam a ler o memorando gravado a laser na placa de plástico que estava dentro do envelope.

∞

Michael, lamento ter que lhe enviar esta mensagem, dadas as circunstâncias, mas surgiu uma emergência que exige a sua atenção imediata.

Aconteceu uma catástrofe, que pode minar todo o projeto. Os meios de comunicação social ainda não sabem do incidente, mas é apenas uma questão de tempo. Michael, nós precisamos de si!

- Calbert

∞

Michael olhou para Alliras, pestanejou e depois forçou um sorriso.

“Surgiu algo.”

“Está tudo bem?” Perguntou Stall, à pesca de informação.

“Claro. Já sabe POPs (procedimentos operacionais padronizados): cada vez que há um sinal nos astrógrafos, eles têm que o assinalar.”

“Uma descoberta?” Pressionou Stall.

Michael sorriu. “Se for, vou certificar-me de lhe enviar uma nota da imprensa com antecedência. E agora senhores, se me dão licença.”

O olhar no rosto de Ian Pocatello foi uma mistura de preocupação, para com a situação de emergência e, de alívio, por não ser pressionado naquela noite.

O timing foi horrível, mas Michael tinha que regressar ao gabinete e avaliar a situação. Ele confiava que Calbert não exagerava, relativamente a qualquer catástrofe. Quanto muito, o seu assessor estava pronto a subestimar o caso; algo que assustou Michael durante anos. Se era necessário evitar danos, ele tinha que chegar ao centro de eventos da DME rapidamente.

Quando Michael se virou para sair, Alliras disse: “Você não se importa, se eu for consigo?” Ele leu a expressão facial de Michael e sabia que a mensagem era mais importante do que fazer *lobbying* junto do Ministro das Finanças.

“Não me importo. Sim. Venha por favor.” Disse Michael, o mais casualmente que conseguiu.

Alliras acenou para um dos seus assessores, que veio imediatamente. “Por favor, informe as nossas esposas de que fomos chamados ao gabinete e certifique-se de que elas chegam a casa em segurança.”

“Certamente, senhor.” O homem acenou brevemente a cabeça e saiu apressado.

Desculpando-se pela sua saída, Michael e Alliras saíram do St. Lawrence Charity Hall, para a limusina que esperava o Ministro.

∞

“Maldição.” Praguejou Michael, quando entraram no veículo. “Dois meses a tentar entrar na mesma sala que Ian Pocatello e acontece isto.”

Ele entregou o memorando ao seu superior. Antes de o ler, Alliras comentou, “Um pouco medieval, enviar uma mensagem em plástico. Pitoresco, como referiu o senhor Ian Pocatello, mas ainda assim, medieval.”

“Foi uma iniciativa de Calbert. O tráfego público de comunicações-pensamento está sujeito a cópia eletrónica, gravada pelo governo. O SCIS (Serviço Canadense de Inteligência de Segurança) tem legislação que lhe permite monitorizar qualquer comunicação-pensamento, ou conversa em AV (audiovisual) ou até mesmo as transmissões codificadas. Numa crise, até mesmo o Partido Comunista da China, pode ter acesso ao sistema de mensagens da Corporação. Por mais irónico que seja, a mensagem entregue em mão, é a forma de comunicação disponível mais segura para nós.”

“Irónico.” Repetiu o Ministro.

“Se um dos agentes do SCIS ou até mesmo um trabalhador na rede de comunicações, não estiver satisfeito, há sempre a hipótese de vender alguma informação vital para fora da fronteira. Normalmente temos um código, que usamos na rede de comunicações-pensamento, mas eu desliguei o meu sistema, no evento de caridade.”

Alliras leu a placa de plástico no interior do envelope. E assobiou. “O que significa isto?”

“Vou descobrir em breve.” Respondeu Michael, já a digitar o número para uma linha direta de comunicações AV para Calbert Loche, suportada por linhas privadas e seguras da DME, de modo a permitir que o seu superior ouvisse. Uma comunicação AV conduzida através de dispositivos de ligação-mmente, podia ser ouvida por uma pessoa em cada lado da transmissão.

“E em relação à sua segurança interna?” Referiu Alliras.

Assim que soou o sinal, a avisar que a transmissão estava a ocorrer,

Michael respondeu: “Temos o nosso próprio código para as linhas do departamento, tal como no seu escritório, presumo eu. Utilizamo-lo apenas para situações de emergência, para que ninguém tenha exemplos suficientes para o decodificar.”

“Vejo que você guarda as aulas de história no coração.”

“Aprendi com o meu superior, ao invés dos livros didáticos.” Elogiou Michael. Alliras assentiu, em concordância.

Para sua consternação, o chamado de Michael foi encaminhado para Raymond McGrath, o assistente competente de Calbert.

“O que é que está a acontecer?” Perguntou Michael. “Eu recebi a mensagem. Onde está Calbert? Coloque-o em linha.”

Raymond parecia envergonhado. “Desculpe, Diretor; mas, Calbert está muito ocupado. No entanto, eu sei que ele precisa de falar consigo. Com urgência.” Esforçou-se a pensar no que poderia dizer acerca do que tinha acontecido, através da linha ‘segura’.

“Existe... uma espécie de 152, mas de substância ou identificação indeterminadas.”

Michael mordeu o lábio.

“E...?” Pressionou ele, depois de um momento.

“E... também um...489.”

“Oh. Raios.” Acenou para o assistente. “Estamos já a caminho. Quinze minutos.”

“Obrigado, Diretor.” O assistente cortou a ligação.

Michael desligou a linha de comunicação.

“Então, o que são um 152 e um 489?” Perguntou o Ministro, levantando uma sobrancelha.

“Um 152 é uma ‘descoberta’. A descoberta de um mineral ou de uma jazida de minério.”

“Isso é bom, então.”

“É indeterminado. Recebemos, em média, uma dúzia de 152 por semana.”

“Um 489,” informou-o Michael, solenemente, “nós não temos com tanta frequência. Significa que houve um acidente e que há várias mortes envolvidas.”

O silêncio na limusina estendeu-se por um minuto e, em seguida, Alliras assentiu.

“Então, temos que chegar tão depressa quanto for possível.”

Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão *Orcus 1*:
Plutão:

Na janela do SRD da ponte da *Orcus 1*, e nas transmissões de simulação dos seus monitores da estação de trabalho e dos *tablets*, apareceu a insígnia da NASA, juntamente com os emblemas da DAEC (Divisão de Agência Espacial Canadiana), da Agência Espacial Europeia, do Conglomerado de Empresas Espaciais do Japão e do Programa Espacial da República Popular da China, os quais se juntaram à missão para Plutão, sob a autoridade da NASA.

Justine examinou cada letra do ASE que apareceu na tela.

O relatório tinha sido enviado em código binário. Uma ligação de vídeo era considerada demasiado dispendiosa para as comunicações de rotina. Os requisitos de energia para AV àquela distância eram, por assim dizer, no mínimo exorbitantes.

O computador traduziu a mensagem:

∞

Para:

Orcus 1

De:

Controlo da Missão, NASA, EUA, Inc.

Referência:

Dis Pater

Mensagem:

O glifo na última linha da última coluna está confirmado como sendo um Hieróglifo Maia, de aproximadamente 700 dC

Tradução:

“Eis a Poderosa Porta de Kinich Ahua; A eternidade está agora perante vós; Cuidado com o Poder de Kukulcan”.

Ordens:

Interromper a missão inicial. O *Dis Pater* é a principal prioridade. Concedida autoridade local.

Assinado:

Presidente Frank Madison, EUA, Inc.

Diretor William Tuttle, NASA

Presidente Pierre Dolbeau, Corporação do Canadá.

Thomas Granville, Ministro da AEC – Agência Espacial Canadiana

Dir. Lassen Kruger, AEE – Agência Espacial Europeia

Dir. Vic Tong, Conglomerado de Empresas Espaciais do Japão

Honorável Tung Jo, Programa Espacial da RPC – República Popular da China

∞

A conversa num tom de voz alto, eclodiu imediatamente, ameaçando transformar-se numa discussão.

“O que é que significa: ‘Eis a poderosa porta de Kinich Ahua; a eternidade está agora perante vós; cuidado com o poder de Kukulcan’?”

“E o que é que quer dizer ‘autoridade local’?”

“O que esperam eles que façamos?”

“Quem é que vai ser o responsável? O Chefe da Missão? Ou o Chefe da Ciência?”

Johan Belcher perguntou: “Estão aí mais detalhes?”

“Não.”

Henrietta tinha um olhar preocupado no rosto. “Eles estão a manter-nos ignorantes de propósito?”

“Há mais alguma coisa? Será que a Capitã Turner, tem alguma mensagem privada?” Exigiu saber George Eastman.

Esta última pergunta provocou o silêncio, enquanto todos se viravam para ela, para obter uma resposta. Justine olhou para Helen. “Existe alguma coisa para mim?”

A Primeira Imediata/Navegadora pestanejou várias vezes. Era contra os regulamentos revelar até mesmo a existência de mensagens militares codificadas à equipa de ciência, mas era óbvio que a Capitã queria dissipar a desconfiança dos outros.

Ela balançou a cabeça lentamente, “*Sim.*”

“Exponha-a.”

Helen hesitou. “Capitã.” Ela começou a protestar.

“Exponha-a.” Reiterou Justine, no seu tom enérgico e cheio de comando, que não admitia desobediência.

“Muito bem.” A canadense virou-se para o computador de comunicações e digitou alguns comandos, dando os códigos preliminares. Ela virou-se para Justine. “Capitã?”

Acenando com a cabeça, Justine disse em voz alta, “Confirmação de impressão de voz: Capitã Justine Churchill Turner, *Orcus 1*. Código de Segurança:. alfa-alfa-alfa-zeta-alfa-peru-galinha-rato.” Apesar da tensão, ouviram-se algumas gargalhadas.

O painel de inteligência artificial de bordo respondeu: “Confirmação reconhecida, Capitã.”

Justine acrescentou num tom imperioso simulado, “Apenas para que todos saibam, depois disto eu vou mudar o código.” Isto provocou mais algumas gargalhadas.

Na janela do SRD da Ponte, a insígnia da NASA foi substituída pela do Presidente da EUA e pelo emblema oficial da corporação. Ao contrário dos ASE binários, esta mensagem era uma comunicação em AV com uma duração de dois minutos e catorze segundos. O custo desta breve mensagem

estava ordem dos milhares de dólares.

Na tela apareceu a imagem do Presidente Frank Madison e do Diretor William Tuttle, ambos sentados num sofá, em Camp David.

O Diretor falou primeiro. “Eu não vou perder tempo, Capitã Turner. Sem dúvida que você já recebeu a tradução da inscrição do artefacto que vocês batizaram, por agora, de *Dis Pater*. Eu sei, eu sei. As palavras não significam nada, sem um quadro de referência. Temos os melhores maianologistas e criptologistas a trabalhar nele, ao lado dos nossos melhores especialistas técnicos e teólogos.”

“Por enquanto, eu quero que informe a equipa de ciência de que eles devem proceder com o máximo cuidado, mas com a máxima urgência, na tentativa de resolver o mistério do *Dis Pater*; precisamos da maior quantidade de informação possível.”

O Presidente, o homem mais poderoso da América e segundo alguns, do mundo, interrompeu o Diretor.

“Desde a descoberta, nós já tivemos uma série de reuniões de cimeira com as agências envolvidas, representadas pela equipa de ciência aí em cima, bem como com a maioria dos outros países. Existe um movimento generalizado para tornar públicas, todas e quaisquer conclusões. Mas as cinco agências que estão em cooperação neste projeto, estão numa posição de liderança nesta nossa descoberta.”

“Está o caos político aqui. É imperativo que tenhamos alguma informação sólida, antes de fazer qualquer tipo de acordo com qualquer país fora dos cinco. Por isso estamos a depender de si, para conduzir o rebanho de cientistas aí em cima. Dê-nos algo que possamos usar.”

O Diretor da NASA assumiu novamente. “Justine, independentemente do que acontecer, eu quero que você garanta que não haja vidas em perigo. Regresse em segurança. Há uma promoção à sua espera, quando chegar.” Ele sorriu e fez um aceno rápido com a cabeça.

A insígnia da NASA transpôs-se sobre a imagem congelada e depois a janela ficou em branco.

A discussão que ameaçava transbordar do conjunto de cientistas, foi cortada, quando a voz de Helen subiu acima dos crescentes rugidos de protesto.

“Capitã! Temos algo no sensor do espectrógrafo do local do artefacto.”

Ela olhou para Justine e os seus olhos arregalaram-se para o tamanho de discos.

“É... o *Dis Pater*.”

Com a voz rouca, ela falou rapidamente, quase sem fôlego. “Está... *a reagir*.”

**Catálogo da DME:
Asteróides Maiores:
Pelo diâmetro (km):**

1. Ceres – 952
2. Pallas – 544
3. Vesta – 529
4. Hygiea – 431
5. Intermedia – 326
6. Europa – 301
7. Davida – 289
8. Sylvia – 286
9. Cybele – 273
10. Eunomia – 268
- - -
42. Macklin Rock – 148

**Centro de Eventos da DME:
Ottawa:
Corporação do Canadá:**

Michael e Alliras chegaram ao Centro de Eventos da DME, doze minutos depois de terem falado com Raymond McGrath. Indo pela estrada Colonel-By, eles subiram até ao grande edifício neomoderno na zona Sul de Ottawa, perto de Gloucester e do aeroporto internacional.

Dentro do Centro de Eventos, os dois homens fizeram o percurso até ao sétimo andar, o das Operações. Saindo do elevador de tubo, eles entraram num caos organizado.

Técnicos e operadores andavam de um lado para o outro, debruçando-se sobre os computadores e os monitores. Ao longo das paredes da enorme sala, janelas gigantes de SRD mostravam esquemas da Terra, da Lua e dos outros planetas. Uma mostrava a totalidade do Sistema Solar, com estatísticas a serem debitadas acerca de cada imagem exibida que passava nas barras laterais das telas das cabines. A maioria dos monitores menores mostrava vários asteróides do Cinturão.

Filas de mesas de computadores e janelas de SRD dividiam o andar do Centro de Eventos. Os técnicos e os operadores ocupavam todo o espaço disponível.

No limite da sua capacidade, a sala estava a abrigar mais pessoas do que era habitual. A maioria dos presentes era do turno da noite. Alguns não tinham saído, após o término do seu turno e ficaram no meio da emergência, para contribuir com os seus conhecimentos.

Michael olhou para o relógio.

O segundo turno da noite chegaria dentro de quatro horas. Não importava qual tinha sido a emergência, as pessoas cansadas cometem erros. Michael

iria, ele próprio, encaminhá-las para casa, se foi para isso que veio. Mas, por enquanto, sentia-se à vontade com a abundância de intelecto na sala.

Raymond McGrath viu-os quando entraram e correu para eles. Com o seu dispositivo de ligação-mente preso nas têmporas, ele acenou aos dois, dirigindo-lhes a atenção para a tela central.

Raymond era um jovem nos seus trinta anos, mas competente nas suas funções, realizando regularmente trabalho para além das suas funções como assistente administrativo.

Raymond não perdeu tempo com amabilidades. “Aconteceu há pouco mais de duas horas.”

“O que é que aconteceu?” Pressionou Alliras.

Michael olhou para Calbert, que se debruçava sobre um técnico.

Raymond franziu os sobrolhos, um sinal de que ele estava a dar um comando à UCP (unidade central de processamento), através do dispositivo de ligação-mente. Cada um tinha o seu próprio modo de mostrar que estava ligado ao dispositivo de ligação-mente, mesmo que não fosse necessário nenhum movimento físico. A janela do SRD central acendeu-se e uma nova imagem sobrepôs-se às suas apreciações.

A legenda indicou que eles estavam a olhar para o segmento cartografado 14.568, do Cinturão de Asteróides. A tela mostrou uma série de grandes corpos, alguns em rotação, outros estacionários.

A inteligência artificial filtrava qualquer rocha menor que um quilómetro de diâmetro, para evitar a criação de uma exposição desorganizada no SRD.

Muitas das pedras tinham um círculo branco desenhado nas suas superfícies, com uma legenda direta, que detalhava os seus atributos físicos e as estatísticas, o número de mina da DME e o nome, caso tivessem um.

Michael observou uma anomalia num dos asteróides da DME.

Uma das designações do círculo, Macklin Rock, mostrou que o local estava em processo de ser analisado, mas não havia nenhuma imagem do próprio asteróide, na tela, em tempo real.

“O que é que aconteceu?” Perguntou ele, repetindo a pergunta do seu superior.

“O maldito asteróide vaporizou-se. Temos um sinal de entrada de um ASE, pronto para reprodução.”

Só então, é que Calbert Loche olhou para eles e correu na sua direção.

“Estavam dois pesquisadores no asteróide, quando explodiu. Embora explodir, não seja exatamente o termo correto.” Acrescentou. “Desapareceu,

vaporizou-se, desmaterializou-se, evaporou-se, quem é que sabe?”

De momento, Michael estava mais preocupado com as mortes, ao invés da explicação técnica para o incidente. “Quem é que estava lá?”

“Margaret e Gabriel Manez, dois dos geólogos mais experientes. Eles estavam a verificar um Nelson II no Setor 14, quando aquilo aconteceu.”

Raymond ligou-se ao dispositivo de ligação-mente, de uma janela mais pequena de SRD e apareceu uma imagem arquivada de Macklin Rock, ampliada, mostrando a localização da UHTA e os trinta e sete locais de estudo possíveis. O Setor 14 estava assinalado com uma luz vermelha.

Michael procurou na sua memória. Orgulhava-se de se lembrar dos nomes de todas as pessoas da DME, de todos os 532. Ocorreu-lhe um acontecimento em particular e ele teve dificuldade em engolir.

“Havia também um menino de dez anos de idade, em Macklin Rock.”

“Sim.” Respondeu Calbert, em voz baixa e solene. “Alex, acredito que é... era filho deles.” O olhar duro no seu rosto indicou a Michael, que ele se sentia tão responsável e cheio de remorsos, como o Vice-Presidente.

“Houve sobreviventes?”

“Lamento, Michael.” Calbert permaneceu em silêncio por um momento e, em seguida, concluiu. “Nós não sabemos, exatamente, o que é que aconteceu.”

“Foi uma colisão?”

“Não. Os ASE enviados pelo SIAC da UHTA indicavam que algo se aproximava, a uma velocidade próxima à velocidade da luz.”

“Próxima à velocidade da luz?” Exclamou Michael, em choque. “Uma explosão solar? Uma tempestade de nuvens elétricas? Qual foi o ponto de origem?”

“Nenhum. Nós não temos sequer a indicação, de que se tenha originado fora da superfície. Pensamos que poderia ter sido algo que eles encontraram no local. Os sensores de longo alcance do SIAC não detetaram nada, mas os de curto alcance detetaram uma anomalia, cerca de treze segundos antes do impacto. Mais uma vez, eu também não tenho certeza de que ‘impacto’ seja a palavra correta.”

“Tanto tempo? Em treze segundos à velocidade da luz, teria passado as fronteiras de Macklin Rock à vontade.” Apontou Alliras, verificando as estatísticas do asteróide. “A origem do sinal poderia ser de qualquer lugar entre Marte e Júpiter!”

De seguida, vieram as palavras de Calbert.

“Foi detetado pelos sensores de *curto alcance*? Estão equipados para algumas centenas de quilómetros. Isso não faz sentido. Treze segundos? Você tem a certeza?”

“É isso mesmo, treze. O relógio-sonda que temos em órbita para vigiar esta secção, emitiu um ASE de que houve um sinal oscilante de uma forma desconhecida de energia, algures de *dentro* de Macklin Rock.”

“O que quer que fosse, viajou ou pelo menos teve origem sob a superfície do asteróide, apenas neste lado, à velocidade da luz. Talvez ele tenha andado de um lado para o outro algumas vezes dentro da rocha, consumindo o asteróide de dentro para fora, e, no final, impactou ou rompeu a superfície. Em qualquer caso, foi com certeza demasiado rápido, para se obter uma medida decente. O que quer que tenha sido esta fonte de energia, nós não temos nenhuma assinatura dela, nenhum meio de identificação.”

Michael esforçou-se por se lembrar dos conhecimentos de química. “O que quer que a substância fosse, era inerte até que algo a ativou. Mas o que terá sido?”

“Em teoria, eu concordo que estivesse a ocorrer algum tipo de fissão. Muito mais poderosa do que qualquer reação nuclear. Se nós só tivemos uma amostra...”

“O que é que quer dizer com isso?”

“Tudo o que sabemos, é que o sinal de energia vaporizou o asteróide completamente, em menos de quinze segundos.”

“Vaporizou? Há algum vestígio disso?” Perguntou Michael. “Ficaram gases?”

Raymond balançou a cabeça. “Não, nenhum. As leituras de massa desse quadrante indicam uma mudança de perda líquida de 142 teratoneladas, exatamente a massa de Macklin Rock.”

“Isso é impossível. Ou ele se mudou para outro local ou temos milhões de meteoritos a vir na nossa direção.”

“Até onde *sabemos*, eles não se mudam. Não há nenhum registo de vestígios da cauda do vento solar. E não há novos meteoritos, no segmento, que sejam indicadores de uma explosão. Nenhum dos sensores captou nada. Mas, repito, o sinal de energia daquela coisa foi tão forte, que as nossas sondas de vigilância perderam alguns segundos de energia. Pode ter acontecido qualquer coisa, durante esse tempo... qualquer coisa.”

Michael suspirou profundamente. “O que é que nós temos, para continuar a investigação?”

“Temos apenas a conversa gravada entre os pesquisadores, entre Margaret e Gabriel.” Corrigiu-se Calbert, com voz sombria.

“Mostre-a.”

“Devemos ir para a sala de conferências, para ver o registo.” Sugeriu Raymond, sempre a pensar. “Neste momento, os técnicos não precisam de distrações.”

“Muito bem.” Michael fez um gesto para um portal que levava ao salão e que abrigava uma série de salas de conferência, em ambos os lados.

∞

Com Calbert permanecendo nas Operações, os outros três sentaram-se em cadeiras giratórias de couro, em torno de uma grande mesa de mármore semicircular, de frente para um conjunto de janelas de SRD.

Raymond, com o seu dispositivo de ligação-mente ainda ligado, importou gráficos. Os monitores menores mantinham imagens de Macklin Rock, gravadas duas horas e meia antes da ocorrência.

Na janela central do SRD, a tela mostrou o símbolo da Divisão de Mineração Espacial, por um momento, e depois a imagem voltou aos quinze minutos anteriores ao evento.

Raymond explicou, “Levaram algumas horas para chegar ao Setor 14, depois que deixaram a UHTA. Eles verificaram os locais em rotação.”

Um relógio na parte inferior da tela, mostrou o tempo de 00:58 horas GMT. A imagem em si, era o registo da câmara de interface do VTT que, quando Margaret e Gabriel desembarcaram do VTT nos seus volumosos fatos bio-ecológicos protetores, os seguiu por cerca de cinco metros de distância e cujo movimento na superfície, era dirigido por um motor anti-gravidade e suportado por pulsos de micro-combustível.

Os auscultadores septafónicos na sala de conferências, revelaram a conversa entre os dois pesquisadores.

∞

“Aqui está, finalmente.” Disse Gabriel, de pé, ao lado do VTT, no seu sotaque inconfundível.

Margaret aproximou-se do marcador do local, sem hesitação.

“O SIAC relatou, que Nelson II tinha detetado vestígios de um depósito semigrande de algo, que *ultrapassava* o alcance do verificador de amostras

do núcleo, certo?”

“Sim. Eu trouxe o código de substituição, para o caso de ser necessário. Podemos obter mais vinte metros do verificador de perfuração.”

Ele abriu o compartimento de bagagem do VTT, retirou uma extensão telescópica para a broca e juntou-se à sua esposa, no Nelson II.

∞

Michael fez um gesto para interromper a reprodução. A imagem parou, ao comando do dispositivo de ligação-mente de Raymond.

“Temos as leituras do Nelson II?”

“Sim.” O assistente mostrou-as, num ecrã secundário. “Não conclusivo. As leituras minerais eram normais. Até a um quilómetro abaixo, não havia nada a reportar. Não existiam jazidas significativas. Mas, quando a broca atingiu a sua profundidade máxima, registou uma leitura de cerca de 0,002 por cento do conteúdo, em massa, de alguma substância desconhecida.”

“Obviamente, que Margaret e Gabriel acreditaram que era um depósito de minério de ferro, como demonstram os registos das suas conversas. É por isso que a estimativa do valor potencial que ele apresentou, é tão alta.”

“Certo.” Alliras pigarreou. “Vamos continuar com a gravação.”

∞

A reprodução continuou, com os dois topógrafos a especular sobre o seu achado e sobre o que fariam com a sua recompensa, quando regressassem à Terceira Estação do Canadá. Michael não pôde deixar de sorrir, mesmo com a sua garganta apertada e as têmporas a latejar. Era um negócio sombrio.

∞

“O Nelson II indica que o depósito começa catorze metros, abaixo da profundidade máxima.” Informou Margaret.

Gabriel ajustou a broca para a sugestão de profundidade e digitou o comando para ativar o motor do Nelson II. A grande broca rodou e cravou-se no asteróide.

“Alguma indicação do tamanho do depósito?” Perguntou Margaret, enquanto monitorizava os indicadores de temperatura e de fricção do Nelson II.

A observar o ecrã de análise da amostra, Gabriel sacudiu a cabeça, em

sinal negativo.

∞

Às 13:11:02 horas GMT, ele reportou: “Estamos quase lá, falta um minuto ou dois.”

∞

Às 13:11:47 horas GMT, a imagem ficou em branco.

∞

O silêncio instalou-se na sala de conferências, por alguns minutos.

“Raios!” Foi o comentário de Alliras.

Michael tentou ser analítico. “Obviamente, que o depósito reagiu com algo da broca ou do verificador de amostras, ou mesmo com o atrito e o calor da operação.”

“Nós já começamos as análises à broca.” Disse-lhe Raymond. “A composição da broca é projetada, para evitar causar uma reação em qualquer composto mineral conhecido, incluindo o plutônio e o urânio. O que aconteceu, não era nuclear.”

“E então, ficamos com o calor?”

“Não podemos descartar a possibilidade de um novo elemento, que reaja a algo na broca?”

“Então, em que é que ficamos? Na estaca zero?”

“Sim.”

“Apanhados com as calças nos tornozelos, diria eu.” Colocou Alliras. “Maldição.”

Eles foram interrompidos por uma mensagem, enviada por Calbert. A janela apareceu sobre o SRD da reprodução da pesquisa. “Michael, uma das nossas sondas de vigilância, detetou pequenas leituras de massa na área do evento.”

“Fique aí.” Respondeu ele e os três homens apressaram-se a regressar ao Centro de Operações.

∞

Calbert cumprimentou-os, com um aceno de cabeça. Ele apontou para uma

janela de SRD de tamanho médio, na parede leste.

“As leituras iniciais indicam uma série de objetos, que variam de 50 kg a 5000 kg de massa.”

“Meteoros?”

“Não, os sinais do radar de iões mostram os objetos como fragmentos. Devemos estar a receber uma imagem, dentro de três minutos.”

Todos os técnicos e operadores da sala pararam o seu trabalho e olharam para o SRD, quando a janela acendeu a câmara visual.

Não havia nada na janela, no momento, mas a ampliação no radar, indicou uma faixa de 932 metros.

Podiam ser identificados vários objetos, numa faixa de 500 metros. Um, parecia ser os restos de uma broca do Nelson II. Mais perto ainda, podia ser visto o VTT, horivelmente mutilado e queimado.

A cem metros do VTT, a sonda detetou dois objectos; os corpos dos dois pesquisadores.

“Estão vivos?” Gritou Michael.

Um técnico pressionou uma sequência de comandos no seu teclado e informou: “Não, senhor.”

“Maldição!” Praguejou Alliras; estava a tornar-se um mantra.

Outro técnico informou: “Todos os outros objetos foram identificados, como equipamento da equipa de pesquisa. Ferramentas, provisões e outros apetrechos.” Nesse momento, os detalhes específicos, não interessavam a Michael nem aos outros.

“E sobre a UHTA?”

“Não há nenhum sinal, senhor.”

“Recuperem tudo o que lá estiver.” Ordenou Michael. “Eu quero um relatório detalhado e a autópsia na minha secretária, às nove da amanhã.”

A sonda iria magnetizar os objetos e arrastá-los de regresso ao *Aviador Canadense*, o orbitador de mineração, um grande complexo que os pesquisadores usavam como uma estação intermediária entre a Lua e os asteróides. Com centenas de engenheiros e técnicos de processamento sempre a bordo, havia um laboratório de mecânica e de química mais do que adequado, bem como uma equipa médica experiente acessível, mais do que qualificada, para proceder ao que fosse necessário.

“O que aconteceu a Alex Manez?” Disse Alliras, mas ninguém se aventurou a dar-lhe uma resposta.

Michael, com o corpo rígido, saiu da sala de operações e dirigiu-se para o

elevador de tubo.

∞

Alliras acompanhou-o, ao longo do corredor. Quando Michael apertou o botão para o elevador de tubo com a intenção de subir ao décimo sétimo andar, onde estava localizado o seu escritório, Alliras disse: “Eu acho que vou voltar para casa, para estar com a minha esposa, se não se importar.”

“Que me dera poder fazer o mesmo.” Disse Michael, em voz baixa. “Mas agora, tenho que escrever um comunicado de imprensa, para os meios de comunicação social e tenho alguns telefonemas desagradáveis para fazer, para as famílias de Margaret e de Gabriel.”

“Não lhe invejo essa tarefa. As ações da DME poderão não valer nada amanhã.”

O tubo do elevador de Alliras chegou primeiro e ele apertou a mão a Michael. “Eu realmente lamento muito, tudo isto. Não gosto de soar clínico mas... a menos que possamos descobrir o que era esse elemento descoberto pelos seus pesquisadores, em Macklin Rock, não adveio nenhum benefício disto. Os meios de comunicação social vão dar cabo de nós. Vamos perder o financiamento e o nosso alvará.”

“Eu sei. Cuide-se, Alliras. Vemo-nos amanhã.”

“Eu passo cá a meio da manhã, se não se importar.”

Michael acenou com a cabeça. “Está bem. Transmita as minhas desculpas à Angela.”

“Transmitirei. Tente também dormir algumas horas hoje.” Disse Alliras.

“Está bem.” Disse Michael, com um sorriso seco.

Alliras entrou no elevador de tubo. Ele balançou a cabeça e tentou dar um sorriso a Michael, quando as portas se fecharam.

O segundo tubo chegou e Michael subiu nele, até ao último andar.

∞

No seu escritório, ele efetuou duas chamadas no OpeCom (operador de comunicações); Uma para a família Manez e uma para os Sheridans. Nelas expressou as suas condolências o melhor que pôde, pela perda dos seus filhos e, do seu neto desaparecido.

Depois, ele escreveu um comunicado de imprensa. Uma mensagem curta para os meios de comunicação social e, postou-a na página de rede da

Associated Press, como sendo de teor *Altamente Prioritário*. De seguida, desligou o computador, abriu o armário das bebidas e retirou uma garrafa de *whisky*. Serviu-se de uma boa porção, num copo de plástico para café.

Ao fim de um quarto de hora, ele fez uma chamada no OpeCom para sua casa.

“Olá, querida.” Disse ele, quando a sua esposa Melanie respondeu.

“Você ainda está no escritório?” Ela perguntou.

“Sim. E acho que isto pode levar bastante tempo. A noite inteira. Tenho que ficar aqui, para o caso de descobrirem alguma coisa.”

“O que é que se passa?”

Michael respirou profundamente e, a seguir, informou-a. Eles falaram no comunicador, durante três horas.

Ele fez questão de lhe dizer que a amava, antes de desligar.

Finalmente, Michael esticou-se no sofá do seu escritório para tentar dormir um pouco.

Desconhecido:

Desligado.
Em queda livre.
Força de pressão.
Nas profundezas do espaço.
Perdido nos limites mais distantes.
Encontrado pela luz do Sol.
Todas as coisas vistas como se fossem apenas uma.
Nada é possível, quando tudo se foi.
Sentiu o seu caminho, através do pântano de escuridão.
A gritar, contra o grande vácuo de loucura e de dor.
Navegando, com o vento solar como guia para o seu destino.
Por um instante, ele sente o poder de tudo.
No momento seguinte, chega-lhe um chamado.
É o poder; é para ele.
O farol de um milhão de estrelas.
Os limites de toda a consciência.
O sinal é o Lar.
Ele chama-o.
Venha, Alex.
Venha.

**Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão Orcus 1:
Plutão:**

A voz de autoridade de Helen cortou a discussão, que ameaçava rebentar no grupo de cientistas.

“Temos alguma coisa! Olhem o espectrógrafo do sensor do local do artefacto! É o *Dis Pater*.” Henrietta Maria e Sakami Chin correram imediatamente para a mesa de comunicações.

Os olhos de Sakami brilharam sobre as placas de comunicação. “O que é isto?” Perguntou o planetologista.

Helen respondeu, numa voz suficientemente alta para que todos pudessem ouvir.

“Ele está a brilhar e o sensor relata que está a emitir vibrações de ondas eletromagnéticas. O comprimento de onda inicial é de 6662.04 angstroms, uma frequência de 450 terahertz, a aumentar a frequência a um ritmo acelerado de 60 terahertz por hora.”

George Eastmain, o astrofísico, balançou a cabeça em descrença. “Ele consegue fazer isso?”

Helen encolheu os ombros; a sua especialidade era navegação e comunicação. “O comprimento de onda máximo, de 3997.23 angstroms, será alcançado dentro de cinco horas.”

A Capitã especulou “Será algum tipo de transmissão? Poderia o *Dis Pater*, ser algum tipo de dispositivo de antena? E, se assim fosse, de onde se estaria a originar a transmissão?”

“Desconhecido.”

“O espectro de luz visível está entre 7000 e 4000 angstroms. Há algo a vir na nossa direção!” Exclamou Dale Powers, a efetuar os cálculos matemáticos

na sua cabeça: "... A pouco menos do que a velocidade da luz!"

Justine correu para o seu fato de proteção bio-ecológico e vestiu-o em tempo recorde. A equipa de ciência vestiu-se e, entrou na câmara-de-ar juntamente com ela. Tendo deixado Helen para trás, que ficou a monitorizar as comunicações do controlo.

Tomando os VTT, todos equipados, com leitores de equipamento de análise e de pesquisa, o grupo apressou-se a ir para o local do artefacto.

Vinte minutos após a leitura inicial reportada por Helen, a equipa de ciência e a Capitã estavam reunidos em redor do monólito. Durante alguns instantes, eles não saíram do VTT, de tão atordoados que estavam pela mudança no *Dis Pater*.

A cor do monólito tinha mudado. De cereja transparente para um vermelho escuro. Eles ouviam as emissões cíclicas de onda como um zumbido, que ressoava num volume que aumentava e diminuía.

Justine engoliu em seco. " Tudo Ok...pessoal, vamos agir como se soubéssemos o que estamos a fazer. Eu quero que façam todo o tipo de leituras, que possam imaginar, àquela coisa."

Como eles não reagiram imediatamente, ela comandou num tom mais alto: "Pessoal! Quero isso feito em dez minutos!"

Rapidamente se distribuíram os seis cientistas, para verificar o equipamento de análise existente. Criando, quase instantaneamente, relatórios, em cada uma das suas áreas de especialização.

Justine pegou na câmara de interface de AV e filmou tudo o que estava a acontecer. Ela deu instruções a Helen, para enviar um ASE, ao vivo, para a Estação da Lua. Os custos de energia seriam extraordinários, mas se o Presidente dos Estados Unidos da América queria alguma informação tangível, ela ia dar-lha em primeira mão.

Ekwan foi o primeiro a chamá-la. "Eu li a mudança da temperatura."

"Seja específico." Ordenou Justine, assumindo o comando temporário da equipa de ciência. Se Dale Powers tinha quaisquer objeções, não as iria expressar.

"A temperatura da superfície do artefacto está a subir." Disse o cientista japonês. "Menos 210,8 °C ... menos 210,1 °C ... menos 209,6 °C..."

"Quais são as suas projeções?"

Ekwan consultou o seu computador. "No *ground zero*, a temperatura será de 0,0 °C."

"Interessante!" Exclamou Justine. "E os efeitos periféricos? A climatologia

da área circundante?”

Ekwan balançou a cabeça. “Depende de quanto tempo o *Dis Pater* aguentar esse calor. Poderíamos ter alguns vendavais ocasionais, talvez um pouco de granizo, ou mesmo chuva de metano-nitrogénio. Se o artefacto arrefecer rapidamente, não há nada com que se preocupar. Eu estou a supor que ele vai começar a arrefecer, quando... *o que quer que seja*... chegar até nós.”

George Eastmain reportou: “A coisa está, lentamente, a mudar de cor. Ele está a passar por todo o espectro visível. A cor agora equivale a cerca de 6250 angstroms. Ao longo das próximas horas, vamos vê-lo chegar à luz vermelha, depois amarela por alguns minutos, mudando para os verdes, azuis, e em seguida, finalmente para os violetas, no *ground zero*, cerca de 4000 angstroms ou menos.”

“As emissões de onda estão a aumentar de pico.” Johan Belcher olhou para Justine. “Daqui a aproximadamente duas horas, ele vai atingir uma frequência demasiado alta, para nós a ouvirmos, mas pode causar alguns estragos nas nossas comunicações.”

“Registado.” Justine rodou a câmara sobre o artefacto, percebendo que ele já tinha alterado a cor. “Existe algum tipo de análise espectral possível? Podemos dizer do que é que esta coisa é feita?”

Henrietta e Dale debruçaram-se sobre um dos monitores. Dale olhou para cima. “É impossível dizer pelo que é que o *Dis Pater* é composto. O elemento é desconhecido. Além disso, estamos a receber uma leitura sobre um segundo elemento desconhecido, a reagir com o artefacto: igualmente não catalogado.”

“Alguma suposição?”

“Se eu tivesse que dar um palpite, diria que o *Dis Pater* é composto por um elemento, que teria um peso atómico de cerca de dez mil, muito para além da escala. O carbono tem cerca de doze, o nitrogénio catorze e... até mesmo o plutónio, tem de cerca de duzentos e quarenta e quatro. Este material está muito para além das nossas capacidades analíticas. Quanto ao reagente, o meu melhor palpite, baseado na leitura desta máquina, tem de cerca de metade disso: 5.000 ou algo do género.”

“É incompreensível!” Murmurou Henrietta.

Dale encolheu os ombros. “É ingénuo da nossa parte acreditar, que há apenas uma centena de elementos em todo o universo, feitos ou não, pelo homem.”

A frustração de Justine estava a crescer. Ela sabia que o processo científico era um exercício de paciência, mas ela era uma mulher de ação e, mortificava-a ficar parada e não poder fazer nada.

“Mais especulações.” Dirigiu-se ela ao grupo. “Uma erupção solar? Uma nuvem elétrica? Um relâmpago cósmico? Alguém deve ter uma teoria.”

Quando ninguém respondeu imediatamente, Ekwan, com a sua especialidade de meteorologia intergaláctica, balançou a cabeça. “Eu não lhe posso dizer o que é, mas posso dizer-lhe o que *não é*.”

“Bem, isso já é alguma coisa.”

“Não é uma erupção solar, nem vento solar. O vento solar, na melhor das hipóteses, tem uma velocidade de cerca de 500 quilómetros por segundo e não os 299,792 quilómetros por segundo, da velocidade da luz. Uma erupção solar, não iria viajar a esta distância do Sol.”

“Uma nuvem elétrica, como temos vindo a chamá-las, é circunscrita a um único local. No entanto, raramente viajam mais do que algumas centenas de milhares de quilómetros, certamente menos do que um gigametro.”

“Nós temos algo, que pode estar a vir de lugares tão distantes como a 5.500 gigametros. Se for originário de dentro do Sistema Solar, então estamos a falar de algo que vem da proximidade geral de Marte ou de Júpiter. Se vier do lado de fora do Sistema Solar, é possivelmente algo que tem a ver com a Nuvem de Oort. O relâmpago cósmico é, geralmente, um efeito colateral das nuvens elétricas.”

“Alguma outra possibilidade?”

Ninguém respondeu durante alguns instantes e, a seguir, George balançou a cabeça. “É muito cedo para se saber.”

“Será que estamos em perigo? Será que devemos evacuar?”

Mais uma vez, não houve resposta.

Forçada a tomar uma decisão executiva, Justine disse: “Nós não temos tempo suficiente para uma decolagem e sair do planeta. Assim, se houver um efeito global, estamos tramados de qualquer maneira. Mas, se houver um efeito local, apenas em torno do local, eu quero estar a pelo menos uma dúzia de quilómetros de distância, no momento do impacto. Ou seja; Eu não quero estar aqui, quando ele começar a precipitar-se. Clarificando; trinta minutos antes do *ground zero*, vamos voltar para a nave espacial e monitorizar os nossos instrumentos de lá. Todos concordam?”

Um a um, os membros da equipa de ciência assentiram com a cabeça.

Nas horas seguintes, Justine deixou-os com o seu trabalho, ocasionalmente

interrompendo uma pessoa ou outra, para fazer uma declaração para a câmara de AV, em benefício do Controlo da Missão na Terra.

∞

À medida que a hora final se aproximava e, pela primeira vez na sua vida, Justine começou a sentir-se claustrofóbica. Na vastidão do espaço, ela sentiu como se todo o universo estivesse a fechar-se sobre ela, sufocando-a, espremendo a vida para fora dela. Os outros membros da tripulação tinham tarefas a ocupá-los, mas tudo o que Justine tinha, era a sua imaginação. Ela nunca pensou que algo assim pudesse acontecer-lhe. Os seus interesses em Plutão tinham sido sempre sentimentais e académicos. Este evento não era apenas uma anomalia extraordinária, era também um catalisador para as prioridades internas de Justine. Isso fê-la perceber, que havia algo mais acerca do Sistema Solar e do universo, do que apenas estatísticas matemáticas. O universo era um organismo vivo.

O seu fato de proteção bio-ecológico estava a ficar quente, pelo que ela baixou o termorregulador alguns graus.

Ao fim de uma eternidade, o OpeCom dela soou, a luz da transmissão geral piscou e, a voz de Helen preencheu o silêncio dentro dos seus capacetes. “T menos quarenta e dois minutos, Capitã.”

“Obrigada, Helen. Ok, pessoal!” Ela dirigiu-se para a equipa de ciência, “tragam tudo para cima, para sairmos daqui.”

Eles obedeceram, com relutância. Em menos de vinte e seis minutos de T, eles estavam de regresso dentro da *Orcus 1* e Justine não demorou a fazer soar um Alerta de Impacto de Tipo 1. Os estabilizadores foram ativados e os magno-repulsos ligados. Os ocupantes mantiveram os seus fatos de proteção bio-ecológicos com o fecho apertado, e ajustaram os cintos aos seus módulos de comando.

Helen continuou a contagem regressiva. “T menos quinze minutos. *Ground zero* em 18:13:59 horas GMT.”

“Há um ASE contínuo para a Terra em todos os monitores, por isso, coloquem as vossas melhores caras.” Justine alertou a tripulação em voz baixa, os seus rostos não podiam ser vistos através dos capacetes dos fatos.

Na janela principal do SRD, Helen filtrava um Audiovisual do *Dis Pater*, em tempo real. Ao longo das últimas horas, ele tinha mudado de acordo com o que tinha sido previsto, tornando-se a sua cor amarela, verde e azul. Atualmente, estava na extremidade violeta profundo do espectro. As

emissões de ondas cíclicas não eram audíveis ao ouvido humano, mas os computadores rastrearam-nas infalivelmente, apesar da suposição de Johan.

“T menos dez minutos.” Disse-lhes Helen. Um momento depois, a sua voz assumiu um novo tom. “Eu tenho algo, nas sondas dos sinais de rádio de longo alcance. Estou a receber um retorno de um pequeno objeto, a cerca de mais de 200 gigametros.”

“Alguma identificação?”

“Não, neste intervalo. A velocidade de aproximação é de 299,792 km. Muito perto da velocidade da luz.”

Justine sentiu-se compelida a levantar-se, apesar do seu cinto de segurança. Ela teve que dar ordens aos seus músculos, para obedecerem. “Já sabemos de onde vem?”

George Eastmain gritou: “De dentro do Sistema Solar. Eu estou a extrapolar a origem... um momento... Veio do Cinturão de Asteróides.”

Helen assentiu. “Confirmado. De dentro do Sistema Solar.”

“Há alguma especulação?”

Para variar, não havia nenhuma.

“Mantenha-me informada, Helen. Eu quero saber, assim que os computadores identificarem o objeto.”

O tempo tornou-se lento...os minutos finais... pareceram... décadas.

“T menos cinco minutos. Objeto a oitenta e nove vírgula nove gigametros e a aproximar-se.”

“Identificação!” Exigiu Justine.

“Sem qualquer dado. Lamento, Capitã.”

A tripulação continuou a observar os seus monitores, em silêncio, durante os minutos seguintes.

A apreensão e frustração de Justine estavam a levar-lhe a melhor. Ela alterou os seus altifalantes internos, para o modo de privacidade e efetuou uma entrada no registo pessoal da Capitã. Escreveu uma entrada curta dirigida a Brian, o seu ex-marido, e terminou assim: “... Talvez eu devesse ter-me comprometido mais, só que...este projecto, é tão estupidamente importante para mim. Espero que compreenda e me perdoe. Se nós não nos encontrarmos novamente, acredite em mim, eu adorei o tempo que passámos juntos.”

A voz de Helen interrompeu a entrada. “T menos dois minutos. Objeto aos trinta e cinco vírgula nove gigametros e a aproximar-se.”

“Está toda a gente em segurança?” Perguntou Justine.

Um de cada vez, foram respondendo afirmativamente. Justine viu que mais do que um deles, tinha registado entradas pessoais. Isso fê-la sentir-se melhor.

Helen continuou a dar relatórios periódicos: “T menos quarenta e cinco segundos. Objeto a treze gigametros e a aproximar-se...”

“T menos oito segundos. Objeto a dois gigametros de distância...”

“T menos quatro segundos. Objeto a um milhão de quilómetros e a aproximar-se rapidamente.”

“Identificação confirmada.”

Justine vociferou, “O que é?”

“T menos dois segundos para o impacto...”

“Segurem-se todos!” Gritou Justine.

“Um segundo...”

**Centro de Eventos da DME:
Ottawa:
Corporação do Canadá:**

Na manhã seguinte, uma chamada tocou no OpeCom até acordar Michael. Ele tentou esticar o seu pescoço, que estava torcido por ter dormido no sofá de couro.

Bocejando, ele ligou o computador e olhou para a janela do SRD. O rosto do Coordenador das Operações Administrativas encheu a tela.

“O que é que se passa, Calbert?”

“Michael.” O coordenador respirava com dificuldade, sobre o comunicador. “Venha cá abaixo imediatamente! Você tem que ver isto, por si próprio, para acreditar! É o Presidente da EUA, Inc., em holograma, para si!”

Ele pestanejou duas vezes.

“Os americanos encontraram a UHTA de Macklin Rock e você nunca adivinharia onde!”

∞

Deslocando-se no elevador de tubo para baixo, para o sétimo andar, Michael não conseguia evitar de bater ansiosamente os dedos contra a sua coxa. O Presidente da EUA, Inc.! Ele era, muito possivelmente, o homem mais poderoso do mundo.

A NASA tinha encontrado Macklin Rock, mas, porque quereria o Presidente falar com Michael, quando seria mais fácil colocar o Diretor da NASA em contacto com o Ministro da AEC?

Quando o transportador parou, Michael fez uma pausa e olhou para o seu reflexo, nos espelhos de corpo inteiro de cada lado do tubo. Ajeitou a gravata, ajustou o casaco, passou os dedos pelo cabelo e sentiu a barba no rosto e no

queixo. Não houve tempo para fazer a barba.

Respirando calmamente, ele entrou nas Operações.

Raymond estava à espera dele e arqueou as sobrancelhas, em antecipação e admiração. Rapidamente disse a Michael, “Coloquei uma linha segura na Sala de Reuniões C. O Sr. Alliras, o Sr. Granville e o Sr. Loche já estão lá dentro, à sua espera.”

“O Sr. Granville?”

O assessor administrativo acenou com a cabeça, confirmando a presença do Ministro da Agência Espacial Canadiana.

“Obrigado, Raymond. Como é que estou?”

“Péssimo. Mas eu não sou pago para ser juiz de concurso de beleza.”

“Muito bem. Nada de novo, por aqui?”

“Nada de substancial. Após termos colocado alguns dos nossos grupos de sensores em órbita, novamente on-line, detetámos um ligeiro registo de calor nos resíduos na área, mas que desapareceu, quando obtivemos uma leitura precisa sobre ele.”

“Então, o que é que aconteceu? Onde é que a NASA o encontrou?”

Raymond apenas balançou a cabeça. “Eles estão a manter-nos em *suspense*.”

Respirando fundo para se acalmar, ele sorriu para Raymond, deu-lhe um aceno conciliador e dirigiu-se para a sala de conferências.

Abriu a porta e viu o Ministro da Energia, Minas e Recursos profundamente embrenhado na conversa com o seu Co-Presidente da Divisão de Mineração Espacial, Thomas Granville, que era também Ministro da AEC. Calbert estava sentado num terminal de comando, a mexer energicamente nas várias exposições das janelas de SRD mais pequenas, e a verificar a informação de apoio acerca das situações.

Alliras avistou Michael. Abriu um largo sorriso, mas Michael conseguiu perceber que estava tenso.

“Senhor Rainier.” Disse ele, em saudação.

“Bom dia, Michael.” Disse Alliras, acenando-lhe para se juntar a eles. “Eu estava agora a dar a Thom, um relatório da situação. Ele estava fora da cidade até hoje de manhã, quando recebeu um comunicado de que a NASA e o Presidente da EUA, Inc., queriam uma videoconferência com a máxima urgência. Eu sei que é muito cedo, mas pelos seus tons, parece algo muito importante. Tenho uma fonte que me diz, que tem algo a ver com o *Dis Pater*.”

Michael levantou uma sobrancelha. “O artefacto que encontraram em Plutão? O que é que isso tem a ver com Macklin Rock?”

“Não tenho a certeza, mas o Diretor da NASA solicitou especificamente a sua presença.”

Michael olhou para a janela principal do SRD. Curioso.

Sentindo os seus pensamentos, Alliras disse: “Nós já temos uma ligação estabelecida, mas a conferência não será iniciada até à chegada do quinto elemento.”

Michael ia perguntar quem era o elemnto. No entanto, a resposta foi dada por Alliras, que sorrindo, respondeu primeiro. “O Presidente Dolbeau.”

Por um momento, Michael foi apanhado de surpresa. O chefe da Corporação do Canadá, não era conhecido por participar em reuniões de nível baixo, de qualquer tipo.

Por isso, pensou ele para consigo, isto agora é uma reunião de alto nível.

Algo importante estava a correr mal. Ele podia sentir o suor a brilhar na sua testa. Do outro lado da mesa de conferência, Calbert parecia fresco como uma alface. Era típico. Calbert não deixaria nada tão mundano, como uma reunião entre os homens mais poderosos do mundo, perturbá-lo, quando tinha trabalho a fazer.

O Ministro da AEC era um ex-oficial militar e, como tal, virou-se para Michael e com um resmungo baixo entregou-lhe uma máquina de barbear sem fio, que tinha consigo dentro de uma maleta.

Constrangido, Michael aceitou. “Obrigado.” Deu alguns passos até à fonte de água e passou a máquina de barbear no rosto.

Ele terminou, mesmo no instante em que a porta da sala de conferências se abriu e o Presidente Pierre Dolbeau e o seu assistente pessoal, Frank Wellman, entraram.

“Saudações, Senhores.” Disse o Presidente, no seu sotaque francês.

“Desculpe incomodá-lo de manhã tão cedo, senhor.” Disse Thomas Granville, assumindo o comando do processo. “Penso que chegou aqui, sem incidentes.”

“Receio que estou um pouco descomposto. Não tive tempo suficiente para fazer a barba.” Brincou ele, esfregando os bigodes no queixo, para os colocar a todos à vontade. A mão de Michael deslocou-se, involuntariamente, até ao seu próprio rosto barbeado.

O Sr. Granville a sorrir, fez as apresentações rápidas de todos, e, em seguida, acenou para Alliras.

Alliras, por sua vez, fez um gesto para Calbert. “Sr. Loche, pode iniciar a ligação bidirecional telepática para comunicações, na linha segura.”

Calbert teclou alguns comandos no seu computador e a janela do SRD iluminou-se, com a insígnia do Presidente da EUA, Inc. em cima do emblema oficial da NASA. Michael sabia que do outro lado, o Presidente e o Diretor, iriam ver a insígnia de cada departamento representado na sala, sobreporem-se a uma grande bandeira canadense.

Na tela, a imagem da sala de estar do Presidente, em Camp David, servia como pano de fundo. Tanto o Presidente como o Diretor, estavam sentados num sofá de pano branco, enquanto os auxiliares e assistentes se movimentavam em torno da sua visão periférica.

“Bom dia, Pierre.” Disse o Presidente da EUA, Inc., solícito.

“*Et bon jour a toi, François!*” Era a maneira que o Presidente tinha para aliviar a tensão; ele era famoso pela sua francificação dos nomes das pessoas. Michael tinha a certeza de que Pierre Dolbeau era o único, fora da família de Frank Madison, que se poderia safar com aquele comportamento zombeteiro.

“Como vai a família, *Peter?*”

“*Ça va tres bien. Et la votre?*”

“Vai bem. Mesmo, muito bem. Por favor senhores, sentem-se. Coloquem-se confortáveis.” Quando todos já se tinham acomodado nas suas cadeiras, o Presidente da EUA, Inc. foi direto ao assunto.

“Deixe-me confirmar consigo o nosso relatório dos Serviços Secretos. De acordo com o comunicado de imprensa, publicado pelo Vice-Presidente Michael Sanderson às 13:12:25 horas GMT, houve um acidente que envolveu o asteróide denominado Macklin Rock, resultando na morte de dois topógrafos e resultando, também, na perda aparente do seu filho. Não existem vestígios dele, até agora. Contra todas as leis da física, este asteróide parece ter desaparecido ou ter-se desintegrado, ou desmaterializado. A verdadeira causa e o efeito, permanecem desconhecidos.”

Michael engoliu em seco. “É isso mesmo, senhor. Em todos os pontos.”

O Presidente acenou com a cabeça e então dirigiu-se ao seu colega canadense.

“Deixe-me divagar por um momento. Nós ainda não tornámos pública a seguinte informação e preferíamos que a mantivesse sob sigilo, por enquanto.”

“Mas é claro.”

Uma imagem fotográfica escura de uma estrutura de eletrões desconhecida

apareceu na tela, contra o pano de fundo das estrelas. Alguns dos membros da Missão *Orcus 1*, permaneceram em primeiro plano, de modo a oferecer uma perspectiva sobre o quão grande era o artefacto.

“Bem. Como todos devem saber, a Missão a Plutão *Orcus 1*, resultou na descoberta do artefacto que a tripulação da nave batizou de *Dis Pater*. Na face deste artefacto, encontrámos exemplos de mais de trinta mil formas de escrita diferentes. Hoje, os nossos criptologistas determinaram que uma amostra da escrita, em baixo do texto principal, está num dialeto Maia secreto.”

Michael, Alliras e Calbert trocaram olhares e alguns grunhidos de surpresa. “Uma tradução!” Por um momento, Michael distraiu-se completamente da sua preocupação com Macklin Rock e com Alex Manez, com aquela revelação.

“Numa conferência anterior, nós discutimos isto com o Sr. Granville e o Sr. Dolbeau. A tradução é a seguinte:”

“Eis a poderosa porta de Kinich Ahua; a eternidade está agora perante vós; cuidado com o poder de Kukulkan.”

“O que é que significa isso?” Perguntou Alliras.

William Tuttle, o Diretor da NASA, disse: “De acordo com o Panteão Maia, Kinich Ahua era o deus do Sol, aparecendo como um pássaro de fogo, a versão deles de uma Fénix. Kukulkan era o deus dos elementos. Podemos ter acabado de receber uma pequena pista para o seu significado mais profundo, nas últimas horas.”

Ele mudou de posição e ergueu um bloco de notas para referência.

“Às 13:12:25 horas GMT, precisamente, o artefacto conhecido como *Dis Pater*, originalmente classificado como adormecido, começou a reagir.”

“A reagir a quê?” Michael estava a perder a paciência e, só se acalmou, quando Alliras colocou uma mão tranquilizante no seu antebraço.

“Primeiro, deixe-me descrever o que aconteceu. Os cientistas em Plutão observaram, que estavam a ocorrer duas mudanças importantes; Em primeiro lugar, o objeto mudou de um tom de vermelho profundo e começou a emitir uma oscilação de onda, de 6662 angstroms. Em segundo lugar, a cor começou a transcender o espectro de luz visível e as emissões de onda começaram a acelerar, numa constante de sessenta nanómetros negativos por hora, até que, cinco horas, um minuto e trinta e quatro segundos mais tarde, às 18:13:59 horas GMT, cerca das 23:13 horas Orientais, o objeto tinha chegado a uma oscilação de onda de 3997.23 angstroms. Ele estabilizou-se

numa cor violeta profundo, tendo passado por todo o espectro de luz visível.”

“Começámos a receber o sinal de ASE, por volta das 23:30 horas Orientais, e, às 4:30 horas desta manhã, fomos informados sobre uma descoberta surpreendente da *Orcus 1*.”

“No *ground zero*,” (continuou ele) “o objeto, *Dis Pater*, parou de brilhar e voltou à sua transparência original. Ele também deixou de emitir qualquer oscilação de onda. Tornou-se, uma vez mais, adormecido. No mesmo instante, porém, a *Orcus 1* detetou um objeto estranho perto de Plutão, proveniente do Cinto de Asteróides.”

Os seis homens na sala de conferências inclinaram-se para a frente. As emoções nos seus rostos eram uma mistura de apreensão, surpresa, ansiedade e descrença.

O Diretor concluiu; “O objeto estranho, cronometrado a uma velocidade média de 299.792 quilómetros por hora, deixou a sua incrível velocidade e assumiu a órbita equidistante entre Plutão e a sua lua, Caronte. Não houve emissões de energia ou assinaturas de reação de qualquer motor, ou de outra fonte. Além disso, não houve atividade elétrica ou qualquer outro tipo de atividade detetada.”

“O espectrógrafo de iões indicou que o objeto seria principalmente metálico, com uma massa de cerca de um e meio de teratoneladas, mas indicou pequenos vestígios de um composto de polímero num único local.”

“Depois, a *Orcus 1* utilizou um magnetómetro telescópico, para identificar visualmente o objeto, que orbita a oito mil quilómetros acima da superfície de Plutão.”

“O objeto, senhores! Foi identificado como um asteróide com cerca de 150 km de maior diâmetro. E os registos identificam este asteróide como Macklin Rock, com uma Unidade de Habitação Temporária Asteroidal construída lá dentro, ambos propriedade da Divisão da Agência Espacial Canadiana. A UHTA tinha marcas nas suas faces, correspondentes às da pesquisa geológica realizada pela Corporação de Energia e Minério do Canadá e da Divisão de Mineração e Recursos Espaciais, 568 # DME. Até agora, ainda não descobrimos quaisquer sinais de vida dentro da UHTA e não há emissões de energia. A UHTA está adormecida.”

O Diretor da NASA ficou em silêncio, deixando assimilar a informação.

O Presidente Dolbeau quebrou o silêncio, com uma voz fina e incerta. “Você está a tentar dizer-me, que este asteróide viajou mais de quatro mil milhões de quilómetros, em cinco horas?”

“Apenas timidamente à velocidade da luz, sim.”

Michael tirou a mesma conclusão que os outros. Que a substância que os Manez descobriram, era um elemento que tinha a energia e a potência para impulsionar um objeto próximo à velocidade da luz. Era a descoberta do milénio. Por muito alucinante que aquela realização fosse, Michael estava mais preocupado com outra coisa. Ele não hesitou em perguntar.

“Quão rapidamente é que pode enviar alguém até lá, para verificar e ver se Alex Manez está lá e se ainda está vivo?”

O Presidente da EUA, Inc. e o Diretor da NASA trocaram um olhar acutilante.

Foi William Tuttle, que finalmente respondeu.

“Infelizmente, a *Orcus 1* não tem energia suficiente para executar uma decolagem com posterior regresso a Plutão e, ainda ficar com energia suficiente, para continuar a sua missão. Para não mencionar o ter de fazer a viagem de regresso à Estação da Lua. O período de janela ideal para a sua viagem de regresso, não vai ocorrer por mais seis meses. Perderíamos metade de um ano da descoberta científica. Isso se estivéssemos a tentar fazer um resgate.”

Michael estava de pé. “Você está a dizer-me que não vai fazer nada e vai permitir que Alex Manez morra, se ainda estiver vivo?”

O Presidente Dolbeau não fez nenhum comentário mas, pelo canto do olho, Michael viu-o levantar o sobrolho.

O Diretor respondeu com uma voz nivelada, “De acordo com nossas melhores projeções, não há nenhum sinal de vida na UHTA.”

“Você não pode dizer isso, a menos que envie lá alguém. Se Alex conseguiu chegar à cápsula de segurança da UHTA, ele terá oxigénio e calor suficientes para dezoito horas, mesmo sem eletricidade.”

“Eu não estou a discutir a possibilidade da sua sobrevivência, apenas estou a dizer que fazer o que pediu, vai custar uma quantia considerável de dinheiro e uma, ainda maior, perda de tempo.”

Michael ficou de pé. “Se é dinheiro que quer, diga-me quanto e eu vou tirá-lo do meu próprio bolso!”

“Calma, calma!” Interrompeu Alliras, puxando a manga de Michael, fazendo o gesto para ele se voltar a sentar.

O Diretor da NASA estava prestes a fazer um comentário, mas o Presidente da EUA, Inc. falou primeiro. “Eu aprecio a sua posição. Naturalmente que vamos abandonar a missão da *Orcus 1*, imediatamente.

Nós já transmitimos instruções, para eles abortarem a missão. Eles vão avançar para a UHTA e, se possível, salvar toda a unidade. Finalmente, eles terão ordens para voltar para a Estação da Lua imediatamente, embora a viagem de regresso não vá ser tão rápida, quanto a viagem à UHTA. Na nossa melhor projeção temo-los de regresso em pouco mais de sete meses, algum tempo depois do Ano Novo.”

“Obrigado, Sr. Madison.” Disse o Presidente Dolbeau. “É muito generoso da parte do seu governo, realizar uma missão de resgate deste calibre, sem levar em conta os custos astronómicos desse empreendimento.”

“É o mínimo que podemos fazer dadas as circunstâncias. Estamos já a elaborar uma proposta, para iniciar uma segunda Missão *Orcus*. Esperamos ter um parceiro exclusivo neste empreendimento.” Declarou ele, deixando a sugestão em aberto. Os Presidentes sorriram um para o outro, mas Michael, com o seu temperamento a arrefecer, viu que nenhum dos homens fez qualquer indicação para que a conferência fosse concluída.

Depois de alguns momentos, o Presidente Frank Madison, interpondo uma reflexão tardia, disse: “Enquanto vos tenho a todos em linha, eu gostava de propor, claro que de forma informal, uma segunda *joint venture* que seria benéfica para ambos.”

“De que natureza?” Perguntou o Presidente Pierre Dolbeau casualmente, ainda que Michael tivesse a sensação de que ele sabia exatamente a natureza da proposta e estava a espera de trazer esse assunto à baila, a qualquer momento. Se Michael tivesse pensado sobre isso, teria percebido que o homem de topo da EUA, Inc. não iria perder tempo com um interface pessoal, quando um comunicado de imprensa pré-gravado em AV seria suficiente, neste caso particular.

“Estamos preparados para vos oferecer um contrato de financiamento igual. Eu diria, na ordem dos dez mil milhões de dólares de fundos próprios totais, num empreendimento de co-desenvolvimento, através de uma empresa conjunta. Uma parceria com igual propriedade.”

“A NASA emprestaria a esta nova empresa, que seria uma subdivisão da NASA e da DME, vamos chamá-la, por agora; «Quantum Resources Inc.». Um número de investigadores técnicos e de cientistas, que correspondem à vossa própria contribuição. Gostaríamos de estipular que os subcontratos seriam divididos igualmente entre a NASA e a DME, na pesquisa do *Dis Pater*, bem como para possíveis jazidas do Elemento X (O elemento descoberto em Macklin Rock) - que outros nomes se lhe poderão chamar? -

Se este for, realmente, o que estava a dirigir o asteróide para atingir a velocidade da luz, as possibilidades de futuro da empresa serão... surpreendentes.”

Ele continuou: “A DME manteria todos os direitos de mineração, em reivindicações de partes individuais, como seriam as da EUA, Inc. Se fizéssemos quaisquer novas descobertas, seriam dados direitos exclusivos de desenvolvimento, em ambos os lados, à Quantum Resources, Inc. O marketing internacional seria fornecido pela NASA Space Resources, com um retorno de 30%, a ser desembolsado para a Quantum Resources, Inc..”

Por um breve momento, Michael sentiu vontade de protestar. Que direito tinha a EUA, Inc., de vir meter a mão na descoberta da DME? Tudo o que a DME tinha a fazer, era voltar a analisar as leituras do Nelson II e reunir quaisquer outras informações que recebesse da UHTA recuperada, e teria um monopólio virtual sobre os resultados da pesquisa acerca da velocidade da luz, se eles fossem capazes de encontrar uma nova jazida do Elemento X.

Em seguida, ocorreram-lhe outros pensamentos. Algo que provavelmente já tinha ocorrido ao Presidente Dolbeau; que teria que ser um empresário astuto, para executar a terceira maior governação corporativa no mundo.

A primeira consideração foi; se um contrato fosse celebrado, a NASA não iria libertar a notícia da reação fenomenal do *Dis Pater*, nem a viagem à velocidade da luz da UHTA dos Manez. Esta informação poderia vir a ser suprimida nos próximos sete meses e talvez até bem depois do regresso da *Orcus 1*. Isso iria fornecer a essa corporação conjunta, a Quantum Resources, Inc., uma vantagem incrível em tempo de pesquisa. Com a grande base de comercialização do Espaço, da NASA Recursos Espaciais, quaisquer produtos resultantes, iriam trazer biliões em receitas para as Quantum Resources, Inc. e para as empresas-mãe.

Além disso, se a DME fechasse o fluxo de informações e recusasse o acordo, a NASA iria utilizar todos os ativos extra para a investigação e para o desenvolvimento do misterioso Elemento X. Eles iriam começar atrás da DME, de início, mas, com a sua enorme base de recursos, iriam rapidamente ultrapassar e dominar a participação do Canadá no mercado mundial.

A *joint venture*, iria acelerar as coisas para ambas as partes e os benefícios seriam colhidos mutuamente.

A política causava a Michael, uma grave dor de cabeça.

O Presidente Dolbeau endireitou-se, na sua cadeira. “Tenho a certeza de que é evidente para todos aqui, que a descoberta do *Dis Pater* e a sua relação

com a viagem à velocidade da luz, indicam incontestavelmente que não estamos sozinhos no universo. Há outros seres no universo... possivelmente muitos outros. Tenho a certeza de que todos concordamos que, quando - e não se - encontrarmos os nossos homólogos interestelares, será de extrema importância mostrarmos uma frente unida, apresentarmo-nos como um povo que entra livremente em empreendimentos, num espírito de cooperação e de empresas benéficas.”

O Presidente da EUA, Inc. assentiu, formalmente. “Vejo que partilhamos o mesmo pensamento. Enquanto falamos, já tenho advogados a elaborar o rascunho inicial do enquadramento legal da Quantum Resources, Inc., bem como o contrato de financiamento e de investigação conjunta entre a DME e a NASA. Tenho a certeza de que, quaisquer negociações menores serão tratadas de forma diligente e prontamente, pelos nossos respetivos departamentos, muito antes do regresso da *Orcus 1*. Enquanto isso, dei instruções a William para ter uma linha aberta na missão *Orcus 1*, a transmitir 24 sob 24 horas a partir da Missão de Controlo da NASA, para o Centro de Eventos da DME.”

O Presidente Dolbeau levantou-se. “Isso é muito gracioso e generoso da sua parte. Eu sei que todos estaremos a ver, ansiosos pelos resultados do contacto da *Orcus 1* com a UHTA.”

O Presidente Madison, também de pé, apressou-se a acrescentar: “Se eu puder propor mais uma coisa.”

“É claro.”

“No espírito de cooperação que você expôs anteriormente, de forma tão eloquente, gostaria de propor que a posição de Direção da Quantum Resources, Inc., - ou qualquer que seja o nome que eventualmente acordaremos, se este não for satisfatório - deve ir para Michael Sanderson. A sua diligência e preocupação para com o bem-estar daqueles que estão sob o seu comando, foi-nos demonstrada tão incisivamente, como sendo para ele uma preocupação maior, do que qualquer interesse fiscal. Uma qualidade que e, tenho certeza, todos aspiramos. Eu transmito esta moção não oficialmente.”

“Posso assegurar-lhe, Senhor Presidente, de que a sua proposta é clara e excelente. Por isso e, como sinal da sua boa-fé, eu a aprovo não oficialmente. E, como nesta fase inicial, somos os dois únicos acionistas, a moção não-oficial passou.”

A parte formal da conversa foi concluída e os dois Presidentes indicaram o que desejavam para ambos. Iniciar uma linha de transmissão fechada, através

da qual eles pudessem trocar cumprimentos e partilhar algumas conversas, sobre outros temas de interesse internacional.

∞

Saindo logo a seguir aos dois Ministros, Michael e Calbert deixaram a sala de conferências para os Presidentes e para os seus assessores.

“Parabéns.” Alliras cumprimentou Michael, quando se aproximavam da porta, apertando a mão do seu subordinado. “Obviamente, que você causou uma boa impressão.”

Ainda estupefacto com a nomeação, Michael balançou a cabeça. “Eu não estava à espera...” e respirou fundo.

“Nenhum de nós está surpreendido. Você merece.”

“Tenho a certeza que vou ter o trabalho à minha medida, mas agora eu quero ver aquela gravação do *Dis Pater*. É a chave para a compreensão do Elemento X e dos nossos vizinhos interestelares.”

Alliras riu-se. “Típico. É-lhe oferecida a cadeira do gato e tudo o que consegue pensar, é como construir uma ratoeira melhor.”

“Tenho a certeza de que vou celebrar a vitória mais tarde, quando tudo se estabilizar. Calbert, eu quero saber exatamente quando, é que a *Orcus 1* se irá encontrar com a UHTA.”

Calbert balançou a cabeça e riu-se. “Para si é só trabalho, chefe.” Mas embrenhou-se imediatamente na sua tarefa, também.

A ver as gravações dos dados, através do seu dispositivo de ligação-mente, Calbert informou-o: “Não será possível até à tarde. Você ainda tem algumas horas para tomar o seu pequeno-almoço. Os arquivos do *Dis Pater* estarão no escritório, à sua espera.”

“Obrigado, Calbert.”

“Chefe, temos seis meses para analisar os dados. Porque é que não dorme umas horas? Está com o aspeto de um morto vivo.”

“Eu concordo.” Disse Alliras, a acenar para Calbert. “Todos nós podíamos tirar algumas horas para descansar e refrescarmo-nos.”

Thomas sugeriu: “Porque é que não nos encontramos todos aqui, à uma hora? Enquanto esperamos o encontro, para ver se o jovem Sr. Manez sobreviveu às suas agruras, podemos discutir um plano de ação. Há uma quantidade de trabalho infernal à nossa espera nos próximos meses e, eu quero dar-lhe um bom avanço. Certifiquem-se de que estamos todos, no mesmo comprimento de onda.”

Com apertos de mão, eles dispersaram-se.

Michael virou-se para Calbert. “Estou a mandá-lo seguir o seu próprio conselho. Pare umas horas. Ambos, você e Ray. Vejo-vos aos dois, daqui a sete horas. Eu vou para casa tomar um banho.”

∞

Depois de Michael sair das Operações e apanhar um elevador de tubo até ao estacionamento, onde estava uma limusina à sua espera para o levar para casa, de repente, tudo o que tinha acontecido, atingiu-o como uma onda.

Existiam outras formas de vida no universo... em algum lugar. Eles tinham deixado mais do que um cartão-de-visita - eles tinham deixado um possível meio de contacto, tal como a gravação que foi na sonda Voyager II, enviada pela NASA, no final dos anos setenta. A humanidade estava prestes a embarcar numa missão, para os levar à Era Interestelar.

E Michael Sanderson iria ser um pioneiro, no próximo estágio de evolução da humanidade.

Em vez de se sentir eufórico e orgulhoso, Michael sentiu-se inadequado para a tarefa. Assustado. Minúsculo.

Pensou em Alex Manez, o primeiro viajante à velocidade da luz. Será que ele sobreviveu à experiência? Os seus pais não. Eles tornaram-se as primeiras vítimas do Elemento X.

Estaria Alex vivo?

Michael tinha esperança de que sim.

Órbita de Plutão:
Orcus 1:
Macklin Rock:

O túmulo estava completo; a escuridão era impenetrável, para sempre. Ele era um cadáver vivo, num caixão do desconhecido. O seu cérebro tinha parado todas as funções superiores, como defesa dos dados impossíveis que tinham bombardeado os seus sentidos. Era demasiado.

Respirar era um esforço. Era cada vez mais difícil, a cada milénio que passava.

Ou seria, a cada minuto que passava?

Alex começou a perceber, lentamente, que estava a perder oxigénio na cápsula de segurança. Não havia luz para ele ler os monitores. Os próprios dispositivos não estavam a funcionar.

“SIAC?” Ele gritou. “SIAC?”

Só o silêncio lhe respondeu.

A sua memória era como o centro de uma teia de aranha e, Alex estava no fio externo. Ele seguiu os fios de seda com cuidado, para não cair nas profundezas sem fim da insanidade.

Algo tinha atingido o asteróide. Os seus pais estavam lá fora, na superfície.

“Mãe! Pai!” Gritou ele, debilmente, não esperando que lhe respondessem. “Socorro!”

Ele tentou mover a cabeça, mas havia algo que o impedia. Ele lembrou-se, a cápsula de segurança tinha envolvido a sua cabeça numa espuma de proteção, deixando apenas o espaço suficiente para ele respirar.

Mexendo a mão, ele empurrou-a para cima e tentou arrancar a espuma solidificada da sua cabeça, mas era muito difícil. Ele teve que ativar o SIAC; o computador devia ter-se desligado. Sacudir a mão sobre os botões de

controle, não trouxe resultados.

Sentindo-se muito atordoado para o acionamento manual, um pânico instalou-se, fazendo o seu coração bater como um martelo no seu peito. Quando a encontrou, a substituição não produziu qualquer efeito. Toda a UHTA estava disfuncional.

Soltou um grito da sua garganta, o seu cérebro a rebelar-se contra a claustrofobia que o estava a constringir. Ali, na vastidão do espaço vazio, ele estava preso, imóvel.

Imagens passaram na sua mente... e vozes...ele ouviu vozes.

Alex não fazia ideia de quanto tempo se tinha passado, desde que o objeto desconhecido impactou Macklin Rock, até que ele recuperasse a consciência.

Tinha ouvido essas vozes. A chamar por ele. Ele recusou a convocação, não devido a qualquer decisão consciente de sua parte; ele não estava pronto.

Pronto para quê?

Ele fechou os olhos, mesmo que isso não mudasse a sua visão e esforçou-se para pensar, concentrar-se. Havia um sentimento de leveza nas suas memórias. Leveza, ou luz, ou... ele não sabia. O universo foi-lhe aberto, como um atlas desenhado. Espaço e tempo, não tinham significado nessa luz.

Não. Isso não estava correto. O tempo tinha significado. O espaço tinha significado. Mas depois de passar a luz... *Sim! – depois de passar a luz*, o espaço e o tempo já não tinham significado. *Depois de passar a luz*.

Passado?

Futuro?

Não existiam tais coisas. Ele rejeitou-as.

Não! Algo as rejeitou por ele.

Porque ele não estava pronto.

Pronto para que?

Ele estava a começar a sentir-se tonto, devido à falta de oxigénio. A substituição não produziu nenhuma eletricidade na UHTA, embora devesse, em quaisquer circunstâncias normais. A menos que o que quer que lhes tivesse batido, tenha desligado os conectores solares do núcleo da bateria da UHTA.

Ele tinha que restaurar a energia, ou iria morrer. Lembrou-se dos procedimentos de emergência, que lhe foram repetidos, antes que os seus pais e ele emprendessem a viagem a Macklin Rock. Em caso de acidente, era suposto a cápsula de segurança ter suporte de vida suficiente para o sustentar durante dezoito horas, mais do que o tempo suficiente para o resgate do

orbitador de mineração chegar.

Ele não sabia quanto tempo tinha estado desmaiado, mas, se o nível de oxigénio era um indicador, então ele não teria muito mais tempo. Talvez umas oito ou dez horas.

Veio um flash de pensamentos à sua mente. O seu poder dominou-o.

Ele lembrou-se:

O Sistema Solar apareceu na sua mente, na sua totalidade, como num mapa sobre uma mesa ou como num holograma 3D do Sistema Solar do Museu Espacial, em casa, na TEC.

Um coro de vozes, como anjos ou demónios, começou a cantar. Era uma melodia que o assombrava, um acompanhamento fascinante para as imagens que apareciam na sua mente.

Lembrou-se de uma imagem de Júpiter, o gigante de gás maciço com a grande mancha vermelha, vindo em sua direção, a uma velocidade incrível. Ele tinha estado no seu campo de visão por menos de um segundo, crescendo desde um pequeno ponto, para algo que cobria toda a sua visão e, de seguida, passando por ele a correr, saiu da sua vista. A intensidade da música diminuiu, como vozes a zumbir lá ao fundo. Como a confusão de uma multidão, num salão lotado na Terceira Estação do Canadá.

A música tornou-se mais forte, mais insistente.

Espaço vazio, por mais de meia hora. À medida que a música aumentava, viu Saturno, os seus anéis de partículas de gás, a formar um halo perfeito em torno do seu equador. Apareceu como a segunda imagem mais longa, tal como o seu irmão gasoso, Júpiter. A música ecoou, como a memória de um sonho a dançar para além da consciência.

Passou-se mais ou menos outra hora e ele tinha a sensação de que estava a atravessar a órbita de Urano, embora o gigante de gás fosse menor, difícil de se ver. A música continuou. Noventa minutos depois, ele tinha a certeza de que estava no caminho do menor dos gigantes gasosos, Neptuno, e a sua rota desviou-se abruptamente vinte graus acima da elíptica. Pouco mais de uma hora mais tarde e, mais de cinco horas depois que Macklin Rock inicialmente reagiu, Plutão e o seu primo Caronte apareceram à sua frente como uma rede gigante, apreendendo-o entre as suas órbitas. A canção sofreu uma mudança no timbre e no tom. Era o desenlace da sinfonia.

Agora, as imagens e a música tinham desaparecido, mas ele tinha a impressão permanente de dois planetas pequenos, um em cada lado dele.

O *flash* de pensamentos foi, todo ele, mais como um sonho do que como

realidade, mas agora, a cada vez que fechava os olhos, ele estava certo de que podia ver para além dos limites da cápsula de segurança, para além da UHTA e para além do asteróide.

Por alguma razão inexplicável, ele estava a mais de cinco biliões de quilómetros de distância do Sol.

O pânico instalou-se e ele concentrou-se em manter os olhos abertos. O *pestanejar* apareceu subitamente e ele pôde sentir algo a aproximar-se de Macklin Rock.

Era uma nave espacial. Uma canção diferente disse-lho.

Ele devia estar a delirar. A sua mente estava a brincar com ele. Plutão não estava minimamente próximo do local onde ele estava, que era o Cinturão de Asteróides, é claro... Não era? E a nave que vinha na sua direção era, obviamente, o veículo de resgate. Porque outro motivo, outra nave estaria tão longe da Terra? A única missão de que Alex tinha ouvido falar, era da *Orcus 1*.

Ele lembrou-se de ter lido um *podcast*. Havia uma missão em Plutão, atualmente.

Balançando mentalmente a cabeça, uma vez que não conseguia fazê-lo fisicamente, ele decidiu que estava apenas a imaginar coisas. Muito provavelmente, Macklin Rock tinha sofrido uma colisão com outro asteróide e, o impacto resultante e a subsequente falta de oxigénio, estavam a tornar Alex delirante.

Um barulho alto ecoou através da UHTA e, após um momento, Alex identificou-o como sendo um laser de fissão a cortar a superfície do topo da UHTA. Deve ser a missão de resgate do orbitador.

Alguém estava a ir salvá-lo.

Salivando, para tentar humedecer a garganta seca, Alex gritou: “Estou aqui!”, logo que ouviu o laser parar de cortar e os sons da moagem de polímero a rasgar, quando a equipa de resgate abriu a UHTA.

Foi então que Alex percebeu que, uma vez que todo o ar tinha saído da UHTA, os sons não poderiam viajar no vazio do espaço. A própria cápsula de segurança servia como um invólucro à prova de som. Sem um reforço dos auscultadores septafónicos digitais, as equipas de resgate não saberiam onde ele estava, até que lhe tropeçassem em cima.

Alex fechou os olhos...

... E pode ver no olho da sua mente, as figuras de duas pessoas com fato espacial deslocando-se para baixo, através da abertura da UHTA, até ao piso

da sala principal e os raios suaves das suas lanternas, que percorriam a sala à procura de sobreviventes. A canção tinha regressado à sua cabeça, indistinta, como se ele tivesse baixado o volume. A sua *visão* interna estendeu-se apenas algumas dezenas de metros, para fora da sua cápsula de segurança, ao invés de milhões de quilómetros.

Em pânico, por causa das imagens que ele não era suposto ver, forçou os olhos a abrirem-se. Um *pestanejar* trouxe-lhe uma imagem rápida, que depressa desapareceu, de coisas que ele não deveria ver. Era como um sinal de radar. Ele gemeu de surpresa, com a imagem. Mais quatro *pestanejares*, produziram o mesmo efeito.

Com a repetição, ele foi-se habituando à percepção incomum, mesmo que o seu coração disparasse com as implicações. Todavia, ele achou que nunca se iria conseguir acostumar à canção. Era como se fosse o murmúrio de uma centena de pessoas que falam línguas estrangeiras, e havia uma mensagem imperativa, escondida por detrás da letra sobrenatural.

Na vez seguinte em que ele *pestanejou*, tentou conscientemente expandir o alcance da sua percepção mental. Ele descobriu que via, não só as figuras a aproximarem-se rapidamente do seu cubículo pessoal, mas também a nave que tinha pousado na superfície de Macklin Rock.

Na sua periferia, ele podia ver as imagens de Plutão e de Caronte ao longe, em ambos os lados do asteróide. A canção aumentou novamente, instando-o, advertindo-o, bajulando-o.

Com outro *pestanejar*, ele pressionou o seu alcance até ao limite; ele não podia ver, mas podia *sentir* todos os outros planetas do Sistema Solar, o Sol, a Terra e até mesmo os corpos maiores do Cinturão de Asteróides. A música tomou conta dele e fê-lo sentir-se tão atordoado, que queria vomitar. Mas, de alguma forma, controlou-se.

“O que está a acontecer comigo?” Disse. “Devo estar completamente louco.”

Quando voltou a *pestanejar*, ele tentou ver para além do Sistema Solar, pensando que poderia muito bem aproveitar a percepção sensacional, enquanto podia. Quando ele fosse resgatado e tivesse mais oxigénio, estava certo de que os seus sentidos normais regressariam e iria descobrir que tinha estado sempre no Cinturão de Asteróides.

Para sua leve surpresa, ele não podia *ver* para além da órbita exterior de Plutão. Havia algo a bloquear a sua vista; algum tipo de campo eletromagnético, que impunha um limite para a sua percepção. Se ele

conseguisse esticar os seus ouvidos e selecionar algumas das palavras dessa canção, surgiria a explicação para isso.

Ele balançou a sua cabeça. Então, com a mente a adaptar-se rapidamente à nova, ainda que, delirante percepção, ele tentou diminuir o seu campo de visão tanto quanto pode. Depressa, ele descobriu que podia desligá-lo conscientemente. Um *pestanejar* produziu o mesmo vazio de *visão*, que tinha com os olhos abertos no interior da espuma protetora.

Não ouvia nenhuma música.

Um movimento, na cápsula de segurança, desviou-lhe a mente das suas experiências. A equipa de resgate abriu o recetáculo e, com umas mãos bem mais fortes, arrancou a espuma dele.

A primeira visão que teve, quando a espuma saiu dos seus olhos, foi o movimento de uma luz nítida e intensa. Depois de tanto tempo no escuro, viu manchas a dançar à sua frente, até que a sua visão se habituou.

Alguém pressionou um capacete protetor espacial sobre a sua cabeça e a corrente quente de oxigénio fê-lo desmaiar. Ele respirou profundamente algumas vezes e sentiu as tonturas desaparecerem.

Os sons chegaram-lhe através dos auscultadores septafónicos.

“Alex? Alex? Você está bem? Você consegue ouvir-me?” Era uma voz de mulher.

Alex assentiu. “Sim.” Respondeu, embora as suas palavras saíssem num guincho.

A sua garganta estava seca. Enfiou a língua para fora e tocou num mamilo de plástico dentro do capacete, que se estendeu até à sua boca. Sugou dele um pouco de água e abriu a boca, para deixar a retração do mamilo.

“Eu estou bem.” Disse. “Vocês são a equipa de resgate do Orbitador de Mineração?” Mas ele sabia que não eram.

As duas figuras viraram-se e olharam uma para a outra. Finalmente, a mulher dirigiu-se a ele novamente.

“Sinto muito, Alex, mas não. O meu nome é; Capitã Justine Turner, da *Orcus 1*. Nós estávamos numa missão a Plutão, quando descobrimos a sua UHTA a entrar na órbita do planeta.”

Alex fechou os olhos novamente.

Pestanejou, para alargar o seu campo de visão.

Plutão e Caronte ainda estavam lá, a dez mil quilómetros de distância, de cada lado. O tema familiar do planeta escuro soou nos seus ouvidos; uma partitura musical um milhão de vezes mais intensa do que a obra-prima de

Gustav Holst - « Os Planetas». Holst nunca tinha escrito um tema para Plutão, já que ninguém sabia da existência do planeta escuro, até alguns anos após a morte do compositor. Mas ninguém, por mais genial que fosse, jamais poderia ter produzido uma sinfonia tão espetacular, como aquela que passava na cabeça de Alex, quando ele *pestanejou* para alargar o seu campo de visão.

Era real.

E, então, chegou até ele a realidade da sua situação.

“Os meus pais estão mortos.” Disse em voz alta, mas para si mesmo.

A Capitã da *Orcus 1*, não o estando a ouvir, estendeu a mão e ajudou-o colocar-se de pé. “Você pode vir connosco? A nave está lá fora.”

Alex assentiu com a cabeça e, a pedido do segundo tripulante, vestiu um fato espacial para o proteger da radiação solar que se estendia pelo espaço, mesmo àquela distância do Sol.

Quando eles saíram da UHTA, uma outra figura apresentou-se. “O meu nome é Helen, Alex. Eu sou canadense, tal como você.”

Alex não respondeu, ainda atordoado pela morte dos seus pais.

Uma lágrima percorreu lentamente a sua face, ficando pendurada no queixo por um momento, caindo dele, para depois aterrar na base do seu capacete. Um sensor de humidade na superfície interior desencadeou uma pequena aspiração, que sugou a lágrima, recuperando a gota para dentro do reservatório de água, em torno do capacete.

Alex suprimiu as imagens extra-sensoriais que vieram, quando ele fechou os olhos, e desejou poder fazer o mesmo à dor do seu coração.

**Centro de Eventos da DME:
Ottawa:
Corporação do Canadá:**

Depois de um pequeno-almoço rápido, de frutas cortadas e sumo de laranja, que preparou para si próprio, uma vez que o cozinheiro estava de folga, Michael Sanderson saiu da sua casa, entrou no transporte auto de passageiros e deu o endereço do Centro de Eventos da DME ao computador de navegação.

Durante a viagem de vinte e três minutos, ele examinou a página holográfica de notícias da *Globe & Mail* na TerraNet, lendo os cabeçalhos das notícias e descarregando as histórias que lhe chamavam mais a atenção. O comunicado de imprensa que ele tinha postado na rede da Associated Press, não aparecia em lado nenhum. Ao invés, os serviços de notícias espalhavam boatos de celebridades. As pessoas não estavam interessadas em ciência, elas preferiam ler sobre quem estava a dormir com quem, ou ver os comentários dos colunistas sobre os atores que se estavam a divorciar, ou a fazer cirurgias plásticas.

Michael importava-se realmente com a verdade e, preocupava-se com a qualidade de vida, em todos os quadrantes da sociedade. A melhor maneira de fazer o padrão de vida uniformizar-se, era através da economia. Os recursos naturais da Terra eram tributados até ao limite e a sua exploração era cara.

Eles tiveram que encontrar alternativas dentro do Cinturão de Asteróides. Com o aumento do volume de materiais preciosos, surgiram empregos, riqueza e oportunidades para quem tinha meios para os agarrar. Entregar alguns dólares a uma pessoa comum, não mudava nada. Como o provérbio bíblico dizia; “Dê a um homem um peixe e ele terá comida por um dia.

Ensine um homem a pescar e ele terá comida pelo resto da sua vida.”

Alterando a janela do SRD do transporte auto de passageiros, para regressar à página da *Globe & Mail*, ele pesquisou outros artigos relacionados com o acidente.

As mortes de Gabriel e Margaret Manez foram relatadas, mas não havia nenhuma indicação que a reunião cimeira dessa manhã, entre os Presidentes da EUA, Inc. e da Corporação do Canadá, tivesse sido divulgada. Michael estava agradecido por isso. Eles teriam que lidar com a descoberta do Elemento X e com a recuperação de Alex Manez, com o máximo sigilo. Interferências externas de grupos marginais prejudicariam os esforços da AEC e da NASA para chegar ao final do mistério.

Embora a tradução dos glifos sobre o *Dis Pater*, não significasse nada para Michael, de momento, ele estava feliz por não haver menção de avanço. O público já tinha informação suficientemente selvagem nas suas mãos. Mais notícias só iriam provocar o pânico nas ruas. Por isso, quanto menos pessoas soubessem que os seres humanos não estavam sozinhos no universo, melhor. Pelo menos a curto prazo, até que as empresas estatais pudessem amenizar o golpe.

Ele desligou a janela do SRD, quando o transporte auto chegou ao Centro de Eventos da DME e um apito soou dentro da cabine. Michael saiu do veículo e entrou no Centro, deixando o seu transporte auto continuar até à garagem.

Ao olhar para o relógio dentro do elevador de tubo, Michael reparou que passavam nove minutos da uma da tarde.

Ele encontrou um pandemónio na sala de operações, no sétimo andar.

“O que é que se passa?” Perguntou ele, com os olhos a passar rapidamente pelos monitores. Alliras viu-o e alcançou-o rapidamente a passos largos, com Calbert logo atrás.

“Ele está vivo, Michael!” Disse o Ministro da Energia e Recursos Minerais, com aparente alegria. “É o Alex, Está vivo! Eles encontraram-no.”

“O quê?” Perguntou Michael, incrédulo. Ele tinha esperança na sobrevivência do jovem, mas não acreditava realmente que alguém pudesse aguentar esse tipo de viagem.

“Sim, é verdade! E está perfeitamente bem. Eles estão, neste momento a transportá-lo até à *Orcus 1*, antes de regressarem à UHTA para investigar.”

A digitalizar nos monitores, Michael encontrou rapidamente aquele que fazia a transmissão da NASA para Plutão. Os astronautas tinham

desembarcado em Macklin Rock, descolado a superfície da UHTA como se descasca uma cebola e, naquele momento, estavam a sair pela abertura acompanhados de uma pequena figura, que Michael imediatamente identificou como Alex Manez.

Michael mal podia conter a sua alegria. O seu alívio era palpável.

Alliras entregou-lhe uma pilha de informação. “É o contrato da *joint venture* e um esboço preliminar da Quantum Resources, Inc. É esse o seu nome oficial. É melhor que verifique o contrato, antes de o assinar. Quando identificar itens que o preocupem, informe-me e eu faço circular a informação pela cadeia hierárquica.”

“Ótimo.” Michael virou-se para Calbert. “Envie uma nota para Alex, a dizer-lhe que estamos felizes por ter sido resgatado e que nós estamos a fazer todos os possíveis para o trazer para casa, em segurança. Vou acrescentar uma nota a informá-lo de que recuperámos os corpos dos seus pais e que o seu funeral será transmitido, numa comunicação privada, para a *Orcus 1*.”

“Solicite à Capitã Turner, que execute uma análise física e mental completa de Alex. Eu quero essa e também toda a informação sobre o *Dis Pater*, a *Orcus 1* e sobre Macklin Rock, canalizada para o computador do meu gabinete. Eu vou avaliar este contrato e tudo o que temos de Macklin Rock e da *Orcus 1* até agora e tentar elaborar uma estratégia. Transmitam-me as vossas sugestões, está bem?”

Calbert assentiu. “Eu já apresentei uma série delas.”

“Fantástico. E, Calbert, eu gostaria que você considerasse se quer trabalhar na Quantum Resources, Inc. comigo, ou se prefere ter a minha recomendação para a Vice-Presidência da DME.”

“O quê?” Calbert estava estupefacto com a oferta.

Alliras assentiu. “Se você decidir ficar aqui, também terá a minha recomendação.”

“Você pode escolher.” Acrescentou Michael. “Mas eu realmente gostaria de ter alguém como você comigo, neste novo empreendimento.”

“Eu vou... eu vou... ter que pensar sobre isso.”

“Claro! Faça-me saber, até ao final do dia.”

Virou-se para Alliras “Apetece-lhe tomar um conhaque?”

“Não poderia passar sem ele.”

Juntos, eles deixaram a sala de Operações, confiando na competência de quem estava presente para executar os seus trabalhos, com o melhor da sua competência, sem supervisão.

Foram no elevador de tubo até ao escritório de Michael e, uma vez lá dentro, sentaram-se no longo sofá.

Michael serviu dois copos de conhaque velho e bateram os copos num brinde silencioso, para eventos bem sucedidos.

Estação da Lua:
Lua:
Setor Chinês:

A mais de duzentos mil quilômetros da Terra, na Estação da Lua, um adolescente chamado Klaus Vogelsberg, acedeu a uma ligação pirata da emissão da transmissão da NASA para o SRD do computador de Ottawa da DME e ficou assustado.

Com as mãos trémulas, ele pressionou na central do seu comunicador de vídeo a ligação para o seu superior. Chow Yin Apareceu de imediato no ecrã de comunicações. Apresentava um rosto redondo e sombrio, com sobrancelhas escuras e pesadas de preocupação e de raiva.

Chow Yin tinha recursos para fazer praticamente qualquer coisa que quisesse, dentro da Estação da Lua, com impunidade. Uma dessas ações, temia Klaus, era fazê-lo desaparecer. Klaus não tinha o desejo de se tornar uma estatística anónima.

Ele tinha feito asneira e sabia disso.

“Chefe, você viu a transmissão?” Perguntou Klaus, com a voz embargada. Ele não precisava de resposta, para saber que o outro homem tinha visto a mesma transmissão, num canal para esse fim.

Klaus limpou a garganta e pediu desculpas: “Chefe, eu estou terrivelmente arrependido.”

Era a tarefa de Klaus, monitorizar todas as emissões científicas relacionadas com a Terra, para caça a quaisquer suspeitas de descobertas de novos produtos, elementos ou qualquer tipo de invenção, que pudessem ser de valor no futuro.

Klaus, então, passaria as informações para outro, que rapidamente preencheria formulários de patentes por todo o mundo e tê-los-ia registados

automaticamente no Gabinete de Patentes Mundial, sob empresas de fachada criadas por Chow Yin.

Quando os inventores reais, fossem eles indivíduos ou organizações, comesçassem a processar a papelada para registrar uma patente, iriam descobrir a reivindicação anterior. Nessa altura, Chow Yin e a sua sociedade, venderiam a sua patente falsa à empresa de pesquisa original por uma quantidade de dinheiro ultrajante.

Era uma fraude lucrativa, uma das dezenas, que Chow Yin tinha em execução.

Atualmente, a tarefa de Klaus era monitorizar toda a transmissão de, e para Plutão e, a Missão *Orcus 1*. Era a sua prioridade máxima.

Na noite anterior, Klaus tinha intercetado o ASE de socorro de Macklin Rock, mas não tinha dado importância e não tinha passado logo a informação ao seu chefe. Como é que ele poderia ter imaginado, que um asteróide iria desenvolver espontaneamente, a capacidade de viajar até Plutão, em menos de cinco horas? Foi um descuido que poderia custar a Chow Yin biliões de dólares em verbas de extorsão, agora que as implicações tornavam-se claras.

Com a descoberta do *Dis Pater*, juntamente com a aparente viagem à velocidade da luz, feita por Macklin Rock, Klaus pôde facilmente juntar dois mais dois. As viagens interestelares, estavam agora ao alcance da Terra e Klaus podia ter deixado escapar a tecnologia certa, pelos dedos da sua organização.

Em pouco tempo, a EUA, Inc. e a Corporação do Canadá teriam alienado todas as patentes possíveis. O fato de que Chow Yin iria ficar furioso, era um eufemismo, mas a estranha calma com que ele estava a falar para Klaus, fez o estômago do jovem apertar-se como se estivesse com uma câibra intestinal.

“É claro que está arrependido.” Disse Chow Yin, a verbalizar as suas palavras lenta e metodicamente. “Se você tivesse lidado corretamente com as suas responsabilidades, estaríamos em posição de capitalizar sobre isso agora. Eu não estou a falar apenas de uma recompensa. Se houver um elemento secreto, que é capaz de viajar à velocidade da luz e, se nós o controlássemos, então, poderíamos controlar a totalidade do espaço exterior. Ao invés, não há qualquer possibilidade da Estação da Lua se tornar mais um marco na conquista do Sistema Solar, nem nenhuma menção a mim ou à minha contribuição. A posição global da Estação Interplanetária da Lua, estará completamente minada e tudo por causa da sua flagrante incompetência.”

“Sim, Chefe.” Klaus desviou os olhos.

Chow Yin respirou longa e profundamente e perscrutou o seu jovem protegido, com os olhos predatórios de um tubarão. “Há uma pequena hipótese de ainda podemos sair disto, intactos. É uma longa viagem, de Plutão até casa. Estou errado?”

“Sim Chefe. Quero dizer... não! Você não está errado. É uma viagem longa, talvez até de seis meses ou mais... e repleta de perigos.”

Chow Yin apertou os seus lábios, no que parecia ser um sorriso. “Eu vejo que estamos, mais uma vez, alinhados no nosso pensamento. Afinal de contas, a propriedade é nove décimos da lei, não é assim? Entre em contacto com alguns desses “amigos” que você tem vindo a gabar; e ofereça-lhes o que eles quiserem, para fazerem o trabalho. Eu quero todos os segredos da Missão *Orcus 1* nas minhas mãos, até ao Ano Novo. Se a sorte estiver do nosso lado, vamos sair desta ilesos e muito ricos. Seria uma doce vitória dominar o mundo. Desta vez em primeiro plano, ao invés de nos escondermos atrás do lado escuro da Lua.”

Com isso, Chow Yin cortou a comunicação. Deixou a janela do SRD de Klaus em branco. Passou-se um minuto inteiro, sem Klaus fazer um movimento.

No princípio, a única pista da reação do coordenador à manifestação do seu superior, foi um ligeiro tremor nas suas bochechas. Em seguida, todas as suas emoções transbordaram. Ele deu um murro na mão e amaldiçoou “Maldição!”

Fechou os olhos e respirou fundo. A raiva não iria resolver o seu dilema.

Abriu a gaveta da sua secretária e tirou uma pequena garrafa de *whisky* alemão, que tinha roubado ao seu pai e serviu-se de uma quantidade da profundidade de um polegar, num copo de plástico, que também guardava na gaveta.

Depois de o virar pela goela abaixo, o seu rosto fez caretas com o ardor que o líquido lhe provocou na garganta. Klaus serviu-se de outro e sentou-se durante um longo tempo, com o copo na mão. Se Chow Yin o apanhasse a beber, iria expulsá-lo.

Ele olhou pela janela do seu quarto, para o jardim orgânico e contemplou-o. Estaria ele, a fazer o que era certo? Como poderia a NASA ser tão tola, a ponto de pensar que poderia aproveitar o poder subjacente do universo, nas suas mãos insignificantes? As implicações eram claras para ele. Ele era um estudante de tecnologia e sabia que a comunidade científica considerava viajar mais rápido do que a luz, uma impossibilidade teórica. Eles mantinham

os seus velhos argumentos de sempre e iriam utilizá-los, sempre que houvesse oportunidade, para desacreditar a noção, de que as estrelas estavam dentro do alcance humano.

Klaus sabia agora, que eles bem podiam enfiar as suas teorias nos traseiros. Esse pensamento fê-lo sentir-se melhor. Anteriormente prestigiados como grandes homens, os considerados especialistas, iriam agora esforçar-se para chegar a teorias alternativas, na tentativa de provar que as viagens à velocidade da luz eram reais e, fingir que nunca tinham estado do outro lado da argumentação. Hipócritas.

Ainda assim, sentia um nó no estômago, quando contemplava a sua tarefa. Ele tinha que garantir, que podia contratar alguém para sequestrar a nave espacial da NASA. Mesmo que Klaus o fizesse, Chow Yin iria perceber que ele nunca seria capaz de escapar da autoridade do seu mestre chinês. Klaus estaria, então, tão preso na Estação da Lua, como Chow Yin.

Mas, caso não cumprisse as ordens de Chow Yin, depressa Klaus seria encontrado entre os mortos.

Teria sido melhor, que o seu pai nunca tivesse sido colocado na Estação da Lua. Isso apesar de ser sua obrigação como contratado da Agência Espacial Europeia. Depois, teria sido ainda melhor, se o seu pai nunca tivesse tocado numa gota de álcool. Klaus estremeceu, lembrando-se dos espancamentos que levava do seu pai, quando este estava bêbado.

Ele não tivera escolha; ou fugia de casa, ou sofreria com os abusos. Klaus decidiu fugir e caiu imediatamente na armadilha da rede de bandidos adolescentes, que Chow Yin tinha à sua espera.

A raiva insurgiu-se nele. O seu pai e todos como ele, iriam pagar caro. Chow Yin iria fazê-los sofrer e, Klaus iria tornar esse sofrimento possível.

Com uma determinação renovada, ele abriu uma ligação à sua conta na TerraNet e começou a pesquisar.

Orcus 1 da NASA:
Sistema Solar:

Percurso da Viagem Plutão-Lua:

Excertos do Diário Oficial de Viagem, da Capitã Justine Churchill Turner
– transcrição de voz:

Diário do Capitão - 21 de Agosto de 2090

Confirmando a realidade do súbito aparecimento de Macklin Rock, nós levámos a *Orcus 1* para o asteróide, abandonando as nossas duas missões anteriores, a primeira das quais foi a de explorar Plutão; a segunda, de estudar o objeto alienígena por nós apelidado de *Dis Pater*.

À chegada ao asteróide deslocado, descobrimos o único sobrevivente e resgatámo-lo.

O jovem Alex teve tempo suficiente para se colocar na cápsula de segurança e, para todos os efeitos, chegou ileso. Eu queria realizar um exame físico exaustivo de Alex, para determinar o seu estado de saúde, no momento em que o trouxe para bordo. Há pessoas na Terra, que estão ansiosas para receber esse relatório. Mas, compreensivelmente, Alex declarou-se exausto e a Primeira Imediata Helen Buchanan disse “Se ele se está a sentir bem, então, não há nada que não possa esperar. Quando voltámos a ligar a sua cápsula de segurança, os instrumentos biométricos da mesma, indicavam todas as leituras dentro da escala normal. Vamos configurar uma cama na sala médica e ligá-lo ao eletroencefalograma de inteligência artificial, enquanto ele dorme.

O EEG reportará qualquer anormalidade que ocorra, para o monitor do meu cinto. Eu sei que se eu tivesse passado pelo que ele passou, tudo o que

haveria de querer, seria um batido nutritivo rápido e algumas horas de sono.”

Aceitei a recomendação da Primeira Imediata sobre a matéria médica. Helen configurou uma cama para Alex, deu-lhe uma bebida rica em proteínas e em hidratos de carbono e viu-o cair rapidamente num sono profundo.

Dale, Henrietta, Sakami, George e eu procedemos ao desmantelamento da UHTA. A Helen voltou para o seu posto e continuou a acompanhar a consola de comando. Johan Belcher e Ekwan Nipiwin utilizaram o VTT da nave, para viajarem para o Setor 14 da DME, numa tentativa de obter uma amostra do Elemento X que e, de acordo com os relatórios que recebemos da NASA e da DME, oito horas após a decolagem de Plutão, pode ter sido o catalisador para a jornada incrivelmente rápida do asteróide através do Sistema Solar. Se não encontrarem evidências do elemento, deverão realizar um levantamento espectroanalítico completo de toda a área e recolher uma secção transversal de *espécimes*, para o regresso à NASA.

Adenda:

Eles não encontraram vestígios do Elemento X (eu gostaria que se pudesse chegar a um nome menos misterioso para ele). A análise espectral acabou por se revelar completamente inútil. Os *espécimes* recolhidos por eles, não revelaram nenhuma evidência de ter ocorrido algo desagradável.

Quando a UHTA for carregada para bordo, vamos ter que decolar imediatamente ou perderemos a nossa janela de oportunidade para o fazer. Nesta altura, um dia perdido, poderia significar um acréscimo de duzentos dias de viagem, até chegarmos à Terra.

Ninguém ficaria satisfeito com isso.

Diário do Capitão - 22 de Agosto de 2090

Ocorreu uma coisa estranha esta manhã; algo que, tenho a certeza, que se vai refletir largamente durante a viagem para casa, quando finalmente decolarmos.

O nosso passageiro, Alex Manez, dormiu o resto da tarde de ontem, toda a noite e acordou cedo esta manhã. Helen, que tinha programado o Eletroencefalograma de Inteligência Artificial para a notificar quando Alex acordasse, vestiu-se rapidamente e veio ao meu encontro na sala de refeições, para tomar o pequeno-almoço.

“Ele já deve estar acordado.” Disse-me Helen.

“Ótimo.” Levantei-me e despejei o resto do meu café no recetor de vácuo da nave. “Vamos ver como é que ele está. O Controlo da Missão, na Terra, está praticamente a gritar para ter um relatório sobre Alex.”

“Eu vou levar qualquer coisa para comer e encontro-me consigo lá.” Disse Helen.

Eu queria ter a Helen comigo, por duas razões: em primeiro lugar, porque ela é canadense e eu pensei que isso poderia deixar Alex mais à vontade, por ter uma compatriota lá, ainda que eles sejam de origens étnicas diferentes. Segundo, porque como parte dos requisitos para as funções da Helen, ela tem competências em primeiros socorros e em técnicas médicas rudimentares. A Primeira Imediata é licenciada em enfermagem e está qualificada para lidar com o equipamento de bio-análise. Ela pode fazer diagnósticos e recomendações, geralmente reservadas àqueles com qualificação médica.

Ao entrar no interior da sala médica, alguns minutos antes da chegada de Helen, eu limpei a minha garganta, quando Alex não se virou imediatamente.

Ele estava acordado, vestido e manipulava um estetoscópio. Eu disse: “Bom dia, Alex. Você lembra-se de mim? Eu sou...”

“Sim, claro. Capitã Turner.” Pousando o instrumento, o rapaz de dez anos de idade virou-se e olhou para mim, pela primeira vez naquela manhã. O seu rosto era solene, ilegível. Senti um momentâneo arrepio de apreensão, como se a inteligência por detrás daqueles olhos, tivesse muitos mais anos de idade.

“Bom dia.” Ele era uma amostra de cortesia distante.

“Isso foi um sono e tanto, Sr. Rip Van Winkle.” Comentei, tentando parecer jovial e amigável. “Você já está aqui há algum tempo.”

“Há quinze horas, trinta e dois minutos e dezassete segundos.” Respondeu ele com autoconfiança, num tom que não admitia discordância.

“Ora, está correto. Como é que você sabia?” Comecei a perguntar e depois compreendi a resposta. “O EEG.” Apontei o dedo para o aparelho.

A máquina teria executado um registo de estatísticas acerca de Alex. Batimentos cardíacos, respiração, pressão arterial e todas as fases dos seus períodos de sono e de vigília.

“Onde é que você aprendeu a ler um EEG?” Perguntei e pegando numa cadeira, sentei-me, à espera que a Helen chegasse com o pequeno-almoço.

Alex encolheu os ombros, mas não respondeu.

“Acho que não é assim tão difícil de descobrir.” Disse eu. “Você deve ter talento para os computadores e essas coisas.”

Encolheu os ombros, novamente.

“Bem, se você tem vocação para a tecnologia, irá seguir os passos dos seus pais, quando for mais velho e se juntar ao Departamento da Agência Espacial Canadiana?”

“Os meus pais estão mortos.” Foi a sua resposta pura e simples.

Sem palavras, eu fiquei ali num silêncio atordoado, à medida que Alex se sentava calmamente na cama, cruzava as mãos no colo e olhava para mim, com uns olhos que revelavam uma experiência antiga.

Desejei ardentemente que Helen chegasse e aliviasse o meu desconforto. Podia ser que, com uma compatriota, talvez Alex fosse mais caloroso. Era ridículo, mas este rapaz intimidava-me.

Inspirando profundamente, eu fechei os olhos e recompus-me. Lembrei-me do meu treino avançado em liderança. Eu queria manter a minha postura e não ser intimidada por uma criança.

“Bem, Alex. Como é que você chegou a essa conclusão?” Em acordo tácito com a Helen, eu tinha-me absterido de informar Alex da morte dos seus pais.

“Não é uma conclusão, é um fato. Eles estão mortos.”

Esforcei-me para encontrar uma resposta. “Como é que você se sente acerca disso?”

“Como é que você acha que eu me sinto?” Ele retrucou.

“Eu não sei. Você parece-me ser uma pessoa muito especial. Está coreto: os seus pais não sobreviveram, Alex. Lamento, ter que lhe confirmar isso. Eles estavam fora da UHTA, na superfície do asteróide, quando...”

“Quando o asteróide se deslocou aqui para Plutão, próximo à velocidade da luz.”

“Como é que você sabe essas coisas todas?” Perguntei.

“Eu estava lá. Era um pouco difícil ignorar isso.”

Eu tive que respirar profundamente e reunir os meus pensamentos. “Você sente-se triste pelos seus pais, Alex?”

“Claro.”

“Parece-me que você está a reagir a tudo isto, muito bem. Ou isso, ou está a esconder de mim as suas emoções. Você não tem que o fazer, Alex. Eu sou sua amiga.”

Alex não respondeu a isso.

“Está tudo bem em deixar sair as suas emoções, Alex. Se quiser chorar, deve chorar.”

“Obrigado pela oferta, Capitã Turner, mas eu estou bem.”

Ele estava a ser irritantemente educado. Se não fosse pela pena que sentia pela sua situação, eu teria tido vontade de o esbofetear, apenas para o levar a demonstrar alguma emoção, ou até mesmo raiva.

Qualquer outra coisa que eu pudesse ter-lhe dito, ficou suspensa, quando a porta hidráulica se destrancou e se abriu para revelar a entrada de Helen, a segurar uma grande travessa com comida nas suas mãos. Cheirava maravilhosamente.

Helen sorriu para Alex. “Pequeno-almoço. Eu espero que você goste de ovos, torradas e sumo de laranja.”

“Sim. Muito obrigado.” Respondeu ele, olhando ansiosamente para a comida. Era o primeiro sinal de qualquer emoção no rapaz, esta manhã. Portanto, ele era humano, pensei eu ironicamente. Não era um extraterrestre disfarçado ou que mudava de forma.

“Que um café, Capitã?” Helen ofereceu-me um copo. “Adoçante e natas não-lácteas.”

“Obrigado, Helen.”

“Não tem de quê.” Ela virou-se para Alex. “Como está a sentir-se hoje? Você teve um bom período de descanso.”

“Estou bem.” Murmurou ele, em torno da crosta da torrada, que tinha mordido com avidez.

Helen disse: “Eu gostaria de lhe fazer alguns testes biodiagnósticos, um pouco mais complicados do que o eletroencefalograma a que o liguei ontem à noite, se não se importar?”

Alex encolheu os ombros, concentrado na sua refeição.

A expressão da Primeira Imediata mudou para uma de confusão e ela soltou um pequeno suspiro, enquanto inspecionava a máquina EEG.

“O que é que se passa?” Perguntei.

Antes de responder, Helen iniciou a interface do EEG e começou a digitar uma sequência de teclas de função, fazendo surgir diferentes esquemas e gráficos na tela digital.

“Nada.” Respondeu Helen finalmente, com a voz cheia de preocupação. “Não há absolutamente nada, registado no EEG!”

“O que é que você quer dizer com isso? Estava ligado até há alguns minutos atrás! Eu vi as luzes!”

“Oh, a máquina está ligada, mas parece que esteve ligada a uma parede. Não gravou nada, durante toda a noite.” Ela olhou para os cabos ligados a Alex, como uma coleção de cordões umbilicais. “Talvez eu o tenha ligado

mal.”

“Então como é que ele a alertou, de que Alex se tinha levantado?”

“Bem, ou há alguma coisa errada com as ligações, ou... Alex, você esteve a brincar com este EEG?”

Ele tirou a atenção dos seus ovos e balançou a cabeça.

“Não lhe toquei.”

“Não está a funcionar. Se tinha dados, estes já desapareceram.”

Encolhendo os ombros, como se isso não fosse nenhuma surpresa, ele disse: “Eu poderia ter-lhe dito isso.”

Tanto Helen como eu, parámos de olhar para o monitor de interface do EEG e olhámos fixamente para Alex.

“O que é que quer dizer com isso?”

“Que o EEG não está a gravar nada. Não é óbvio?”

Eu coloquei as minhas mãos na cintura. “Então, como é que você sabe há quanto tempo é que estava a dormir, tão precisamente, até ao último segundo?”

“Eu não estava a dormir.” Respondeu ele. “Eu estava no quarto há quinze horas, trinta e dois minutos e dezassete segundos, quando você chegou.”

“O quê?”

Para ele saber a informação indicada, ou ele tinha uma obsessão pelo tempo e mantinha o relógio sob um meticuloso controlo, ou a marcação do tempo chegava-lhe facilmente, como uma segunda natureza. Eu já tinha ouvido falar de pessoas que poderiam dizer a hora do dia, até o minuto mais próximo, sem olhar para um relógio ou mesmo a olhar para a posição do Sol. Era como se uma pessoa tivesse um relógio interno, que a faria acordar todos os dias à mesma hora. Talvez Alex fosse uma dessas pessoas.

Helen ignorou a questão do tempo e agarrou no seu estetoscópio, arrastando uma unidade de bio-análise móvel que estava num canto. “O que quis dizer com essa de você não estar a dormir? Insónia?”

Alex encolheu os ombros. “Acho que sim.”

“Será que você não conseguiu dormir, mesmo nada?”

“Não.”

Helen trouxe a unidade de bio-análise e ligou-a. A luz indicadora e a tela, mostravam que o instrumento estava operacional. No entanto, quando Helen passou os recetores vitais em Alex, não apareceu nada no monitor.

“Isto é estranho.”

Rapidamente, ela reiniciou a máquina e passou o recetor em mim. A minha

frequência cardíaca, a respiração, a temperatura corporal e as medições de pressão arterial sistólica e diastólica apareceram, ao lado de um gráfico de ondas cerebrais e de uma microimagem dos meus principais órgãos e das suas estatísticas. Era semelhante a um EEG, mas tinha muitas funções avançadas e poderia diagnosticar praticamente todas as doenças conhecidas. Todas as minhas leituras, estavam cem por cento dentro da normalidade e os meus níveis de microrganismos, mostravam-se satisfatórios. Eu era o retrato da saúde.

Helen reiniciou o aparelho, tentou em Alex novamente e continuou sem obter nenhuma leitura.

“Que diabos?” Amaldiçoou a Primeira Imediata. Ela virou-se e olhou para Alex. Colocando o estetoscópio nos seus ouvidos, ela indicou ao rapaz que queria ouvir a sua frequência cardíaca.

“Normal.” Relatou ela. “Por alguma razão, a máquina não está a funcionar; e nem o EEG.”

Eu debrucei-me sobre eles. “O EEG estava a trabalhar na noite passada, quando ligou os recetores a Alex?”

“Sim. Essa é a parte mais estranha de tudo isto. Não há sequer um registo dos primeiros minutos, depois que o liguei a Alex. Eu tenho a certeza de que verifiquei, antes de sair.”

Virando-me para Alex, eu falei com uma voz mais autoritária. “Então, Alex, você está a mentir? Andou a brincar com estas máquinas? Elas são peças de equipamento caras e não brinquedos.”

Depois de ter terminado o seu pequeno-almoço, Alex voltou para a cama e olhou-me com um olhar impassível, que me provocou um arrepio na espinha. “Eu já lhe disse, eu nunca lhes toquei.”

“Não sei que tipo de brincadeira é esta que está a fazer, mas...”

Antes que eu pudesse terminar a minha declaração, Alex olhou para a máquina de bio-análise. Houve um sinal sonoro e o aparelho, subitamente, voltou à vida.

Helen correu para o monitor. “As suas leituras são normais. Os padrões de ADN correspondem; não há nenhum sinal de engano. O que é que isto significa?” Perguntou ela, com sua paciência habitual a começar a esgotar-se.

Alex, com um aceno de compreensão com a cabeça e o esboço de um sorriso, olhou para a máquina de bio-análise novamente. As leituras começaram oscilar, passando o espectro normal. A sua temperatura corporal subiu dez graus; a sua frequência cardíaca aumentou para os cem batimentos

por minuto; a sua taxa de respiração caiu para uma por hora; a sua pressão arterial estava acima dos limites; e a unidade começou a diagnosticar Alex, com todas as doenças conhecidas da humanidade.

“Que raio se passa?” Gritei eu.

Mais uma vez, Alex olhou para a máquina e todas as leituras desapareceram. A unidade desligou-se.

“O que é que você está a fazer?” Perguntou Helen, com os olhos arregalados e o seu rosto a registar pura descrença.

Mais uma vez, Alex encolheu os ombros. “Nada importante.” E não respondeu a mais perguntas sobre o assunto.

Diário do Capitão – 23 de Agosto de 2090

A UHTA e todos os equipamentos da AEC, foram carregados a bordo da *Orcus 1* e estamos a preparar-nos para deixar o asteróide e começar a nossa viagem para casa. Eu programei o voo, para começar amanhã de manhã cedo, às 05:59 horas Orientais. Devemos levar cento e quarenta dias para chegarmos à Estação da Lua. A enorme força gravitacional do Sol vai aumentar a nossa velocidade mais de trinta kps, acima da nossa velocidade média de quando chegámos a Plutão.

O nosso jovem passageiro, Alex, exhibe um comportamento altamente anti-social, embora a Helen me assegure de que a reação à sua situação e à perda dos seus pais, não seja incomum. Ela recusa-se a especular, sobre os acontecimentos de ontem de manhã.

Da minha parte, vou observar Alex, cuidadosamente.

Quando estivermos em voo a descer em direção à Terra, a trezentos e vinte e quatro kps, irei transmitir o primeiro relatório em ASE para a Terra. Eu não estou certa se devo incluir já as minhas considerações sobre Alex, ou esperar até ter mais informações.

Diário do Capitão - 30 de Agosto de 2090

Passaram nove dias desde o resgate de Alex e oito, desde que o menino revelou um tipo de capacidade kinemética eletropática com o EEG e com as unidades de bio-análise. Desde então, ele não demonstrou que a capacidade tenha permanecido, ou que os acontecimentos de 22 de Agosto tenham já ocorrido anteriormente. Os exames médicos não revelaram nenhum resultado fora do comum e, no que se refere às leituras técnicas, Alex é perfeitamente

saudável.

No interrogatório, ele negou qualquer conhecimento de que ocorreram as anomalias com a unidade de EEG e de bio-análise. Embora persista com o seu comportamento estranho daquele dia. Ele recusa-se a participar em qualquer discussão ou atividade de lazer, com a equipa de ciência ou de comando da tripulação e só sai do seu compartimento improvisado na sala médica, para as refeições.

Tanto Helen como eu, concordámos em não incluir as nossas observações nos nossos relatórios e em manter uma vigilância clandestina sobre o jovem Alex, para observar, caso ele repita os seus feitos. Mesmo quando está sozinho, ele não faz experiências com as suas habilidades. Todos os monitores da sala médica mostram imagens normais e estáveis. Não ocorreram mais falhas, em qualquer outro equipamento eletrónico a bordo da nave.

Diário do Capitão - 14 de Setembro de 2090

Embora as duas últimas semanas, tenham sido gastas a analisar a UHTA e o seu conteúdo, não encontramos nenhuma evidência que prove, de uma forma ou de outra, o que aconteceu exatamente no Cinturão de Asteróides.

O que é que fez com que Macklin Rock alcançasse a velocidade da luz? Porque é que parou a sua deslocação, quando entrou no campo orbital de Plutão e Caronte? Obviamente que o término da viagem do asteróide, tem algo a ver com o artefacto *Dis Pater*.

Mas o quê? Permanece o mistério.

Recebemos mais um ASE da NASA, a informar-nos de que eles criaram uma parceria de *joint-venture* entre a EUA, Inc. e a Corporação do Canadá, para estudar o Elemento X, o *Dis Pater* e a possibilidade de repetir a viagem à velocidade da luz.

A Quantum Resources, Inc. confirmou o reputado Michael Sanderson, ex-Vice-Presidente da Divisão de Mineração Espacial da Corporação do Canadá, o qual eu nunca conheci, para a sua direção.

Com ele no comando, a empresa conjunta recolheu, conferiu e documentou agressivamente, todos os aspetos dos eventos relativos ao seu âmbito. Todos os relatórios que enviamos para a NASA (informou-nos o ASE), serão copiados e encaminhados para a sede da Quantum Resources, Inc. em Toronto, no Canadá.

Temos instruções para, aquando da chegada à Estação da Lua, entregar a

UHTA, todos os materiais encontrados no interior da unidade e um relatório completo sobre todos os nossos achados, aos funcionários da Quantum Resources, Inc. que se reunirão a nós na estação. Haverá também um representante lá, que irá encarregar-se do jovem Alex e escoltá-lo de regresso à Corporação do Canadá.

Até agora, Alex não mostrou a menor inclinação para repetir os seus notáveis feitos de cinemética eletropática, nem reconheceu que já os tenha realizado, ou ainda, que mantém essa capacidade.

Eu decidi não incluir ainda qualquer observação, nos nossos relatórios para a NASA e para a Quantum Resources, Inc..

Quando chegarmos ao Controlo da Missão, na NASA, eu vou entregar este diário ao Diretor William Tuttle e confiar na sua discrição e decisão, sobre tornar Alex um objeto de estudo, ou relatar as minhas observações à Quantum Resources, Inc. Não há qualquer má intenção na minha decisão, simplesmente não desejo que recaia sobre Alex, qualquer escrutínio psicológico e científico a mais do que o necessário. Além disso, não tenho a certeza se as minhas observações são do âmbito da Quantum Resources, Inc..

Diário do Capitão - 29 de Outubro de 2090

Na sala médica, como em cada estação científica a bordo da *Orcus 1*, há câmaras instaladas para documentar todas as experiências para estudos posteriores. De modo algum, eram câmaras projetadas para fins de segurança, por isso, foi com alguma trepidação que eu programei o computador para ligar as câmaras na sala médica e deixá-las a gravar o ambiente durante a noite.

Esta atitude foi motivada por uma revelação da Primeira Imediata Helen Buchanan, ontem de manhã. Ao encontrar-me a sós, durante alguns momentos, ela indicou as suas preocupações.

“Eu acho que Alex ainda não dormiu, desde que chegou a bordo da nave.” Disse ela.

“O quê?”

“Você lembra-se de ele dizer que não dormiu, naquela primeira noite?”

“Sim.”

“Eu pensei que era apenas ansiedade, um leve caso de insónia. O que, com tudo o que ele tinha passado, não era de estranhar. Ao fim de alguns dias, como ele não se queixou acerca disso e, uma vez que ele parecia ter sempre a aparência de quem descansou o suficiente, isso não voltou a passar-me mais

pelo pensamento.”

“E o que é que a leva a crer que ele está acordado, há já para aí uns dois meses?”

Helen murmurou. “Não é habitual da minha parte, mas eu deixei a unidade de bio-análise ligada, na noite passada na sala médica. Quando fui ver esta manhã, ela tinha guardado no seu banco de memória, um registo de doze horas do único ser vivo que estava dentro do quarto; Alex. Quando ele saiu para o pequeno-almoço, eu acedi aos dados e está provado conclusivamente que, embora permanecesse inativo por algumas horas, ele nunca conseguiu atingir o estado *alpha*, quanto mais o sono REM. Ao fim de algumas horas, houve uma ausência de leituras, indicando que talvez ele tivesse deixado o quarto. Pouco antes das cinco horas da manhã, ele regressou ao quarto e esperou até que eu chegasse.”

“Eu estava curiosa para saber o que é que ele tinha feito a noite toda e então fiz uma rápida investigação.”

A minha mente corria em doze direções diferentes, questionando o que tudo aquilo significava. Pedi-lhe para continuar: “O que é que você descobriu?”

Helen inclinou a cabeça por um momento, antes de continuar. “Ele acedeu às nossas principais bases de dados do computador. Embora tenha conseguido esconder a sua identidade, de quaisquer arquivos de dados por ele utilizados ou armazenados, ele não sabia que cada vez que um arquivo ou documento é aberto, o medidor de utilização do arquivo aparece no monitor de bordo. Ao longo dos últimos dois meses, Alex acedeu ao computador principal todas as noites. Sei que tem sido ele, desde que, discretamente, questionei a equipa de ciência e ninguém tem qualquer conhecimento de utilizar as máquinas durante a noite, exceto em algumas raras ocasiões.”

“Obrigado, Helen. Não diga nada a Alex. Muito provavelmente vai negá-lo. Deixe-me tratar disso.”

O seu alívio era palpável. “Apenas pensei que você deveria saber. Vou sair para executar as minhas interações de rotina com o sensor de provisões.”

Diário do Capitão - 30 de Outubro de 2090

Helen estava correta. Alex não dormia.

Quando eu assisti à gravação da câmara, mais tarde nessa manhã, fiquei chocada ao ver que por volta das 20:00 horas, quando todos já tinham terminado o seu jantar e já se tinham recolhido, quer para os seus próprios

quartos ou para o cubículo recreação, Alex, como era do seu hábito, dirigiu-se para a sala médica.

Para minha grande surpresa, ele deitou-se na cama e olhou diretamente para a câmara, situada na esquina da pequena sala.

Durante quinze minutos eu observei-o, enquanto ele olhava diretamente para mim. Eu tive que me lembrar, que era apenas uma gravação.

Eu avancei com a gravação, mas a imagem na tela não mudou.

Passaram-se horas e até às 06:00 desta manhã, Alex não se moveu do seu lugar na cama, nem parou de olhar para a câmara.

Precisamente às 06:00h, quando o sinal sonoro da nave indicou que era hora de levantar e de tomar o pequeno-almoço que estava a ser preparado pela Inteligência Artificial na sala de refeições, Alex levantou-se da cama, deu um passo ou dois na direção da câmara e disse.

“Tenha um bom dia, Capitã.” Disse ele para a câmara e saiu da sala.

Lembro-me de que, no pequeno-almoço, Alex estava a sorrir furtivamente para mim, embora na época, eu não tenha prestado atenção. Ele sabia, de antemão, que eu estava a aceder às gravações da câmara.

Há alguma coisa que não está bem, com o jovem Alex Manez.

Não me parece que ele fosse assim, antes do incidente de Macklin Rock. Ele mudou de alguma forma fundamental, que eu não consigo compreender. Embora ele não tenha mostrado malícia em direção à tripulação, à nave, ou a mim, estou a começar a sentir medo do rapaz.

Diário do Capitão - 25 de Dezembro de 2090

É dia de Natal. Helen e eu temo-nos revezado no comando, para que pudéssemos desfrutar das festividades a bordo. Toda a viagem foi longa e todos nós já nos conseguimos imaginar no conforto das nossas próprias casas, pela primeira vez, em mais de um ano. Especialmente agora, que começámos as nossas manobras de travagem agressivas desde que passámos dentro da órbita de Júpiter e estamos a aproximar-nos rapidamente do Cinturão de Asteróides.

É enervante pensar que a viagem de ida, levou a Alex e ao seu asteróide aproximadamente cinco horas e, nós levámos quatro meses, a cobrir dois terços da distância.

Isso confunde a nossa imaginação. E pensar que a viagem à velocidade da luz, poderá estar ao nosso alcance! Uma viagem ao Sistema de Centauri, levaria pouco mais de quatro anos, em vez de cinco mil, nos atuais níveis

tecnológicos. Pergunto-me, o que é que esse avanço vai significar, em termos do impacto socioeconómico, sobre os nossos companheiros humanos.

A cada hora, nós aplicamos um impulso do foguete travão, baixando a nossa velocidade um quilómetro por segundo. Nas velocidades atuais de mais de trezentos kps, a *Orcus 1*, simplesmente passaria pela Lua num abrir e fechar de olhos. Durante as próximas duas semanas, vamos ter diminuído nossa velocidade para menos de cem kps.

Incomoda-me que Alex não tenha participado, sequer, na nossa celebração do Natal. Ele não superou as suas tendências anti-sociais e manteve-se na sala médica, durante as horas de vigília. À noite, ele continua a aceder aos nossos arquivos de computador principais.

Pouco depois de descobrir as suas incursões noturnas, eu pedi a ajuda de Dale Powers, um génio em todas as coisas técnicas, para desenvolver um programa de vigilância para listar, por nome, todos os arquivos acedidos na *Orcus 1*. Eu descobri, que Alex nunca acedeu ao mesmo arquivo de informação duas vezes. Neste momento, ele já leu perto de oitenta e nove por cento das informações armazenadas a bordo da *Orcus 1*, incluindo as matrizes de armazenamento de dados da equipa de ciência. Quando pousar na Lua, ele já terá acedido a todos os arquivos contidos nas bases de dados a bordo da nave.

Estimo que, se ele reteve, ainda que só uma fração do que leu, então, já vai estar a saber mais sobre o espaço exterior e a ciência, do que qualquer um dos seis membros da equipa de ciência.

Eu perguntei-lhe o que é que ele estava à procura, esperando que ficasse chocado por sabermos que ele estava a ler os nossos arquivos. Era a minha vez de ser surpreendida, quando ele respondeu. “É muito aborrecido estar aqui, se não for assim.”

“Você acedeu a leituras técnicas, gráficos, arquivos de ciência complexa e arquivos criptografados. Certamente que não os entende! Você tem apenas dez anos de idade!”

Pela primeira vez, nas nossas discussões, ele foi franco: “No começo sim. Era difícil entendê-los. Mas, depois de algum tempo, eu comecei a perceber.”

“Perceber! Eu não conseguia resolver com as duas mãos, uma lanterna e um mapa, mais de metade dessas informações. A maioria das pessoas, dava uma vista de olhos em alguns dos manuais básicos da NASA e ficava com uma enxaqueca permanente. Eu tive que ter aulas de cálculo telemétrico duas vezes, antes de conseguir entender só os fundamentos.”

“Eu sei; eu também li os seus arquivos pessoais.”

“Oh.” Durante algum tempo, eu fiquei demasiado atordoada, para formar uma resposta coerente. “Não me diga, que você consegue lembrar-se de todo aquele jargão técnico e científico.”

Ele sorriu, orgulhoso. “Cada palavra.” Depois provou-o ao citar, palavra por palavra, o manual de cálculo telemetrónico da *Orcus 1*. Eu estava boquiaberta, mas tinha que saber.

“E o que é que você vai fazer com toda essa informação?”

A sua resposta foi tão enigmática, quanto eu poderia imaginar. Mais tarde pressionei-o, mas ele não me quis explicar.

O que ele disse foi: “Eu tenho que descobrir o que eles estão a dizer.”

“O quê? Quem está a dizer?”

Ele virou-se para mim e disse: “Os planetas.”

Orcus 1 da NASA:
Sistema Solar:
Percurso de Viagem Plutão-Lua:

Monitor de Segurança de ASE: (Ponte de Comando)

10 de Janeiro de 2091

Das 15:11:27 horas PM Orientais às 15:17:13 horas PM Orientais

03:11:27

A imagem do ASE mostra a ponte de comando da *Orcus 1*.

03:11:27

A Capitã Justine Turner está presente na monitorização da cadeira de comando, a Primeira Imediata Helen Buchanan está no leme e Dale Powers (astronavegação) na navegação.

03:11:27

A atividade é mínima.

03:11:35

O diário de bordo indica a implementação de rotina do procedimento de reduzir a velocidade, na expectativa de atingir uma órbita solar adiante à órbita da Terra, aos 58,154 kph.

03:11:58

Proximidade de sons a buzinar.

03:11:59

Aumento da atividade.

03:12:02

Capitã Turner: O que raio é aquilo? Dê-me uma imagem, imediatamente!

03:12:04

Dale Powers ativa o sensor de ampliação óptica de longo alcance, da navegação.

03:12:04

Os cálculos da trajetória aparecem no ecrã do computador do leme.

03:12:13

Dale Powers: eu não consigo obter uma imagem fixa. Estou a trabalhar nisso.

03:12:15

Helen Buchanan: está a aproximar-se a 102% da velocidade atual; com impacto em dez minutos e doze segundos, agora!

03:12:19

Capitã Turner: Não me diga, que temos outro asteróide furioso a deslocar-se!

03:12:20

George Eastman e Sakami Chin entraram na sala.

03:12:21

Alex Manez estava na porta para a ponte de comando, a observar.

03:12:23

Sakami Chin: O que diabos está a acontecer?

03:12:25

Helen Buchanan: Negativo, Capitã! Não é um asteróide. O *doppler* magnético indica que é uma nave. Os sensores também leem as emissões do escape.

03:12:27

George Eastmain: O que é que você disse? Uma nave?

03:12:32

Dale Powers: Afirmativo. Nós temos uma imagem; não é muito grande a esta distância, mas você pode ver que é algo artificial, a vir na nossa direção.

03:12:35

George Eastman e Sakami Chin correram para os seus postos.

03:12:58

Helen Buchanan: Eles não estão a responder às comunicações. Eu já iniciei as transmissões de SOS e de advertência e, eles não estão a responder a nenhuma delas!

03:13:30

Capitã Turner: Dale, você pode verificar a trajetória? Está a vir na nossa direção de propósito, ou é apenas uma coincidência estranha?

03:13:48

Computador de navegação a executar testes de simulação, com as variáveis introduzidas por Dale Powers.

03:13:49

Helen Buchanan: Eu já confirmei as instruções de emergência do computador, para enviar um ASE ao vivo para a Terra, em alimentação contínua.

03:13:58

Dale Powers: Confirmação da trajetória. Eles estão definitivamente a vir na nossa direção, em rota de colisão.

03:14:01

Capitã Torcer: Raios! (pausa) Helen! Eu sei que esta nave não foi projetada para manobras evasivas, mas eu recomendo efusivamente que sugira alguma coisa. Tire-nos daqui, Helen! Dale, você consegue captar alguma coisa nas imagens, que nos possa ajudar? Identifique o objeto!

03:14:12

Johan Belcher, Ekwan Nipawin e Henrietta Maria chegaram e ao verem a nave a aproximar-se, na janela principal do monitor, correram rapidamente para os seus postos. A Capitã Turner vê Alex entrar e faz-lhe sinal para ele ficar onde está.

03:15:01

Dale Powers: Negativo na identificação das marcas, Capitã. A forma do objeto é desconhecida. Não é da NASA ou da AEC.

03:15:05

Johan Belcher: A AEE também não tem nada parecido com aquilo.

03:15:08

Ekwan Nipawin: Não é japonês. Parece privado.

03:15:10

Capitã Turner: O quê? Você está a tentar dizer-me...?

03:15:12

Ekwan Nipawin:...Que os piratas não terminaram nas Caraíbas. Simplesmente evoluíram. Digo que estamos a ser atacados por piratas. E, se você considerar a informação que temos a bordo desta nave, não é de admirar.

03:15:34

Alex Manez sai da porta da ponte de comando, despercebido.

03:15:35

Capitã Turner: (balança a cabeça) Como é que eles sabiam! Ninguém, nesta nave, vazou nenhuma informação!

03:15:40

Dale Powers: Pode ter sido qualquer um, em qualquer uma das nossas agências. Existem dezenas de pessoas, que têm acesso a informações do governo. Sem mencionar os *hackers*, é claro. Ou os outros governos. Quando se coloca tudo na balança, concordo com Ekwan; não é exatamente uma surpresa. Devíamos ter previsto algo do género.

03:15:45

Capitã Turner: Previsto? Nós não somos uma nave militar! Somos uma nave científica! Este tipo de coisa, não é suposto acontecer!

03:15:48

George Eastmain: Se é suposto acontecer ou não, eu acabei de ver no sensor de radar, uma leitura do casco da frente daquela nave. É um abre-latas!

03:15:53

Capitã Turner: Um quê?

03:15:54

Ekwan Nipawin: A frente da nave é um espigão, que perfura o casco da nave da vítima, ao mesmo tempo que insere uma garra reversa, que vai arrombar o nosso casco como uma lata de sardinhas.

03:16:03

Capitã Turner: Você quer dizer, que eles nos vão calcar?

03:16:05

Ekwan Nipawin: Sim. Além disso, se nós não vestirmos os nossos fatos espaciais, ficaremos rapidamente sem ar e sem pressurização.

03:16:11

Capitã Turner: Raios e maldição para isto tudo! Helen!

03:16:21

Helen Buchanan: Desculpe Capitã. Na velocidade atual, qualquer alteração drástica de curso, irá despedaçar-nos.

03:16:26

Capitã Turner: Quanto tempo até ao impacto?

03:16:28

Helen Buchanan verifica trajetória no computador, solicita confirmação.

03:16:39

Helen Buchanan: Colisão em cinco minutos, doze segundos... agora.

03:16:42

Capitã Turner: Está bem. Toda a gente a vestir os fatos. Se eles querem a maldita nave, que fiquem com ela. Dale, você pode apagar todos os principais ficheiros do computador?

03:16:47

Dale Powers: Afirmativo... inserindo códigos de comando, agora.

03:16:50

Capitã Turner: Helen, proceda à ejeção de tudo do compartimento de carga, eles que corram atrás da UHTA e de tudo o resto, daqui até à eternidade. A tripulação vai para as cápsulas de segurança.

03:16:59

Dale Powers: Todos os arquivos não essenciais, foram apagados. Confirmado. Todos os arquivos essenciais à espera do código de comando, para serem apagados.

03:17:00

George Eastman, Ekwan Nipawin, Henrietta Maria e Johan Belcher deixaram os seus postos e dirigiram-se para as cápsulas de segurança.

03:17:03

Capitã Turner: confirmação de impressão de voz: Capitã Justine

Churchill Turner, *Orcus 1*. Código de Segurança: alfa-alfa-alfa-zeta-alfa-peru-galinha-rato. Eu nunca tenho tempo para a mudar.

03:17:09

Helen Buchanan: a UHTA e a carga foram ejetadas, Capitã.

03:17:10

Dale Powers: Todos os arquivos essenciais, foram apagados. Sistemas principais a desligar-se.

03:17:13

Capitã Turner: Bem, agora vocês dois, dirijam-se para as vossas cápsulas de segurança. (vira-se)

03:17:20

Onde está Alex!?

***Orcus 1* da NASA:
Sistema Solar:
Percurso de Viagem Plutão-Lua:**

Pela primeira vez, em meses, desde que percebeu que os seus pais tinham morrido, Alex estava realmente assustado. Petrificado, seria uma palavra melhor, mas a sua semântica ultrapassava-o mesmo ali.

Ele tinha sentido a aproximação da nave, minutos antes dos sensores da *Orcus 1*, terem alertado a tripulação de comando para a sua presença. Inicialmente, ele pensou que era apenas uma nave de encontro, previamente combinado pela NASA ou pela AEC, mas quando as sirenes tocaram, a sua curiosidade e confusão tinham-no atraído para a ponte de comando, onde ele soube a verdade.

Piratas.

E Alex não tinha ilusões de que o seu objetivo, não era mais do que sequestrá-lo. Familiarizado com a TerraNet, Alex sabia que nenhuma informação no mundo estava segura. Alguém deve ter *hackeado* as transmissões da *Orcus 1* da NASA e juntado as peças. Eles sabiam que Alex estava vivo e, era potencialmente, a chave para as viagens à velocidade da luz.

Uma mercadoria valiosa, para dizer, no mínimo.

Foram necessários três minutos para o descongelamento dos seus músculos paralisados. Quando a Capitã soubesse que a iminente colisão entre as naves, destruiria a *Orcus 1*, todos receberiam ordens para se deslocarem para as suas respetivas cápsulas de segurança. Eles iriam ejetar as cápsulas de segurança da tripulação, antes do impacto e a nave pirata iria alterar o curso em busca de cada cápsula, à procura de Alex.

Mas ele não estaria entre eles.

Existiam cápsulas suficientes para a tripulação original. Ele tinha a certeza, de que ninguém teria a presença de espírito para pensar na sua sobrevivência e, mesmo que alguém lhe oferecesse uma cápsula em seu lugar, ele não a aceitaria. Ele tinha outra coisa em mente.

Correu para a sua velha cápsula de segurança da UHTA, no compartimento de carga. Era a sua única hipótese. O procedimento padrão ditava que todas as cápsulas deveriam estar sempre totalmente carregadas; e isso incluía também a da UHTA. Embora nenhum dos tripulantes da *Orcus 1*, tivesse pensado em recarregar a cápsula, Alex tinha levado essa tarefa a cabo numa noite, algumas semanas atrás. Tinha sido uma tarefa simples, depois de aceder aos arquivos dos POPs (procedimentos operacionais padronizados) das principais bases de dados do computador.

Ele congratulou-se, pela sua premeditação.

Levaria aos piratas horas ou até mesmo um dia inteiro, para caçar as cápsulas de segurança da *Orcus 1*, apenas para descobrir, que a sua presa não estava entre elas. Por essa altura, o alerta de emergência para a Terra, iria trazer as naves militares que patrulham o Cinturão de Asteróides, para o resgate, e os piratas teriam de fugir ou morreriam. Durante todo esse tempo, Alex estaria na sua velha cápsula de segurança no compartimento de carga da nave, ileso.

Trinta segundos depois do ímpeto na ponte de comando, Alex atingiu o compartimento de carga e correu para as ruínas da UHTA. Ele arrastou-se pelos destroços, até à cápsula de segurança e rapidamente entrou nela, iniciando um código prioritário que ele tinha programado. Durante dezoito horas, ele estaria seguro.

Fechou os olhos, treinou a sua mente para sair da *Orcus 1* e tentou localizar, com a sua capacidade mental, a nave pirata que se estava a aproximar.

Quando estava a receber uma imagem fixa dela e começou a ampliar a sua visão externa, ocorreu um profundo estrondo mecânico debaixo dele, que agitou violentamente a cápsula de segurança.

“O que...?” Gritou ele, equilibrando-se no interior da cápsula.

Ele interagiu com o interface de *status* do monitor “Condição?”

O monitor do computador podia aceitar perguntas de voz, mas apenas poderia responder visualmente na tela. Em letra de tipo padrão do computador, apareceram as palavras.

:Interferência desconhecida com os estabilizadores de rotação: resultados

do sensor inconclusivos: em espera:

“Ligação com o computador da *Orcus 1*.” Ordenou ele.

:Ligação estabelecida: em espera:

“Computador. Qual é a causa, das vibrações recentes no compartimento de carga?”

:As vibrações recentes no compartimento de carga, foram causadas pela ordem de execução para ejetar todos os conteúdos do compartimento de carga, dada pela Capitã Justine Churchill Turner às 15:16:50 horas Orientais: em espera:

“Computador!” Ele gritou. “Abortar! Abortar! Abortar!”

:Não é possível cumprir a tarefa. Em espera:

Alex não teve que esperar muito tempo; às 3:17:08h, um ruído muito alto encheu os seus ouvidos, bloqueando qualquer outro som, bloqueando até mesmo os seus pensamentos, à medida que a porta do compartimento de carga se abria e as bombas *airlock* ejetavam a UHTA, a cápsula de segurança, Alex e uma dúzia de outros objetos, no espaço.

Alex apertou os dentes e num movimento súbito, bateu com a cabeça no monitor da cápsula segurança. Os elásticos pressionaram profundamente as suas costelas e as coxas.

Em poucos momentos, o silêncio substituiu o barulho e o equilíbrio de Alex voltou. Ele podia sentir-se a girar a uma velocidade lenta. Em relação à sua velocidade e trajetória, a cápsula de segurança era inútil a esse respeito.

A sentir o pânico a subir na sua garganta, como bÍlis quente, Alex esforçou-se para se acalmar e deixar a sua *visão* exterior fazer por ele, o que os sensores da cápsula de segurança não conseguiam. Em poucos instantes, ele encontrou aquele ritmo mental constante que lhe permitia *ver* fora de si mesmo e *ver* fora da pequena cápsula, na vastidão do Espaço.

A trinta graus ou mais, do limite da sua trajetória, ele viu a *Orcus 1*. A partir da sua perspectiva, era a nave da NASA que estava a girar em círculos largos, em torno da sua posição, ficando cada vez mais longe a cada segundo.

Ele viu uma nave menor a aproximar-se da *Orcus 1*. Em vez de continuar a sua trajetória, os propulsores da porta da nave pirata dispararam e ela mudou de posição, alterando o curso para intercetar Alex.

Nessa altura, Alex teve vontade de chorar, pela forma como as coisas tinham corrido.

Ele estava completamente indefeso.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

Michael bateu com o punho, em cima da sua secretária. As janelas do seu novo escritório, no quarto andar do complexo da Quantum Resources, Inc., a norte de Toronto, sacudiram com as vibrações. No corredor, o seu assistente administrativo parou a máquina de ditar e olhou através da parede de fibra semitransparente.

“O quê? É melhor que isto seja uma de piada de mau gosto! Estamos no maldito século XXI! Coisas destas, não acontecem!” Michael mal podia conter a sua raiva.

“Sinto muito, senhor, mas acabámos de receber a transmissão de um ASE da NASA, da câmara de segurança da *Orcus 1* a confirmar o seu alerta de NEP (nave em perigo).”

Calbert Loche estava com dificuldade, a tentar ignorar a ira do seu superior, pois sabia que a raiva não era dirigida a ele, continuando a ler o seu relatório.

“Pelas aproximadamente 15:23 horas orientais, um agressor não identificado entrou em rota de colisão com a *Orcus 1*. Por alguma razão, a *Orcus 1* ejetou a sua carga útil, momentos antes do impacto e o agressor alterou a sua rota para a intercetar. Não existem procedimentos operacionais padrão, para um ataque de piratas. A Capitã Turner estava apenas a fazer, o que achou que era a melhor solução. Ela criou o procedimento, à medida que o incidente se desenvolvia e teve apenas alguns minutos para tomar uma decisão. A NASA ilibou-a de qualquer culpa.”

“A Capitã Turner confirma, que existia apenas uma única forma de vida na leitura da carga útil ejetada, a de Alex Manez, que está agora sob a posse da

nave atacante. O que ele estava lá a fazer, não sei. O compartimento de carga estava interdito, mas Alex deve ter pensado que seria um bom esconderijo.”

“A *Orcus 1* não tinha qualquer esperança de resgate e os seus sensores ficaram emperrados. Eles perderam as emissões de assinatura do agressor. A *Orcus 1* continua a aproximação final à Lua e chegará em catorze dias. A NASA tem uma nave militar de grande porte, a menos de uma centena de gigametros de distância e está a enviá-la para seguir a última trajetória conhecida do agressor, mas as hipóteses de captar a sua assinatura pelas emissões do motor, é mínima. A Comissão Terrestre de Tráfego do Espaço foi alertada e irá investigar de forma aleatória, as naves que entrarem na órbita da Terra durante os próximos trinta dias.”

“Como se isso valesse alguma coisa!” Desabafou Michael. “Umas poucas garrafas de *whisky* são o suficiente, para distrair os malditos comissários durante cinco minutos. Maldição!” Ele amaldiçoou. Virando-se para Loche, disse com os dentes cerrados. “Você sabe o que isto significa?”

Calbert disse: “Isto significa que alguém, no Espaço, sabe tudo sobre o Elemento X e provavelmente tem informações que nós não temos. Eu diria, que essa informação indica, que Alex está mais envolvido nisto do que como meramente um espectador infeliz. Os relatórios da Capitã Turner sobre Alex, não são muito acessíveis. Alex foi afetado por aquilo, de alguma forma. Os sequestradores sabem mais do que nós sobre isso e eles levaram-no por causa disso.”

“Ocorre-me a possibilidade de que, ou não somos os primeiros a encontrar o Elemento X, ou está alguém a ler todos os ficheiros que transmitimos.” Michael andava para cima e para baixo, no escritório. “Precisamos de mais informações. Eu quero ver tudo o que temos sobre o que quer que tenha a ver com o Elemento X, Alex, a *Orcus 1*, o *Dis Pater*, Macklin Rock, tudo. Quero uma equipa especial, criada para investigar isto. Recorra às pessoas da equipa de pesquisa do Elemento X, se for preciso. Há algo, nisto tudo, que nos está a escapar. Algo, que está bem à frente dos nossos narizes. Deus, eu detesto ser deixado às escuras. É irritante. Quero respostas!”

“Vou já tratar disso.” Disse Calbert. “Eu sei exatamente as pessoas, de que precisamos.” Ele deixou Michael a meditar consigo próprio.

O Diretor da Quantum Resources, Inc., não meditou durante muito tempo. Existiam demasiados dados, aparentemente desconexos e muitas peças desse grande quebra-cabeças, que não se encaixavam de forma nenhuma. Havia muita coisa que ele não sabia.

Ao longo dos últimos meses, ele tinha estado ocupado no arranque da Quantum Resources, Inc.. Embora eles ainda não tivessem qualquer produto dos seus esforços para mostrar, no entanto, os seus estatutos previam um tempo para pesquisa e desenvolvimento moroso, considerando a escassez do elemento, em torno do qual a empresa era baseada.

Dos quarenta e sete funcionários da Quantum Resources, Inc, trinta estavam a confrontar dados e a tentar determinar as relações entre as estatísticas asteroidais, para afunilar conclusões sobre as condições em que o Elemento X poderia ser encontrado. Era uma tarefa astronómica, mas tinha tantas hipóteses, como a escolha aleatória de um asteróide e o empreendimento físico de o inspecionar.

Dez funcionários, eram engenheiros que tentavam determinar as propriedades do Elemento X, com base em dados incompletos, e tentavam desenvolver teorias sobre as possíveis utilizações do misterioso elemento.

Os sete restantes, incluindo Michael, Calbert e Raymond, eram administrativos. Tal como se apresentava, Raymond McGrath era mais do que competente, para lidar com a administração interna sozinho. Calbert era eficaz, como ligação entre a Quantum Resources, Inc. e as suas empresas-mãe. Michael não tinha qualquer tarefa concreta diante dele, exceto pelo encontro estranho entre a NASA e os executivos da AEC.

Ele decidiu arregaçar as mangas e começar a mergulhar, profundamente, nesta investigação. Estava na altura de ir para o terreno e sujar as mangas.

A primeira questão que lhe veio à mente, era algo que o vinha a incomodar há vários meses; a Capitã Turner da *Orcus 1*. Os seus relatórios para a NASA eram inconsistentes.

No que dizia respeito aos aspetos técnicos da missão, tais como as condições atuais de bordo, a investigação em curso da UHTA e a transmissão das teorias apresentadas pelos cientistas a bordo relativos ao *Dis Pater*, em tudo isso ela era exaustiva. Já no que dizia respeito a Alex, ela era indescritível. Embora as suas declarações não fossem senão breves, o seu conteúdo nunca mudou; Alex estava bem. Alex continuava bem. Alex era normal e saudável.

Obviamente, que alguém pensava que Alex era extraordinário o suficiente, para encenar um ataque de pirataria e sequestrar o menino. A Capitã Turner tinha passado a maior parte dos cinco meses com o jovem e, tinha que ter reparado em algo fora do comum.

Virando-se para o seu ambiente de trabalho, ele digitou uma senha de alta

segurança no seu computador e escreveu uma mensagem codificada, por ASE. Dirigiu a sua transmissão, para intercetar a *Orcus 1*.

∞

Para: Capitã Justine Turner, Orcus 1

De: Diretor Michael Sanderson, Quantum Resources, Inc.,

Segurança: Autorização Nível 1

Fui informado sobre o ataque à Orcus 1 e sobre o sequestro subsequente de Alex Manez. Eu valorizo os extremos a que os sequestradores chegaram, para completar a sua tarefa. Estão a ser tomadas todas as medidas, pelos nossos governos, para encontrar Alex.

Chegou ao meu conhecimento, que Alex pode ter sido afetado pela exposição ao elemento, que estamos a denominar temporariamente de ‘Elemento X’, de formas que para nós, ainda são inescrutáveis. Suspeitamos que a terceira parte envolvida tenha obtido informações sobre Alex, que podem tornar imperativo que o recuperemos, para além das razões óbvias para o fazer. Seria útil, se me pudesse fornecer todas as observações, não obstante do quão mundanas, que tenha feito sobre Alex, que não tenham sido incluídas nos relatórios anteriores.

Diretor Michael Sanderson

Quantum Resources, Inc.

∞

Michael teclou a opção ‘Enviar’, na sua consola. Levaria mais de vinte minutos, para que a mensagem chegasse à *Orcus 1* e, mais algum tempo, para que a Capitã formasse a sua resposta. Mais vinte minutos para ela chegar. Ainda assim, Michael verificou as mensagens no seu computador, pelo menos uma dúzia de vezes, ao longo dessa hora.

Quando o seu secretário o informou, de que estava a sair para almoçar, Michael percebeu que estava com fome. Para limpar a sua mente, ele vestiu o casaco e as luvas e fez uma caminhada pela rua até à *Webster Family Feed Company*, para comer um pão de centeio com presunto e um copo de chá

gelado, sem açúcar.

Os seus pensamentos estavam num tumulto. As ramificações nacionais e internacionais dos acontecimentos dos últimos meses, eram surpreendentes, mas Michael não podia deixar de pensar em Alex.

Pobre rapaz. Primeiro ele perdeu os pais, em seguida, foi impulsionado para mais de quatro mil milhões de quilómetros longe de casa e, quando fazia uma longa viagem de volta à Terra, foi atirado acidentalmente para o espaço e, posteriormente, sequestrado por forças desconhecidas. Como é que tudo aquilo, iria afetar a mente de uma criança?

Quando Michael regressou ao seu escritório, a sua tela de SRD do computador estava a piscar, indicando a entrada de uma mensagem urgente.

Mal podendo conter a sua excitação, ele abriu o comunicado e leu a resposta da Capitã Turner.

∞

Para: Diretor Michael Sanderson, Quantum Resources, Inc.

De: Capitã Justine Turner, Orcus 1, NASA

Segurança: Autorização Nível 1

À revelia do meu melhor julgamento, estou a encaminhar alguns trechos selecionados do meu diário privado – codificados com um protocolo duplamente-redundante – para si, através de um colega de confiança. Você deverá receber a versão não codificada, dentro de algumas horas. É dolorosamente óbvio, que nenhuma transmissão é completamente segura. Eu preferia ter esperado, para apresentar esta informação às partes interessadas pessoalmente, mas tomei as precauções possíveis, para manter esta informação segura. Peço-lhe que guarde isto para si, por enquanto.

Uma segunda cópia, está a ser transmitida ao Diretor William Tuttle.

Capitã, Justine Turner, Orcus 1, NASA

∞

A espera iria levá-lo à loucura. Michael decidiu ocupar o seu tempo, a responder a outra mensagem de CorreioNet e a navegar na TerraNet.

Sabendo que poderia levar anos, até que a Quantum Resources, Inc. colhesse algum lucro, Michael tinha desviado uma pequena percentagem do capital inicial, para uma série de investimentos secundários. Uma cobertura das suas apostas, por assim dizer. Ele registou-se no *Global Stock Market* da TerraNet e verificou o progresso das suas contas, a compra e a venda de, em algumas outras companhias que pareciam proveitosas.

O som de alguém a bater à sua porta, trouxe-o de regresso ao presente e ele olhou para Calbert Loche, quando este entrou na sala.

“Eu só queria informá-lo, que formei uma equipa de sete pessoas para a pesquisa deste projeto. A maior parte da informação disponível, já está nas nossas bases de dados, mas eles decidiram começar do zero e passar por toda a informação, como se fosse a primeira vez.”

“Boa. Eu fiz alguma investigação, por mim próprio, para obter mais informação. Estou a partir a cabeça com isto. Tenho uma sensação incómoda, no fundo da minha mente, que me diz que está a faltar algo crucial. Eu quero saber mais. Quero que encontrem Alex.”

“Essas são algumas das diretivas emitidas. Eu emiti-as. Além disso, estamos a contactar outras organizações que possam ter uma perspetiva diferente, sobre toda a matéria do *Dis Pater*: SETI e alguns dos seus grupos dissidentes independentes. Os especialistas nos desenhos misteriosos das colheitas estão a passar um dia no terreno e dizem que já previram isto, há mais de cem anos. Há uma grande quantidade de informação por aí e imensa gente com ainda mais opiniões. Há os Luditas, que pensam que o progresso é a arma do diabo contra a alma e que fariam qualquer coisa, para impedir estas informações de serem utilizadas. Se você está à procura de alguém responsável pelo sequestro, conseguimos cerca de um bilião e meio de suspeitos. E um quase igual número de motivos.”

“Eu gostaria de reduzir isso, só um pouco.” Respondeu Michael, amargamente. “E rapidamente, dentro das próximas duas semanas.”

“Você pede o impossível e nós iremos providenciar.” Calbert sorriu levemente. “De qualquer forma, está na hora de sair. Vejo-o amanhã de manhã.”

Michael olhou para o relógio, no canto do seu SRD. “Já? Para onde é que foi o tempo? Eu vou ficar por aqui mais algum tempo, a verificar algumas pistas.”

“Está bem.”

Michael regressou ao seu computador, mas não conseguia concentrar-se

em nada. Apoiou o queixo na palma da mão e olhou fixamente para o monitor, deixando os seus pensamentos vaguear; numa espécie de exercício de livre associação.

Imaginou-se a viajar para as estrelas, a encontrar culturas alienígenas e a mapear a galáxia inteira. Que aventura!

Ele saiu do seu devaneio, quando o seu OpeCom tocou. Ao atender, ele esfregou a ponta do nariz. “Aqui, Sanderson.”

A rececionista disse: “Olá, senhor, a sua esposa está aqui, para o vir buscar. Ela está à espera, lá fora, no carro.”

“A minha esposa? Ela não devia ter-me vindo buscar. Eu conduzi para cá esta manhã. Tem a certeza, de que é a minha esposa?”

“Uh, sim, senhor. Ela ligou e disse que está à espera, há vinte minutos.”

Michael suspirou. Era provavelmente altura, de dar o dia por encerrado. Ele estava esgotado e demasiado frustrado, para ser eficiente. Precisava de uma boa noite de sono.

“Está bem. Se ela ligar novamente, diga-lhe que estou a sair.”

“Certamente senhor.”

Michael desligou o OpeCom e vestiu o casaco, pegou na sua pasta e desceu para o lobby. Acenou para Henry, quando passou pelos *scanners* de segurança da receção e saiu.

O seu carro chegava, da área de recolhimento a um ritmo lento. Ele não podia ver através dos vidros fumados, mas, quando a buzina tocou agudamente, uma característica da sua esposa quando estava impaciente, ele relaxou subconscientemente. Caminhou até ao lado do passageiro, abriu a porta e entrou.

Lá dentro, estava um homem vestido com um casaco de inverno grande e com uma balaclava puxada para baixo, sobre o seu rosto. Com uma velocidade que surpreendeu Michael, o homem abriu a porta do lado do motorista, deslizou o seu cartão do carro na ranhura, para fechar todas as portas e trancar Michael dentro do veículo. Desajeitadamente à procura do seu próprio cartão, Michael encontrou-o, usou-o para destrancar as portas e saltou para fora, mas, quando já estava no passeio, não havia nenhum sinal do estranho.

Voltando a entrar no interior do veículo, para o inspecionar, Michael viu um envelope de papel pardo, entre o assento do motorista e o assento do passageiro. Sentando-se dentro do carro, abriu o envelope. Dentro dele, estava um relatório.

Na primeira página lia-se:

∞

Texto decifrado
Excertos do Diário Oficial de Viagem do Capitão
Capitã Justine Churchill Turner.

∞

Ele deu uma rápida vista de olhos, através das dezenas de páginas de entradas transcritas, descrevendo a capacidade de Alex para manipular dispositivos eléctricos e a sua aparente insónia. Efeitos colaterais óbvios, da exposição ao Elemento X.

Olhando à sua volta, para ver se alguém estava a olhar para ele, Michael passou os olhos lentamente ao longo da linha de trechos do diário. Linha por linha, onde se relatava; a insónia, os arquivos do computador, a câmara escondida, a telecinésia eléctrica - tudo apontava para algo em Alex. Um mistério. Havia algo ali!

Quando Michael chegou ao final do relatório da Capitã Turner, ele sabia exactamente porque é que Alex tinha sido sequestrado e porque é que os piratas tinham ido tão longe.

A única questão que permanecia era... quem seriam os piratas?

Nave pirata:
Sistema Solar:

Como uma ostra, petrificada dentro da sua concha, Alex esperou dentro da cápsula de segurança e escutou os sons dos sequestradores, que vinham para o tirar para fora à força. Ele estava demasiado apavorado, para se lembrar de usar a sua *visão* especial e assistir à aproximação deles.

O acoplamento com a nave pirata tinha sido desajeitado e, se Alex não tivesse sido protegido pelo recipiente, teria ficado com inúmeras contusões e inchaços provocados pela experiência. Mesmo assim, ele estava mais assustado do que se tivesse sido ferido. E se tivesse sido, pelo menos teria algo com que distrair a sua mente hiperativa, daquilo que lhe poderia acontecer.

No jogo do SRD '*Piratas de Nova*', um guerreiro capturado, seria levado para a base dos piratas, onde iria ser escravizado para o resto da sua vida a realizar tarefas domésticas e a sofrer o abuso dos piratas. Isto não era apenas um jogo, era realidade. Nos últimos seis meses, Alex tinha começado a perceber que, na maioria das vezes, a realidade era muito pior.

Na *Orcus 1* ele sentiu-se seguro e pôde dar-se ao luxo de ser indiferente, reservado, até mesmo arrogante, num esforço para esconder a dor interna de perder os seus pais amados de uma maneira tão brutal. A *Orcus 1* tinha uma tripulação hospitaleira e preocupada.

Na nave pirata, ele não teria tal luxo.

Podia imaginar o seu futuro tormento. O que tinha ele feito, para merecer um destino tão horrível? Os seus pais mortos, ele próprio sequestrado. A música na sua cabeça ameaçava deixá-lo louco. O que mais lhe iria acontecer?

Ao fim de um quarto de hora sozinho na cápsula, Alex pensou que iria

ficar louco do isolamento e da sua imaginação. Porém, depressa pôde ouvir o som de passos, à medida que os piratas percorriam a UHTA morta, para localizar a sua cápsula de segurança.

Em poucos minutos encontraram-no e, finalmente, reuniu inteligência suficiente, para usar a sua *visão*, para *ver* através da cápsula e observar os seus captores. Como acontecia, todas as vezes que ele fechava os olhos para usar a sua *visão*, aquela canção que o assombrava, veio ao seu encontro. As palavras líricas, eram demasiado suaves, para se conseguirem definir. Estavam demasiado longe, para se conseguirem agarrar; eram demasiado intensas, para serem ignoradas.

Eram dois deles, ele viu. Ambos eram homens, vestidos com fatos espaciais. Um tinha o cabelo escuro, curto. Parecia asiático. O outro homem era um caucasiano, alto e loiro.

Embora Alex não conseguisse adivinhar as suas idades, finalmente decidiu, que eles eram mais jovens do que qualquer membro da tripulação da *Orcus 1*. Eles não se pareciam com piratas, tinham mais a ver como astronautas, que se poderiam encontrar em qualquer agência espacial do mundo.

Surpreso com a inesperada normalidade dos sequestradores, no início não os ouviu, mas eles repetiam-se. O alto, loiro, tinha um sotaque europeu que Alex não conseguiu definir

“Nós não o vamos magoar, Alex. Eu vou abrir o recipiente e, gostaria muito, que você cooperasse connosco e não tentasse fugir.” Disse um deles. “De qualquer Maneira, não há para onde fugir. Claro que, se você se portar bem, as coisas vão correr-lhe muito melhor. Consegue ouvir-me?”

A língua de Alex não queria trabalhar.

“Você consegue ouvir-me?” Repetiu o homem, enquanto retirava um par de algemas, que estavam amarradas à cintura, numa bolsa. “Diga-me que você vai cooperar e eu não vou ter que o amarrar.”

“Eu não vou lutar.” Alex finalmente respondeu alto o suficiente, para eles o ouvirem do outro lado do recipiente. Ele esperou, enquanto os homens apertavam o botão de abertura, permitindo que a porta se abrisse facilmente.

Alex saiu cautelosamente e olhou para os homens, não fazendo qualquer esforço para fugir deles. Eles tinham dito a verdade. Ele não tinha para onde fugir... exceto, para o espaço aberto. Estava em poder deles.

“Bem.” Disse o homem. “Vejo que nós não precisamos delas.”

Ele ergueu as algemas à frente de Alex, por um momento, antes de as colocar na sua bolsa. “Então, o meu nome é Capitão Gruber e este, é o

Primeiro Imediato Chung.”

“Quem são vocês?” Alex tinha que perguntar. “Piratas?”

“Nós trabalhamos para uma organização privada, que tem um grande interesse em si, Alex. Eles têm seguido o seu progresso muito de perto, desde o seu infeliz acidente em Agosto passado e, gostariam de o conhecer. Eu asseguro-lhe que, se você cooperar, nenhum mal lhe acontecerá. Mas não se engane, nós vamos levá-lo prisioneiro e você vai fazer como dissermos ou... haverá «re per cu ssõ es». Sabe o que essa palavra significa?”

Alex assentiu. “Em ‘*Piratas de Nova*’, os prisioneiros são torturados e feitos escravos.”

O Capitão Gruber enviou-lhe um olhar azedo. “Muito engraçado. Mas, na realidade, não somos totalmente piratas...desses que fazem tortura e escravizam. No entanto, se você não cooperar, será tratado com severidade. Certos privilégios, que eu estou em posição de lhe conceder, ser-lhe-ão retirados. Levará algumas semanas para regressarmos. A Forma como gastará essas semanas, se em conforto ou trancado no seu quarto, sem entretenimento, será uma escolha inteiramente sua e, dependendo do seu comportamento. Tenho ordens para o manter em regime de... «in co mu ni ca bi li da de». Sabe o que isso significa?”

Alex balançou a cabeça, embora soubesse a resposta.

“Isso significa, nenhum contacto com ninguém. Trancado num quarto, durante o resto da viagem. Mas, se você se portar bem, vou deixá-lo ter certas liberdades. O que é que me diz a isso?”

“Eu, não vou tentar nada.” Prometeu Alex.

“Boa! Agora você vai seguir o Primeiro Imediato Chung. Ele irá mostrar-lhe as suas acomodações e, depois vai trazê-lo para o refeitório para comer alguma coisa. Temos instalações de recreação para a tripulação que você pode utilizar, para ocupar o seu tempo. A única exigência que temos de você, até chegarmos ao nosso destino, é um exame físico diário. Porque eu sei, que você tem uma ligeira capacidade para a manipulação de eletricidade.” Ele deu ao menino um olhar duro, com um brilho intransigente.

Então eles tinham acedido, de alguma forma, às bases de dados seguras da *Orcus 1*, tal como Alex. Como é que eles tinham feito isso, do Espaço, estava para além de Alex.

“Alex, eu não sei a extensão desse poder, mas não tenho qualquer interesse numa demonstração. Fui claro?”

“Sim senhor.”

“Boa. Agora, temos que ir. Estou ansioso por um regresso confortável, sem ocorrências. Eu confio que você partilha do meu otimismo e que vai fazer todos os esforços para se portar bem.”

“Sim senhor.”

“Boa. Nós entendemo-nos perfeitamente.” Ele virou-se e afastou-se.

∞

Depois de lhe ter sido mostrado o seu quarto, pelo Primeiro Imediato - um pequeno e acanhado espaço, marginalmente maior do que um caixão, com um beliche militar e um candeeiro de brilho - Alex foi familiarizado com as latrinas e com o refeitório. Chung trouxe-o para a sala comum, que estava vazia naquele momento. Continha uma televisão de SRD, com uma extensa biblioteca de vídeos em língua estrangeira e uma consola de entretenimento de vídeo, com uma série de jogos também em outros idiomas. Mas Alex pensou, que conseguiria aguentar a situação com os jogos. Havia também um balcão com refrescos que, explicou Chung, continha os arquivos de cada bebida que Alex pudesse desejar.

“Agora, lembre-se Alex: esta sala comum é para os membros da tripulação, um lugar para relaxar. Eles receberam ordens para não falar consigo. Então, quando eles estiverem fora de serviço, você não pode entrar aqui. Você pode ver os vídeos, quando a sala estiver vazia e pode ler qualquer um dos livros que aqui estão, se conseguir encontrar algum em inglês. No entanto, sob nenhuma circunstância, deve contactar com qualquer dos membros da tripulação, seja por que motivo for. Se eu ouvir alguma reclamação, você será trancado no seu quarto, pelo resto da viagem. Se tiver alguma dúvida, pode perguntar-me.”

“Compreendeu?”

“Sim, senhor.”

“Boa. Agora, temos de ir para a sala médica, fazer alguns testes.”

∞

O médico na sala de exame era um homem mais velho, agradável, com um trato desarmante.

Quando Alex chegou, o médico sorriu e acenou para o jovem entrar. Fiel à forma, o médico estava vestido com uma bata branca e usava óculos sobre uns olhos azuis brilhantes. O seu cabelo estava a ficar careca e o pouco

cabelo que ele ainda tinha, estendia-se ao longo da pele nua da sua cabeça. Mãos gordinhas, seguravam um estetoscópio e ele tinha acabado de se vestir, quando Alex chegou.

Quando ele falou, foi com sotaque de um dos estados do sul dos Estados Unidos.

“Sente-se jovem. Eu prometo que isto vai ser muito mais fácil do que você pensa. Eu só gostaria de fazer algumas leituras: batimento do coração, da respiração, leituras de bio-análise do EEG e, se puder e não se importar, tirar uma pequena amostra de sangue. E depois, pode seguir o seu caminho.”

“Está bem.” Disse-lhe Alex. Tirou a camisa e, deitou-se na cama de exame.

“O meu nome é Doutor Hyndman, mas você pode chamar-me ‘Doc’.”

Doc começou o seu exame, fixando alguns elétrodos no torso e nas têmporas de Alex. “Sei que existe uma espécie de perturbação do campo elétrico, que você é capaz de produzir.”

Não adiantava negar. “Se eu quiser.”

“Notável! Poderia mostrar-me agora, como é que faz? Eu já tenho as leituras para o estado normal de descanso.”

“O Capitão Gruber disse...”

“Está tudo bem, Alex. O Capitão não está aqui agora e, eu não recebo ordens dele. Mas, se você não quiser...”

Alex, apesar de contrariado, gostou do médico. “Está bem. Mas você tem que me dizer, como é que sabia sobre isso.”

Doc sorriu. “A nossa organização tem muitos recursos, tanto financeiros, como também humanos. Um pequeno suborno, é tudo o que é preciso para obter os códigos remotos. Um laser de ASE para a Orcs 1 e, quando sabemos que ninguém está a monitorizar os computadores... ‘boom’! Fica tudo à nossa disposição. Agora que partilhei um segredo consigo, é a sua vez de me mostrar, o que eu gostaria de ver.”

Alex, com tão pouco esforço como o que precisava para respirar, fez com que os sinais vitais do leitor de bio-análise do EEG, descessem para zero.

“Notável! Como é que você faz isso?”

Alex encolheu os ombros. “Simplesmente acontece. Eu penso-o e... consigo... não sei... tirar a energia... Ou... adicionar-lhe energia.” Mais uma vez, ele flexionou a sua capacidade e o leitor de bio-análise do EEG começou a reagir e a apitar, com as leituras a flutuar descontroladamente. “É como a respiração! Você não pensa cada respiração mas... se você se concentrar,

poderá segurá-la durante algum tempo.”

“Ok, já chega. Já chega, Alex! A máquina vai explodir.”

“Desculpe, Doc.”

Ele sorriu. “Não se preocupe. Diga-me, apenas pensa nisso? Sente-se cansado, quando faz isso?”

“Não.”

“Nem mesmo um pouco?”

Alex balançou a cabeça.

“Atordoadado, como quando você prende a respiração?” Perguntou.

“Nah-uh.”

“Eu sei que você não dorme, há meses. Sente algum cansaço?”

“Bem, não.”

O médico levantou uma sobrancelha.

Alex explicou: “Não me sinto cansado sonolento, mas às vezes eu sinto-me um pouco lento.”

“Lento?”

“Como quando você não come há algum tempo. Em baixo consumo de energia ou algo do gênero.”

“Interessante! Tem algum outro efeito secundário, de que se consiga lembrar?”

Alex balançou a cabeça enquanto o médico coçou o queixo, pensativo.

“Eu pergunto-me...só que não me cabe mergulhar nisso profundamente. Eles têm na estação, instalações para isso. Os meus colegas vão ficar ansiosos para começar as pesquisas sobre si.”

Alex sentou-se, enquanto o médico preparava uma seringa para lhe tirar sangue. “Doc...” Disse ele hesitante e, por um momento, o médico assumiu que Alex estava nervoso por causa da agulha.

“Só vai sentir algo momentâneo, como se fosse uma pequena alfinetada.” Assegurou a Alex.

“Eu.. não tenho medo da agulha. Eu só queria saber... O que é que vão fazer comigo?”

O médico fez uma pausa e deu a Alex um olhar interrogativo. De seguida, a sua expressão mudou para uma de divertimento tranquilizador. “Bem, não me contaram tudo, sabe. Mas, posso prometer-lhe, que não lhe vai acontecer nada de mal. A nossa organização é poderosa, mas não é frívola. Há muitas coisas que fazemos, que podem fazer outros sentirem-se ameaçados. Eles querem parar-nos. Mas tudo o que fazemos é, em última instância, para o

bem da humanidade.”

“Eles não tinham que me sequestrar”

“Receio que sim, Alex. Você tem um poder, para além da manipulação da eletricidade, que é de importância vital para o mundo. O seu país de origem e outros, estão mal equipados para lidar com o seu potencial. Ocorreriam desastres, possivelmente guerras. Mesmo agora, alguns países estão a desenhar estratégias, a tomar partido.”

“Nós temos os meios para explorar e observar e não queremos participar nas guerras da Terra. Eu asseguro-lhe, que não acontecerá mal nenhum a ninguém, especialmente a si. Nisto, você deve confiar em mim. Foi para o seu próprio bem, que nós o sequestrámos. Nas mãos erradas, você poderia causar um grande dano, sem querer. E você não quer magoar as pessoas, quer?”

“Não.”

“Lá está, vê? Eu já provei que, o que estamos a fazer, é para o bem maior.”

Alex franziu a testa, incapaz de compreender a lógica do médico. “Mas esta nave estava para arrombar a *Orcus 1*!”

“Eu asseguro-lhe Alex, que não teríamos feito isso. Veja, nenhum de nós deseja a morte. O Capitão teria alterado o curso, no último minuto.”

O médico inclinou-se para a frente, com o rosto desenhado em preocupação.

“Não Alex, o que nós queríamos que acontecesse, era a evacuação da nave, de modo a que não houvesse confronto. Esperávamos que você fosse expulso, juntamente com o resto da tripulação. Mas o que aconteceu, é que você saiu sozinho antes dos outros. Isso tornou o nosso trabalho mais fácil e, nós evitámos hostilidades com a nave da NASA”.

“Mas...” Alex lutou com a dicotomia do argumento do médico.

Quando a agulha espetou no braço e o sangue foi colhido, Alex mal registou a dor. A sua mente era um turbilhão.

“Está feito. Além disso, tal como prometi, não deu muito. Você vê que eu mantenho a minha palavra. Portanto, agora deve confiar em mim.”

Alex assentiu solenemente.

“Bem, Alex. Pode ir agora, mas minha porta está sempre aberta. Se estiver confuso ou se tiver perguntas, pode abordar-me sempre que sentir necessidade. Está bem?”

“Está bem.”

O Primeiro Imediato Chung entrou no GEM (gabinete de exame médico) e

lançou um olhar interrogativo para o médico.

“Está tudo feito Primeiro Imediato.”

“O Capitão deseja receber um relatório completo sobre as suas leituras, doutor.”

O Doc inclinou a cabeça para o lado. “E ele deverá ter acesso, a todas as constatações médicas tomadas a bordo desta nave, como é do seu direito. Mas você sabe, sob o nosso contrato, que a informação sobre Alex é altamente secreta. Você e o seu Capitão, não têm acesso ao nosso negócio.”

“Eu não gosto deste trapaceiro, doutor! E nem o Capitão Gruber. Francamente, o dinheiro agora não me parece assim tanto. Não é o suficiente, de longe, para irritar toda a EUA, Inc.”

“Ah, mas como é que eles irão descobrir? Nunca revelaremos a vossa participação neste empreendimento, pois isso iria trazer-nos consequências desagradáveis. E tenho a certeza de que você irá manter, também, o seu próprio conselho. Uma dupla cláusula de indemnização, se assim quiser. Agora, eu tenho a certeza de que o nosso jovem passageiro terá fome e é quase hora do jantar.”

∞

Alex seguiu o Primeiro Imediato resmungão para o refeitório e, comeu a sua refeição, em silêncio, sem sequer identificar a comida que enfiou na boca.

Toda a gente estava a ser mais do que agradável e simpática com ele e isso perturbou-o, de forma rudimentar. Não só, ele esperava ser tratado com brutalidade e dureza, mas também, tinha plenamente antecipado ficar sumariamente preso. Estaria o médico a dizer a verdade? E, quem seria esta organização misteriosa que o tinha sequestrado? Não existiria outra maneira, sem ser o sequestro, de o impedir de utilizar os seus poderes? Estavam realmente a tentar melhorar o bem-estar da humanidade?

E, em relação aos poderes, porque é que preocupavam o médico? De momento tinha descoberto dois: Era capaz de congelar ou reforçar impulsos elétricos existentes, algo para o qual ainda não conseguia encontrar grande utilidade, exceto para ser capaz de utilizar o computador, sem um dispositivo de ligação-mente ou enganar máquinas de EEG. E tinha adquirido a capacidade de *ver* para além do seu campo normal de visão. Como poderia, com estes dois poderes, fazer mal a alguém?

Por muito simpáticos que todos fossem, Alex estava determinado a não os deixar ganhar a sua confiança. Eram sequestradores. Estivessem certos ou

errados e, ele não gostava disso.

Ele planeou, cuidadosamente, o que iria fazer.

**Nave Pirata:
Sistema Solar:**

Alex passou as duas semanas seguintes num estado de futilidade. A aparente apatia da tripulação em relação a ele, não lhe forneceu nenhuma oportunidade para os questionar ou ouvir inocentemente conversas. Nem entre os que falavam inglês, que seriam aqueles que poderiam dar-lhe uma pista sobre, o que aquelas pessoas realmente eram e, qual era o seu propósito ao sequestrá-lo.

As regras diziam para ele não entrar na sala de recreação, quando a tripulação estava de folga. Alex manteve-se nos seus aposentos e só andava pela pequena área da nave, onde estava autorizado a estar.

Ele foi capaz de invadir os arquivos do computador de bordo mas, para além de jargão e esquemas técnicos, registos e relatórios de rotina, não encontrou nenhuma informação sobre a organização que tinha um interesse tão agudo nele. Se Alex não soubesse melhor, teria jurado que sabiam sobre a sua capacidade de entrar nos arquivos do computador à distância e tinham tomado medidas para apagar qualquer registo de si próprios.

A única quebra na monotonia de Alex, era o seu exame físico diário. O Doutor Hyndman era um homem jovial e Alex gostava da sua companhia. No entanto e, embora Doc fosse um inimigo, Alex rapidamente percebeu que Doc estava a esforçar-se, para tentar obter informações sobre ele. Lançando perguntas casuais aparentemente bastante inocentes.

De quão longe, é que você consegue controlar um dispositivo eletrónico? O que faz toda a noite, enquanto está acordado? Nunca se sente sonolento? Em que é que pensa? Você pode dizer-me, se tem sonhos? Nem sequer sonha acordado? Ainda se sente cansado? Quaisquer outros sintomas?

Ocorreram a Alex dois pensamentos: primeiro; esta organização, que sabia

mais sobre ele do que qualquer outra pessoa na Terra, ainda tinha muitas lacunas na sua base de dados.

Por exemplo, eles tinham informações, sobre a sua habilidade de manipular a eletricidade e fazer executar arquivos e programas de computador, sem tocar fisicamente no teclado. Por alguma razão, eles consideraram esta particularmente perigosa.

No entanto, eles não tinham nenhuma ideia sobre a sua capacidade de ver para além de si mesmo, para ver do lado de fora da nave e, nas vastas extensões do Espaço local. Ele decidiu manter isso em segredo. Como é que isso o iria ajudar, ele ainda não tinha ideia. Mas, se tinha algo que eles não sabiam, isso significava que mantinha algum poder sobre eles.

O Segundo Pensamento e, no qual passava muitas noites a refletir, era sobre a natureza ambígua do inimigo. O Capitão e a sua tripulação. Embora o tivessem sequestrado e quebrado várias leis ao fazê-lo, tinham por Alex muito pouca consideração. Ele esperava que fossem maus, insensíveis e que o deixassem sozinho, para lhe causar sofrimento. Mas, desde que ele não andasse debaixo dos seus pés e obedecesse às regras estabelecidas pelo comandante, no primeiro dia da sua captura, a tripulação ignorava-o completamente. Eles não lhe estendiam quaisquer cortesias, que não fossem da sua obrigação, mas também não o tentavam prejudicar. Ele era um passageiro, pouco mais.

Depois havia Doc, que realmente parecia gostar de Alex, embora fosse seu captor e obviamente tivesse os seus interesses.

Isso fazia com que pensar neles como ‘o inimigo’, fosse muito mais difícil. Mas, pensar neles como tal, a isso ele estava determinado.

Talvez eles pensassem que o poderiam enganar. Afinal de contas ele era um rapaz. Só que, Alex não era um rapaz comum. Não estava preocupado apenas em brincar. Os seus pais tinham-se esforçado por garantir a educação e a consciência de Alex, sobre o mundo fora da sua família. Havia sempre tempo para brincar, mas só depois das lições. Embora, como acontecia muitas vezes, Alex fizesse batota e brincasse primeiro.

Agora, não era um tempo para diversão.

Ele decidiu que não ia aprender nada de significativo, até que chegassem ao seu destino. Então, todas as noites, quando estava sozinho no seu pequeno quarto, deitado no colchão irregular com os olhos fechados, ele flutuava para fora de si mesmo, para fora da nave para verificar o progresso deles.

Alex perguntou-se; como é que eles iriam fazer, para contornar os radares

de monitorização das orbitais de cada corporação-país, utilizados para controlar e verificar o fluxo de voos ligados à Terra e o fluxo de voos espaciais. Qualquer coisa, maior do que um meteorito de dois metros, era registada e rastreada. Certamente que o sequestro de Alex, tinha sido divulgado a todos os países envolvidos com o projeto *Orcus 1* e, conhecendo a natureza da TerraNet, a palavra teria sido espalhada. A NASA iria abordar a União de Corporações da Terra e, exigir uma estrita vigilância do tráfego, de qualquer nave que se aproximasse da Terra, na janela de tempo em que eles calculassem que os sequestradores iriam regressar lá.

Faltavam poucos dias até à aproximação final, soube Alex de Doc. Ele teria que esperar para ver, então. Doc, quando questionado, apenas sorria.

A dois dias da Terra, Alex utilizou a sua visão extra-sensorial. Ele queria assistir à Terra tornar-se cada vez maior, contra o pano de fundo do imenso campo de estrelas do Espaço. Mas, quando o fez, ele foi tomado por um sentimento estranho. Foi mais uma certeza, uma intuição.

De repente ele sabia, lá no fundo de si próprio, tão seguramente como sabia o seu próprio nome, que a nave estava numa rota, que não os iria levar para a Terra.

Ele repensou e lembrou-se que ninguém lhe disse, nem uma única vez, que o destino deles seria a Terra. Mesmo quando ele tinha assumido que seria assim e o mencionou. O médico nunca o tinha corrigido.

No seu campo de *visão* extra-espacial, ele viu a Lua aparecer, por detrás do horizonte da Terra.

Estação da Lua.

Uma porta independente, da propriedade de todos, mas sem responsabilidade perante nenhum.

O esconderijo perfeito.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

Calbert Loche bateu timidamente na porta do escritório do Diretor.

Quando Michael olhou na sua direção, Calbert ergueu as sobrancelhas, pedindo silenciosamente permissão para entrar. O Diretor assentiu com a cabeça, acenando ao seu fiel assistente e recostou-se na cadeira de couro, esfregando o brilho da janela do SRD dos seus olhos.

Tinha sido uma longa manhã. Até agora, não existiam desenvolvimentos na busca de Alex Manez e não tinham mais pistas sobre os mistérios do *Dis Pater* ou do Elemento X.

No entanto, houve uma enxurrada de pedidos de mensagens de CorreioNet, de várias agências de notícias e de grupos de informação da rede, a solicitar informações. Como parte da campanha de relações públicas da Quantum Resources, Inc., Michael tinha decidido oferecer a divulgação completa sobre qualquer coisa, que os governos do Canadá e da EUA Corporação, Inc. tivessem desclassificado como secreta. Bem como qualquer investigação ‘não-sensível’, que a Quantum Resources, Inc. desenvolvesse, libertando essas informações, somente depois de terem sido confirmadas.

Os info-piratas e os grupos de esquerda, que monitorizavam a NASA (como se aquele órgão fosse dirigido por forças maléficas), atacaram os computadores da Quantum Resources, Inc. com uma paixão, que deixou Michael francamente chocado. Ele agradeceu à sua estrela da sorte por Calbert Loche, que implementou a sua filosofia de computadores limpos. As máquinas de investigação, não tinham acesso possível a qualquer conta da rede e não havia segredos da empresa, que pudessem ser guardados em qualquer computador, que tivesse uma ligação com a TerraNet. A

correspondência com o exterior, era feita em computadores separados, terminais estúpidos apenas.

Michael conseguia imaginar o que aconteceria, se qualquer informação sobre o Elemento X, vazasse. Os tablóides da rede tinham tido um dia no terreno sobre o tema do *Dis Pater*, algo que foi desclassificado pela NASA, poucas horas depois da descoberta, mas as histórias ridículas que esses trastes tinham gerado, não tinham fim.

Nunca deixou de o surpreender, a forma como alguns grupos obtinham as suas informações e a quantidade que eles conseguiam adquirir. A sua precisão era tão alarmante, quanto as suas teorias eram ridículas. Eles espalhavam desinformação suficiente, para manter as massas à beira da dúvida.

Como Michael tinha poucas funções, fora da matéria de administração, até que houvesse quaisquer desenvolvimentos, resolveu ficar com a responsabilidade de lidar com as agências de notícias e com os grupos da rede. Se não houvesse outro motivo, ele lembrou-se do quão importante era, não se deixar influenciar pelas histórias sensacionalistas e das colunas de opinião.

Como era ele que detinha a verdade dos fatos, podia verificá-los contra as informações geradas pelos grupos sub-notícia. Os tablóides desciam de nível, permanentemente. As colunas de opinião, por vezes tinham alguns participantes informados. Mas, a maioria das entradas, vinham de pessoas solitárias, entediadas ou dementes, que não tinham nada melhor para fazer.

Ele olhou para o seu ajudante.

“Um dia difícil?” Perguntou Calbert educadamente.

“Sim. Isto nunca acaba.”

“Uma batalha difícil?”

“Mais ou menos isso.” Concordou Michael.

Calbert sorriu. “Há algum outro tipo?”

Isso provocou uma gargalhada em Michael. Ele viu que Calbert estava a segurar uma pasta. “O que é que você tem para mim?”

Calbert levantou a pasta, olhou para a capa. “Anteprojeto de orçamento para o ano fiscal de 2091, da Quantum Resources, Inc.” Ele fez uma cara azeda. “Lê-se como um livro de ficção premiado - apenas o escritor é que pode entender o que diabos escreveu.”

Eles partilharam uma pequena gargalhada.

Levantando as sobrancelhas, Calbert disse: “Não, eu vim para lhe dizer que

descarregámos o relatório de investigação preliminar da NASA, sobre o incidente da *Orcus 1*.”

“Incidente?”

“É isso que eles lhe estão a chamar, até que possam encontrar uma parte responsável e atribuir responsabilidades. Para além disso, a atualização semanal do *Dis Pater* e do Elemento X, foi descarregada também. Eu não sei se você a viu, no seu correio da rede.”

“Não. Estive muito ocupado com a subcultura dos meios de comunicação social.” Ele apontou para o seu computador.

Calbert fez uma careta. “Tablóides. Nunca lhes toco. Eu fico com o *Globe & Mail* e o *Washington Post*. O resto é lixo. É uma pena, que esses trastes tenham dez vezes a circulação, de qualquer jornal verdadeiro. Ridículo e sem classificação.”

“Nisso, estamos de acordo.”

Houve um silêncio curto, em que Michael percebeu que Calbert estava a reunir coragem, para lhe pedir algo de importância pessoal. Deu ao seu assistente o tempo que ele precisava.

“Ahh...” Começou Calbert, “...A minha esposa pediu-me para o convidar, a si e a Melanie... se estiverem disponíveis, para jantar nesta sexta-feira. Nós vamos receber, em casa, alguns casais para jogar às cartas. Se vocês não tiverem outros planos.”

“Não, a nossa agenda está livre. A Mel ficaria encantada. Nós não socializamos, realmente, desde que nos mudámos para Toronto. Como está a Joan?”

“Ela está a ajustar-se, mas preferia Ottawa. Contudo, o aumento generoso que você nos aprovou, ajuda a mantê-la tranquilizada. Ela está de olho num cruzeiro no Alasca, para esta primavera.”

“Soa maravilhoso!”

“Sim. Se gostar de barcos.”

“Acho que esses, já são chamados de navios.” Brincou Michael.

“Não é uma experiencia agradável, quando tenho que os embarcar. Bem, tenho que levar este orçamento lá para baixo, para o Ray. A ver se podemos decifrar isto juntos.”

Michael riu-se. “Os mistérios da física, são esmiuçados pelas vossas mentes brilhantes e, no entanto, não conseguem compreender um simples orçamento.”

Calbert fez uma careta e ofereceu o relatório a Michael. “Então, não se

importaria de ser você a revê-lo?”

Erguendo as mãos, num gesto defensivo, Michael balançou a cabeça. “Não nesta vida!”

Oferecendo um riso conciliador, Calbert levantou-se e disse: “Falamos depois.”

“Mais tarde.”

Quando Calbert saiu, Michael suspirou, tomou um gole do seu café agora frio e fez uma careta. Limpando a garganta, ele voltou para o seu computador e abriu os arquivos da NASA.

O relatório sobre o incidente, não lhe disse nada de novo e ele fechou a tela da janela. A atualização semanal sobre os esforços da NASA, na investigação do *Dis Pater*, não oferecia a Michael quaisquer novos *insights* e ele passou os olhos pelos parágrafos grandes, à procura de qualquer coisa com interesse.

Ele passou por vários parágrafos e o significado não se registou na sua mente. Até que, chegou ao final do relatório. O autor tinha aludido a uma entrevista, mas o relatório não tinha qualquer anexo, que indicasse onde a entrevista era. Ele leu a frase novamente:

∞

[Ref: n:\982563\invstgtn.dispater.ntrvw325.nasa.gov]

“A tradução do pergaminho sagrado, que o velho me revelou, leva-me a acreditar que se justifica totalmente uma investigação adicional. Há uma possível ligação, entre a queda da civilização Maia, por volta de 800 dC e a descoberta do Dis Pater...”

∞

Michael verificou o local do arquivo, na NASA LAN, para o qual lhe tinha sido dado o acesso. Mas ele não estava lá. Regressou ao relatório e verificou os detalhes do arquivo. O nome do autor era George Markowitz e tinha os seus endereços de correio eletrónico (CorreioNet) e de comunicação holográfica.

Ao efetuar a marcação da comunicação holográfica para George Markowitz, através da janela do SRD, Michael esperou pacientemente a campainha soar quatro vezes. Ele estava à espera de uma mensagem de correio de voz, mas ficou surpreso, quando a tela sinalizou para lhe mostrar uma pessoa viva. George era um homem na casa dos quarenta anos, com uma

calvície e uma expressão azeda no rosto gordinho. Usava uma camisa azul simples, sem gravata.

“Olá...” George verificou a barra de visualização, na parte inferior da tela, que indicava a identidade do originador da chamada. “... Diretor Sanderson.” O olhar irritado no seu rosto, não se alterou com o conhecimento, ou com o reconhecimento, da identidade do seu interlocutor. “O que posso fazer por si?”

“Olá, Sr. Markowitz. Sinto muito incomodá-lo, mas queria saber se me poderia ajudar.”

Markowitz acenou com a cabeça, impaciente.

“Eu acabei de ler a atualização semanal da NASA, sobre o *Dis Pater* e o Elemento X e vi o seu relatório. Nele, você faz referência a uma entrevista com um homem velho, das Honduras.”

“Sim.” Decididamente, havia um tom amargo na sua confirmação.

“Tentei encontrar o anexo, mas não consegui. Eu queria saber, se me poderia indicar onde está publicado.”

George Markowitz olhou à sua volta até ao outro lado, para se assegurar de que ninguém estava a ouvir. “Olhe, Diretor, eu podia arranjar muitos problemas com isso.”

“O meu interesse é estritamente oficial.” Assegurou-lhe Michael, momentaneamente confuso.

“Isso é quase pior. Você deve saber, que eu apresentei a entrevista ao meu Supervisor de Investigação e ele considerou-a irrelevante e ordenou-me que a removesse do meu relatório. Ele também me orientou para não incomodar nenhum dos meus superiores com isto, novamente. Eu não mostrei a entrevista a mais ninguém e apaguei-a da NASA LAN, tal como fui instruído. O departamento de edição deve ter-se esquecido de apagar a minha informação do cabeçalho, na sua atualização diária. Ele esteve publicado durante uns dias, mas ninguém está assim tão interessado na supervisão. Você é o primeiro a falar-me sobre isso.”

“Então, a entrevista foi eliminada?” Pressionou Michael.

Houve um momento de hesitação, enquanto George ponderava a sua resposta. “Oficialmente, ela nunca existiu. Mas...” Ele suspirou pesadamente. “Eu... tenho uma cópia em formato digital.”

“Seria demais pedir-lhe que a transfira para a minha LAN, na Quantum Resources, Inc., aqui em Toronto? Eu não o pediria de outro modo, mas tenho um interesse generalizado, em todos os aspetos do presente inquérito.”

“Sim, eu sei.” George respirou, algumas vezes. “Está bem, mas vou enviá-lo através de um serviço de rede *proxy*. Por isso, não haverá um registo oficial e nenhuma ligação imediata a mim. Embora oficialmente, a entrevista não seja mais considerada propriedade da NASA, mas desclassificada e de domínio público, o meu supervisor pode não o considerar da mesma forma. É um vídeo longo, de modo que, o seu carregamento pode levar alguns minutos.”

“Isso é perfeitamente aceitável. Aqui está o meu endereço de rede.” Michael digitou-o na transferência de vídeo, para que aparecesse na parte inferior da janela do SRD de Markowitz. O investigador da NASA copiou-o para o seu *mailer*.

“Talvez você me possa fazer um favor, em troca.” Sugeriu Markowitz. “Se não for pedir demasiado.”

“Claro.”

O comportamento de Markowitz tinha sofrido uma transformação, ao longo da conversa. Ele tornou-se mais relaxado e ávido, ao encontrar alguém interessado no seu trabalho.

“Eu gostaria de lhe enviar o meu currículo, por CorreioNet. Tenho seguido os seus comunicados de imprensa e lido a sua PáginaNet. Acho que poderia dar-lhe jeito, contratar alguém com um talento especial para recolher informação. Não é que eu esteja insatisfeito com a NASA. Mas, para ser honesto, há um conflito de personalidade entre mim e o meu supervisor. È que...quando andávamos na universidade...casei com a irmã dele e...ele nunca me perdoou por isso.”

“As circunstâncias colocaram-nos no mesmo departamento, há alguns meses atrás, e ele não me vai autorizar uma transferência. Eu não o quero estar a sobrecarregar com os meus problemas pessoais, senhor, mas queria apenas que conhecesse as minhas motivações.”

Michael inclinou a cabeça. “Eu, de momento, não lhe posso prometer nada. Se não encontrarmos mais amostras do Elemento X, posso ser eu a ter que distribuir o meu currículo por aí. Mas vou lê-lo e dar-lhe a devida apreciação.”

“Isso é tudo o que lhe peço. Obrigado. Vou transferir o arquivo da entrevista a seguir, depois de entrar no meu serviço da rede.”

“Obrigado.”

Eles desligaram a transmissão e Michael decidiu ir buscar um café fresco, enquanto esperava pelo *download*. Quando voltou, a sua caixa de entrada

tinha um novo item.

Havia duas mensagens de George Markowitz. A primeira era o seu currículo. Michael leu-o rapidamente e ficou ainda mais impressionado com as qualificações do homem e com a sua história de carreira. Estavam a desperdiçá-lo como investigador júnior, no departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da NASA.

Ele pensou que *poderia ser útil a Raymond - um analista sistémico de informação* - e reenviou o currículo para o seu assistente.

A seguir, Michael abriu a segunda mensagem.

Era simples.

“Aqui está o arquivo que solicitou.”

Michael carregou o arquivo, no seu SRD com visor multissensorial de realidade aumentada, e colocou o seu equipamento: máscara para áudio e tampões ópticos para visual. Havia também opções para um filtro de nariz, para a entrada olfativa e até mesmo um fato eletrónico, para uma experiência táctil completa, ambos os quais, optou por não colocar. Michael estava mais interessado no conteúdo da entrevista, do que em cheirar a transpiração de alguém.

Ele executou o arquivo.

Orcus 1:
Sistema Solar:
Aproximação à Lua:

Justine já tinha estado no Espaço, quatro vezes. Sempre que ela regressava a casa, tinha visto, em extasiada fascinação, a Terra a começar como uma pequena mancha, contra o pano de fundo negro do espaço e, lentamente, crescer para o tamanho de uma noz nas telas dos monitores. À medida que os dias se passavam, a esfera azul, gradualmente, abrangia toda a amplitude da sua visão. Ela adorava essa parte da viagem e ficava sempre ansiosa por isso.

Havia pouca coisa para Justine fazer, na aproximação final à Terra. O computador de navegação da nave tratava de quase tudo. Só era necessário um observador humano, para o caso do computador de orientação da NASA, perder o contacto com a nave. Quando não estava na sala de observação, Justine passava os dias na sua cabine, consultando as suas notas sobre Alex e sobre o golpe que o tinha levado, bem como à UHTA da AEC. Ela perguntou-se, se deveria ter sido capaz de prever algo do género, ou se poderia ter evitado que isso acontecesse.

O procedimento padrão, não incluía casos de pirataria no espaço. E Justine tinha usado o seu julgamento, o que resultou em desastre. Ela sabia que não se deveria culpar, mas existiam aqueles na Administração que a iriam culpar, especialmente aqueles que iriam usar este incidente, como a sua própria alavanca pessoal para a promoção.

As hipóteses de se redimir eram praticamente inexistentes.

Ela estava prestes a entregar a sua demissão, com planos para se juntar ao Observatório Lowell, quando a sirene do seu comunicador captou a sua atenção.

Pressionando o botão «receber» ela murmurou um desconexo, “Mmm-

mmm?”

A voz de Helen, anunciou a transferência da comunicação não-vídeo. “Mensagem com prioridade para si, vinda do Diretor Tuttle, senhora.”

“Eu vou atendê-lo aqui.”

“Muito bem.”

Alguns segundos mais tarde, o computador de Justine apitou, a indicar que tinha aceite o descarregamento dos dados e que estavam prontos para leitura. Digitou os comandos apropriados na sua pequena tela de SRD e apareceu o rosto do Diretor da NASA.

Justine ouviu atentamente tudo o que o Diretor Tuttle tinha a dizer e, de seguida, com o coração a palpar de uma emoção mal contida, guardou a mensagem na unidade pública e convocou imediatamente uma reunião com todos os membros da equipa de tripulação e de ciência.

∞

Na ponte de comando, ela aguardou até que todos estivessem reunidos, antes de se dirigir a eles.

“Acabo de receber uma mensagem prioritária do Diretor William Tuttle. Não vou perder tempo, com qualquer preâmbulo demorado, a tentar explicar o conteúdo da mensagem. Em vez disso, vou mostrá-la a vós e deixá-los fazer as vossas próprias escolhas.”

Ao ouvirem a palavra ‘escolhas’, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Justine acenou com a mão, para que eles fizessem silêncio e depois fez um gesto, para Helen iniciar a exibição da mensagem na grande tela do SRD da ponte de comando.

O rosto do Diretor Tuttle apareceu ao fundo, quando a insígnia da NASA se desvaneceu.

“Justine.” Disse a imagem. “Em conferência com o representante da Agência Espacial Canadiana e com o Presidente da EUA, Inc., chegamos a um acordo unânime, para lançar uma missão de regresso a Plutão exclusiva para as nossas corporações. Isto foi conseguido, em conformidade com um novo contrato entre a Corporação do Canadá e sua subsidiária, a AEC, com a EUA, Inc. e a sua subsidiária, a NASA. Parte deste contrato, foi a criação de uma nova corporação em parceria conjunta, a Quantum Resources, Inc., que foi criada para estudar exclusivamente o fenómeno do asteróide Macklin Rock e o seu único ocupante que sobreviveu, Alex Manez, e todos os aspetos do misterioso Elemento X.”

“No entanto, uma vez que a maior parte da nossa evidência científica foi pirateada da *Orcus 1*, incluindo Alex Manez, as informações relativas aos nossos planos e à nossa agenda futura, foram trazidas para a arena pública. Sob a alteração do nosso contrato de exclusividade inicial, com a Quantum Resources, Inc. e as suas empresas-mãe, nós concordámos em oferecer parcerias limitadas a todos os participantes originais da *Orcus 1*, nesta nova missão a Plutão, a ser denominada Missão *Orcus 2*. Sem dúvida que as agências espaciais em causa, deverão estar presentemente a enviar mensagens em ASE para a sua tripulação e equipa científica, daí eu ter tomado a iniciativa, de a avisar e informar sobre estes desenvolvimentos.”

“É do nosso consenso, que todos os membros da tripulação ou equipa científica, que desejem estender a sua viagem à *Orcus 2* e regressar a Plutão, o possam fazer. Para aqueles que sejam ordenados regressar, pelas suas respetivas agências espaciais, ou que não desejam participar na Missão *Orcus 2*, organizámos procedimentos no sentido da *Orcus 1* se encontrar com a Estação da Lua, ao invés de regressar a casa. As trajetórias de voo, serão carregadas no computador de navegação da sua nave, dentro de algumas horas.”

“Lá na Estação da Lua, será iniciada uma transferência de tripulação, assim como o reequipamento e o reabastecimento de suprimentos. Haverá uma margem de duas semanas, para deixar a Estação da Lua, depois de um interrogatório.”

“Tanto eu como o Presidente da EUA, Inc., estendemos os nossos pedidos mais esperançosos, de que você dirija esta missão subsequente, Capitã, se for esse o seu desejo. Em troca, nós estenderemos o seu mandato e oferecemos-lhe um bônus substancial de voo e de missão. Deixamos ao seu critério, caso deseje apresentar esta notícia à sua equipa, ou esperar, até que eles sejam notificados pelas suas respetivas agências espaciais. Não serão necessárias respostas, até doze horas depois desta transmissão.”

“Diretor Tuttle, a desligar.”

Justine virou-se na cadeira de comando e observou os membros da *Orcus 1* a começarem a perceber, que a sua missão inicial, embora tenha falhado tecnicamente, ainda lhes trouxe uma recompensa. Seria dada a oportunidade, à maioria deles, de tentar uma segunda vez.

A mortalha que se instalara sobre os membros da nave, ao longo dos últimos seis meses e, especialmente após o ataque pirata, levantou-se de repente, com a notícia de que eles iriam regressar a Plutão.

“Todos nós temos algo para ponderar...” Começou Justine, mas foi interrompida por Helen Buchanan.

“Desculpe, Capitã, mas eu não preciso de tempo nenhum. No momento em que a AEC me enviar a oferta, eu vou responder em ASE, que vou ficar para a missão. Eu sei que não tenho muito a ver com os aspetos científicos da missão, mas sempre fui uma das pessoas, a querer vê-la prosseguir até ao fim. Não perderia isso, por nada no mundo.”

Um por um, os membros da equipa de ciência, concordaram com os sentimentos da Primeira Imediata, nas suas próprias palavras. Não seriam só as suas carreiras que iriam ser salvas por esta oportunidade, e o seu sentido de dever profissional apaziguado, mas as suas ambições pessoais para desvendar os segredos de Plutão e do *Dis Pater*, estavam a ser atendidas de uma forma, que nenhum deles tinha ainda experimentado.

Sakami Chin curvou-se quando, no final, a Agência Espacial da República Popular da China, lhe ordenou que regressasse ao seu país, para ser substituído pelo prezado colega da China, Dr. Soon Tek.

Todavia, Justine ia regressar a Plutão e nada a iria impedir.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

George Markowitz tinha viajado pessoalmente às Honduras, para conseguir a entrevista.

Sendo um dos passatempos favoritos do Senado, a NASA beneficiava de generosas transferências corporativas do governo e tinha capacidade para comprar o equipamento mais recente de alta tecnologia. A Quantum Resources, Inc. não tinha uma câmara multissensorial de realidade aumentada, ou câmara virtual de turista (o nome pelo qual era comercializada no mercado), no seu inventário mas, felizmente, com um adaptador especializado, as gravações podiam ser descarregadas e passadas em qualquer janela de SRD.

Michael tinha a opção de assistir em modo de tela plana (um pouco distorcida), ou em modo de ecrã total visual de 270°, com áudio em 3D, pacote sensorial e experiência tátil do operador turístico virtual.

A câmara de turista virtual recolhia amostras de ar, em torno do capacete que o operador vestia e gravava os aromas, para os integrar na sua base de dados, de mais de dezasseis mil cheiros. Quando a gravação era reproduzida, o SRD podia, se fosse a opção desejada, emitir uma pequena pulverização de um dos seus vinte e três cheiros básicos e enviar sinais eletrónicos ao cérebro, que levavam o espectador a pensar, que estava a experimentar os cheiros reais em campo.

Normalmente, aqueles que queriam ir de férias virtuais, sem sair das suas casas ou dos escritórios, durante a pausa para o almoço, utilizavam as gravações completas das experiências.

Michael estava interessado, puramente, em negócios. Por isso, desligou os

recursos extras e apenas usou o capacete de realidade virtual, para assistir à entrevista em modo audiovisual.

∞

**[Copán:
Honduras:
Conglomerado da América Central]**

Em tempos uma grande cidade dos antigos povos Maias, Copán é agora, nada mais do que uma pequena vila de menos de cinco mil habitantes, a quarenta milhas da muito maior Capital Departamental, Santa Rosa de Copán. Foi numa pequena aldeia entre as duas, que o Sr. Markowitz vestiu pela primeira vez o seu fato de turista virtual e o ligou.

Apareceu um mapa da área, sobreposto durante meio minuto sobre a imagem.

“Estamos aqui, na região montanhosa das Honduras, muito perto do local da antiga cidade Maia de Copán. Esta aldeia, é a casa do Índio Maia, que originalmente traduziu os hieróglifos que encontrámos no artefacto *Dis Pater*.”

“O homem, Yaxche, cujo nome significa ‘árvore do céu’, é conhecido pelos moradores, como o único, na Copán Departamental, que ainda pode traduzir com precisão, as primeiras formas de pictogramas das ruínas da antiga Cidade de Copán.”

A imagem do SRD, a partir da perspectiva de George Markowitz, mostrou uma estrada de terra batida, definida por uma série de casas nas ruínas, que se dispunham em fila. As próprias casas, à beira da ruína.

Sentado numa cadeira de baloiço artesanal, na casa mais próxima, estava um homem velho, baixo, atarracado, muito bronzeado, com o cabelo preto e uma cabeça notavelmente redonda. Ele sorriu, quando George se aproximou. Nem todos os dentes tinham sobrevivido, às muitas décadas de vida do velho índio.

“Este é Yaxche.” Disse George.

Yaxche balançou a cabeça uma vez, duas vezes e o seu sorriso aumentou, quando George chegou à frente da sua casa. Ele estalou a língua contra o céu-da-boca e disse: “Ahyah. Olá.”

“Bom dia, senhor. Eu sou George Markowitz, da NASA, nos Estados Unidos. Será que lhe poderia fazer algumas perguntas?”

Ainda a sorrir como um tolo, o velho pestanejou e respondeu: “Ahyah.”

“Você é o homem que nos traduziu alguns hieróglifos, no verão passado?”

“Ahyah.” Ele estalou a língua. “Eu li alguns dos escritos antigos. Goozal Kinich Ahua; Inti ba Rahn; Goozal Kukulcan.”

George traduziu de memória. “Eis a Poderosa Porta de Kinich Ahua. A eternidade está agora diante de vós. Cuidado com o Poder de Kukulcan.”

“Ahyah. Você lembra-se. Muito bem.”

“Obrigado. Então, temos ouvido dizer alguns dos estudiosos, em Santa Rosa de Copán, que você tem em sua posse um documento, que remonta a mais de mil anos, mas que eles não foram capazes de se apropriar dele, tirando-o de si ou desta aldeia.”

“É um legado.” Disse Yaxche, ainda a sorrir. “Pertence a Copán. Um dia, quando morrer, eu vou para Mitnal, talvez vá com Hunab’Ku, eu não sei para onde vou ou quem me vai levar. Nesse dia, quando eu morrer, ele irá para o meu neto.”

∞

Michael perguntou-se, porque é que Yaxche sorria assim e então percebeu que, para aquele aldeão, George devia parecer algum tipo de idiota, com o capacete do gravador de turismo virtual na sua cabeça.

∞

George perguntou: “Será que eu poderia ver o documento, senhor?”

“Ahyah.” Yaxche virou o rosto para alguém fora da imagem, disse algo na sua língua e um menino saiu a correr, em direção a uma casa da rua.

George virou-se para o índio. “Como é que este documento chegou até si, se não se importar que eu lhe pergunte?”

“Ahyah. Foi-me dado este presente, como legado, pelo meu avô Chictzi, a quem foi dado pelo seu avô, que foi...”

“Compreendo.”

“Ahyah. Talvez você compreenda.”

À espera que o menino retornasse, George perguntou: “E quantos anos tem você agora, Yaxche, se não se importar que eu lhe pergunte?”

“Ahyah. Não sei. Muitas estações. Demais, para este homem velho contar.

Não se preocupe. Não haverão muitas mais, para contar. Não. Não serão muitas mais.”

Naquele momento, o menino regressou com uma caixa de madeira polida, entregou-a com reverência para Yaxche e desapareceu, com o entusiasmo de qualquer pré-adolescente, não obstante a sua cultura.

George prestou-lhe pouca atenção e, focou-se sobre o rolo de pergaminho, que o índio começou a desenrolar.

“Espantoso!” Era tudo o que George conseguia dizer.

Depois disse: “É feito a partir do que parece ser uma espécie de casca de tecido. Seja qual for a sua origem, já dura há mais de dez séculos!”

Yaxche considerou George, tal como um professor a um aluno. “Ahyah. Feito com casca de pinheiro; batida até ficar macia e fina e, depois, secada ao Sol.”

“Maravilhoso! O que é que ele tem escrito?”

Durante um longo tempo, o velho não respondeu, focando o olhar no pergaminho. Era como se ele estivesse perdido no passado. Finalmente, ele começou a sua história.

“É uma história sobre a queda dos povos Maias. Ahyah. Durante centenas de estações, as pessoas foram ricas e prósperas. Mas nós tornámo-nos complacentes. Hunhua, o governador de Mitnal, o reino dos mortos, ficou irritado com as pessoas, por causa da sua arrogância e fez um plano para os reunir em seu reino.”

“Hunhua sussurrou ao ouvido de Hulneb Ah, o deus da guerra e, sugeriu que era hora do Povo do Sul ir para a guerra com o Povo do Norte.”

“Então, o povo reuniu as suas mulheres e crianças e colocou-as numa ilha, para as manter seguras. Em seguida, eles foram para a guerra.”

“Hunab’Ku foi o criador do povo Maia. Ele tinha reconstruído o mundo três vezes, após os três dilúvios que afluíram da boca de uma serpente que veio do céu. O primeiro mundo foi para os anões, que construíram as cidades; o segundo mundo foi para os Dzolob, os infratores; e o terceiro mundo foi para os Maias. Mas Hanub’Ku estava descontente com esta guerra dos Maias e decretou que o mundo seria reconstruído novamente, uma quarta vez, para o homem branco.”

“Ele ordenou a Kinich Ahua, o Deus Fénix do Sol, para descer e queimar as cidades maias, enquanto as pessoas estavam fora a combater. Ele ordenou a Kukulcan, o Deus Serpente Emplumada de todos os elementos, para subir os oceanos e engolir a ilha em que todas as mulheres e crianças Maias

estavam escondidas. Ele levou-as com ele, para as profundezas do mar, para que os Maias não pudessem produzir mais filhos desobedientes.”

“Quando as pessoas regressaram da sua guerra e viram as suas cidades destruídas e as suas famílias mortas, balançaram as suas cabeças com vergonha e permitiram que os guerreiros inimigos viessem, os derrotassem e os oferecessem em sacrifício aos deuses. Fazendo-os escravos dos seus reis.”

“Kukulcan estava tão dececionado com o comportamento do Povo Maia que, mais tarde, tornou-se Quetzalcoatl e governou os astecas.”

“Diz-se que Hunab’Ku voltou para a sua casa, nas estrelas, para fazer planos para o quinto mundo, depois do dilúvio que destruiria o homem branco.”

Terminando o seu conto, Yaxche olhou para George, na expectativa.

“Incrível!” Disse o pesquisador da NASA, a imagem do SRD a tremer com a cabeça. “Se acreditarmos nisto, então os deuses Maias previram a vinda dos europeus, cerca de cinco séculos antes de acontecer!”

“Ahyah. Diz-se que assim é. E que a vinda do quinto mundo, está para breve. Mas o que sei eu? Eu sou apenas um homem velho.”

“O quinto mundo...”

George falou de um dos lados, para a realidade virtual. “Poderá isto ser, uma previsão da descoberta do elemento para atingir a velocidade da luz, em Macklin Rock? Será que este ‘Quinto Mundo’, é o que se encontra para além do Sistema Solar? É possível, como muitos teólogos e filósofos têm gracejado, que os deuses antigos fossem viajantes espaciais, que visitaram a Terra e concederam grandes dons aos nossos antepassados? De que outra forma, é que vamos explicar os hieróglifos encontrados no *Dis Pater*, se eles não foram colocados lá, pelos viajantes das estrelas de há mil anos atrás, que visitaram o povo Maia?”

∞

A entrevista continuou, durante mais alguns minutos, mas Michael cortou o som e não assistiu mais ao SRD. É verdade, que as especulações de George eram selvagens... mas não mais ridículas, do que as outras explicações que a denominada comunidade científica respeitada, tinha colocado na mesa.

Poderia ser...?

**Estação da Lua:
Lua:**

“Controlo do Porto da Lua, daqui fala a *Orcus 1*, NASA BJN-1145, a solicitar autorização de aproximação final à Estação da Lua, terminado.”

:*Orcus 1*, daqui é o Controlo do Porto da Lua. Por favor, confirme os vetores das trajetórias de aproximação, a velocidade e a carga atual, terminado.

“Controlo do Porto da Lua, vetor de aproximação a 92 graus, 14 minutos, 42 ponto 556 segundos na separação de 92 ponto 348 mil quilómetros, agora. Carga de 14 mil quilos, terminado.”

:*Orcus 1*, vetor confirmado. A sua posição está marcada no radar de aproximação, submetida ao gestor de ancoragem, para cálculo. Espere pelos cálculos, terminado.

“Controlo do Porto da Lua, em espera, terminado.”

:*Orcus 1*, autorização concedida, registado. Por favor altere o controlo da navegação para o computador do gestor de ancoragem, agora, três, dois, um, agora, terminado:

“Controlo do Porto da Lua, submetido o controlo da navegação ao gestor de ancoragem, confirme, terminado.”

:*Orcus 1*, submissão confirmada. Você irá atracar no Nub 43, Estação 12, dentro de uma hora, doze minutos, catorze segundos, agora: Número de autorização para reaparelhar e reabastecer solicitado, terminado:

“Controlo do Porto da Lua, o número de autorização é o seguinte: NASA

BJN-1145 AD-324-19-44-4, por favor confirme, terminado.”

:*Orcus 1*, confirmada autorização. Estacionamento por 15 dias, autorizado. Hora de partida prevista para 01-30-92, às 09:23 horas, terminado:

“Controlo do Porto da Lua, hora de partida confirmada, terminado.”

:*Orcus 1*, por favor transmita manifesto de quaisquer bens que sejam transferidos da *Orcus 1*, através do Porto da Lua, terminado:

“Controlo do Porto da Lua, o manifesto está a ser transmitido. Observe também uma troca de membro da tripulação Sakami Chin, da RPC, para Soon Tek, da RPC, terminado.”

:*Orcus 1*, observação de mudança de tripulação registada, terminado. Soon Tek confirmou a presença na Estação da Lua, confirme, protocolo concluído, terminado:

“Controlo do Porto da Lua... Obrigado, Controlo do Porto da Lua, terminado.”

:*Orcus 1*, aproveite a sua estadia, terminado.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

O memorando no seu computador relativo à confirmação da Missão *Orcus* 2, era de importância muito superficial, para o Diretor da Quantum Resources, Inc..

No seu íntimo, Michael estava feliz que a Capitã Turner tivesse sido contratada, para liderar a próxima missão a Plutão. Ela tinha lá estado antes e era mais do que suficientemente competente, para lidar com uma extensão da missão no Espaço. Seria bom para a sua carreira. Ela tinha arriscado o pescoço, para lhe dar a informação sobre Alex, antes que fosse completamente seguro que o fizesse, o que a tinha colocado nas boas graças de Michael.

Ele enviou uma mensagem para Justine, em ASE, através do seu escritório da NASA, agradecendo-lhe pelo esforço e oferecendo-lhe a sua ajuda, no futuro, sempre que ela sentisse a necessidade de a pedir.

Todavia, ele estava muito mais ocupado, com a notícia que Calbert Loche tinha trazido com ele, alguns instantes depois de ter entrado no seu escritório, naquela manhã. Embora Michael tivesse ordenado, à maior parte da sua equipa, investigar o sequestro de Alex Manez, a pequena equipa, que tinha permanecido na pesquisa do Elemento X, tinha trabalhado de forma constante, em direção a uma resolução do problema. Calbert dividiu o seu tempo entre as duas equipas.

“Michael, acho que estamos no caminho certo.” Tinha-lhe dito Calbert.

“Qual Caminho?” Perguntou Michael, de pé. “sobre Alex?”

“Não. O Elemento X. Existe uma anomalia, no relatório preliminar da pesquisa. O nosso novo homem, George Markowitz, acha que consegue

extrapolar algo, que nos pode dar uma ideia de como encontrar o Elemento X.”

“George! Mas ele só começou a trabalhar nisto, há alguns dias!”

“Sim!”

Michael estava satisfeito com a sua recomendação para Calbert, que levou à contratação de George. Tinha esperança de que não se iria arrepender, com a contratação do homem. A aquisição do mestre pesquisador, poderia já ter compensado.

“Vamos lá ouvir sobre isso.”

Calbert Loche levantou a mão a prevenir. “A apresentação dele ainda não está completamente terminada. Há algumas cópias de relatórios oriundos da NASA, que ele tem que verificar para comparar e, também enviou umas pesquisas para os europeus. Está à espera de algumas respostas esta manhã. Eu só queria saber, se você consegue reservar uma hora esta tarde, para ouvir a equipa.”

“Absolutamente!”

“Ótimo, vamos dizer, por volta das 13:30h?”

“Perfeito.”

∞

Na sala de conferências, Michael sentou-se à cabeceira da mesa, de frente para uma tela grande de SRD, colocada na parede de trás. À esquerda, Calbert Loche recostou-se na cadeira com uma confiança, que serviu para aumentar a expectativa de Michael.

Do outro lado da mesa; Walter Johnson, Peter Cloud, e Gary McNally - sentaram-se todos com as pastas dispostas sobre a mesa, canetas levantadas para tomar notas, enquanto que George Markowitz fazia a sua apresentação ao Diretor.

George expôs uma apresentação, que Michael reconheceu como sendo o levantamento geológico preliminar de Macklin Rock, realizado pelos Manez.

Para começar, George foi direto ao ponto: “Eu não sou realmente alfabetizado cientificamente, mas posso verificar e comparar fatos. À primeira vista, este levantamento em si, não diz nada. Até agora, estivemos a olhar para ele durante meses, até percebermos que em vez de olhar para ele, devíamos olhar *através* dele.”

Michael aplaudiu, silenciosamente, a utilização do homem do ‘nós’. Mesmo que George tenha acabado de chegar a bordo, mostrava que estava

disposto a ser parte da equipa. Os seus problemas pessoais com o seu supervisor anterior, obviamente, não interferiram com o seu profissionalismo ou com a sua paixão pelo trabalho.

George e a sua esposa, Elizabeth, tinham-se juntado a Michael em casa de Calbert, para jogar às cartas durante o fim-de-semana. Michael simpatizou imediatamente com o casal, que eram abertos e gostavam de se divertir. George não foi nada tímido a explicar a Michael, que Elizabeth estava a tentar conseguir um lugar de docente na universidade, antes de se casarem e desistiu da carreira como professora, para poderem ter filhos. Ela não mostrou arrependimento, embora Michael pudesse imaginar o irmão de Elizabeth, a ficar aborrecido com a situação.

George fez surgir uma apresentação no SRD.

∞

Conteúdo Mineral: Alumínio, Cálcio, Carbono, Cobalto, Cobre, Hélio, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Sódio, Enxofre, Titânio

- Percentagens desconhecidas

∞

“O que é importante, é o conteúdo mineral. Numa observação casual, não há nada fora do comum. Todos estes elementos foram descobertos noutros asteróides; algumas rochas têm elementos adicionais e algumas não são tão abrangentes quanto esta. Decidimos ir elemento por elemento, e compará-lo com os outros asteróides do catálogo de minas da DME, verificando contra-anomalias. Mas, embora nós estivéssemos na pista certa, estávamos no veículo errado, se é que me faço entender.”

Ele fez aparecer uma outra apresentação.

∞

Setor 1: Alumínio, Carbono, Cobalto, Cobre, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Titânio

- Percentagens Desconhecidas

Setor 6: Alumínio, Cálcio, Cobre, Hélio, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício,

Sódio, Enxofre, Titânio

- Percentagens Desconhecidas

Setor 14: Alumínio, Cálcio, Carbono, Cobalto, Cobre, Hélio, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Titânio

- Percentagens Desconhecidas

∞

“Isto é representativo de todos os trinta e oito locais, pesquisados pelos Manez, em Macklin Rock. As diferenças entre os locais, não nos mostraram nada. Não havia nada no Setor 14, que não fosse encontrado em qualquer outro local.”

“Estávamos sem nada, até que Paul reparou numa anomalia no Setor 14. Não é uma variação entre este e um outro local, mas entre os seus próprios relatórios. Eu quero mostrar-lhe os três seguintes relatórios, sensíveis ao tempo.”

∞

Setor 14: 13:12:23 horas GMT

Alumínio, Cálcio, Carbono, Cobalto, Cobre, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Titânio

- Percentagens Desconhecidas

Setor 14: 13:12:24 horas GMT

Alumínio, Cálcio, Carbono, Cobalto, Cobre, Hélio, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Titânio

- Percentagens Desconhecidas

Setor 14: 13:12:25 horas GMT

Alumínio, Cálcio, Carbono, Cobalto, Cobre, Ferro, Magnésio, Níquel, Silício, Titânio

“Cada um desses relatórios, foi gerado um segundo após o outro. O relatório final foi gerado, um instante antes da detonação. Nota alguma diferença entre os três?”

Michael pestanejou. “O hélio, é claro! Mas...”

“O hélio não é um elemento raro em todos os corpos celestes, embora não seja tão facilmente encontrado, sob a forma de asteróide. O próprio Sol, é composto por 25% de hélio. As reações termonucleares no Sol, que nos fornecem luz e energia, transformam o conteúdo de hidrogénio 75%, em hélio. Agora, o hélio tem o número atômico de 2 e um peso de cerca de 4. Isso significa que há quatro prótons e/ou neutrões no núcleo, neste caso, dois de cada um e dois eletrões na camada K. Gravidade específica de 0.00018...”

“Sim, sim.” Disse Michael, impaciente. “Eu sei que se passaram uns anos, desde as aulas de química do liceu, mas eu lembro-me bem da tabela periódica.”

“Na verdade, isto é tudo novo para mim. Peter foi muito simpático em dar-me um curso intensivo, na noite passada.” Ele acenou para o seu colega. “Mas, você depressa vai perceber, que o segundo relatório estava, de fato, errado. Variava na determinação do hélio, como um dos elementos encontrados no local de perfuração.”

“O quê?”

“Até eu sei, que os elementos são geralmente identificados pelo espectrómetro de massa. O instrumento é tão acessível, que cada geólogo e físico que trabalha aqui, tem um pequeno espectrómetro de bolso, ao lado das suas calculadoras. Ao analisar o histórico dos relatórios, o grande espectrómetro no local do Nelson II, inicialmente identificou a substância como sendo hélio. Não porque detetou uma cor que indicava hélio, mas porque identificou dois eletrões num elemento questionável e, temporariamente, assumiu que fosse hélio, em vez de um isótopo de hidrogénio ou de lítio. Os espectrómetros que empregamos nas sondagens, usam uma contagem de eletrões livres, para reforçar o nosso processo de identificação, para ajudar a determinar isótopos, bem como elementos básicos.”

“Então, na terceira amostragem, o espectrómetro não encontrou uma cor para combinar com o hélio ou qualquer isótopo de hidrogénio ou de lítio,

descontou a contagem de elétrons e negligenciou o elemento como não-identificável.”

“Não-identificável? O hidrogénio é, normalmente, encontrado em pares...” Sugeriu Michael.

“Não, o espectrómetro não mostrou nada, sequer remotamente, nesse espectro.”

“E se forem dois átomos de lítio, que partilhem um elétron na camada L?”

“Não.” George sorriu conscientemente. “A leitura do espectrómetro, está completamente fora dessa faixa.”

“Então, para o que é que nos serve esta informação?” Perguntou Michael.

“Primeiro que tudo, nós sabemos que, o que este elemento for, tem dois elétrons. Então, obviamente nós pensamos que é um isótopo de hélio, digamos que, um hélio pesado, em algum grau. No início, nós ignorámos estes resultados, por causa das impossibilidades dos mesmos. Em primeiro lugar, com uma massa de 0,002 por cento de 10.000 teratoneladas, isto mais ou menos significaria, cerca de 200 biliões de toneladas de hélio. Numa gravidade específica de 0,000018, isto representaria um volume, de cerca de 360.000 metros cúbicos. Amostras na perfuração inicial, indicam uma bolsa, a ter não mais do que 10 metros cúbicos.”

“O que é que significa tudo isso?”

“Bem, numa estimativa grosseira, seria um isótopo de hélio, com um núcleo ou massa atómica de cerca de 271 e uma gravidade específica de cerca de 210 gramas, por centímetro cúbico.”

Houve um silêncio atordoado na sala, até que Michael disse: “Impossível!”

“Certamente... mas então, também o são, velocidades luminosas ou superluminosas.”

Michael esfregou a palma de sua mão, sobre a boca e o queixo. “Está bem, para continuar com o raciocínio, vamos considerar que isso é possível. Ou se trata de um hélio superpesado...”

“Que está para além das leis da física,” acrescentou Paul “ainda mais, do que as impossibilidades que estamos a discutir agora.”

“Isto, por sua vez, significa que temos um isótopo de hélio super-radioativo, nas nossas mãos. Cerca de mil vezes mais radioativo que o urânio.”

“...ou...” Solicitou o Diretor.

George assentiu. “Ou que temos um elemento, que é suposto ter para cima de 271 elétrons, a flutuar à sua volta. Qualquer coisa como, de entre 110 a

271 prótons no núcleo, com carência dos seus elétrons. Um ião supercarregado positivamente.”

“Isso seria...”

“Anti-radioativo. Embora, não tão rebuscado. Pode ser comparado, à tecnologia de estado sólido, que existe atualmente; como semicondutores e supercondutores. Embora esta fosse a forma mais pura, encontrada naturalmente; um supercondutor, se assim quiser. A temperatura do núcleo do asteróide é, provavelmente, o que mantém esse material super-supercondutor, tão puro. Os átomos elementares, haveriam de querer absorver tantos elétrons quanto pudessem, a partir de qualquer fonte.”

“Ou neutrinos, ou até mesmo fótons de raios gama”, acrescentou Paul. “Qualquer partícula disponível. Nós não saberemos, até que tenhamos uma amostra.”

“Certo, e a Lei da Física de Newton afirma que; - Toda a ação, tem uma reação igual e oposta.”

“Absolutamente. Portanto, se esse novo elemento absorve o fóton, a energia do fóton que viaja é traduzida como...”

Michael terminou por ele. “Eletricidade, calor, luz... ou... movimento.”

“Nesses valores, traduzidos como estando quase à velocidade da luz, ocorreria um atraso no tempo. Como os treze segundos entre a detonação e o lançamento de Macklin Rock, enquanto os átomos se enchiam, até à sua capacidade. Uma vez que esta tenha sido alcançada, a única coisa que resta, como em qualquer reação radiativa, é que a enorme energia seja libertada. Talvez através da válvula natural, criada pela perfuração no local do Nelson II, ou pensamos que mais provavelmente, em vez da teoria do propulsor, que estes átomos carregados de fótons viajassem numa base de propulsão antimagnética, talvez mesmo relativamente ao Sol. Uma espécie de reação super-quântica. Não saberemos ao certo, até que tenhamos uma quantidade deste elemento, para teste.”

“Mas, esse tipo de aceleração súbita, não teria esmagado Alex?” Perguntou Michael.

Paul falou. “Normalmente sim. A pressão mais elevada que uma pessoa poderia aguentar, durante qualquer período de tempo, é de cerca de 8 G de força. Aos 8 G, levaria milhares de horas, cinco semanas ou algo do género, para alcançar velocidades luminosas. Há uma velha teoria sobre a luz: que ela, por si só, não tem peso. Trabalhámos com a física do fenómeno de Macklin Rock e tudo o que podemos supor, é que; de alguma forma, o

Elemento X opera de tal forma que, tudo o que vai na sua boleia, assume uma espécie de super-luminosidade. Não sentiria, portanto, os efeitos da aceleração, mesmo com os supostos cinco milhões de G de força, que o asteróide teria que sustentar, ao longo do primeiro minuto. Isso teria pulverizado em pó fino, até mesmo um diamante.”

“Macklin Rock, a UHTA e mesmo Alex, teriam assumido uma condição molecular acelerada, o que poderia ter deixado as células do seu corpo, num estado semi-carregado. Isto provaria a teoria não-oficial, que você apresentou na semana passada, de que ele é de alguma forma, capaz de manipular sinais elétricos nas suas proximidades: este fenómeno não é incomum, nas pessoas que foram atingidas por um raio. Elas próprias tornaram-se iões vivos.”

“Isso tudo soa-me impossível.”

“Racionalmente parece que sim, mas temos meia dúzia de teorias em papel, que provam isso.”

Balançando para frente e para trás, na sua cadeira, Michael pensou acerca daquilo. “Por enquanto, esqueçam as teorias. Como é que vamos encontrar mais amostras? E, se encontrarmos alguma, como é que vamos impedi-la de reagir? O que você está a dizer, é que essa coisa estava numa bolsa de minerais, rodeada por...” Ele olhou para Gary, que levantou uma folha de papel.

“Era uma bolsa de titânio, se os indicadores de profundidade do Nelson II, foram precisos. Os nossos atuais Nelson II, permitem uma pequena diferença de espaço aberto, entre o núcleo do furo e a superfície do asteróide... mais do que suficiente, para os fotões entrarem.”

“Então, quando a broca perfurou, os fotões do Sol entraram e...”

“Reação, ou deverei dizer anti-reação.”

“Tal como o hipotético taquião, deste lado da velocidade da luz.”

Michael levantou uma sobrancelha para as possibilidades.

“Certo. Nós discutimos isto com os engenheiros da AEC e eles pensam que poderão facilmente montar um Nelson II, com uma broca de vácuo. Nós utilizamos uma broca similar em salas limpas, quando não queremos amostras contaminadas.”

Michael sabia disso, mas a sua mente estava cheia com as novas informações e teorias. “Como é que vamos determinar a localização deste, como... é que o devemos chamar? Para além de Elemento X? Esse nome soa-me tão misterioso e, já que estamos a caminho de resolver este mistério particular.”

George Markowitz pigarreou, já preparado para a questão.

“Bem, não-oficialmente temos vindo a chamar-lhe de elemento ‘luz-pesada’, como uma espécie de piada, mas eu discuti este assunto com alguns dos membros da equipa e, quando chegasse a altura certa, iríamos apresentar o nome ‘Manezum’...” Ele esperou pela reação de Michael “...ou ‘Kinemet’.”

“Kinemet?”

“Metal Kinemético.”

“É apropriado.” Considerou Michael, por alguns momentos. “Bem, tradicionalmente, o descobridor de um elemento, tem a honra de lhe dar o nome. Atendendo a que os descobridores não estão connosco, então acho que a tarefa, terá que ir para os teóricos que primeiro identificaram e classificaram o elemento. Em homenagem aos Manez, poderíamos chamar a anti-reação de ‘Efeito Manez’. Para o próprio elemento, pode ser ‘Kinemet’, e eu vou escrever uma nota para o mesmo.”

“Obrigado, senhor.”

Michael acenou-lhe com a mão. “Como é que vamos encontrar mais, deste Kinemet?”

“Bem, o método mais óbvio, embora dificilmente o mais confiável, é procurar anomalias nas massas de asteróides, quando comparadas com os seus volumes. Qualquer coisa que aumente a gravidade específica de um asteróide, acima de digamos, dez ou quinze, dependendo do quão rigorosos quisermos ser e, então, dar-lhe uma observação mais pormenorizada. A gravidade específica de sete, é o que nós encontramos como a mediana dos asteróides do nosso catálogo, com flutuações entre cerca de quatro e doze, naqueles que são ricos em metais pesados. Mas Macklin Rock, calculámos, com base na composição e tamanho, e também com as leituras preliminares de massa, sem os rebocadores espaciais, que tinha uma gravidade específica geral, de cerca de quarenta e oito.”

“Quarenta e oito?” Michael não conseguia acreditar nisso.

“Sim. O que lança a massa estimada de Macklin Rock, até mais de sessenta e oito mil teratoneladas. Com base nestes dados, deve ter uma série de bolsas. O único problema com Macklin Rock, é que está a cerca de seis biliões de quilómetros de distância.”

“Você contou a alguém sobre isso? Sobre a teoria?”

“Não. Quando entrámos em contacto com a NASA e verificámos o catálogo de minas da DME, encontrámos uma série de asteróides com

anomalias semelhantes, sumariamente desvalorizados, por dados considerados defeituosos. Gostaríamos de propor, uma pesquisa de acompanhamento desses asteróides.”

“Claro. Assim que você me der os números das minas e da broca de vácuo, eu vou pôr uma equipa de pesquisa lá, pronta para escavar. Nós vamos adiar a informação à NASA, até que tenhamos alguma evidência. Depois, eles podem ir ao seu catálogo e tentar minar os seus asteróides.”

O Diretor respirou profundamente.

“Assim, e então se tudo isso for verdade, temos que nos fazer uma pergunta... e enquanto estamos a discutir teorias impossíveis e novas regras das leis da física, eu acho que sei a resposta à minha pergunta.”

“Qual é a pergunta?” Insistiu Calbert.

“Porque é que Macklin Rock, *parou*? O que é que agiu como travão de amortecimento, para parar as reações luminosas?”

Os homens reunidos na sala, eram por natureza, os melhores teóricos da física quântica, que a Quantum Resources, Inc. poderia contratar. Só que, questões mais práticas, eles ainda não tinham ponderado. Por isso, ficaram num silêncio atordoado.

Imediatamente, Peter sugeriu: “O *Dis Pater*?”

Michael balançou a cabeça. “Eu não penso assim. Eu acho que o *Dis Pater* pode ser, nada mais do que um indicador, para medir os tempos estimados de chegada. Colocado lá por uma outra raça. Se para nosso benefício, ou para o deles, isso ainda está para ser determinado...”

“Não, outra coisa impediu o asteróide, de ser arremessado para o espaço interestelar e eu quero que vocês incluam essa possibilidade, no vosso relatório.”

Os cientistas na sala ponderaram, por alguns momentos, antes de Michael partilhar a sua suposição.

“Eu acho que, de alguma forma, foi Alex que o parou.”

**Estação da Lua:
Lua:**

Quando a nave pirata chegou ao porto de acoplagem, na Estação da Lua, Alex foi convocado para a ponte e escoltado pelo Primeiro Imediato Chung.

Ele tinha mantido o seu olho mental sobre a aproximação da nave, deleitando-se com as vistas, que pareciam muito mais emocionantes do que as fotos nos Holovisores 3D. Não existiam muitas pessoas, que pudessem reivindicar o testemunho, em primeira mão, do acoplamento de uma nave espacial.

No início, ele perguntou-se como é que eles tinham conseguido negociar o seu desembarque, sem que o gestor de ancoragem informasse as autoridades sobre a natureza da nave, mas, logo a seguir, Alex percebeu que o gestor, era apenas um computador que executava instruções. Quem programou o gestor estava, provavelmente, a soldo dos piratas ou era o mestre dos piratas.

Na ponte, Alex enfrentou o Capitão Gruber, pela primeira vez, desde que tinha sido trazido a bordo. A ponte, embora Alex a tenha analisado com a sua *visão*, parecia mais ameaçadora e agoiresenta pessoalmente. Principalmente, porque a equipa de comando estava a ignorá-lo conscientemente e o Capitão estava a olhar para ele, como se estivesse a decidir se devia mastigá-lo ou tirar-lhe o escalpe ainda vivo.

A tentar evitar o contacto ocular com o Capitão, Alex desviou o olhar para os SRD e para os monitores de estatísticas.

Até onde ele poderia dizer, a maioria dos controlos e estações eram idênticas, em função e presença, àqueles a bordo da *Orcus 1*.

Na *Orcus 1*, Alex tinha estudado cada estação e a sua finalidade e estava confiante de as poder identificar na embarcação, na ponte, ou em qualquer outro espaço da nave pirata, para esse fim.

“Alex.” A voz do Capitão Gruber saiu ralada, num terrível aviso.

Alex virou a sua atenção para a cadeira de comando, embora não levantasse os olhos para o ocupante.

“Sim, senhor?”

“Vamos deixar a nave agora, você e eu. Vou levá-lo ao longo do porto, onde, sem dúvida, irão estar outras pessoas. Você pode pensar em fugir, ou gritar por ajuda ou em algo igualmente estúpido.”

“Sim senhor.”

Gruber balançou a cabeça. “Desaconselho-o disso. Eu poderia matá-lo, mas o nosso cliente proibiu expressamente esse tipo de ação. No entanto, ele não disse nada acerca de matar civis.” Ele puxou uma arma de laser. Parecia letal. “Se você fugir de mim, eu vou atirar em pessoas ao acaso, até que regresse. Se você gritar a alguém para o ajudar, eu vou atirar nessa pessoa. Faço-me perfeitamente claro?”

Os olhos de Alex estreitaram-se. Ele agora sabia, que estes eram piratas verdadeiros, insensíveis e maus. Doc poderia ser algum tipo de anomalia, mas que poderia ter a ver com o fato de ser médico e treinado para salvar vidas. Ainda assim, ele tinha-se aliado a estes bandidos. De repente, Alex odiava cada um deles.

Ele iria alinhar, com complacência e não tentaria escapar. Contudo, ele não iria cooperar totalmente, se o pudesse evitar. Ele tinha estado a ponto de contar os seus segredos a Doc, explicar sobre a *visão* e sobre a outra coisa.

Poucos dias antes, no seu banho alocado semanal, Alex notou um chumaço de cabelo a entupir o cano. Quando puxou o cabelo para fora da ranhura, ficou chocado ao perceber que o cabelo era seu. Desde então, ele tinha encontrado fios do seu cabelo, em todos os lugares. Ele era um menino de dez anos que estava a ficar careca, lentamente.

Ainda que alarmado por esta revelação, ele sabia que tinha sido sábio manter a boca fechada. Quanto menos informações o médico tivesse, melhor.

“Fui claro?” Repetiu Gruber, num tom que não admitia desobediência.

“Sim senhor.”

Alinhar com o Capitão, não só garantiria a segurança de pessoas inocentes, mas permitiria que Alex visse por si mesmo, quem tinha contratado os seus serviços. Se alguma vez conseguisse fugir, poderia denunciar o homem por detrás do sequestro, com uma descrição completa.

“Eu não vou tentar nada.” Assegurou Alex ao Capitão.

“Bem.” Gruber guardou a arma no coldre. “O Primeiro Imediato Chung e o

Doc vão acompanhar-nos. Eu não quero ouvir uma palavra sua, a partir de agora, seja por que motivo for, percebeu?”

“Sim senhor.”

Os olhos de Gruber tornaram-se duros. “O que foi?” Perguntou ele, num grunhido, rangendo os dentes.

“S...” Alex impediu-se de dizer a palavra e manteve-se quieto.

“Assim está melhor.” Disse Gruber. “Vamos lá.”

Estação da Lua:
Lua:

O empregado do bar deu um olhar confuso à sua cliente, quando ela lhe pediu um chá gelado sem gelo. Justine estava mais do que acostumada, com as pessoas que pestanejavam ao seu pedido, nos restaurantes. O chá gelado bebia-se melhor, quando estava morno.

O salão estava cheio e todas as cadeiras estavam ocupadas, de modo que Justine tomou a sua bebida, enquanto se aproximava lentamente das janelas abobadadas observacionais. Ela usava um vestido lunar, com o tecido forrado com lascas de metal, que aumentavam a sua gravidade aparente, por um fator de seis. Foram instalados grandes magnegravitadores nas fundações da Estação Lunar, para ajudar a combater os efeitos da exposição a longo prazo, à gravidade da Lua. Pouco ou quase ausência de peso, ao longo do tempo, causava em muitas pessoas a deterioração dos ossos, deficiências de cálcio e atrofia muscular, entre outras coisas.

A queda livre tinha muitos benefícios que contrabalançavam os perigos, mas, como a Lua foi estabelecida como uma base para comércio, foram tomadas todas as precauções para proporcionar um ambiente semelhante ao da Terra, para minimizar os perigos.

Os antigravitadores de uma nave, não podiam ser utilizados na Lua; a despesa era demasiado alta.

Justine passou por algumas pessoas que conhecia, assentiu com a cabeça ou trocaram cumprimentos, mas rapidamente continuou o seu percurso. Na esperança de ter um vislumbre da Terra, a partir da janela-escudo para a radiação, ela ficou desapontada. Um pequeno contador digital numa viga de suporte, indicava que faltavam três horas, para o amanhecer na Terra.

Devido à rotação síncrona da Lua, o Lado Próximo estava sempre virado

para a Terra e o Lado Escuro estava sempre virado para o outro lado. No entanto, havia uma ligeira variação, na sua órbita de cinco graus. Essa variação, chamada de oscilação, permitia que a ‘linha de terminadouro’, a linha que separa os lados próximo e escuro da Lua, flutuasse.

Foi na mediana dessa flutuação, que a Estação da Lua foi erguida.

A razão para isso; um compromisso entre os astrónomos, que desejavam uma visão não adulterada do céu e os comerciantes do mercado do Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra. Puro Marketing estratégico, pois descobriu-se que ficavam psicologicamente desconfortáveis a realizar negócios, sem a vista sobre a Terra.

Um dia Lunar, tinha cerca de duas semanas de duração. Atualmente, o Sol estava no Hemisfério Norte Lunar, a brilhar intensamente durante catorze dias seguidos, em cada ciclo de vinte-e-sete-e-um-terço dias, embora isso não afetasse a cor aparente do céu da Estação da Lua. A Lua não tinha atmosfera, não havia moléculas de nitrogénio, oxigénio, dióxido de carbono, vapor de água e outros oligoelementos e partículas para capturar a luz do Sol e dispersá-la nos vários tons de laranja, roxo e azul, que matizavam o firmamento Terráqueo.

Justine suspirou e tomou um gole de chá gelado. Ela tinha passado os últimos dois dias, desde o desembarque na Lua, sem fazer mais nada, para além de preencher papelada e fazer relatórios. O agente da NASA, exigia muito do seu tempo. Cada um dos tripulantes, tinha sido monopolizado pela sua respetiva agência e departamento. Eles não estavam a ter nenhum contacto uns com os outros.

O pouco tempo livre que Justine tinha, usava-o para evitar todos os burocratas e funcionários que a procuravam implacavelmente, bem como os meios de comunicação social, que a perseguiram como tubarões a cheirar o sangue.

A notícia do sequestro de Alex e de Macklin Rock, ainda não tinha alcançado quaisquer canais públicos, embora o embaixador da NASA a tenha informado, de que os governos corporativos do país que participaram no projeto da *Orcus*, estavam todos bem informados sobre a situação.

Os meios de comunicação queriam um comentário sobre o *Dis Pater*. O que é que ela achava, que era? Perguntavam-lhe implacavelmente. Será que foram extraterrestres, que o colocaram lá? Para que propósito? Será que ela achava, que os extraterrestres chegariam em breve? Será que ela achava, que eles se pareceriam com as representações populares, nos Holovisores 3D?

Será que ela achava, que os extraterrestres haveriam de querer fazer sexo com ela? E assim por diante, cada pergunta mais absurda do que a anterior.

Ela odiava os meios de comunicação social e o que eles representavam. Eram uns abutres, todos eles. Provocavam-lhe a vontade de se voltar a embrenhar, no refúgio da entediante monotonia burocrática.

De certa forma, porém, ela estava feliz por ter com que ocupar a sua mente. Caso contrário, ela poderia afundar-se num pântano de culpa, por não ter conseguido levar Alex para casa, em segurança. O rapaz já tinha passado por mais do que a maioria dos adultos, e tinha-se saído consideravelmente bem, mesmo que não lhe tenha sido oferecido qualquer consolo por parte de Justine, ou de qualquer um dos outros tripulantes: as suas vidas eram baseadas na ciência, não em sociologia.

Ela olhou para o relógio, lembrando-se de que tinha outra reunião, dali a poucos minutos. Pousou o copo vazio, para ser recolhido pelo servobot e saiu da sala.

Quando atravessava o labirinto de salas e corredores, o seu sentido de localização impedia-a de se perder. A sua mente vagueava, numa tentativa de tentar evitar os pensamentos sobre a próxima reunião, mas o seu estado de alerta aguçou-se quando, pelo canto do olho, pensou ter visto uma forma familiar.

Ela virou a cabeça e viu as costas de três homens e de um menino, a contornar uma esquina. Eles desapareceram rápido demais, para ela ter a certeza. O que a fazia pensar que era Alex? A ideia era ridícula. Alex bem que podia estar do outro lado do Sistema Solar, tanto quanto sabia. Parando, ela debateu-se consigo mesma, durante alguns preciosos segundos. O agente ficaria intransigentemente furioso.

“Ah, eles podem começar sem mim.” Tinha que satisfazer a sua curiosidade.

Ela voltou rapidamente para trás, para o corredor público onde os quatro tinham entrado e apertou os olhos para avaliar o seu cumprimento.

Os quatro deviam ter saído por um corredor lateral. Justine acelerou o passo, para tentar alcançá-los.

Em cada cruzamento, ela olhou para um lado e depois para o outro. Na terceira cúspide, ela pensou ver um casaco familiar e apressou-se a correr.

Quando ela chegava à dobra do corredor, as formas desapareciam novamente a contornar a esquina. No último segundo, um dos homens olhou para trás e Justine colocou brevemente o olhar sobre um homem asiático. Ele

não a viu.

Ignorando a precaução, ela começou a correr mas, quando virou a esquina, os quatro tinham desaparecido da sua vista, por uma longa passagem decorada com guarnição vermelha, perto da junção do teto. Estavam dois guardas a barrarem o seu caminho. Ela olhou para o mapa na parede.

Ela estava na secção da República Popular da China, da Estação da Lua. Mesmo considerando que a maioria das empresas dos países, autorizavam a circulação livre de qualquer pessoa, praticamente convidando-a a visitar as instalações dos seus gabinetes de informação e relações públicas, a privacidade ainda fazia parte dos direitos das corporações de cada país. Era já uma tradição antiga, que a RPC, não incentivava convidados indesejados.

Justine pegou no crachá de identificação.

“Capitã Justine Turner, da NASA.” Gritou ela para os dois guardas, que seguravam pistolas de dardos e lhe mandavam olhares petrificantes. “Gostaria de entrar; um amigo meu acabou de passar por aqui e é urgente que eu fale com ele.”

Um guarda balançou a cabeça. “Lamento. Não.”

Ela pensou em tentar mais uma vez, mas depois percebeu que, se os chineses estivessem por detrás do sequestro de Alex, não haveria nenhuma maneira de ela conseguir manipular a sua entrada, na área da RPC.

“Muito bem. Bom dia.” Rodando os seus calcanhares, ela afastou-se.

∞

Ela ainda estava a processar e, quando regressou e chegou à sala de reuniões, o agente da NASA perguntou-lhe imediatamente o que estava a correr mal, ao detetar o rubor nas suas faces e a aceleração da sua respiração.

“Você está bem?” Havia um traço de sotaque do leste de Sussex, na sua voz.

Ele era alto, de origem inglesa, com um bigode fino e uma calvície. Em Inglaterra, chamavam-no de Duke Wexhall, mas e uma vez que a sua mãe era americana, tinha dupla cidadania e tinha utilizado o seu *status* americano, para obter um emprego na Administração Nacional de Aeronáutica Espacial, um sonho de infância que ele lhe contou, quando se encontraram pela primeira vez.

Com o seu charme natural e comportamento acessível, Clive Wexhall esperou pacientemente que Justine explicasse, porque é que ela estava tão irritada.

O debate interno sobre se deveria contar ao agente, levou alguns momentos. “Ou eu estou a ficar louca e a ver coisas, ou Alex Manez está a ser mantido refém aqui, na Estação da Lua. Eu acho, que os chineses o têm.” Sucintamente, ela contou-lhe sobre a perseguição da manhã.

Antes que ela terminasse, Clive estava a enviar uma mensagem em ASE, à NASA. “Pode não ser nada, mas acho que podemos ser minuciosos na nossa busca. Segurá-lo aqui, explicaria porque é que a Comissão Terrestre de Tráfego do Espaço, ainda não tem nenhum vestígio deles. Também acho estranho, que você tenha mencionado os chineses.”

“E porque é que diz isso?”

“Bem, não quero que se assuste, mas, desde que vocês desembarcaram, que eu não tenho conseguido entrar em contacto com o Sakami Chin para um interrogatório. O consulado chinês, também se recusou a responder às minhas chamadas. Washington terá que se envolver, se não conseguirmos obter qualquer colaboração por parte dos chineses. Se ambos os lados, começarem a virar-se um contra o outro nisto...”

Ele encolheu os ombros, deixando por dizer a conclusão óbvia.

“Raios!” Disse Justine, depois de um momento.

“Sim.” Ele concordou.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

Determinar a gravidade ou a densidade específicas da amostra de um elemento, na Terra, é uma tarefa relativamente fácil. Não tanto, fazê-lo num asteróide, que flutua livremente no Espaço. Mesmo um pequeno, que tenha um raio estimado de 4,3 quilómetros, tal como o esférico, do topo da lista de Calbert Locke para a equipa da Quantum Resources, Inc. reavaliar.

Por ordem do Diretor Sanderson, a pesquisa completa sobre a 1596 # DME, era para ser repetida do zero, sem erros. Demorou dezasseis horas, para a equipa da astronáutica chegar ao asteróide do Aviador Orbital Canadense.

O trabalho começou imediatamente.

A gravidade específica ou densidade de um objeto, é a razão entre a massa de um determinado volume, em comparação com a massa de um volume igual de água, a uma temperatura de 4 ° C ou 20 ° C, medida geralmente em x gramas por centímetro cúbico. A equipa de pesquisa teve, primeiramente, que determinar o volume da 1596 # DME, utilizando um topógrafo a laser, para calcular a área de superfície.

Com a área definida, o raio médio poderia ser inferido com a fórmula de $4\pi r^2$. Neste caso, o asteróide tinha uma área de superfície de 231.2727 km² e um raio médio de 4,29 km. O volume de uma esfera perfeita, teria uma fórmula de $(\pi D^3)/6$, mas com as imperfeições da superfície, as crateras formadas por impactos com outros asteróides e meteoros e quaisquer marcas que sobressaíssem da superfície, os cientistas puderam determinar o volume da 1596 # DME, com um fator de erro de mais ou menos um por cento. A 1596 # DME tinha um volume de 330,72002 km³ ± 1%.

Depois do volume ter sido determinado, eles tiveram que calcular a massa. Como não existiam escalas no espaço exterior, teve de ser utilizado outro

método.

Dado que um Newton de força, a atuar sobre um quilo de massa, pode mudar a sua velocidade de um metro por segundo, a cada segundo, conforme especificado na segunda lei do movimento de Newton, este era o lugar, onde os pilotos com os rebocadores espaciais entravam. Usando a telemetria, para estudar a rotação e a excentricidade da órbita, eles também determinaram a velocidade do asteróide em órbita, que era de 31,215 metros por segundo, semelhante à da Terra, embora tivesse que percorrer uma distância muito maior em torno do Sol, para completar uma órbita.

O rebocador foi colocado atrás do asteróide e, utilizando os seus motores propulsores, empurrou o asteróide, até que o medidor de aceleração registasse uma constante de um metro por segundo e quantos Newtons de força foram expelidos, ao fazê-lo. Com a aceleração predeterminada a um metro por segundo e os Newtons medidos a 6,945,120,423,298.4 N, que foram traduzidos como 6,945,120,423,298.4 kg, ou 6,945.12 teratoneladas, em comparação com as 74 milhões de teratoneladas da Lua, ou as 6 bilhões de teratoneladas da Terra.

Ajustar para a diferença de temperatura as 6.945.12 teratoneladas do asteróide, num volume de 330.72002 km³, calculado para cerca de 21 gramas por centímetro cúbico, ou uma gravidade específica de $21 \pm 5\%$.

O ouro tem uma gravidade específica de 19,3 e, uma vez que a camada superior do asteróide 1596 # DME, era constituída principalmente por ferro (Sgrav = 7,89) e por níquel (Sgrav = 8,9), havia uma grande discrepância, que poderia ser explicada pela presença de um elemento pesado, tal como todo o interior do asteróide ser de ouro puro... ou de uma parte dele, ser Kinemet.

∞

A assistir nas telas de SRD da Quantum Resources, Inc., Michael estava prestes a acenar com a aprovação, para prosseguirem com a maciça campanha de perfuração de vácuo do núcleo. Todos concordaram, que aquela era a localização mais provável, de conter uma bolsa de Kinemet. Mas, de seguida, as sirenes de incêndio soaram e surgiu uma voz nos intercomunicadores.

“Por favor, não entrem em pânico. Aqui é o Major Bernard Nally, das Forças Armadas do Canadá da Estação de Forças Canadenses de Petawawa, na autoridade do Presidente Dolbeau da Corporação do Canadá, para garantir a segurança deste edifício. Por favor, mantenham a calma, fiquem onde estão

e não transmitam nenhum ASE ou mensagens de fibra-óptica deste edifício, até receberem novas ordens.”

“Obrigado. Chegarão novas informações.”

Estação da Lua:
Lua:

Ele tinha um plano e estava disposto a esperar décadas, para o ver cumprido. Chow Yin não era mais do que um estratega paciente. No entanto, os desenvolvimentos recentes, poderiam acelerar a sua estratégia por vários anos, ou até mesmo por décadas.

A primeira fase do grande plano, estava a ser efetuada, antes ainda de Yin ter acordado naquela manhã.

Há seis meses, que o grupo de Yin, tinha acesso a todas as mensagens em ASE, recebidas e enviadas através da matriz de antena à velocidade da luz. O Grupo tinha intercetado talvez o conjunto de informação de espionagem mais importante, que já lhe tinha sido transmitido. Um desses ASE, que eles rotineiramente tinham monitorizado, dizia respeito ao desaparecimento de Macklin Rock.

Tinha sido uma mensagem da EUA, Inc., da sede da NASA, para o agente colocado no setor americano. Sem deixar vestígios alguns, os prodigiosos *hackers* de computadores de Yin tinham copiado essa mensagem, transferindo-a para Yin. Quase que tinha ficado esquecida, mas, com um cuidadoso planeamento, Yin tinha virado os acontecimentos a seu favor.

Depois do incidente de Macklin Rock, ele reuniu lentamente cada vez mais informações sobre a ocorrência e, sobre como é que ela estava relacionada com o *Dis Pater*. Yin mandou colocar um satélite intercetor, para gravar os ecos dos ASE, enviados da *Orcus 1* para a NASA, em Houston. Ele tinha estudado minuciosamente, o notável rapaz de dez anos, sobrevivente do primeiro voo à velocidade da luz.

Yin, tendo as pessoas certas na Terra, rápida e eficazmente, juntou as peças do quebra-cabeças.

Ele apanhou a importação dessa informação tão perspicazmente, quanto percebeu que o resultado desta aventura, iria impactar diretamente na continuação da sua sobrevivência e no seu futuro controlo do Sistema Solar.

Se o espaço interplanetário fosse para as viagens à velocidade da luz, em seguida, as empresas dos países da Terra fariam voos diretos e ignorariam a Lua. As tarifas e taxas, que mantinham Yin num conforto luxuoso, seriam desviadas para outras estações, nos nove planetas e para os postos avançados, que seriam rapidamente erguidos nas outras trinta e três luas oficiais do Sistema Solar. A Estação da Lua, poderia ainda manter alguma influência, por meio de sua proximidade com a Terra, mas os recursos de que Yin tinha desfrutado, passariam a ser severamente restringidos.

A menos que...o próprio Yin detivesse a tecnologia das viagens à velocidade da luz e a comercializasse, sob corporações de fachada. Poderiam estar envolvidos quadrilhões de dólares e ter poder suficiente para controlar as Corporações dos Países da Terra (nos bastidores, é claro).

Ou...capital suficiente, para lançar o seu próprio projeto de desenvolvimento imobiliário interplanetário e construir as estações sobre os planetas e as luas, sob a sua própria bandeira. A Terra pertenceria aos terráqueos, mas o resto do Espaço exterior seria dele. E, todos aqueles que desejassem deixar a segurança do seu pequeno planeta azul, teriam de pagar grandes montantes pelo privilégio.

Ele sabia que, a aquisição de mais quantidade do novo elemento, era fundamental para o controlo da indústria interplanetária e, além disso, tinha duas equipas de investigadores, que pesquisavam sobre o elemento X e, uma outra equipa, esta de espiões, que estavam bem colocados nas várias organizações espaciais: na AEE, na RPC, na AEC e na NASA.

Outra equipa, estava a utilizar as informações obtidas através de meios duvidosos e a tentar aplicá-las, para encontrar o seu próprio depósito de 'Kinemet', o termo que os pesquisadores tinham adotado para o elemento.

Mas a chave para desvendar o poder daquele elemento, dias ou meses antes de alguém na Terra, algo que se tinha escapado aos cientistas na Terra até à data, tanto quanto a inteligência de Yin poderia calcular, era crucial. A solução do mistério estava no jovem Alex Manez. Yin tinha tanta certeza disso, como de que a sua perna iria doer, quando ele saísse da cama e se colocasse em cima dela.

Quem conseguisse estudar Alex primeiro, teria uma vantagem, no desvendar do segredo do Kinemet.

Yin estava determinado a ter Alex; e o seu plano para capturar o jovem, se o memorando na sua consola do computador pessoal estava correto, tinha sido concretizado. A nave pirata que ele tinha contratado, tinha sequestrado o menino, com sucesso.

Yin tinha dado ordens, para que lhe trouxessem Alex imediatamente à sua presença. Ele queria ver por si próprio, que a criança estava intacta.

De seguida, a investigação iria começar e a sua dominação do Sistema Solar, estaria assegurada.

O destino tinha-lhe negado a Terra. Ele iria virar as costas a essa Nemesis antiga, virar a mesa do destino e tomar o Universo para si.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

“O que diabos está a acontecer?” Rugiu Michael.

Calbert Loche fitou-o em silêncio, como se carecesse de uma explicação, bem como todos os outros na sala.

Um dos técnicos virou-se, no seu assento. “A câmara do setor mostra cinco homens no elevador. Estão a chegar a qualquer momento.”

Em antecipação, todos se viraram para as portas, à espera dos recém-chegados, como se fossem barracudas no seu covil, prontas para saltar para cima de qualquer coisa que surgisse.

Quando as portas se abriram, três homens vestidos com fardas do exército, a segurar metralhadoras, entraram na sala ao estilo militar padrão, colocando-se um de cada lado da porta, o terceiro indo até ao meio da sala. Estavam todos prontos, com as suas metralhadoras na posição vertical sobre o peito.

O quarto militar entrou, com os olhos semicerrados, a avaliar a sala estratégica e habilmente. Ele usava a farda de Major-General, o chapéu boné e os emblemas no colarinho, mostravam que pertencia ao corpo de infantaria. A sua avaliação fria da sala, parecia passar diretamente por Michael e pelos outros.

Ele virou-se e disse a alguém além das portas, “Está seguro, senhor.”

“Como se eu esperasse o contrário, General.” Disse Alliras Rainier, com ironia. Ele entrou na sala e, apesar do tom na sua voz, deu ao militar um aceno de concessão.

Ignorando o olhar de frio distanciamento, que estava a receber de Michael, Alliras aproximou-se do Presidente da Quantum Resources, Inc. e estendeu-lhe a mão.

Michael aceitou, mas manteve o silêncio, forçando o seu velho amigo a explicar-se e a justificar a presença de homens armados, em propriedade privada.

“Michael.” Alliras dirigiu-se a ele. “Por enquanto, eu gostaria de lhe pedir que suspenda todas as comunicações, de e para este local, até que eu o possa interrogar.”

“O que é que está a acontecer? Temos uma equipa encalhada e impedida de todas as comunicações, a quase quinhentos milhões de quilómetros daqui...”

“Deveríamos conversar em privado.” Virando-se, os olhos do Ministro encontraram Calbert Loche. “Você também deve querer saber disto.”

Decidindo imediatamente, Michael assentiu a aprovação para a participação de Calbert e, depois disse a Raymond McGrath, “Eu gostaria que você também se juntasse a nós, bem, se não se importar.”

“De modo nenhum.”

Um olhar preocupado assolou Alliras, mas ele não protestou, enquanto seguia Michael e os outros dois homens, para uma das salas de conferências.

Lá dentro, eles rapidamente tomaram os seus assentos, embora Michael tivesse o desejo de ficar de pé. Esperou que Alliras começasse.

Por causa da posição de Alliras e da sua relação de longa data, ele deu ao Ministro o benefício da dúvida e concedeu-lhe um certo grau de respeito. Com qualquer outra pessoa, Michael não teria conseguido reprimir os seus impulsos, de gritar e de praguejar.

Como Presidente da Quantum Resources, Inc., Michael fazia tecnicamente parte do setor privado e, embora a sua companhia respondesse perante o Departamento da Agência Espacial Canadiana, bem como perante a NASA, isso não lhes dava o direito de interferir, ou permitia quaisquer inspeções de surpresa ou tomadas de controlo inesperadas. A explicação de Alliras teria que ser muito boa.

“A EUA, Inc., passou para Condição de Defesa Dois.” Foi a primeira coisa que o Ministro disse, e isso foi suficiente para prender a atenção de Michael. “A Corporação do Canadá seguiu-a, alguns minutos depois.”

“O quê?”

“Extra-oficialmente, é claro. São os chineses.”

“Os chineses?” Protestou Calbert. “Outra vez?”

“Eu pensei que nós tínhamos tratados em vigor. Não há nenhum problema sério com os chineses, há mais de um ano!” Raymond franziu a testa.

Michael lembrou-se que a avó da mulher de Raymond tinha nascido em Hong Kong, antes da reversão para a China Continental, um século antes, e tinha imigrado para Vancouver pouco tempo depois. A China, foi o único bastião que o comunismo deixou no mundo, depois da morte de Castro na Revolução Cubana Papal, que empurrou aquele país para a democracia e a unir-se à União de Corporações da Terra, muitas décadas atrás.

Alliras suspirou. “Há dois dias atrás, a *Orcus 1* pousou na Lua. A Capitã, uma tal de Justine Turner, estava a andar pela estação esta manhã e, por causa do seu estreito envolvimento com o caso de Alex Manez, teve a impressão de que o menino estava na Lua, com ela. Ela pensou tê-lo visto sob a escolta de três homens e, um deles, era decididamente chinês. Ela viu-os entrar no setor chinês da Estação da Lua e foi recusado o seu acesso à área. Ela reportou isto à NASA.”

Antes que alguém pudesse levantar quaisquer questões, Alliras continuou: “Além disso, estava programado para esta manhã, que o Dr. Sakami Chin se apresentasse para interrogatório, por acordo com o Governo Chinês. Um procedimento padrão. Nem ele, nem o seu representante governamental apareceram. Agora, no espectro político das coisas, tal ocorrência não iria necessariamente precipitar qualquer tipo de resposta militar, é uma infração menor do nosso tratado com a República Chinesa.”

“Quando o secretário das Relações Externas da EUA, Inc., abordou a República Popular da China para comentar o assunto, foi fortemente atacado durante a maior parte da manhã, e de seguida, o Consulado Chinês em Washington, emitiu uma declaração no sentido de acusar a NASA de ser responsável, não só pelo sequestro do recurso valioso para o mundo, que é Alex Manez, numa tentativa de monopolizar a tecnologia que ele representa, mas também, de se dar ao trabalho de sequestrar posteriormente dois cidadãos chineses: o Dr. Chin e o seu representante governamental.”

“O quê?” Gritou Michael. “Isso é um absurdo. Eles acham que nós sequestrámos o nosso próprio cidadão, bem como dois deles?”

Alliras balançou a cabeça. “Não é tão absurdo, quanto o fato de que os chineses também declararam, que a União de Corporações da Terra conspirou e efetuou a aquisição do seu setor atribuído, na Estação da Lua.”

“Deles...? Você quer dizer...?”

“Sim.” Disse Alliras. “Os chineses parecem ter perdido a comunicação com o seu povo, na Lua.”

Michael esfregou o queixo. “Sabe o que isso me sugere?”

“Claro.” Alliras franziu os lábios. “Um interesse de terceiros. Os políticos estão a negociar com os chineses, enquanto falamos, para formar uma comissão de investigação conjunta. Os chineses sabem bem, que não foi a NASA ou qualquer outro país corporativo. Mas a sua política externa exige, que eles protejam o seu próprio rabo primeiro. Nós vamos chegar ao fundo disto brevemente. Só que, por agora, temos um elemento corrupto, que está obviamente a aceder às ligações confidenciais com as nossas operações espaciais.”

“Por falar nisso,” Michael lembrou o Ministro, “a nossa equipa no Cinturão de Asteróides, provavelmente já deve estar a sentir que foi abandonada.”

“Não se preocupe. Eu já encomendei uma nave individual do Aviador Canadense, para se encontrar com a sua equipa e lhe explicar que precisamos de suprimir as comunicações, até resolver a crise lunar. Eles devem chegar dentro de cerca de doze horas, ou assim. Sinto muito, mas a sua operação terá que ser temporariamente suspensa.”

Michael trocou um olhar conspiratório com Calbert e, em seguida, disse para o Ministro, “E se eu lhe conseguir prometer uma comunicação, absolutamente segura, com a nossa equipa? Poderíamos continuar, então? Cada minuto que nos atrasarmos, custa muito dinheiro e recursos. A nossa equipa terá que ser substituída, se isto continuar por alguns dias ou mais e, conhecendo os políticos, é o mais provável. Se eu lhe puder garantir a segurança, podemos continuar?”

Alliras estava à beira de rejeitar sumariamente a proposta, mas então conteve-se.

“Como?” Ele perguntou.

“Você lembra-se do evento de caridade, no verão passado, quando eu recebi a mensagem sobre o incidente de Macklin Rock?”

“O código que você e Calbert arranjam? Mensagens em plástico e tal.”

“Sim. É efetuada uma cópia eletrónica das comunicações-pensamento da rede pública, como procedimento padrão. Este é o mesmo tipo de situação, apenas com uma distância mais longa.”

“Você não pode enviar um memorando de plástico de quinhentos gigabytes, num período de tempo razoável.” Protestou o Ministro.

“Certo. Mas os ASE regulares estão a ser monitorizados, assim como as comunicações-pensamento aqui na Terra, mesmo se utilizarmos só o nosso código, há sempre a possibilidade de vir a ser decifrado. Não é a mensagem

que tem de mudar, é o meio.”

“O quê? O único método alternativo, que conhecemos para envio de mensagens, é o rádio. O sinal de impulso eletrônico pode ser interceptado em qualquer frequência, se os *hackers* souberem onde colocar os seus receptores.”

“Desta vez, você está errado. Existem meios infinitos, para o envio de mensagens. A transmissão de rádio, é apenas um deles. Como é que você acha, que nós nos atualizamos ao minuto, sobre a nossa frota no Cinturão de Asteróides? O rádio ou o ASE é uma frequência muito ampla, demasiado pesada. Nós rastreamos as nossas naves, com um radar ótico. Lasers. É apenas uma questão de programação, emitir uma mensagem em raio para qualquer direção. No que diz respeito à segurança, qualquer tentativa de interceptar o raio laser, irá registrar-se nos nossos monitores; e então, poderemos mudar o nosso código.”

“Embora as naves, por nós utilizadas, sejam fretadas a partir da AEC e da NASA, todos os membros da Quantum Resources, Inc., sabem os nossos códigos e rotações. Posso garantir uma ligação de ponte-a-ponte segura, com a missão de asteróides. Qualquer tentativa de interceptar o feixe, seria imediatamente detetada por nós. Gostaria de pensar que, tendo em conta o atual clima político, qualquer descoberta positiva de Kinemet, seria do nosso interesse mútuo.”

Michael deixou o Ministro refletir sobre aquilo, por alguns momentos. Ele estava bastante seguro que Alliras concordaria e não ficou desapontado, quando o seu velho amigo finalmente concordou.

“Está bem. Eu vou confiar nos seus técnicos. Mas eu tenho que deixar os guardas aqui e lá em baixo. Somente por uma questão de POPs (procedimentos operacionais padronizados).”

“Claro.”

Eles terminaram e Michael aceitou a mão oferecida por Alliras. Eles apertaram as mãos e trocaram ligeiros sorrisos.

“E, eu espero que você me mantenha atualizado sobre a Estação da Lua. Eu tenho um grande interesse em Alex Manez, mais do que apenas pela sua ligação com o Kinemet. Os pais dele estavam sob a minha esfera de responsabilidade.”

“Eu entendo.” Disse-lhe o Ministro. “Vou manter o contacto.”

Os quatro homens saíram da sala de conferências e, com pouco mais do que um aceno para Alliras, Michael foi direto ao que interessava.

“Calbert, iniciar um protocolo de Laser 1. Estou certo de que há alguns dos

nossos companheiros, lá em cima, ansiosos por ouvir as nossas vozes.”

“Sim, senhor. A iniciar o protocolo.” Foi a resposta, enquanto a sala de controlo explodia de atividade.

Estação da Lua:
Lua:

Alex foi conduzido, através de um labirinto de corredores. Encontrar uma saída para si, seria impossível: todas as salas pareciam iguais e as únicas marcas nas diversas portas, estavam escritas com caracteres chineses. O Capitão pirata, à sua esquerda, estava com má cara. Era como se soubesse, que estava a vender a vida de Alex a quem o tinha contratado. Estava determinado a levar o contrato até ao fim, apesar de, lhe deixar um gosto amargo na boca.

De repente, Alex percebeu que os jogos que jogava no SIM, não eram mais do que fantasia. ‘*Piratas de Nova*’ era muito mais fácil de jogar, quando as linhas entre o bem e o mal, estavam facilmente definidas.

O Capitão estava do lado do mal, mas também estava o médico, que tinha tentado ser bom para Alex e fazê-lo sentir-se confortável. Mas, seriam eles diferentes de Justine e das pessoas na Terra? Todos queriam Alex pelos seus poderes, pela sua relação com o *Dis Pater*. Será que alguém, bom ou mau, realmente se preocupava com Alex?

A longa caminhada chegou finalmente ao fim, num elevador de carga indefinido. Eles entraram no elevador e o pirata apertou o botão mais em baixo. Uma vez que os botões estavam todos inscritos com caracteres chineses, Alex só podia supor que estavam a descer para a cave.

Não foi dita sequer uma palavra, durante a curta viagem para baixo, mas Alex olhou para os seus acompanhantes... e nenhum lhe devolveu o olhar.

A porta do elevador abriu-se para a opulência! A visão diante dele era tão magnífica, que levou um bom tempo, até que Alex se apercesse da ausência de gravidade artificial na sala. Os magnetos não estavam a operar a esta profundidade abaixo da superfície da Lua.

Era como se este fosse um novo mundo dentro da Lua.

Alex nunca tinha visto tanto luxo exibido diante dele, exceto nos elaboradamente produzidos Holovisores 3D do SRD.

A sala era suficientemente grande, para albergar um cargueiro de porte médio. Havia mobiliário extravagante e tapeçarias que cobriam o chão e as paredes.

Canapés, sofás, cadeiras antigas e vasos, cuja origem devia remontar há séculos, enchiam a sala. Alex reconheceu várias obras de arte, que adornavam as paredes. Tinham sido erigidos, em pontos geométricos no interior, quatro pilares grossos, embora apenas para fins decorativos. Uma vez que, a fibra de aço utilizada para construir a estação, era suficientemente forte para se suportar a si própria, sem precisar de qualquer tipo de suportes estruturais.

Dragões vermelhos, dourados, verdes e roxos, foram bordados em longas faixas de seda e cetim e pendurados no teto.

Na Lua, qualquer tipo de madeira, era quase tão cara quanto o ouro, ao incluir o custo do transporte, mas, no meio da parede oposta da sala, estava uma enorme mesa de carvalho, encerada para brilhar ofuscantemente, cujas pernas estavam esculpidas com imagens da mitologia chinesa.

Por detrás da mesa, estava uma figura vestida com um robe ricamente tecido, de seda vermelha e dourada. Tinha um sorriso de satisfação no rosto redondo, quando torneou a mesa para se dirigir a Alex e aos seus dois captores.

“Saudações, cavalheiros! Saudações. Bem-vindos ao meu pequeno e humilde pedaço do universo.” Ele abriu os braços, num gesto de boas-vindas.

Como se não tivesse visto Alex, assim que o menino saiu do elevador e sequer tivesse tirado o seu olhar penetrante do objeto da sua obsessão, ele disse: “Ah, eu vejo que me trouxeram o meu prêmio, pelo qual, eu acho que é assim que eles dizem nos Holovisores 3D de pirataria, vocês serão generosamente pagos.”

Como se tivesse sido assaltado por um sentimento de consciência descontextualizado, o Capitão disse: “Você não o vai magoar...”

O homem chinês pareceu ficar profundamente, ofendido. “Magoá-lo? Porquê? Mais rapidamente, eu cortaria o meu próprio coração. Aqui o jovem Alex, representa o mundo para mim. Não, devo mesmo dizê-lo? Ele representa todo o Universo. Magoá-lo? Nesse aspeto, meu caro espadachim, posso assegurá-lo que os seus medos são completamente infundados.”

“Recebi o relatório dos dados enviados pelo médico e os resultados, são

tudo aquilo que eu esperava. Você honrou a sua saída do nosso pacto, até ao pormenor. Agora, se não se importar de ter a amabilidade de deixar Alex e eu a conhecermos, o meu assistente pessoal irá tratar da sua generosa recompensa.”

Aparentemente do nada, surgiu um adolescente com a cara repleta de acne e fez um gesto para os piratas voltarem a entrar no elevador de carga.

Yin disse: “Eu agradeço-vos, senhores, pelo vosso serviço. Vocês não têm ideia, do quanto me beneficiaram e a vós próprios, pois eu lembrar-me-ei da eficiência com que vocês concluíram o vosso objetivo.”

“Bom dia.”

Os piratas saíram imediatamente da sua presença e, toda a sua atenção se focou desconfortavelmente sobre Alex.

A sentir o seu coração a bater mais rápido, Alex não tinha escolha a não ser esperar. Ele tinha contemplado brevemente a ideia de fugir, mas para onde? Os piratas não lhe ofereceriam abrigo. E ele iria perder-se muito rapidamente, se alguma vez conseguisse encontrar a saída, para fora da sala do esplendor.

Ele pestanejou, quando percebeu que havia uma mão aberta, estendida diante dele. “Bom dia, Alex. O meu nome é Chow Yin. Sinto muito, que tenhamos que o fazer passar por esta terrível, terrível provação, mas eu garanto-lhe que é para o seu próprio bem.”

Alex debateu-se se deveria apertar a mão de Chow Yin, ou mordê-lo e tentar fugir. Recatadamente, ele estendeu a mão ao seu novo captor.

“Boa. Parece que você não é apenas um jovem comum, mas alguém que também tem inteligência. Isso é bom. Venha Alex e fique à vontade.”

Chow Yin levou Alex para um volumoso sofá, colocado em frente a uma pequena mesa, coberta com frutas, doces e garrafas de vidro de sumos de frutas, cem por cento puros, se Alex tivesse que adivinhar.

“Sirva-se, se estiver com fome.”

“Obrigado.” Conseguiu dizer Alex, enquanto mastigava um biscoito.

Qualquer rapaz normal de dez anos de idade, na situação de Alex, ou estaria completamente apavorado ou completamente indiferente. Alex não estava de nenhuma das maneiras. Embora ele sentisse alguma apreensão, quando contemplava o seu futuro, o conhecimento dos seus próprios poderes, ajudou a consolá-lo. Se as circunstâncias se tornassem más, ele sabia que poderia mergulhar a sala toda na escuridão. Com a sua *visão*, ele não precisava de luz para ver. Ele duvidava que Chow Yin pudesse competir com

essa habilidade, mesmo com todo o seu dinheiro.

E, não tinha dúvidas, de que Chow Yin tinha pago pela sua captura, precisamente para lhe poder roubar a sua capacidade. Tinha que elaborar um plano de fuga. Ele não via nenhuma saída e, de momento, só podia esperar pelo momento certo.

Chow Yin sentou-se no sofá muito perto de Alex, demasiado perto para ser realmente confortável, mas Alex não tinha espaço que lhe permitisse afastar-se. Ele parou de mastigar, quando Yin colocou a mão fina no ombro do rapaz.

“Então Alex. Eu trouxe-o aqui, por razões que você pode suspeitar a princípio, mas tenha a certeza, tenho os seus melhores interesses em mente. O meu melhor interesse, também. Não vou esconder esse fato de si. Sim, você tem algumas habilidades especiais, que poderiam beneficiar-me de formas que, digamos, seriam suscetíveis de alterar o próprio aspeto do Sistema Solar. Ah, como eu tenho ansiado por essas mudanças.”

“Veja.” Disse ele, “Eu estou exilado da Terra. Não posso voltar. Não por uma razão política ou criminal, posso dizer-lhe. É por causa de uma reviravolta do destino.”

Ele puxou a calça de seda do pijama, para mostrar a Alex o estrago que a vida fez à sua perna. Alex não conseguiu engolir a metade mastigada do doce de chocolate e coco que tinha na boca, e quase a vomitou, mas de alguma forma conseguiu mantê-la onde estava.

Yin soltou a perna da calça que, misericordiosamente, cobria a massa de tecido cicatricial.

“Os meus ossos são frágeis. Eles não poderiam segurar o meu peso corporal na gravidade da Terra. Mesmo a gravidade artificial na Lua, que eles instalaram aqui, nos últimos dez anos, é demasiada para mim. É por isso que eu tive que me retirar para o meu pequeno refúgio, aqui, sob a superfície. Até mesmo a Estação da Lua, me é proibida. Estou preso.”

“Mas o Espaço... ah... agora o Espaço, está plenamente acessível.”

“Até agora, têm existido tantas limitações físicas para explorar o Espaço. O quê, uma viagem para o Cinturão de Asteróides, leva mais de um mês? É insano! E dispendioso. Demasiado caro. Porque é que só as corporações ultra-ricas dos países, podem saquear a incrível riqueza existente no Cinturão? Os restantes de nós, ficam relativamente mais pobres, à medida que eles se tornam muito mais ricos. É uma história que se repete há séculos, na Terra.”

“Está na hora de mudar isso. Se forem fornecidas viagens espaciais rápidas

e baratas, então qualquer pessoa com algum espírito empreendedor, poderá começar o seu próprio negócio de prospeção de asteróides. Quantas pessoas enriqueceram, na corrida ao ouro no Alasca? Famílias inteiras saíram da lama da pobreza e tornaram-se poderosas, capazes de determinar o seu próprio futuro, em vez de serem as marionetas dos seus governos.”

“Você Alex, tem a capacidade de trazer a grandeza, novamente, para o nosso Universo. Precisamos de determinar a extensão da sua capacidade. Tenho a certeza de que você é a chave para as viagens à velocidade da luz. Você pode desvendar os mistérios do Kinemet. Sim. Uma vez que tenhamos explorado os seus poderes, tudo o que precisa de fazer, é partilhar os seus segredos e todos beneficiarão.”

Chow Yin deu um sorriso benevolente a Alex, mas o menino não estava a olhar para o seu captor. A sua determinação em não dizer nada, foi quebrada com um pensamento. Ele tinha que ter a certeza, estar seguro, de que Chow Yin era realmente malévolo e que queria a informação de dentro da cabeça de Alex, só para ele.

“Porque é que eu não posso apenas partilhá-los, lá na Terra?” Perguntou ao homem. “Seria mais fácil, ir aos noticiários holográficos e contar a minha história.”

Chow Yin balançou a cabeça, em desaprovação. “Mas, desse modo, você estaria cercado por milhares de organizações diferentes, todas a exigir que se submetesse aos seus testes. Você passaria o resto da sua vida como um animal, num jardim zoológico. É assim, que imagina o seu futuro?”

Sem esperar por uma resposta, Yin levantou-se e acenou com a mão para abranger a sala. “Porque não, partilhar o seu segredo daqui e viver no luxo? Você teria a minha protecção. Vou manter todos os malucos e organizações, que não forem razoáveis, afastados. Estas só o querem dissecar para ver como você funciona.”

“Fique aqui comigo e pode escolher quando e onde, partilha as suas informações. Vou ser o seu agente.” Sugeriu. “O seu guia, o seu mentor. O seu amigo.”

“Agente?” Alex teve que perguntar: “Para que é que eu preciso de um agente, se partilhar a informação livremente?”

“Oh Alex, você tem muito para aprender sobre as pessoas. Se você der uma mão a alguém livremente, ela vai exigir o braço, se é que o vai sequer levar a sério. Mas se você exigir que eles lhe paguem uma taxa nominal, pelo acesso à sua informação e um pequeno *royalty*, então eles ficarão mais

inclinados a lidar consigo numa base profissional séria. Você vai eliminar, noventa por cento da ralé.”

“Eu vou guiá-lo através desse processo confuso. Você não terá que se preocupar com nada. Eu vou cuidar de tudo o que precisar de ser feito, apresentar uma proposta ao mundo e lidar com aqueles que são sérios o suficiente, para alinhar na espera da sua maravilhosa dádiva.”

Alex mal podia acreditar, naquilo que ouvia. Soou como um discurso ensaiado, de alguns péssimos Holovisores 3D. Será que Chow Yin realmente achava, que Alex só tinha a mente de uma criança de dez anos? O corpo, talvez, mas Alex era intelectualmente muito mais avançado do que isso. E ele tinha mais conhecimento sobre as pessoas, do que a maioria dos pré-adolescentes.

Ele teria que ter cuidado, ao lidar com Chow Yin. O homem tinha alcançado a sua incrível riqueza de alguma maneira, e não havia nenhuma indicação de que os meios fossem legítimos. Ele tinha contratado piratas para o sequestrar, atacando uma nave da NASA. O homem não tinha escrúpulos e era muito perigoso.

Seria melhor alinhar no jogo.

“Suponho que sim.” Disse ele, da forma improvisada agradável, que a maioria dos jovens ingênuos e crianças tinham. “Posso ter um quarto só para mim?”

Chow Yin eclodiu num grande sorriso. “Claro.” E esfregou as mãos.

Quantum Resources, Inc.:
Toronto:
Corporação do Canadá:

“Michael!”

Era Calbert.

Michael endireitou-se na mesa, sobre a qual estava inclinado, a tentar descobrir as coordenadas para uma missão secundária de prospeção de Kinemet. Os olhos do seu assistente estavam selvagens, eufóricos.

“O que é que se passa?”

“Nós conseguimos!” Respondeu Calbert. “Nós atingimos o Kinemet. Eles têm as leituras do espectrómetro positivas, idênticas às que George descobriu, nos dados de Macklin Rock. O espectrómetro de massa não consegue definir o elemento, mas as características, são exatamente as mesmas.”

Michael nunca pensou que aquele momento iria acontecer. Macklin Rock foi um acaso, ele dizia a si próprio, uma meia dúzia de vezes por dia. Uma anomalia astronómica. Um fenómeno isolado.

Mas era verdade. Era real. Estava a acontecer.

Kinemet.

“Tem a certeza?”

Calbert acenou-lhe um relatório, num mini-ecrã. “Leia-o por si próprio.”

Michael teve mesmo que ler, para acreditar completamente. Ele estava tão excitado, que tinha dificuldade em manter a concentração e teve que recomeçar três vezes, antes de ler o relatório completo sobre o achado.

“Se o número de asteróides, na nossa lista de candidatos, for apenas parcialmente válido, haverá mais Kinemet por lá, do que nós sabemos utilizar!”

Era a hora da determinação. “Está bem, inicie o procedimento de

escavação, tal como discutimos. Eu vou falar com o coronel e fazer uma ligação no OpeCom, a Ottawa. Se for realmente isso, vamos precisar de máxima segurança sobre este assunto. A partir de agora, tudo é da máxima importância. Preciso de saber tudo. Não quero erros, especialmente se as nossas comunicações estão a ser monitorizadas.”

“Percebido, chefe.” Calbert girou nos calcanhares e saiu a correr, com um grande sorriso no rosto.

Michael empreendeu a tarefa de encontrar o coronel que estava no comando da segurança da Quantum Resources, Inc.. Ele estava na sala de café, a conversar com dois dos seus tenentes, a discutir o que parecia ser a segurança do perímetro das dependências da Quantum Resources, Inc.. Ele parou a sua conversa e olhou, quando viu Michael a aproximar-se.

“Ases.” Disse Michael, com uma expressão entre o estoicismo profissional e um sorriso juvenil. “Temos a confirmação da existência de Kinemet, e eu acabei de pedir à equipa para começar a escavação no asteróide. Está na hora de colocar o seu plano de contingência de segurança, em funcionamento.”

O coronel olhou para o mini-ecrã, levantou uma sobrancelha e não perdeu mais tempo. O microfone do seu comunicador implantado ligou-se, com um movimento da sua língua e ele começou a emitir ordens para os seus homens.

Michael praticamente vibrava, esperando que o coronel completasse a sua diretiva, para que eles pudessem entrar em contacto com a AEC e a ERM, em Ottawa, e planear uma conferência para coordenar a sua segurança, com os militares da NASA e da EUA, Inc..

Antes que o coronel terminasse de passar a informação aos seus homens, ele pestanejou duas vezes e o seu rosto assumiu uma expressão de surpresa, por momentos. Depois, os seus olhos tornaram-se distantes. Era óbvio que ele estava a ter uma ligação privada, no recetor do comunicador implantado no seu ouvido.

Tentando conter a sua ansiedade, Michael esperou pacientemente, até que os olhos do coronel se focassem nele e a sua comunicação se encerrasse.

“Michael, sinto muito em ter que lhe dizer isto, mas, recebemos ordens para um cessar completo e suspensão de todas as operações, até novo aviso.”

“O quê? Você não pode estar a falar a sério. Não agora! Estamos à beira da descoberta, confirmada como a mais importante, em toda a história da humanidade. Nós...”

O coronel cortou-lhe a crescente declamação, com um movimento de súbito.

“Houve um incidente na Lua. E,” acrescentou, a torcer os lábios, “algum político colocou uma vírgula no sítio errado de um memorando e irritou um comunista.”

“Michael, estamos agora oficialmente em guerra com a China.”

Estação da Lua:
Setor Chinês:
Lua:

Klaus Vogelsberg estava profundamente concentrado.

A sua tela de SRD estava afogueada com explosões, enquanto tentava manobrar a sua espada de luz, através de uma grande quantidade de naves de guerra inimigas e cruzeiros de batalha. Se ele não conseguisse passar os defensores dos glóbulos desta vez, jurou que ia dar cabo da janela do maldito computador.

Tinha sido um longo jogo e ele não tinha conseguido ganhar, em oito tentativas. Em cada tentativa, ele tinha passado horas todas as noites, durante uma semana, para chegar ao nível de glóbulo, apenas para ser derrotado. Nunca tinha levado tanto tempo, para ganhar um jogo de computador. Quando dominasse este, iria comemorar com um grande charro, que ele tinha guardado apenas para a ocasião certa.

Ele estava a aproximar-se dos vetores finais do cluster do glóbulo, quando a porta do quarto se abriu e Marty Middlefield acendeu as luzes do teto. Os olhos de Klaus, desacostumados com a luminosidade, ficaram momentaneamente cegos.

“Ei, idiota. Já jogaste o tempo suficiente.” Gargalhou Marty, com prazer.

Klaus saltou do seu assento, o dispositivo de ligação-mente caiu ao chão, enquanto ele juntava os punhos.

“Seu chato! Esta é a última vez...”

“Cala-te. O grande chefe quer-te. Provavelmente para morder o teu rabo amargo. E em dobro, preguiçoso!”

Klaus atirou-lhe com um copo meio cheio de Coca-Cola. O copo, que não tinha composição de metal e, portanto, não continha atratores para o

magnegravitador da Estação da Lua, voou pelo corredor, mais reto do que qualquer flecha, em direção ao seu alvo. Marty desviou-se para fora da porta, um instante antes do projétil impactar na sua cabeça. O vidro quebrou-se espetacularmente contra a porta do quarto, à frente de Klaus, e os cacos caíram impossivelmente lentos no chão.

“Estúpido!” Gritou Marty, enquanto corria pelo corredor.

“Vou fazer-te chorar pela tua mãe!” Gritou Klaus para o rapaz, que era três anos mais novo que ele e que, vinha a ser constantemente um ponto sensível, nas últimas semanas. Klaus jurou para si: “Prometo que, se eu colocar minhas mãos naquele pescoço, ele não vai ter a oportunidade de fazer muitos mais comentários.”

Mas a mensagem que Marty tinha entregue, era mais importante do que o mensageiro, naquele momento. Porém, Klaus tinha muita vontade de estrangular o recém-chegado.

Yin queria Klaus. Sem demora.

Empurrando a sua raiva para o fundo da mente, para uso futuro, Klaus desligou o jogo, tendo o cuidado de o gravar e dirigiu-se para os escritórios de Yin, certificando-se de trancar a porta do seu minúsculo quarto, quando saiu. Ele não queria nenhum dos outros, a rastejar à volta do seu espaço pessoal. O quarto, era a única coisa que ele podia chamar de seu.

Durante todo o percurso que ele fez, através do complexo subterrâneo do império secreto de Yin, Klaus praguejava entre dentes. As coisas tornaram-se cada vez piores, ao longo dos últimos meses. Quando se tornou do conhecimento público o seu deslize com Alex Manez, no assunto de Macklin Rock, os outros que trabalhavam para Yin, começaram a tratá-lo com desdém.

Tentando distanciar-se dele, se alguma vez o meteorito figurativo atingisse a cúpula, os outros tinham tratado Klaus como um pária. Aonde quer que fosse, olhares zombeteiros e desdenhosos perseguiram-no, como os abutres à carniça.

Klaus, tinha tentado abordar o problema com o próprio Yin, mas o velho déspota riu-se e disse-lhe que, se ele não pudesse lidar com seus próprios problemas, teria que lhe tirar a posição e a responsabilidade.

Uma semana depois, uma briga de punho com um dos outros rapazes, em cima do incidente, resultou numa severa reprimenda de Yin e numa revogação de certos privilégios da posição de Klaus, como responsável pela monitorização. Klaus não poderia mais elaborar as escalas, o que lhe tinha

dado a oportunidade, de ficar com os melhores horários. Agora, ele tinha que receber ordens de Rick Janzen, um *hacker* que tinha menos um ano do que ele. Isso era para ele, como um clister de lixa.

No mês passado, Marty Middlefield tinha sido recrutado para a equipa de bandidos adolescentes de Yin e, rapidamente aprendeu que podia provocar Klaus Vogelsberg, com impunidade. Ninguém iria defender Klaus, ou permitir que o menino mais velho se vingasse sobre o recém-chegado.

Klaus estava farto. Ele tinha chegado, de fato, ao ponto de planejar cuidadosamente todas as fases do assassinato de Marty, até à celebração que faria, após o pirralho não ser mais do que uma mancha vermelha de sangue no tapete.

Uns dias antes, Klaus andava a vaguear no piso principal da estação e seguiu um agente de segurança, a caminho do seu jantar. Colocando-se numa mesa próxima, Klaus observou o homem retirar a pistola de dardos do coldre e colocar a arma sobre a mesa, enquanto jantava.

Com a paciência de um terrível propósito, Klaus esperou, a rezar como um louva-a-deus por uma oportunidade, e foi recompensado quando caiu um utensílio ao oficial e este se levantou para ir buscar outro.

Habilmente, Klaus roubou-lhe a pistola de dardos e o coldre, saiu casualmente da sala de jantar e regressou ao seu quarto.

A pistola de dardos, era a única arma de projétil, autorizada oficialmente na estação. Uma bala, mesmo de calibre 0,22, continha energia suficiente para danificar qualquer um dos escudos protetores que cobriam a estação e mantinham fora o vácuo e a radiação do Espaço. Até mesmo Yin, proibiu as armas de fogo ilegais. A Estação da Lua era a única casa, que ele alguma vez teria.

A pistola de dardos, estava carregada com um cartucho de cinquenta pequenos projéteis, semelhantes a agulhas, cada um contendo uma pequena quantidade de tranquilizante suficiente, para imobilizar um fugitivo por quinze minutos.

Se Klaus decorasse o corpo de Marty, com os cinquenta dardos da pistola, seria o fim definitivo do assédio contínuo do pequeno patife. Isso era um fato.

Colocando os pensamentos do assassinato em espera, Klaus entrou no escritório principal de Yin e parou à porta, até que a sua presença foi notada e reconhecida.

“Ah!” Disse Chow Yin, quando olhou para cima. O velho excêntrico, na verdade, parecia contente por vê-lo. “Você chegou.”

O poderoso levantou-se da sua cama e foi só nessa altura, que Klaus viu a presença de um jovem menino, sentado pacientemente ao lado de Yin.

No início, Klaus não lhe reconheceu a idade mas, pouco depois, ele percebeu para quem estava a olhar, antes que Chow Yin o apresentasse.

“Venha cá por um momento, Klaus. Há alguém, que eu gostaria que você conhecesse. Tenho a certeza, de que você já ouviu falar do nosso hóspede pelo nome, bem como pela reputação. Você conhece bem o nosso mais honrado visitante, uma vez que é devido ao seu equipamento, que ele está aqui connosco.”

“Klaus, eu gostaria de lhe apresentar pela primeira vez, pessoalmente, o jovem Alex Manez. Alex, este é Klaus Vogelsberg, o meu jovem protegido, que tão eficientemente o descobriu, por assim dizer. Mesmo que você nunca o tenha conhecido, os vossos destinos estiveram entrelaçados, durante a maior parte deste último meio ano. Eu espero, então, que vocês venham a apreciar a companhia um do outro.”

Klaus deu alguns passos para dentro do quarto, porque era o que se esperava dele, bem como para conseguir olhar melhor para o rapaz, que tinha colocado o mundo todo e a totalidade do Sistema Solar, em turbulência.

Impressionado com o rapaz, Klaus apertou os lábios. Ele olhou para Yin e pestanejou.

“Companhia?”

“Sim.” Chow Yin sorriu, com o seu jeito aristocrático e cruzou as mãos em frente a si próprio, em expectativa. “Veja, eu estou a torná-lo a si, diretamente responsável pela nossa jovem carga. Ele concordou em entrar numa *joint-venture* connosco, para nosso benefício mútuo e, até que o seu potencial seja compreendido, eu gostaria de você providenciasse, para que não lhe falte nada.”

“Trate-o como um príncipe; trate-o como se fosse... eu, por exemplo. Atenda a todos os seus caprichos. Klaus, eu quero que você seja o tutor pessoal dele.”

Sem esperar para ver a reação de Klaus, Yin virou-se imediatamente para Alex Manez e começou a tranquilizá-lo; de que ele estava nas melhores mãos, com Klaus Vogelsberg. Mas Klaus não conseguiu ouvir nada, para além do rugido nos seus ouvidos.

Guardião! Baby-sitter, seria o termo adequado. De um fedelho de dez anos de idade! Receber ordens de um pirralho!

Era demais. Os abusos, que se foram acumulando em Klaus, estavam a

atingir a massa crítica. Ele não era uma mera ‘palha’, para dobrar, proverbialmente, as costas do camelo!

A indignação que Klaus sentia naquele momento, ameaçava provocar-lhe um episódio psicopata, mas, de algum modo, ele conseguiu conter-se.

Yin estava a falar com ele, mais uma vez. “Bem, Klaus, providencie as acomodações para Alex, sim? E traga-o para jantar, por volta das sete e meia. Ele e eu, temos muito para discutir. Muito para discutir, de fato!”

Pelo menos o pai de Klaus, tinha sido direto, nas suas intenções de brutalidade. Klaus quase que tinha confiado em Yin, quase que o chegou a respeitar como um companheiro de alma, um companheiro vítima. Mas agora, descobriu que Yin não era melhor do que o seu próprio pai. Pior ainda, pois ele utilizava truques.

Tudo o que Klaus podia fazer, era manter a boca fechada. Teve que morder a língua, para abafar o grito de indignação, que ameaçava sair dele. O sabor acre e metálico do seu próprio sangue, serviu para o acalmar. Um vento frio de gelado propósito, instalou-se nos seus pensamentos.

Como um autómato, Klaus assentiu o reconhecimento das ordens de Yin. “Está bem.”

Sem dizer uma palavra a Alex Manez, Klaus virou as costas e saiu da sala do mestre Yin, deixando a criança a segui-lo como podia.

“Oh,” Yin chamou por Klaus, dando simultaneamente ao seu mais recente prémio, um pequeno empurrão para a frente, “e assegure-se de que os outros meninos, não maltratem o jovem Alex. Se algo lhe acontecer, você pode estar certo, de que irá receber uma severa punição, do género encontrado apenas nos seus piores pesadelos.” Ele deu um grande sorriso. “Eu confio, que você vai cuidar muito bem, do seu pequeno companheiro.”

Klaus parou apenas o tempo suficiente, para responder: “Eu vou tratá-lo, como se ele fosse meu irmão.”

“Boa. Agora, saiam os dois jovens.” Yin acenou-lhes paternalmente.

Klaus sorriu, mas motivado por um pensamento particular. *Sim, eu vou tratá-lo, como você me tratou...*

Indignado com Yin, Klaus virou-se para Alex, enquanto o conduzia silenciosamente pelo corredor. *Você, ele pensou, vai arrepender-se do dia em que nasceu.*

Quando Klaus chegou ao seu quarto, este estava um caos. A porta que ele

tinha fechado encontrava-se escancarada, a sua cama estava desfeita, o colchão virado e todos os seus objetos pessoais, estavam espalhados pelo chão.

Demorou um momento para Klaus perceber, que o seu computador também tinha sido objeto de vandalismo. A tela estava ligada, mesmo tendo Klaus desligado o seu SRD antes de sair.

O seu cyberambiente pessoal, que ele tinha passado meses a conceber, não estava na janela do SRD. Ao invés, mostrava o ambiente de trabalho padrão da fábrica. Com um sentimento de pavor, Klaus aproximou-se da sua consola e abriu o seu gestor de dados.

Ele ordenou-lhe que mostrasse uma lista dos seus arquivos e viu imediatamente, que todos os dados das suas pastas pessoais, tinham sido apagados. Os seus jogos, as suas cartas, as suas notas, o seu diário, tudo.

Durante meio minuto ele olhou para a tela, como se desejasse que tudo aquilo não tivesse acontecido. A raiva anterior, que ele sentiu no apartamento de Yin, não era nada, comparada com a raiva que ele sentia agora. No início, ele nem sequer reparou na mão que tocou no seu ombro.

“Você está bem? O que é que aconteceu?” Perguntou-lhe Alex Manez.

Klaus virou-se e olhou para a criança, com uns olhos que poderiam estar mortos.

“Estou bem. Muito bem.” Ele olhou para Alex, por dez segundos completos, sem ver o menino, devido a todos os pensamentos e planos que lhe passaram pela mente.

Tinha que ter sido Marty Middlefield. A tentar vingar-se, ou a fazer troça dele. Está tudo bem. Eu também vou troçar um pouco dele.

E Yin, a ameaçar-ME! A dizer-me que o meu rabo é inútil, a menos que eu me sente e porte bem, como um cachorrinho pequeno. Bem, eu vou mostrar-lhe que este cão, tem mais do que um latido perigoso.

E vou tratar desse pirralho que chegou, também. Ele é a raiz dos meus problemas, mas eu vou deixá-lo para o fim.

Planos começaram a formar-se, em sua mente, como cristais num pote de água com açúcar. Como tratar de Yin, de Marty e do rapazinho que estava atrás dele.

Um sorriso malévolo formou-se, no canto dos seus lábios, quando ele colocou o dispositivo de ligação-mente e abriu a sua conta de CorreioNet. Todas as suas mensagens, tanto as que ele tinha recebido, como as que tinha enviado, tinham sido apagadas, mas Klaus não se importou com isso naquele

momento.

Ele escreveu um memorando rápido e postou-o na página do Boletim Público da Estação da Lua, demarcando-o:

!!! URGENTE !!! OFICIAL !!!

Sem se preocupar em desligar o seu computador, Klaus levantou-se da sua mesa e caiu sobre um joelho ao lado da sua cama, debaixo da qual ele alcançou, lá atrás, uma revista pornográfica que tinha atirado para lá. Quando retirou a mão, a pistola de dardos que ele tinha roubado, estava firmemente apertada nela.

Alex recuou, com os olhos arregalados. “O que é que você vai fazer com isso?”

“Só vou definir algumas regras básicas.”

Com isso ele saiu da sala. Os olhos determinados, a sondar o complexo do compartimento. A raiva disparou dentro dele, traduzida facilmente pelas suas características faciais e alguns dos outros *hackers*, que ele encontrou no seu caminho, deram um passo para trás, com os olhos arregalados e temerosos.

Alguns seguiram-no, mas Klaus não se importou. Ele já tinha passado o ponto, de se preocupar com os restantes. Eles eram todos uns perdedores, de qualquer maneira.

À medida que os retardatários se foram juntando e, lentamente se reuniram no encalço de Klaus, o nível de ruído do grupo cresceu para um murmúrio confuso, enquanto especulavam o que ia na mente de Klaus. Alguns sabiam que o seu quarto tinha sido vandalizado e riam nervosamente.

“O Marty vai levar. Observem.” Disse um deles. Isso só confirmou as suspeitas de Klaus e endureceu o seu espírito.

Alguém perguntou quem era o novo rapaz, mas o grupo estava mais excitado, acerca da luta que estavam à espera. Ninguém ainda tinha reparado na pistola de dardos, na palma da mão de Klaus.

Quando a comitiva chegou ao quarto de Marty, Klaus, ignorando-os, deu um pontapé na porta já entreaberta e quase que a arrancou das dobradiças.

“Marty.” Rosnou Klaus. “Eu gostei, realmente, da tua *última* partida.”

Marty, que estava sentado na cama, a ler um livro de banda desenhada virtual com o seu código de acesso, inicialmente assustou-se e parecia estar a tentar fugir, embora a sua única saída estivesse bloqueada.

Com as palavras de Klaus, o medo de Marty foi rapidamente mascarado pela sua arrogância. Ele sorriu como uma hiena. “Eu sabia que ias gostar.”

Klaus esforçou-se para manter a calma, por mais alguns momentos.

“Eu acho que tu não percebeste bem, o que eu disse.” Disse ele, ao menino mais novo. “Eu disse: eu realmente gostei, da tua *última* partida. Porque sabes...ela será realmente a *última*...”

“Oh, não me ameaces, seu...”

“O tempo para as ameaças acabou. Chegou o tempo para as promessas.”

Antes de Marty pudesse descortinar a sua pequena mente, em torno do que Klaus queria dizer, este ergueu o braço para fora, como se estivesse a apontar um dedo acusador para o menino mais novo.

Foi então que Marty e alguns dos outros, viram a pistola.

Os gritos de Marty de “Não!” Juntaram-se aos de alguns outros meninos, mas ninguém pensou em tentar impedir Klaus, antes que atirasse uma meia dúzia de projéteis em forma de agulha, no corpo de Marty, que se contorcia e que gritava.

Alguém tentou agarrar Klaus, projetando Alex para o quarto, mas Klaus, alimentado pela sua raiva, livrou-se do assaltante e virou-se para o grupo.

“Há mais alguém cansado? Que queira dormir, durante algum tempo? Ouvi dizer, que se pode ser reanimado do choque tóxico, se for socorrido a tempo, mas que se fica a conversar com os vegetais, pelo resto da vida.”

Todos se afastaram dele.

Estendendo a mão, para agarrar Alex Manez pelo colarinho, ele puxou o rapaz de dez anos, para se levantar.

“E você! Você, vem comigo!”

Ele arrastou Alex com ele, passando pela multidão, sem resistência.

Ainda com os seus pensamentos no ato brutal que tinha acabado de cometer, Klaus não pensou, porque é que Alex Manez, que deveria estar a chorar de medo ou a lutar para fugir, simplesmente o seguiu, sem qualquer queixume ou resistência.

Ao invés, Alex tinha um sorriso contemplativo no seu rosto.

Estação da Lua:
Setor Chinês:
Lua:

Justine andava de um lado para o outro.

Ocasionalmente ela rosnava, ao contemplar a estagnação do Setor Chinês. Praguejava alto, sempre que mencionava a República Chinesa e a sua inflexível recusa de cooperação, embora, também eles tivessem perdido todo contacto com o Setor Chinês, na Estação da Lua.

“Calma, Justine.” Disse Clive, numa tentativa de aplacar a besta selvagem, que estava no seu escritório.

“Não posso, caramba! Tem que haver algo, que possamos fazer! Alguma coisa!”

“Sinto muito.” O diplomata encolheu os ombros, eloquentemente. “Receio que estejamos de mãos estão atadas, no momento. Tudo o que pode ser feito, já o foi.”

Justine fez-lhe um gesto. “Temos todos os nossos soldados, a vigiarem os soldados deles, eles a vigiarem os nossos e nenhum dos lados, na verdade, está a olhar na direção certa. O que é que o faz pensar, que isso vai adiantar alguma coisa?”

“Você tem mais alguma sugestão?”

“Sim! Vamos lá, resgatamos Alex e preocupamo-nos com as relações diplomáticas, mais tarde.”

Clive apertou os lábios, em desaprovação. “Isso pode acabar por piorar as coisas, para todas as partes envolvidas.” Interpôs ele.

Justine fez uma careta. “Eu não vou ficar aqui sentada, de braços cruzados.”

Clive ofereceu a Justine, um sorriso de apaziguamento. “Os nossos países

na Terra, estão a trabalhar nisto, o mais rápido que podem. A China está há muito tempo sob a mira da União de Corporações da Terra, pelo seu histórico de séculos de relações humanitárias pobres. Claro, eles estão resistentes em lidar connosco. Sakami Chin era uma espécie de ramo de oliveira. Agora, está desaparecido. Suponhamos que, por exemplo, Dale Powers tivesse estado em missão com a China e desaparecesse de repente, você não estaria também defensiva?”

A expressão carrancuda de Justine, transformou-se numa careta. “Sim, você tem novamente razão, mas isso não significa, que eu tenha que gostar disso.”

“É isso que é a diplomacia. Dê-lhe tempo, Justine. Nós vamos conseguir a cooperação deles. Estamos a entrar na Era Interestelar. Tenho a certeza de que a China, está apenas a tentar ganhar uma posição melhor. Alex agora é um bem precioso, não só porque é um rapaz ou um representante do “nosso” lado, mas em relação ao potencial para a exploração espacial. Todos acreditam que o menino, é a chave para as viagens interestelares. Neste momento, não há mais nada, em que fundar as nossas esperanças. É por isso que a pobre criança, está a ser disputada, como cães que disputam um osso.”

“Eu sei. Isso é nojento.”

Sabidamente, Clive Wexhall não fez nenhuma objeção. De qualquer modo, o seu trabalho, não tinha a ver com manter opiniões. Analisar as coisas com a cabeça fria e pensamento objetivo, eram os seus pontos fortes.

“Olhe, eu vou ligar lá para baixo e pedir algumas sanduíches. Você ainda bebe só chá gelado ou gostaria de algo mais substancial?”

Pestanejando, Justine foi forçada a pensar, ainda que momentaneamente, sobre algo que não fosse o Setor Chinês e Alex. Clive sorriu-lhe, satisfeito por tê-la distraído dos seus pensamentos turbulentos.

“Uh, não, eu quero o chá gelado, obrigado.”

“Com certeza.” Clive acionou o seu OpeCom, pressionando a marcação automática para o refeitório e fez o pedido. Antes que pudesse desligar o OpeCom, um ícone de urgente, começou a piscar na sua conta de CorreioNet.

Abrindo a mensagem, ele leu as primeiras linhas e expirou.

“O que é que se passa?” Pressionou Justine.

“Você tem que ler por si mesma.” Ele abriu espaço na sua secretária, para Justine ler a correspondência, sobre o seu ombro.

Para: Todos os membros da Estação da Lua.

De: Um refém!

Socorro! Estou a ser mantido contra minha vontade, no Setor Chinês da Estação da Lua, juntamente com cerca de duas dezenas de outras pessoas, de diferentes Corporações de Países. Estamos a ser obrigados a cometer furto, falsificação, roubo e outros crimes internacionais, através da TerraNet, por Chow Yin, um expatriado que ocupou o Setor Chinês e falsificou a ligação política à República Popular da China.

Por favor ajudem!

∞

Por baixo, havia hiperligações para vários documentos que, quando abertos, mostravam a extensão das atividades criminosas de Chow Yin. Um documento, também mostrava que Chow Yin tinha forjado a identidade do Consulado Chinês, a personagem real não existia senão nos registos do computador.

“Santo Deus!” Exclamou Clive, com alegria. Um sorriso enorme espalhou-se no seu rosto. “Conseguimos!”

“O quê? Isso não nos vai trazer qualquer benefício, exceto como prova, para um posterior julgamento judicial... ou não é assim?”

Clive, mal capaz de se conter, disse: “Trazer-nos benefício! Claro que sim! Isto prova, que não há nenhum funcionário, no momento, a representar o Governo Chinês na Estação da Lua.”

“E então?”

“Nos Estatutos da Estação da Lua está especificado que; para manter reivindicação dos setores individuais da estação e, uma vez que é uma estação comum acessível a todos, tem que existir sempre um representante válido, de cada governo respetivo. Se não existe um Cônsul Chinês e não tem existido, nos últimos anos, significa que os chineses já não têm uma reivindicação legítima sobre o setor, até que realmente coloquem alguém na propriedade.”

“Enquanto isso, temos um fundamento legal para entrar lá. Apoiado por grave suspeita de crimes internacionais.”

Passou um breve instante, para que Justine absorvesse tudo aquilo. De

seguida, ela pestanejou. “De que é que está à espera? Chame o exército!”

A Capitã da *Orcus 1* não ficou parada, enquanto Clive Wexhall fazia a chamada para o funcionário militar da estação. Ela virou-se e saiu a correr da sala, em direção ao Setor Chinês.

Ela estava determinada a estar presente, quando Alex fosse resgatado e a protegê-lo contra danos colaterais.

∞

Quando o exército chegou ao Consulado Chinês e invadiu o Setor (armado e apoiado por mandatos) descobriram, por alguns dos ditos “reféns”, que dois dos meninos do harém de bandidos adolescentes de Chow Yin, estavam desaparecidos. Um deles, Justine percebeu pela descrição, era Alex.

O menino disse: “Eu acho que eles estavam a ir na direção das câmaras pressurizadas.”

Deixando o exército a limpar a confusão do Setor Chinês, Justine saiu a correr.

Por nada no mundo, ela iria deixar Alex escapar-se, agora que estava tão perto.

Superfície Lunar:
Lua:

A superfície da Lua, tinha um efeito calmante sobre Alex. Ele não conseguia identificar o que lhe provocava aquela reação, mas o suave ronco do motor elétrico do VTT, combinado com os movimentos de balanço, à medida que o veículo se movia, trazia-lhe à mente uma certa serenidade que Alex considerou, em última análise, atrativa.

Ao lado dele, a conduzir o veículo, estava um lunático. Tinha apenas 17 anos de idade mas, ainda assim, era um maníaco. Alex devia ter tentado escapar da influência deste jovem psicopata, protestado contra o seu cativo, lutado contra a conclusão inevitável desta desventura, Klaus queria-o morto. Ao invés, Alex encontrou-se de bom grado, a acompanhar o menino mais velho.

Havia alguma coisa, para além do alcance da sua compreensão, a instigá-lo a isso.

Para Alex, a Lua parecia-se quase como a sua casa. Ela era estéril, desolada e inabitável por alguém, a menos que estivesse embalado, em segurança, no casulo da tecnologia. E, no entanto, Alex estava em paz com ela. A vastidão do Espaço, horrível para a maioria, para ele era um confortável cobertor preto. E a Lua, era a signatária dessa extensão inimaginável.

A Terra representava supressão, claustrofobia, tudo inerentemente oposto ao Espaço exterior. Alex nunca quis voltar para lá. Apesar de terem passado a maior parte da sua vida na Terceira Estação do Canadá, os pais de Alex ainda chamavam à Terra, lar doce lar. As únicas lembranças de Alex, eram as visitas irregulares à Terra nas férias anuais, feriados e por aí.... Era um planeta alienígena para ele, tanto como o era Júpiter.

... E não seria nada mais do que uma prisão, se Alex alguma vez regressasse lá.

De repente, Alex percebeu porque é que a Lua inspirava tal tranquilidade nele, para além das intenções assassinas do seu companheiro.

As vozes na sua cabeça, já não lhe faziam exigências, não perseguiram mais os seus pensamentos. Em vez disso, a melodia das suas palavras, era como uma reconfortante canção para adormecer.

Em breve, prometeram elas, você vai estar consciente de tudo o que é. Não temos necessidade de o influenciar para a acção. Você já está firmemente estabelecido, no curso do seu destino.

Fique tranquilo. Em breve, vai voltar para onde pertence.

Alex virou lentamente a cabeça para Klaus e sorriu com benevolência.

∞

Klaus quase capotou numa pequena cratera, quando olhou para o lado e viu o seu prisioneiro a sorrir para ele, como uma espécie de babuíno retardado.

“Porque diabos, é que você está a sorrir?” Sibilou Klaus, depois que recuperou o controlo do VTT e colocou o veículo de volta no curso.

Eles estavam a ir muito devagar. Klaus não queria correr nenhum risco. Se os malditos *yahoos* norte-americanos, não tivessem utilizado a sua mensagem, como uma brecha política, para invadir o Setor Chinês e derrubar o império de Yin, então, Chow Yin estaria no encalço de Klaus. Quando Yin queria vingança, não perdia tempo. Lançaria uma dúzia de VTT atrás dele e de Alex, cada um a transportar homens com armas, que disparavam balas reais, não dardos imersos em veneno.

E, mesmo que os americanos tivessem avançado, como Klaus esperava, iriam logo descobrir que ele tinha sequestrado Alex. O seu prémio era demasiado grande, para ser ignorado por muito tempo. Qualquer que fosse a perspectiva que considerasse, Klaus ia ser uma pessoa muito procurada.

Por causa de Alex.

Ele olhou e esquadrinhou o rosto do rapaz, por um momento. Alex não tinha respondido à sua pergunta, nem tinha parado de sorrir, embora tenha virado a sua atenção para a paisagem lunar em frente.

“Pare de sorrir, seu pateta. Que motivos é que tem, para estar assim tão feliz? Você sabe que o vou matar, não sabe?”

Alex rodou lentamente a cabeça. “Não, não vai.”

A ansiedade de Klaus, levou-o a empurrar um pouco o volante do VTT,

contudo, não o suficiente para os colocar em perigo. Para os diabos com o rapaz. Como é que ele sabia, que Klaus tinha mudado de ideias, sobre largá-lo ali?

Nos últimos quinze minutos, Klaus também tinha sido tomado pela tranquilidade da superfície lunar e tinha pensado um pouco.

A vingança era boa e tal, mas se ele continuasse com a farra de violência e caos, só haveria um desfecho possível para todo o acontecido - a sua própria morte. As pessoas não iriam suportar esse tipo de comportamento, por muito tempo e rapidamente iriam organizar-se, para por um fim à turbulência de Klaus.

Alex era uma mercadoria valiosa, talvez até, a mercadoria mais valiosa do Sistema Solar.

E de momento, Klaus tinha o controlo completo sobre ele. Yin tinha planeado usar Alex para ganhar riqueza pessoal, o que se devia unicamente aos esforços de Klaus. O que é que Klaus tinha obtido, dos seus esforços? Nada.

Mas agora, Klaus poderia usar Alex, em seu próprio proveito. Sem parceiros, sem patrões, sem pais...ninguém, para além dele.

Ele não tinha aspirações de minar, a profundidade das habilidades relatadas de Alex. Ele não tinha o tempo, ou sequer a inclinação para isso. Ao invés, ele iria contentar-se com um modesto resgate. Os norte-americanos ou os canadenses, certamente, iriam pagar. Klaus não era ganancioso; alguns milhões de dólares, seriam o suficiente para o manter feliz, para o resto da sua vida.

Klaus sabia exatamente, a quem é que poderia recorrer, para pedir ajuda; o mesmo traficante que tinha pirateado Alex da *Orcus 1*, o seu tio, Trent Gruber. O Capitão Gruber *teria* que ajudar Klaus. Ele estava disposto a oferecer uma percentagem saudável ao seu tio. Se isso não funcionasse e o contrabandista não estivesse disposto a participar, Klaus tinha material de chantagem suficiente sobre ele, para o enviar para a prisão empresarial da União de Corporações da Terra, para o resto de sua vida natural, sendo ou não, seu familiar.

Gruber, o irmão da mãe há muito falecida de Klaus, tinha uma pequena base na Lua, a poucas centenas de quilómetros de distância da Estação da Lua. Era para aí, que Klaus estava a dirigir-se.

Mas como é que Alex sabia, que as intenções de Klaus tinham mudado?

“O que quer dizer com, eu não o vou matar?”

“Eu não vou deixar que me mate.” Respondeu Alex, simplesmente. “Tenho um propósito demasiado grande, para permitir que isso aconteça. No entanto, eu preciso de si para me ajudar.”

“Para o ajudar? A fazer o quê?”

“Isso é um assunto meu. Eu consigo saber, que você já não me quer matar. Você tem outra coisa em mente. Extorsão, resgate ou algo assim. Eu já li romances suficientes, para adivinhar que você tem um plano para me esconder. O que eu quero, é que você me leve para o seu esconderijo e me mantenha lá, por algum tempo. Ajude-me e eu garanto-lhe que você irá ficar rico.”

“E se, por acaso, eu não quiser alinhar com o seu pequeno plano estúpido, minorca?”

A resposta surgiu num modo, que era mil vezes mais eficaz, do que qualquer ameaça verbal. O motor elétrico do VTT deixou de funcionar e o veículo chegou lentamente a um impasse. “O que é que...?”

O aparelho de respiração de Klaus, lentamente, parou de bombear ar para dentro do seu capacete. Depressa, Klaus estava a inalar o mesmo ar que expirava e o teor de oxigénio estava a descer tão rápido, quanto o nível de monóxido de carbono estava a subir. Ele iria rapidamente asfixiar-se, se não obtivesse mais ar.

Em pânico, Klaus começou a debater-se, desesperado por uma golfada de ar fresco.

Ele teve a presença de espírito suficiente para perceber, que só poderia obter ar de uma única fonte. “Está... bem! Está... bem! Você... ganhou! Vou fazer o que você disser, dê-me só algum...”

O influxo de oxigénio, foi como um jacto de água fria sobre a testa febril, ou um fogo quente no ártico frio.

Klaus respirou fundo várias vezes, lembrou-se que não devia inalar tão profundamente, ou o próprio oxigénio iria afetá-lo negativamente e, gradualmente, modelou a sua respiração.

O motor do VTT voltou à vida e Alex disse: “Vamos, Klaus. Vamos continuar.”

“Sabe,” Disse Klaus, quando já tinha o fôlego e a sua náusea firmemente sob controlo, “você é, realmente, um pequeno pedaço de bosta.”

**ARTIGOS SELECIONADOS:
DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE IMPRENSA:**

JUNHO 2091

Num movimento histórico, o Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra, aboliu os antigos estatutos da Lua, em prol de uma administração direta. Estimulados pelos recentes acontecimentos, que envolveram um expatriado chinês, que conseguiu usurpar a maioria dos recursos e bens da Estação da Lua, um ato que quase levou a União de Corporações da Terra à beira de um incidente internacional com a China. A UCT já criou novos estatutos, para anular todas as reivindicações de propriedade na Estação da Lua, feitas por corporações dos países ou empresas individuais. Um funcionário explicou, que a estação será independente de qualquer influência política das corporações dos países e, no futuro, a UCT vai alugar o espaço na Estação da Lua, numa base de renovação anual.

JULHO 2091

O embaixador chinês está hoje em Nova York, para a primeira das seis reuniões agendadas, na tentativa de colmatar a lacuna entre a filosofia empresarial ocidental e a filosofia de longa data da República, que foi a pedra angular da política chinesa, durante séculos. Num comunicado emitido antes da primeira reunião, o embaixador reafirmou que o seu governo não iria responsabilizar a NASA ou qualquer outro órgão, pelo sequestro de Sakami Chin na Estação da Lua, há sete meses atrás. Ele também manifestou o interesse, em continuar a construir um diálogo entre as duas grandes nações, com a finalidade de promover a mais recente ciência da kinemética. Os

chineses, que possuem mais de uma centena de minas nos asteróides, revelaram suspeitas de que um ou mais dos seus asteróides, poderão conter o elemento supercondutor mais rápido do que a luz, denominado Kinemet.

AGOSTO 2091

A segunda missão a Plutão, foi lançada com sucesso esta manhã, às 06:23 horas locais, no Porto Espacial de Kennedy. A *Orcus 2*, é uma missão conjunta entre a NASA e a AEC, com um mandato para investigar o artefacto conhecido como *Dis Pater* e estudar a sua relação com a influência kinemética, conhecida como Efeito Manez. Com a pressão da Agência Espacial Europeia, bem como os japoneses e as organizações sul-americanas, a NASA começou a organizar uma terceira missão a Plutão, a *Orcus 3*, e convidou representantes de todas as nações, para acompanhar o voo para o nosso planeta mais distante. Está programado que a Capitã Justine Churchill Turner, Capitã tanto da *Orcus 1*, como da *Orcus 2*, dirija também a terceira missão.

NOVEMBRO 2091

O porta-voz da NASA anunciou hoje, num comunicado de imprensa, que os pesquisadores descobriram uma pequena bolsa do elemento Kinemet, no pequeno asteróide Nimow. De acordo com os testes preliminares, o Dr. Caven Oahe, estima que a descoberta de 102 kg, contém energia potencial suficiente para uma viagem de ida e volta a Centauri. Embora o Laboratório de Propulsão a Jacto, em conjunto com a Quantum Resources, Inc. da Corporação do Canadá, ainda não tenham divulgado um calendário, fontes indicam, que já estão a ser elaborados projetos para uma nave interestelar. Físicos e Engenheiros da Universidade da Carolina do Sul, estimam que a primeira nave a viajar à velocidade da luz, poderá estar pronta dentro de quatro anos.

MARÇO 2092

Na sociedade tecnológica atual, a religião organizada, tem sido relegada para os livros de história e para as pequenas reuniões em caves. Mas, na América Central, há um movimento religioso crescente, que alguns dizem que é um culto apocalíptico. Os espiritualistas maias, que têm vindo a aumentar em relação ao passado ano e meio, preveem o fim das civilizações

do mundo, tal como se conhecem. Quando questionado, um membro de alto estatuto da organização indicou que, tal como a cultura Maia já foi em tempos antigos, a sociedade mais avançada do mundo, ela irá novamente herdar o domínio da Terra.

MARÇO 2092

Os cientistas da *Orcus 2*, não foram capazes de descobrir a origem ou a intenção do artefacto plutoniano, *Dis Pater*. Depois de semanas de investigação, os membros da missão *Orcus 2*, não estão mais perto de resolver o quebra-cabeças do enorme monólito no Planeta Escuro. Um porta-voz da NASA diz que isso não é inesperado. A última vez que o artefacto mostrou algum tipo de atividade, foi durante a primeira missão *Orcus*, quando respondeu ao disparo do elemento Kinemet. A missão *Orcus 2*, não tem legitimidade para efetuar nenhuma experiência com o Kinemet. Isso está reservado para a missão *Orcus 3*, um empreendimento que será partilhado, por todas as agências espaciais ativas da Terra. A descolagem da *Orcus 2* de Plutão está agendada para amanhã de manhã, e está programada para chegar à Lua, numa data estimada de seis meses.

AGOSTO 2092

A Quantum Resources Inc. de Toronto, da Corporação do Canadá, lançou os resultados mais recentes do seu projeto de pesquisa conjunta com o Laboratório de Propulsão a Jacto da NASA. O mistério do Kinemet, antes conhecido como Elemento X, foi resolvido. Com as recentes descobertas de depósitos de Kinemet em mais de vinte asteróides, no ano passado, as pesquisas têm decorrido a um ritmo acelerado e produzido resultados fantásticos, segundo um porta-voz da Quantum Resources, Inc.. “É apenas uma questão de tempo, até que possamos equipar uma nave interestelar, com um motor para funcionar com a energia Kinemet.” O relatório completo sobre o Kinemet, pode ser encontrado na página da rede da Quantum Resources, Inc. e também da NASA.

NOVEMBRO 2092

A *Orcus 2* retornou à Terra e a sua tripulação de sete membros, está em inquérito, em Houston. A NASA e a AEC declararam que a missão foi um sucesso, apesar de que pouca informação foi adicionada sobre o artefacto, *Dis*

Pater. Foi deixado em Plutão um conjunto completo de sensores, para documentar qualquer reação futura do artefacto.

JANEIRO 2093

A NASA e a AEC anunciaram a programação da data, para o próximo teste de lançamento da primeira nave interestelar. A *Quanta*, como foi batizada, é uma nave de um único passageiro, concebida sem carga. A sua principal missão, será conseguir o primeiro voo registado à velocidade da luz. A nave irá viajar da Estação da Lua até Plutão, onde irá encontrar-se com a Missão *Orcus 3*, para a viagem de regresso, a jacto. A data para o lançamento ainda não foi anunciada, mas os analistas da Associação Canadense de Astronomia estimam, que a próxima janela para um voo a Plutão, será em Outubro de 2094, aterrando no planeta mais distante sete meses depois, por volta de Maio de 2095. A data mais provável para o teste de voo à velocidade da luz, será por essa altura.

OUTUBRO 2094

A Major Justine Churchill Turner está a caminho de Plutão, pela terceira vez. A *Orcus 3*, decolou com sucesso da Estação da Lua, no início desta tarde. Há três anos e meio atrás, a Major Turner desempenhou um papel fundamental na captura do criminoso internacional Chow Yin, na Estação da Lua. Ela é uma espécie de celebridade lá, com um planetário batizado com o seu nome. De relevância histórica, é de notar que a Major Turner é uma descendente de Percival Lowell, o astrónomo que primeiro teorizou a existência e a possível localização de Plutão.

MARÇO 2095

A NASA anunciou o nome do piloto, que vai assumir o comando do primeiro voo à velocidade da luz. O Capitão Mitchel Kincardine da Agência Espacial Canadiana foi selecionado, de entre quase três centenas de candidatos qualificados, para realizar esta missão histórica. O Capitão Kincardine, pai de dois filhos, foi durante muito tempo, um piloto da AEC.

ABRIL 2095

A nave espacial interestelar *Quanta*, da NASA e da AEC, está programada

para fazer o primeiro voo à velocidade da luz. No próximo mês estará a caminho da Estação da Lua, onde será equipada com um motor de Kinemet e testada em gravidade zero, a alguns milhares de quilómetros acima da superfície da Lua. O Capitão Kincardine estará a acompanhar a nave, e já disse que está ansioso por ver o seu nome registado ao lado de Cristóvão Colombo, Yuri Gagarin, e Neil Armstrong.

Estação da Lua:
Lua:

O coro implacável repetia-se na sua mente e isso já durava, há quatro longos anos.

Os sons dos planetas estavam a enlouquecê-lo, lentamente, com a sua mensagem de urgência.

Venha a nós, Alex. Venha até nós.

Ele estava a trabalhar o mais rápido que podia, mas teve que esperar pelos outros.

Espera.

Sempre em espera.

A observar cada movimento, a ler cada palavra publicada, a comunicar com outras pessoas que poderiam fornecer-lhe todas as sucatas, que iriam ajudá-lo a completar a sua tarefa.

Eles anunciaram uma data e ele teve que mudar os seus preparativos rapidamente.

A Música das Esferas disse-lhe isso.

Venha a nós, Alex. Venha.

**A Quanta:
Estação da Lua:
Lua:**

Maio 2095

Alex Manez fez uma inspiração profunda e angustiante, e correu os dedos pelas finas mechas de cabelo que, em tempos, foram longas e lustrosas.

De seguida, o rapaz de catorze anos de idade, amarrou-se no encosto de couro do banco do piloto da nave espacial, e começou a mexer sistematicamente em botões, a mudar códigos e a pressionar botões específicos na consola panorâmica à sua volta, no *cockpit*. De vez em quando, ele tirava leituras de relatórios de diagnóstico e consultava o monitor do computador, reverificando um número ou outro.

Ele tinha que ter a certeza, de que tudo estava a funcionar perfeitamente, nesta fase do jogo. Um projeto desta magnitude, deveria requerer a entrada e coordenação de centenas de pessoas e Alex estava completamente sozinho. Alex também estava a assumir esta tarefa, sem a permissão dessas mesmas centenas de pessoas.

Alex estava a roubar a nave da velocidade da luz, que haviam denominado de *Quanta*.

A nave, altamente experimental, era propriedade da União de Corporações da Terra. Cada país membro tinha investido pesadamente no projeto, na esperança de alcançar os planetas exteriores do Sistema Solar, numa questão de horas, ao invés dos meses que presentemente levava.

Por causa da missão incomum atribuída à *Quanta*, o único meio de pilotar e navegar o veículo, era através do computador de bordo. O papel do controlo

da missão, era apenas de observação e de assistência.

Uma vez que Alex, podia manipular máquinas elétricas, foi, literalmente, uma brincadeira de criança, criar distrações suficientes no hangar lunar e passar despercebido.

Quando Alex se enfiou na nave, temporariamente ancorada no Porto da Estação da Lua, assegurando-se sempre de que ninguém mais estava a bordo, levou apenas alguns minutos, para se orientar e assumir o comando da nave.

A primeira coisa que ele fez, foi desligar todas as comunicações *on-line*, com os centros de controlo da missão na Estação e na Terra. A única ligação que ele mantinha, era com o computador de ancoragem, o qual, por sua vez, ele já tinha infetado com um vírus, que iria reconhecer os pedidos de ativação dele, mas ignorar quaisquer comandos provenientes de outras fontes.

Em seguida ele protegeu o casco, bloqueando a nave eletronicamente e, finalmente, depois de obter a devida permissão de lançamento do computador de ancoragem da estação, ele acionou os principais motores da nave. Ele tinha que fazer isto, antes de definir os controlos da trajetória e aceleração. Jatos de combustível inflamado dos motores comuns, iriam manter bem longe da *Quanta*, as forças de seguranças que tinham acabado de chegar ao porto, enquanto Alex fazia os restantes procedimentos preliminares de lançamento. Tais como; Controlo de oxigénio, pressão da cabine, estatísticas para o lançamento: todos verificados. Ele redefiniu os diagnósticos mais uma vez, e alinhou a trajetória de lançamento, para colocar a nave numa órbita para seguir a Mãe Lua quando decolasse. Ele não podia contar com o computador do controlo da missão. O acesso a esse recurso foi-lhe negado.

Enquanto Alex programava a nave e se preparava para a decolagem, sorriu. Era a primeira vez que ele sorria, em anos, desde que regressou de Plutão, para o espaço translunar.

Chegar a bordo da *Quanta* e pirateá-la, tinha sido fácil. Era como colocar os *Piratas de Nova* a um canto. Ninguém prestava atenção a um rapaz de catorze anos de idade, a preambular por aí.

Ele tinha a certeza, de que ninguém o iria reconhecer.

Há quatro anos, depois que a procura por ele se esgotou, o mundo virou a sua atenção para o desenvolvimento do Kinemet e da sua preciosa nave espacial, a *Quanta*. Ele foi deixado à sua própria sorte.

Ele fez um acordo simples com o Capitão Gruber e com Klaus. Eles deram-lhe abrigo na sua estação, durante aquele período, e ele prestou-lhes alguns serviços. Alex não participava das suas atividades ilegais, mas ele era

o sistema de alerta precoce perfeito, para quando as patrulhas de segurança faziam inspeções de surpresa. E, com a sua capacidade de ver a longas distancias, muitas vezes ele acompanhava-os em caçadas selvagens e conseguia detetar naves danificadas, que o Capitão Gruber poderia reivindicar. Foi um acordo rentável, para ambas as partes.

Só ao fim de alguns meses, da sua estadia na Lua, é que Alex começou a desenvolver a doença debilitante na sua medula óssea. A gravidade lunar ajudava a retardar a disfunção completa, desde que ele evitasse qualquer área alimentada por gravitons, mas era apenas uma questão de tempo, até que fosse necessário só um passo, para quebrar os seus ossos.

Tal como Chow Yin.

Foi a exposição ao Kinemet, que lhe fez aquilo. Ele sabia disso, tal como sabia que beber um litro de estricnina, faria com que não acordasse amanhã.

Ele também sabia, que para salvar a sua própria vida, precisava de entrar em contacto com Kinemet, outra vez. Nos últimos anos, os seus poderes desvaneceram-se um pouco, mas, mesmo estando apenas a uma centena de metros do fantástico super-material que a *Quanta* carregava agora, ele já se sentia rejuvenescido.

Começou a contagem regressiva para o lançamento, os números eram visualizados na sua janela do SRD.

10 - 9 - 8 - 7 - 6 - 5 - 4 - 3 - 2 - 1... *Lançamento.*

Alex tentou imaginar os olhares, nos rostos das centenas de pessoas do Controlo da Missão, bem como daqueles que observavam dos salões da estação, enquanto viam a *Quanta* de dezoito biliões de dólares, a ser sequestrada na sua viagem inaugural. Alex não era malicioso, por natureza, mas só de ver a surpresa nos seus rostos...

Os trinta metros e 29,82 toneladas da *Quanta* estremeceram, quando os foguetes a jato comuns começaram a empurrar o veículo para cima e para fora da porta de lançamento, dando-lhe o impulso suficiente para acelerar a nave, acima dos 2,4 kps necessários para escapar da influência gravitacional da Lua.

A nave ganhou velocidade, a um ritmo alarmante.

Ele sabia, que as pessoas lá em baixo iriam fugir a correr, em pânico. Iriam tentar descobrir, como é que ele tinha passado pelos dispositivos de segurança e descoberto os códigos de segurança interna.

Alex tinha conseguido entrar em ambos, no computador da *Quanta* e no computador do Porto da Estação da Lua, sem alertar as redes de alarme

eletrónico do Controlo da Missão, ou da própria Estação da Lua.

Acima de tudo, eles iriam tentar descobrir, como é que ele tinha chegado a bordo da embarcação, esperado até que a nave fosse desocupada, durante apenas cinco minutos, enquanto a equipa de terra saía e o piloto se estava a preparar, para subir a bordo.

Sim, o seu poder eletropático tinha diminuído, mas ainda estava lá, para ser utilizando como desejasse. E Alex, tinha utilizado pouco esse poder.

A *Quanta* necessitava de 737,765 kilopascals de impulso, só para escapar à Gravidade da Lua. Normalmente, seria necessário menos da metade desse impulso, para uma nave de tamanho semelhante. O impulso adicional era necessário devido à carga de Kinemet anexada ao motor kinemético, que aumentava a massa total da nave, em quase 175%.

Todas as informações necessárias da missão e da operação da *Quanta*, estavam gravadas na mente-fotográfica de Alex, outro efeito colateral da sua exposição ao Kinemet, em Macklin Rock. A exposição que tinha custado a vida aos seus pais.

Era quase uma segunda natureza, para ele, guiar a nave para além da gravidade da Lua, apesar de nunca ter experimentado realizar as operações pessoalmente. Ele flutuou para fora e para longe e, lentamente, diminuiu a potência do motor, até que saiu da trajetória da Lua para se colocar ao redor da Terra. Quando ele atingiu a órbita ao redor da Terra, imitando a Lua, aumentou o impulso para coincidir com a velocidade da Lua, 3.700 quilómetros por hora.

Quando o computador de bordo, confirmou uma órbita estável, Alex desligou os motores, respirou fundo e deliciou-se com a sua realização.

Mesmo que terminasse aqui, ele já ficaria satisfeito. Quantos rapazes, de catorze anos de idade, tinham pilotado uma nave espacial sozinhos, com sucesso e alcançado uma órbita estável ao redor da Terra?

Mas, ainda havia muito para fazer.

Alex inclinou-se para trás, na sua cadeira e enxugou a testa com a manga. A falta de gravidade, estava já a tirar grande parte da pressão dos seus pulmões e os seus ossos pareciam estar a ficar mais fortes a cada minuto. Ele estava no seu ambiente. Nunca poderia deixar o Kinemet, durante longos períodos de tempo. Aquilo agora, era um fato da sua vida.

Ao olhar para o relógio digital na consola, ele observou que todo aquele procedimento, tinha durado menos de seis horas. Para Alex, cada segundo que ele estava livre da Terra e da Lua, era uma eternidade para ser sempre

valorizada. O conforto familiar da influência do Kinemet, ali tão perto dele, foi o suficiente para o fazer chorar de alegria. Ele podia já sentir o movimento nos seus ossos, a sua saúde a ser restaurada. Se queria fazer com que tudo aquilo valesse para alguma coisa, ele não podia desistir agora.

Discorrendo habilmente os dedos sobre o teclado, ele pediu as estatísticas atuais de voo, e solicitou um exame de diagnóstico rápido dos sistemas internos. Estava tudo bem e funcional.

Para a próxima parte do plano de Alex, contudo, ele tinha que entrar em contacto com o Controlo da Missão, na Estação da Lua. Mesmo que tivesse entrado no computador deles e tivesse transferido toda a informação que tinha armazenada, o fato de tantos países estarem a trabalhar juntos neste projeto, países que tinham uma natureza desconfiada, tinha provocado a omissão de muitos dos objetivos e dados mais sensíveis da missão.

Ele precisava daqueles dados, para continuar a missão. Mais especificamente, da cooperação do Diretor da NASA, William Tuttle, que tinha viajado temporariamente da Terra para a Lua, para a ocasião, juntamente com muitos outros executivos espaciais de topo de diferentes agências: Michael Sanderson, Lassen Kruger, Vic Tong, Tung Jo, Henry Franks, para citar alguns.

Seria quase impossível convencê-los, mas não havia outra opção. Alex tinha, que os convencer disso.

Alex estendeu a mão para a consola e ligou o interruptor de AV. Acenderam-se as luzes indicadoras e, de repente, foi estabelecida uma comunicação bidirecional, com o centro de controlo da missão na Estação da Lua.

A sua janela de SRD revelou uma sala de operações frenética. Dezenas de funcionários administrativos, técnicos, operadores de computador e até mesmo alguns soldados canadenses, americanos e japoneses, estavam a correr de um lado para o outro, num frenesi efervescente de atividade.

Levou alguns momentos, para um dos técnicos reparar, que o seu monitor tinha sido ativado e mostrava o rosto sorridente de um menino, de catorze anos de idade, sentado na cadeira de comando da *Quanta*.

O homem enfiou, rapidamente, os auscultadores nos ouvidos e começou a mexer em interruptores e a pressionar botões. Ele inclinou-se para o microfone.

“Daqui fala o Controlo da Missão na Estação da Lua, para a Operação *Quanta*, fretado sob a autoridade do Conselho Empresarial da União de

Corporações da Terra. Venho por este meio pedir-lhe, para cessar e desistir de toda a atividade e se preparar para ser abordado por um rebocador, que será enviado em breve, ao seu encontro na posição atual. Jovem, você está metido num grande sarilho!” O seu rosto estava cheio de raiva.

Alex levantou a cabeça e decidiu não se ofender, com a observação inflamatória do homem. “Por favor, coloque alguém com autoridade em linha.” Ele pediu educadamente. “De preferência o Diretor.”

Apareceu um novo rosto à vista. Michael Sanderson. O Diretor da Quantum Resources, Inc. estava a envelhecer, a cada minuto que passava. A sua camisa estava sem gravata e os dois primeiros botões estavam desapertados. O suor brilhava-lhe na testa e o olhar no seu rosto, era uma mistura de desespero e de indignação. Ele estava a tentar conseguir aquilo, há anos. A viagem para a Lua custara-lhe caro.

∞

Michael reconheceu Alex como o sequestrador, ao invés de algum espião industrial ou agente estrangeiro, que obviamente tinha suspeitado. Desde o sequestro de Alex, há quatro anos, por Chow Yin, quando o criminoso chinês tinha pirateado a *Orcus 1*, que as relações entre a República Popular da China e o resto do mundo, tinham ficado mais do que tensas.

Michael recuperou-se rapidamente da surpresa e colocou os auscultadores, enquanto se esforçava para recuperar a voz. “Alex Manez. Você lembra-se de mim?”

“Sim, Diretor. Muito bem, na verdade. Tenho muito respeito por si. Eu sei que você tentou fazer o que pôde por mim. Não foi culpa sua. Eu não o culpo pela morte dos meus pais. Eu só queria que você soubesse, que o que eu estou a fazer, não foi diretamente motivado por nenhuma dessas coisas.”

“Bem, se eu nunca tivesse entrado em contacto com o Kinemet, para começar, nenhum de nós estaria nesta posição hoje.”

“Então você levou a nave refém, por um motivo? Suponho que este, não é apenas um passeio para divertimento.” O tom voz de Michael, traiu as suas emoções conflitantes. Era tão claro como o nariz do seu rosto, que ele estava com dificuldade em tentar compreender o fato, de que um adolescente tinha acabado de roubar uma nave espacial de vários biliões de dólares, mesmo debaixo de estreita vigilância.

“Não.” Confirmou Alex. “Este não é um passeio para divertimento, eu asseguro-lhe. É uma questão de sobrevivência.”

“Compreendo.” O Diretor colocou a mão sobre o microfone e começou a distribuir ordens, às dúzias de pessoas que se haviam congregado em torno da janela de SRD. Finalmente, ele virou-se para Alex.

“Você parece saber muito sobre a segurança do computador, viagens espaciais e sobre esta missão em particular.”

“Você ficaria surpreso, com o que se pode encontrar na TerraNet.”

Inclinando a cabeça, num gesto conciliatório, Michael respondeu: “Não, não ficaria. Mas isso ainda não explica, como é que obtive acesso aos parâmetros mais sensíveis da missão. Não há cópias em papel e a única cópia eletrônica, está armazenada no meu portátil.”

“Senhor, lembra-se da grande polémica, acerca da minha capacidade de clarividência?”

“Sim.”

“Bem, eu nunca revelei a sua extensão. Diminuiu ligeiramente, mas...”

“Ligeiramente...?”

“Eu não estou na minha plena capacidade, mas a capacidade ainda existe. É difícil, mas a partir de um quarto, eu posso facilmente espiar psiquicamente, por cima do ombro de alguém e ver o que ele está a ler no seu portátil.”

“Oh.” Michael parecia estar a tentar localizar exatamente o quando e onde, Alex poderia ter estado em suficiente proximidade, para executar a tarefa que tinha acabado de descrever. Mas o que era importante, era que, na Estação da Lua, as oportunidades abundavam.

“Peço desculpas, por vos colocar a todos nesta posição, mas há factos que eu tenho e que vocês não.” Disse Alex.

“Está bem, então porque é que você não traz a nave espacial de regresso e não a aterra. Eu vou assegurar uma equipa de especialistas, incluindo eu próprio, que lhe darão ampla oportunidade para nos apresentar os seus fatos.”

“Não é assim tão simples, senhor. Veja, eu estou a morrer. Os meus ossos não podem suportar mais qualquer pressão gravitacional. A própria Terra rejeitou-me. É o Kinemet, senhor. Nenhum dos seus pilotos de teste, já foi exposto, quando o Kinemet está ativo no Espaço. Apenas três pessoas, têm essa distinção dúbia, e duas delas, os meus pais, estão mortas como resultado.”

“O Kinemet oferece coisas maravilhosas, para quem aceita o seu abraço. Uma espécie de *visão*, muito semelhante à clarividência, eletrocinese, memória eidética sem inibição retroativa; todas as habilidades necessárias

para o voo à velocidade da luz. Você tentou simular com perfis de computador redundantes, e até mesmo colocar um piloto a bordo, que não foi testado para devolver fisicamente energia à nave, assim que o voo fosse finalizado.”

“Eu asseguro-lhe Diretor, todas essas precauções, vão acabar em desastre. Vocês ainda não compreendem o poder do Kinemet. Comparado com substancias atômicas simples, o Kinemet é como tentar descrever a cor a um cego. Os meus olhos foram abertos pelo Kinemet e eu não lhe posso dizer o que vi.”

“Eu posso guiar os outros para a luz deste poder, mas há um custo que eu estou a pagar, a cada dia que passa e a cada comprimido de codeína que engulo. Estou exilado da Terra para sempre, e também, de qualquer planeta que tenha gravidade significativa.”

“Você já devia saber disto, mas em sua ignorância, passou por cima dos fatos.”

“Sinto muito, Alex. Se você regressar, talvez possamos tentar...”

“Você ainda não percebeu, pois não!” Gritou Alex para o Diretor. Tomando um momento para se recompor e colocar as suas emoções sob controlo, Alex respirou fundo. “Eu não o culpo, senhor. Você não pode compreender. Você não tem nada que o relacione com isto. É por isso, que eu tenho que tomar o assunto nas minhas próprias mãos.”

“O que é que está a planear fazer, Alex?”

“Não é óbvio?” Respondeu o jovem.

Michael balançou a cabeça. “Não. Lamento, mas não é.”

“Estou a pensar cumprir a sua missão. Eu sei tudo sobre ela, até mesmo os aspetos secretos. Eu sei que está mais aqui em jogo, do que expôs ao público, sei para onde está a enviar esta nave espacial.”

“É claro que ambos sabemos, que a *Quanta* é perfeitamente capaz de suportar o voo à velocidade da luz; capaz de aproveitar a pequena quantidade da energia kinemética, que vai lançar; que as suas precauções para salvaguardar a pequena carga, vão resultar, e que esta missão tem uma hipótese de mais de noventa e nove por cento, de sucesso.”

Alex baixou a voz, enquanto continuava.

“No entanto, eu também sei, que sob os seus parâmetros da missão, a nave nunca irá retornar à Terra e nem o piloto.”

Ele parou por um momento, com o rosto sério. “O piloto tem uma família, Sr. Sanderson. Eu sei que ele não tem uma esposa nem filhos, mas tem uma

mãe e um pai, avós, uma irmã em Tacoma, com um marido e três filhos, dois sobrinhos e uma sobrinha, que nunca o irão ver novamente.”

“Primeiro, Eu não tenho nada a perder, nem família, nem vínculos. E tenho tudo a ganhar. A minha vida, o meu futuro, a minha própria sobrevivência pessoal. Em segundo lugar, se esta missão falhar, você sabe tão bem quanto eu, que a situação política na Terra, irá atrasar quaisquer missões subsequentes, pelo menos uma década, ou talvez até evitá-las para sempre, se houver guerra. As pessoas do mundo inteiro, estão a tentar reivindicar a descoberta para si, a disputar uma posição entre as estrelas, quando ainda nem sequer saíram do conforto das suas poltronas. Se vão existir viagens espaciais à velocidade da luz, a pilotagem só pode ser realizada por aqueles que são como eu. Aqueles, que foram diretamente expostos à radiação do Kinemet, sem a proteção de uma cápsula anti-ionizada.”

“Então, veja, eu sou a vossa melhor opção.”

“Você não pode estar a falar a sério!” Desabafou o Diretor. “Você não pode entender as ramificações, as...”

“Eu entendo-as completamente, Sr. Sanderson. Você deve saber disso, melhor do que ninguém.”

“... Como já lhe disse, o Kinemet oferece vantagens maravilhosas. Mas o custo é muito maior do que você poderá compreender. Se me fosse dado a escolher, eu preferia os meus pais de volta. Mas eu não tenho alternativa. Não tenho os recursos para viver sem gravidade, pelo resto da minha vida; e esta missão será um desastre sem mim, a menos que você queria adiar, até que possa expor um dos seus pilotos de teste, aos efeitos da radiação kinemética não-blindada. E isso, seria condená-lo permanentemente ao exílio: o de nunca mais viver na Terra.”

Michael desviou os olhos da cabeça careca de Alex e viu o seu rosto pálido e a atrofia que os seus músculos mostravam. “Não, não podemos adiar o voo.”

“Parece-me que é do seu melhor interesse, cooperar comigo nisto.” Alex esperou pela sua decisão.

“E se nós, decidirmos abortar?”

Alex balançou a cabeça. “Como eu disse anteriormente, sem isto, eu não tenho nada. Seria melhor que apontasse esta nave para o Sol e visse quanto bronzeamento solar, consigo aguentar.”

“Todavia, se você me deixar empreender esta missão, no lugar do Capitão Kincardine, eu vou cooperar consigo a cem por cento e você obterá tudo o

que espera, desta experiência. Pode pensar que eu não sei o que estou a fazer, mas deixe-me garantir-vos que eu li, memorizei e compreendi, cada *byte* de informação que consegui encontrar.”

O Diretor ficou a olhar para ele, por um longo tempo. Finalmente disse.

“Alex, eu acho que nós precisamos aqui de alguns minutos, para conferenciar.”

“Claro que sim. A janela de voo permanecerá aberta, por mais catorze horas. Leve o tempo que precisar.”

∞

Alex desligou a janela, encerrando a comunicação.

Ele respirou fundo, para se acalmar.

Eles estariam a consultar o seu arquivo, para tentar encontrar algo sobre ele, de alguma forma, a racionalizar tudo aquilo e a tentar encontrar alguma maneira de o convencer, a não prosseguir com a sua loucura. Tudo acerca de Alex, dos seus pais, da sua vida, estava nesse arquivo. Ele sabia. Mas não importava quantas formas diferentes, eles tentassem classificar as informações, não teriam escolha, senão aceitar a oferta de Alex. Era a única opção que teriam. Estava entre a espada e a parede e eles também.

No entanto, o Diretor Sanderson, iria tentar demovê-lo. Alex estava pronto, para a discussão.

Ele estendeu a mão e pegou num pesado manual, intitulado “ALTAMENTE SECRETO”, que estava enganchado na ponta da consola. O manual continha as instruções específicas e os procedimentos para a operação segura da *Quanta*. Continha também, diretivas de missão para o piloto, uma vez que o seu destino tivesse sido alcançado.

Alex não tinha tido acesso a este manual antes, uma vez que nunca foi guardado em arquivo informático e as únicas duas cópias, tinham sido guardadas a bordo da nave, por razões de segurança. Ele decidiu aproveitar o tempo e lê-lo.

Primeiro ele verificou os monitores, para garantir que a nave ainda estava no seu curso, em órbita estável a seguir a Lua. Satisfeito, ele inclinou-se para trás na cadeira do piloto e abriu o manual na primeira página, memorizando o livro palavra por palavra, enquanto lia.

∞

A meio do livro, ele reparou numa luz a piscar na sua consola, a indicar uma chamada recebida do centro de controlo de lançamento. Ele tocou no seu monitor, para revelar Mike Sanderson, mais uma vez.

“Suponho que você considerou a minha proposta.” Disse Alex, atirando o manual para uma prateleira. Este começou a flutuar para longe e ele rapidamente o apanhou do ar e enganchou-o novamente na parede, antes que o Diretor reparasse.

Sanderson passou os dedos pelo cabelo despenteado, antes de responder: “Sim. Nós já discutimos isso, exaustivamente.”

“Então você viu, porque é que não tem escolha, porque é que não me pode demover?”

“Sim.” O Diretor suspirou. “Mas ainda assim, eu não lhe posso permitir que continue com isto.”

“Porquê?” Perguntou Alex.

“Eu tenho superiores hierárquicos, existem as autoridades, uma dúzia de razões: como o facto de você não estar qualificado, ser menor de idade e, possivelmente, louco. Oh, Alex, porque é que você não desce daí? Ninguém aqui, em sã consciência, vai deixá-lo continuar com isso!”

“Não!” Gritou Alex. “Se você não tem autoridade para aprovar isto, então vá buscar alguém que tenha! Vá buscar os malditos Presidentes da EUA, Inc. e da Corporação do Canadá, se for necessário!” Ele exigiu.

Michael olhou para ele, com um olhar de simpatia, que Alex não queria.

Tentando reunir argumentos, Alex acrescentou: “Você não percebe que, pelo menos, eu estou a salvar a vida do piloto, ao tomar o seu lugar?”

“Alex, o piloto está plenamente consciente dos riscos que está a correr e plenamente consciente, de todos os fatores envolvidos.”

“Eu também estou!”

“Não, não está!” O Diretor gritou, em frustração. Uma mão no seu ombro, impediu-o de continuar a falar. Alguém sussurrou ao seu ouvido e ele virou-se para Alex, com um suspiro abatido.

“O Diretor William Tuttle está a chegar às Operações; ele quer falar consigo, assim que chegar.”

Michael inclinou-se, como se todos no centro não tivessem já ouvido cada palavra que tinham trocado. “Alex, eu tenho a certeza, de que você não vai ter muitos problemas, se vier para baixo depressa. Isso vai poupar-nos muitos aborrecimentos.”

“Não. Se para si é tudo o mesmo, Sr. Sanderson, acho que vou esperar e

falar com o Diretor.”

“Está bem.” Respondeu Michael e, na frustração, desligou o monitor.

Alex teve tempo para voltar a verificar as estatísticas de voo, bem como de ir ao compartimento de carga, para se certificar que tinha comida e água suficientes e também teve tempo para terminar de ler o manual, antes de receber uma chamada do Diretor da NASA.

Enquanto ele estava a ler o manual, olhou muitas vezes para o puxador, em forma de argola, que estava na parede. Era o teste final desta missão. O teste final, que traria Alex ao ápice da sua vida mas, primeiro, ele teria que passar pelo Diretor da NASA.

Ligou o monitor, quando este piscou para o notificar de uma ligação recebida.

“Olá, Alex.” Disse um homem mais velho. Ele estava sentado ao lado de Michael, com outros auscultadores e sorria de forma desarmante para Alex.

Alex tornou-se imediatamente mais cauteloso. “Olá, senhor” Ele respondeu, com um sorriso luminoso no seu rosto.

“Oh, pode chamar-me apenas de Bill, filho.” Propôs o Diretor, com um sotaque georgiano arrastado. “Então, você deixou aqui uma grande quantidade de pessoas em pé de guerra consigo, Ah! Na altura e quando se apropriou do veículo. Agora, porque é que não o traz novamente para baixo e, dá um descanso a estas pessoas?”

“Lamento, mas não posso fazer isso, Bill.” Respondeu Alex, num tom condescendente. para coincidir com o do Diretor. Tuttle manteve o seu sorriso inabalável, quando Michael começou a sussurrar ao seu ouvido. Os microfones não podiam apanhar o que tinha sido dito, mas Alex sabia exatamente o que era. Eles estavam a falar sobre ele.

Quando Sanderson terminou o seu monólogo, o Diretor concentrou a sua atenção sorridente, novamente em Alex.

“Hmm. Parece que nós temos aqui, o que os meus companheiros em casa, chamariam de dilema. Mas eu vou tomar aqui uma decisão administrativa e, considerando o seu caso e a situação em mão, vou instruir o Controlo da Missão para continuar com a operação, como se você fosse o piloto regular. Todavia...” acrescentou, num aparte para Michael, de modo a que Alex também ouvisse, “já que ninguém, para além de nós aqui nesta sala, sabe o que acabou de acontecer, nós vamos guardar segredo. Ninguém deve saber, sobre a nossa pequena conversa.”

“O quê?” Perguntou Alex, quase a saltar do seu assento. A sua cabeça

ficou um pouco confusa, quando viu o seu nome, ser apagado de todos os registros futuros. Ninguém o conheceria, ninguém saberia o que ele tinha feito e essa era parte da razão pela qual, ele tinha levado a cabo este seu projeto, em primeiro lugar! Mas agora, tudo seria em vão!

“Oh, desculpe, filho.” Disse o Diretor, rapidamente. “Mas somos apenas como um pequeno rato, encostado a um canto por um gato. Temos que o deixar fazer isto, senão estamos a desperdiçar uma grande quantidade dinheiro do contribuinte. Mas, se o público alguma vez soubesse, que deixámos um rapaz de catorze anos de idade, ir em tal missão, nunca mais deixaríamos de ter problemas.”

“Mas...” Começou Alex, os olhos arregalados, cheios de lágrimas.

O Diretor levantou a mão, para acabar com o protesto. “Contudo, temos de encontrar algum nome para satisfazer os livros de história. Em particular, porque o nosso outro piloto andarà a circular por aí. Tenho a certeza de que aqui o Diretor, pode elaborar rapidamente um arquivo de um piloto, sob o nome de ‘Alex Manez’. E tenho a certeza de que os funcionários do Governo de Michael, em Ottawa, ficarão mais do que satisfeitos, em mudar a sua data de nascimento oficial, para o fazerem parecer suficientemente velho, para ir nesta missão. Tenho a certeza, de que posso convencer a NASA e o Pentágono, a concordar com isto. Então, isso irá satisfazê-lo, filho?”

Alex afundou-se na cadeira do piloto, aliviado. A principal razão, pela qual ele estava a fazer aquilo, era para o benefício dos seus pais. Eles tinham perdido as suas vidas, pelo Kinemet. Se Alex poderia utilizar o novo elemento e torná-lo um sucesso, então a morte dos seus pais, teria um significado para ele. Mas isso não tinha sido a única força motriz, por detrás da sua decisão. Aquilo não tinha sido, o que o tinha motivado a percorrer toda aquela distância no asfalto Lunar, até à *Quanta*.

Nos últimos anos, ele não tinha sido nada mais, do que um rapaz um pouco estranho, que coxeava como um homem velho. Era um show, uma atração de circo para ser observada durante uns alguns minutos e, de seguida, descartada. Ninguém prestava atenção nele. Ele queria que o mundo conhecesse o nome dele, enquanto pessoa, e soubesse que ele tinha mudado o curso da história.

Mas, mesmo que, na posteridade se lembrassem dele como um pouco diferente, um Alex Manez um pouco mais velho, então, estaria tudo bem. Ele ficaria conhecido e a morte dos seus pais teria um significado.

“Sim, senhor.” Respondeu Alex, finalmente, “Por mim, está bem.” Alex

sabia que o Diretor não se importava com ele e só agiu com a propensão de um administrador, que tenta cumprir um objetivo. Isso servia a Alex muito bem.

O Diretor sorriu ainda mais. “Está bem, então.” Ele virou-se para Michael, num aparte que Alex pôde ouvir. “Posso confiar que você pode conduzir o assunto, a partir daqui?”

“Sim, senhor.” Veio a resposta silenciada. O Diretor removeu os auscultadores e, com um aceno de cabeça e sorrindo para Alex, saiu do caminho dos técnicos e dos controladores, para os deixar continuar com a experiência.

∞

Devido à natureza do novo elemento, a reação kinemética iria desativar todos os sistemas eletrônicos a bordo da nave. Tal como aconteceu em Macklin Rock, não haveria energia, nem para alimentar as cápsulas de segurança. Este fenómeno foi estudado ao pormenor e os técnicos pensavam que estava resolvido.

Alex olhou para a alavanca de disparo, em forma de argola, colocada algumas polegadas abaixo do manual.

Os técnicos tinham imaginado, que um estímulo catalisador, poderia devolver a energia a todos os sistemas. Quando chegasse ao seu destino, o piloto teria cerca de dez segundos, para agarrar aquela argola e puxá-la...

Ou assim pensaram.

Alex, sabia mais do que isso. O estímulo iniciador não seria o suficiente, para superar a influência kinemética. O piloto iria morrer no Espaço, por falta de oxigénio ou pela falta de calor, o que quer que o afetasse primeiro. Embora ele estivesse exposto à energia kinemética e se tornasse clarividente e eletropático, tal como Alex, o piloto não teria tempo suficiente, para se orientar e desenvolver essa capacidade. Alex tinha levado alguns dias, até ser capaz de compreender esse poder e exercê-lo de forma eficaz.

Só alguém com capacidade eletropática, poderia reiniciar o gerador de energia. Alguém como Alex. Ele iria explicar isso ao Controlo da Missão depois, quando tivesse provado a sua teoria.

Ele recebeu um sinal do controlo lunar: eles estavam a começar a contagem regressiva secundária.

10 ... 9 ... 8 ... 7 ... 6 ... 5 ... 4 ... 3 ... 2 ...

Alex respirou fundo e fechou os olhos, quando chegaram ao número 1...

... E depois, ele ansiou por realidade.

A sua *visão* dobrou, desvaneceu-se, triplicou, dobrou, recentrou-se; a sua audição ecoou, silenciou-se, expandiu-se; a sua sensibilidade ao toque, foi para além de qualquer descrição.

O tempo não era nada.

Quatro horas, para chegar a Plutão?

Foram apenas quatro instantes, para Alex.

**Zona de Exploração da EUA, Inc.:
Missão *Orcus* 3:
Plutão:**

Justine permanecia à beira do Sistema Solar com a respiração suspensa. Pela primeira vez, em quatro anos, o *Dis Pater* reagiu novamente.

À exceção de Sakami Chin, que tinha sido chamado para regressar à República Popular da China, após a sua captura e posterior resgate na Lua, toda a tripulação da *Orcus 1* tinha regressado na Missão *Orcus* 3, para testemunhar o primeiro voo à velocidade da luz, planeado da Lua até Plutão.

A Helen, George, Henrietta, Ekwan, Dale e Johan, juntou-se Allan Yost, um Sul-Africano, cujas credenciais superaram as qualificações dos paleontologistas anteriores.

Todos os oito, estavam vestidos com os seus fatos espaciais e localizavam-se num edifício protetor, que tinham erguido o mais perto do *Dis Pater*, que Justine tinha permitido. Novamente, tal como na primeira vez, Ekwan detetou as alterações.

“A temperatura da superfície está a aumentar. O monumento está, também, a mudar de cor.”

Era como se tivessem regressado no tempo e se estivessem a repetir os acontecimentos de há cinco anos atrás, novamente, como se fossem falas numa peça de teatro.

Todavia, era tão emocionante como da primeira vez e, Justine mal se conseguia conter.

A voz de Ekwan levantou-se, com entusiasmo. “Ele deve chegar, em menos de trinta segundos.”

Helen olhou para cima. “Capitã?”

Justine deambulava perto da porta do edifício. Ela colocou a mão no trinco

da porta.

“Vou só observar um pouco lá fora.” Respondeu ela.

George Eastmain inclinou a cabeça. “Você vai realmente ver melhor a *Quanta*, aqui, nos monitores.”

“Está bem. Eu quero ver se eu própria consigo identificá-la. Além disso, vocês não precisam de mim, até à altura de enviar os relatórios.” Ela sorriu.

Desviando dela a sua atenção, George focou os seus olhos nos monitores.

Justine rodou o trinco e, saiu para a superfície gelada do planeta escuro.

No que lhe dizia respeito, eram apenas ela e o *Dis Pater*, a testemunhar verdadeiramente o ponto culminante da última década de trabalho da sua vida. Tudo o que tinha feito, tudo o que tinha sacrificado, era por aquele momento e ela não o iria testemunhar em segunda mão, através de um monitor.

Nos seus auscultadores, ela ouviu a voz de Kwan sobre o *status*. “Dez segundos.”

Mesmo sem querer, Justine sentiu borboletas no estômago. Ela estava tão nervosa, como na noite do baile de finalistas do liceu.

Olhou para o céu, na direção que estimou que a *Quanta* iria chegar. Claro que não! Ela não seria capaz de ver a própria nave. Estava demasiado longe, para ser detetada a olho nu. No entanto, Justine esperava ver algum tipo de fuga, uma distorção da luz e do espaço, que marcaria a presença da nave.

Ao lado dela, o *Dis Pater*, o monumento que representava quase exatamente o modelo atômico do Kinemet, tinha-se transformado para a sua cor final.

Justine varreu o céu com o olhar.

“Três.” Gritou Ekwan.

Justine quase que pensou, ter visto uma mancha no firmamento do céu.

“Dois.”

Via-se um traço leve de luz multicolorida, que aparecia à distância, como se um artista gigante invisível tivesse pintado uma faixa, através do cobertor escuro do espaço exterior.

“Um!” Disse Ekwan.

O céu explodiu!

Justine gritou e, caiu no gelo.

∞

“Você está bem?”

Justine recuperou, lentamente, a consciência. “O que é que aconteceu?” Perguntou ela. Enquanto se levantava, rapidamente se recompôs. Uma calma sobrenatural, caiu sobre ela.

A voz de Dale Powers, encheu os seus auscultadores “Ela não parou. Ela continuou. A *Quanta* está, a esta altura, a correr em direção à Nuvem de Oort, à velocidade da luz.”

Helen, com a preocupação visível na sua expressão facial, disse a seguir.

“Você gritou e caiu. Quando chegámos perto de si, você estava apagada como uma lâmpada. O que é que aconteceu consigo?”

Justine estendeu a mão para o fecho do seu capacete e abriu-o. Ela puxou-o lentamente, para fora da sua cabeça.

“Eu estava a olhar diretamente para ela, quando passou.” Disse-lhes ela, numa voz calma e uniforme.

Helen, que estava bem à frente de Justine, acenou com a mão à frente de Justine e ela não reagiu. “Capitã, o que é que se passa consigo. Parece que não me está a ver?”

“Desculpe, Helen. Mas, sabe quando lhe dizem, para não olhar diretamente para um eclipse?”

“Sim.”

“Eu olhei diretamente para a *Quanta*, quando passou. Eu deveria ter ficado a vê-la no monitor, como Dale sugeriu.”

“Helen.” Explicou ela, à sua Primeira Imediata, “Receio que não consigo olhar para si, porque estou cega.”

A Quanta:
Plutão:

Quando chegou a Plutão... Alex não parou.

Ele sabia, instintivamente, que Plutão não era o seu destino, era apenas o ponto, para saltar para fora.

Tudo o que sabia, era que o artefacto, o *Dis Pater* estava lá, como um farol na escuridão estrelada do espaço e então desapareceu.

Ele passou-o.

Passou os limites do Sistema Solar.

Lá, na vastidão entre as estrelas.

De uma perspetiva, passaram-se anos.

Da perspetiva de Alex, foi apenas mais um instante.

E então...

Então, ele pôde detetar outro farol, um gémeo para o *Dis Pater*.

Venha a nós, Alex.

Aqui.

Este é o lugar, para onde se está a dirigir.

Estamos à sua espera.

**A Quanta:
Sistema de Centauri:**

Quatro anos depois

De algum modo, Alex sabia que não existia algo como o tempo, mas também sabia que estava quatro anos mais velho, cronologicamente, embora o seu corpo não tivesse mudado. Ele era um jovem de dezoito anos de idade, no corpo de um de catorze.

Era como se tivesse feito um desvio, através de uma outra dimensão, uma dimensão sem distância, sem profundidade e sem tempo. Um segundo *Dis Pater*, localizado num planeta exterior de um outro Sistema Solar, registou a sua chegada.

(Um segundo)

Mas agora, a sua nave tinha reentrado na realidade de um outro setor do espaço, o Sistema de Centauri, a pouco mais de quatro anos-luz de distância...

... O problema era, que ele não estava a acompanhar! O seu corpo físico, permaneceu naquela realidade alternativa.

(Dois segundos)

Ele tentou chegar à argola da alavanca de disparo, com uma mão, que não fazia parte da realidade.

(Três segundos)

Ele era um fantasma.

(Cinco segundos)

Não, ele não era um fantasma. Ele foi algo, nalgum lugar? Noutro lugar.

(Oito Segundos)

Ele continuou a tentar agarrar a alavanca de disparo, mas a sua mão trespassou o objeto. Ele começou a entrar em pânico. Ele ia morrer!

(ONZE SEGUNDOS)

Ele tinha-se esquecido! A alavanca de disparo não funcionava. Era ele, quem tinha que...

(!!! DOZE SEGUNDOS !!!)

Alex gritou, quando...

(!!!! DOZE PONTO QUATRO SETE TRÊS SEGUNDOS !!!!)

...a nave...

**Quantum Resources, Inc.:
Corporação do Canadá:
Toronto:**

Agosto 2103

Passaram-se pouco mais de oito anos, desde que Alex Manez, tinha roubado a primeira nave espacial interestelar do mundo. Michael Sanderson, estava a comemorar o seu sexagésimo quinto aniversário e a sua reforma já próxima, em casa, quando bateram à sua porta.

Depois de receber a mensagem do jovem segurança militar privado, Michael vestiu apressadamente o casaco, pegou na sua maleta, e seguiu o homem para um carro que estava à sua espera, sem dizer nada à sua família ou convidados.

Enquanto estava a ser conduzido para o Centro, Michael Sanderson abriu sua maleta e leu o arquivo sobre Alex Manez e a *Quanta*, talvez pela milésima vez, nos últimos dois anos.

No Centro, já todos os envolvidos com o projeto, se tinham esquecido sobre Alex e a *Quanta* e tinham descartado a possibilidade de sucesso.

O plano da missão original, era uma viagem à velocidade da luz, a Plutão. Quando a *Quanta* passou pelo planeta mais distante, todos os astrónomos e astro-navegadores na Terra, se apressaram a tentar traçar o seu curso. O Sistema de Centauri foi o destino confirmado.

Supondo que houvesse lá um gémeo para o *Dis Pater* e, também, assumindo que a *Quanta* iria parar, uma vez que atingisse Alpha Centauri. Também assumindo que, Alex Manez seria capaz de impedir a *Quanta* de explodir, Michael tinha os todos telescópios espaciais disponíveis, apontados

para o vizinho mais próximo do Sol, esperando sem expectativas, qualquer sinal sobre o destino final de Alex.

Eles já deviam ter tido algum resultado uns meses mais cedo, até mesmo um sinal, de que a nave tinha explodido no Espaço de Centauri. Mas depois de semanas e meses à espera, sem sinais, eles tinham finalmente desistido. Parecia que a sua nota de imprensa, sobre o fracasso da *Quanta* e a morte de Alex Manez, afinal, parecia estar correta. Ou, talvez eles nunca viessem a saber o que tinha acontecido.

Mas agora isto.

O que era isto?

O posto avançado não tripulado em Plutão, detetou uma anomalia e estaria a retransmitir um relatório completo para a Terra.

Seria uma mensagem de boa-fé, da parte de Alex, ou a captura de sinais de uma explosão, que tinha acontecido a quatro anos-luz de distância, de há quase seis anos? Todos sabiam, na verdade tudo o que se sabia, era que a estação tinha recebido algum tipo de sinal, proveniente do Sistema Solar mais próximo a eles.

Michael não se queria tornar otimista, mas a sua mente continuava a rever os detalhes do projeto e da participação de Alex nele.

O Kinemet era a chave para as viagens interestelares, mas ninguém esperava que isso acontecesse nas próximas décadas. Primeiro, ainda havia muita pesquisa por concluir.

O segredo do Kinemet era que, quando inflamado, convertia aleatoriamente massa em energia e energia em massa, tornando qualquer coisa com que entrasse em contacto, em *quanta* de luz.

As equipas científicas das dez agências espaciais de todo o mundo, já estavam a trabalhar na contenção dessa energia e na sua utilização. O resultado, era o projeto *Quanta*. O Kinemet iria converter a nave numa onda de luz e enviá-la, para ser recebida pelo *Dis Pater*, em Plutão. Quando o artefacto alienígena tivesse enlaçado a *Quanta* numa órbita, o Kinemet iria reverter a polaridade eletrónica e converter a sua energia, de regresso à sua massa original. A única perda de energia, seria no próprio Kinemet, deixando assim, teoricamente, a nave intacta.

Eles tinham tentado realizar esta experiência, com uma nave espacial não tripulada, mas havia uma dificuldade: uma vez que a embarcação fosse reconvertida em massa, qualquer Kinemet residual deixado nos tanques de combustível, iria reacender e destruir a nave. Eles não tinham conseguido

colocar uma armadilha eletrônica, para descarregar o Kinemet antes que ele reagisse, e uma vez que a eletricidade não poderia funcionar enquanto a reação do Kinemet estivesse presente, era um problema de difícil resolução.

A partir dos dados que tinham recebido, descobriram que existia uma média de doze segundos de atraso, desde o momento da reconversão em massa, até ao momento em que o Kinemet se re-reativava. Era apenas o tempo suficiente, para um astronauta descarregar os depósitos de combustível Kinemet, manualmente.

Mas não era isto que estava a preocupar Michael Sanderson. Ele estava confiante que Alex Manez - se a conversão de matéria-energia não o tivesse morto, o que era uma possibilidade. Mas, nesse caso, eles já teriam tido notícias, não? - seria capaz de ativar rapidamente o interruptor e impedir a *Quanta* de explodir. O que ele estava preocupado, era com algo que tinha lido nos arquivos de Alex Manez, três anos após o jovem ter começado a sua jornada. E aquilo podia ser um fator, ainda mais importante para o sucesso, ou para o fracasso deste projeto. Mas Michael só iria ter a certeza, quando descobrisse se o sinal recebido era de uma explosão, ou era uma mensagem de Alex.

Michael suspirou e olhou pela janela do carro. Ele contemplou a paisagem, durante algum tempo, antes de virar os seus olhos para o céu.

“Depressa motorista!” Ele ordenou, ao condutor. O motorista acenou com simpatia e pressionou o acelerador, levando o Diretor do Centro Espacial, em tempo recorde.

∞

Todos, funcionários do Centro, repórteres de jornais virtuais e Michael Sanderson se acotovelavam, enquanto esperavam que a mensagem fosse retransmitida de Plutão e decodificada.

Ele nem percebeu, quando uma figura franzina se colocou ao seu lado. “Certamente que está toda uma parafernália de gente aqui, à espera de ouvir sobre o nosso jovem, Sr. Manez.”

Michael virou a cabeça e viu a Major Justine Turner dar-lhe um grande sorriso. Ela usava óculos de sol, embora eles estivessem dentro da sala e segurava uma bengala branca nas suas mãos esguias.

Ele respondeu: “Eu não sabia se você iria conseguir vir.”

Justine soltou uma gargalhada gutural. “Eu *preciso* de estar aqui. Nada poderia manter-me afastada.”

Michael acenou com a cabeça e de seguida, porque ela não seria capaz de ver a ação, disse, “Eu sei como se sente.”

Os dois tinham mantido o contacto, ao longo dos últimos oito anos, como colegas e como pais substitutos de Alex Manez. Ambos tinham um grande interesse no resultado de hoje.

Depois de voltar à Terra, Justine teve de pendurar as suas asas de piloto, mas, ao invés de se retirar da NASA, ela tinha aceitado a posição de instrutora.

“Depois de receber a mensagem, eu apanhei um hipersónico com um estudante. Eu acho que nós ultrapassámos os recordes de velocidade.” Ela riu-se. “Vamos ter que colocar isso no Guinness.”

“Porquê a bengala?” Ele perguntou. Com o advento da tecnologia da ligação-mente de segunda geração, Justine tinha alguma de capacidade para ver. Os sensores nos seus óculos, mediam o espaço entre ela e os objetos ao seu redor, e traduziam as informações diretamente para o seu cérebro, como impulsos. Era primitivo, mas Justine seria capaz de circular num corredor lotado de gente, sem precisar de ajuda.

“Não sei. Fiquei tão acostumada a ela, nos primeiros anos, que agora é como um colete de segurança.”

Michael estava prestes a responder, quando uma buzina apitou.

“Mensagem Recebida. Estamos a decodificá-la agora...” A voz feminina da oficial de comunicações, soou pelo interfone.

“Nunca pensei.” Michael mal conseguia formar uma frase, a antecipação era tão alta.

Todas as vozes estavam em silêncio, à medida que culminava a espera, sobre o resultado de dezoito biliões de dólares e quase quinze anos de trabalho.

A voz da oficial de comunicações foi recalcitrante e os olhos e os ouvidos de todos, não estavam dispostos a acreditar nas palavras que ela dizia.

“Confirmado: a *Quanta* explodiu, doze segundos e meio, após restabelecer a massa e órbita no Sistema de Centauri.”

As estatísticas começaram a correr na tela e a detalhar, em símbolos numéricos, o que tinha acontecido.

Elevaram-se mil vozes, em surpresa e consternação, mas uma levantou-se acima da multidão: “Então, porque é que demorou tanto tempo, para obtermos a informação? Nós devíamos ter recebido esta informação, há alguns meses atrás!” Gritou Michael, numa voz exigente. Uma dúzia de

peessoas, começaram a debruçar-se sobre os dados do computador, a tentar encontrar a resposta para essa pergunta.

A sua tristeza e o sentimento de perda, não foram para a *Quanta*, mas para Alex, que tinha morrido há quatro anos. A realização disso, só agora lhes tinha chegado. Era como se Alex tivesse morrido, no momento em que as palavras saíram pelo interfone impessoal.

“Estarei no meu gabinete!” Ele informou. Sem esperar por uma resposta, ele virou-se e afastou-se. Não reparou que Justine o seguiu, até que já estava no seu gabinete com a porta fechada.

“O que está aqui a fazer?” Ele atirou, a perder todo o senso de civilidade.

A ex-astronauta encolheu os ombros e deu a Michael um largo sorriso, como se não tivesse sido afitada pela tragédia.

“Já passou muito tempo.” Começou ela, sentando-se numa cadeira, do outro lado da mesa do Diretor. “Eu pensei muito, ao longo dos últimos anos. O mundo está diferente, de quando eu estava lá em cima, no limiar do Sistema Solar, a olhar através da vastidão do Espaço, a assistir a Alez Manez e a *Quanta* passarem. Eu nunca tive um filho meu e provavelmente nunca terei. Alex é o mais próximo, que eu alguma vez terei, de um filho.” Disse ela e depois ficou em silêncio, algum tempo.

Michael caminhou até um refrigerador de água e encheu dois copos. Ele deu-lhe um, que ela automaticamente pegou e, tomou um gole.

Ela disse: “Em certa altura da minha vida, tudo o que me importava, era ser piloto ou astronauta, ou a primeira pessoa a ir a Plutão, ou uma dúzia de outros marcos, que as pessoas matariam para poderem colocar no seu currículo. Mas, desde aquele dia, quando Alex se tornou o primeiro viajante interestelar da Terra, toda a minha perspetiva de vida mudou. As polaridades do meu mundo mudaram.”

“Lamento, pelo que lhe aconteceu.” Disse Michael.

“Eu não. Posso ser cega mas, pela primeira vez na minha vida, eu posso finalmente ver. As conquistas não são o mais importante. O que é importante, são as pessoas nas nossas vidas e como somos lembrados por aqueles que amamos. Alex pode estar morto, mas eu sempre me vou lembrar dele como aquele indivíduo único, que roubou uma nave espacial e como o menino corajoso, que tão completamente mudou a minha vida.”

Sanderson abriu a boca para falar, para a consolar, para dizer que, ele finalmente percebeu, mas o telefone da sua mesa tocou. Irritado, ele pegou-lhe, deixando Justine entregue aos seus pensamentos.

Depois de alguns segundos, Sanderson explodiu: “*O quê?*”

Encontrando-se em pé, o Diretor caiu novamente na cadeira, quando desligou. Ele olhou para Justine por alguns segundos, antes de dizer: “Eu acho que você também deve querer ouvir isto.”

Com isso, ele apertou um botão, no interfone do seu escritório.

Uma voz assustadoramente familiar, crepitava através do...

Copán:
Honduras :
Conglomerado da América Central

O meu neto está ao meu lado, alto e orgulhoso. É o seu aniversário de dezoito anos e ele está a tentar agir como um homem, estóico, sábio e focado.

Mas os seus olhos traem-no. Eu posso ver como ele olha para cima, para a neta de Artek e tenta esconder o seu rubor. O romance floresce. Assim funciona o mundo, assim a minha linhagem continuará. É o mesmo, em todos os lugares. E isso é bom, por isso não digo nada.

Estou a ficar velho. Demasiado velho, dizem alguns. Sei que às vezes o meu neto pensa assim, mas também sei que às vezes, como agora, ele está a repensar as suas opiniões, especialmente quando os grandes homens brancos de terno cinzento e azul, viajaram das suas importantes cidades da América, apenas para visitar um velho como eu.

Estou velho demais para ir até eles, então eles vêm até mim. Isto, o meu neto respeita. Ele está a encontrar a sua sabedoria, lentamente. Mas ela está lá e eu estou feliz, por ver que ele se irá tornar um bom líder do nosso povo, quando eu me for.

A vila inteira saiu para o pátio do conselho, para verem chegar os homens brancos e o seu visitante especial, à nossa humilde comunidade. Vejo algumas caras, tão velhas e familiares quanto a minha, mas a maioria são novos. Alguns, eu nem sequer os reconheço. Eles também devem ter viajado de outras aldeias, para ver. Isso é bom. Talvez Copán volte um dia, ao seu esplendor de há um milénio atrás.

Talvez seja apenas a ilusão, de um homem velho.

O meu neto ouve o rugir dos carros dos homens brancos, muito antes dos meus velhos ouvidos, captarem o chocalho dos motores e as pedras a

saltarem, nas nossas estradas de cascalho.

Ao virar a cabeça, vejo os seus veículos alugados. Dez deles, todos cheios de homens brancos, em ternos.

Todos, menos um.

Eu ignoro os homens brancos. Eles pensam que são importantes, mas, no grande esquema da vida, eles não são mais importantes do que qualquer outra pessoa.

O único realmente importante, sai lentamente do carro médio.

Ele é pequeno, em comparação com os homens da NASA, com cabelo preto e um rosto profundamente bronzeado e redondo. Ele parece jovem, ainda mais jovem do que o meu neto, embora se comporte como um ancião do conselho.

Para honrar a aldeia, ele está a usar o vestido cerimonial de um sacerdote Maia, o que é certo e bom.

Quando ele se aproxima, eu peço ao meu neto, para me ajudar a levantar da cadeira e a debruçar-me sobre o chão, onde me ajoelho diante do visitante.

Os homens brancos reunidos em torno, ficaram desconfortavelmente embaraçados. Eles acham que eu sou apenas um homem velho, que não sabe nada.

São eles que não sabem nada e a sua confusão só aumenta, quando eu presto os meus respeitos ao visitante.

Falo em Maia e em espanhol, para que os moradores também me possam compreender. Um dos homens brancos, traduz para os seus companheiros.

“Ele disse: Saudações, Colop U Uichkin, seja bem-vindo à nossa humilde aldeia. A sua misericórdia é a nossa salvação.”

“Eu acho que este Colop,” sussurra o homem, embora alto o suficiente para eu ouvir, “é o seu deus dos céus.”

Eu riu do fundo da minha garganta, com a sua má tradução. Colop significa Viajante do Espaço, na nossa língua.

Colop ignora-os. O seu objetivo, era apenas trazê-lo de volta para nós e foi servido.

Sorrindo, Colop acena-me para voltar para a minha cadeira.

“Por favor, Avô,” diz o Viajante do Espaço respeitosamente, enquanto o homem branco traduz, “descanse os seus ossos antigos. Não se ajoelhe, por minha causa.” É assim, com o mais gentil dos homens.

Colop e o meu neto, ajudam-me a voltar para o meu lugar. Os meus joelhos estalam, mas eu consigo chegar à cadeira e cair nela.

“Vai ficar tudo bem, agora.” Diz-me Colop. “Eu estou aqui e o seu trabalho está completo, Avô. O nosso povo, neste mundo, está bem preparado para o retorno do Povo das Estrelas. Os seus primos terão muitas histórias para lhe contar, quando chegarem. Eles estão ansiosos para o conhecer.”

É então, que o meu neto se intromete na conversa. Ai de mim! Infelizmente, eu não o ensinei tão bem como deveria. É óbvio que ele agora acredita nas minhas histórias... mas, ainda é jovem e tem dúvidas.

O meu neto debruça-se sobre este visitante das estrelas, que se parece com um menino, e diz: “Colop. Você deve responder-me a uma pergunta. Quando o nosso povo foi levado para as estrelas, porque deixaram para trás uns poucos de nós? Será que os nossos antepassados lhes desagradaram?”

“Não, primo. As pessoas que ficaram aqui, foram escolhidas por causa da sua lealdade e inteligência. As que foram levadas, precisavam de conhecer os mistérios do universo, para que pudessem compreender o seu papel, no grande esquema.”

“Um dia, eles teriam de regressar ao mundo e a sua vinda iria requerer guias, para colmatar o fosso entre o quarto-mundo, o mundo do homem branco e a cultura do Povo. Esse, será o seu papel no novo quinto mundo desta terra, primo. Você irá servir como um embaixador, entre o Povo da Terra e o Povo do Céu.”

“Eu lamento pela minha impertinência, grande Colop. Perdoe-me.” Assim, o meu neto deixa-me orgulhoso.

“E agora,” digo eu, “temos que festejar e comemorar a sua vinda, Colop.”

O Viajante do Espaço vira-se para os homens brancos que o trouxeram até aqui, e dispensa-os, dizendo-lhes para voltar amanhã, quando ele irá discutir o futuro.

Os homens brancos resmungam e argumentam e olham para mim com desconfiança, ao mesmo tempo que reavaliam o meu valor, nas suas mentes políticas. Ele irá servir-me, para manter a paz entre as nossas culturas, mas por agora é tempo de eles se irem.

“Homens da NASA.” Eu digo-lhes. “Uma grande mudança virá para nós, no futuro. Existirão benefícios imensos, para todos os povos do mundo. Vocês precisam de tempo para pensar, sobre como gostariam que esse futuro fosse moldado. Talvez, se vocês voltarem para os vossos hotéis e conversarem uns com os outros, possam desenvolver um plano para nos trazer, de modo a que ambos os nossos povos possam conversar juntos sobre isso.”

Os homens brancos gostam de conversar e de fazer planos. Quase ansiosamente, eles entraram nos seus carros e foram-se embora.

Colop, o homem no corpo de um menino, que os homens brancos chamam de Alex Manez, permanece connosco. Ele deve contar-nos sobre o seu tempo com o Povo do Céu, o que aprendeu com eles e o que eles esperam de nós.

“Durante um milénio, você e os seus antepassados protegeram o antigo pergaminho.” Diz-me ele. “É nesse rolo, onde vamos encontrar o que precisamos, para que o Povo das Estrelas nos aceite, na sua tribo cósmica. Você é o único que pode ler o pergaminho, avô. É você, quem deve guiar-nos para a próxima era.”

O meu neto olha-me, com um novo respeito.

Eu posso ser um homem velho, mas agora, com um propósito renovado, eu sinto-me jovem mais uma vez.

O INÍCIO

...continua em *A Música das Esferas*...

A Música das Esferas

PRINCÍPIO**Copán:****Honduras:****Conglomerado da América Central:**

A minha vergonha é inimaginável.

Durante anos, o meu neto acreditou que eu era apenas um velho tolo. Eu tinha esperança que ele mudasse de ideia e, viesse a respeitar-me, bem como ao meu conhecimento, quando Colop - o Viajante do Espaço - aquele a quem chamam de Alex Manez, retornou das estrelas e me agradeceu por ajudar os cientistas.

Eu sei que o meu neto nunca me respeitou realmente e, mostrou que sou indigno. Eu já não consigo enfrentar as pessoas da minha aldeia.

Talvez eu tenha ficado demasiado orgulhoso, depois que Colop me disse que precisava da minha ajuda, para descobrir a chave para o quinto mundo, para que nos possamos tornar unos com o Povo das Estrelas. Ele disse-me que o caminho para as estrelas ainda estava nublado e, somente eu, poderia desvendar os segredos do antigo pergaminho. Eu tinha que o ajudar a completar a sua viagem.

Ele é o único que pode ouvir a Música das Esferas, mas isso não é suficiente. Ele também tem que ser capaz de ouvir a Canção das Estrelas.

Passaram-se dois verões, desde que falei com Colop pela última vez, mas eu tenho trabalhado arduamente para lhe traduzir o pergaminho.

Eles enviaram tradutores para me ajudar, quando me recusei a deixá-los levar o pergaminho mas, desde que chegaram à nossa aldeia, eles têm sido totalmente inúteis. Tentaram encontrar palavras em inglês, que coincidissem com os símbolos Maias antigos e, não escutaram. Foi aí que lhes disse que estavam a ir pelo caminho errado!

Eu disse-lhes que Colop deveria estar aqui para aprender a história, mas eles disseram que isso era impossível. Em vez disso, iam enviar-lhe imagens e gravações.. Eles não compreenderam, que as suas máquinas só iriam retirar significado à minha história e, por isso, eu recusei a sua oferta.

Frustrados comigo, eles levaram as imagens do livro e mandaram-nas para os seus laboratórios; usaram microscópios e produtos químicos que lhes indicassem se o segredo estava no papel; e digitaram os símbolos e os pictogramas Maiais nos seus computadores.

Com receio de que o pergaminho sagrado sofresse danos, os tradutores envolveram-no numa capa de plástico. Fiquei satisfeito por essa contribuição e pendurei-o na parede da minha casa.

No entanto, todos os seus esforços não produziram mais do que trabalho inútil. Depois de algum tempo, a sua irritação levou-os a formularem ameaças e, em seguida, suborno e, logo a seguir... mais ameaças.

Quando eles exigiram saber, se eu lhes estava a esconder um segredo, eu disse-lhes que não. Que nada tinha a esconder. Só podia dizer-lhes aquilo que o meu avô me disse: «o verdadeiro entendimento não está na história, mas na forma de contar a história». Ofereci-me para lhes contar a história, novamente, mas acho que eles não são capazes de a escutar.

Há uma semana, o meu neto, que também está há bastante tempo frustrado comigo, pediu-me para lhe contar a história, mais uma vez. Eu esperava que a minha narrativa lhe fornecesse entendimento, mas ele saiu da minha casa, antes que eu terminasse a Canção.

Ontem, ele trouxe um amigo, que disse ter encontrado na sua aventura pela cidade. O estranho perguntou-me; porque é que eu não ajudava os cientistas a aprender o segredo. Ele disse-me que, se eu os fizesse felizes, talvez o conhecimento pudesse ajudar a elevar o estatuto do povo Maia, aos olhos do mundo. No mínimo, eles iriam oferecer-nos riqueza.

Eu disse ao amigo do meu neto, que não precisávamos de mais computadores, nem de máquinas. Tais conveniências são secundárias e não têm importância no grande plano. Também não era necessário aumentar o nosso estatuto. O nosso objetivo deveria ser ajudar Colop a completar a sua jornada e a tornar-se uno com as estrelas. Isso é tudo o que realmente importa.

O meu neto disse que o seu amigo gostaria de me ouvir contar a história, mais uma vez. Eu esperava que, talvez com os seus ouvidos mais jovens, ele fosse escutar mais do que os ouvidos velhos dos cientistas vindos do norte.

Nós sentámo-nos no longo sofá, em frente ao pergaminho e, fui contando a história ao meu neto e ao seu amigo, por uma última vez. Eu tinha muito cuidado a contá-la da mesma forma que me foi contada a mim, pelo meu próprio avô.

Quando terminei, olhei para eles na expectativa...Esperando. No início, o rosto do outro homem estava enublado, mas o meu neto estava entusiasmado.

“Você não o ouviu?” Ele disse ao amigo.

Depois de um momento, o estranho assentiu. “Sim. Acho que sim. Acho que você está certo.”

O meu coração encheu-se de orgulho. Finalmente, o meu neto tinha compreendido algo do conto. Era o seu destino, escutar a história. O meu avô tinha passado esse legado para mim, como o seu avô o tinha passado para ele. E agora, o meu neto vai tornar-se embaixador do Povo das Estrelas.

“Você sabe o segredo?” Perguntei-lhe. Eu tinha esperança.

O meu neto assentiu. “Sim, avô, acredito que sei. Obrigado.”

“Bom.” Fechei os olhos, com satisfação. Quando os abri novamente, disse: “Então você deve encontrar Colop e revelar-lhe o segredo, para que ele também possa ouvir a Canção das Estrelas.”

Ele sorriu-me, de uma forma que eu nunca tinha visto antes. “Oh, avô! Não, eu não vou encontrar o Alex Manez. E não, eu não lhe vou dar o segredo.”

“Não compreendo.” Disse eu.

Ele levantou-se e eu vi-o fechar o punho ao seu lado. “Agora é o meu segredo. É o meu destino conquistar as estrelas, não o dele.”

O meu neto arrancou o pergaminho plastificado da parede. Quando eu ia protestar, o amigo dele puxou de uma arma e apontou-a para mim.

“O que é isto? O que é que você está a fazer?” Perguntei ao meu neto.

“Desculpe, avô. Você tem que vir connosco.”

Então, entraram mais dois homens na minha casa. Eles tinham caçadeiras. Eu não tinha outra escolha senão ir com eles.

Como pude ser tão cego? Como é que eu não vi, todos aqueles anos, a forma como o meu neto desprezava a nossa vida humilde na aldeia e invejava o poder de Colop?

Já não sirvo para nada. Eu falhei aos deuses e, devo entregar-me à sua mercê.

Excertos Seleccionados do Fórum da TerraNet
Palavra-chave da Pesquisa: *Quanta*

Setembro 2103

“... acho que a missão foi um fracasso total. Agora, eles estão a falar dele nos noticiários, como se fosse um herói conquistador. Ele nem sequer viu nenhum ser alienígena ou algo semelhante. A *Quanta*: a nave dos tolos. Que desperdício de tempo e de dinheiro...”

Outubro 2103

“... estava numa nave de carreira para a Estação da Lua, na semana passada. Alguém disse que o Capitão Alex Manez estava a bordo. Tentei vê-lo, mas a segurança era muito apertada. A páginanet da NASA diz que eles estão a preparar-se para lançar mais uma daquelas naves *Quanta*...”

Novembro 2103

“... você ouviu ontem, alguma coisa sobre o voo de teste da *Quanta* 5? A ação do *quantum* demorou cerca de dois segundos, antes de explodir com a nave pelo cosmos. Isto é o quê? É o oitavo astronauta que já morreu, ou que ficou mutilado, a tentar realizar esta experiência. Para não mencionar os biliões, que custa cada uma dessas naves. Quando é que eles vão desistir? Há coisas mais importantes em que pensar...”

Janeiro 2104

“... eu acho que foi culpa minha. Eu afundei as nossas poupanças em ações da EUA, Inc. antes da viagem da *Quanta*, e mantive-as, mesmo quando

elas passaram da data estimada para o retorno financeiro e o seu valor começou a cair. Agora eles levaram a Quantum Resources a leilão, porque as suas ações estão ainda mais baixas e eles não têm mais dinheiro para gastar. Só espero que isso ponha fim à desvalorização. Vai ser um Natal apertado...”

Fevereiro 2104

“... vi um relatório em que a NASA e a AEC (Agência Espacial Canadiana), retiraram oficialmente o Capitão Alex Manez da sua lista de funcionários. Ele foi o piloto da *Quanta*. Agora que cancelaram o programa interestelar, imagino que não precisem mais dele. Não consigo encontrar nenhuma fotografia dele...”

Março 2104

“... e depois de quinze anos, agora estou sem trabalho. A EUA, Inc. precisa de um novo Presidente. Primeiro eles gastaram triliões em naves *Quanta*, que explodiram, ou simplesmente não funcionaram, ou cujos pilotos morreram em exercícios de treino. Agora, eles venderam todas as ações da Quantum Resources para a Corporação do Canadá, por tostões. Será que eles não pensaram, em todas as pessoas que trabalhavam no escritório de Houston? Estou com cinquenta e dois anos; financeiramente falido, quem é que me vai contratar agora?”

Agosto 2104

“... estão finalmente a tirar a cabeça da areia. Acabei de ler um comunicado de imprensa da DME (Divisão de Mineração Espacial) da Corporação do Canadá, a afirmar que eles já não estão mais a procurar ativamente pelo elemento Kinemet. Quero dizer, sem uma nave *Quanta* que funcione, a extração do material é demasiado dispendiosa. Podemos utilizar o minério do ferro; que vai incentivar as pessoas a construir, alavancar a economia e criar alguns postos de trabalho...”

Agosto 2105

“... vocês lembram-se da posição, a que eu estava a concorrer, na Quantum Resources? Foram eles que lideraram as primeiras missões *Quanta* há dez anos, mas agora operam mais como uma espécie de ninho de

especialistas em astrofísica aplicada. Muito avançados em pesquisa teórica, mesmo perfeito para mim. Bem, eu consegui o emprego! Começo o estágio dentro de quatro semanas...”

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Dezembro 2105

Alex Manez sentou-se no *cockpit* da *Quanta*. Todos os aparelhos eletrônicos a bordo, estavam desligados, as HUD (telas de navegação) estavam em branco e o único som que ele conseguia ouvir, era o suave bater do coração no seu peito.

Ao lado da cadeira do piloto, estava uma alavanca de disparo em forma de argola, pendurada por uma pequena extensão de fio. Tudo o que ele tinha que fazer, era alcançar aquela alavanca e puxá-la. O efeito seria ligar o gerador e recarregar a bateria, o que por sua vez, forneceria energia aos computadores e aos outros sistemas elétricos, incluindo os amortecedores kineméticos.

Alex estendeu a mão para a alavanca e os seus dedos, os dedos finos de um adolescente, tocaram a frieza do metal fino. A última vez que ele fez aquilo, a sua mão passou através da argola, como se ele fosse um fantasma, preso entre os mundos da vida física e do espírito.

A última vez, a nave tinha explodido.

Agora, não havia urgência nas suas ações. Com um esforço mínimo, empurrou a alavanca até que ela fez um clique e ele viu o painel holográfico à sua frente voltar à vida.

Uma luz verde indicava que todos os sistemas estavam operacionais e, prontos para a navegação.

Desinteressado, ele afastou uma fina madeixa de cabelo dos seus olhos e, sentiu saudades de quando tinha a cabeça repleta de cabelo. Parecia que tinha

sido numa outra vida.

Ele olhou para cima, quando saiu um som repentino, curto e agudo, do painel holográfico.

No ecrã, sobreposto a uma exposição esquemática, apareceu um rosto com uma expressão azeda e os olhos apertados, a olhar fixamente para Alex, como se estivesse a olhar diretamente através dele.

“E depois o que é que aconteceu?” Perguntou Kenny Harriman, o mais novo físico que se juntou à equipa de pesquisa da Quantum Resources, na TEC. Ele tinha sido considerado uma espécie de génio na Universidade de British Columbia, de onde foi recrutado.

Biologicamente apenas alguns anos mais velhos do que Alex, Kenny agia como se fosse um professor titular. Era como se tivesse que provar algo. A partir do momento em que chegou ao laboratório, ele insistiu em ler todos os relatórios sobre as missões da *Quanta* e rever todos os diagnósticos já executados sobre Alex, certificando-se de que supervisionava todos os exercícios de simulação.

Ele também tinha o hábito irritante de transformar cada pergunta ou declaração, num desafio. Kenny era um jovem muito excitável que, obviamente, amava a procura pelo conhecimento. Ao mesmo tempo, estava numa missão pessoal para levar a Quantum Resources de regresso às luzes da ribalta da comunidade científica do mundo.

Ao contrário do físico, Alex era o epítome da calma. “Já lhe disse. Não aconteceu nada.”

“Nada!” Kenny digitou algo na sua consola táctil, e abriu-se a cobertura do simulador de voo, em tamanho real.

Os hidráulicos levantaram a tampa para cima e afastaram-na de Alex. Ele pestanejou, para ajustar os olhos à luz brilhante da sala de simulação. Através de um grande painel de vidro, dois analistas debruçavam-se sobre os esquemas do computador, na sala adjacente.

A luz continuou a picar os olhos de Alex, mas ele viu Ellen Yarrow a ajustar o aro dos seus óculos sobre o nariz arrebitado.

Certa vez, quando Alex chegou pela primeira vez à TEC, depois do seu voo interestelar, ele tentou iniciar uma conversa com Ellen. Ela agiu como se estivesse desconfortável e desculpou-se. Desde então, ela tinha mudado várias vezes o seu curso, de modo a evitá-lo.

Alex não tinha ideia do porquê de se torturar acerca dela, ou acerca da possibilidade de qualquer outro relacionamento. Mesmo que parecesse ter a

idade que constava na sua certidão de nascimento, ainda assim ele era uma aberração da natureza, uma experiência científica que correu mal.

Ele foi condenado à solidão.

“O que é que quer dizer com ‘nada’?” Exigiu Kenny.

Alex fixou o físico, com um sorriso de inocência. “Eu não quero dizer nada com isso. Não aconteceu nada, quando puxei a argola no voo.”

Kenny parecia completamente afetado. “Diga-me porque é que eu não acredito em si.”

“Não foi o suficiente para ativar a *Quanta* novamente.” Explicou Alex. “Tive que ser eu fornecer a carga para iniciar os sistemas.”

“Certo. Essa capacidade ‘eletropática’, que você não nos tem conseguido demonstrar, repetidamente.” O físico fez uma careta de incredulidade. “Tudo o que temos, é aquilo que você diz, que tem a capacidade para manipular sistemas elétricos... ah e os questionáveis relatórios da tripulação da *Orcus 1*.” Ele balançou o seu painel holográfico à frente de Alex.

Nos últimos dois anos, Alex tinha tido a mesma discussão com cada cientista, técnico e administrador que a Quantum Resources e a Corporação do Canadá, tinham enviado para a Terceira Estação do Canadá.

Antes da primeira viagem interestelar real da *Quanta*, Alex tinha pensado que a influência kinemética nos sistemas elétricos da nave, iria superar as estimativas iniciais. A bateria blindada, não teria energia suficiente para reativar todos os computadores a bordo. E tinha razão. A alavanca de disparo não tinha feito absolutamente nada.

Quanto mais tempo durasse a proximidade de Alex com o metal kinemético, mais carga ele teria acumulado. Quando a *Quanta* alcançou o espaço de Centauri, Alex não tinha suficiente corrente elétrica à sua disposição, para iniciar os computadores e ligar os sistemas de apoio à vida novamente. Esse esforço, entre outras coisas, esgotou-o completamente, durante um longo período de tempo.

Alex disse: “Ficarei mais do que feliz, em mostrar-lhe como é que funciona. Só preciso de uma quantidade adequada de Kinemet, para me reabastecer.”

Kenny deu-lhe um olhar frio, repleto de descrença.

Alex repetiu-se e houve um tom de desespero silencioso, que se escapou da sua voz. “Eu preciso disso.”

Sem Kinemet, Alex, não só estava impotente para controlar as correntes elétricas ao seu redor, mas, quanto mais tempo passasse longe dele, mais

rapidamente o seu corpo físico se deteriorava.

Tal como acontece com todos os seres vivos, existem certas vitaminas, minerais e aminoácidos de um organismo, que são necessários para manter e sustentar a vida. Com Alex, era como se a exposição ao metal kinemético, tivesse acrescentado mais um elemento necessário à sua constituição biológica, quando ele foi irradiado, em Macklin Rock. O físico sacudiu a cabeça. “Mesmo se eu pudesse autorizar o uso de uma pequena quantidade, o que não posso, porque não temos nenhuma, não estou convencido de que a mera exposição ao elemento, de repente, o infunda com algum tipo de poder sobrenatural.”

“Não é um efeito súbito.”

“Além disso,” disse Kenny, estreitando os olhos “de acordo com estes relatos, quando eles ainda estavam a construir as naves *Quanta*, eles depositaram aqui meio miligrama de Kinemet, para fins de teste. Você esteve em contacto com ele.”

“Não foi suficiente.” Disse Alex “Foi como uma gota de água, para um homem a morrer de sede.” Sem a influência do Kinemet, a sua saúde tinha-se deteriorado drasticamente. Os médicos não podiam provar que a falta de exposição ao Kinemet, estava a causar os seus problemas de saúde e, sem uma quantidade substancial do metal, ele não poderia provar que isso o iria ajudar.

Kenny acenou freneticamente com a mão no ar. “Podemos andar às voltas nesse assunto, para sempre. Não era essa a pergunta que eu estava a fazer, de qualquer modo.”

“Eu sei.” Disse Alex.

“Eu sei que você sabe!” Kenny não tinha tanta capacidade para esconder a sua frustração como o seu antecessor. Ele respirou longa e profundamente. “Você disse que foi capaz de iniciar o gerador.”

Balançando a cabeça, Alex disse: “Fui.”

Kenny suspirou. “Então porque é que explodiu e porque é que você não morreu na explosão?”

“Está no meu relatório.” Disse Alex, com voz cansada. “Eu liguei os sistemas, mas era demasiado tarde para envolver os amortecedores. A reação kinemética secundária já tinha começado; não havia forma de a impedir de explodir. Mal tive tempo suficiente para ejetar a cápsula de segurança.”

Kenny piscou. “É uma pena, que o gravador de voo não possa corroborar a sua história.”

“Eu já lhe disse, quando usei a eletropatia para iniciar o gerador, impulsionei demasiado e isso limpou a unidade de gravação.”

“Que conveniente.” Disse Kenny.

Alex franziu o cenho. “Você deveria tê-la protegido melhor.”

Kenny balançou a sua mão com desdém. “Não se preocupe com isso. Você tinha comida para uma semana, no máximo para duas. Então, como é que sobreviveu *depois disso*? O que é que aconteceu, durante os quase dois meses e meio, entre a sua chegada ao Sistema de Centauri e quando iniciou a sua viagem de regresso? Você apenas...esteve a flutuar no espaço dentro da cápsula, durante todo esse tempo?”

“É um pouco confuso.” Disse Alex. “Eu acho que estava a sofrer alguns efeitos colaterais da mudança quântica. O tempo não estava realmente a fluir de um modo normal.” Ele não era um bom mentiroso. Mas pelo olhar que Kenny lhe deu, o físico não acreditou nele quanto a este ponto.

No seu depoimento à Quantum Resources, quando esta ainda era uma *joint venture* entre a EUA, Inc. e a Corporação do Canadá, Alex tinha relatado que a sua cápsula de segurança tinha detetado um farol estrela, um gémeo idêntico ao *Dis Pater* do Sistema Solar, na orla externa do Sistema de Centauri. Um outro grande monumento, que se assemelhava a uma nuvem de eletrões, uma estrutura alienígena, repousava sobre a superfície de um planeta, menor que uma fração do tamanho de Caronte.

Alex repetiu-se pela centésima vez, nos últimos dois anos. “Eu utilizei os jatos da cápsula para ir em direção ao farol estrela alienígena. Quando lá cheguei, ele apenas... me enviou para casa.”

Fixando Alex com uma expressão de frustração, Kenny disse: “Se todo o Kinemet explodiu com a *Quanta*, como é que ‘aquilo’, o enviou de regresso ao Sistema Solar?”

Essa era uma das muitas perguntas, que os cientistas da Quantum Resources continuavam a fazer, mas eles continuavam a desacreditar de qualquer resposta que Alex lhes desse; e estavam certos. Era uma pena, que ele não fosse capaz de lhes dizer a verdade.

Ele detestava que existissem coisas na sua história, que não podia partilhar. Mas se partilhasse o seu segredo, antes que o mundo estivesse pronto, isso levaria a...

Ele nem sequer se atrevia a pensar nisso.

A frustração que sentia, só se tinha aguçado, ao longo dos últimos anos. O mundo precisava de desenvolver a tecnologia kinemética tão rápido quanto

pudesse, mas eles tinham-se deparado com um obstáculo. Juntamente com a crise económica, parecia que ninguém estava interessado em investir no Kinemet.

Às vezes, Alex queria gritar para impulsionar o mundo a motivar-se, mas sabia que tinha que morder a língua.

O tempo estava a acabar e, por aquele andar, podiam demorar décadas para a ciência do Kinemet chegar onde era preciso estar.

Por causa da sua saúde, Alex não tinha décadas. Muito provavelmente, nem sequer tinha anos.

Mas, sempre que Calbert Loche ou Raymond McGrath, enviavam um novo físico para a Quantum Resources, Alex fazia o seu melhor para os ajudar, na expectativa que eles fossem os únicos, a poder desbloquear o segredo do Kinemet.

Inevitavelmente devido à sua relutância em dizer a verdade completa e, também, porque os detalhes que ele partilhou eram difíceis de acreditar, esses recém-chegados, naturalmente, subestimavam o resto da história de Alex.

Kenny era um pouco mais teimoso do que os seus antecessores, mas estava no caminho errado. Alex já sabia a direção que a atual conversa estava a tomar e, os acontecimentos do dia já o tinham saturado. Ele não tinha a força para suportar uma discussão e, naquele momento, não se importava que Kenny Harriman ficasse furioso.

Alex disse: “Eu estou cansado. Preciso de descansar.”

A vibrar com a raiva mal contida, Kenny começou a digitar o seu relatório na consola tátil. Um dos assistentes do laboratório aproximou-se e ajudou Alex a sair da cabine do simulador.

∞

Tinham-se passado mais de dois anos, desde que Alex tinha regressado da primeira viagem interestelar. A crise financeira mundial intensificou-se durante a ausência de Alex. A EUA, Inc. e a Corporação do Canadá, tinham apostado fortemente no sucesso da missão *Quanta*. O contacto com uma raça alienígena, teria feito subir as ações das corporações do país. As novas tecnologias, os medicamentos e até mesmo a possibilidade do comércio interestelar, teriam impulsionado os acionistas e a confiança dos consumidores.

Com o relatório de Alex; de que não tinha visto nada no Espaço, exceto o clarão distante da estrela anã vermelha do Sistema de Centauri, os órgãos de

comunicação social tinham caído sobre as duas corporações do país, com sede de sangue. Eles acusaram o Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra, de desperdiçar triliões de dólares numa fantasia de espaço vazio, quando poderia ter concentrado os seus esforços nas realidades do aumento da população, da fome e do esgotamento da energia. O CEUCT (Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra) tinha desistido das experiências da *Quanta* e, após os repetidos fracassos da NASA e da Quantum Resources, a EUA, Inc. decidiu seguir o exemplo.

A Quantum Resources mal sobreviveu aos esforços de *downsizing* da EUA, Inc., ao vender todas as ações à Corporação do Canadá e deslocar o seu centro de pesquisa quântica para a Terceira Estação do Canadá.

Sem um fornecimento estável de Kinemet para as experiências práticas, a Quantum Resources tinha-se transformado em mais um laboratório de análise teórica. No momento, o seu único ativo sólido era Alex Manez. Apesar do seu contrato para ser a cobaia deles e, à medida que o seu corpo lhe continuava a falhar, ele foi-se tornando cada vez mais obstinado.

Tal como tinha acontecido, durante o seu exílio auto-imposto na base dos piratas na Lua, sem a influência direta do Kinemet, Alex tinha começado, paulatinamente, a deteriorar-se fisicamente. Era como se a radiação emitida por esse elemento, se tivesse tornado uma substância necessária para Alex. Ele alimentava-se dela, ela reabastecia-o e mantinha-o vivo. O que era prejudicial e mortal para o resto dos mortais, para ele, era uma questão de sobrevivência.

Ele não tinha ideia de quanto tempo iria viver, se não a tivesse.

O efeito colateral mais duro da sua condição, era que ele não conseguia mais tolerar a alta gravidade da Terra. Enquanto que, nos principais laboratórios, nas áreas da administração, nas áreas comuns e nas de lazer da Terceira Estação do Canadá, estavam equipados com a mais recente tecnologia de gravidade artificial. Fazendo que os níveis de gravidade fossem ajustados para níveis mais cómodos, para uma melhor integração dos seus Ocupantes. O mesmo não acontecia no local onde Alex Vivia. Aqui, em sua casa, os níveis de gravidade estavam...no Mínimo!

Incapaz de se manter de pé sozinho, por mais que alguns minutos de cada vez, Alex tinha comprado um conjunto de próteses hidráulicas para as pernas, que suportavam o seu peso. Ele comprou-as, com o dinheiro da indemnização que lhe foi paga pela NASA.

Quando não estava nos seus aposentos, Alex usava as suas próteses

hidráulicas. Ao utilizar a dinâmica de fluidos, biomecatrónica e sensores de pressão ambientais, as próteses eram capazes de se adaptar a quaisquer fatores externos, tais como andar num declive ou em escadas, ou caso ele andasse na neve ou à chuva, na Terra. Elas proporcionavam-lhe uma marcha mais natural. À distância, a maioria das pessoas não seria capaz de dizer que ele usava ortopédicos. Não que isso fizesse alguma diferença. É que, hoje em dia, ele tinha um aspeto pálido e doente, o seu cabelo era fino e fibroso e os seus ossos continuavam a atrofiar, não obstante de quantas injeções de vitaminas a equipa médica lhe administrasse.

Todos os pesquisadores e administradores da corporação, tratavam Alex como uma criança. Mesmo Ellen Yarrow olhava para ele, como se fosse algo que ela tivesse descoberto numa placa de Petri. Embora o seu corpo parecesse ser o de um rapaz de dezasseis anos de idade, de acordo com o seu registo de nascimento, ele tinha vinte e cinco. Era legalmente um adulto. Durante os oito anos ou mais, em que o seu corpo esteve em estado quântico, ele não tinha envelhecido fisicamente.

Depois que os assistentes o ajudaram a colocar as próteses, Alex puxou as calças largas e ajustou-as à cintura.

Pelo canto do olho, ele viu Kenny voltar e, preparou-se para um confronto. Kenny observou-o, enquanto Alex terminava de se vestir.

O físico finalmente disse: “Escute, eu não quero que sejamos inimigos. Quero que você confie em mim. Só quero o que for melhor para todos.”

Alex escarneceu.

Kenny levantou uma mão. “Está bem. Eu quero o que for melhor para mim, mas isso só pode ter como resultado, ajudá-lo a si. Então, por favor, será que podemos recomeçar a conversa do início?”

“Se você se quiser verdadeiramente ajudar a si próprio.” Disse Alex: “Então, vai prestar atenção quando eu lhe disser, que aquilo que está a fazer agora, é irrelevante e, possivelmente, contraproducente.”

Balançando a cabeça, Kenny perguntou: “Como é que o estudo da mais avançada tecnologia no universo, pode ser irrelevante?”

Kenny falava muitas vezes, como se ele estivesse numa sala de aula.

Alex suspirou. “Não é isso, o que estou a dizer. É a coisa mais importante no mundo. Precisamos de o dominar, antes que...”

“Antes que... o quê?”

Alex sacudiu a cabeça. “Primeiro, você precisa de compreender os conceitos básicos do Kinemet. E nós, nem sequer sabemos como estabilizá-

lo. Temos que nos concentrar na forma como o Kinemet afeta as pessoas e não como construir um veículo a *quantum*, melhor. Todos continuam a ver o poder do Kinemet, como se fosse apenas a chave para as viagens à velocidade da luz.”

“Mas é!”

Alex sacudiu a cabeça. “Sim, ele pode ser um catalisador para transformar a matéria em luz, que faz alimentar um veículo devidamente equipado, para velocidades próximas à da luz. Mas essa, é apenas a mais rudimentar das suas propriedades.”

“Do que é que está a falar?” Kenny procurava nas suas notas, mas Alex sabia que nenhum dos seus antecessores tinha escrito nada sobre isso.

Normalmente, ele não se iria tentar explicar. No entanto, de todos os pesquisadores que enviaram para a TEC, Alex tinha a sensação de que a mente de Kenny podia estar aberta a novas possibilidades.

Alex disse: “Ele consegue fazer muito mais, do que ser apenas um combustível para viajar à velocidade da luz.”

Com a voz baixa e as orelhas alerta, Kenny perguntou: “Tal como...?”

Alex apontou para si mesmo. “Uma crisálida humana, para começar. Embora tenhamos fracassado miseravelmente a esse respeito. E depois há a Graça.”

Kenny olhou para Alex, como se este estivesse a falar outra língua.

Ele pestanejou. “A Graça do quê?”

Alex amaldiçoou-se e disse: “ahh...Nada. Desculpe, estou apenas demasiado cansado, para pensar como devia. Tenho que ir para o meu quarto.”

**Relatório Intercalar:
Estado de Saúde:
Alex Manez:**

De: Dra. Narayan Amma, PhD, Médica Chefe dos Funcionários da TEC.

Para: Departamento de Doenças Nutricionais e Metabólicas, Serviços de Saúde da Corporação do Canadá

Diagnóstico: O sujeito, Alex Manez, exhibe sintomas indicativos de deficiência maciça de vitaminas, em particular das vitaminas D e C, apesar de todos os níveis dessas vitaminas se apresentarem com os valores dentro da normalidade.

Apesar das massivas doses de multivitaminas e de uma dieta à base de citrinos e de produtos lácteos, Alex Manez sofre de contínua perda de cabelo, insónia crónica, pele pálida e osteoporose.

Há indicação de degeneração muscular incipiente e espera-se que outros sintomas prevaleçam, à medida que a sua condição se agrave.

Enquanto que, a sua acuidade mental permanece no percentil superior, o seu estado emocional tornou-se volátil, estando propenso a depressão e ansiedade.

Tratamento: Todas as tentativas para corrigir a condição do sujeito, não conseguiram inverter ou mesmo parar a sua deterioração. O exercício físico agrava a sua dor, as injeções multivitamínicas e os suplementos alimentares não mostram nenhum efeito, e as hormonas de crescimento só servem para lhe causar desconforto gastrointestinal e poderão levar à insuficiência renal e

hepática.

Prognóstico: Alex Manez não tem mais de seis meses de vida.

Espaçoporto Interplanetário de Houston:
Texas:
EUA, Inc.:

Passaram-se mais de dez anos, desde que Justine Turner viu um nascer ou um pôr-do-sol, olhou para o rosto de outra pessoa com os seus próprios olhos e foi capaz de se ver ao espelho, pela última vez.

Ela tinha ficado cega na orla do Sistema Solar. Embora não se arrependesse dos eventos que a levaram àquele ponto e, não trocasse essas experiências pela sua visão. No entanto, de início, deparou-se com alguns dias mais difíceis do que outros.

Uma das mudanças mais difíceis, foi a perda do seu estatuto de comando. Ela não queria mais nada, para além de ser novamente a capitã de uma nave; respirar o ar obsoleto da cabine de um centro de controlo; ler monitores digitais e tomar decisões que levariam a sua nave, para as vastas extensões do espaço.

Os meses que passou na viagem de regresso de Plutão, aquando da sua cegueira, tinham sido os mais difíceis da sua vida.

Quando chegou a casa, passou por uma cirurgia de ligação óptica, para permitir que o seu cérebro interpretasse os impulsos elétricos de um sensor ótico de tradução-neural, que ela afixava à cana do seu nariz.

Ainda assim, ela teve dificuldades nas tarefas diárias mais básicas: no cozinhar, no vestir e nos cuidados pessoais, para citar algumas. Ela contratou uma assistente, para a ajudar no seu primeiro ano em casa, mas isso só a fazia lembrar-se do quão impotente estava.

Os *interfaces* do painel holográfico eram baseados em tecnologia tátil. Eram perfeitos para aqueles que usavam o *Braille*. Depois de ter aprendido o sistema, Justine tornou-se capaz de ler qualquer *e-Book*, manual, ou

correionet com a aplicação baseada em Braille tão facilmente, quanto uma pessoa com visão.

Mas ajustar-se a um mundo em que era cega, não foi a pior parte. A pior parte foi o tédio. Ela não tinha nada para fazer.

Portanto, quando dominou a tecnologia do sensor óptico, ela suplicou aos oficiais da NASA para a readmitirem na escala de serviço ativo.

Quando lhe ofereceram a posição de instrutora, ela aproveitou a oportunidade, por saber que provavelmente era o mais próximo, que alguma vez voltaria a estar do comando, ou de experimentar a alegria do voo espacial.

Houve uma segunda razão, pela qual ela aceitou tão ansiosamente a posição de instrutora. O sentimento de satisfação e de realização em passar o seu conhecimento para os jovens estagiários, foi algo que ela começou a gostar.

Ela nunca teria um filho que fosse seu. Biologicamente, ainda era uma possibilidade. Existiam mulheres muito mais velhas do que ela, a terem filhos, mas, nesta fase da sua vida, e com os seus próprios desafios pessoais, simplesmente não conseguia ver-se a tomar essa decisão. Quando ele ou ela fosse adolescente, Justine estaria no final dos seus sessenta anos e não conseguia imaginar-se a ter energia suficiente para acompanhar a tarefa.

O mais próximo que ela já tinha chegado de ter um filho, foi durante aqueles curtos meses a bordo da *Orcus*, com Alex Manez. Isso proporcionara-lhe um gosto fugaz de maternidade e, pela primeira vez na sua vida, ela tinha entendido o poder do instinto. Cuidar e transmitir as suas experiências àqueles que seguiam os seus passos, proporcionou-lhe o maior sentimento de realização que ela alguma vez pôde desejar.

Os anos que passou como instrutora de voo, foram alguns dos melhores, da última década.

Agora, porém, tudo isso era passado.

Nos últimos dois anos, a NASA e a EUA, Inc. tinham sofrido um grande número de reveses, sem mencionar a perda de muitas vidas, nas experiências da *Quanta*. Isso resultou na venda da Quantum Resources para a Corporação do Canadá e no redirecionamento de todo o programa Kinemet. Existiam demasiados problemas na Terra, para se gastar mais dinheiro na exploração interestelar. Foi a justificação que os diretores da EUA, Inc. deram para a decisão da venda.

Muitos dos contratados independentes da NASA, viram os seus contratos

rescindidos e foram oferecidos pacotes de demissão e de reforma antecipada, a muitos funcionários efetivos.

Eles ofereceram a Justine uma quantia bastante generosa, o suficiente para ela poder facilmente resistir financeiramente aos tempos conturbados, em relativo conforto, por muitos anos. Ela aceitou o acordo e questionou-se sobre o que faria com o resto da sua vida. Durante algum tempo, pensou em voltar para o Observatório Lowell e completar os seus estudos lá, só que, o apelo do Espaço era demasiado forte, para ela simplesmente se reformar.

Com a sua experiência, ela conseguiu obter um emprego na Lunar Lines Ltd., que geria as naves espaciais de carreira entre o Espaçoporto Interplanetário de Houston e a Base da Lua, como hospedeira e relações públicas.

Cada viagem de ida e volta durava uma semana e Justine fazia dois voos seguidos e folgava um. A função implicava muito mais do que ser somente assistente de bordo. Para além de também ter de ser guia turística, ela também era responsável pelo conforto e segurança geral dos passageiros, bem como pela sua paz de espírito. Embora as viagens para a Estação da Lua e as várias estações espaciais que orbitam a Terra, fossem cada vez mais frequentes, somente uma pequena fração da população tinha empreendido a viagem. Para muitas daquelas pessoas, seria a primeira vez que viajavam numa nave de carreira. Elas ficavam, compreensivelmente, muito nervosas, ao voar para o espaço exterior.

Aquela manhã, era o início de mais uma das rotações de Justine e ela sempre ansiava por esta etapa da viagem. Para ela, era mais uma oportunidade para estar no espaço.

No Ponto de Lagrange 4 da Terra-Lua, estava a Terceira Estação do Canadá, entre as nuvens Kordylewski. A Lunar Lines fazia sempre uma paragem de um dia lá, antes de prosseguir para o seu destino final e, era a única oportunidade de Justine, para (re)ver Alex Manez.

Preocupava-se com ele, pois parecia estar a tornar-se mais pálido e doente, a cada vez que o visitava. A última vez que tinha parado lá, há mais de duas semanas, ele tinha ficado, significativamente, mais cansado do que o habitual e tinha encurtado a sua visita.

Desta vez, ela esperava falar com alguém da administração dos laboratórios da Quantum Resources e descobrir o que é que eles estavam a fazer para o ajudar. E, se não conseguisse obter informações deles, teria que puxar alguns cordelinhos.

O SIAC (sistema informático anfitrião centralizado) do apartamento, emitiu um sinal sonoro no painel holográfico principal, indicando um veículo na sua garagem.

“Identificar.” Disse ela, em voz alta.

<Ás - *Serviços de Táxi*> informou o SIAC <*Táxi Número 3419; o nome do motorista é Tomas Salenko, titular de licença de táxi há quatro anos.*>

“Oh, ele chegou cedo. Obrigado. Só vou demorar mais uns minutos.”

<*Retransmissão da mensagem.*>

Justine voltou para o seu quarto a correr e aproximou-se da cama. Em cima dos lençóis estavam duas malas de viagem e um arnês especialmente desenvolvido.

O *scanner* de reconhecimento óptico da sua ligação óptica, alimentava o seu cérebro com dados espaciais rudimentares. Ele permitia que ela andasse de uma sala para outra e até lhe permitia discernir a diferença, entre um garfo e uma colher. No entanto, não tinha a capacidade de lhe mostrar a cor, a textura ou os padrões. Podia detetar a moldura de um quadro pendurado na parede, mas, para seu pesar, não podia dizer se era uma tela em branco ou um Van Gogh.

Encontrar-se com pessoas, era igualmente desafiador. Era como se ela fosse incapaz de reconhecer os rostos. Até que alguém falasse, Justine tinha extrema dificuldade em distinguir uma forma de andar, de outra, a menos que elas tivessem características físicas muito distintas.

A Optimédia Labs, a empresa através da qual, tinha originalmente comprado a sua ligação óptica, era a mesma empresa que tinha inventado o TV (turista virtual).

Há alguns meses, eles tinham lançado a última geração de *software* de reconhecimento. Destinada à indústria de entretenimento digital de simulação de realidade, o fato personalizado de gravação ambiental, ou FatoPers como era comercializado, era uma versão avançada da sua câmara de turista virtual.

Gravava e interpretava mais de dez milhões de formas, sons, cheiros, cores e texturas codificadas. Milhares de microsensores no tecido do arnês, recolhiam constantemente toda a informação de áudio, de vídeo e de dados olfativos dentro do seu alcance.

Concorrentes dos programas de jogos ou de programas de aventura, usavam o FatoPers durante a sua participação e, de seguida, os telespectadores podiam aceder aos episódios com as suas máscaras septafónicas e experimentar esses eventos por si, como se estivessem no

lugar do competidor.

Enquanto que, os *downloads* eram relativamente baratos, o arnês era caro e, fazer com que os técnicos integrassem os sensores de FatoPers na sua ligação óptica, tinha requerido um documento assinado por ela, a declarar que não os iria processar, em caso de uma sobrecarga sensorial. Também não era recomendado por nenhum dos médicos da empresa, combinar os sentidos naturais do seu corpo com os sensores artificiais.

O resultado tinha sido melhor do que ela esperava e, enquanto usava o cinto adaptado especificamente, era como se tivesse novamente a sua visão.

Mas havia uma grande desvantagem no vestuário. Após alguns dias a usá-lo, Justine começou a sentir o efeito que a empresa temia; a exposição prolongada provocava-lhe enxaquecas graves. Ela não podia usar o cinto por mais de doze horas, sem que a dor se tornasse insuportável. A sua mente, simplesmente, não conseguia processar as enormes quantidades de dados.

Com a experiência, Justine também descobriu que, se usasse o cinto mais de quatro dias seguidos, começavam também as dores de cabeça.

Assim, como compromisso, ela nunca usava o cinto em casa, pois tinha memorizado cada canto e recanto do seu apartamento e não precisava dele. De qualquer modo, raramente o usava em público.

Na maioria das vezes, ela usava-o quando estava a trabalhar. Na sua mais recente vocação como hospedeira de naves de carreira, ser capaz de identificar os passageiros com a visão, era uma capacidade importante. Especialmente porque a maioria desses passageiros, eram decisores e chefes de departamento corporativos de várias empresas de ciência e tecnologia e, membros influentes da comunicação social.

Dobrando o arnês com cuidado, ela arrumou-o numa das suas malas de viagem e dirigiu-se para apanhar o táxi, até ao espaçoporto.

∞

O Espaçoporto Interplanetário de Houston estava a borbulhar de atividade. À medida que o táxi fazia o longo percurso da estrada, até aos principais portões da entrada, Justine podia sentir muitas formas humanas reunidas nas colinas relvadas, à frente da cerca de vinte pés de altura. Embora o seu sensor de ligação óptica detetasse, que os manifestantes tinham cartazes, ela não conseguia ler nenhuma das mensagens escritas contidas neles. Contudo, ela conseguiu ouvir os seus gritos zangados, quando abriu uma frincha da janela.

“Alimentar as pessoas e não a sua ganância!”

“O Espaço é um desperdício!”

“Precisamos de empregos na Terra, também!”

“Deus deu-nos o Éden; somente os que são indignos, procuram deixar o jardim!”

Era quase impossível explicar àqueles manifestantes, que a exploração espacial abria caminhos para as novas tecnologias e conveniências que eles próprios utilizavam, numa base diária. A mineração no Cinturão de Asteróides proporcionou empregos, com as matérias-primas que foram enviadas para serem processadas na Terra e, também salvou os recursos naturais da Terra.

Viam-se manifestantes, em quase todas as instalações do país, que promoviam a ciência e a tecnologia. Muitas vezes, quando alguém perdia o emprego por qualquer razão, não se preocupava em olhar com atenção para a verdadeira causa. Era mais fácil apontar o dedo para o alvo mais próximo. Nos últimos anos, tinha sido a indústria espacial.

Não tinha sido o suficiente esventrar o programa da NASA. Queriam, muito simplesmente, enterrar toda a exploração espacial.

A partir do dia em que Justine e a sua equipa tinham descoberto o *Dis Pater*, em Plutão, começaram também os protestos das muitas das religiões do mundo. Muitos pensaram que era blasfêmia, considerar que os humanos não fossem uma espécie única e divina. Era sacrilégio, alimentar a noção de que havia milhares de raças alienígenas nas estrelas.

Alguns especialistas teorizaram que, a única razão pela qual, não ocorreu uma revolução religiosa completa, foi devido ao fracasso da missão de Alex. Ele tinha voltado sem qualquer evidência de contacto com alienígenas, o que, para os extremistas religiosos, tinha sido a prova, de que todo esse assunto tinha sido uma farsa e que, o estatuto da humanidade como única inteligência no universo, era seguro.

Ao longo do último ano, as multidões de manifestantes diminuíram gradualmente e os seus discursos já não mantinham a veemência, que carregavam outrora.

Contudo, a segurança mantinha-se firme. Quando o táxi chegou à entrada principal, foi inspecionado, antes que algum dos seus ocupantes fosse autorizado a sair do veículo. O Táxi foi rapidamente ilibado de quaisquer substâncias nocivas, tais como: explosivos, armas ou contrabando. Justine saiu, recolheu as suas malas e dirigiu-se para o edifício principal.

As portas automáticas abriram-se, quando ela ia a entrar no espaçoporto,

mas, quando pisou a entrada, o seu caminho foi bloqueado por uma figura alta e magra, que estava de costas para ela.

Na sua primeira viagem, muitos dos visitantes do porto ficavam intimidados pelo tamanho e a extensão do terminal principal, que também funcionava como uma espécie de museu do voo espacial. Grandes reproduções, a maioria em tamanho real, de vários foguetões da NASA, naves e outras embarcações da sua longa história, eram exibidas ao longo do interior da enorme construção. Vinham multidões de turistas, só para ver os modelos à escala, mesmo que não tivessem bilhete para o voo de regresso.

Justine assumiu que o homem que estava no seu caminho, estava simplesmente especado a olhar para o alcance do terminal espacial.

“Com licença.” Disse ela, educadamente.

O visitante virou-se e, apesar de Justine não lhe conseguir distinguir as feições, pareceu-lhe estranho que ele usasse óculos. Com os níveis tecnológicos atuais, eles conseguiam corrigir quase todos os casos de cegueira leve. Era raro ver alguém ainda a usar óculos. Quando ele falou, tinha um resquício de sotaque estrangeiro, que Justine não conseguiu localizar.

“As minhas desculpas, senhora. Não tenho a certeza, para onde preciso de me dirigir.”

Justine, que já tinha estado no porto uma centena de vezes, disse “Está aqui para passear ou para apanhar um voo?”

“Para apanhar um voo.”

“O *check-in* é logo ali.” Ela apontou para uma fila de balcões, à sua esquerda. “Depois vai ter que passar pela segurança.”

“Obrigado.” Disse o homem com um leve aceno de cabeça e depois prosseguiu.

Justine não precisava de fazer o *check-in*. Foi diretamente para os portões de segurança e cumprimentou o guarda, sempre vigilante, com um bom dia. Ela teve que remover a ligação óptica, para poder efetuar um *scan* da retina. Deu-se um suave sinal sonoro, quando o computador confirmou a sua identidade e, de seguida, um segundo sinal sonoro indicou que ela tinha uma mensagem pessoal.

Justine colocou a ligação óptica novamente e virou-se para o painel holográfico. Embora as palavras, escritas em formato analógico num quadro, não fossem mais do que um borrão, o sensor de ligação óptica, tinha a capacidade de receber dados digitais e transmiti-los diretamente para o seu

nervo ótico, o propósito original da tecnologia. O seu nome, a função e outras informações vitais, apareceram na prancha flutuante ao lado do *scanner* e o ícone de mensagem a piscar, pairava debaixo do seu nome.

Ela tocou no ícone e foi transformado numa frase lapidar: *Por favor, reporte ao Diretor Mathers.*

O guarda, a tentar ser útil, apontou para um corredor adjacente com o seu neuro-bastão e disse: “A administração é por ali, senhora.” E sentou-se na cadeira, olhando entediado. “O escritório do Diretor Mathers é lá.”

“Obrigado.” Respondeu Justine com um sorriso, embora soubesse exatamente onde era o escritório e caminhou naquela direção.

∞

“Senhor?” Falou ela suavemente, à entrada do escritório do Diretor Mathers.

Por detrás da grande mesa de carvalho, uma cadeira de couro de espaldar alto, girou em direção a Justine. O Diretor Allan Mathers fez-lhe sinal para ela esperar. A sua outra mão, estava no operador de comunicações que tinha no ouvido.

“...Sim, ela está aqui agora.” Disse ele a quem estava do outro lado da chamada. “Sim. Considere isso já tratado... Está bem. Vou informá-la e enviá-la já para baixo.”

Ele puxou o operador de comunicações da orelha e deixou-o cair sobre a mesa.

“Justine.” Disse ele. “Entre e feche a porta. Sente-se.”

Normalmente, o Diretor cumprimentava os seus funcionários com um sorriso, mas hoje a sua expressão era grave e deformada. Ele olhou pela janela, para a vastidão, enquanto Justine fechava a porta e se aproximava da mesa.

“O que é que se passa, senhor?” Perguntou Justine, enquanto se acomodava numa pequena cadeira de visitante.

O Diretor Mathers virou-se para trás e apoiou os cotovelos na mesa. Ele juntou as pontas dos dedos e direcionou o olhar para Justine.

“Você viu as notícias desta manhã?” Perguntou.

Justine sacudiu a cabeça. “Desculpe, senhor, mas eu estava com pressa.” Então, como o diretor não deu seguimento à sua resposta, ela perguntou: “O que é que aconteceu?”

“Justine, você está consciente de que, com todos os cortes, algumas das

subdivisões da EUA, Inc., como a NASA, têm estado a subcontratar alguns voos em linhas comerciais como a nossa. Por vezes, fornecemos até mesmo o transporte para as tropas das forças armadas e para a carga militar para a Lua e para as estações espaciais periféricas.”

Concordando, Justine disse: “Sim, claro. Porque é que me está a contar isso?”

“Não me sinto confortável com isto, mas a diretiva veio da corporação.” Ele olhou para ela e depois olhou novamente para as suas mãos.

“Que diretiva, senhor?” Justine enrugou as sobrancelhas. “Eu acho que não estou a perceber.”

O Diretor respirou fundo. “Bem, aparentemente, chegou agora mesmo um relatório a dizer que o pergaminho Maia original, aquele que se diz que foi transcrito por visitantes alienígenas, há mil anos atrás...”

“Sim.” Disse Justine, engolindo. “Eu sei de qual está a falar.”

“Bem,” ele continuou “ele foi roubado, e o velho que o tinha, desapareceu. Eles pensam, que pode ter sido sequestrado.”

“Oh?” Justine não tinha ouvido nenhuma notícia acerca disso. Ela perguntou-se, o que é que os sequestradores tinham pensado que iriam conseguir. De acordo com o último relatório, a tradução do documento tinha sido um fracasso. Essa foi uma das razões, para terminar com as experiências da *Quanta*.

O Diretor Mathers assentiu. “E isso não é tudo. A Cooperativa Hondurenha passou algumas informações à CIA. Há um movimento crescente, dentro dos Departamentos daquele país. Muitos consideram que era porque os alienígenas...” ele citou para o ar “...escolheram visitar o povo Maia, há meio milénio atrás, que eles são os ‘escolhidos’ e que devem estar na vanguarda de qualquer comércio interestelar. Eles vêm a queixar-se, há anos, de serem marginalizados. Agora, porém, os governos acham que esse grupo pode estar por detrás do sequestro e do roubo.”

Justine apertou os lábios. “Eu ouvi qualquer coisa sobre eles. O que é que eles chamam a si próprios?”

“Cruzados.” Disse o Diretor. “Mas agora a NASA acha que, manter a sua porção de Kinemet aqui em Houston, é um risco de segurança. Eles já sofreram bastante difamação por parte da imprensa e não se querem ver em mais nenhum noticiário. Eles não estão a fazer nada com o Kinemet, atualmente, e por isso querem transportá-lo para a Estação da Lua. Açam que os rebeldes não têm os recursos, para tentar qualquer ação extra

planetária.”

“De quanto Kinemet estamos a falar?” Perguntou Justine.

“Cerca de mil quilos.”

Ela assobiou. “Isso é bastante!” Eles tinham utilizado cerca de cem quilos do metal kinemético no voo de Alex e sobrestimaram o quanto iriam precisar.

“Nós temos espaço para isso.” Disse ele, a encolher os ombros.

Então Justine levantou a cabeça. “E então, o que é que isso tem a ver comigo?”

“Compreensivelmente, a NASA quer manter esta remessa em segredo, até que ela chegue à Lua em segurança. Está um esquadrão do exército a fornecer proteção.” Ele apontou para Justine “Mas a NASA quer um agente de ligação para ir com eles. Alguém que tenha uma patente militar e, aparentemente, a sua nunca foi revogada, certo?”

“Sim.”

“Você estava ligada à NASA, através da Força Aérea.” Disse ele. “O melhor dos dois mundos. Então, eles solicitaram que você acompanhe os detalhes da segurança.”

Justine não queria alimentar as suas esperanças. Engoliu em seco e depois disse: “Acompanhar? O que é que isso significa? O que é que eles querem que eu faça?”

“O mesmo que você faz sempre. Só que desta vez, estará a atender aos soldados que eles atribuíram à carga.”

“Oh.” Disse Justine, tentando corajosamente fazer com que o aguçado desapontamento, não transparecesse na sua voz.

“Você deve ir ao hangar doze ter uma reunião com o Coronel Niles Gagne, antes que os passageiros ou a restante tripulação, embarquem.”

Justine pôs-se de pé e suspirou.

O Diretor disse: “Isto não é uma missão da treta.”

“É sim.” Disse-lhe ela.

“Veio lá de cima do topo, Justine.” Disse ele, a tentar desculpar-se. A expressão no seu rosto mostrou a sua sinceridade. “Olhe, faça apenas esse voo chato...”

“Uma semana num porão de carga, a cuidar de um esquadrão de soldados, é mais do que apenas um pouco chato.” Disse Justine e dirigiu-se para a porta. Ela nunca mais seria chamada para regressar ao ativo. Ninguém precisava de um piloto cego. “É humilhante. Se bem se lembram, a minha função real na Lunar Lines é a de relações públicas. E agora você quer que eu

sirva café aos soldados?”

“Eu compenso-a.” Disse o Diretor Mathers.

Justine abriu a porta, mas parou antes de sair. “Bem, eu estou a pensar numa coisa que faria com que isto valesse a pena.”

“O quê?” Perguntou.

“Eu tenho um amigo na TEC.” Disse ela.

“Está a referir-se a Alex Manez, não é?”

Justine assentiu. “Sim.”

“O que tem ele?”

“Ele não está bem.” Justine puxou o lábio inferior. “Na viagem de regresso, eu gostaria de ficar lá algum tempo, de folga; passar algum tempo com ele e ver o que posso fazer para o ajudar.”

“Isso pode arranjar-se.” O Diretor sorriu. “Considere isso como uma compensação. Nós vamos providenciar um quarto no Starwatch Resort. Até vou registar isso como uma despesa de formação.”

Justine sorriu. “Obrigado, Allan.”

Ela fechou a porta atrás de si. Sentindo-se muito melhor, em relação à sua tarefa recentemente atribuída, ela afastou-se para ir encontrar o hangar doze e o Coronel.

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Momentos após entrar no seu apartamento, uma súbita dor, como se algo se tivesse rompido, derrubou Alex literalmente.

Aquela música que o assombrava, que ouvia quando usava a sua *visão*, encheu-lhe a mente, expulsando todo o pensamento racional.

Como pode ser possível, que isto me esteja a acontecer? Ele gritou para consigo mesmo. A radiação kinemética, há muito que o tinha deixado.

No entanto, a música ainda estava lá. Ela pedia-lhe, não, obrigava-o a terminar aquilo que tinha começado, há mais de uma década.

Alex não estava inteiro e, a menos que pudesse completar a sua jornada e transformar-se num ‘kinemat’ completo, iria morrer muito brevemente e em agonia. O tempo era seu inimigo.

Durante o resto do dia, Alex, escondido no seu apartamento, flutuou para dentro e para fora da consciência.

Desde a primeira vez que tinha sido exposto ao Kinemet, que Alex não conseguia dormir nem sonhar. Não conseguia fazer nenhum dos dois e não parecia sofrer de nenhum dos efeitos fisiológicos ou psicológicos de privação do sono. Aparentemente, a sua mente ainda conseguia desligar-se.

Como se estivesse drogado, os seus pensamentos disparavam e vagueavam. Imagens apareceriam na sua frente e desvaneciam-se, antes que se pudessem formar plenamente.

Porém, havia sempre a música a chamar por ele. Não obstante do que ele fizesse, tomasse analgésicos, desligasse as luzes, ficasse deitado, ela estava sempre lá.

Era difícil para ele, pensar com clareza. Assim como um automóvel de

corrida, movido a gás, sem combustível, ele precisava de uma infusão de radiação kinemética, antes que sucumbisse.

A sua exposição ao Kinemet, alguns anos antes, tinha começado a transformá-lo, mas a metamorfose estava longe de estar completa. Alex era uma concha vazia, um fantasma, preso entre duas dimensões. Ele sabia que a chave estava em traduzir aquele pergaminho antigo. Ninguém tinha sido capaz de resolver o enigma e tinham desistido de tentar. Alex sabia que a resposta estava no pergaminho. Sempre esteve lá.

A resistir à dor da ressaca de Kinemet e enquanto pensava naquilo, a certeza cresceu.

Com grande dificuldade e esforçando-se para manter a sanidade mental, Alex comandou o sistema de comunicações para efetuar contacto com Michael Sanderson. Se existia alguém que iria conseguir montar o seu quebra-cabeças, seria Michael.

Mas a dor!

Ele não se conseguia lembrar, se já tinha ligado à Terra e falado com Michael, mas, antes que conseguisse tentar novamente, a música encheu a sua cabeça... e então aconteceu-lhe algo, que o afastou da realidade.

O seu corpo, mal equipado para lidar com a dor, traiu-o.

Ele começou a desmaiar.

A última coisa que ouviu, foi aquela voz antiga a chamá-lo: *Alex, venha para casa.*

**Churrasco da Família Sanderson:
Hull, Quebec:
Corporação do Canadá:**

Uma nuvem de fumo saiu do grelhador, quando o irmão de Michael, David, abriu a tampa para revelar meia dúzia de bifes carbonizados.

“Acha que talvez eles já estejam suficientemente grelhados?” Perguntou Michael de pé, ao seu lado.

Com os dedos a envolver o gargalo de uma garrafa de cerveja, ele levou-a aos lábios e inclinou a bebida, o suficiente, para escorrer um fio de líquido dourado pela sua boca. Derramaram-se várias gotas sobre a barba e ele enxugou-as com as costas da mão.

“As observações de sabichão, não lhe vão garantir mais convites.” Disse David, acenando com uma espátula, num movimento semelhante a um leque, para dissipar o fumo que subia dos bifes queimados.

“Provavelmente, é o melhor para a minha saúde.” Michael piscou o olho ao irmão.

“Se está preocupado com a sua saúde, é melhor ter cuidado com aquilo que diz.” David levantou um dos utensílios de churrasco e apontou-o para Michael. “Eu tenho uma tenaz, e não tenho medo de a usar.”

Michael riu-se e disse “Eu vou buscar os pratos.” E dirigiu-se para uma das mesas de piquenique, espalhadas pelo quintal.

A meio do caminho, ele parou e virou-se. David estava a espetar a carne enegrecida, com uma longa faca.

“E um extintor de incêndio.” Acrescentou Michael, numa tentativa de manter a brincadeira.

“Bah!” David fez um movimento de enxotar, mas sorriu quando voltou às suas tentativas de ressuscitar o jantar.

Ainda a rir, Michael percorreu a distância entre o churrasco e as mesas. Só que, no momento em que lá chegou o seu sorriso desvaneceu-se.

O seu humor não durava muito tempo, por aqueles dias.

Na altura em que Alex Manez fez o seu regresso milagroso de Centauri, Michael tinha regressado à Quantum Resources como consultor, para ajudar a coordenar as experiências da *Quanta*. Por motivos técnicos, que nunca conseguiu explicar adequadamente, nenhum dos pilotos de teste que foram expostos à radiação kinemética, desenvolveu totalmente a capacidade eletropática que Alex tinha. Sem esse controlo, eles não eram capazes de devolver as naves espaciais à normalidade, depois de terem experimentado o estado quântico da luz. Vários dos que se voluntariaram, morreram durante a irradiação kinemética inicial.

Fracasso após fracasso foram sendo colecionados pelas corporações, tanto financeiramente; uma vez que o custo de cada nave excedia os dezassete mil milhões de dólares, como da perspectiva das relações públicas. Tudo isso sumado com a instabilidade económica Global, à medida que mais corporações de países entraram em falência. A EUA, INC, por exemplo, na tentativa de salvar o seu nome e algum investimento, decidiu desfazer-se da maioria das suas sub-empresas experimentais, incluindo a Quantum Resources, que vendeu à Corporação do Canadá, a preço de saldo.

Ao invés de se mudar para a Terceira Estação do Canadá e, gerir uma equipa de teóricos, Michael decidiu deixá-los e libertou-se do seu contrato. Embora Alliras Rainier lhe tenha oferecido a sua antiga posição na Divisão de Mineração Espacial, Michael e a sua esposa optaram pela reforma. Ele tinha poupanças suficientes, para ele e Melanie viverem confortavelmente, para o resto das suas vidas.

Mas o que Michael não esperava, era que o resto da vida de Melanie fosse encurtado há um ano, quando ela saiu para ir às compras e os travões de um autocarro falharam, levando-o a bater no seu pequeno automóvel individual. Ela tinha morrido instantaneamente. Não passava um dia, sem que Michael sentisse a falta da sua ferocidade.

Nos meses a seguir, Michael caiu numa depressão profunda, deixou a barba crescer e passava a maior parte dos seus dias a vaguear, de sala em sala, no seu apartamento vazio. As raras vezes que ele saía, era para ir aos jantares de família mensais, na casa do seu irmão.

Não tinha esposa, não tinha emprego, não tinha um propósito.

A única coisa que sustentava Michael, era a chamada semanal que fazia a

Alex Manez; mas estava a ficar cada vez mais difícil para Michael, manter a esperança de que se iria fazer alguma coisa para ajudar o menino e a sua saúde, que se deteriorava. Sem os seus contactos políticos, Michael estava impotente para incitar a equipa médica, da Terceira Estação do Canadá, a descobrir uma cura para a condição de Alex.

Durante as suas conversas, Alex dizia invariavelmente a Michael, para não se preocupar; que, no final, correria tudo bem.

“Você está bem?” Disse uma voz, interrompendo Michael do seu devaneio.

Ele olhou para cima e viu Andrea, a mulher de David, a fixá-lo com dois olhos azuis muito preocupados. Ela era uma mulher elegante, com rugas de expressão no canto da boca e dos olhos. Madeixas prateadas, tinham começado a emergir do seu cabelo negro.

Andrea e Melanie tinham sido amigas muito próximas e, de vez em quando, ela ia ao apartamento de Michael, para tratar dele, cuidar da sua roupa e limpar a casa.

Michael percebeu que tinha parado em frente à mesa de piquenique, com uma pilha de pratos descartáveis na mão.

Deu-lhe um sorriso. “Sim.” Disse ele. “Estava apenas perdido nos meus pensamentos.”

Virando-se, ele levou os pratos para o grelhador.

Para além de David e de Andrea, os dois sobrinhos de Michael e as suas mulheres e crianças, também estavam presentes. A irmã de Andrea e a sua família também estavam lá. O filho de David estava fora da cidade, mas a sua cunhada Debbie e os seus dois filhos, tinham vindo passar o fim-de-semana. No total, o quintal de David Sanderson tinha mais de vinte pessoas.

Michael estava grato por aquela multidão. Não apenas pela companhia, mas porque, com tanta agitação, ele poderia passar despercebido e não teria que interagir. Ele amava a sua família mas, ultimamente, tinha-se afastado do contacto humano. Era bom estar perto de pessoas, isso lembrava-o da sua humanidade, mas ele, simplesmente, já não tinha energia para cultivar e promover qualquer tipo de relacionamento.

David olhou para cima, quando Michael se aproximou. “Mesmo a tempo; os bifes estão prontos.”

“Eles estavam prontos há quinze minutos.” Disse Michael, levantando o canto da boca num meio sorriso.

“É só...” Imitou David, raspando as partes queimadas com uma faca. “...

uma questão de mais...ou menos... molho.”

Michael riu-se. David colocou os bifes nos pratos e Michael levou-os para as mesas. Enquanto andava para lá e para cá, apercebeu-se de uma pequena sombra.

Ele olhou para baixo e viu o seu sobrinho-neto, de seis anos de idade, a olhar para ele com um sorriso. “Olá, Carl.” Disse ele.

“Olá, tio-avô Michael.” Carl acenou com a mão, num movimento a varrer o espaço.

“Chame-me apenas de tio Mike. Há muito tempo que eu não me sentia tão bem. Quer ser o meu ajudante?”

“Claro, tio-avô... claro tio Mike.”

Michael entregou-lhe um prato com um bife grosso pendurado na borda e observou, enquanto Carl o equilibrava e o levava para as mesas. Enquanto isso, ele soltava a língua para fora do canto da boca, em concentração.

Michael e David sorriram, enquanto o observavam.

“Netos.” Disse David. “Eles mantêm-no jovem.”

Depois, o seu sorriso desvaneceu-se. “Desculpe, Michael. Eu sei que você e Melanie tentaram muito.”

“Acho que foi melhor assim.” Disse Michael, ao fim de algum tempo. “Eu estava sempre a fazer turnos de catorze horas. Mal tinha tempo suficiente para estar com Melanie. Se eu tivesse tido filhos, eles provavelmente teriam crescido como estranhos, cheios de ressentimento.”

Quando Carl voltou para buscar a sua segunda carga, Michael disse: “Você está bem, desportista?”

“Sim. A tia Gina diz que só quer uma metade. E de um, que não esteja todo queimado.”

Com uma gargalhada, David rapidamente cortou um bife em dois e colocou a porção ligeiramente menor num prato, que Michael entregou a Carl.

“Aqui está. Agora, vá com muito cuidado.” Acrescentou, quando Carl balançou o prato.

“Sabe,” disse David, e ouviu-se um tremor desconfortável na sua voz “se não tiver mais nada para fazer, porque é que você não passa por cá, no próximo fim-de-semana? A Andrea e eu, vamos a um torneio de bridge. Estão lá muitas pessoas solteiras da nossa idade.”

“Não estou preparado para isso.”

David ergueu as mãos. “Hey, Calma! Não o estou a pressionar.”

Michael balançou a cabeça. “Apenas não sei o que fazer comigo próprio, só isso. Sempre pensei que esta seria a minha oportunidade para viajar pelo mundo, com Melanie.”

“Você ainda pode viajar.” David preparou outro bife para Carl, quando o jovem retornou.

“Há passeios turísticos para todos os destinos, praticamente.”

“Não seria realmente a mesma coisa.”

“Você tem que sair desse Poço sem fundo.” Disse David. “Estou a dizer isto como seu irmão e, como seu amigo.”

“Eu sei. E agradeço-lhe, mesmo. Acho que só preciso de entender melhor as coisas. Não sei explicar.”

David colocou a mão no ombro de Michael. “Não tem que explicar nada. Saiba apenas que estamos aqui, para o que precisar.”

“Obrigado, mano.” Michael não precisou de forçar o sorriso que deu a David.

Quando Carl voltou pela última vez, disse: “Só faltam para si e para o avô, tio Mike, e para mim.”

“Bom.” Disse Michael. “Parece que o seu avô guardou o bife mais saboroso para si, uma recompensa pelo seu trabalho.”

Carl sorriu, enquanto levava o seu prémio para as mesas de piquenique, a gritar para a sua mãe: “Olha o que tenho aqui.”

David serviu os dois últimos bifos e, juntamente com o seu irmão, dirigiram-se, finalmente, para a mesa, para encher os seus pratos com batatas, salada, pickles e pão.

Enquanto comiam, partilhavam histórias, anedotas, boatos e deleitavam-se com a familiaridade de estarem juntos.

O apetite de Michael já não era o que costumava ser e, quando terminou metade da sua refeição, ele pediu licença para sair da mesa e ir à casa de banho.

“Não caia na sanita!” Brincou alguém e Michael acenou com a mão no ar, quando entrou na casa do irmão.

No caminho para a casa de banho, passou pela sala de David. Uma grande janela de SDR (simulador digital de realidade) estava a exibir a repetição do último jogo de futebol dos Roughriders. Na parte inferior da tela lisa, estava uma barra onde passavam as notícias e uma das frases chamou a sua atenção.

Ele moveu-se rapidamente, para ver com atenção, mas apenas conseguiu ver a última parte do anúncio:

“...Porta-voz da NASA desvaloriza o impacto do pergaminho Maia desaparecido.” Depois as notícias passaram a retratar outras questões políticas.

Michael sentou-se no sofá, ao lado do painel de controlo e, digitou um comando para a tela mudar para a sua página de notícias favorita. Praguejou, quando teve que virar fisicamente as páginas.

Contudo, em poucos minutos ele teve acesso a toda a história, desde o sequestro de Yaxche ao roubo do antigo pergaminho, e o seu semblante escureceu.

“O que é que se passa?” Perguntou o irmão, da porta.

“Quem é que ainda usa uma janela de SDR? Porque é que não muda para um painel holográfico, com um *interface* orgânico?” Perguntou Michael. “Sabe, as consolas tácteis já existem há cinco anos.”

“Eu não preciso realmente de ter um multitasking, para ver os Jays a perder contra os Cubs.” Disse David, com naturalidade. “Basta-me ter apenas uma tela de cada vez.”

Respirando fundo, Michael disse: “Desculpe-me.”

“Hey, não há problema. Você está bem?”

Michael olhou para cima. “Parece que os Cruzados sequestraram Yaxche, o tradutor Maia. Foi ele quem nos ajudou a interpretar o texto Maia de Plutão.” E virou uma página na janela “E também roubaram o pergaminho, que era suposto ajudar-nos a descobrir como utilizar o Kinemet.”

“Oh!” David pestanejou. “Pensei que eles tinham desistido disso.”

“Sim, tinham.” Michael voltou a olhar para a janela. “E parece que também não vão fazer nada, em relação a isto.” Suspirou.

“Bem, se a NASA e o resto do mundo, acham que o documento é um beco sem saída, porque é que os Cruzados se estão a dar a todo este trabalho?”

“Não sei.”

David falou novamente e Michael sabia que o seu irmão estava a tentar parecer casual. “Porque é que você não liga àquele seu amigo, Calbert Loche? É melhor obter as informações diretamente de quem sabe.”

Durante um momento, enquanto Michael estava a ler as notícias, sentiu uma faísca, um pedaço da mesma paixão que o tinha estimulado, ao longo dos seus quarenta anos de carreira. David estava, obviamente, a tentar inflamar aquela chama.

Michael teve que admitir que, por um breve momento, a sua curiosidade natural tinha-lhe levado a melhor.

Ele disse ao seu irmão: “Sabe, acho que talvez faça isso.”

∞

Na maioria das noites, Michael não conseguia dormir. Os seus pensamentos perturbavam-no. No quanto ele sentia a falta de Melanie; a sua ausência de propósito. Por isso, o seu crescente afastamento das pessoas que tinham feito parte da sua vida.

Porém, naquela noite ele não conseguia dormir, por outra razão; continuava a matutar repetidamente sobre porque é que, ao fim de tantos anos e, depois que a NASA e a Quantum Resources tivessem negligenciado o valor do pergaminho Maia, alguém haveria de se dar ao trabalho de o roubar e sequestrar Yaxche. Será que eles o queriam manter, para pedir um resgate? Quem é que iria pagar?

Incapaz de dormir, Michael vestiu um robe fino e foi para o seu computador. Embora muitos dos seus arquivos se tivessem tornado confidenciais e tivessem sido confiscados, quando se ‘reformou’ da Quantum Resources como diretor e como consultor, ele manteve uma pasta com a sua própria recolha de dados e reflexões. As notas taquigráficas, que não tinham significado para mais ninguém, para além de si, juntavam-se a vários documentos que tinha descarregado da TerraNet. Ele também manteve uma cópia de todo o material que não era confidencial, que estava no seu computador quando deixou a empresa.

Michael começou a longa e árdua tarefa de filtrar e organizar todos os arquivos do seu computador. Tinha a esperança de que, algures naquele pântano de informações, pudesse haver algo que eles tivessem ignorado. Talvez alguém tivesse tropeçado numa peça vital dos dados, que reabriria as portas para as viagens interestelares.

Eram três da manhã, quando Michael finalmente reparou nas horas. Ele bocejou e esfregou os olhos. Precisava de dormir algumas horas, para processar todos os documentos que tinha lido e ainda só tinha visto uma pequena percentagem das notas.

Michael riu para si mesmo, acerca do quanto o seu irmão iria aplaudir a mudança nele, com o súbito objetivo. Ele foi até ao frigorífico e serviu-se de um copo de leite. Não havia maneira de conseguir dormir, com uma mente cheia e um estômago vazio. Pelo menos se o seu intestino tivesse algo, teria metade das hipóteses de conseguir dormir algumas horas preciosas, antes que viesse o amanhecer. Queria estar alerta, quando contactasse Calbert Loche.

Não, pensou de repente para consigo, o melhor seria *reunir-se* com Calbert. Michael decidiu logo ali, que precisava de falar com o seu ex-colega, pessoalmente.

Ele foi para o seu computador, registou-se na sua conta de viagens e comprou um bilhete para Toronto, onde a Quantum Resources tinha os seus escritórios administrativos terrestres.

Calbert iria vê-lo. A forte recomendação de Michael tinha-o colocado no lugar de diretor. E se alguém na indústria, tinha informações de dentro, sobre o que estava realmente a acontecer, seria Calbert, que tinha sempre Raymond McGrath e George Markowitz por perto. O trio era uma potência intelectual, quando juntavam as suas mentes. Desde a reestruturação da Quantum Resources, que lhes tinham sido delegadas apenas funções administrativas e de relações públicas.

Satisfeito com os seus planos, Michael dirigiu-se para o seu quarto. Onde lhe esperava...a sua cama vazia...

Sentiu uma inesperada pontada de solidão e perda, quando se aproximou da cama que ele tinha partilhado com a sua esposa, por mais de quarenta anos, e teve que reprimir as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

Melanie...

Deitou-se e estava quase a dormir, quando o comunicador tocou e o fez ficar alerta.

Olhando novamente para o comunicador, ele forçou os seus pulmões a inspirar e a expirar, mais uma vez. Sempre que alguém ligava inesperadamente, Michael tinha um *flashback* de quando atendeu o telefone e uma voz sombria, mas oficiosa, perguntou se ele era o marido de Melanie Sanderson.

Recuperando a compostura, disse para o sistema informático anfitrião centralizado do seu apartamento, “Quem é, SIAC?”

<Chamada de Alex Manez> foi a resposta.

“hummm...Oh!”

Aquilo era estranho. Normalmente era Michael, quem tinha a iniciativa para o contacto com Alex. Michael esperava que não tivesse acontecido nada.

“Coloque-o em linha.”

A chamada começou e, primeiro Michael pensou que a ligação tinha sido desligada, porque tudo o que conseguia ouvir era estática.

“SIAC, pode amplificar?”

Mas não foi necessário, porque a seguir Michael ouviu Alex falar e o tom

de voz do rapaz provocou-lhe um arrepio.

“Michael.” A voz de Alex era oca e assombrada.

Michael perguntou: “Alex, você está bem?”

“Está a ficar cada vez mais difícil.” Disse Alex. “A música está na minha cabeça, mas eu não a consigo ouvir, porque está demasiado alta. Eles querem-me.”

“Alex? Do que é que está a falar?”

“Eu não sei durante mais quanto tempo, é que vou conseguir aguentar.” Disse Alex e Michael desejou poder estar a olhar para o jovem. No último ano, Alex tinha desativado a função de vídeo do seu comunicador. Disse que não queria que ninguém visse o aspeto que tinha.

“Alex, você precisa que eu vá até aí?” Michael não ia à TEC, desde antes de Melanie ter falecido.

“Não.” Disse Alex. “Mas eu preciso... que me faça um favor.”

“Faço tudo. O que é que precisa?” Perguntou Michael.

O silêncio estendeu-se por um longo período e, durante um momento, Michael pensou que a ligação tinha sido desligada. Mas de seguida, Alex disse: “Encontre-o.”

“Encontre-o? A Quem?”

“Ele tem a resposta. Ele sempre teve a chave; apenas não sabia.” A voz de Alex estava a tornar-se fina e Michael sentiu que, nem a conversa, nem Alex iriam durar muito mais tempo.

Ele disse: “Diga-me, de quem está a falar, Alex. Você tem que me ajudar, se quer que eu o ajude.”

Quando não houve uma resposta imediata, Michael soltou um comando. “SIAC, ligue-me ao gabinete de comunicações da Terceira Estação do Canadá.”

“Yaxche.” Disse Alex, interrompendo Michael. “Você tem que o ouvir contar a história.”

E, em seguida, a ligação caiu.

Michael repetiu a ordem para SIAC estabelecer a comunicação. Ao fim de alguns minutos, ele conseguiu ligar-se com um operador da TEC.

“Aqui é Michael Sanderson.” Afirmou. “Ex-Diretor da Quantum Resources. Eu preciso de entrar em contacto com Alex Manes. É uma emergência.”

“É para já, senhor.” Disse a mulher.

Enquanto esperava, Michael controlou as emoções, que corriam em si,

desordenadamente.

No decorrer de um dia, ele tinha passado de uma alma perdida, a alguém com um propósito. Seria a emoção de um mistério científico, seria a promessa de maravilhas incalculáveis, ou seria a preocupação que ele sentia por este jovem, que estavam no cerne da questão? Ou seria uma combinação dos três?

A operadora voltou. “Sinto muito, senhor. Alex Manez foi internado na nossa unidade de cuidados médicos. Ele teve uma espécie de crise. Parece que ele não vai conseguir atender a sua chamada.”

“Claro.” Disse Michael. “Quem é o médico, que o está a assistir?”

“A Dra. Amma. Ela é a melhor neurologista da sua especialidade.”

“Tenho a certeza que sim. Escute, eu sei que não faz parte das suas funções, mas se você pudesse fazer o favor de me transmitir as atualizações sobre a situação de Alex, para este *link*, eu ficar-lhe-ia muito agradecido.”

“Sim senhor. Eu entendo a sua preocupação.”

Michael desligou e sentou-se na cama.

Encontrar Yaxche?

Que estranho, no início do dia Michael ter sabido do sequestro do velho e agora receber uma mensagem de Alex, a quase quatrocentos mil quilómetros de distância no espaço, a pedir-lhe para chegar ao fim deste mistério.

Uma das opções que Michael tinha, era apanhar um voo da Lunar Lines e ir ver Alex. O seu lado racional sabia que não havia nada que pudesse fazer, exceto ficar de vigília ao lado do seu jovem amigo e, no final, esse até poderia ser o único curso de ação que faria bem a qualquer um deles.

Mas, Michael tinha que se segurar à esperança de que existia, de fato, algo que poderia ser feito. Se encontrar Yaxche e descobrir porque é que os Cruzados o sequestraram e qual a chave que ele possuía inconscientemente, dessem a Alex, qualquer hipótese de sobreviver à sua condição, então Michael, realmente não tinha escolha relativamente a isso.

Resolvido no seu sentido de propósito, ele deslizou para dentro dos lençóis e forçou-se a adormecer.

Tinha um dia muito ocupado pela frente.

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Quando Alex saiu do seu transe, uma enfermeira correu para ele, parecendo preocupada.

“O que é que aconteceu?” Perguntou ele, com a voz grogue. Não conseguia concentrar-se. As luzes feriam-lhe os olhos.

“Alex, vai correr tudo bem.” Disse a enfermeira. A sua voz era abafada, como se estivesse a falar com ele a uma grande distância.

“Onde é que estou?” Perguntou.

A enfermeira colocou-lhe uma compressa fria na testa. “Você teve um ligeiro acidente vascular cerebral. Provavelmente apenas um efeito secundário da sua condição, juntamente com o *stress*. Você teve febre, mas a Dra. Amma disse-me que ficaria bom num dia ou dois. Apenas descanse.”

Ele deitou-se e fechou os olhos, não para dormir, mas na tentativa de regressar a um estado superconsciente e descobrir o que aquilo significava.

Todavia, a exaustão impediu-o de chegar a esse patamar transcendente. Ele abriu os olhos mais uma vez, mas a enfermeira tinha desaparecido.

Alex ergueu um braço para pressionar o botão de chamada, mas seus músculos estavam demasiado fracos para responder.

Triste, ele permaneceu na cama do hospital o resto da noite, esforçando-se para recapturar os seus pensamentos, mas encontrou-os tão evasivos como os seus sonhos, já esquecidos.

∞

A Dra. Amma visitou Alex bem cedo, na manhã seguinte.

“Alex, como se sente?” Disse ela. “Você pregou-nos um grande susto na

noite passada.”

Ela era baixa, de meia-idade e muito magra. Com o cabelo puxado para trás, num coque apertado, ela assumia uma vaga aparência de furão. De todas as pessoas na Terceira Estação do Canadá e de todos os funcionários da Quantum Resources, a Dra. Amma era a única que Alex pensava que realmente o queria ajudar. Todos os outros, o tratavam como um rato de laboratório ou como uma mina de ouro inexplorada.

“Eu estou bem.” Disse Alex.

“Você conseguiu dormir?”

“Eu não durmo.” Alex sorriu quando disse aquilo. A Dra. Amma fazia-lhe muitas vezes perguntas como aquela, como se tentasse apanhá-lo em contradição. Ela tinha um toque de psicóloga, pensou.

“Ah, pois é. No entanto, podemos sempre ter esperança.” Dra. Amma olhou para o seu painel holográfico e leu as suas notas. “Bem, parece que a sua contagem de eletrólitos regressou ao normal. Os sinais vitais estão estáveis.”

“Eu estou bem.” Disse ele. “Não foi um coma e não foi um acidente vascular cerebral.”

A Dra. Amma olhou diretamente para ele. “Todos os dados indicavam, que você apresentava sintomas de um episódio hemorrágico. Nós não pudemos efetuar uma TAC, por causa da sua condição pré-existente, mas assemelhava-se a um acidente vascular cerebral.”

Embora a capacidade eletropática de Alex, estivesse reduzida a uma sombra do seu antigo poder, ainda havia uma pequena quantidade de radiação residual nele, o suficiente para distorcer os resultados de qualquer raio-X ou eletroencefalograma. A falta de exames adequados, reduzia qualquer diagnóstico médico a nada mais do que um mero palpite.

“Eu estive consciente ao longo de todo o incidente” Alex disse-lhe. “Apesar de estar tudo nublado.”

A Dra. Amma estreitou os olhos. “E como é que você descreveria o incidente?”

Recostando-se na almofada, Alex olhou para o teto. “Eu estava separado de mim mesmo, mas ao mesmo tempo mergulhei em mim, mais profundamente do que antes.”

“Uma fuga dissociativa?” A Dra. Amma tentou adivinhar.

“Não. Foi mais um transe. Eu acho que...ou melhor, eu pertença a um lugar diferente, ou a um estado diferente e a minha consciência queria ir para

lá.”

“Você sabe onde é esse lugar?” Perguntou ela.

“Não.” Disse ele. “Eu perdi a conexão.”

“Espero que você não ponha a equipa médica em pânico, novamente.”

Alex sorriu. “Não. É lamento, se isso assustou toda a gente. Não foi intencional.”

A Dra. Amma puxou o painel holográfico para o peito e cruzou os braços sobre ele. “Alex, eu quero ajudá-lo. Eu preciso de saber tudo. Se você tem alguma ideia de como fazer para ficar melhor...”

Ele disse: “Coloque-me ao lado de uma reserva de Kinemet.”

“Você sabe que eu não posso.” Disse ela. “Eles deixaram de o minerar e tudo o que sobrou estão a armazená-lo, como se isso fosse a chave para a porta dos céus.”

**Contrato Comercial Holográfico:
Transcrição da Relações Publicas da Lunar Lines:**

Lentamente, o Sol instala-se sobre o crescente do horizonte da Terra. À medida que o Sol encontra a Terra, o seu halo explode num *flash* de luz.

LOCUTOR

A partir da Terra ...

O Sol desaparece na escuridão e uma lua cheia, brilhante e prateada, ergue-se em seu lugar, no céu noturno.

LOCUTOR

...para a Lua

Cortar para:

Estão vários passageiros no salão, sentados em bancos grandes, num bar, no interior luxuoso de uma nave da Lunar Lines. Eles estão a rir e às gargalhadas.

LOCUTOR

Porque não, viajar em grande estilo?

Cortar para:

Uma passageira coloca a cabeça numa almofada, na cama anatômica e puxa um edredão para se cobrir.

LOCUTOR

Lunar Lines - Nós levamo-lo lá.

**Nave da Lunar Lines, *Diana*:
Trânsito da TEC - Terra:**

Justine, normalmente, andaria a circular pela cabine da *Diana*, quando a nave espacial de carreira atingisse a velocidade de escape e os passageiros estivessem livres para deambular.

Como uma pequena celebridade, contratada para se misturar com os clientes num restaurante ou evento político, o trabalho principal de Justine era socializar, contar histórias dos seus dias como piloto e oferecer explicações técnicas de cada aspeto da sua viagem. Nada mais, do que colocar os viajantes à vontade.

A sua posição como guia de voo, não lhe dava a emoção de capitanear realmente uma nave, mas pelo menos ela estava no espaço, a falar das coisas que realizou com paixão.

Todavia, esta viagem em particular, ia ser terrivelmente aborrecida para ela.

O compartimento de carga, em si, englobava quase todo o comprimento da nave e a metade inferior da sua altura. Do ponto de vista financeiro, Justine sabia que a maior parte do lucro da empresa, vinha do transporte de mercadorias, ao invés das tarifas. Transportar passageiros, tinha mais a ver com uma questão de relações públicas, do que com qualquer outra coisa.

Sendo uma boa parte da carga bens perecíveis, destinados à Terceira Estação do Canadá ou à Estação da Lua, eles mantinham o calor da nave no mínimo. Justine tinha necessidade de usar uma camisola grossa de lã sobre o seu FatoPers, para se proteger do frio, e isso dificultava severamente os sensores. Infelizmente, o arnês era adaptado para se ajustar confortavelmente ao corpo e não se ajustaria por cima de uma camisola ou de um casaco.

Não ter o arnês, tornaria o seu trabalho de vagar pelo labirinto de

contentores um pesadelo, especialmente quando ela tinha que levar o carrinho de bebidas e de *snacks* da pequena cozinha, no andar de cima, para os soldados que guardavam a caixa blindada de Kinemet, na parte de trás do compartimento de carga.

Era ridículo pensar que, somente alguém com credenciais militares, era autorizado a servir os guardas, mas ela estava determinada a fazer o seu melhor.

Os oito homens uniformizados levavam o seu trabalho muito a sério. Eles eram uma tripulação muito silenciosa e, quando estavam de serviço, mantinham a sua posição em completo silêncio. Durante todo o percurso, dois deles estavam de guarda, de cada lado do contentor que continha o Kinemet. Eles mantinham as caçadeiras M72, de feixes de iões, preparadas. Dois outros soldados, vigiavam o perímetro do compartimento de carga. De três em três horas, eles revezavam-se uns aos outros, em turnos rotativos.

Quando chegou pela primeira vez ao compartimento de carga e foi apresentada aos membros do esquadrão, eles foram muito formais e só se dirigiam a ela como Major Turner, mesmo depois de ela lhes ter repetido: “Tratem-me apenas por Justine.”

Quando estavam no espaço, Justine perguntou-lhes quais eram os seus pedidos e eles olharam para ela com um terror gelado. Afinal, aqui estava uma astronauta reformada da NASA a providenciar-lhes bebidas.

“Senhores,” disse ela “se não me disserem o que querem beber, será uma seca de viagem.”

Acostumada a colocar as pessoas à vontade com a sua ex-celebridade, Justine recorreu a algumas piadas e fez questão de lhes perguntar sobre a família deles, na Terra, com o objetivo de os conhecer. Ao fim de algumas horas, eles já se sentiam relaxados na sua presença, embora todos permanecessem muito respeitosos e educados.

Eles respondiam às perguntas diretas de Justine, mas o único que saía do seu posto para fazer conversa com ela, era o líder do pelotão, o Tenente John Jeffries. Ele era muito jovem, todos eles o eram e Justine sabia que ele estava a tentar servir de exemplo, para os homens sob o seu comando. Porém, depressa se tornou realmente caloroso com Justine e, houve momentos em que, ela teve a certeza de que ele se esqueceu do seu estatuto de Major.

Quando os soldados não estavam de escala, ou dormiam, alguns liam livros e outros assistiam a Holovisores 3D nos seus painéis holográficos. O Tenente Jeffries tinha trazido um tabuleiro antigo e desafiou Justine para um jogo,

quando não estivesse de serviço. Ajudava a passar o tempo.

Normalmente, com o seu sensor de ligação óptica, ela era incapaz de discernir marcas em papel ou em cartão. Contudo, quando a ligação óptica foi presa ao cinto do FatoPers, ela pôde começar a distinguir alterações na cor e a interpretar as imagens bidimensionais na sua mente.

O único problema era que, enquanto jogava, tinha que tirar a sua camisola e geralmente tinha que parar ao fim de alguns jogos, antes de ficar com muito frio.

Durante o segundo período de folga do Tenente Jeffries, eles jogaram durante uma hora. Justine estava a ganhar por seis contra cinco pontos, ao Tenente, que tinha ganho a maioria dos jogos anteriores. Agora ela estava a ganhar e não queria desistir, apesar de estar a tremer com frio.

O Tenente Jeffries tinha cinco pontos a menos e Justine precisava de seis pontos para ganhar. Ela guardava os trunfos, uma vez que era a sua primeira vitória.

Ele jogou a sua primeira carta. “Três.” Disse. “Tente igualar estes quinze.”

Justine jogou também “Três”. “Seis para dois.” Calculou a sua pontuação, enquanto o Tenente Jeffries ponderava sobre a sua jogada seguinte. Era óbvio que ele mantinha as suas cartas mais baixas, numa tentativa para evitar perder o jogo. Ele jogou aquela, que Justine assumiu, que era a sua carta mais alta: o sete.

“Treze.” Disse ele.

Ela jogou o *jocker* e sorriu. “Quinze para dois. Faltam dois para ganhar.”

Ele hesitou e olhou novamente para as suas cartas. “Tem a certeza, de que essa coisa não tem visão de raio-X ou algo do género?”

Justine riu. “Sem desculpas. Prepare-se... para ser humilhado.”

“Ok.” Disse ele. “Aqui está o meu outro ‘três’. Dezoito.”

Com um movimento exagerado, Justine jogou o seu próprio ‘três’. “Vinte e um para dois. E... ganhei.”

A estalar a língua, o Tenente mostrou a sua última jogada. “Eu tinha um ‘cinco’.”

“Eu ganhava de qualquer maneira.” Justine mostrou-lhe o seu ‘quatro’.

Deitando as cartas na mesa, com uma indignação simulada, o Tenente disse: “Eu não a posso deixar escapar-se assim. Jogamos mais um?”

“Eu gostaria, mas você não teria que se esforçar muito para ganhar a um cubo de gelo.” Justine riu-se e enfiou a camisola grossa por cima da cabeça, reduzindo a sua visão para o nível regular da ligação óptica. “Além disso,

está na hora de eu fazer uma ronda. Precisa de alguma coisa?”

“Não, obrigado.” Disse ele. “Ei, eu sei que esta deve ser a pior missão que já teve.”

“Não é a pior.” Disse Justine, com um sorriso equívoco.

“Comparada com voar até Plutão?” Perguntou ele, enquanto arrumava as cartas. “Trabalhar como hospedeira deve ser difícil.”

Esfregando as mãos para estimular a circulação, Justine encolheu ligeiramente os ombros. “Pode não ser tão emocionante,” disse ela “mas pelo menos eu posso contar as minhas aventuras e eles pagam-me para isso.”

Levantou-se e, depois de anotar os pedidos dos outros soldados, fez o percurso até ao elevador e foi até à cozinha.

Para além da tripulação do voo e da equipa hospedeira, mais ninguém sabia que Justine estava a bordo. Ela era facilmente reconhecível e, se algum dos passageiros a visse, poderia fazer perguntas sobre a NASA, que os militares não iriam querer responder.

Enquanto ela estava a carregar um carrinho com *snacks* e bebidas, Brandi, uma das hospedeiras, entrou na sala apertada e caminhou diretamente para ela. Justine não conseguia ver a expressão no rosto da sua colega, mas a voz da mulher continha uma mistura de preocupação e perplexidade.

“Temos uma chamada para si.” Disse Brandi.

Justine sacudiu a cabeça. “Ninguém sabe que eu estou aqui. Tem certeza de que é para mim?”

Brandi assentiu.

“Quem é?” Perguntou Justine.

“Não sei. Está codificada.”

Pensando que poderia ser o Diretor Mathers, a perguntar como as coisas estavam a correr, Justine acenou para Brandi. “Obrigado.”

Depois de colocar o carrinho da comida no refrigerador ambulante, Justine fez o percurso em direção à cabine, fora da qual havia um pequeno cubículo para comunicações.

Era uma chamada de vídeo, por isso não era necessário que Justine tirasse a camisola. O sensor regular de ligação óptica, podia traduzir as imagens digitais na tela, como se ela tivesse a sua visão normal.

Ela entrou dentro do cubículo, fechou a porta e ligou o painel holográfico.

Apareceu um rosto familiar, no entanto inesperado e, Justine, ficou momentaneamente surpreendida.

“Clive!”

Quando Alex tinha regressado de Centauri, Justine quis estar na Lua quando ele voltasse e passou algumas horas a falar com ele. Depois que Alex foi levado de volta para a Terra, pelos funcionários da NASA, Justine permaneceu mais alguns dias para um interrogatório com Clive Wexhall, que ainda era agente da NASA na Lua.

Na primeira noite, ele convidou-a para jantar. Justine não sabia se tinha sido a sua euforia, por Alex estar de regresso e a salvo, ou o seu próprio sentido de isolamento, devido à cegueira e ter descido de estatuto de voo, ou se tinham sido as várias taças de vinho, o certo é que acabou por passar aquela noite, bem como todas as outras, durante a sua visita, com Clive.

Quando regressou à Terra, ela afastou-se, até que o episódio se tornou nada mais do que uma breve aventura. Mas Clive quis vê-la novamente.

Apesar das suas posteriores chamadas regulares, ela tentou manter as suas emoções sob controlo e conservar o relacionamento num nível superficial.

Quando obteve o emprego na Lunar Lines, há seis meses, Clive de alguma forma descobriu e, estava à sua espera, na primeira vez que ela atracou na Estação da Lua.

Eles passaram todo o tempo desses dois dias de trânsito juntos, como se nunca se tivessem separado. Justine dissera a si própria, para não se deixar dominar pelos sentimentos. Tinha explicado a Clive, que não estava pronta para algo mais sério na sua vida. Ele disse-lhe que estava perfeitamente bem com isso.

Sempre que Justine estava ausente, eles permaneciam amigáveis e platónicos; mas sempre que ela estava na Estação da Lua, ficava com ele no seu apartamento. Eles tinham caído numa rotina, mas Justine não queria alterar o seu acordo.

Ela não tivera tempo para entrar em contacto com Clive, antes da nave espacial de carreira decolar e, normalmente, ele não iria contactá-la enquanto estivesse de serviço, pelo que ela estava surpreendida que ele tivesse conseguido localizá-la. Não era suposto ninguém saber sobre a sua presença a bordo da nave.

“Também estou a gostar de a ver.” Respondeu ele com um sorriso brincalhão e um ligeiro sarcasmo.

Quando Justine não respondeu logo, Clive fingiu ficar magoado.

“Desculpe.” Disse ela. “Claro, que estou feliz em vê-lo. Você sabe disso. Não estava à espera que me ligasse para aqui.”

“Não gosta de surpresas?” Ele perguntou com um sorriso. “Eu teria ligado

antes que saísse, mas estava atolado em papelada até ao pescoço, a organizar a transferência e o armazenamento da sua, ãh, como posso dizer...preciosa carga.”

“Você sabe sobre a expedição?” Perguntou ela.

“Quem é que acha que a recomendou para o trabalho?”

Os olhos de Justine lançaram chamas. “Você! Você é responsável por eu ter passado as últimas dez horas, a congelar num compartimento de carga? E nem sequer me avisou?”

O seu sorriso ficou mais amplo. “Peço desculpa por isso” disse ele, sem soar arrependido. “Mas eu achei que seria uma boa oportunidade para si.”

“O quê?” Justine não acreditava no que estava a ouvir. “E como é que isto é uma boa oportunidade para mim? É tão secreta que não tive conhecimento disto, até poucos momentos antes de embarcar. E é tão entediante, que estou prestes a ficar louca de tédio. E já mencionei,” acrescentou “que tenho o rabo a congelar?”

Clive sorriu. “Eu tenho uma notícia que a pode aquecer.”

Ela apontou-lhe um dedo de advertência. “É melhor que seja boa.”

“Eu arranjei forma de acompanhar, tanto a si como à carga, da TEC até à Estação da Lua.”

“Arranjou?” Justine sentiu-se corar. Então pestanejou. “De onde é que está a ligar?”

“Acabei de chegar à TEC, há cerca de meia hora atrás. E também fiz reservas para uma cabine privada no restaurante Vista da Terra. Também tenho bilhetes de camarim para La Dance Des Étoiles.”

“Eu sempre quis ver esse espetáculo.” Disse Justine, com a voz a suavizar-se.

“Não faz sentido gastar as oito horas da escala, como você disse, a congelar o rabo no compartimento de carga da nave de carreira. Há imensas coisas para fazer na TEC.”

“Clive, se eu não o conhecesse melhor, eu diria que você estava a tentar amaciar-me para conseguir alguma coisa.”

Ele riu-se. “É tudo por razões puramente egoístas, eu garanto-lhe. Só quero que você comece a pensar em mim, como mais do que um namorado bimensal.” O tom de Clive tornou-se sério, naquela última parte.

Justine ignorou a sua declaração. Ela estava confortável com o modo como as coisas eram. Tinham ocorrido demasiadas mudanças na sua vida, ao longo dos últimos anos, e estava apenas a começar a colocar os seus pés no chão e a

ajustar-se às suas circunstâncias.

Ela realmente ficava ansiosa em passar alguns dias, a cada duas semanas, com Clive, literalmente, na Lua. Mas, com a ocupada agenda política dele e as constantes viagens dela, Justine não sabia se poderia haver alguma maneira deles levarem a relação para o próximo nível. Ou mesmo, se era isso que queria.

Pensar em algo mais do que aquilo, assustava-a. O seu casamento com Brian, há muitos anos atrás, tinha sido um desastre e a culpa não tinha sido dele. Ela sempre foi uma mulher com um espírito de carreira e tinha os olhos e o coração postos nas estrelas.

Mesmo agora, que já não podia ser capitã de uma nave, no fundo, ela mantinha o desejo de regressar ao espaço, como algo mais do que uma mera guia turística. Ela não queria estar presa à Terra ou à Lua. Era uma ideia ridícula, mas ela esperava que a tecnologia avançasse, ao ponto de lhe poder restaurar completamente a visão, ou fornecer-lhe um dispositivo-prótese menos pesado que o FatoPers.

“Hey.” Disse Clive. “Eu não tive a intenção de a preocupar.”

“Não, de modo algum.” Justine sorriu, para mostrar que não estava chateada. “Mas enquanto você está num estado de espírito generoso, talvez eu o possa levar a fazer-me um favor muito especial.”

Ele levantou uma sobrancelha.

Justine disse: “Talvez você me possa ajudar em relação a Alex Manez.”

Clive fez um som áspero com a garganta. “Esse assunto novamente não. Desde que a Quantum Resources se tornou propriedade inteiramente canadense, que eu nem sequer tenho autorização para perguntar se eles têm algum Kinemet e muito menos pedir-lhes que o utilizem para...”

Então, de repente, ele descobriu onde Justine queria chegar.

“Nem pensar.” O rosto de Clive ficou vermelho e ele baixou a voz. “Eu realmente espero que você não esteja a sugerir contrabandear algum do nosso Kinemet, para fora dessa nave.”

Justine sacudiu a cabeça e estalou a língua. “Clive, você sabe que eu nunca iria pedir-lhe que fizesse algo do género.”

“Então... o é que quer?”

“Que tal fazer exatamente o oposto?”

Clive olhou para ela por alguns segundos, confuso.

“Mas...” Depois suspirou. “Oh, já entendo.” Ele parecia relutante, mas disse: “Sim, eu acho que isso pode tentar-se.”

**Quantum Resources:
Toronto:
Corporação do Canadá:**

Toronto era muito diferente de Ottawa, tanto na arquitetura, como na cultura. Embora os planificadores da cidade capital da nação, tivessem tentado manter a expansão da cidade espalhada por uma área grande, Toronto abrigava alguns dos arranha-céus mais impressionantes do país. Enquanto Ottawa era um ninho para a política, o foco de Toronto era o comércio.

Inicialmente, quando a Quantum Resources foi constituída, a sua finalidade era desenvolver o Kinemet, para que se tornasse numa fonte de combustível utilizável no voo interestelar. Desde que as missões *Quanta* tinham falhado, sistematicamente e a missão de Alex se transformou num desastre de relações públicas, a capacidade da Quantum Resources de obter financiamento para investigar a nova tecnologia, ficou severamente prejudicada. Após a Corporação do Canadá ter comprado todas as ações em circulação e ter colocado a Quantum Resources sob a égide da Divisão de Mineração Espacial, o Diretor da DME tinha mudado a finalidade da QR, com o objetivo de tornar a empresa novamente rentável.

Nos seus primeiros anos, a Quantum Resources atraiu alguns dos melhores cientistas do campo da astronomia e da física e seria vergonhoso desperdiçar o poder dos seus recursos intelectuais. Enquanto alguns dos recursos da empresa ainda estavam reservados, para analisar o que sabiam sobre o Kinemet, na esperança de um dia o transformar num combustível viável, o principal impulso dos seus esforços, era o de melhorar as tecnologias existentes e aumentar a sua eficiência.

Como antigo funcionário, Michael ainda recebia os relatórios trimestrais por correionet. Nos dois últimos trimestres e, pela primeira vez desde a sua

constituição, a Quantum Resources estava a ter prejuízo.

Quando o autotáxi deixou Michael num complexo de escritórios, num edifício arranha-céus que não reconheceu, ele voltou a verificar o destino que tinha digitado no ecrã de navegação. O diretório confirmou que este era o local da Quantum Resources.

Já se tinham passado alguns meses, desde a última vez que Michael tinha falado com Calbert mas, naquela altura, o seu antigo colega não tinha mencionado nenhuma relocação futura.

Michael autorizou o débito do pagamento e, com a sua mala na mão, saiu do veículo e entrou no edifício.

No hall de entrada, ele aproximou-se do balcão da receção e consultou a lista das empresas. Os escritórios da Quantum Resources ficavam localizados no trigésimo andar.

Quando Michael saiu do elevador, encontrou uma cena caótica. Engenheiros e eletricistas de construção, estavam a levantar paredes, a colocar fios elétricos e a criar estações de trabalho.

Dirigindo-se a um construtor, Michael disse: “Olá, eu não tenho certeza se estou no lugar certo. O Calbert Loche está?”

O construtor apontou para um corredor em construção. “Sim. O escritório dele fica lá atrás.”

“Obrigado.” Michael sorriu e deixou-o voltar ao trabalho, caminhando por entre as pilhas de telhas do teto, molduras de aço e ferramentas espalhadas.

Quando chegou ao final do corredor, ele ouviu a voz inconfundível do seu ex-braço- direito.

“Eu não quero saber, como é que vai fazer isso.” Disse Calbert Loche, enquanto olhava para fora da janela, de costas viradas para a porta e para Michael. “Precisamos da ligação à rede a funcionar, até ao final do dia.”

Calbert virou-se, quando Michael entrou no escritório em construção e o olhar nublado do seu rosto desapareceu, quando reconheceu o seu antigo chefe. Ele fez sinal para Michael se sentar, enquanto terminava a conversa.

“Sim, vão estar aqui pessoas toda a noite. Eu não me importo com as horas extraordinárias, só quero que faça com que os seus funcionários, consigam ter a ligação a funcionar pela manhã.” Ele parou para ouvir a resposta e então assentiu. “Boa. É isso mesmo que eu quero ouvir.”

Calbert tocou gentilmente no sensor do comunicador na sua têmpora, para o desligar. O seu sorriso alargou-se, quando estendeu a mão sobre a mesa para apertar a mão de Michael.

“Há muito tempo que não o via.” Disse Calbert e apontou para o queixo de Michael. “Parece que as ervas daninhas, estão a ganhar espaço no jardim.”

Michael riu-se e esfregou os dedos pela barba grisalha. “Foi do *stress* de lidar com os meus funcionários atrevidos, ao longo dos anos.” Disse com um sorriso.

Apontando para uma cadeira do outro lado da mesa, Calbert afundou-se na cadeira e, inclinou-se para trás.

Ele olhou para Michael com um sorriso alegre. “Como é que tem passado?”

Michael concordou. “Bem. Muito bem.”

“Mantém-se ocupado?”

“A ler uma pilha de livros.” Michael acenou com sua mão em volta do escritório. “Não sabia que vocês se tinham mudado.”

“Expandido.”

“O quê?”

Os olhos de Calbert arregalaram-se. “Estamos a manter os principais laboratórios onde estão e a mudar a parte administrativa para aqui.”

“Oh! Uma nova descoberta?”

“Hã?” Disse Calbert. “Quem me dera. Não, sem Kinemet, estamos apenas à volta do mesmo. Há cerca de seis meses, o nosso dinheiro da concessão terminou e todos pensámos que era o fim. Mas, depois, a corporação chilena descobriu acerca das nossas experiências com o ‘craqueamento a vapor’. Como se pode ver, é totalmente inútil para fins quânticos, mas abre outras possibilidades. Eles abordaram-nos sobre a utilização da tecnologia para aumentar a eficiência das suas fábricas de hidrogénio. Nós aplicámos algumas das nossas teorias nos sistemas deles e a produção quase que duplicou, com apenas um leve investimento. Desde então, fizemos contratos com dezenas de outras fábricas de energia, espalhadas pelo mundo. Não é um trabalho glorioso, mas serve para pagar as contas.”

“Isso é fantástico.” Disse Michael.

“E o lucro extra livra-nos da pressão de Ottawa e permite-nos manter os nossos laboratórios na TEC, que” disse ele, com a voz medida e cuidadosa “é a razão pela qual você está aqui. Certo?”

Concordando, Michael disse: “Sim. Eu recebi um telefonema estranho de Alex, na noite passada.”

“Eu sei. Recebi o relatório esta manhã.” Calbert levantou-se e olhou pela janela. “Você sabe que eu estou de mãos atadas. A DME tem poder sobre nós

e toma as decisões. No que lhes diz respeito, eu sou apenas um administrativo. Quem me dera poder ajudar.”

Michael limpou a garganta. “Talvez ainda possa.”

“Como?” Perguntou Calbert. “Eu sei que você já tentou através de Alliras, mas desde que a EUA, Inc. parou de nos financiar, que a DME não está disposta a gastar ativamente recursos para procurar mais Kinemet. Não temos nenhum em nossa posse e, se a NASA tem algum que sobrou, está sob sigilo.”

“Eu sei.”

Calbert, a soar simultaneamente defensivo e frustrado disse: “Eu tenho alguns contactos nas equipas de pesquisa da DME. Se alguém descobrir alguma informação sobre o Kinemet, pode ter a certeza que serei rapidamente informado.”

“Eu sei.” Repetiu Michael.

“Tenho a certeza de que as coisas vão mudar daqui a alguns anos e poderemos começar a mineração de Kinemet novamente.”

Michael balançou a cabeça. “Alex não tem assim tanto tempo. Mas não é isso que eu quero falar consigo.”

“Não?”

“Você tem uma transcrição da chamada que recebi de Alex?” Michael sabia que Calbert tinha. Alex era um segredo único e muito bem guardado e qualquer coisa que ele dissesse, era catalogado, mapeado e analisado.

“Sim...?”

Michael inclinou a cabeça. “Ele pediu-me para encontrar Yaxche.”

“Eu ouvi falar sobre o sequestro e o roubo. Lamento pelo velho homem, mas no que diz respeito ao pergaminho, é uma causa perdida. Não sei porque é que alguém se iria dar a todo esse trabalho.”

“Mas alguém deu.” Michael recostou-se na cadeira. “Alex, obviamente, acha que aquilo tem mais do que nós descobrimos e os ladrões também pensam assim. E, não tenho a certeza se você reparou mas, Alex pediu-me para encontrar o homem, não o pergaminho.”

Calbert lentamente sentou-se outra vez. “Eu reparei nisso. O que é que acha que isso significa? Você acha que Alex sabe alguma coisa, que nós não sabemos?”

“Se sabe, ele não tem consciência disso. Mas parece que há aqui alguma validade, mesmo se não existir nenhuma evidência concreta. Talvez exista algo, que nos tenha escapado na tradução.”

“Está bem.” Disse Calbert. “Vamos dizer que existe alguma relevância em encontrar Yaxche, para além das razões humanitárias. O que é que o faz pensar, que o Conglomerado das Honduras já não esteja a fazer o que pode?”

“Talvez eles não considerem que isso seja uma prioridade tão alta quanto eu,” Michael respondeu “ou tão importante como Alex pensa.”

Esfregando o lábio superior, Calbert disse: “Não estou a dizer que concordo ou discordo mas, mesmo que eu concordasse, o que é que posso fazer?”

“George Markowitz está a fazer alguma coisa importante, nas próximas duas semanas?”

“George?” Calbert inclinou-se para a frente, parecendo genuinamente surpreendido. “O que é que ele tem a ver com isto?”

“Eu vou para as Honduras procurar Yaxche. Gostaria que George viesse comigo. Mais especificamente, eu gostaria que você lhe atribuísse a missão de vir comigo.”

“Porquê?”

Michael levantou a mão e enumerou com os dedos. “Antes de mais, ele é a única pessoa que conheço, que conheceu Yaxche. George foi lá algumas vezes. Ele conhece a área. Além disso, ele é extremamente bom em pesquisa e nesse tipo de quebra-cabeças prático.”

A tocar no dedo seguinte, Michael disse: “Em segundo lugar, se você lhe der essa missão e o fizer por escrito, isso vai dar-nos alguma legitimidade perante a Copán Departamental. Poderemos dizer que estamos em missão oficial. Caso contrário, eu serei apenas um turista intrometido.”

Calbert respirou. “Tudo isto é demasiado, para antes do meu segundo café, Michael. Você já considerou os Cruzados? Se foram eles quem realmente o raptaram, acha que vão simplesmente entregá-lo a um colarinho branco reformado?”

“Eu não estou a planear uma incursão de guerrilha.” Disse Michael. “Quando descobrir onde ele está, vamos entregar o caso às autoridades hondurenhas. Eu sei que eles consideram o documento um tesouro nacional. Irão tomar medidas. Além disso, eu estou com artrite nos joelhos; não sou nenhum herói.”

Calbert recostou-se na cadeira. “Ainda não estou convencido.”

“Fazemos o seguinte, dê-nos duas semanas. Se não obtivermos nada, para além de disenteria, então voltamos para casa. A menos, claro, que você precise de George para qualquer outra coisa...”

“Não, ele anda a analisar flutuações hídricas. Coisa que qualquer estagiário pode fazer.”

“Bem, então?”

Calbert encolheu os ombros. “Está bem. Está Bem. Vamos falar com George e ver como é que ele se sente, em relação a isto.”

∞

Calbert debateu-se com o tráfego, ao atravessar a cidade, enquanto levava Michael aos laboratórios da Quantum Resources.

Como uma das poucas corporações do país, que ainda funcionava de forma rentável, a Corporação do Canadá atraía imigrantes de todo o mundo. A política nacional, tinha sido sempre dar boas vindas ao afluxo de pessoas novas, só que, nas cidades principais, as infra-estruturas tinham sido levadas ao limite. Nos últimos dois anos, o governo emitiu uma moratória para os novos vistos.

A população e a superlotação, eram sempre uma grande preocupação. As estações espaciais e as colónias na Lua eram demasiado caras, para proporcionarem uma solução viável para a superpopulação. No fundo da mente de Michael, bem como na de todos os outros, existia uma certeza; a possibilidade de existirem planetas que pudessem sustentar a vida noutros sistemas solar. Só que, também existia uma outra preocupação; a de que, quando se entrasse em contacto com a cultura alienígena, aquela que tinha construído os faróis estelares, a população entrasse em euforia demográfica e o Planeta atingisse níveis incontroláveis.

Quando a primeira missão *Quanta* foi anunciada, ocorreu uma onda de esperança no futuro e, como resultado, ocorreu também uma explosão populacional, à medida que as pessoas anteciparam o comércio, o intercâmbio e a migração interestelar.

Essa esperança tinha sido frustrada, quando Alex regressou com a notícia de que não tinha feito contacto e que não havia sinais de vida em Centauri. As inúmeras tentativas, sempre falhadas, para desenvolver a capacidade eletropática noutros pilotos e, a não utilização posterior dos projetos *Quanta*, só serviu para diminuir a confiança do mundo. Como os mercados despenharam e as ações das corporações dos países desvalorizaram, houve um aumento das taxas de agitação civil e de crime, por todo o mundo.

Na sua mente, Michael sentiu como se tivesse responsabilidade, no rumo que a humanidade estava a tomar, já que ele tinha estado envolvido naquilo,

desde o início. Talvez um pouco do seu descontentamento, nos últimos anos, fosse porque ele considerava todo aquele assunto mal resolvido.

No fundo ele queria ajudar Alex, não havia dúvidas disso. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se revigorado, agora que tinha renovado o seu propósito.

“Eu estive a pensar.” Disse Calbert, enquanto se desviava para evitar chocar com um *drone* estafeta. “Com a nossa atual expansão, vamos recrutar mais técnicos e pesquisadores. Eles vão precisar de alguém com formação científica e capacidade administrativa.”

“Oh!” O interesse de Michael aguçou-se.

“Por isso, quando voltar, talvez possa considerar tomar um lugar na empresa. Eu ia perguntar-lhe há alguns meses, mas...”

Há alguns meses, Michael teria dito “não”, ele encontrava-se muito dilacerado pela dor da perda da sua mulher. Melanie sempre o apoiou na sua carreira e ele sabia que ela não iria querer vê-lo chafurdar numa existência sem rumo. Agora, as coisas eram diferentes.

“Soa-me perfeito.” Disse ele imediatamente, incapaz de parar de sorrir como uma criança.

“Tratamos dos detalhes mais tarde. Claro, há algumas condições.”

Michael concordou. “Diga.”

“Primeiro, você tem que ser capaz de receber ordens minhas. É um pouco uma troca de papéis, desde a última vez que trabalhámos juntos.”

“Não tenho nenhum problema com isso.” Disse Michael e estava a ser sincero. Ele sempre acreditou totalmente em Calbert, caso contrário, nunca o teria recomendado para a sua atual posição como Presidente da Quantum Resources, Inc. “Mais alguma coisa?”

“Só mais uma coisa” disse Calbert, numa fala arrastada.

“Sim?”

Calbert apontou. “Livre-se da barba.”

∞

Eles chegaram aos laboratórios da Quantum Resources sem incidentes e foram procurar George Markowitz. Quando o encontraram, ele estava sentado dentro de um tanque de vidro selado, cheio de água. Ele usava uma roupa de mergulho e uma máscara complexa, que parecia saída de um romance de ficção científica. De dentro de lentes verdes, luzes piscavam, à medida que os sensores captavam dados e os transmitiam a um computador, ao lado.

Quando viu Michael e Calbert, George emergiu à superfície e tirou a máscara.

“Michael!” Disse. “Há quanto tempo.”

“É verdade. Espero que não estejamos a interromper algo demasiado importante.”

“Nah. Estamos apenas a testar um novo composto selante contra o *stress*. Alguns dos países tropicais são muito mais quentes e mais húmidos do que os outros e, por vezes, o composto selante padrão muda.” Ele tinha um sorriso largo no rosto. “Eu dava-lhe um aperto de mão, mas não o quero molhar.”

Calbert disse: “Na verdade, se você não se importasse de fazer uma pausa, nós gostaríamos de falar consigo sobre outro projeto.”

“Sim, claro.” George saiu do tanque e desceu a escada com elegância. Para um homem na casa dos cinquenta, ele permanecia em muito boa forma. As rugas de expressão nas têmporas, contrabalançavam as madeixas prateadas, que escorriam do seu cabelo escuro.

Michael sentia falta do entusiasmo infantil de George, por todas as coisas científicas. Ele tinha mudado completamente, desde os seus dias amargos na NASA, a trabalhar sob as ordens do seu vingativo cunhado. Mesmo na sua atual tarefa mundana, ele florescia na Quantum Resources. Era bom ver as pessoas confortáveis no seu elemento.

George ficou a olhar para ambos os recém-chegados, na expectativa.

“Talvez deva mudar de roupa.” Sugeriu Calbert. “Isto pode levar algum tempo.”

Michael disse: “Ou, em vez disso, poderíamos ir todos almoçar mais cedo.”

∞

Eles foram comer a um *pub*, que ficava em baixo, numa esquina. Enquanto George dizimava uma *sanduíche reuben* e a empurrava para baixo, com uma caneca de vidro fosco de cerveja, Michael contou-lhe o que tinha acontecido com Alex e o pedido para encontrar Yaxche.

“Eu ouvi falar sobre o sequestro.” Disse George. “Ele era um velhote muito agradável. Espero que esteja bem.”

Michael fez uma careta. “Tenho a certeza de que está. O Cruzados devem acreditar que ele sabe mais alguma coisa sobre o pergaminho, do que aquilo que nos disse.”

Balançando a cabeça, George disse: “Você acha que ele nos enganou,

durante este tempo todo? Eu só falei com ele algumas vezes, mas enganar, não é da sua natureza. Não acredito que ele tenha mentido.”

“Nem eu, mas talvez algo tenha continuado, simplesmente, a perder-se na tradução. Acredito que chegámos a um ponto crucial disto tudo” disse Michael. “Alex, bem como os rebeldes, obviamente pensam que o pergaminho irá fornecer a descoberta que temos estado à procura. E eu também acho.”

George limpou os dedos a um guardanapo. “Está bem. Conte comigo.”

“Tem a certeza?” Perguntou Michael.

Olhando para Calbert, que assentiu, George sorriu como uma criança com um novo brinquedo. “Sabe, de certa forma, eu sempre senti que fui um dos pioneiros, ao descobrir o pergaminho na posse de Yaxche. Doía-me pensar, que ninguém conseguia decifrar aquilo. Passei horas a olhar para os relatórios e a estudar as simulações e as gravações, mas gostava de investigar isto pessoalmente.”

Calbert terminou de teclar alguns comandos no seu painel holográfico portátil e disse: “Está bem. Já emiti as ordens para o escritório da sede, a restabelecer Michael no ativo e a informá-los da sua participação no terreno. Têm ambos reservas num voo para Tegucigalpa.” Ele acenou-lhes e piscou o olho. “É melhor irem fazer as malas!”

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Alex sentou-se sozinho numa mesa do refeitório. Ele estava sozinho, no meio de uma multidão de adultos. Alguns rostos familiares balançavam a cabeça e sorriam para ele, mas ninguém o convidava para tomar a refeição.

De certa forma, ele não os podia culpar. Ele era uma anomalia. Sendo o primeiro e único viajante interestelar da história, Alex não se parecia em nada com um pioneiro ou com um herói. Ele parecia-se com um menino doente e a maioria das pessoas afastava-se, quando o via.

Com os olhos postos no prato de batatas fritas, Alex suspirou e virou a mente para as suas memórias. Desde a noite do seu colapso, que ele não conseguia alcançar esse estado transcendente novamente. Tinha sido esgotante e Alex sentiu-se extremamente fraco, nos dias a seguir.

Mas havia algo no espaço, que ele precisava de compreender. Tinha sido efetuada algum tipo de conexão metafísica, quando ele esteve em estado quântico. Seria aquela voz que o assombrava? O que é que ela queria?

No início daquela manhã, ele tinha tentado enviar uma mensagem a Michael, para o informar de que estava bem, mas só conseguiu apanhar o atendedor de chamadas a dizer que Michael estava fora da cidade, mas que iria verificar periodicamente as suas mensagens.

“Importa-se que me junte a si?” Disse alguém, interrompendo os seus pensamentos.

Alex, surpreendido, olhou para cima e viu Kenny a sorrir-lhe.

“Oh, sim. Com certeza.”

Kenny sentou-se e colocou o seu almoço em cima da mesa. Era uma espécie de sopa de legumes e uma sanduíche tostada.

“Você já se sente melhor?” Perguntou Kenny, enquanto partia algumas bolachas salgadas aos pedaços e as afundava na sopa.

“Suponho que sim.” Sem saber o que motivou Kenny a sentar-se com ele, Alex estava relutante em dizer muito.

“Você deu-nos a todos, um grande susto.”

“Dei?” Falou Alex com uma voz dramática. “Isso é bom.”

Kenny olhou para Alex durante um momento e ia dizer algo, mas Alex sorriu, para mostrar que estava a ser jocoso.

Utilizando a colher, para enterrar os pedaços de tosta mais resistentes na sopa, Kenny disse: “Eu acho que toda a gente tende a pisar em ovos, quando está perto de si. Ninguém sabe realmente o que é que você pode e não pode fazer. Tenho a certeza de que isso o faz sentir-se menos humano, às vezes.”

“Ou mais do que humano.”

Kenny respirou fundo. “Vou repetir novamente. Acho que começámos mal e a culpa é minha. Eu sou novo aqui e só queria impressionar toda a gente. Sinto muito, se parecia que eu o estava a usar como um meio para esse fim. Eu sou realmente uma boa pessoa, quando me conhecer melhor.”

“Obrigado.”

A apontar para o almoço de Alex, Kenny perguntou: “Você não tem fome?”

“Estou a morrer de fome.” Disse Alex. “Mas não de comida.”

“Olhe, se eu pudesse fazer alguma coisa em relação a isso...”

Alex ofereceu-lhe um sorriso conciliador. “Eu sei.”

Girando a colher na sua sopa, distraído, Kenny aproximou o seu rosto, com um olhar de preocupação.

Ele disse: “Eu queria falar mais consigo, sobre aquilo que mencionou no laboratório.”

“Crisálida.” Alex pegou numa batata frita e mordeu-a.

“Sim, para começar.” Ele olhou nos olhos de Alex. “Eu revi todos os relatórios. Só encontrei um em que isso é mencionado e o Dr. Hoit, que era o chefe das experiências da *Quanta* naquela época, basicamente rejeitou a ideia. Estou sem vontade de repetir as palavras dele, com exatidão.”

“Você não tem que o fazer. Eu li o relatório.”

Kenny olhou assustado.

Alex disse: “Naquela época, eu ainda tinha as minhas capacidades. Podia ver para além da minha escala normal de visão.”

“Uhm.” Kenny parecia desconfortável. Nem toda a gente conseguia

acreditar que Alex tinha tido esses poderes, a menos que o vissem com os seus próprios olhos. “OK. Então, vamos fingir que eu tenho uma mente mais aberta, do que alguns dos outros. Quer falar-me sobre essa crisálida?”

“Não há realmente muito a dizer.” Disse Alex. “Tanto a NASA, quando estava responsável pelo projeto, quanto a Quantum Resources, lidaram com isso da maneira errada desde o início. O que eles não percebem, é que eu não deveria ter sobrevivido à minha primeira exposição ao Kinemet. Eu tentei avisá-los, mas eles tornaram tudo confidencial. Às vezes, as pessoas ficam presas numa noção nas suas cabeças e não estão dispostas a acreditar em nada, que vá contra isso.”

“Eu tenho que admitir, isso é territorial.” Acrescentou Kenny. “Os cientistas podem ser as pessoas com o espírito mais fechado, que você já conheceu.”

Alex riu sem humor. Então disse: “Todo o projeto *Quanta* estava condenado ao fracasso, desde o início. Uma das razões pelas quais eu me envolvi, no início...”

“Ao sequestrar a *Quanta*.” Acrescentou Kenny, torcendo os lábios num meio sorriso.

“...Foi porque eles assumiram que o piloto, uma vez exposto ao Kinemet, iria regressar automaticamente a um estado material e ligar os sistemas elétricos, quando chegasse ao seu destino e, por sua vez, iria ser capaz de amortecer o Kinemet reagente.”

“E você sabia que haveria um atraso maior, do que aquele que era necessário? O relatório dizia que eram necessários vários segundos, até que se rematerializasse. Demasiado tempo, como se concluiu.”

“Eu não sabia que iria ocorrer um atraso no meu regresso ao espaço normal, mas sabia que não haveria tempo suficiente para reiniciar os geradores, carregar a bateria e acionar os amortecedores. A primeira vez que fiquei exposto ao Kinemet, eu estava demasiado desorientado para ser de alguma utilidade. Qualquer piloto, nessa situação, levaria muito tempo a lembrar-se do que tinha que fazer, antes de o poder fazer. Era também uma tolice, por parte dos físicos da NASA, pensar que era necessário irradiar um piloto, *durante* o voo em estado quântico, para o transformar.”

Alex respirou fundo. “Mas não era só nisso, que eles estavam errados.”

“Não era só nisso?” Kenny estava, obviamente, a esforçar-se para entender o que é que Alex queria dizer.

“Viajar à velocidade da luz é importante.” Disse Alex. “Mas a forma como

eles estão a fazer isso, está errada. Você tem que aprender a gatinhar, antes de poder andar e precisa de aprender a andar, antes de poder correr. A partir do momento em que o Kinemet foi descoberto, todos se direcionaram logo para a intenção de voar pelo espaço interestelar. Ignoraram uma série de passos necessários, antes que pudessem entender o Kinemet e, muito menos, dominá-lo.”

“Passos?” Perguntou Kenny.

“Para começar, como com qualquer radiação, a exposição radical, pode resultar em morte. Foi por isso que eles extinguiram os projetos *Quanta*, uma vez que, quase todos os pilotos que eles expuseram ao elemento, ou morreram ou estão em coma.”

“Mas você foi exposto.” Disse Kenny. “Duas vezes.”

“Na segunda vez, eu já estava parcialmente transformado. A exposição adicional não fez nenhum efeito. A primeira vez que fui exposto, fui parcialmente protegido pela UHTA (unidade de habitação temporária asteroidal) e também estava suficientemente longe do ponto de origem, para que os efeitos fossem amortecidos. Foi um golpe de sorte; eu deveria ter morrido... tal como os meus pais. Mas acredito que houve algum tipo de catalisador, que mudou a natureza do Kinemet, antes que me irradiasse.”

Kenny mordeu o lábio inferior. “Você está a referir-se à forma como nós o carregámos com partículas de hidrogénio, para iniciar a reação quântica?”

“Sim.” Disse Alex. “E eu tentei dizer-lhes isso, quando voltei para a Terra mas, ou eu não me expliquei corretamente, ou eles estavam tão focados noutras coisas, que não estavam preparados para ouvir.”

“Então... qual é a sua teoria?” Perguntou Kenny.

“Eu acho que há uma ligação, entre uma pessoa irradiada pelo Kinemet e esses monumentos alienígenas. A ligação não é clara, porque eu estou apenas parcialmente alterado. No entanto, eu sinto isso. É como se houvesse uma voz na minha cabeça a chamar-me. Era muito forte quando eu estava em Centauri e, tenho que acreditar que, se tivesse sido totalmente transformado, agora saberia a resposta. Não teria havido nenhuma necessidade para arrefecer o Kinemet, porque não era suposto ser usado como o foi e a *Quanta* não teria explodido, como resultado.”

“Você acha que...” Kenny esforçou-se para encontrar as palavras. “... Essa voz era uma transmissão de uma qualquer espécie alienígena, nesse sistema?”

“Não haviam alienígenas em Centauri.” Disse Alex, com voz tensa. Ele

evitou cuidadosamente olhar para Kenny. “Ou melhor, havia um...eu.”

Respirando profundamente, como se daquela forma, estivesse a absorver todas aquelas novas ideias, Kenny lentamente libertou o ar outra vez. “Então isso traz-nos novamente ao dilema inicial. Qual é o procedimento correto para se tornar... o que quer que seja, que você se tornaria?”

“Um ‘kinemat’.” Disse Alex.

Kenny ergueu uma sobrancelha. “Um ‘kinemat’?”

“Alguém que foi totalmente transformado pelo Kinemet. Eles começaram por chamar-lhe ‘o Efeito Manez’, mas eu detesto esse nome.”

“Eu ainda não estou certo, acerca do que é que significa tornar-se um ‘kinemat’.”

“Parte do problema,” disse Alex “é que eu também não sei. Eu não sei o método correto, para ficar transformado pelo Kinemet e não sei ao certo, qual é suposto ser o resultado. É difícil convencer alguém que está errado, quando você não consegue provar que está certo.”

“Esqueça o que pode provar.” Disse Kenny. “O que é que você acha?”

“Eu acho que estou num estado de transição, que devia ter durado só um curto espaço de tempo. Dias, talvez, ou horas. A minha transformação está incompleta. É por isso que a minha saúde se está a deteriorar. Eu preciso de concluir a transformação.”

“Eu vou perguntar novamente? Mudar para o quê?” Perguntou Kenny. “E como?”

“Eu não sei a resposta a nenhuma dessas questões.” Disse Alex, a ficar cada vez mais frustrado.

“Você tem uma teoria?”

Alex respirou fundo para se acalmar. “Não tenho a certeza absoluta, mas acredito que há instruções sobre o como.”

Kenny fez a ligação. “O pergaminho Maia que foi roubado.”

“Sim.”

Com uma expressão de incredulidade, Kenny disse: “Tivemos todos os criptógrafos, programadores e analistas da NASA a dissecá-lo, durante anos. A conclusão a que se chegou, é que é uma história agradável, mas que não existe lá nenhuma informação sobre o Kinemet, ou sobre as raças antigas, que construíram os monumentos na orla dos sistemas solares.”

Alex encolheu os ombros. “Só porque não sabemos como ler o pergaminho, adequadamente, neste momento, não significa que ele não contenha as informações de que precisamos.” Alex colocou distraidamente

uma batata frita na boca e mastigou sem saborear.

“Então,” disse Kenny, com voz controlada “o que você me está a dizer, é que não podemos realmente começar a entender como usar o Kinemet para as viagens à velocidade da luz, pelo menos não da forma como os alienígenas o fazem, até que sejamos capazes de completar a sua transformação?”

“Sim.”

Kenny pegou na colher e mexeu a sopa, que arrefecia rapidamente. “E o nosso único manual, está desaparecido.”

“Sim.”

∞

Embora Justine não tenha enviado uma mensagem a Alex, ele sabia que, normalmente, ela trabalhava na *Diana* e queria ir vê-la, quando a nave atracasse. Ele tentou ligar-lhe do seu apartamento, mas a rececionista da Lunar Lines disse que não podia efetuar a ligação, por algum motivo. Mas ele queria aproveitar a oportunidade para a ver hoje. Garantindo à Dra. Amma que estava a sentir-se muito melhor, ele obteve a permissão dela para ir. Foi uma viagem dolorosa, até ao principal terminal do porto espacial, mas ele fê-la devagar. Exausto pelo esforço, ele sentou-se num dos bancos.

Não teve que esperar muito tempo, para ver um rosto familiar.

Clive Wexhall aproximou-se com um sorriso caloroso. “Alex, como é que está?”

“Olá, senhor.” Alex levantou-se. “Eu estou bem. Já passou algum tempo.”

“Sim, passou.” Ele apertou a mão de Alex. “Eles não me deixam sair da Lua, com muita frequência.”

Alex descobriu que desenvolvia uma dor nos joelhos, se estivesse de pé por muito tempo. Os hidráulicos, mais projetados para caminhar, não suportavam o seu peso nas articulações, quando ele estava parado. Se ele arrastasse os pés ou andasse levemente no local, a biomecatrónica entraria em ação. Contudo, quando fazia os movimentos, as pessoas olhavam para ele de uma forma estranha ou perguntavam-lhe se estava bem.

Alex sentou-se no banco. “Você está à espera de Justine?” Perguntou.

Ocorreu um leve rubor na face de Clive. Ele disse: “De certa forma, sim. Mas, na verdade, tinha esperança de o voltar a ver.”

“A mim?”

“Sim. Infelizmente, Justine não irá desembarcar hoje. Ela tem que ficar na nave.”

Alex franziu o rosto. “Oh!”

“Mas...,” disse Clive “...ela pediu-me para lhe dar autorização, para ir a bordo fazer uma visita, enquanto a *Diana* está na doca.”

Não foram necessários quaisquer poderes místicos, para ver que se passava algo mais, do que o agente estava a deixar perceber. Embora Alex não tivesse muito contacto com Clive, sabia que Justine confiava nele e isso, era o suficiente para ele.

“Está bem. Isso soa-me bem.” Ele levantou-se e seguiu Clive até ao escritório da segurança.

∞

A cabine da nave de carreira estava completamente vazia de passageiros, quando Alex e Clive entraram. Estavam lá alguns membros da equipa de limpeza. Ignorando os trabalhadores, Clive conduziu Alex para a área da cozinha e, desta para o elevador.

Clive fez sinal a Alex, para entrar primeiro no elevador de uma pessoa.

“Para onde estamos a...” Alex começou a perguntar, mas Clive piscou-lhe o olho e colocou-lhe um dedo sobre os lábios.

“Eu irei mesmo atrás de si.” Disse o agente.

Sem mais palavras, Alex entrou no elevador. A porta fechou-se e ele desceu para a área de armazenamento. Quando o elevador parou, Alex saiu e olhou em volta. Não viu ninguém e, por um breve momento, perguntou-se se teria sido enganado, mas então ouviu vozes abafadas.

Sem esperar por Clive, ele andou pelo corredor de contentores e viu um grupo de soldados, na extremidade oposta à cabine de armazenamento. Um deles olhou para cima e agarrou na sua arma de iões, mas então alguém disse: “Está tudo bem. Ele está comigo.”

Alex reconheceu a voz. Justine chamou-o para baixo e ele acenou-lhe, enquanto fazia o percurso até ela.

Os soldados olharam para ele, num misto de desconfiança e curiosidade, mas Justine não lhes ofereceu qualquer explicação e, nem a Alex.

Ela estava a usar o seu FatoPers e parecia estar com frio. Deu a Alex um grande sorriso, o que o fez acelerar o passo, tão rápido, quanto os hidráulicos lhe permitiam.

Alex estava sempre rodeado por pessoas, mas normalmente sentia-se sozinho, exceto quando Justine aparecia para o visitar. Ele estava sempre ansioso pelas suas chamadas com Michael, mas não era o mesmo que ver

alguém pessoalmente.

Ao aproximar-se, ele sentiu uma mudança a acontecer-lhe. No início, ele pensou que era um sentimento de felicidade por ver a sua amiga. Mas, quando estava a meio do caminho, Alex soube que o que se estava a passar, era algo diferente. Ele podia senti-lo.

Kinemet.

Era como um raio de sol, para alguém que tinha passado meses na escuridão. Podia senti-lo a irradiar através dele, a repará-lo. Como a luz de um farol, guiando-o e mostrando-lhe o caminho.

Tudo o resto se tornou periférico para Alex e, com uma energia renovada, caminhou diretamente para o recipiente grande, que estava no meio do grupo. Ele mal tinha consciência de Justine, ou dos outros e, apenas registava perifericamente a sua presença.

“Este é Alex, um amigo meu.” Disse Justine ao grupo, com uma leveza na voz. “Eu espero que vocês não se importem, mas ele vai passar algumas horas aqui connosco, durante a nossa passagem. Não se preocupem, eu já tratei com os superiores. Ah,” ela continuou depois de um momento “chegou agora o agente da NASA.”

Clive apareceu por detrás dos contentores e acenou, quando viu Justine. Como se tivesse compreendido o porquê de Alex não a cumprimentar da forma habitual, Justine acenou de volta para Clive e, foi ao seu encontro, no meio do corredor.

Alex não pôde ouvir o que Justine e Clive disseram um ao outro. Ele sabia que deveria, pelo menos, fazer um esforço para se afastar do contentor de Kinemet e dizer algo mais sociável a Justine. Obviamente, que ela se tinha esforçado e mexido os cordelinhos para lhe proporcionar isto. Mas o metal kinemético, era como um canto de sereia, para ele.

Quando não estava no meio de uma reação, o Kinemet era apenas levemente radioativo e tinha menos de um por cento da radiação ultravioleta do sol. Uma pessoa que não tivesse sido alterada pela exposição à reação do Kinemet, teria de ser exposta à sua forma adormecida, em estreita proximidade, durante vários meses, antes de começar a sentir quaisquer efeitos e, em seguida, era mais provável que fosse apenas tão prejudicial, quanto uma queimadura solar.

O Kinemet adormecido, no entanto, emitia ondas de rádio suficientes, para provocar estragos em quaisquer objetos eletrónicos nas proximidades. Como precaução contra a possibilidade de quaisquer desastres a bordo, o Kinemet

da nave estava envolto num contentor grosso, revestido com titânio. O mesmo material utilizado nos amortecedores kineméticos.

Mas, mesmo através do recipiente vedado, Alex podia sentir as ondas a trespassá-lo e a atravessá-lo até ao seu interior.

Algumas horas? Se aquele era o seu limite de tempo, ele teria que se aproximar mais. Ele virou-se e disse: “Podemos abri-lo?”

Com Clive atrás, Justine voltou-se para o círculo de guardas e assentiu. “Prossiga, Tenente.”

À medida que o Tenente desbloqueava a abertura principal, teclando um código na fechadura magnética, Justine pegou num pequeno colchão e arrastou-o para mais perto da abertura.

Quando a porta se abriu um pouco, uma onda de energia kinemética derramou-se sobre e, através de Alex e ele deleitou-se com ela. Justine guiou-o gentilmente, para se deitar na cama e, naquele momento, ela fez uma expressão estranha.

“Bem, lá se foi a minha ligação óptica.” Disse Justine, com uma gargalhada. “Poderia muito bem, voltar a vestir a minha camisola.”

“Isto é seguro para nós?” Perguntou o Tenente.

Justine virou-se para o som da sua voz, mas parecia estar a olhar através dele. “Se tiver um relógio digital, provavelmente não vai dar-lhe corretamente as horas. E esqueça a ideia de assistir a quaisquer Holovisores 3D, a menos que você vá para o outro lado do compartimento de carga.” Disse Justine. “Mas sim, os raios são, na sua maioria, inofensivos.”

O Tenente deu algumas ordens aos seus homens para patrulhar a área e ordenou aos que estavam fora de serviço, para irem até à cozinha principal.

“Voltarei dentro de uma hora, para ver como está tudo.” Disse o Tenente Jeffries. E com isso, os soldados dispersaram-se.

Alex ficou completamente alheio ao que quer que Justine e Clive tivessem falado, nas horas seguintes.

Enquanto o seu corpo era re-energizado pela proximidade com o Kinemet, viu-se mais uma vez a entrar em algo muito semelhante a um estado de fuga...

A antiga voz chamou-o: *Alex, venha para casa.*

**Nave da Lunar Lines, *Diana*:
Doca Sete:
Terceira Estação do Canadá:**

Deixando Alex ao lado do Kinemet, Justine e Clive afastaram-se o mais que puderam, dentro do compartimento de carga, enquanto continuavam a ser capazes de o manter na sua linha de visão.

A radiação kinemética continuava a interferir com o arnês do FatoPers e com a ligação óptica de Justine; os sensores davam-lhe tal *feedback* de estática, que ela pensou que a sua cabeça iria ficar sobrecarregada com o fluxo de dados. Mesmo sabendo que ia, uma vez mais, mergulhar na completa escuridão, desativou a ligação óptica e vestiu novamente a camisola. No mínimo, protegia-a do frio, no compartimento de carga.

Ela sentia-se confortável, com a perda da visão eletronicamente melhorada. É que, sabia que Clive estava lá. Com essa empatia de parte a parte, ele segurou-a firmemente nos seus braços, enquanto se sentaram numa caixa virada ao contrário e lhe falou num tom suave.

“Eu estava mesmo a falar a sério, sabe.” Disse ele.

Ela não tinha que perguntar sobre o que ele se estava a referir e, como nunca foi tímida, não tinha de fingir que não tinha percebido a indireta.

Nas últimas horas, ela tinha tido algum tempo para pensar sobre o que ele lhe tinha dito, mas ainda estava dividida. Por um lado, ela estava consciente de que não estava a ficar mais jovem e, não ansiava por passar o resto da sua vida sozinha. Por outro lado, o Outono da sua vida ainda estava longe e havia muito mais coisas que ela queria fazer.

Justine não poderia ter pedido, um homem mais agradável do que Clive. Ele era compreensivo, compassivo e amável. Embora pudesse ser um burocrata, tanto no trabalho, como fora de serviço e, fosse um defensor de

fazer as coisas da maneira ‘apropriada’, também tinha uma inteligência singular e conseguia fazê-la rir. O pensamento de lhe dar o seu futuro e fazer com ele uma vida na Lua, não era desagradável. Ao mesmo tempo, ela tinha aquele fogo na barriga, que lhe dizia que não estava pronta para se acomodar ainda.

“Eu sei que falou a sério.” Disse-lhe ela. “Mas têm sido uns anos complicados.”

“Então isso é um ‘não’?” Perguntou ele, mas disse-o com um meio sorriso, como se já estivesse à espera da resposta.

“Não é um ‘não’.” Disse ela. “Não é um ‘sim’; mas não é um ‘não’.” Ela abraçou-o um pouco mais apertado e enterrou a cabeça no seu ombro. “Só preciso de ficar um pouco mais confortável com quem eu sou agora, antes de poder tomar esse tipo de decisão.”

Ao fim de algum momento, ele falou com uma voz tranquila. “Você não se vai importar, se eu perguntar novamente mais tarde?”

Justine riu-se e deu-lhe uma palmada na brincadeira. “Eu ficaria chateada, se você não o fizesse.”

Abraçaram-se, em silêncio, por longos minutos.

“Isto é bom.” Disse ele, depois de um tempo. “Não é La Dance Des Étoiles, mas ainda assim, é acolhedor.”

Ela deu-lhe uma palmada no braço, na brincadeira. “Você é um mentiroso!”

“Ah!” Ele riu-se. “Então, o que é que é suposto isto fazer? Isto é... quero dizer, a Alex?”

“Realmente, eu não sei ao certo como é que isto funciona.” Disse Justine “Mas acho que tem algo a ver com a forma como ele foi exposto ao Kinemet, na primeira vez. Imbuiu-o com a sua radiação inerente, o que alterou a sua fisiologia. Agora, ele precisa daquilo, como nós precisamos de vitamina C.”

Clive disse: “Não tenho a certeza de estar a compreender completamente.”

“Ninguém tem. Foi por isso que ele passou demasiado tempo sem Kinemet, e é por isso que ele se está a deteriorar fisicamente. Ninguém acredita que ele precisa de Kinemet, para sobreviver.”

“Ele parece satisfeito agora.”

Justine não conseguia ver nada. “Parece?”

“Sim! Parece estar a dormir, mas há uma certa serenidade nele.”

Justine podia sentir-se a sorrir. “Isso é bom.”

“De quanto tempo mais, é que acha que ele vai precisar?” Perguntou Clive.

“A nave de carreira está prevista para recarregar passageiros, dentro de algumas horas. Vamos ter que o levar, antes que alguém o veja.”

∞

Eles sentaram-se juntos, por mais duas horas, a desfrutar da companhia um do outro e a falar de tudo um pouco.

Embora ela quisesse descansar nos braços de Clive, para sempre, Justine finalmente apertou a sua mão, a indicar que era hora de ir. Eles tinham coisas para fazer.

Ela levantou-se e dirigiu-se para perto de Alex, ouvindo Clive a segui-la.

Alex sentou-se na cama. “Muito obrigado, Justine.”

“Não tem que agradecer, mas realmente foi Clive que organizou tudo.” Ela deslocou-se para a porta do contentor e empurrou o fecho. Ele bloqueou automaticamente e Justine rapidamente tirou a camisola.

Quando a radiação kinemética foi novamente bloqueada, a ligação óptica de Justine voltou a estar *online* e ela ligou imediatamente o arnês. Finalmente, ela poderia olhar para o rosto de Alex e de Clive, com os olhos eletrónicos. Uma cortesia da Optimédia.

Estendendo a sua mão para Clive a apertar, Alex disse: “Obrigado, Clive.”

Os dois deram um aperto de mãos e Clive recuou e colocou um braço ao redor de Justine. “De nada, meu jovem. Só gostaria que houvesse uma solução mais permanente para si.”

“Isto já foi bom o suficiente.” Disse Alex. “Sinto-me muito melhor.”

“Quanto tempo é que isso vai durar?” Perguntou Justine.

Alex encolheu os ombros. “Não sei. Mas de uma coisa sei; Por agora, não vou precisar destas próteses .”

Justine viu quando ele retirou o dispositivo mecatrónico das suas pernas.

Alex levantou-se para dar a Justine um abraço e ela pestanejou para evitar as lágrimas. “Se eu pudesse encontrar uma maneira melhor” disse ela.

“Eu sei.”

Justine ouviu passos a aproximarem-se.

“Será que já estamos despachados por aqui?” Perguntou o Tenente Jeffries.

Concordando, Justine disse: “Sim. Precisamos de acompanhar Alex à saída, antes que os passageiros embarquem. Obrigado, Tenente. Você não tem ideia, do quanto lhe estou agradecida.”

“Uh, na realidade, não fiz nada.” Disse-lhe com uma voz modesta e verificando o fecho no contentor.

“Às vezes,” disse ela “isso é mais do que o suficiente.”

Justine colocou as mãos nos ombros de Alex e, de seguida, puxou-o para perto, para o abraçar. Era difícil explicar às pessoas, porque é que ela se importava tanto com este rapaz. Embora ela nunca tivesse tido filhos, aquele instinto maternal ainda estava lá.

Alex era como um filho adotivo para ela, em alguns aspetos, e ela ainda não tinha percebido o quanto a deterioração da saúde dele, a estava a afetar. Vê-lo saudável e feliz, trouxe-lhe subitamente lágrimas aos olhos e ela abraçou-o ainda mais apertado.

“Eu sinto-me muito melhor.” Ele disse-lhe em voz baixa. “Obrigado.”

Justine deu-lhe mais um abraço e, de seguida, recuou, mas ainda manteve uma mão no seu ombro.

“Precisamos de descobrir uma maneira, de tornar isso permanente.”

Alex sorriu. “Estou a trabalhar nisso. Agora tenho um pouco mais de tempo. E,” acrescentou “e agora, já tenho algo que pode ajudar Kenny.”

“Kenny?” Perguntou ela.

Após olhar subtilmente para o Tenente Jeffries, Alex falou em voz baixa. “Kenny Harriman. Ele é o novo físico que foi enviado de Vancouver. Ele está a tentar estudar-me. Mas, como não tenho conseguido utilizar nenhum dos meus dons, eu acho que ele não acreditava plenamente na minha história. Talvez agora, se eu lhe demonstrar, isso poderá dar-lhe algumas ideias.”

Justine foi uma das poucas pessoas que testemunhou, em primeira mão, a habilidade de Alex para manipular a eletricidade e a sua estranha capacidade, de ver muito para além do alcance normal da visão humana.

Até àquele momento, não lhe tinha ocorrido que esses dons, seriam mais uma vez restaurados, quando Alex fosse recarregado com a radiação kinemética. Ele estava ligado àquele elemento, de um modo fundamental. Como Alex dizia muitas vezes, ele precisava dele.

Nos últimos anos, à medida que as capacidades de Alex diminuíram, juntamente com a sua saúde, tornou-se cada vez mais difícil convencer os governos corporativos a manter o interesse em Alex. Justine esperava que este novo físico, Kenny, fosse capaz de o ajudar a tempo. Não tinha ideia de como, ou de quando, Alex teria acesso a mais do metal superluminal.

Enxugando as lágrimas, ela disse: “Ficarei interessada que me conte acerca disso, quando eu regressar. Por falar nisso, tenho mais uma surpresa.”

“Sim?”

“Eu planeei algumas semanas de férias e, na viagem de regresso, eu vou

passá-las aqui na TEC.”

O sorriso de Alex ampliou-se. “Mas, Isso é ótimo!”

O seu deleite com a notícia tocou em algo nela e ela percebeu que tinha uma ligação tão forte a Alex, como ele tinha ao Kinemet. Era uma boa razão para reconsiderar a oferta de Clive. Se ela aceitasse um trabalho na Lua, estaria muito mais perto de Alex, na TEC. Havia voos diários, entre a Lua e a estação espacial.

“Talvez façamos uma excursão nas nuvens Kordylewski, ou algo do género.” Sugeriu Justine.

“Eu adoraria.”

Clive tocou no braço de Justine e repetiu: “Devemos levar Alex, antes que os passageiros embarquem.”

Justine concordou e os três começaram a regressar ao elevador. Ela efetuou silenciosamente um gesto com a boca, a agradecer ao Tenente Jeffries, que lhe devolveu uma saudação em troca.

Justine notou que Alex já não andava como um homem velho. Uma vez mais, ele parecia ser um jovem enérgico.

Quando chegaram ao nível superior e alcançaram o corredor, Alex parou e, virou-se.

“Obrigado a ambos novamente. Eu não sei quanto tempo mais duraria, se não fosse por hoje.”

“Não há necessidade de nos agradecer.” Disse Justine. “Só gostaria que pudéssemos fazer mais.”

Eles abraçaram-se e, enquanto Alex saía da nave de carreira, Justine sentiu uma aguda pontada de culpa. Ela tinha passado os últimos anos agarrada à esperança, de que poderia voltar a recuperar a glória dos seus dias na NASA. Ela não tinha nada para provar a ninguém e, já era tempo de fazer escolhas mais realistas.

Ela seguiu Clive de volta ao elevador e, quando ele fez um gesto para ela entrar primeiro, Justine hesitou.

“O que é que se passa?” Perguntou Clive.

Balançando a cabeça, Justine sorriu-lhe. “Nada. Acho que já me decidi.”

∞

Justine e Clive voltaram para a área da cozinha e ela aceitou a ajuda dele, para reabastecer o carrinho de bebidas com refrigerantes e *snacks*. Ela preparou um termo de café e alguns pratos com bolos para os soldados.

Quando ela e Clive desceram até à área de carga e distribuíram os *snacks*, os homens agradeceram, ao servir-se de *donuts*, *danishes* e *crullers*. A sua moral pareceu subir.

O Tenente Jeffries, sacudiu o resíduo de uma crosta de gelo do seu uniforme, enquanto terminava de arrumar uma navalha e aproximou-se de Justine.

“Obrigado por isto.”

“Não tem de quê.” Disse ela. “Apenas lamento, que nenhum de vós tenha a oportunidade de visitar a estação.”

“Ossos do ofício.” Ele manteve o seu sorriso por um momento, depois ficou sério.

“Você importa-se que eu pergunte o que era aquilo tudo, em relação ao menino?”

Justine hesitou em responder. Qualquer explicação que ela desse, iria apenas suscitar mais perguntas e ela não tinha a certeza do quanto devia revelar.

O Tenente acrescentou: “Vou ter que fazer um relatório. Só quero ter a certeza, daquilo que vou escrever.”

Ela olhou para Clive, que assentiu com a cabeça. Clive tinha tratado da visita com a administração, mas o *status* de Alex, ainda permanecia confidencial.

Ela disse ao Tenente Jeffries: “Você lembra-se da notícia, há alguns anos atrás, sobre o piloto que regressou do Sistema de Centauri?”

O Tenente pestanejou de surpresa. “Do voo *Quanta*?”

“Sim. Você acabou de o conhecer.”

Ele olhou alternadamente para Justine e para Clive, incrédulo. “Mas ele é apenas uma criança!”

“Parece que sim.” Disse Clive em voz baixa “E esta informação, é somente para seu conhecimento. Quando fizer o seu relatório, pode relatar que o Capitão Alex Manez, reformado, realizou uma inspeção não programada da carga. Não faça menção da sua idade aparente.”

“Sim, senhor.” Disse o Tenente e, se ficou desconfortável com aquilo, guardou-o para si.

Um suave sinal sonoro soou, a indicar que a nave de carreira estava a iniciar os procedimentos para descolar. Do altifalante saiu uma voz pré-gravada, a encorajar todos a tomarem os seus lugares.

Justine e Clive encaminharam-se para os bancos temporários

improvisados, que tinham sido instalados para as tropas e sentaram-se em frente ao Tenente Jeffries.

Justine sabia que, pelo menos por cortesia, devia ao Tenente uma explicação melhor.

Quando a nave de carreira arrancou, Justine explicou a Jeffries, que a exposição ao Kinemet afetou Alex a nível celular e que, agora, ele precisava de alguma proximidade com o elemento, para se manter saudável.

Também lhe explicou que, por causa da escassez de Kinemet, obtê-lo para Alex, era quase impossível. Justine e Clive tinham, compreensivelmente, tirado proveito da situação, apenas para ajudar o amigo.

“A maior parte dos seus superiores, estão cientes de Alex e da sua condição.” Disse Justine. “No entanto, sugiro que mantenha sigilo destas informações. Não acho que seja um assunto, com o qual você se queira ver envolvido.”

“Uma inspeção militar não programada soa-me bem.” Disse o Tenente Jeffries, com um canto da boca a curvar-se, num meio sorriso.

A voz que saiu de repente, pelo painel holográfico do compartimento de carga, não era pré-gravada e não era reconhecível por Justine, como sendo de um dos tripulantes: tinha um acentuado sotaque espanhol.

“Atenção soldados americanos. Mantenham a calma. Devido à corrupção dos países corporativos que mantêm, há demasiado tempo, a humanidade na ignorância, os Cruzados tomaram esta nave, bem a sua carga.”

“Cooperem, e não serão prejudicados. Se Resistirem serão ejetados para o espaço.”

Tegucigalpa:
Honduras:
Conglomerado da América Central:

O seu nome Maia era «Te'irjiil», mas apenas o seu avô o chamava assim. Como a maioria dos hondurenhos só falava espanhol e tinham dificuldade em pronunciar o seu nome, passou a utilizar o nome de; Terry Hernandez. Foi esse o nome, que ele deu ao funcionário da recepção do albergue em Tegucigalpa, a capital de Honduras, depois que fugiu de casa, em Copán Departamental.

A sua primeira noite longe de casa, foi a experiência mais assustadora da sua vida. Ele teve que dividir um quarto com outros três homens; um deles parecia pálido, doente e tossia durante toda a noite. O segundo, roncava pesadamente. Já o terceiro ocupante, não parava de falar sobre como ia espetar uma faca, na próxima pessoa que encontrasse.

Era a primeira vez que Terry estava sozinho. Por isso, além de sentir-se só, também estranhava a cidade. O cheiro pungente das ruas, os rostos duros dos cidadãos, os gritos das sirenes da polícia e as buzinas, todos estes sons juntos, quase que o instigaram a correr de volta para casa, com o rabo entre as pernas.

Ele nunca tinha visto antes, um grupo de mais de cem de pessoas num lugar, ao mesmo tempo. Agora, numa cidade com milhões de pessoas, Terry sentia-se incrivelmente pequeno e insignificante. Disse para si próprio que tinha que ser forte e sentia-se orgulhoso de ter sobrevivido à noite.

Na manhã seguinte, enquanto andava na calçada em frente ao albergue, contou as poucas lempiras que tinha poupado, ao longo dos últimos seis meses. Calculou o custo do albergue e das refeições. Chegou a conclusão que; o seu dinheiro não duraria mais de uma semana, mesmo nos bairros mais

pobres da cidade.

Aos vinte anos de idade, a única competência viável que Terry possuía era, a experiência como trabalhador nas plantações de café, que empregavam mais de metade da população no seu departamento natal. Ele não tinha a menor ideia do que iria fazer na cidade mas, quando viu um caminhão com o nome Ruiz Coffee, a empresa para a qual tinha trabalhado, ele seguiu-o até um armazém e pediu para falar com o capataz.

“Eu sou jovem, forte e saudável.” Disse Terry depois do capataz, um homem de cabelo grisalho, extremamente mal-humorado, que, nada mais encetar conversa, referiu que não estavam à procura de pessoal.

“Nós já temos muitos trabalhadores.” Disse o capataz e acenou com a mão para Terry. “Todos os dias recusamos bons trabalhadores.”

“Hoje, eu vou trabalhar de graça.” Ofereceu Terry. “Só à experiência.”

O capataz mediu-o de cima abaixo e apertou os lábios, como se tivesse comido algo azedo. Finalmente, disse: “Está bem. Temos um camião para carregar, na doca três. Pode começar por ali. Veja se consegue acompanhar os outros. Vamos ver como se sai.”

Com um sorriso, Terry saiu para as docas de carregamento e, lançou as mãos à obra.

Enquanto esperava entre os camiões, um dos outros trabalhadores iniciou uma conversa com Terry.

“Eu sou Humberto.” Disse o homem. Ele era atarracado, de meia-idade, tinha o cabelo curto e um bigode espesso. Olhou para Terry de cima abaixo, antes de lhe estender a mão. Deram um aperto de mão.

“O meu nome é Terry.”

Humberto perguntou: “É a primeira vez que vem à cidade?”

Terry não tinha a certeza se deveria revelar muito sobre si, mas também não achou que conseguisse inventar uma história que fosse credível. “Como é que sabe?”

Humberto apontou para a roupa. “Eu também costumava usar roupas feitas à mão, quando morava no campo.”

Olhando para suas roupas de estilo rural, Terry sentiu-se subitamente exposto. Os outros trabalhadores usavam calças de ganga e camisas de fábrica, marcadas com logótipos e *slogans*.

No início, ele suspeitou que Humberto estava a fazer troça dele, mas o outro homem não tinha um sorriso no rosto. Ao invés, Humberto parecia preocupado e talvez um pouco triste.

“Sim.” Admitiu Terry. “Eu, ainda não tenho dinheiro suficiente para comprar roupas novas.”

“Cconheço um lugar onde você pode comprar umas calças de ganga baratas, uns ténis e uma camisa, que não esteja a gritar ‘campo’. Quando o turno terminar, se quiser, eu levo-o lá.”

“Não sei...” Por um breve momento Terry perguntou-se, se deveria confiar em alguém que tinha acabado de conhecer. Tinha ouvido histórias sobre criminosos que andavam à caça de vítimas inocentes, na cidade.

Humberto encolheu os ombros. “A proposta fica de pé, se quiser...”

Um novo camião chegou e, em seguida, eles ficaram demasiado ocupados com o carregamento, para poderem falar.

No intervalo do meio-dia, Terry saiu e sentou-se sozinho a comer algumas batatas fritas, que comprou numa *roulotte* de refeições. Ele ouvia os outros trabalhadores a rir e a contar anedotas e, embora quisesse participar, manteve-se sozinho.

No fundo ele sabia que fugir de casa, da forma como tinha feito, era infantil. Embora não tivesse a certeza de conseguir fazer vida na cidade, sabia que não havia nada para ele na sua aldeia.

Durante muito tempo ele cortejou Itzel, cujo avô, Artek, era amigo do seu próprio avô, Yaxche. Ambos os velhos tinham conspirado para organizar a união e Terry tinha-se sentido atraído por ela, desde o início.

Os seus pais, que trabalhavam muitas horas, delegaram a educação de Terry ao seu avô e, normalmente, respeitavam a sua autoridade. Eles aprovaram o casamento, mas foi o limite máximo do seu envolvimento no assunto.

Terry e Itzel passaram muitas noites sentados na varanda, a fazer planos para o seu futuro. Então, há sete meses, Itzel ficou doente com febre tifóide.

A Corporação das Honduras continuava a ser uma das mais pobres e Copán Departamental, carecia severamente de instalações e de suprimentos médicos. Ao fim de dois dias dos primeiros sintomas, Itzel tinha sucumbido à doença. Com a sua morte, toda a esperança que Terry tinha para um futuro, morreu também.

A sua ira, a princípio, não teve direção. À medida que os dias solitários se acumulavam, ele percebeu que poderia ter havido hipótese de sobrevivência para Itzel, se a vila tivesse rede de esgotos, água tratada, ou serviços médicos com a qualidade, que muitos outros países do mundo usufruíam.

A sua aldeia tinha tido a oportunidade para isso. Com todo aquele interesse

da EUA, Inc. e da NASA, no pergaminho antigo, os líderes da comunidade podiam ter negociado para terem uma melhor assistência médica, melhores infra-estruturas e uma melhor qualidade de vida. Também, logo de início, poderiam ter vendido o Pergaminho, como os oficiais da NASA queriam.

Em vez disso, o seu avô escolheu manter o Velho pergaminho com ele, como um artefacto cultural e religioso e deleitou-se com a auto-importância que recebeu. Certa vez, o seu avô disse a Terry, que seria blasfémia cobrar entrada para ver a relíquia. Os antigos tinham predestinado, que toda a humanidade deveria beneficiar do conhecimento contido nele.

Mas, ninguém descobriu o significado das incompreensíveis palavras do documento e, assim, nenhum benefício adveio dele, apenas se tinha mantido a ausência contínua de medicina e de tecnologia, que poderiam ter salvo a sua querida Itzel.

A educação tradicional de Terry, não o deixava dirigir a raiva para o seu avô, ou para os líderes da comunidade, por não negociarem com os cientistas. E assim, a única opção que conseguiu pensar, foi abandonar as pessoas que lhe tinham falhado e seguir o seu próprio caminho na vida. Ele tinha passado a última metade do ano, a planear e a poupar.

Mas agora ele estava sozinho, sem amigos e bastante assustado. A educação rudimentar que tinha recebido na vila, era o suficiente para saber ler e escrever, mas Terry nem sequer tinha conhecimentos básicos de informática. A aldeia tinha apenas um computador e não tinha uma ligação à TerraNet. Quando os cientistas da EUA, Inc. Partiram, levaram com eles todo o equipamento.

Numa extremidade do espectro, a humanidade tinha viajado para outro sistema solar e, na outra extremidade, havia milhões de pessoas a viver na miséria. Esta era a desigualdade que motivava Terry a continuar. Ele não tinha ideia de como o iria fazer, mas jurou acertar as coisas e trazer equilíbrio para o mundo, de modo a que ninguém tivesse que sofrer e morrer desnecessariamente, como a sua amada Itzel.

Com renovada paixão, Terry lançou-se ao trabalho naquela tarde, o suficiente para que, ao final do dia, o capataz o convidasse para voltar no dia seguinte.

“Você não é do sindicato, então vai trabalhar numa base diária.” Com isso, ele deu a Terry o pagamento pelo seu primeiro dia.

“Eu disse que hoje iria trabalhar de graça.” Protestou Terry, segurando a lempira com incerteza, na sua mão.

O capataz sacudiu a cabeça. “Você precisa de roupa adequada. Essa roupa que você veste, fá-lo parecer um mendigo. Se algum dos supervisores vier aqui, irá admoestar-me por isso.” Ele fez soar o discurso, como se Terry estivesse a fazer-lhe um favor, ao aceitar o dinheiro.

O capataz dispensou Terry, que foi imediatamente à procura de Humberto, que ia em direção ao portão principal.

“Acha que é demasiado tarde, para ir até à loja que vende as tais roupas baratas?” Perguntou ao homem maior.

“Mudou de ideia?” Humberto não parou e, Terry tentou acompanhar o seu passo.

“Sim, você tinha razão. É necessário que eu pareça ser daqui.”

“O velho rabugento decidiu mantê-lo?” Humberto apontou o polegar para trás, em direção do escritório do capataz.

“Sim, apenas como trabalhador temporário.” Disse Terry. “Por agora.”

“Está bem. Vamos.”

Enquanto conduzia Terry, do recinto da fábrica até ao centro da cidade, Humberto surpreendeu-o dizendo: “Eu sei quem você é.”

“Você sabe?”

“Sim.” Humberto olhou para Terry pelo do canto do olho. “Eu vi-o no noticiário, há alguns anos.”

Terry respondeu com uma voz soturna. “Oh, aquilo!”

“Pela forma como o repórter contou a história, a sua aldeia albergou uma série de homens ricos da NASA. Foi uma sorte para vós.”

“Poderia ter sido.” Disse Terry. “No entanto, não foi.”

Parecendo avaliar Terry, Humberto levou algum tempo, antes de lhe contar a sua história.

“Está tudo bem, se desejar guardar as coisas para si mesmo.” Disse Humberto, finalmente. “Mas eu deixei uma aldeia muito parecida com a sua, porque estava com vergonha da nossa miséria. Não queria mais viver assim. Ninguém deveria ter que viver assim.”

Sentindo que finalmente tinha alguém que o iria entender, Terry começou do início a contar a Humberto sobre o seu avô e o antigo pergaminho, sobre a NASA e Alex Manéz. E, quando terminou a sua história, com o relato de como Itzel morreu desnecessariamente, tinha um nó na garganta e uma lágrima no olho.

Humberto colocou a mão nas costas de Terry. “Depois de lhe arranjarmos algumas roupas, há algumas pessoas que lhe quero apresentar. Todas elas têm

uma história como a sua”, disse ele. “Eles também têm um plano para consertar as coisas. Acho que vai gostar de ouvir o que eles têm para dizer.”

∞

Terry, estava nervoso por ir a uma reunião secreta. Ele tinha ouvido histórias de organizações criminosas que operavam na cidade, a recrutar agricultores ignorantes ou pessoas menos esclarecidas, para as suas operações. Estes Prometiam-lhes um futuro melhor e tentavam corromper o seu modo de vida, utilizando-os das formas mais Cruéis.

A única coisa que o convenceu a ir foi Humberto. Ele parecia perfeitamente à vontade, enquanto os dois percorriam as ruas estreitas do bairro, em direção a um edifício em ruínas. Parecia um armazém abandonado.

“Não se preocupe.” Disse Humberto. “Liguei com antecedência, para os avisar de que estamos a chegar.”

Ao entrar no edifício, Terry ficou surpreso ao ver apenas duas pessoas à espera deles. Ele tinha imaginado um bando de homens, com o olhar frio e a brandir armas. Ao invés, o primeiro homem era magro e usava óculos. O seu rosto, com marcas de acne, abriu-se num largo sorriso, quando ele avançou para lhe apertar a mão.

“Olá, eu sou Jose Arroyo.”

Na incerteza, Terry apertou a mão do homem, quando Humberto o apresentou.

“É o primeiro dia dele na cidade,” disse Humberto a Jose “mas eu sinto que ele, é a pessoa de que estávamos à espera.”

Jose assentiu. “Você é da aldeia do pergaminho alienígena?”

“Sim” respondeu Terry. Não adiantava tentar esconder. Se ele tinha sido visto num Holovisor 3D, muitos o iriam reconhecer. “Mas o pergaminho não é alienígena. É Maia antigo. O meu avô é o seu guardião. Ele acredita que é a história do fim dos nossos deuses; mas os homens da NASA pensaram que era a história de uma visita alienígena.”

“Ah, sim!” Jose apontou para uma mesa com quatro cadeiras. “Por favor sente-se. Você quer beber alguma coisa?” Ele acenou com a cabeça para o outro homem, que vasculhou numa geleira de piquenique e, retirou quatro garrafas de cerveja.

Quando o homem lhe ofereceu a bebida, disse: “É um prazer conhecê-lo. O meu nome é Alberto.” Embora a sua voz fosse profunda e rica, havia uma certa dureza nos seus olhos. Terry, também notou uma enorme cicatriz; desde

a orelha esquerda, até ao canto da boca.

Para ser educado, Terry levou a cerveja aos lábios e bebeu profundamente. Todos se sentaram.

“Primeiro, eu quero que você saiba que Humberto, Alberto e eu, até certo ponto, todos temos sangue Maia a correr nas nossas veias. Nesse ponto, você é como um irmão. Essa é a razão, pela qual, organizámos este encontro.”

Para Terry, era uma informação inesperada, no entanto, ficou um pouco mais confortável e confiante, perante aqueles homens.

“Eu acredito na honestidade para com os amigos e, a família. Por isso, acho que devo ir direto ao assunto.” Disse Jose. “Posso ser franco consigo?”

Terry afirmou com a cabeça. “Claro que sim..”

Jose inclinou-se para a frente e sorriu. “Queremos que volte para casa.”

∞

A uma dada altura da história pré-colombiana, antes da invasão colonial, a civilização Maia era mais avançada, do que qualquer outra cultura nas Américas.

Junto com a arte, a música e a arquitetura, os Maias também foram os primeiros, naquela parte do mundo, a desenvolver uma linguagem escrita. Eles estudaram matemática e astronomia e, de certa forma, o seu desenvolvimento rivalizava, com aqueles que viviam do outro lado do mundo.

“Não foi à toa,” disse Jose a Terry “que os visitantes alienígenas escolheram o povo Maia, como os guardiões da sua tecnologia. Se a história tivesse progredido como deveria, a cultura Maia seria hoje a força dominante na Terra.”

Infelizmente, as guerras com as tribos do norte, a chegada dos conquistadores e a invasão de europeus agressivos, ao longo dos últimos mil anos, afogou a cultura Maia e reduziu a sua civilização a pequenos núcleos de comunidades.

A mãe de Jose, disse Terry, tinha mistura de sangue Maia e casou-se com um homem proveniente de uma família hondurenha razoavelmente rica. Ao longo da sua infância, a mãe de Jose contou-lhe histórias da sua cultura. “O meu nome legal é Jose, mas o meu nome Maia é Huehuateotl.”

A história da descoberta do Kinemet foi divulgada quando Jose estudava Direito, na Universidade. Durante alguns anos, ele seguiu a história com interesse. Após a primeira missão interestelar, a NASA tinha tentado adquirir

o pergaminho antigo.

Para fornecer uma ajuda legal naqueles tempos, Jose e alguns simpatizantes, organizaram-se como um grupo ativista. Na época, eles chamavam-se os espiritualistas Maias e tentaram fazer pressão sobre o governo das Honduras para restringir, ou pelo menos regular, o acesso ao pergaminho.

“A NASA estava a gastar uma grande quantidade de dinheiro naquela região e na região da capital.” Disse Jose. “Muitos funcionários do governo encheram os bolsos, com dinheiro de suborno de empresas e empreiteiros que queriam trabalhar para os americanos ricos. O nosso movimento foi denunciado, fazendo com que, esses mesmos políticos pressionassem a firma de advogados para a qual eu trabalhava. Resultado; Fui obrigado a demitir-me e colocado na lista negra. O único trabalho que consegui encontrar, no ano passado, foi dar aulas de explicação a estudantes universitários.”

Jose deu a Terry um olhar muito intenso, apaixonado. “Durante séculos aproveitaram-se do nosso povo, enquanto o nosso destino, era liderar o caminho para as estrelas.”

As suas palavras provocaram emoções semelhantes em Terry. Os Maias tinham sido pisados pelos que tinham dinheiro e poder, sendo mantidos pobres e ignorantes. Se o povo Maia tivesse continuado a ser uma potência nas Américas, tragédias como a morte da sua querida Itzel, nunca teriam acontecido.

Jose continuou. “Foi então, a partir desse momento, que eu e os meus amigos começámos a trabalhar a sério. Agora somos mais de uma centena e, estamos a aumentar. Até temos um patrocinador rico que, infelizmente não é Maia, mas que acredita na nossa causa.”

Terry perguntou: “E qual é a vossa causa?”

“Nós agora chamamo-nos Cruzados e a nossa missão é restaurar ao povo Maia, o seu lugar de direito, enquanto embaixadores do povo das estrelas.”

“E como é que vão fazer isso?” Apesar dos seus receios iniciais, Terry estava a ficar intrigado. Se ele se juntasse a um grupo que partilhasse as suas crenças, as possibilidades seriam ilimitadas.

“O mundo não vai, simplesmente, conceder-nos o estatuto que merecemos. Eles já nos demonstraram o seu desdém. Portanto, temos que os obrigar a dar-nos esse estatuto.” Notava-se uma aspereza na sua voz e um fogo nos seus olhos.

Terry resistiu momentaneamente. “Obrigá-los? Quer dizer, pela força?”

“Se for necessário.” Disse Jose, com a mão enrolada num punho. De seguida, ele relaxou a mão e abriu-a. Nesse momento, o sorriso voltou ao seu rosto. “Mas será melhor, se garantirmos a nossa posição com um tipo de poder diferente; o Poder do conhecimento. Se tivéssemos algo que mais ninguém tem, então eles não teriam escolha, a não ser negociar connosco.”

“O segredo do pergaminho.” Adivinhou Terry.

“Sim.”

“Mas os cientistas têm vindo a trabalhar nisso, há anos. E já desistiram. Ninguém sabe como decifrá-lo, nem mesmo o meu avô. O que é que nós podemos fazer?”

Jose colocou a mão no braço de Terry. “Podemos ter fé no nosso destino. O segredo será revelado na hora certa. E quando essa hora chegar, devemos estar preparados.”

∞

Nas semanas seguintes, Terry reuniu-se com os Cruzados mais uma dúzia de vezes, muitas vezes para falar ou discutir até de madrugada. Eles formularam uma série de planos e, até ao fim do primeiro mês de Terry na capital, ele tinha-se comprometido a dar o seu apoio total à causa.

∞

Terry voltou a Copán Departamental, numa camioneta alugada, quatro semanas depois de a ter deixado. A carroçaria do camião estava repleta de comida, roupas e de suprimentos médicos. No seu bolso ele tinha mais lempiras, do que conseguia ganhar, a trabalhar um ano nos campos de café.

Quando chegou à aldeia, ele contou ao seu avô e aos pais, que tinha feito a sua pequena fortuna numa noite, num casino, e que o seu primeiro pensamento foi o bem-estar da aldeia. Disse-lhes que tinha contratado uma empresa de engenharia, para reconstruir o sistema de tratamento de água e de esgoto da aldeia e, tinha organizado, para que um médico visitasse a aldeia, uma vez por mês. Considerado como um herói, Terry passou a maior parte do ano a trabalhar, para melhorar as condições da sua comunidade.

Terry trouxe também um painel holográfico de bolso, com uma ligação de rede. Jose tinha-lho dado e instruiu-o a guardar segredo acerca desse dispositivo, dos seus companheiros de aldeia.

Todas as noites, quando estava sozinho, Terry utilizava o computador para

aprender a ler e a escrever, em inglês. Também estudou matemática, história e ciências. Jose acreditava, firmemente, que o conhecimento era poder e insistiu para que todos os Cruzados tivessem os benefícios de uma educação. Como um benefício secundário, Terry também descobriu a música do mundo e, passava horas a ouvir música de todo o tipo; desde a música clássica ao rock, passando pelos ritmos da moda.

Jose, também tinha insistido, para que Terry gastasse todo o tempo que pudesse, a aprender os costumes e a cultura, tanto da EUA, Inc. como da Corporação do Canadá. Bem como toda a história dos programas espaciais da NASA. Nomeadamente, das missões *Quanta*. Mais especificamente, de toda e qualquer informação relativa ao Kinemet.

Durante o dia, a sua tarefa era descobrir o máximo que pudesse sobre o pergaminho antigo. Embora ele ainda estivesse com os sentimentos não resolvidos de raiva, em relação aos costumes velhos e teimosos do seu avô, Terry forçava-se a perguntar acerca da história do documento e pressionava o seu avô, para especular sobre os segredos que ele detinha.

Uma vez por semana, Terry encontrava-se com Jose ou com Humberto, para trocar informações. E, uma vez a cada dois meses, Terry deixava a aldeia, durante um fim-de-semana. Dizia ao seu avô que ia visitar os amigos que fez em Tegucigalpa. Na realidade, ele ia para o campo, para um acampamento isolado, onde ia treinar técnicas de combate com os Cruzados.

Inicialmente, Terry resistiu à ideia de uma ação militar.

“Por vezes, para que a sua voz seja ouvida,” disse-lhe Jose, na primeira vez em que Terry pegou numa arma “pode ser necessário aumentá-la.”

∞

Passaram-se três meses sem novos desenvolvimentos, até ao dia em que Terry, frustrado, exigiu que o seu avô repetisse a história do antigo pergaminho, várias vezes.

Ao ouvir as palavras do seu avô, a chave para desvendar o segredo do documento veio até Terry, como se estivesse predestinado.

Correndo novamente para sua casa, Terry contactou Jose no seu painel holográfico.

Essa chamada pôs em marcha um turbilhão de eventos que, no final, trouxeram Terry até onde estava; em pé, na ponte de uma nave da Lunar Lines, com uma caçadeira de feixes de iões na mão, enquanto Jose anunciava o seu sequestro aos passageiros.

Para Terry, o último ano, parecia-lhe mais um sonho do que um pesadelo. No entanto, foi naquele momento, que ele percebeu que tinha perdido o controlo do seu próprio destino.

Tegucigalpa:
Honduras:
Conglomerado da América Central:

Os filmes turísticos virtuais mostravam uma cidade banhada em calor e humidade. O céu era azul claro, com um escasso traço de nuvens atrás do horizonte do aeroporto.

A cacofonia de ruído dos camiões de carga, táxis e veículos de passageiros à saída do terminal, era suficientemente alta para que Michael, enquadrado na imagem bidimensional, tivesse que levantar a voz para se fazer ouvir.

Ele parecia irritado e cansado.

“O que é que você está a fazer?” Perguntou ele, depois de digitar um pedido de autotáxi, num balcão.

A voz de George vinha de fora da tela. “A documentar a nossa viagem.”

“Ainda estamos no aeroporto.” Disse Michael. “Não me parece que eles se preocupem se pedimos um táxi automaticamente, ou do quanto pagámos.”

“Bem, nunca se sabe. Não se preocupe, antes de enviar a gravação, vou apagar as partes aborrecidas. Mas, continuo a achar que a nossa chegada a Tegucigalpa, é um bom suporte para livros.”

Michael pressionou os lábios. “Você está a dar nas vistas. Precisamos que as pessoas confiem em nós, antes de falarem connosco.”

A imagem tremeu. “O único trabalho de campo que fizemos, foi olhar para reatores. Calbert não viu razão, para nos atualizarmos para o novo sistema de FatoPers. Esse sim, era um brinquedo que eu gostaria de ter nas minhas mãos.”

Balançando a cabeça, Michael disse: “Teremos que nos contentar com o que temos. Deixe-me ser eu a falar, quando chegarmos ao consulado.”

“Está bem, chefe.”

Michael faz uma careta, enquanto acenava para um táxi. “Desculpe a minha rabugice. Foi um longo voo.”

“Não se preocupe.”

Um autotáxi parou e eles colocaram as malas no porta-bagagens. A imagem tremia vertiginosamente, quando entraram no veículo.

A personalidade do computador de bordo solicitou <Destino?>

A imagem focou Michael e George disse: “Porque não vamos diretos ao hotel, fazemos o *check-in* e tomamos um duche?”

“Isso soa-me bem.” Michael coçou a barba. “Afinal, talvez faça a barba. Não sabia que estava a fazer tanto calor, aqui.”

“Para o Ambassador Arms.” Disse George para o computador e o autotáxi começou o percurso.

∞

A imagem turística virtual andava às voltas, do lado de fora das portas de vidro de um escritório, localizado no terceiro andar do edifício do Centro Financeiro Banexpo. A imagem ampliou a placa da Embaixada do Canadá.

Michael, com ar enérgico e confiante, chegou à porta e parou. Estava com o rosto bem barbeado e vestia uma camisa branca larga e umas calças castanhas.

Ele tirou um chapéu de abas largas e, virando-se para George e para o foco da câmara, disse;

“Está bem. Já que nós estamos a documentar tudo, vou comentar.” Michael pigarreou. “Estamos aqui no escritório da embaixada, para vir buscar os nossos documentos de viagem, mapas e para nos encontrarmos com John Markham, que é o assessor do cônsul. Esperamos que ele nos possa dar mais algumas informações, sobre o roubo do pergaminho Maia e sobre o sequestro de Yaxche, o tradutor.”

Michael entrou na área da receção, onde uma mulher bem-vestida sorriu, em saudação.

“Olá, eu sou Michael Sanderson e este é George Markowitz. Temos uma entrevista.”

“O Sr. Markham está à vossa espera. Podem entrar.” Ela apontou para um corredor alcatifado. “É o último escritório.”

Michael balançou a cabeça e depois seguiu para o escritório do cônsul.

No interior, John Markham, levantou-se da sua mesa e veio apertar a mão de Michael. O Assessor tinha umas enormes rugas, profundamente

bronzeadas, que se estendiam à volta da sua boca, enquanto os cumprimentou. Os seus olhos dirigiram-se para a câmara de turista virtual.

“Estamos a gravar os nossos progressos, para depois fazermos um relatório.” Disse Michael.

“Oh, está bem. Entrem. Sentem-se.” Ele regressou ao seu lado da mesa.

A imagem focou brevemente as botas de George, quando ele encontrou e se sentou desajeitadamente numa cadeira. Quanto apontou novamente a câmara para cima, John estava a entregar a Michael um cartão fino de memória.

John disse: “Depois do vosso supervisor ter ligado, a informar-me de que vinham para cá, tomei a liberdade de compilar alguns vídeos de notícias locais, que relataram o incidente.”

“Obrigado.” Michael pegou no cartão e inseriu-o no seu painel holográfico, para transferir os arquivos. “Cada pedaço de informação vai ajudar.”

“Receio que não haja muita aí. Quem quer que estes Cruzados sejam, eles têm-se mantido muito discretos, até agora. Nunca participaram em nada mais sério do que um protesto no Gabinete do Interior, quando a NASA tentou inicialmente comprar o documento. No último ano, eles estiveram tão quietos, que assumimos que se tinham dissolvido.”

“Há conhecimento dos nomes de alguns dos seus membros?”

“Apenas de um. Jose Arroyo, que acreditamos ser o seu líder. Falei com o meu homólogo, na embaixada dos EUA e ele enviou uma cópia de todos os dados que eles reuniram sobre os Cruzados, bem como um cronograma das suas atividades. Como eu disse, não é muito.”

“Você tem contactos na polícia? Alguém com quem possamos falar sobre isto?”

John franziu a testa. “Sim, mas não sei se vai ajudar nalguma coisa.”

Michael olhou por cima do painel holográfico. “Oh! Acha?”

“Bem, por um lado, o governo das Honduras não considera que o roubo e o sequestro, sejam de grande prioridade.”

Com um olhar para George, Michael disse: “Não considera?”

“A única razão pela qual, o Departamento Nacional de Investigações abriu um arquivo do caso, foi devido à pressão feita pela EUA, Inc. e pelo Gabinete de Turismo das Honduras.”

“Eles não consideram um sequestro, algo importante?”

John balança a cabeça. “É muito importante, mas acontece com tanta

frequência, nesta parte do mundo que, a menos que haja um pedido de resgate, ou uma ameaça iminente a uma pessoa muito importante, as autoridades simplesmente não têm a mão-de-obra ou os recursos para investigar.

E até agora, os Cruzados só são suspeitos deste crime. Eles ainda não assumiram o rapto, nem fizeram nenhuma exigência. Na realidade, de acordo com o cônsul na Embaixada dos EUA, a única razão pela qual sabemos que os Cruzados estão envolvidos, é por causa de um ASE (audiovisual por sinal eletrônico) não codificado, enviado a um contacto em Houston.”

Michael e George trocaram um olhar sombrio, entre si.

John encolheu os ombros a desculpar-se. “Eu quero ajudá-los, tanto quanto posso, mas tenho que dizer que acho que estão a desperdiçar o vosso tempo. Até os Cruzados aparecerem com uma lista de exigências, vocês estão apenas a desperdiçar energia.”

Michael tinha um olhar pensativo no rosto. “Eu agradeço as suas recomendações, mas temos que prosseguir com isso.”

“Claro.”

Com um olhar rápido para George, Michael disse: “Pensámos que poderíamos começar a nossa investigação em Copán, onde tudo aconteceu. E entrevistar alguns dos residentes locais.”

“Certamente que posso ajudá-los a organizar a viagem. Há um autocarro que funciona diariamente, entre Tegucigalpa e Santa Rosa de Copán. De lá, talvez vocês possam contratar um autotáxi. Eu acho que a aldeia de Yaxche, fica a menos de uma hora de distância.”

George balançou a cabeça, fazendo com que a imagem mexesse para um lado e para o outro. “A última vez que estive lá, aluguei um camião ao proprietário do hotel onde fiquei. Os autotáxis não trabalham em meio rural.”

John sorriu e levantou-se. “Excelente. Vou ligar a solicitar os bilhetes de autocarro, enquanto vocês pedem os vossos documentos de viagem à minha rececionista.” Ele contornou novamente a mesa e apertou as mãos de George e de Michael. “E se vocês ficarem mais uns dias nas Honduras, devem visitar as Ruínas de Copán. São bastante surpreendentes. Se gostam de história, é um *ex-libris*.”

∞

Gravaram-se várias imagens da paisagem, da janela de um autocarro. O barulho do motor do veículo era demasiado alto, para se conseguir ouvir algo

diferente do que apenas áudio distorcido.

∞

A breve filmagem noturna de um hotel, em Santa Rosa de Copán, lentamente começa a mostrar uma calçada movimentada, repleta de gente. Na esquina da rua, em frente ao hotel, um velho mendigo estendia a mão, enquanto rangia os dentes e olhava para longe.

∞

O sol da manhã lançava sombras sobre a estrada de terra batida de uma pequena aldeia. Algumas crianças descalças, andavam a correr atrás de uma bola de futebol quase vazia, junto a um poço, que servia de praça central.

Michael entrou na imagem. “Estamos aqui na aldeia onde Yaxche e o documento foram roubados. Qual é novamente o nome da aldeia?”

George disse: “Pueblo de Santa Brio, mas quase toda a gente aqui, apenas lhe chama *pueblo*.”

Michael fez um movimento com a mão para George o seguir. “Vamos tentar encontrar alguns dos parentes de Yaxche e, ver se eles nos podem dar mais informações, do que as que já temos.”

“Se bem me lembro,” disse George fora da imagem “a casa dele é a última do final da rua. Talvez a sua filha, ou o neto, estejam lá.”

Dirigiram-se para o outro lado da pequena aldeia. Enquanto caminhavam, alguns dos moradores pararam e ficaram a olhar para os dois, com enorme curiosidade.

A aldeia não tinha mais do que duas dezenas de casas, em ruínas, todas elas com extrema necessidade de obras. A frente de uma das casas, tinha algumas mesas cá fora. Numa das mesas, estavam cestas de frutas, de pão e duas galinhas mortas. Numa das outras mesas, estava exposta uma série de bugigangas artesanais. Uma mulher gorda sorriu-lhes e disse:

“*Comprar?*”

Michael olhou para George, com um sorriso impotente. “Esqueci-me de trazer o meu tradutor.”

“Ela quer saber se queremos comprar alguma coisa.”

Michael balançou a cabeça. “Talvez mais tarde.”

George disse à mulher: “*Más tarde. Gracias.*”

Ela sorri e acenou-lhes, enquanto os dois se dirigiam para a casa de

Yaxche.

A própria casa era de construção típica: as paredes eram feitas de adobe e o telhado era construído com telhas de barro. Ao contrário de muitas das outras casas, esta tinha uma pequena varanda e o piso era feito de madeira, ao invés de terra batida. A porta da frente estava parcialmente aberta.

George chamou para dentro da casa. “¿HOLA?”

Não houve resposta, mas uma das crianças que jogava futebol, aproximou-se e esclareceu;

“*La casa está vacía*” disse ele.

“Sabe o que aconteceu?” Perguntou George em espanhol, imediatamente a traduzir a conversa para Michael.

O menino balançou a cabeça. “Eles foram levados por homens. Eles tinham armas.”

“Eles?”

“Os soldados vieram e levaram Terry e o seu avô. Foram num carro Grande. Eles foram-se embora. Isso já foi há muitos dias.”

“Você já tinha visto aqueles soldados?”

“Não. Eu não sei nada deles.” O rapaz apontou para uma casa, com duas portas feitas de palha e barro. “A mãe de Terry está ali. Está à espera que eles voltem.”

“Obrigado.” Disse Michael, dando ao menino uma nota de vinte lempiras.

A gritar de alegria, o menino correu para mostrar o dinheiro aos seus amigos.

Michael virou-se para a câmara. “Isto é novo. Nós não sabíamos que o neto de Yaxche, também tinha sido sequestrado.”

Os dois atravessaram a rua de terra batida, para a casa que o rapaz tinha indicado e, bateram na porta frágil, feita de tábuas de madeira amarradas com uma corda tecida.

Uma mulher de meia-idade abriu a porta. Linhas de preocupação esticaram-se no seu rosto. Os seus olhos moveram-se de um lado e para o outro, entre Michael e George. O reconhecimento deu-se, quando o seu olhar fitou George, que tinha estado na aldeia havia mais de uma década e usava um equipamento semelhante.

Atrás dela estavam duas meninas pré-adolescentes, que olhavam com curiosidade.

A mulher falava em espanhol e George efetuou a tradução entre eles.

Ela disse: “Entrem, por favor.” E virou-se para os seus filhos e disse-lhes

para irem brincar lá para fora.

Michael sorriu educadamente e aquiesceu, enquanto seguia a mulher para dentro da sua casa pouco mobilada. Cadeiras artesanais cercavam uma mesa esculpida. Um armário de prateleiras, continha pratos e copos e, na chaminé de uma lareira rudimentar, estava o retrato fotográfico de um jovem.

Michael apontou para ele. “Aquele é o seu filho?”

“Sim.” Disse a mulher, torcendo as mãos. “Ele e o meu pai têm estado desaparecidos, nos últimos dias. Foram sequestrados pelos bandidos, não sei por que razão. Não temos nada de valor.” Ela olhou para Michael e para George, pelo canto do olho. “Vocês não são da polícia. Porque é que vieram?”

“Queremos ajudar a encontrá-los,” respondeu Michael “mas só hoje é que descobrimos, que o seu filho também foi sequestrado. Você pode contar-nos acerca disso?”

“Sim.” Ela sentou-se numa cadeira, na mesa. “Ele é o meu único filho e eu amo-o, embora no ano passado, ele se tenha afastado de mim e do seu pai. Veja, nós arranjámos um casamento para Terry. Itzel era bonita e trouxe-lhe alegria e à nossa família. Mas ela foi atingida pela doença e morreu. Em luto, Terry afastou-se de nós e desapareceu, durante um mês. Ele foi-se embora um menino, mas voltou um homem. Trouxe uma grande quantidade de suprimentos e de ideias novas, para a nossa aldeia.”

Quando falou, ela não parecia orgulhosa e Michael lançou um rápido olhar a George, antes de lhe dizer: “Você não parece feliz com isso.”

“Aconteceu algo com Terry, enquanto ele esteve fora. O meu marido não me ouviu, quando lhe disse que Terry não era o mesmo. Tanto ele como os outros aldeões, só viam as melhorias para a aldeia e a riqueza que Terry trouxe com ele. Mas onde foi ele arranjar esse dinheiro? Ele disse que o ganhou no jogo, mas eu acho que ele pode ter feito algo vergonhoso. Eu acho que...”

Ela ficou em silêncio e olhou para as suas mãos. “Não me cabe dizer.”

Michael colocou a mão no seu ombro. “Pode contar-nos. Isso pode ajudar-nos, na nossa busca. Por ele e pelo seu pai.”

Ela tinha uma lágrima no olho, quando olhou novamente para Michael. “O meu marido diz-me que estou louca, mas eu acho que o meu filho pode ter... roubado o dinheiro dos bandidos. É por isso que eles o sequestraram e ao meu pai. Eles vão pedir um resgate à aldeia, ou então vão descarregar a sua fúria neles.”

Ela agarrou o braço de Michael. “Por favor. Eu imploro-lhe. Encontre o meu filho e o meu pai, antes que algo terrível lhes aconteça.”

Com o rosto sombrio, Michael disse-lhe: “Faremos tudo o que pudermos. Existe algo que nos possa contar, sobre esses bandidos?”

“Ninguém os viu de perto. Eles conduziam um caminhão preto e tinham caçadeiras. Isso é tudo o que eu sei.”

Michael virou-se para George e disse: “Talvez possamos localizar os Cruzados, através do seu caminhão? Pode ser um tiro no escuro, mas se houvesse um satélite na área, na noite do sequestro, poderíamos ser capazes de ver em que direção foi.”

George tocou no seu painel holográfico. “Estou a tratar disso.”

Michael afagou a mão da mulher. “Obrigado.” Disse ele. “Faremos o nosso melhor, para trazer a sua família de volta para si.”

∞

Dentro do caminhão alugado, George digitava vários comandos no seu painel holográfico, enquanto Michael conduzia.

“Já descobriu alguma coisa?” Perguntou Michael.

George balançou a cabeça. “É como encontrar uma agulha num palheiro. Havia um satélite geológico, nesta secção do departamento, à procura de depósitos minerais. Ele apanhou todos os tipos de sinais de calor. Parece que estavam trezentos veículos a viajar na estrada principal naquela noite, entre Santa Rosa de Copán e Ruínas de Copán, talvez até o dobro disso.”

“O dobro? O que é que quer dizer?”

George balançou a cabeça. “O satélite rastreou em ziguezague, por isso há dezenas de lacunas no registo. Nas três vezes que passou sobre a aldeia, não houve nenhuma atividade térmica.”

“Maldição.”

George digitou mais alguns comandos. “Talvez eu possa executar um filtro. Eliminar os veículos comerciais e os meios de transporte, autotáxis, esse tipo de coisas. Talvez tenhamos sorte...”

“Você não tem que procurar mais, George.” Disse Michael. “Acho que eles nos encontraram.”

George olhou para cima. Na visão da câmara, estava uma grande carrinha preta a vir em direção a eles, a alta velocidade e a levantar uma nuvem de pó atrás dela.

Michael encostou-se à borda da estrada. O caminhão virou-se para os

interceptar, por isso Michael abrandou a velocidade.

“O que é que você está a fazer?” Perguntou George, levantando a voz.

“Bem.” Disse Michael. “Não é que os possamos ultrapassar. E afinal, é isto que queremos, não é? Se esses fulanos são Cruzados, talvez eles nos digam onde estão Yaxche e o seu neto. E o pergaminho.”

A carrinha preta fez uma derrapagem e, parou a uma dúzia de metros de distância. Quatro homens com caçadeiras saltaram para fora, apontando as armas para Michael e para George. Os homens tinham lenços a cobrir as suas bocas.

Eles gritavam em espanhol e George traduziu: “Saíam do camiãõ com as mãos no ar. Não tentem fugir.”

Michael disse: “É melhor fazer o eles dizem.”

Os dois abriram as portas e saíram. Colocaram as mãos para cima, enquanto Michael clamava: “Não queremos causar-lhes nenhum dano. O meu nome é Michael Sanderson, da Quantum Resources no Canadá.”

“Nós sabemos quem você é.” Disse um dos homens, em inglês. “Mantenha a sua boca fechada.”

Outro Cruzado, caminhou propositadamente em direção a George e Ordenou: “Desligue isso.”

George disse: “Desligar o quê?”

O homem armado aproximou-se e agarrou na câmara de turista virtual. Puxou-a da cabeça de George.

“A câmara.” Disse ele, enquanto a imagem balançava mostrando a estrada de terra, um par de botas, o céu e depois uma completa escuridão.

**Nave da Lunar Lines, *Diana*:
Transito desconhecido:**

Justine, conseguia sentir a *Diana* a descolar, para sair da doca da Terceira Estação do Canadá. Os enormes motores de feixes de iões emitiam grandes vibrações, quando eram acionados e o primeiro movimento brusco da nave a desacoplar da doca, era suficiente para fazer alguém cair, se não estivesse preso com segurança ao seu assento.

Justine e Clive agarraram-se um ao outro, para se equilibrarem, enquanto caminhavam rapidamente para os assentos e amarravam os cintos.

Os homens do Tenente Jeffries tinham adotado posições defensivas, em torno da carga, para o caso dos sequestradores decidirem vir ao compartimento de carga. Quando os motores estremeceram, dois deles agarraram-se às alças do contentor para se estabilizarem, enquanto os outros dois, que ficaram de joelhos, perderam o equilíbrio e caíram.

Dois dos homens, que correram em direção aos elevadores após o anúncio, com as caçadeiras de feixes de iões prontas, como se esperassem que os sequestradores entrassem dentro do compartimento de carga com armas em punho, foram lançados para cima de caixas de metal pesadas, quando a nave de carreira começou a mover-se. Um deles levantou-se imediatamente, mas o outro levou mais tempo para se recuperar.

Quando a nave de carreira se estabilizou, o Tenente Jeffries e o Cabo Marks correram para o homem, para verificar o seu estado. Ele olhou para trás e fez um aceno com a cabeça a Justine, para lhe dizer que, embora golpeado e ferido, ele estava bem.

Justine já tinha sido passado por uma tentativa de sequestro antes, embora os assaltantes tenham sido bem-sucedidos no seu propósito principal; sequestrar Alex Manez. Mas Alex não estava em *Diana*. Ele tinha

desembarcado em segurança.

A lutar contra o pânico que emergia dentro dela, Justine agarrou-se ao braço de Clive. O seu rosto apresentava uma expressão estóica, mas os olhos traíam o seu medo.

“É o Kinemet.” Clive, disse o óbvio. “Eles querem isso.”

“Porque é que os estão a deixar levar a nave?” Perguntou Justine, com os dentes cerrados.

“A TEC não está realmente concebida, para impedir uma nave de *partir*.” Disse ele.

Justine sacudiu a cabeça. “Referia-me à tripulação do voo. Todas as naves de carreiras têm protocolos contra isto. A cabine está auto-suficiente e selada e, nesse caso, eles nunca iriam iniciar os procedimentos de decolagem. E, mesmo se alguém conseguisse entrar e prender o piloto com uma arma, o sistema está projetado para cortar a ligação elétrica, em caso de existirem outros sinais biométricos na cabine, para além do capitão e do navegador.”

Clive olhou para Justine e, exclamou; “A menos que eles façam parte da tripulação!”

Um olhar de terror surgiu no seu rosto. Nesse mesmo instante, chamou: “Tenente Jeffries?”

“Sim senhor?”

“Acho que não precisa de se preocupar, que eles nos ataquem.”

O soldado virou a cabeça e olhou para trás, para Clive e Justine. “Porque não?”

“Verifique o elevador.” Disse Clive. “Tenho a certeza de que ele foi desativado. Assim como, estou certo, todas as nossas comunicações. Eles não têm nenhuma intenção de lutar connosco. Porque lutariam eles? Estamos exatamente onde eles querem, enfiados nesta pequena prisão que nós próprios criámos.”

Clive riu-se, mas foi um som oco, amargo. “Vocês podem muito bem descansar, até chegarmos, seja onde for que eles nos estejam a levar, ou até que eles iniciem o contacto.”

∞

A velocidade de cruzeiro aumentou e as vibrações da nave de carreira diminuíram para níveis normais. Uma vez que a descolagem tinha terminado e, a força de atrito da estação do Canadá, cada vez se exercia com menor força.

Para que destino? Perguntou Justine a si mesma. “Eles não se podem estar a dirigir, para qualquer uma das outras estações espaciais. Até lá, todas serão alertadas em relação a eles. Nesse aspeto, eles não se podem estar a dirigir para a Estação da Lua ou para qualquer outro lugar na Lua” disse ela em voz alta, para Clive.

Após o rapto de Alex Manez, que revelou a extensão da infiltração de Chow Yin na Estação da Lua, as medidas de segurança tinham triplicado, não só em cada estabelecimento na Lua, mas também para todo o tráfego espacial vindo de, e para o planetóide. As naves não-comerciais ou não-militares, estavam sob maior escrutínio.

Quem quer que fossem, os sequestradores, estavam obviamente bem organizados e financiados. Surgiu-lhe outro pensamento; seriam eles reféns? Ou seriam apenas carga accidental? Se aquilo que os sequestradores queriam, era apenas o Kinemet, eles não precisavam dela nem dos soldados. Seria bastante fácil para eles, desligarem o sistema de apoio à vida do compartimento de carga e, esperarem até que, qualquer ameaça fosse neutralizada.

Agarrou-se com mais força ao braço de Clive.

Justine ainda tinha o arnês do seu FatoPers ligado, estaria completamente perdida sem ele e viu, quando o Tenente Jeffries e os seus homens, fizeram um reconhecimento total da área de carga, verificando os elevadores, para confirmar a suposição de Clive. Não era que não acreditassem nele, mas Justine sabia, desde o seu treino no serviço militar, que a confirmação redundante tinha os seus resultados.

O Cabo Marks, o segundo no comando, testou o seu equipamento de comunicações e tentou entrar no computador de bordo. O resultado foi o que Clive tinha previsto. Estava desligado.

Mesmo assim, depois de colocar os seus soldados em locais estratégicos, ao redor da área de carga, o Tenente voltou para informar. “Estamos completamente fechados e isolados. Enterrados.”

Como se estivesse a ler os pensamentos de Justine, acrescentou, “o suporte de vida ainda está totalmente funcional.”

“Então, eles querem-nos vivos.” Concluiu Justine.

Sempre pragmático, o Tenente disse: “Talvez.”

“O que é que quer dizer?”

O oficial balançou a cabeça. “Podemos fazer inúmeras suposições. Manter-nos reféns, é apenas uma delas.”

Justine deixou os seus pensamentos seguirem algumas possibilidades. Eles poderiam mantê-los vivos para resgate. Poderiam libertá-los, posteriormente, como um gesto de boa vontade. Poderiam matá-los, mais tarde, para servir como um aviso, ou como uma distração. Poderiam vendê-los como escravos, o tráfico humanos era incomum, mas era ainda um problema do mundo.

Antes que a sua imaginação, a levasse por caminhos ainda mais assustadores, ela disse “E agora?”

“Agora.” Disse Clive, com sotaque e olhou para Justine. “Agora, precisamos de descobrir para onde estamos a ir. Talvez isso nos dê uma pista, sobre a intenção dos sequestradores.”

O Tenente Jeffries virou-se, quando o Cabo Marks relatou. “Eu tentei entrar no computador de bordo, mas parece que eles programaram a sua própria *firewall*.”

“É uma pena que, Alex não esteja aqui.” Disse Justine e depois, quando Clive lhe deu um olhar curioso, ela acrescentou rapidamente: “Por causa da sua capacidade de *visão* extra-espacial. Nós estamos todos cegos aqui, sem instrumentação.”

Clive, colocando o braço à volta dela, rosnou. “Deve haver algo que possamos fazer, para além de apenas esperar que eles iniciem o contacto.”

O Cabo Marks tinha um olhar estranho no seu rosto, quando fixou os olhos no arnês de Justine. “Mesmo que eu tivesse uma ferramenta mais poderosa, do que o meu painel holográfico, ia levar semanas para quebrar a *firewall*. Mas...”

“O que foi, Cabo?” Solicitou o Tenente.

A sugestão de um sorriso, brincou nos lábios do jovem. “Isso é um FatoPers, não é?” Ele perguntou a Justine.

“Sim.”

Ele disse: “Eu acho que foi construído com sensores giroscópicos e, uma plataforma de referência inercial.”

Por um momento, Justine não teve ideia onde é que o Cabo estava a querer chegar, mas depois percebeu. “Também com um indicador de altitude, de posicionamento vertical e horizontal. Tudo isso, juntamente, com sensações visuais e olfativas, o processo também pode proporcionar sensações de inercia para os telespectadores. Se eu estivesse no mar, ou numa montanha russa, os telespectadores mais sensíveis iriam experimentar os enjoos do movimento, parece tão real como isto.” Ela parecia estar a ler uma brochura.

O Tenente, entusiasmado, perguntou ao Cabo, “Você pode aceder ao fato e

aos dados?”

O Cabo Marks assentiu. “Acho que sim. Com alguma sorte, talvez seja capaz de controlar o nosso curso, desde o momento da decolagem. Tenho cartas de astronavegação no meu painel holográfico, talvez possa descobrir para onde nos estamos a dirigir.”

Ele inclinou a cabeça para o lado e disse a Justine “Contudo, terá que tirar o fato.”

∞

Embora estivesse cega há anos, houve sempre uma parte de Justine, que não tinha aceitado completamente aquele fato. Havia aquela centelha de esperança de que um dia, ela iria acordar e seria capaz de ver. Que o universo tinha feito uma anedota cósmica sobre ela e, a qualquer momento, depois de contar o final, todos dariam gargalhadas e então ela regressaria ao normal.

Sentada no banco de rede, do compartimento de carga, sem os seus sensores do FatoPers e sem a ligação óptica, que o Cabo necessitou para fazer o *interface* com o painel holográfico, o seu mundo estava completamente mergulhado na escuridão.

Ela experimentou, alguns momentos, de um certo desespero. Não tinha sido uma anedota, foi uma brincadeira cruel e ela só se estava a enganar a si própria, ao pensar que, a sua situação não era permanente.

Foi então que, sentiu o deslizar de uma mão quente, junto à sua. Era Clive! Estava a apertar a sua mão, para a confortar.

Ela inclinou-se para ele e disse; “Obrigado.”

“Porquê?”

“Só por estar aqui, ao meu lado.”

Ele riu ocamente. “Tudo pesado na mesma balança...”

“Sinto o mesmo.” Ela sorriu-lhe, embora não tivesse ideia, se ele estava a olhar para ela ou a ver o Cabo Marks a tentar fazer a ligação do FatoPers ao seu painel holográfico portátil.

“Ouça,” disse ele “nós vamos ultrapassar isto. Os sequestradores não desligaram o nosso suporte de vida porque, obviamente, precisam de nós vivos. Isso dá-nos uma hipótese.”

“Eu sei.” Disse ela. “Só gostaria de poder fazer mais. Sinto-me tão impotente.”

Em resposta, Clive colocou-lhe um braço à volta dos ombros, enquanto esperavam.

Alguns minutos depois, o Cabo gritou que tinha feito a ligação.

Clive levantou-se do banco, aproximou-se e, Justine foi com ele.

“O que é que você conseguiu?” Disse o Tenente Jeffries.

“De momento, está a compilar dados. Devemos ter o resultado, num minuto.”

Houve um silêncio abafado, enquanto todos circulavam à volta do Cabo e do seu computador. Justine sentiu uma profunda frustração, por não poder ver a tela e ter que esperar por alguém, para lhe dar informações em segunda mão.

“Vem aí a trajetória agora.” Disse o Cabo.

Um momento depois, o Tenente Jeffries falou e a sua voz assumiu um tom cáustico. “Isso não pode estar certo.”

“O quê?” Perguntou Justine.

Jeffries disse: “Tem a certeza de que você tem a informação correta? Talvez o computador tenha invertido as coordenadas, ou algo do género.”

“Quais coordenadas?” Perguntou Justine, novamente.

O Cabo Marks digitou repetidamente no seu computador, outra vez. “Não, isto está certo.”

Justine ficou frustrada. “O que é que está certo?”

Ela ouviu o Tenente Jeffries fazer uma respiração profunda e, libertá-la num assobio. “Bem, de acordo com a nossa trajetória atual, os sequestradores estão a levar a *Diana* diretamente para o Sol.”

**Nave da Lunar Lines, Diana:
Trajetória Solar:**

Tinha sido uma semana louca, no entanto, bastante assustadora para Terry. No início, aquando do sequestro do seu avô e do roubo do pergaminho, sentiu-se poderoso.

Ele estava, finalmente, a tomar o controlo das coisas e estava capaz de influenciar os eventos futuros. Com pessoas que pensavam do mesmo modo ao seu lado, Terry tinha dado os primeiros passos, rumo ao regresso do povo Maia ao seu estatuto no mundo, por direito. Se ele tivesse uma palavra a dizer sobre o assunto, o seu povo não iria sofrer e morrer desnecessariamente, como Itzel.

Tal como acontecia em qualquer revolução, iriam ocorrer vítimas. No fundo, Terry sabia disso. Ele não era tão ingénuo, ao ponto de pensar que bastava empunhar as armas e as pessoas iriam simplesmente ceder. Embora ele estivesse preparado para a possibilidade, ainda assim, queria evitar a violência, tanto quanto fosse possível. Jose, assegurou-lhe, de que se sentia da mesma maneira. Ele delegou em Terry e no outro Cruzado, Carlos, que protegessem a cabine da nave espacial de carreira, para a possibilidade de um dos soldados americanos conseguir sair do porão de carga e ,se infiltrar nos pisos superiores.

Desde o seu ingresso nos Cruzados, que Terry tinha ficado surpreendido com o tamanho da sua rede de simpatizantes no governo da EUA, Inc. e da NASA. Existia um número ainda maior de pessoas que, podiam ser subornadas, para fazerem o que fosse necessário e, lutarem, ao lado dos cruzados, na libertação social do Povo Maia; a Verdadeira e, única missão, daqueles jovens.

Uma das pessoas que tinham subornado, tinha sido o piloto da nave, o

Tenente John Franks. Terry não sabia dos detalhes, mas, pelo que tinha ouvido, adivinhou que o piloto devia ter um problema de jogo e de dívidas crescentes.

Ao fim de uma hora de terem saído da estação com êxito, Franks saiu da cabine e pediu para falar com Jose.

Apontando um dedo ao homem, Carlos disse: “Ele está ocupado. O que é que você quer?”

Franks rosnou. “Quero mais dinheiro.”

“Você vai ter o que combinámos.”

Franks sacudiu a cabeça. Parecia muito cansado. O seu cabelo estava desalinhado, a pele corada e as suas pupilas estavam dilatadas. Terry pensou que ele poderia estar drogado.

Franks rosnou. “Eu preciso de mais. E quero resolver isso agora.”

Carlos falou no mesmo tom de voz, mas as pálpebras dos olhos dele caíram e as suas íris desfocaram-se. “É tarde demais. O acordo está feito. Quando chegarmos ao nosso destino, receberá o pagamento. Agora, volte para a cabine e faça o seu trabalho.”

Ou, o Tenente Franks não percebeu, que não podia intimidar ou persuadir Carlos, ou o seu pânico era tão forte, que ele não se importava. O piloto ergueu o painel holográfico e mostrou-lhes a tela.

Mesmo a partir de um mau ângulo, Terry, era capaz de ler a mensagem que alguém tinha enviado a Franks. Obviamente que a tinha recebido pouco antes do sequestro, mas aí já era tarde demais, para ele fazer alguma coisa.

A mensagem era da sede da Lunar Lines. Franks tinha sido suspenso, depois de uma minuciosa investigação criminal; alegadamente, por contrabando!

“Vê isto?” Disse. “Foram apenas alguns copos de mau rum. As pessoas estão sempre a fazer isso. Porque é que tinham que me escolher a mim?”

“Lamento ouvir isso.” Disse Carlos. “Mas não é um problema meu.”

“Não percebe? Eles já estão atrás de mim. Eu preciso de desaparecer completamente e, obter uma nova identidade. Para isso, preciso de mais dinheiro.”

Carlos estava a perder a paciência. “Você está a receber o suficiente, para isso.”

“Eu preciso de mais!” Disse Franks.

Os seus olhos andavam, descontroladamente, de um lado para o outro e, o Tenente fez um movimento, como fosse passar por Carlos e Terry a correr.

Estendendo um braço robusto, Carlos travou o piloto e o homem caiu de costas contra a parede.

Carlos pegou numa pistola de iões e apontou-a para o piloto. “Eu disse-lhe; para voltar para a cabine.”

“Seu filho-da-puta!” Gritou Franks, provocando Carlos.

Uma mancha vermelha saiu do meio da testa do piloto. Terry mal registou o zumbido do feixe de iões.

Por um breve momento, os olhos de Franks arregalaram-se num súbito choque, antes que a vida se esvaísse dele. No segundo seguinte, caiu de joelhos e...morreu!

“O que diabos você fez?” Gritou Terry a Carlos.

“Ele estava enlouquecido. Pedrado ou algo do género. Nós não podíamos vê-lo a entrar em pânico. Ou a alterar, repentinamente, a rota do nosso plano. As Pessoas em Pânico ficam imprevisíveis...não sabemos como vão atuar ou reagir.” Carlos estava calmo e sereno. Não mostrou mais preocupação. Tão descomprimido estava que, até parecia, que em vez do piloto, tinha morto um mero inseto.

“Mas, você matou-o!”

Carlos virou toda a sua atenção para Terry. “Será que *vamos* ter algum problema agora?”

Terry gaguejou. “N...ão. É s...s...ó... que...”

“O quê?”

“Não sei. Não poderia, simplesmente, tê-lo deixado inconsciente? Amarrado ou algo assim?”

Carlos coçou o cabelo atrás da orelha. “Eu pensei, que você estava alinhado com esta missão.”

“Sim. E estou.” Terry olhou para o sangue, a acumular-se sob a cabeça do piloto. Ele podia sentir os olhos de Carlos a observá-lo. “Só que isto apanhou-me, como que, desprevenido. Desculpe.”

Qualquer outra coisa que pudessem ter dito um ao outro foi silenciada, quando dois homens se aproximaram a correr. Era Jose e outro Cruzado, o Alberto.

Jose examinou a cena e perguntou: “O que é que aconteceu?”

A encolher os ombros, Carlos disse: “Ele estava fora de controlo.”

Jose olhou para Terry para confirmar. Relutantemente, Terry deu um aceno rápido.

O líder dos Cruzados respirou. “Está bem. Limpem a sujidade. Nós vamos

ter que encontrar alguém, para ocupar o lugar dele e ajudar o nosso piloto a navegar a nave de carreira.” Ele apontou para Terry “Você está apto?”

Terry, ainda a tentar recompor-se da morte, pestanejou vagamente para Jose. Os três homens estavam a olhar para ele, com expectativa.

“Uh. Sim.” Disse ele, finalmente.

O líder dos Cruzados assentiu e saiu com Alberto. Carlos bateu a Terry no ombro.

“Agarre nas pernas dele. Ajude-me a colocá-lo num daqueles congeladores.”

∞

Nos dois dias seguintes, Terry permaneceu um pouco afastado, enquanto ajudava o piloto, o primeiro homem que não era Maia, que Terry tinha conhecido no movimento dos Cruzados.

O Capitão Gruber era um homem mais velho, que falava inglês, com um forte sotaque alemão. O inglês de Terry não era muito bom, o que, de início, dificultou a comunicação. Até ao momento, em que Gruber, instalou um programa tradutor na consola táctil da nave.

A princípio, Terry tinha ficado impressionado com a miríade de controlos e de ecrãs de computador, mas isso, rapidamente, se transformou em tédio.

O Capitão Gruber disse-lhe que, na maioria das vezes, ele próprio poderia pilotar a nave de carreira. Toda a tripulação tinha sido treinada para voar sozinha, em caso de necessidade.

“Basicamente.” Disse a Terry, “Eu só preciso que você tome conta da consola, quando eu for dormir. Alguém tem que estar sempre aqui, ou os sensores irão desligar a nave. Não se preocupe, está em piloto automático e, se acontecer alguma coisa, o alarme soará. O seu principal dever é ligar-me ou ir-me buscar, se isso acontecer.”

Eles fizeram turnos rotativos de doze horas. Isso deu a Terry bastante tempo para pensar sobre o seu papel no sequestro da nave de carreira e, se ele tinha tomado, a decisão certa.

Ele passou a maior parte de sua vida a acreditar que todos, na sua família, tinham tomado más decisões. Os seus pais viviam na miséria. Não tentaram melhorar a sua vida ou prestar um nível de vida melhor à sua família. O seu avô tinha um artefacto precioso, que podia ter sido trocado por uma grande riqueza, para a sua comunidade. E agora, Terry teve que admitir, que tinha seguido os seus passos. Numa tentativa de fazer a diferença, para trazer

melhorias para a sua família e para a comunidade, ele tinha ido cair num grupo cujos ideais estavam alinhados com os seus, mas cujos métodos eram extremos.

E Carlos! Ele tinha morto o piloto, sem pestanejar. Não teve nenhuma dúvida ou remorso depois. Carlos tinha terminado com a vida de um homem, como se estivesse a pisar um inseto.

Terry tinha a certeza de que podiam ter controlado o homem e resolvido a situação, sem recorrer ao assassinato.

Existia uma linha, que Terry tinha jurado não cruzar. Agora, depois de alguma reflexão, ele percebeu que tinha violado essa linha, no momento em que concordou em sequestrar o seu avô e roubar o pergaminho antigo.

Onde é que estava o limite? Terry sabia que tudo tinha sido demasiado. Mas o problema agora, era que ele estava demasiado envolvido, para voltar atrás. Eles certamente que o eliminariam, se ele levantasse muitos problemas. Os Cruzados tinham o avô de Terry e tinham o pergaminho. Eles não precisavam mais de Terry.

Se ele quisesse sobreviver àquilo, teria que continuar a alinhar com eles e, esperar por uma oportunidade de se escapar.

Todavia, para onde estavam a ir, não havia lugar para onde fugir.

∞

Só passados três dias é que o Capitão Gruber, parecendo perturbado por um sono interrompido, veio ao *cockpit* enquanto Terry estava de turno. Ele sorriu, em sinal de saudação e, de seguida, fez sinal a Terry para que se movesse para o lado.

“O que é que está a acontecer?” Perguntou Terry.

Num tom áspero, o Capitão disse: “Estamos a parar.”

“A parar? Porquê? Por não temos combustível suficiente para recuperar a velocidade de cruzeiro?”

Ao olhar de relance para Terry, em aborrecimento, o Capitão disse: “Isso. Mais ou menos. Ou seja, não temos combustível para mais do que um dia. O que é que achava, que durante o resto do caminho, íamos a descer?”

Terry odiava admiti-lo, mas era exatamente aquilo que tinha assumido.

O Capitão apertou os lábios. “Não! Vamos ao encontro de outra nave, para descarregar a carga.”

“E os reféns?”

A franzir a testa, o Capitão Gruber não respondeu.

Um olhar sombrio caiu sobre o rosto de Terry. “Não podemos simplesmente abandoná-los e deixá-los à deriva no espaço. Eles vão ficar sem comida e sem água, antes que qualquer nave de resgate os encontre.”

O Capitão, ou não tinha resposta, ou optou por não dizer nada. Em vez disso, concentrou-se em conduzir a nave de carreira para ponto morto.

Ao fim de uma hora, apareceu uma mancha brilhante à distância e Terry apontou para ela. “Será a nova nave?”

“Parece.” Disse o Capitão e ligou um aparelho. “Sim. É a *Ultio*.” Ele apertou o botão do interfone e anunciou a nova chegada.

Momentos depois, Jose e Carlos entraram na cabine.

“Ele está aqui?” Perguntou o líder do Cruzados. O seu rosto estava iluminado, em antecipação.

Terry perguntou-se quem seria, mas não perguntou em voz alta. Teve a sensação de que lhe tinham escondido muitas coisas. Embora ele não tivesse passado muito tempo a pensar sobre isso, agora ele sabia que não o consideravam tão confiável, como tinha pensado inicialmente, quando estavam nas Honduras e, os Cruzados o tinham recrutado para a sua revolução.

Quando olhou para Jose, viu que o outro homem estava a olhar para ele com ar avaliador, e Terry deu-lhe um sorriso, para mostrar que ainda estava alinhado com a operação.

Todos eles viram a outra nave crescer, até encher completamente o ecrã. A *Ultio* parou ao lado da nave de carreira e foi estendido um tubo umbilical para fora e anexado à porta principal.

Os quatro homens saíram da cabine e fizeram o percurso para cumprimentar o recém-chegado.

Foi com crescente expectativa, que Terry esperou que a porta da cabine se desbloqueasse, com o som do ar a escapar-se e, de seguida, se abrisse lentamente. Saiu apenas um homem.

“Jose, estou contente, por ter corrido tudo tão bem.” Alto e loiro, com olhos azuis penetrantes, o homem estava nos seus vinte e tantos ou trinta e poucos anos, embora se comportasse como se fosse alguns anos mais velho. Ele usava um fato preto de modelo atual, sem gravata. A camisa branca não tinha dobra no colarinho mas, ao invés, circulava a garganta do homem, num círculo restritivo. O seu sorriso não tinha um traço de humor.

Foi nesse momento, que Terry detetou uma leve semelhança entre ele e o Capitão Gruber. A sua ideia foi confirmada, quando os dois se aproximaram

e apertaram as mãos.

“Tio.” Disse o jovem, em inglês. “Como correu a viagem?”

“Sem complicações.”

Jose, com um largo sorriso no rosto, subiu e apertou também a mão do homem loiro.

“O seu plano funcionou na perfeição.” Disse ele.

“Fico feliz por ouvir isso.” O homem virou o seu olhar de aço para Terry. “E é este a quem temos de agradecer, por nos ter proporcionado a oportunidade?”

“Sim.” Disse Jose. “Este é Te’irjiil, que atende pelo nome de Terry Hernandez. Terry, eu gostaria que você conhecesse o nosso benfeitor, o Sr. Klaus Vogelsberg. O seu tio é o Capitão Gruber. Sem o seu apoio, nós ainda estaríamos a reunirmo-nos em edifícios abandonados e apenas a falar sobre o movimento.”

O canto do lábio de Klaus subiu, num sorriso sem humor e, ele estendeu a mão para Terry. “Muito satisfeito por conhecê-lo finalmente. Nós estivemos anos, à espera que os tão considerados génios da NASA, decifrassem o pergaminho antigo e, no final, o segredo foi desbloqueado por um simples aldeão. Quão perfeito poderia ser?”

Terry sentiu-se muito desconfortável, sob o olhar penetrante do outro homem. Ele não sabia se estava a ser elogiado ou insultado, mas não queria dizer nada de errado. Então concordou e ofereceu-lhe um sorriso de sua iniciativa.

Voltando a sua atenção para Jose, Klaus perguntou: “Eu confio, que não tivemos problemas com os nossos hóspedes lá em baixo?”

“Não. Eles estão completamente controlados. Todas as entradas foram magneticamente seladas. Eles também tinham comida e água suficiente lá em baixo para a viagem. Só ouve um deles, que tentou fazer explodir, sem sucesso, a porta do elevador com um pequeno explosivo. Tirando isso, não ouvimos um pio.”

“Isso é bom.”

Terry encontrou a sua voz. “Não lhes vai acontecer nada, pois não?”

Soltando subitamente uma gargalhada sonora, Klaus disse, “Acontecer alguma coisa?” Ele partilhou um olhar divertido com seu tio e, de seguida, continuou: “Se os quiséssemos prejudicar, não os teríamos feito reféns.”

O alívio que Terry sentiu, foi rapidamente substituído por algum constrangimento. Estas pessoas pensavam que ele era um campónio.

Prometeu a si mesmo não abrir a boca novamente, até que tivesse algo inteligente para dizer.

Klaus virou-se para Jose. “Por falar nisso, você pode transferi-los, e à carga, para a minha nave. Utilize gás sonífero; coloque-o no filtro do sistema de ar.” Ele olhou para Terry e piscou-lhe o olho. “Não quero conflitos, lutas, nenhum dano. Veja, nós já pensámos em tudo.”

Terry ficou vermelho.

Jose, com um sorriso satisfeito nos lábios, fez um gesto para Carlos e para os outros homens “Vamos amarrar os prisioneiros.” Quando saiu com eles, ele disse a Terry por cima do ombro “Você pode ficar com o Capitão Gruber e ajudá-lo.”

Gruber mediu Terry com o olhar. Era óbvio, aquilo que o piloto estava a pensar: que o estatuto de Terry no movimento, estava em trajetória descendente.

Quando Jose e os outros Cruzados se foram embora, Klaus aproximou-se do Capitão Gruber. “Quando tivermos tudo a bordo, eu preciso que você programe o piloto automático, para enviar a nave de carreira em direção ao Sol. Com alguma sorte, as autoridades vão perder tempo a tentar salvar uma nave fantasma. Até lá, nós estaremos muito longe. Temos muito trabalho para fazer e não queremos ser interrompidos.”

Terry começou a dizer: “Mas, eu pensei...” E, mais uma vez, ele sentiu o calor aumentar no seu pescoço e no rosto, quando Klaus olhou para ele com um sorriso divertido.

“O quê,” disse Klaus, “você acha que os governos da Terra vão ceder às nossas exigências, apenas por lhes devolvermos a carga e dos reféns? Que o irão colocar, no seu lugar de direito, como embaixador das estrelas? Ah!” Desta vez a sua gargalhada tinha um tom de ameaça. Obviamente, que ele estava a ficar cansado de alimentar a ignorância de Terry.

Terry sabia que estava a levar a tolerância de Klaus ao limite, mas teve que fazer uma última pergunta:

“Se não estamos a manter o Kinemet para o resgate, o que vamos fazer com ele?”

Deu-se um momento frio, quando Terry pensou que Klaus ia ordenar ao seu tio que o matasse ali mesmo, mas depois, o rosto do homem mais jovem abriu-se num largo sorriso.

“Estou feliz por ter perguntado.” disse a Terry. “Porque eu preciso de si a trabalhar comigo, para completar a tradução do pergaminho e descobrir o seu

segredo. Para isso, precisamos do Kinemet e alguns sujeitos para experiências.”

Com isso, Klaus acenou ao seu tio com a cabeça e depois foi na mesma direção que Jose e os outros.

O Capitão Gruber tocou no braço de Terry com as costas dos dedos “Vamos andando.”

∞

Tentando não ser demasiado óbvio, Terry olhou cuidadosamente para os reféns inconscientes, enquanto eram carregados em macas e transportados, um a um, da nave de carreira para a *Ultio*. Para além de algumas contusões aqui e ali e uma palidez geral de magreza, devido à falta de nutrição, todos eles pareciam saudáveis.

Ele reparou na única mulher entre eles, uma civil e, reconheceu-a dos noticiários. Ela era a Capitã das missões a Plutão. Terry ficou bastante surpreendido ao vê-la, mas fez questão de manter uma expressão neutra perto dos outros Cruzados.

Os reféns e o Kinemet foram transferidos, no espaço de uma hora, para um porão seguro na *Ultio* e o Capitão Gruber pediu a Terry, para o ajudar a ativar os motores da *Diana* e definir o seu curso para o desconhecido.

Em grande parte, Terry não tinha ideia do que estava a fazer mas, sempre que o Capitão dizia para pressionar este botão ou aquele, ele obedecia. Depressa, a nave de carreira estava totalmente preparada e pronta para sua última viagem ao Sol.

“Se não vamos regressar à Terra ou à Lua.” Perguntou Terry, depois de reunir coragem “Para onde vamos?”

“Sabe, você faz muitas perguntas.” Disse o Capitão Gruber, em alemão. Embora a tradução viesse numa agradável voz programada, o tom original do Capitão era amargo. Ele mudou para o inglês. “A curiosidade pode metê-lo em apuros. Se Jose quisesse que você soubesse, ter-lhe-ia dito.”

Terry obrigou-se a manter a sua voz leve e casual. “Talvez se tenha esquecido. Ele está sempre muito ocupado.” Quando o Capitão não respondeu imediatamente, Terry perguntou: “Porquê tanto segredo, afinal? Eu vou descobrir brevemente. Então, para quê a surpresa?”

De olho no jovem Maia, o Capitão Gruber, fez uma pausa dos seus preparativos finais e ligou um painel holográfico para apoio à navegação. Ele digitou alguns comandos na consola tátil e surgiu a imagem de um planeta

familiar.

Os lábios de Terry abriram-se, numa exclamação, mas não saiu nenhum som. Ele conseguiu encontrar voz, finalmente, para dizer. “Eu, nunca teria imaginado!”

“Precisamente por isso, é que Klaus o escolheu.” Disse o Capitão Gruber. “Não só, porque está bem à vista, mas também, porque ninguém pensaria em procurar-nos, numa bola de gás venenoso e ácido sulfúrico?”

O Capitão terminou a programação do computador e levantou-se para sair. “Meu filho, se o inferno existe, o lugar para onde estamos a ir, é o mais próximo a ele, neste universo.”

**Notícias de Última Hora da NASA:
Maio de 2102:**

Quase cento e quarenta anos depois, quando Vénus se tornou o objeto da primeira missão interplanetária bem sucedida, o Observatório Lucis a orbitar o planeta irmão da Terra, está agora vazio e abandonado.

Devido a restrições orçamentais e à falta de apoio público para a estação de pesquisa, o conselho de administração da NASA votou, no início do ano passado, para cessarem as operações tripuladas para Vénus. A última tripulação desembarcou esta manhã, depois de finalizar a automatização do restante equipamento sensor. Eles devem chegar a casa, no final do mês.

Para mais informações, por favor siga a nossa página na rede.

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

A única coisa em que Kenny insistiu, foi em gravar as experiências em holograma.

Uma vez que eles queriam manter a administração da Quantum Resources fora das experiências, até que pudessem chegar a algumas conclusões sólidas, Alex e o físico, decidiram realizar os seus testes no apartamento de Alex, depois do horário laboral.

Em grande parte, a participação de Alex no núcleo de pesquisa do laboratório tornou-se minimal, pois só se podiam realizar algumas experiências, sem Kinemet. Tinha sido apenas devido à insistência original de Kenny, que Alex ia lá numa base mais regular, nas últimas semanas. Agora que os relatórios oficiais de Kenny, não mostravam nenhum progresso, Alex tinha sido autorizado a passar o seu tempo como bem entendesse, desde que permanecesse disponível, caso houvesse necessidade.

Desde que se recarregou com a radiação kinemética, na nave de carreira, antes desta ter sido sequestrada, que Alex estava completamente restaurado. Ele não tinha, no entanto, reportado a sua recuperação à administração e não o iria fazer, até que ele e Kenny tivessem a oportunidade de realizar algumas das suas próprias pesquisas.

O seu corpo estava vigoroso, as suas pernas estavam fortes e ele tinha mais energia, do que teve durante anos.

Ele não foi ver a Dra. Amma, para o seu *check-up* regular, mas enviou-lhe uma mensagem a dizer que estava tudo bem com ele. Embora a médica tivesse a melhor das intenções, Alex sabia que qualquer diagnóstico a que ela chegasse, não lhe proporcionaria grande esclarecimento sobre a sua condição.

No entanto, iria levantar sérias discussões na Terra, se relatassem que ele tinha entrado em remissão completa. Por enquanto, não se podia preocupar com esse tipo de atenção.

Alex, queria tempo, para investigar outros aspetos da capacidade kinemética, sem a oposição dos cientistas, que tinham passado grande parte dos últimos dez anos, a fazê-lo executar as mesmas tarefas inúteis e, a coçarem a cabeça, quando não conseguiam descobrir o que aquilo significava.

Alex viu em Kenny, a faísca de alguém que queria descobrir as respostas, sem utilizar o conhecimento para seu próprio proveito político ou profissional. Embora Kenny tivesse começado a tentar demonstrar a sua competência, quando ele teve um vislumbre do que Alex era e do que poderia tornar-se, os instintos primários de Kenny ativaram-se.

A maioria dos cientistas, inicialmente, entrava na sua especialidade em busca do conhecimento, para serem os primeiros a resolver os enigmas. Depois de anos de política e das inerentes disputas na comunidade científica, muitos perdiam o seu propósito inicial. Alex reconheceu que, sob a superfície, Kenny ainda se sentia motivado pela sua paixão original.

Mas, enquanto a NASA e a Quantum Resources *queriam* saber acerca da extensão da condição de Alex, Alex *precisava* mesmo de saber. E se isso significasse, contornar a administração para encontrar essas respostas, que assim fosse.

No início, quando já não precisava das próteses hidráulicas, Alex teve a certeza de que alguém iria reparar nele, a andar pela Terceira Estação do Canadá pelos seus próprios pés. Mas, depois de anos a ignorar a sua presença, ninguém parecia notar a diferença. Ainda assim, Alex ficava quase sempre no seu quarto, à exceção das idas ao refeitório ou aos laboratórios, quando era solicitado.

Ele não precisava de ir a nenhum local fisicamente; mais uma vez, a sua capacidade de clarividência permitia-lhe visitar qualquer área na estação, sem sair do seu quarto. Tudo o que ele precisava de fazer, era fechar os olhos e concentrar-se. Era simplesmente uma questão de vontade, dirigir os seus sentidos para fora de si. Ele podia frequentar todos os cantos da Terceira Estação do Canadá, como um fantasma ou como um *caminhante astral*.

Com a sua capacidade, Alex era capaz de ver Kenny, muito antes do físico chegar ao apartamento, para as suas experiências noturnas.

Segundos antes de Kenny apertar a campainha, Alex estendeu os seus

pensamentos para o painel da porta. Também era igualmente fácil, andar e pressionar a abertura ou até mesmo utilizar o controle de voz, para permitir que a porta se abrisse, mas Alex preferiu exercer a sua capacidade eletropática para acionar o interruptor. Era um bom exercício.

“Olá Alex!” Disse Kenny, quando entrou.

Sem mais preâmbulos, Kenny empurrou um carrinho cheio de equipamentos, para o local onde estava o computador de Alex e começou a ligar o sensor às portas de entrada.

“Você teve uma ideia, Kenny?”

O físico assentiu. “Ontem eu reparei que ocorreu uma flutuação na temperatura ambiente, quando você utilizou a sua *visão*.” Ele olhou para Alex. “Eu detesto usar a palavra clarividência. Soa-me como algo que uma cartomante diria.”

Alex encolheu os ombros.

Kenny continuou a explicar: “Eu gostaria de fazer uma série de testes, para medir a mudança de temperatura à sua volta, relativamente à distância que você estender a sua *visão*. Pode ser importante; se você precisar de mais energia para ver mais longe, pode fazer a diferença para quanto Kinemet alguém precisaria, para pilotar uma nave para diferentes locais.”

“Eu continuo a dizer-lhe, pilotar uma nave dessa maneira, não era o que se pretendia. Isso foi apenas acidental.”

Kenny levantou os olhos do computador e assentiu. “Sim, eu sei. Mas, se queremos obter o apoio de empresas estatais para isto e para que você obtenha mais Kinemet, precisamos de lhes dar um propósito tangível. Eles querem ver preto, nas suas demonstrações de lucros e perdas e não vermelho. Eles precisam de resultados. Coisas que eles possam obter; como viagens espaciais baratas.”

“Está bem. Mas hoje vou tentar estender a minha *visão*, para mais longe do que alguma vez foi” disse ele, a adotar a palavra de Kenny para a sua habilidade.

“O que é que quer dizer com isso?”

Alex deitou-se no sofá, enquanto Kenny atrelava o equipamento e colocava os sensores à volta e sobre Alex.

“A primeira vez que eu experimentei a *visão*, eu vi o Sistema Solar todo exposto para mim. Aconteceu ao longo de um período de quatro horas mas, na minha memória, foi mais como uma imagem posterior a um *flash* brilhante. Não houve controle sobre ela. Era quase, como se alguma coisa na

minha mente estivesse a calibrar os meus sentidos, ao receber a minha localização.”

“Depois disso, o meu alcance foi-se tornando consideravelmente menor. Eu só podia *ver*, a cerca de cento e cinquenta quilômetros de distância. Antes de ir para Centauri, eu usei essa capacidade para ajudar o grupo que me abrigou, advertindo-os da chegada de naves. Quando iam em missões de salvamento, eu ajudava-os na observação e no reconhecimento da situação. Tive muito tempo para praticar e desenvolver a minha capacidade.”

Kenny perguntou: “Você trabalhou para os piratas que o sequestraram, certo?”

“Fizemos um acordo.” Alex fechou os olhos e tentou relaxar. “Eu nunca era capaz de ir mais longe do que cerca de cento e cinquenta quilômetros e, quando tentava, era uma enorme pressão.” Ele olhou para Kenny. “Eu posso sentir que há algo, para além do limite da minha clarividência, da minha *visão*. Talvez haja algo, além no espaço, que eu só possa *ver* se estiver em estado quântico.”

“Quer dizer, quando se deslocar para fora da nossa realidade?” Kenny fez uma pausa para olhar para Alex.

“Sim. Mas, quando entro em estado quântico, eu não tenho os sentidos a funcionar. É como se estivesse em algum tipo de êxtase. Eu sei que não é a maneira que é suposto ser, mas...é, como se eu fosse um pássaro bebé, que se aventurou para fora do ninho pela primeira vez e vê o céu sem limites. Ele sabe que é suposto ser capaz de voar, mas ainda não descobriu como usar as suas asas. Até que possa completar a minha transformação, eu não sei aquilo que sou capaz de fazer, quando ficar em estado quântico.”

“Então, o que é que está a propor para esta noite?”

Alex respirou profundamente e fez uma pausa para reunir os seus pensamentos. “Quando eu passei aquelas poucas horas na *Diana*, a recarregar-me com o Kinemet, estavam outros lá, que também foram expostos à radiação kinemética.”

“Sim?” O interesse de Kenny aguçou-se.

“Talvez, se eu os focar, uma vez que eles já foram marginalmente irradiados, seja capaz de preencher a lacuna que há entre nós.”

“E,” Kenny acrescentou, um sorriso nos lábios “talvez obter uma localização dos seus amigos sequestrados?”

Alex assentiu. “É esse o plano.”

“Eu alinho nisso. Deixe-me apenas terminar de o ligar ao equipamento.”

Kenny levou apenas mais alguns minutos, para terminar de preparar tudo. Quando ele testou os sensores, para uma recolha de dados inicial, antes de começarem a sua experiência, Kenny parecia querer dizer algo.

“O que é que se passa?” Perguntou Alex.

“Faz apenas três dias, desde que você foi restaurado.” Disse Kenny. “Eu sei que já usou as suas habilidades, muito mais do que aquilo que eu vi.”

Alex admitiu: “Sim. E então?”

“Então, que a radiação kinemética que tem em si, não é ilimitada. Você irá ficar sem combustível nalgum momento e não temos ideia, de quando iremos ter mais para si.”

Alex recostou-se no sofá e sorriu com desdém. “Eu sei, mas estou bem por mais algum tempo. Vamos continuar com isto, Dr. Frankenstein.”

Quando Kenny terminou de fixar os sensores em Alex, para medir as estatísticas dos seus sinais vitais, bem como as ondas cerebrais e as emanções eletromagnéticas, ele ligou o espectrógrafo e fez um sinal a Alex, com o polegar para cima.

Fechando os olhos, Alex intencionou novamente ir para o estado transcendente. Ao longo dos últimos dias, ele tinha-se tornado, de novo, muito hábil na técnica.

Desta vez, ao invés de visualizar a estação, permitindo que os seus sentidos flutuassem pelos corredores e salas, ele conduziu os seus sentidos para fora. Tentando ignorar qualquer coisa tangível, no alcance da sua *visão*, ele concentrou-se em quaisquer sinais de energia kinemética na área. Havia uma ligação entre ele e esse elemento e, se ele pudesse simplesmente treinar os seus sentidos extra-espaciais para o detetar, tinha a certeza de que poderia enviar a sua forma incorpórea para encontrar Justine e os outros.

À medida que observava fora da estação, em modo de varredura, ele sentiu um puxão extra-sensorial, acompanhado de uma nota ou duas da melodia assombradora, que estava sempre na periferia dos seus sentidos quando ele utilizava as suas capacidades kineméticas. Sem ter consciência do que estava a fazer, ele reuniu toda a sua vontade e foi nessa direção.

No início, os seus sentidos espectrais subiram a uma velocidade alarmante, mas era como se ele estivesse no final de um elástico gigante. Quando Alex atingiu aproximadamente uma distância de cento e cinquenta quilómetros da estação, o esforço para se mover mais um metro tornou-se exponencialmente mais difícil. Como um corredor de maratona, que atinge o seu limite de glicogénio, Alex sentiu uma súbita fadiga a queimá-lo e perdeu o foco.

Desorientado, de repente, ele não conseguiu encontrar o caminho para voltar para o seu corpo. Ele estava perdido, à deriva no espaço e não tinha energia suficiente para cortar a ligação e regressar à realidade.

Alex entrou em pânico e sentiu a sua consciência desaparecer num vazio, tão escuro, quanto as mais distantes regiões do espaço.

**Plantação Desconhecida:
Honduras:
Conglomerado da América Central:**

Pelo que pareceu uma eternidade, Michael e George estiveram deitados no chão da carrinha, enquanto os Cruzados os transportavam para um local desconhecido.

Amarrado como um porco, nos tornozelos e nos pulsos, Michael era incapaz de encontrar uma posição que, a cada buraco que passassem na estrada, não o fizesse saltar e cair contra o chão de aço. Por duas vezes, ele bateu com a cabeça contra uma caixa de ferramentas de metal. Na segunda vez, quase que desmaiou e vomitou, da súbita náusea. Não tinha a certeza se os seus rins iriam sobreviver à viagem.

Tal como George, Michael estava amordaçado e só conseguia olhar para o soldado rebelde, que os vigiava com uma expressão insensível nos olhos. Ao contrário de George, Michael ainda estava consciente.

A primeira vez que George tentou protestar pela sua captura e tentou tirar as amarras, o soldado que o vigiava deu-lhe um pontapé e gritou “*Silencio!*”

Após uma colisão particularmente dolorosa, George rosnou novamente, debaixo da sua mordação improvisada. O soldado atingiu-o num dos lados da cabeça com a coronha da caçadeira e, de seguida, deu a Michael um olhar desafiante, quando este se tentou arrastar para ver o estado do amigo.

Um pequeno fio de sangue, corria pelo rosto de George. Ele estava desmaiado, mas respirava. Ainda estava vivo, embora não tivesse recuperado a consciência durante o resto da viagem.

Era difícil calcular quanto tempo se teria passado mas, pareceram passar horas, até que a carrinha abrandasse, virasse numa curva fechada e chegasse ao seu destino final.

Michael ouviu gritos em espanhol, enquanto ordens eram dadas, reconhecidas e cumpridas. Ele estimou, pelas vozes, que existiam mais de uma dúzia de homens nas imediações.

Quando as portas de trás da carrinha se abriram e ele e George foram tirados para fora, para um complexo iluminado pela luz da Lua, Michael viu que a sua suposição estava correta.

Alguns homens armados aproximaram-se, para ajudar a descarregar os prisioneiros. Enquanto dois dos soldados agarraram Michael pelos braços, um terceiro cortou a corda que envolvia os seus tornozelos. Eles escoltaram-no, da carrinha até um grande barracão de armazenamento. Mais quatro homens, levantaram a figura desmaiada de George para fora e carregaram-no.

Para além do barracão para onde eles se estavam a dirigir, o complexo tinha mais três dependências: celeiros convertidos em quartéis, imaginou Michael, quando viu mais homens num corrupio, à frente deles. Os edifícios foram erguidos em ambos os lados de uma estrada de terra batida, que levava a uma casa principal. Estava escuro, exceto pela luz, numa sala do segundo andar. Via-se a silhueta de uma figura à janela, como se estivesse a supervisionar a atividade em baixo.

Um dos soldados puxou o braço de Michael, captando a sua atenção e arrastando-o com rudeza para o barracão de armazenamento.

Entrando no interior primeiro, o soldado puxou uma corda fina, ligada a uma lâmpada pendurada numa viga e, uma forte luz amarela preencheu o interior do barracão. Havia barris de madeira, empilhados a um canto. Contra a outra parede estava um gerador a gás, em ruínas, que parecia que não funcionava há décadas. O chão era de terra batida, mas havia um colchão de palha sujo, perto da traseira do barracão. Os soldados que carregavam George, deixaram-no cair sobre o colchão, sem qualquer cuidado.

Um soldado disse, em inglês, com um forte sotaque: “Agora durma. Nada de sarilhos.”

O Cruzado desligou a luz e saiu do edifício. Michael ouviu o estalo de um cadeado e o soldado dar ordens a um homem, para ficar de vigia à frente do barracão.

Havia pequena janela ao lado da porta, com manchas de sujidade, mas era grande o suficiente, para deixar entrar um pouco de luz da Lua. Por isso, os olhos de Michael acostumaram-se rapidamente à escuridão.

Com as mãos, ainda, amarradas atrás das costas, ele moveu-se para avaliar o estado do seu amigo. Pôs-se de joelhos e inclinou-se para o ver melhor.

George continuava inconsciente, mas a sua respiração era regular.

Michael falou em voz baixa, “Vai correr tudo bem, George. Nós vamos ultrapassar isto.”

Com a mente agitada, ele olhou mais uma vez à sua volta, no barracão. Primeiro as prioridades, Michael não iria ser capaz de fazer muito com as mãos amarradas.

Arrastando desajeitadamente os pés, ele aproximou-se do gerador e virou as costas para ele. Procurando com os dedos, ele sentiu uma extensão afiada de metal quebrado, saliente apenas o suficiente, para que ele conseguisse cortar a corda nos seus pulsos. Ele passou, repetidamente, a corda na superfície do metal.

Em pouco tempo, a corda caiu e libertou-o. De imediato, levou as mãos à frente, para as examinar à luz do luar, procurando feridas. Tinha vários cortes minúsculos a marcar a pele e alguns fios de sangue escorriam pelo seu braço, mas não tinha outros danos.

Ele começou a tentar desamarrar George e a tentar colocar o homem numa posição mais confortável, até que recuperasse a consciência. Quando terminou, sentou-se ao pé do colchão e encostou-se à parede.

Com o barracão fechado, vigiado e Michael desarmado, não havia muito mais que pudesse fazer. Tinham enviado relatos dos seus progressos a John Markham, todas as manhãs. Quando ele não conseguisse informações deles de amanhã, Michael esperava que John enviasse um alerta para as autoridades e entrasse em contacto com Calbert, na Quantum Resources. No entanto, mesmo que estivessem cientes de que Michael e George estavam desaparecidos, não faziam ideia de onde estariam.

Michael não fazia ideia do que tinha acontecido ao seu equipamento. A máscara de vídeo de George, tinha um localizador de GPS. Se os Cruzados a tivessem, então Michael tinha apenas que voltar a ligar a câmara e esperar que alguém, na Quantum Resources, notasse. Se a máquina tivesse sido destruída, então Michael teria que encontrar uma outra maneira de fazer com que a localização deles, onde quer que estivessem, fosse conhecida.

Na parte de trás da carrinha, Michael permaneceu desorientado e distraído. Não tinha orientação. Teriam ido para norte, oeste, leste, sul? E durante quanto tempo? Com certeza, durante horas. Mas isso significava que eles podiam estar em qualquer lugar, até mesmo num dos países limítrofes das Honduras, como El Salvador ou Guatemala.

Michael sentou-se durante mais uma hora, preocupado com a situação

deles e a especular sobre o que aconteceria no dia seguinte. Depois de algum tempo, a exaustão instalou-se e, o sono tomou conta dele.

∞

Foi das noites mais desconfortáveis que Michael tinha passado na vida, por isso, acordou com uma dor aguda no pescoço, por ter dormido em pé contra a parede.

George já estava acordado e sentado à beira do colchão, de cotovelos apoiados nos joelhos, com uma mão a tocar cuidadosamente no inchaço na cabeça.

“Você está com o aspeto, de como eu me sinto.” Disse ele a Michael, com uma voz grave.

“Obrigado.” Michael tentou estender a dobra do seu pescoço. “Como está a sua cabeça?”

“Parece uma melancia num forno de micro-ondas. Mas acho que não tenho nenhuma sequela permanente.”

“Isso é bom.”

Com um cuidado exagerado, George colocou-se de pé e testou o seu equilíbrio. Ele olhou ao redor do barracão e, de seguida, aproximou-se da pequena janela. “Onde é que estamos?”

“Não tenho a certeza do local exato, mas é, obviamente, algum tipo de base para os Cruzados.”

George olhou fixamente para Michael. “E o nosso equipamento? A câmara?”

“Não tenho a certeza. Eles podem tê-la destruído.”

“Podemos sempre ter esperança!”

Michael levantou-se. “O quê?”

Com um sorriso, George piscou-lhe o olho. “Eu instalei um circuito de apoio, alimentado com uma bateria de lítio. Estava em constante contacto com um dos geo-satélites que estávamos a usar. Se a ligação foi cortada, ele enviou um alerta imediato para casa. A ligação do GPS deu-lhes as nossas últimas coordenadas. Isso dar-lhes-ia, pelo menos, um ponto de partida para nos encontrarem.”

“E se eles destruíram a câmara?” Perguntou Michael.

Encolhendo os ombros, George disse: “Bem, quanto mais tempo levar para Calbert notar que estamos desaparecidos, mais difícil será encontrarem-nos.”

“Foi isso que eu pensei” Disse Michael, pressionando os lábios numa

careta.

Ambos se viraram, quando o ouviram um ranger de metal. Alguém abriu o cadeado do barracão e a porta abriu-se. Dois Cruzados com caçadeiras em riste, estavam do lado de fora, a olhar para dentro. Um deles olhou para baixo, viu as mãos deles desatadas e, estreitou os olhos. Fez um gesto com a arma e disse: “*Siga con nosotros.*”

Com um soldado à frente e um atrás, os dois prisioneiros foram guiados até à estrada que levava para a casa principal.

∞

Lá dentro, eles foram recebidos à porta por um homem de meia-idade, com cabelo escuro, e um bigode preto fino, que caía em torno dos cantos da sua boca sorridente.

“Entrem, por favor.” Disse ele, varrendo o ar com a mão. “O meu nome é Oscar Ruiz, e esta é a minha plantação. Peço Imensa desculpa pelo incómodo dos aposentos, na noite passada, mas não estávamos preparados para a vossa chegada. Últimamente, temos recebido muitos convidados, por isso, nem sempre, temos capacidade para os acomodar a todos de forma confortável e acolhedora..”

Michael pestanejou, sem saber o que responder. Ele trocou um olhar com George.

Um homem corpulento com um bigode espesso, surgiu da outra sala. Estava vestido com uma camisa e umas jardineiras de ganga cinzentas escuras. No final de uma tira de couro, pendurada ao ombro, estava uma metralhadora. Estava pendurada, entre a parte de trás do seu braço e o seu lado.

Sentindo a presença do recém-chegado, Oscar virou a cabeça na sua direção, mantendo os olhos em Michael e George. “Este é Humberto, que faz parte do meu novo destacamento de proteção e está responsável pela segurança da casa. Se o seguirem até ao andar de cima, ele vai mostrar-vos onde poderão lavar-se. O pequeno-almoço será servido em breve. Mal posso esperar, que vocês experimentem o café da nossa própria produção. É mundialmente conhecido, sabiam?”

Oscar fez-lhes um aceno rápido, deu um passo para trás e rodou sobre os calcanhares. À medida que desaparecia, na mesma sala de onde Humberto surgiu, ele gritou algumas instruções em espanhol para os empregados da casa.

Com um sotaque forte, Humberto disse: “Para o andar de cima.” E porque Michael não se mexeu de imediato, o soldado colocou a mão na parte de trás do braço dele e empurrou-o suavemente, mas com firmeza, em direção à escada. “Agora.”

George não precisou de avisos e abriu o caminho para o segundo andar. Humberto seguiu-os e deu as indicações, que os levaram a um quarto escassamente mobilado, com um único colchão estendido no chão, uma cadeira de madeira num canto e um sofá velho e roído pelos ratos.

Havia uma janela que dava para o plantio e, num olhar rápido, mostrou dezenas de camponeses a trabalhar nas fileiras de café. Grossas barras de ferro cobriam a janela, para garantir que não haveria forma de fuga. Não que isso fosse uma opção, a esta altura. Mesmo que Michael e George fossem capazes de fugir dos seus captores, não estavam preparados para sobreviver ao ar livre, sozinhos. Pelo menos, pelo tempo que levaria a chegar a uma área povoada, onde pudessem ligar para pedir ajuda.

Humberto deu alguns passos até à parede oposta ao sofá e, empurrou uma porta, feita de tábuas de madeira.

“Lavem-se aqui.” Ordenou.

Sem mais palavras, ele saiu do quarto, fechando a porta atrás de si, trancando-a.

Michael olhou para George. “O que diabos está a acontecer? Será que somos prisioneiros ou convidados?”

“Sim.” Foi a resposta de George. Sorriu. “Se eu tivesse que dar um palpite, diria que o Sr. Ruiz é um apoiante do movimento dos Cruzados. Mas, pode não ser um apoiante motivado. Apesar das suas palavras mais acolhedoras, acho que o melhor é não contar com ele. Porque, pode ser, simplesmente, retórica e Teoria dos Jogos.

“Então?”

“Veja as coisas da perspetiva dele.” Disse George. “Ele é um proprietário rico de terras, com um negócio rentável, pelo menos para os padrões locais. A América Central esteve, durante séculos, repleta de guerras civis de todos os tipos. Nesse sentido, quem queira manter estatuto e poder, tem que saber jogar com todos os cenários e realidades. Hoje apoiando uns, amanhã oferecendo ajuda a outro. Obviamente que, os Cruzados são uma organização maior do que se suspeitava. Se eles conseguirem atingir os seus objetivos, então ele vai ser lembrado pela sua contribuição. Se a sua revolução não vingar, ele sempre pode recorrer aos seus ‘convidados’, para provar o quão

hospitaleiro foi. Poderá até mesmo afirmar que, os Cruzados o forçaram a cooperar.”

George foi o primeiro a entrar no chuveiro e, resmungou em desaprovação. “Bem, pelo menos, têm canalização” disse, no momento em que abriu a torneira e, viu a água enferrujada a correr na pia de porcelana partida. Lavou o suor e a sujidade do seu rosto e pescoço, como pôde, enquanto isso, Michael, sentou-se numa cadeira e, esperou pela sua vez.

“Então, como é que vamos fazer em relação a ele?” Perguntou Michael.

George saiu do chuveiro, a enxugar o rosto com uma toalha. “Nós não temos muitas opções. Não sabemos onde estamos, as autoridades não sabem onde estamos e, não temos qualquer meio de entrar em contacto com elas. Não acho que nos queiram matar e, não me parece que nos queiram manter para resgate. No máximo, penso que, seremos utilizados como reféns. Entretanto, devemos agir como convidados, cair nas boas graças de Oscar e tentar sacar-lhe o máximo de informação que conseguirmos. Mesmo que ele não esteja diretamente envolvido na política dos Cruzados, eu tenho a certeza de que ele sabe mais, do que fomos capazes de adivinhar até agora. É a sua vez.”

Michael mal teve tempo suficiente para se lavar, antes que alguém batesse na porta para eles descerem novamente.

∞

Michael sentiu o cheiro do café fresco, bem antes de Humberto os levar para uma grande sala de jantar. A mesa no centro da sala, estava repleta de pães, frutas, salsichas e batatas fritas. Ao olhar esfomeado para o pequeno-almoço, Michael quase não percebeu que já estavam duas pessoas sentadas à mesa.

Quando Michael e George entraram na sala, Oscar levantou-se e acenou para duas cadeiras vazias. “Por favor sentem-se. Juntem-se a nós. Imploro-vos que me digam o que acham do meu café. O Grão foi torrado e moído, há apenas alguns minutos.”

Mas, Michael não respondeu. Tanto ele como George pararam, quando o segundo homem se virou e, lhes dirigiu um sorriso aberto.

Em espanhol, Yaxche disse: “Olá George. Onde é que está o seu chapéu engraçado?”

**Observatório Lucis:
Orbita de Vénus:**

Justine foi a primeira a recuperar a consciência e, uma onda de pânico cortou a sua consciência, quando não conseguiu ouvir ou sentir ninguém perto de si. De imediato, começou a hiperventilar.

Sem o seu equipamento de FatoPers, nem de ligação óptica, ela não tinha ideia onde estava ou quem estava com ela. Isso, se estivesse com alguém. Os efeitos do gás sonífero, faziam com que sentisse como se a sua cabeça estivesse cheia de algodão e tinha um zumbido persistente nos seus ouvidos.

Ela esticou as mãos para tentar apalpar qualquer coisa familiar e orientar-se. Os seus dedos roçaram num tecido e então, com as duas mãos, ela foi tentando senti-lo ao longo do seu comprimento. Era a manga do casaco de alguém. Apenas uma pessoa no grupo deles, usava um terno.

Agitando o braço, ela sussurrou “Clive? Você está bem?”

Um gemido escapou dos lábios dele, quando voltou à consciência. “Oh, a minha cabeça.” Rosnou ele. “Caiu algum planeta em cima de mim, ou algo do género? Como é que você está?”

“Eu estou bem.” Agora, que ela não estava sozinha na escuridão. “Você consegue ver?” Perguntou Justine. “Onde é que estamos?” Distraída, ela arranhou o interior do seu cotovelo.

Ouviu-o gemer, quando se sentou. “Estamos nalgum género de sala grande.” Disse-lhe. “Talvez seja uma sala de conferências ou um laboratório. Todo o mobiliário foi retirado. Há uma porta; está barrada, mas tem uma pequena janela. Há luz a atravessá-la.”

Clive provocou algum farfalhar de sons, quando se esforçou para se levantar. “Os outros também estão aqui, mas ainda estão inconscientes.”

Justine experimentou um momento de pânico irracional, quando Clive se

afastou dela e as suas mãos estenderam-se automaticamente para lhe tocar. Se Clive se apercebeu do seu desespero momentâneo, não o demonstrou. Ela respirou fundo, para se centrar. Ela era mais forte do que aquilo; sucumbir aos seus medos, não iria ajudar na situação.

Justine ouviu Clive tentar acordar o Tenente Jeffries e, ao fim de uns minutos, o líder do esquadrão gemeu e tossiu quando acordou.

“Isto foi mesmo uma paulada na cabeça.” Disse ele, com a voz áspera como uma lixa. Momentos depois perguntou: “Vocês dois estão bem?”

“Para além de uma grande ressaca, sim.” Disse Justine. “Algum de vós, tem alguma ideia de onde estamos?”

“Obviamente, que não colidimos com o Sol.” Disse o Tenente, com a voz sarcástica. “Embora me sinta como se o tivesse feito. A minha pele está a arder.” Momentos depois, disse: “Parece que eles levaram todas as nossas armas e equipamentos. Levaram até as minhas botas e o cinto.”

Antes de terem ficado inconscientes, quando estavam no compartimento de carga da nave de carreira, os soldados tinham as suas caçadeiras de feixes de iões e equipamentos. Claro que eram completamente ineficazes, mas tinham servido a Justine, com uma almofada psicológica. Agora, ela mergulhou na Realidade; estavam, completamente, à mercê dos seus captores.

Justine ouviu o Tenente a ir de homem em homem e abaná-los, para os acordar. A maioria deles acordou, numa sinfonia de gemidos e reclamações e o Cabo Marks queixou-se de sentir uma sensação de formigamento nas pernas, como se elas ainda estivessem dormentes. Justine ouviu um dos soldados, quando acordou, virar-se e vomitar.

“Você vê alguma coisa lá fora?” Perguntou o Tenente Jeffries. A pergunta era dirigida ao Cabo Marks, que respondeu à distância.

“Vejo um salão vazio. E vejo algumas portas. Eu diria que nós estamos nalgum tipo de complexo de laboratório. Nenhuma das outras janelas tem luz.”

“Alguma referência?” Perguntou o Tenente.

“Apenas números de salas. Espere...” Depois de um momento de silêncio, o Cabo Marks disse “Huh.”

“O quê?” Perguntou Justine.

“Eu sei onde é que estamos.” Disse ele, levantando a voz com surpresa.

“Então?” Ela solicitou.

Limpando a garganta, Marks disse: “No fim do corredor está um pequeno carrinho. Tem um símbolo gravado. Um círculo, com uma pequena cruz

pendurada no fundo.”

Tenente Jeffries perguntou: “O símbolo de mulher?”

“Não.” Disse o Cabo Marks. “De Vénus.”

“De Vénus?” Perguntou o Tenente. “Eu pensei que Vénus, era uma bola de ácido quente.”

A resposta veio à mente de Justine. “O Observatório Lucis!”

“Certo.” Disse Clive, que voltou para o seu lado. “Na sombra de Vénus. É o esconderijo perfeito. A órbita foi abandonada, já há alguns anos, mas o computador ainda recolhe dados e transmite para a Terra, numa base regular. Enquanto os computadores se mantêm a cuspir dados periódicos para a Terra, ninguém jamais suspeitaria de que estivesse alguém aqui.”

Usando uma parede para se estabilizar, Justine levantou-se e declarou: “Está a escapar-nos alguma coisa.”

“O quê?” Perguntou Clive.

“Um pouco antes de termos sido adormecidos, a nave de carreira reduziu a velocidade.”

O Cabo Marks disse “Para estacionar aqui?”

“Não, eu acho que estávamos a atracar com outra nave e fomos transferidos, outra vez.”

Clive aproximou-se dela. “O que a faz dizer isso?”

Justine estendeu a mão, pegou na mão dele e levantou-se. “Por duas razões. Em primeiro lugar, a nave de carreira não teria combustível suficiente para fazer a viagem até aqui.” Ela levantou a sua manga e percorreu com os dedos até ao cotovelo dele. Havia ali uma pequena protuberância. Ela pressionou-a.

“Ei, isso dói.” Disse ele.

“Em segundo lugar, não estávamos apenas inconscientes, foi-nos dada uma dose de tiopental ou algum outro barbitúrico. Se verificar, todos nós temos uma marca de injeção, onde administraram a substância por via intravenosa.”

Clive assobiou. “Coma induzido? Quanto tempo estivemos inconscientes?”

O Cabo Marks disse. “Num cálculo aproximado, com base no quão longe a nave de carreira tinha viajado e a restante distância para Vénus, eu diria que pelo menos dois ou três dias, em trânsito. Não existe maneira de sabermos há quanto tempo estamos aqui mas, a julgar pela cicatriz no meu braço, estou desligado do intravenoso, na melhor das hipóteses, há pelo menos um dia.”

Justine assentiu, sem saber se alguém viu o seu movimento e disse: “Então, se você juntar esses dois fatos, isso significaria que eles nos querem manter

vivos, mas querem manter a nossa e a existência deles, em segredo.”

Ela tinha continuado a apertar o braço de Clive, mas agora apertou com mais força. “Não me parece que estejamos a ser mantidos aqui como reféns.”

O Tenente Jeffries perguntou: “Então, para que é que eles precisam de nós?”

A sua pergunta foi interrompida quando o soldado que tinha vomitado antes clamou: “O que diabos?”

“O que é que se passou, Soldado Jackson?” Perguntou o Tenente.

“Senhor, as minhas desculpas. Eu não consegui evitar. Eu... defequei. Mas, senhor, doeu.”

Justine ouviu alguns dos outros irem investigar e, deixou que Clive a guiasse para o grupo.

Clive disse: “Oh, bolas!”

“O que foi?” Perguntou Justine.

“Isso não são fezes.” Disse Clive.

A voz do Cabo Marks estava apertada “É sangue.”

Foi quando as peças do quebra-cabeças se encaixaram, para Justine.

Plantação Ruiz:
Honduras:
Conglomerado da América Central:

Michael levou um momento para recuperar os seus pensamentos. A última pessoa que ele esperava encontrar ali, era Yaxche. O velho parecia saudável e vigoroso.

George foi o primeiro a falar. “*¡Hola! Ha sido un largo tiempo.*” Ele contornou a mesa, para apertar a mão de Yaxche e continuou a falar em espanhol: “Infelizmente, eu não sei onde está o meu chapéu engraçado, mas gostaria de o ter agora.”

Sem a vantagem do programa de tradução do seu computador portátil, Michael esforçou-se para acompanhar a conversa. O seu espanhol era muito enferrujado, mas ele sabia que Yaxche não falava inglês, então deixou que George conduzisse a conversa. Sempre que podia, ele traduzia para Michael.

“Nós viemos às Honduras para o encontrar.” Disse George a Yaxche. Ele sentou-se à mesa quando Oscar, com um sorriso gracioso, apontou para duas cadeiras e depois estalou os dedos para um empregado encher duas chávenas de café.

“Eu estou bem aqui.” Disse Yaxche, como se isso tivesse sido sempre óbvio. Michael notou uma ligeira quebra, na expressão do seu sorriso. O velho estava tão prisioneiro quanto eles.

“Você está bem?” Perguntou Michael. Uma coisa que percebeu rapidamente, foi que o neto de Yaxche não estava presente. Estaria noutro lugar? Estaria doente? Morto?

“Sim.” Assentiu Yaxche. “O Oscar tem sido muito gentil.”

“A única coisa que nos separa dos animais, são os modos.” Disse Oscar “Por favor, encham os vossos pratos. Comam.”

Eles não precisaram de mais incentivos. O estômago de Michael retumbou, enquanto carregava o seu prato com meia dúzia de tiras de bacon, dois ovos cozidos e compota, que espalhou num pedaço quente de torrada. Ele atirou-se ao pequeno-almoço, com gosto. Foi um banquete digno de um rei, no que a Michael disse respeito, especialmente por não ter comido nada desde a manhã anterior.

Ele queria interrogar Yaxche, mas antes de saber mais sobre a situação e esclarecer todos os fatos, Michael decidiu adiar as perguntas, por enquanto.

Entre pedaços de comida, George acenou para o *Señor* Ruiz. “Talvez possamos aproveitar-nos da sua generosidade, colocando uma pergunta?”

“É claro.” Disse Oscar, com um floreio da mão.

“O que é que vai ser de nós?”

“Por enquanto, vocês três ficarão aqui como convidados, desde que eu tenha a vossa palavra, de que não irão abusar da minha hospitalidade.” Ele olhou para os olhos de Michael, por um momento e, logo depois, para os de George, para garantir que ambos tinham entendido e concordado com a condição. “Quanto ao futuro, nada posso dizer. Embora possa esclarecer que, se depender de mim e segundo sei, não será pedido nenhum resgate.”

Então eles eram reféns, concluiu Michael. Ocorreu-lhe um segundo pensamento. Se eles não precisavam de pedir um resgate, então os Cruzados já tinham dinheiro suficiente para financiar o seu funcionamento. Era um pouco assustador pensar que esta organização tinha crescido tão rapidamente, sem o conhecimento das agências de segurança internacionais.

Ainda havia uma questão; Até onde ia a lealdade de Oscar? Só que, Michael, em vez de fazer a pergunta pertinente, teve que assumir, que o anfitrião poderia ficar constrangido ou mesmo zangado com a frontalidade do seu interlocutor. Também, todas as suas palavras e conversas poderiam estar a ser gravadas e transmitidas. Aliás, A *hacienda* inteira poderia estar sob escuta.

Embora a sua mente gritasse por respostas, sobre os acontecimentos que envolviam o sequestro de Yaxche e o seu próprio, Michael, ao invés, tomou um longo gole do seu café. “Você tinha razão. Esta é a melhor chávena de café, que EU já provei.”

Oscar sorriu com orgulho. “Obrigado. É da minha reserva pessoal. Somente o melhor, para os meus convidados.”

George pegou na deixa de Michael e perguntou: “Talvez nos pudesse fazer uma visita guiada pela sua exploração, em alguma altura?”

“Claro.” Disse o seu hospedeiro. Ele olhou para cima, quando um homem mais jovem, vestido com um fato cinzento claro, apareceu numa porta e lhe acenou. Distraidamente, Oscar disse a George “Será um prazer, mas vamos ter que deixar isso para outra altura. Agora, tenho alguns assuntos de negócios para tratar.” Ele levantou-se e fez uma reverência aos seus convidados. “Por favor, terminem o vosso pequeno-almoço. Sirvam-se do que quiserem. Podem, se o desejarem, esticar as pernas com uma caminhada pelos nossos campos. Tenho a certeza de que Humberto, como sempre, irá acompanhá-los.”

Com isso, Oscar deu um último gole no café e, saiu da sala.

Michael estava ansioso para interrogar Yaxche, mas queria encontrar um lugar, onde eles pudessem ter pelo menos, alguma aparente privacidade. Esperando até que George terminasse a sua segunda porção do pequeno-almoço, ele olhou alternadamente para o amigo e para Yaxche e disse: “Talvez pudéssemos levar o nosso café lá para fora e sentarmo-nos durante algum tempo?”

Um dos empregados, captando a sugestão de Michael, imediatamente carregou um carrinho com um bule de café, um prato de açúcar e uma pequena jarra de natas e levou-o para uma varanda.

Meia dúzia de palmeiras jovens, estavam plantadas, estrategicamente, em vasos grandes de cerâmica em volta da varanda, com o único intuito, de fornecerem o máximo de sombra possível. Embora ainda fosse cedo, o sol tropical já estava forte. Algumas gotas de suor, começaram a formar-se na testa e no pescoço de Michael.

Eles sentaram-se em cadeiras de vime, em torno de uma mesa de pátio, cuja base era de madeira esculpida. Sendo o tampo desta, um mosaico composto por vários pedaços de pedra, cortados à mão.

Humberto assumiu uma posição no fundo das escadas, colocando-se entre os reféns e o campo, a prevenir uma possível fuga. Ele estava suficientemente longe para que, se os três conversassem em voz baixa, não fossem ouvidos. Apesar disso, como não sabia se estariam a ser escutados, por algum microfone escondido nas imediações, Michael teve que assumir que tinha privacidade suficiente. Só assim, poderia discutir os eventos que levaram os três às presentes circunstâncias.

Enquanto eles conversavam em espanhol, Michael ia interrompendo ocasionalmente, quando não entendia uma palavra ou uma frase. Mais uma vez, ele deixou George conduzir a conversa.

George começou por dizer a Yaxche o que sabiam; o que não era muito.

“Quando chegámos à sua aldeia, fomos informados de que o seu neto também tinha sido sequestrado. Será que eles o levaram para outro lugar? Será que ele está bem?”

A expressão no rosto de Yaxche abateu-se, com a menção do seu neto. “Ele não foi sequestrado.” Disse ele “Até tenho vergonha de o dizer; foi ele quem me sequestrou.”

Michael e George trocaram um olhar de surpresa. “O que é que quer dizer com isso?”

“Ele já não é o menino que costumava ser. Ele mudou. O seu coração, creio eu, viu demasiada dor.”

Com preocupação na sua voz, Michael disse: “Falámos com a sua filha. Ela contou-nos sobre a noiva dele.”

“Itzel.” Disse Yaxche num sussurro. “Ela era um anjo, mas o seu tempo era curto. Te’irjiil não se conseguiu perdoar a si mesmo, nem a nós.”

“Vocês?”

“Ele culpou a todos nós, a mim, ao conselho da aldeia, até mesmo ao nosso país, por não a salvarmos. Ele sempre achou que deveríamos ter vendido o pergaminho antigo à NASA, em troca de meios médicos e de máquinas.”

“Mas,” disse George lentamente, olhando alternadamente entre Michael e Yaxche “a sua filha disse que ele regressou de uma longa viagem, com meios médicos e tecnologia. Se culpava as pessoas da sua aldeia, porque é que ele os iria ajudar?”

Yaxche olhou para o campo. “Pode estar escurecido, mas eu acredito que aquilo que lhe bate no peito, ainda é um bom coração.”

Michael perguntou num espanhol atrapalhado “Eu sei que ele disse a todos que ganhou o dinheiro no jogo. Você acha que ele pode ter vendido o pergaminho, ao invés?”

“O pergaminho não.” Disse Yaxche “É secreto.”

Michael olhou imediatamente para cima, para ver se Humberto os estava a ouvir. O Cruzado estava com o olhar entediado, ocupado a roer uma unha suja.

“Nós tivemos centenas de criptologistas, tradutores e computadores de decodificação, a trabalhar nesse documento por mais de uma dúzia de anos.” Disse Michael “A NASA não fez mais, do que desistir de lhe dar qualquer significado importante e creio que a Quantum Resources terminou com o projeto.” Michael deu a George um olhar para a confirmação do último

ponto. “E Alex tinha razão, durante todo este tempo, você tinha o segredo?”

Yaxche olhou para as mãos dobradas no seu colo. “Não. Eu não sei o segredo. Eu falhei aos meus antepassados. Foi-me confiada a história, mas agora eu percebo que nunca entendi o seu verdadeiro significado. Eu esperava passar o pergaminho para o meu neto, e que ele pudesse protegê-lo na geração seguinte, mas a sua vontade de aprender a história era um truque. Eu vi nos olhos dele, que descobriu a verdade. Aquela que esteve escondida de mim o tempo todo.” O velho ficou em silêncio, enquanto a mente de Michael corria.

Qual seria o segredo, que teria escapado a tantos cientistas e mentes educadas? Como teria um simples aldeão, descoberto o segredo? Seria algo tão óbvio e evidente, que os profissionais experientes o tivessem descurado? Ou seria um quebra-cabeças genético, que só um descendente dos primeiros transcritores, o poderia compreender?

George tocou levemente no pulso de Yaxche com os dedos. “Ninguém o culpa. Mas, talvez, se você nos pudesse contar exatamente o que aconteceu, o que levou os Cruzados a sequestrá-lo, pudéssemos ser capaz de o ajudar a compreender.”

Yaxche disse: “Durante um ano, Te’irjiil sentou-se todas as noites, a ler a história comigo. Falando sobre o seu significado. Ele segurava numa pequena caixa, um dos vossos computadores e dizia-me que concordava com algumas partes da história, mas não com outras.”

“Às vezes, ele ficava com raiva e dizia que o pergaminho não era mais do que uma história de embalar e não tinha nenhum significado. Que estávamos a desperdiçar o nosso tempo.”

“Eu pensei, na última noite em que o vi, que ele iria, mais uma vez, deixar a nossa aldeia e não voltar. Mas ele pediu-me para lhe contar a história, novamente. Eu não sei como é que ele começou a entender o segredo do pergaminho, mas eu vi isso nos seus olhos. E então veio a traição.”

Mais uma vez, Yaxche ficou em silêncio e Michael soube, que era difícil para ele contar o conto. Era, obviamente, algo muito pessoal e doloroso.

Ao longo da última década, Michael tinha lido e relido a tradução do pergaminho, que contava a história de como o povo Maia, uma das civilizações mais avançadas do mundo pré-colombiano, tinha chegado à beira da extinção, mais de mil anos antes, depois que uma guerra civil que levou os seus deuses a abandoná-los. Tal como o neto de Yaxche, Michael tinha pensado sempre, que era mais uma parábola do que um fato.

Yaxche tinha afirmado sempre que a história tinha sido transcrita, a partir das palavras dos seus antigos deuses, antes de deixarem a Terra, para retornarem às estrelas. O próprio pergaminho, era de fabrico humano e de origem biológica, assim como a tinta com a qual a história foi escrita. O único fato, que emprestava credibilidade à ligação antiga do pergaminho, era a inscrição Maia no *Dis Pater*.

Goozal Kinich Ahua; Inti ba Rahn; Goozal Kukulcan.

“Cuidado com a Poderosa Porta de Kinich Ahua; a eternidade está agora perante vós; cuidado com o Poder de Kukulcan.”

Tanto o pergaminho, como a inscrição no monumento em Plutão, mencionavam Kinich Ahua; o deus Maia do Sol - e; Kukulcan; o deus Fénix da guerra, que poderia afetar os elementos e causar terremotos.

Os historiadores tinham-se esforçado para compreender a simbologia, por detrás dessas antigas divindades e aquilo que o pergaminho estava a tentar dizer, aos descendentes do povo Maia. Em determinada altura, um grupo de físicos do Arizona tinha atribuído a cada um dos deuses mencionados, vários elementos da tabela periódica. Eles tentaram combinar esses elementos com o Kinemet, em várias formulações, sem nenhuns resultados discerníveis. Durante anos, o “segredo” de como utilizar eficazmente o Kinemet para viagens interestelares eficazes, tinha escapado às melhores mentes do planeta.

Mas, por alguma razão desconhecida, Te’irjiil, o filho de um agricultor, sem a vantagem de uma educação escolar, tinha resolvido o quebra-cabeças.

“Yaxche.” Disse George “Eu espero que saiba que estamos aqui para o ajudar. Lembra-se de Alex Manez?”

“Sim, Colop está sempre nos meus pensamentos, embora não fale com ele há muitos anos.”

Incerto de que o que ele queria dizer, iria sair corretamente em espanhol, Michael pediu a George para traduzir: “Alex enviou-nos uma mensagem, de uma das nossas estações espaciais, a pedir para o encontrar a si. Ele disse que você tinha o segredo, mesmo que não soubesse disso. Ele não me conseguiu dizer mais nada, porque caiu num estado de dissociação.”

“Ahyah. Então, ele teve uma *visão*.”

Michael entendeu a resposta, mas continuou a falar, em inglês: “Eu não sei. Não tive oportunidade de falar com ele desde então, embora eu tenha recebido a notícia de que ele se recuperou. Mas, antes de ficar inconsciente, ele disse que eu precisava de ouvir a história. Espere...”

A arregalar os olhos, Michael olhou para George e disse: “Sabe, ao fim de

todo este tempo, só agora é que percebi que, embora tivesse lido as traduções, analisado as interpretações e escutado a gravação que fez, quando entrevistou Yaxche pela primeira vez, na realidade, nunca *ouvi* a própria história!”

“O que é que pretende dizer? Na minha gravação, você ouviu Yaxche a contar-nos a história.”

“Em espanhol. E depois traduzido para o Inglês. Não a ouvi realmente, em Maia.”

George pestanejou para Michael. “Eu tenho a certeza, de que tenho a versão Maia gravada nalgum sítio. Tivemos alguns linguistas disponíveis, que conseguiam interpretar os glifos Maias e lembro-me de vários deles lerem o pergaminho em voz alta. Tem a certeza de que não acedeu a nenhuma dessas gravações?”

“Penso que não, mas também não acho que isso seja importante. Alex disse especificamente, ‘Você tem que o ouvir contar a história.’ Não um dos nossos linguistas, mas ouvir Yaxche, mesmo.”

A balançar a cabeça, George disse: “De que é que isso vai servir? Sem um computador para traduzir, tudo nos vai soar apenas como uma amálgama de palavras.”

Michael abriu as mãos. “Nesta altura, que mal pode isso fazer?”

George encolheu os ombros e voltou-se para Yaxche. “Você é realmente capaz de nos contar a história sobre o pergaminho antigo, de memória?”

“Ahyah.” Disse o velho, como se a pergunta tivesse espicaçado o seu orgulho. E depois ele fechou os olhos e começou a contar o conto do fim do Quarto Mundo, na sua língua nativa.

No início, Michael esforçou-se para ouvir as palavras e frases, tentando encontrar algo familiar, no som lírico da história. Ele esperava que o seu cérebro pudesse fazer algum tipo de ligação, que viesse algum tipo de revelação.

Porém, logo percebeu que George estava correto. Era apenas uma grande confusão de sons incompreensíveis. Por educação, ele esperou até que Yaxche terminasse de recitar o conto completo e, então virou-se para George, para reconhecer que o pesquisador teve sempre razão.

Mas, quando olhou para George, viu nos olhos dele, aquilo que Yaxche deve ter visto nos olhos do seu neto. Um rápido olhar para Yaxche, confirmou-o.

De alguma forma, George também tinha descoberto.

“O que foi?” Perguntou Michael. A sua voz estava um pouco alta e

Humberto sacudiu a cabeça e deu um passo em direção a eles.

Erguendo as mãos, num gesto pacificador, Michael disse ao Cruzado “Desculpe. Está tudo bem. Nós estamos apenas a discutir algo. Uma opinião científica.”

Com um grunhido, Humberto voltou para o seu lugar, mas manteve os olhos fixos nos três.

Yaxche respirou fundo, na expectativa do que George iria dizer em seguida. Havia uma expressão de dor na expressão do velho e Michael adivinhou que ter, não uma, mas duas pessoas a entenderem algo que ele não entendia, algo que lhe foi confiado, era difícil de aceitar.

“O que foi?” Pressionou Michael.

“Quem me dera, ter agora um computador.” Respondeu George, com um grunhido. Ele lambeu os lábios. “Eu posso não ter a certeza a cem por cento, mas pelo menos acho que sei a chave para o segredo.”

Os seus olhos moveram-se para trás e para a frente, como se procurasse na própria memória. “Você lembra-se que, na escola, quando você se queria lembrar de alguma coisa para uma prova, existiam uma série de técnicas mnemónicas que podia usar?”

“Quer dizer, siglas ou acrósticos?”

“Ou rimas ou canções.” Disse George “Neste caso, eu acho que o próprio conto, é uma maneira de fazer o ouvinte lembrar-se da própria música.”

Michael fez uma ligação. “Quando Yaxche estava a contar-nos a história, tinha realmente uma qualidade lírica nela.” Ele tentou reprimir a sua excitação, para não atrair a atenção de Humberto. “Você acha que temos que analisar a história, como se fosse uma canção?”

“Não a letra, mas a melodia. Acho que a história é apenas isso: uma história. Provavelmente, ela poderia ser sobre qualquer assunto. Está lá, simplesmente para ajudar os guardiães do pergaminho, a lembrarem-se da *melodia*. Houve certas partes do conto, em que a voz Yaxche atingia uma certa nota e usava uma inflexão particular. Eu acho que isso é importante.”

George virou-se para Yaxche e falou muito rapidamente em espanhol, resumindo a sua teoria.

“Sim.” Disse Yaxche, em espanhol. “Foi assim que me ensinaram a Canção das Estrelas. É muito importante cantar essas partes de forma correta; para honrar os deuses.”

“A Canção das Estrelas?” Perguntou Michael. “É esse o título da história? Eu nunca ouvi nenhuma menção a isso, em nenhuma das traduções. Não está

escrito no pergaminho. É isso?”

“Não,” disse George “mas, mais uma vez, nunca ninguém me perguntou qual era o nome da história.” Ele soltou uma gargalhada sem fôlego. “É mais do que um erro de tradução, é a falta de um quadro comum de referência.”

“O que é que quer dizer?” Michael sentiu o seu rosto corar, por não poder juntar as peças na sua própria mente.

“Do ponto de vista cultural de Yaxche, ele deve ter assumido que já sabíamos, que o conto era sob a forma de uma canção. Afinal de contas, era assim que as histórias eram passadas de geração em geração. Temos baladas, que datam de séculos.”

“Por outro lado, do nosso ponto de vista científico, estávamos tão ocupados a procurar evidências mensuráveis no documento, que não levámos em conta, o único fato que era óbvio desde o início.”

Michael ainda não fez a ligação. “E que é?”

“A música em si. Ela é uma tradução de um outro idioma. Não, no sentido literal de palavras numa página, mas como um meio de passar a própria melodia, de geração em geração.”

“Sónico.” Disse Michael, num suspiro. “Quando Macklin Rock reagiu, o *Dis Pater* exalava emissões de ondas cíclicas, que correspondiam às mudanças do seu espectro de luz.”

“Diferentes notas da escala musical, podem ser mapeadas pelas suas ondas de compressão.” Disse George “E, embora a diferença entre as ondas-partícula de luz e a frequência do som fosse, no fator de, não sei, um bilião de *hertz*, ou algo assim, eu acho que há uma correlação sólida e, também acho que isso é algo que uma civilização adequadamente avançada, que utilizasse computadores, poderia programar e calcular.”

“Precisamos de lhe arranjar um computador.” Disse Michael, em conclusão.

“E precisamos de gravar a canção de Yaxche, numa sala de som.”

Durante todo o tempo em que os dois conversavam, Yaxche olhava para eles alternadamente. O olhar no seu rosto era uma mistura de consternação e de pânico. Ele não tinha ideia do que estavam a falar.

George, pestanejando para se certificar de que Humberto não estava a ouvir, disse ao velho índio, “Precisamos de o tirar daqui e colocá-lo em segurança.”

“Eu não estou preocupado com o meu bem-estar.” Disse Yaxche, não fazendo nenhum esforço para baixar a voz. “Mas se quiser, posso mostrar-lhe

uma saída.”

Michael inclinou a cabeça. “Você conhece uma maneira de escapar deste lugar?”

“Ahyah.” Disse Yaxche “O meu amigo Humberto contou-ma.”

**Observatório Lucis:
Orbita de Vénus:**

A cultura Maia tinha dado sempre uma grande importância a Vénus, ao qual se referiam tanto como a estrela da manhã, ou como a estrela da noite. Uma vez que, podia ser visto em qualquer altura.

Como os astrónomos mais sofisticados da época e, sendo uma civilização com consciência do calendário e da matemática, os Maias traçaram os ciclos anuais de Vénus e, descobriram que, cinco anos de Vénus, correspondem quase exatamente a oito anos terrestres. Para eles, este era um sinal evidente da sua ligação com a Terra e, a prova, de que o próprio Vénus, era uma divindade. O povo Maia marcava todos os seus grandes eventos, tais como uma guerra ou a coroação do seu líder, com os ciclos de Noh ek', o nome que davam ao deus do céu.

E assim, inicialmente, quando Terry percebeu, que Klaus tinha criado a sua principal base de operações em Vénus, uma parte dele sentiu que era mais do que mera coincidência; tinha que ser algum tipo de influência divina.

A partir do momento em que Terry aderiu aos Cruzados, ele imaginou que tinha sido escolhido para liderar uma revolução santa e, que iria sozinho restaurar o papel da cultura Maia, na linha da frente da busca do progresso interestelar. Na sua ingénua fantasia, o mundo iria honrá-lo como um embaixador da Terra, quando a humanidade superasse as limitações das viagens para as estrelas e fizesse o primeiro contacto com as milhares de raças alienígenas, que aguardavam no Espaço.

Terry tinha-se deixado levar, pela noção romântica de uma cruzada santa, com um exército de Cruzados a apoiá-lo.

Todavia, Terry não tinha ideia de como iria conseguir aquilo e, ao fim de dois dias no observatório orbital, começou a ceder ao desespero. Aos poucos

ele percebeu que, quando entregou a Canção das Estrelas a Jose e a Klaus, o seu sonho tinha começado, pouco a pouco, a desmoronar-se. Agora, a cada hora que passava, parecia mais um pesadelo.

Os Cruzados não eram um grupo honrado. Eles não tinham neles, o espírito Maia ancestral. Ele estava a começar a entender. Eram apenas mais um bando de camponeses descontentes e oportunistas gananciosos que, por sua vez, tinham confiado em alguém que Terry só poderia descrever como louco, alguém que certamente sabia mais sobre computadores, sobre o Kinemet e astrofísica, do que a maioria das pessoas.

Numa dos laboratórios do Observatório da Lucis, Klaus Vogelsberg estava sentado e debruçado sobre uma consola tátil. Tinha criado sete painéis holográficos em semicírculo, à sua volta. Periodicamente, ele digitava dados ou uma série de comandos.

Terry permanecia alguns passos ao lado e esperava. Ele foi relegado para o papel de servo pessoal de Klaus e, embora isso ferisse o seu orgulho, sabia que apenas se podia culpar a si próprio por aquilo.

Estava outra pessoa com eles; era Jose. No seu reduto, observava o seu parceiro de crime, a manipular os seus programas. Tinha uma expressão sombria de preocupação no seu rosto, enquanto olhava para os monitores, claramente incapaz de decifrar o que via.

“Você está nisto, há dias. Será que estamos mais perto da solução.” Perguntou Jose.

“Aproximamo-nos a cada minuto que passa.” Disse Klaus, de forma automática.

“Você sabe o que quero dizer.” Jose apontou para o outro lado da sala. “Até agora, ele foi o terceiro. A este ritmo, em breve vamos ficar sem ratos de laboratório. E, cada dia que passamos aqui, aumenta o nosso risco de sermos descobertos.”

Terry fez uma careta com as palavras e não pôde deixar de olhar para os dois homens que Jose tinha apontado. Ao lado existia um outro laboratório, este blindado com titânio e selado eletromagneticamente. Um grande painel de vidro colorido, criado com partículas de titânio, permitia-lhes ver dentro da área, onde decorriam as experiências.

Amarrado numa maca médica, um dos soldados americanos capturados, estava inconsciente e nu. Foram ligados dezenas de sensores e cabos aos seus braços, ao peito e à cabeça.

Ao lado dele, estava uma bandeja com um miligrama de Kinemet não-

blindado, que Klaus tinha raspado, com o que pareceu ser uma serra invisível. Ele tinha dito a Terry, que o feixe era simplesmente um laser não-reativo, juntamente com um refrigerador químico e que exigia concentração total, para obter o corte corretamente, “Então faça o favor de manter a boca fechada a partir de agora, a menos que eu lhe faça uma pergunta” disse a certa altura, por entre os dentes.

Quando Klaus não respondeu à sua última declaração, por isso, Jose disse: “Você prometeu-nos que conseguiria descobrir o segredo e dar-nos o controlo completo das viagens espaciais. Essa foi a única razão, pela qual concordámos com as suas condições. Pergunto-me, se talvez sobrevalorizou as suas capacidades.”

“Há sempre uma fase de tentativa e erro, na condução de experiências científicas.” Respondeu calmamente Klaus a Jose, com muito mais paciência do que tinha para Terry. “Mas asseguro-lhe já, que vou ter a sequência adequada desbloqueada, muito em breve.”

Um momento depois, porém, falou num tom áspero a Jose. “E, não se esqueça, o poder será partilhado por ambos. Você pode ter contribuído com homens e com o pergaminho, mas sem o meu dinheiro e conhecimento, você ainda estaria sentado num armazém escuro a fazer planos inúteis. Nós somos *sócios* nisto.”

Uma onda de irritação passou sobre a expressão de Jose, mas rapidamente controlou as suas emoções. “Muito bem, *sócio*. Se somos iguais, então ambos devemos saber exatamente o que é que você está a fazer agora.”

“Eu acho que você não iria compreender a terminologia científica.”

Jose estreitou os olhos. “Eu tive algumas aulas de física na universidade. Tenho a certeza de que posso acompanhar.”

Klaus encolheu os ombros e virou-se para o seu computador. Respirou fundo e pareceu escolher as palavras seguintes. “Está bem.” Disse finalmente. “Temos algum tempo, antes de podermos medir a reação no nosso sujeito, de qualquer maneira.”

Ele abriu um arquivo e exibiu uma das muitas apresentações esquemáticas da reação cinemética, que tinha estado nas páginas da TerraNet, ao longo da última década.

“Antigamente, quando a Quantum Resources estava nos seus melhores dias, eles utilizavam o bombardeamento de fótons de hidrogénio para criar uma reação no Kinemet; o que fazia com que o metal se convertesse numa força cinemética quântica. Para o utilizar como combustível cru, isso

funciona, mas não há controlo, quando entra em estado quântico.

O que quer que esteja na proximidade da sua esfera de influência, durante o tempo de reação, fica em estado quântico, ou seja, transformado em luz. Todos os impulsos elétricos são neutralizados. Quando o Kinemet deixa de reagir com os fótons e regressa ao estado sólido, todos os sistemas elétricos ficam desativados. Alguém, ou algo, necessita de os reiniciar, ou então fica à deriva no espaço sem luz, sem calor... e... sem ar.”

“Sim.” Disse Jose. “Isso já sei.”

“Estou apenas a confirmar.”

Klaus abriu uma outra animação. Esta tinha uma marca d'água com o logótipo da NASA, no canto inferior direito, o carimbo da Quantum Resources, no canto inferior esquerdo, e a palavra ‘confidencial’, no topo. Era uma recriação conceptual da viagem de Alex Manez, para Centauri.

“Então,” continuou Klaus “o problema é agravado. Depois da desmaterialização, existe uma reação secundária no Kinemet, a fissão nuclear, que faz com que o Kinemet liberte os seus fótons numa reação exotérmica, semelhante a uma bomba atômica. Porquê? Bem, quando se deixa cair uma pedra na água, isso provoca um vazio temporário e, quando a água à volta regressa, para preencher esse vazio, há um pequeno «Coice Atômico». A energia é libertada. O «coice» é o suficiente, para fazer com que o Kinemet comece a reagir por si próprio. Em vez de entrar em estado quântico, entra em fissão e isso acontece muito rapidamente.”

“O piloto está lá, para reiniciar os geradores elétricos, para que os amortecedores impeçam que a fissão ocorra. No caso da *Quanta*, o piloto rematerializava-se muito lentamente e era por isso que a nave explodia e esse tem sido o problema, com o qual se têm debatido nos últimos anos. Como impedir a bomba de explodir, quando o pavio estiver aceso.” Ele riu-se com o conceito.

Jose perguntou: “Então, como é que o pergaminho antigo, pode ajudar a resolver isso?”

“O problema não está no Kinemet. O problema está no piloto ou, mais especificamente, no processo de irradiação para criar um piloto kinemético. E isso está muito para além do processo de provocar o estado quântico que, por si só, é biologicamente inofensivo.”

“Alex Manez foi exposto ao Kinemet sob circunstâncias desconhecidas e, não controladas, e foi irradiado durante esse processo. Entre outras coisas, ele tornou-se eletropático e ganhou a capacidade de manipular esses

amortecedores eletrônicos, necessários para impedir a ‘explosão’. Mas alguma coisa nele, não conseguiu concluir a mudança. Ele foi incapaz de se materializar a tempo e o Kinemet explodiu. O processo de transformação kinemética incompleto, também resultou na deterioração da sua saúde e vai ser, inevitavelmente, a causa da sua morte.”

“Infelizmente, ninguém foi capaz de reproduzir as condições exatas, que criaram a nova fisiologia de Alex. Tentaram fotões a partir de outros elementos, como o hélio e outros gases raros, mas isso não teve nenhum efeito. O mais próximo que eles estiveram, foi quando tentaram preparar o Kinemet com uma explosão de raios ultravioleta. Eles estavam no caminho certo, ao trabalhar no espectro eletromagnético, mas a sua metodologia estava errada. Eles não tinham a sequência correta para preparar o Kinemet e, assim, as experiências *Quanta* continuaram a falhar.”

“Alguns pilotos morreram, logo após a exposição inicial, no ambiente de laboratório. Dois viveram durante um mês, até que o envenenamento por radiação os matou. Aquelas foram as primeiras experiências. Cinco sobreviveram ao processo, mas na prática e, tal como Alex, foram incapazes de se rematerializar de forma suficientemente rápida, para ativar os amortecedores do Kinemet. Cabruumm! Explosão energética. Mesmo que Alex tenha, de alguma forma, conseguido sobreviver à explosão na *Quanta*, ele também foi considerado uma reconversão que falhou.”

“Então, agora permanece a questão; qual é o processo correto, para criar um piloto kinemético?”

Klaus apontou para o antigo pergaminho, que estava pousado numa mesa de trabalho próxima. “Veja, o documento Maia contém um código chave, uma sequência de ondas sonoras, que o computador pode mapear com as suas partículas-onda homólogas. Depois, nós bombardeamos o Kinemet com aquela frequência, antes do processo passar para o estado quântico. Diferentes frequências e combinações de frequências, provocam reações díspares no elemento, condicionando-o a irradiar, formas ligeiramente diferentes de radiação.” Ele balançou a cabeça. “É um elemento incrível e estou certo de que vai demorar décadas, para mapear todas as suas características.”

Klaus virou-se na cadeira para enfrentar Jose e, respirou fundo. “Então veja, eu estou a reproduzir algumas das experiências mal sucedidas da Quantum Resources, mas a utilizar primeiro as frequências corretas, que gravei da interpretação vocal de Terry da história, para preparar o Kinemet.

Claro, isso tudo, assumindo que Terry recitou a história exatamente como o seu avô lhe ensinou...” Klaus olhou para Terry, cuja expressão endureceu, com a implicação de que ele tinha cometido um erro.

Klaus continuou: “Eu mapeei as notas onde ele usou inflexões particulares e estou na esperança de que elas forneçam a combinação apropriada, para resolver o quebra-cabeças.”

“Na esperança?”

“Bem, já passou um milénio, desde que o pergaminho foi escrito. Mesmo que Terry tenha recitado a música, exatamente como lhe foi ensinado, como é que podemos saber, que cada geração passou a sequência, sempre a mesma cacofonia, sem um único erro? E existem mais algumas dinâmicas a considerar.”

Jose deu alguns passos controlados, em direção à janela, como se pudesse ver as mudanças internas no soldado, na outra sala. “O que é que você me está a dizer? Quantos fatores incontrolláveis é que existem?”

“Eu não tenho os registos completos da Quantum Resources, então tive que repetir alguns dos seus fracassos.”

Jose rangeu os dentes. “Quantos mais fracassos?”

Um sorriso zombeteiro, surgiu nos lábios de Klaus. Parecia que ele gostava de atormentar Jose. “A Quantum Resources, passou por mais de uma dúzia de ensaios completos e estabeleceu um número de constantes. Para efeitos do meu ensaio, eu tenho utilizado esses resultados confirmados. Existem ainda algumas variáveis nos seus testes, no entanto, e depois de termos passado o sujeito número três, só tenho mais dois fatores para explicar e, logo depois, vamos saber se a capitulação da canção de Terry sobreviveu inalterada, ao longo dos séculos.”

Jose inalou e depois deixou sair o ar, num lento assobio, como se estivesse a liberar a tensão que se estava a acumular dentro dele. “Bom. Então, faça o favor de continuar.” Ele virou-se para a janela, para observar.

Klaus franziu a testa em aborrecimento, mas Terry foi o único a ver o movimento. Existia um atrito óbvio entre os dois parceiros, mas Terry não sabia, se teria a sabedoria para utilizar isso contra eles.

Ele sabia que qualquer ação que fizesse, naquele momento, o faria parecer mais desleal. O mais provável, seria ele levar com uma bala. Agora que lhes tinha dado o que queriam, o pergaminho e a canção, ele não tinham nenhuma utilidade para eles, para além de ser assistente pessoal de Klaus. Depois do comportamento de Terry, na nave de carreira, Jose não confiava mais nele e,

não lhe permitiria sequer levar uma arma.

Por agora, Terry mordia o lábio, suportava a dor de cabeça, provocada pelo testemunho das experiências desumanas e esperava pelo momento certo de ver uma oportunidade para reparar os erros, pelos quais era responsável.

∞

Eles não tiveram que esperar muito tempo, até que um dos programas de monitoramento de Klaus soltou um curto alarme.

“Ah!” Disse Klaus “A sequência está agora programada no computador. Podemos prosseguir com o ensaio número três.”

“Quanto tempo é que isso vai levar?” Perguntou Jose “Quando é que vamos saber, se funcionou?”

Sem responder à pergunta, Klaus digitou um comando na sua consola. “Aqui vamos nós! Agora estou a bombardear o Kinemet, com as trinta e duas frequências ultravioletas de fotões, na ordem prescrita e, os sensores indicam que o Kinemet está a passar pela transformação. Agora passamos para para a atração principal; atingi-lo com hidrogénio, para começar o processo do estado quântico.”

Os três homens olharam para a sala blindada e viram o Kinemet acender-se, de repente, de forma semelhante a um surto de magnésio. Um segundo depois, tudo na sala se transformava na mesma luz. Tal como Klaus tinha dito a Terry anteriormente, se não fosse pelos amortecedores kineméticos na outra sala, a radiação kinemética de um miligrama do elemento, podia colocar em estado quântico a maior parte do Observatório.

Toda a sala do laboratório foi preenchida por um brilho tão forte, que Terry teve que colocar a mão para proteger os olhos. Os sensores que tinham sido anexos ao soldado, deixaram de transmitir dados para os computadores de Klaus, já que também eles foram afetados.

“Ele ficou em estado quântico.” Comentou Klaus “Durante o incidente de Macklin Rock, Alex Manez foi exposto durante cerca de quatro horas. Tanto quanto sabemos, a duração real de tempo necessária, poderia muito bem ser de quatro segundos. A Quantum Resources utilizou o marcador das quatro horas, como uma constante, pelo que eu tenho feito o mesmo.”

Jose, que também tinha a mão a proteger-lhe os olhos, perguntou: “E só nessa altura, é que vamos saber?”

“Sim! Vamos saber se ele foi alterado, ou não. Quando o Kinemet concluir o seu processo, tudo na sala retornará ao estado sólido e, então nós, podemos

entrar e fazer um levantamento de dados sobre o sujeito. Depois disso, vamos realizar um procedimento simples, de o colocar em estado quântico simples e, ver o quão rapidamente ele se rematerializa. Mais do que nove segundos é um fracasso; o piloto não teria tempo suficiente, para se orientar e, ativar os amortecedores.”

Tossindo ansiosamente, Jose perguntou: “E o efeito de ‘Coice’, que falou?”

“Não restará Kinemet para uma reação secundária.” Disse Klaus “Se eles tivessem colocado Kinemet suficiente, só para uma viagem de ida para Centauri, nunca teria havido fissão e a *Quanta* não teria explodido.”

“Então, nós estamos seguros?”

“Sim.” Klaus digitou mais alguns comandos no computador e, de seguida, virou-se na cadeira. “O laboratório é eletromagneticamente selado. Ninguém pode entrar, nem sair. Entretanto....estou com fome. Esta na altura de comer alguma coisa.”

∞

Antes de sair, Klaus tocou numa tecla no computador e a janela, entre a oficina principal e sala do laboratório, ficou mais escura, o suficiente para que ninguém ficasse fisicamente desconfortável, quando olhasse diretamente para lá. Claro que, não havia nada para ver. Para além do vidro, a única coisa que se via era; uma mancha brilhante.

Antes de seguir Klaus para fora da sala, Jose ordenou a Terry “Você fica aqui. Certifique-se de que ninguém entra, exceto nós. Se outra pessoa qualquer, tentar entrar aqui, envie-me um alerta através do comunicador.” Quase como uma reflexão tardia, acrescentou, “Quando voltar, eu trago-lhe uma sanduíche ou algo do género.”

Terry, que tinha permanecido impassível, enquanto os co-líderes estavam na sua presença, soltou uma maldição e, em frustração, socou a mão aberta com o punho, quando ficou sozinho.

A sua raiva não era dirigida apenas a Klaus, a Jose e aos Cruzados, mas a si mesmo, por ter sido tão estúpido.

Tudo o que tinha feito, tinha sido para honrar Itzel e assegurar que o que aconteceu com ela, não aconteceria novamente ao seu povo.

E ele estava mesmo no centro de tudo daquilo. Aliás, tinha sido o catalisador. Se não tivesse fugido de casa, como uma criança arrogante, se não se tivesse ingenuamente associado aos Cruzados e, se não tivesse traído o

seu avô, ao roubar o pergaminho antigo, nada disto teria acontecido. Quantas pessoas, inocentes ou não, tinham morrido, devido às ações de Terry? Quantos mais morreriam?

Nos últimos dois dias, Terry tinha estado impotente para fazer algo mais, do que estar com Klaus nas experiências com os soldados americanos. Quando determinou que o primeiro sujeito não tinha conseguido completar a mudança, Klaus ordenou que retirassem a vítima da sua presença e nunca acompanhou o seu progresso. Terry nunca tinha visto ninguém, com tamanha falta de remorso ou de consciência. Klaus estava completamente absorvido na sua tarefa e não apresentava quaisquer sinais de que se importava, se eles vivessem ou morressem, na busca pelo seu objetivo.

Um dia, enquanto almoçava sozinho, Terry tinha ouvido alguns dos outros Cruzados, noutra mesa, a falar sobre Klaus e, de como ele e o seu tio tinham sequestrado Alex Manez, há uma década e, tinham sido, de alguma forma, traídos por ele.

Terry não via o Capitão Gruber com muita frequência. O homem passava a maior parte do tempo a ensinar aos Cruzados, técnicas de combate para batalhas entre naves e, como lutar dentro de estações espaciais.

Este último pedaço de informação, levou Terry a constatar, que fazia parte de uma insurreição, ao invés da libertação e do renascimento da cultura Maia, que ele tinha sonhado.

E tudo aquilo, só se tinha tornado possível, por causa dele.

Tinha que haver algo que ele pudesse fazer, para os deter. Mas sabia que, infelizmente, não tinha inteligência suficiente para isso. Para além de não saber manobras de combate, era demasiado transparente, para se tornar um político e convencer os Cruzados a apoiá-lo na sua visão.

Ele deu alguns passos calculados, em direção à janela do laboratório e sentiu uma pontada de culpa, por saber que o soldado que estava lá dentro, provavelmente iria suportar horas, dias ou semanas de agonia, antes de morrer devido à exposição kinemética. Ele ainda não tinha descoberto, qual o nome do soldado.

O mais provável, era que o seu avô estivesse coberto de vergonha por causa de Terry. Ele esperava que o velho estivesse bem. Jose tinha prometido mantê-lo seguro e isolado, para o caso de alguém da Quantum Resources ou da NASA, o tentar utilizar para descobrir onde os Cruzados estavam e o que estavam a fazer. Terry percebeu agora que, na verdade, eles estavam a manter Yaxche refém, para conservarem a cooperação de Terry.

Tinha sido um desastre completo. Provavelmente, ele não teria conseguido fazer pior, se assim tivesse planeado.

Puxou uma cadeira para perto da janela e sentou-se, a esperar o resto da sua vigília. Embora não fosse o tipo de pessoa que cedesse ao desespero, ele teve o desejo secreto, que a radiação kinemética pudesse atravessar a janela, de alguma forma, e o transformasse, permanentemente, num ser de luz.

Algumas horas depois, Terry olhou para cima, quando ouviu passos no corredor.

A porta da oficina abriu-se e Jose entrou na sala.

“Como é que está a correr?” Perguntou Jose e Terry encolheu os ombros.

“Acho que está tudo normal.” Terry olhou, mas não viu um prato de comida e nem sequer uma garrafa de água, nas mãos de Jose. O líder dos Cruzados devia ter-se esquecido. Com o estômago a roncar, ele disse: “Importa-se que eu faça uma pausa?”

Jose, dando um passo em direção à janela, como se pudesse ver o que acontecia lá dentro, acenou a mão para Terry, em sinal de desdém. “Está bem. Volte dentro de uma hora, está bem? Que deve ser, quando a experiência termina. Vamos descobrir se o preço que pagámos, valeu a pena.”

∞

Antes de descer para o refeitório, Terry parou na casa de banho. Lá dentro, ele entrou numa das divisórias e sentou-se na tampa da sanita de cromo. Não tinha necessidade de se aliviar, mas precisava de alguns minutos para se recompor, antes de enfrentar algum dos Cruzados.

Todos eles eram homens muito ásperos, criados nalgumas das regiões mais pobres do México, da Guatemala, de El Salvador e das Honduras. Se Terry não parecesse tão duro quanto eles, iriam considerá-lo fraco. Ele já tinha descido na sua consideração, devido aos seus protestos, na nave de carreira. Se havia alguma hipótese de sair vivo daquela situação, pelo menos ele tinha que manter a imagem que ainda tinha, aos olhos dos Cruzados.

Enquanto reunia coragem, Terry ouviu a porta da casa de banho abrir-se e dois homens a entrar. Ele reconheceu-os pelas vozes. Eram Klaus e o seu tio, o Capitão Gruber. Mantendo-se tão quieto, quanto conseguia, Terry esperou que eles terminassem o que tinham vindo fazer e saíssem.

Os dois homens falavam em alemão, por isso, Terry não tinha ideia do que eles diziam, mas os seus tons de voz estavam repletos de ameaça.

Klaus disse: *“Achten Sie darauf, Ihre Männer sind bereit. Ich werde Signal, wenn der Vorgang abgeschlossen ist. Sie wirst Sie töten Jose und Terry.”*

Quando Terry ouviu o seu nome, os cabelos na parte de trás do seu pescoço eriçaram-se e ele amaldiçoou-se, por não ser capaz de entender o que diziam.

Em inglês, o Capitão Gruber perguntou: “E o resto dos Cruzados?”

“Eu tenho provas suficientes para os convencer, de que Jose os estava a usar em proveito próprio. Na verdade, ele nunca foi um verdadeiro crente. Não se preocupe com eles. Sem um líder, as ovelhas tresmalhadas irão reunir-se sob a minha guarida. Ah, e se puder, certifique-se que pareça que foi Jose quem matou Terry. Será mais uma acha para a fogueira.”

Ao fim de um momento, Gruber disse “Não deve ser muito difícil.”

“Tio, em breve terá, finalmente, o que Alex Manez prometeu, mas não conseguiu cumprir. Não vou descansar, até que esse rapaz também esteja morto.”

∞

“Você está atrasado!” Disse Jose, com uma voz de repreensão, quando Terry regressou à oficina. “O Kinemet está quase esgotado.”

Klaus continuou concentrado no seu computador. O Capitão Gruber estava ao seu lado, mas o homem mais velho não olhava diretamente para Terry. Os seus olhos, no entanto, analisavam tudo e Terry sentiu um arrepio na espinha.

“Oh, desculpe.” Disse Terry e encolheu os ombros, quando Jose lhe lançou um olhar fulminante.

Ele tentou certificar-se, de que nenhum dos outros três homens na sala, via o quanto as suas mãos tremiam, de como a sua respiração estava irregular, ou do quanto o seu coração batia no peito. Quase que ele decidiu sair a correr e encontrar um esconderijo, nalgum lugar do observatório. Contudo, ele sabia que se o fizesse, seria apenas uma questão de tempo, até que o descobrissem.

Ele era um homem morto, de qualquer maneira. Ele sabia-o, no fundo do seu coração. Mesmo que voltasse para o laboratório e a experiência se revelasse um sucesso, o Capitão Gruber iria matá-lo. Depois de tudo o que Terry tinha feito, sentiu que merecia e decidiu enfrentar o seu destino. Se iria morrer, pelo menos morreria corajoso, ao invés de morrer como um covarde.

“Não temos tempo a perder.” Disse Klaus e apontou para a outra sala.

A luz dentro do laboratório brilhou e extinguiu-se subitamente e Klaus

retirou a película do vidro.

Em breve, todos puderam ver o soldado a rematerializar-se lentamente, à medida que milhares de pequenos flashes de luz se aglutinavam e se extinguíam.

A transformação completa levou menos de seis segundos, de acordo com a indicação do temporizador num dos monitores e, Klaus levantou-se, obviamente entusiasmado.

“Será que funcionou?” Perguntou Jose.

“Não sei.” Disse Klaus, sem tirar os olhos do soldado. “Preciso de o reanimar e fazer alguns testes. Se ele mostrar todos os sinais de uma metamorfose bem-sucedida, então poderemos submetê-lo a uma simulação e medir as suas reações.” Ele digitou um comando e, um tubo intravenoso, no laboratório, ficou azul. Era uma espécie de estimulante que foi introduzido no sistema Imunitário do sujeito.

Em poucos segundos, o soldado agitou-se. As suas pernas sacudiam, à medida que as sensações e a consciência regressavam a ele.

Klaus gritou, através dum microfone: “Soldado Tiegs, está a ouvir-me?”

“O que...” Disse o soldado, num discurso pouco claro. Ele lambeu os lábios, forçou os olhos a abrirem-se e falou novamente. “O que é que está a acontecer? O que é que aconteceu?”

“Como é que se sente?” Perguntou Klaus. “Pode descrever as sensações?”

“Eu ouvi...” Disse o jovem, com a voz maravilhada. “...Era uma canção. Assustadora. Ela preenchia a minha cabeça. Ela...”

Nessa altura todo o seu corpo tremeu, com uma convulsão. Um olhar de pânico espalhou-se pelo seu rosto e os seus olhos arregalaram-se. Apareceram veias na sua testa e no seu pescoço.

“O que é que me está a acontecer?” Gritou ele.

Klaus falou com uma voz dura ao microfone. “Acalme-se. É apenas um efeito colateral do procedimento. Eu asseguro-lhe de que vai ficar bem.”

Mas o homem não estava bem. Terry e Jose correram para ver o soldado ter outro espasmo e cair da maca para o chão.

Como se fosse um peixe fora da água, ele contorcia-se e contraía-se, sempre a gritar de agonia. O aparelho de ressonância e os monitores dos sinais vitais deitavam faíscas, como se estivessem sobrecarregados com a eletricidade. A maior parte deles parou e deixou de funcionar, mas um começou a arder e ocorreram algumas pequenas explosões, até que o sistema anti-incêndios, libertou CO₂, para que as chamas fossem abafadas.

“Você tem que o ajudar!” Gritou Terry, olhando por cima do ombro.

Não havia preocupação nem empatia, nos olhos de Klaus; apenas um olhar de desgosto e de frustração. “Acabou.”

“Mas ele está a morrer.”

Sem responder a Terry, Klaus virou-se para o seu tio e sacudiu a cabeça. O Capitão Gruber, que parecia tão tenso como um tigre prestes a saltar, relaxou visivelmente.

Jose, a assistir aos espasmos finais do soldado, perguntou: “E agora?”

“Vamos ter que limpar o laboratório, redefinir tudo e, voltar a tentar amanhã. Resta apenas uma variável. Pelo menos, teremos cinquenta por cento de hipóteses de acertar.” E, com isso, Klaus saiu do Laboratório, seguido pelo seu tio, alguns passos atrás.

Terry virou-se para Jose. “Não podemos ficar aqui, sem fazer nada. Ele está a morrer.”

“Ele já está morto.” Disse o líder dos Cruzados, com uma voz dura e constante. “Neste momento, não podemos fazer nada.”

A tentar que Jose não visse as lágrimas a correrem pelo seu rosto, Terry afastou-se da janela. As suas mãos continuavam a tremer.

Se o soldado tivesse sobrevivido, Terry estaria morto às mãos do Capitão Gruber. Qual teria sido o resultado mais justo?

Terry permanecia vivo, mas agora, tinha mais uma morte na sua consciência.

“Às vezes,” disse Jose calmamente: “pergunto-me, se você está totalmente comprometido com a nossa causa.”

Transcrição Não-oficial:
1ª Parte da Entrevista a Alex Manez:
Datada de Agosto de 2103:

Edgar: “Bom dia, Alex. O meu nome é Edgar Janz. Eu sou o assistente do conselheiro científico para o Conselho da Comissão de Supervisão, da Administração da Quantum Resources da EUA, Inc..”

Alex: “Bom dia.”

Edgar: “Você tem alguma pergunta, antes de começarmos? Tirei o dia para isto, por isso, não há pressa.”

Alex: “Eu tinha a esperança de ser interrogado por Michael Sanderson.”

Edgar: “Lamento, ele reformou-se da Quantum Resources. Receio que o acesso dele às questões confidenciais foi retirado, desde essa altura. Qualquer coisa que lhe queira falar, deve ser de natureza estritamente pessoal.”

Alex: “E a Capitã Turner.”

Edgar: “A Major Justine Turner, está ligada ao centro de treino do Centro Espacial Kennedy. Tenho a certeza de que você pode solicitar uma entrevista com ela, depois do seu interrogatório. Há mais alguma pergunta, que eu lhe possa responder?”

Alex: “Acho que não.”

Edgar: “Descansou bem, depois da sua viagem às Honduras?”

Alex: “Sim, obrigado. Peço desculpa, se isso atrasou o seu relatório.”

Edgar: “Não lhe vou mentir. Há imensas pessoas à espera, para ouvir a sua história. Não foi fácil mantê-los afastados. Mas isso não é um grande problema. Já apresentei um relatório preliminar, mas precisamos de conferir alguns fatos. Está pronto para isso?”

Alex: “Sim.”

Edgar: “Excelente. Está bem, vamos a isto. Amm. Este é o interrogatório

oficial do Capitão Alex Manez, o primeiro ser humano a viajar para outro Sistema Solar. Já passaram cinco dias, desde o seu regresso à Terra. Os resultados de todos os testes médicos e psicológicos já chegaram e, para além da diferença entre a sua idade biológica e cronológica, foi considerado que Alex Manez apresenta um estado de saúde normal. Sim, Alex?”

Alex: “Desde ontem, que me sinto um pouco dolorido.”

Edgar: “Oh. Tenho a certeza, de que isso é apenas um efeito colateral de toda a viagem. Os médicos já o examinaram.”

Alex: “Está bem.”

Edgar: “Bem. Então, podemos começar do início? Pode descrever a sua experiência de viajar em estado quântico?”

Alex: “Para mim, foi instantâneo. Eu não experimentei nada. Num momento, eu estava aqui, no momento seguinte estava lá.”

Edgar: “Eu vou fazer-lhe algumas perguntas. Elas podem parecer repetitivas ou óbvias, mas isso é para benefício da comissão de supervisão. Vou começar pelos acontecimentos que levaram à explosão da *Quanta*.”

Alex: “Claro.”

Edgar: “Havia energia na nave, quando foi materializada pela primeira vez, no Sistema de Centauri?”

Alex: “Não, não havia.”

Edgar: “De acordo com as experiências prévias de voo, isso já era esperado. Apenas para o registo, você pode explicar porquê?”

Alex: “Claro. Havia duas quantidades separadas de Kinemet, a bordo da nave. Uma para cada etapa da viagem. Pelo que entendi, o Kinemet que foi carregado com fotões, iria queimar, quando eu chegasse a Centauri. A segunda carga, a que não tinha sido preparada, estava apenas em estado quântico, assim como todas as outras substâncias na nave. Os astrofísicos determinaram que, quando o Kinemet não-carregado se rematerializasse, iria re-reagir com os seus próprios fotões e, causar uma reação secundária. Sem um refrigerador, iria atingir a massa crítica e passar por uma fissão nuclear.”

Edgar: “E era essa a razão, para a necessidade de um piloto humano nessa altura, correto?”

Alex: “Sim. Supondo que eu também seria rematerializado, a minha única tarefa seria reiniciar os sistemas elétricos a bordo. Eu tinha simplesmente que ligar um gerador, o que voltaria a fornecer energia elétrica à nave. O computador de bordo iria, então, iniciar os amortecedores kineméticos e interromper a reação da segunda carga de Kinemet.”

Edgar: “E houve algum problema, a impedi-lo de acionar o gerador?”

Alex: “Sim. A nave tinha ficado sólida, mas eu permaneci num estado semi-quântico e fui incapaz de agarrar fisicamente a argola da alavanca de disparo, para ativar o gerador.”

Edgar: “Sabemos porque é que você não voltou, totalmente, à forma física?”

Alex: “Um dos analistas supôs que, quanto mais tempo uma entidade biológica estivesse em estado quântico, mais tempo levaria a transição para a forma corpórea normal.”

Edgar: “Você concorda com essa teoria?”

Alex: “Não.”

Edgar: “Não? Pense bem, Alex. É que, nas minhas anotações, nada é referido acerca do seu desacordo com essa Teoria.”

Alex: “Eu sei que nada é referido.”

Edgar: “Bem, qual é que você considera que seja a razão?”

Alex: “Eu acho que não fui totalmente transformado num ‘kinemat’. Eu sou uma aberração. Eu não sabia disso, antes da viagem, mas sei agora. Precisamos de parar de pensar sobre a utilização de Kinemet para viajar à velocidade da luz e começar a analisar as suas outras propriedades, antes que mais pessoas acabem como eu.”

Edgar: “Alex, você dá-me licença por um momento?”

Alex: “Claro.”

Edgar: “Só preciso de fazer uma chamada.”

∞

Edgar: “Olá, Alex. Desculpe por ter demorado tanto. Espero que esteja confortável.”

Alex: “Eles serviram-me o almoço mais cedo.”

Edgar: “Ainda bem. Recebi instruções para retirar o seu último comentário do registo oficial e concentrar-me, somente, nos eventos verificáveis reais. Por favor, limite-se a responder aos fatos, ao invés de fazer conjecturas.”

Alex: “Está bem.”

Edgar: “Onde é que nós íamos? Certo. Houve um atraso, entre quando a *Quanta* se rematerializou e quando você retornou à forma física.”

Alex: “Sim. Mas durante esse curto período de tempo, eu estava consciente e ciente de onde estava. Eu estava a meio caminho entre a luz e a matéria.”

Edgar: “E durante quanto tempo, exatamente, esteve nesse estado de

transição?”

Alex: “Demorou cerca de oito ou dez segundos, antes que eu me trouxesse à forma material. É difícil dizer.”

Edgar: “Antes que se trouxesse? Alex, eu não tenho nada nos meus registros, a informar que você se rematerializou a si próprio.”

Alex: “Eu sei.”

Edgar: “Você já disse isso a alguém.”

Alex: “Claro, mas eles acham que isso foi imaginação minha, ou a minha memória a pregar-me partidas. Precisa de sair novamente da sala?”

Edgar: “Não. Vamos apenas ignorar essa parte, por agora.”

Alex: “Está bem.”

Edgar: “Então você...rematerializou-se! Quanto tempo teve, antes que a nave explodisse?”

Alex: “Apenas alguns segundos. Eu não estava a pensar claramente e, tentei puxar a argola da alavanca de disparo.”

Edgar: “Mas...”

Pensei que isso, era o que você deveria fazer.”

Alex: “Isso não teve nenhum efeito. Eu tentei dizer-lhes, antes da viagem às Honduras. O gerador precisava de algo mais do que um impulso para arrancar. Uma outra acção ou comando, para além de, simplesmente, puxar uma alavanca. Ao estar em estado quântico durante aquela quantidade de tempo, o sistema elétrico estava enfraquecido. Eu tive que usar a minha capacidade eletropática, para reiniciar o gerador.”

Edgar: “Capacidade eletropática? O que é isso? Alex, eu não tenho a certeza, se posso relatar alguma coisa disto. O meu registo e a sua história, não correspondem. Não tenho nada aqui, que me diga alguma coisa sobre isso.”

Alex: “Não se preocupe, tenho quase a certeza, de que eles vão editar as partes que não querem ouvir.”

Edgar: (som de tosse)

Alex: “Está bem, então...isso...o gerador reiniciou-se, mas já foi tarde demais para ativar os amortecedores.”

Edgar: “Foi tarde demais?”

Alex: “Tinha apenas um segundo, mais ou menos, antes que o Kinemet alcançasse a massa crítica e o refrigerador necessitava de, pelo menos, quatro segundos.”

Edgar: “Como é que você sobreviveu à explosão?”

Alex: “Bem, o ejetor automático da cápsula de segurança lançou o *cockpit*, assim que a *Quanta* explodiu. Foi uma explosão, digamos que, silenciosa. Uma vez que, foi em fragmentos de luz.”

Edgar: “Está bem. Isso é também o que eu tenho, no meu relatório. O que é que aconteceu depois?”

Alex: “Eu estava um pouco atordoado com a ejeção e estava tonto. Depois de alguns minutos, percebi que estava encalhado a mais de quarenta trilhões de quilômetros de casa, sem forma de regressar e comecei a entrar em pânico.”

Edgar: “Isso foi compreensível.”

Alex: “Todos os vestígios da *Quanta* tinham desaparecido. A cápsula tinha apenas reserva de oxigénio e de alimentos para uma semana. Eu... senti-me completamente sozinho.”

Edgar: “O que é que aconteceu depois?”

Alex: “Eu instruí os sensores de bordo para fazerem um *scan*, para rastrear as vibrações eletromagnéticas nas imediações. O analisador espectrográfico da nave, apanhou um sinal.”

Edgar: “Os sinais eram semelhantes aos emitidos pelo artefacto do nosso Sistema Solar, o *Dis Pater*?”

Alex: “Sim. O computador calculou que estava a pouco mais de vinte mil quilômetros de distância.”

Edgar: “E depois?”

Alex: “Eu programei o sistema de navegação para voar até ele.”

Edgar: “Com base nos cálculos que você forneceu, seria necessário um pouco mais de um mês para chegar lá, à velocidade mais alta da cápsula.”

Alex: “Correto.”

Edgar: “E você só tinha uma semana de oxigénio e alimentos. Então, como é que sobreviveu à viagem?”

Alex: “Voltei a colocar-me em estado quântico.”

Edgar: “Você o quê? Alex, existem discrepâncias significativas, entre os relatórios e o que você me está a dizer. Acho que não conseguiremos continuar, até eu ter isto tudo esclarecido.”

Alex: “Eu tentei contar aos analistas, mas ninguém acreditou em mim.”

Edgar: “Iremos Continuar este interrogatório amanhã. De momento, preciso de esclarecer isto melhor.”

**Observatório Lucis:
Orbita de Vénus:**

Justine nunca tinha tido tanto medo, em toda a sua vida. Nunca tinha experimentado totalmente o isolamento, de forma tão acentuada e o desamparo de ser cega, como agora.

Inicialmente, na altura em que perdeu a sua visão em Plutão, ela sentiu toda uma gama de emoções, durante a viagem de seis meses para casa, sentiu raiva, frustração, negação. Bem como as falsas esperanças, a depressão e finalmente a aceitação.

No entanto, durante a viagem para casa, ela nunca temeu pela sua vida. Toda a equipa da nave foi solidária e a apoiou, tal como deveria ser. A NASA tinha mantido a comunicação constante com ela e, organizou, de imediato, para o momento do regresso à terra, a cirurgia de ligação óptica.

Nos primeiros seis meses, ela começou a compensar a sua cegueira de uma forma natural, confiando mais nos outros sentidos: Após a cirurgia, apesar de ter se ajustado à vida como uma pessoa cega, as suas próteses visuais foram uma enorme muleta para ela. Ela só se encontrava sem o auxílio tecnológico, quando estava no conforto e na segurança do seu apartamento. As habilidades sensoriais que ela tinha começado a desenvolver, naqueles primeiros seis meses, nunca se tinham desenvolvido totalmente.

Agora, ela não tinha tempo para expandir as suas capacidades naturais e, compensar a sua perda de visão. A sua situação atual era terrível. A sua vida enfrentava um perigo muito real.

Os Cruzados tinham mostrado o total desrespeito pela condição humana. Como se pode verificar, com as monstruosas experiencias com os membros do esquadrão militar capturados. Justine sentia-se mais do que impotente. Muito por culpa da sua condição de invisual, sentia-se um enorme fardo,

tanto para os restantes soldados, como para o seu, Clive.

Apesar disso, ou melhor, graças à presença de Clive, Justine Sentia-se aliviada e muito grata, por tê-lo ao seu lado. Ele pairava sobre ela, de dia e de noite, como se ela fosse uma criança. Desde ajudá-la a deslocar-se para o lavatório, até ajudá-la a comer as refeições que os seus captores traziam, até segurar na mão dela, sempre que se ouvia um som agudo inesperado.

Clive nunca deixou de estar ao seu lado. Justine intuía o que ele devia estar a passar, pela sua própria jornada emocional. Só que estas, as emoções, num cenário de guerrilha Emocional como aquele, em que, de um lado estavam os Militares, do outro, os Refens, só a deixavam com mais vergonha, culpa e desespero.

... E raiva.

Ela tinha sido um oficial da Força Aérea dos Estados Unidos e Capitã condecorada de uma nave espacial da NASA. Tinha viajado até Plutão e esteve na equipa que descobriu evidências de culturas alienígenas na galáxia. E, apesar disso, ali estava ela, escondida numa sala escura, quase incapaz de cuidar de si própria e a temer pela sua vida.

Existiam outros, no grupo, que estavam numa situação muito pior.

Quando ela percebeu que o Soldado Jackson, foi a primeira tentativa dos Cruzados na criação de um piloto kinemético, ficou indignada.

Essa indignação transformou-se logo em horror, quando o jovem começou a sofrer espasmos e a gritar em agonia, à medida que o seu corpo começava a morrer, do envenenamento por radiação.

Durante as três horas seguintes, ele desenvolveu uma erupção cutânea que o tornou primeiro vermelho, depois preto, como Clive lhe tinha descrito num tom de voz muito baixo e sombrio. A pele do soldado borbulhava com melanomas e ele segregava continuamente pus sangrento, por todos os orifícios. No final, ele mal conseguiu reunir forças para gemer, até que, efetivamente, morreu. Justine ainda se conseguia lembrar dos sons miseráveis que o pobre homem fez; que a assombravam.

O Kinemet adormecido, representava um risco extremamente escasso para os seres humanos. A radioatividade mínima que exalava, era consideravelmente menor, do que a obtida num raio-X médico.

O Kinemet reagia de forma diferente às outras formas de radiação. Quando era bombardeado com fotões de hidrogénio, ficava em estado quântico e tornava-se uma fonte de combustível extremamente poderosa.

Justine sabia, após ter lido alguns dos relatórios informativos, que a

Quantum Resources tinha feito experiências com radiação ultravioleta e Kinemet. Quando expostos a esta combinação, os seres humanos tinham apresentado sintomas semelhantes aos de Alex Manez. Algumas cobais humanas, que se tinham candidatado para a experiência, relataram uma sensibilidade maior, aquando da aproximação a um qualquer campo electrónico.

Pareciam sentir uma espécie de percepção mais aguçada, como se estivessem deslocados dos seus corpos físicos. Descreviam um som agudo, que permeava a sua audição. Era como um zumbido nos ouvidos, se o som mudasse a afinação de forma aleatória.

Eles também apresentaram sintomas clássicos de envenenamento por radiação e morreram de um melanoma mutagénico rápido. O mesmo melanoma que o Soldado exibiu.

Os restantes membros do esquadrão militar mantiveram uma vigília silenciosa, enquanto o Soldado Jackson sofria uma morte dolorosa. Ao longo das trinta e seis horas seguintes, foram levados mais dois soldados.

O Soldado Anderson foi o sujeito seguinte. Ele foi levado durante dez horas e, quando o trouxeram de volta, ele parecia fisicamente inalterado, exceto que estava completamente catatónico e tinha que ser forçado a alimentar-se por um dos seus colegas militares. O seu estado de saúde piorou e, embora ele não apresentasse sinais, ou sintomas físicos, já estava morto há uma hora, quando eles se aperceberam.

O Soldado Tiegs tinha desaparecido do quarto, antes de Justine ter acordado, naquela manhã.

O silêncio dos soldados tinha crescido, à medida que aumentava o desespero.

O Tenente Jeffries deu o seu melhor para reforçar a moral deles mas, ninguém se ria quando ele contava anedotas, ninguém respondia quando tentava fazer conversa trivial e não teve participantes, quando tentou iniciar alguns jogos de salão e de palavra. Ao Fim de Algumas horas a tentar motivar as suas tropas (Literalmente), desistiu. Ninguém no grupo tinha vontade de falar ou sequer rir. Estava instalada numa atmosfera de mal-estar.

A injustiça de tudo aquilo, fazia Justine simultaneamente revoltar-se contra as suas circunstâncias e querer enrolar-se numa bola num canto e chorar, até ficar sem lágrimas.

Contudo, Justine não fez nenhum dos dois. Ela estava determinada a colocar uma expressão corajosa, apesar da sua deficiência e tentar pensar

numa forma de sair daquela situação. Um foco de pensamento tinha surgido na sua mente, ao longo dos últimos dias e, se ela se conseguisse concentrar o suficiente, podia ser que chegasse a alguma solução.

O único conforto que Justine encontrava, enquanto as horas de ansiedade passavam, era estar o mais próxima possível de Clive. Os dois ocuparam um lugar um pouco afastados dos outros, para terem alguma, aparente, privacidade. De costas contra a parede, ambos se sentaram com as pernas a tocarem-se. Justine encaixou as suas mãos em Clive e encostou a cabeça no ombro dele.

“Eu sinto muito, em tê-la envolvido nisto tudo.” Disse-lhe ele, calmamente.

“Que disparate!” Ela estalou a língua. “A culpa não foi sua.”

“Talvez, mas sinto-me responsável da mesma forma.” Clive colocou um braço à volta dela e puxou-a, colocando-a em segurança ao seu lado. “Todos nós sentimos, que devia haver alguma coisa, que poderia ter sido feita de maneira diferente. Questionar faz parte do ser humano.”

“Isso é especulação!” Disse Justine.

“Como assim?”

“Eu tenho estado tão assustada ao longo dos últimos dias, que o meu cérebro se sente como se tivesse sido mergulhado em melaço.”

“Para não mencionar a falta de sono adequado.” Disse Clive. “Eu poderia matar por um colchão ou até mesmo por um cobertor. Acho que o osso da minha anca, vai sair pela minha pele.”

Justine acariciou-lhe a mão. “Você não tem a sensação, de que há algo que nos está a escapar, em tudo isto?”

“Tal como o quê?”

Ela pensou por um momento. “Bem, até há uma semana atrás, eu nunca tinha ouvido falar do movimento dos Cruzados. Ninguém foi avisado sobre este movimento, até ao roubo do antigo pergaminho Maia. Desde então, de alguma forma, eles conseguiram infiltrar-se na Terceira Estação do Canadá, sequestrar a *Diana* e conduzir-nos a Vénus. Quero dizer, eles estiveram aqui no observatório, durante algum tempo, a arrumar as coisas. Segundo o relatório que recebi em Houston, as autoridades não achavam realmente que os Cruzados fossem uma ameaça séria.”

“E o que é que você acha, em relação a isso?” Perguntou.

“Antes de mais, se eles não achavam que o Kinemet estava em risco, porquê movê-lo para a Lua? Porque não colocá-lo numa base militar?”

Ela sentiu Clive mudar. Ele disse: “Talvez tivessem pensado que mover o Kinemet, era uma medida preventiva. Remover a tentação e isso tudo. Como você disse, ninguém pensou que os Cruzados se tinham espalhado para fora da América Central.”

“Então, porquê numa nave de carreira comercial? Porque não, num transporte militar?”

“Era esse o primeiro plano.” Disse ele. “No entanto, algumas horas antes da decolagem, o foguetão teve uma falha no computador. Levaria dias a ser reparado.”

“Ainda assim,” disse Justine, limitando o seu tom de voz “há mais alguma coisa a acontecer aqui, do que aquilo que vimos.”

“Como assim?” Perguntou.

“Eu acho que os Cruzados, não são a única ameaça aqui.”

“Uhm...” Começou Clive a interpor.

“A Sério, escute.” Disse ela, levantando um dedo para ilustrar a sua perspetiva. “As Honduras não têm sequer um programa espacial. O espaçoporto mais próximo, fica na Cidade do México. Tem que haver mais alguém por detrás dos Cruzados. Não pode ser só um movimento de preservação histórica da cultura. Alguém lhes forneceu armas e treino. Alguém os colocou na Terceira Estação do Canadá. Alguém organizou as coisas, aqui em Vénus. Isto tudo deve ter levado meses, ou até anos a ser planeado. E...”

Justine ficou em silêncio, quando a peça de informação que faltava lhe chegou. Centenas de pensamentos bombardearam-na e ela esforçou-se por lhes dar sentido. Levantou-se de repente, como se o movimento a ajudasse a limpar a cabeça.

Um momento depois, Clive chegou aos seus pés. “O quê?”

“Eles tiveram que ter acesso a informações privilegiadas e ajuda.” Justine bateu um dedo contra o lábio inferior.

Clive zombou. “Como é que isso seria possível?”

“Alguém tem que estar a usar os Cruzados, como testa de ferro.” Disse Justine. “Eles não deviam ter os recursos ou as informações para conseguir isto.”

Ela tinha falado alto o suficiente, para que o Tenente Jeffries e os outros ouvissem.

O Cabo Marks, sentado do outro lado da sala, perguntou: “Então, quem é que teria os recursos?”

Com um rápido movimento de cabeça, Justine disse: “Nesta altura, poderia ser qualquer uma das principais corporações do país. A EUA, Inc. e a Corporação do Canadá não estavam interessadas em partilhar a tecnologia, para se protegerem contra o futuro. Os recursos mundiais são limitados; uma das corporações dos países, poderia estar suficientemente desesperada para fazer uma jogada. Podiam pensar que conseguiam fazer um trabalho melhor, ou que poderiam ter feito sempre a sua própria investigação e acharem que fizeram uma descoberta que nós ignorámos.”

O Tenente Jeffries disse: “Se esse for o caso, eles têm estado a fazer um jogo muito discreto. Eu não ouvi nada através dos canais militares.”

“Estou sempre ligado à rede.” Acrescentou o Cabo Marks. “Se um país corporativo inteiro, tem estado a fazer esse tipo de movimento, ninguém falou disso.”

“Então, quem?” Perguntou Justine em voz alta. “Eles tinham que ter alguém, que pudesse pilotar a nave de carreira. Alguém que sabia que o Kinemet estaria no voo que, de acordo com Clive, foi uma decisão de última hora.”

Com uma mão a tocar levemente na parede, ela levantou-se e começou a andar. “Talvez se nós voltarmos atrás.” Disse ela. “Eu sei que é um tiro no escuro mas, se pudermos descobrir quem possa ter puxado os cordelinhos, talvez possamos fazer a ligação.”

O Cabo Marks perguntou: “Você acha que poderia ser alguém da Lunar Lines?”

Balançando a cabeça, Justine disse: “Eu descobri sobre a expedição na manhã do voo, pelo Diretor Mathers. Ele está na empresa há quase vinte anos. É um homem de família, um homem decente. Não consigo acreditar que tivesse qualquer papel neste contexto. E você?” Ela perguntou ao soldado. “Quando é que você ficou a saber sobre a missão?”

O Tenente Jeffries disse: “Eu fui chamado para uma reunião, pelo Coronel Gagne, no dia anterior. Ele disse-nos que tinha recebido o pedido de um esquadrão militar, por parte da NASA, naquela manhã. A decisão de mover o Kinemet foi tomada, apenas momentos depois que descobrimos sobre o roubo do pergaminho Maia. A maneira como toda a gente estava confusa, era novidade para os militares. Eu nem sequer sabia, que tinha havido outra nave envolvida.”

“Bem,” disse Justine “nada disso explica grande coisa. É óbvio que está alguém envolvido, mais acima. Alguém com acesso a ambos: aos militares e

à NASA.”

“Eu tenho uma pergunta.” Disse o Cabo Marks. “E realmente espero que isto não seja ultrapassar os limites, senhora.”

“Prossiga Cabo.”

“Porquê você?”

Durante um momento, a pergunta apanhou Justine desprevenida. “O que é que quer dizer com, porquê eu?”

“Bem, perdoe-me por dizer isto, mas o único fator que não faz sentido, é por é que eles a escolheram a si para nos acompanhar. Eu estive em duas missões em parceria com a Lunar Lines, no ano passado. Nunca tivemos um assistente designado para nós, antes. Nós sempre mandámos um Soldado para cima, para ir buscar as refeições. E, sem ofensa senhora, mas porquê o pedido de alguém militar com uma deficiência, para fazer parte de uma operação importante como esta?”

O Tenente Jeffries limpou a garganta. “Já chega, Cabo.”

Justine lutou para controlar a onda de calor que lhe subiu às bochechas. “Espero que você não ache, certamente, que eu tenha algo a ver com isto? Quero que saiba, que eu dediquei a minha vida à NASA. Eu tenho...”

“Não é isso o que estou a dizer.” Disse o Cabo Marks, claramente desconfortável. “Mas se bem se lembra, o Tenente e até mesmo o Coronel Gagne, pareciam desconcertados, por nos ter sido asignada uma assistente. O pedido deve ter vindo da própria NASA.”

Justine soltou uma gargalhada oca. “Não é nada tão nefasto como isso. O Clive é a ligação à NASA. Ele só pensou que era uma oportunidade, para nós para passarmos algum tempo juntos. Certo?” Perguntou ela a Clive, virando a cabeça na direção que pensou que ele estaria.

Mas ele não respondeu à sua pergunta. Justine, incapaz de ver, sentiu uma pontada de pânico aguçada, com a sua falta de resposta.

“Clive?”

“Creio que já chega deste assunto.” Disse ele, finalmente, mas a sua voz veio do outro lado da sala. “Todos Quietos.”

Justine sacudiu a cabeça. “O que é que está a acontecer?” Perguntou ela.

Foi numa voz baixa e estável, que o Tenente Jeffries disse: “Ele tem uma pistola de iões.”

“Uma arma? Clive, o que é que está a acontecer?”

Mas, de seguida, as peças do quebra-cabeças encaixaram-se. A sua mente gritava que ela estava errada, que tinha saltitado para a conclusão errada. Ela

não queria que fosse verdade. Como é que poderia ser?

“Você arranhou isto tudo?” Ela disse, num suspiro. “Não, você não pode fazer parte disto. É um erro. Tem que ser.”

Ela deu um passo na direção da sua voz, mas a mão firme do Tenente Jeffries deteve-a.

“Clive, diga-lhes que estão errados.”

Ela ouviu uma batida vigorosa, de dentro da porta do laboratório. “Você não deveria saber, até que tudo acabasse e nós tivéssemos o poder.” Disse Clive, com voz áspera e irritada.

“O sequestro... as experiências!” Justine não conseguia imaginar nenhuma razão, para Clive estar envolvido numa conspiração tão hedionda. Um homem que ela tinha começado a amar. Ela tinha aberto o seu coração para ele. “Não, não acredito que você participou nisto. É traição. Isto é um assassinato!”

“Era necessário.” Disse ele e Justine ouviu bater na porta novamente, desta vez com mais força. “A NASA está cheia de burocratas e de políticos, que estão mais preocupados com o seu financiamento, do que com o progresso da humanidade.”

O Tenente Jeffries rosnou. “Há quanto tempo, está a trabalhar contra nós?”

“Desde o início.” Disse ele. “Sempre que as notícias anunciam demissões em massa, ou o aumento de impostos, ou a corrupção do governo, torna-se mais fácil ver o que precisa de ser feito. As pessoas estão cansadas de ter as suas vidas geridas por corporações sem rosto, que não se preocupam com elas.”

“Clive!” Justine ainda não conseguia integrar aquilo tudo. “Você mentiu este tempo todo?”

“Sobre nós, não.” Disse ele. “Não é tarde demais, Justine. Você pode vir comigo. Você estava lá, no princípio. O mundo precisa de se unir sob uma única bandeira, um único poder. Você pode fazer parte disso.”

“Você está louco!” Gritou Justine e o Tenente Jeffries não conseguiu segurá-la, quando ela se lançou em direção à voz de Clive.

Ela ouviu então um grito vindo de Clive: “Para trás, todos!” E, de seguida, ouviu-se o zumbido elétrico da pistola de iões.

Alguém gritou ao lado dela, mas ela mal registou aquilo, quando chocou com Clive. Sem pensar no que estava a fazer, ela atacou-o, numa tentativa de lhe tirar a arma da mão. Ele era mais forte do que ela e ele não era cego. Foi muito fácil para ele neutralizá-la, agarrando-lhe os braços e empurrando-a

para o chão.

Um outro corpo pesado caiu em cima dos dois e todos eles ficaram emaranhados, com Justine presa debaixo deles. Ela ouviu alguém grunhir, quando levou um soco.

Com seus pés, ela tentou empurrar-se para sair debaixo deles, enquanto apalpava com a mão para tentar localizar a pistola de iões.

Quando ela sentiu o bico de metal e tentou agarrar o gatilho, a arma foi retirada da sua mão.

Ouviu-se um novo zumbido e, em seguida, os dois lutadores já não estavam em movimento.

Justine ouviu os sons dos outros três soldados a correr, para ajudar o Tenente.

Justine, com a cabeça a zumbir da luta, estendeu a mão e com a voz entrecortada perguntou “O que é que está a acontecer?”

Uma voz, grossa e deliberada, respondeu: “Justine”.

“Clive?” Os seus dedos tocaram o tecido do seu casaco e ela apertou as mãos, em torno dos seus braços.

“Era para sermos eu e você, até ao final. Eu arranjei um lugar para nós, no novo regime. Sinto muito” disse ele, depois soltou uma tosse húmida. E, logo a seguir, não falou mais.

Ela levou as mãos até ao peito e sentiu a propagação quente do sangue a escorrer de uma ferida aberta. Um soluço saiu dela e os seus olhos ardiam com as repentinas lágrimas que lhe caíam pela face.

O Cabo Marks disse. “Alguém me ajuda a levantar o Tenente Jeffries. Ele vai ficar bem. Está apenas desmaiado.”

A sua mente ameaçou fechar-se sobre si própria. Estava a acontecer muita coisa, em muito pouco tempo. Era como se ela pudesse ouvir o som do seu coração partido.

“Clive.” Disse ela ofegante, trazendo à memória o homem que ela achava que ele era e, não o homem que acabou por se tornar.

“Você,” ordenou o Cabo Marks, a um dos soldados “veja se a senhora Turner está bem.”

O soldado, Justine não conseguia dizer quem, puxou-a gentilmente para longe do corpo morto de Clive e levantou-a.

“Já acabou.” Disse ele com uma voz suave, consoladora.

A mágoa, fresca e crua, inchou dentro dela e Justine soltou outro grito e enterrou a cabeça no ombro do soldado desconhecido.

Contudo, antes que alguém tivesse tempo para recuperar o fôlego, uma nova voz penetrou na sala.

“Já chega disto. Baixe a arma Cabo, ou os meus homens vão disparar.”

Justine ouviu o som de botas no chão, quando alguns homens entraram na sala.

“Obrigado. Agora, se vocês tiverem a amabilidade de voltar para a outra parede, podemos resolver isto.”

O recém-chegado tinha um leve sotaque, um pouco familiar. A mente de Justine, atingida por muitas revelações e por uma intensa dor emocional, tudo ao mesmo tempo, estava desorientada e demorou a responder. Ela não se moveu de onde estava.

“O que é que está a acontecer? Quem é você?” Perguntou Justine, cordialmente.

“Major Justine Turner.” Disse o homem. Segundos depois, ela pôde sentir o seu hálito quente, quando ele se aproximou. “Lembra-se de mim?” Perguntou. “Nós nunca nos conhecemos, mas eu tenho certeza que, se pensar bem, irá descobrir quem sou.”

“Klaus Vogels...berg!” Disse, engasgando-se. “Você? Você está por detrás de tudo isto? Porquê?”

“O seu menino de ouro prometeu-me uma coisa e eu pretendo cobrá-la. Agora que já não precisamos de si, para manter o Clive feliz, a seguir você poderá ajudar-nos.”

“O que é que quer dizer com isso?”

Ele disse para o Cruzado: “Traga-a.”

Ela ouviu os soldados americanos a protestarem, mas o som das armas rebeldes apontadas, deteve-os.

Umas mãos ásperas, agarraram nos ombros dela e arrastaram-na para fora da sala.

**Plantação Ruiz:
Copán Departamental, Honduras:
Conglomerado da América Central:**

Michael quase se engasgou com o café. “Humberto?”

George bateu-lhe levemente no braço. “Não fale tão alto.”

Mas foi alto o suficiente, para o enorme Cruzado ouvir. Focando os três convidados, com uma expressão carrancuda, Humberto caminhou rapidamente em direção a eles.

Ele manteve um tom de voz baixo e falou em inglês, mas repleto de aviso. “É importante que continuem a agir como os convidados agradecidos do *Señor Ruiz*. Não façam nada suspeito. Quando for seguro agir, eu digo-lhes. Talvez o seja amanhã; ou talvez não.” Foi a frase mais longa, que ouviram sair da boca de Humberto.

Michael abriu a boca para fazer uma pergunta, mas Humberto silenciou-o, com outro olhar de advertência. E, logo depois, voltou para o seu posto, nas escadas do pátio e estreitou os olhos, para observar diligentemente os campos da plantação.

Limpando a garganta, George levantou a xícara de café. “Acho que vou buscar mais. Mais tarde, talvez possamos dar uma vista de olhos em redor da casa. Acho que vi uma espécie de galeria de arte, na outra extremidade do salão principal.”

Quando conseguiu captar a atenção de Michael, George puxou um lóbulo da orelha e lançou um olhar para o criado que circulava pelo interior da casa. O criado olhou para eles, mas rapidamente desviou o olhar. Michael percebeu a mensagem.

Ele balançou a cabeça, em assentimento e, aproximou a sua chávena de café. George serviu café a ambos. Depois apontou para a chávena de Yaxche.

Com um ligeiro aceno de cabeça, Yaxche levantou-se e pediu licença. “Está quase na hora do meu jogo de damas matinal com Alonzo, o cozinheiro.” Disse ele em espanhol. “Ele só pode jogar uma partida, antes de ter que voltar para a cozinha. Vocês são bem-vindos para virem jogar uma partida depois, se não tiverem nada melhor para fazer.”

Michael respondeu a Yaxche. “Obrigado. Isso soa-me bem. Estou ansioso por isso.”

Com um sorriso agradável e uma marcha despreocupada, o velho afastou-se para ir ao encontro do cozinheiro.

Michael observou-o ir, com os seus pensamentos a correr em todas as direcções, mas disciplinou-se para se manter calmo. Deitou uma porção de natas no café, adicionou uma colher de açúcar e foi sorvendo, lentamente, a sua bebida.

Tentando ser o mais casual possível, ele examinou a área à volta deles. Era composta por: Três patrulhas de dois Cruzados, que passeavam pelos jardins fora da casa. Vários empregados, dentro das enormes janelas, que iam limpando a loiça do pequeno-almoço. Em todas as direcções, onde quer que olhasse, estava sempre alguém que podia ouvir o que dissesse. Muito provavelmente, a sua conversa com Yaxche já tinha sido reportada.

“Precisamos de um lugar para conversar.”

George fez uma careta. “Sim. Todavia isso é mais difícil fazer, do que dizer. Por muito simpático que o nosso anfitrião seja, não me parece que dar algum tipo de privacidade aos reféns, esteja na sua lista de prioridades.”

Michael continuou a olhar à volta, mas não conseguia pensar em nada que pudessem fazer, sem levantar suspeitas. Humberto, ainda que mantivesse a proximidade, parecia incisivamente afastado deles. Obviamente, que ele era uma daquelas pessoas que não diria nada, até que fosse a altura certa para o fazer.

George inclinou-se ligeiramente. “Vamos só esperar pela nossa oportunidade. De qualquer maneira, nós não podemos fazer nada sem mais informação. E, não me parece que o *Señor* Ruiz seja tão hospitaleiro, que me deixe aceder a um computador com ligação à Quantum Resources.” Ele soltou uma gargalhada seca, com aquele pensamento. “Enquanto isso, pode facilitar-nos a vida, fingirmos que estamos de férias.”

Levantando uma sobrancelha, Michael disse: “Férias? Estas são as férias mais estranhas que já tive. Não me parece que as vá recomendar a nenhum dos meus amigos.”

Michael quase que enlouqueceu, com a espera.

Tendo passado a maior parte da sua vida numa posição de autoridade, ele obtinha atualizações constantes e relatórios de progresso daqueles que trabalhavam com ele. Também estava acostumado a que as pessoas respondessem, quando fazia perguntas.

As poucas vezes que Michael tentou extrair informações de Humberto, o máximo que conseguiu do Cruzado, foi uma resposta monossilábica e, um escuro olhar de advertência.

Michael não estava acostumado a subterfúgios. Como um homem simples, passar o tempo, consumia os seus nervos. Teve dificuldades em adormecer, pelo que, na manhã seguinte, demorou a acordar e sentia-se muito atordoado.

Não havia assim tanto que eles pudessem fazer para passar o tempo. Andavam à volta da casa e apreciavam a coleção de arte e os móveis artesanais de Oscar Ruiz. Abrigados do sol quente, eles sentavam-se no pátio e perdiam inúmeros jogos de damas para Yaxche.

Não viram Oscar durante o resto do dia. Quando perguntaram a um criado, este disse que o patrão tinha várias plantações e podia estar em qualquer uma.

Eles estavam sempre sob o olhar vigilante de meia dúzia de Cruzados, que foram colocados no interior e à volta da casa. Embora Humberto fosse um deles, raramente falava com algum dos rebeldes.

O dia levou uma eternidade para passar e, naquela noite, apesar de estar esmagadoramente cansado, Michael levou horas para conseguir dormir.

A sua mente girava em cem direções. Como é que a descoberta da Canção das Estrelas, poderia alterar o Kinemet? Claro, que ele iria garantir que a Quantum Resources estivesse envolvida em todas as etapas do desenvolvimento. Mas, com a economia mundial em recessão e com o interesse público em programas espaciais numa fase má, iriam; tanto a NASA como a AEC, reabrir os seus programas *Quanta*? Será que esta descoberta, poderia ajudar a curar Alex?

“Acorde!” Sussurrou uma voz muito perto do seu ouvido. Inicialmente, Michael agitou a mão para afastar a perturbação, como se fosse um mosquito a zumbir, que tivesse entrado no mosquitoireiro pendurado na sua cama.

Alguém lhe deu um pequeno empurrão no ombro e Michael acordou.

Ainda estava escuro, e apenas a vaga luz externa da lua crescente, iluminava o espaço. Uma forma aproximou-se dele e rapidamente identificou George, como a pessoa que o tinha despertado.

“Hum...O que foi?” Perguntou, ensonado.

“É Humberto. Ele disse que temos que avançar agora.”

Balançando as pernas para o lado da cama, Michael desembaraçou-se do mosquiteiro e vestiu a camisa. “Estou pronto. Vamos.”

Na entrada da casa, estavam Humberto e Yaxche à espera. O velho esfregou um olho e sorriu em saudação.

Humberto falou em inglês e George traduziu para Yaxche.

“Não façam barulho.” Disse o Cruzado. “O *Señor* Ruiz ainda está longe e metade dos guardas estão a dormir, assim como os empregados domésticos. Todo o perímetro da plantação está vedado com uma cerca elétrica. No entanto, planifiquei para que, o meu primo lançasse, ‘acidentalmente’, o jipe contra a vedação.

Alguns guardas foram investigar. Por isso, Vocês vão caminhar por entre as fileiras de plantas de café, até ao outro lado da propriedade. Eu já mostrei o trilho a Yaxche. Deixei um camião de matrícula não registada, escondido fora da estrada, atrás de algumas árvores. O depósito está cheio de combustível, o suficiente para os levar a Santa Rosa de Copán; que fica a pouco mais de cem quilómetros daqui. Deixei lá um mapa.”

“Espere lá.” Disse Michael. “Você não vem connosco?”

“Não. Eles vão encontrar-me lá em baixo no salão principal. Vou estar inconsciente de uma pancada na cabeça, com um vaso pesado e de valor inestimável do *Señor* Ruiz.”

“Como é que isso vai acontecer?” Perguntou George.

“Você terá que o fazer.” Disse Humberto e virou-se para os conduzir em direção às escadas.

Michael agarrou-o pela camisa. “Porque é que nos está a ajudar?”

Contraindo o maxilar, ele respondeu: “Porque, apesar de acreditar na nossa causa, não me parece, que os nossos líderes tenham a mesma fé. Eles só acreditam no dinheiro e no poder. Quando saírem de cena, nós, os verdadeiros Cruzados, iremos defender, novamente, as causas justas e certas.”

George sussurrou. “Venha connosco. Com o seu conhecimento da organização, poderia ajudar diretamente as autoridades.”

Humberto inclinou-se para eles. “Eu não vou trair o movimento; apenas

corrigi-lo. Fazer reféns está errado. Existem muitos de nós a sentir o mesmo e, brevemente, iremos agir.”

Michael disse: “temos um contacto na capital, é John Markham. Ele trabalha na Embaixada do Canadá. Você pode confiar nele. Se lhe der informações, ele pode ajudá-los a derrubar os vossos líderes.”

Humberto fez uma pausa, como se estivesse a considerar. Finalmente concordou e, de seguida, virou-se para Yaxche. Colocando a mão no ombro do velho, disse: “Não fique muito desiludido com o seu neto. O seu coração estava cego, pela memória da perda de um ente querido. Também ele pode ser salvo.”

George estava relutante em bater com o vaso na cabeça de Humberto e, quando ele entregou o artefacto a Yaxche, o velho franziu os ombros e balançou a cabeça.

Suspirando com resignação, Michael agarrou o vaso da mão de George e olhou para Humberto. “Você tem a certeza disto?”

“Sim. Você só tem que bater com força suficiente para partir o vaso e, não a minha cabeça. Quando eu os ouvir chegar, vou fingir estar a recuperar a consciência.”

Ajustando a sua força, Michael quebrou a cerâmica em Humberto, que se preparou para o impacto. Só que ele não bateu com força suficiente e, o vaso permaneceu intacto. Contudo, Humberto deu um passo para a frente e esfregou a parte de trás da sua cabeça, fazendo uma careta. Lançou um olhar perturbado para Michael mas, ao invés de se preparar para um segundo golpe, ele arrancou o vaso das mãos de Michael e atirou-o para o chão de ladrilhos.

Quebrou-se, estrondosamente.

Ainda a tocar o local do impacto, na sua cabeça, Humberto disse: “Pelo menos vou ter aqui um bom galo, para lhes mostrar. Suficientemente bom.” Olhando alternadamente para Michael e George, ele pôs-se de joelhos lentamente. “Eles vão chegar em breve. É melhor irem. Eu já limpei o caminho, de modo que não vão precisar de muita luz. A lua Vai ser suficiente para vos iluminar”

Com um último olhar para os três, Humberto caiu de barriga e deitou-se.

“Boa sorte.” Disse-lhe Michael e, os três homens apressaram-se a sair para os campos de café.

Como se tivesse saído para uma excursão matutina, Yaxche marchava a um ritmo lento, pelas fileiras dos arbustos floridos de café da plantação de Oscar.

Embora Michael quisesse apressar o velho, ele apreciou a cautela do seu guia e, esforçou-se, para seguir com exatidão os passos de Yaxche.

Tinham feito já grande parte do percurso até chegar às árvores, quando ouviram um grito distante, vindo da casa principal.

A primeira reação de Michael foi correr, mas travou a marcha a tempo; ia atropelando Yaxche, que tinha parado completamente.

“O que é que se passa?” Perguntou. “Eles descobriram que fugimos. Vão andar atrás de nós.”

Yaxche virou-se lentamente. Depois de ouvir George a repetir as palavras de Michael, em espanhol, ele respondeu com uma voz muito calma. “Ahyah. Temos que esperar aqui.”

Michael abriu a boca para perguntar o motivo, só que, Yaxche, ergueu o braço e apontou para uma das árvores perto dele. No início, ele não conseguiu ver o que Yaxche estava a apontar, mas depois viu uma rápida silhueta de um pequeno animal a saltar de um galho para outro, mesmo à frente deles.

Como se tivesse sentido que algo estava errado, ele fez uma pausa e examinou a floresta circundante, para detetar sinais de perigo.

“Macaco.” Disse George, num sussurro ofegante. “Se nós o assustarmos, ele vai uivar como um demónio.”

Michael não conseguia descobrir que tipo de macaco era e não se queria aproximar para descobrir. Silenciosamente, ele orou para o pequeno primata se ir embora alegremente.

Acenderam-se mais luzes na casa principal e os gritos tornaram-se mais altos. O macaco endireitou-se para ouvir os sons, alerta para o perigo.

Prendendo a respiração, Michael esperou uma eternidade, antes que o macaco decidisse afastar-se da confusão. Deixando escapar um chiado, ele saltou para os ramos da árvore seguinte e desapareceu.

George, que também estava a suster a respiração, libertou-a com um ligeiro assobio. “Esta foi por pouco.” Disse.

As suas palavras assustaram um segundo macaco, que não tinham visto.

Ele gritou em alarme, sacudindo um galho da árvore e, de seguida, correu atrás do primeiro macaco.

Várias lanternas da casa principal vieram na direção deles e, antes de Michael se poder agachar, um feixe de luz passou por ele. Um dos Cruzados gritou uma ordem em espanhol e o grupo lançou-se em direção a eles.

“Vá!” Soltou Michael. “Corram!”

Yaxche parecia ser um homem no final dos seus setenta anos ou início de oitenta, Michael estava no final dos seus sessenta e George já estava avançado nos seus cinquenta anos. Os homens que os perseguiam eram muito mais jovens e depressa os alcançariam.

Mesmo levando algum avanço, a estrada onde Humberto tinha escondido o camião estava a pelo menos um quilómetro de distância. Quando os três homens avistaram o bosque de árvores, os Cruzados estavam quase a apanhá-los.

A fazer sons dolorosos, enquanto tentava recuperar o fôlego, George olhou rapidamente por cima do ombro, para medir a distância entre eles e os seus perseguidores. Perdeu imediatamente o equilíbrio e caiu no chão, gritando de dor, quando torceu o joelho.

O Cruzado que liderava o grupo gritou: “*¡Alto!*”

Michael estendeu a mão para ajudar o seu amigo a levantar-se. Com falta de ar, George balançou a cabeça. “Estou acabado!”

“Que disparate!” Disse Michael. “Levante-se!”

Com uma careta a mostrar que estava com uma dor alucinante, George tentou colocar-se de pé.

Ouviu-se um estalido alto e George olhou abruptamente para Michael, surpreendido. No início, Michael pensou que ele podia ter partido a perna, mas depois viu uma sombra a espalhar-se na camisa branca de George. Parecia preto, na escuridão da floresta, mas exalava um cheiro metálico de sangue.

“A minha esposa...” Foi só o que George conseguiu dizer, antes de cair novamente no chão da floresta.

“George!” Disse Michael e tentou levantar novamente o seu corpo, em vão.

Uma mão firme agarrou no seu braço. “*¡Vamos!*” Disse Yaxche.

Michael não conseguia pensar. Ele estava paralisado com a cruel e súbita morte de George. Eram amigos há mais de uma década. Desde o tempo em que começaram a trabalhar juntos. Mesmo nos últimos anos, quando Michael se reformou, os dois continuaram a partilhar dias de lazer, na companhia das respectivas famílias.

Não houve nenhuma relutância nem hesitação da parte de George, quando este concordou em juntar-se à expedição de Michael, para as Honduras. George, sempre curioso e sempre útil, estava morto.

Quando os dois foram capturados pelos Cruzados, passaram alguns dias

assustadores, mas no fundo da sua mente, Michael nunca tinha pensado, realmente, que as suas vidas estavam em perigo.

Era culpa de Michael. Ele tinha arrastado George do outro lado do mundo, para ser assassinado numa selva.

Antes que a sua dor o consumisse, Michael ouviu o som do assobio agudo de uma bala, a passar-lhe rente à cabeça e a estilhaçar-se num ramo de árvore.

Yaxche agarrou no braço dele com as duas mãos e sacudiu-o. “*Prisa.*” Disse ele e a paralisia de Michael quebrou-se.

Faltavam apenas algumas dezenas de metros da estrada. Embora ele se odiasse por deixar o corpo de George para trás, Michael sabia que ele e Yaxche provavelmente iriam morrer também, caso se demorassem.

Tentando bloquear os pensamentos acerca do seu amigo, Michael correu pela trilha improvisada atrás de Yaxche. Outro tiro foi disparado e Michael agachou-se. Sentiu um puxão na manga da sua camisa, quando a bala passou de raspão.

Ouviam-se gritos furiosos atrás dele, mas Michael não conseguia compreender nada do que estavam a gritar.

Sacudindo o pânico louco que o tentava prender, Michael subiu o aterro na estrada principal e procurou rapidamente o grupo de árvores que Humberto tinha mencionado.

Ele apontou. “Ali!” Puxando Yaxche para o seu lado, correu pela estrada de terra.

No momento em que chegaram ao trecho das árvores, os Cruzados tinham alcançado a estrada. Ouviram-se mais alguns gritos quando os homens os avistaram.

Um dos homens que os perseguia, pôs-se de joelhos e levantou a sua caçadeira para fazer pontaria. Michael empurrou Yaxche para fora do caminho, quando o homem disparou.

Soltando uma maldição em espanhol, que Michael não conseguiu perceber, o Cruzado começou a atirar descontroladamente em sua direção.

Por um breve momento, quando Michael e Yaxche chegaram ao outro lado do bosque de árvores, ele pensou que testavam no local errado, que Humberto os tinha enganado, ou que alguém tinha roubado o caminhão antes de lá chegarem.

Michael soltou um palavrão e levantou as mãos para cima, em frustração. Mas então Yaxche bateu-lhe no braço e apontou. Na sombra de uma árvore jicaro, debaixo dos ramos frondosos, estava um caminhão a gasolina semelhante

ao que ele e George tinham alugado, embora este fosse azul claro e tivesse uma capota sobre a carroçaria.

Ambos correram para o veículo e entraram nele. As chaves estavam na ignição e, quando Michael acionou o combustível e rodou a chave, o motor disparou imediatamente.

Com o pé a fundo no acelerador, Michael conduziu o caminhão o mais rapidamente que pôde pelos campos, na direção oposta aos Cruzados.

No pára-brisas traseiro, ouviu-se o estilhaço de um tiro mas, quando Michael entrou com o caminhão na estrada principal, os Cruzados já tinham ficado demasiado para atrás, para que tivessem qualquer esperança de atingir a sua caça com outra bala.

Michael bateu com a palma da mão no volante, com raiva.

Yaxche falou num tom de voz seguro. *“Tu amigo vela por nosotros desde el cielo.”*

“Agora o seu amigo cuida de nós, do céu.” Descobriu Michael depois de um momento.

Cerrando os dentes, Michael fixou os olhos na estrada à sua frente e, concentrou-se em encontrar o caminho para Santa Rosa de Copán.

**Observatório Lucis:
Orbita de Vénus:**

Terry viu-se como um rapazinho, no auge da civilização Maia. Vestido com um traje tradicional, ele estava de pé sobre uma plataforma elevada, com mais quatro rapazes da sua idade.

No recinto, reunia-se uma multidão de Maias, enquanto o conselheiro astrológico do rei falava sobre a vinda do quarto mundo e que esta seria representada por um grande presságio; o céu iria incendiar-se e os céus iriam incinerar-se. Um relâmpago iria atingir a terra e destruir os seus templos e, os próprios deuses, cairiam do céu e colidiriam com o mundo. No rescaldo, chegariam conquistadores de uma costa distante e reconstruiriam o mundo, de acordo com a sua própria visão.

Para se salvarem da ira de Hunab’Ku e, sobreviverem no quarto mundo, eles deveriam construir um monumento em sua honra; uma escada para o céu, onde poderiam subsistir aos próximos desastres e sair do caos.

O rei, os seus sacerdotes e os astrónomos da sua confiança, tinham escolhido aquele local, onde estavam Terry e os outros quatro rapazes, para iniciar a construção.

Para celebrar o empreendimento, eles tinham escolhido os cinco meninos, como um sacrifício especial para cair nas boas graças de Hunab’Ku.

Dois homens grandes agarraram Terry pelos braços e inclinaram-no para trás, num altar sacrificial.

O sacerdote aproximou-se dele com uma faca longa.

∞

Terry levantou-se subitamente, na cama, a arfar de pânico. Os seus olhos percorreram a escuridão do pequeno quarto, onde ele estava a dormir e, uma

mão pressionou o peito, onde o seu coração batia como um martelo. A sua respiração voltou ao normal, lentamente, quando ele percebeu que estava a ter um pesadelo.

Balançando as pernas para o lado da cama, ele encontrou os sapatos e colocou os seus pés neles. Fechou os olhos, segurou a cabeça entre as mãos e, pensou sobre o que tinha acabado de sonhar.

O avô de Terry sempre enfatizou a importância dos sonhos e a necessidade de se lembrar dos pesadelos. Os Maias antigos acreditavam que os sonhos eram uma forma de comunicar com os deuses e com outras pessoas, tanto vivas como mortas, revelando conhecimento que não podia ser partilhado durante as horas de vigília.

Considerando sempre aquilo como um misticismo, Terry nunca tinha prestado muita atenção às interpretações do seu avô. Agora, porém, com a percepção de que havia mais fundamento nas lendas que o seu avô contava, Terry tinha-se tornado crente.

Acalmando-se, ao sentar-se ereto e regulando a respiração, ele tentou lembrar-se do pesadelo, antes que os fios da sua memória se evaporassem como fumo no vento.

Ele não tinha ideia do que significava, ou porque é que tinha sonhado aquilo. Embora ele, nos últimos tempos, tivesse tido sonhos dos antigos Maias, com muito mais frequência. No entanto e, desde que Itzel morreu, nenhum dos sonhos tinha sido sobre sacrifício humano ou sobre presságios da reconstrução do mundo, nem nenhum deles se assemelhava tanto a uma *visão*.

Antes que ele pudesse descobrir as razões do seu pesadelo e, se era um dos sonhos especiais que o seu avô falava, o comunicador da sua mesa-de-cabeceira tocou e uma voz familiar saiu dele.

Jose disse: “Terry, nós vamos para o laboratório para iniciar as experiências com o próximo sujeito. Klaus quer-o lá, para o caso de precisar de alguma coisa durante a experiência.”

Como um café ou uma sanduíche, pensou Terry para consigo mesmo. Em voz alta, disse: “Está bem. Estarei lá, dentro de alguns minutos.” E depois clicou no comunicador para o desligar.

Esfregou a cabeça, como se aquilo limpasse os seus pensamentos do pesadelo. Caminhando lentamente até o banheiro, lavou o rosto com água fria para se acordar. Por fim saiu, para desempenhar o seu papel; servo de um louco.

Terry chegou ao laboratório, momentos antes de Klaus e Jose. Ambos os homens mantinham uma expressão determinada. Atrás deles, vários Cruzados grandes escoltavam a quarta sujeita, para os ensaios de radiação do Kinemet.

Era a mulher. A Major Turner.

Terry tinha-se esquecido completamente dela. Ele tinha estado preocupado em recitar a Canção das Estrelas e, em realizar as tarefas domésticas para Klaus. Nunca tinha ido ver como ela ou os outros prisioneiros estavam. Mas, mesmo que tivesse querido vê-los, não o poderia fazer. A secção do observatório onde mantinham os prisioneiros, estava sob estrita vigilância, não sendo permitida a entrada a ninguém, sem ordens expressas de Klaus, Jose, ou do Capitão Gruber.

Enquanto a mulher era arrastada à sua frente, ele olhou bem para ela, pela primeira vez. Os seus olhos não se focavam e ele lembrou-se que ela era cega.

Tinha o cabelo comprido desgrenhado e as suas bochechas estavam manchadas de lágrimas. A Maior Turner tinha o aspeto de quem tinha passado por dias muito duros, mas ela manteve a cabeça erguida e o queixo levantado, desafiadoramente, quando os seus acompanhantes a guiaram e passaram por Terry, em direção ao laboratório.

“Jose.” Disse Terry, encontrando a sua voz. “Ela é uma mulher e é deficiente. Nós não podemos fazer isto.”

Jose olhou para Terry, mas foi Klaus que levantou bruscamente a mão num gesto cortante, para o afastar. “Pelo contrário, rapazinho, nós podemos e iremos. E, Se isso o faz sentir-se melhor, tenho, somente, apenas mais uma variável para testar. Ela tem cinquenta por cento de hipóteses, de se tornar o primeiro humano kinemético totalmente transformado.

É claro,” acrescentou com um sorriso irónico “que ela ainda pode morrer de envenenamento, por radiação. Estamos realmente apenas a dar um tiro no escuro e a esperar o melhor disto.”

Era demasiado para Terry. Ele sabia, que não havia nada que pudesse fazer contra seis homens, que eram muito maiores e mais propensos à violência do que ele. Ele podia sentir-se a tremer de frustração e de raiva.

Apesar de ter realizado o treino de combate, este tinha sido mensal, no campo que os Cruzados tinham para esse Efeito. Na realidade, Terry nunca tinha realmente levado aquilo tão a sério como os outros e, nunca se

comprometeu com a instrução. Ele acreditou, desde o início, que o papel que lhe era destinado no movimento, era mais direcionado para o papel de liderança, do que para a luta. Mas ele não era sequer uma figura de destaque, na revolução dos Cruzados. Quando abriu o acesso para a Canção das Estrelas, eles tinham-no relegado para ser, nada mais do que, um mero servo de Klaus.

Tudo o que ele podia fazer, era assistir, enquanto os Cruzados conduziam, brutalmente, a mulher para o laboratório.

No interior, um dos homens estendeu a mão para desabotoar o colarinho da camisa da Major Turner. Ela insultou-o e Terry não conseguiu perceber, exatamente, quais as suas palavras. Contudo, o seu significado era muito claro. Ela reforçou as suas palavras, com uma bofetada no rosto do Cruzado.

O homem fustigou-a imediatamente no rosto, com as costas da mão, fazendo-a cair na cama das experiências.

Terry deu instintivamente um passo à frente para a ajudar, mas uma mão forte agarrou o seu ombro. Os dedos de Klaus cravaram-se na sua pele.

Com um movimento, Terry afastou-lhe a mão com toda a força que conseguiu reunir e olhou para Klaus, que estava a sorrir-lhe.

Terry apontou para a outra sala. “Isto é mesmo necessário?”

“Não podemos arriscar a possibilidade de contaminação pela sua roupa.” Respondeu Klaus, confundindo o motivo do protesto de Terry. Ele avaliava Terry com um olhar crítico e, quando falou novamente, a sua voz carregava uma forte corrente de desdém.

“Você não está realmente talhado para isto, não é? Você é um sonhador e os sonhadores nunca sobrevivem, no mundo real.”

Ouviu-se um grito do laboratório e Terry virou-se e, viu os quatro Cruzados a retirar, à força, as roupas da Major Turner. Nua, ela lutava selvaticamente, mas outra bofetada desorientou-a, o tempo suficiente para que eles a arrastarem e, a colocarem em cima da marquesa, amarrando-a. Um deles inseriu-lhe uma agulha, com um líquido intravenoso, no braço. Quando Justine tentou puxar o braço, o homem deu-lhe um soco na face.

Cego pela indignação, Terry empurrou Klaus, para o tirar do seu caminho e correu até à porta do laboratório.

Um dos Cruzados, um homem grande chamado Esteban, viu o movimento e correu para lhe bloquear a entrada. Ele era demasiado grande, para Terry o poder enfrentar e, enquanto Terry pensava numa forma de passar através do homem grande, Jose e Klaus agarraram-no.

Klaus cuspiu as suas palavras. “Pensei que tinha dito que o conseguia controlar, Jose.”

Ao invés de responder a Klaus, Jose gritou uma ordem para o seu homem. “Esteban, leve-o para os aposentos dele e tranque a porta.”

Ele disse a Terry: “Estou muito dececionado consigo, *niño*.”

Ao ser arrastado para fora do laboratório, Terry olhou para atrás e viu que a Major Turner já estava inconsciente e que Klaus tinha regressado ao seu lugar, em frente ao computador, para começar a experiência de transformação kinemética.

Mais uma vez, os esforços de Terry tinham falhado completamente e, o custo. seria mais uma vida.

∞

Terry tinha apenas três metros de piso para poder andar e andou de um lado para o outro, pelo menos uma centena de vezes. Sempre repleto de cólera, em relação a Klaus e a Jose, amaldiçoando-se pelo seu papel em todo o sucedido.

Quando a história escrevesse acerca de si, não seria aclamado como um herói, um visionário, ou um salvador da cultura Maia. Não, ele iria ser registado nos livros, como um traidor à humanidade. Um ladrão, um sequestrador e cúmplice de assassinato.

Tinha que haver uma forma de se redimir.

Mas o que é que ele poderia fazer? Era apenas um homem pequeno, contra dezenas de Cruzados.

Até agora, a Major Turner estaria bem, na experiência. Ela não seria mais do que uma série de fotões, a rodopiar à volta da sala. Em menos de três horas, o pedaço de Kinemet que Klaus tinha utilizado para o arranque da reação, iria extinguir-se, e então ela teria quer estar transformada num piloto quântico, ou iria perecer de uma morte horrível e dolorosa, como os sujeitos anteriores.

Terry tinha que fazer alguma coisa.

Enquanto andava, a semente de uma ideia formou-se na sua cabeça. Talvez ele conseguisse colocar Jose e Klaus, um contra o outro?

Prendeu a respiração, como se o plano pudesse escapar-se na sua próxima expiração.

Conseguiria ele fazê-lo? Seria ele capaz de seguir adiante? Ou seria a sua mente a levá-lo, a mais um ato insensato?

Forçando-se a acalmar, ele fechou os olhos e tentou equilibrar a sua respiração. Quando o seu coração voltou a um ritmo normal, ele abriu os olhos devagar novamente e, logo depois, começou a elaborar um plano de ação.

Ele dirigiu-se à porta e verificou o postigo, mais uma vez, mas não viu ninguém no seu alcance de visão limitado.

As portas dos quartos residenciais, só tinham fechaduras no interior. Cuidadosamente, Terry pressionou o manípulo até abrir, empurrou gentilmente a porta, que fez um estalido, e depois espreitou.

Esteban estava a meia dúzia de metros, no corredor, sentado numa cadeira e inclinado para trás.

Mantendo a porta tão perto da ombreira, quanto possível, mas conservando uma fenda suficiente para ver, Terry observou-o. O homem devia estar aborrecidíssimo, com a tarefa banal de estar de vigia. Já cochilava como se estivesse prestes a adormecer. Terry tinha que ser paciente. Com movimentos lentos, Terry tirou as botas e, de seguida, aproximou-se novamente da porta, desta vez calçado só com as meias.

Como uma onça a espreitar a sua presa, antes de uma emboscada, Terry olhou pela fresta, observou e esperou. Manteve-se parado, com os olhos fixos em Esteban.

Quinze minutos depois da cabeça do homem grande cair, Terry ainda não se mexia.

Mesmo quando ouviu o primeiro som leve, do rressonar do Cruzado, Terry ficou imóvel.

Ele esperou mais cinco minutos, depois que pensou que Esteban estava a dormir e, de seguida, abriu delicadamente a porta, o suficiente para poder deslizar para o corredor.

A planta da área residencial do observatório, possibilitava a Terry dois caminhos. O primeiro ia dar ao refeitório e à sala comum mas, seguramente, estariam alguns homens de Jose deambulando por lá. O único caminho alternativo ia em direção aos laboratórios. Que era onde Terry queria ir, de qualquer maneira. Mas, para o fazer, ele teria que passar por Esteban, sem o acordar.

Ele levantou um pé e colocou-o suavemente para baixo na frente do outro, enquanto passava pelo seu vigilante.

Ele estava mesmo em frente a Esteban, quando um som estridente ecoou da extremidade oposta do corredor, na direção da cozinha. Terry ouviu

alguém praguejar levemente, como se tivesse deixado cair uma panela e, bloqueou, olhando fixamente para Esteban.

Por um momento breve, pensou que o guarda tinha acordado com o som e estava a olhar para ele. Mas era um truque da sombra e da luz do corredor: Esteban continuava a ressonar.

Terry retomou seu ritmo deliberado, até virar numa esquina, duas secções abaixo e depois acelerou os passos.

Na área do laboratório, ele virou-se na direção de umas escadas e desceu por elas, até ao nível mais baixo.

Ele ia precisar de ajuda, para que o seu plano tivesse alguma hipótese de ser bem-sucedido. Só que, havia uma nítida carência de rostos amigáveis no observatório.

∞

O corredor para o laboratório vazio, onde eles prendiam os soldados americanos, era subterrâneo. A fechadura da porta principal para a sala, tinha sido reconfigurada para fechar a partir do exterior e não havia forma dos prisioneiros poderem passar pelas fechaduras eletromagnéticas. Ninguém esperava que algum dos Cruzados, ou algum dos homens de Klaus, abrisse a porta e deixasse sair os soldados.

As fechaduras foram fechadas com um *scanner* infravermelho. Inicialmente, quando Terry chegou a bordo do Observatório Lucis, o Capitão Gruber tinha pulverizado as costas do seu pulso com um laser. Isso não deixou nenhuma marca visível, mas o velho contrabandista, assegurou-lhe, que era uma espécie de tatuagem sub-dérmica, que iria durar pelo menos algumas semanas. Iria dar-lhe acesso a todos os laboratórios e salas comuns, com um simples aceno de mão.

Terry teve um momento de dúvida, quando chegou à porta. Se Klaus tivesse atualizado a base de dados da segurança e removido as permissões de Terry, esta viagem e o seu plano seriam encurtados. Mas a porta abriu-se, para dar acesso a uma sala escura. Sentia-se o cheiro de seres humanos, que não se lavavam há algum tempo e ele teve que fazer um esforço para não vomitar.

Ele tinha uma certa expectativa de que, quando abrisse a porta, os americanos se apressassem a derrubá-lo, antes que pudesse falar com eles, mas quando acendeu as luzes do teto, viu que os soldados pareciam fracos e derrotados.

Um deles olhou para cima, quando Terry entrou na sala e disse em inglês: “Quem é você?”

Os outros olharam para Terry. Os seus olhos estreitaram-se e os seus maxilares cerraram-se.

Terry tinha passado a maior parte do ano passado, a aprender a língua deles e, embora ainda tivesse problemas com algumas coisas, especialmente com as gírias, sentiu-se suficientemente confiante para lhes transmitir a sua ideia.

“O meu nome é Terry Hernandez. O meu avô é o guardião da Canção das Estrelas, do pergaminho Maia. Estou tão prisioneiro aqui, como vocês. Os nossos captores estão a fazer experiências com a vossa *companheira*, Major Turner e, se vocês não me ajudarem, com toda a certeza eles irão matá-la.”

∞

Klaus estava debruçado sobre um monitor de computador, batendo com um dedo longo contra os lábios, enquanto examinava o diagnóstico.

Alguns metros ao lado, Jose estava a olhar para a janela iluminada entre o laboratório e a oficina, como se estivesse hipnotizado pela exposição. Até parecia, pela postura, um Bailarino de Ballet. É que, tinha as mãos cruzadas uma na outra, atrás das costas e, em certos momentos, fazia um movimento de balanço, erguendo-se sobre as pontas dos pés, voltando a baixar-se de seguida.

Sentado num banquinho alto, numa mesa do laboratório, o Capitão Gruber segurava metade de um baralho de cartas numa mão. As restantes cartas estavam dispostas sobre a superfície da mesa, num jogo de paciência. Na sua anca, tinha uma pistola de iões no coldre.

Do outro lado da sala, estavam dois dos Cruzados de Jose, com uma expressão entediada. Um deles, encostou-se a um armário para servidores de computador e apoiava o cotovelo em cima dele. O outro estava a roer as unhas. Ambos tinham caçadeiras de feixes de iões, mas elas estavam dispostas ao alto, no canto, a poucos passos de distância.

“Quanto tempo mais, é que acha que isto vai levar?” Perguntou Jose. A sua voz soou casual, mas continha uma nota de antecipação.

Klaus levantou a cabeça do monitor. “A qualquer momento, eu...”

De seguida, ele pestanejou, percebendo que Terry tinha entrado no laboratório sem ninguém notar.

Momentos depois todos viraram a cabeça, sentindo algo de errado na voz

de Klaus.

Terry quis que a sua respiração permanecesse estável e o seu coração batesse normalmente e não saltasse fora do peito, quando olharam para ele, primeiro com surpresa, de seguida, com alarme.

Os dois Cruzados tropeçaram um no outro, quando se deslocaram para as suas caçadeiras de feixes de iões, mas o Capitão Gruber já tinha a sua pistola de iões fora do coldre, apontada para Terry.

“O que diabos está a fazer aqui?” Exigiu Jose. “Onde está Esteban? Aquele idiota!”

Terry manteve os olhos fixos em Jose. Não queria apressar nada, naquele momento. A menos que ele mantivesse o seu tom de voz, o líder dos Cruzados não o iria levar a sério.

“Eu tenho uma coisa para lhe dizer, Jose” Disse Terry, depois que teve a certeza que tinha a atenção de todos. Ele ficou impressionado, com a forma calma como souu.

“Oh?” Jose pestanejou e lançou um olhar rápido aos seus dois homens, certificando-se de que tinham encontrado as suas caçadeiras de feixes de iões e estavam prontos para lidar com qualquer tipo de problema.

“A sua vida está em perigo.” Terry não fez nenhum gesto ameaçador, mas pôde imediatamente ver o medo e a incerteza nos olhos de Jose, quando este o olhou de cima abaixo, para ver se Terry tinha uma arma.

“A sério?” O sarcasmo na sua voz, estava repleto de dúvida. “Eu entendo que esteja chateado,” disse Jose, a tentar ganhar tempo “mas tenho a certeza, de que podemos conversar.”

Com um leve aceno de cabeça, Terry disse: “O perigo não vem de mim.”

Jose estreitou os olhos.

“Esta manhã quando eu estava na casa de banho, ouvi Klaus e o seu tio dizerem que iam matar-nos aos dois e mandar nos seus homens, quando a experiência fosse bem-sucedida.”

Chicoteando a cabeça, primeiro para a esquerda para os seus homens, que pareciam tão confusos quanto ele e, de seguida, para a direita para Klaus, Jose disse: “Isso é algum tipo de piada?”

Mas ficou em silêncio, quando o Capitão Gruber balançou a pistola de iões, afastando-a de Terry e a apontou para ele.

Klaus, que estava a observar a troca com um meio sorriso, disse: “Não é brincadeira, Jose. O homem pequeno tem razão. Veja, eu pensei melhor e, apesar de toda a galáxia ser muito grande, eu decidi que realmente não

preciso de um co-comandante. Mas eu gostaria de lhe agradecer, pela sua contribuição para a causa, isto é, para a minha causa.”

Jose, de olhos arregalados, lançou um olhar aos dois Cruzados. “Não fiquem aí parados! Matem-no.”

Os homens levantaram as suas caçadeiras de feixes de iões, mas não as apontaram para Klaus ou para o Capitão de Gruber.

“Ah,” disse Klaus num tom presunçoso “e também gostaria de lhe agradecer pelos seus homens. Como vê, a maioria deles realmente não estava interessada na sua cruzada pateta, ou em seguir a sua liderança incompetente.”

Jose abriu e fechou a boca, em choque.

Ninguém prestou atenção a Terry durante aquele período e ele afastou-se lentamente do conflito, caminhando em direção à porta do laboratório. Ele abriu-a com um golpe de pulso e, um momento antes de a escancarar, gritou:

“Jose! Corra pela sua vida!”

Vendo a porta aberta, Jose deu um passo para se colocar em segurança.

O Capitão Gruber disparou o primeiro tiro, o que atraiu a atenção de todos, novamente, para o centro da sala.

O feixe de iões atingiram Jose no braço e ele virou-se, mas não caiu. A gritar de dor, ele escondeu-se atrás de uma mesa.

Só então, os cinco soldados americanos irromperam na sala e lançaram-se sobre Gruber e os dois Cruzados, que dispararam cegamente para eles, sem atingir ninguém. Trent Gruber, no entanto, não entrou em pânico sob fogo e atirou um feixe de iões, diretamente para a cabeça do primeiro homem que se aproximou.

Na confusão, Terry perdeu o rasto de Klaus, que devia ter-se escondido. Ele rapidamente se afastou, em busca do homem e viu dois conjuntos de pernas a chutar loucamente, por detrás de uma mesa de metal.

Precipitando-se para lá, Terry viu Jose com o braço a sangrar, sentado em cima de Klaus, com as mãos à volta da garganta do outro homem, tentando sufocá-lo.

Um feixe de iões de uma das espingardas, atingiu o teto de azulejos e uma pequena parte soltou-se e caiu sobre Terry. Ele levantou a mão para proteger a cabeça e viu dois americanos a enfrentarem os dois Cruzados, do outro lado da sala. Desnutridos e fracos, eles mal conseguiam tirar as caçadeiras de feixes de iões das mãos dos seus adversários. No combate de corpo-a-corpo, os Cruzados estavam a levar-lhes a melhor.

O Capitão Gruber não foi capaz de disparar outro tiro, antes que os outros dois americanos, o Tenente Jeffries e o Cabo Marks, colidissem com ele. Eles lutaram pelo controlo da arma.

À frente de Terry, Klaus e Jose rolavam pelo chão, a tentarem matar-se um ao outro. Terry deixou-os a lutar uns com os outros, mas sabia que não podia haver hipótese de deixar nenhum deles fugir.

Ele atirou-se aos dois homens, que tinham sido os engenheiros da sua decadência moral. A súbita raiva que tinha por eles surpreendeu-o e viu-se a esmurrá-los indiscriminadamente.

Eles tinham-lhe mentido, enganado, levaram-no a trair a si mesmo e às pessoas que ele amava e depois planearam matá-lo. A injustiça de tudo aquilo encheu-o com tal raiva, que nem percebeu que um deles o tinha esfaqueado no estômago, com uma chave de fendas. Só quando Klaus, com um insulto em alemão, o chutou para o tirar de cima de si, é que Terry sentiu a dor aguda no abdómen.

Ele não conseguia respirar e precisou de todo o seu esforço, para se levantar.

Klaus estava a sangrar pelo nariz e tinha alguns cortes no rosto. Ele cuspiu sangue, enquanto usava a mesa de metal para se arrastar.

Jose permanecia no chão, ainda de olhos vidrados.

Com a visão em túnel, Terry viu que os americanos tinham conseguido subjugar os dois Cruzados e estavam a mantê-los presos contra o chão.

Do outro lado da sala, o Tenente Jeffries estava de joelhos, segurando a sua mão sobre o rosto. O Cabo Marks e o Capitão Gruber tinham ambos as duas mãos na arma do Capitão.

Com um chuto feroz, o Capitão Gruber pontapeou o Cabo Marks e o norte-americano soltou a arma de iões. O Capitão Gruber atirou-lhe no peito, à queima-roupa.

Ao ver aquilo, Klaus correu para ajudar o seu tio.

Como um predador, Terry deixou escapar um grito de guerra e caiu em cima de Klaus. Ele tinha de evitar que os dois se escapassem. Se eles saíssem da sala e fizessem soar o alarme, o resto do Cruzados dominariam facilmente Terry e os sobreviventes americanos.

O Capitão Gruber virou-se, ao ouvir o grito de Terry e disparou-lhe um feixe de iões, sem hesitação.

As duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Primeiro, Terry sentiu como se tivesse sido esmagado no peito, por uma

marreta. O seu impulso para a frente impediu-o de cair novamente no chão, mas ele não conseguia respirar, não obstante do quão tentasse forçar os seus pulmões a inalar.

Em segundo lugar, numa fração de segundo depois, uma explosão ensurdecadora soou atrás dele e toda a sala se encheu de luz, quando um fluxo de iões o atravessou facilmente e atingiu a janela do laboratório.

Com a explosão da janela, as partículas de luz em que a Major Turner se tinha tornado, estavam agora livres de qualquer barreira e a derramar-se para fora do laboratório.

Por cima do zumbido nos ouvidos, Terry ouviu Klaus gritar: “Não!” Enquanto os fotões se moviam e se escapavam para o corredor.

Terry viu o Tenente Jeffries aparecer, a sangrar do rosto, em colisão com o Capitão Gruber e sentiu a corrida outros soldados, para o ajudarem a derrubar Klaus e o seu tio.

Mas o último pensamento que passou pela cabeça de Terry, não foi que ele tinha conseguido derrotar Jose e Klaus, mas que finalmente, tinha descoberto o significado do seu sonho.

Os deuses antigos tinham falado com ele. Para salvar o seu povo, Terry teve de ser sacrificado.

Enquanto ele caía de joelhos e a escuridão final envolvia a sua consciência, Terry decidiu que estava bem com isso.

O seu avô ficaria orgulhoso.

Transcrição Não-oficial:
2ª Parte da Entrevista a Alex Manez:
Datado de Agosto de 2103:

Frank: “Bom dia, Alex. O meu nome é Frank Galloway; eu sou o conselheiro sénior do Conselho da Comissão de Supervisão, da Administração da Quantum Resources da EUA, Inc.. Eu vou continuar o interrogatório do meu assistente.”

Alex: “Onde é que está Edgar?”

Frank: “Não se preocupe com ele. Ele foi transferido.”

Alex: “Não estou preocupado. Mas ainda assim, quero saber, porque é que ele não está aqui.”

Frank: “Se quer mesmo saber, esta conversa está fora do âmbito do acesso dele a informação confidencial.”

Alex: “E você tem esse acesso?”

Frank: “Para ser honesto, não me parece que alguém tenha esse acesso. Mas, pelo menos eu vou ser capaz de determinar, se a informação que você nos dá pode ser divulgada e, em caso afirmativo, através de que canais.”

Alex: “Mas os cientistas precisam de saber aquilo que eu sei, ou nunca seremos capazes de utilizar o Kinemet para aquilo que foi concebido.”

Frank: “Eu falei com os chefes do departamento, na Quantum Resources. Todos eles me garantiram, que podem transformar o Kinemet num combustível viável para as viagens espaciais.”

Alex: “Talvez, mas a forma que eles estão a usar, é perigosa e muito ineficiente.”

Frank: “E como é que ele deve ser utilizado?”

Alex: “Eu não sei, exatamente. Mas você tem que os impedir de repetir as experiencias da missão *Quanta*. As pessoas vão morrer. Eles têm que

começar do zero.”

Frank: “Alex, você parece-me um jovem muito inteligente, mas este é o mundo real. Existem outros fatores, que se devem ter em consideração.”

Alex: “Tais como?”

Frank: “... Está bem... Para começar, o programa espacial é extremamente impopular, no momento: estamos a gastar biliões todos os anos e, até agora, não fomos capazes de ter um retorno dessas despesas. Alex, estávamos à espera de um resultado diferente da sua missão; algo que pudéssemos usar na nossa campanha de relações públicas, para obtermos mais apoio, algo que poderia estimular a imaginação da população. Raios, teríamos ficado satisfeitos com um pequeno homem verde num disco voador.”

“Aos olhos dos órgãos de comunicação social e do público, a missão *Quanta* foi um fracasso. A nave foi destruída, não houve nenhum contacto com uma raça alienígena e a viabilidade do Kinemet como combustível, ainda levará anos, senão décadas, para refinamento. Precisamos de um sucesso e depressa. O Conselho de Administração da EUA, Inc., geralmente, não tem inclinação científica, eles são motivados por opiniões e pesquisas e, se promulgarem políticas e gastos, que vão contra a maioria dos acionistas, podem perder os seus lugares na administração.”

Alex: “Política, é o que quer dizer.”

Frank: “Sim. Exatamente. E assim, você também tem que entender que qualquer informação que revelar hoje, que vá contra as missões *Quanta*, nunca poderá sair desta sala.”

Alex: “Então, você vai deixar a Quantum Resources continuar por um caminho fadado ao fracasso, ao invés de o corrigir? Tudo por causa da política?”

Frank: “Receio que isso não me cabe a mim, a decisão final virá dos escritórios do Presidente.”

Alex: “Isso vai custar vidas.”

Frank: “É por isso que eu estou aqui. Quero saber tudo o que sabe, para que possamos prevenir futuros acidentes.”

Alex: “Nada do que eu lhe disser, neste momento, o irá ajudar.”

Frank: “Então, Alex, por favor, seja razoável.”

Alex: “... Você acredita que eu fui capaz de me colocar em estado quântico, quando estive no Sistema de Centauri?”

Frank: “O consenso dos chefes de departamento indica, que o que você acha que aconteceu, pode ter sido o resultado de desorientação ou de fadiga.”

Alex: “Mas o que é que você acha?”

Frank: “Não tenho a certeza de que haja uma maneira de confirmar a sua história. Quero dizer, seria um grande avanço se você pudesse colocar-se novamente em estado quântico e, permitir que nossos cientistas observem os efeitos.”

Alex: “Eu usei toda a radiação cinemática que tinha no meu sistema, quanto estava em Centauri. E também não é algo que eu possa fazer aqui na Terra, há muito geomagnetismo num corpo planetário. Se eu fosse recarregado e estivesse no espaço, acho que seria capaz de o fazer novamente.”

Frank: “Isso pode ser um pedido difícil de realizar, Alex. Há muitas pessoas em posições determinantes, que advertiram contra a sua ida na primeira missão. Eles estão a utilizar o fracasso, como alavanca para transmitir os seus próprios interesses e, garantir a sua remoção do programa.”

Alex: “O que me está a dizer, é que já estão todos convencidos.”

Frank: “Nem todos. Mas são em número suficiente, para tornar o seu pedido difícil de realizar.”

Alex: “E o que é que isso significa para mim?”

Frank: “Sinto muito, Alex. Fui instruído para lhe dizer que, se você cooperar e reconfirmar o seu acordo de não-divulgação, poderemos oferecer-lhe um generoso bônus de compensação. Você nunca terá que se preocupar com dinheiro, para o resto da sua vida.”

Alex: “E se eu recusar?”

Frank: “Bem, tanto quanto o mundo sabe, Alex Manez é um piloto experiente da Força Espacial Canadense emprestado à NASA e tem uma idade consideravelmente mais avançada. Até temos uma imagem digital, composta por alguns atores, produzida para os noticiários e para quaisquer futuras entrevistas. Não é possível que possamos revelar ao mundo, que nós deixámos um adolescente liderar a missão *Quanta*. Isso seria um caos para as relações públicas.”

Alex: “Eu não gosto de ser ameaçado.”

Frank: “E eu não gosto de fazer ameaças. Então, como é que vai ser?”

Alex: “Eu quero o acordo todo por escrito e, depois conto-lhe o resto do que aconteceu no espaço.”

Desconhecido:

A Música das Esferas enche a mente e a alma dela.
Cru e exposto, todo o Sistema Solar está diante dela.
A energia do Sol inunda os sentidos dela.
Como crianças, os planetas dançam em órbita.
Eles chamam, vem brincar.
Cada um tem o seu próprio riso.
As suas vozes são canções.
Eles estão vivos.
Outra canção...
Alex?
Tão pequeno.
Está perdido.
Está lá, mas não está.
Ela envia os seus pensamentos.
A música dele é fraca e distante.
Ele precisa da ajuda dela, para voltar para casa.
Um novo ser de luz, ela não tem controlo.
A essência dela explode; a galáxia está aberta.
A Canção das Estrelas enche a mente e a alma dela.

**Quantum Resources:
Toronto:
Corporação do Canadá:**

Era como se ele tivesse estado a um mundo inteiro de distância.

Quando o avião comercial circulou o Aeroporto Internacional Pearson, em Toronto, para fazer a aproximação final e alinhar-se com a pista de aterragem, Michael olhou para fora da janela, para os edifícios e ruas a passarem rapidamente num borrão e pela primeira vez, em mais de uma semana, deu um suspiro de alívio. Era como ver um velho amigo, após uma longa separação.

De certa forma, regressar ao Canadá, tinha sido muito surreal. Michael tinha passado por tanta coisa nas Honduras, que parecia que tinha vivido, duas vidas diferentes.

Yaxche sentou-se no assento do corredor, com os dedos bem apertados enrolados à volta do apoio de braços do banco e as pálpebras bem cerradas. Ele nunca tinha andado de avião, antes. No início, estava entusiasmado com a experiência, mas o seu entusiasmo tinha diminuído, com a súbita pressão sentida na descolagem e, transformou-se completamente em medo, com a primeira manifestação de turbulência, que abalou o avião comercial como se fosse o chocalho de um bebé.

O velho não quis ouvir as explicações de Michael, sobre a aerodinâmica ou a segurança do transporte aéreo moderno. A única coisa resposta que ele deu, foi uma oração aos deuses do céu.

Mesmo quando o avião parou, Yaxche ainda não tinha afrouxado o aperto sobre os braços do assento. Só depois que eles desembarcaram do avião, é que ele recuperou um pouco da sua cor normal.

No terminal, Michael viu Raymond McGrath e acenou para lhe chamar a

atenção.

“Por aqui.” Disse Michael a Yaxche em inglês, tinha-lhe comprado um tradutor portátil no aeroporto de Tegucigalpa; e dirigiu-se até Raymond. “Eu gostaria que você conhecesse um velho amigo meu.”

Depois que Michael os apresentou, Raymond disse: “É um prazer finalmente conhecê-lo, senhor. Estamos todos muito entusiasmados, por se juntar a nós nos laboratórios. Calbert e eu, temos estado a especular como se fossemos duas velhas.”

Raymond virou-se para Michael. “Vamos recolher a vossa bagagem e vamos diretamente para o hotel. O hotel tem uma suite reservada para os dois. Vocês podem tomar um banho e descansar.”

Michael balançou a cabeça. “Se não se importar, eu prefiro ir já para a QR.” Disse a Yaxche, que assentiu. Disse a Raymond: “Talvez possamos comprar comida rápida, pelo caminho.” Eles dirigiram-se ao final do corredor, para recolher a bagagem.

“Tenho saudades de comida rápida.”

∞

Os três entraram num autotáxi, depois de carregarem as malas no porta-bagagens e o veículo começou a sua marcha, no momento em que as portas se fecharam.

Com o seu implante de comunicação pensamento, Raymond ligava-se à TerraNet e conseguia comunicar-se instantaneamente com qualquer computador ligado. Enquanto o autotáxi tinha um *interface* manual para a maioria das pessoas, como Michael, que não tinha um implante, Raymond era capaz de dirigir o veículo ao seu destino, com um simples pensamento.

Embora Michael sempre se tenha considerado um adepto das novas tecnologias, a comunicação pensamento não foi um avanço que o atraísse, ainda que ele entendesse porque é que um determinado segmento da população, aproveitava a oportunidade para estar ligado à rede vinte e quatro horas por dia.

Na sua vida como administrador, Michael passava a maior parte do seu dia de trabalho, a ser constantemente interrompido. Foi necessária uma extrema organização, para lidar com as centenas de solicitações diárias do pessoal, avaliar a informação da comunidade científica, receber as diretrizes de processo dos seus superiores governamentais e, ainda assim, encontrar tempo durante o seu dia, para atender às suas necessidades pessoais. O acesso aos

milhares posts da rede, aos *blogs*, aos fóruns e aos vídeos de notícias, ao longo do dia, só seriam mais uma distração.

A desvantagem era que, a menos que Michael estivesse fisicamente na frente de um computador, tinha que obter a informação por terceiros.

Então, quando os olhos de Raymond se arregalaram, por ter recebido um alerta que era obviamente importante e disse: “Você vai querer ver isto.” Michael teve que acionar o painel holográfico embutido no *tablier* do autotáxi, para descobrir o que estava a acontecer.

Ele ligou-se rapidamente ao seu canal de notícias favorito e selecionou o título.

∞

Movimento Rebelde Hondurenho Esmagado.

Num esforço concertado, os militares hondurenhos e a polícia pública das Honduras, invadiram hoje ao amanhecer, vários redutos por toda a corporação dos países da América Central, na sequência de denúncias de atividade rebelde.

O porta-voz do Ministério Hondurenho do Interior informou, que as forças armadas não sofreram baixas, embora alguns dos rebeldes tivessem sido mortos no processo. Foram presas mais de duzentas pessoas, incluindo vários proprietários de terra proeminentes e oficiais do governo, suspeitos de envolvimento.

Sob o nome de Cruzados, o objetivo político do movimento, era o de assumir a liderança da Terra através do monopólio das viagens espaciais. De acordo com uma fonte, os rebeldes acreditam que as suas ações estavam predestinadas pela antiga doutrina Maia. Os Cruzados são também suspeitos do sequestro da nave de carreira da Lunar Lines, a *Diana*, da Terceira Estação do Canadá. O paradeiro da embarcação e dos seus passageiros, são ainda desconhecidos.

Numa declaração conjunta, os representantes da Sociedade do Património da Guatemala e das Honduras, condenaram o movimento dos Cruzados.

∞

A acompanhar a história, estava um vídeo a mostrar helicópteros, que desciam sob uma plantação que Michael não conseguia dizer se era de Oscar Ruiz, ou não, e soldados hondurenhos a saírem e a ocuparem postos contra os

Cruzados, cujos rostos estavam cobertos por longos lenços. Depois de um rápido tiroteio, os Cruzados, obviamente suplantados, renderam-se. Algemados, eles foram levados em carrinhas blindadas.

Raymond disse: “Eu acabei de fazer uma ligação com Calbert. Ele recebeu uma notícia de John Markham, de que Humberto participou no ataque, fornecendo-lhes toda a informação necessária sobre os outros acampamentos dos Cruzados.”

Yaxche disse: “Claro, ele é meu amigo.” Como se fosse explicação suficiente.

Raymond fez uma pausa e falou num tom sombrio. “E...conseguiram recuperar o corpo de George... Ele vai ser enviado para cá, dentro dos próximos dias.”

O rosto de Michael estava rígido e o seu maxilar estalou, mas a sua reação não foi por causa da última declaração de Raymond. O ataque e a recuperação do corpo de George eram boas notícias, mas ele já esperava isso, depois da informação de Markham, sobre o o contacto de Humberto. A sua Raiva aparente era outra.

“O que foi?” Perguntou Raymond. “O que é que se passa?”

“Porque é que ninguém me contou?” Michael rosnou as suas palavras.

“Contar o quê?”

“Sobre o sequestro da *Diana*.” Michael conseguia sentir o seu rosto a corar de raiva. Ele fez várias pesquisas e obteve toda a informação de que precisava para se atualizar. Ficou particularmente alarmado ao ler, que suspeitavam que a nave de carreira pudesse ter sido conduzida em direção ao Sol.

“A Justine trabalha para eles.” Disse ele numa voz plana. “Ela estava naquele voo?”

“Sinto muito.” Disse Raymond, a balançar a cabeça em confirmação. “Eu sei que vocês são amigos. Pensei que você soubesse. Tem estado em todos os noticiários desde...” Ele fechou a boca subitamente, como se só então se tivesse apercebido que Michael tinha estado isolado durante todo aquele tempo e fez uma careta a pedir desculpa.

Michael aceitou o pedido de desculpas, com um ligeiro aceno de cabeça. “Eu vi o que os Cruzados são capazes. Eles não conseguiriam projetar um sequestro, sem uma grande ajuda. Diga a Calbert para cancelar os compromissos do resto do dia. Precisamos de fazer alguma investigação.”

Quando chegaram aos escritórios da administração da Quantum Resources, Calbert estava no átrio à espera deles.

“Fico feliz em Vê-lo de regresso.” Disse ele a Michael, cumprimentando-o com um aperto de mão.

Michael deu-lhe um aceno firme com a cabeça. “Fico feliz por ter regressado. Este é Yaxche.”

No aperto de mãos com o Maia, Calbert disse: “Temos estado ansiosos por isto, desde que Michael nos contou sobre a teoria de George.” Ele olhou rapidamente para Michael. “É estranho que não tenhamos uma única gravação de áudio com a Canção das Estrelas, apenas as traduções e as tentativas de decodificação por parte dos nossos linguistas, que estavam obviamente incorretos.”

Voltando-se para Yaxche, ele disse “Temos uma equipa de técnicos já disponíveis, para ouvir a sua história... A menos, claro, que esteja muito cansado da viagem.”

A sua boca abriu-se num largo sorriso, Yaxche disse “Os homens velhos, nunca deixam passar uma oportunidade de contar uma história.” E soltou uma gargalhada.

Raymond sorrindo, disse: “Eu posso levá-lo até lá, se vocês dois precisarem de trocar informações.”

Calbert disse “Obrigado, Raymond.”

Os dois dirigiram-se para o laboratório de gravação. Raymond não era um homem muito alto, mas era mais alto do que Yaxche e parecia estar a gostar de não ser a pessoa mais baixa na sala, para variar.

Raymond começou a relatar algumas das teorias elaboradas acerca da Canção de Yaxche, com a sua voz a desvanecer-se, à medida que se afastavam.

Michael virou-se para Calbert. “Você pode informar-me sobre o que aconteceu com a *Diana*?”

Movendo-se em direção ao elevador, Calbert foi à frente. “É basicamente o que leu nas notícias. Desde que a Corporação do Canadá comprou as ações da Quantum Resources à EUA, Inc., que há anos que não temos acesso aos seus canais governamentais. Até a maior parte da informação científica, que obtemos da NASA, já foi escrutinada e analisada.”

Eles chegaram ao elevador e Calbert deixou Michael entrar primeiro. Apertou o botão para o andar do seu gabinete.

Michael disse: “Você deve ter alguns contactos, que lhe podem fornecer alguma informação não-oficial.”

“Sim. Mas ninguém com quem falei, tem uma ideia melhor do que está a

acontecer do que nós. Aparentemente, foi uma operação militar de emergência e você sabe o quão ultra-secretos são.”

Michael sacudiu a cabeça. “Militar?”

“Alguém teve informação de que os Cruzados estavam a lançar uma operação para invadir a reserva de Kinemet da NASA e eles decidiram mudá-lo para fora do planeta. Desde o incidente de Chow Yin, que o Sector Americano na Lua, é o local mais fortificado do Sistema Solar.”

“Eles assumiram que, se mudassem o Kinemet para fora do planeta, os Cruzados não teriam recursos espaciais.” Disse Michael. “Mas, ao que parece tinham, e a informação era obviamente um plano, para colocar o Kinemet em trânsito onde estaria mais vulnerável.” Michael deu um soco com o punho na mão. “Você sabe muito bem, que os Cruzados não estão a trabalhar sozinhos.”

“A Força Espacial Canadense ofereceu a sua ajuda aos americanos mas, até agora, ninguém descobriu nada.”

Quando chegaram ao andar do gabinete de Calbert, eles saíram rapidamente do elevador e caminharam para os escritórios. Entraram numa pequena sala de conferências, configurada com vários painéis holográficos e uma longa mesa de trabalho. Um dos assistentes de Calbert estava lá, a deixar um prato grande com comida e um termo de café.

“Eu pedi para nos trazerem algumas sanduíches. Achei que ia estar a maior parte do dia a trabalhar.”

Tirando o casaco e pendurando-o nas costas de uma cadeira, Michael sentou-se e pegou numa chávena de café. “Obrigado.”

Depois de engolir de um trago a sua primeira chávena, Michael serviu-se novamente e pegou numa sanduíche. Mordeu um pedaço e, enquanto mastigava, acionou um aplicativo cronológico na principal consola tátil. Começou a preenche-la com todos os principais eventos, que tiveram lugar, ao longo das últimas semanas. Depois fez o maior número de pesquisas na rede, que pensou que fossem relevantes para a situação.

Calbert pegou no comunicador e contactou John Markham, para ver se eles tinham uma lista completa dos Cruzados presos nas Honduras.

Levaram algumas horas a compilar e a comparar os dados mas, no final, eles ainda não tinham conseguido descobrir nada.

Calbert foi até à sua mesa e abriu uma gaveta. “Bebe?” Perguntou.

“Eu morreria por um *whisky*, caso você tenha.”

“Claro que sim.” Disse Calbert e encheu dois copos. Derramou uma porção

num deles e entregou-o a Michael, que lhe agradeceu com um aceno e sorveu um gole.

“Está tudo interligado.” Disse Michael, virando-se para olhar para o quadro. “E tudo foi desencadeado pelo furto do pergaminho. Nada poderia ter sido iniciado, a menos que soubessem que tinham a chave para decodificar o mistério do Kinemet. Tudo dependia daquilo e o plano foi elaborado muito antes: os rumores de uma tentativa de roubo em solo americano; levar o pessoal deles para a TEC, para intercetar a nave de carreira.

Eles tinham que ter pessoas em posições de topo na administração e...” Ele assobiou com o pensamento. “...E tinham que ter uma grande quantidade de recursos e dinheiro à disposição deles.”

“O que é você acha?” Meditou Calbert “Um governo rival? Havia muita confusão, nos tempos da primeira missão *Quanta*. Algumas empresas de países ficaram chateadas por não estarem a partilhar a tecnologia do Kinemet.”

“Os chineses?” Michael levantou uma sobrancelha, especulativo. A voz da oposição deles ao controle ocidental foi a mais alta, após o fracasso da primeira missão *Quanta*.

“Não me parece. Eles têm o seu próprio programa de mineração espacial. Se eles quisessem realmente Kinemet, só teriam que o minar.” Ele varreu o espaço com a mão. “Está lá, no Espaço; o único problema, é obtê-lo. Ninguém tem estado, oficialmente, à procura dele durante os últimos anos e não houve nenhum rumor sobre operações não-oficiais.”

Calbert levantou-se e caminhou até à sua mesa “E depois, o que é que você faz com ele? Tanto quanto se sabe, estamos a décadas de distância de sermos capaz de o converter num combustível estável.

Sem a tecnologia de conversão, o custo de exploração não compensa. Não, quando a economia mundial está em ruínas. As pessoas estão mais preocupadas em colocar comida na mesa, do que se nós podemos viajar para outras estrelas. Especialmente, quando não temos nada mais do que uma pista, em cima de uma esfera de gelo flutuante, a quatro mil milhões de quilómetros de distância, de que há mais vida no Espaço para além de nós.”

Michael pousou a sua bebida e recostou-se na cadeira. Esfregou os olhos cansados.

O mundo inteiro tinha passado por um choque emocional, ao longo das duas últimas décadas. Com a falha da primeira missão *Quanta*, em fazer o primeiro contacto, a euforia inicial das viagens interestelares tinha-se esvaído

rapidamente. Quando os esforços subsequentes para reproduzir um piloto kinemético falharam, a opinião pública virou-se para um nível de cinismo, que ele não via desde que era criança, durante a crise do trigo e da queda dos governos públicos. Naquela época, a reorganização dos governos em corporações países, tinha reacendido a recuperação económica.

No entanto, agora, pensou ele para consigo mesmo, a saúde das corporações países, depende só da confiança do consumidor. E, uma vez que, a confiança estava em baixa, as empresas estavam a ter prejuízos fiscais, tanto as da esquerda como as da direita. Os orçamentos eram cortados. Havia um aumento do desemprego e um aumento da agitação civil, na maior parte dos países mais duramente atingidos.

Não havia um momento melhor, para uma revolução. Alguém previu aquilo e tinha feito uma grande aposta. Quem pudesse oferecer uma luz para o futuro, poderia controlar a sua próxima jogada. Michael não acreditava que algum dos Cruzados que tinha conhecido, até mesmo o gracioso Oscar Ruiz, tivesse esse tipo de previsão ou acesso a suficientes recursos, para se preparar para isto, eventualmente com anos de planeamento.

“Então, alguém estava a ver o problema de um ângulo diferente.” Disse ele, em voz alta. “Primeiro descobria como usar o Kinemet e depois minaria o metal. Só que eles decidiram roubar o metal, ao invés de fazer o trabalho pesado.”

“Certo. Então, o que é que eles sabem, que nós não sabemos?” Perguntou Calbert. “Gastámos milhares de horas de trabalho, na tradução do manuscrito Maia. É claro que,” acrescentou com uma gargalhada seca “mesmo com todas as nossas mentes brilhantes, nunca descobrimos que o contador *era* a mensagem.”

Esfregando os olhos com os dedos, Michael bocejou.

“Porque não terminamos, por hoje?” Disse Calbert. “Eu conheço uma churrascaria agradável, ao virar da esquina. Podemos levar Yaxche lá, para experimentar a cozinha canadense.”

“Sim.” Disse Michael. “O meu cérebro está cansado de pensar demasiado. Provavelmente, estou a deixar escapar o óbvio.”

Pelo seu comunicador, Calbert ligou-se com Raymond. “Como é que está a correr tudo, por aí?”

“Oh, nós já terminámos há horas. A equipa está ocupada a analisar números e à procura de padrões. Pode demorar um pouco, para conseguirem chegar a alguma hipótese. Fui mostrar a Yaxche as redondezas. Ele parece

gostar muito dos jardins nos telhados.”

“Nós vamos terminar por hoje e, sair para o ‘*Beef and Brew*’. Pode perguntar a Yaxche, se está com fome? E você é bem-vindo, para se juntar a nós, se puder.”

Não durou mais de um segundo para Raymond dizer: “Se eu puder? Nós já estamos a meio do caminho até ao elevador.” Ele riu-se “Vamos parar no vosso andar e encontrar-vos.”

Michael levantou-se e espreguiçou-se. Pegou no seu casaco. “Você já falou com Elizabeth?” Perguntou. “Eu tentei ligar-lhe algumas vezes, mas vai sempre parar ao atendedor de chamadas.”

Houve um súbito olhar de dor, nos olhos de Calbert.

Michael sabia, que ele e George se tinham tornado mais do que apenas colegas, desde que Michael se tinha reformado. Antes da esposa de Michael falecer, os três casais faziam férias juntos, a cada dois anos. Foi culpa do próprio Michael, ter-se afastado depois da morte dela. Na época, ele não quis o apoio que os seus amigos lhe ofereceram, preferindo ficar submerso na sua raiva e na perda. Ele esperava que Elizabeth soubesse, que podia contar com o apoio dele.

“Sim.” Disse Calbert “Quando ela descobriu o que aconteceu, foi para a Flórida para estar com a família. Entrei em contacto com ela, esta manhã, logo que soube que tinham recuperado o corpo. Ela disse que estava a organizar, para trazer cá os pais e a irmã de George, para o funeral.”

Naquela altura, Michael não sabia o que dizer. Havia tantas emoções turbulentas à sua volta, que ele pensou que quaisquer palavras que falasse, ficariam presas na garganta.

Ele foi salvo, quando Yaxche e Raymond apareceram à porta da sala de conferências, ambos com sorrisos brilhantes.

Calbert perguntou: “Estão todos prontos?”

“Uh...” Yaxche disse ao seu tradutor, “Eu agora gostaria de falar com o Viajante do Espaço.”

“Com Alex?” Perguntou Michael “Ele não está aqui, Yaxche! Ele está na Terceira Estação do Canadá. No espaço.”

Yaxche deu-lhe o mesmo olhar que daria a uma criança pequena. “Eu sei disso. Talvez pudéssemos usar os seus ASE. Foi assim que eu falei com ele, há dois anos, quando estava em Santa Rosa de Copán.”

“É claro.” Disse Michael, parecendo envergonhado, quando Calbert sorriu pelo seu erro de interpretação.

Raymond pestanejou, da maneira que só as pessoas com um implante de comunicação pensamento faziam. Ele enviou um comando para os sistemas do edifício.

“Eu posso estabelecer a ligação aqui mesmo, se quiser.” Disse ele. “Provavelmente, devíamos enviar as novas informações a Kenny acerca do pergaminho, de qualquer maneira. Ele é o nosso físico, responsável pelo desenvolvimento do Kinemet lá em cima.” Disse Michael. “Só está connosco há alguns meses, mas já chegou a algumas teorias, por sinal, bastante promissoras.”

Os quatro viraram-se para o painel holográfico, quando começou a piscar o logótipo da empresa, juntamente com a animação de uma onda de rádio.

Após alguns segundos, a tela acendeu para mostrar uma mulher jovem, com cabelo loiro curto e com um sorriso bonito. Um pequeno quadrado, inserido no canto superior, mostrava Raymond refletido na imagem.

“Quantum Resources da Terceira Estação do Canadá.” Disse a loira. “Como posso ajudá-lo? Oh, Olá, Raymond.”

“Terra,” respondeu ele “como é que está? Kenny está por aí?”

“Kenny?” Passou um rápido *flash* de incerteza nos seus olhos. “Bem...”

Calbert deu um passo adiante, para que ela o visse. “O que é que se passa? Onde é que ele está?”

Mordendo o lábio, Terra disse: “Sinto muito, pensei que todos soubessem.”

“Soubessem o quê?” Pressionou Calbert.

“Ele foi preso.”

A voz de Raymond subiu, em alarme. “Preso? Porquê?”

Terra parecia bastante desconfortável a relatar a informação. “Alguém vos deveria ter contado.” Disse ela, sacudindo a cabeça. “Encontraram Alex Manez no apartamento de Kenny, de manhã cedo. Ele está inconsciente, em coma, ou algo do género. A polícia da estação, pensa que Kenny fez algum tipo de experiência com Alex. Ele afirma que não fez nada, mas eles mantêm-no preso, de qualquer modo.”

“Onde está Alex?” Perguntou Michael, distraído demais para seguir o protocolo de cortesia de ASE (audiovisual por sinal eletrónico) e entrou no campo de visão de Terra.

“Ele está na sala médica, sob observação. Eles disseram que não têm nenhuma ideia, acerca do que se passa com ele. A Dra. Amma disse que esta foi a segunda vez que ele entrou em coma, profundo desta vez e, está preocupada que, desta vez, ele não saia.”

Calbert e Michael trocaram um olhar preocupado.

Raymond falou a Terra. “Obrigada por nos informar. Eu volto a ligar, dentro de uma hora.” Ele cortou a ligação.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, Yaxche, que estava a acompanhar a conversa com o seu tradutor, agarrou Michael pelo braço.

“Temos que ir ter com ele, imediatamente.” Disse ele e o seu tom não admitia discussão. “Alex está numa viagem do espírito, num estado de sonho. Penso que ele possa ter-se perdido. Talvez eu o consiga guiar para casa.”

Calbert disse a Raymond “Faça reservas para eles, no próximo voo que sair do Espaçoporto da Nova Escócia e coloque-os num veículo para a TEC. Entretanto, vou tentar descobrir o que está a acontecer lá em cima.”

Transcrição Não-oficial:
3ª Parte da Entrevista a Alex Manez:
Datado de Agosto de 2103:

Frank: “O acordo está do seu agrado, Alex?”

Alex: “Sim. Obrigado.”

Frank: “Está bem. Estamos a gravar isto. Diga-me por favor, por palavras suas, o que aconteceu, depois que você programou a cápsula de segurança para rastrear sinais eletromagnéticos. E não exclua nada.”

Alex: “Posso pedir um copo de água?”

Frank: “Claro. Evan, por favor, traga um jarro com água e um copo.”

Alex: “Eu tenho mais um pedido a fazer.”

Frank: “Alex, a nossa paciência está a esgotar-se.”

Alex: “É uma coisa pequena.”

Frank: “Está bem. O que é?”

Alex: “Há alguma forma, de você me poder dar uma pequena quantidade de Kinemet?”

Frank: “Sinto muito, não posso autorizar isso. É extremamente caro miná-lo e, há uma reserva limitada na Terra. Parece-me um presente demasiado extravagante, Alex.”

Alex: “Bem, posso apenas ver algum Kinemet durante umas horas?”

Frank: “Porquê?”

Alex: “Eu acho que preciso de estar perto dele.”

Frank: “Vou ver o que posso fazer, Alex, mas não posso prometer nada. Está pronto para nos contar a história agora?”

Alex: “Sim.”

Alex: “Eu acho que já lhe disse, que senti a viagem para Centauri como instantânea, mas não mencionei que deixou uma espécie de memória residual em mim. É difícil descrever o sentimento. É como se alguém lhe contasse sobre ter feito pára-quedismo e lhe descrevesse tão bem a experiência, que você consegue imaginar que foi você que saltou para fora do avião. Agora, finja que nunca ninguém lhe descreveu esse sentimento, mas ainda assim, você tem as sensações do salto. É um eco de uma memória.”

“No momento em que a nave entrou em estado quântico, houve uma ligação entre mim e o *Dis Pater* em Plutão. A única maneira de o descrever, é como uma espécie de compulsão. Ele chamou-me até ele. Que a própria *Quanta* estava apontada diretamente para ele, não vem ao caso. Mesmo que não estivesse, eu ter-me-ia sentido atraído para o monumento.”

“Quando a nave chegou a Plutão, por um momento, senti como se toda a galáxia estivesse disposta numa teia de aranha de monumentos ligados e tudo que eu tinha que fazer, era *ligar-me* a um desses fios e voar ao longo do seu caminho. Eu acredito que, se a NASA não tivesse colocado a *Quanta* numa trajetória direta para Alpha Centauri, eu ainda teria conseguido traçar o curso correto e viajar ao longo desse fio. Não poderia, claro, porque esse pensamento não entrou na minha consciência, até à nave ter chegado ao Sistema mais próximo.”

“Quando a nave chegou, eu consegui sentir a versão Centauri do *Dis Pater*, como se fosse um farol a orientar.”

“É por isso que eu acredito, que não estamos a usar o Kinemet da forma como foi concebido. Eu fui apenas parcialmente alterado pela exposição ao Kinemet reagente e nunca fui capaz de me transformar completamente, no que me deveria ter tornado. Yaxche chamou-se de ‘Colop u Uichkin’, que nós traduzimos como um deus do sol, ou das estrelas. Uma interpretação mais aproximada é ‘Mestre das Estrelas’ ou, o termo que eu próprio tenho usado, ‘Viajante das Estrelas’.”

“Eu li algumas coisas, na viagem de regresso de Plutão. Os antigos Maias, eram um povo com um espírito muito cósmico e espiritual. Uma das suas crenças, era que uma pessoa seria feita de energia pura. Cada objeto, no universo, é composto pelo mesmo tipo de energia. A energia, pode ser interpretada como frequências. Os Maias acreditavam, que todas as coisas tinham a capacidade de transferir essa energia, se encontrassem uma frequência compatível com qualquer ponto do universo.”

“Onde é que você acha que eles desenvolveram essa filosofia?”

“Acredito que, se eu tivesse sido transformado, da forma como foi concebido para, não teria ficado inconsciente durante a viagem para Centauri. Com os poderes que tenho desenvolvido, desde que fui irradiado, acredito que eu deveria ter sido capaz de pilotar a nave. A minha ‘clarividência’ serviria para a navegação e a minha ‘eletropatia’ seria capaz de controlar a quantidade de energia libertada pelo Kinemet em estado quântico.”

“Claro que fui exposto ao Kinemet por acidente e, por isso, fiquei incompleto. Se você realizar testes com outros sujeitos, sem entender completamente o modo como a radiação kinemética os irá afetar, eles poderão muito possivelmente, apresentar sintomas piores do que eu e, até mesmo morrer.”

∞

Frank: “Quando eu disse para não excluir nada, eu quis dizer sobre os eventos que você experienciou. Devemos deixar as conjecturas para os cientistas.”

Alex: “Mas isto é algo, que eles precisam ouvir.”

Frank: “Mais uma vez, isso está ainda para ser determinado. Sinto muito, mas é assim que tem que ser.”

Alex: “Está bem.”

Frank: “Alex...você também compreende que, para nós honrarmos plenamente a nossa parte do contrato, precisamos de todas as informações da sua parte...precisamos da verdade. Se todo o Kinemet a bordo da *Quanta* explodiu, na reação secundária, como é que você conseguiu regressar ao nosso Sistema Solar?”

Alex: “Você pode acreditar ou não, no que eu lhe disse. Eu prometo-lhe que o que estou prestes a dizer é a verdade completa...”

∞

Alex: “Eu fiz os cálculos. Eu tinha menos de uma semana de reserva de oxigênio e água, mas a cápsula de segurança levaria mais de um mês, para alcançar a origem do sinal. Foi por puro instinto de sobrevivência, que eu me tentei colocar novamente em estado quântico. Eu tinha radiação kinemética suficiente no meu sistema, para manter o meu estado, durante esse período.”

“O que eu não considerei foi que, sem um catalisador, eu não tinha maneira de reverter o processo. Eu poderia flutuar durante meses, ou anos,

até queimar toda a radiação que tinha em mim. Na minha teoria, um viajante estelar devidamente transformado, deve estar consciente enquanto está em estado quântico. Eu não estava.”

“Se não tivesse sido puxado para dentro da doca, no porto espacial alienígena, provavelmente eu teria flutuado até morrer.”

∞

Frank: “Pare aí! Porto espacial alienígena! Alex, você está a dizer, que fez contacto com alienígenas? Se assim for, este é um sério avanço!”

Alex: “Não. Com alienígenas não. Eu não menti a ninguém acerca disso.”

Frank: “Ok. Continue.”

∞

Alex: “Eu asseguro-lhe, o espaçoporto, que era a origem do sinal, estava completamente deserto. Tudo o que aconteceu a bordo foi totalmente automatizado. Só posso assumir que os seus sensores me detetaram e atraíram a cápsula de segurança. Eu fui puxado para dentro de um hangar gigante. Havia uma série de plataformas, que pareciam ser docas para naves de todos os tamanhos mas, para além da minha cápsula, não havia lá mais nenhuma nave. O hangar em si, era muito espaçado. Eu não conseguia ver janelas nem portas. As paredes, pareciam ter sido feitas com algum tipo de pedra polida, ao invés de metal.”

“O meu primeiro pensamento foi o de abrir a cápsula de segurança e sair, explorar as redondezas, mas a cobertura da minha cápsula estava presa. Além disso, eu não tinha um fato espacial e não sabia que tipo de atmosfera o porto tinha, então permaneci onde estava. Devia haver lá Kinemet, porque eu comecei a sentir-me rejuvenescido, quase que imediatamente.”

“Braços automatizados estenderam-se ao longo da plataforma e ligaram-se à cápsula. No início isso assustou-me, porque pensei que eles iam abrir a cobertura, mas os sensores da cápsula indicaram que eles estavam apenas a reabastecer-me com oxigénio e eletricidade.”

“Quando a cápsula já estava recarregada, outro conjunto de braços afixou um objeto enorme na parte inferior da cápsula. Eu não conseguia saber o que era, mas tenho que assumir que a cápsula foi anexa a algum tipo de grampo magnético. No momento em que os braços mecânicos se retraíram, a cápsula começou a afastar-se do cais. Eu não tive controlo sobre os sistemas de

navegação, quando a cápsula se deslocou para um tubo. Lá dentro, eu ganhei velocidade e fui disparado para fora do porto, à velocidade, que eu imagino que fosse a velocidade máxima da cápsula.”

“Todo aquele processo, iniciado no momento em que recuperei a consciência, durou menos de cinco minutos.”

“Quando a cápsula deixou o porto espacial, eu estava, mais uma vez, em estado quântico. Tenho que assumir que o objeto, ao qual a cápsula foi anexa, era algum tipo de mecanismo temporário portátil de *quantum*. Quando dei por mim, estava em órbita em torno de Plutão, e a equipa de terra estava a tentar entrar em contacto comigo, via rádio. A unidade de *quantum* portátil foi completamente consumida durante o voo.”

“O resto, você já sabe.”

∞

Frank: “Alex, eu não sei o que dizer. Essa é uma história incrível. Você não excluiu nenhum pormenor?”

Alex: “Não acredita em mim?”

Frank: “Bem... eu posso acreditar, no entanto, não é a mim que tem que convencer. Por isso, tenho que o avisar que, praticamente todas as pessoas que lerem esta transcrição, vão considerar, na melhor das hipóteses, o seu relatório como especulação. Num cenário pior, vão considerar as suas palavras como devaneios juvenis. Infelizmente, o problema é que não temos forma de confirmar nada disto.”

Alex: “Eu sei.”

Frank: “Você compreende, que é extremamente difícil para as pessoas, conciliarem a sua história com os fatos científicos já estabelecidos.”

Alex: “Sim. Às vezes as pessoas com a mente mais fechada, são cientistas.”

Frank: “Seja como for, não me parece que o conselho de administração, esteja pronto para esta informação. Na realidade, acho que a vão rejeitar.”

Alex: “Desculpe-me, eu não tenho nenhuma prova para si, mas eu tenho a certeza de que ele está lá. Se alguém quiser verificar, só têm de regressar a Alpha Centauri. O porto espacial está lá parado, vazio, à espera.”

Frank: “Isso, meu rapaz, é mais fácil de dizer do que de fazer. Para ser honesto, o seu depoimento levanta mais perguntas do que respostas.”

Alex: “Desculpe-me se o irritei.”

Frank: “Eu apenas não tenho a certeza, de como apresentar esta

informação ao conselho... ou mesmo, se a devo apresentar.”

Alex: “O mundo precisa de olhar para o Kinemet com mais atenção e, entender a sua relação com os seres humanos.”

Frank: “Se a sua história for verdadeira, então eu concordo, mas precisamos de verificação... Está bem, bom, neste momento, tudo o que posso fazer é apresentar o relatório e registá-lo. Vou deixar que o conselho decida.”

Alex: “Então o que é que acontece agora? Quero dizer, em relação a mim?”

Frank: “Para todos os efeitos, o Capitão Alex Manez, é um membro requisitado à Força Espacial Canadense e será dispensado. Você, por sua vez, não partilha nada com ele, para além do nome. Quando o dispensarmos, você será livre para fazer o que lhe apetecer. Eu soube que o atual Presidente da Quantum Resources, Calbert Loche, falou consigo sobre um lugar no Departamento de Investigação e Desenvolvimento na Terceira Estação do Canadá?”

Alex: “Sim.”

Frank: “Isso soa-me a um acordo muito bom. Mas eu quero lembrá-lo; se falar sobre as suas experiências em Centauri, a mais alguém fora desta sala, isso será considerado uma quebra de contrato e pode ser motivo para um processo judicial. Isso seria muito desagradável para si.”

Alex: “Eu não sou uma criança. Eu compreendo.”

Frank: “Eu espero que sim. Agora, há mais alguma coisa que queira acrescentar, antes que eu apresente o relatório e termine o interrogatório? Alex...? Alex...?”

Alex: “Não. Isso é tudo.”

**Observatório Lucis:
Orbita de Vénus:**

Era a sensação mais original e maravilhosa, que Justine já tinha experimentado.

Embora ela não fosse mais do que um conjunto de fotões, unidos pela sua capacidade eletropática, ela estava consciente de si mesma e do que a rodeava. Alex tinha comentado com ela, que não tinha nenhuma lembrança de quando esteve em estado quântico, era como se estivesse em sono profundo.

Na sua forma corpórea, Justine era cega e só poderia usar os seus sentidos do tato, olfato e do som, para interagir com o mundo. Agora, ela tinha um sentido da *visão*, que era muito mais poderoso do que a visão humana. Quando se concentrava, ela conseguia aumentar a sua consciência sobre qualquer objeto, como se estivesse a ver através de um poderoso microscópio e, ver as partículas de matéria, na sua dança contínua.

Ela também podia sentir os planetas, na sua órbita inexorável, à volta do Sol. Era como se ela pudesse sentir a presença deles no Sistema Solar e ouvir os sons da sua música celestial.

De uma maneira mais subtil, ela podia sentir o monumento alienígena em Plutão, o *Dis Pater*, como um farol baço no escuro do espaço. Além disso, se ela fosse até aos limites da sua capacidade, podia sentir também uma rede inteira daqueles monumentos, milhares deles, espalhados por toda a galáxia.

Justine, teve um momento de consternação, quando sentiu outra presença, dentro do Sistema Solar. Era como um *flash* muito fraco à distância e, ela levou um minuto para perceber que era um outro ser kinemético; Alex!

Perguntou-se, se Alex seria também capaz de sentir a sua presença, agora que ela tinha sido irradiada com Kinemet.

Quando se concentrou nele, ela lembrou-se de que ele estava incompleto. A sua forma física estava num local, mas a sua consciência estava noutro lugar.

A essência de Alex andava à deriva, perdida nas profundezas deste mundo fantasma, que habitavam. Justine pressionou os seus sentidos para o procurar, mas não conseguiu detetar a sua consciência.

Levou um momento para integrar aquilo. Alex não estava em estado quântico. Ele já lhe tinha falado sobre a capacidade de clarividência que tinha e era capaz de utilizar, quando não estava em estado quântico. Justine achava que era o mesmo que ela estava a experimentar actualmente, só que, quando ela estava em estado quântico, era uma habilidade extremamente poderosa, muito mais do que qualquer coisa que Alex tinha descrito. No fundo da sua mente ela esperava que, quando voltasse ao normal, mantivesse a *visão* tal como Alex. Isso iria, mais do que compensar a sua cegueira. Mas ela iria preocupar-se com isso, mais tarde.

Agora, existiam três coisas que ela precisava de resolver. Uma era tentar descobrir onde é que a consciência de Alex estava.

O problema mais imediato era que, enquanto ela movia a sua essência fotónica para fora do laboratório, viu que a sala principal se tinha transformado numa zona de guerra. As pessoas estavam a morrer.

Já havia duas vítimas, embora ela não reconhecesse os seus rostos. Ela viu o Tenente Jeffries de joelhos, com a mão no rosto ensanguentado, enquanto o Cabo Marks lutava com o tio de Klaus.

Os outros quatro soldados, estavam ocupados a restringir os dois Cruzados, enquanto Klaus parecia estar ciente de Justine, estando a olhar para ela, com um olhar assustado no rosto.

A terceira coisa que Justine percebeu foi, que ela estava a queimar, através da radiação cinemética no seu sistema, a um ritmo tão alto, que ia ficar muito rapidamente sem combustível. Como alguém que, de repente, experimenta uma pontada de fome, ela sabia que iria precisar de mais exposição ao Kinemet, se quisesse continuar a existir em estado quântico. E supôs que não seria capaz de ajudar Alex, se estivesse na forma corpórea, nem seria de muita utilidade na luta.

Então, a última coisa em primeiro lugar: ela precisava de reabastecer.

Levou apenas um momento, para sentir onde a reserva de Kinemet estava, dentro do observatório e, apesar de ser difícil para ela fazer as suas partículas fotónicas moverem-se em conjunto através do espaço físico, ela colocou toda

a sua concentração na tarefa e, saiu do laboratório num *flash*.

Klaus gritou, quando ela saiu.

∞

Ela tentou elaborar um plano, enquanto empurrava a sua forma fotônica pelo corredor. No seu estado quântico, ela tinha a capacidade para afetar os impulsos. Um rápido teste elétrico numa luz próxima provou isso e ela imaginou que iria manter a mesma capacidade, quando voltasse ao normal, mas apenas se fosse irradiada por suficiente Kinemet. Quando Alex tinha esgotado a sua reserva, ele perdeu tanto a capacidade clarividente, como a eletropática, embora tivesse mantido a sua memória fotográfica (o que ela imaginou, que poderia ser um aspeto fisiológico mais permanente da transformação kinemética).

Embora só tivesse visto uma dúzia de Cruzados, no seu percurso pelo salão, ela sabia que eles eram muitos mais. Mesmo que o Tenente Jeffries e os seus homens fossem capazes de dominar Klaus e o seu tio, eles ainda seriam dominados pelo resto do grupo de rebeldes do observatório.

Justine não era uma lutadora ou estratega, embora tivesse feito as disciplinas obrigatórias básicas do campo de treino. Eles estavam em menor número, subequipados e desnutridos. A força bruta não era a resposta, mas pensou que ainda poderia ser capaz de utilizar as suas capacidades recém-descobertas, em sua vantagem.

Ela expandiu a sua *visão*, rastreando etericamente que o Kinemet tinha sido armazenado no nível mais baixo do observatório, perto da estação de ancoragem.

Embora estivesse reduzida a uma massa de protões, ela ainda era capaz de atravessar a matéria sólida e teve que fazer o caminho mais longo. No seu estado fotónico-quântico, era realmente mais difícil para ela, mover a sua essência através do espaço normal, do que se fosse apenas matéria sólida. Todos os seus fotões, unidos por algum tipo de força mental ou atração física, estavam em constante movimento, dentro daquela bolha intangível.

Quando finalmente chegou ao final do corredor, começou a enrolar o seu curso e desceu as escadas perto do elevador.

Dois andares abaixo, ela esgotou a radiação kinemética e rematerializou-se abruptamente no seu corpo humano. Contudo, encontrava-se suspensa no ar, a um metro e meio e, ainda em movimento.

Na forma sólida, ela arqueou e caiu bruscamente no chão, como um

emaranhado de pernas arranhadas e cotovelos doridos. Com dificuldade em respirar e a cabeça a zumbir do impacto no chão, Justine permaneceu caída no chão, meio atordoada durante quase um minuto inteiro, nua e vulnerável, até que a sua respiração voltou ao normal.

Muito lentamente e, com muito cuidado, ela reuniu cautelosamente os seus braços e pernas debaixo dela e levantou-se do chão. Resistindo à vontade de vomitar, do efeito combinado da transição do estado quântico para sólido e da náusea, por ter batido com a cabeça na queda, Justine levou um momento para se estabilizar, inclinando-se contra a parede.

Quando a sensibilidade regressou às suas mãos e pés, respirou fundo e tentou orientar-se. Tinha um fino fio de sangue proveniente dos seus cabelos. Ela experimentou tocar na ferida e estremeceu com a afiada dor resultante.

Agora que estava corpórea, ela esperava manter a capacidade de *ver* para além de si mesma, mas não conseguia, porque já não tinha nenhuma da radiação kinemética no seu sistema. Ela sentiu uma dor aguda, da fome etérea. Ela precisava de Kinemet. Se tinha sido aquilo que Alex tinha passado nos últimos anos, não é de admirar que ele se tivesse deteriorado fisiologicamente.

Justine tinha que encontrar o caminho para a reserva de Kinemet, de memória, e descobriu que tal como a memória de Alex tinha melhorado, agora ela também possuía na sua mente, uma imagem perfeita da planta do Observatório Lucis.

Consciente da sua nudez, ela cobriu os seios com um braço e continuou a sua descida pelas escadas, com os pés descalços, na esperança que nenhum dos Cruzados tivesse ouvido o acidente e, viesse investigar.

Quando chegou ao fundo da escada, ela parou à porta e encostou a cabeça contra ela, tentando ouvir qualquer sinal de rebeldes do outro lado.

O silêncio retumbante, levou-a a pressionar a alavanca da porta e abrir uma brecha. Fez uma pausa à escuta e, de seguida, abriu a porta toda e continuou a andar pelo corredor, na ponta dos pés.

Quando chegou perto da estação de ancoragem, começou a sentir um zumbido elétrico. Os cabelos em seus braços eriçaram-se e ela sentiu um formigamento quente a passar por ela. O Kinemet estava perto.

Enquanto se movia pelo corredor a sensação intensificou-se e, quando chegou ao que ela assumiu ser uma cela de armazenamento, soube que o Kinemet estava fechado no interior.

Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Um súbito ataque de pânico

atingiu-a. Ela tinha vindo de tão longe, para ser bloqueada por uma porta.

Controlou-se mentalmente. Embora o Kinemet estivesse numa sala diferente e, muito provavelmente no interior do recipiente de titânio, havia um fio de radiação a vazar. Foi assim que ela o sentiu. Apenas tinha que ficar ali, o tempo suficiente para acumular um nível de radiação suficiente para recuperar a sua capacidade eletropática e, então, ela poderia facilmente abrir o cadeado e entrar.

Pressionando todo o seu corpo contra a porta fria, ficou ali, a permitir que a radiação kinemética entrasse no seu sistema. Ela estava dolorosamente ciente de como era vulnerável e, rezou para que a sua sorte durasse um pouco mais.

Tinha receio de que, quando estivesse em condições de ajudar o Tenente Jeffries e os seus homens, já fosse tarde demais. Mas não havia nada que pudesse fazer, até que estivesse recarregada.

Depois do que pareceram horas, mas provavelmente foram apenas alguns minutos, ela sentiu o fluxo de energia correr pelas suas veias, como se tivesse acabado de tomar uma dose de vitaminas. O nível de energia em si, era semelhante a uma gota num balde de água, mas era o suficiente para o seu propósito.

Um mero lampejo de pensamento, foi o suficiente, para abrir a fechadura eletrônica e correr para dentro da sala. A porta era pneumática e fechou-se automaticamente atrás dela.

Mais alguns momentos perto do recipiente de titânio, preencheram-na de radiação suficiente para abrir a fechadura, que permanecia entre ela e toda a força do elemento Kinemet.

Quando o contentor foi aberto, a influência kinemética caiu sobre ela como uma onda. Lembrou-se do olhar de êxtase no rosto de Alex, quando ele estava na presença do metal raro e, pela primeira vez, entendeu completamente.

Aos poucos, a *visão* clarividente começou a voltar a ela. No início, ela tinha a consciência desligada do ambiente à volta mas, depois, os objetos mais próximos a ela, tornaram-se lentamente formas perceptíveis.

Ela imaginou que, levaria pelo menos uma hora, para que ficasse totalmente irradiada. Mas em menos de um minuto, ela ouviu o som de passos no corredor fora da sala.

Um dos Cruzados abriu a porta. Ele ficou, momentaneamente, surpreendido, a olhar para os seus seios nus. Mas, de seguida, com um rugido

de raiva, ele apontou a caçadeira de feixes de iões na sua direção.

Assim que ele disparou, Justine colocou-se a si mesma em estado quântico e, o fluxo de iões, passou através de seu eu fotónico, sem lhe causar danos.

Com um olhar de surpresa abjeta, o Cruzado deu alguns passos para dentro da sala e praguejou em espanhol.

Justine flutuou por ele e saiu pela porta, antes desta se fechar. O homem correu para a porta mas, antes que a alcançasse, Justine usou a sua capacidade para ativar o fecho e, em seguida, desligou a energia do dispositivo.

O Cruzado praguejou mais umas maldições, enquanto tentava derrubar a porta fisicamente, sem efeito. Ele estava totalmente fechado na sala, como se esta fosse uma célula de prisão de máxima segurança.

Isso provou que o plano de Justine iria funcionar. Incapaz de superar o número de Cruzados, ela teria que os neutralizar. Todo o complexo observatório tinha portas e fechaduras eletrónicas e, Justine, era agora mestre de qualquer corrente elétrica que sentisse.

Ela empurrou a sua essência pelo corredor em direção à escada. Esperava poder regressar ao laboratório, antes que fosse tarde demais e antes que ficasse, mais uma vez, esgotada de radiação cinemética.

∞

Fora da porta principal da sala do laboratório, Justine parou e estendeu a vista para a sala.

Estavam vários homens no chão e os cinco restantes estavam num impasse. De um lado da sala estavam Klaus e o seu tio, o Capitão Gruber, que tinha um braço pendurado ao lado, com sangue a encharcar a manga da camisa. Eles tinham virado uma mesa de laboratório de metal e estavam a esconder-se por detrás dela. Cada um tinha uma arma. Gruber tinha uma pistola de iões na sua mão operacional. Klaus, a segurar uma caçadeira de feixes de iões, ia cuspidando maldições contra os três soldados que lhes bloqueavam a fuga.

Justine viu o Cabo Marks morto. Havia um rastro de sangue nos mosaicos, desde onde Gruber o tinha atingido, até onde ele estava agora. Era como se ele não tivesse morrido imediatamente e tivesse sido puxado para fora da linha de fogo, em vão.

Um dos outros soldados, o Soldado Townsend, estava de bruços no chão, também morto.

Justine sentiu uma súbita pontada de perda e de raiva. Ao longo da semana que passou, ela tinha-se afeiçoado a todos os soldados do pelotão de Jeffries.

O Tenente Jeffries e os dois Soldados, Vic Genero e Tomas Hodges, tinham-se escondido atrás de um armário de servidores de computador. Os dois só tinham uma caçadeira de feixes de iões, tirada obviamente, a um dos Cruzados mortos. Os três soldados evidenciavam feridas e contusões que não pareciam fatais. A situação era terrível. Justine viu, quando Vic verificou a carga de caçadeira e deu a Jeffries um olhar impotente. A caçadeira não tinha carga elétrica.

Justine tentou não deixar que as suas emoções a dominassem, mas as atrocidades cometidas contra ela e, contra as pessoas que ela se importava, aumentavam exponencialmente.

Ela não podia simplesmente selar a sala, a menos que fosse capaz de primeiro fazer sair o Tenente Jeffries e os seus homens e a única maneira que de lhes poder comunicar o plano, era rematerializar-se.

Analizando a área perto dos dois resistentes, Justine olhou para qualquer coisa elétrica, em que pudesse usar os seus poderes. Se ela fizesse alguma coisa explodir, perto de Klaus, que pudesse desarmá-los ou distraí-los o tempo suficiente, para que o Tenente Jeffries conseguisse sair da sala. Mas não havia nada que visse, que pudesse fazer o que ela pretendia.

Justine decidiu arriscar e esperar que o Tenente Jeffries descobrisse o que estava a acontecer e, ele e os seus homens se colocassem em segurança.

Ela empurrou o seu ser quântico, através da pequena abertura na janela quebrada da porta do laboratório e da oficina.

Todos os olhos se viraram para ela, enquanto flutuava para o centro da sala.

Klaus ergueu a caçadeira e disparou um tiro na direção dela. O fluxo de iões passou por ela, sem lhe causar danos. Como se o resultado não o surpreendesse completamente, Klaus mergulhou em direção a um teclado de computador.

Justine não tinha ideia de qual era a sua intenção, mas Klaus tinha obviamente descoberto, que a bola de luz à sua frente era ela e pelo desprezo autoconfiante no seu rosto, ele provavelmente tinha uma teoria sobre como capturá-la ou matá-la. Claro que, quando ele começou as experiências, tinha pensado numa forma de controlar qualquer sujeito transformado.

O Tenente Jeffries não estava a aproveitar a oportunidade, pelo que Justine não teve escolha.

Ela transformou-se, novamente na sua forma humana e, ficou no meio da sala, completamente nua.

Isso teve o efeito desejado sobre Klaus. Ele deixou de procurar o teclado, para olhar para ela.

Justine gritou: “Saiam da sala” ao Tenente Jeffries e, acostumado a seguir ordens, ele agarrou nos seus dois homens e obedeceu.

Quando ela se virou para Klaus, ele tinha a sua caçadeira de feixes de iões apontada diretamente para ela e os seus lábios enrolados. Na outra mão, ele segurava o teclado e o seu polegar pressionou um comando.

Justine esforçou-se imediatamente para se transformar para o estado quântico, mas não aconteceu nada.

“Tarde demais.” Disse Klaus, triunfante. Levantando o teclado para cima, ele pestanejou para ela. “Amortecedor kinemético. A mesma tecnologia, que eles usam numa unidade quântica. Não apenas o laboratório, mas toda a sala foi condicionada para isso. Agora, lamento, mas vou ter que encerrar a sua experiência.”

Klaus apontou o cano da caçadeira à altura da sua cabeça.

Ouviram-se o som de um zumbido elétrico e, depois o momento congelou, quando o coração de Justine parou.

Com um olhar confuso no seu rosto, Klaus caiu lentamente de joelhos. Do seu peito, floresceu um pequeno círculo de sangue e, ele caiu de bruços no chão, libertando o teclado.

Atrás dele, um dos Cruzados mais novo, que Justine pensou que estava morto e deitado de lado, tinha uma pequena pistola de iões esticada à frente dele.

“*Lo siento.*” Disse ele. De imediato, o seu braço caiu e, ele ficou imóvel.

Justine não teve tempo para descobrir, porque é que um dos Cruzados disparou contra Klaus, porque o Capitão Gruber, com um rugido de indignação, saltou do seu esconderijo, apontou-lhe a sua pistola e, disparou.

Mas Justine, livre do amortecedor, foi capaz de se colocar em estado quântico, numa fração de segundo, antes que o primeiro fluxo de iões atingisse a sua pele nua.

O Tenente Jeffries e os seus dois homens entraram, novamente, na sala.

Com a pistola de iões descarregada, Gruber deitou-a fora. Foi nesse momento, que os militares caíram em cima dele e atiraram-no ao chão.

Justine, a sentir que estava a ficar sem combustível kinemético, moveu o seu ser fotónico para a parede próxima à porta do laboratório. A sua farda estava lá, pendurada num gancho. Ela reverteu-se para a forma física e vestiu-se rapidamente, enquanto o Tenente neutralizava o seu prisioneiro.

“O que diabos está a acontecer?” Perguntou o Tenente Jeffries, no que Justine achou que era uma voz muito controlada, dadas as circunstâncias. “O que era aquela bola de luz? Aquilo, era você? Quer dizer, eu tive uma sessão informativa sobre o efeito cinemático. Foi isso o que aconteceu consigo? Era isso, que Klaus estava a fazer aqui?”

Balançando a cabeça, Justine disse: “Eu explico-lhe tudo mais tarde. Agora, eu preciso de proteger o observatório. Encontre uma sala de comunicações e informe a Terra sobre o que aconteceu aqui.”

“Ok! Sim, Major.”

Justine deu um passo em direção à porta, mas parou e ajoelhou-se ao lado do jovem Cruzado que lhe tinha salvo a vida. Ela sentiu-lhe o pulso, mas o jovem estava realmente morto.

“E se puder, por favor, descubra quem era esta pessoa. Ele salvou a minha vida.”

∞

Justine levou pouco menos de quinze minutos, para fazer o circuito completo do observatório e, usar a sua capacidade eletropática, para fechar qualquer Cruzado que encontrasse. Apanhados completamente desprevenidos, eles não tiveram a menor hipótese. Pelos seus cálculos, estavam pelo menos quarenta dentro da área comum e meia dúzia de outros retardatários, que ela fechou nos seus quartos individuais ou nas áreas de trabalho.

Quando terminou, regressou à sala onde o Kinemet tinha sido armazenado. Utilizou a sua *visão* para olhar lá para dentro. O Cruzado estava de pé, em frente ao recipiente, com o rosto coberto de raiva.

Ela falou em espanhol e modelou a sua voz, para que ele a ouvisse através da porta. “Nós tomámos o controlo do observatório. Os seus líderes estão mortos ou foram capturados. Temos reforços a caminho. Você não tem água nem comida. Largue a sua caçadeira agora e deite-se no chão, com as mãos cruzadas sobre a sua cabeça.”

Por um breve momento, ela pensou que ele não a tinha ouvido, ou que estava a pensar em desafiá-la. Mas, depois, ele atirou a caçadeira para longe dele e, deitou-se no chão.

Justine abriu a porta e entrou, agarrando rapidamente a caçadeira de feixes de iões.

“Está bem, eu quero que você se levante, lentamente, e vá para a outra

sala. Você vai ficar lá à espera, até o irmos buscar.”

Ainda a olhar para ela, o Cruzado obedeceu e, assim que ele estava trancado na sala adjacente, Justine voltou ao Kinemet, sentou-se ao lado dele... Deleitando-se com o seu esplendor.

∞

Quando sentiu que os seus níveis de energia estavam novamente normais, Justine tentou, uma vez mais, utilizar a sua capacidade de clarividência. Desta vez, ela deslocou-se e tentou procurar o sinal fraco de Alex.

Era difícil focá-lo, porque ele parecia estar a entrar e a sair.

Ter a capacidade de *ver* a grandes distâncias, sem estar fisicamente lá, era revolucionário. A capacidade de Alex, mantida em segredo e partilhada com apenas uns poucos privilegiados, tinha-se dissipado durante os anos em que ele não esteve infundido com a radiação kinemética. Certa vez, ele tinha dito a Justine que só poderia levar os seus sentidos até determinada distancia, antes de se tornar mentalmente exausto, mesmo no auge da sua energia.

Justine pensou que era possível, que Alex tivesse tentado usar o seu poder para a encontrar, após o sequestro e, tivesse excedido a sua capacidade. Se assim foi, ele pode ter ficado esgotado e não ter tido reservas suficientes para puxar a sua consciência de regresso ao seu corpo.

Experimentando, Justine confirmou o que Alex lhe tinha dito. A cerca de cento e cinquenta quilómetros do Observatório Lucis, a sua *visão* consciente parou de se mover para a frente. Era como se tivesse atingido uma barreira e, não obstante de quanta energia utilizasse, não conseguia passá-la.

Enquanto Justine levava a sua *visão* de regresso ao observatório, ela contemplou a beleza mortal de Vénus. Ao contrário da Terra, cujos detalhes da superfície podiam ser vistos por entre as manchas de nuvens, Vénus estava completamente coberto pelas suas nuvens sulfúricas. Era fascinante e Justine teve vontade de ficar a vaguear no espaço, para sempre, e explorar todas as maravilhas celestes do espaço.

Só que, Não o devia fazer. Muitas pessoas estavam a contar com ela.

Ao retornar ao seu corpo, Justine refletiu por um momento sobre os poderes que tinha adquirido e, como uma astronauta treinada, ela ligou a maior parte da informação.

Para navegar a velocidades luminais, seria necessário que o piloto tivesse a capacidade de sentir os faróis estelares, como se fossem um mapa de navegação. Ela assumiu que a *visão* clarividente, era um reflexo dessa

capacidade. A eletropatia seria um acréscimo. Embora ela não tivesse dados empíricos para fundamentar a sua teoria, fazia sentido que ela fosse capaz de traçar o curso correto de uma nave em estado quântico, durante o voo, utilizando a capacidade. Para além disso, esta seria necessária para quando uma nave em estado quântico, fosse devolvida ao estado normal, de modo a amortecer os motores e evitar uma reação kinemética secundária.

Ou, pensou ela, talvez conseguisse parar a reação sozinha, sem a ajuda de um amortecedor. Tinham que ser realizadas experiências, nesse sentido.

Ela não tinha a certeza, onde é que a memória visual melhorada entrava em cena. Poderia ser apenas um efeito colateral de se ser um ‘kinemat’.

Lembrou-se, de que era a palavra que Alex chamava a si mesmo e que também se perguntava, por vezes, se ainda seria humano.

Enquanto processava os pensamentos, ela continuava a banhar-se na radiação do Kinemet puro.

∞

Quando o Tenente Jeffries a encontrou e, gentilmente, lhe sacudiu o ombro, foi preciso um grande esforço, para não o ignorar e se afundar mais profundamente na influência do poderoso metal.

“Nós já controlámos o observatório.” Disse-lhe, quando ela abriu os olhos. “Todos os Cruzados estão na sala comum, juntamente com Gruber. Podemos mantê-los lá indefinidamente.”

“E o jovem que salvou a minha vida?” Perguntou ela.

“Gruber não disse uma palavra. Mas, um dos outros Cruzados disse que o nome do homem era Terry, mas que ele não era realmente um dos rebeldes. Você não vai acreditar: ele era o neto do Maia que tinha o pergaminho, nas Honduras. Eu não consegui saber a história toda, mas aparentemente, Klaus e Jose, o líder dos Cruzados, convenceram-no a roubar o pergaminho.”

Mais traição, pensou Justine.

O Tenente disse: “Você estava correcta, nós fomos mesmo transferidos para outra nave, a *Ultio*. É uma nave espacial mais avançada. Está na doca.”

“Presumo, então, que a *Diana* esteja perdida.”

O Tenente assentiu com a cabeça e, a seguir, disse: “Fizemos um inventário dos computadores do laboratório. A maioria foi destruída na luta e, se houve alguma gravação de dados, não conseguimos encontrá-la. Não há forma alguma, de recuperar o trabalho de Klaus.”

“Você encontrou o pergaminho?”

O Tenente balançou a cabeça. “Não há sinal dele. Ele pode ter sido destruído, quando Klaus obteve o que queria.”

“Bem,” disse Justine, “vamos ter que confiar, que os nossos cientistas possam fazer engenharia reversa... através em mim.”

Ele pareceu desconfortável, em recitar a parte seguinte do seu relatório e, só depois que Justine o pressionou, é que ele falou.

“Nós recolhemos todos os corpos; eles estão armazenados a frio.”

“Clive?”

“Sim. Ele também. Sinto muito por isso.” Disse o Tenente Jeffries, colocando gentilmente uma mão consoladora no ombro dela.

“Esqueça isso.” Disse Justine, empurrando os seus sentimentos para o fundo da mente. Ela pensaria sobre isso noutra altura, quando fosse mais capaz de lidar com o assunto. “Já contactou a Terra?”

O Tenente levantou a cabeça e fez um rosto inescrutável. “Há um atraso de cinco minutos nas transmissões por ASE, pelo que ainda não tenho todas as informações. Eu tenho o Soldado Genero na sala de comunicações. Mas por agora, porém, parece-me que vamos estar por nossa conta.”

Justine levantou-se. “O quê?”

“O Coronel Gagne disse que tudo começou com uma repressão nas Honduras. Aparentemente, os Cruzados lá, sequestraram o velho Maia e Michael Sanderson e mataram um americano, George Markowitz. O Sr. Sanderson conseguiu escapar, juntamente com o Maia. Os militares hondurenhos foram acionados e derrubaram os rebeldes. Aparentemente, os três descobriram o que era tão importante, acerca do antigo pergaminho. Provavelmente, a fórmula para... tornar alguém como você... esteve sempre lá.”

“Meu Deus.” Disse Justine. “George.”

Jeffries respirou fundo e continuou: “Mas essa informação vazou e agora a maioria das corporações países do mundo, sabe que alguém descobriu a solução para o Kinemet. Tanto a República Popular da China, como o Consórcio Árabe, estão a protestar como loucos.”

“Os árabes?” Disse Justine.

“Eu acho que, desde que a maioria dos países parou de utilizar o petróleo para combustível, eles estão à procura de uma forma de voltar novamente ao topo. Eles lançaram um ultimato para a partilha da tecnologia, sob a ameaça de hostilidades. De momento, o mundo está num impasse. As fronteiras de todos os países estão a fechar-se. Fala-se de uma guerra.”

Justine levou um momento para processar toda aquela informação mas, de imediato, os seus pensamentos voltaram-se para George Markowitz. Ela tinha-o encontrado algumas vezes. Outra morte sem sentido. E haveria muitas mais, se as coisas continuassem naquele caminho.

“Então.” Disse o Tenente Jeffries. “Qual é o plano, chefe? Sentamo-nos e esperamos?”

“O Coronel Gagne deu alguma ordem específica?”

“Nenhuma, para além de proteger e defender o Kinemet. Ele está à espera de ordens dos superiores, para tomar uma decisão.”

“Nesse caso, eu prefiro não ficar aqui sentada, à espera, sem fazer nada. Porque não carregamos este contentor novamente para a *Ultio* e regressamos à TEC?”

O Tenente pareceu surpreendido. “Para a TEC? Porquê para lá?”

“Você lembra-se daquele menino que eu trouxe a bordo, antes do sequestro?”

“Alex, aquele que você me disse para esquecer?”

Justine assentiu. “Sim, bem, ele está em apuros e eu acho que a única maneira de o salvar, é com este Kinemet.”

“Mas somos apenas quatro e há mais de quarenta rebeldes.” Disse o Tenente Jeffries. “Eu não tenho a certeza, de que podemos lidar com todos eles numa viagem de regresso.”

“Há comida e água suficientes aqui no observatório para, pelo menos, algumas semanas ou mais. É o tempo suficiente, para que a Corporação Espacial dos EUA chegue cá e trate deles.”

Tenente Jeffries levantou uma sobrancelha, parecendo inseguro.

Justine levantou-se e deu uma palmada na parte superior do contentor. Ela sorriu.

“Bem, você está no mesmo caminho que eu?” Perguntou ela. “Quer boleia?”

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Embora Michael quisesse trabalhar, durante o voo de dezasseis horas da Nova Escócia para a TEC, ele caiu exausto num sono profundo, logo após a decolagem e não acordou, até a nave começar a abrandar na aproximação.

Enquanto que, Yaxche, tinha achado as viagens em aviões comerciais, das Honduras para Toronto e de Toronto para Yarmouth, experiências terríveis, ele parecia ter sido talhado para as viagens espaciais. Afinal, não havia nenhuma turbulência no espaço.

Michael encontrou-o na sala de observação frontal da nave, sentado num sofá confortável, a observar a estação espacial de dois quilómetros de largura, a crescer lentamente, à medida que se aproximava. Estavam mais ou menos vinte pessoas na sala a assistir, num silêncio companheiro e contemplação hipnótica.

“Eu não consegui tirar os olhos da Terra, quando partimos.” Disse Yaxche ao seu tradutor, quando Michael se sentou ao lado dele. “Eu vi vídeos, no computador de bolso do meu neto, mas não é a mesma coisa. Eu sou um homem simples, de uma vila simples.” Ele apontou para a estação espacial maciça “Isto é como se fosse um sonho. Não é à toa, que os deuses residem aqui.”

“É viciante estar no espaço.” Michael cruzou uma perna sobre a outra e recostou-se, partilhando o momento. “Eu só estive algumas vezes. Esqueço-me sempre de como é bonito.”

Um hospedeiro entrou na sala e, olhou rapidamente para Michael. Ele aproximou-se, inclinou-se e, numa voz suave, disse: “Senhor, tem uma chamada da Terra.”

“Está bem, obrigado.” Disse Michael e com um sorriso para Yaxche, levantou-se e seguiu o hospedeiro até uma cabine de comunicação.

∞

Era Calbert.

“Eu não sei se você já viu as páginas dos noticiários,” disse o Presidente da Quantum Resources, “mas, os sobreviventes da *Diana* contactaram a Terra.”

“Os sobreviventes!” Disse Michael, em voz suficientemente alta, para que outros passageiros que também estavam a atender chamadas, virassem a cabeça, ao ouvir o som. O seu rosto ficou vermelho, não de constrangimento, mas de raiva e de preocupação.

“Quatro dos norte-americanos, incluindo a Major Justine Turner, conseguiram dominar um grupo de Cruzados, no Observatório Lucis, abandonado na Vénus Orbital e recuperar o Kinemet roubado.”

Michael deu um suspiro de alívio por Justine estar viva, mas mil perguntas inundaram a sua mente. Ele mordeu a língua, até Calbert ter acabado de relatar a história.

“Parece que os Cruzados, eram liderados por Klaus Vogelsberg e por Trent Gruber. Klaus foi morto durante um tiroteio, mas conseguiram capturar Gruber vivo.”

“Klaus?” Michael não ouvia esse nome há anos e tinha-o apagado completamente da sua memória.

“Sim. Aparentemente, ele tem traficado informações desde o sequestro da *Quanta* e, ao longo dos anos, conseguiu estabelecer uma rede de contactos na Terra e na Lua. Isto encaixa-se na sua teoria de que estava alguém por detrás disto tudo. De algum modo, ele conseguiu aliar os Cruzados à sua causa, bem como alguns outros. Neste momento, estão a investigar a casa deles na Estação da Lua.”

Ele explicou o que se passava mas, obviamente, que a história continha muito mais. “Já enviaram uma missão de resgate?”

“Ainda não.” Disse Calbert “Os prisioneiros estão fechados no observatório e a Major Turner e os soldados americanos estão a caminho da TEC, na nave de Klaus, a *Ultio*. Presumimos que a *Diana* foi desintegrada pelo Sol.”

“Já se descobriu, o que Klaus estava lá a fazer?”

Calbert sacudiu a cabeça. “Se os americanos sabem, estão a manter o assunto em sigilo até agora. Especialmente, desde que a República Popular da

China apresentou uma queixa oficial ao Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra contra a EUA, Inc.”

“Os chineses? Com que fundamento?” Perguntou Michael.

“Será que você vai acreditar? Estão a citar o Tratado de Proibição Nuclear de ‘42’.”

Michael pestanejou. “Eu não vejo como é que isso pode ser relevante.”

“Bem, o Kinemet é baseado em tecnologia nuclear. Eles exigiram provas, de que não o estamos a usar para fabricar armas.”

“Isso é ridículo!” Disse Michael.

A encolher os ombros, Calbert ergueu as sobrancelhas. “Há muitas empresas de países, que sentem que foram alienadas da tecnologia. Com tudo o que está a acontecer, na Terra, existe um interesse renovado em novas descobertas. Ninguém quer ficar para trás. O Conselho convocou uma sessão de emergência. De acordo com a DME, o movimento pode ser ratificado. É um movimento político.”

Michael não estava a gostar de como aquilo lhe soava. Ele não era contra a partilha de tecnologia. Se a humanidade fosse capaz de desenvolver plenamente viagens interestelares confiáveis, ele acreditava que todos na Terra, deveriam participar e beneficiar-se disso. No entanto, a política corporativa internacional, era famosa pelo seu ritmo lento. Antes que, alguém pudesse avançar com mais alguma pesquisa, ou desenvolvimento, a tecnologia poderia ficar suspensa durante anos, ou décadas, enquanto a comissão fiscalizadora decidia se o Kinemet representava um perigo, ou não.

“Você acha que podem ratificá-lo?” Perguntou, timidamente.

“Sim. Quem sabe, talvez eles já estejam a tentar desenvolver as viagens interestelares de forma independente e, não queiram competição.”

Michael perguntou: “Acha que eles podem ter ajudado Klaus?”

“Não sei. O nosso ‘*big brother*’ no sul, não nos está a fornecer nenhuma informação, neste momento. Talvez você consiga saber mais da Major Turner, quando ela chegar. Ele deve chegar durante o dia de amanhã. As Forças Espaciais Canadenses ofereceram serviços de proteção, para a ocasião. Eu conheço o comandante deles. Vou ver se consigo autorização, para que se reúna com os americanos.”

“Obrigado, Calbert.” Disse Michael.

“Ah. É verdade...” Disse Calbert, um pouco antes de cortar a ligação. “... Eu também falei com o reitor oficial da TEC e consegui que libertassem Kenny. Tecnicamente, ele quebrou o protocolo da Quantum Resources, por

não registar as suas actividades, mas vamos falar com ele sobre isso mais tarde. Ele jurou que só estava a recolher dados. O que aconteceu com Alex, foi algo completamente diferente.”

Com um aceno de cabeça, Michael disse: “Nós vamos desembarcar em mais ou menos uma hora. Vou ligar para ver se Kenny nos vem receber, no porto. Eu gostaria de recolher a história completa, diretamente dele.”

“Parece-me bem. Volto a contactá-lo amanhã, quando tivermos mais informações.”

“Até logo.” Michael fechou a ligação e correu novamente para a sala para assistir, com Yaxche, à aproximação final.

∞

Enquanto esperava que a sua bagagem fosse descarregada e chegasse através do transportador, na TEC, Michael ouviu Kenny a explicar o que tinha acontecido com Alex naquela noite, no seu apartamento.

“... E então ele contraiu-se e entrou em coma... só que...” acrescentou o físico, depois de um momento “...a Doutora Amma diz que é mais um estado de dissociação extrema, do que um coma. Ele responde a estímulos e, parece estar acordado. Contudo, a sua consciência não está lá.”

Yaxche, que estava a ouvir a explicação através do seu tradutor, disse: “Ele está numa caminhada do espírito.”

Kenny, a parecer genuinamente preocupado, perguntou, “Raymond disse que talvez você o possa ajudar; acha que consegue?”

“Vou tentar.” Disse Yaxche.

Enquanto Michael pegava nas malas, à medida que estas passavam por dele, Kenny disse: “Eles ligaram-no ao suporte intravenoso de vida e estão a alimentá-lo artificialmente. Mas ele está a enfraquecer. A explicação da médica, é que ele esteve em remissão nas últimas semanas, mas foi apenas temporária. Agora, qualquer que seja a doença que o está a deteriorar, está de regresso.”

Ele acrescentou: “E está a progredir.”

∞

Foi necessária alguma argumentação, para convencer o pessoal médico da enfermaria, a dar a Yaxche a privacidade que ele precisava, de modo a ver se, algum de seus rituais (que Michael denominou de procedimentos naturalistas,

na explicação à Dra. Amma), poderia ajudar Alex a regressar do seu estado.

A Dra. Amma não estava convencida e, no final, Michael teve que fazer outra chamada para Calbert, para conseguir a autorização para aquela tentativa.

Michael e Kenny estavam na sala, a ver Yaxche tirar alguns apetrechos para fora do saco que tinha trazido com ele das Honduras, incluindo um cocar esculpido à mão e decorado com penas e um xaile tecido com conchas do mar e osso. Ele pegou em duas varas de madeira, que chocalhavam quando as colocava ao lado da forma inerte de Alex.

Era necessário o uso de fogo, como parte dos rituais tradicionais de Yaxche, para ajudar a elevar o espírito aos céus, mas ele disse que se iria contentar com apenas algumas velas e incenso.

Alex parecia magro e envelhecido. Embora seus olhos estivessem abertos, olhavam fixamente para fora da cavidade escurecida. Ele parecia respirar normalmente, mas fazia gemidos, quase impercetíveis, de vez em quando. Quando Michael agarrou a mão do menino, sentiu-o frio e apático.

“Eu tenho que ir ao mundo dos sonhos do espírito.” Disse-lhes Yaxche, quando tinha tudo organizado. “Depois, vou tentar comungar com o Viajante do Espaço. Isto pode levar algum tempo. Certifiquem-se de que não somos interrompidos.”

Michael avaliou o velho Maia por meio minuto, à espera que o ritual começasse, quando Kenny lhe bateu no braço. “Eu acho que ele também quer que saíamos.”

Yaxche deu-lhes um sorriso aberto e esperou pacientemente que Michael e Kenny saíssem da sala, antes de voltar ao ritual.

Do lado de fora, Michael parecia indeciso.

“Umh.” Disse Kenny, limpando a garganta. “Raymond disse que terminaram a análise inicial da Canção das Estrelas e que os dados foram transmitidos, para os nossos computadores. Importa-se, se eu for analisá-los?”

Michael sorriu e olhou para o relógio na parede do painel holográfico. “Sem problema. Eu acho que vou buscar qualquer coisa para comer e, esperar que a *Ultio* ataque.”

Mas Kenny, sempre com uma postura de cientista, já estava a meio do corredor, antes que Michael terminasse a frase.

Michael não teve que esperar muito tempo. Estava na sala de espera do porto de ancoragem há menos de meia hora, quando os monitores suspensos se ligaram, para anunciar a chegada da *Ultio*.

Demorou alguns minutos para eles terminarem os procedimentos de acoplamento e, quando os portões se abriram, para permitir que os passageiros desembarcassem, Michael aproximou-se para cumprimentar os sobreviventes.

Todavia, antes que desse dois passos, um pequeno pelotão de soldados da Força Espacial Canadense, armados com caçadeiras de feixes de iões, vinha a marchar pelo corredor.

Antes do incidente da Estação da Lua, com Chow Yin, a Terceira Estação do Canadá tinha apenas um pequeno contingente de cinco oficiais da paz, cujo papel principal era policiar os mineiros espaciais sazonais, quando eles saíam de bordo para vir a terra. Separar uma briga num bar, era a maior ação que muitos deles já tinham visto.

Desde então, porém, os militares tinham enviado um pelotão de trinta e seis soldados para reforçar a defesa interna e, fornecer segurança adicional a todos os visitantes internacionais da estação.

Michael não reconheceu nenhum dos soldados, mas eles obviamente que sabiam quem ele era. Quando se aproximaram, eles viraram-se para ele e, o primeiro homem levantou a mão direita em contingência.

“Senhor.” Disse ele. “Cabo-mor Bixby.”

Enfastiado, Michael levantou a mão, numa tentativa de devolver a saudação “Michael Sanderson.”

“Senhor,” disse o Cabo-mor, num tom militar cortado “fomos destacados para escoltar os sobreviventes americanos sequestrados, durante a sua paragem na estação. O Ministro da DME informou-nos que você também os acompanharia.”

“Oh!” Michael fez uma careta. “Você acha que eles estão em perigo?”

O soldado sacudiu rapidamente a sua cabeça e fez um sorriso superficial. “É só por precaução, senhor.”

Quando a porta principal da ancoragem se abriu, Michael olhou para cima e viu Justine e três homens, todos com o aspeto de terem passado numa zona de guerra, a entrarem e a procederem ao *scan* de identificação, um de cada vez.

Depois de terem sido analisados e ilibados, Justine aproximou-se de Michael, esforçando-se por colocar um largo sorriso na sua expressão

cansada. Ela deu-lhe um abraço, que ele retribuiu com tanta emoção quanto a dela.

No início, Michael não tinha notado que Justine não trazia a sua ligação óptica, nem o FatoPers vestido. No entanto, tinha-o visto imediatamente e caminhado em direção a ele sem qualquer hesitação.

“Justine?” Embora o seu primeiro instinto, fosse perguntar como é que ela estava e dizer-lhe que estava feliz por ela estar bem, ele deu por si a deixar escapar: “Você consegue ver?”

Ela soltou uma gargalhada curta e sorriu-lhe. “Eu ainda sou cega... Mas... sim, eu consigo ver.”

“Como...?” Ele olhou primeiro para um olho, depois para o outro. As suas íris não apresentavam nenhuma alteração detetável. Os olhos dela estavam sem foco, distantes.

Justine deu-lhe uma leve palmada no braço. “Mais tarde eu explico-lhe. Podemos ir ver Alex, agora?”

Michael balançou a cabeça. “Daqui a pouco. Yaxche está com ele.” Ele detetou uma expressão súbita de dor, na expressão de Justine. Precisavam de um lugar para conversar, em privado. Ele estava demasiado consciente de inúmeros olhos a observá-lo.

“Hum, estão todos bem?” Por sua vez, ele olhou para cada um dos soldados norte-americanos. Um deles parecia muito ferido, evidenciando várias contusões na bochecha e na testa. O Tenente estava a apoiá-lo com o braço e o último soldado tinha um olho inchado e fechado.

O Cabo-mor apresentou-se rapidamente a Justine e aos outros e disse: “Nós temos uma sala reservada na enfermaria. Se vocês me seguirem, vamos tratar de vocês e alimentá-los com uma refeição quente. Depois podem contactar a Terra, para fazer o vosso relatório. Fui informado, de que estão vários diretores da EUA, Inc. e oficiais da NASA reunidos na capital, para vos ouvirem.”

“Eu estou bem.” Disse-lhe Justine. “Não preciso de cuidados médicos. Se não lhe fizer diferença, eu gostaria de conversar com o Sr. Sanderson, enquanto você trata dos outros.” Ela virou a cabeça em direção ao Tenente Jeffries, que assentiu com a cabeça.

O Cabo-mor Bixby chamou um dos seus homens. “Aqui o Soldado Ludwig, vai acompanhá-los até à nossa sede. Nós temos uma sala de conferências configurada para interrogatórios, se a quiserem usar.” Ele observou Michael, com um olhar escrutinador. “Mas também temos

gabinetes mais pequenos, se preferirem.”

Justine e Michael seguiram o Soldado, enquanto quatro dos soldados canadenses se colocaram à volta da entrada para o cais, onde a *Ultio* estava e os restantes homens levavam os soldados norte-americanos para a secção médica.

∞

“Será seguro falarmos aqui?” Perguntou Justine, quando Michael fechou a porta de um pequeno escritório. Alguém atencioso, tinha trazido um termo de café e um prato com sanduíches e vegetais.

Michael observava, enquanto Justine pegava habilmente numa cenoura e a mordida com um estalo.

“Razoavelmente.” Respondeu ele. “Então, comece você primeiro. Você consegue ver...?”

“O que eu estou prestes a dizer-lhe, provavelmente, será tratado como confidencial, assim que o reportar à Terra.” Justine sentou-se e respirou fundo. “Klaus descobriu a fórmula para converter um ser humano, num ‘kinemat’. E...” acrescentou com uma pausa dramática “...eu sou a prova disso.”

“O quê? A prova? Quer dizer que você está...?” Mais de cem perguntas, tentaram sair da sua boca ao mesmo tempo. Michael puxou um banco e deixou-se cair nele, sempre sem tirar os olhos de Justine. “Talvez deva começar pelo início.”

Ela assim fez e retransmitiu tudo o que tinha acontecido, desde a altura em que, tinham sido sequestrados até regressarem à TEC, incluindo que não tinha sido capaz de localizar o pergaminho.

Quando terminou a sua história, Justine disse: “O Coronel Gagne ficou aborrecido, quando descobriu que estávamos a dirigir-nos para aqui e não para a Terra. Eu disse-lhe que tínhamos pouco combustível. Não acreditou em mim, mas que escolha tinha ele, senão organizar o nosso desembarque aqui?”

“Porque é que vieram para aqui?” Perguntou Michael.

“Eu sabia que Alex estava em apuros. Quando estive em estado quântico, pude sentir que a sua consciência estava separada do seu corpo físico.”

“Sim.” Concordou Michael. “E, uma vez que ele está em estado de dissociação, o seu corpo está a deteriorar-se. Yaxche diz que está a tentar comunicar-se com Alex, para ver se o pode trazer de regresso. Não me peça

para lhe explicar como. Não estou certo de que acredito nesse tipo de misticismo, mas não tive mais nenhuma ideia. Você não teria vindo para aqui, sem uma ideia. Qual é?”

“Antes de eu lhe dizer, é a sua vez.” Disse Justine. “Atualize-me. Estive isolada durante uma semana.”

“Eu conheço a sensação.” Disse Michael, de forma enigmática e, então, contou a Justine o que tinha acontecido durante a sua ausência.

Começando com o ASE de Alex, quando ele passou pelo primeiro episódio dissociativo, Michael contou-lhe os acontecimentos, até à sua captura e fuga nas Honduras. Quando lhe falou da morte de George, as suas palavras ficaram presas na garganta e ele serviu-se de outra chávena de café.

“A situação política na Terra tem vindo a agravar-se, nos últimos dias.” Disse ele, em conclusão. “As pessoas não são estúpidas. Já descobriram que houve desenvolvimentos relativamente ao Kinemet e estão a exigir que sejam publicados. A economia mundial está em farrapos, as viagens interestelares viáveis poderiam ser um tiro no pé, hajam ou não *alienígenas* no espaço. Se as corporações de países do mundo soubessem sobre as várias experiências desenvolvidas e levadas a cabo, a situação só poderia piorar. Você vai contar aos seus superiores, que foi transformada?”

Depois de um momento, Justine respirou fundo. “Eu não sou diplomata e não tenho nenhuma vontade de o ser.” Disse ela. “Eu vou fazer o meu relatório e deixar a política para eles. Enquanto isso, temos que ajudar Alex, porque o tempo está a esgotar-se.

Como já disse, quando eu enviar o meu relatório para o Conselho de Administração da EUA, Inc., o gato estará fora da caixa. Todos nós vamos entrar em isolamento e, depois, pode muito bem ser tarde demais para Alex.”

“O que é que quer dizer?” Perguntou Michael. “Você sabe de alguma coisa por causa de... daquilo que aconteceu consigo?”

“Acho que sim.” Ela levantou-se e caminhou, reunindo os seus pensamentos. “Eu não tive muito tempo para explorar os meus novos poderes mas, sempre que utilizei, qualquer uma das capacidades extra-sensoriais, posso afirmar que estava a usar a radiação kinemética, como combustível. Já aconteceu antes e, fazer Alex estar próximo do Kinemet, pode revigorá-lo mais uma vez. Eu sei que, quando me afastei da radiação, senti uma fome incontrolável. Eu acho que, se não me reabastecer com Kinemet, a minha saúde também se deteriorará, como a de Alex.”

“Então você acha que, trazer Alex para perto de algum Kinemet, irá fazer a

sua consciência regressar?” Perguntou Michael.

Justine encolheu os ombros. “Talvez. Eu acho que vale a pena tentar.”

“Não há forma de podermos descarregar o Kinemet aqui.” Disse ele, pensando em voz alta. “Se estiver algum segurança da estação a ver, irá denunciar-nos ao governo. E, se nós deslocarmos Alex para fora da enfermaria, as enfermeiras irão acionar um alerta.” Michael mordeu o lábio inferior.

“Então, ainda bem que eu planeio com antecedência.” Disse Justine. Ela enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno dispositivo de controlo. “Klaus deu-me a ideia. Ele usou um amortecedor kinemético em mim, para me impedir de ser capaz de utilizar as minhas habilidades.

Pensei que, se eu estivesse a emitir alguma radiação na estação de segurança, eles iriam notar, por isso, montei um dispositivo de amortecedor em mim para me esconder. E...” ela enfiou a mão no outro bolso e tirou um pequeno disco de metal, preso a uma corrente de ouro. “...Algum Kinemet, disfarçado como um medalhão se alguém perguntar. Isto deve ser o suficiente para irradiar Alex. Pelo menos, pelo tempo suficiente de descobirmos qual será o nosso próximo passo.”

Michael levantou-se. “Então do que estamos à espera?”

∞

No caminho de regresso à área médica, Michael parou num balcão de comunicações e ligou para Kenny, no laboratório da QR. O cientista respondeu quase imediatamente, mas pareceu ficar irritado com a interrupção, até ter reconhecido o seu interlocutor.

“Sim, Sr. Sanderson?”

“Trate-me apenas por Michael. Como é que se está a entender com os dados de Raymond do pergaminho? Espero que tenha feito cópias de tudo.”

“Claro.” Disse Kenny, a franzir os lábios de aborrecimento com a sugestão. “São feitas, continuamente, cópias de segurança de todos os dados.”

“Só estava a confirmar.” Disse Michael, levantando a mão em sinal de desculpas. “O que é que descobriu?”

“Estamos a trabalhar com a teoria da vibração e da frequência. Talvez o Kinemet seja sensível às vibrações do som.”

“Tente converter frequências de som, em frequências de luz.”

“Essa não é realmente uma metodologia física válida. Não há nenhuma

correlação direta para...” O rosto de Kenny congelou no meio de uma palavra, à medida que se tornava claro para ele. “Funcionou, não foi?” Com os olhos arregalados, ele disse: “Alguém solucionou o mistério, não foi? Resultou com um dos americanos?”

“Por enquanto, isto é tudo o que lhe posso dizer.” Disse Michael, reprimindo um sorriso. “Vamos até à enfermaria ver Alex. Você pode vir ter comigo.”

Ele nem sequer teve tempo de se despedir, antes que Kenny cortasse a ligação, provavelmente, para ir executar mais algumas simulações no computador.

∞

Eles pararam à porta do quarto de Alex e Michael bateu, gentilmente, antes de abrir uma fresta. Ele não queria quebrar a concentração de Yaxche, mas a sua cautela não foi necessária. O velho Maia estava sentado numa cadeira no canto, a sua cabeça pendia de exaustão. Ele olhou para cima, quando Michael entrou.

“Eu tive um sonho.” Disse ele e, de seguida, reparou em Justine. “Olá, Viajante do Espaço. Eu vi-a no meu sonho.”

“Ah.” Disse Michael. “Esta é Justine. Ela era a Capitã da nave que resgatou Alex, em Plutão. Justine, este é Yaxche.”

Ela aproximou-se e apertou as duas mãos à volta de Yaxche. “Eu sinto muito ter que ser eu a dizer-lhe...” Começou a dizer.

“O meu neto deixou este mundo.” Disse o velho Maia, como se já soubesse a verdade. Ele manteve uma expressão estóica, mas os seus olhos evidenciaram um aperto e, ele desviou o olhar, deixando escapar uma lágrima.

Justine disse: “Ele morreu a salvar a minha vida.” Embora ela não tivesse a capacidade de ver com os seus olhos, tentou transmitir o que o sacrifício significou para ela.

Yaxche apertou a mão dela e assentiu. “Eu não esperaria menos. Te’irjiil era um bom rapaz.”

“Você vai ter que me falar mais dele.”

Yaxche assentiu. “Sim. Um dia vamos sentar-nos juntos e vou contar-lhe a sua história.”

Justine apertou os lábios e assentiu com a cabeça. E depois virou-se para onde Alex estava na cama e disse: “Vamos ver se isto funciona, não é?”

Ela retirou o amuleto de Kinemet e colocou-o no peito de Alex, colocando a farda do hospital por cima do metal.

Os sinais vitais de Alex dispararam imediatamente e, a máquina de diagnóstico ao lado da cama apitou. O seu pulso acelerou. Pouco a pouco, os sinais foram normalizando.

Rapidamente Michael inclinou-se e olhou nos olhos de Alex, mas não havia dilatação das suas pupilas.

“Ele parece ter melhorado.” Disse Justine, com uma voz suave. “Parece que leva algumas horas, até que ficamos totalmente recarregados.” Ela balançou a cabeça e levantou um canto da sua boca, num meio sorriso. “Eu digo que é como se fossemos baterias, ou algo do género.”

Só que, ao fim de mais alguns minutos, ainda não havia sinal de que a consciência de Alex tivesse voltado a residir nele. O corpo sobre a cama, ainda era uma concha vazia.

Percebendo que Yaxche não lhes contou os detalhes do seu sonho, Michael virou-se para ele. “Será que isto vai funcionar?”

Sempre paciente, Yaxche retomou a sua posição na cadeira. O tradutor fez o seu melhor, para transmitir o significado das suas palavras: “O metal dos céus irá curar o corpo, mas não o espírito. O Viajante do Espaço foi sempre duas partes de um todo. A sua metade espírito está assustada e vai correr para o esconderijo mais seguro que conhece.”

Michael perguntou: “E onde é?”

“No meu sonho, eu vi uma pequena estação como esta, apontada para três sóis.”

Michael adivinhou “O Sistema de Centauri.”

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, a Dra. Amma correu para o quarto, com uma enfermeira e dois assistentes. Ela parou, quando viu Yaxche no seu traje cerimonial.

Michael notou que Justine, que estava de pé ao lado de Alex, habilmente estendeu a mão e agarrou no disco do Kinemet.

“O que é que está a acontecer?” Exigiu a Dra. Amma. “Os monitores estão frenéticos e...” Ela viu Alex a parecer robusto e a respirar regularmente, outra vez e, correu para o seu lado. Rapidamente, verificou os seus sinais vitais manualmente e, a seguir, olhou para Michael, Justine e Yaxche.

“Eu não compreendo. Todos os seus sinais parecem estar normais. Mas ele ainda está num estado de dissociação. O que é que vocês fizeram?”

A balançar a cabeça, Michael disse: “Oh, nada. Só estávamos aqui de pé, a

conversar.”

A médica fez um sinal para a enfermeira. “Eu preciso de fazer alguns testes. Pode trazer-me o sequenciador?” Depois ela enxotou os três, com um aceno de mão.

∞

Na sala de espera, eles estavam para se sentar, quando apareceu uma das rececionistas.

“Michael Sanderson?” Ela perguntou.

“Sou eu.”

“Temos uma chamada para si. Posso transferi-la para aquele balcão.”

“Obrigado.” Disse ele, dirigindo-se rapidamente para lá.

A chamada era de Calbert e ele parecia atormentado.

Michael perguntou: “O que é que está a acontecer? Está tudo bem?”

“Não. O Conselho Empresarial da União de Corporações da Terra fez um embargo contra todas as experiências cinemáticas, até que se possa determinar, se o Kinemet representa um risco para a segurança da população mundial.”

Incapaz de acreditar no que estava a ouvir, Michael abriu a boca, mas não conseguiu articular nenhuma palavra.

Calbert disse: “Sim. Aconteceu muito rápido.”

“E eles têm apoio unânime?”

“Quase. As únicas empresas de países que se opuseram, foram a EUA, Inc., a Corporação do Canadá e a Federação Alemã.”

“A Alemanha?”

“Estão a ser aparecer imensos boatos. Acidentalmente, circulou a informação sobre o autor do sequestro da *Diana* e, a Federação denunciou Klaus, como um cidadão exilado a trabalhar por conta própria. Eles estão apenas a proteger-se.”

“Essa pode ser uma definição.”

“Assim que recebermos a notificação oficial,” continuou Calbert, “seremos obrigados a colocar os Laboratórios da QR na TEC, em quarentena.”

“E os nossos locais de pesquisa com base, na Terra?” Michael podia sentir seu rosto a corar, de indignação.

“Por agora eles estão focados na TEC. É uma cortina de fumo. Alguém está convencido, de que já descobrimos a solução para a tecnologia. E eles têm razão, Raymond diz que Kenny acha que tem uma teoria viável.

Podemos estar a poucos meses, de se realizarem experiências com seres humanos.”

“Não, se eles nos bloquearem.” Disse Michael, num resmungo.

Calbert modelou a sua voz para um tom mais baixo. “E há mais. Os Conglomerados Árabes, propuseram o envio de uma equipa de observadores da Estação da Lua, para garantir que se está a cumprir o decreto do CEUCT.”

Michael não podia acreditar no que estava a ouvir. “O quê?”

“Eles já estão a caminho. Devem chegar daqui a seis horas.”

“Você tem que fazer alguma coisa para os impedir. O que é que Ottawa disse?”

Calbert inclinou a cabeça. “Para colaborarmos. Estamos sob o escrutínio do tribunal do mundo. Se recusarmos nesta altura, estaremos a admitir que temos vindo a esconder a tecnologia.”

Rangendo os dentes Michael disse: “Se começarem a bisbilhotar, eles vão descobrir acerca de Alex e de tudo o resto...”

Ele estreitou os olhos. “Calbert, preciso de ir...No entanto, tive uma ideia , só que penso que você não irá aprovar. Se nós...”

“Não.” Disse Calbert. “Não me conte. Já estou a ver o encadeamento das coisas. Tudo o que você fizer, eu tenho que ser capaz de negar que tive conhecimento disso.”

Isso fez com que Michael sorrisse pela primeira vez, naquela conversa. “Está bem. Se você não tiver notícias minhas, é porque funcionou.”

“Boa sorte.”

Michael cortou a ligação e dirigiu-se rapidamente para a sala de espera, onde Yaxche e Justine estavam a falar em voz baixa. Eles olharam para ele, enquanto se aproximava.

Ele resumiu o que estava a acontecer e disse: “Justine, não posso envolvê-la nisto, mas tenho que manter Alex, Kenny e toda a nossa pesquisa sobre o Kinemet, afastados dos observadores árabes.”

Não demorou muito tempo para descobrir o seu plano e ela empenhou-se em fazer parte dele. “Colocar-nos fora da estação, é apenas metade do plano. Alex precisa de mais Kinemet e eu sei onde está guardado um pequeno arsenal.”

Michael observou o seu uso da palavra “nós” e sentiu uma onda de orgulho.

Justine disse: “Um desvio, é uma jogada justa. Como é que você se sente a comandar uma nave pirata?”

Yaxche deu-lhes um sorriso divertido, ao ouvir a tradução.

**Terceira Estação do Canadá:
Ponto de Lagrange 4:
Órbita da Terra:**

Justine sabia que, tanto o Conselho de Administração da EUA, Inc., como os representantes da NASA e alguns generais das Forças Armadas dos EUA, estariam à espera que ela fizesse uma ligação em ASE, da sala de conferências para a Terra, para lhes fazer um relatório, dentro de aproximadamente uma hora. Este era apenas o primeiro, de vários problemas.

Ela precisava de ganhar tempo, mas para isso, precisava de ajuda.

Quando os três se aproximaram da enfermaria, ela disse “Precisamos de fazer um desvio rápido.”

Michael virou a cabeça para ela, sem abrandar o passo. “Ah?”

“O Tenente Jeffries e os outros devem estar algures por aqui. Vamos ver como é que eles estão.”

Prestes a dizer algo, Michael fechou a boca e deu-lhe um leve aceno de cabeça.

Eles encontraram o Tenente, numa das salas onde os seus homens convalesciam. O Soldado Genero tinha o braço engessado e o Soldado Hodges tinha vários pontos na testa. Estava apenas um soldado canadense a guardar a sala e saudou-os, quando passaram.

O Tenente levantou-se, quando eles entraram e deu a Justine um sorriso brilhante. Os outros dois começaram a levantar-se, mas Justine acenou-lhes, para que permanecessem sentados.

“Olá, Major.” Disse o Tenente Jeffries. “Estamos só à espera que um dos médicos nos dê alta e, depois estaremos prontos para fazer o relatório.”

“É sobre isso mesmo, que gostaria de falar consigo.” Disse ela. “Eu quero que você vá à reunião, mas que lhes diga que eu não posso estar presente.”

“Desculpe, senhora?”

“Basta dizer-lhes, que há algumas complicações de saúde devido a ter estado refém e, que os médicos me estão a manter aqui, durante a noite, para observação.”

O Tenente conseguia ver claramente, que não havia nada de errado fisicamente com Justine e os seus olhos estreitaram-se, em suspeita.

“Surgiu algo muito importante.” Disse Justine. “Eu não lhe posso dizer o que é, mas se você não me ajudar nisto, tudo o que passámos em Vénus, terá sido em vão.”

Ele pestanejou e depois tomou uma decisão. “Claro que a vou ajudar.”

“Obrigado.” Disse ela e, a seguir, falou com os dois soldados. “E quanto a vocês? Estão aptos para o trabalho?”

“Sim, senhora.” Disse o Soldado Genero e o Soldado Hodges também balançou a cabeça.

“Ainda bem,” disse ela “porque eu vou precisar de um de vocês, para ser um manequim.”

O Soldado Genero abriu a boca surpreendido, mas as palavras não saíam. Justine sorriu para ele.

Tenente Jeffries riu-se “Vic, acho que você acabou de se voluntariar.”

“Se você puder dispensar o Soldado Hodges,” disse Michael, “eu acho que vou precisar de ajuda nos Laboratórios da QR.”

“Calbert ou Raymond ainda não contactaram Kenny?” Perguntou Justine.

“Sim.” Michael deu-lhe um olhar estranho. “Mas eu tenho uma ideia louca e vou ter que passar por ele.”

Justine assentiu. “Está bem.” Ela disse-lhes. “O plano é o seguinte...”

∞

Justine esperou que o Tenente Jeffries saísse da sala e falasse com o soldado canadense, colocado à porta.

Ela direcionou a sua *visão* para o corredor e assistiu.

“Soldado Johnson.” Disse o Tenente, ao jovem. “Será que me pode mostrar o caminho, para a sala de conferências, aquela que vocês prepararam no quartel?”

“Mas, só a si? Senhor?”

“Infelizmente, os meus homens ainda não receberam alta médica e, eu não posso esperar mais.”

“Sim, senhor.” Disse o Soldado, levando o Tenente Jeffries para lá.

Justine deslocou a *visão* novamente para a sala e acenou para Michael e para o Soldado Hodges. “Vocês podem ir.”

Michael sorriu e saiu da sala, juntamente com o Soldado.

Justine disse a Yaxche e ao Soldado Genero: “Vamos fazer a nossa parte.”

∞

Quando Justine entrou, a Dra. Amma era o único membro da equipa médica, no quarto de Alex. Ela tocava e andava silenciosamente com os dedos às voltas, no controlo táctil do seu painel holográfico, a atualizar o gráfico do seu paciente.

“Como é que ele está?” Perguntou Justine, em voz baixa.

A médica olhou para cima rapidamente e, de seguida, voltou a digitar. “Se eu acreditasse nesse tipo de coisas, diria que é um milagre. É uma outra remissão completa. Fisiologicamente, ele está em perfeitas condições. Mas é como se a sua mente tivesse sido desligada. Isto não tem precedentes.”

Ela continuou a atualizar as suas notas e, pareceu a Justine que ela estava lá, para ficar.

Embora ela precisasse de ter cuidado ao usar os seus talentos kineméticos, para o caso dos sensores da estação detetarem alguma anomalia, Justine, com um mero lampejo de pensamento, focou a sua eletropatia no painel holográfico da médica.

A tela desligou-se e a Dra. Amma retirou a mão. Ela sacudiu o *tablet* e, quando isso não teve efeito, pressionou o botão algumas vezes para o ligar.

“Maldição.” Praguejou. “Se me dão licença, preciso de ir buscar outro painel holográfico.” E com uma expressão irritada no rosto, ela saiu a correr.

Justine viu-a desaparecer pelo corredor e depois sinalizou na outra direção. Yaxche empurrou o Soldado Genero na cadeira de rodas, à sua frente. O Soldado estava vestido com um robe de hospital e tinha a cabeça embrulhada com um curativo, que cobria metade do seu rosto, pendente, como se estivesse a dormir.

A enfermeira de serviço olhou para cima, enquanto eles percorriam lentamente o corredor e, rapidamente, acenou para os dispensar.

Quando os dois estavam dentro do quarto de Alex, o Soldado Genero despiu o seu robe e tirou a ligadura da cabeça. Com o braço bom, ele ajudou Justine a vestir Alex com o robe e a colocá-lo na cadeira de rodas. De seguida, o Soldado instalou-se na cama de Alex.

“Você tem que relaxar.” Disse Justine enquanto tirava os cabos de

diagnóstico, ainda presos ao peito de Alex.

Ao fim de um momento, o Soldado Genero assentiu. “Está certo. Eu estou bem.”

Num único movimento hábil, Justine transferiu os sensores de Alex para o Soldado Genero e o monitor de diagnóstico apitou apenas uma vez.

Yaxche tomou mais uma vez as suas funções, como condutor de cadeira de rodas e empurrou Alex para o corredor.

“Obrigado.” Disse Justine ao Soldado Genero. “E, se eles lhe causarem problemas, basta dizer-lhes que só estava a receber ordens e, não fazia a mínima ideia, do que estava a acontecer.”

“É a verdade.” Disse o Soldado Genero, com um sorriso. “Boa sorte, minha senhora.”

Justine deu-lhe mais um sorriso e depois foi atrás de Yaxche.

∞

As coisas estavam a progredir de acordo com o plano mas, quando ela e Yaxche estavam a chegar à frente da estação do porto, a sorte deles virou.

Estavam vários homens fardados, em correria, a estabelecer um perímetro. Justine não conseguia ver civis na área.

“Desculpem, amigos.” Disse um soldado, ao ver o trio. “Temos ordens para vedar a área pelo resto do dia. Se vocês tinham um voo, foi adiado para amanhã.”

“Não, nós estávamos só a passear.” Disse Justine e sorriu com benevolência. De seguida, virou-se e praguejou, debaixo da sua respiração.

Regressaram ao corredor principal. Yaxche observou-a, pacientemente, enquanto caminhavam.

Aproximando-se de um balcão de comunicações, ela tentou ligar-se aos laboratórios da QR.

A rececionista, parecendo atormentada, respondeu. “Posso ajudá-la?”

“Michael Sanderson, por favor.”

“Sinto muito. Ele já saiu.”

Justine apertou os lábios. “Sozinho?”

A rececionista parecia claramente desconfortável em responder à pergunta, mas disse: “Não, ele estava com Kenny e com um soldado. Eles foram...” A sua cabeça aproximou-se da câmara. “Você é a Major Turner?”

“Sim.”

“Oh, desculpe-me, eu não a reconheci. O Sr. Sanderson deixou uma

mensagem para o caso de você ligar. Ele disse...” Ela olhou para a outra tela, como se estivesse a verificar as suas notas “...Procure por mim.”

A rececionista torceu o nariz. “Eu não sei o que é que isso significa.”

“Obrigado.” Disse Justine e cortou a ligação.

Utilizar a sua *visão* para encontrar uma pessoa, em centenas, na estação, era como procurar por uma agulha num palheiro. Michael não teria dito aquilo, a menos que soubesse que o poderia localizar de alguma forma.

Ela respirou fundo, expandiu os seus sentidos e, quase imediatamente, sentiu o padrão de assinatura de um objeto irradiado pelo Kinemet.

Incidindo sobre ele, viu Michael, Kenny e o Soldado Hodges a empurrar um grande veículo de carga pelo corredor, dois andares abaixo dela. Havia algo mecânico no carro, mas estava coberto por uma folha de plástico preto. Fosse o que fosse, tinha entrado, de alguma forma, em contacto com Kinemet.

Rapidamente, sondou o caminho para a área de carga. Viu grupos de trabalhadores, mas não havia sinal de soldados.

“Vamos lá.” Disse ela em voz baixa, para Yaxche. “Vamos pela porta das traseiras.”

∞

Quando ela alcançou as portas principais da doca do espaçoporto, Michael e os outros, já lá estavam à espera.

“Eu tinha esperança que você descobrisse.” Disse-lhe Michael e, bateu no objeto no carrinho.

“O que é isso?”

Kenny respondeu: “É um protótipo de uma unidade quântica. Totalmente funcional. Precisamos apenas de combustível e, de algumas horas, para o ligar aos sistemas principais da nave.”

“Onde é que você conseguiu arranjar uma unidade quântica?”

Kenny sorriu. “Não se esqueça de que a Quantum Resources projetou o primeiro motor. Nós estávamos a trabalhar numa versão mais avançada, pouco antes de vocês americanos, venderem a vossa quota da Quantum Resources à Corporação do Canadá.” Ele disse aquilo, como se tivesse sido uma parte do processo. Obviamente que Kenny sentia que a data real da sua entrada na empresa, era irrelevante para o seu investimento pessoal na organização.

Justine virou-se para Michael. “Você não o vai trazer para bordo só para o

esconder do CEUCT e dos Árabes, não é?”

“Não.” Respondeu ele, com um sorriso selvagem no rosto. “Nós temos uma tonelada de Kinemet, uma unidade quântica e uma necessidade premente de trazer a consciência de Alex de regresso ao corpo. Você ouviu Yaxche: a essência de Alex está num mundo com três sóis. O que é que diz, você está pronta para isto?”

Justine deixou escapar um assobio baixo, com a ideia. “Temos uma nave não testada, uma unidade de velocidade da luz não testada e um piloto não testado. Fale-me acerca de estar às cegas.” Ela deu um leve aceno com a cabeça e uma gargalhada rápida. “Claro que estou apta.”

∞

Despertaram a atenção de algumas pessoas, que levantaram a cabeça, enquanto eles caminhavam ao longo da plataforma onde a *Ultio* esperava, mas que rapidamente voltaram ao trabalho. Justine tinha a certeza, de que elas tinham muito mais que fazer, com a limpeza de um espaço para a nave inesperada, do que preocupar-se com dois soldados fardados e dois cientistas a transportar uma carga.

Ela estava certa de que alguém iria perguntar, porque é que eles estavam com um indígena Maia em trajes cerimoniais, que empurrava alguém numa cadeira de rodas, mas não foram interrompidos.

Chegaram à ponte de carregamento da manga, que estava anexa à nave como um longo cordão umbilical, atravessaram o seu comprimento e, quando chegaram ao fim, Justine e o Soldado Hodges giraram o trinco, para levantar a porta do compartimento. Todos eles ajudaram a manobrar a unidade de Quantum para bordo e para a sala das máquinas.

Justine conduziu o Soldado para a ponte de carregamento.

“Está preparado para mais uma tarefa?”

“Sim, senhora.” Disse ele.

“Se conseguirmos fazer isto, praticamente todos os países corporativos, as agências de notícias e a força policial do Sistema Solar vão chamar-nos de traidores ou de piratas. Eu quero que você me faça um favor. E isso, tanto vale para o Tenente Jeffries, como para o Soldado Genero.”

“O que pedir.”

“Não nos defendam.”

Ele olhou assustado. “Desculpe?”

“Se vocês nos defenderem, isso irá incriminá-los. Agradeço por tudo o que

vocês fizeram, mas a última coisa que quero, é que eles vos processem. Eu disse ao Soldado Genero para ele dizer que não sabia de nada, que estava apenas a seguir ordens. Digo-lho o mesmo a si.”

“Não posso fazer isso.” Protestou ele.

“Pode não, deve! Tem que dizer-lhes que ameaçámos a sua vida. Talvez vocês três tenham a sorte de passar por isto, sem passar por um tribunal militar.”

Com a voz apertada pela emoção, o Soldado Hodges assentiu. “Sim, senhora. Compreendido.”

Ela sorriu-lhe. “Boa. Agora vá ter com o soldado mais próximo e denuncie-nos a ele.”

∞

A Terceira Estação do Canadá, servia principalmente como uma rampa de lançamento, para a Divisão de Mineração Espacial do Canadá. A sua função secundária era ser um complexo científico, com várias salas da estação arrendadas a empresas de países interessados, que não tinham os recursos para construir a sua própria orbital.

Servindo como um ponto de passagem, para os voos entre a Terra e a Lua, ocupava um distante terceiro lugar nos estatutos da estação.

Geralmente, havia uma quantidade considerável de tráfego de, e para a estação e era bem monitorizado.

Quando Justine preparou os motores iónicos da *Ultio* e desengatou os acoplamentos eletrónicos da ponte de carga, durou menos de um minuto, para que o controlo de voo desse o alerta.

“Oh, Olá, *Ultio*. Este é o Porto de Controlo da TEC. Vocês não foram autorizados a descolar. Por favor, identifiquem-se.”

Yaxche, sentado na cadeira do piloto, olhou para Justine, para ver o que ela faria.

Em vez de atender a chamada, Justine continuou a monitorar os sistemas da nave e a ajustar os níveis de energia.

Michael e Kenny estavam na sala das máquinas, a tentar instalar o mecanismo de *quantum*. Justine tinha colocado Alex no alojamento do capitão e tinha colocado o disco de Kinemet, novamente no seu peito.

O oficial do porto falou com autoridade. “Informamos: se vocês não se identificarem, não teremos escolha a não ser denunciar a vossa nave. Vocês serão interditados, em qualquer espaçoporto que tentarem chegar. Este é o

vosso último aviso.”

Yaxche apontou para o altifalante. “Não é educado ignorar alguém que está a falar consigo.”

Justine fez uma careta. “Sinto muito, Yaxche. Estou demasiado ocupada, no momento.”

“Posso?” Perguntou e Justine balançou a cabeça, levemente surpreendida. Ela apontou para os controlos no painel holográfico.

Yaxche inclinou-se para frente, virou o monitor de frente para ele e, pressionou o botão para ligar a abertura das duas vias.

O oficial do porto pestanejou, claramente surpreendido com o que viu. Yaxche ainda não tinha trocado o seu traje cerimonial.

“Ahyah.” Disse Yaxche ao homem. “Socorro.”

Encontrando a sua voz, o oficial do porto disse: “Quem é você?”

Yaxche deu ao homem um grande sorriso e, lembrando-se de falar para o seu tradutor, disse: “Eu sou Yaxche. Estou numa jornada para o céu.”

“Ah! Senhor? Você é a única pessoa a bordo? Consegue pilotar a nave?”

Yaxche encolheu os ombros. “Sinto muito, eu não sou capaz de fazer isso. Esta é apenas a segunda vez, que estou numa nave espacial.”

“Senhor, pressionou nalgum dispositivo que não devia?” Perguntou o homem. “Se estiver mais alguém nessa nave, por favor, traga-os para a consola. Você tem que virar a nave, agora.”

Yaxche disse “Você parece zangado. Talvez se praticasse meditação, fosse mais feliz. Eu poderia ensinar-lhe como meditar.”

Frustrado, o homem abriu a boca para emitir uma nova ordem, mas algo fora do alcance visual o distraiu e ele afastou-se durante um momento.

Quando o oficial do porto regressou, a sua voz assumiu um tom severo. “Senhor Yaxche. Eu não sei se é você que está a controlar a nave, ou não, mas acabei de ser informado que está uma nave militar a aproximar-se. De alguma forma, eles estão informados das vossas atividades e emitiram um aviso. Vire a nave e ataque agora, ou eles irão perseguir-vos e disparar contra vós...”

Quando ele terminou, Justine estendeu a mão e cortou a ligação de comunicações com a TEC e rapidamente passou os dedos sobre uma série de painéis holográficos. Quando o diagnóstico da nave não lhe forneceu a informação que ela queria, ela deu um passo trás, fechou os olhos e concentrou-se.

Ela usou a sua *visão* para analisar o espaço, na direção geral da Lua. O seu

corpo tremia com o esforço de se esticar contra os limites da sua capacidade, mas a nave que se aproximava estava demasiado longe. Foi por puro instinto, que ela mudou de estratégia. Embora ela não pudesse ver para além da faixa de cento e cinquenta quilómetros, ela podia sentir o Kinemet refinado, ou qualquer objeto que fosse irradiado pelo Kinemet, a uma distância muito mais afastada. Num minuto, encontrou o que procurava.

E praguejou.

Ela abriu uma ligação, para comunicar com a sala das máquinas. “Michael. Como é que está a correr a instalação?”

A sua voz era fina, como se ele estivesse a falar a alguma distância do microfone. Ele tinha ativado remotamente a consola de comunicações. “Oh, ainda mal começámos.”

“Não me parece que seja uma nave árabe.” Disse ela, com um tom ácido na sua voz “E eles não vêm da Lua.”

“O quê?”

“Não sei quem eles são, mas estão a vir de Vénus.”

“Vénus? Gruber?” Perguntou Michael, a especular.

“Não sei quem são, mas têm Kinemet refinado a bordo. Parto do princípio, que foi carregado em mísseis de longo alcance.”

“O quê?” Repetiu Michael e entrou no ecrã de vídeo. Tinha um lado do rosto manchado de graxa e de fuligem e segurava um laser de ferro na mão. “Eles estão a usar o Kinemet como uma arma nuclear?”

“Sim.” Disse ela. “Eles sabem que estamos a fugir e sabem da nossa trajetória. Eles vêm atrás de nós. Se dispararem os seus mísseis e nos atingirem, a explosão vai desencadear uma reação em cadeia no nosso Kinemet. Seremos vaporizados.”

“Porque é que eles nos querem destruir? Eles não querem a oportunidade, para obter de nós, o segredo do Kinemet?”

“Não, se eles já o souberem e, nos quiserem calar, para poderem ser os primeiros a desenvolver a tecnologia.”

Michael praguejou. Então disse: “Nós estamos a trabalhar tão rápido quanto podemos, mas a *Ultio* está a usar um sistema operacional proprietário. Kenny está a reescrever o código, enquanto eu instalo o motor. Você vai ter que nos dar pelo menos mais duas horas, até que tenhamos isto arranjado.”

“Segure-se bem, então.” Disse ela. “Eu vou colocar a nave em aceleração máxima, por dois minutos, cerca de três g’s de impulso. Vão levar pelo menos uma hora, para que a nave deles nos apanhe. Isso deve dar-vos outra

hora e meia, até que eles estejam dentro do alcance de mísseis.”

“Entendido.” Ele fechou a ligação e as mãos de Justine tornaram-se uma nuvem, sobre os controles.

Enquanto trabalhava, disse a Yaxche. “Você terá que ir lá trás e amarrar Alex. De seguida, amarre-se também. Vão ser dois minutos difíceis.”

“Turbulência?” Ele perguntou, com o rosto pálido.

“Sim. Algo Parecido.”

∞

Quando Justine se assegurou que todos os passageiros estavam seguros, mexeu os dedos sobre a consola tátil e disparou os propulsores iónicos.

A *Ultio* era basicamente um iate espacial reconcondicionado, originalmente projetado para o conforto dos seus passageiros. As naves da classe militar, utilizadas pela Corporação Espacial dos EUA, tinham um motor de hidrogénio muito mais poderoso e, capaz de um impulso maior. Por isso, Justine supôs que a nave inimiga estava equipada com algo semelhante e, que facilmente os poderia alcançar.

Após dois minutos, a velocidade da *Ultio* era menos de um décimo, do que a nave *Orcus* tinha sido capaz de atingir.

Eles estavam a correr contra o tempo e a parte pior era que, quando Justine desengatasse os propulsores, ficava completamente impotente. Não havia mais nada que pudesse fazer, a não ser esperar e torcer para que Michael e Kenny concluíssem a instalação, antes que os seus perseguidores os fizessem explodir pelo espaço.

Ao invés de se sentar sozinha no *cockpit* e deixar que a espera a enlouquecesse, ela decidiu ir verificar Yaxche e Alex. A cabine do capitão tinha uma estação de monitorização da ponte, para que ela pudesse vigiar.

Quando chegou lá, ela encontrou Yaxche sentado numa cadeira de pernas pequenas, que tinha puxado para perto da cama do capitão. Alex estava amarrado com segurança sob uma teia de tiras de lona e, embora ele estivesse perfeitamente imóvel, os seus olhos estavam bem abertos e sem foco. Era bem mais, do que apenas ligeiramente assustador.

“Como está o nosso paciente?” Ela perguntou num tom calmo, como se um barulho pudesse acordar Alex. Havia um pequeno recanto inserido numa divisória, onde estavam instalados uma mesa pequena e um banco de metal. Ela sentou-se no assento e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos.

Yaxche falou-lhe, mas os seus olhos estavam postos em Alex.

“Para nós, o mundo espiritual é um lugar sagrado. Os nossos sacerdotes meditavam toda a sua vida, para aprender a caminhar nos sonhos e comungarem com os deuses. Há uma história que me lembro do meu avô me contar, sobre um dos nossos homens santos, que tinha dominado o dom de entrar no mundo do espírito através dos sonhos. Ele preferia estar lá, do que estar no nosso mundo e, um dia, colocou os pés ao caminho e nunca mais voltou, embora o seu corpo tivesse permanecido no mundo Vivido até à sua morte.”

Justine pensou naquilo. “Você está a dizer-me que, mesmo se formos capazes de levar Alex para onde a sua essência estiver ancorada, ele pode não se recuperar? Pode não querer voltar?”

Yaxche fechou os olhos e assentiu. “É o meu medo. A Canção das Estrelas é uma coisa poderosa e, ao mesmo tempo, fascinante.”

Ele disse a verdade, Justine pensou para consigo própria. Quando estava em estado quântico, em Vénus, ela tinha ouvido o som assustadoramente belo, que emanava dos planetas no Sistema Solar. Cada voz era distinta, numa sinfonia majestosa. Numa das entrevistas a Yaxche, este tinha-lhe chamado a Música das Esferas. Ela suspeitava que esta, era uma maneira dos ‘kinemates’ serem capazes de navegar no espaço.

Naquela altura, por um breve momento, quando Justine concentrou os seus sentidos para fora dos limites do Sistema Solar, ela tinha tomado conhecimento do padrão dos faróis estrela, que sentiu no espaço estelar. Se fechasse os olhos, quase que podia ouvir a composição, muito mais poderosa e eterna, da Canção das Estrelas.

Se as estrelas eram as vozes etéreas, que tinham chamado Alex para casa, ao longo de todos aqueles anos, porque é que ele consideraria alguma vez voltar para o espaço normal? Seria como ter a oportunidade de estar no paraíso. O que poderia o mundo mortal ainda oferecer, em comparação?

Justine era demasiado nova nisto para chegar a alguma conclusão, muito menos ter teorias viáveis, sobre o impacto cósmico das transformações dela e de Alex. Ela não era um filósofo, um sacerdote, nem era um físico, que poderia explicar melhor o que estava a acontecer.

“Yaxche.” Disse Justine, depois de algum tempo. “Ocorreu-me que nunca lhe perguntámos se queria vir connosco. Na pior das hipóteses, podemos todos morrer; na melhor das hipóteses, se formos capazes de alcançar a velocidade da luz, levaremos mais de quatro anos até chegar a Centauri. Peça

desculpas, por não ter falado consigo antes.”

Passou um minuto inteiro, antes que Yaxche respondesse. “Eu sei que a minha filha me ama, mas ela construiu uma vida com seu marido e com as suas duas filhas. Ela não tem tempo para um velho como eu. Eu esperava que o meu neto, Te’irjiil, fosse seguir os meus passos e tornar-se um guardião da Canção das Estelas mas, depois que a sua pobre Itzel faleceu, ele afastou-se de todos. Agora que ele morreu, não tenho nenhuma razão para permanecer neste mundo.”

Ele olhou para Alex. “Exceto pelo Viajante do Espaço. Ele precisa da minha orientação e, enquanto ele precisar de mim, eu vou para onde ele for.”

Ambos ficaram num silêncio introspectivo e, então, sem Justine estar realmente consciente disso, adormeceu.

Ela deu um salto, de repente, quando o monitor remoto fez soar um alerta. “Aqui vamos nós.” Disse para ninguém em particular e saiu a correr.

∞

De acordo com o sistema de radar *pulse-doppler*, a nave inimiga estava a aproximadamente cinco mil quilómetros de distância. Se Justine se lembrava corretamente, o limite que qualquer do mísseis do espaço corporativo dos EUA, poderia ser disparado no espaço e ainda ser conduzido com qualquer medida de controlo confiável, era de cerca de dois mil quilómetros. Com a diferença de velocidade entre as duas naves, o inimigo chegaria ao campo de tiro ideal, em menos de dez minutos.

Justine ligou para a sala das máquinas.

“Atenção. Temos companhia. Como é que vocês se estão a sair?”

Depois de um longo período, Michael respondeu ao comunicador. “Fisicamente, ele está instalado.” Disse, com os olhos a mostrar o quão exausto estava. “Nós calculámos quanto Kinemet seria necessário para a viagem até lá e carregámo-lo na unidade quântica.”

“Perfeito.” Disse ela.

“Kenny conseguiu ligar os sistemas informáticos iniciais e colocá-los a funcionar, mas estamos a ter problemas em calibrar os amortecedores kineméticos. Há algum tipo de problema no interface. Se não os pudermos fazer funcionar corretamente, teremos uma hipótese melhor de sobreviver ao ataque de mísseis...” e acrescentou desnecessariamente “...para Chegarmos ao nosso destino e explodir, treze segundos mais tarde.”

“Qual é o problema?” Perguntou Justine e resistiu ao olhar atormentado

que Michael lhe deu.

Ele coçou a barba a crescer no seu queixo. “Há um atraso de cerca de sete segundos, entre o gerador e o amortecedor kinemético. Com os cinco segundos adicionais, que leva para o gerador criar energia suficiente, para envolver os amortecedores, não nos dará tempo suficiente para nos rematerializarmos de um estado quântico e iniciarmos o gerador, para começar.”

Justine riu, quase demasiado alto, em surpreso alívio.

“O que foi?” Disse Michael.

“Não há rematerialização no meu fim.” Disse ela. “Essa é a peça que faltava do quebra-cabeças. Eu estou plenamente alerta e consciente, durante o estado quântico. Eu posso iniciar o gerador instantaneamente, quando chegarmos. Alex e os outros sujeitos-teste nunca foram totalmente transformados num ‘kinemat’ e não mantinham a consciência, quando estavam o estado quântico. Sete segundos pode não ser o ideal, mas é mais do que tempo suficiente.”

Durante um momento Michael ficou estático de estupefação e depois voltou ao normal. “Está bem, então. Vou dizer a Kenny para enviar as funções de controlo para a sua consola. Ele vai ter que lhe dar um resumo, já que é uma colcha de retalhos de comandos...”

Justine cortou.

“Raios.” Disse ela. “Eles nem sequer vão tentar negociar.”

“O quê?”

Ela fez uma careta. “Eu consigo sentir uma quantidade de Kinemet a vir na nossa direção, em alta velocidade. Eles lançaram um míssil.”

“Um tiro de aviso?” Disse Michael.

“Não podemos arriscar.” Disse ela, com a voz firme. “Podemos ativar a unidade de *quantum* já?”

Olhando para fora da tela por um momento, provavelmente para Kenny, Michael finalmente sacudiu a cabeça. “Faltam pelo menos cinco minutos, para terminar o mapeamento dos controlos.”

“Seremos átomos divididos.”

Michael disse-lhe algo mais, mas Justine não o ouviu. Ela desligou toda a consciência física da sua mente e concentrou-se em expandir a sua *visão*, em direção à nave que se aproximava.

À velocidade estimada pelo radar, o míssil estava a viajar a pouco mais de cem quilómetros por segundo, o que eliminaria a distância entre o limite

exterior da sua *visão* até à *Ultio*, em menos de dois segundos.

Existia uma hipótese dela conseguir sentir o míssil, no momento em que este entrasse dentro do alcance da sua *visão* e, se o seu tempo de reação fosse suficientemente rápido, ela podia ser capaz de detonar a ogiva, antes que o Kinemet refinado chegasse muito perto e explodisse a sua própria reserva do metal.

Por isso... esperou... esperou...

Como um relâmpago, o Kinemet explodiu na sua consciência e, por uma fração de segundo, ela hesitou, pensando que tinha perdido a sua oportunidade.

Desesperadamente, ela enviou o seu sentido eletropático para intercetar o míssil.

O radar do seu painel holográfico ficou em branco, devido à sobrecarga elétrica.

Por um momento, ela ficou na dúvida se teria falhado.

De seguida, a *Ultio* deu um solavanco como se fosse um cavalo irado e Justine foi arremessada com força, para fora do assento do controlo. A divisória chiou e a consola de diagnóstico iluminou-se, à medida que centenas de sensores demonstravam a súbita mudança nas condições.

“O que diabos aconteceu?” Gritou alguém, através do comunicador.

“Como está o Kinemet?” Perguntou Justine, colocando a mão num lado da sua cabeça e esforçando-se para regressar à cadeira do piloto.

“Está bem.” Michael apareceu no comunicador, de olhos arregalados. “Você acabou de fazer, o que eu acho que você fez?”

“Sim” Disse Justine, ainda a respirar com dificuldade. “Uma ogiva destruída.”

“Você está bem?” Perguntou.

Ela assentiu, embora a cabeça zumbisse, do impacto. “Mas assim que eles perceberem, que o seu míssil não nos transformou em sucata de espaço, vão lançar dois ao mesmo tempo.” Ela balançou a cabeça, a fazer uma careta. “Eu não consigo parar dois mísseis.”

Olhando para fora da tela, mais uma vez, Michael disse: “Está bem. Kenny acabou o mapeamento final. Verifique a sua consola. Ele legendou-lhe todos os comandos. Um para iniciar o gerador. Outro para acionar o amortecedor.”

“Parece-me bastante simples” Disse e, de seguida, expandiu novamente a sua *visão* para fora.

Ao fim de um minuto, viu o que temia.

“Eles lançaram dois mísseis. Eles querem realmente matar-nos.” Ela fez um rápido cálculo mental. Tinham provavelmente menos de cinco segundos, antes que os mísseis impactassem na nave.

...quatro...

“Kenny.” Chamou Michael imediatamente. “Podemos acionar a unidade de *quantum*?”

...três...

“Sim.” Disse ele, com a voz a soar abafada. “Eu legendei-a como ‘Já’.”

...dois...

Sem perguntar, Justine esticou o dedo para a consola tátil e pressionou o botão de comando e...

...UM...

...o universo mudou.

Parte de Entrada de Omnipédia:
Assunto: Alpha Centauri:

Alpha Centauri é um sistema estelar binário, que fica a uma média de 4,37 anos-luz do Sol. A distância entre as duas estrelas, varia ao longo da sua órbita, de 79,91 anos. Uma terceira estrela, Proxima Centauri, fica a cerca de 0,21 anos-luz das estrelas de Alpha Centauri, e as três companheiras são por vezes referenciadas, como um sistema estelar triplo, embora ainda não esteja determinado, se Proxima Centauri está gravitacionalmente ligada a Alpha Centauri A e B.

Devido aos significativos efeitos gravitacionais do sistema, não se formaram planetas gigantes de gás. Há evidência de que, um ou mais planetóides menores ou cometas, poderão ter entrado no sistema, a certa altura, e poderão estar a orbitar a orla exterior do sistema.

Em 2095, a primeira tentativa de viajar para Alpha Centauri, falhou. Embora a *Quanta*, a nave que viajou à velocidade da luz, tivesse completado a sua jornada, um acidente à chegada ao nosso sistema vizinho, resultou na destruição da nave. O piloto, o Capitão Alex Manez, sobreviveu numa cápsula de segurança e regressou ao nosso sistema, em meados de 2103.

Toque no ecrã, para mais...

**Porto Espacial Alienígena:
Alpha Centauri:
Quatro anos depois**

... Depois de uma eternidade à deriva, no purgatório entre o mundo material e a irrerealidade do estado quântico de ser, Alex foi puxado abruptamente de volta ao seu ser corpóreo.

Ele gritou. A dor atravessou a sua própria essência. Era como se cada átomo do seu corpo, tivesse explodido. Ele não conseguiu suportar a agonia e, um nanossegundo antes de desmaiar, ele recebeu com alívio, a proteção do esquecimento.

∞

Anos mais tarde, ou momentos, tanto quanto sabia, a realidade instalou-se novamente, à medida que Alex recuperava novamente a consciência. Ele conseguia sentir uma cama, debaixo dele. Havia um cheiro a mofo no ar e um brilho natural permeou as suas pálpebras. Ele estava no seu estado humano.

Desorientado, ele tentou sentar-se, mas umas mãos suaves empurraram-no novamente para baixo.

“Tenha calma.” Sussurrou uma voz ao seu ouvido.

Alex tentou falar, mas não conseguia mexer os músculos do seu queixo, para abrir a boca. Solto um gemido.

“Dê a si mesmo, algum tempo.” Disse alguém. Era uma mulher e a sua voz era-lhe familiar. Justine. *O que é que ela está a fazer aqui?*

“Você esteve ausente por um longo tempo.” Disse ela.

Tentou abrir os olhos, mas eles estavam com as pálpebras fechadas. Ele conseguiu finalmente abrir a boca e, desta vez, foi capaz de coaxar uma pergunta. “O que é que aconteceu?”

Uma segunda voz, que Alex reconheceu imediatamente, falou.

Yaxche disse “Viajante do Espaço, você fez uma longa jornada no mundo

dos espíritos. Nós não sabíamos se iria voltar, por isso viajámos a uma grande distância para o encontrar. Agora, mais uma vez, você está inteiro.”

Lutando contra a náusea súbita que surgiu, quando a pressão arterial aumentou na sua cabeça, Alex forçou os seus olhos a abrirem-se. Levou um momento para se concentrar e mais alguns instantes para identificar onde estava.

Ele viu Michael, Justine e Yaxche, mas o seu estômago apertou-se, quando percebeu que eles estavam na cabine de uma nave de cruzeiro espacial desconhecida.

“Onde é que estou?”

“Na *Ultio*.” Disse Michael. Ele estendeu a mão e tocou no ombro de Alex. “Como é que está, meu rapaz? Você deixou-nos preocupados.”

“Eu acho que estou bem.” A cabeça de Alex estava a serenar e ele conseguiu sentar-se, sem sentir tonturas. “O que é que aconteceu?” Ele precisava de saber.

“Bem,” disse Michael “parece que você caiu numa espécie de estado dissociativo e a sua consciência, Yaxche chama-lhe o seu espírito, estava ancorada no Sistema de Centauri. A teoria de Kenny, é que havia uma ligação entre si e o porto espacial alienígena. Provavelmente, desde que passou por aqui. Naturalmente, a sua consciência kinemética gravitou aqui.”

Aqui? O estômago de Alex deu uma volta. “Em Alpha Centauri?” Ele olhou para Michael. “Estamos no porto espacial?”

“Na verdade, estamos fora dele.” Disse ele. “Nós não conseguimos descobrir como entrar. Alex, você parece estar muito perturbado.”

Alex engoliu em seco. “OH... é que... quero dizer, a última coisa de que me lembro, foi de estar na TEC. Agora estou noutra Sistema Solar. É apenas inesperado.”

Michael deu-lhe um olhar reconfortante. “Confie em mim, eu senti-me da mesma forma. Eu não experienciei nada, quando estive em estado quântico. Para nós foi um piscar de olhos.” Ele olhou para Justine, quando disse aquilo.

Justine tinha um sorriso brincalhão no seu rosto, quando perguntou a Alex, “Você tem sede?” E estendeu a mão, para agarrar num pacote de sumo de laranja ao lado dela, sem sequer olhar.

Alex agarrou-o, quando ela lho ofereceu e quando o líquido chegou à sua língua, percebeu que esta estava seca. E que estava a morrer de fome.

Mas o que tinha acabado de acontecer, levou-o a olhar surpreendido para Justine. Ela não tinha colocado a sua ligação óptica, nem o seu arnês. No

entanto, tinha-lhe passado o sumo sem vacilar, no mínimo.

“Como é que você...?” Perguntou.

Ela sorriu-lhe. “Use a sua *visão*.”

Ele assim fez. “Você é... um ‘kinemat’ completo?” Ele perguntou, espantado.

“Sim.” Ela balançou a cabeça com um sorriso de satisfação nos lábios. “Foi Klaus.” E contou-lhe sobre o sequestro e as experiências.

Quando ela terminou a sua história, Alex perguntou-lhe: “Você esteve consciente, durante toda a viagem até aqui?”

Havia uma expressão particularmente distante no seu rosto, quando ela balançou a cabeça.

“Sim.” Disse ela. “Foi muito emocionante no início mas, ao fim de quatro anos e muitos meses, bem...” Ela ficou em silêncio por um momento e viu-se um reflexo da dor da solidão, no seu rosto.

“Você consegue dormir?” Perguntou-lhe, pensando se a sua insónia, seria um efeito colateral típico.

Ela balançou a cabeça. “Não. E levou algum tempo, até me acostumar.” Justine sorriu. “Nós somos a mesma coisa em todos os sentidos, exceto que eu estou consciente, durante o estado quântico.”

Alex, assim como Michael e todas as outras pessoas, que não tinham sido irradiados por Kinemet refinado, não mantinham a consciência quando estavam em estado quântico. O que, mais uma vez, provou que ele não tinha sido totalmente transformado. Ele estava preso algures, entre o estado humano e o ‘kinemat’. Mas ficou muito feliz, que a humanidade tivesse dado o próximo passo na sua crisálida. Justine tinha feito essa transição, ainda que tivesse sido forçada por Klaus.

Alex perguntou: “Vocês todos vieram até aqui, só por mim?”

“Bem.” Disse Justine. “Por isso e porque fomos, mais ou menos, expulsos do Sistema Solar.”

Alex endireitou-se. “O quê?”

“Está preparado para ouvir o resto da história?” Perguntou. “Ou, se quiser descansar um pouco, podemos esperar, até que você se esteja a sentir melhor.”

Alex sacudiu a cabeça. “Para além de precisar de comer uma sanduíche ou qualquer outra coisa, eu estou bem. Contem-me tudo.”

Eles assim fizeram. Justine e Michael foram-se revezando, relativamente a contar tudo o que tinha acontecido, desde que Alex saiu da consciência, até

ao momento em que chegaram a Centauri.

“Há cerca de sete horas, nós chegamos à órbita, em torno do pequeno planetóide que você descreveu. O único com o farol estrela deste sistema.” Disse Michael. “Nós esquadrihámos a área e encontramos o espaçoporto que você mencionou. Levámos cerca de cinco horas, para chegar até aqui. Mas agora estamos apenas a pairar, do lado de fora da estrutura. Esperávamos que você soubesse como entrar.”

Alex sacudiu a cabeça.

Michael disse: “Estivemos a recolher dados, relativamente ao porto. Parece que o hangar é apenas metade desta estrutura. Provavelmente, há algum tipo de área de lazer e de trabalho do outro lado, mas não conseguimos detetar nenhum sinal de vida. Pensamos que encontramos uma porta para o hangar, mas não conseguimos descobrir como abri-la.”

Kenny tinha chegado, nalgum momento, durante a última parte da história. Quando ele falou, a sua voz era medida e controlada.

“Eu consegui ligar um dos sensores espectrográficos aos computadores de bordo. E estou a receber dados do farol estrela de Centauri.”

Quando todos olharam fixamente para ele, o seu queixo ondulou em frustração, pela incapacidade de os fazer compreender a sua perspetiva. “Vejam, quando chegamos pela primeira vez a Alpha Centauri, o farol ficou imediatamente adormecido. Vocês sabem. Quando deixámos a velocidade da luz.”

Viu-se um olhar inescrutável no rosto mas, de seguida, Alex ligou os pontos. Os seus olhos arregalaram-se.

“Você foi capaz de se ligar a ele agora, porque ele está a emitir ondas eletromagnéticas. O que significa...”

“... Que está alguém a chegar” Disseram Michael e Justine, em uníssono.

∞

Em grupo, os quatro correram para fora da cabine, até à ponte, onde Kenny tinha instalado os sensores. A leitura espectrográfica mostrou um sinal de onda cada vez maior.

Alex sentia-se um pouco instável de pé, mas a comida e a hora de descanso tinham feito maravilhas. Fisicamente, ele estava a recuperar-se rapidamente. O seu coração, contudo, batia no peito como um martelo.

Ao longo dos últimos anos, Alex tinha tido muito tempo para pesquisar todos os aspetos da ciência kinemética e, com base nos dados que viu,

rapidamente calculou que qualquer que fosse o recém-chegado ao Sistema de Centauri, entraria no espaço normal, em menos de cinco minutos.

Se ele chegaria próximo do farol estrela de Centauri ou do porto espacial, era ainda desconhecido. A primeira vez que Alex tinha feito a viagem até ali, ele apareceu a um pouco mais de vinte mil quilômetros de distância, uma distância muito curta em termos astronômicos. A *Ultio* também tinha chegado ao mesmo local. Uma unidade de iões comum, poderia impulsionar uma nave àquela distância em duas horas, mas Alex não sabia se os recém-chegados levariam tanto tempo.

Ele tinha que contar aos outros, mas não conseguiu encontrar a sua voz. Dentro de si, esperança e medo, estavam em conflito.

“Eles vêm do Sistema Solar?” Perguntou Kenny. “Será que nos seguiram?”

“É impossível.” Respondeu Michael, embora o vinco na sua testa mostrasse, que ele tinha uma semente de dúvida.

Kenny assentiu com a cabeça. “Os dois únicos órgãos, com acesso completo aos esquemas de propulsão quântica, são a Quantum Resources e a NASA. As verificações de segurança que eu tinha que percorrer para ter acesso, depois que fui contratado, foram exaustivas. Já houve fugas de informação e espionagem tecnológica antes, mas nunca a este nível.” Ele olhou para Michael, para obter concordância.

Justine especulou. “Os nossos perseguidores, tinham Kinemet refinado nas suas ogivas. Talvez eles tivessem desenvolvido a tecnologia por conta própria.”

Kenny virou-se para os seus monitores. “Qualquer génio na garagem dos seus pais, podia ter descoberto como fazê-lo. Levou anos, para a Quantum Resources desenvolver a primeira unidade de *quantum* que funcionasse. Mesmo se eles conseguissem extrair a sua própria reserva de Kinemet, levaria anos até dominarem a tecnologia.”

Justine contra argumentou. “Klaus conseguiu dar um salto à nossa frente e era apenas um homem.”

Franzindo a testa, Kenny sacudiu concisamente a sua cabeça. “Ele teve acesso ao pergaminho. Eu digo que esta, é uma nave *alienígena*.”

“Alienígena?” Disse Michael, numa voz ofegante, com os olhos repletos de deslumbramento.

“Bem,” disse Kenny, quando o gráfico no monitor apitou para, de seguida, se estabilizar, “em breve iremos descobrir.”

Se os recém-chegados fossem realmente a nave de guerra misteriosa que perseguiu a *Ultio* até à orla do Sistema Solar e, se eles tivessem repetido de alguma forma, a experiência de Klaus e criado outra versão de Kinemet refinado, então Alex e os seus amigos, estariam em apuros.

Mas a outra possibilidade era potencialmente pior.

Alex reuniu coragem e, quando os quatro olharam para o monitor, disse: “Eu lamento nunca vos ter contado toda a verdade.”

No início, ninguém reagiu. Era como se não tivessem entendido nada do que ele tinha dito. Mas, de seguida, Michael virou lentamente a cabeça para Alex.

“Qual verdade?”

Respirando fundo, Alex deu um passo para o lado e, olhou para o grande painel holográfico, que mostrava uma vista estelar panorâmica.

Ele disse “Para além de si e de Justine, eu nunca contei a ninguém sobre o porto espacial deste sistema, exceto para o representante do comité de supervisão e arrependo-me de lhe ter contado tanto.”

“Você poderia ter-me contado.” Disse Kenny, parecendo magoado. “Eu tive que descobrir isso, por eles.”

Alex corou. “Tudo o que eu lhes disse foi; quando estive neste hangar na minha última viagem, os sistemas que anexaram uma unidade quântica portátil que me enviou de regresso ao Sistema Solar, eram automatizados. Eu não queria que aquele conhecimento fosse divulgado, porque só levaria a mais perguntas que eu não conseguiria responder.”

“Não conseguiria ou não responderia?” Disse Kenny, com uma leve censura nas suas palavras.

Mas foi Michael, que adivinhou a verdade. “Você fez contacto.”

Alex assentiu. “Sim.”

Justine e Kenny viraram-se simultaneamente, boquiabertos. “Você conheceu um alienígena?” Perguntou Kenny.

“Mais ou menos.”

“O que é que quer dizer com ‘mais ou menos’?” Perguntou Justine.

“Quero dizer que eu não sei quem era, com certeza. Eu não vi nada. Quando saí do estado quântico, eu estava dentro do hangar e as máquinas estavam a instalar a unidade. A única parte da minha história que eu deixei de fora, foi a mensagem de voz na minha consola. Quando a escutei, tive que a

apagar da memória da nave.”

“Foi por isso, que você danificou as bases de dados.” Disse Michael.

“Sim. Entrei em pânico e exerci demasiada pressão, sobrecarregando os sistemas. Mas lembro-me de cada palavra da mensagem.”

“A sua memória eidética.” Disse Kenny.

“Sim.” Disse Alex. “E a mensagem era em Maia.”

Kenny olhou para Alex e Yaxche. “Maia?”

Alex balançou a cabeça e ligou o tradutor da nave. Ele falou em Maia e os outros ouviram a versão em inglês:

∞

Eu ofereço-lhe as minhas saudações, Viajante do Espaço. Sou Ah Tabai, um Sentinela do Coletivo. O nosso povo espera, há milhares de anos, que a humanidade faça o caminho para a luz e viaje para além dos limites do vosso sistema, para se juntar a nós.

Entristece-me, que a nossa reunião deva ser adiada. Receio trazer uma mensagem de desespero.

O vosso mundo está em perigo extremo.

Há quase mil, dos vossos anos terrestres, a Graça desapareceu sem deixar rasto. Eles eram os nossos líderes, os nossos mentores, os nossos ancestrais e cuidadores. Sendo uma raça antiga, foram eles que construíram a rede de faróis estrela e os infundiram com a sua essência. A Graça existia na galáxia, eras antes que qualquer cultura emergisse dos seus sistemas. Há muito tempo que existe uma lenda, que fala que a Graça escondeu todo o seu conhecimento, num sistema de estrelas pré-emergente desconhecido.

Os Kulsat, em tempos os favoritos da Graça e os herdeiros do seu conhecimento e sabedoria, tornaram-se agressivos e com sede de poder. Quando eles se tornavam conscientes de um sistema pré-emergente, vasculhavam-no à procura de sinais da Graça e do seu legado. Eles não hesitaram em destruir tudo o que estava no seu caminho, para encontrar o que a Graça escondeu.

Eu enviei instruções para o computador do porto espacial, para colocar na sua nave um motor temporário à velocidade da luz e ele vai enviá-lo de regresso ao seu sistema solar. Você deve evitar a todo o custo, viajar “para fora da dimensão da luz” e deve abster-se de voltar a este sistema de estrelas, ou os Kulsat podem detetá-lo.

Com sorte, o vosso sistema irá passar despercebido pelo tempo suficiente,

para que vocês possam aprender a ‘emergir’ plenamente. Só então, vocês serão capazes de se defender contra os Kulsat.

Viaje rapidamente, primo. Vá com a Graça.

∞

Quando Alex terminou o seu recital, virou-se para os seus amigos. Eles estavam todos atordoados.

Kenny foi o primeiro a quebrar o silêncio. “Porque é que você não partilhou isso connosco? Quero dizer, confirmação de culturas estranhas à parte, o fato de que uma delas poderá invadir-nos e destruir-nos, é informação que eu, por exemplo, gostaria de ter sabido.”

Justine respondeu antes de Alex. “Se soubesse, a primeira coisa que teria feito, seria trabalhar para melhorar as unidades quânticas e refinar o Kinemet para armas. Eventualmente, alguém iria notar que estava a ser utilizado muito Kinemet.”

“É mais importante para nós ‘emergir’.” Disse Alex. “Você ouviu as últimas palavras dele. Só depois de ‘emergirmos’, seremos capazes de nos defender. Eu não sei o que é que isso implica, mas tenho certeza de que, se houvesse mais alguma opção, Ah Tabai tê-la-ia mencionado.”

Michael virou-se para Yaxche, “Ele falou Maia. A Canção das Estrelas menciona uma altura, em que um grande número de pessoas do seu povo desapareceu, durante uma guerra.”

“Ahyah.” Disse Yaxche. “A Grande Guerra.”

“Então...” Começou Michael a dizer, analisando os fatos de forma objetiva.

Mas, antes que alguém tivesse a hipótese de adicionar mais alguma coisa à conjectura, a consola da nave iluminou-se e soou um alerta. No painel holográfico, o brilho intermitente das estrelas desapareceu, quando foram bloqueadas por um objeto enorme.

A *Ultio*, tinha levado cinco horas para chegar ao porto espacial, vinda do farol estrela. A nave alienígena fez a viagem em cinco minutos.

∞

Todos os olhos estavam colados ao painel holográfico, a observar o contorno de uma nave a formar-se, a vários quilómetros de distância.

“É enorme.” Disse Kenny, em voz baixa. “Nesta ampliação, eu diria que

tem, pelo menos, mil e quinhentos metros de comprimento.”

A arquitetura da nave era diferente, de qualquer outra embarcação que Alex já tinha visto na Terra. Era como se o metal do casco fosse feito de eletricidade pura. Brilhava e rodava, num movimento contínuo, numa dança de energia sólida.

O nariz da nave estendia-se para fora, num cone suavemente afunilando. O corpo da nave, tinha a forma aproximada de um tubo e terminava num longo cone, na parte de trás. No geral, a nave assemelhava-se um pouco a uma baleia unicórnio.

À medida que a nave se aproximava, Alex foi subitamente inundado com a sensação esmagadora de Kinemet. E estremeceu.

“Eu também sinto isso.” Disse Justine. “A própria nave é construída com Kinemet!”

Quando a nave alienígena estava a meio quilómetro, parou e ficou a pairar nessa posição.

“Serão os Kulsat?” Perguntou Kenny. Ninguém respondeu. “O que é que eles estão a fazer?”

“Talvez nos estejam a analisar. A tentar perceber quem nós somos.” Disse Michael.

Justine e Alex assentiram ao mesmo tempo.

“Sim.” Disse Justine. “Eu consigo...” Balançando levemente a cabeça. “Eu não sei como posso descrever isto. Quando eu tento usar a minha *visão*, fico oprimida pela quantidade de Kinemet que está ali. É como olhar diretamente para o Sol. Mas, eu sinto que eles estão a olhar para nós, com a *visão*. Eles estão a olhar para mim...”

As suas palavras foram cortadas de forma abrupta e, quando Alex olhou para ela, viu que se tinha transformando em *quanta*, diante dos seus olhos. Viu-se um olhar de pânico no seu rosto, mesmo antes de se ter completamente transformado em luz.

Toda a gente deu um passo para trás, quando a essência de Justine, a sua coleção de fotões, flutuou em direção aos monitores e os atravessou. Apagaram-se todos, quando ela passou por eles e depois voltaram à vida, quando ela terminou de passar.

De seguida os seus fotões, continuaram a derivar para o casco da *Ultio* e, finalmente, para o espaço. Não estando limitada por qualquer barreira de material, a essência dela disparou em direção à nave alienígena, quase como se ela estivesse a ser sugada por um tubo de vácuo.

“Que diabos?” Perguntou Kenny.

“Não é ela que está a ir.” Disse Alex. “Têm que ser eles. Eles levaram-na.” Michael engasgou. “Porquê ela?”

“Ela é a única de nós, que é um ‘kinemat’ completo. Eu estou incompleto. Eles provavelmente, nem sequer estão cientes da minha existência.”

“O que é que eles vão...?” Começou Kenny a perguntar, mas o casco da nave alienígena iluminou-se a ponto de cegar e, uma lança de luz pálida disparou, em direção à parte inferior da *Ultio*.

Kenny gritou “Eles estão a atirar para os motores!”

Antes que alguém pudesse preparar-se, o impacto atirou-os a todos para o chão.

Michael soltou um grito quando caiu e parecia que podia ter quebrado um braço.

Os sistemas elétricos na ponte ficaram intermitentes. Uma consola de interface explodiu numa chuva de faíscas e um painel do outro lado da sala saltou para fora, a cuspir fios e assobios.

Yaxche, parecendo aterrorizado, tinha um braço à volta da parte de trás da cadeira do capitão.

As luzes piscaram e desligar-se e o gerador de gravidade artificial falhou. Alex perdeu o contacto com o chão e flutuaram para cima, batendo com a cabeça contra um painel de controlo.

Deu-se uma explosão secundária e, em seguida, a nave virou-se.

Pouco antes dos painéis holográficos ficarem escuros, Alex viu a nave alienígena dar a volta e ir-se embora, como se estivesse confiante de que o seu ataque tivesse sido um golpe bastante fatal.

Alex teve esperança que não fosse esse o caso. Até que, os filtros de ar se desligaram e todo o sistema elétrico falhou.

Eles estavam à deriva no espaço. A nave foi desativada e o seu sistema de suporte de vida, estava disfuncional.

A temperatura, na ponte, começou a descer a um ritmo alarmante.

“Alex.” Chamou Michael. “Você consegue fazer alguma coisa?”

Ele poderia entrar em estado quântico, mas não tinha consciência, quando estava nesse estado. Se o fizesse, só se poderia salvar a si mesmo, mas não tinha forma de poder pilotar a nave, para ajudar os outros. Ele expandiu os seus sentidos, para ver se o sistema elétrico podia ser reparado.

“Sinto muito, os geradores e as baterias, estão completamente derretidos.”

“E o Kinemet?” Disse Kenny. “Se entrar em fissão, é o fim.”

Alex balançou a cabeça e, de seguida, percebeu que ninguém conseguia ver o movimento. “Ele não está ali. Eles devem tê-lo levado, juntamente com Justine.”

Depois de alguns momentos, Kenny disse: “Agora, é uma boa altura para entrar em pânico?”

“Esperem lá.” Disse Alex. Ele sentiu um arrepio nos ossos. A ponte estava a aproximar-se do ponto de congelamento.

A *Ultio* estava a apenas algumas centenas de metros do porto espacial e, ainda que estivesse a deixar de funcionar, era uma agonia pensar que eles tinham estado tão perto de se salvar.

Na primeira vez que Alex tinha sido salvo, ele estava em estado quântico e não se lembrava dos acontecimentos, mas fez uma suposição gigante...

Ele concentrou-se e expandiu a sua visão em direção ao porto espacial. Tinha a sensação, de que estava envolvido em algo semelhante aos amortecedores de Kinemet, porque quando a sua consciência atingiu o casco exterior do complexo, não conseguiu forçar a entrada.

Tinha que haver uma maneira de comunicar com o sistema informático do porto espacial, para o informar, de que havia uma nave pronta para atracar. No caso de uma nave desativada, eles tinham que ter uma provisão para algum tipo de comando manual.

Ele procurou em toda a superfície do porto espacial mas, depois de ter passado uma vez, ele não encontrou nenhuma entrada.

Disposto a não entrar em pânico, ele continuou a sua busca e foi apenas quando passou uma segunda vez, sobre uma das grandes portas de entrada elípticas do casco, é que ele avistou uma ligeira saliência com alguns centímetros. Era uma haste minúscula de metal.

Ele usou a sua capacidade eletropática e enviou uma pequena carga de energia para ela.

Lentamente, a porta do compartimento começou a abrir e Alex pôde sentir um puxão magnético, a vir de dentro. Ele regressou ao seu corpo.

Kenny estava de olhos arregalados. “O que é que está a acontecer? Agora, estamos a virar para o outro lado!”

“O cais do porto espacial já nos tem. Está a puxar-nos.” Disse Alex.

Michael gritou de alegria. “Você conseguiu.”

“Não tenho a certeza de que foi o suficiente.” Disse Alex. “Talvez eu só tenha adiado o inevitável. Mesmo se conseguíssemos colocar, uma daquelas unidades quânticas portáteis ligadas à *Ultio*, estaríamos mortos cinco minutos

depois de chegarmos à proximidade de Plutão.”

Ouviu-se um ranger agudo, quando a nave parou e Kenny e Michael tatearam no escuro, para abrir manualmente a porta da cabine e, liderarem o caminho, para a escotilha principal. Abriram-na, para revelar o interior do porto espacial alienígena.

A corrente de oxigénio fresco foi paradisíaca.

**Porto Espacial Alienígena:
Alpha Centauri:**

De pé sobre uma das rampas de metal ao longo do cais, no interior do porto espacial alienígena, Michael examinou os danos causados à *Ultio*. Estava simplesmente a faltar um terço da secção traseira, onde estavam a unidade quântica e o Kinemet. A nave estava destruída.

“Talvez a destruição da nossa nave, tivesse sido accidental.” Disse Michael para o ar. “Eles queriam o Kinemet e Justine, por isso, nem sequer pensaram em nós.”

Kenny olhou para cima e franziu a testa.

“E agora?” Perguntou Alex, sentando-se perto Yaxche, que estava sentado no chão a descansar.

Michael esfregou a barba, a crescer no queixo e estremeceu quando mexeu o braço. Não estava partido, mas ainda doía.

O hangar, em si, tinha várias centenas de metros de largura, em cada lado, repleto com filas de *stands*, pontões de metal, ancoradouros elevados e várias rampas flutuantes em vários níveis. Parecia que o porto não tinha sido feito para naves muito maiores do que a *Ultio*.

Todos os cais de carga do hangar estavam vazios. Os pontões estavam revestidos com grandes discos, no final de vigas cilíndricas.

Michael achou que serviam como pára-choques da doca. Eles emitiam um zumbido eletromagnético constante.

Quando Michael e Kenny abriram a porta principal do porão da *Ultio*, conseguiram estender a rampa manualmente. Ainda que os sistemas elétricos estivessem mortos e os pequenos incêndios tivessem sido extintos, a estrutura da *Ultio* ainda não estava segura. A nave gemia periodicamente, quando as vigas de metal colapsavam e os conteúdos se deslocavam e caíam.

“Eu não tenho a certeza.” Disse Michael, finalmente. “Mas devíamos tentar voltar à nave e conseguir trazer água e comida. E talvez também trazer alguns cobertores, ou algo do género e montar um acampamento aqui fora.”

“E em relação a Justine?” Perguntou Kenny, mas a única resposta que Michael deu, foi o endurecimento do queixo.

Os alienígenas - que ele assumiu serem os Kulsat - raptaram-na e Michael não conseguia pensar em nada para a ajudar.

∞

Eles passaram os quinze minutos seguintes, a fazer excursões rápidas à *Ultio*, para a recolha de mantimentos e material suficiente para fazer um acampamento.

Kenny configurou uma mesa improvisada, utilizando alguns contentores de armazenamento. Também trouxe vários painéis holográficos, para efetuar testes e, finalmente encontrou um, que não tinha sido danificado. Enquanto trabalhava com ele, a digitar, a rodar e a balançar os dedos na consola tátil, Michael olhou por cima do ombro.

“Devemos conservar a bateria” disse, como mera sugestão.

Kenny sorriu. “Não é necessário. Há uma corrente elétrica sem fios, que atravessa o complexo. Está a fornecer energia diretamente ao computador. Vou ver se o porto espacial tem uma rede, à qual me possa ligar. Talvez possamos fazer o *download* de um manual, sobre como entrar nas salas de estar, do outro lado.”

Alex tentou usar a sua eletropatia, para abrir a enorme porta, na outra extremidade do hangar, mas informou que não conseguiu encontrar nenhum interruptor, nem alavanca.

Com a ajuda de Alex, Yaxche usou uma rede de carga, para criar uma rede de baloiço entre duas vigas verticais. Quando Alex regressou à nave, para procurar um cobertor, o velho índio afundou-se na rede e fechou os olhos.

“Você está bem?” Perguntou Michael, aproximando-se provisoriamente.

Abrindo os olhos, Yaxche deu-lhe um grande sorriso. Ele falou e o seu tradutor repetiu “Ahyah. Os homens velhos cansam-se. Eu só preciso de uma sesta.”

A rir, simultaneamente de alívio e da serenidade do Maia, em relação a tudo o que estava a acontecer, Michael disse “Estamos metidos numa grande confusão.”

“Ahyah.” Respondeu-lhe Yaxche. “Como se costuma dizer na minha terra

‘fora da panela, para dentro do fogo’.” E o seu rosto ampliou-se, num largo sorriso.

Antes que Michael pudesse dizer mais alguma coisa, Alex correu para fora dos destroços da *Ultio*, com os olhos arregalados.

“Qual é o problema?” Perguntou Michael, com o coração acelerado.

Alex foi direto a Kenny e aos painéis holográficos. “Está a acontecer algo. Eu consegui sentir o eletromagnetismo a ser ativado numa das outras salas.” Ele apontou para o painel holográfico. “Você consegue fazer algum *scan*, para verificar isto?”

Kenny balançou a cabeça. “Não, o sensor externo desta unidade está danificado.”

Logo a seguir, um dos pára-choques magnéticos da doca, do cais mais próximo, começou a estender-se.

Kenny levantou-se, com o rosto corado e os olhos brilhantes da trepidação. “Será que os Kulsat regressaram, para nos matar?”

Uma enorme secção circular na parede do hangar, que era a porta do compartimento, desapareceu, numa escuridão quase perfeita. A argola da abertura, tinha um vago brilho esbranquiçado. Aquela era a barreira de energia, sobre a qual Kenny tinha teorizado, anteriormente. Enquanto eles estavam dentro da *Ultio*, a serem puxados para dentro da doca, não tinham conseguido ver o que estava a acontecer.

Michael pôde sentir o seu cabelo a formigar com a eletricidade, quando uma nova nave alienígena apareceu na abertura.

Tinha menos de um quarto do tamanho da *Ultio*. Tal como a nave que os atacou, o casco da nova nave alienígena parecia ser feito de Kinemet. Toda a superfície brilhava e rodava, embora as cores desta nave, fossem um caleidoscópio de vermelhos e amarelos. A sua forma, era muito semelhante ao modelo aerodinâmico das asas de uma gaivota da Terra. Michael adivinhou que esta nave poderia servir dois propósitos, sendo simultaneamente uma nave espacial e uma nave comercial. A frente da nave, assemelhava-se à cabeça cónica de um pássaro, com um nariz de bico pontiagudo.

A primeira impressão que Michael teve, foi a de uma Fénix.

Quando a nave estava completamente dentro do hangar, os pára-choques de encaixe ajustaram-se para a estabilizar, uniformemente. A parede do hangar solidificou-se, mais uma vez, vedando a área contra o vazio do espaço.

Os quatro prostraram-se de boca aberta, durante toda a manobra de acoplamento.

Kenny deu um passo involuntário para trás, quando uma escotilha num lado da nave alienígena abriu. Uma ampla tampa retangular do casco da nave desvaneceu-se no espaço.

Uma plataforma, segura por dois braços metálicos de grandes dimensões, projetou-se do hiato e começou a descer para o convés do hangar.

Na plataforma, estavam dois alienígenas.

Eram ambos bípedes. Um deles era significativamente mais alto do que o outro, de pé tinha quase três metros de altura e era extremamente magro. O segundo alienígena era muito mais baixo, ficando a sua cabeça ao nível do cotovelo do outro.

Quando a plataforma parou, a vários centímetros acima da doca, os dois alienígenas desceram e aproximaram-se dos seres humanos que estavam à espera.

O alienígena mais pequeno usava uma roupa, que era assustadoramente semelhante, à roupa cerimonial que Yaxche usava. Botas de cano alto em pele, com farripas e missangas, estavam por fora de umas calças compridas de cor bege. O peito do alienígena estava coberto por um tecido de estilo *tzute*, primorosamente bordado com formas geométricas e cores em tons de terra. Tinha um lenço pendurado frouxamente à volta do pescoço, decorado com bolas coloridas. O alienígena estendeu a mão e tirou o seu cocar de penas e Michael olhou, pela primeira vez, para o rosto de um ser de outro mundo.

...E ele era humano. O pequeno homem tinha fisionomia morena, cabelo preto e uma testa longa. As maçãs do rosto altas emolduravam um nariz largo e uns olhos castanhos. Ele parecia um indígena Maia.

Ele deu-lhes um sorriso espontâneo.

Michael estava sem palavras.

Um momento depois, o alienígena mais alto, vestido também com o que Michael supôs que fosse uma roupa cerimonial, embora fosse uma que ele nunca tinha visto, feita de algum tipo de material brilhante e com várias dobras e camadas, também removeu o seu manto, deixando ver uma cabeça oblonga, com várias espinhas longas a sair dela.

Michael olhou embasbacado para o alienígena alto.

Ela tinha as mesmas características básicas de uma rapariga humana, mas a parte inferior do rosto era saliente para a frente e terminava num alongamento

estreito e num queixo pequeno. Os seus lábios finos, emolduravam uma boca pequena, que evidenciava também um sorriso acolhedor e os seus olhos eram excessivamente grandes e elípticos.

Em vez de cabelo, ela tinha o que parecia ser a crista de um pássaro que, tanto quanto Michael poderia dizer, saía do topo da cabeça, onde era branca, percorrendo até à parte de trás do pescoço, onde adquiria uma leve tonalidade amarela e estendia-se para dentro das suas roupas. Michael não conseguia ver os seus ouvidos, se ela os tivesse e a pele do rosto e à frente do seu pescoço, era de um tom amarelo brilhante e macio.

Juntos um ao outro, o casal de alienígenas aproximou-se dos quatro humanos e parou. O alienígena mais baixo ajoelhou-se.

Michael, o político do grupo, recuperando-se do seu espanto, curvou-se. Deu um passo à frente.

Kenny estendeu instintivamente a mão, para o impedir, mas ele sorriu para o homem mais jovem. “Vai correr tudo bem. Estes não são os Kulsat.”

O alienígena mais baixo falou em Maia e, uma fração de segundo depois, Michael ouviu palavras inglesas saírem algures da gola do alienígena.

“Ofereço-vos as minhas saudações. Eu sou Ah Tabai, um Sentinela do Coletivo.”

O alienígena estendeu ambos os braços e apertou as mãos de Michael, a dar as boas-vindas. Ele olhou para Alex. “Já passou um longo tempo, desde que o descobri, Viajante do Espaço. Estou contente por ter resistido.”

De seguida, Ah Tabai deu um passo para Yaxche e curvou-se profundamente.

“Avô.” Disse o alienígena. Michael lembrava-se de Alex ter dito, que era um termo geral de respeito pelos anciãos, independentemente da sua relação de sangue. “Você viajou uma grande distância, para estar aqui.”

“Ahyah.” Disse Yaxche, com um olhar de surpresa no seu rosto, normalmente calmo.

Ah Tabai fez sinal para o outro alienígena, que fez um aceno peculiar.

“A minha companheira é...” Ele fez um som estridente, para o qual o seu tradutor não encontrou um termo apropriado em inglês.

Percebendo isso, Ah Tabai disse: “Podem chamá-la de Aliah. Ela também é uma Sentinela. Vocês conhecem o sistema estelar dela, como ‘Gliese’.”

Com isso, a mulher-pássaro alienígena alta fez um chiado e inclinou a cabeça, quase perpendicularmente aos seus ombros. O tradutor nas suas vestes disse: “Muito prazer em conhecê-los.”

Michael disse: “Receio que não nos estejam a encontrar na nossa melhor forma mas, em nome destes meus amigos e, do nosso mundo de origem, estou feliz por vos conhecer e estendo-vos a nossa amizade.”

O seu tom de voz tornou-se sombrio. “Fomos atacados por uma nave alienígena, os Kulsat? E eles levaram a nossa amiga.”

Os olhos de Ah Tabai arregalaram-se. “Levaram?”

“O nome dela é Justine.” Disse Alex. “Ela é a primeira e única de nós, que se transformou completamente num ‘kinemat’, ela ‘emergiu’.”

“Foi por isso que a levaram.” Disse Ah Tabai. “Isso já aconteceu antes. Eles vão tentar descobrir, através dela, o máximo que puderem sobre o vosso sistema solar.”

“Existe alguma coisa, que vocês possam fazer?” Perguntou Michael. “Ou seja, conseguem resgatá-la?”

Ah Tabai baixou os olhos. “A esta altura, já a levaram para o sistema deles.” Ele olhou para Aliah. “Nós viemos de Gliese, assim que detetámos que o farol neste sistema, estava ativo, mas é óbvio que não fomos suficientemente rápidos, de outro modo, poderíamos ter sido capazes de a salvar.”

Kenny levantou um dedo. “Ah, desculpe-me. De ‘Gliese’?” Perguntou.

Ah Tabai sorriu “Sim. Gliese é o mundo membro do Coletivo, que fica mais próximo deste sistema.”

“Mas,” Kenny olhou para Michael. “Se vocês só saíram de lá, quando chegámos aqui, isso significa que vocês viajaram, algo semelhante a vinte anos-luz, em pouco mais de oito horas!”

“Sim.” Disse Ah Tabai, como se isso fosse óbvio.

“Isso é inacreditável.” Disse Kenny. Ele olhou para a nave alienígena, com os olhos arregalados. “Vocês conseguem viajar a, o quê...” Ele fez um cálculo aproximado na sua cabeça. “...Trinta mil vezes a velocidade da luz?”

“Você enganou-se no seu cálculo.” Disse Ah Tabai, como se falasse com uma criança. “Levamos essa quantidade de tempo, para ir do nosso planeta para o farol no nosso sistema, à velocidade da luz.”

“Então...?” Kenny olhou para alternadamente para Michael e para o alienígena, mas Michael também não conseguia perceber aquilo.

Ah Tabai disse: “Quando usamos os faróis estrela, dizemos que vamos viajar ‘para fora da dimensão da luz’. É através da Graça, que fazemos isto. Só dentro de um sistema, é que viajamos dentro da luz, embora o farol e o porto espacial neste sistema estejam demasiado próximos, para se viajar

dentro da luz.”

“Então, a velocidade é instantânea entre os faróis?” Perguntou Kenny. Ele olhou para Alex e Michael. “Para nós, levou mais de quatro anos.” Atordado, ele perguntou a Ah Tabai, “Que tipo de motor é que consegue fazer isso?”

Ah Tabai disse pacientemente, “Quando viajamos ‘para fora da dimensão da luz’, utilizamos a Graça. Todos os faróis estrela, ocupam o mesmo espaço fora da luz.”

Kenny olhou. “A Graça. O que é que isso significa?”

Ah Tabai levantou a mão, para evitar mais perguntas. “Vou responder a todas as perguntas, tão bem quanto conseguir. Por enquanto, vocês têm que me escutar.”

Por sua vez, ele olhou para cada um, para se certificar de que eles estavam a prestar atenção.

“Por mais que eu ansiasse pelo dia em que nos encontraríamos, eu esperava que vocês estivessem mais avançados do que isto. Se a vossa amiga, é a única de vós que ‘emergiu’, então, o vosso mundo corre um perigo terrível.

“Agora que os Kulsat estão conscientes de vocês, eles irão reunir uma armada e preparar-se para uma invasão ao vosso sistema de origem.”

Michael empalideceu. “Nós pensámos que vir até aqui, era a nossa única esperança para salvar Alex.”

Ah Tabai assentiu. “E foi. Nós não temos muito tempo. Devemos embarcar na minha nave e regressar ao vosso mundo, sem mais demora.”

Os seus olhos refletiam a gravidade das suas palavras. “Vocês devem avisar o vosso povo, que os Kulsat estão a chegar e tentar defender-se contra a aniquilação.”

**Nave Alienígena:
Alpha Centauri:**

Há alguns dias, em que sinto a minha idade. Eu sei que sou muito mais velho do que o meu pai era, quando faleceu. Os meus irmãos e irmãs estão todos muito afastados e o meu único neto morreu.

Quando eu penso sobre isso, consigo entender, porque é que tantas pessoas da minha idade começam a desejar o fim. Não é uma coisa assim tão terrível, a passagem deste mundo, para o próximo. Todas as coisas devem acabar e, nos dias em que os meus ossos doem e eu sinto falta da minha família e dos amigos que já faleceram, olho para o final da minha vida, com uma sensação de paz e de recetividade.

Hoje não é um desses dias. Hoje sinto-me jovem e cheio de emoção, apesar do perigo que representa para a Terra.

Ao seguir o caminho dos deuses, estar numa estrutura construída pelo povo das estrelas e conhecer os viajantes do céu de terras alienígenas, de repente, eu aspiro a viver mais alguns anos.

Quando Ah Tabai, o viajante que partilha a nossa ancestralidade Maia, nos convidou para bordo da sua nave estelar, para regressarmos à Terra, Kenny o cientista, saltou de excitação. Se eu não fosse tão velho e frágil, teria saltado também.

Quando entrámos na nave alienígena, eu podia sentir o formigamento da passagem da eletricidade através de mim e não conseguia dizer, se vinha da nave, ou do deslumbramento que sentia.

Ah Tabai levou-nos a uns aposentos, para passageiros, com bancos que fluíam das paredes. Quando me sentei, o assento suavemente tomou a forma do meu corpo, envolvendo-me. Parecia que eu estava a flutuar no ar, e tive vontade de adormecer, mas lutei para permanecer acordado.

O nosso anfitrião disse-nos, que será uma viagem curta, até ao farol estrela e, que um momento depois, chegaremos ao nosso sistema de origem. Ele disse que vai responder a todas as nossas perguntas, quando estivermos no nosso sistema de origem.

Enquanto adormeço, penso na história que Ah Tabai nos contou e como os deuses que criaram os faróis estrela, tem estado ausentes, há mais de mil anos.

E penso para comigo mesmo:

Acredito! Sei o segredo que os deuses esconderam na Terra e, que também sei o que lhes aconteceu.

EMERGÊNCIA

...continua em *A Mundos de Distância*

A Mundos de Distância

CRISÁLIDA
Quiriguá:
Guatemala:

Contagem Longa: 9.19.19.17.9:

Passaram sete dias, desde que eu comecei a minha prova de guerreiro e tenho estado com receio de não ser bem sucedido na minha empresa. Ou seria capturado pelos Q'eqchi', a tribo do norte, ou iria passar os restantes dias da minha vida com vergonha do meu fracasso. Eu não seria Subo Ak, o guerreiro; seria Subo Ak, o indigno.

A única maneira de poder regressar ao meu povo, os Ch'orti', com alguma dignidade, será levando um troféu.

Nos últimos dois dias, vasculhei as florestas a sul de Quiriguá, à espera de apanhar um guerreiros deles sozinho. Eu iria matá-lo e tirar algo seu, para provar a minha vitória. A minha esperança era encontrar um guerreiro que tivesse provocado muitas mortes. Ele iria ter tatuagens a mostrar as suas conquistas; a sua pele seria um prémio adequado e poderia conceder-me estatuto suficiente para obter uma esposa. Eu já tinha visto Ysalane a sorrir para mim, sempre que passava perto...

Contudo, os guerreiros Q'eqchi', só saíam para patrulhar em grupo e, nunca se afastaram uns dos outros. Eles eram muito disciplinados; não era de admirar que a sua tribo tivesse crescido tanto, durante a última geração.

Eles invadiram as nossas terras, muitas vezes, no passado. Mataram os nossos homens ou capturaram-nos para sacrifício, roubaram as nossas mulheres e queimaram as nossas culturas. O meu irmão, Atal Ak, morreu do ferimento de uma lança, num desses ataques, há um ano atrás. Desde essa

altura, que eu sonho em aderir à casta guerreira e vingar o meu irmão.

Temos muitas pedras de história que falam de um tempo em que os Q'eqchi' prestavam homenagem aos reis de Copán, quando eramos os senhores deles. Isso terminou há muitas gerações atrás, quando o rei de Quiriguá capturou o nosso último grande rei, Uaxaclajuun Ub'aah K'awiil, e levou a sua cabeça. Desde então, que os Q'eqchi' nos perseguem, há mais de cem anos.

Agora, Copán é apenas uma sombra da sua antiga glória e lutamos pela nossa sobrevivência. A minha aldeia, a leste da cidade de Copán, tem visto a sua população diminuir, a cada ano que passa. Temos sofrido com as más colheitas, a caça escassa e os ataques dos Q'eqchi'.

Um dia, os Ch'orti' irão tornar-se poderosos novamente e todas as tribos no mundo virão em peregrinação a Copán, para oferecer o seu tributo.

Esse era o meu desejo.

Antes de poder ajudar a restaurar o poder do meu povo, eu tinha que obter honra para mim. Por esta altura, eu já tinha tentado um ataque contra dois, ou mesmo contra três dos guerreiros deles. Estava desesperado.

Decidi dirigir-me para leste, onde a floresta era espessa. Talvez precisasse de um lugar melhor, para esperar pela minha presa. Quando me levantei para me deslocar, ouvi o estalo de um galho atrás de mim.

De lança na mão, virei-me, pronto para o combate. Teria um guerreiro atrás de mim? Terei passado de caçador a presa?

Uma gargalhada escapou dos meus lábios, quando vi um peru de plumas escuras, um pouco afastado. Ele andava no meio do mato, com a cabeça a balançar e a sacudir enquanto procurava comida.

O meu estômago roncou. Eu não tinha caçado nada, desde que tinha chegado a Quiriguá e estava quase sem comida na minha mochila. Se ficasse enfraquecido pela fome, eu não resistiria a uma luta contra um guerreiro Q'eqchi', muito menos contra dois ou três.

O peru não me viu. Eu estava no meu dia de sorte.

Silenciosamente, coloquei a minha lança no chão, peguei no meu *atlatl* e coloquei um longo dardo no eixo.

Pisando com cuidado, para evitar galhos caídos que alertassem o peru da minha presença, aproximei-me o mais que pude do pássaro. Apontando para o alvo, atirei o dardo para a minha presa e, praguejei quando a ponta caiu no chão em frente ao peru.

Imediatamente, levantou voo. Nos confins da floresta, no entanto, ele não

tinha espaço suficiente para conseguir voar muito alto. Ele foi forçado a aterrar, várias vezes, depois de se desviar para evitar o tronco de uma árvore.

Eu corri em sua perseguição, pegando na minha lança e na minha mochila, enquanto corria atrás do pássaro. Se me aproximasse o suficiente, poderia tentar lançar-lhe outro dardo.

Estávamos a aproximar-nos da orla da área arborizada. Sabia que, quando o peru atingisse a planície, conseguiria voar mais rápido do que eu conseguiria correr. Quando vi que ele bateu com a asa numa árvore e perdeu o equilíbrio, soube que era a minha melhor e também, última oportunidade.

Larguei tudo, exceto o meu *atlatl* e, rapidamente, carreguei outro dardo e lancei-o.

Desta vez atingi o meu objetivo e, o dardo atingiu o peru na parte superior da asa. Agora já não seria capaz de voar. Ainda que tentasse correr, o dardo na asa desequilibrava-o e reduzia a sua velocidade.

Tirei a minha faca do cinto, corri para o pássaro e lancei-me sobre ele. A minha primeira investida falhou o pescoço cortando, ao invés, a carne do seu peito. O meu segundo corte foi certo e eu pressionei o pássaro para baixo, até morrer.

Contudo, o peru fez um barulho terrível na sua agonia. Vários guerreiros Q'eqchi', que vinham a seguir um trilho no bosque, ouviram os sons e correram a investigar.

Eu vi-os e senti um momento de pânico. Se ficasse para os combater, eles iriam subjugar-me. Eles teriam que me matar, ou arrastar-me para Quiriguá, para o sacrifício.

Se fugisse, só iria provar que era um covarde e incapaz de ser um guerreiro dos Ch'orti'.

Ocorreu-me um plano e... só tinha um momento para agir.

Deixei o peru morto onde estava, com o dardo ainda na sua asa. Peguei na minha lança, afastei-me a correr e, agachei-me atrás de um bosque espesso de mato.

Os guerreiros sabiam que o peru tinha sido morto por um caçador. Também iriam conseguir identificar o dardo como um dos projeteis dos Ch'orti'. O primeiro pensamento deles, seria que o inimigo tinha decidido fugir.

Com alguma sorte, eles iriam separar-se, na sua busca por mim. E então, eu seguiria um deles. Quando tivesse uma oportunidade, iria emboscá-lo.

Eu esperei, atrevendo-me a levantar a cabeça acima do mato, para ver o

que os guerreiros estavam a fazer.

Ao fim de mais alguns minutos, ainda não tinha ouvido os sons da sua busca. Agarrando na minha lança com as duas mãos, eu rastejei por detrás do mato e procurei por eles. Tinham desaparecido!

Intrigado, voltei ao lugar onde tinha morto o peru, tentando ser tão silencioso quanto podia. O pássaro permanecia intacto. Nesse instante vi um movimento através da floresta, em direção ao trilho.

Não podia acreditar nos meus olhos, quando finalmente avistei os quatro guerreiros. Eles corriam de regresso à sua cidade. *Covardes!*

Ainda a tentar descobrir o que os fez fugir, virei-me. Pretendia retornar ao peru e reivindicar o meu jantar.

Uma sombra rastejou pelo caminho à minha frente e eu olhei para o céu, à espera de ver uma águia ou alguma outra ave de rapina a circular, por se ter apercebido da matança anterior.

Todavia, não era um pássaro. Eu senti um aperto frio de medo nas minhas entranhas.

Uma das pedras de história, em Copán, predizia um tempo em que o Sol iria cair do céu e queimar o mundo.

Durante o tempo que durou uma batida do coração, eu acreditei que isso estava a acontecer naquele momento. Depois percebi que não era o Sol, mas uma bola incrivelmente brilhante a lançar luz, no céu da tarde.

Lembrei-me de um dos nossos anciãos, Yax Kuk, ter falado muitas vezes dos deuses do céu. Nas noites claras, às vezes conseguia-se vê-los a viajar nas costas dos pássaros de fogo. Eu testemunhei um evento como esse uma vez, em toda a minha vida. Uma fina linha de luz traçava o seu caminho no céu da noite, como se fosse uma estrela a tentar cortar o manto da noite.

Agora, porém, a bola de luz era muito maior do que aquela que eu tinha visto, quando era mais novo. Em vez de longos rastros de fogo e de fumo, havia apenas uma leve espuma, como se fossem pedaços de gelo numa fogueira.

Ao contrário dos guerreiros Q'eqchi', que fugiram com medo da ocorrência estranha, eu senti-me encorajado, quando percebi que o objeto não estava a passar pelo céu; ele ia pousar nas montanhas a noroeste.

Se fosse, de fato, um deus no seu barco voador, então, o primeiro ser humano que o encontrasse, iria receber um lugar de honra. Essa pessoa iria tornar-se um profeta.

Eu tinha que ser essa pessoa.

Com as bênçãos de um deus, eu poderia liderar os Ch'orti' e recuperar o nosso lugar de direito, como senhores de todas as tribos. Eu iria tornar-me rei. Subo Ak; o salvador de todos os povos.

Os pensamentos acerca do peru e do meu estômago vazio abandonaram-me, quando comecei a correr, percorrendo o caminho para o deus que tinha regressado à Terra.

**Nave de Patrulha:
Sistema Solar:**

Alex saiu do estado fotónico, para entrar numa cena caótica. A nave sentinela do Ah Tabai estava a tremer e o som de um imenso rugido, preenchia o compartimento dos passageiros.

Um alarme soou algures e Alex ouviu um grito do outro lado da câmara. Michael estava no chão, ao seu lado, a segurar no joelho. O rosto dele contorcia-se numa careta de dor. Kenny e Yaxche ainda estavam nos seus assentos moldados, com as mãos a segurar os suportes, para não serem projetados.

A nave balançou novamente e, um momento depois, a porta dissipou-se. Ah Tabai entrou aos tropeções.

“O que é que está a acontecer?” Perguntou Kenny, com uma voz desesperada.

“Nós colidimos com algo que explodiu e arrombou o nosso casco. Talvez uma mina.” Ah Tabai acenou com a mão, apontando para todos na sala. “Temos que ir para a cápsula de segurança.”

“Não estamos novamente no Sistema Solar?” Perguntou Alex, quando saiu cuidadosamente da cadeira moldada, mantendo uma mão no suporte, para se apoiar.

Concordando, Ah Tabai disse: “Sim. Alguém estava à espera do vosso regresso. Quando chegámos, entrámos numa espécie de campo minado. Colidimos com uma mina e isso afetou os nossos computadores o tempo suficiente, para nos impedir de saltar novamente para o Espaço Etéreo.”

“Kinemética?” Perguntou Michael. Ele ainda estava no chão, com os dentes cerrados, mas parecia que a dor da sua queda tinha diminuído. Estava sentado.

“Não me parece.” Disse Ah Tabai. “Nós temos defesas contra isso. A explosão danificou o nosso casco. O nosso motor a Éter desligou-se. Está uma nave a aproximar-se e eles irão alcançar-nos em minutos, bem antes que possamos fazer reparações.” Ele virou-se para Alex. “É contra o protocolo estarmos aqui, mas permitir que uma sociedade não-emergente tenha acesso à nossa tecnologia, é um dos crimes mais graves. Teremos que nos autodestruir. A nossa cápsula de segurança foi elaborada com tecnologia muito básica. É a vossa única opção. Vocês têm que se apressar.”

Kenny levantou-se completamente do seu assento e foi ajudar Michael a colocar-se de pé. “Vocês tentaram contatar a nave? Eles podem ser um dos nossos.”

“Não.” Disse Ah Tabai. “Eu pesquisei as marcas dela, através da base de dados da vossa nave. Não está nos vossos registros.”

Alex ajudou Yaxche a levantar-se. “Pode ser a mesma nave, ou os mesmos indivíduos que vieram atrás de nós, há quatro anos.” Era estranho pensar naquele período de tempo. Da perspetiva de Alex, tinha-se passado apenas um dia.

“Se assim fosse, como é que eles saberiam que nós regressaríamos?” Perguntou Kenny.

Michael, já de pé, embora amortecendo a sua perna ferida, enquanto se deixava guiar para fora do habitáculo, disse: “Provavelmente, para eles, isso não é importante. Quem quer que fosse que nos atacou antes, não queria a nossa tecnologia, eles já estavam a desenvolver a deles. Eu acho que eles estão posicionados aqui, com ordens para intercetar qualquer nave que saia do espaço quântico.”

“Ou destruí-la. A melhor forma de ter o monopólio, é eliminar a concorrência.” Disse Kenny, com os lábios apertados numa expressão azeda.

Ah Tabai mostrou-lhes o caminho para a barriga da nave e abriu um portal para uma pequena e apertada cápsula de segurança. Era uma câmara circular, com quatro lugares colocados na parede exterior, virados para dentro.

“Vocês não vêm connosco?” Perguntou Kenny.

“Não.” Ah Tabai sacudiu a cabeça. “Aliah e eu vamos tentar regressar ao nosso sistema de origem, na cápsula de comando. Tem um motor portátil a Éter, semelhante ao que usámos anteriormente para enviar Alex de regresso. Vamos tentar regressar com outra nave e, desta vez, estaremos prontos para um ataque.”

Antes de ir para dentro, Alex disse: “Eles não vão disparar contra a nossa

cápsula de segurança?”

“Nós programámos uma trajetória, para que a cápsula vos leve para o farol estrela. O campo de energia à volta dele, deve mascará-la nos sensores deles. A cápsula tem ar e nutrientes líquidos suficientes, para vos manter vivos a todos durante várias semanas. Alex, você pode começar a sentir os efeitos adversos, por estar em Plutão, mas você não é tão sensível como os ‘seres etéreos’ completos. Não vai ser agradável, mas é a vossa melhor hipótese, até que vos possamos vir ajudar. Quando a nossa nave se autodestruir, o choque do Éter deve perturbar os sensores do atacante durante algum tempo.”

“Ah Tabai.” Disse Alex: “Obrigado.”

“Não, não é necessário agradecer.” Disse ele. “Basta manterem-se vivos, até que possamos regressar para vos ajudar.”

Com isso, Alex arrastou-se para a cápsula de segurança e encaixou-se entre Yaxche e Kenny, ao lado de Michael. Ah Tabai fechou o portal atrás dele, enquanto eles amarravam os cintos.

Os quatro homens partilharam olhares inquietos uns com os outros, na penumbra da luz de um monitor, que mostrava os níveis de suporte de vida. Obviamente que não havia muitos controlos na cápsula. È que, não tinha sido projetada para ser uma nave espacial navegável.

“Quem é que você pensa que são?” Perguntou Kenny. “Estou a referir-me aos atacantes.”

Michael, com um olhar como se ainda estivesse a sofrer a dor da sua queda, disse: “Descobrir quem nos expulsou do Sistema Solar há quatro anos, é menos importante, do que o fato de ainda estarem aqui à nossa espera.”

“E porque é que isso é mais importante?” Perguntou Kenny.

“Isso significa que as coisas na Terra mudaram. Mesmo que o financiamento da NASA tinha sido cortado na altura em que partimos, no mínimo, eles teriam mantido uma estação de alerta não-tripulada, aqui em Plutão. O farol estrela é a descoberta mais significativa que já fizemos. É difícil de acreditar que eles o iriam deixar abandonado. Se a EUA, Inc. Mantivesse a sua presença aqui, não adotariam uma política de ‘ser o primeiro a atirar’. A única razão que eu consigo pensar, para eles não estarem aqui, é porque algum poder alienígena assumiu o controlo do Espaço Plutoniano. Talvez até, mais do que isso.”

“Poder alienígena? O sinal que veio daquela nave que nos perseguiu, não era do Conglomerado Árabe?” Disse Kenny.

“Os sinais podem ser disfarçados. A verdade é que nós não temos nenhuma

ideia de quem era. Tudo o que posso dizer, é que a situação na Terra deve ser terrível.”

Durante a evacuação para a cápsula de segurança e a discussão, enquanto esperavam para serem lançados, Yaxche tinha permanecido em silêncio.

“Você está bem?” Perguntou-lhe Alex.

“Ahyah.” Disse o velho e ofereceu a Alex um sorriso tranquilizador. “Não estou acostumado com tanta excitação.”

“Nós vamos ficar bem.” Alex esperava que as suas palavras viessem a revelar-se verdade.

Uma pequena campainha soou e ouviram a voz de Ah Tabai. “Nós vamos lançar a cápsula de comando primeiro, para distrair os atacantes. Quando a vossa cápsula de segurança for ejetada, a nossa nave vai iniciar uma contagem regressiva de um minuto. Vamos aguardar até que a cápsula esteja perto do farol estrela, antes de entrarmos em voo etéreo.”

“Estamos prontos.” Disse Alex.

Ouviu-se um estrondo agudo alguns momentos depois e Alex assumiu que era a cápsula de comando com Ah Tabai e Aliah.

Ah Tabai confirmou-o, quando a sua voz veio através da cápsula de segurança. “Já saímos. Eles estão a disparar mísseis contra nós, mas são demasiado lentos. As nossas defesas já os desativaram.”

Os quatro esperaram ansiosamente, na cápsula de segurança, durante aquilo que pareceram séculos, mas que foram apenas dez segundos.

“Preparem-se para o lançamento.” Disse Ah Tabai e toda a cápsula começou a tremer, quando os motores de propulsão os impulsionaram para fora da nave.

A pressão aumentou repentinamente. Alex ficou incapaz de respirar por alguns instantes, até que a aceleração se estabilizou.

“Vocês estão na vossa rota.” Disse Ah Tabai no altifalante. “A contagem regressiva para a autodestruição, foi iniciada.”

Com a velocidade da cápsula de segurança estabilizada, eles perderam gravidade e Alex viu Kenny empalidecer. Muitas pessoas ficavam desorientadas e com náuseas, num ambiente sem gravidade.

“Trinta segundos.” Disse Ah Tabai. “Provavelmente ocorrerá um efeito de choque. Vocês devem agarrar-se a qualquer coisa.”

“Como é que vocês estão?” Perguntou Alex e depois lembrou-se que podia usar a sua habilidade para descobrir por si mesmo. Fechou os olhos para expandir a sua *visão*.

A cápsula de segurança foi lançada em direção a Plutão e ao *Dis Pater*: o farol estrela do Sistema Solar. Àquela velocidade, deveriam chegar lá em menos de cinco minutos.

No espaço à volta de Plutão, a nave atacante perseguia a cápsula de comando. Atrás deles, a nave sentinela de Ah Tabai e Aliah afastava-se lentamente deles.

“Vinte segundos.” Disse Ah Tabai, e então a sua voz mudou de afinação. “Eles dispararam um torpedo contra nós. Não é feito à base de Éter. O alvo deles está fora de alcance. Mas a onda de choque levou a nave sentinela de Gliesan a mudar de direção.”

“O quê?” Perguntou Michael.

“Eu não tenho a certeza...” Começou Alex a dizer. Depois, ele viu que a nave atacante tinha mudado de curso.

A nave Gliesan colidiu com outra mina.

A explosão enviou uma onda de choque suficiente, para esmagar o casco da cápsula de comando.

“Ah Tabai!” Gritou Alex, mas não houve resposta.

Na cápsula de segurança, Alex não sentiu o tremor da explosão, uma vez que eles já estavam longe o suficiente para se escapar dos efeitos. No entanto, dez segundos depois, quando a nave sentinela dos Gliesan explodiu, a onda de choque bateu contra eles com tanta força que, mesmo amarrados com os cintos, os ocupantes sentiram o impacto.

O monitor da cápsula de segurança apagou e acendeu e Alex teve que desviar a cabeça, quando uma faísca elétrica disparou da consola.

Ele conseguia sentir a queda da cápsula, mas a única coisa que podia fazer, era segurar-se. Não havia forma de controlar a sua rotação.

O som de um gemido baixo encheu a câmara, mas Alex não sabia dizer de quem era.

Ele tentou expandir a sua *visão* novamente, mas antes que se conseguisse concentrar, a cápsula de segurança bateu em algo duro e inflexível. O impacto deixou-o inconsciente.

**Cápsula de Segurança:
Sistema Solar:**

Michael foi o primeiro a recuperar a consciência.

Demorou bastante tempo para se orientar. Não havia luzes no interior da cápsula de segurança, mas ainda conseguia respirar. Ele moveu a perna e a dor do joelho ferido percorreu o seu corpo. Tentou conter um grito, mas este saiu de qualquer maneira.

Michael fez uma careta até a dor diminuir, respirou fundo e estendeu a mão para o lado. A sua mão tocou no ombro de Kenny, sacudindo gentilmente o físico.

“Kenny, você está bem?”

Um gemido baixo saiu do homem mais jovem e, quando Kenny falou, foi com um esforço óbvio. “Tenho dificuldade em respirar.”

“Fique quieto. Não se mexa. Tem uma costela partida. A última coisa que vai querer é que ela lhe perfure o pulmão.”

Ele estendeu a mão para o outro lado e sentiu o cabelo de Yaxche. Movendo a mão para baixo, para o pescoço do homem mais velho, ele sentiu-lhe o pulso. Ainda Tinha, mas estava fraco. “Yaxche?” Perguntou. “Você está ferido?”

Cuidadosamente, ele bateu na face de Yaxche e depois repetiu a pergunta, quando sentiu o homem mais velho hesitar.

Yaxche disse: “Ahyah. Estou bem, só que acho que posso estar cego.”

“As luzes estão apagadas.” Disse Michael. Ele ainda estava preso pelo cinto e atrapalhou-se com o fecho de segurança. “Eu não consigo chegar a Alex. Ele ainda está inconsciente?”

Michael não conseguiu ver se Yaxche tocou em Alex ou não, mas um momento depois, o jovem gemeu.

“O que é que aconteceu?”

Michael disse: “Eu ia fazer-lhe a mesma pergunta.”

“Dói-me a cabeça. Acho que bati com a cabeça em alguma coisa.”

“Você consegue usar a sua *visão*, para ver onde é que estamos?” Perguntou Michael.

“Sim.” Disse Alex. “Dê-me um minuto.” Um momento depois, ele soltou um som de desespero.

“O que foi isso?” Perguntou Kenny.

“Eu consigo ver os restos da nave sentinela mas...e sem certezas absolutas... parece que a cápsula de comando foi destruída.”

“Ah Tabai.” A voz de Michael estava rouca. “Aliah.”

“Eu não consigo sentir os sinais kineméticos deles. Acho que estão mortos.” Alex fez o som de um gemido. “Eles arriscaram tudo para nos ajudar, mas pagaram com as suas vidas.”

Michael sentiu uma profunda raiva, com a notícia. Mais vidas perdidas desnecessariamente. Quem seriam aqueles maníacos, que os atacaram sem aviso?

Kenny disse: “Então, isso significa que estamos presos aqui?”

“Não temos assim tanta sorte.” Respondeu Alex.

“O que é que quer dizer com isso?”

“Nós aterrámos em Plutão. A má notícia é que não aterrámos perto do farol estrela o suficiente, para que ele nos mascarasse. Além disso, os nossos atacantes, vêm a caminho.”

∞

Sentaram-se em silêncio, enquanto os minutos se estendiam. Michael sabia que, mesmo que nenhum deles fosse claustrofóbico, ficar no escuro num espaço fechado, poderia afetar a psique de qualquer um.

“O que é que eles estão a fazer agora?” Perguntou ele, mantendo a sua voz tão calma quanto conseguia.

Alex limpou a garganta. “Não tenho a certeza. Eles estabeleceram uma órbita, mas não enviaram nenhum veículo de transporte, nem nada do género. Talvez estejam à espera de instruções.”

“De onde?” Perguntou Michael. “Se contataram a Terra, pode levar bem mais de oito horas, até que recebam uma resposta. Parece-me um tempo de espera muito longo.”

“Talvez eles não nos consigam ver.” Disse Kenny, com a voz cheia de

esperança.

Alex disse: “Os sensores e as nossas luzes estão desligados. É possível que seja o suficiente para nos esconder. Eles podem conhecer a área geral onde pousámos, mas podem não saber a nossa localização exata.”

Michael soltou uma gargalhada curta e oca. “Se esse for o caso, então talvez devamos informá-los que estamos aqui.”

“Você está louco?” A voz de Kenny estava tensa. “Eles vão matar-nos.”

“Talvez.” Disse Michael, “mas se não correremos esse risco, morreremos de qualquer maneira.”

“O que é que quer dizer?”

Em vez de responder à pergunta diretamente, Michael perguntou a Alex, “Existe alguma maneira, de você ter a certeza que Ah Tabai e Aliah estão mortos? Talvez estejam só em estado quântico, tal como você esteve.”

“Eu ainda consigo sentir vestígios de radiação kinemética, em volta do sitio onde a cápsula de comando explodiu. Se eles estivessem em estado quântico, eu deveria conseguir detetá-los do mesmo modo. Lamento dizer: isto, mas acho que eles não sobreviveram.”

“Então, ninguém sabe que estamos aqui.” Disse Michael. “Parece que os sistemas de suporte de vida estão a funcionar bem. Acabámos de perder as comunicações e as luzes. Se pudermos reiniciar os sistemas, poderemos enviar um pedido de socorro.”

“Espere um momento.” Disse Kenny. “Não lhe parece, que devemos votar sobre isso?”

“Se você tiver alguma sugestão melhor,” disse Michael “está na hora de a apresentar...”

Depois de um momento, Kenny bufou. “Bem. Como é que conseguimos recuperar as comunicações?”

“Quando estávamos a reparar a unidade de *quantum* na *Ultio*, Justine mencionou que foi ela o catalisador, que ativou o campo de amortecimento e fez arrancar os motores principais. Alex, você pode utilizar a sua capacidade eletropática, para experimentar isso aqui?”

“Posso tentar.” Disse Alex. “Dê-me um minuto. Devo avisar, que estes sistemas são completamente desconhecidos para mim.”

Todos esperaram em silêncio, durante uma pequena eternidade. Sem aviso, as luzes da cabine ligaram-se e todos gritaram de surpresa. Michael, sentindo-se como se tivesse estado cego, cobriu os olhos com a mão, até eles se ajustarem à luz.

Alex disse: “Acho que consigo localizar a matriz das comunicações... ok. Yes! Aqui vamos nós.”

O monitor na parede iluminou-se, mostrando a informação do suporte de vida.

“Oh. Essa era a matriz de diagnóstico.” Disse Alex. “Ainda estou à procura das comunicações.”

Enquanto Alex continuava a utilizar as suas habilidades, para tentar reparar o sistema de comunicações, Michael olhou para Kenny. O jovem físico não estava com bom aspeto.

“Você está bem?” Perguntou ele.

Kenny, com o rosto sem cor, forçou um sorriso. “Só dói quando respiro, pelo menos isso significa que ainda estou vivo, certo?”

Alex disse: “Já percebi. Temos comunicações novamente.” Ele olhou para Michael. “Estou a transmitir para várias frequências.”

Acenando para Alex, Michael falou com a voz mais alta. “Atenção nave não-identificada a orbitar Plutão. Aqui é Michael Sanderson, um cidadão da Corporação do Canadá. Há mais três pessoas a bordo da nossa cápsula, Alex Manez e Kenny Harriman, que também são canadenses e um tradutor das Honduras chamado Yaxche. Oferecemos a nossa rendição.”

Os quatro homens olharam uns para os outros, inquietos até que o altifalante estalou.

“Aqui é o Tenente Gao do Império Solan. Você chegou ao espaço imperial, numa embarcação de fabrico desconhecido. De acordo com nossos registros, as quatro pessoas que você nomeou, foram todas declaradas traidoras pelos seus respetivos governos. Além disso, essas mesmas pessoas, estão desaparecidas há mais de quatro anos e foram dadas como mortas.

Devemos concluir que, ou estão a fazer espionagem para um governo alienígena, ou são fugitivos, a tentar disfarçar-se com identidades falsas. Em ambos os casos, a pena por espionagem é clara.”

“Nós não somos fugitivos.” Disse Michael. “E não somos espiões. Somos quem dizemos que somos. Se os nossos governos têm ordens de captura para nós, tenho a certeza de que gostariam que nos prendesse e nos entregasse. Foi tudo um grande mal-entendido. Por favor, temos um homem ferido aqui. Ele pode ter algumas costelas partidas e, está a precisar de cuidados médicos.”

O rádio ficou em silêncio, por um momento. Com uma nota de apreensão, Kenny perguntou: “Porque é que não estão a responder? Isso significa que irão apenas disparar contra nós?”

Michael olhou para Alex. “Você consegue ver o que eles estão a fazer?”

Alex fechou os olhos, em concentração. “Eles estão a aproximar-se da nossa posição geoestacionária. Não consigo dizer, se eles estão armados ou não.”

“Eles vão fazer-nos explodir.” Disse Kenny, com uma expressão miserável.

A voz do Tenente Gao veio pelo altifalante. “Ocupantes da cápsula de segurança. Esperem. Vamos enviar um veículo para investigar. Se vocês não forem quem disseram ser, serão destruídos no local.”

“Obrigado, Tenente.” Disse Michael.

O Tenente não respondeu mas, um momento depois, Alex disse-lhes que tinha sido lançado um veículo da nave de patrulha.

Antes que chegasse, Michael disse: “Eu sugiro que nenhum de nós fale sobre Ah Tabai, Aliah, ou sobre os Kulsat.”

“O que devemos dizer-lhes, então?” Perguntou Kenny. “Como é que vamos explicar a nave alienígena, ou sequer esta cápsula de segurança?”

“Finjam-se de ignorantes. Digam-lhes que não sabem nada do que aconteceu connosco, desde a altura em que saímos do Sistema Solar.”

Alex, com voz seca acrescentou, “Isso resultou comigo, da última vez.”

∞

Depois de atracar a cápsula de segurança com um dispositivo magnético, o veículo decolou de Plutão e retornou para a nave de patrulha.

Quando estavam seguros no compartimento de ancoragem, Alex informou que os soldados se estavam a aproximar para cercar a cápsula de segurança, Michael disse: “Veja se consegue abrir a escotilha.”

Alex tentou e, um silvo de ar frio fluiu no compartimento.

Uma voz do exterior gritou uma ordem. Soou como sendo o Tenente Gao. “Saíam da cápsula um de cada vez, lentamente e, com as mãos por cima das vossas cabeças.”

“Estamos a sair.” Respondeu Michael e saiu em primeiro lugar, caminhando cautelosamente. O seu joelho ainda latejava.

Seis soldados armados, apontaram as suas caçadeiras de feixes de iões para Michael. Ao verem que ele era, de fato, humano, eles descontraíram-se ligeiramente, pelo menos foi o que Michael conseguiu ler nas expressões dos seus rostos. Eles ainda tinham as armas apontadas para ele, como se fosse um criminoso perigoso.

O próximo a sair foi Alex, seguido por Yaxche.

O Tenente Gao avançou. No distintivo que tinha ao peito, estavam palavras escritas em chinês, tal como a insígnia no *epaulet*. Ele era claramente oriental, no entanto, falou com um inglês sem sotaque. O seu tom não tinha nenhum traço de humor. “Onde é que está o último?”

Apontando para a cápsula, Michael disse: “Ele vai precisar de ajuda.”

“Muito bem. Vocês três, seguirão os guardas para a área de detenção. Se não seguirem precisamente as instruções, serão abatidos sem hesitação.” O Tenente apontou para dois dos soldados. “Vocês dois, recuperem o prisioneiro ferido e tragam-no para a enfermaria. Certifiquem-se, de que ele está totalmente desarmado.”

“Obrigado, Tenente Gao.” Disse Michael. “Estivemos fora durante algum tempo. Você pode explicar-me, o que é o Império Solan?”

“Cale-se.” Disse o Tenente. “Até que recebamos novas instruções, você ficará incomunicável. Você não irá falar com os guardas, nem lhe será fornecida qualquer informação.”

Michael queria ver os dois soldados chegarem à cápsula de segurança para ajudarem Kenny a sair, mas um dos guardas pressionou o cano da caçadeira de feixes de iões contra as suas omoplatas. Os três dirigiram-se para fora do compartimento de ancoragem, sem dizerem mais uma palavra, tal como tinham sido instruídos.

Pouco antes de saírem pela porta principal, Michael girou a cabeça e olhou brevemente para Kenny. O jovem físico estava pendurado molemente entre os dois soldados e, possivelmente, inconsciente. Michael queria voltar para o ajudar, mas sabia que alguma coisa que fizesse, poderia comprometer a cooperação dos soldados do Império Solan, quem quer que eles fossem.

∞

Passaram-se quase nove horas, até que alguém viesse à sua cela. Michael estava cada vez mais preocupado por não ter notícias de Kenny. Também não tinha qualquer indicação por parte do soldado, que os guardava estoicamente, acerca de qual seria o destino deles.

Michael, levantou-se do banco comprido, pregado à parede da cela, quando reconheceu o Tenente Gao, seguido por mais dois soldados que seguravam revólveres.

“Como é que ele está?” Perguntou Michael, olhando nervosamente para as armas. “Kenny está bem?”

“Essa devia ser a última das suas preocupações, Sr. Sanderson.” Disse o Tenente, com um tom ameaçador na sua voz.

Alex levantou-se e ficou ao lado de Michael, enquanto Yaxche permaneceu sentado.

Michael perguntou: “O que é que quer dizer com isso?”

“Recebemos instruções do Comando Central. Elas foram bem explícitas.” Com isso, ele fez um movimento com a mão para os dois soldados. Ambos levantaram suas armas e apontaram para Michael e Alex.

“O que é que está a fazer?” Gritou Michael. A única resposta que recebeu do Tenente Gao, foi um sorriso divertido.

O Tenente acenou para os seus homens.

Alex gritou: “Não!”

Os soldados abriram fogo.

**Nave Kulsat:
Sistema de Centauri:**

No passado, quando Justine estava em estado quântico, ficava completamente consciente daquilo que a rodeava.

Mas desta vez não.

A sua consciência só regressou , quando se materializou e saiu do estado quântico, embora isso não se devesse a nenhuma ação sua. Levou alguns segundos, para se lembrar do que lhe tinha acontecido.

A Ultio.

Alguém, ou algo, a bordo da nave Kulsat a detetou com a *visão* e, de seguida, contra a sua vontade, transformou-a em *quanta*.

... E depois?

Os seus pensamentos eram espessos; ela tinha dificuldade em concentrar-se. Onde é que estava?

Ela abriu os olhos para um abrangente Manto de escuridão. Não havia nenhuma radiação kinemética no seu corpo; ela não conseguia usar a sua influência, para sentir o meio envolvente.

O pânico atravessou-a e ela debateu-se com um grito. Tinha que manter a racionalidade.

Embora fosse cega, ela tinha outros sentidos.

Ela conseguia respirar, por conseguinte, havia oxigénio. Sentia um cheiro almiscarado e um pouco obsoleto. Fazia-a lembrar um grande complexo industrial, com controlo de temperatura.

Se apurasse a audição, ela conseguia ouvir o eco da sua respiração. Logo, isso significava que havia paredes e, estava num espaço fechado. Seria uma prisão?

Sob as suas costas, o chão era duro e frio ao toque. Tocou-o com a unha e

produziu um som metálico agudo.

Estendeu os braços num movimento semelhante a um leque, mas as mãos não entraram em contacto com quaisquer paredes, ou outros objetos próximos a si. Esticou-os para cima, mas também não sentiu nenhuma resistência, nessa direção.

Cuidadosamente, ela rolou sobre o seu estômago, tirou as pernas debaixo dela, pondo-se de joelhos. Embora os seus músculos estivessem rígidos e doridos, não precisou de muito esforço para se levantar. O nível de gravidade, era cerca de metade do normal da Terra.

Ela moveu os braços à volta, num movimento circular, em busca de uma parede ou de um teto.

“Olá?” Disse ela. A sua voz soou-lhe pequena e assustada, mas não houve resposta.

Esticando uma mão à sua frente, Justine arrastou-se para a frente, sobre os joelhos. Ela precisava de saber as limitações da sua cela de prisão, se esse fosse, de fato, o lugar onde estava.

Os seus dedos, subiram contra uma parede e ela deixou escapar um pequeno grunhido, com a repentina descoberta. A superfície da parede era suave e fresca mas, ao contrário do chão, quando ela bateu a unha contra ele, a reverberação soou-lhe mais como vidro, do que metal.

Batendo nela com os nós dos dedos, ela gritou. “Olá. Está aí alguém?”

Nenhuma resposta, à exceção do eco da sua própria voz.

Ela utilizou a parede de vidro como suporte e colocou-se de pé. Esticando-se o mais alto que pôde, mesmo nas pontas dos dedos dos pés, ela não conseguiu sentir um teto.

Mantendo a mão firmemente na parede, ela moveu-se para a esquerda, até se deparar com um canto. A parede adjacente era feita do mesmo material, semelhante a vidro.

Depressa, Justine fez um circuito completo da sua cela. A sala onde estava era um cubo e cada parede tinha, pelo menos, três metros. Ela assumiu que o teto tinha, pelo menos, uma altura similar. Embora não o pudesse alcançar, quando estava próxima de um canto, ela conseguiu sentir um silvo de oxigénio, vindo de cima.

Seria ela uma prisioneira dos Kulsat? Estaria ela na nave deles? O casco era feito de Kinemet. Ela sentiu isso, antes de ser sequestrada. Contudo, tinha que haver algum amortecedor em torno dela, porque não conseguia sentir nenhuma radiação.

Alex, Michael, Kenny, Yaxche! Também teriam sido raptados? Estariam mortos?

A sua formação militar dizia-lhe, que havia a possibilidade de ser torturada, para a obtenção de informações. Lembrou-se da história que Alex lhes contou, momentos antes da nave alienígena ter aparecido à frente deles.

Os Kulsat queriam encontrar o legado deixado pela Graça, que acreditavam estar num sistema ‘pré-emergente’. O Sentinela que tinha deixado a mensagem para Alex, tinha-lhe dito que os Kulsat não hesitariam em destruir qualquer coisa que estivesse em seu caminho.

Justine sabia que eles iriam questioná-la sobre o seu mundo de origem; onde era, qual o nível de tecnologia que tinham, ou qualquer outra informação que lhes desse uma vantagem tática. Agora que eles estavam conscientes da existência da Terraqueos, seria apenas uma questão de tempo, até que os Kulsat investigassem o Sistema Solar.

A Terra não teria a menor hipótese, contra uma espécie que tinha o nível de tecnologia que os Kulsat possuíam e, tanto quanto Justine sabia, o que tinha visto podia ser apenas uma pequena parte das capacidades deles.

Durante a sua viagem de quatro anos para o Sistema de Centauri, Justine tinha estado plenamente consciente, durante o estado quântico. Algo durante a conversão kinemética, tinha alterado a química do seu corpo, de forma permanente.

Um dos outros efeitos colaterais, era que ela retinha grandes quantidades de informação. Ela conseguia recitar o texto, de cada livro que já tinha lido. A sua mente era um depósito de conhecimento, que um inimigo estaria ansioso por conquistar.

Mais uma vez, ela sentiu o aumento da sua frequência cardíaca. Não era o pensamento da tortura que a assustava. Era, simplesmente, o pensamento de que não seria capaz de suportar as técnicas de interrogatório deles. Se conseguissem que ela cedesse, estaria essencialmente a entregar o seu mundo inteiro ao inimigo. Ela não sabia, se conseguiria viver com isso... isto é, caso sobrevivesse...

Não podia deixar que a sua imaginação a dominasse. O seu isolamento, bem como o medo do futuro, estavam a jogar com as suas emoções. Forçou-se a ter calma, fazendo técnicas de respiração em situações de crise. Isso deixou-a menos ansiosa. Por isso, colocou as costas contra uma das paredes, sentou-se e, esperou.

Embora estivesse consciente há apenas alguns minutos, ela não fazia ideia

de quanto tempo se tinha passado, desde que foi raptada da *Ultio*. Horas? Dias? Tanto quanto sabia, eles poderiam tê-la mantido em estado quântico durante anos e, não havia nenhuma evidência física, que provasse o contrário.

Também não sabia, durante quanto tempo planeavam mantê-la na cela. Certamente, que a cela não tinha sido criada para um confinamento a longo prazo. Embora não estivesse ansiosa por isso, sabia que, o que quer que fosse que os Kulsat estivessem a planejar fazer, ela tinha que esconder deles, todas as informações armazenadas na sua mente.

∞

Não teve que esperar muito tempo.

Doze minutos depois de ter recuperado a consciência, ela tornou-se consciente de outra presença kinemética nas proximidades.

Com a sua *visão*, ela percebeu que o campo de amortecimento, não estava colocado à volta da sua cela. Estava localizada numa sala muito grande. Havia uma barreira que dividia a sala, do resto da nave.

Alex? Foi o seu primeiro pensamento. Será que eles o capturaram também? Ele era o único ser humano, para além dela, que tinha passado pelo processo kinemético, embora a sua transformação, não tivesse sido concluída.

Quando estava no Observatório Lucis, ela conseguiu recarregar-se, estando apenas perto de Kinemet puro. A nova presença libertou radiação suficiente, para que alguma vazasse para dentro dela. Embora não fosse suficiente para se colocar a si mesma em estado quântico, era o que bastava, para recuperar uma pequena parte da sua capacidade de *visão*.

Era como se alguém tivesse ligado um foco de luz muito fraco. Fora dos limites da sua cela, a pelo menos vinte pés de distância, algo tomou forma no olho da sua mente.

Precisamente na altura em que as suas esperanças começavam a aumentar, elas desvaneceram-se, quando a presença se aproximou.

O que ela *viu*, fez o seu estômago contrair-se.

Não era humano.

A criatura tinha uma cabeça grande, bulbosa, com a forma semelhante a uma pá. Duas protuberâncias de ambos os lados da sua cabeça, continham uns olhos grandes. Ao invés de um peito, oito longos braços do tipo tentáculo, ligados na sua base por uma rede membranosa, que se estendia para fora. O alienígena assemelhava-se a um cefalópode.

Desde o topo da cabeça, até à extremidade dos braços, tinha menos de

metade da altura de um ser humano médio. Ela não tinha forma de descobrir de que sexo era o Kulsat, ou sequer se tinha um sexo mas, na sua mente, ela pensou nele como se fosse do género masculino.

Portanto, este é um Kulsat...

No início, ela pensou que a criatura estava a pairar, ou a flutuar de alguma forma. Depois os seus braços expandiram-se e contraíram-se, impulsionando o alienígena para mais perto da sua cela de prisão. Foi aí que ela percebeu que ele estava a nadar.

O Kulsat devia ter uma fisiologia à base de água. Estaria o interior da nave alienígena, completamente cheio de água?

Isso significava que; se quebrasse o vidro do seu terrário, a água iria entrar e afogá-la.

Na sua mente, ela estava a preparar-se para uma espécie alienígena bípede, mas a compreensão do quão diferente os Kulsat eram, provocou-lhe um choque.

O alienígena nadou para mais perto do tanque de Justine e, quando o fez, a *visão* dela tornou-se marginalmente mais forte. Enquanto a sua prisão era um cubo perfeito, a sala em que estava situada, era muito mais complicada.

Parecia um laboratório complexo, com dezenas de armários nas paredes, com as portas abertas. Ela não conseguiu identificar vários objetos de grande porte. Tinham tubos a sair deles, em direção ao teto.

Havia três mesas compridas. Vários objetos, que poderiam ser ferramentas, contentores, ou outros aparelhos científicos, estavam espalhados por cima das superfícies. Paredes verticais curtas alinhavam as bordas e Justine percebeu que elas estavam lá, para impedir que caísse alguma coisa da mesa. Quando o alienígena se movia, o movimento criava um rasto na água. Alguns itens mudavam de posição.

Quando o alienígena alcançou a cela de Justine, estendeu um tentáculo para o que parecia ser um painel de controlo, ligado à parede exterior da cela.

Embora Justine não absorvesse radiação cinemética suficiente, para se colocar a si mesma em estado quântico, ou para manipular qualquer corrente elétrica na área, a sua *visão* era suficiente para ela começar a perceber os detalhes, ao invés de apenas formas rústicas.

No final dos tentáculos do Kulsat, existiam vários dedos vermiformes. Com estes, ele tocou no painel de controlo, reproduzindo um padrão.

Um momento depois, uma voz mecânica falou num tom que, através do vidro, soava abafado e parcialmente distorcido.

“Olá.”

Justine encolheu-se e, de seguida, descontrolou-se. Olhou para o Kulsat.

“O que é que quer dizer com ‘Olá’?” Ela bateu a mão contra a parede de vidro, deixando sair toda a raiva e medo que tinha suprimido. “Quem diabos são vocês? Porque é que me sequestrou? O que é que você fez com os meus amigos?” Quando o alienígena não respondeu, ela perguntou: “O que é que você vai fazer comigo?”

O alienígena estendeu o braço para o painel de controlo, digitou alguma sequência e Esclamou:

“O que é que quer dizer com, olá? Quem diabos são vocês? Porque é que me sequestrou? O que é que você fez com os meus amigos? O que é que você vai fazer comigo?”

Justine deu um passo atrás. O alienígena tinha imitado as suas palavras.

Ela perguntou: “Como é que você sabe a minha língua?”

O alienígena digitou. “Mim não tem língua. Mim, tem que *fazer* língua.”

Ele fez sinal para um ponto entre os seus olhos e para um dos braços. Foi então que Justine colocou a mão no seu pescoço, próximo à área correspondente. Os seus dedos sentiram um pequeno pedaço retangular de metal, preso ao seu pescoço. Um transmissor?

O painel de controlo ligado ao reservatório dela, devia ser um computador linguístico. Tudo o que ela disse, deve ter ido para ele, para ser analisado. O computador tinha interpretado a estrutura gramatical básica, com base nas poucas frases que ela tinha dito.

Embora Justine não quisesse dar nenhuma informação ao Kulsat, ela entendeu a necessidade de comunicação. Talvez conseguisse negociar um tratado entre os Kulsat e a Terra. Assim, não haveria necessidade de uma invasão.

Ela começou devagar. Com a sua memória melhorada, ela conseguia recordar-se dos primeiros livros que leu, quando era criança. Mesmo sem imagens para associar as palavras ou as frases correspondentes, o computador do alienígena foi capaz de construir uma base de dados linguística rudimentar.

Respirando fundo para se concentrar, Justine falou, começando com algumas histórias mais simples e passando para alguns dos seus livros infantis favoritos, incluindo o *Peter Pan*. Quando ela estava no quinto capítulo desse clássico, o alienígena interrompeu.

“Você está capaz.”

“Capaz?” Perguntou Justine. “Para fazer o quê?”

O Kulsat digitou na sua consola. “Você é capaz para estar bem.”

“Se estou ferida?” Perguntou Justine. “Não. Não estou ferida.”

“Você está para não ‘expirar’? Continuar?”

Justine esforçou-se para compreender aquilo que o alienígena queria dizer. “Sim, eu vou viver.” Ela respirou para ilustrar. “Quem é você? Qual é o seu nome?”

“Eu sou o líder da ciência.”

Justine perguntou: “O que é que você quer de mim? O que é que você vai fazer comigo?”

O alienígena não introduziu uma resposta, imediatamente. Parecia estar a pensar na pergunta. Finalmente, ele digitou novamente no computador.

“Você é para cooperar. Você é para nos dar o seu conhecimento. Depois você é para ‘expirar’.”

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Contagem Longa: 9.19.19.17.9:

Com pensamentos de glória, tanto para mim como para o meu povo, eu vi quando o deus completou a sua jornada pelo céu e desceu até às montanhas. Fixei, na minha mente, o local onde ele aterrou e depois peguei na mochila, nas minhas armas e, iniciei uma corrida lenta.

Eu estava ciente de estar a entrar ainda mais em território inimigo, o caminho mais próximo que tinha até às montanhas. A norte, do outro lado das montanhas, ficava o Lago Izabal, lar de muitas aldeias dos Q'eqchi'. Copán ficava a dois dias, a sul, pelas terras altas. Se tivesse problemas, não teria ajuda.

Levaria a maior parte do dia, para chegar à área onde o deus tinha descido. Eu sabia que, quando deixasse a segurança relativa das áreas florestais a sul de Quiriguá, qualquer patrulha poderia identificar-me facilmente, enquanto atravessava o vale do rio, em direção às montanhas.

Se alguém tivesse visto o deus, poderiam vir investigar. Contudo, teriam que discutir a empresa com os seus líderes, antes de se poderem organizar. Por enquanto eu estava em vantagem, se conseguisse chegar lá primeiro.

A meio do caminho, parei ao lado de uma nascente, para beber e comer a última das minhas rações e depois continuei pelo vale.

Cheguei à base das montanhas, assim que o sol se começou a afundar no horizonte.

Eu sabia que estava perto. O deus tinha aterrado a cerca de um quarto do caminho para cima, a partir da base da montanha. Demorava mais tempo,

subir a superfície da montanha. Parei algumas vezes para tomar fôlego e ver se algum dos Q'eqchi' me estava a seguir. De onde estava, eu podia ver toda a planície a leste. Imaginei que, se me esticasse, conseguiria ver claramente o grande oceano.

A noite caía e, se eu não me apressasse, poderia perder a orientação no escuro. Forcei-me a subir o caminho restante.

Quando cheguei, esperava algo grandioso. Na minha mente, tinha imaginado um deus alto e imponente, sentado num trono brilhante de jade, vestindo um enorme colar de penas, que iria suplantar qualquer outra coisa que eu já tivesse visto. Iria ter jaguares deitados aos seus pés, bem como uma grande águia pousada num ombro, ou talvez fosse uma fénix, a bater as suas asas em chamas.

Ao invés, o que eu vi, confundiu-me.

Não havia trono, nem jaguares, nem águias e nem fénixes!

À minha frente, estava uma pequena embarcação, inclinada sobre um dos lados. Uma abóbada cobria a sua parte superior e estava aberta. A embarcação, era feita de um material diferente de tudo aquilo que eu já tinha visto. O casco parecia estar em movimento, como a água corrente de um riacho. Em toda a superfície, era como se um artista tivesse criado uma pintura viva de cores garridas e brilhantes. Senti-me cativado por ela.

Ouvi um som fraco e andei à volta da embarcação misteriosa.

Não era um deus, o que esperava por mim! Em vez disso, eu vi o que parecia ser um menino gordo. Ele estava deitado de lado, enrolado, com os braços à volta dele, de costas para uma árvore.

Ao Chegar quase perto dele, congelei.

O corpo dele não tinha cabelo e a sua pele era muito pálida. Mais precisamente, de couro e salpicada de manchas azuis.

O rosto dele, era diferente de qualquer outro que já tivera visto. O topo da cabeça dele era mais curto do que o normal. Tinha uma espessa crista óssea, que começava onde deveriam estar as suas sobrancelhas e continuava a contornar os lados da sua cabeça calva, até à parte de trás do seu pescoço.

Eu não conseguia ver os lóbulos das orelhas, mas havia um pequeno inchaço, onde deveriam estar os ouvidos dele. Os olhos dele, grandes e muito espaçados entre si, ficavam por cima de salientes maçãs do rosto. Embora o seu nariz fosse extremamente pequeno, a boca e o queixo eram longos e em forma de bico. No geral, ele assemelhava-se ligeiramente a uma tartaruga sem casco.

“Você tem que me ajudar.” Disse a criatura. Falando como se fosse um nativo da minha aldeia.

Superando o meu choque pela estranha aparência dele, dei uns passos em frente, para o ver melhor e, saber o que é que se passava.

Ele abriu os olhos riscados e olhou para mim. “Como é que você é chamado?” Àquela distância, reparei que as palavras que saíam da boca dele, não correspondiam aos sons que saíam.

“Eu sou Subo Ak dos Ch’orti’.” Disse eu. “Quem é você? O que é que você é?”

“Você pode chamar-me de Ekahua. O povo do céu chama-nos de Graça, embora o meu povo se chame de Xtôti.”

“Você é um deus?” Perguntei.

Ele balançou a cabeça. “Eu não sou um deus. O meu povo, outrora, surgiu de um mundo muito semelhante a este.”

Vi que ele estava com dificuldade em respirar e perguntei: “Você está ferido?”

“Eu estou a morrer.” Disse Ekahua. “Eu não vou aguentar muito tempo, na superfície do seu planeta. Ele está a destruir-me. A minha nave está demasiado danificada, para me levar novamente para o céu.”

“Será que não vem ninguém da sua tribo, para o ajudar?”

Ele disse: “Restam apenas alguns do meu povo e estão muito longe. Não haverá ajuda deles. Ninguém sabe que eu estou aqui.”

“Mas há outras tribos das estrelas, que podem aparecer. Não lhes pode ser permitido encontrar a minha embarcação, nem a mim. É demasiado perigoso para eles. Você tem que me ajudar.”

Olhei para a nave dele. “Como?”

“Dentro da minha embarcação está...” Depois ele disse algo, que soou como pedras a friccionarem-se. “É uma caixa com muitas formas quadradas, com muitos desenhos nelas.”

Deixando Ekahua onde estava, eu caminhei para a nave. Quando me inclinei para olhar lá para dentro, senti os pelos dos braços a eriçarem-se. Não Pretendia tocar na superfície. Tinha medo que me queimasse, ou que, me sugasse para o seu movimento rodopiante.

Vi um longo assento, curvo, embutido na nave. Frente ao assento, estava uma caixa plana, que continha muitas caixas mais pequenas com inscrições, umas maiores do que outras. No centro da caixa, estava um quadrado que continha formas brilhantes, em movimento.

“Toque na forma que tem a imagem de um círculo, com uma linha a atravessar a borda inferior.”

Olhei para as caixas, até ver uma que se encaixava na descrição. Mais uma vez, hesitei. Aquilo poderia ser um teste, ou uma armadilha. Não sabia o que aconteceria, se fizesse como Ekahua tinha instruído. Ele disse que não era um deus, portanto, eu poderia desobedecer-lhe, sem me arriscar a sofrer a ira divina. No entanto, ele parecia ser muito poderoso, pois conseguia navegar pelo céu, com esta embarcação voadora.

Lembrei-me do meu povo e, de como estávamos a ser invadidos lentamente pelos Q’eqchi’.

“Se eu o ajudar, você irá ajudar-me? Você irá ajudar-nos a derrotar os nossos inimigos, que matam os nossos homens e roubam as nossas mulheres? A minha aldeia fica perto de Copán. Foi em tempos uma grande e bela cidade, mas a nossa população tem vindo a diminuir, a cada estação. Precisamos de ajuda, tal como você.”

Ele disse: “A minha presença aqui, é um perigo para o futuro deste mundo. É uma ameaça muito maior do que o vosso conflito com as tribos vizinhas. Se Souberem da minha presença, todo o vosso mundo estará em risco.”

Não compreendia o que ele estava a dizer, só que aquela personagem parecia cada vez mais triste.

“Eu não tenho armas para lhe dar.” Disse ele. “Mas posso dar-lhe um presente, Subo Ak.”

“Que presente?”

“Vou ensinar-lhe a Canção das Estrelas. Talvez você a possa passar aos seus filhos e aos seus netos.”

“Uma canção?” Perguntei.

“Há um grande poder contido na canção.”

Eu tinha dúvidas mas, pelo menos, tinha algo para levar, no regresso à minha aldeia. Uma canção nova não me traria tanta honra, como a pele de um guerreiro Q’eqchi’ mas, talvez a canção me desse um estatuto de respeito entre os anciãos. Era sempre bom, estar nas boas graças deles.

Eu balancei a cabeça. “Vou aceitar esse acordo.”

“Pressione a forma marcada com o círculo e com a linha.” Disse Ekahua.

Eu fiz isso e saltei para trás, quando uma placa na parte de trás da embarcação, se abriu. Passei por cima da abertura e olhei lá para dentro. O interior da embarcação parecia uma massa de raízes enroladas, à volta de um bloco sólido de pedra escura polida.

“Há doze cordas no topo da...” Ele disse outra palavra que não compreendi. Apontei para a parte superior do bloco e, quando Ekahua assentiu, toquei num dos cabos que pareciam raízes.

“Vai ser difícil, mas você deve puxá-los todos para fora e depois voltar a colocá-los em diferentes posições. Você vai precisar de ser rápido. A nave irá...” Quando o olhei, ele disse: “A nave irá tornar-se da cor do fogo e brilhar. Logo depois, em alguns instantes, vai transformar-se em luz e desaparecer.”

Chocado, tirei os meus dedos dos cabos. Subitamente, fiquei inseguro. A tarefa parecia perigosa e eu não queria ser ferido ou morto, apenas por uma canção.

“Não lhe acontecerá mal nenhum, Subo Ak, se for rápido. E enquanto a abóbada mantiver os cabos protegidos do sol. Quando terminar, volte aqui para perto de mim, onde estará seguro.”

Eu avaliei o dispositivo mais uma vez. Devia haver um grande poder dentro daquelas raízes, se podiam destruir uma embarcação tão maravilhosa, tão rapidamente.

Respirando fundo, eu arranquei a primeira raiz do bloco. Senti uma sensação estranha na mão, como se um pequeno inseto estivesse a rastejar na minha palma. Um olhar rápido, mostrou-me que a minha mão estava vazia. Olhei para o buraco deixado pela raiz e vi um objeto pequeno e brilhante, do tamanho de um grão de areia, a repousar no intervalo.

Consciente de que tinha que ser rápido, puxei o resto das raízes para fora.

“Depressa.” Disse Ekahua e sentindo a urgência nas suas palavras, eu voltei a colocar as raízes nas aberturas, numa ordem aleatória.

“Bem. Agora corra para aqui.”

No momento em que me estava a virar, reparei que um dos grãos de areia brilhantes, estava a repousar num recesso, parcialmente por baixo do bloco de pedra polida. Devia ter caído, quando puxei as raízes.

Peguei na pedra entre o meu dedo e o polegar e, corri novamente para perto de Ekahua, o mais rápido que pude.

Ele estava a olhar para a embarcação, não para mim, e não viu quando deslizei o grão de areia, para dentro de uma das contas penduradas no meu cinto.

Virei-me para ver o que estava a acontecer à embarcação. No início, não ocorreram alterações no veículo.

Surgiu dele um som agudo, suave no início, mas depois aumentou. Os

redemoinhos na superfície da embarcação agitaram-se e o veículo começou a vibrar. A abobada estalou e fechou-se com um som alto e a placa, na parte de trás, voltou a colocar-se no lugar.

A nave começou a brilhar como o sol.

“Proteja os seus olhos.” Disse Ekahua, por isso, coloquei a minha mão a cobrir o rosto, olhando para a embarcação, por entre as fendas dos dedos.

O som aumentou e, apenas quando eu pensei que não conseguia aguentar aquilo por mais tempo, a embarcação explodiu em milhares de fagulhas de luz. Cada uma das fagulhas, ardeu em segundos.

Quando tirei a minha mão do rosto, vi que a embarcação tinha desaparecido completamente. Aproximei-me cautelosamente do local onde ela tinha aterrado e não consegui ver nenhum vestígio de que ela tivesse existido.

“Obrigado, Subo Ak.” Disse Ekahua.

Senti uma gota de chuva a cair no meu rosto e olhei para o céu noturno. Nuvens tinham-se reunido e, em breve, seríamos apanhados numa tempestade.

“Temos que encontrar abrigo.” Disse eu.

“Eu não tenho forças para subir; você tem que me carregar.”

Peguei em Ekahua. Era muito mais leve do que esperava.

Antes, ao escalar a superfície da montanha, tinha passado por um penhasco, onde tinha visto uma pequena fenda. Eu não sabia o quão profunda era a fenda, mas esperava que fosse suficientemente grande para cabermos lá dentro.

No mínimo, iria proteger Ekahua da chuva e, desta forma, estaríamos escondidos, para o caso dos guerreiros Q’eqchi’ terem enviado um grupo para investigar.

**Estação Desconhecida:
Sistema Solar:**

Para surpresa de Alex, ele acordou.

A última lembrança que tinha, era dos soldados do Império Solan a disparar contra eles. Em retrospecto, ele percebeu que tinha sido baleado com tranquilizantes, ao invés de balas ou feixes de iões.

Ele abriu os olhos e olhou à sua volta. Estava numa enfermaria, junto com os outros três. Estavam todos ligados a equipamentos médicos de suporte de vida. Uma máscara de oxigênio pressionava a boca deles e ele sentiu no braço, a picada de uma agulha intravenosa que o alimentava com nutrientes.

Michael e Yaxche ainda estavam inconscientes, mas Alex viu que Kenny estava a acordar. Um gemido suave escapou dos lábios do físico, que foi abafado pela sua máscara e ele mexeu a cabeça com movimentos espasmódicos rápidos.

Alex reconheceu os sinais de bioestase. Algumas pessoas não saiam dela tão bem, quanto outras. No passado, a NASA tinha realizado experiências com a técnica, induzindo um estado semelhante ao coma médico nos seus astronautas em missões no espaço profundo, mas tinha interrompido a prática, depois de determinar que os efeitos a longo prazo eram potencialmente prejudiciais, indo da atrofia muscular à demência.

Há quanto tempo estariam eles em estase? Era evidente que os soldados do Império Solan tinham decidido, que seria mais fácil colocar os seus prisioneiros a dormir durante a viagem, ao invés de lidar com eles. Dependendo da gravidade das lesões de Kenny, ele podia realmente ter beneficiado do longo sono, dando aos seus ossos tempo para se repararem.

Alex sentiu o seu estômago roncar. Ele não ingeria comida sólida, há bastante tempo. De repente, sentiu-se esfomeado. A sufocar a fome, por

enquanto, ele fechou os olhos e concentrou-se. Onde é que eles estavam?

Expandindo a sua *visão*, ele ficou chocado ao descobrir, que eles já não estavam na nave de patrulha que os atacou.

Examinou os seus arredores. Eles estavam numa grande estação, cujo *design* não lhe era familiar. Ao passar o seu sonar, sentiu que havia mais de mil pessoas na estação. Só quando olhou para além dos limites do complexo, é que percebeu que eles não estavam perto de Plutão.

A partir do momento que em que Alex foi exposto ao Kinemet, em Macklin Rock, ele conseguia ouvir os planetas; a Música das Esferas, como Yaxche lhe chamou. Cada corpo celeste tinha uma combinação única de forças de radiação, de gravidade, de rotação, de composição mineral e de composição química. Ao longo dos últimos anos, Alex tinha sido capaz de identificar os planetas, pelas suas frequências individuais. Com uma sensação estranha, percebeu que estavam em órbita. Mais precisamente, entre o interior do Cinturão de Asteroides e Marte.

Com base na tecnologia de motor a feixes de iões, teriam levado quatro meses, para atravessar aquela distância. Isso não parecia plausível a Alex; pois teria sofrido sequelas muito piores da estase médica, se fosse esse o caso. No mínimo, ele teria sofrido uma perda de peso significativa durante aquele tempo e, ainda que ele estivesse com uma fome aguda, não se sentia muito mais magro do que antes.

O seu acordar deve ter ativado um sensor. Ele trouxe a *visão* de volta, quando ouviu uma porta a abrir-se na enfermaria e passos a aproximarem-se.

Ao virar a cabeça, ele viu um homem desconhecido, vestido com bata branca, a vir na sua direção. De meia-idade, com um nariz aquilino pronunciado e uma falha de calvície na cabeça, o médico sorriu para Alex.

“Ah, vejo que os nossos pacientes estão a começar a acordar.”

Alex tentou levantar-se, mas não conseguia sequer apoiar-se nos cotovelos. Grossas amarras em torno dos seus braços e tornozelos, prendiam-no à cama.

“Oh, você não se deve tentar mexer, até que possamos ter certeza de que não sofreram qualquer dano muscular, na vossa viagem.” O médico removeu-lhe a máscara de oxigénio.

Alex tentou falar. Com a garganta seca, as palavras saíram como um coaxar. Ele moveu a língua ao redor da boca e tentou novamente. “Quanto tempo estive em estase?”

O médico esperou pacientemente que Alex terminasse a pergunta, antes de lhe responder. “Duas semanas, meu filho.”

“Duas...?”

O sorriso do médico alargou-se, à medida que ele foi passando pelos outros três pacientes e retirando também as máscaras deles. “Sim. Fizemos alguns avanços, desde a última vez que estive entre nós.”

Kenny estava completamente acordado e parecia ter superado a sua reação à estase. “Quem é você?” Perguntou o físico.

“Perdoem os meus modos. Sou o Doutor Naysmith.” Ele foi até ao computador de diagnóstico, ao lado de Kenny e olhou para os dados. “Ah bom. Parece que você está a recuperar completamente. Ainda irá sentir as suas costelas sensíveis durante algum tempo, mas vamos dar-lhe mais uma semana, ou duas e, ficará como novo.”

“Acho que ele queria dizer, quem são todos vocês?” A pergunta veio de Michael. “Quem são vocês? Onde é que estamos?”

“Tal como eu disse,” respondeu o médico, com uma nota animadora na sua voz “muita coisa mudou nos últimos quatro anos e o meu trabalho não é atualizar-vos sobre isso. Só estou aqui para garantir, que vocês estarão aptos para uma audiência.”

“Uma audiência?” Perguntou Alex. “Com quem?”

“Com o Imperador, é claro.”

“Imperador?” Alex percebeu que estava, simplesmente, a repetir tudo em forma de pergunta e sentiu-se completamente ignorante.

“Tenham a certeza,” disse o Doutor Naysmith, “de que todas as vossas perguntas, serão respondidas a seu tempo. Por agora, se me permitem, vou examinar-vos e garantir que estão todos saudáveis. Não fiquem stressados com coisas, que estão para além do vosso controlo.”

Como se fosse por consenso tácito, os quatro não pressionaram mais o médico e deixaram-no fazer o trabalho dele; ler *scans* e interpretar as informações dos computadores de diagnóstico. Quando terminou, o médico brindou-os com um sorriso brilhante, como se tivesse conseguido um grande feito.

“Vou informar Sua Majestade, da vossa completa recuperação. Tenham um bom dia.”

Com isso, o médico deixou os quatro sozinhos no quarto. As luzes do teto escureceram, deixando-os na semi-escuridão.

“Que diabo está a acontecer?” Perguntou Kenny.

Michael disse: “Obviamente, tropeçámos em algo importante. Precisamos de mais informações. Alex, você sabe onde estamos?”

Alex balançou a cabeça mas, a imediato, percebeu que os outros não o conseguiam ver. “Sim. Nós estamos numa estação de mineração e de processamento de asteroides. Eu não tenho a certeza qual, mas tendo em conta as letras, que não conheço, pode ser chinesa. Está numa órbita solar na parte interna do Cinturão.”

Michael perguntou: “Em conformidade com a órbita de Marte?”

“Sim.”

“É a Estação de Qin, em homenagem ao primeiro imperador da China, o que iniciou a construção da Grande Muralha.”

Kenny disse: “Imperadores! Você acha que houve uma guerra civil na China? Será que eles derrubaram o partido comunista e, ressuscitaram as dinastias imperiais?”

“É uma possibilidade.” Disse Michael. “O que me preocupa é que, aparentemente, eles conseguiram suplantar a presença da EUA, Inc. em Plutão. Eu sabia, quando partimos, que as coisas na Terra estavam complicadas, mas quão más podem ter-se tornado?”

“Então, qual é o plano?”

“No momento,” disse Michael “parece que temos de seguir o conselho do médico. Está fora do nosso controlo. Quando nos encontrarmos com esse Imperador, seja ele quem for, então saberemos mais.” Ele acrescentou em voz baixa: “Eu gostaria de sugerir, que todos continuemos a ser extremamente discretos. Quando nos encontrarmos com este Imperador, deixem-me ser eu a falar.”

Alex disse: “Por mim, está bem.”

“Por mim, também.” Disse Kenny. Ele virou a cabeça para a outra cama. “Yaxche. Você não disse nada. Você está bem?”

“Ahyah.” Disse o velho. “O meu estômago está zangado. Estou um pouco atordado.”

“Isso é, provavelmente, por causa da bioestase.” Disse Michael. “Provavelmente, isso irá passar em poucas horas. Parece que todos temos que jogar o jogo da paciência, de qualquer maneira.”

Alex não podia simplesmente ficar parado, sem fazer nada. Ainda possuía radiação cinemática suficiente a fluir nele, para continuar a utilizar a sua *visão*. Então, começou a pesquisar a Estação de Qin.

Em grande parte, a estação era muito parecida com qualquer outra estação de mineração, preenchida com engenheiros, mineiros, pilotos, administradores, supervisores e técnicos de todas as áreas necessárias, para

manter as operações a funcionar. À espera de uma população maioritariamente chinesa, Alex ficou um pouco surpreendido por encontrar uma representação de todas as culturas da Terra.

A questão permaneceu: quem seria o Imperador, estaria ele em posição de defender o Sol contra os Kulsat? Por muito poder que ele tivesse acumulado, isso não teria importância, se os Kulsat os destruíssem a todos.

Enquanto pesquisava, Alex tomou conhecimento de uma área da estação, onde os seus sentidos não conseguiam penetrar. No momento em que se aproximou, era como se tivesse esbarrado contra uma parede.

Um amortecedor kinemético rodeava a extensa área, que poderia conter salas, escritórios, ou laboratórios, tanto quanto Alex sabia.

Depois de muitos esforços, Alex não obteve muito mais informações, do que tinha quando começou. Parecia que, afinal, eles teriam de seguir o conselho do médico e esperar.

∞

Tinham-se passado quase doze horas, quando um esquadrão de soldados armados entrou na enfermaria, a acompanhar o médico.

“Boas notícias.” Disse o Doutor Naysmith “O Imperador vai recebê-los agora. Antes, porém, precisamos que estejam limpos. Quando eu remover o equipamento de estase, vocês terão uma hora para se adaptarem. Mantivemos a gravidade na estação em dois terços, por isso deve ser mais fácil para vocês colocarem-se de pé. Sem dúvida, que todos estarão a sentir as dores da fome. Já se passou algum tempo, desde que vocês ingeriram alimentos sólidos, por isso vamos dar-vos uma pasta com nutrientes, por hoje. Os vossos estômagos devem regressar ao normal amanhã. Agora, espero a total cooperação de todos.”

Alex franziu o cenho. Depois de ter passado duas semanas deitado numa cama, não tinha a certeza de que poderia oferecer alguma resistência, mesmo que quisesse. Embora a bioestase lhes tivesse mantido o tônus muscular com eletroterapia, os quatro teriam a capacidade de resposta física de um recém-nascido, pelo menos, durante algum tempo.

Sem esperar por uma resposta, o médico começou a desligar as restantes máquinas de bio. Primeiro ele retirou o intravenoso de Yaxche e desapertou as suas amarras. Com a ajuda de um dos soldados, ajudou-o a sentar-se.

“Como é que se está a sentir?” Perguntou o médico.

Yaxche assentiu. “Como um homem velho.”

Com uma gargalhada curta e educada, o Doutor Naysmith disse “O Soldado Lund vai ajudá-lo a fazer alguns exercícios de alongamento.”

O médico apontou para um dos outros soldados, para este o ajudar com Kenny, seguindo os mesmos procedimentos. A seguir levantou Michael e, por último, Alex

Quando todos já conseguiam caminhar sem ajuda, o médico fez um gesto em direção a uma porta, do outro lado da enfermaria. Seguiram-no para a sala seguinte.

“Aqui, estão chuveiros,” disse o médico “bem como produtos de higiene pessoal e roupas. Volto em meia hora para verificar o vosso progresso. Se precisarem de ajuda, qualquer dos guardas ficará feliz em ajudar.” Os soldados entraram na sala atrás deles. Parecia que não iriam ter privacidade.

Girando sobre os calcanhares, o médico saiu da enfermaria e, deixou os quatro prisioneiros a recompor-se.

Em silêncio, Alex e os outros limparam-se, tomaram banho, fizeram a barba e vestiram-se. As roupas eram macacões simples, com botas de couro preto. Os *epaulets* tinham o selo do Império Solan.

Quando o médico finalmente regressou, deu-lhes a todos um aceno conciliador de aprovação.

“Senhores, o meu propósito foi servido. Obrigado pelo vosso tempo. Por favor, sigam estes soldados. Eles irão conduzir-vos para a vossa audiência. Tenham um bom dia.”

Alex disse automaticamente, “Obrigado.” Kenny olhou para ele e levantou uma sobrancelha, como se estivesse a perguntar, porque é que ele estava a ser cordial para com o seu captor.

Todos saíram da enfermaria. O médico desceu o corredor numa direção e os restantes noutra.

Enquanto passavam, vários residentes da estação olharam para eles com curiosidade, mas ninguém falou.

Ao chegarem ao fim do corredor, pararam num elevador e, quando as portas se abriram, entraram nele. Um soldado tocou num botão para o andar de cima e Alex lembrou-se que aquela era a área cercada pelo amortecedor cinemático.

Ele sentiu uma expectativa crescente, quando se aproximaram da barreira que os seus sentidos não conseguiam penetrar.

No momento em que o elevador passou pelo campo de amortecimento, os sentidos de Alex foram surpreendidos com a grande quantidade de Kinemet

armazenado naquele nível. Era o suficiente para alimentar centenas de naves quânticas. Era mais do que a quantidade de Kinemet, que a EUA, Inc. e a Corporação do Canadá tinham extraído, em dez anos.

A radiação esmagadora fê-lo cambalear. Ele estava tão distraído com a sensação, que nem pensou em utilizar os seus sentidos para ver se estava lá alguém.

Só quando as portas do elevador se abriram, é que ele percebeu que havia uma grande festa de boas vindas, à espera deles.

Ele ficou suspenso, com a boca aberta em estado de choque, quando o Imperador do Sistema Solar, cercado por uma dúzia de soldados armados, falou com ele.

“Já passou muito tempo, Alex.”

Estação Penal da RPC: Ponto Lagrange Três, Terra-Sol:

Durante o último terço do século passado, foram colocadas várias estações de observação em órbita, no ponto de Lagrange Três, no lado da Terra oposto ao Sol. Essas estações foram projetadas para prever as manchas solares, erupções e ejeções coronais, fornecendo um aviso prévio de distúrbios solares.

Numa determinada altura, muitas das estações estavam colonizadas. Mas, como veio a constatar-se, as missões tornaram-se impopulares- devido aos efeitos psicológicos da má comunicação com a Terra, pois o Sol interferia com a maioria dos sinais de rádio – os governos do mundo abandonaram os seus esforços e, só mantiveram as estações não-tripuladas. Todas, exceto uma.

Essa orbital, construída pela República Popular da China, foi convertida numa estação penal para os criminosos, que o governo decidisse que não poderiam ser reabilitados: assassinos em série, traidores, senhores das drogas, terroristas, traficantes de seres humanos e criminosos de guerra. Por isso, tinha ficado decidido pelo governo chinês, aquando da abolição da pena de morte, que esta era a segunda melhor opção.

Não havia guardas e os próprios presos eram responsáveis pelo funcionamento e manutenção da estação, como parte da sua sentença. Caso os condenados não se conseguissem organizar, seria a sua ruína.

O único contato que a estação penal tinha com a Terra, era a nave militar da RPC, que trazia mensalmente mantimentos, equipamentos e novos prisioneiros. Sensores a toda a volta, no exterior da estação, transmitiam alertas de ASE (audiovisual por sinal eletrónico) para o governo da China, através de satélites de retransmissão, caso alguma embarcação não-autorizada

se aproximasse da estação.

Foi esta a estação, onde Chow Yin, condenado por quase todos os crimes capitais do sistema de justiça chinesa, foi condenado a passar o resto dos seus dias.

Chow Yin não perdeu tempo e começou logo a planear a sua fuga, no momento em que embarcou no transporte militar para a colónia penal. Na Estação da Lua, ele construiu um império criminoso de uma forma muito simples, mas eficaz. E agora, aplicava a mesma técnica à sua situação atual.

No primeiro dia, no transporte militar, ele avaliou os outros quatro prisioneiros. Eram eles: Tza, um contrabandista de ópio musculoso; Huan, condenado por espionagem; Sang, que, a acreditar-se nos noticiários holográficos, era um *serial killer* que assassinou mais de quarenta mulheres, ao longo dos últimos doze anos; e Sian, um jovem frágil que tinha, de alguma forma, conseguido invadir o maior banco da China, onde tinha trabalhado e desviado perto de meio bilião de *yuans*.

O compartimento de carga da nave era selado magneticamente e, foi ali que os cinco passaram os catorze dias de viagem, para a estação penal. Não havia necessidade de guardas, já que não existia nenhuma forma possível, de qualquer dos prisioneiros, conseguir violar o sistema de segurança de contenção.

Foram instaladas quatro longas mesas de metal, ao longo de uma parede do compartimento, no lado oposto às seis camas, que eram pouco mais do que pedaços de lona, envolvidos à volta de uma armação de plástico. Aquele era o único mobiliário na área, à exceção do lavatório, que estava junto ao canto mais distante do compartimento.

Na hora das refeições, abria-se um pequeno elevador numa parede, que revelava tabuleiros de comida, servida em pratos de papel. Não lhes eram concedidos utensílios, de modo que, os prisioneiros só podiam utilizar os seus dedos, para se alimentarem.

Mesmo com a baixa gravidade, as pernas de Chow Yin eram inúteis. Os meses que passou na Terra, durante o julgamento, agravaram o seu estado de saúde, até ao ponto em que se tornou necessário, o uso constante de uma cadeira de rodas de plástico moldado.

Ele tinha esperado, obviamente, tornar-se o primeiro alvo de um dos outros prisioneiros mas, para sua surpresa, Sian foi o foco da primeira tentativa de extorsão de Tza.

Na primeira refeição, Chow Yin recuou e observou. Sian, levantou-se antes

dos outros e dirigiu-se para o elevador. Sem hesitar, pegou num prato e dirigiu-se para uma das mesas.

Tza, ao invés de ir ao elevador recolher a sua refeição, aproximou-se Sian.

“Você é o mais pequeno da ninhada.” Disse ele. “Não precisa de tanta comida.”

Com isso, ele esmurrou Sian, atirando o homem franzino para o chão e pegou no prato.

“Você pode ficar com os meus restos, se sobrarem alguns.” Disse ele num grunhido e dirigiu-se ao elevador e pegou noutro prato.

O senhor da droga fez uma pausa e olhou para Chow Yin. “Você quer dizer alguma coisa, aleijado?”

Balançando a cabeça lentamente, Chow Yin permaneceu onde estava, ainda à espera. Momentos depois, Sang e Huan decidiram dividir o prato de comida de Yin, antes mesmo, que ele aproximasse para o ir buscar. Ambos sorriam para ele, enquanto dividiam os despojos.

Só depois que Tza, Sang e Huan comeram, é que Chow Yin se aproximou de Sian.

A tremer e com ar infeliz, o jovem *hacker* de computador olhou para Chow Yin. O seu olho já estava a inchar. “Ele tinha-me matado, se eu lhe tivesse respondido.”

“Claro que tinha.” Disse Chow Yin.

“Da próxima vez eu vou ser inteligente como você e deixá-los ir primeiro.”

Balançando a cabeça, Chow Yin disse: “Não, da próxima vez você vai primeiro, exceto que você também vai trazer um prato para mim.”

Com um olhar horrorizado, Sian disse: “Mas, isso é um suicídio!”

“Confie em mim.” Disse Chow Yin e virou a cadeira de rodas para a mesa mais afastada, posicionando-se, como se estivesse à espera de ser servido.

Só várias horas mais tarde, quando o elevador se abriu novamente para entregar uma refeição, é que Sian olhou para Chow Yin, que assentiu com confiança.

Tza, vendo Sian levantar-se e aproximar-se do elevador, primeiro riu-se, logo depois disse aos outros: “Vocês acreditam nisto? Algumas pessoas nunca aprendem.”

Chow Yin, ainda na mesa mais distante, esperou que Sian trouxesse a sua refeição.

Sian, a suar e a tremer de medo, agarrou em dois pratos, no momento em que a porta do elevador se abriu, correu com a comida para a mesa de Yin.

Tza deu gargalhadas pela ação e levantou-se lentamente. Ele colocou o punho na mão e estalou os dedos.

“Assistam a isto.” Disse ele e deslocou-se até Chow Yin e Sian. Ele deteve-se nos dois, como que a decidir, qual deles iria punir primeiro.

Chow Yin empurrou o prato, um centímetro, em direção a Tza. “Nós fomos tolos, por tentar tirar o que é seu por direito.” Disse ele. Com as suas palavras a surpreender obviamente tanto Sian como Tza. “Por favor, aceite as nossas desculpas.”

“Pode ter a mesmo a certeza, de que é meu.” Disse Tza. Estendendo a mão para pegar no prato.

Os olhos de Tza esbugalharam-se, quando viu Chow Yin, a puxar de uma pequena lâmina, esfaqueando o contrabandista no pescoço, cortando a artéria carótida.

Tanto a estrutura, como as rodas da cadeira de Chow Yin, eram feitas de plástico. Nas últimas horas, Chow Yin tirou uma pequena vareta do eixo em plástico, com alguns centímetros. Tinha passado todo o tempo a afiar a lâmina, contra a parte inferior da mesa de metal.

Era óbvio que Tza não conseguiu perceber o que lhe tinha acontecido. Enquanto o contrabandista de ópio caiu no convés, a agarrar o seu pescoço e a tentar conter o fluxo de sangue, Chow Yin, come se nada fosse, pegou novamente no seu prato e começou a comer.

Um biossensor detetou a condição de Tza e fez soar um alarme. Quando os soldados entraram no compartimento, para avaliar a situação, Tza já estava morto.

Embora os guardas não parecessem expressar qualquer indignação, para com a morte de um criminoso conhecido, tinham que seguir o protocolo. Por isso, os restantes prisioneiros foram amarrados às suas camas, durante o resto da viagem. A partir dali, eles só eram libertados um de cada vez, tanto para as refeições, como para as necessidades biológicas.

As amarras não incomodavam Chow Yin. Ele já tinha alcançado o seu objetivo. Quando a nave militar chegou à estação penal, os restantes prisioneiros já lhe tinham jurado total fidelidade.

∞

Durante os doze anos seguintes, Chow Yin não se limitou simplesmente a governar o grupo de criminosos da estação penal. Ele impôs-lhes um duro regime de educação. Ao fazer aquilo que o sistema de justiça não conseguia,

ele transformou aqueles criminosos em soldados produtivos, para o seu império em expansão. Ele descobriu quais os talentos únicos de cada preso e educou-os sobre como usar essas habilidades, de forma mais eficaz. Sempre que chegava uma nave, ele analisava os prisioneiros recém-chegados, doutrinando-os para a sua causa.

Apesar de todo o controle, não podia expandir a sua influência para o mundo exterior. Sempre que os inspetores militares chegavam, encontravam o que sempre esperavam; um ambiente típico de prisão, a estação mantinha os padrões mínimos e os cadáveres ocasionais. Se os soldados reportassem que estava tudo perfeito, isso despertaria a suspeita.

Embora houvesse resmungos, por parte dos seus subordinados, de que a fuga estava a demorar demasiado, Chow Yin sabia que, qualquer ação prematura, resultaria na sua recaptura. Libertar-se da colônia penal, era uma consideração secundária. Antes de poder fazer qualquer movimento, ele tinha que ter a certeza, de que a sua fuga seria permanente.

O seu objetivo final, não era apenas a liberdade. A única forma dele poder garantir o seu futuro, era uma reversão completa do jogo que ele tinha jogado na Estação da Lua. Ele já não se iria esconder nas sombras. Era hora dele tomar o controle do seu futuro e nada menos do que a dominação completa do Sistema Solar, o satisfaria.

Todas as comunicações eletrônicas eram monitorizadas, pelos satélites do governo em todo o Ponto de Lagrange, de modo que Chow Yin não tinha como se comunicar com o resto do Sistema Solar. Antes de deixar a Terra, ele conseguiu enviar uma mensagem curta para um subordinado de confiança, através de um dos seus advogados, mas não tinha forma de saber, se ela tinha sido recebida, ou se, o homem seria bem sucedido.

Finalmente, a sua paciência foi recompensada.

Quando a nave militar mensal chegou, toda a população da estação se reuniu em frente às portas do compartimento de ancoragem, como sempre.

Desta vez era diferente. Quando a nave abriu as portas do porão, ao invés de desembarcarem prisioneiros, sete soldados marcharam para o cais e formaram uma linha em frente ao portão.

Para surpresa dos internos, o piloto da nave, um oficial grisalho, abriu o portão e deu um passo adiante. Ele colocou-se em continência à frente de Chow Yin e, com uma saudação, disse: “Estamos ao seu serviço, Imperador Yin.”

“Demorou imenso tempo, Sr. Leong.” As palavras de Chow Yin foram

apenas uma meia-censura.

Tinha levado anos, para que o Capitão Leong obtivesse a atribuição para o cargo da estação penal e para conseguir uma nave militar, composta pelos que eram leais ao movimento.

Durante os meses do seu julgamento, Chow Yin tinha gasto uma quantidade considerável de tempo, a ouvir os noticiários. Ele percebeu que existiam pessoas, em todas as áreas da China, desiludidas com as políticas que levaram a RPC, de uma das nações mais poderosas do mundo, ao seu estado atual, como nada mais do que um fantoche para o Conselho da Terra.

Os militares, que se tornaram menos necessários, à medida que a China se afastava lentamente do comunismo, em direção à democracia, foram os que mais sofreram nesse período. Muitos oficiais e praças, que tinham dedicado as suas vidas à defesa do país que amavam, acreditavam que era hora de restaurar o antigo sistema de liderança divina. Os Imperadores da China sempre se tinham apoiado fortemente os seus exércitos, para impor o domínio.

Antes de ter sido capturado na Estação da Lua, um dos passatempos de Chow Yin, era estudar genealogia. Ele conseguiu rastrear a sua linhagem até aos Qing, a última dinastia imperial da China, dois séculos antes. Com uma reivindicação legítima, através das linhas de sangue, apenas teve que enviar uma mensagem para os simpatizantes imperialistas, a informar do seu encarceramento.

Antes do seu exílio da Terra, Chow Yin conseguiu convencer os imperialistas, através de Leong - que nunca tinha conseguido subir na hierarquia, permanecendo como Capitão da Força Espacial da RPC - que eles deveriam perseguir objetivos mais elevados, do que apenas retomar o comando da China. Com Chow Yin a liderar, foi apenas uma questão de tempo, até que, os oficiais desiludidos se conseguissem organizar e, colocar o seu plano de acção em movimento.

O Capitão Leong disse: “Senhor, as minhas desculpas pelo atraso.”

“Agora, você está aqui.” Disse Chow Yin e acrescentou: “General Leong.”

Embora a expressão do General recém-promovido, não se tivesse alterado, Chow Yin viu que ele se endireitou mais.

Chow Yin fez um gesto para os internos da estação penal. “Eu gostaria de lhes apresentar, os seus novos recrutas.”

General Leong deu um passo adiante e observou a crescente multidão de condenados.

Ele falou com uma voz forte, para que todos o ouvissem. “Nós não temos muito tempo, até que o falso governo chinês perceba que nós comandamos a nave deles, então vou ser breve. Precisamos de garantir que ninguém suspeite, que vos libertámos da estação. A vossa colaboração é obrigatória.” Ele fez um gesto e quatro dos seus homens saíram da nave, a carregar duas caixas pesadas entre eles. Eles pousaram as caixas ao lado do General e abriram a tampa.

O General Leong continuou o seu discurso. “Eu preciso que todos peguem numa lata incendiária e a levem para os vossos aposentos. Coloquem-na no centro da vossa cela. Elas estão ligadas a um controlo remoto, que será ativado, quando sairmos da doca.”

Um dos presos, o assassino em série chamado Sang, falou. “E as nossas coisas?”

“Vocês devem deixar todos os vossos pertences para trás. Virão inspetores. Se levarem as vossas coisas, eles saberão que a fuga foi planeada. Queremos que eles investiguem todas as possibilidades; isso vai atrasar os esforços deles.”

Chow Yin limpou a garganta e deu um olhar furtivo ao General.

O General Leong abriu o painel holográfico e disse: “Os seguintes presos, por favor, deem um passo em frente.” Ele leu uma lista de onze nomes, incluindo Sian, o *hacker*.

Quando os onze homens se separaram do grupo principal, mais quatro soldados armados com caçadeiras de feixes de iões, saíram da nave de transporte e rodearam-nos.

Sang disse: “Para que é isto tudo?”

Levantando a mão, o General Leong deu ao homem um aceno conciliador. “Não se preocupe. Alguns não merecem fazer parte do novo Império. Vamos garantir a pureza da nossa causa.”

Fazendo aos onze uma nova avaliação, Sang assentiu. “Eu entendo o que quer dizer.” Os homens separados partilhavam traços comuns: todos eles eram considerados os mais fracos dos detidos. Ao longo dos últimos anos, Chow Yin teve que intervir várias vezes, para os poupar de lutar com os presos mais violentos. “Além disso, provavelmente, irá querer deixar alguns corpos para trás, para despiste.” Alguns dos outros prisioneiros riram-se.

Sian deu a Chow Yin um olhar de pânico. Chow Yin nem sequer olhou na sua direção.

O General Leong falou com uma voz autoritária. “Senhores, estamos a

embarcar num novo capítulo na história do Sistema Solar. Hoje marca-se o primeiro dia do governo do Primeiro Império do Sol. Por favor, façam como vos instruí.”

Com entusiasmo, os setenta e um restantes detidos correram para as caixas e pegaram numa lata incendiária. Quando eles saíram da doca e regressaram ao complexo principal, Chow Yin olhou para o General Leong.

“Diga-me que ela está segura.”

Balançando a cabeça, o General disse: “Não foi fácil, Majestade, mas nós garantimos a segurança dela, para si. Você estava correto, ela era parte integrante no desenvolvimento do Kinemet armado.”

“Boa.”

Após um momento de hesitação, o General Leong disse: “Eu tenho mais notícias, Imperador. Klaus foi localizado. Ele construiu para si mesmo, uma base escondida em Vénus. Nós acreditamos que ele fez um grande avanço, no processo...”

Chow Yin fez-lhe um aceno de impaciência com a mão. “Então, esse será o nosso primeiro destino. Eu confio que temos os recursos suficientes, para cumprir o nosso objetivo.”

“Sim senhor. Mais do que suficientes. O General Zhang deu-nos o seu total apoio e ele controla mais de cem mil tropas. Teremos também quatro coronéis, seis membros do Conselho de Estado e vários Presidentes do setor privado, que se rebelaram contra o governo da RPC. Temos pessoas em todos os níveis do governo. Tal como suspeitou, as sete nações que contactámos, para nos apoiarem informalmente, ofereceram-se prontamente para declarar lealdade a um regime imperial. Parece que o estrangulamento da EUA, Inc. relativamente às novas tecnologias, é um ponto sensível para eles. Também não desejam mais, do que ver a queda daquele gigante.”

“Excelente.” Disse Chow Yin.

Quando o último preso que pegou numa lata incendiária, deixou a doca, o General Leong fez sinal aos seus homens, que estavam em torno dos onze que tinham ficado retidos. Todos os soldados levantaram as suas caçadeiras de feixes de iões.

“Agora, rapidamente,” disse o General aos onze, em voz baixa, “para bordo da nave. Nem uma palavra.”

Confusos, os homens olharam para ele.

“Vocês preferem ser abatidos?” Perguntou o General. “Mexam-se!”

Os homens, a olhar ansiosamente para os soldados, fizeram o que lhes foi

dito e correram para bordo da nave. Sian tentou chamar a atenção de Chow Yin, mas o Imperador auto-intitulado estava a empurrar a sua cadeira, em direção ao centro de controlo das portas principais da doca da prisão.

Enquanto ele digitou alguns comandos, um dos prisioneiros, Sang, regressou da sua tarefa, na área da doca. As portas começaram a fechar-se.

“Hey!” Gritou ele, começando a correr. Um dos soldados, que estava de pé a guardar o seu Imperador, levantou a caçadeira de feixes de iões, apontou-a para Sang e disparou. O zumbido elétrico da caçadeira, foi seguido pelo som do impacto do corpo morto de Sang, a cair no chão de cimento. Alguns dos outros prisioneiros, reparando que as portas se estavam a fechar e, vendo o corpo inerte, começaram a correr para a doca.

O soldado só teve que disparar mais dois tiros, para extinguir a vida dos prisioneiros que lideravam o grupo, antes que a porta se fechasse, trancada eletromagneticamente.

Ajeitando a alça da caçadeira, o soldado rapidamente correu para atrás da cadeira de rodas de Chow Yin, agarrou nas suas pegas e levou o Imperador para a nave, que decolou imediatamente.

Quando Chow Yin estava na ponte, o General Leong emitiu um comando para um dos outros oficiais. “Detonar as bombas incendiárias.”

Chow Yin não conseguiu ver as dezenas de pequenas explosões, que ocorreram dentro do complexo prisional, mas sabia que o fogo se espalharia rapidamente por toda a estação e, consumiria a colónia.

Se havia uma coisa, acerca da qual o *serial killer* Sang estava certo, era que haveria abundância de corpos para os investigadores chineses encontrarem.

∞

Sentado na sua cadeira de rodas na ponte da nave, seis semanas depois de ter saído da estação penal, Chow Yin obrigou-se a manter o seu temperamento sob controlo.

O General Leong observava cuidadosamente os monitores, na sua estação, e não se virava para encarar o Imperador. Se sabia o quão zangado Chow Yin estava, não dava qualquer indicação.

Primeiro, eles tinham chegado tarde demais ao Observatório Lucis. Klaus já estava morto, e a sua pesquisa destruída. Depois de interrogarem o tio de Klaus, Gruber, eles obtiveram duas informações Pertinentes, antes que o homem sucumbisse aos ferimentos sofridos durante o interrogatório; A

primeira, foi o processo geral que Klaus tinha utilizado para desenvolver a conversão kinemética - o Kinemet tinha que ser 'preparado' de alguma forma. Em segundo, Gruber disse-lhes que a Major Justine Turner tinha sido convertida num 'kinemat', e estava a caminho da Terceira Estação do Canadá, onde Alex Manez estava sob proteção militar.

Chow Yin olhou para Sian, sentado no principal terminal de computador. O programador tinha conseguido monitorizar as comunicações, entre o Conselho da Terra e a Terceira Estação do Canadá, e soube da preliminar contra a pesquisa Kinemética. Ele também apanhou a mensagem, que dizia que os Conglomerados Árabes estavam a enviar uma equipa de observadores para a TEC.

Chow Yin, sabendo de Alex e da história de Justine, supôs que eles não iriam apenas ficar de braços cruzados, à espera de serem colocados sob a lente de um microscópio. "Precisamos de estar prontos para os interceptar." Disse à sua tripulação e o General Leong colocou-os em curso para a TEC.

O seu palpite estava certo: Alex e Justine estavam a tentar fugir da TEC, antes que os observadores chegassem e Chow Yin ordenou ao General Leong que os perseguisse.

"Quantos torpedos kineméticos temos a bordo?" Perguntou.

"Três." Respondeu o General. "Se nós os usarmos, vamos destruir a nave deles."

"É essa a ideia." Disse Chow Yin. "De acordo com o Capitão Gruber, ninguém conhece o processo de Klaus; o segredo morreu com ele. A última coisa que precisamos, é de alguém que deixe vazar a informação; não podemos ter concorrência. Para que nós possamos controlar o espaço, temos que ter o monopólio da tecnologia. Qualquer pessoa que esteja a realizar a pesquisa, deve ser eliminada."

"Compreendido, Majestade." Disse o General Leong, mas os seus esforços para destruir a *Ultio* e os seus passageiros ficaram aquém quando, para surpresa de todos, o primeiro torpedo kinemético detonou, antes que tivesse impactado o alvo. Quando o General ordenou o lançamento dos restantes dois torpedos, a *Ultio* entrou em estado quântico e desapareceu no espaço.

O silêncio na ponte estendeu-se por vários minutos, até que Chow Yin disse finalmente. "Bem, não há nada que possamos fazer." Ele virou-se para o General Leong. "Temos que voltar ao nosso plano original."

O General concordou e deu a ordem ao seu piloto. "Coloque-nos em curso para a Estação de Qin."

Chow Yin sussurrou, sob a sua respiração, “Está na hora de recuperar o que é meu por direito.”

∞

Nos quatro anos seguintes, Chow Yin tomou o controle de todas as operações espaciais no Sistema Solar, através de uma combinação de força e de desorientação.

O seu maior trunfo, era usar a paranoia das nações da Terra, contra elas. Antes de lançar o seu primeiro ataque contra a Estação da Lua, ele conspirou para a detonação de uma ogiva nuclear nepalesa, em solo Butão. Os membros-chave do Parlamento da RPC, instruídos por Chow Yin, pediram imediatamente sanções contra o Nepal.

A Índia, um aliado de longa data do Nepal, pediu sanções contra a China, que depois declarou guerra à Índia. Em poucos meses, quase todas as nações da Terra estavam a tomar partidos e um conflito militar estava eminente.

Quando as superpotências retiraram a maior parte das suas forças militares do espaço, para a Terra, a Estação da Lua ficou à mercê de Chow Yin. O momento mais frágil nos seus planos para o império deu-se, quando a Força Espacial dos Estados Unidos, lançou uma grande ofensiva para retomar os seus quatro postos de mineração perto do Cinto de Asteroides, o que era importante para os esforços de guerra, uma vez que a mineração de asteroides, era a única maneira de repor o *stock* de metais. Há muito tempo que a Terra estava esgotada da maioria dos seus recursos.

Ao invés de proteger as estações de mineração, Chow Yin ordenou a sua destruição completa, que serviu como um aviso para qualquer outra nação, que tentasse uma ação similar.

Numa jogada de relações públicas, ele mudou todo o pessoal que estava nessas estações, para a Estação de Qin. Ele fez questão de colocar nas páginas dos noticiários, o relatório de que não tinham ocorrido quaisquer perdas de vidas, durante a ação. A realidade, era que Chow Yin valorizava mais esses engenheiros e cientistas, do que as estações em que trabalhavam.

Ao mesmo tempo, Chow Yin informou todas as agências de notícias, sobre as perdas catastróficas de militares chineses no conflito, a maioria dos quais, tinha morrido às mãos de soldados americanos. Com um sentimento mundial crescente contra a EUA, Inc., Chow Yin instruiu os membros do Conselho de Estado da RPC que lhe eram leais, a declararem guerra à EUA, Inc.

A declaração prosseguiu e a China lançou o seu primeiro ataque. As tropas

chinesas conseguiram obter uma posição na costa do Pacífico, antes de, finalmente, serem repelidas do solo americano.

O conflito provou ser uma distração eficaz e manteve as notícias focadas no conflito terrestre e longe dos eventos no espaço. Essa distração tinha sido, desde sempre, a ideia primordial de Chow Yin.

Quaisquer naves militares ou civis, lançadas da Terra, eram interceptadas. A tripulação dessas naves, era dada 2 Opções: ou jurar lealdade ao novo Imperador do Sistema Solar, ou...enviados para espaço exterior.

Contudo, a sua estratégia militar, era consideravelmente mais bem-sucedida, do que a científica. Após quatro anos, a sua equipa de cientistas não estava mais perto de descobrir a chave para a conversão cinemática. Não, que eles não tivessem tentado. Chow Yin não teve problemas em arranjar centenas de ‘voluntários’ para as experiências. Nenhum sobreviveu!

O mais longe, que tinha sido capaz de levar a sua agenda tecnológica, tinha sido em converter o Kinemet num supercombustível, dando às suas naves a capacidade de voar, a dez vezes mais velocidade, do que a dos motores a feixes de iões. A primeira missão *Orcus* a Plutão, tinha levado quase seis meses. Os engenheiros de Chow Yin desenvolveram motores, que impulsionavam as suas naves da Lua a Plutão, em duas semanas e meia.

Isso, nem sequer era suficientemente rápido para Chow Yin. Quando ele recebeu a comunicação da nave patrulha, que tinha colocado na órbita plutoniana, sobre uma nave alienígena que se tinha materializado no espaço do Sistema Solar, desejou poder viajar quase à velocidade da luz.

O capitão da nave de patrulha informou, que a nave alienígena foi destruída pelo campo de minas que tinham colocado lá.

Fazendo uma careta ao ouvir a mensagem e, sabendo que os eventos descritos já tinham ocorrido há quatro horas, Chow Yin apenas deu um suspiro quando ouviu a última frase:

“... E recuperámos quatro passageiros que estavam na cápsula de segurança. Todos seres humanos. Nós identificámo-los e estão sob a nossa custódia. Alex Manez, Michael Sanderson, Kenny Harriman e o historiador Maia, Yaxche.”

“Majestade, as suas instruções eram para destruir qualquer elemento que entrasse no Espaço do Sol, mas queríamos confirmar essas instruções, considerando as identidades dos prisioneiros.”

Esta foi uma altura, em que Chow Yin ficou feliz, pelos seus subordinados não terem obedecido completamente às suas instruções. Com as dificuldades

que teve em replicar a pesquisa de Klaus, o acesso a esses quatro, podia dar à sua equipa de investigadores, um catalisador para aperfeiçoar o processo kinemético. A única pessoa, que teria sido mais benéfica para ele, seria a Major Turner. Ele perguntou-se sobre o que teria acontecido com ela.

Chow Yin codificou uma mensagem de resposta para a nave de patrulha. “Excelente trabalho, Tenente Gao. Você deve regressar à Estação de Qin imediatamente, com os prisioneiros. Vamos enviar outra nave de patrulha para o substituir.”

Depois de enviar a mensagem, contactou as instalações do laboratório e informou-os para se prepararem para a chegada iminente dos seus ‘convidados’.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

“Chow Yin?” Michael deixou escapar.

O criminoso que, na sombra, tinha secretamente controlado a Estação da Lua, estava à frente deles, radiante, como se o prazer que demonstrava, surpreendesse adequadamente os seus convidados.

Quando foi preso na Lua, Chow Yin mal conseguia andar pela estação com o auxílio de uma bengala. Michael lembrou-se que, durante o seu julgamento na China, o *stress* da gravidade do planeta, tinha causado danos consideráveis às pernas já enfraquecidas. Quando foi preso, Chow Yin estava confinado a uma cadeira de rodas.

Michael via agora, que tinha sido equipado com um conjunto completo de pernas biomecatrônicas, semelhantes às próteses que Alex tinha usado na Terceira Estação do Canadá. As próteses eram volumosas, fazendo-o parecer desproporcional, mas davam-lhe a capacidade de poder caminhar independente.

Chow Yin assim fez, deu um passo para a frente, provocando o zumbido mecânico dos pistões eletrônicos e acenou para Michael. “Sr. Sanderson, bem-vindo de regresso ao Sistema Solar. Vejo, que reparou nas minhas novas pernas. Os meus engenheiros equiparam-me com elas. Diga-me, elas fazem-me parecer muito alto?”

Michael ignorou a pergunta. “Porque é que nos sequestrou?”

O Imperador apenas alargou o sorriso. Ele virou-se para os outros. “Kenneth Harriman, Yaxche, é um prazer que se tenha juntado a nós.”

Mil pensamentos passaram pela cabeça de Michael. A última informação que tinha ouvido, era que Chow Yin tinha sido enviado para uma estação penal no ponto de L3, do lado oposto ao Sol. No espaço de quatro anos,

Chow Yin passou de prisioneiro a Imperador. Michael cogitou sobre os eventos que levaram a este desenvolvimento.

Alex deu um passo atrás. “Eu não vou fazer isso.”

“Então, então.” Disse Chow Yin. “Tinha esperança de que pudéssemos ser civilizados.”

Ao princípio, Michael não sabia do que é que eles estavam a falar mas, um momento depois, compreendeu. Assumindo que tinham sido os engenheiros de Chow Yin, a desenvolver uma tecnologia avançada do Kinemet, ao ponto de poderem levar uma nave de Plutão para o Cinturão de Asteroides, em duas semanas, eles ainda não tinham conseguido dominar o aspeto superluminal do elemento.

Por muito poderoso que Chow Yin se tivesse tornado, ao construir o seu próprio império, era óbvio que ainda não tinha sido capaz de desenvolver um ‘kinemat’.

Foi por isso que os capturou, em vez de os matar. Alex era o único ‘kinemat’ a viver no Sistema Solar, embora não estivesse totalmente convertido. Eles precisavam dele, para o estudar. Kenneth tinha trabalhado com Alex e era um dos físicos quânticos mais brilhantes da comunidade científica.

Embora a Quantum Resources tivesse feito gravações da recitação de Yaxche, da Canção das Estrelas em Maia, era mais que provável, que não tivessem permitido que isso chegasse às mãos de Chow Yin. Sem a receita musical, eles poderiam gastar um século a tentar obter as frequências corretas, para levar o Kinemet a uma transformação.

O imperador precisava de Alex, de Kenny e de Yaxche.

Mas não precisava de Michael. Provou-o um momento mais tarde, quando acenou para um dos soldados próximo dele. O homem levantou a sua caçadeira, apontando diretamente para a cabeça de Michael.

Chow Yin disse: “Eu tinha planeado um banquete, onde poderíamos comer algo, enquanto negociávamos a nossa parceria. É dececionante que você nos tenha trazido para o palco do ultimato, tão rapidamente. Assim, está a dar cabo de toda a diversão, Alex.” Com um olhar de paciência forçada, ele falou lentamente. “Você irá ajudar-nos, ou o seu amigo morrerá. Aí tem. É suficientemente simples para si?”

Michael apertou os dentes. “Não faça isso, Alex. Não dê nada a este louco.”

“Ah, vejo que acha que estou a fazer *bluff*. Asseguro-lhe. Que não estou.”

A expressão do Imperador ficou séria. “Pede-se uma demonstração.” Disse ele, para o soldado “Tenha a amabilidade de matar o Sr. Sanderson.”

“Não!” Gritou Alex e, instintivamente, tentou empurrar Michael para fora da linha de fogo.

Kenny foi um segundo mais rápido e bateu em Michael com o seu corpo. O feixe de iões que estava destinado ao homem mais velho, queimou o peito de Kenny, matando instantaneamente o físico.

Alex mudou de direção, estendendo a mão para agarrar o corpo de Kenny, em queda. Um grito de indignação e desespero escapou dele.

“Você matou-o!” Gritou ele, embora as palavras saíssem de forma incoerente.

Michael, que tinha recuperado o equilíbrio, levantou-se lentamente e pôs-se de pé. Ele não conseguia acreditar que Kenny estava morto. Uma selvageria primitiva começou a crescer dentro dele. Os pensamentos já não controlavam as suas ações. Por puro instinto, ele lançou-se para Chow Yin, apenas com a imagem das suas mãos à volta do pescoço do imperador auto-proclamado, a impulsioná-lo. Ele não se importou em ser, provavelmente, morto a tiro por um soldado, antes de percorrer metade do caminho até chegar ao seu líder. Kenny nunca fez mal a ninguém. Não merecia ser abatido como um animal.

Em vez de disparar para Michael, o soldado que matou Kenny virou a sua caçadeira e bateu-lhe com a traseira da mesma na cabeça. Michael caiu imediatamente no chão. A sua cabeça explodia de dor, mas o golpe não o tinha deixado inconsciente.

“Vejo que vocês continuam a testar as minhas decisões.” Disse Chow Yin. “Talvez tenhamos que repetir a lição.”

Michael olhou lentamente para cima; qualquer ação enviava ondas de agonia que o atravessavam e uma náusea repugnante agarrou as suas entranhas.

“Deixe-o em paz.” Disse Alex. “Eu vou cooperar.” Um momento depois, ele acrescentou, “Com uma condição.”

“Sim?” Perguntou Chow Yin.

“Envie-os a todos para casa.” Alex, que se tinha ajoelhado ao lado de Michael para ver como estava o seu amigo, levantou-se. “Envie-os de volta para a Terra. Eu vou dar-lhe o que quer.”

Michael levou um momento para entender as palavras. “Não.” Disse em protesto, com a voz fraca. “Não dê essa satisfação ao estupor. Prefiro morrer,

do que dar-lhe esse tipo de poder.”

“O que você não percebe, meu caro Sr. Sanderson, é que o poder foi sempre meu. A decisão de Alex era inevitável.” Chow Yin girou as suas pernas biomecatrônicas e afastou-se.

∞

Michael foi levado novamente para a enfermaria, com dois soldados de cada lado a agarrá-lo pelos braços. O golpe na cabeça tinha sido forte o suficiente, para já não haver nenhuma resistência nele, mesmo que quisesse fazer alguma coisa.

Os soldados levaram Alex e Yaxche numa direção diferente, enquanto vários guardas trouxeram uma maca para carregar o corpo de Kenny.

A rapidez da morte do jovem, foi demasiado para Michael processar. Ele só tinha conhecido Kenny durante um curto espaço de tempo, mas os dois tinham trabalhado muito bem em conjunto. O homem mais jovem era extremamente inteligente e, no que a Michael dizia respeito, ele teria tido uma carreira brilhante pela frente.

Tristeza e pesar prenderam a consciência de Michael, quando percebeu que nem sabia se Kenny tinha família. Ele deveria ter investido mais tempo a conhecer melhor o outro homem.

Chow Yin. Michael não conseguia compreender aquilo. Como é que ele tinha escapado da estação penal? Como é que ele tinha conseguido, juntar tantas pessoas à sua causa insana? Como é que ele tinha conseguido, arrancar o controlo do espaço das nações da Terra? Tinha centenas de outras perguntas na sua mente. A ignorância, era um inimigo de Michael, tão grande quanto Chow Yin. Sem mais informações, Michael estava em total desvantagem; estava à mercê de Chow Yin.

Depois de amarrarem Michael à cama da enfermaria, pelos antebraços e tornozelos, os soldados montaram guarda, até ao Doutor Naysmith voltar.

“Voltou tão cedo?” Perguntou o médico, com o mesmo sorriso inocente no rosto. “Oh, parece que teve um acidente.”

“Como é que você pode trabalhar para estes animais?” Perguntou Michael. “Eles assassinaram Kenny mesmo à minha frente.”

“É triste ouvir isso.” O médico tirou um tabuleiro de um dos armários ambulantes e extraiu algumas compressas. Ele chegou perto de Michael e examinou a ferida da sua cabeça.

Com a voz baixa num grunhido, Michael disse: “Chow Yin é um louco que

quer mais do que governar o mundo. Pretende governar o universo inteiro. Se trabalha para ele, você é apenas mais um traidor.”

Enquanto gentilmente colocava o pano sobre o local ferido, para absorver o excesso de sangue, o Doutor Naysmith inclinou-se e disse: “A minha vida é a medicina. É tudo o que me importa.” Ele continuou o seu trabalho em Michael, mantendo o sorriso. “Eu fiz um juramento: ‘Não vou permitir que qualquer consideração sobre temas fracturantes como: religião, nacionalidade, raça, sexo, política, nível socioeconómico, ou orientação sexual interfiram com o meu dever para com o meu paciente’.” Todas as pessoas têm direito a tratamento médico, Sr. Sanderson, até mesmo os loucos.”

O Doutor Naysmith alcançou o tabuleiro novamente e pegou numa arma de sutura a laser. Apontou-a para o corte na cabeça de Michael e, apertou o gatilho.

Michael sentiu uma sensação desconfortável de repuxar, que se tornou mais dolorosa quando a pele na testa foi repuxada. Só quando Michael pensou que não podia aguentar mais, é que o médico terminou o procedimento.

“Já está,” disse o Doutor Naysmith, dando a Michael uma palmadinha no ombro, “ficou como novo.”

∞

Passaram-se algumas horas, até que os soldados o viessem buscar. Com implacável eficiência, soltaram-no da maca. Michael não via o Doutor Naysmith desde que este tinha cuidado da sua ferida na cabeça e, não havia sinal dele agora.

Os soldados não lhe deram tempo para se equilibrar. Quando o seu ritmo se mostrou demasiado lento para eles, dois deles agarraram-lhe os braços e arrastaram-no para fora da enfermaria.

“Vocês estão a arrancar-me os braços.” Disse Michael, sem esperar que as suas palavras tivessem qualquer efeito.

“Estamos quase a chegar.” Disse o líder do pelotão, para o tranquilizar que o desconforto era temporário.

Eles levaram-no pelos corredores novamente para o elevador, embora desta vez tenham descido para os níveis mais baixos. Quando as portas se abriram, Michael viu que eles estavam na área de ancoragem principal.

Yaxche estava lá, de pé, ao lado de um caixão de metal. Quando os

guardas de Michael largaram os seus braços, ele correu para o velho. Os soldados espalharam-se, de caçadeiras na mão, mas não o impediram.

“Você está bem?” Perguntou. Sentindo uma onda de alívio quando Yaxche assentiu.

“Ahyah. Eles só queriam que eu lhes contasse a minha história.”

Baixando a voz, Michael perguntou “A Canção das Estrelas?”

Concordando, Yaxche disse: “Alex disse que eu o podia fazer; que não faria qualquer diferença.”

Aquilo confundiu Michael, que deu a Yaxche um olhar interrogativo. O Maia encolheu um ombro. “Alex poderia ter contado a história de memória, mas acho que queria uma oportunidade para se despedir de mim.”

Michael colocou a mão sobre o caixão. “Eu sinto-me muito mal por Kenny.”

“Ele está a fazer a viagem final. Eu não me preocupo, o espírito dele é sábio.”

O som de passos de botas chamou a atenção de Michael. Olhou à sua volta e viu o Tenente Gao a aproximar-se.

“Sr. Sanderson, eu fui designado para vos transportar aos três para a Estação da Lua. Posteriormente, serão colocados numa cápsula de trânsito rápido, que iremos enviar para o Espaçoporto da Nova Escócia. Penso que vocês não irão resistir, nem causar nenhum problema durante o voo. Prefiro não vos colocar em bioestase novamente.”

Michael respirou fundo e, de seguida, assentiu. “Você tem a minha palavra.” Ele olhou para Yaxche, que deu ao Tenente um largo sorriso.

“Bem.” Disse o Tenente Gao. Deu um passo controlado para trás e fez um gesto na direção onde a nave estava atracada. “Se vocês me seguirem, vamos levar-vos aos vossos aposentos. O voo vai durar aproximadamente três dias e a viagem na cápsula deve demorar menos de doze horas.”

Eles seguiram atrás do Tenente Gao, que os levou para a nave, enquanto os soldados Solan iam atrás, atentos a qualquer transgressão.

Na nave, uma das cabines de oficial, tinha sido convertida em área de detenção temporária. Era apertada para duas pessoas mas, pelo menos, teriam um pouco de privacidade.

Michael quis partilhar as suas teorias sobre o que tinha acontecido no Sistema Solar, mas Yaxche não parecia muito interessado na conversa, nem na companhia.

A certa altura, Michael perguntou-lhe se algo de errado se passava com

ele, ao que Yaxche sacudiu a cabeça. “Não tive muito tempo para meditar.” Disse ele. “Eu sou um homem simples, não estou acostumado a toda esta agitação. Só quero ir para casa.”

Quando entraram em órbita à volta da Lua, foi-lhes concedida uma hora para esticar as pernas, antes de serem levados para a área da cápsula da nave.

O Tenente Gao estava lá para os ver partir. “Não lhes posso prometer que será um passeio agradável.” Disse. “Apenas se tornará mais difícil, quando vocês entrarem na atmosfera. Se a atravessarem sem qualquer dano sério, deverão ficar bem. Estamos a direcionar para uma amaragem, ao largo da costa da Nova Escócia. Fui autorizado a notificar o governo do vosso regresso. Devem estar à vossa espera.”

O lado diplomático de Michael obrigou-o a dizer alguma coisa. “Ao contrário dos outros, você tratou-nos com decência, Tenente.”

“É claro.” Disse o Tenente, com um ligeiro aceno de cabeça.

“Não é tarde demais para mudar o curso da sua nave. Venha connosco. Entregue-se. Vou testemunhar a seu favor.”

“Lamento. Receio que a minha lealdade seja inabalável.”

Michael disse: “Eu entendo.”

E com isso, ele e Yaxche entraram na cápsula de trânsito rápido e esperaram que os dois soldados os amarrassem, para sua segurança. Um momento depois, a escotilha foi selada e a escuridão rodeou os dois passageiros.

O poder do súbito impulso com que foram lançados para o espaço, em direção à Terra, surpreendeu Michael, embora ele já esperasse que forças tremendas atingissem o seu corpo.

Mas aquilo não foi nada, em comparação com o choque que sentiu doze horas mais tarde, após o desembarque no Oceano Atlântico. Quando os seus salvadores abriram a escotilha da cápsula e os puxaram para fora, um polícia militar colocou algemas em ambos.

“Michael Sanderson,” disse o Oficial “você está sob prisão, pelo crime de traição contra a Corporação do Canadá.”

**Nave Kulsat:
Sistema de Centauri:**

Justine não conseguia pensar claramente. Um calafrio percorreu todo o seu corpo.

“Você é para ‘expirar’.”

Eles iam extrair informações dela e, a seguir, matá-la.

“Não.” Disse ela. “Eu não vou cooperar.”

O alienígena digitou. “Onde está a sua espécie a viver? Quantos são? Quantos ‘ressuscitaram’? Descreva a sua descoberta da ‘dádiva’.”

Em vez de responder, Justine balançou a cabeça, embora não tivesse a certeza de que o Kulsat conseguiria interpretar o gesto.

“Temos informação biológica. A sua espécie não vê. Porque é que você responde ao movimento?”

Ele pensava que todos os seres humanos eram cegos, com base na condição de Justine. Ela não estava disposta a corrigir o seu pressuposto errado.

O alienígena digitou. “Porque é que a sua espécie tem olhos, se vocês não veem? Você é uma ‘unidade’ defeituosa?”

Os Kulsat eram obviamente uma espécie inteligente e Justine assumiu que este acabaria por descobrir, mas ela não estava disposta a acelerar o processo.

“Informação biológica.” Disse a voz máquina. “A sua espécie deve comunicar com o som. Vamos efetuar testes.”

O som de um zumbido baixo encheu a cela de Justine, crescendo cada vez mais, até que ela sentiu as vibrações a passarem pelo seu corpo. A intensidade aumentou. Os seus músculos começaram a doer, como se ela tivesse acabado de correr uma maratona. Sentindo-se instável nos pés, teve que se deitar.

As ondas sonoras atravessavam-na, de imediato, começou a sentir-se nauseada. O seu coração batia de forma irregular, como se estivesse a tentar igualar o pulso das vibrações.

Ela soltou um gemido e segurou o seu estômago, enquanto cada nervo do seu corpo se inflamava com dor.

O zumbido baixo alterou-se, em crescendo. As ondas sonoras já não afetavam o seu corpo, mas a sua audição. Ela colocou as mãos sobre os ouvidos. Sentia como se os tímpanos fossem rebentar. Se a tortura continuasse, ela perderia a audição e ficaria cega e surda.

A agonia cresceu e, por muito que ela tentasse segurá-la, não conseguiu suportar mais.

“Pare!” Gritou ela. “Já chega!”

O som parou abruptamente, mas ficou um zumbido persistente nos ouvidos de Justine. Ela esfregou à volta dos lóbulos das orelhas e mexeu o queixo para estimular o fluxo de sangue e de ar.

“Comunicação com o som capaz de causar desconforto.” Disse a voz máquina. “Você irá cooperar, ou irá haver mais desconforto.”

O alienígena ia torturá-la com as ondas sonoras. Justine não sabia o quanto conseguiria aguentar, até ter que se render, ou até que ele exagerasse e lhe rompesse os tímpanos ou algum outro órgão interno. O som podia ser utilizado como uma arma muito poderosa.

O líder da ciência tinha acabado de demonstrar a Justine, que não tinha compaixão ou preocupação para com o seu bem-estar, para além das informações que ela pudesse fornecer-lhe. Se ele representasse toda a sua espécie, então, uma espécie como aquela, não hesitaria em levar qualquer mundo que encontrasse, à destruição. A história que Alex lhes tinha contado estava a revelar-se verdadeira.

Justine tinha uma escolha.

Ela poderia cooperar e evitar a tortura. Mas o alienígena já lhe tinha dito que iria matá-la, quando terminasse. Depois, os Kulsat, muito provavelmente iriam planear a invasão da Terra.

Em alternativa, poderia desafiá-lo. E isso significaria tortura, até que ele decidisse que Justine não tinha qualquer utilidade para ele. Então iria ‘expirá-la’, depois planear a invasão... mas a sua resistência poderia atrasar os planos. O espaço era grande; sem mais informações, os Kulsat poderiam passar anos a tentar encontrar o Sistema Solar.

Se Alex e os outros, conseguiram escapar ao ataque dos Kulsat, poderiam

ser capazes de regressar à Terra e avisá-los sobre a invasão. Justine não tinha ideia de como é que eles conseguiriam isso, já que Alex não era um ‘kinemat’ totalmente transformado. Mas, qualquer hipótese que ela lhes pudesse dar, era o que faria.

Ela colocou-se de pé. Embora ainda estivesse instável do ataque sonoro, aproximou-se da parede de vidro e colocou as duas mãos nela.

“Faça o seu pior.” Disse ela e preparou-se para outra explosão.

O alienígena contraiu-se e todo o seu corpo ondulou. Justine não tinha bases para interpretar a linguagem corporal dos Kulsat, mas pensou que tinha conseguido irritar a criatura.

Ele digitou algo no computador e a voz máquina falou. “Dificuldade de compreensão. O ser ‘ressuscitado’ é superior aos outros. Você escolheu o desconforto para proteger os ‘não-ressuscitados’ e os ‘deficientes’. Você é uma ‘unidade’ deficiente relativamente aos seus olhos. Você é uma ‘unidade’ deficiente na compreensão?”

“Eu não sou louca.” Disse Justine. “Eu valorizo a vida de todos da minha espécie, mesmo que eles não sejam ‘ressuscitados’.”

O alienígena digitou. “As ‘unidades’ ‘não-ressuscitadas’ não contêm um valor verdadeiro. Demonstração.”

Virando-se fluidamente, o Kulsat fez um gesto a ondular com um dos seus braços. Na outra extremidade da sala, um outro Kulsat, menor do que o primeiro, nadou para a área de visão de Justine. Ela sentiu que o recém-chegado, tinha sido irradiado com Kinemet.

O cientista fez vários movimentos com os braços e, depois de alguns momentos, Justine percebeu que ele estava a usar uma forma de linguagem gestual, para se comunicar com o outro Kulsat. Isso fazia sentido. Se fossem fisiologicamente comparáveis aos cefalópodes, então eles teriam capacidades auditivas limitadas e, muito provavelmente, não tinham desenvolvido cordas vocais.

Quando o líder terminou de gesticular, o alienígena menor nadou até uma mesa e pegou num objeto fino e comprido. De um lado havia uma presilha, na qual o alienígena envolveu um tentáculo para o segurar. A outra extremidade do dispositivo era pontiaguda, como uma agulha.

O alienígena menor deu a ferramenta ao líder da ciência, que datilografou por algum tempo no seu computador.

Ele esperou, enquanto a voz mecânica falava com Justine.

“Foi oferecida a ‘dádiva’ a esta ‘unidade’, mas ele não conseguiu tornar-se

‘ressuscitado’. Ele é de utilidade limitada. Este ‘deficiente’ serve-me, mas se ele ‘expirar’, existem milhões de ‘deficientes’ para o substituir.”

Então, para horror de Justine, o líder da ciência mergulhou o pico diretamente na cabeça do outro alienígena.

“Não!” Gritou Justine, mas era tarde demais. O corpo do Kulsat menor contorceu-se, agitando os braços por alguns segundos. Depois ele ficou quieto e o corpo flutuou para longe, com o espigão ainda alojado na sua cabeça.

O líder da ciência fez outro movimento, em direção à porta de entrada e mais três alienígenas pequenos entraram a nadar rapidamente. Eles pegaram no Kulsat morto e levaram-no, arrastando-o.

“Sem a ‘dádiva da luz’, aquela ‘unidade’ ‘expirará’ em breve. Os ‘deficientes’ são de pouco valor. Nada se perde.”

Justine não conseguia acreditar no que estava a ver e a ouvir. Os Kulsat tinham sido os preferidos da Graça? Pelo que ela tinha percebido da história de Alex, a Graça era uma raça benevolente. Ou alguém se tinha enganado muito acerca dos Kulsat, ou a raça cefalópode tinha sofrido uma mudança social radical, nos últimos mil anos.

Justine sabia que não podia impor o seu próprio sistema de valores a outra cultura, mas também não podia tolerar o assassinato, sob qualquer circunstância.

O Kulsat digitou. “Se você é uma ‘unidade’ defeituosa, então você está a ‘expirar’. Há vários outros da sua espécie neste sistema. Eles não são ‘ressuscitados’, mas possivelmente não são ‘unidades’ defeituosas. Vamos recuperá-los agora e, aumentar o conhecimento da vossa espécie.”

“Não.” Disse Justine.

Ela estava ciente de que o Kulsat lhe dera informações vitais. Alex, Kenny, Michael e Yaxche não tinham sido capturados. Alguns deles, se não todos, ainda estavam vivos.

Ela tinha que lhes dar o máximo de tempo, para se escaparem como pudessem. Se ela não cooperasse, o Kulsat iria simplesmente matá-la e iria atrás dos outros.

Embora os Kulsat possuíssem tecnologia avançada, ela suspeitava que podiam não ser uma raça superior. Talvez os pudesse distrair.

Ela disse: “Eu não sou uma ‘unidade’ defeituosa. Vou cooperar. Mas eu preciso de algo de si.”

“Quais são os requisitos da cooperação?”

Justine notou que a linguística do computador tinha melhorado a sua capacidade de tradução. No futuro, ela teria que escolher as palavras com cuidado.

“Eu preciso de tempo para me recuperar do seu ataque sonoro e preciso de comer.” Ela respirou, antes de acrescentar: “Eu também quero mais Kinemet, a ‘dádiva da luz’. Com isso, eu sou capaz de ver.”

“A capacidade de ver não é necessária para a cooperação.” O alienígena digitou, em resposta. “Irá ser permitido o sustento e o repouso. A cooperação será retomada, depois de um atraso de tempo.”

E com isso, o alienígena nadou até uma parede e teclou uma sequência noutra painel de controlo.

Acima de Justine, perto de onde fluía o oxigénio, ouviu-se um som de raspagem e, quando olhou para cima, viu um recipiente cilíndrico, do tamanho de um balde de cozinha, a descer do teto preso por um cabo. Algumas gotas de água, com um cheiro semelhante a salmoura, caíram dele e bateram-lhe no rosto.

Quando o recipiente chegou ao chão, o fio separou-se dele e recolheu-se novamente para dentro do teto. Justine colocou as mãos sobre o cilindro. Os lados pareciam ser feitos de conchas de moluscos ou mexilhões. Em vez de uma tampa sólida, uma pele membranosa cobria o topo. Quando ela colocou os dedos contra ela e aplicou alguma pressão, a pele rasgou-se.

O recipiente continha dois compartimentos. Metade continha um líquido claro. Quando Justine mergulhou um dedo dentro e o trouxe aos lábios, ficou aliviada por ser água fresca.

Na parte inferior da outra metade do recipiente, estava algum tipo de substância gelatinosa.

Justine enfiou o dedo na substância. Era viscosa, grossa e fria. Quando retirou o dedo, tinha uma gelatina presa à pele e ela usou o polegar para raspar o excesso. O seu estômago revirou-se, com o pensamento de comer o que quer que lhe tinham servido, mas ela estava consciente de que o Kulsat a estava a observar. Se não comesse, como tinha solicitado, podia levantar suspeitas.

Preparando-se, levou o dedo à boca. Antes de provar a comida, cheirou-a. Cheirava a peixe, mas não era insuportável.

Foi preciso toda a sua força de vontade, para colocar a língua de fora e provar a gelatina viscosa no seu dedo. Para seu alívio, tinha um sabor bastante insípido. O problema era que tinha a consistência de muco nasal.

Tentando não pensar sobre o que estaria a comer, pegou numa pequena quantidade com os dedos e enfiou-a na boca. Sentiu vômitos, mas conseguiu impedir-se de vomitar. Com um ato de pura teimosia, forçou-se a engolir.

Parecia nojento ao ser deglutido e as lágrimas iam-se afluindo aos olhos de Justine. Tinha uma tarefa a realizar e um papel para desempenhar. Ergueu o recipiente e angulou a metade da água em sua direção, com cuidado, para não deixar qualquer pedaço da gelatina derramar sobre ela. Inclinando o recipiente para os lábios, bebeu, para ajudar a empurrar a gelatina na garganta e, isso ajudou.

Para distrair a mente da comida, ela pensou naquilo que o seu captor tinha dito, quando matou o outro alienígena. Que o Kulsat menor não tinha conseguido tornar-se ‘ressuscitado’ e que, muitos outros tinham sofrido o processo, sem sucesso.

Na Terra, várias pessoas se tinham voluntariado para as experiências *Quanta*, durante os primeiros tempos. Mesmo quando Klaus descobriu a fórmula escondida na Canção das Estrelas, ele ainda teve mais fracassos do que sucessos. O pensamento que naquele momento lhe fez gelar o sangue, era que podia não haver um processo único, garantido. Mesmo que Klaus acertasse em todos os fatores, tinha havido a hipótese de Justine não sobreviver à experiência.

Era uma peça de informação importante, que ela precisava de ter com ela, caso conseguisse convencer o Kulsat que era mais valiosa viva, do que morta.

Assim, quando terminou o último dos despejos, Justine reparou que outro pequeno Kulsat entrou na sala. Ele aproximou-se do líder e gesticulou por mais de meio minuto. O líder fez alguns gestos em resposta e o alienígena mais pequeno afastou-se rapidamente a nadar.

Aproximando-se do painel de controlo, o líder digitou. “O tempo de atraso aumentou. Você vai descansar agora. A cooperação será retomada, após um ciclo de sono.”

Virou-se para uma das máquinas atrás dele e digitou algo no teclado da parte da frente da máquina. Depois, ele nadou em direção à saída.

Justine ouviu um zumbido por cima dela, vindo de onde o oxigénio bombeava para o seu tanque. Ela cheirou algo gasoso, momentos antes de perceber que estava a ser sedada.

Estendeu as mãos para amortecer a queda, mas antes de bater no chão, ela já estava num profundo sono, sem sonhos.

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Contagem Longa: 9.19.19.17.9:

A abertura da fenda mal dava para eu passar por ela a rastejar, mas consegui puxar Ekahua para dentro, depois de ter entrado. À medida que entrei mais profundamente nela, o espaço tornou-se muito mais amplo e o chão da caverna era suficientemente grande, para que nos pudéssemos deitar, se tivéssemos que passar lá a noite.

O teto da caverna tinha uma pequena racha, que permitia a entrada de um fino raio de luar. Era apenas luz suficiente, para me deixar ver a forma da minha mão, quando a coloquei à frente do rosto.

“Você está com fome?” Perguntei a Ekahua. “Eu podia ir caçar alguma coisa para nós, embora ache que não nos devamos arriscar a fazer uma fogueira.”

Ekahua disse: “Não, obrigado. Quando você regressasse, eu já teria morrido.”

Eu mexi-me, desconfortável com a forma casual com que ele falou da sua própria morte. Morrer numa gruta, não me parecia ser uma morte gloriosa. Morrer numa caverna, não era a forma como eu queria morrer. Se eu morresse numa batalha ou numa caçada, então a minha tribo iria cantar o meu heroísmo.

“Eu não vi nenhuma ferida.” Disse eu a Ekahua. “O que é que o está a matar?”

Ele pareceu pensar sobre como me haveria de explicar. “Passaram-se eras, desde que o nosso mundo, dos Xtôti, foi destruído. Eu, assim como todos do

meu povo, passei a minha vida nas estrelas. Eu sou um dos últimos da minha espécie.”

“É por causa da Graça, que nos dá o poder de viajar nas estrelas, que não podemos sobreviver num planeta. Tornamo-nos como peixes em terra firme.”

“Então porque é que vocês não ficam no céu?” Perguntei, tentando entender o que ele me estava a dizer.

“Há já algum tempo que eu visito o vosso sistema e observo o vosso mundo, a partir do céu. Vocês compreenderam a natureza do universo muito mais rápido, na vossa evolução, do que outras raças. É muito interessante acompanhar o vosso progresso.”

“Desta vez, houve uma erupção no vosso sol, que atingiu a minha nave. Quando eu consegui controlar os danos, já era tarde demais.” Ele fez um som, que eu decidi ser uma gargalhada.

Sem ter entendido nem metade do que ele disse, perguntei: “Você disse que restam apenas alguns de vós. Será que eles também vêm ao mundo e morrem?”

“Não.” Ele fechou os olhos. “A Graça, que é o que nós chamamos ao poder da luz, que nos permite viajar nas estrelas, também nos dá uma vida muito longa, Subo AK. Eu vivi milhares e milhares dos vossos anos. Mas tudo tem um custo. Veja, houve um acidente no nosso mundo. Apenas alguns de nós sobreviveram e ficámos transformados. Infelizmente, porém, ainda que tenhamos um grande poder, não somos capazes de ter filhos. Outrora havia muitos Xtôti; agora, há apenas alguns. Já se passou muito tempo, desde a última vez que eu vi outro da minha espécie. Tanto quanto sei, posso até ser o último.”

Senti ele aproximar-se de mim e descansar a sua mão trêmula na minha. Deve ter sido um esforço terrível da parte dele, pois fez uma pausa, antes de falar novamente.

“É por isso, que era importante destruir a minha nave e porque nenhuma das outras tribos me pode encontrar. Se eles aprenderem a usar todo esse poder, tal como nós fizemos, o seu povo também começará a morrer. Não podemos permitir que isso aconteça.”

Com um olhar suplicante nos seus olhos, disse: “Você tem que me prometer que, quando eu morrer, você vai fazer uma fogueira. Torná-la tão quente quanto puder e queimar o meu corpo de modo a que, nem mesmo as cinzas permaneçam. Assegure-se de que estará muito longe, para que não seja afetado. Irá fazer isso por mim, Subo Ak?”

Eu estava tão atordoado com a sua história e pedido, que não me tinha dado conta, de que estava a conter a minha respiração. Libertei-a e disse: “Assim você não terá nenhum caminho para o Submundo. Deixe-me enterrá-lo. Esta caverna é um caminho seguro para o mundo espiritual. Irei trazer-lhe muitos presentes para a sua viagem.”

“Não.” Disse Ekahua. “Eu sei que não é da sua tradição fazer o que lhe estou a pedir, mas você tem que me prometer que o fará.”

Durante algum tempo, eu pensei sobre a história dele. O poder que ele falou era forte e eu sonhei com o que poderia fazer, se vivesse milhares de anos. Depois, tive um momento de dúvida. Seria uma ofensa contra os deuses, se nunca tivesse filhos. Os Ch’orti’ já estavam a morrer por causa das guerras com as tribos do norte. Precisávamos de aumentar a nossa população, não perdê-la.

Eu pensei compreender o que Ekahua me estava a tentar dizer e assenti. “Sim, eu vou fazer o que você me pediu.”

“Obrigado, Subo Ak.” Ele fechou os olhos. “Há muitas culturas no seu mundo, mas acredito que a sua é a mais promissora. Vocês já olham para as estrelas, para guiar as vossas vidas.” Ekahua sorriu.

“Claro.” Disse eu. “Todos aguardamos o nosso renascimento, nos céus.”

“É por essa razão que eu deixarei uma mensagem para o seu povo, para quando vocês começarem a explorar, para além dos limites do vosso mundo.”

“Que mensagem?”

“É mais como uma espécie de marca, a indicar o caminho.” Ele abriu os olhos e deu-me um olhar estranho. “Embora eu não esteja certo de a conseguir escrever corretamente. Os vossos símbolos e glifos, nem sempre têm o mesmo significado que as vossas palavras faladas.”

Fiz um aceno com a mão. “Deixemos a escrita para os sacerdotes e anciãos. Eu prefiro ouvir as histórias.”

“Então, agora você deve ouvir atentamente a minha história. Vou ensinar-lhe a Canção das Estrelas. É muito importante aprendê-la com exatidão e passá-la para os seus filhos. O conhecimento vai dar o poder ao vosso povo, nas gerações vindouras.”

Ekahua cantou-me uma canção, numa língua que eu não entendia. Respeitosamente, eu não o interrompi e ouvi tão cuidadosamente quanto pude.

“Eu não sei o que essas palavras significam.” Disse-lhe eu, quando terminou.

“As palavras não são importantes.” Ele virou a cabeça para mim. “O significado está na própria música. Você deve conseguir cantar a melodia, tal como eu a canto. Eu vou cantar novamente e depois você pode tentar.”

“Que música é essa?” Perguntei. “E como é que vai dar aos meus filhos, o poder?”

Passou-se algum tempo até que Ekahua disse: “É a música que ouvimos, quando nos tornamos unos com a Graça. Um dia, essa música vai permitir que o seu povo viaje pelas estrelas.”

Nós praticámos durante toda a noite, até que Ekahua me disse, finalmente, que eu tinha aprendido a música corretamente. Quando cantava a música, eu podia sentir algo poderoso nela. Era como se fosse um lembrete, de um evento na minha vida, que eu nunca tinha experimentado.

Ekahua disse: “Aproxime-se, Subo Ak, para eu lhe dar um último presente. Você já ouviu a canção de mim, agora você vai ouvir a música das próprias estrelas.”

Quando me aproximei dele, ele levantou a mão e colocou-a na minha testa. A minha primeira reação, quando o seu corpo começou a brilhar e a iluminar a caverna, foi afastar-me, mas ainda que ele estivesse fraco, a sua pressão era forte e segurou-me lá.

Foi como se ele se tornasse a própria luz. Ocorreu-me um pensamento rápido, que talvez Ekahua fosse um deus e apenas me tinha tentado convencer do contrário. Que pessoa, poderia tornar-se luz?

Um toque suave nos meus ouvidos chamou-me a atenção. O som aumentou na minha cabeça, até que consumiu totalmente os meus pensamentos. Eu detetei a melodia subtil da canção e, quando o fiz, ela era tudo o que eu ouvia.

A canção envolveu-me e levou-me para longe do meu eu mortal. Era mais forte do que qualquer sonho que eu já tivesse tido, mais poderosa do que qualquer visão espiritual que já tivesse ouvido falar. Depressa, todo o meu ser se tornou essa Canção e não havia mais nada no universo.

∞

Quando acordei, já era de manhã e, uma luz fraca entrava pela fenda da caverna.

Estendi a minha mão para apertar a mão de Ekahua, mas retirei-a, quando não senti resistência. Ele não fez nenhum som. Levei os dedos à sua boca e não senti respiração.

Ekahua estava morto. O esforço do seu último presente para mim, deve ter sido demasiado para ele.

Embora eu só o tivesse conhecido durante um curto período de tempo, senti uma tristeza a pesar no meu coração e um grande sentimento de perda. Eu não queria mais nada, para além de ouvir aquela música para o resto da minha vida. Agora, só tinha a memória dela.

Lentamente, saí da caverna. Esgueirando-me pela pequena abertura na face do penhasco, pestanejei, ao sentir o brilho repentino do sol da manhã.

O último pedido de Ekahua foi para eu oferecer o seu corpo, através do fogo. Eu pensei que talvez o fumo, levasse o seu espírito novamente para o céu, para se juntar ao seu povo. Era importante honrar os mortos e pretendia fazer o que ele me pediu.

Porém, antes de reunir ramos secos de madeira para fazer uma fogueira, fui em busca de comida, levando o meu *atlatl* e dois dardos. Estava há muito tempo sem comer e precisava de manter a minha força, para fazer a longa viagem para casa e contar o meu conto estranho aos outros aldeões.

Eu estava com sorte e encontrei um ninho de pássaro com três ovos. A minha fome levou a melhor e eu rompi rapidamente as cascas e chupei os ovos.

Depois de terminar o terceiro, ouvi um som a alguma distância de mim. Baixando-me sobre um joelho, procurei através das árvores. Depressa, vi as formas de três guerreiros Q'eqchi'. Eles estavam a caminhar na direção da gruta, onde o corpo de Ekahua descansava.

Não podia deixar que o encontrassem. Certamente que levariam o corpo para Quiriguá e eu não seria capaz de honrar os desejos finais do Ekahua e correria o risco de irritar o seu espírito morto.

Desesperado para os despistar, levantei-me e carreguei um dardo no meu *atlatl*. Imediatamente, lancei-o para os três guerreiros. Eu não tinha pensado em atingir nenhum deles. O meu plano era simplesmente captar a atenção deles. Contudo, o meu dardo atingiu certamente o pescoço de um dos guerreiros. Ele deu um enorme grito borbulhante, quando caiu ao chão.

Juntando-se, os outros dois guerreiros giraram sobre os calcanhares e agacharam-se na defensiva, para conseguirem identificar o seu atacante.

Virando-me, eu comecei a correr. No fundo da minha mente, congratulei-me. Tinha cumprido a minha missão original, capturar ou matar um inimigo, embora não soubesse se conseguiria levar um troféu da minha vitória.

Os dois guerreiros viram-me. Um deles atirou-me a sua lança, mas esta

passou longe. O outro guerreiro começou a correr, perseguindo-me pela floresta.

Eu levei-os para o mais longe da gruta que consegui, mas não podia deixar que me agarrassem. Se não me matassem, iriam levar-me para Quiriguá, para me fazer escravo ou para me sacrificarem.

Desci a montanha o mais rápido que pude. Se conseguisse alcançar o fundo do vale, poderia conseguir despistá-los.

O meu pé ficou preso numa raiz que saía do chão e eu perdi o equilíbrio. Caí sobre o estômago e a dor atravessou o meu corpo quando expirei o ar.

Praguejando, eu fiz um esforço para inspirar e para me levantar.

O guerreiro que vinha mais à frente, estava quase a apanhar-me e recuou a lança apontando-a para mim. Peguei num punhado de terra e atirei-a para o seu rosto. Ele gritou, quando virou a cabeça e colocou a mão para se proteger.

Aproveitando a oportunidade, eu peguei no *atlatl*, que tinha caído da minha mão e fiz pontaria para a cabeça do guerreiro. A ponta do dardo atingiu a sua têmpora e ele caiu ao chão.

O segundo guerreiro, que estava a apenas alguns passos atrás do seu companheiro, ganhou terreno durante a luta. Ainda em corrida, ele lançou-se sobre mim, direcionando uma longa faca para a minha garganta.

Golpeei a faca com o meu *atlatl* e ela caiu da mão dele. Ao mesmo tempo, tentei desviar-me do corpo do guerreiro em voo, mas ele caiu sobre mim com todo o seu peso. Ambos caímos contra o tronco de uma árvore. Senti um estalo e uma onda de dor e percebi que uma das minhas costelas se tinha partido.

A agonia fez a minha cabeça andar à roda. A minha respiração chegava em dolorosos suspiros.

Tendo caído a poucos passos de distância, o guerreiro inimigo levantou-se de um salto. Ele soltou um rugido animalesco e correu na minha direção.

Atirei-me de costas e, num movimento, estendi a mão para pegar na lança do primeiro guerreiro e aponte-i-a para cima.

O segundo guerreiro tentou virar-se no último momento, mas corria para mim muito rapidamente e a lança atingiu-o no peito, atravessou-o.

Ele deu-me um olhar confuso e depois a vida deixou os seus olhos, enquanto tombava para o lado.

Não conseguia acreditar. Eu tinha derrotado três guerreiros Q'eqchi' sozinho.

O orgulho que senti, durou pouco. Eu mal conseguia respirar e sabia que,

se não encontrasse ajuda, não iria sobreviver. Com a minha costela partida, não seria capaz de caçar para me alimentar. Se viessem mais guerreiros, não seria capaz de os vencer.

Levantei-me com um grande esforço. Peguei no meu *atlatl* e, lentamente, percorri o caminho de regresso à gruta, onde tinha deixado a minha mochila.

Mesmo que conseguisse fazer uma fogueira, para queimar o corpo de Ekahua e enviar o seu espírito para o céu, eu não tinha força para puxar o corpo dele para fora da caverna. Tal como, não sabia se tinha força para o levar para a minha aldeia, perto de Copán, que ficava a dois dias de marcha de distância.

Quando levantei a minha mochila, com uma careta de dor e com um braço a apertar o peito para proteger a minha costela quebrada, eu prometi regressar. Se tivesse que ser, traria mais guerreiros comigo, para completar o ritual e honrar o viajante do céu.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Alex foi levado para a secção mais profunda do laboratório da estação, sem lhe terem dado a oportunidade para se despedir dos seus amigos. Os seus pensamentos estavam nublados, de indignação, para com o assassinato de Kenny. Por isso, não tinha qualquer consciência daquilo que o rodeava, quando chegou ao destino.

O laboratório era similar ao que Klaus tinha montado, na estação orbital em Vénus. Alex reconheceu-o pela descrição que Michael e Justine lhe tinham dado. Era composto por duas secções: a área do laboratório principal e a sala onde os indivíduos eram submetidos aos ensaios do processo kinemético.

Ele olhou à sua volta e só depois é que viu que havia outra pessoa no laboratório, para além dos guardas e de si.

Uma mulher oriental, que parecia estar nos seus trinta e poucos anos, com longos cabelos negros amarrados num rabo de cavalo e vestida com uma bata branca, olhou para ele quando o viu entrar.

Três dos guardas, depois de terem completado a sua missão de escolta, deram um passo atrás e saíram do laboratório sem uma palavra, selando a porta atrás deles. Um guarda permaneceu dentro do laboratório, de pé, em posição relaxada mas atenta, com a sua caçadeira no braço, ao peito.

Alex, a sentir-se deveras desconfortável, limpou a garganta. “O meu nome é...”

“Eu sei quem você é.” Disse a mulher. “E não preciso de si aqui. Eu tinha-lhe dito isso a ele. Posso fazer isto sozinha.”

“Fazer o quê?” Perguntou Alex. “E quem é você?”

Ela deu-lhe um olhar inescrutável. “Há alguma coisa que você saiba? Isto é

um desperdício do meu tempo.” Atacando uma consola de comunicações na parede, ela digitou algo no controlo e surgiu uma voz.

“Sim, Sua Majestade?”

“Eu disse-lhe que a Dra. Yin bastava. Chame o meu pai.”

Dra. Yin! Alex cambaleou de choque. Esta jovem era filha de Chow Yin?

Ele olhou para o guarda na sala, como se este lhe pudesse dar algum tipo de confirmação. O guarda não reagiu.

O monitor iluminou-se e Chow Yin apareceu na tela. “Qual é o problema, Alice?”

“Eu disse que não precisava do rapaz para me ajudar. Sou perfeitamente capaz de descobrir o processo sozinha.”

“Você teve quatro anos para o fazer.” Disse o Imperador.

O rosto de Alice Yin corou visivelmente. Esgrimiui: “Agora que temos a história do Maia gravada, é só uma questão de tempo.”

“O tempo é um luxo que não podemos pagar. Afinal, os americanos tiveram a história mais do que uma década e nunca resolveram o problema. Está, obviamente, a faltar um elemento. Alex Manéz conhece o segredo. Tem estado sempre em estreito contacto com as partes envolvidas. Ele concordou em cooperar.”

“Eu consigo descobrir isto sozinha.” Disse Alice, embora as suas palavras não fossem tão veementes, como anteriormente.

“Claro que consegue.” Disse o Imperador Yin, dando-lhe um sorriso paciente. “Tenho toda a confiança nas suas capacidades. Contudo, não temos tempo a perder e, por isso, peço-lhe que deixe o seu orgulho de lado e trabalhe com o ocidental. Faça-me orgulhoso.” Ele cortou a ligação da comunicação, antes que a sua filha pudesse dizer mais alguma coisa.

Alice Yin olhou para o monitor em branco, por alguns segundos, antes de se virar. Alex teve a impressão de que ela estava a tentar recompor-se.

Os seus esforços, aparentemente, não foram suficientes. Ela deu a Alex um olhar de ódio e saiu do laboratório por uma porta na parede oposta.

Quando Alex olhou para o guarda da solitária, a única reação que o homem teve, foi um ligeiro relaxamento dos ombros. Parecia que um grande drama corria na família Yin.

∞

Tinha acontecido muita coisa, em muito pouco tempo e Alex sentia-se desorientado. A morte de Kenny ainda não tinha sido completamente

assimilada. A sua indignação inicial pelo assassinato, tinha-se transformado numa estranha e alienante apatia. Quando ele conheceu o jovem físico, ele e Kenny tinham entrado em choque. A fricção entre eles transformou-se em amizade. Alex não queria pensar nisso, não queria processar a finalidade que representava a morte do amigo.

Sozinho, com o guarda incomunicativo, Alex sentiu-se desamparado. Para se distrair, decidiu fazer um passeio pelo laboratório.

Num palpite, ele tentou iniciar um dos computadores e programou-o com uma senha. Ele tentou outros, mas não conseguiu ter acesso. O laboratório tinha um amortecedor kinemético, pelo que Alex não conseguia usar a sua eletropatia para contornar os protocolos de segurança dos computadores.

Da sua rápida investigação, concluiu que eles tinham todo o equipamento necessário para realizar o processo kinemético. No entanto faltavam 2 elementos essenciais; Kinemet e um sujeito.

Ele gravitou em torno da sala de experiências e os seus pensamentos voltaram-se para Klaus, que matou vários soldados norte-americanos, na sua tentativa de aperfeiçoar o processo, antes de ser bem sucedido com Justine.

A última vez que Alex tinha visto Klaus, ele estava na base do seu tio, a várias centenas de quilómetros da Estação da Lua. Ele passou alguns anos na companhia do jovem. Embora nunca tenham aprofundado a conversa e, tenham sido, muito pouco cordiais na estranha relação, ele sempre sentiu que Klaus poderia ter ultrapassado a sua infância abusiva.

Inicialmente irritado e amargo, Klaus tornou-se sossegado e introspetivo, ao longo dos primeiros anos, e passou o seu tempo focado nos estudos de física e de química, ao invés de informática. Em determinada altura, Alex pensou que poderia confiar em Klaus e ver se algum dos dois, conseguia compreender a sua condição.

Isso nunca aconteceu. Klaus recebeu notícias, pelo seu tio, que o seu distante pai tinha morrido de insuficiência hepática, um legado do seu alcoolismo. A mãe dele, que os tinha abandonado anos antes, recusou-se a reconhecer Klaus e rejeitou todas as suas tentativas de comunicação. Tornou-se, assim, cada vez mais agitado e violento. Teve vários conflitos com o seu tio e Alex compreendeu, que o jovem tinha tirado a vida a alguém, desnecessariamente.

Foi então que Alex percebeu, que já não podia depender de Klaus ou do seu tio, para o abrigarem. Com a sua saúde a deteriorar-se, Alex sabia que tinha pouco tempo, por isso, elaborou o plano para sequestrar a *Quanta*.

Embora tivesse convencido o Capitão Gruber a ajudá-lo, não tinha pensado sobre o que aquela decepção provocaria em Klaus. Só alguns anos mais tarde, é que as repercussões se tornaram evidentes, quando Klaus recrutou os Cruzados para o ajudarem com as suas experiências.

Agora Klaus estava morto, mas a sua perseguição insana tinha continuado, através do Imperador Yin e da sua filha.

Alex estava, mais uma vez, bem no meio dela. Tinha prometido a sua cooperação para salvar os seus amigos e não conseguia pensar numa forma de voltar atrás. Mesmo que lhe dissessem, que Michael e os outros tinham sido devolvidos à Terra em segurança, Alex não tinha nenhuma maneira de saber se isso era verdade ou mentira.

Se ele se recusasse a cooperar agora, seria apenas uma questão de tempo, até que, redescobrissem a fórmula para o processo kinemético. Alex tinha que dar o seu melhor para atrasar o progresso, utilizando todos os meios possíveis.

Os Kulsat estavam numa caçada pelo Sistema Solar. Rapidamente, acabariam por o encontrar. A humanidade precisava de ‘kinemates’ para se defender contra a ameaça. Só que, alguém como Imperador Yin, nunca iria usar a tecnologia para salvar o Sistema Solar. Yin iria usar o conhecimento em seu próprio benefício, não tendo qualquer pudor em sacrificaria as massas.

Alex começou a deixar escapar um suspiro, quando percebeu que alguém tinha voltado para o laboratório. Alice Yin estudava-o, com uns olhos escuros e frios.

“Eu não a tinha visto aí.” Disse Alex, esforçando-se para equilibrar a sua respiração.

“Ao que parece, temos que trabalhar juntos.” Disse Alice. Embora a sua voz estivesse igual, pois Alex podia sentir os tons hostis, estava a esforçar-se para manter a sua raiva sob controlo.

“Foi esse o acordo.” Se ela ia jogar friamente, então Alex faria o mesmo.

“Então, conte-me o grande segredo. Diga-me o que me escapou, ao longo de todo este tempo.”

Alex sacudiu a cabeça. “Não Posso! Pelo menos, até que eu tenha a certeza, de que os meus amigos chegaram à Terra vivos.”

“Você duvida da palavra do meu pai? Ele é o Imperador do Sistema Solar. Argh.” Disse ela, levantando as mãos para cima, em frustração. “Você não entende? Quando os seus ‘amigos’ estiverem sob a custódia do governo, eles

irão revelar-lhes o segredo. Temos que o conseguir fazer, antes deles.”

“Isso seria muito mau.” Disse Alex, incapaz de conter o sarcasmo na sua voz.

Ela apontou-lhe o dedo. “Você deu a sua palavra de que iria cooperar. Se não o fizer, então não temos nenhum motivo para garantir a segurança deles. Enquanto você me estiver a ajudar, os seus amigos vão continuar seguros na sua viagem para a Terra. Quando tivermos desenvolvido o processo kinemético, já não importa se eles também o souberem fazer.” Disse ela. “Acumulámos mais Kinemet do que eles. Nós podemos criar centenas de ‘kinemates’, antes que eles criem o primeiro ‘kinemat’ deles.”

“Você está louca!” Exclamou Alex. A acusação saiu antes que se pudesse conter.

O rosto de Alice tingiu-se num tom de vermelho claro e, por um momento, Alex pensou que ela o iria atacar.

Ele não se conteve e perguntou: “Você não se importa de estar a matar pessoas inocentes, nas suas experiências?”

“Se for bem-sucedida, certamente que sabe que o Imperador usará o poder para matar milhares, talvez milhões de outras pessoas. Como é que você pode fazer parte disso?”

“Porque é que eu me deveria importar?” Disse Alice num assobio. “A humanidade virou-me as costas, há muito tempo. Quem se opuser a nós, vai ter o que merece.”

Ela olhou para o guarda e então novamente para Alex.

“Então, vai cooperar, ou terei que dar ordens ao guarda, para o matar já aqui?”

**Sede do Departamento de Defesa:
Ottawa, Canadá:**

Michael nunca se tinha sentido tão desanimado na sua vida.

Ao fim de três dias numa cela, no centro de detenção militar, ele pensou que nunca mais veria um rosto amigável novamente. Nem sequer o tinham deixado entrar em contato com a sua família, para que soubessem que ele ainda estava vivo. Foi mantido incomunicável, até ser avaliado o risco de segurança nacional que ele representava.

Deram-lhe acesso a um computador para fins da apresentação de uma declaração, mas foi supervisionado durante o ato. Embora já se tivesse passado um dia, desde que apresentou o seu relatório, ninguém tinha regressado para lhe comunicar qual era o seu *status*, ou se, simplesmente, o iriam deixar na sua cela por tempo indeterminado.

A partir do momento, em que Michael e os outros tinham reentrado no Sistema Solar, tinham sido preso, de uma maneira ou de outra e, já estava farto da experiência. A única coisa que queria, era falar com alguém numa posição de autoridade, para defender o seu caso. Mesmo se decidissem prendê-lo para sempre, a única coisa que queria, era que levassem o aviso da ameaça dos Kulsat a sério.

Quando um dos dois guardas que estavam à porta, abriu a cela, o primeiro pensamento de Michael foi que, lhe vinham trazer uma refeição, mas o homem que entrou na sua cela não era um soldado.

“Calbert!” Disse Michael. “Você não faz ideia, de como estou feliz por vê-lo.” Ele levantou-se e deu um passo em frente, mas Calbert Loche levantou a mão, fazendo sinal para que Michael se sentasse novamente na sua cama.

“Você pode não ficar tão feliz, quando ouvir o que tenho para lhe dizer.” Disse ele.

“Então?”

Calbert olhou rapidamente à volta, na cela. Havia uma mesa pequena, simples, com uma cadeira numa parede. Ele puxou a cadeira pelo encosto e virou-a. Lentamente, sentou-se nela.

“Vou direto ao assunto: eles não vão retirar as acusações contra si,” disse ele, “...ainda.”

“Ainda?” Perguntou Michael. “Então, há uma possibilidade.”

“Talvez. O seu relatório deixou muitas pessoas infelizes.” Calbert respirou fundo. “Foram gastos bilhões de dólares na Quantum Resources e em Alex Manez. Agora, pela sua declaração, descobrimos que ele esteve a mentir-nos, desde o momento que regressou de Centauri. Alguns até duvidam, que ele fez a viagem inicial.”

“Metade dos senadores da comissão de supervisão, acham que você estava a cooperar com Chow Yin. Afinal, como é que ele conseguiu descobrir como refinar o Kinemet para armas?”

“Isso é ridículo.” Disse Michael. “Porque é que ele nos iria enviar de regresso à Terra, se estivéssemos a trabalhar com ele?”

“Não sei.” Calbert encolheu os ombros. “Talvez precise de mais informações e, ache que você as pode obter para ele.”

Fazendo uma careta, Michael disse: “É ridículo.”

Calbert continuou. “Os restantes, acreditam que você não é um traidor. Simplesmente, culpado por incompetência.”

“O quê?” Ele não conseguiu conter o choque na sua expressão.

“Desde o início, que a Quantum Resources só teve falhas atrás de falhas. Só depois da sua reforma, é que a empresa começou a dar lucro. Depois, o senhor regressou ao ativo e, as coisas voltaram, subitamente, a tornar-se mais sombrias.”

“Eles querem um bode expiatório? Colocar em mim a responsabilidade por tudo o que correu mal?”

“Não seria a primeira vez, que acontecia algo do género.”

“Então, Resumindo; ou sou um traidor, ou um idiota!” Disse Michael.

“Não se esqueça de ‘mentiroso’.” Disse Calbert. “Todos eles pensam que o seu relatório, acerca de uma espécie de superalienígenas a planearem uma invasão, é pura ficção, uma manobra de diversão, concebida para nos distrair das vossas outras atividades.”

“Você está a falar a sério? Eu nunca faria isso.” Michael sentiu o laço figurativo a apertar, o seu pescoço. Ele olhou Calbert nos olhos. “O que é que

Alliras acha?”

“Alliras já não é o Ministro da Energia, das Minas e Recursos. Deixou o cargo há um ano, mas, antes disso, recomendou-me para ministro. Eu estou no seu lugar desde essa altura.”

“Você tornou-se político?” Michael ficou boquiaberto. “E a Quantum Resources?”

“Foi dissolvida. Desde que Chow Yin colocou um embargo sobre as operações espaciais, para todas as nações terrestres, que perdemos o nosso alvará. A Divisão de Mineração Espacial tem sido esventrada. O país tem necessidades mais importantes, tais como a luta contra a guerra.”

“Guerra?” Ele engasgou-se, sentindo-se completamente fora de contexto.

“Eu tenho que dizer, que foi um movimento brilhante da parte de Chow Yin. Ele corrompeu uma boa parte do governo da China, colocando-os a incitar problemas na Ásia. Em poucos meses, todos os países estavam de um lado ou do outro e, quero mesmo dizer todos os países.

O busílis da questão, é que a Terceira Guerra Mundial não é mais do que uma distração. Enquanto estamos todos ocupados a lutar, Chow Yin está a aproveitar-se e a tomar o controlo do resto do Sistema Solar.”

“Estupor assassino.” Disse Michael, rangendo os dentes.

“Sim, eu lamento por Kenny Harriman.” Calbert baixou a cabeça por um momento, antes de continuar. “Há um mês atrás, o governo da China recuperou o controlo da China. Estão agora em processo de extinguir os simpatizantes imperialistas e iniciaram um cessar-fogo. De momento, o mundo inteiro está em compasso de espera.”

“Isso é uma boa notícia.” Disse Michael. “Podemos virar a nossa atenção para Chow Yin e para os Kulsat.”

Calbert estalou a língua. “Isso pode levar algum tempo e, pode ser mais problemático do que realista. Houve muitos tiros disparados de ambos os lados. Vai levar anos, para suavizar as penas erriçadas. Os recursos em todo o mundo, já são tributados. Precisamos das estações de produção espaciais controladas por Chow Yin. Têm surgido rumores, de que seria mais fácil negociar um acordo, ao invés de gastar recursos noutra luta, especialmente quando o Império Solan está em vantagem.”

“Eu não posso acreditar no que estou a ouvir.” Os olhos de Michael estavam arregalados. “Vão ceder?”

Levantando os ombros em sinal de impotência, Calbert disse: “A economia estava em crise quando você partiu. Neste momento, está a chegar a um

ponto crítico. A guerra esgotou as reservas de todos. As pessoas estão cansadas de lutar.”

“Bem,” disse Michael, com voz zangada, “é melhor que as pessoas deixem de estar cansadas de lutar. Os Kulsat vão encontrar-nos e, quando o fizerem, nós seremos eliminados.”

Com um meio sorriso, Calbert disse: “Seria mais fácil convencer o governo a engolir a Lua, do que engolir essa história.”

“E você?” Ele olhou para Calbert pelo canto do olho. “Em que é que acredita?”

Depois de bastante tempo sem responder, finalmente esclareceu: “Acredito que, se a sua história for verdadeira, então estamos todos em sérios apuros.”

“Não era isso que estava a perguntar.” Michael prendeu a respiração.

Finalmente, Calbert concordou, “Estamos todos com um problema muito sério.”

Embora Michael sentisse uma onda de alívio, ao saber que pelo menos alguém, no mundo, não achava que ele era um completo idiota ou um traidor, sabia também que a sua situação, estava longe de ser otimista.

“Para acabar,” disse ele, puxando o lábio, “nós temos dois problemas: o Imperador Chow Yin e o Consórcio dos Kulsat. Eu odeio dizer isto mas, Yin é o mais pequeno de ambos os males. Ele quer governar o Sistema, enquanto que os Kulsat querem dizimá-lo.”

“O que é que você sugere?”

Michael coçou uma sobrancelha. “Já temos a tecnologia para refinar o Kinemet para armas?”

“Antes da Quantum Resources ser fechada, nós elaborámos algumas teorias sobre isso. O primeiro problema, é que não temos *stock* de Kinemet para testar as teorias. Segundo, mesmo que nós o fizéssemos, essas teorias não podem ser testadas no planeta. Infelizmente, Chow Yin tem todas as peças e não as está a partilhar.”

“Parece que está a tentar convencer-me, de que a opção sensata, é fazer um acordo com Chow Yin.” Ele deu a Calbert um olhar acutilante.

“O diabo que você conhece...”

Balançando a cabeça, Michael suspirou. “Não posso acreditar, que essa opção esteja em cima da mesa.”

Então, ele notou que Calbert o olhava de forma estranha.

“O que foi?”

Um sorriso penetrou nos lábios de Calbert. “Você deu-se conta, que nem

uma única vez nesta conversa, perguntou sobre o que lhe vai acontecer?”

Inclinando a cabeça, Michael soltou uma gargalhada oca. “Pensei que era uma conclusão precipitada. Acho que sou o pior pesadelo da administração. Se eles revelam que estou de regresso, os noticiários holográficos vão investigar. Quando descobrirem sobre uma invasão alienígena, haverá pânico em massa. Se me processarem, terão que divulgar determinados fatos publicamente e ocultar outros. O que quer que escondam, vai voltar a persegui-los mais tarde. Uma não informação pode ser um risco. Ou um escândalo sensacionalista.”

Com um sorriso agriço, disse: “Se eu estivesse no lugar deles, continuaria a empurrar a papelada de escritório para escritório, indefinidamente. Ou apenas a enterrava. Que me coloquem num buraco algures e, esqueçam onde é que esconderam a chave.”

Calbert lançou-lhe um olhar duro. “Você não está totalmente errado acerca disso. Foi preciso muita conversa, para manter o conhecimento do seu regresso circunscrito ao comité de supervisão. Neste momento, existem apenas vinte pessoas no mundo, que sabem que você ainda está vivo.”

“Bem,” disse Michael, tentando afastar a derrota da sua voz, “não importa o que aconteça, eu agradeço, por ter usado algum do seu tempo a vir até aqui.”

“Eu queria cá vir,” disse ele, “mas, não somente por o considerar um amigo.”

“Oh?”

“Eu queria perguntar-lhe sobre Yaxche.”

“Ele é um bom homem.” Inclinou-se Michael para a frente. “Espero que você perceba, que ele não teve nada a ver com isto. Ele veio apenas e só, para ajudar a salvar Alex.”

Calbert levantou as mãos. “Não se preocupe com isso. Nós entrámos em contato com o Departamental Hondurenho e organizámos o regresso dele à sua aldeia.”

Deixando escapar um suspiro de alívio, Michael disse: “Isso é bom.”

Lentamente, Calbert disse: “Fico feliz, por você ter intercedido por ele.”

Michael estreitou os olhos. “Calbert, eu nunca o conheci, como alguém que se escondesse nos arbustos.”

Calbert riu. “E normalmente, não sou. Acho que este último ano, a aturar políticos e capitães de indústria, tornou-me mais prudente.”

“Só estamos aqui eu e você.” Disse Michael. “Desembuche.”

“Está bem.” O Ministro levou um momento, como se estivesse a selecionar o que ia dizer.

“Falei com Yaxche, ontem, em privado. Ele lembrava-se de mim, de quando nos encontramos na Quantum Resources. Na perspectiva dele, foi como se tivesse sido há apenas algumas semanas, mas para mim, foi há mais de quatro anos.” Ele segurou o olhar de Michael. “De início, ele não queria falar comigo mas, quando lhe garanti que só queria o melhor para si e, que acreditava na história sobre o que aconteceu em Centauri, ele cedeu e, referiu algo que eu não tive a certeza de como interpretar.”

“Ele disse que outrora os Kulsat foram os preferidos da Graça, mas que agora estão a tentar encontrar o legado da Graça.”

Balançando a cabeça, Michael disse: “Isso foi o que os Gliesans disseram a Alex. Eu não tenho ideia, do que é que isso realmente significa. Nós não tivemos realmente muito tempo para falar sobre isso, antes dos Kulsat explodirem com a nossa nave.”

“Certo.” Calbert coçou o queixo. “Yaxche disse acreditar que a Graça poderia significar; os deuses do panteão Maia.”

Michael franziu a testa. “Ele nunca mencionou isso a ninguém.”

“E referiu, também, que podia descobrir, como encontrar o legado dos velhos deuses.”

“Como encontrar...?” Michael ficou boquiaberto. “Você quer dizer que o legado pode estar realmente aqui, na Terra?”

Calbert fez uma cara de incerteza. “Ele diz que pode estar algures próximo da sua aldeia.”

“Não admira que ele não me quisesse dizer nada. Os agentes de Chow Yin poderiam estar a ouvir.” Ele levantou-se. “Você tem que enviar alguém para ir com Yaxche. Se conseguir encontrar esse legado, poderá ser o que precisamos para lidar com os Kulsat.”

“Pode ser um tiro no escuro. Não. É definitivamente um tiro no escuro, mas concordo que vale a pena explorar.” Disse Calbert. “Mas, uma vez que não queremos deixar escapar nenhuma informação para o público, precisamos de enviar com Yaxche, alguém de confiança, para que possa fazer esse trabalho.”

Michael procurou na sua memória, por alguém que pudesse ter o perfil. Então, ele reparou em Calbert a olhar para ele novamente, com uma expressão estranha, mas desta vez com um sorriso brincalhão no rosto.

“O que foi?”

“Você gostaria de voltar às Honduras?”

Atordado, Michael abriu e fechou a boca sem dizer nada. Quando finalmente recuperou a fala, perguntou: “Eu? Como?”

“Antes de mais,” disse Calbert, puxando para fora do bolso do seu casaco, uma carta dobrada, “preciso que você assine esta declaração. Esta afirma que tem operado, nos últimos quatro anos, sob disfarce, como um agente do governo canadense, sob autoridade direta do primeiro-ministro.”

Assinar aquilo iria iexonerar, mediatamente, Michael, de quaisquer acusações que o Departamento de Defesa tinha sobre ele.

“Se concordar com um desmentido da sua declaração anterior, nós preparamos uma declaração de substituição, muito detalhada, sobre como passou os últimos quatro anos infiltrado no Império de Chow Yin.”

Michael não conseguia acreditar. “Como é que você conseguiu, que o Primeiro-ministro Dolbeau concordasse com isto?”

O sorriso de Calbert arregalou-se. “Eu não o fiz. Simplesmente, levei o Primeiro-ministro Rainier a concordar.”

“Alliras? Mas pensei que tinha dito...?”

“Desculpe, mas só referi, que já não era o Ministro da Energia, Minas e Recursos.”

Michael apontou-lhe o dedo. “Seu malandro.”

Ainda a rir, estridentemente, Calbert disse: “Assine já o depoimento, para que o possamos meter dentro de um avião, para as Honduras.”

**Nave Kulsat:
Sistema de Centauri:**

Uma incipiente dor de cabeça acordou Justine. Depois de ter recuperado a consciência, ela decidiu que era mais provável que fosse um efeito colateral do agente sonífero, que os Kulsat tinham introduzido na sua cela.

Ela tentou levantar-se com um braço, mas o movimento deu-lhe a volta ao estômago e ela deixou-se estar novamente deitada, até que o mal-estar desaparecesse.

A escuridão encheu a sua consciência. A quantidade mínima de radiação cinemética, que ela tinha absorvido da presença do líder da ciência dos Kulsat foi-se, tal como a sua *visão*.

Dentro dela, lutavam duas emoções conflitantes; se o Kulsat voltasse, ela absorveria o suficiente da radiação para ver novamente; mas isso faria com que o interrogatório fosse retomado. Justine estava a ficar sem truques, para atrasar o líder da ciência.

A sua situação, estava a parecer, cada vez mais, desesperadora.

“É verdade?”

Justine estremeceu, ao ouvir o som da voz mecânica. Não conseguia ver nada, nem ninguém, mas estava obviamente alguém, a utilizar o computador linguístico para se comunicar com ela.

Ela fez uma suposição. “Você não é o líder da ciência.”

“Ele está a realizar outras tarefas e não vai voltar durante algum tempo.”

“Quem é você?” Perguntou Justine.

Houve uma longa pausa e, por um momento, ela pensou que o recém-chegado se tinha ido embora.

A voz mecânica disse: “Eu sou o limpador de pisos e paredes.”

“Qual é o seu nome?” Perguntou Justine, mas apenas um longo silêncio

respondeu. “Você tem um nome?”

“Eu tenho um identificador. Não há um som correspondente.”

Talvez o computador precisasse de um quadro de referência. “O meu nome é Justine.”

Um momento depois, a voz mecânica respondeu: “O computador não tem um movimento correspondente para essa palavra.”

“Significa ‘apenas’ ou ‘justo’. O que é que o seu nome significa?” Perguntou ela ao recém-chegado.

“Eu tenho uma mancha vermelha em forma de círculo, acima do meu olho esquerdo.”

“É assim que vocês se identificam entre si,” perguntou Justine: “por sinais distintivos?”

“Sim, você agora tem conhecimento.”

“Posso chamá-lo de ‘Mancha Vermelha’, para abreviar?”

“O computador está a utilizar o movimento correto para o meu nome, Justine. Qual é a sua posição?”

“Eu sou...” Por um momento, Justine ia dizer que era um Major reformado, mas não sabia se o computador linguístico conseguiria interpretar essa patente. “Eu sou o piloto da nossa nave.”

“Você é o líder do transporte?”

“Acho que se pode chamar assim.” Um momento depois, ela perguntou: “Será que o seu líder da ciência tem um nome?”

“Ele tem um padrão de três crescentes escuros na junção de um membro.”

“Três Crescentes?” Disse Justine.

“Sim. Ele é um dos ‘ressuscitados’ mais antigos do Consórcio.”

Justine sentiu uma semente de esperança a crescer dentro dela. O recém-chegado parecia curioso e, era muito mais comunicativo do que o líder da ciência. Então ocorreu-lhe um pensamento; talvez os Kulsat estivessem a empregar um velho truque psicológico. O líder da ciência seria o polícia mau e o Mancha Vermelha seria o polícia bom.

“Você é um ‘ressuscitado’?” Perguntou Justine, testando ver se o alienígena iria mentir. “Ou um ‘deficiente’?”

“Ainda não me foi oferecida a ‘dádiva’.” Disse o Mancha Vermelha. “Eu ainda não tenho a posição adequada para tentar ‘ressuscitar’.”

“Você não deveria estar aqui?”

A voz mecânica falou. “O laboratório de ciência, é para o líder da ciência e para os seus servos. Esta sala é restrita para os ‘potenciais’. É uma ofensa

desobedecer às regras. Você irá relatar a minha ofensa?”

“Eu não vou dizer nada.” Justine sacudiu a cabeça. “Se é contra as regras, porque é que está a correr o risco de falar comigo?”

A voz mecânica falou. “Eu preciso de saber se é verdade.”

“Se é verdade o quê?”

“Fomos informados de que você é um explorador, pertence a um exército bárbaro, que deseja a exterminação da nossa espécie.”

“Isso não é Totalmente verdade!” Defendeu-se Justine. “Somos, apenas e só, um povo explorador.”

“Então você pratica o engano?”

Chocada com a acusação, Justine perguntou: “O que é que o faz dizer isso?”

“Você contou uma história da vossa conduta. Há violência. Há atrocidade. Há abdução. Vocês não são diferentes das outras raças.”

Ofegante, Justine percebeu que os Kulsat devem ter analisado a história que ela tinha recitado para o computador de tradução, *Peter Pan*, e pensado que ela estava a falar de algo que tinha acontecido no seu passado. Sem uma referência cultural, a história deve ter soado terrível a uma espécie alienígena.

“Aquilo era uma fábula, uma fantasia.” Disse ela. “Para entretenimento.”

“Vocês não praticam atrocidades? Vocês não cortam os membros dos vossos inimigos para os darem de comer aos animais?”

Justine soltou um suspiro. “Como regra, não.” Então ela pensou que, se descrevesse a realidade da Terra, ao Mancha Vermelha, isso poderia conquistar a sua confiança. “É verdade que há algumas pessoas no nosso mundo que violam as nossas leis, mas nós temos um sistema para punir os criminosos e proteger os inocentes. Serve também, para proteger aqueles que não têm poder. Chama-se Justiça”

“O seu sistema protege aqueles que não têm valor?”

“Mancha Vermelha,” disse ela, “a nossa espécie acredita que todos os seres têm valor.”

Houve um longo silêncio e, por um momento, Justine pensou que o Mancha Vermelha podia ter saído mas, de seguida, surgiu a voz mecânica.

“O Risca Verde Sobre um Olho partilhou o tempo comigo. Ele foi ajudar-me a aumentar a minha posição, para que, um dia, eu pudesse tentar ‘ressuscitar’. Ele forneceu companheirismo. Ele tinha valor...para mim. Agora ele está ‘expirado’.”

Justine, não compreendeu imediatamente, o que é que o Mancha Vermelha

lhe estava a tentar dizer, mas depois percebeu. O Risca Verde deve ter sido o ‘deficiente’ que o líder da ciência tinha morto. Ela adivinhou que os dois deviam ter algum tipo de relacionamento íntimo, embora Justine realmente não tivesse uma base para entender o que isso implicava. Na sua mente, ela começou a pensar em Mancha Vermelha como feminino.

“Eu tenho que ir.” Disse a Mancha Vermelha, via voz mecânica. “Ou serei descoberto.”

“Não, espere!” Gritou Justine, mas depois sentiu o cheiro familiar do tranquilizante e, antes que ela tivesse hipótese de protestar, caiu de costas no chão, inconsciente.

∞

A dor de cabeça era pior, na vez seguinte em que ela acordou. Mas, pelo menos, recuperou um pouco da sua *visão*. Claro que isso significava apenas uma coisa; o Três Crescentes tinha regressado.

Justine esforçou-se para se sentar e usou a sua *visão* para olhar ao redor. O líder da ciência não estava sozinho. Havia um outro Kulsat na sala, a flutuar a poucos metros de distância do Três Crescentes. A radiação kinemética nele era muito mais forte, do que no líder da ciência.

O Três Crescentes digitou. “Você completou o seu ciclo de sono. A cooperação será retomada agora.”

“Bom dia.” Disse Justine e viu os dois Kulsat a gesticular entre si.

O Três Crescentes virou-se para o computador. “Informação irrelevante. Exigimos especificações do seu sistema de origem. População. Localização. Nível de tecnologia. Descreva a sua compreensão da ‘dádiva’. Vocês detêm o componente final?”

Quando Justine não respondeu de imediato, o Kulsat digitou novamente. “A cooperação foi assegurada.”

“Você nem sequer me apresentou ao seu novo amigo.” Ela levantou-se e deu ao outro Kulsat um aceno de cabeça. “O meu nome é Justine.” Disse ela.

Todos os oito tentáculos do Três Crescentes se contraíram. “O seu nome é um engano.”

“É apenas um nome.” Disse ela. “Algo para nos chamarmos uns aos outros. Certamente que nenhum dano virá, ao partilharmos os nossos nomes.”

O Três Crescentes virou-se para o outro Kulsat. Fosse o que fosse que eles estavam a discutir, parecia ser um debate acalorado. No final da conversa, o Três Crescentes tremia. Justine adivinhou que era de frustração.

Ele afastou-se do painel de controlo e o outro Kulsat aproximou-se.

“Eu sou o líder da nave, Longos Dedos em Dois dos Seus Membros. Analisámos a vossa confissão. Vocês são a forma da sombra. Vocês deverão utilizar técnicas furtivas, para capturar a nossa desova. Estamos familiarizados com esta finalidade. Vocês desejam examinar a nossa biologia e desenvolver um meio para nos destruir.”

“Você compreendeu tudo de maneira errada.” Disse Justine, desejando nunca ter escolhido recitar o *Peter Pan*. “Eu não tinha a intenção de sequestrar ninguém. Foram vocês quem me sequestraram, lembram-se?”

“Todos os alienígenas, que invadem o nosso território, desejam destruir-nos. A sua confissão confirmou esse fato. Temos validação para a ‘recolher’.”

“Aquilo não era uma confissão.” Justine teve que se conter para não golpear o vidro. O que só iria demonstrar que ela era capaz de violência e era imperativo que, naquele momento, fosse tão diplomática como política. “Era uma história. Se você me deixar explicar, eu tenho a certeza de que poderemos chegar a um entendimento...”

O Longos Dedos digitou. “É evidente que a sua espécie pratica o engano. Qualquer informação que você fornecer, poderá ser falsa. Vocês tentam esconder o componente final da ‘dádiva’. Nós vamos tentar procurar por outros exemplares da sua espécie, eles devem existir neste sistema e extrair informação biológica.”

O líder da nave afastou-se do computador e gesticulou algo para o Três Crescentes. Justine não precisou de um programa de tradução, para interpretar o seu significado.

Quando o Longos Dedos nadou para fora da sala e o Três Crescentes se virou para um dos seus outros computadores, a frustração de Justine transbordou.

“Eu disse que iria cooperar. Não estou a mentir. Eu vou falar consigo, se você me ouvir. Tudo isto é um grande mal-entendido.”

Quando o líder da ciência continuou a trabalhar na sua máquina, ignorando Justine, ela bateu no vidro para chamar a sua atenção, não se importando com o que pensassem daquilo.

“Três Crescentes.” Disse ela. “Estou a falar consigo.”

Ele virou-se e uma ondulação passou pelo seu corpo, enquanto olhava para Justine com aqueles olhos grandes dele. Finalmente, ele impulsionou-se para o painel de controlo do tradutor e digitou.

“Eu nunca lhe dei o meu identificador. Como é que você adquiriu esse conhecimento?”

Amaldiçoando-se pelo deslize, Justine disse: “Foi um palpite. Eu vejo Três Crescentes escuros na junção entre os seus tentáculos. Vocês nomeiam-se com sinais distintivos, não é?”

O Três Crescentes pareceu considerar a sua resposta. “Você está a praticar mais engano.” Ele foi para a outra estação de computador e digitou no painel de controlo. Pela primeira vez, Justine pôde ver um dos monitores dele, mas as informações que continha não tinham sentido para ela. Pareciam uma série de traços e rabiscos. Era, obviamente, a língua dele mas, por escrito, não havia forma dela os poder interpretar.

Virando-se para o computador de tradução, o Três Crescentes digitou. “Houve acesso não autorizado a este laboratório. Temos um traidor. Será que prometeu informações acerca do componente final, para ganhar a ajuda do desertor? Revele o conspirador e não haverá nenhum desconforto na sua ‘expiração’. Recuse a cooperação e vou aplicar desconforto contínuo.”

Afastando-se do vidro, Justine sentiu o terror a crescer nela. Ela não tinha ideia de quanta tortura conseguiria suportar e não sabia se o ataque sonoro era o limite do que eles lhe poderiam fazer.

Ela não estava disposta a entregar-lhes a Mancha Vermelha. Mesmo que fosse uma Kulsat, tinha demonstrado que nem todos daquela espécie, tinham o mesmo desprezo pela vida que o Três Crescentes ou o Longos Dedos. A Mancha Vermelha tinha entristecido pela morte do Risca Verde, apesar da sua sociedade o ter rotulado como um ‘deficiente’. Também tinha depositado a sua confiança em Justine. De não a trair.

O Três Crescentes digitou algo. “O desconforto vai começar agora.”

O zumbido familiar do ataque sonoro encheu o tanque e, antes que Justine pudesse gritar um insulto ao Três Crescentes, ela dobrou-se de dor.

A tortura continuou durante algum tempo...

∞

A determinada altura, Justine começou a desejar que o seu algoz acabasse com ela e pusesse fim à agonia. Ela estava certa, de que as explosões sónicas lhe tinham causado algum dano interno. Os ataques de baixa frequência provocavam-lhe vômitos e os sónicos agudos deixavam-na tonta e desorientada.

Quando sentiu um fio de sangue a correr para fora de uma orelha, por isso,

o grito que se ouviu, foi mais de frustração. “Como é que vou poder ouvir as suas perguntas, se ficar surda?”

As explosões sônicas cessaram, mas o zumbido nos seus ouvidos continuou. Mesmo assim, ouviu a pergunta seguinte do Três Crescentes.

“Está preparada para cooperar? Por favor, identifique o traidor.”

Ela encolheu os ombros. “Eu não consigo dizer. Para mim, vocês têm todos a mesma aparência.”

“Descreva as marcas distintivas.”

Justine encontrou dificuldades para se concentrar e sentiu-se enjoada, mas tinha que continuar a atrasar o Três Crescentes. Cada minuto que o conseguisse empatar, era mais um minuto para Alex e os outros, chegarem mais longe.

Ela disse: “Eu não sei. Ele tinha uma risca verde, ao longo de um braço.”

“Engano. Esse ‘deficiente’ ‘expirou’.” O Três Crescentes digitou por alguns momentos. “Você forneceu a prova, de que a sua espécie é uma ameaça iminente para os Kulsat e deve ser eliminada. Quando forem todos retirados da existência, vamos investigar o vosso mundo, em busca do componente final.”

“Não, você não pode fazer isso.” Disse Justine. “Porque é que você não ouve a razão?”

“Identifique o traidor.”

Justine sacudiu a cabeça. “Não há nenhum traidor.”

“Você exibiu a disposição de suportar o desconforto para proteger conspiradores, embora eles não sejam da sua espécie. Quando os conspiradores já não existirem, você não terá nenhuma razão para recusar a cooperação.”

Ele virou-se e gesticulou para um dos outros Kulsat, a flutuar do lado de fora da porta da entrada do laboratório. Esse Kulsat nadou, afastando-se rapidamente.

Ao fim de um minuto, ele voltou com o que parecia ser um exército de Kulsat. Todos tentaram caber dentro do laboratório, mas este depressa ficou lotado. O Três Crescentes gesticulou-lhes algo e a maioria dos alienígenas nadou novamente para fora, mas permaneceu em espera.

Justine contou vinte Kulsat ainda no laboratório, não incluindo o Três Crescentes. Destes, três tinham radiação kinemética – ‘deficientes’ - e os restantes eram Kulsat normais. Com os seus sentidos, detetou outros sete ‘deficientes’, entre aqueles que esperavam fora do laboratório. Justine não

tinha ideia, se a Mancha Vermelha estaria entre os vinte.

O Três Crescentes digitou no computador.

“Todos os Kulsat que estiveram nesta seção, desde a sua chegada, serão exibidos aqui. Um deles é o traidor. Para ter certeza, os vinte serão ‘expirados’. Os outros vão saber o resultado da traição.”

O Três Crescentes nadou uma curta distância, até uma das mesas de trabalho e pegou num aparelho que parecia um ferro de soldar. Tinha uma corda longa que estava presa à parede mais próxima. Com dois dos seus tentáculos, ele apontou a ponta da ferramenta para um dos Kulsat que estava na linha.

Uma fina corrente de algo foi expelida do dispositivo, detetável somente por causa da ondulação da água entre o Três Crescentes e o seu alvo. Justine ouviu um som a vibrar profundamente e sentiu as vibrações do que deve ter sido algum tipo de agitador sônico.

O Kulsat, no fim de receber a onda começou a tremer e os seus braços começaram a contrair-se e a expandir-se em movimentos bruscos. Todo o seu corpo pareceu entrar numa rápida série de espasmos, depois, a água em seu redor tornou-se escura, quando a sua carne explodiu numa nuvem de preto e vermelho.

Na parede atrás da vítima, surgiu uma grande abertura circular e, como se fosse uma bomba gigante, começou a sugar e a tirar água. O corpo do alienígena morto entrou na abertura e foi sugado para fora da sala.

Os dezanove Kulsat restantes não fizeram qualquer sinal de protesto, nem tentaram fugir.

Justine, incapaz de tolerar o horror do que estava a testemunhar, lutou para ficar de pé e bateu no vidro que a separava dos outros.

“Você é um monstro!” Gritou ela. “Pare de os matar. Eles são inocentes!”

O Três Crescentes não deu nenhuma indicação de estar consciente do protesto dela. Ele levantou o dispositivo, para apontar para o próximo Kulsat em linha, um pequeno com manchas laranja nos seus braços e voltou a disparar.

Novamente, o Kulsat entrou em espasmos e, a água à sua volta turvou-se, com os fluidos corporais dele.

“Pare com isso!” Gritou Justine. Ela socou e chutou o vidro com tanta força quanto podia, mas o único dano causado foi no seu punho.

“O nome do traidor. Os outros serão poupados.”

Como é que ela podia trair um Kulsat, para salvar os restantes? Como é

que ela podia assistir à morte horrível de mais seres sencientes, para manter a sua palavra para com um ser alienígena, que ela mal conhecia? Não importava o que ela fizesse, a Mancha Vermelha iria morrer.

“Tudo bem.” Disse Justine, sufocando as lágrimas. “Eu vou dizer-lhe. Pare de os matar.”

“O nome do traidor.”

Apontando para o segundo assassinado Kulsat, Justine disse: “Era aquele. Você já o matou.”

“O engano tem sido utilizado.” Digitou o Três Crescentes. “Estes vinte nunca estiveram nesta seção. É evidente que a sua espécie não pode ser confiável. A vossa espécie é uma ameaça iminente e vai contaminar todos os Kulsat, com que entrarem em contato. Vamos agora expirar todos os ‘deficientes’ e ‘potenciais’ desta seção da nave. Faremos um relatório aos nossos superiores, a recomendar a ‘expiração’ de toda a vossa espécie.”

A futilidade esmagadora daquilo consumiu Justine. Não obstante do que ela fizesse, o Três Crescentes estava determinado no seu propósito e na sua convicção, de que ela e toda a humanidade, eram uma ameaça. A história que Alex tinha transmitido tinha sido, agora, confirmada na sua mente. A paranoia impulsionava os Kulsat, a destruírem quaisquer novas espécies exóticas que eles encontrassem.

Sem saber se algum dos outros Kulsat, conseguia ver o monitor de tradução, Justine, contudo, dirigiu-se a eles. “Salvem-se. Lutem com ele. Ele é só um. Vocês superam-no em número.”

O Três Crescentes fez um movimento ondulante com os braços, semelhante a quando Justine lhe tinha causado frustração anteriormente e digitou algo no computador. O zumbido suave do transmissor no seu colarinho, um som que não tinha notado até àquele momento, desapareceu. O Kulsat tinha desligado o tradutor.

O alienígena, então, levantou o dispositivo emissor de energia, nos seus tentáculos e começou a disparar para os restantes Kulsat na sala.

Justine não conseguia entender porque é que os Kulsat, simplesmente, esperavam pela sua morte. Teria a classe dominante, como o Três Crescentes, condicionado completamente os outros, a acreditar que não tinham nenhum valor, a menos que ‘ressuscitassem’?

Mesmo sabendo, no seu coração, que não faria nenhuma diferença, que nenhum dos Kulsat a poderia entender, Justine bateu as mãos contra o vidro. “Lutem, caramba. Defendam-se.”

Foi como se um deles a tivesse ouvido. Da porta de entrada, um pequeno Kulsat moveu os oito tentáculos e nadou rapidamente em direção ao Três Crescentes. Seria a Mancha Vermelha? Justine viu a marca distintiva acima do olho.

Com a intenção de assassinar o Kulsat ‘não-ressuscitado’ no laboratório, o Três Crescentes não a viu, até que ela já estava ao lado dele.

Ele virou-se para apontar o aparelho à Mancha Vermelha, mas o plano dela não era atacá-lo. Ao invés, ela dirigiu-se para a parede onde o cabo da haste de energia estava anexado. Ela envolveu três tentáculos à volta dele e puxou-o. Ele soltou-se antes que o Três Crescentes pudesse disparar contra ela.

Com uma enorme onda de frustração a passar pelos seus braços, o Três Crescentes colocou-a em estado quântico. No local onde tinha estado a pequena Kulsat, havia agora apenas um conjunto de partículas de luz.

A bomba na parede oposta, estava agora a trabalhar continuamente, a sugar os restos dos outros Kulsat mortos. Foi também criada uma corrente na água e os restos quânticos da pequena alienígena foram drenados, lentamente, ao longo do laboratório.

O Três Crescentes, tendo resolvido a situação, nadou até à parede para reparar a ligação com a haste de energia.

Ela retomar a sua matança.

Quando Justine foi irradiada com Kinemet, ela foi capaz de se colocar a ela própria em estado quântico. Nunca lhe tinha ocorrido, tentar colocar outro ser em estado quântico. Tinha acreditado, que era necessário um motor quântico, para iniciar o processo de entrar no estado quântico. Só depois de estar nesse estado, é que Justine tinha conseguido reverter a mudança, para retornar a nave e os seus passageiros às suas identidades reais.

Com os seus sentidos «normais», não conseguia detetar nenhum Kinemet naquela seção da nave, fosse puro ou refinado. Como é que o Três Crescentes, tinha feito aquilo com a Mancha Vermelha? Quando ela entrou em estado quântico e foi retirada da *Ultio*, tinha suspeitado que os Kulsat tinham desenvolvido algum tipo de tecnologia, que tinham utilizado nela. Agora, ela perguntava-se se aquilo não seria mais uma etapa, no desenvolvimento de um ‘kinemat’.

Mesmo com pouca radiação no seu sistema, Justine tinha o suficiente para ver... por isso...talvez, se ela se concentrasse, conseguisse ter o suficiente, para reverter a Mancha Vermelha do estado quântico, antes que as bombas da nave a sugassem para fora da sala, para um destino desconhecido.

Forçando a sua concentração, ela expandiu os seus sentidos, utilizando todos os vestígios da radiação kinemética nela. A limitação era incrível e, todo o seu corpo, tremia com o esforço.

O esforço drenou-a completamente e, o pânico atravessou-a quando, subitamente, ela perdeu a capacidade de *ver*.

**Copán:
Honduras:**

Contagem Longa: 9.19.19.17.11:

Eu não tinha noção do tempo. Era como se tivesse caminhado durante dezenas de dias. A dor no meu peito piorou, desde que comecei o caminho de regresso à minha aldeia, a cada passo que dava, era como se estivesse a ser atingido nas costelas com um pesado bastão.

Parei para beber, sempre que encontrava uma corrente de água, para comer, sempre me deparava com um arbusto com bagas maduras.

Não consigo lembrar-me de quando parei para dormir, embora o deus ter feito, porque dei comigo de manhã, deitado no chão, a olhar para um céu sem nuvens.

Os traços finos de um sonho desvaneceram-se, quando a consciência plena retornou. A dor cercava-me como um cobertor e eu perguntava-me, se alguma vez iria ficar bem novamente.

De alguma forma, consegui colocar-me de pé, pegar na mochila e completar a viagem até à minha aldeia.

Papan, um dos caçadores que me tinha ensinado como seguir o rasto de uma presa, foi o primeiro a identificar-me e soltou um grito, para os outros me virem ajudar.

Sabendo que estava entre amigos e família, deixei-me sucumbir ao cansaço e desmaiei, quando vários homens fortes me levantaram, para me levarem para a minha cabana.

Não sei quanto tempo dormi, mas, quando acordei, o meu peito estava envolvido por uma ligadura e eu estava coberto com vários cobertores tecidos.

Estavam mais três pessoas na minha cabana. O meu pai, Tohil Ak, inclinava-se sobre mim, com o rosto radiante de orgulho. Ao lado dele, a minha mãe, Xmucane, juntou as mãos e deu-me um olhar que refletia um misto de alívio e preocupação.

A terceira pessoa na tenda era Balam Ix, o nosso sacerdote, que era a pessoa mais velha da nossa aldeia.

“Subo,” disse o meu pai, “é bom vê-lo acordado. A sua mãe temia o pior.”

Tentei sentar-me, mas era como se uma pedra pressionasse o meu peito para baixo.

“Não se tente mexer.” Disse o sacerdote. Ele colocou uma mão enrugada no meu ombro. “Irá levar muitos dias, até que esteja curado.”

Relaxe os músculos e deitei-me. “Eu consegui, pai.” Falei com orgulho, sorrindo para ele. “Atacaram-me três Q’eqchi’. Não trouxe a pele deles, mas derrotei-os.”

“Isso é bom, meu filho.” Assentiu ele. “Os guerreiros irão recebê-lo nas suas fileiras, quando você estiver capaz.”

Balam disse: “Mas há muito mais para contar, jovem Subo, não é?”

Alternei o olhar entre o homem santo e o meu pai, que disse: “Você falou sobre isso, no seu sono febril. Foi um sonho ou uma visão?”

“Você tem que me contar agora,” Balam disse: “antes de levarmos a sua história ao conselho. Você teve uma visão sagrada. Será que um deus lhe concedeu uma audiência, jovem?”

Mesmo com dificuldade, eu respirei fundo. “Ele disse que não era um deus, mas que era um viajante do céu. Eu vi a sua embarcação a voar pelo céu, enquanto estava à espera de um guerreiro Q’eqchi’, para lutar.”

E contei-lhes a história de Ekahua, do início ao fim. Quando terminei, senti-me exausto pelo esforço.

“Você lembra-se da Canção das Estrelas, que ele lhe ensinou?” Perguntou Balam. A voz dele era baixa, cheia de admiração. Eu vi, na forma como me olhou, que não tinha dúvidas sobre a minha história.

“Sim.” Disse eu e fechei os olhos, enquanto cantava a canção na língua estranha de Ekahua.

Quando cantei a última linha da canção, olhei novamente para o nosso homem santo. Ele assentiu.

“É uma Canção poderosa. Ele deu-lhe uma grande dádiva, Subo Ak. Irá levar a toda a sua vida, para entender o significado dela. Talvez você nunca chegue a entender. Vamos estudar a música juntos.”

“Juntos...?” Perguntei, pensando nas palavras de Balam.

“Sim.” Ele levantou-se. “Estive em Copán e falei com o Rei Ukit Took sobre o seu sonho febril. Esse Ekahua é um espírito, que o visitou numa visão. É um sinal dos deuses. Apenas um profeta, pode receber tais presságios do Submundo.”

O meu pai disse as palavras antes de mim. “O Subo é um guerreiro. Ele conseguiu uma grande vitória sobre os nossos inimigos.”

Balam, sorriu e acenou. “Somente com o poder de um grande espírito, é que ele foi capaz de derrotar três guerreiros Q’eqchi’. Já foi decidido, Tohil. Subo vai tornar-se meu aprendiz e, um dia, ele tomará o meu lugar como sumo sacerdote da aldeia. Está profetizado.”

Ele virou-se para mim. “Começará o seu treino dentro de sete dias.” E com isso, Balam despediu-se de nós.

Eu estava completamente atordoado com a notícia e senti a raiva a crescer, pela decisão do rei.

Eu, um homem santo? Eu nunca tinha pensado em ser outra coisa, senão um guerreiro, tal como o meu pai e honrar a memória do meu irmão morto.

Conseguí ver a decepção nos olhos do meu pai. Desde que eu era criança, que ele me tinha educado nas artes de combater. Agora, todo aquele esforço tinha sido em vão.

Apertando o queixo, o meu pai virou-se e saiu da minha cabana. Só a minha mãe permaneceu, mas não me olhava nos olhos.

Ysalane! Ela não poderia casar-se comigo. Os homens santos não tomavam esposas e não tinham filhos.

Não me importava que o sacerdote fosse um dos membros mais respeitados do nosso povo, que os anciãos se aconselhassem com ele e que tivesse o respeito de todos, na aldeia. Naquele momento, senti-me defraudado da minha recompensa e amaldiçoei o dia em que vi a embarcação voadora de Ekahua.

Nos dias a seguir, eu sarei e depressa consegui levantar-me da cama e caminhar sozinho. Cansava-me rapidamente e, no início, só conseguia fazer pequenas caminhadas. Contudo, depressa consegui caminhar, por períodos de

tempo mais longos.

A nossa aldeia tinha vinte casas, espalhadas por uma área considerável. A maior construção estava no centro da aldeia, perto do círculo comum e era utilizada pelos anciãos, para realizar as suas reuniões. Havia uma casa reservada para o sacerdote. As outras, eram para as famílias dos anciãos, tecelões, ferramenteiros, comerciantes e para os caçadores-guerreiros.

Existiam também várias cabanas temporárias, para aqueles de nós que não eram casados, mas que já não viviam com as suas famílias. Era onde ficávamos, até concluirmos os nossos rituais de maturidade e até que os nossos pais e os anciãos nos arranjassem um casamento.

A maioria dos moradores, vivia nos seus próprios complexos fora da aldeia, onde cultivava os seus campos.

Aonde quer que eu fosse, os outros aldeões olhavam e observavam-me enquanto passava. Ninguém se aproximava ou falava comigo, para além da minha mãe e do meu pai. Espalhou-se a palavra de que eu ia ser o aprendiz de sacerdote da nossa aldeia.

Regressando à minha cabana, deitei-me na cama e pensei no quão miserável a minha vida se tinha tornado. Eu teria que aprender os números, as estrelas e o calendário. Iria ter que aprender a escrever glifos, para gravar as nossas histórias. Precisaria de aprender a curar os doentes com poções e rituais. Teria de aconselhar as novas famílias, sobre o nome para os seus filhos. E havia mais uma centena de outras tarefas, que eu nunca quis.

Naquele momento, decidi que iria fugir da vila, quando estivesse curado o suficiente para o fazer. Gostaria de voltar a Quiriguá e matar o maior número de nossos inimigos que conseguisse, até que me capturassem e me sacrificassem. Pelo menos depois, nasceriam canções sobre os meus feitos heroicos.

A Canção. Ao longo dos últimos dias, eu tinha tentado evitar de a lembrar, mas quando a deixava entrar nos meus pensamentos, não conseguia tirá-la da minha mente.

Sem estar consciente que o estava a fazer, eu comecei a cantarolar a música. Depressa, o zumbido transformou-se em canto e uma sensação de paz penetrou no meu coração perturbado.

Estava zangado com o meu destino, mas conseguia encontrar conforto na grande dádiva, que Ekahua me tinha dado.

Quando a terminei de cantar, recomecei, desde o início.

Estava tão consumido pela canção, que não tomei logo consciência de que

o chão estava a tremer, sob os meus pés. Durou apenas alguns segundos, mas eu sabia, por experiência, que os pequenos tremores de terra, muitas vezes, levavam a terremotos maiores.

Rolei para fora da cama e mordi a língua, quando uma dor aguda atravessou o meu peito, devido ao movimento repentino. Levei um momento antes de conseguir pôr-me de pé e sair da minha cabana.

Várias mulheres, por toda a aldeia, correriam e chamavam os seus filhos para perto delas, para encontrarem um lugar seguro para se abrigar.

Sentiu-se um segundo tremor de terra, que me desequilibrou. Tive que segurar as estacas da minha cabana, para a impedir de colapsar.

Uma das cabanas do outro lado da aldeia caiu. A pedra de história, no centro da nossa aldeia vibrava, libertando farripas de pó de rocha para o chão.

O meu pai, que estava a preparar uma pele para o fogo, fora da sua cabana, correu para ver se alguém estava em perigo e se precisava de ajuda.

Uma criança pequena que estava paralisada pelo tremor, gritou com medo, por não compreender, ao mesmo tempo que estendia os braços para a sua mãe. A mãe correu para ela e pegou-a nos braços.

O meu pai e eu partilhámos um olhar rápido, mas parecia que uma cabana em colapso e uma criança assustada, era a extensão máxima dos danos.

“Tohil,” Bil’al, um guerreiro jovem em treino, que não tinha ido caçar por causa de um tornozelo partido, disse ao meu pai, “estão todos bem?”

Balançando a cabeça, o meu pai examinou a vila e procedeu a uma contagem de todos os que deveriam lá estar.

“Parecem estar todos ilesos.” Disse ele, mas depois mudou de expressão.

Segundos depois, eu percebi que havia uma pessoa, que não tinha saído da sua casa, durante o acontecimento: o sacerdote, Balam IX.

Tão rapidamente quanto pude, fui a casa do sacerdote. Era uma habitação maior do que a minha cabana, mas mais pequena que as casas de família. O meu pai chegou lá, muito antes de mim, e olhou para dentro. Em vez de entrar, ele parou à porta e eu consegui ver os seus ombros cair.

Ele saiu, quando eu cheguei.

“O que foi?” Perguntei, procurando o seu rosto, antes de me baixar e entrar na cabana do padre, para ver por mim.

Balam IX era a pessoa mais velha na nossa aldeia e viveu muitos mais anos do que a maioria. Toda a gente suspeitava que ele não viveria muito mais, mas, ao vê-lo deitado na sua cama sem se mover, com os olhos abertos, mas sem ver, os lábios entreabertos, mas sem respirar, por momentos, não

consegui acreditar. Balam tinha feito parte da vida cotidiana na nossa aldeia, durante toda a minha vida e, agora, ele tinha morrido.

O meu pai falou num tom subtil. “O Submundo chamou por ele.”

“É um presságio.” Disse eu, embora mantivesse a minha voz demasiado baixa, para que alguém ouvisse.

O meu pai colocou a mão no meu ombro e disse: “Esta noite, quando os outros retornarem da caça e da patrulha, vamos prepará-lo para o enterro.”

Outro resultado que eu não tinha considerado imediatamente, tornou-se assustadoramente claro quando Bil'al, que tinha vindo atrás de nós, perguntou: “O Subo, é agora o sacerdote da nossa aldeia?” E arregalando os olhos, ele acrescentou: “Espero que se consiga lembrar de todas as palavras para as orações.”

∞

Passei o resto do dia a suar e não foi por causa do calor. Ainda há pouco tempo, eu estava no caminho do guerreiro, em direção ao futuro que desejava. Agora, os moradores estavam com os olhos postos em mim, que ainda não tinha visto dezoito verões e, não tinha passado um único dia em estudo religioso para ser o seu líder espiritual, pelo menos por enquanto.

Dizia a lei local que, caso o sumo-sacerdote morresse, sem ter um aprendiz, os anciãos da aldeia teriam que enviar um pedido ao Sumo-sacerdote de Copán, para lhes fornecer um homem santo temporário. Os mais velhos tinham, de fato, ordenado a um dos guerreiros que viajasse para a cidade, para dar a notícia e, ele retornou ao anoitecer. Por causa do terremoto, a Ordem Santa estava muito ocupada a ajudar os cidadãos de Copán, cujos danos eram mais graves, do que na nossa aldeia. Poderia levar vários dias ou talvez mais, para enviarem alguém.

Estava a meu cargo liderar o ritual.

Nós tivemos vários enterros nos últimos anos e tinha que admitir que eu não lhes tinha prestado muita atenção. Para meu alívio, o meu pai e os outros guerreiros, encarregaram-se de preparar a casa do sacerdote para o enterro. Depois de reunir as pedras da história do padre e os calendários, deitaram o edifício abaixo. Todos os materiais de construção foram removidos do local, exceto o chão, que levantaram o suficiente, para que outros pudessem cavar uma sepultura para o sacerdote.

Os três anciãos, Yax Kuk, Ohtli Ti, e Nentil Mo'Nab, levaram-me à casa deles, onde me instruíram sobre como usar a touca e o traje do sacerdote. O

traje não me servia muito bem. Na verdade, eu era muito mais alto do que o sacerdote, com os ombros mais redondos. Suportei aquilo e segui os anciãos novamente para a casa do sacerdote.

O corpo de Balam estava deitado no chão, em frente aos restos da sua casa. Para assegurar que eu assistia a todo o processo, os anciãos prepararam o corpo do sacerdote. Primeiro, eles envolveram-no num lençol de algodão e, de seguida, eles encheram-lhe a boca com milho. Sem pensar no que estava a fazer, comecei o ritual.

“Aceite este alimento para o sustentar, ao longo da sua jornada através de Xibalba.”

Ao sinal dos anciãos, eu coloquei um cordão de jade na boca do padre, em cima do milho.

“O caminho para o renascimento pode ser longo. Esta é a jade, serve para dar-lhe folego no Submundo.”

Os mais velhos envolveram a cabeça dele com a mortalha.

“Envolvemo-lo, para o proteger do frio do Submundo.”

Os escravos pegaram no corpo do sacerdote e carregaram-no para a sepultura que tinham cavado, debaixo da casa dele. Gentilmente, depositaram-no lá.

Levantei um pote de cerâmica cheio de água e, lentamente, derramei-o sobre o padre, desde a sua cabeça, descendo pelo seu tronco.

“O Submundo é um mundo de água. Você deve entrar na água, para começar a sua jornada.”

Um dos anciãos acendeu paus de incenso e colocou-os no chão, do lado de fora do túmulo, enquanto os outros colocaram as posses do sacerdote, em redor do seu corpo.

“Aceite estas dádivas. Que elas o possam ajudar, no seu caminho para o renascimento.”

Dei um passo para trás, quando os outros membros da aldeia se aproximaram, para fazer as suas oferendas e, dizer orações ao homem que tinha sido o seu sacerdote, ao longo das suas vidas.

Apanhei o meu pai a olhar-me, pensativamente e, percebi, que tinha dito palavra por palavra, do ritual. Não cometendo um único erro. Era como se já tivesse realizado os ritos de sepultamento, centenas de vezes. Ocorreu-me o pensamento de que, se eu não tivesse conhecido Ekahua e aprendesse a Canção dele, nunca teria sido capaz de me lembrar das palavras das orações para hoje. De alguma forma, quando me tocou com a luz, ele mudou-me.

Os homens preencheram a sepultura e depois baixaram a plataforma em cima dela.

Começámos a construir a minha casa, em cima do túmulo do padre, no dia seguinte. O espírito dele, iria vigiar e guardar a minha nova morada e, talvez, visitar-me nos meus sonhos.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Alex soube, logo ali, que não poderia usar mais táticas para empatar, pelo menos, não sob a ameaça eminente de levar um tiro.

“Desde que prometa dar-me atualizações periódicas sobre a Terra e o progresso dos meus amigos, eu vou cooperar. Dei a minha palavra a Chow Yin.”

“A Sua Alteza.” Corrigiu Alice, mas aquilo soou mais como uma resposta automática. “Então,” disse ela “qual é o grande segredo?”

“O grande segredo, é que eu não sei o que é que Klaus descobriu.”

Vendo os olhos de Alice arregalarem-se de indignação, Alex levantou as mãos. “No entanto, eu sei o caminho que ele fez, para lá chegar.”

“A Canção das Estrelas. A fórmula está escondida nela?”

“Sim, embora não exatamente como está a pensar.”

Alice cruzou os braços sobre o peito. “Estou à espera.”

“As palavras da história não são importantes. É a própria melodia. Há certas notas que traduzem frequências de som. Essas frequências sonoras, têm uma frequência de onda de luz correspondente. Essas frequências de ondas de luz, são utilizadas para bombardear o Kinemet, antes de se iniciar uma reação - na essência, programá-lo - para atingir o efeito desejado sobre uma pessoa. O resultado, claro, é irradiar a pessoa, sintonizando-a para os sinais de radiação kinemética.”

“Quais notas?”

“Não sei. Acredito que Klaus criou um programa de computador, para calcular as possibilidades mais prováveis. Infelizmente, esse programa foi destruído juntamente com a estação em Vénus.”

Alice mordeu o lábio. “Temos muitos programadores de computadores

conosco. Tenho a certeza, de que poderemos reproduzir esse algoritmo. Suponho que tem uma ideia, de quais são as notas importantes e quais não são?”

Balançando a cabeça, Alex disse: “Eu escutei Yaxche recitar a canção, várias vezes. Tenho algumas ideias.”

“Bem.” Alice foi para o seu computador e digitou algo. “O Sian é o melhor programador do meu pai. Vamos trazê-lo aqui, para escrever o código.” Momentos depois, chegou uma mensagem de resposta na tela e Alice sorriu. “Boa. Ele agora está a terminar uma tarefa, mas, em algumas horas deve estar aqui.”

Ela desligou o computador e enfrentou Alex. “Eu vou ordenar que lhe tragam alguma comida. Se você precisar de descansar, está ali uma cama preparada, na sala de armazenamento.” Ela apontou para uma porta do outro lado do laboratório.

“Obrigado.” Disse Alex. Não havia nenhuma razão para ser indelicado. Afinal, quanto mais cooperativo ele parecesse, mais fácil seria atrasar o progresso deles.

“Será colocado um guarda nesta sala, a tempo integral. Ele tem a minha permissão para atirar em si, caso faça alguma coisa suspeita.”

“Entendido.” Disse Alex amigavelmente.

Estreitando os olhos para ele, mais uma vez, ela saiu do laboratório.

∞

Alex presumiu que Alice tinha saído para informar o pai, queixar-se do acordo de trabalho, ou comer alguma coisa. Não obstante do que fosse, Alex não teria muito tempo.

Ele foi confiante, até ao computador que Alice tinha utilizado, para contactar o programador. Assim que começou a andar em direção a ele, o guarda apontou-lhe a caçadeira.

Tão casualmente quanto conseguiu, Alex sentou-se à frente da consola e digitou a senha de Alice. Ela não tinha sido suficientemente cuidadosa a escondê-la dele. Talvez pensasse que ele não conseguia ver o que ela digitava, do outro lado da sala, ou que ele não conseguiria utilizar um teclado com caracteres chineses.

Embora existisse um amortecedor kinemético na sala, ele apenas impedia a eletropatia de Alex e a sua *visão*. A sua memória eidética estava intacta e, ainda que não soubesse interpretar os caracteres no teclado, lembrava-se

precisamente quais tinham sido as teclas que Alice tinha pressionado e, mais importante, em que sequência.

“O que é que está a fazer?” O guarda deu alguns passos para a frente e apontou a caçadeira para Alex.

Forçando-se a transparecer na sua voz uma calma que não sentia, Alex disse: “A cooperar. O que é que acha, que eu estou a fazer?”

O guarda não respondeu, nem baixou a arma.

Com um suspiro de irritação, Alex virou-se no banco e enfrentou a suspeição do guarda. “Se quer mesmo saber, vou aceder à gravação da Canção das Estrelas e começar a registrar as ondas de som de cada nota. Isso pode demorar.”

Sem esperar, para ver se a explicação tinha satisfeito o guarda, Alex virou-se para o computador e teclou uma senha, para ver o que é que acontecia. Apareceu a tela de navegação. “Afinal de contas,” disse ele “foi para isso que me trouxe aqui, não foi?”

Teclou outra senha, depois outra e mais outra, memorizando cada uma das suas funções. Quando obteve uma linha de base, decifrar os restantes caracteres, levou apenas alguns minutos. Quando já tinha conhecimento prático do funcionamento do computador, percebeu que o guarda se tinha retirado para o seu lugar e tinha adotado a posição vigilante anterior.

O que Alex precisava era de mais informações, tanto sobre o quanto eles sabiam sobre o progresso de Klaus, como sobre o império deles.

A primeira base de dados a que Alex acedeu, pediu-lhe uma senha. Entrou com a senha de Alice e sorriu; ela era uma daquelas pessoas que usavam a mesma senha para tudo. Ocorreu-lhe que não tinha ideia, de qual era a senha. Abriu um tradutor e franziu a testa quando ele cuspiu as letras em inglês: qinguangwangquatrosesetezero.

No início, ele pensou que podia ser uma cadeia de caracteres aleatórios, mas depois teve uma ideia e fez uma pesquisa geral. Qin Guang Wang era o governante chinês do primeiro tribunal de Feng-du, o equivalente à versão ocidental do inferno. Ele julgava os mortos e decidia se as suas almas iam para o paraíso, ou seriam enviadas para o inferno, por castigo.

Usando a senha, Alex acedeu ao arquivo pessoal de Alice e confirmou a data do seu nascimento. 4770 - o equivalente chinês de 2073 - no calendário gregoriano.

Alice usava o deus chinês da retribuição e o seu aniversário como senha.

Que acontecimentos teriam ocorrido, para tornar Alice Yin na pessoa que

era? Havia tanta raiva nela.

Rapidamente, Alex consultou o resto dos arquivos dela. Davam-lhe alguns pormenores básicos, mas não eram suficientes para lhe dar um quadro completo. Alex não sabia a extensão do seu acesso, mas fez uma pesquisa que abrangeu todas as bases de dados da estação, por qualquer documento que lhe desse uma dica para a personalidade de Alice Yin.

Com a sua memória eidética, ele só precisava de olhar uma vez para cada documento, para reter tudo sobre ele. Quando o almoço chegou, Alex já tinha lido toda a informação da base de dados, relativamente à filha do Imperador. Tudo o que não estava lá, poderia preencher por si mesmo.

∞

Quando Chow Yin começou a construir a sua organização criminosa, nas profundezas da Estação da Lua, ele tinha feito aquilo apesar da sua deficiência. Para o tipo de homem que se tinha tornado, acreditava que as únicas mulheres que se sentiriam atraídas por ele, seriam aquelas que procuravam o seu dinheiro, poder e segurança.

Deixar-se envolver romanticamente com alguém, seria uma fraqueza, uma vulnerabilidade a que não se podia permitir. Todavia, ele ainda era homem, com as necessidades de um homem. Essas necessidades eram satisfeitas pelas mulheres que prestavam esses serviços.

Para evitar qualquer possibilidade, de uma mulher assim se familiarizar com ele ou com a sua operação, ele nunca esteve com a mesma pessoa duas vezes e, assegurava-se sempre, que elas estavam na Lua temporariamente.

Chow Yin tomou tantas precauções quanto pôde, mas nenhuma salvaguarda era infalível, como descobriu, quando uma das mulheres o contactou e lhe tentou extorquir dinheiro. Essa Mulher, a que ele tinha unido por algumas horas, tinha produzido uma menina. Alice.

Na tentativa para evitar uma brecha na segurança, Chow Yin enviou um homem para eliminar as duas. Mas uma fraqueza e um desejo paternal, fê-lo mudar as suas ordens, no último minuto. Para assim, deixar a bebé viver e ter um legado.

Uma vez que a mulher não tinha familiares vivos, Alice acabou no sistema de orfanatos da China. Embora Chow Yin não tivesse desejo nenhum, de conhecer ou reconhecer publicamente a sua filha, contudo, de quando em vez, ele vigiava o progresso dela.

Quando recebeu um relatório, de que Alice tinha uma afinidade com as

ciências, arranhou-lhe uma bolsa para a Universidade de Pequim, no departamento de astrofísica e assegurou-se que vários professores e funcionários da universidade, controlavam e incentivavam o seu progresso.

Após Chow Yin ter sido preso na Estação da Lua, os órgãos de comunicação social esmiuçaram cada aspeto da vida dele.

Um repórter de Pequim, descobriu a história que ligava Chow Yin a Alice.

Para ela, aquilo tornou-se um circo nos órgãos de comunicação social. A filha do criminoso mais famoso do século. Os fundos das suas bolsas foram apreendidos pelo governo. Tentando afastar qualquer suspeita de suborno, a administração da universidade expulsou-a imediatamente do seu programa. Ela perdeu o apartamento e todos os seus amigos.

Nenhuma empresa legítima a quis contratar, depois daquilo. Alice, sem abrigo, indigente e desesperada, acabou a trabalhar para um traficante de armas, que estava a desenvolver armas biológicas.

Três anos depois do seu pai ter sido processado e enviado para a colónia penal, no outro lado do Sol, a organização para a qual Alice trabalhava foi invadida pela polícia. Alice foi condenada e sentenciada a passar o resto da sua vida na Prisão Chongqing.

Uma notícia de acompanhamento do caso, vários anos depois, ilustrou como a vida na prisão tinha sido cruel para Alice. A prisão tinha a reputação de ter tortura, praticada por parte dos guardas do sexo masculino, privação severa e brutalidade entre os presos.

O último artigo que Alex leu, foi sobre um fogo inexplicável numa seção mal conservada da prisão, que matou mais de uma dúzia de prisioneiros e guardas, incluindo Alice Yin, um mês antes da fuga de Chow Yin da estação penal remota.

Alex adivinhou que Chow Yin tinha organizado a fuga dela e tinha-a trazido para a Estação de Qin, para trabalhar com ele.

Desde então, que ela trabalhava no processo cinemático. O único meio de testar uma teoria cinemática, era utilizar seres humanos e, não tinha havido nenhum sucesso, ao longo de todo aquele tempo.

Com horror, Alex perguntou-se sobre quantas pessoas teriam morrido, nas suas experiências.

Aos trinta e seis anos, Alice Yin era tão brilhante e tão louca como o pai.

**Tegucigalpa, Honduras:
Conglomerado da América Central:**

Por mais que os eventos bélicos, que ocorreram por todo o mundo, nos últimos quatro anos, tivessem alarmado Michael, a capital hondurenha, continuava na sua normal e arrastada rotina diária, como se nada se tivesse alterado, era um nítido contraste. Como a Economia do País sempre esteve em grandes dificuldades, a guerra que se disputava em todo o mundo, não veio alterar ou melhorar o padrão de vida do povo das Honduras.

A última vez que Michael ali tinha estado, tinha sido com George e foi numa missão de investigação. Desta vez, a única diferença, era que ele estava acompanhado por Yaxche. Durante o voo, na aterragem no Aeroporto Internacional de Toncontin e na eterna burocracia dos procedimentos aduaneiros do país, nenhum dos dois falou nada importante. Eles mantiveram a conversa leve e não falaram da sua missão, apenas para o caso de algum outro passageiro curioso ou oficial, estar à escuta.

Yaxche, enquanto cidadão nacional de regresso, teve menos dificuldade ao passar pelos serviços de fronteira. Mas, quando Michael mostrou a sua identificação, foi retido. Teve que passar uma hora numa sala pequena, enquanto os oficiais contactavam as autoridades canadenses.

Após o seu envolvimento com os eventos na plantação Ruiz, quatro anos antes, o seu nome tinha aparecido em todos os noticiários holográficos locais, depois novamente, após o seu desaparecimento da Terceira Estação do Canadá. Quem quer que os oficiais hondurenhos tenham contactado, no seu país de origem, conseguiu convencê-los de que Michael *não* estava sob qualquer suspeita, relativamente a qualquer irregularidade. Todas as acusações tinham sido retiradas, para além disso, era um agente do governo com plena autoridade, cuja missão atual, era escoltar Yaxche até sua casa.

A primeira tarefa de Michael, era fazer o registo no consulado. Depois iriam para o terminal de autocarros, para apanhar o transporte diário para Santa Rosa de Copán. O Serviço de Fronteiras levou tanto tempo, que eles só tinham meia hora para chegar ao terminal de autocarro de Tegucigalpa, que ficava do outro lado da cidade.

Ainda foi mais difícil encontrar um autotáxi, do que passar pelo Serviço de Fronteiras. Quando Michael, com Yaxche a arrastar-se tranquilamente atrás de si, se dirigiu ao balcão para solicitar um, encontraram apenas um funcionário. Era uma criança, que não teria mais do que quinze anos.

Ainda que o seu espanhol tivesse melhorado ao longo do tempo, Michael estava contente por se ter lembrado de trazer o tradutor com ele.

“Desculpe, senhor.” Disse o funcionário. “Todos os computadores estão *off-line* esta manhã. Os autotáxis estão parados.”

“Por quanto tempo?” Perguntou Michael.

“Eles estão a fazer algum tipo de atualização, que era necessária já há bastante tempo. Era suposto terem terminado durante a noite, mas agora, parece, que vai durar uma eternidade.”

Michael fez um grunhido de desagrado e olhou à sua volta.

“O autocarro da cidade deve chegar daqui a vinte minutos, se quiserem esperar.”

Não havia forma de chegar ao terminal a tempo.

“A que distância daqui, fica uma agência de aluguer de automóveis?” Perguntou Michael.

O funcionário disse: “Oh, a agência de aluguer de veículos Del Angel é logo ali, próximo à extremidade norte do terminal. Vocês podem lá chegar em cinco minutos.”

“Obrigado.” Ele deu uma gorjeta ao funcionário e depois pegou na sua bagagem. Olhou para Yaxche. “Não me parece que cheguemos a tempo, para apanhar o autocarro diário. Se alugarmos um carro, podemos conduzir para Santa Rosa, depois do registo no consulado.” Yaxche deu a Michael um aceno, para demonstrar que concordava com o plano. Ele tinha uma mochila cheia de lembranças, que tinha comprado na loja de presentes Pearson, e colocou-a ao ombro, antes de começar a seguir Michael.

Quando entraram na agência de aluguer, o funcionário atrás do balcão, fez uma expressão atormentada e sacudiu a cabeça. “Se querem alugar um transporte, todos os nossos carros e camiões, estão alugados. Com os autotáxis parados, nós alugámos tudo, há quase uma hora.”

Se não tivessem sido atrasados pelo serviço de fronteiras...

Não só perderam o transporte para sair da capital, mas também pareciam ter ficado retidos no aeroporto.

Michael fez uma careta e olhou para Yaxche. O homem mais velho estava pálido. Depois de passarem tanto tempo em veículos espaciais com ar condicionado e no clima frio do Canadá, precisavam de algum tempo, para se aclimatarem ao calor das Honduras.

“Vou ligar para o consulado, para ver se nos podem emprestar um carro.”

Saíram da agência de aluguer e Michael procurou em todo o terminal, por um balcão de comunicações. Caminhou até ele, registou-se e, efetuou a chamada. Respondeu uma voz feminina com uma sonoridade jovem.

“Obrigado por ligar para o Consulado Canadense das Honduras. Fala a Beth. Como posso direcionar a sua chamada?”

“Aqui fala Michael Sanderson. Eu sou um emissário especial, a escoltar um cidadão das Honduras. Penso que Allan Perkins foi informado da minha chegada. Parece que ficámos retidos sem transporte, no aeroporto, e perdemos o transporte diário para Santa Rosa de Copán.” Momentos depois, lembrou-se de lhe dar o seu código de acesso oficial, para verificação da sua identidade.

A secretária disse: “Sinto muito, Sr. Sanderson. O Consul Perkins hoje teve uma conferência, que lhe ocupou todo o dia. Infelizmente, por causa dos cortes no orçamento, já não temos veículos para uso oficial. Temos um contrato com o Service Chauffeur de Tegucigalpa, mas eles não viajam para fora da capital. Eu posso enviar um, para o trazer até aqui. Há um hotel perto daqui, onde vocês poderão ficar até amanhã.”

Tentando não parecer ingrato pela oferta, Michael disse: “Estávamos à espera de viajar hoje para Santa Rosa de Copán.”

“Lamento, Sr. Sanderson.” Disse a secretária.

Parecia que eles não tinham outra escolha. “Obrigado, Beth. Vamos aguardar no parque de estacionamento norte.”

Depois de desligar, Michael disse a Yaxche. “Também podemos encontrar um local à sombra e sentarmo-nos.”

Havia um fornecedor de alimentos ambulante, onde Michael comprou dois chás gelados. Eles sentaram-se numa das mesas redondas do pátio e refugiaram-se à sombra do guarda-sol.

“Como é a sensação de estar, finalmente, de regresso a casa?” Perguntou Michael.

Olhando à volta para as ruas movimentadas, Yaxche disse: “Aqui não é a minha casa.”

“Bem, com alguma sorte, devemos chegar à sua aldeia amanhã à noite, o mais tardar.”

“Já passou muito tempo, desde que eu dormi na minha própria cama.” Ele deu a Michael um sorriso aberto. “As vossas camas são todas muito moles.”

Desde a sua libertação do centro de detenção em Ottawa, que Michael não pressionava Yaxche sobre detalhes, acreditando na palavra do homem mais velho, de que poderia saber o paradeiro do legado, que a raça alienígena de Ah Tabai denominou de Graça.

Pensando melhor, a informação que o Maia lhes tinha dado, de que poderia saber para onde ele tinha ido, era bastante ténue. Mas, novamente, todos tinham subestimado que o antigo pergaminho com a Canção das Estrelas, continha a chave para desvendar as propriedades fotónicas do Kinemet. Michael estava preparado para escavar informação de forma ligeira, à boa fé, mas a sua curiosidade levou-lhe a melhor.

Casualmente, ele perguntou: “Então, do que é que estamos à procura?” Quando Yaxche o olhou interrogativamente, Michael acrescentou: “Quero dizer, existe outro pergaminho antigo ou algo do género?”

“Não sei.”

“O que quer dizer com não sabe?”

“É possível, mas não me parece.”

Michael olhou para Yaxche intencionalmente. “Se não é um pergaminho, então o que é?”

“É uma história.”

“Que história?”

“Eu não lhe posso contar. Não é a minha história.” Ao fim de um momento, ele disse: “Eu já lhe contei a minha história.”

Michael limpou a garganta. “Agora está apenas a ser enigmático.”

Yaxche, como se estivesse a desfrutar de provocar Michael, sorriu largamente. Deixando escapar uma pequena gargalhada, disse: “Precisamos de falar com um velho amigo meu. Talvez, se gostar de si, ele lhe conte a história dele.”

“A história da Graça?”

Mantendo o seu sorriso firmemente no lugar, Yaxche encolheu os ombros, impotente. “É melhor ouvir a história, pelo contador de histórias.”

Michael lembrou-se, de que a chave para a Canção das Estrelas não estava

na história em si, estava na narração e resignou-se a ser paciente.

Yaxche deu-lhe uma ligeira palmada no braço. “Não se preocupe. Eu acho, que o meu amigo vai gostar de si.”

Quando terminaram os seus chás gelados, eles avistaram um longo carro preto a entrar no estacionamento. O decalque na porta dizia ‘Serviço de Chauffeur de Tegucigalpa’. Michael levantou-se e levantou a bagagem, quando o carro parou.

O motorista falou em inglês, com um forte sotaque espanhol. “É o Sr. Sanderson, que vai para o Consulado Canadense?” O homem, que era baixo, mas bastante corpulento, usava um terno preto, com um corte peculiar. A gravata ao redor do seu pescoço estava solta e o botão da gola da camisa estava aberto. Como se ele se tivesse apercebido disso, apertou rapidamente o botão e apertou a gravata.

“Sim, somos nós.” Disse Michael.

Enfiando a mão na traseira veículo, o motorista pressionou para abrir o porta-bagagens e, de seguida, correu para ajudar Michael e Yaxche a carregar a bagagem.

Quando Michael e Yaxche se sentaram no banco de trás, o motorista ligou o computador de navegação e digitou o seu destino.

Eles foram conduzidos pela Avenida Fuerzas Armadas, entrando e saindo do tráfego e Michael olhou pela janela, para a cidade. Quando olhou para Yaxche, viu que o homem mais velho parecia não ter qualquer interesse pela cidade.

Quando chegaram ao Boulevard Centromerica, em vez de virar para o norte, em direção à Embaixada do Canadá, eles continuaram a ir para leste.

“Eu acho, que você já passou pela saída.” Gritou Michael para o motorista.

“Obras na estrada.” Disse o motorista. “Vamos dar a volta por uma rua lateral. Será mais rápido.”

Sentindo-se desconfortável, Michael procurou, na sua memória. Já se tinham passado alguns anos, desde que tinha estado em Tegucigalpa e, embora não recordasse tão bem como Alex ou Justine, tinha tido tempo de olhar para o mapa das ruas da capital, várias vezes. Não existiam ruas laterais àquele desvio, até que cruzassem o Anillo Periférico. Mesmo que andassem à volta, isso mais do que duplicaria o tempo de viagem deles.

“A cidade está a passar por muitos problemas esta manhã.” Disse Michael.

“Si.”

O homem não parecia estar a agir de forma suspeita. Talvez Michael

estivesse apenas a ser paranoico. Decidiu esperar, para ver o que acontecia.

Quando chegaram ao desvio para o Anillo Periférico e ele continuou a dirigir para leste, Michael chegou-se para a frente.

“Para onde é que você nos está a levar?”

“Por favor, relaxe, *señor*.” O motorista sacou de uma pistola de dentro do casaco e segurou-a durante um momento, para que Michael a visse, antes de a guardar novamente. “É para o vosso próprio bem.”

**Nave Kulsat:
Sistema de Centauri:**

Cega física e kinemeticamente, para além de estar presa, dentro de um pequeno tanque cercado por água, numa nave alienígena hostil, era o suficiente para que Justine se sentisse oprimida. Sabendo que, ou poderia ocorrer um homicídio em massa ou uma revolução, ali fora do seu alcance, cujo resultado iria decidir diretamente o seu próprio destino, Justine lutou para se impedir de sucumbir à sobrecarga emocional.

O som não fluía muito bem no seu terrário, mas o que ela conseguia ouvir, não conseguia interpretar. Teriam os seus esforços, feito a Mancha Vermelha voltar à forma física? Tinha o Três Crescentes, reparado a sua haste de energia e feito com que ela explodisse? Estaria ele, a terminar a sua tarefa insana, de matar todos os ‘não-ressuscitados’ na nave?

A radiação kinemética vinda do alienígena ‘ressuscitado’ começou a infiltrar-se novamente no sistema de Justine e a sua visão regressou lentamente.

No espaço de alguns segundos, ela viu o que tinha acontecido durante o seu apagão. O Três Crescentes tinha religado a sua haste de energia e estava a fazer explodir os outros alienígenas, mas estava-o a fazer por desespero. Como se a coragem da Mancha Vermelha lhes tivesse dado força, os outros Kulsat atacaram o Três Crescentes. Eles agarraram em ferramentas soltas e em recipientes, para usar como armas. Até agora, nenhum deles tinha conseguido aproximar-se o suficiente, para atacar o Três Crescentes, mas ele já tinha morto mais de meia dúzia e ferido vários outros.

Justine viu que a Mancha Vermelha ainda estava viva, mas que tinha sido ferida.

Um dos seus tentáculos estava frouxamente pendurado do seu torso,

resultante talvez, de um arranhão da arma de energia.

Impotente, Justine assistia ao exército de cefalópodes a lançarem-se sobre o Três Crescentes, mas ele parecia ter experiência no seu objetivo e continuava a mantê-los afastados.

A vantagem em números, estava do lado dos rebeldes. Contudo, como se sentisse que não conseguiria manter a sua defesa para sempre, o Três Crescentes entrou em estado quântico. Mantendo-se naquele estado, ele saiu do laboratório, deixando os sobreviventes e Justine para trás. Ele iria, sem dúvida, reportar ao Longos Dedos.

Justine não sabia quantos ‘ressuscitados’ estavam a bordo da nave alienígena, mas era necessário apenas um, se decidissem colocar toda a nave em estado quântico. Depois que todos estivessem neutralizados no estado fotónico, o piloto poderia levar a nave de regresso ao seu sistema de origem, onde os números estariam, sem dúvida, a favor da elite dos Kulsat, ao invés dos rebeldes.

A Mancha Vermelha nadou até ao terrário e ligou o computador de tradução, com o toque de um longo tentáculo. O zumbido familiar da ligação no seu colarinho, deu a Justine uma sensação de conforto que ela não esperava.

“Mancha Vermelha.” Disse Justine. “Você está bem?”

A pequena alienígena digitou. “A sua preocupação é inesperada. Eu vou ‘continuar’. No entanto, não estou certa de que as nossas ações foram sábias. Não temos nenhum poder contra o Longos Dedos.”

Atrás dela, dezenas de Kulsat esperavam, como se não soubessem o que fazer, agora que tinham conseguido afastar o Três Crescentes com medo.

Justine disse: “Existe uma cápsula de segurança, nesta nave?”

“Sim, nós temos seis dessas naves. Elas são utilizadas para minar o ‘dom da Graça’, em asteroides. As cápsulas de segurança não têm motores que utilizam ‘a Graça’.”

A Graça. De acordo com a história de Alex, era o que Ah Tabai tinha chamado à raça, que criou o sistema de faróis estrela. Talvez fosse, para os Kulsat e para as outras raças de ‘ressuscitados’, o nome homónimo para o poder do Kinemet, o estado fotónico de ser e, também, para a raça que primeiro dominou a tecnologia.

“Você tem alguma ‘dádiva’ a bordo?” Perguntou Justine. “Se conseguirmos um pouco para os meus amigos e para a nossa nave, talvez tenhamos uma hipótese.”

A Mancha Vermelha virou-se para os alienígenas atrás dela e gesticulou para o grupo. Vários deles gesticularem em resposta e as idas e vindas pareceram durar uma eternidade, pelo menos, para Justine.

Ela esperou, mal contendo a sua impaciência, enquanto a Mancha Vermelha regressou ao computador e levou imenso tempo para escrever os resultados da conversa.

“Há vários *stocks* da ‘dádiva’ a bordo. Podemos recolher alguma e carregá-la para o transporte de mineração. O problema que temos, é como levá-la a si para a cápsula de segurança. A sua plataforma de observação está pregada ao casco. Mesmo se pudéssemos movê-la, a abertura do compartimento de carga da cápsula, é demasiado pequena para que caiba. Não há provisão para alguém da sua espécie, na cápsula. O nosso biólogo de alienígenas informou-nos, que você é uma espécie que se sustenta de ar e não pode processar oxigénio debaixo de água. Levará somente um curto período de tempo, para o Três Crescentes e o Longos Dedos regressarem, para nos destruir.”

Justine tentou interromper algumas vezes a mensagem que entrava, mas quando pré-digitada, não havia forma de fazer parar a tradução. Ela mordeu o lábio, até que a voz máquina terminou de falar.

“Traga um pouco da ‘dádiva’ aqui, para mim. Quando eu estiver recarregada, poderei transformar-me em luz e segui-la até à nave. Não teremos nenhuma forma de nos comunicarmos, enquanto eu estiver nesse estado, mas, se podermos encontrar a minha nave e os meus amigos, eles vão ser capazes de nos ajudar.”

A Mancha Vermelha fez um conjunto exclusivo de sinais para ela, o que Justine tomou como reconhecimento. A pequena alienígena, em seguida, virou-se e distribuiu instruções para o pequeno grupo de revolucionários. Os indivíduos Kulsat nadaram para irem desempenhar as suas tarefas. Apenas a Mancha Vermelha permaneceu no laboratório.

“Estão todos do nosso lado?” Perguntou Justine.

“Somos condicionados a obedecer às autoridades. Os Kulsat a bordo consideram-me como o seu novo sub-comandante. Eu disse-lhes que o Três Crescentes é a unidade defeituosa e queria a sua tecnologia alienígena para si próprio. Essa é a razão pela qual o atacaram. Todos eles ainda são leais ao Consórcio. Assim, se encontrarem o Longos Dedos, ele conseguirá contrariar as minhas instruções.”

Justine sentiu a frustração crescer, com a cultura dos Kulsat. Eles eram estranhos a ela, em todos os sentidos da palavra.

“Você ainda é leal ao Consórcio?”

A Mancha Vermelha respondeu. “Sim.” Ela continuou a escrever. “A nossa espécie tem sido perseguida, ao longo da história. Quando a Graça desapareceu do universo, as outras raças ficaram com ciúmes do nosso conhecimento e guerrearam contra nós. Eles invadiram o nosso mundo de origem. Só conseguimos sobreviver, por causa da nossa superioridade. Agora, nós somos a raça dominante na galáxia, mas não estamos seguros. As outras raças continuam a conspirar contra nós. Somente com o componente final, é que vamos garantir a nossa sobrevivência.”

Se aquilo que a Mancha Vermelha disse, era verdade, então os Kulsat tinham razões para ser paranoicos com os outros mundos. Justine perguntou: “Porque é que você me quer salvar?”

“O Consórcio acredita, que todas as raças não-Kulsat são uma ameaça iminente e devem ser vencidas, para assegurar a nossa continuidade. O Consórcio acredita, que os não-Kulsat não têm valor. O Consórcio acredita, que os ‘deficientes’ não têm valor.” Ela segurou os olhos de Justine, quando a sua declaração seguinte foi filtrada, através do tradutor. “Você acredita que todos os seres têm valor. Há validade nisso. Talvez haja uma oportunidade, para reavaliar algumas das políticas do Consórcio.”

Justine foi dominada pelo que estava a ouvir. Quantos dos outros Kulsat sentiriam excesso de zelo, na sua cultura, relativamente à sua xenofobia? Embora fosse difícil evitar impor os seus próprios valores a outras culturas, Justine não sabia como é que uma sociedade poderia progredir, quando descartava completamente, aqueles que não conseguiram alcançar a mudança kinemética.

Ela iria guardar para filosofar sobre aquilo, mais tarde. Neste momento, o tempo estava a trabalhar contra ela.

Pela informação que ela tinha recolhido, o Três Crescentes e o Longos Dedos estavam completamente estabelecidos, na sua condição de elite. Eles acreditavam, que o resto dos Kulsat estavam completamente subjugados, que a nave não tinha muitos obstáculos à segurança interna. Essa ligeira vantagem desapareceria, quando o Longos Dedos sentisse que a situação estava fora do seu controlo.

Mesmo que eles conseguissem todos colocar-se na nave e fugir, quando os dois ‘ressuscitados’ se tornassem cientes do êxodo, eles poderiam facilmente puxá-la novamente, como fizeram quando ela estava na *Ultio*. De seguida, poderiam fazer a nave explodir em pedaços, para seu divertimento.

Justine tinha que aumentar as suas hipóteses de fuga, de alguma forma, e garantir que os outros Kulsat não fossem mortos no processo.

“Mancha Vermelha,” disse ela, “há mais algum ‘ressuscitado’ na nave, para além do Três Crescentes e do Longos Dedos?”

“Não. Nós não somos militares. Somos uma nave de mineração. Existem apenas um líder da ciência e um líder da nave, a bordo.”

“Você pode descrever-me a planta da nave? Onde é a cabine principal, a engenharia, a tripulação, o compartimento de carga, tudo?”

“Sim. Eu posso explicar-lhe isso.” A Mancha Vermelha digitou por muito tempo.

∞

Quando Justine absorveu todas as informações fornecidas pela Mancha Vermelha, ficou com uma ideia muito sólida da geografia da nave.

Ela sentiu um dos Kulsat ‘não-ressuscitados’ a regressar ao laboratório. Ele vinha a carregar uma pequena quantidade de Kinemet, o ‘dom da Graça’, num recipiente esférico. O nível de radiação era mínima e Justine assumiu que o recipiente era feito de algum tipo de material de amortecimento como o titânio, que tinham utilizado no Sistema Solar, para impedir o Kinemet de causar estragos nos dispositivos eletrónicos mais próximos.

Quando o alienígena chegou mais perto do tanque de Justine, ela sentiu uma forte ondulação a atravessá-la. Embora conseguisse absorver a radiação em segunda mão do Três Crescentes, era pouco mais do que uma gota de água na sua língua. Longe de ser o suficiente para saciar a sua sede. Mesmo selada pelo contentor de amortecimento, Justine podia sentir cada fibra do seu ser, a esticar-se para absorver o alimento do Kinemet.

Quando Klaus realizou a experiência nela, utilizou um miligrama do metal kinemético. Justine sentiu que o Kulsat tinha trazido, pelo menos, um grama completo. Se ela nunca entrasse em estado quântico, muito provavelmente seria o Kinemet suficiente para a alimentar, para o resto da sua vida. Era estar no estado fotónico, que consumia o Kinemet a uma taxa rápida.

Avidamente, ela esperou que o Kulsat chegasse até ao tanque. Com a ajuda da Mancha Vermelha, os dois nadaram até ao topo da sua gaiola de vidro e colocaram o recipiente no cilindro, que tinha sido usado anteriormente para a alimentar. Eles colocaram o cilindro no mecanismo de entrega e acionaram o guincho.

Enquanto o Kinemet descia até ao seu alcance, Justine ouviu a mensagem

da Mancha Vermelha chegar, através do tradutor.

“Apenas um ‘ressuscitado’, consegue abrir o recipiente.”

Por um momento, a impaciência de Justine levou-lhe a melhor e ela sentiu uma onda de calor nas suas bochechas.

Fosse qual fosse a substância que compunha o recipiente, devia ser impenetrável por meios físicos. Uma vez que, um ‘ressuscitado’ tinha a capacidade de colocar os outros em estado quântico com a sua vontade, como tinha feito com ela, então, depreendeu que também tinham a capacidade de colocar objetos em estado quântico. Quando a esfera fosse convertida em fótons, o ‘ressuscitado’ teria acesso total à ‘Graça’ que esta continha.

O problema era que, mesmo se estivesse totalmente irradiada, Justine não tinha ideia de como colocar em estado quântico mais nada, exceto a si mesma. A radiação vazava do recipiente, mas a um ritmo tão lento, que levaria uma hora ou mais, para ficar carregada o suficiente para fazer a mudança e, mesmo assim, iria gastar a carga muito rapidamente.

Eles não tinham esse tempo. Era difícil dizer quanto tempo se tinha passado, desde que o Três Crescentes fugiu do laboratório e ela esperava que ele e o Longos Dedos aparecessem a qualquer momento e assumissem o controlo da situação. Quando o Kulsat a tinha colocado em estado quântico, para a levar para bordo da sua nave, Justine não tinha mantido a consciência nesse estado. Tal como nenhum dos outros passageiros da *Ultio*, incluindo Alex, tinham estado conscientes durante a viagem.

Justine não sabia o suficiente sobre a ‘dádiva de luz’, embora tivesse passado mais de quatro anos naquele estado. Já que tinha oportunidade, estava determinada a aprender tanto quanto lhe fosse possível.

Segurou a esfera perto do seu peito e sentou-se no chão do tanque, deixando a radiação cinemática fluir para si. Iria aguentar tanto, quanto pudesse.

Depressa, outro alienígena entrou no laboratório e gesticulou para a Mancha Vermelha, que transmitiu a informação para Justine. “Nós carregámos a nave com a ‘dádiva’. Um grupo pequeno viu o Longos Dedos na ponte, mas não interagiu com o líder da nave. Talvez o Três Crescentes ainda não o tenha informado.”

Aquilo era uma boa notícia, Justine pensou para consigo mesma. Isso iria dar-lhes mais tempo. Ele também deu a entender, que o Três Crescentes podia ter excedido a sua autoridade e estar com medo que o líder da nave soubesse o que estava a acontecer.

A Mancha Vermelha digitou. “O resto da tripulação está na cápsula de segurança, à espera de instruções.”

Justine disse: “Eu preciso de um pouco mais de tempo com a ‘Graça’, até estar suficientemente carregada para me colocar em estado quântico. Vocês vão para a cápsula e saiam da nave...”

A voz mecanizada interrompeu. “Os outros só estão a ajudar, apenas para a levar para longe do Três Crescentes. Se a deixarmos aqui, eles não terão nenhuma razão para deixar a nave.”

“Eu prometo,” disse Justine: “que vou para a cápsula, assim que conseguir.” Ela não sabia se a Mancha Vermelha podia interpretar a sinceridade nas suas palavras, então olhou através do vidro para a cefalópode, para que a alienígena conseguisse ver isso nos seus olhos.

“Você não empregou o engano para mim, no passado. Eu não acredito que você irá empregar o engano, no futuro. Estaremos à sua espera na cápsula. Utilize a pressa, Justine.”

Com isso, a Mancha Vermelha e os outros dois sacudiram os seus tentáculos e correram para fora do laboratório.

Tinha passado apenas alguns minutos com o Kinemet, mas Justine já estava a sentir os efeitos da sua influência. Ela desejou saber como é que os Kulsat ‘ressuscitados’, eram capazes de colocar os outros em estado quântico. Depois de décadas de experiências, o único método que a NASA e os cientistas da Quantum Resources tinham descoberto, para colocar uma nave em estado quântico, tinha sido utilizar uma unidade quântica.

Justine tinha lido muitos dos trabalhos teóricos sobre o processo e, enquanto estava sentada à espera de ser carregada, analisou todos os textos armazenados na sua memória. O curso intensivo levou vários minutos para se concluir mas, no final, não havia nada nas experiências, que sugerisse a possibilidade de colocar algo em estado quântico, a partir do exterior. Claro, ninguém tinha imaginado que fosse possível, colocar qualquer coisa em estado quântico sem uma unidade de *quantum*, que no fundo, era um dispositivo de alta potência de bombardeio de hidrogénio.

Algo fez cócegas no fundo da sua mente.

O que aconteceria se ela estivesse em estado quântico e bombardeasse um átomo de Kinemet, com um fotão de si própria? Iria aquilo, por sua vez, desencadear a mudança quântica num objeto externo? E, se assim fosse, poderia ela de algum modo, direcionar essa energia?

Justine não teve oportunidade para testar a sua teoria. Com a *visão*, ela

sentiu a chegada de uma presença kinemética a aproximar-se do laboratório.

Levantou-se, segurando a esfera junto a si, quando o Três Crescentes entrou na sala, segurando aquilo que parecia ser uma haste de energia portátil.

No momento em que viu Justine, ele apontou a haste para o seu tanque e disparou.

O vidro quebrou-se e milhares de litros de água foram contra ela.

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Contagem Longa: 9.19.19.17.18:

Passei os dias seguintes na minha cabana, à espera que a construção da minha nova casa, fosse concluída. Senti-me terrivelmente, por não ser capaz de ajudar. Embora parecesse estar a recuperar-me mais rápido, do que aquilo que era esperado, eu ainda tinha dificuldades nas tarefas simples. Conseguia caminhar, mas não conseguia levantar um balde de água, sem fazer disparar a dor no meu peito.

Embora odiasse o meu novo papel, escolhido pela aldeia, eu devia ao meu povo, tornar-me o melhor sacerdote que pudesse. Como guerreiro, tive algumas aulas de leitura de glifos. Era importante entender os decretos, ou as ordens de guarda do rei. Até chegar um sacerdote de Copán para começar as minhas aulas, decidi tentar ensinar-me a mim próprio.

Os pergaminhos que o sacerdote tinha deixado para trás, estavam muito para além da minha compreensão. No início, quando os tentei ler, rapidamente me senti frustrado. Sem um professor para me guiar, podia muito bem tentar aprender a língua dos pássaros. Mesmo assim, continuei a tentar. Afinal, não tinha mais nada para fazer e, ficar deitado horas a fio, era de enlouquecer.

Depois de mais de um dia, a tentar descobrir o significado de um determinado glifo que se repetia muitas vezes nos pergaminhos, decidi levar a minha pergunta a Ohtli Ti, o mais antigo dos nossos idosos.

Era uma má estratégia abordar um ancião, sem solicitar primeiro uma audiência e, pior ainda, pedir a um ancião para descer ao papel de professor.

Todavia, sem outro sacerdote para me guiar, eu não tinha outra escolha.

Escolhi Ohtli só porque, quando era criança, ele tinha jantado com o meu pai e com a nossa família, várias vezes.

As minhas costelas doíam com o esforço e fiquei de pé, à porta da casa dele, em silêncio, tanto por respeito à sua posição, como para recuperar o folego.

Eu tive a certeza de que ele reparou imediatamente em mim, mas continuou nas suas tarefas durante vários minutos, antes de levantar uma mão, para eu entrar na sua casa.

Curvando-me e mantendo a cabeça baixa, disse: “Perdoe-me por esta ousadia, Ohtli Ti. Não pretendo desrespeitá-lo.”

“O rei decretou que você, se irá tornar o sacerdote da nossa aldeia, Subo. É justo que os anciãos ouçam o conselho dos nossos homens santos.”

Senti o calor a aumentar nas minhas bochechas. “Eu não me atreveria a oferecer as minhas opiniões, àqueles que são mais instruídos do que eu.”

“Mas irá atrever-se.” Ele acenou-me. “Tem que se acostumar com a sua nova posição.”

“Obrigado, Ohtli Ti. Farei o meu melhor.”

Olhei para cima e ele sorriu-me.

“Tenho a certeza que sim.” Disse ele. “Então, temos algum assunto hoje?”

“Por favor, desculpe a minha ignorância, Ohtli. Estou a tentar aprender a ler os pergaminhos de Balam IX, mas estou com dificuldade.”

“Mostre-me.”

Eu estendi-lhe o pergaminho e apontei para o glifo que continuava a aparecer.

Ele olhou para ele e, de seguida, olhou para mim surpreendido. “Não se lembra da sua primeira aula? Pensei que era ensinado aos guerreiros, a diferença entre os símbolos sonoros e os símbolos da palavra.”

Quando ele disse aquilo, lembrei-me de que, frequentemente, existiam duas maneiras de escrever a mesma palavra: poderia ser escrita com um símbolo para cada som, ou com um único símbolo que representava a palavra. A maioria dos pergaminhos de Balam estava escrita com símbolos sonoros, mas o que eu não conhecia, era um símbolo palavra que nunca tinha visto antes.

Eu corei. “As minhas desculpas, Ohtli. Eu já deveria saber. Por favor, se puder, diga-me o que esse símbolo representa.”

“Flor.” Disse ele. “Ou a essência daquela flor.”

“Obrigado, Ohtli Ti.” Disse eu e inclinei-me, enquanto saía da sua casa.

Com esperança que nenhum dos outros moradores, tivesse testemunhado o meu constrangimento, voltei para a minha cabana e trabalhei no primeiro pergaminho. Quando o sol se pôs, já tinha uma compreensão básica do significado do pergaminho: era uma receita para uma pasta, que iria aliviar as queimaduras leves.

Eu estava animado por ter feito tanto progresso. Nos dois dias seguintes, estudei o maior número dos escritos de Balam que consegui. Quando a construção da minha nova casa foi concluída, eu já era capaz de perceber o significado, por detrás de cada um dos pergaminhos que tinha herdado.

Mas não deixei que os outros moradores soubessem, o quão longe tinha chegado. Se lhes dissesse que tinha aprendido em três dias, o que levaria à maioria dos outros, três meses para entender, eles iriam olhar-me com desconfiança e, até poderiam pensar, que eu tinha sido substituído por um demónio.

Aconteceu outra coisa, que era mais difícil de esconder. As minhas costelas cicatrizaram muito mais rapidamente, do que deveriam. Eu sabia, por outros que tinham partido Membros ou ossos, que poderia levar até duas *winals* - quarenta dias - para recuperar. Ao ritmo que estava a cicatrizar, ficaria totalmente recuperado, dentro de mais alguns dias.

Fiquei nervoso que os outros aldeões percebessem, que eu era diferente. E, embora odiasse enganá-los, eu fingia estar pior do que realmente estava. Se alguém me questionasse, sobre porque é que estava a curar tão rapidamente, eu diria que talvez não tivesse ficado tão ferido como tínhamos pensado, de início.

A minha única explicação para aquilo era que, quando Ekahua colocou a sua mão em mim, e me ensinou a Canção das Estrelas, ele mudou-me de alguma forma. Se era uma dádiva ou uma maldição, eu não saberia dizer. Só sabia que, ser diferente dos outros, iria causar-lhes medo. Ao mesmo tempo, não podia evitar de me sentir grato, pela minha rápida auto-capacidade de cura e estudo.

Na quarta manhã, após terem enterrado Balam, acordei e decidi confessar tudo ao meu pai. Ele já tinha ouvido a história sobre Ekahua, por isso esperava que ele entendesse, que não tinha sido transformado num demónio. As minhas novas habilidades eram uma dádiva do viajante do céu.

Todavia, antes que pudesse revelar-lhe sobre a minha condição, chegou um pequeno esquadrão de guerreiros de Copán. Para minha confusão e decepção,

eles não vinham acompanhados por um sacerdote.

Vários moradores saíram para cumprimentar os recém-chegados. Os nossos sorrisos de boas-vindas, transformaram-se num franzir de testa de preocupação, quando percebemos que era um grupo de guerra.

O líder do esquadrão, um homem que eu não conhecia, identificou rapidamente o meu pai, e falou diretamente com ele. As suas palavras foram ditas num tom suficientemente alto, para os restantes de nós poderem ouvir.

“Tohil Ak, espero encontrá-lo bem.”

O meu pai cumprimentou-o com um gesto de mão. “Chaan Xiu, eu estou bem. Podemos oferecer-lhes abrigo e comida?”

“Não.” Informou secamente Chaan. “Trago ordens de Copán. O Rei Ukit Took tem estado em discussão com a ordem santa e com o conselho de anciãos. Todos concordaram que o terremoto de há quatro dias, foi um sinal dos deuses. O tempo para nós atacarmos Quiriguá, é agora. Já foi muito adiado, não concorda, Tohil?”

“Concordo.” O meu pai olhou à volta para os aldeões e viu-me. Apontou para mim. “O meu filho chegou recentemente da sua prova de guerreiro, onde derrotou três guerreiros Q’eqchi’. Os nossos inimigos tornaram-se fracos e preguiçosos.”

Chaan acenou-me. “Eu ouvi falar dessa conquista feita pelo jovem Subo, que é bendito dos deuses.” Voltando-se para o meu pai, o líder da guerra disse: “Estamos a chamar todos os homens capazes, para se reunirem no campo de cerimónia, a sul de Copán, amanhã de manhã. Vamos marchar para Quiriguá e atacar de madrugada, daqui a dois dias. A nossa vitória será cantada pelos netos dos nossos netos.”

Com isso, o meu pai e Chaan uniram as mãos e o líder da guerra ordenou aos seus homens, que o seguissem para a próxima aldeia, para espalhar o apelo às armas.

Imediatamente, o meu pai reuniu os oito caçadores-guerreiros da nossa aldeia e deu-lhes ordens para prepararem armas e suprimentos, depois para visitarem todas as fazendas da área e chamarem à aldeia todos os homens, com idade para combater. Embora não fossem guerreiros dedicados, os agricultores tinham sido treinados no combate básico, para o caso de invasão dos Q’eqchi’.

Quando os seus homens foram destacados para a tarefa, o meu pai aproximou-se de mim. A minha expressão de esperança, alterou-se para decepção, quando ele colocou a mão no meu ombro e disse: “Estou triste que

você deva permanecer aqui na aldeia. Mas prometo trazer para casa muitos escravos Q'eqchi', para o sacrifício. Será uma honra para nós, que seja você a realizar os rituais.”

O meu pai deve ter confundido a expressão no meu rosto por incerteza, porque apertou o meu braço. “Eu vi-o com os pergaminhos de Balam. Você já os consegue ler. Um deles deve descrever o ritual do sacrifício e você terá tempo para aprender como o fazer, antes de regressarmos. A única coisa que me fará mais orgulhoso do que vê-lo connosco na vitória, é tê-lo a abençoar a nossa vitória com os ritos sagrados.”

“Vou fazer o meu melhor.” Disse para o meu pai, tentando esconder a minha decepção pessoal. Ele deixou-me e afastou-se para se preparar para a guerra.

∞

Eu acordei na manhã seguinte, bem antes que o sol se levantasse, para assistir, da minha cabana, a que todos os homens da aldeia se reunissem, na área comum, à espera da ordem do meu pai, para iniciar a marcha para Copán. As suas esposas e os filhos, pairavam fora dessa área comum, juntamente com os poucos homens mais velhos que já não eram capazes de lutar.

Antes dos Guerreiros deixarem a aldeia, o meu pai viu-me e acenou-me. Aproximei-me dele e, quando estava ao lado dele, falou à multidão de combatentes.

“Bons guerreiros,” disse ele, “antes de marchar para a batalha, peço que todos nós oremos, por uma vitória rápida e gloriosa. O meu filho, Subo Ak, guiar-nos-á na oração.”

Por momentos congelei, sob a atenção repentina de mais de cem pessoas.

De alguma maneira, a minha mente chamou a oração, aquela que Balam Ix me tinha recitado, pouco tempo antes de começar a minha prova de guerreiro. Usando aquilo como ponto de partida, falei.

“Nacom, deus da guerra, dai aos nossos guerreiros uma grande revelação espiritual dos reinos naturais. Deixai que vejam as estratégias dos nossos inimigos, dai-lhes o poder de os poder atrair para fora do seu acampamento e, concedei-lhes a força para resistir a qualquer ataque.”

“Que vão a toda a velocidade e voltem com honra.”

Os guerreiros levantaram os braços e aplaudiram. Pelo canto do olho, eu vi o meu pai a sorrir. Acenou-me e a sua aprovação encheu o meu coração.

Muitos dos guerreiros estenderam a mão, para me tocarem e receberem a bênção, enquanto marchavam para fora da aldeia.

∞

Passei o resto do dia com o espírito elevado. Tinha realizado um serviço para a aldeia e oferecido coragem, para além de abençoar os guerreiros. Talvez tornar-me sacerdote da aldeia, não fosse realmente a pior coisa que me podia ter acontecido.

A minha mãe também se beneficiou. Com o marido como chefe de guerra da aldeia e o filho a ser, brevemente, o líder santo da aldeia, o seu estatuto elevou-se. Apenas as esposas dos presbíteros recebiam mais respeito.

Várias mulheres da aldeia trouxeram-me comida. Uma das tecelãs, Tepin Cen, ofereceu-se para me fazer um novo conjunto de roupas de sacerdote. As de Balam mal me serviam.

Eu não tinha a habilidade para fazer o meu próprio traje, então disse: “Sim, por favor.”

Uma vez que não estava totalmente curado e, não queria ficar muito tempo de pé, enquanto ela tirava as medidas, ofereci algumas das minhas outras roupas para utilizar como comparação.

Dei-lhe a mochila que tinha usado na minha prova de guerreiro. Ela agarrou-a e deixou a minha casa, prometendo que traria algo para eu experimentar, no dia seguinte.

Não tendo nada mais para fazer, eu passei o resto da tarde a tentar ler os pergaminhos de Balam, orgulhoso de conseguir compreender mais das coisas que ele tinha escrito.

Menos de uma hora mais tarde, ouvi um grito do outro lado da aldeia. As minhas costelas ainda estavam sensíveis e não podia correr, mas caminhei, o mais rápido que pude, para onde um grupo de pessoas se reunia, à volta da casa de Tepin. As mulheres estavam todas a falar ao mesmo tempo, apontando e perguntando umas às outras o que tinha acontecido.

Quando cheguei, elas abriram caminho para me deixarem passar. Embora não tivesse nenhuma habilidade na cura, ainda era o sacerdote. Algumas mulheres olharam para mim, expectantes.

Tepin estava deitada no chão, na frente da sua casa. A pele das suas mãos e do rosto estavam cobertas de bolhas e a ficar negra, como se tivesse a ser queimada pelo fogo. Ela olhou para mim e fez um som horrível, a pedir ajuda.

Ao lado dela, estava a minha mochila. Estavam espalhados vários itens pelo chão, como se a mochila tivesse sido revolvida.

Não foi o corpo nem a minha mochila, que chamaram a minha atenção. Ela tinha tirado os itens para fora da mochila. A Minha surpresa foi que, estava uma pequena bola de luz brilhante, no chão, à frente de Tepin. Lentamente, o brilho intenso ia aumentando.

Lembrei-me do grão que eu pensava que era areia, que tinha tirado da embarcação do céu de Ekahua. Recordei, de imediato, a advertência dele; Não deixar o sol brilhar sobre o bloco de pedra, que detinha aqueles grãos.

Uma das meninas mais jovens, Mizquixual, que estava muito perto de Tepin, gritou e caiu. A sua pele começou a ficar coberta de bolhas. Agarrei-a e puxei-a para longe do local do grão estrela, mas aquele esforço provocou-me uma dor aguda no peito e, de repente, senti vontade de vomitar.

O ancião Nentil Mo’Nab, que tinha chegado logo depois de mim, apontou para a bola brilhante e disse: “É uma lágrima de Kinich Ahua, o deus do sol! É uma arma enviada pelos Q’eqchi’.”

Vi a minha mãe abrir caminho, na multidão que se reunia. Ela tinha um pedaço de pau na mão. Antes que eu pudesse gritar com ela, para que parasse, ela atirou-o contra o grão brilhante. Tinha a certeza de que a única intenção dela, era lançar o objeto em chamas, tão longe quanto possível. Assisti com crescente temor, quando a vara se juntou ao grão Luminoso, lançando-o pelo ar, para o poço da fogueira, na área comum.

“Fujam!” Gritei. Aconselhei a todos. Apesar da dor aguda no peito, agarrei Mizquixual pelos braços e arrastei-a para trás da casa da tecelã.

A explosão de luz que caiu sobre a aldeia, foi mais brilhante do que o sol ao meio-dia e mais quente do que o maior fogo já feito na área comum. O poder da mesma fez-me cair...fiquei sem respiração quando bati no chão.

Pareceu que se tinham passado horas, antes de conseguir voltar a concentrar-me e olhar à volta, na aldeia. A maioria das pessoas ainda estava deitada no chão. Algumas estavam ou a gemer de dor, ou a chorar de medo. Outras, mais próximas da área comum, não se mexiam... Temi que pudessem estar mortas! Todas as pessoas que via, tinham queimaduras na pele.

O ancião Mo’Nab estava no chão ao meu lado. Os seus olhos estavam abertos, mas não viam. Eu vi um fio de sangue a sair debaixo do seu cabelo e a sua cabeça estava em cima de uma rocha irregular. Estava morto.

Ainda ao meu lado, estava Mizquixual... ViVa, mas as queimaduras que tinham aparecido anteriormente, começaram a abrir e a sangrar.

Gemendo com o esforço, forcei a levantar-me e a coloquei-me de joelhos.

Onde outrora estava a fogueira, havia agora uma enorme cratera. Toda a área comum estava enegrecida e queimada.

Várias casas mais próximas da área comum, incluindo a minha e a dos anciãos, estavam a arder. Tremendo a cada passo, eu corri para elas mas, antes de lá chegar, já sabia que não havia sobreviventes.

Várias mulheres, que estavam longe o suficiente para terem escapado à explosão, correram para a nascente fora da aldeia, de baldes na mão. Sabia que não conseguia ajudar a combater o fogo, por isso e como era o sacerdote da aldeia, fui desempenhar a minha tarefa; tratar dos feridos e enterrar os mortos.

A minha mãe estava de pé. Embora também tivesse sofrido queimaduras, o olhar de choque no seu rosto, não se devia aos ferimentos. Ela estava a olhar na direção da área comum, como se estivesse a tentar entender o que tinha acontecido.

“Mãe.” Disse-lhe eu. Ela não reagiu e eu agarrei-lhe os braços e dei-lhe um aperto suave. “Mãe.”

Ela olhou para mim, a sua boca abriu-se, mas as palavras não saíam.

“Tem que me ajudar.” Disse eu. “A minha casa está destruída, bem como todos os pergaminhos e medicamentos do sacerdote foram queimados. Precisamos de fazer uma pomada para aliviar as queimaduras. Preciso que me arranje panelas e utensílios de cozinha. Vou recolher as flores que preciso para fazer o remédio.”

Quando assimilou as minhas palavras, a minha mãe concordou e disse: “Sim, é claro. Eu tenho tudo na nossa casa. Vou prepará-los para si.”

Chamei as mulheres mais capazes, que estavam a ajudar os outros e instruí-as para os trazer a todos para a casa da minha mãe, onde os iria tentar curar.

Enquanto percorria os campos, à procura das plantas e flores mencionados na receita do pergaminho de Balam, percebi uma coisa. Apesar de toda a gente que estava perto de mim, ter sofrido queimaduras, quando o poço da fogueira explodiu, eu permaneci completamente intacto e ileso.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

“O que é que pensa que está a fazer?” Perguntou Alice com uma voz estridente, quando entrou no laboratório e viu Alex na sua estação de computador.

Forçando um sorriso desarmante, Alex olhou para ela. “Tal como disse ao guarda, estou a começar a delinear as notas para a Canção das Estrelas. A converter as frequências de som nas suas de ondas de luz homólogas.”

“E como é que conseguiu aceder ao meu computador?” Perguntou Alice, caminhando para a frente e olhando para a tela. Na verdade, Alex tinha começado a construir uma análise abrangente da música.

Encolhendo os ombros, Alex disse: “Usei a palavra-passe. Pensei em tomar a iniciativa e começar. Afinal, quanto mais rápido terminarmos isto, mais cedo você me vai deixar ir embora, certo?”

Viu um olhar nublado no rosto de Alice, que lhe dizia para não alimentar esperanças, não obstante de lhe terem prometido libertá-lo.

Reparou que estava outra pessoa na sala, mesmo atrás de Alice. Alex olhou para ele e disse: “Olá.”

Alice apresentou o recém-chegado. “Este é Sian. Ele é o nosso génio de computadores.”

“Ah!” Disse Alex e levantou-se da cadeira. Apontou para o assento. “Já iniciei as coisas para si.”

Sian deu a Alex um olhar inquisidor, sentou-se e viu o trabalho que já tinha sido feito. Soltando um grunhido de aprovação, Sian disse: “Bom começo. Se conseguir terminar esta análise, posso começar a escrever um algoritmo para determinar as combinações mais prováveis possíveis, para o precipitador.”

Alice, parecendo um pouco alheia aos conhecimentos naquela área,

apontou para outro terminal de computador. Disse a Alex: “Você pode usar aquele.” Virando-se para Sian, perguntou: “Quanto tempo vai demorar para criar o programa?”

Calculando na sua mente, Sian balançou a cabeça para trás e para a frente. “Alex parece perceber de computadores. Com a ajuda dele, devemos ter algo pronto numa semana ou duas.”

“Uma ou duas semanas!” Alice parecia muito indignada.

Sian pareceu encolher-se. “Se eu tivesse uma equipa de programadores...”

“Não!” Alice olhou para ele. “Mais ninguém. Não consegue ser mais rápido?”

“Talvez se tivéssemos as notas de Klaus...”

Alice balançou a cabeça. “Elas foram destruídas no ataque.”

“Lamento, Alteza.” Disse Sian. “É um algoritmo complexo. Tenho a certeza de que Klaus trabalhou com ele durante uns meses, antes de obter os dados brutos. Pelo menos temos essa vantagem.”

Como se sentisse que uma nova intimidação, não iria acelerar mais o processo, Alice disse: “Vou cobrar-lhe a sua estimativa. Vou preparar amostras e preparar os nossos sujeitos. Quando receber a primeira combinação possível para a fórmula de bombardeio, informe-me e começaremos os ensaios.”

∞

Nos dois dias seguintes, Alex trabalhou ao lado de Sian.

Na primeira tarde, ele terminou de converter as frequências da canção. Depois disso, ajudou o programador a criar identificadores para as frequências, que mais provavelmente faziam parte da sequência de preparação.

Não se envolveram em quaisquer conversas de natureza pessoal: o guarda na sala era um dissuasor eficaz. Quando conversavam, mantinham a conversa profissional, limitando o seu intercambio aos aspetos técnicos do programa e aos resultados desejados.

No final do dia, quando Sian terminou, as únicas palavras que disse a Alex foram: “Até amanhã.”

Um novo guarda veio substituir o outro e desligou os computadores todos, dando a Alex um olhar de advertência.

Sem mais nada para fazer, Alex passou a noite a pensar em como retardar, ou mesmo parar, Alice e Chow Yin. Mais tarde na noite, quando os seus

pensamentos começaram a virar-se para os seus pais, Kenny Harriman, George Markowitz, Ah Tabai, Aliah e até mesmo Klaus, Alex desesperou-se pela enorme perda de vidas que tinha ocorrido, desde que o Kinemet tinha sido descoberto.

Para conter o desespero, Alex distraiu-se, oferecendo-se para jogar às cartas com o guarda.

“Não é permitido.”

“E jogar à paciência?” Perguntou Alex. “Que mal pode fazer?”

O guarda falou no seu comunicador e, no espaço de cinco minutos, chegou outro soldado com um baralho de cartas para ele. Uma vez que Alex não conseguia dormir e depressa se cansou dos jogos mais familiares, foi criando as suas próprias versões. Era entorpecedor para a mente, mas era melhor do que olhar para a parede.

∞

O segundo dia desenrolou-se da mesma forma que o primeiro mas, no final do terceiro dia, Alex soube que Sian estava a empatar. A partir do que viu da programação, o codificador deveria ter conseguido concluir aquela parte do aplicativo num dia. Alex estava longe de ser um programador experiente e, não tinha passado muito tempo a trabalhar nisso, desde que era adolescente. Porém, viu Sian incluir várias redundâncias desnecessárias no código, bem como dezenas de páginas estranhas, com instruções.

Alex seguindo uma linha lógica da programação, descortinou um *loop* infinito, ficou certo de que estava a acontecer algo.

Não disse nada e continuou a observar, como se tudo estivesse a progredir como deveria.

Para testar a sua teoria, Alex, acrescentou um pequeno código ao programa. Quando Sian corresse esse segmento, o relógio do computador dele iria começar a contar em sentido inverso. Quando, momentos depois, Sian executar o segmento, Alex viu que o código tinha sido excluído e um código novo estava no lugar do primeiro.

Ele não precisou de o executar: reconheceu-o como um ‘código marginal’, ou seja, um fragmento, que foi outrora necessário, mas não era mais.

Era a informação que Alex queria receber. Significava que, quando os seus esforços fossem bem-sucedidos, a sua utilidade chegaria ao fim e, com isso, também a sua vida. Sian estava obviamente ciente disso e, muito provavelmente, pensou que também estava na mesma situação. Ele estava a

fazer para ganhar tempo, tentando ajudar a ambos.

Em resposta, Alex enviou de volta um código que iria produzir um falso positivo, com a intenção de deixar Sian saber como deveria proceder.

Depois desta troca de informações, não compartilharam mais mensagens por meio de código, ou poderiam arriscar-se a alertar alguém que os estivesse a monitorizar, para o facto de estarem em conluio.

∞

No quarto dia, Alex não tinha mais nada a contribuir, até que o algoritmo fosse concluído. Quando Alice veio verificar o seu progresso, ordenou-lhe que a seguisse para fora do laboratório e deixasse Sian no seu trabalho.

Levou-o para uma sala adjacente, com uma mesa simples e duas cadeiras. Era obviamente o escritório de alguém. Podia mesmo ser o de Alice. Agora, servia como sala de interrogatório. Tinha uma janela, que estava coberta com uma cortina.

Gesticulando para Alex se sentar, Alice sentou-se à sua frente.

“Realizámos a nossa parte do acordo.” Disse ela, com palavras duras. “Mas você não realizou a sua parte.”

“Michael e Yaxche...?”

“Eles foram entregues, tal como prometido. Contudo, você tem retido informação vital.”

“Não tenho a certeza do que...”

“Por favor!” Disse Alice. “Não insulte a nossa inteligência. Estávamos cientes de que você estava a guardar segredos, mas não queríamos pressioná-lo, até termos provas.”

Alex sentiu a sua pele aquecer. “Não queriam pressionar? Vocês mataram o meu amigo, apontaram armas às nossas cabeças. Estou surpreso que não tenhamos sido torturados.”

Olhando-o de frente, Alice disse: “Não se preocupe. A menos que eu hoje obtenha as respostas que procuro, fomos autorizados a exercer técnicas de interrogatório mais agressivas.”

Empurrando os pensamentos sobre a tortura, para o fundo da mente, Alex falou numa voz calma. “Quais as informações, que você imagina que estou a reter?”

Deixando um pequeno sorriso escapar dos seus lábios, Alice disse: “Antes de mais, estamos todos conscientes de que uma unidade quântica, só pode voar mesmo abaixo da velocidade da luz. A sua primeira aventura para o

Sistema de Centauri, levou pouco mais de oito anos e meio, ida e volta. Agora, vocês estão de regresso em metade do tempo.”

“Nós estávamos...”

Ela levantou a mão para o deter. “Se vai arranjar como desculpa, que deram a volta a meio do caminho, ou que apenas estiveram escondidos todo este tempo, poupe-me.”

“Não,” disse ela, “estamos bastante confiantes, de que vocês viajaram para o Sistema de Centauri. Teria levado os quatro anos ou mais para chegar lá mas, a viagem de regresso deve ter sido quase instantânea.”

Alex apertou os lábios.

“Isso levou-nos a especular sobre os meios. Até há poucos dias, não tínhamos provas, mas agora temos.”

Ela levantou-se da mesa e puxou as cortinas da janela.

Alex olhou para a sala ao lado. Local onde estava uma cápsula de segurança dos Gliesan, a ser desmontada, por uma equipa de engenheiros. Com a sensação de afogamento na boca do estômago, Alex percebeu que não tinha como negar. Ele tinha esperado que levassem meses, ou talvez, até nunca mais, para alguém voltar a Plutão e recuperar a cápsula próxima ao *Dis Pater*.

“Quando recebemos a notícia de que vos tinham encontrado, lançámos uma nave de salvamento nas proximidades. Ela chegou cá esta manhã. Oh,” disse Alice, com um sorriso de satisfação no seu rosto, “de início, pensámos que a nave tinha apenas um *design* desconhecido... até ao momento em que acedermos ao computador das comunicações.”

Correndo as cortinas novamente, Alice sentou-se e cruzou as mãos à frente dela, na mesa. “Agora, por favor, não omita nenhum pormenor. Quem são as espécies alienígenas? Qual é a sua relação com eles? Qual é o nível de tecnologia deles? Quais são as intenções deles, ao vir aqui?”

Naquela altura, passou uma dúzia de pensamentos pela cabeça de Alex. Cada um deles terminava com a mesma conclusão; não podia esconder a verdade de Alice e de Chow Yin, por mais tempo. Se o fizesse, eles iriam perceber.

Além disso, ele sabia que o tempo estava a passar. O Sistema Solar estava a correr contra o tempo e, embora ele tivesse a esperança de atuar nesse tempo, de modo a dar às nações da Terra a hipótese de ficarem em vantagem relativamente a Chow Yin, sabia que estava a jogar com as vidas de biliões de pessoas.

Afinal, às vezes é melhor alinhar com o diabo que se conhece.

“Há dezenas de milhares de espécies no espaço, mas aqueles com que, actualmente, precisa de se preocupar, são os Kulsat. Eles são uma espécie de hunos da galáxia, mas não se preocupam com a conquista. O seu único objetivo é a aniquilação de todas as raças que estejam no seu caminho. Eles tiveram milénios para construir a sua frota de naves de guerra e destruíram milhares de culturas alienígenas.”

À medida que Alex falava, os olhos de Alice foram-se abrindo, lentamente, mas a boca soltou um grito silencioso quando ele concluiu:

“E eles estão a procurar ativamente pelo Sistema Solar. Tanto quanto sei, podem chegar a qualquer momento. Se o fizerem, estamos todos mortos.”

**Tegucigalpa, Honduras:
Conglomerado da América Central:**

Só quando eles estavam afastados várias milhas de Tegucigalpa, é que o motorista saiu da autoestrada para uma estrada de terra batida, em direção a um pequeno complexo industrial.

Durante da viagem, o motorista não falou com eles, nem mesmo para responder às perguntas de Michael. Em nenhum momento abrandou a velocidade, para a remota possibilidade de algum deles tentar saltar para fora do carro. Mesmo que Michael tivesse tentado uma fuga tão tola, Yaxche nunca seria capaz de o seguir. Provavelmente, nenhum dos dois iria sobreviver à queda.

Ocorreu-lhe, a dada altura, que ele era um homem velho, num jogo de homens novos. O problema era que, não parecia haver mais ninguém para desempenhar o papel dele.

A estrada rural, transformou-se numa longa entrada, que levava ao que parecia ser uma instalação de armazenamento. Não existiam sinais de identificação da propriedade, ou da construção, mas Michael via vários guardas a andar em volta, todos armados com caçadeiras.

Desligando o motor, depois de ter estacionado em frente a uma porta do armazém, o motorista virou-se no seu banco. “Não digam uma palavra e sigam-me.”

Ele saiu e deu um passo para trás, para abrir a porta do passageiro aos seus dois prisioneiros. Eles deslizaram para fora do carro e olharam em volta. O calor da manhã atingiu Michael como uma onda. Claro, a última vez que tinha estado nas Honduras, tinha sido no final do ano. O alto verão, era quase insuportável.

Com um dedo nos lábios, a certificar-se de que os dois mantinham

silêncio, o motorista dirigiu-se para uma porta ao lado. Sem bater, ele ficou à frente dela e esperou. Michael assumiu que havia ali algum tipo de câmara ou de sistema de identificação, porque momentos depois, ouviu-se um curto sinal sonoro e a porta abriu-se.

O motorista fez sinal para eles entrarem primeiro.

Relutantemente, olhando de soslaio para o motorista, quando passou por ele, Michael entrou, com a sua imaginação a ferver. Seria ele simplesmente um cordeiro, a ir humildemente em direção ao seu próprio abate?

Para lá da porta estava completamente escuro e Michael hesitou. O motorista acenou-lhe novamente. Parecia não havia outra opção.

Michael entrou, Yaxche seguiu-o e a porta fechou-se atrás deles, prendendo-os na escuridão e no silêncio.

Prendendo a respiração, à esperar do chilrear de um tiro de caçadeira, ou de algo pior, Michael ficou surpreendido, quando ouviu o zumbido de eletricidade à sua volta. Durou alguns segundos e então, alguém acendeu uma luz. Estremeceu com ela, mas os seus olhos adaptaram-se rapidamente.

Em nítido contraste com a construção rústica, do lado de fora, o compartimento em que tinham entrado, tinha alta tecnologia. Michael reconheceu de imediato o que era; uma porta de segurança semelhante à do terminal do aeroporto. Fornecendo deteção de metais, raio-x e digitalização eletromagnética, não devia ter sido barata.

A porta estava a completar o seu ciclo. Quando terminou, apareceu na outra extremidade da porta, um homem atarracado, moreno e com um bigode espesso. O seu cabelo, cortado curto, mostrava fios grisalhos nas têmporas, uma mudança, desde a última vez que Michael o tinha visto.

Com a mente num corrupio para descobrir o que estava a acontecer, ele deixou escapar, “Humberto?”

“Sí.” Ele tinha um largo sorriso no rosto. “É bom vê-los novamente.” Ele balançou a cabeça e focou os seus olhos no companheiro de Michael. “Yaxche, meu velho amigo. Você parece-me bem.”

“Tão bem como se pode.”

Virando-se directamente para Michael, Humberto disse: “Peço desculpas se o alarmei. Precisávamos de tomar precauções.”

“Contra o quê?”

Apontando para a porta de segurança, Humberto disse: “Encontrámos vários dispositivos de escuta colocados em si. Eles foram desativados. Infelizmente, a sua bagagem tem um rastreador de GPS. Colocámos um

amortecedor eletromagnético no porta-malas do carro, para neutralizar o sinal. O nosso motorista, Miguel, irá para outro local e largará lá a bagagem, para se livrar dele. Não se preocupe; iremos providenciar-lhes roupas novas.”

“O que é que está a acontecer?” Perguntou Michael.

Humberto fez sinal para saírem da porta de segurança e levou-os por um longo corredor, até ao seu escritório.

Lá dentro, havia um sofá encostado à parede. A parte traseira do escritório tinha uma janela fechada com tábuas. Em frente á mesma estava uma secretária simples e uma cadeira. Na superfície da mesa, estavam algumas pastas e papéis, bem como um painel holográfico portátil. Humberto sentou-se na beira da mesa e pegou na tela. Digitou alguns comandos, enquanto Michael e Yaxche se sentavam no sofá e, de seguida, entregou-lhes a tela.

Michael olhou para o documento. Estava escrito em espanhol. Olhou para Humberto.

“É uma lista de mensagens criptografadas, enviadas de um operador de comunicações privado, feitas por um guarda Prisional de La Granja.”

“Um guarda Prisional?”

Concordando, Humberto disse: “A primeira mensagem, foi enviada uma hora depois que vocês deixaram o Canadá e é para um funcionário aduaneiro do aeroporto de Toncontin, a informá-lo da vossa chegada, esta manhã, e a pedir para vos atrasar o máximo de tempo possível.

A segunda mensagem é para o SIR (Servicio Informático Rápido), a empresa de informática subcontratada pelo serviço de autotáxis, a instruí-los para Bloquear o serviço de táxis. Para que todos dessem como estando Ocupados. Foi enviada uma terceira mensagem, para um motorista que trabalha para o Service Chauffeur de Tegucigalpa, com instruções para vos levar para a Embaixada do Canadá.”

“Isso não faz sentido.”

“Há mais mensagens, na verdade, vinte, para várias organizações e empresas por toda a Honduras. Todas elas são instruções para o seguirem e descobrirem o que é que você está aqui a fazer. Está tudo configurado para garantir que o pessoal deles está em cima de vós, em todos os momentos. É mais fácil manter o controlo sobre si, se um dos agentes deles, o estiver a acompanhar.”

“Agentes?” Perguntou Michael. “Agentes de quem? Não são do Conglomerado Hondurenho?”

“Não” Humberto pegou no painel holográfico e colocou-o em cima da

mesa. “Embora possa facilmente parecer que sim. Conseguimos fazer com que Miguel, que trabalha como mecânico para o serviço de motoristas, o fosse buscar primeiro.”

“Vocês?” Michael não conseguia acreditar no que estava a ouvir. “Vocês arranjaram isto tudo?”

“Não. O nosso homem na prisão é um agente duplo. Você lembra-se de Oscar Ruiz?”

Michael empalideceu. “Sim. Mas, na verdade, desde que me fui embora, nunca mais acompanhei o que aconteceu aqui. George e eu pensámos que ele podia ter sido coagido pelos Cruzados.”

“Como se viu na investigação, ele era um dos principais simpatizantes. Apesar de nunca ter tolerado o aspeto violento da organização, ele também não o denunciou.”

De seguida, Michael fez a ligação. “Deixe-me adivinhar; ele está em La Granja?”

“Sim. Ele ainda tem muito poder e controla muitas das grandes empresas das Honduras, embora não com o seu nome.”

“O que é que ele quer comigo?” Perguntou Michael. “Vingança?”

Balançando a cabeça, Humberto disse: “Não me parece. Não. Penso que seja como qualquer outro homem poderoso; simplesmente quer mais poder. Ele suspeita que você está de regresso às Honduras, por um motivo diferente de escoltar Yaxche até casa. Qualquer informação que obtivesse de si, poderia depois vendê-la pela melhor oferta. Eu sei que o Imperador do Sistema Solar é generoso nesses negócios.”

Chow Yin! Se aquele louco descobrisse o que Michael estava a fazer, iria usar todos os recursos disponíveis para obter essa informação e guardá-la para si. Mais uma vez, Michael percebeu que tinha sido ingênuo, ao pensar que Imperador tinha um poder mais limitado.

Ele olhou para Humberto. “Onde é que você entra, no meio disto tudo?”

“Nós somos aquilo que deveríamos ter sido; Cruzados. A última vez que falámos, eu disse-lhe que acreditava na nossa causa. Agora, trabalhamos para reaver o legado Maia, que é nosso por direito.” Ele sorriu largamente. “A nossa missão é proteger a herança da civilização Maia. Em grande parte, nós fazemos *lobby* para grupos de defesa nas Honduras, na Guatemala e no México. Existem muitas empresas e países, que desejam explorar a nossa cultura. Nós fazemos tudo o que está ao nosso alcance, para evitar isso.”

“Incluindo, sequestrar-me?”

Humberto encolheu os ombros. “Eu prefiro pensar que o libertámos da vigilância, sob disfarce.”

“Então vocês não me estão a manter refém?”

“De modo algum. Você é livre para se ir embora quando quiser. Aliás, se quiser, até o podemos levar até à sua embaixada. No entanto, tenho que insistir que Yaxche permaneça sob a nossa proteção. Ele é um dos nossos. Sem a nossa ajuda, ele estará vulnerável a Oscar Ruiz e aos que são como ele.”

Michael olhou para Yaxche, que estava a ouvir, mas não parecia muito afetado pela discussão.

“O que é que você quer com Yaxche?” Perguntou ele, cuidadosamente.

“Nós vamos levá-lo para casa, certificarmo-nos de que ele ficará seguro. Dois homens nossos permanecerão na aldeia dele, para lhe oferecer proteção.”

Michael sentou-se no sofá. “E é só isso querem fazer, protegê-lo?”

Humberto balançou a cabeça e, de seguida, disse: “A menos que possa existir nas Honduras algo mais do seu interesse? Talvez possamos ajudar?”

“Você salvou a minha vida.” Disse Michael. “Devo-lhe isso mas, como já illustrou, aconteceu muita coisa nos últimos quatro anos.”

“Vejo que não confia em mim, *mi amigo* e, está a ser sábio ao ser cauteloso.” Ele estendeu as mãos. “No entanto, não vejo que tenha mais alguma escolha? O seu governo tem pouco poder aqui. O nosso governo não é adequado para operações subtis e há corrupção em todos os lugares. Você precisa da ajuda de alguém, ou o seu propósito terá falhado, ainda antes de começar.”

Michael ainda não estava completamente convencido das intenções de Humberto, mas não estava disposto a virar as costas e voltar para o Canadá, sem nada para mostrar pelos seus esforços. Calbert pensaria também que ele era incompetente, ou que toda a missão tinha sido sempre uma farsa.

“Vamos supor que eu confio em si.” Começou.

“Isso seria bom.” Humberto apontou para Yaxche. “Mas, o mais importante não é você confiar em mim. O que realmente importa é, *El abuelo* confiar em mim, certo?”

Michael deu a Yaxche um olhar aguçado, mas o homem mais velho olhava para Humberto com consideração. “Ahyah.” Disse ele, finalmente. “Acho que o meu amigo, também vai gostar de si.”

**Nave Kulsat:
Sistema de Centauri:**

A água estava gelada e o choque fez com que ofegasse. Ela engoliu um pouco do líquido salgado e tentou deitá-lo fora.

O pânico instalou-se, quando percebeu que se ia afogar. Em desespero, tentou colocar-se em estado quântico, mas não se tinha recarregado o suficiente para fazer a transformação. Se não fizesse alguma coisa, iria morrer.

O Três Crescentes, quer tivesse sido puxado pela corrente, ou tivesse chegado mais perto por vontade própria, estava quase em cima dela. Ele apontou-lhe a haste de energia, mas pareceu hesitar antes de a matar. Talvez estivesse curioso para ver um afogamento por falta de ar. Qualquer que fosse a razão para o atraso do disparo, só teve o condão de provocar maior Radiação em Justine, já que, sentia que ele se aproximava cada vez mais.

Ainda não era suficiente para se Camuflar totalmente em protões de energia, mas talvez, se se concentrasse, poderia converter apenas uma parte de si. Sabendo que tinha apenas alguns segundos, antes de desmaiar da privação de oxigénio, tentou concentrar-se na sua mão, enrolada à volta da esfera que continha o Kinemet.

Esperava que tudo o que precisasse, fosse apenas um único protão, para penetrar a casca exterior do recipiente. As unidades quânticas que tinham desenvolvido na NASA, tinham utilizado centenas de milhares de protões livres, para iniciar a reação no Kinemet carregado. Ela não fazia ideia do que esperar, se a sua experiência funcionasse.

Uma onda passou pelos tentáculos do Três Crescentes. Ele deve tê-la visto a segurar a esfera de Kinemet, adivinhou Justine. Levantou a haste de energia para cima e disparou.

Mais a pensar no resultado final, do que na acção humana resultante e consciente, Justine quis que a mão se convertesse do estado físico, para o estado fotónico. No espaço de um microssegundo, a mudança ocorreu e a sua mão atravessou a esfera para o grão de Kinemet, que estava lá dentro.

O que quer que fosse, que constituísse o recipiente que amortecia a radiação cinemética, não era resistente aos fotões de Justine.

O aumento da radiação foi suficiente, para que ela se colocasse em estado quântico numa fração de segundo, antes que o feixe de energia atingisse o seu corpo, bem como, um pouco antes, da água nos seus pulmões a afogar.

Em estado quântico, deixou de conseguir segurar o recipiente de forma eficaz e, a esfera caiu no chão do laboratório.

Justine, instintivamente, estendeu a sua essência, para que um ponto de si chegasse ao grão de Kinemet e, outro ponto, se estendesse em direcção ao Três Crescentes. Quando sentiu o seu ser fotónico entrar em contacto com o átomo de Kinemet, ela quis que apenas um único protão seu, atingisse esse átomo, com tanta força quanto pudesse gerar.

Uma onda de energia passou através dela, vinda daquele ponto, em direcção ao outro ponto, que tinha alcançado o Três Crescentes.

Tal como o Kulsat tinha feito com ela, quando estava na *Ultio*, Justine converteu o Três Crescentes em partículas de luz. Ela esperava, porque o tinha colocado em estado quântico, que ele não estivesse consciente enquanto estivesse nessa condição, tal como Justine não tinha estado consciente, quando lhe fizeram o mesmo.

Esperou alguns momentos, observando cuidadosamente o conjunto de fotões do Três Crescentes, para ver se o Kulsat iria fugir novamente. A essência em estado quântico continuou a flutuar onde estava, por isso, a sua teoria foi confirmada. O líder da ciência estava neutralizado.

Embora no estado quântico pudesse manipular a eletricidade, ainda não tinha a capacidade para mover objetos sólidos. Não se podia converter novamente no seu eu humano, ou iria afogar-se e também não estava disposta a deixar o Kinemet onde estava. Ele era precioso.

Teve uma ideia.

Expandindo a sua *visão*, ela viu que os Kulsat ‘não-ressuscitados’ estavam todos a bordo da cápsula de segurança, que já tinha decolado. Estavam a várias centenas de metros de distância da nave de mineração dos Kulsat. Mudando de direcção, Justine explorou a nave dos Kulsat. A sua exploração confirmou que o Longos Dedos, era unicamente o outro ‘ressuscitado’ a

bordo. Ele estava na ponte, com os oito tentáculos a trabalhar, a um ritmo rápido, em várias consolas de computador.

Justine sentiu uma mudança gravitacional, quando a nave dos Kulsat abrandou e travou, obviamente, a virar-se para perseguir a cápsula de segurança. No fundo, ela sabia que o Longos Dedos iria destruir os outros alienígenas.

Estendendo-se novamente até ao Kinemet que estava chão, Justine tentou colocar a nave dos Kulsat em estado quântico.

Não tinha energia suficiente para isso. A tentativa era como tentar abrir uma porta selada magneticamente, batendo nela com o corpo. A nave permaneceu inalterada, por isso, quase que ficou inconsciente com o esforço. Se perdesse a consciência, estaria à mercê do Longos Dedos.

A nave dos Kulsat tinha dado a volta e rugiu, quando os motores aumentaram a velocidade. Fosse qual fosse a distância, que a cápsula de segurança tivesse conseguido ganhar, em breve seria esbatida.

Tinha de haver outra maneira de distrair o Longos Dedos.

Ela formou um plano mas, antes que o tentasse por em prática, estendeu a mão para o Kinemet e absorveu toda a radiação dele, o mais rápido que conseguiu. Conseguindo, ficar numa questão de segundos, totalmente carregada

Com a planta da nave na sua mente, Justine correu para a sala das máquinas, que abrigava os mecanismos de propulsão quântica dos Kulsat e os motores espaciais normais. Ela não sabia que tipo de propulsão é que os Kulsat utilizavam, mas sabia que utilizavam alguma forma de energia elétrica, para alimentar os computadores. Os ‘ressuscitados’ ou ‘kinemates’, o que quer que lhes chamassem, podiam manipular correntes elétricas. Era esse o seu plano; destruir todos os condutores eléctricos e computadores daquele compartimento.

Quando chegou à sala de máquinas, dirigiu-se primeiro para o motor espacial normal. Era diferente de qualquer outro mecanismo que já tinha visto, no entanto, detetou oligoelementos de plasma. Adivinhou que o motor usava uma forma de propulsão iónica, semelhante ao que equipava a maioria das naves do Sistema Solar.

Justine tinha que impedir a nave dos Kulsat de acelerar. Expandindo os seus sentidos, localizou os vários condutores e capacitadores eléctricos e sobrecarregou-os tanto quanto conseguiu.

Muitos dos sistemas eram impermeabilizados mas, quando os primeiros

circuitos ficaram sobrecarregados e começaram a rebentar, as múltiplas explosões romperam as proteções. De imediato, a água salgada atingiu os servidores dos computadores. As breves faíscas foram rapidamente extintas mas, a própria água causou mais danos do que Justine. Toda a gama de computadores, ao lado do motor espacial normal, se desligou e deixou de funcionar.

O motor de plasma arrefeceu e, a seguir, deixou de funcionar.

Seguiu-se a unidade quântica. Justine tencionava, única e exclusivamente, paralisar a nave dos Kulsat.

Antes que pudesse virar a sua atenção para os computadores do outro lado da sala, a unidade de *quantum* ligou-se. O Longos Dedos deve ter percebido que a sua nave estava a ser sabotada. Se a nave fosse colocada em estado quântico, isso iria efetivamente impedir mais destruição. O Longos Dedos poderia viajar à velocidade da luz para o farol estrela e, simplesmente, regressar ao seu Sistema de origem. Uma vez lá, ele poderia organizar exércitos, avisá-los da ameaça que a humanidade representava e, regressar em força.

Além disso, Justine não tinha ideia do que aconteceria com ela, se estivesse numa nave que fosse colocada em estado quântico, enquanto ela já estava nesse estado. Será que ficaria presa na nave? Será que manteria a sua consciência? Ela não queria descobrir.

Com a sua vontade, empurrou a sua essência através da água, para os computadores de controlo do motor quântico. Antes de lá chegar, no entanto, bateu em algo! Isso Surpreendeu-a, uma vez que, no seu estado, estava composta por partículas fotónicas. Qual seria a substância que haveria no espaço, densa o suficiente, para a bloquear?

Percebeu que havia algum tipo de escudo de amortecimento, à volta dos motores quânticos. Talvez, especulou, estivesse lá para conter ou concentrar o processo de entrar em estado quântico. Os cientistas da Quantum Resources e da NASA, na Terra, matariam para poderem estudar a tecnologia dos Kulsat. Fosse qual fosse a razão para o campo de amortecimento, isso impediu-a de sabotar os motores. Ela conseguia sentir, que iriam disparar numa questão de segundos.

Dirigiu a sua energia para o casco da nave, passou através dele, deslocando-se para o espaço meros segundos antes que, a nave dos Kulsat entrasse em estado quântico. A nave afastou-se à velocidade da luz.

Com sua *visão*, ela acompanhou-a, exactamente, dois segundos! Tempo

que a Nave demorou a chegar ao farol estrela, a mais de seiscentos mil quilómetros de distância. Num instante o meio de transporte existia, no seguinte, desapareceu do Sistema de Centauri.

∞

Utilizando a sua capacidade para visualizar o espaço à sua volta, Justine procurou a cápsula de segurança dos Kulsat. Depressa a avistou, estava a voar em direção a um grande asteroide distante. Tinha viajado mais de uma centena de quilómetros de distância, em poucos minutos, depois de ter deixado a nave dos Kulsat. Justine impulsionou-se para a pequena embarcação.

Com sua *visão*, viu que estava a conseguir chegar lá, ainda que, lentamente. Embora fosse feita de partículas fotónicas, não parecia ter a capacidade para empurrar a sua essência, até a uma fração da velocidade da luz, o que era, obviamente, mais uma razão, para precisar de um motor quântico.

Mesmo tendo sido totalmente irradiada, Justine sabia, desde a experiência no Observatório Lucis, que não conseguiria manter-se em estado quântico por mais que algumas horas, sem mais exposição ao Kinemet. A cápsula de segurança, contudo, continha metal suficiente para a abastecer, pelo resto da sua vida. Com ele, seria capaz de procurar por todo o setor do Sistema de Centauri, em busca de Alex e dos outros. Só precisava de alcançar a cápsula de segurança, antes que os seus níveis de radiação descessem, ao ponto de se tornar corpórea novamente.

Um pensamento irritante emergiu no fundo da sua mente, enquanto se deslocava. Quando estava em Vénus, ela era capaz de sentir Alex na Terceira Estação do Canadá, embora a essência dele estivesse muito fraca. Agora, não o sentia de todo. Embora a nave dos Kulsat, se tenha afastado uma grande distância do porto espacial, não era sequer uma fração da distância de Vénus até à Terceira Estação do Canadá.

O Três Crescentes não lhe deu nenhuma indicação, de que os seus amigos estivessem mortos. E o líder da ciência tinha-lhe dito que, se não cooperasse, iriam buscar os outros para interrogatório.

Aquilo não lhe fazia sentido, a menos que tivesse acontecido algo nas últimas horas.

Depois do que pareceu uma eternidade, Justine percorreu metade da distância entre ela e a cápsula de segurança dos Kulsat. Estimava que a iria

alcançar, antes que chegasse ao asteroide.

Com a sua *visão* ainda expandida, ela sentiu o pulso do farol estrela. Momentos depois, apareceu uma nave no Sistema de Centauri. Teriam os Kulsat já regressado?

Justine sabia que conseguiriam senti-la e iriam imediatamente na sua direção. Mesmo se ela mudasse de curso, acabariam por encontrar a cápsula de segurança, para recuperar a carga. Também sabia, que havia uma boa hipótese de matarem todos os Kulsat a bordo.

Com uma determinação renovada, Justine pressionou os limites da sua capacidade. Embora não tivesse ideia do que iria fazer quando lá chegasse, sabia que tinha que chegar à cápsula, antes da nave dos Kulsat.

A nave recém-chegada, entrou em estado quântico e o raio de luz atravessou a distância entre ela e o farol estrela, num piscar de olhos.

Rematerializou-se a algumas centenas de metros dela. Ao contrário da nave dos Kulsat, cuja forma lembrava um narval gigante, esta nave tinha os contornos de um pássaro enorme. O casco, também feito de Kinemet, girava, tinha tons de vermelho e dourado. *Seria esta uma nave de guerra dos Kulsat?* Perguntou-se Justine.

A nave pareceu sentir a cápsula de segurança e mudou de curso, dirigindo-se à nave desprotegida. Mesmo deslocando-se tão rápido quanto podia, Justine sabia que não iria chegar à cápsula a tempo. Numa manobra desesperada, Justine colocou-se em curso de interceção da nova nave. Ela faria o mesmo, que tinha feito com a primeira nave dos Kulsat; com os últimos pedaços do seu poder kinemético, iria destruí-la a partir de dentro.

Quando a sua essência atravessou o casco e a barriga da nave, ela sentiu uma desorientação momentânea. Levou alguns momentos para perceber, que não estava a flutuar na água. O interior da nova nave, estava cheio de ar. Ao invés do brilho cinzento opaco de metal, que cobria as paredes e os pisos da nave de mineração, as superfícies internas desta nave estavam pintadas num mosaico de padrões brilhantes.

Percebeu, de imediato, que esta não era uma nave dos Kulsat.

Detetando duas presenças kineméticas a bordo, Justine voou na sua direção, ao invés de tentar encontrar a sala das máquinas.

Na ponte, ela congelou num choque momentâneo quando viu dois bípedes altos, do tipo pássaro, sentados nos controlos. À frente deles estava um monitor eletrónico, que mostrava a cápsula de segurança dos Kulsat. Embora Justine não conseguisse compreender as palavras que lia no monitor, estava

muito familiarizada com aquilo parecia ser um sistema de mira.

Os novos alienígenas estavam a preparar-se para fazer explodir pelo espaço a cápsula de segurança, juntamente com a Mancha Vermelha e todos os outros passageiros Kulsat.

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Contagem Longa: 10.0.0.0.0:

Nos dois dias que se seguiram, eu tratei as queimaduras e fiz o máximo que podia, para ajudar os sobreviventes a recuperar da tragédia.

A minha mãe e algumas das mulheres, tinham colocado cobertores do lado de fora à volta da casa dela, para servirem como camas. Embora todos tivessem queimado a pele, depressa começaram a queixar-se, também, de problemas estomacais. Alguns ficaram tão fracos, que não conseguiam sequer levantar-se dos cobertores. Alguns defecavam onde estavam.

Aqueles que ainda estavam capazes, ajudavam a enterrar os que tinham morrido, enquanto eu cuidava dos doentes, o melhor que podia.

Os três anciãos estavam mortos, deixando-me como o único macho adulto remanescente. De Salientar que, ainda não estava completamente curado das minhas costelas quebradas.

Quando uma das mulheres da fazenda mais próxima chegou à aldeia, ordenei-lhe que viajasse para Copán e lhes pedisse para enviarem ajuda. Quando se preparava para a viagem, ela caiu doente e não tinha forças para pegar na sua mochila, muito menos para caminhar aquela distância.

Das cinquenta e duas mulheres e crianças da nossa comunidade, dezassete estavam mesmo na aldeia, quando o grão estrela explodiu. Quatro mulheres e uma criança tinham sido mortas na explosão. Uma mulher e dois filhos, tinham morrido das queimaduras, logo na primeira noite. Pelas contas, não deveriam existir mais de nove feridos restantes para eu cuidar mas, quando examinei os meus pacientes, contei quinze mulheres e quatro crianças que

precisavam da minha ajuda. Algumas das mulheres que tinham estado nas fazendas, estavam a manifestar os mesmos sintomas.

A minha mãe também ficou doente. Foi perdendo a consciência e, de súbito, ficou em coma profundo.

Morreu naquela noite, juntamente com o resto das mulheres e das crianças, que estavam na aldeia durante a explosão.

De manhã, todos os membros sobreviventes da nossa comunidade, vieram até mim, a pedir ajuda.

Eu não sabia como haveria de os ajudar. Apenas tinha lido alguns dos pergaminhos de cura de Balam e esses apenas me tinham ensinado como curar feridas físicas. Nada que eu tivesse lido, me tinha dado o conhecimento para tratar a doença interior.

Ysalane, que vivia na fazenda mais distante da vila, era uma das poucas mulheres que restavam, que ainda conseguia caminhar sozinha. Ontem, quando ela nos chegou com os seus dois irmãos mais novos, não tinha qualquer sinal de ter sido queimada mas, a meio da manhã, começaram a aparecer bolhas nas suas pernas e nos seus braços e os dois irmãos tinham começado a vomitar.

Naquela tarde, ela ficou demasiado fraca para se aguentar de pé.

Eu estava completamente esmagado pela morte e pela dor à minha volta. Não havia nada que pudesse fazer para os salvar e, não podia suportar ouvir as dezenas de vozes, a implorar para aliviar o seu sofrimento.

Corri para a floresta a leste da nossa aldeia, tentando escapar ao desespero que sentia. Quando cheguei ao riacho de onde retirávamos a nossa água, caí de joelhos na margem e olhei para o meu reflexo na ondulação.

Pela primeira vez desde que eu era criança, caíram lágrimas pelo meu rosto.

Porque é que eu não tinha sido afetado pela doença e pelas queimaduras? Será que isso, tinha algo a ver com o facto de Ekahua ter partilhado o seu dom comigo? Teria isso, de alguma forma, feito com que eu ficasse imune aos efeitos do grão estrela?

Estava tão consumido pela minha própria miséria, que não percebi logo, que o céu estava a ficar cada vez mais brilhante. Quando finalmente olhei para cima, a minha respiração ficou presa no meu peito. Levantei-me.

Estava outra embarcação no céu.

Ao contrário da nave de Ekahua, que atravessou o céu e caiu na cadeia de montanhas, esta estava a cair no chão, perto da nossa aldeia, de uma forma

muito lenta e controlada. Era grande e assemelhava-se a uma grande fénix. O casco da nave parecia ser feito do mesmo tipo de material que a de Ekahua.

O meu primeiro pensamento foi, correr para a nave e chamar quem lá estava, para vir ajudar a salvar as mulheres e as crianças da nossa aldeia. Depois lembrei-me do aviso de Ekahua, de que outros poderiam vir procurá-lo. Eu não sabia porque é que ele não queria ser encontrado mas, pela maneira como disse aquilo, assumi que as intenções deles poderiam não ser puras.

Seriam, então, inimigos de Ekahua? Ou rivais?

Parei de correr para a frente e escondi-me atrás de uma árvore, até que pudesse descobrir o que aqueles recém-chegados queriam de nós.

A nave aterrou em cima de oito pernas longas e grossas. Algumas das mulheres da aldeia gritavam, alarmadas, mas, nenhuma estava suficientemente forte para se levantar e fugir. Senti-me culpado por não correr a salva-las, mas sabia que não tinha poder para defender os meus aldeões contra os recém-chegados.

Apareceu uma abertura retangular num dos lados da nave. Uma plataforma deslizou para fora do interior do veículo. Duas pessoas incrivelmente altas, deram um passo para ela.

Eu não conseguia acreditar no que estava a ver. Eles tinham braços e pernas, como qualquer outra pessoa, mas usavam trajes diferente de tudo o que já tinha visto. As roupas deles eram feitas de um material brilhante, quase como pedra polida e cobriam todas as partes dos seus corpos, à exceção das cabeças.

Ao invés de cabelo, eles tinham o que parecia ser um cocar de penas brancas e amarelas. As partes inferiores dos seus rostos eram alongadas para a frente e terminavam em bocas e queixos pequenos. Tal como Ekahua, eles não tinham ouvidos, que eu conseguisse ver.

De onde eu estava, não conseguia distinguir as palavras que eles falaram, mas soava como o chilrear ou o grasnar de um pássaro.

Eles carregavam algo nas suas mãos, mas não se parecia com uma arma, parecia-se mais com uma pequena caixa. Eles apontaram a caixa ao redor da aldeia e pareceram acender-se partes da caixa. Fez-me lembrar as caixas com imagens, que estavam na embarcação do céu de Ekahua. As criaturas fizeram mais sons que pareciam um chilrear, desta vez bastante mais animado.

O meu coração parou, quando a plataforma baixou para o chão e os viajantes do céu desceram. Algumas das mulheres gritaram maldições contra

eles, outras gritaram de medo. Estavam demasiado fracas para se levantarem e lutarem contra os invasores.

Senti-me terrivelmente, por não fazer nada. Embora não estivesse tão fraco como os outros, eu sabia que estava impotente perante os viajantes céu.

Contudo, quando eles se aproximaram de Ysalane, eu sai do meu esconderijo com intenção de os atacar. Não fazia ideia do que poderia fazer para os deter, mas tinha que fazer alguma coisa. Quando vi que não estavam a tentar agarrá-la, parei e voltei novamente para trás da árvore.

Eles falaram com Ysalane e, apesar das suas palavras saírem em silvos e gritos, um momento depois, uma segunda voz falou na nossa língua.

“Eu sou um Sentinela do Coletivo, um protetor.” Disse o viajante do céu para Ysalane. “Vocês foram tocados pela estrela de fogo. Se vierem connosco para o céu, completaremos a mudança em si e no seu povo. As vossas vidas irão continuar. Se ficarem aqui, este mundo irá consumir-vos e vocês morrerão.”

“Você pode salvar-nos?” Perguntou ela, olhando para o irmão, que estava deitado no chão, enrolado numa bola. “Pode salvá-lo?”

“Sim! Mas vocês nunca mais conseguirão voltar para aqui.”

Ysalane olhou para alguns dos outros, que lhe acenaram e, disse: “Nós vamos convosco. Por favor, salve o meu irmão.”

O líder fez sinal para o outro viajante do céu, para assim ajudaram todos os moradores a levantarem-se chão, levando-os para a plataforma. Foram erguendo as mulheres e as crianças em grupos de quatro, levando-as para a sua nave do céu.

Quando todos os sobreviventes da explosão estavam lá dentro, o líder aproximou-se de uma das mulheres mortas, que eu não consegui identificar. Ele passou a caixa sobre o seu corpo. Fez um som esganiçado e depois fez um gesto para o outro. Eles pegaram no corpo da mulher e levaram-na para a plataforma. Os viajantes do céu repetiram o processo com os restantes mortos.

Quando todos os moradores, vivos ou mortos, estavam na sua nave, o líder tirou algo de uma das bolsas do seu traje. Parecia uma bola grande, de tamanho semelhante às utilizadas na corte, em Copán. Todavia, esta não era feita de borracha. A superfície da esfera, era semelhante ao bloco de pedra da embarcação do céu de Ekahua.

O viajante do céu passou por cima da cratera enegrecida, onde outrora esteve a fogueira comum e, colocou a bola no centro. Regressou à sua nave e

entrou nela.

Colocando-se na plataforma, que o levantava para a embarcação, o viajante do céu fez um gesto com a caixa que tinha na mão, momentos antes da abertura retangular na sua nave se fechar.

A bola no chão começou a brilhar e a vibrar.

Quando percebi para que servia a bola, soube que tinha que fugir.

A nave do céu retumbou e levantou-se do chão.

Afastei-me da aldeia e, tentando ignorar a dor no meu peito, corri tanto quanto conseguia.

Quando cheguei à fazenda mais próxima, uma explosão de luz, mil vezes mais brilhante do que a que tinha atravessado a aldeia antes, cobriu toda a nossa aldeia.

Virei a cabeça antes que ela me cegasse e entrei dentro da casa da fazenda, na mesma altura que uma onda de calor, mais intensa do que alguma vez pudesse imaginar, tomou conta de mim. Queimou o ar à minha volta e eu não consegui respirar.

Certo de que iria morrer, eu orava aos deuses. Talvez eles me ouvissem. Pensei, que não conseguia segurar a minha respiração por mais tempo, o calor e a luz apagaram-se. O ar encheu os meus pulmões, ao abrir a boca e inalar.

Quando me senti forte o suficiente para me levantar, caminhei de regresso à aldeia, mas ela já não estava lá. Não havia nenhum edifício, nenhuma área comum, nem árvores ou erva. Não havia senão um enorme círculo de terra nua. Era como se tivessem vindo mil agricultores e lavrado o solo.

Durante muito tempo, só consegui ficar ali parado, a indagar o que tinha acontecido. Eu sabia que tudo aquilo que tinha ocorrido durante a semana que passou, era maior do que qualquer coisa já escrita, em todas as pedras da história de Copán.

Os assuntos dos deuses estavam para além de mim e, ainda que eu tivesse sido atirado para o centro desses acontecimentos, não conseguia adivinhar o seu propósito.

Não sei quanto tempo passou, até que eu voltasse para a casa da fazenda, mas o sol tinha começado a descer lentamente do céu e a lua tinha saído do seu esconderijo.

O sono não era algo em que eu pensasse, mas a exaustão venceu-me e, quando acordei, já era novamente de manhã. Tinham passado cinco dias, desde que os homens da aldeia tinham ido para a guerra.

Procurei pela casa por alguns mantimentos básicos, algumas ferramentas; uma faca e comida e, de seguida, coloquei-me a caminho de Quiriguá.

∞

Quando cheguei perto da área onde o exército dos Ch'orti' estava acampado, já tinha tido bastante tempo para pensar sobre o que tinha acontecido. Infelizmente, estava tão confuso quanto antes.

Os viajantes do céu tinham dito que iriam curar as mulheres e as crianças da aldeia mas, ao mesmo tempo, que estes nunca seriam capazes de regressar. Iria aquilo fazer-lhes bem, ou mal? Estariam eles a tomá-los, para os tornarem escravos? Não havia maneira de saber.

Ekahua pediu-me para queimar o corpo dele, ao invés de o enterrar. Não sabia se ele não teria o desejo de viajar pelo Submundo e renascer no céu. Na minha mente, eu não sentia qualquer remorso por tê-lo deixado enterrado na caverna e não ter queimado o seu corpo, como ele tinha solicitado. Porém, agora estava com dúvidas.

Ele disse-me que iriam chegar outras tribos do céu e procurar por ele, por isso, não podia deixar que o seu corpo fosse encontrado por eles. Sem conhecer as intenções dos viajantes-pássaro do céu, eu tinha que acreditar que Ekahua estava certo. Afinal, ele tinha-me dado um presente, que me tinha protegido do fogo de estrela.

Em vez de prosseguir para o acampamento guerreiro, contornei-o, tão furtivamente quanto pude. Decidi encontrar a caverna onde tinha deixado Ekahua e queimar o seu corpo, tal como ele me instruiu.

Levei algumas horas a chegar à montanha, mas percebi que o peito já não me doía. As costelas tinham-se curado e a minha respiração estava novamente forte e segura.

Depois de procurar um pouco, finalmente encontrei o penhasco onde estava a fenda, mas, para meu espanto, toda a área estava coberta de rochas, de pedras e de cascalho. O terremoto deve ter feito desmoronar a parede do precipício.

Mesmo com uma equipa de vinte homens, levariam centenas de dias para cavar a caverna e existia a hipótese da própria caverna entrar em colapso. Um só homem, levaria anos.

O desmoronamento tinha escondido o corpo de Ekahua dos viajantes do céu que pareciam pássaros. Eles nunca o iriam encontrar. Afinal, quem poderia pensar, que esta enorme pilha de escombros, era a sepultura de um

viajante do céu?

Restava-me um dever: encontrar o meu pai e os outros guerreiros Ch'orti' e informá-los do que tinha acontecido com a nossa aldeia. Aquela, era uma tarefa que eu não queria realizar. Sentei-me entre as ruínas do penhasco e pensei muito sobre como é que lhes iria dizer que os seus filhos e esposas estavam mortos, ou tinham sido tomados por invasores das tribos do céu.

Eles nunca iriam compreender acerca do fogo de estrela, ou acerca das naves do céu. Os anciãos da minha aldeia e o Rei de Copán, acreditavam que Ekahua era um deus, não obstante do que eu lhes tinha contado. Se dissesse ao meu povo, exatamente o que tinha acontecido, eles iriam duvidar das minhas palavras. Tinha que lhes contar a história, de uma forma que eles conseguissem compreender.

Ocorreu-me, então, um pensamento. A Canção das Estrelas. Para mim, as palavras que Ekahua tinha utilizado para a canção eram jargão e ele disse que as palavras não importavam, era a melodia que era importante para os nossos descendentes.

Eu iria utilizar a Canção das Estrelas, substituir as palavras de Ekahua pelas minhas e contar a história da nossa queda. Tinha a certeza, de que a história seria poderosa. Eu poderia ter sido protegido contra o fogo de estrela na aldeia, mas sabia que iria passar para o Submundo, um dia. Combinar a história da minha aldeia com a canção, era a melhor maneira de garantir que ambas teriam continuidade, depois de mim.

Ao longo das horas seguintes, eu criei a história e compus as palavras, de modo a combinarem com a melodia da Canção das Estrelas.

O viajante-pássaro do céu que tinha falado com Ysalane seria Kinich Ahua, o deus Fénix e mensageiro de Hunab'Ku, o criador do Povo. O outro viajante do céu seria Kukulcan, a serpente emplumada.

Kinich Ahua ficou com raiva de nós, por causa da guerra com as tribos do norte e esta teria sido a sua punição.

Não dormi naquela noite. Ao invés disso, trabalhei na história e completei-a, quando o sol se levantou pela manhã.

Desci a montanha e todo o vale à procura do meu pai e dos outros guerreiros e encontrei-os naquela tarde, antes do pôr-do-sol.

Embora estivesse mais cansado, do que já tinha estado em toda a minha vida, eu contei-lhes a história e senti a dor deles, enquanto a ouviam.

Depois de ouvir o conto, o meu pai falou ao rei de Copán. O conselho de guerra concordou que os deuses não aprovavam a guerra com os Q'eqchi',

por isso, iriam regressar a casa.

O meu pai e os outros homens da nossa aldeia, decidiram erguer um monumento à memória dos nossos entes queridos. Serviria para lembrar a todos os Ch'orti' que viessem do Norte, para não se envolverem em guerra com as tribos do norte.

Nos meses seguintes, eu esculpi a história nas pedras de quatro colunas grandes e prometi regressar todos os anos, para recitar a história e, honrar o meu povo.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Alice levantou-se, de imediato, com o rosto avermelhado de raiva. Gritou para Alex “Seu idiota!”

Surpreso com a reação dela, ele permaneceu sentado, tão imóvel quanto podia.

“Essa é precisamente a razão pela qual, as nações da Terra têm estado à beira da destruição.” Disse Alice, com os dentes cerrados. “Eles não precisam de nenhum inimigo alienígena, já estão a fazer um bom trabalho por conta própria, nesse sentido. Eles estão numa espiral descendente há um século. A corrupção e a apatia dos governos, a ganância e a avareza na economia, a crueldade e a maldade das pessoas.”

Ela balançou um dedo acusador em direção a Alex. “E você escondeu essa informação da única pessoa no Sistema Solar, que tem os recursos e a força de vontade para os salvar. O meu pai tinha razão, você é uma criança pequena, mesquinha e egoísta.”

As palavras foram acutilantes e Alex achou que eram injustas. Sentiu um breve impulso para refutar as acusações dela. Afinal, Alex tinha sacrificado tudo, desde que os seus pais tinham morrido, em Macklin Rock.

Ele devolveu-lhe. “Todas essas palavras que você utilizou, corrupção, apatia, ganância, avareza, crueldade, maldade, são todas palavras boas para descrever o seu pai. Ele pode tê-la enganado, assim como enganou todos os outros; como me tentou enganar a mim. Ele joga com as suas fraquezas, aproveita-se dos seus sentimentos de abandono. Quando vê alguém que pode usar para os seus propósitos, ele faz amizade com essa pessoa, diz que ela é importante e poderosa. Mas, quando já tiver o que quer dela, ele mastiga-a e cospe-a.”

Alice balançou a cabeça. “Você está a mentir!”

“Porque é que acha que ele acabou na prisão? Por minha causa?” Alex soltou uma gargalhada oca. “Se quer saber, foi por causa de Klaus. O seu pai subestimou-o. Quando eu fui sequestrado, o seu pai pensou que não precisava mais dele. Klaus percebeu muito rapidamente onde estava metido e tomou medidas para derrubar o seu pai primeiro.”

Balançou a mão à volta, para abranger todos os que estavam na estação. “Olhe à sua volta. Porque é que acha que o seu pai se cerca de pessoas que entram em conflito com a lei, ou são reprimidas, ou que já foram ostracizadas pela sociedade? Não por generosidade do seu coração, posso dizer-lhe. Mas porque permitem que a raiva e o desespero, os controlem. Por causa disso, são fáceis de enganar.”

Alice parecia estar prestes a rebentar. “Eu não sou tola.” Disse ela, mas a sua voz era baixa.

“Você foi profundamente magoada. Traída e humilhada pela sociedade, por algo que não foi culpa sua. Desculpe-me, mas conheço a sua história, a da sua mãe, bem como dos jornais em Pequim. Não foi justo mas, ainda assim, a sua vida foi arruinada. Agora, você quer fazer alguém pagar por isso.” Ele balançou a cabeça para ela. “Mas só porque lhe fizeram isso, não lhe dá o direito de os conquistar ou matar.”

Parecendo subitamente uma menina, Alice baixou a cabeça.

Alex disse: “Eu sei que está com raiva, mas você não quer assistir à destruição do mundo. Se quisesse, simplesmente não faria nada e deixaria que os Kulsat fizessem o trabalho sujo por si. Não, você ficou com raiva de mim porque, no fundo, importa-se com isso.”

Havia lágrimas a escorrer pelo seu rosto. “Eu não me importo.”

“Importa-se sim.” Disse Alex, a sua voz assumindo um tom suave. “E eu também. Os Kulsat vão destruir-nos. Vou ser direto. O Imperador Yin vai levar mais tempo, mas vai acabar por fazer o mesmo. Não vou trocar um cenário apocalíptico, por outro. Mas você...”

Alice olhou para cima. “Eu o quê?”

“Você tem o poder para fazer a diferença. Há uma hipótese de parar os Kulsat. Foi-me dito que há uma maneira mas, para chegarmos a esse ponto, precisamos de trabalhar juntos.”

Estreitando os seus olhos, Alice disse: “Contra o meu pai...?”

Alex assentiu. “Sim.” A vê-la à beira de uma decisão, acrescentou “Ele foi diretamente responsável pelo assassinato do meu amigo Kenny e por muitos

outros. Tudo, em nome do poder. Você assistiu aos noticiários holográficos, certamente que nem toda a gente está a dizer exatamente a mesma mentira acerca dele.”

Alice enxugou as lágrimas do rosto. “Digamos, que eu acredite em si.” Disse ela. “Digamos, que eu o quero ajudar. O que é que fazemos?”

Alex levantou um ombro ligeiramente. “Continuamos o nosso trabalho.”

Com um olhar aguçado, Alice falou ofegante. “O quê?”

“O objetivo é o mesmo. Precisamos de ‘kinemates’. Só então poderemos aprender a defender-nos. Eu disse a verdade: não faço ideia de quanto tempo vai demorar, para os Kulsat nos encontrarem. Podem levar minutos; pode levar um milénio. Quando nos encontrarem, precisamos de estar preparados. Há outros sistemas, que têm sido capazes de se defender. É possível.”

“Então você vai dizer a Sian para parar de empatar e completar o seu algoritmo?” Perguntou Alice e deu-lhe um sorriso malicioso. “Eu disse-lhe: não sou tola. Não se preocupe, o meu pai está ocupado com outros assuntos; e não preciso de o preocupar com todos os detalhes.”

“Obrigado.” Disse Alex.

“Se conseguirmos resolver a fórmula para carregar o Kinemet, vamos ter de o testar.”

Alex sacudiu a cabeça. “Não vamos sacrificar mais vidas inocentes.”

“Então, como é que vamos saber se funciona?”

“Eu tenho uma ideia sobre isso.” Disse Alex. “Como alguém que está em sintonia com o Kinemet e com a sua radiação, eu consigo saber se a fórmula está correta ou não.”

Alice levantou-se. “Do que estamos à espera?”

**Copán Departamental:
Honduras:**

Yaxche insistiu para que regressassem à sua aldeia e não deu nenhuma pista a ninguém sobre a localização do seu amigo. Cinco pessoas empilharam-se num camião movido a hidrogénio. Yaxche sentou-se à frente com Miguel, que continuou o seu papel como motorista. Michael sentou-se na parte de trás com outro Cruzado chamado Diego e Humberto encaixou-se entre eles. Após uma viagem de cinco horas, Michael ficou grato por sair e esticar as pernas.

Pouco tinha mudado em Pueblo de Santa Brio, desde a última vez que Michael tinha estado lá. Até mesmo a mulher de meia-idade, que vendia brinquedos artesanais, estava sentada, exactamente, no mesmo sítio e, na mesma cadeira de madeira. Ela sorriu-lhe, como se o reconhecesse. Ele acenou-lhe, devolvendo o sorriso, embora não parasse para ver as suas mercadorias.

Havia um casal de turistas jovens na cidade, a registrar a sua viagem num gravador digital. Humberto deu-lhes apenas um olhar superficial, antes de ignorar a sua presença.

A casa que tinha sido de Yaxche, pertencia agora a outra família. Quatro anos era muito tempo para ficar vazia e, sem notícias, a aldeia tinha assumido que ele já não estava vivo.

Yaxche foi direto a uma casa diferente e, antes de lá chegar, uma mulher de meia-idade, correu para fora, com um grito nos lábios e lágrimas a escorrer pelo rosto. Michael reconheceu-a como sendo a filha de Yaxche.

Os dois abraçaram-se e passou muito tempo, até que a mulher parou de chorar.

Michael, não querendo intrometer-se na reunião, virou-se para Humberto. “Isto pode levar algum tempo.”

“Pois!”

“Sinto-me um Hipocrita.” Disse Michael. “Estava tão envolvido em tudo o que aconteceu nos últimos tempos, que me esqueci completamente da família dele. Há quatro anos, o neto de Yaxche, Terry, foi morto em Vénus.” A memória recente do assassinato de Kenny atravessou a sua mente. Ele pretendia contatar a família do jovem físico e estender as suas condolências. Por isso, prometeu a si próprio fazê-lo, na primeira oportunidade que tivesse.

“Ah.” Humberto assentiu. “Te’irjiil. Outra vítima da loucura de Jose. Lamento, por tê-lo envolvido naquela confusão.”

Quando Michael olhou para cima, notou Yaxche a acenar-lhe. Humberto seguiu-o, alguns passos mais atrás.

Yaxche disse: “A minha filha quer agradecer-lhe, por me ter trazido de volta. Ela quer passar a noite a ouvir a história do sacrifício do meu neto. Há muito espaço no chão e ela tem cobertores para a noite. De manhã, seguiremos.”

“Claro.” Disse Michael.

Humberto voltou-se para os seus dois homens e instruiu-os para estacionarem o camião na periferia da aldeia. “Nós três faremos patrulhas rotativas.”

Michael seguiu Yaxche e a sua filha para casa, onde esperou que o seu marido retornasse do trabalho, antes do jantar. As duas netas de Yaxche, Rosalia e Maria, agarraram-se ao avô e não o deixavam fazer nada.

O tradutor de Michael tinha sido desativado por Humberto, para o caso de ter um rastreador, no entanto, ele desejava, ardentemente, ter tempo para arranjar outro. É que, tinha alguma dificuldade em seguir a conversa entre a família Hernandez, por isso, teve de contar com Humberto como tradutor.

Eles passaram a noite a ouvir as histórias da juventude de Terry, bem como do seu amor por Itzel. Quando chegou a hora, de Michael partilhar o que sabia do destino de Terry, ele disse à mãe do rapaz que, sentia muito pesar, por não ter tido a oportunidade de conhecer o jovem.

Para sua surpresa, Humberto falou das suas experiências com Terry e, não encobriu o seu papel na indução do jovem nos Cruzados.

“Ele tinha o coração de um Cruzado.” Disse Humberto, em conclusão. “E foi por causa do seu verdadeiro espírito e, daqueles como ele que, continuamos a nossa luta.”

Michael esperou que a filha de Yaxche estivesse indignada com Humberto, mas em vez disso, ela segurou na mão do marido, que disse: “Te’irjiil le

habría perdonado, estoy seguro. Por eso, nosotros, no podemos hacer menos.”

“*Gracias.*” Disse Humberto, com voz solene.

∞

Na manhã seguinte, os cinco empilharam-se novamente no camião e saíram. Yaxche não lhes disse o seu destino. Apenas indicou que voltas dar.

Enquanto se dirigiam para oeste, em direção às Ruínas de Copán, Miguel olhou preocupado para Humberto.

Humberto, verificando o seu painel holográfico, inclinou-se e falou com Yaxche. “Parece que nos está a levar a passar a fronteira para a Guatemala. Se for esse o nosso destino, temos que parar. Não podemos passar a patrulha na fronteira.”

Depois de ter analisado a região, Michael sabia que, sob circunstâncias normais, passar para a Guatemala, não seria um problema. O escritório da alfândega era, maioritariamente, um local para operações de paragem, que servia para verificação e pagamento de portagens. Se Michael lhes mostrasse o passaporte, contudo, ficaria registado na base de dados da segurança nacional, associando-o a Ruiz e à sua operação.

“Dirija-se para norte, para as ruínas.” Disse Yaxche a Miguel e Humberto soltou um suspiro de alívio.

“Só temos hidrogénio no tanque, para mais algumas horas.” Disse Miguel. “Quão longe, mora o seu amigo?”

“Nós vamos ficar bem.” Disse Yaxche.

Sentindo o desconforto de todas as pessoas, Michael perguntou: “Pode mostrar-nos no mapa?”

Virando-se no seu banco, Yaxche disse: “Eu não vejo o meu amigo desde que era jovem, mas vou lembrar-me de como chegar até lá.”

Percebendo que, para um grande número de culturas, os pontos de referência eram o principalmente orientador de viagem, Michael sentou-se no banco e olhou para fora da janela, observando as fazendas e as florestas a passar.

Depois de pouco mais de uma hora, virando numa direção e, de seguida, noutra, sempre por picadas - estradas de terra batida - eles chegaram a uma pequena plantação. Michael olhou para o painel holográfico de Humberto.

“Chegámos.” Disse ele, apontando para um pequeno ponto, no mapa da tela do painel holográfico. “Mesmo perto da fronteira.”

Não havia qualquer indicador a asinalar a plantação, mas Michael, esperava fervorosamente, que não tivesse nada a ver com Oscar Ruiz.

À beira da entrada principal, surgiu um cavaleiro montado num cavalo, que os viu e se virou em direção a eles.

Miguel falou com o homem em espanhol e Michael desejou ter um tradutor com ele. Não queria estar sempre a perguntar a Humberto, o que estava a ser dito.

O Cavaleiro olhou para Yaxche, que falava muito rapidamente. Momentos depois, o interlocutor respondeu, apontando mais para norte, ao longo da estrada.

“*Gracias.*” Disse Miguel, colocando o camião em marcha.

Yaxche, parecendo animado, disse: “Parece que, o meu amigo se reformou da plantação. Agora tem uma casa nesta estrada.”

A estrada, pouco melhor do que um caminho de cabras, tinha vários cortes à esquerda e à direita, até ir dar a uma pequena clareira. A modesta casa estava ali. Uma dúzia de galinhas andavam livremente pela propriedade. Havia um pequeno celeiro e uma pocilga com alguns porcos.

Quando Miguel estacionou, um homem, que só poderia ser descrito como um ancião, veio à porta com um sorriso largo no rosto, ao acenar para os seus visitantes.

Saindo do camião, Yaxche correu para o seu amigo, apertou-lhe a mão e deu-lhe uma palmada amigável no braço.

Eles falavam em espanhol e Michael não precisava da tradução de Humberto, para perceber que eles estavam a confraternizar e a saudar-se, depois de muito tempo sem se verem.

Se não se viam há mais de meio século, havia muita conversa para pôr em dia.

Michael notou que Miguel e Diego se deslocaram automaticamente para cada extremidade da propriedade, tentando parecer casuais, enquanto se posicionavam para vigiar. A paranoia não parecia necessária ali, tão longe de qualquer grande povoado. Mas, novamente, se acontecesse algo, a ajuda também estava longe. Ele resolveu ficar grato pelos homens estarem de guarda.

Humberto esperou pacientemente, até que os dois homens mais velhos terminassem de se cumprimentar.

Yaxche virou-se e disse: “Michael, Humberto, tenho o prazer de vos apresentar o meu amigo mais antigo. Este é Patli, que é também sobrinho-

neto do irmão do meu avô. Ele não fala inglês, mas concordou em falar algum tempo convosco. Talvez ele partilhe a história dele convosco. Venham, sentem-se.”

Eles seguiram Yaxche e Patli até uma pequena área ao lado da casa, em frente à pocilga, onde estavam várias cadeiras de madeira, à volta de um barril.

“Patli não costuma receber visitas, mas tem sempre algumas cadeiras a mais, para o caso destas aparecerem.”

Os quatro dispuseram-se ao redor do barril e Patli falou, a olhar para Michael com um sorriso amável.

“Ele está a perguntar, se esta é a primeira vez que você apanha sol.” Yaxche sorriu. “Ele nunca viu uma pessoa tão pálida.”

Com um aceno de cabeça, Michael disse: “Eu venho de uma terra distante, no norte, onde neva metade do ano. Lá, o sol é menos quente do que aqui.”

Yaxche traduziu e, em seguida, disse: “Ele nunca viu neve mas, certa vez, ouviu uma história sobre um homem feito de neve e pensou que alguém estava a pregar-lhe uma partida.”

Michael riu. “A História era Verdadeira. Eu próprio fiz alguns, quando era mais jovem.”

Falaram casualmente durante mais ou menos uma hora, para permitir a Patli que os conhecesse.

Quando o sol fez o pico do meio-dia, Patli falou durante, o que pareceu uma eternidade, com Yaxche.

Humberto estreitou os olhos para o que ouviu e, a antecipação de Michael cresceu.

Virando-se para Michael, Yaxche falou. “Eu disse ao meu amigo que você e George foram os primeiros, para além do meu neto, a compreender a Canção das Estrelas e que você precisava de ouvir o resto da história. Patli diz que há muitos anos, que não conta a história. Ninguém está interessado nas divagações dos velhos, mas, está feliz por você ter mostrado paciência hoje. Se tiver um pouco mais de paciência, ele irá contar-lhe a história que foi transmitida pelo avô do seu avô, há muitas gerações.”

“É a história do deus que morreu. Do jovem caçador que o descobriu e, que foi o primeiro a ouvir a divina Canção das Estrelas. Foi um ancestral meu e de Patli, quem escreveu a Canção das Estrelas, conforme lhe foi ensinada pelo deus moribundo. O seu nome era Subo Ak.”

**Nave Gliesan:
Sistema de Centauri:**

“Parem.” Disse Justine, assim que regressou ao seu eu corpóreo, na ponte da nave alienígena. “Não os matem.”

Para sua surpresa, os dois pássaros bípedes pararam o seu ataque. O indicador de energia, na tela da matriz de controlo, desceu.

Ambos os alienígenas, sentados em cadeiras que flutuavam a um metro do chão, se viraram para a encarar. Os seus rostos tinham vagamente a forma humana, exceto que, as metades inferiores se esticavam para a frente e terminavam numa ponta, como um bico macio. Também não tinham cabelo. Em vez disso, as suas cabeças estavam cobertas com uma crista baixa, feita de penas. Um deles tinha coloração, predominantemente, azul e verde, enquanto o outro era amarelo e laranja.

Ambos a olhavam, com a cabeça inclinada.

Só quando sentiu o escrutínio deles, é que Justine percebeu que estava... completamente nua! Quando ela entrou em estado quântico, não tinha convertido a sua roupa, pois tinha acabado de desenvolver a teoria, sobre a forma de colocar outros seres ou objetos em estado quântico. A sua atenção estava focada no ataque do Três Crescentes e, defendendo-se, transformou-o em fotões. Percebeu que, a partir dali, deveria conseguir colocar a sua roupa em estado quântico, para se poupar a mais embaraços, quando voltasse à sua forma física.

Conscientemente, ela colocou um braço a cobrir os seios e usou a outra mão, para cobrir as regiões mais baixas. Esforçou-se, tanto quanto pôde, para não deixar o rosto ficar vermelho de vergonha.

O desconforto de Justine foi esquecido, quando o alienígena de cor azul e verde falou e ela ouviu a tradução, uma fração de segundo mais tarde. A voz

era cordial e do sexo masculino; um grande contraste com a voz máquina impessoal do computador tradutor dos Kulsat.

“Desculpe. Você deve ser a Major Justine Turner. Sentimos a sua forma etérea.” Ele apontou para a nave, no seu monitor. “Pensámos que você estava a tentar destruir a cápsula dos Kulsat e estávamos a tentar ajudar.”

Justine, surpreendida por saberem o seu nome, disse: “Os Kulsat da cápsula de segurança ajudaram-me a escapar da nave de mineração, onde fui feita prisioneira por dois dos seus ‘ressuscitados’.”

Apesar de ter sido uma das primeiras, a descobrir a evidência de que o universo era o lar de milhares de diferentes espécies de seres sencientes e, de ter acabado de passar os últimos dias a interagir com uma raça de cefalópodes, ainda levou algum tempo para se ajustar a conhecer uma nova forma de vida. Ela desejou que as circunstâncias fossem menos dramáticas e que pudessem ser feitas as apresentações necessárias.

“É Engraçado.” Disse o alienígena. Justine não ficou imediatamente certa, de que o tradutor estivesse a funcionar corretamente. “Viemos ao Sistema de Centauri para tentar salvá-la dos Kulsat. Agora, você está salvar os Kulsat de nós.”

“Vieram salvar-me?” Perguntou Justine. “Quem são vocês? Como é que sabem quem eu sou?”

O piloto levantou-se da cadeira flutuante. Um momento depois, a cadeira afundou lentamente para baixo e pareceu derreter-se no chão, como se estivesse a ser absorvida pela superestrutura.

De pé, com bem mais de três metros de altura, o alienígena fez um movimento a curvar-se e a vibrar as duas mãos, do tipo asa.

“Perdoe a nossa falta de cortesia. Os nossos nomes não são completamente pronunciáveis no seu idioma, mas podemos resumir e pronunciar o meu como ‘Naila’. Eu sou o Sentinela Principal da ‘*Fainne*’, a nossa nave. Esta é ‘Fairamai’. Ela é a navegadora e co-piloto. Somos originários do sistema a que você chama de Gliese.”

A outra alienígena levantou-se e fez um gesto curvando-se sobre si. A sua voz era uma tradução feminina, com tons doces. “Prazer em conhecê-la, ser de Solan.”

“Sou Justine.” Disse ela. Os dois Gliesans tinham uma pequena crista engraçada nas suas cabeças e Justine corou, quando se lembrou que já sabiam quem ela era, parecia um ser transparente e...verdade!...Não tinha roupa. “Uhm. É possível pedir algumas roupas emprestadas?”

Os dois alienígenas assentiram e Fairamai acenou para Justine. “Temos um tecido de nidificação, que pode ser suficiente comprido para você usar como um envoltório exterior, se isso for apropriado.”

“Obrigada.” Disse Justine. Oferecendo um sorriso agradecido, quando a alienígena alta saiu da ponte, presumivelmente, para ir buscar a roupa.

Naila retomou a sua história. “Recebemos um relatório de uma das nossas naves de patrulha, detalhando a sua chegada a este sistema, seguida pelo ataque dos Kulsat e o seu sequestro. Eles pediram para virmos a este sistema investigar e, caso você ainda aqui estivesse, para a recuperarmos.”

“Nave de patrulha?” Perguntou Justine. “Será que eles encontraram os meus amigos e a nossa nave?”

“De acordo com as nossas pesquisas, os restos da sua nave estão num porto em desuso, a várias centenas de milhares de quilômetros daqui. A sua nave não é mais utilizável. Ela foi atingida com um raio de energia de mineração. Os seus amigos, já não estão neste sistema.”

A última frase parecia ter sido dita num tom de censura.

“Onde é que eles estão?” Ela olhou para cima, quando Fairamai voltou com uma folha comprida e multicolorida de tecido fino. Era muito suave e tinha um ligeiro aroma floral. Justine enrolou-se na toga improvisada e sentiu-se imediatamente menos vulnerável.

Naila fez um som de cacarejar. “Os nossos colegas escoltaram os seus amigos, regressaram ao vosso sistema de origem. Isso segundo o relatório que nos foi enviado.”

“Isso... é um alívio!” Exclamou Justine. “Vocês podem levar-me, também, para o meu sistema?”

O alienígena fez um movimento vibratório com a cabeça, o que Justine interpretou como sendo negativo. “Receio que as viagens para o seu sistema de origem, nos estão proibidas por lei. Aliah e Ah Tabai quebraram o protocolo. Quando retornarem, certamente irão enfrentar acusações criminais, pela sua transgressão.”

Justine sentiu a frustração crescer. Pareciam surgir novos obstáculos, a cada passo.

“Porque é que estão proibidas?”

“O seu sistema não é um sistema ‘emergente’. A antiga lei da Graça proíbe a interferência com culturas ‘não-emergentes’. Eu vou ficar feliz em explicar-lhe tudo mas, por agora, é vital deixarmos Centauri e voltarmos para o Sistema de Gliese.”

“Será que os Kulsat irão regressar?” Adivinhou Justine.

Naila assentiu. “Centauri é estéril de população nativa. Os Kulsat frequentam este sistema, à procura de minas de Rocha de Éter. Eu acho que vocês se referem a ela como Kinemet. Eles, obviamente, que detetaram a sua presença.”

“O que é que eles vão fazer agora?” Perguntou Justine.

Naila disse: “Eles vão relatar a sua presença aqui e os Kulsat voltarão em força. Devemos deixar este sistema.”

A mente de Justine estava em redemoinho, com todas as informações. A sua preocupação imediata era a segurança dos seus amigos e da Terra. “Será que os Kulsat não conseguirão seguir-nos para Gliese?”

“Não. Os sistemas ‘emergentes’ têm algumas defesas contra os ataques. Os nossos faróis estrela estão disfarçados. Um ‘ser etéreo’ pode detetar o farol estrela, somente quando este está ativo.”

“Então, os Kulsat também não conseguiram seguir a outra nave de patrulha, para o meu sistema de origem?”

Naila sacudiu a cabeça. “Só se estivessem, suficientemente, perto do farol estrela, para detetar a ativação. Se fosse esse o caso, eles estariam agora no seu Sistema Solar. Não temos nenhuma indicação, de ser esse o caso.”

“Porque é que eles não vão apenas ao Sistema Solar mais próximo?” Perguntou, ciente de que Centauri e o Sistema Solar eram vizinhos próximos.

Naila movimentou a sua cabeça, no que Justine assumiu que era um sinal de divertimento. “Há milhares de milhões de sistemas na galáxia e a proximidade espacial não é um fator, quando se viaja pelos faróis estrela. Você poderia ter aqui chegado, a partir de qualquer lugar. O farol estrela do seu sistema é desconhecido para os Kulsat, ou para a rede galáctica. Os Gliesans são os únicos que conhecem a localização dele e nós guardamos esse segredo há muito tempo.”

“Então, como é que eles nos vão encontrar?”

Naila disse: “Primeiro, os Kulsat provavelmente irão estabelecer um posto permanente em Centauri. Se alguém vier do Sistema Solar novamente para aqui, os Kulsat serão capazes de os controlar.”

Levou algum tempo para Justine absorver tudo aquilo. A próxima nave que usasse o farol estrela para viajar para Centauri, iria cair numa armadilha. Ela sentiu-se impotente.

“Então, o que é que eu posso fazer?”

“Voltar para o nosso sistema de origem, com a nossa nave. Estará segura,

até que o Conselho pondere.”

“Até que Pondere o Quê?”

“Se o seu Sistema pode ser considerado, ou não, um sistema ‘emergente’.”

“E o que é que isso irá fazer?”

“Se vocês forem convidados a juntar-se ao Coletivo de Mundos, poderemos oferecer ao vosso sistema, a tecnologia para se defenderem.” Naila fez uma pausa, antes de acrescentar: “Se vocês não beneficiarem do estatuto como um sistema ‘emergente’, não poderemos interferir, nem mesmo, se forem invadidos pelos Kulsat.”

Justine assimilou aquilo tudo. Sabia que era uma convidada a bordo da nave de patrulha Gliesan. Embora não quisesse parecer ingrata, não conseguia aceitar, ou entender a política deles.

“Se vocês não podem interferir, então, porque é que me estão a ajudar?”

“Simplesmente,” disse Naila, “porque há uma ambiguidade na lei galáctica. Você, individualmente, está fisicamente fora do seu sistema ‘pré-emergente’. Podemos ajudá-la a si, pessoalmente, sem realmente interferir no progresso ‘pré-emergente’ do seu mundo.

Embora possamos oferecer-lhe amnistia e proteção, não estamos autorizados a oferecer-lhe os avanços tecnológicos. Você ficará numa estação de apoio, na orla externa do nosso sistema, até que uma decisão seja tomada. Também não terá acesso a qualquer informação ou material restritos.”

“O que é que acontece, se vocês quebrarem a lei e interferirem?” Perguntou Justine.

“Os outros sistemas membros podem virar-se contra o nosso mundo. Esta é a razão pela qual, estamos em guerra com os Kulsat, eles quebraram a lei da Graça.”

“E vocês já estão em guerra há quanto tempo?” Perguntou Justine.

“O equivalente a mais de mil anos, no calendário Solan.” Naila parecia estar a ficar impaciente com todas as perguntas. “Embora existam mais de vinte mil sistemas membros, os Kulsat ultrapassam-nos. Eles colonizaram milhares de sistemas não-povoados.”

“Só vinte mil?” Justine lembrou-se da inscrição no *Dis Pater*, a carcaça do monumento do farol estrela em Plutão. “Pensei que havia mais de trinta mil raças no espaço?”

Naila baixou a cabeça. “Em determinada altura houve.” Disse ele, “Mas muitos sistemas foram destruídos nos primeiros dias da guerra, antes de desenvolverem a tecnologia para restringir o número de ‘seres etéreos’ que

podia entrar no seu sistema, ao mesmo tempo.”

De Repente, fez um gesto para a tela, para mostrar a cápsula de segurança dos Kulsat. “Não podemos adiar mais. Quando estivermos no Espaço Gliesan, vou conceder-lhe o acesso limitado aos nossos arquivos de história, embora, deva avisá-la que muitos dos nossos registros serão restringidos.”

“Eu entendo.” Disse Justine. “Obrigada. Fico muito Agradecida, por ocupar parte do seu tempo, a explicar tudo isto. Estou ansiosa pelo encontro com o vosso governo.”

Naila acenou para Fairamai, que usou os dedos de penas, para teclar instruções no computador de controlo. O sistema de mira voltou a ligar-se e o indicador do nível de energia aumentou.

“O que é que você está a fazer?” Gritou Justine.

“Temos de destruir a cápsula de segurança.” Disse Naila. “Se eles relatam a nossa presença, aos seus mestres, os Kulsat irão centrar a agressividade deles em Gliese. Mesmo com a nossa tecnologia, eles podem eventualmente conseguir dominar-nos.”

Justine deu alguns passos para a frente. “Vocês não os podem matar. Eles são inocentes. A Mancha Vermelha arriscou a vida para me salvar.”

“Mancha Vermelha?”

“Ela é um ‘potencial’.” Justine esperava que os Gliesans estivessem familiarizados com a estrutura social dos Kulsat e entendessem o que lhes estava a tentar dizer. “O líder da ciência na nave, o Três Crescentes, matou o amigo dela, o Listra Verde, só para me causar medo, para que eu falasse. Depois ele perdeu o controlo e ia matar toda a tripulação. A Mancha Vermelha salvou os outros Kulsat da destruição e... salvou-me.”

Naila continuou a considerar Justine, como se as suas palavras não estivessem a ser traduzidas adequadamente.

Exasperada, Justine disse: “Nem todos os Kulsat, têm um completo desrespeito pela vida.”

Os dois Gliesans trocaram olhares entre si, mas não fizeram nenhum comentário.

Justine respirou fundo. “Pelo que experienciei, parece que os ‘emergentes’ são a casta agressiva, na sociedade dos Kulsat. Os outros são subservientes, quase como os camponeses.”

“A hierarquia Kulsat é familiar para nós.” Disse Naila. “Embora os ‘não-emergentes’ na cápsula de segurança representem pouca ameaça direta, irão revelar conhecimento do nosso sistema. Eles não devem escapar e regressar

ao Consórcio. Trazê-los connosco para Gliese é um risco de segurança. Tanto quanto deixá-los aqui.”

“A Mancha Vermelha disse que há outros ‘não-emergentes’ que não concordam com as políticas do Consórcio.” Acrescentou. “Ela pode vir a ser uma aliada valiosa.”

“A Solan pode estar certa.” Disse Fairamai para Naila. “Talvez a ‘potencial’ nos dê informações táticas sobre os movimentos das frotas deles.”

Não era aquilo que Justine tinha em mente. Não pensava que a Mancha Vermelha fosse trair o Consórcio mas, para que os Gliesans não destruíssem a cápsula de segurança, alinharia com eles.

Naila assentiu. “Muito bem. Vou deixar a decisão para o nosso comandante.” Ele voltou para a sua consola. Um pedaço de material kinemético levantou-se do chão e formou um banco, que flutuava atrás do Gliesan. Automaticamente, ele sentou-se e começou a apertar os dedos de penas sobre os controlos do computador. “Vamos levá-los connosco como prisioneiros de guerra.” Ele olhou para Justine.

Justine assentiu. Não obstante, apesar dos Gliesans poderem considerar os Kulsat, retidos na cápsula de segurança, como prisioneiros, ela considerava-os como refugiados políticos.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Após a conversa com Alice, Alex fez-lhe um breve resumo dos acontecimentos, a partir do momento em que entrou pela primeira vez no Sistema de Centauri, mais de catorze anos antes, até ao ponto em que foram capturados pela patrulha de Chow Yin.

Deixou de fora alguns pormenores, como o fato de Ah Tabai ser humano e de Justine ter sido capturada pelos Kulsat. Em vez disso, ele disse-lhe que o seu amigo tinha morrido, quando a nave alienígena foi destruída pelas minas à volta de Plutão.

Quando terminou a sua história, os dois voltaram para o laboratório maior e aproximaram-se de Sian. O programador deu-lhes um olhar inquisidor.

“Como é isso está a correr?” Perguntou Alex. Mantendo a sua voz calma.

Sian pestanejou. “Lentamente. Há muitas variáveis.”

“Há algo que eu possa fazer para ajudar?” Perguntou Alex. “Precisamos de acelerar o calendário.”

Olhando de relance para Alice, Sian assumiu um olhar de preocupação.

Alice virou-se para o guarda. “Deixem-nos.” No início, o soldado não se mexeu, mas sob o olhar contínuo dela, ele finalmente concordou.

“Sua Alteza.” Disse ele, e saiu.

Alice fechou a porta atrás de si e enfrentou Sian. “Estou ciente de que você e Alex têm estado a fazer arrastar este projeto.” Ela levantou uma mão. “Não se preocupe. Vou relatar que você esteve apenas a ser meticolosos, nos seus cálculos. Há novos desenvolvimentos que requerem a máxima eficiência.”

Sian disse: “Nesse caso, há muito trabalho para fazer.”

Passando para o outro computador, Alex abriu o código do programa. “Diga-me apenas o que é que precisa. Já passou algum tempo, mas eu

aprendo rapidamente.”

∞

Nos dois dias seguintes, Sian e Alex trabalharam no programa para criar o algoritmo, para divulgar as frequências ocultas na Canção das Estrelas. Enquanto eles programavam o código, Alex perguntou-se como é que Klaus teria conseguido criar o seu programa com tanta precisão: de acordo com o relatório de Justine, ele ficou com seis combinações possíveis do código.

Em determinado ponto, Alex não conseguiu acompanhar mais o trabalho de Sian e estava apenas a atrapalhar.

Frequentemente, Alice vinha verificar o progresso deles. Sempre que estava lá, ela ordenava ao guarda que os deixasse sozinhos.

Numa dessas vezes, quando o código estava em fase de conclusão, ela fez sinal para Alex se juntar a ela, no outro lado do laboratório.

“Sim?”

Ela virou-se para um painel holográfico e puxou vários gráficos de astrofísica.

“Não sei quanto é que você aprendeu com seus amigos alienígenas, ou quanto é que você teorizou por conta própria, mas eu tenho algumas ideias que gostaria de partilhar consigo.”

“Muito Bem. Explique.”

“Tem a ver com a natureza dos faróis estrela. Quando você viajou até ao Sistema de Centauri, fê-lo somente à velocidade da luz, embora não estivesse consciente na viagem. No entanto, quando os Gliesans regressaram aqui, a viagem foi quase instantânea.”

“Sim.” Disse Alex. “Eles disseram que os faróis estrela coexistem no mesmo ponto, no espaço.”

O rosto de Alice ficou nublado. “Isso implicaria algum tipo de Cruzamento quântico, mas não foi isso que você disse anteriormente. Você disse ‘fora do nosso plano de existência, todos os faróis estrela ocupam o mesmo espaço’.”

“Certo.”

Ela balançou a cabeça. “Isso não é a mesma coisa.”

“Eu compreendo.”

“Durante séculos, os físicos andaram às voltas com os conceitos de viagens mais rápidas, do que à velocidade da luz. Por exemplo as pontes de Einstein-Rosen, ou *wormholes*. Andaram às voltas com os conceitos de tunelamento quântico, baseado no efeito Casimir. Há a teoria de correção, que você deve

conhecer como hiperespaço. Então, pode-se supor que ‘fora do nosso plano de existência’, seja uma referência a isso. Afinal, como é que pode existir a luz, se você estiver a viajar mais rápido do que ela? Mas algo não faz sentido. Não me parece, que seja essa a resposta.”

“Então qual é?”

“Bem, como podem dois ou mais objetos, ocupar o mesmo espaço? É uma impossibilidade física.”

“E se for decoerência?” Perguntou Alex. “Algum tipo de relacionamento entre imortalidade quântica e suicídio quântico?”

Alice assentiu. “Isso era o que eu estava a pensar. Mas acho que há algo mais, em relação a isso.”

“Continue.”

“Bem, aqui é onde eu encontro uma barreira. Não posso deixar de pensar, que muitos destes conceitos têm raízes nas religiões antigas. É quase como se os nossos antepassados, de há milhares de anos, tivessem uma melhor compreensão dos aspetos metafísicos do universo e não estivessem emaranhados com a nossa necessidade de quantificar, em termos científicos.”

“Você acha que isto tudo, pode ter algo a ver com religião?”

“Bem,” disse Alice, “uma grande parte do misticismo Maia foi baseada no ‘contato dos seus antepassados com esses seres luminosos’. A Graça, como você lhe chamou. É de uma extensão tal, que, outras religiões e culturas, podem ter tido algum tipo de contato e desenvolvido as suas próprias explicações para isso?”

Incerto sobre o rumo que a conversa estava a tomar, Alex perguntou: “Então, você acha que as religiões antigas, tinham uma melhor compreensão do universo que nós?”

“Talvez não de uma forma científica, mas a sua falta de conhecimento astrofísico, não os impediu de formar teorias.” Alice levantou um dedo. “Então, se examinarmos novamente a utilização do seu amigo alienígena da frase ‘fora do nosso plano de existência’, devemos admitir a possibilidade de transferência dimensional.”

“Você acha que os faróis estrela, podem enviar uma nave para outra dimensão...”

“...Onde poderá existir um farol estrela correspondente, num ponto fixo do espaço...”

“... E depois enviar a nave de volta para a nossa dimensão, num ponto diferente do espaço.”

“Isso explicaria tudo, não é?”

Alex assentiu. “Eu acho que sim.”

Pela primeira vez, desde que tinha conhecido Alice, Alex viu a sua expressão de puro deslumbramento. A jovem zangada e amarga tinha desaparecido. A astrofísica era a sua vocação e, podia dizer que era o que a fazia feliz. No fundo, ele desejava tê-la conhecido noutras circunstâncias, bem diferentes das que a levaram até ali.

Alex estava ciente de que, embora tivesse cronologicamente mais de trinta anos de idade e fosse apenas alguns anos mais jovem do que Alice, por causa do tempo que passou no estado fotónico, biologicamente ele era um jovem de dezoito anos de idade. No entanto, mais do que a idade, havia muitas diferenças entre os dois.

Percorreu-o uma pontada aguda de pesar, pela forma como o curso da sua vida o tinha afetado. De repente, Alex sentiu-se mais sozinho do que nunca.

“Está feito!” Disse Sian, arrancando-o do seu devaneio.

Praticamente a saltar do seu banco, Alice correu para ver o código concluído. Alex seguiu-a, num ritmo mais lento.

“É a compilação.” Disse o programador. “Mais um minuto e depois poderemos executar o algoritmo.”

Os três assistiram juntos, como se aquele ato pudesse acelerar o processo. Quando o programa ficou pronto, Sian olhou para eles.

“Quer que o execute?”

Alice balançou a cabeça, com o rosto a revelar que ela estava demasiado entusiasmada, para o dizer em voz alta.

Sian executou o programa. Em poucos segundos, cuspiu duas combinações possíveis para a sequência de preparação.

“Duas?” Disse Alice, franzindo a testa.

O programador acenou levemente com a cabeça. “Eu não sei como é que Klaus conseguiu obter a sequência correta, na primeira vez.” Ele virou-se no seu banco. “A única coisa que posso pensar, é que ele deve ter utilizado a recitação do neto de Yaxche, enquanto nós utilizámos a de Yaxche - e sim, temos duas gravações.” Respirando, ele disse “É possível que a voz do velho se tenha tornado mais fraca, ao longo dos anos. E que ele tenha falhado uma nota.”

“Pelo menos, não temos que nos preocupar com variáveis.” Disse Alex. “Klaus não teve acesso a mim, nem aos ensaios da Quantum Resources, então teve que testar as condições do ambiente, a gravidade, atmosfera, o

volume de Kinemet e assim por diante. A partir dos registros dos nossos ensaios e pelo que a Major Turner me disse, eu posso recriar as condições necessárias.”

Alice respirou fundo. “Mas ainda significa, que só tem cinquenta por cento de hipóteses de acertar. O que significa...”

Uma outra voz cortou a sua discussão. “O que significa que terá de haver um sacrifício necessário.”

Alex não tinha reparado, que a porta principal para o laboratório se tinha aberto. Na porta, de pé, com a ajuda das suas pernas biomecatrônicas, estava Chow Yin com as mãos na cintura, a examinar os ocupantes do laboratório.

Ele deu-lhes um olhar de desaprovação. “Vocês achavam que eu os iria deixar com os vossos dispositivos, sem vos monitorizar a cada passo?”

“Alteza!” Disse Sian, num suspiro.

“Eu esperava a traição do Sr. Manez, mas de si Sian? Eu salvei-o da prisão perpétua. Estou muito desapontado.”

Então, ele balançou um dedo acusador para Alice, o rosto contraído numa expressão de desaprovação. “E você, minha filha.” Depois, os seus lábios abriram-se num largo sorriso. “Você estava... certa! Tudo o que precisava de fazer, era parecer a donzela em perigo que precisava de ser resgatada, para ver o seu cavaleiro de armadura brilhante dar-lhe todos os segredos dele.”

O estômago de Alex deu uma volta. Ele tinha sido ludibriado facilmente.

Com um sorriso de vigarista satisfeito no rosto, Alice separou-se dos outros dois e caminhou para se colocar ao lado do seu pai.

Balançando a cabeça, Chow Yin fez sinal para os guardas que o acompanhavam entrarem no laboratório e pegarem nos prisioneiros.

Sian deu um passo para trás e tentou resistir, quando um dos guardas agarrou no seu braço. “O que é que você nos vai fazer?”

Chow Yin, o Imperador do Sistema Solar, disse: “É muito simples. Temos duas fórmulas possíveis para criar um ‘kinemat’ e agora temos um voluntário.”

**Cerro Azul:
Guatemala:**

Quando Patli terminou de contar a sua história, Michael notou que os olhos de Humberto demonstravam aborrecimento, não para com o contador de histórias mas para com ele, como se estivesse a tentar avaliar a reação dele. Era uma história incrível e, se Michael não tivesse encontrado Ah Tabai, Aliah e os Kulsat, teria imediatamente considerado o conto como; mais uma fábula.

Porém, agora ele estava inclinado a acreditar, que a história tinha fundamento. Desde a descrição da nave da Graça e da sua destruição, até ao envenenamento por radiação, causado pelo pedaço de Kinemet ativo, levado para o acampamento, terminando com o salvamento dos moradores pelos alienígenas-pássaro altos, tudo se encaixava com aquilo que Michael já tinha aprendido.

Obviamente que ele não tinha escondido a sua crença, ao ouvir a história; a expressão de Humberto ao observar Michael, era a prova disso.

Por breves momentos, passou pela cabeça de Michael negar a história. Afinal, nesta altura, quanto menos pessoas conhecessem a verdade da história da galáxia, menor era a hipótese que aquelas informações chegassem a Chow Yin, que iria utilizá-las em seu benefício.

O historial da ajuda e da fiabilidade de Humberto, levaram Michael a confiar no Cruzado.

Como se tivesse sentido que Michael já tinha tomado a sua decisão, Humberto perguntou: “Você acha que tudo isto é verdade?”

“Em grande parte, sim.” Michael esfregou a barba incipiente no seu queixo. “Eu não posso entrar em detalhes. É uma questão de segurança internacional e, jurei segredo ao meu governo. Não irá revelar a ninguém,

aquilo que aprendeu aqui?”

Concordando, Humberto disse: “Contando que eu tenha a sua palavra, de que o nosso povo não será mais explorado. Parece que há uma ligação entre os nossos antepassados e o que quer que seja que haja ali em cima.” Ele apontou para o céu.

“Vou colocar as coisas desta forma.” Disse Michael. “Há uma ameaça muito real e iminente na galáxia, conhecida apenas por um pequeno grupo de pessoas. O ‘deus’ descrito na história de Patli, é mais provável que tenha sido um membro de uma raça poderosa de alienígenas que, simultaneamente, conseguia controlar os outros sistemas da galáxia. No milénio passado, essa raça desapareceu e a ameaça cresceu.”

“Parece-me que você está a falar de algo mais perigoso, do que o Imperador Chow Yin?”

Michael disse: “Nós encontrámos essa ameaça. Eles destruíram a nossa nave com um único golpe e, pelo que aprendemos, a razão pela qual não nos destruíram, foi porque não consideraram que valêssemos esse esforço.”

Apontando para Patli, Humberto disse: “E você acredita que a nossa única defesa, pode ser encontrada dentro dum conto com mil anos de antiguidade?”

Michael encolheu os ombros. “A fórmula para a conversão kinemética, estava no conto deste contador de histórias - na Canção das Estrelas - Aparentemente, foi repassada para esse Subo Ak, pelo alienígena moribundo. Talvez Subo Ak nos tenha deixado mais pistas, que nos podem ajudar.”

Humberto falou rapidamente em espanhol para Patli, que concordou e respondeu. O Cruzado disse: “Ele diz que o santuário está numa área, há muito esquecida - *El Cerro Azul* - as Colinas Azuis. Foi onde os guerreiros da aldeia desaparecida souberam, pela primeira vez, do destino dos seus entes queridos. É junto ao santuário, onde Subo Ak gravou a história em colunas de pedra. Patli não vai até lá, há mais de vinte anos, mas lembra-se do caminho.”

Os dois falaram um pouco mais em espanhol e Humberto disse: “O santuário é mesmo na fronteira com a Guatemala. Ele diz que há um trilho para cavalos, que pode ser suficientemente largo para o nosso camião. Lá, não há guardas da fronteira.”

“E ele está disposto a mostrar-nos o caminho?”

Humberto assentiu. “Ele parece estar muito feliz em fazê-lo. Poucas pessoas têm demonstrado tanto interesse na história como ele.” Ele disse algo a Patli e, apesar da sua idade, saltou da cadeira e correu para casa. Quando voltou, já tinha calçado botas de montanha e trazia um saco grande cheio de

comida. Estava pronto para se pôr a caminho.

Juntos, foram para o caminhão. Yaxche e Patli encaixaram-se à frente, ao lado Miguel, enquanto os outros três se acomodaram na parte de trás.

“Provavelmente, temos combustível suficiente para chegar até lá,” disse Miguel quando entrou na estrada de terra batida e seguiu para norte, sob a orientação de Patli “mas duvido que tenhamos o suficiente, para voltar para as Ruínas de Copán.”

“Não há problema,” disse Humberto. “Las Amates fica apenas a vinte ou trinta quilômetros, a norte da fronteira. Devemos ser capazes de chegar até lá, para reabastecer. Se não, eu tenho lá alguns amigos, que nos podem trazer algum hidrogénio.”

Informando Diego, Humberto disse: “Se este trilho de cavalos for transitável, podemos seguir nele, discretamente, até chegar à Guatemala.”

Afinal, o trilho era aceitável, mas apenas para andar a pé ou a cavalo. O caminhão era muito grande e o chão demasiado mole para os pneus terem tração. Tinham que sair e andar. Enquanto os três Cruzados usava botas militares e Patli tinha botas de montanha. Já Yaxche e Michael tinham sapatos pouco ou nada cómodos, para aquele tipo de terreno.

De acordo com o velho, estavam a apenas alguns quilômetros de distância do santuário. Quando lá chegaram, os pés de Michael estavam completamente cheios de lama e os seus tornozelos cheios de bolhas. Sentia-se tão infeliz, que mal se apercebeu, quando, finalmente, chegaram ao seu destino.

A área, conforme Humberto lhes tinha indicado enquanto caminhavam, fazia parte de um parque nacional. Embora existisse ali alguma indústria turística, não lhes parecia que muitas pessoas se aventurassem tão profundamente nas montanhas. Mesmo se o fizessem, poucas saberiam interpretar a escrita Maia do santuário.

“Parece que já não vem aqui ninguém, há bastante tempo.” Disse Humberto, apontando para a erva muito alta da clareira e para a vegetação demasiado cerrada.

Perto da linha das árvores, havia um conjunto de quatro colunas de pedra que não tinham mais que dois metros de altura. Os glifos Maias cobriam toda a sua superfície.

Patli, quase sem fôlego da caminhada, foi para as colunas e passou as palmas das suas mãos sobre elas. Ele deu a Michael e aos outros um largo sorriso e começou a falar em maia.

Yaxche, que durante a viagem não parecia ter-se sentido muito melhor que Michael, disse: “Ele está a dizer-nos o significado de cada glifo.”

“A história que ele nos contou em casa, parecia muito mais longa.” Disse Michael, examinando as quatro colunas.

Humberto assentiu. “O estilo de contar histórias em glifos, é mais como um assinalar de pontos-chave. Quando contava a história, o sacerdote preenchia a narrativa, à medida que a recitava. Há muito espaço para interpretação.”

“Pois,” disse Michael. “Quando os nossos linguistas tentaram decifrar a Canção das Estrelas, tivemos uma dúzia de versões diferentes e cada tradutor insistiu que a sua, era a correta.”

Humberto levantou um dedo e um vinco apareceu na sua testa, à medida que fazia perguntas a Patli. Quando o homem mais velho respondeu, o Cruzado falou com Michael. “Ele diz que, a única coisa que está escrita nas colunas, sobre onde o alienígena pode ter sido enterrado é: Subo Ak levava de sol a sol para percorrer a distância a pé, através do vale da Sierra de las Minas.”

“Doze horas.” Michael olhou para trás. “Que distancia é que percorremos, desde onde deixámos o camião?”

“Cerca de 10 km. Demorou um pouco menos de quatro horas.”

“E nós não somos propriamente jovens e não estamos em forma”. Na sua cabeça, Michael calculou. “Se ele caminhasse mais rápido que nós, podemos considerar um alcance máximo de, digamos, trinta quilómetros a partir daqui.” Momentos depois, Michael acrescentou: “Claro, isto com base na nossa interpretação dos glifos.”

Humberto tirou o painel holográfico e puxou um mapa do terreno. “Numa orientação geral para norte, eu diria que nós devemos procurar nesta seção, ao longo do limite sul da serra.”

Michael empalideceu. “Isso é, com facilidade, mais de dez mil hectares. Pode levar-nos semanas, para explorar tanto chão.”

Humberto puxou outra tela. “Há um fornecedor de material de mineração na Cidade da Guatemala. O Ministro Guatemalteco da Cultura é um dos nossos adeptos.” Ele olhou para Michael. “Eu posso confiar nele. Vou pedir-lhe, que nos envie mapas de pesquisas por satélite. Deveremos ser capazes de rastrear cavernas nessa área. Temos que arranjar alguns equipamentos, tais como: *scanners* a laser, esse género de coisas.”

“Arranje um detetor de radiação.” Disse Michael. “A meia-vida do

Kinemet, é de aproximadamente centenas de milhares de anos. Isso pode ajudar-nos.”

“Bem.” Humberto digitou uma mensagem. “De acordo com o mapa topográfico, há um afluente do rio Motagua a poucos quilômetros daqui e uma pequena aldeia, mais alguns quilômetros a jusante. Vou pedir aos meus amigos em Las Amates, que nos levem até lá.”

A excitação de Michael foi rapidamente sufocada. “Quanto menos pessoas souberem quem somos e o que estamos a fazer, melhor.”

“Não se preocupe,” Humberto disse: “eu confio nestes homens com o meu...”

Ele foi interrompido pelo som de um tiro de espingarda a cortar o ar. Diego, que estava de pé na orla sul da clareira, caiu para trás, quando uma bala atravessou o seu ombro e ele desapareceu sob a longa erva.

Miguel virou-se e correu para dentro da floresta, mas uma bala atingiu-o na perna, fazendo-o virar-se, antes que, soltando um grito, caísse ao chão.

Antes que alguém tivesse oportunidade de reagir, uma voz alta gritou em espanhol. “*¡No se mueva!*”

**Nave Gliesan:
Sistema de Centauri:**

Justine assistiu, enquanto os Gliesans manobraram a nave de patrulha, para se aproximar da cápsula de segurança. No último momento, a cápsula desviou-se para o porto e acelerou, afastando-se.

“Eles pensam que os estamos a atacar.” Disse Justine. “Existe alguma forma de podermos comunicar-nos com a Mancha Vermelha? Eu poderia explicar-lhe o que estamos a fazer.”

Naila esticou um dedo de penas para um espaço aberto, na parede ao lado dele e tocou na superfície flexível. Uma consola cintilante saiu da parede, moldando-se. O alienígena pressionou uma série de pequenos quadrados no dispositivo.

“É raro que uma nave dos Kulsat responda a uma comunicação, mas você pode tentar. Coloque a sua mensagem neste recetáculo. O nosso programa de comunicações irá traduzir para os computadores dos Kulsat.”

Ele passou o dedo ao longo de uma seção da consola e uma protuberância fina saiu da parede, formando aquilo que Justine assumiu que fosse um microfone.

Justine aproximou-se dele e disse: “Mancha Vermelha, aqui é Justine. Se você me conseguir ouvir, por favor responda. Nós não estamos a tentar atacar. Os Gliesans concordaram em ajudar-nos.”

Justamente quando Justine pensou que não haveria resposta alguma, falou uma voz monótona. “Não haverá nenhuma ajuda. Eles irão torturar-nos. É preferível a morte.”

“Eu prometo que isso não é verdade.” Disse Justine. “Deram-me a palavra deles.”

Passaram-se alguns momentos, antes que a Mancha Vermelha respondesse.

“Você não pode garantir a nossa ‘continuidade’. Os nossos inimigos praticaram engano consigo, Justine.”

Tentar fazer a ponte, entre aqueles dois mundos tão diferentes, era frustrante. Justine deu a Naila um olhar exasperado. “Existe algo que você possa fazer, para lhes provar que não serão torturados?”

Naila e Fairamai trocaram um olhar. O piloto olhou para Justine. “Você mostra uma compaixão incomum, para com uma espécie violenta que não mostra compaixão pelos outros.”

Balançando a cabeça, Justine disse: “Você não pode julgar toda uma cultura, com base nas políticas de quem está no poder. A Mancha Vermelha provou, que nem todos os Kulsat são como aquele ‘emergente’. Ela protegeu os outros da fúria assassina do Três Crescentes, e ajudou-me, sendo alienígena, a escapar dele.”

Inclinando a cabeça, de uma forma que Justine interpretou como estando confuso, Naila inclinou-se para o microfone.

“Aqui é Naila da *Fainne*. Você tem a capacidade para transmitir as minhas palavras a toda a sua nave?”

“Todos os Kulsat a bordo conseguem ouvi-lo.” Veio a resposta monótona.

Formalmente, Naila disse: “Em nome do Coletivo de Mundos e do Parlamento de Gliese, eu estou disposto a oferecer-lhe, bem como aos outros membros da sua equipa, o direito de asilo, em troca de vossa liberdade condicional, que vocês irão renunciar a todas as hostilidades contra o Coletivo, agora, e no futuro. Vocês irão viver, mas nunca serão autorizados a deixar o Espaço Gliesan, para o resto das vossas vidas. Vocês concordam com estes termos?”

Algum tempo depois, mesmo após largos momentos, a Mancha Vermelha respondeu: “Todos estão de acordo. Nós aceitamos as vossas condições.”

“Parem os motores. Vamos atracar o vosso transporte à nossa nave e entrar em voo etéreo.”

“Obrigada, Naila.” Disse Justine.

Naila fez um ruído baixo gutural. “Não me agradeça ainda. O transporte deles é muito maior do que a nossa nave de patrulha e, as nossas análises indicam, que existe mais de uma centena deles. Se a cápsula estiver presa à nossa nave e pressionarmos a unidade quântica até à sua capacidade máxima, devemos ser capazes de os converter para o sono etéreo. No entanto, não posso garantir que todos sobreviverão ao voo etéreo.”

Justine abriu a boca, a pedir para lhe explicar, mas Fairamai levantou-se do

seu assento e apontou para o corredor que levava para a parte traseira da *Fainne*.

“Se me seguir pelo corredor, Justine, vou levá-la para o habitáculo. É para sua segurança.”

Quando Naila começou o processo de ancoragem, Justine seguiu Fairamai e fez-lhe uma pergunta. “Que tipo de perigo é que Naila estava a falar?”

“Tenho a certeza de que você está ciente, de que pode haver desorientação, ao sair do voo etéreo.”

“Na verdade,” disse Justine, enquanto seguia a Gliesan, “só estive numa nave de *quantum* uma vez e, na altura, eu era o piloto. Não fazia ideia do que estava a fazer, embora tivesse aprendido rapidamente, mas pareci ser capaz de gerir bem a transição.”

“Para o nosso voo,” disse Fairamai “apenas o piloto estará na forma etérea e permanecerá consciente. É a maneira dele. Todos os passageiros e tripulantes das nossas naves, independentemente, de serem ou não ‘éteres’, são colocados em sono etéreo, antes do voo etéreo. É para segurança deles. Você não vai estar consciente durante o voo e nem eu.

Infelizmente, Naila não conseguirá colocar todos os Kulsat em sono etéreo. Ele só vai conseguir manter uma ligação com mais ou menos uma dúzia deles.” Momentos depois, ela disse em voz baixa. “Os Kulsat ‘emergentes’, aparentemente, não se preocupam em induzir o sono etéreo na sua tripulação e deixam que os seus motores quânticos realizem a conversão. Os Kulsat podem ter uma tecnologia mais avançada, mas isso não significa que sejam mais iluminados.”

Justine imaginou que sono etéreo, devia ser o termo que era utilizado para colocar outro ser em estado quântico, fosse por um ‘kinemat’, ou por uma unidade quântica. Sentindo a profunda emoção por detrás da última declaração de Fairamai, Justine ficou curiosa sobre a diferença. “Porque é que vocês não usam a unidade quântica, para iniciar a mudança fotónica nos passageiros?”

O alienígena sacudiu a cabeça. “Há um risco significativo dos passageiros não retornarem ao estado físico, se a unidade etérea iniciar o sono etéreo.”

“Ohhh...!”

“Você não estava ciente deste problema?” Perguntou Fairamai. “Você teve um atraso perceptível, quando a nave saiu do Espaço Etéreo?”

Engolindo, perturbada com o pensamento de que tinha havido uma hipótese de todos, a bordo da *Ultio*, ficarem presos no estado quântico,

Justine disse: “Sim. Esse foi um dos nossos maiores obstáculos, quando começamos a fazer experiências com unidades quânticas.” Quanto mais ela aprendia, mais percebia que ainda havia muito mais para aprender. “Muitos dos nossos pilotos de teste morreram...”

Fairamai tinha chegado ao habitáculo e gesticulou para Justine entrar primeiro.

“Lamento ouvir isso.” Disse a alienígena. “Nós passamos por anos de treino, para dominar a forma etérea e induzir o sono etéreo, antes de sermos autorizados a levar uma nave para o Espaço Etéreo.”

“Uma vez que vocês dois, têm a capacidade de se tornar fotônicos,” perguntou Justine, “porque é que vamos em sono etéreo?”

“Apenas uma consciência, pode pilotar uma nave em estado etéreo. Se forem duas consciências, haverá conflito e instabilidade. A hipótese de voltar ao espaço normal, é severamente diminuída.”

Justine sentiu o seu estômago dar voltas, com aquele pensamento. Teria sido mais uma lição fatal, para a NASA e a Quantum Resources aprenderem. No fundo da sua mente, ela estava consciente de que, nos quatro anos depois que ela saiu do Sistema Solar, podem ter ocorrido uma série de desastres, caso a Terra tenha continuado com as experiências quânticas.

Fairamai disse: “O relatório que recebemos da outra nave de patrulha, indicava que a vossa viagem a Centauri, foi inteiramente no Espaço Etéreo. Os riscos de acidente teriam sido muito maiores, se tivessem ‘saído da luz’. Você tem sorte em estar viva.”

Fairamai tocou num ponto na parede e uma cama suspensa, do tipo rede brasileira, formou-se a partir do metal fluídico.

“Você estará segura aqui.”

Contudo, Justine não se deslocou para a cama. A sua boca estava aberta, em estado de choque.

“Existe algum problema?” Perguntou Fairamai.

“O que é que você quer dizer com ‘saído da luz’?”

Fairamai movimentou levemente a cabeça e fez um gorjeio. Pareceu surpresa quando disse: “Vocês também não estavam cientes disso?”

Justine sacudiu a cabeça. “Eu achei que tinha sido um erro do computador de tradução, quando disse que a outra nave de patrulha vos tinha enviado um relatório, antes de viajar para o meu Sistema Solar. Pensei que isso significava, que vos tinham deixado um relatório aqui, em Centauri; mas eles *foram* realmente para Gliese e depois para o Sistema Solar, não foi?”

“Sim.” Fairamai assentiu. “É pela Graça que viajamos ‘fora do nosso plano de existência’. Dentro de um sistema, nós viajamos no Espaço Etéreo, ou seja, dentro da velocidade da luz. Mas quando alcançamos os faróis estrela, somos capazes de chegar a outro sistema instantaneamente.”

Justine não conseguia perceber aquilo. “Como?”

“Fora do nosso plano de existência, todos os faróis estrela ocupam o mesmo espaço.”

“Você está a falar sobre Cruzamento Quântico?”

“É uma teoria. No entanto, as nossas experiências nessa área demonstraram-se inconclusivas.”

Mordendo o lábio, Justine perguntou: “O ‘sair da luz’ é outra dimensão?”

“Isso não se sabe. Quando estamos ‘fora do nosso plano de existência’, nenhum de nós tem consciência. É somente pela Graça, que somos capazes de voltar ao Espaço Etéreo, noutro sistema.”

Atordoada, Justine caminhou para a cama suspensa e deitou-se nela. “Passei quatro anos em estado quântico,” disse ela, com voz rouca. “... poderia ter feito a mesma viagem, num pestanejar.”

“É pouco provável.” Disse Fairamai. “Além de não estar treinada para isso, as vossas naves ainda não têm a tecnologia adequada. Tudo isso virá com o tempo.”

Sentando-se, Justine disse: “Então você deve treinar-me e mostrar-me como utilizar corretamente os faróis estrela.”

“Não podemos.” A alienígena encolheu os ombros delicados. “Estamos proibidos de interferir na vossa evolução tecnológica. É um conhecimento que vocês precisam de descobrir, por si mesmo. Eu já estou em território ambíguo, ao avisá-la dos perigos.”

“Realmente não percebo essa política.” Disse Justine.

“Foi por causa dos Kulsat, que a Graça fez da não-interferência, uma lei.”

“Dos Kulsat?”

Fairamai fez um gesto tocando na parede ao lado dela e apareceu uma consola, a mostrar coisas escritas, que Justine não conseguia ler.

A alienígena disse: “Ainda temos algum tempo, antes que Naila termine de acoplar a Nave *Amiga*. Enquanto esperamos, vou contar-lhe a história. É material não-restringido.” Ela sacudiu os dedos pelo painel e ele desapareceu na parede.

Um outro assento reclinável, semelhante à cama suspensa de Justine, formou-se debaixo de Fairamai e ela afundou-se nele.

“A Graça, que se chamavam Xtôti, descobriu o Espaço Etéreo, há quase um milhão de anos. Eles exploraram a nossa galáxia e erigiram um farol estrela em cada sistema que tivesse um planeta que sustentasse vida, ou reservas de Rocha de Éter, para que não demorassem anos ou séculos, a regressar a esses sistemas.”

“Os Kulsat, foram a segunda espécie da galáxia, a iniciar as viagens no espaço. Pensamos que isso ocorreu há aproximadamente oito mil anos. Pela vossa própria história, você compreende que a evolução social pode levar muito tempo. Talvez a Graça tenha ficado muito impaciente. Eles deram o conhecimento do Espaço Etéreo aos Kulsat, como um presente. Os Kulsat ainda não tinham amadurecido como sociedade e rapidamente se dividiram num sistema de castas;; Aqueles que conseguiam alcançar a forma etérea, e aqueles que não eram capazes de fazer a mudança.”

Justine interrompeu. “Os ‘deficientes’.” Ela pensou em Alex. “Eles não eram capazes de se transformar completamente.”

“Sim. É raro que isso aconteça nas outras raças mas, há algum tipo de problema fisiológico com a espécie dos Kulsat. Menos de um, em cada dez mil, é capaz de se transformar num ‘emergente’.”

“Foi por isso que os ‘emergentes’ cultivaram para si, um estatuto de elite.”

“Sim,” disse Fairamai, “mas também por causa do diferencial de tempo de vida.”

“De vida útil?”

“Um Kulsat normal, tem uma esperança média de vida de cerca de dois a três anos.” O tradutor calculou o tempo equivalente, para a referência de Justine. “Aqueles que falham no processo de conversão, têm a sua esperança média de vida reduzida a uma média de um quarto. É a mesma taxa com todas as outras espécies, quando isso acontece.”

Justine engoliu em seco. “Um dos meus amigos da *Ultio*, Alex, não foi capaz de completar a transformação. Você quer dizer que a esperança de vida dele, também será abreviada?”

“Sim. Receio que seja esse o caso.”

O ser humano médio pode viver até aos cento e vinte anos. Alex tinha sido exposto a Kinemet quando tinha dez anos. Isso significava que, provavelmente, ele só teria mais vinte ou trinta anos de vida, a partir do momento em que foi irradiado, em Macklin Rock.

Fairamai disse: “Fazemos todos os esforços, para garantir que os não convertidos fiquem confortáveis. Embora nunca possam viver dentro do poço

de gravidade de um planeta, ou de uma lua, temos muitas estações no nosso sistema, onde eles trabalham e vivem as suas vidas.”

“Não há uma cura?” Perguntou Justine, ao que Fairamai sacudiu a cabeça.

Ela disse: “Os Kulsat chamam-lhes ‘deficientes’ e não os tratam muito bem. Muitas vezes, visto que a esperança média de vida é muito curta, são enviados para minar a Rocha de Éter, ou, pior ainda, são usados na linha da frente das tropas, em missões de combate suicidas, contra o Coletivo.”

Justine ficou horrorizada. “E os Xtôti não fizeram nada para deter os Kulsat?”

“Os Kulsat só começaram a guerra contra o Coletivo, depois da Graça desaparecer da galáxia. Antes disso, a Graça conseguia trvar os impetus dos Kulsat. Ninguém sabe como é que isso era feito, porque, se soubéssemos, há muito que teríamos utilizado o conhecimento para os deter.”

Depois de um momento, Fairamai continuou, “A Graça percebeu, que a interferência poderia ter consequências imprevisíveis. Eles decretaram então, que todas as espécies iriam guardar o desenvolvimento para si, especialmente, no que dizia respeito aos avanços tecnológicos. Só quando um sistema ‘emergisse’, é que poderia pedir para se tornar membro do Coletivo de Mundos e, partilhar tecnologia.”

Justine disse: “Isso responde a algumas das minhas perguntas sobre a cultura interna dos Kulsat mas, porque é que eles são tão agressivamente paranoicos, em relação às outras espécies? Certamente que deve haver uma maneira, de parar a guerra entre eles e o resto da galáxia. Você disse que isso já decorre há muito, muito tempo.” Justine sacudiu a cabeça com espanto, pelo pensamento de milhares de anos de guerra. “Será que tem algo a ver com o ‘componente final’, acerca do qual me estavam sempre a perguntar?”

Fairamai encolheu os ombros, de incerteza. “Nesta altura, só pode haver especulação. Ao longo dos séculos, foram perdidos muitos dos nossos registos e, aqueles que permaneceram, estão em discussão. Nós acreditamos que os Xtôti - a Graça - possuíam um nível mais avançado de tecnologia, relativamente à Rocha de Éter, do que temos conseguido desenvolver. Há dois aspetos neste avanço, que temos debatido interminavelmente.”

“Enquanto aqueles que falham a conversão em Éter, têm as suas expectativas de vida encurtadas, aqueles que se convertem com êxito, muitas vezes, têm mais do dobro do seu tempo de vida. Há uma teoria de que, individualmente, cada um dos seres da Graça viveu, durante um milhão de anos!”

Justine empalideceu, incapaz de se imaginar a viver tanto tempo. Melhorar a esperança média de vida, era um conceito familiar. A Humanidade tinha tentado explorar isso, ao longo de toda a história. Os povos primitivos, por exemplo, só viviam vinte ou trinta anos. Enquanto que, atualmente, estava a tornar-se mais comum, que as pessoas celebrassem o seu centésimo aniversário, conservando-se bastante ativas e lúcidas.

Para os Kulsat, a diferença entre cinco ou seis anos como ‘emergente’ e a imortalidade da Graça, era uma meta que seria difícil de ignorar.

“Você disse que havia dois aspetos.”

“O segundo pensamento é de natureza mais especulativa.” Disse Fairamai. “A nossa hipótese é que a tecnologia avançada, dá à Graça a capacidade de permanecer consciente ‘fora do nosso plano de existência’. Essa é a única explicação em que podemos pensar, para perceber como é que eles conseguiram criar os faróis estrela.

O último Xtôti desapareceu da galáxia, há quase mil anos e, quando eles estavam entre nós, não partilharam os segredos deles. No Coletivo de Mundos, muitos têm tentado descobrir esta tecnologia mas, desde então, o nosso conhecimento não avançou muito. A guerra com os Kulsat, dificultou o acesso aos recursos. Mais ainda, se os Kulsat conseguirem a tecnologia; irão controlar os faróis estrela e também a nós.”

Justine disse: “Na mensagem que Ah Tabai deixou ao meu amigo Alex, indicou que os Kulsat acreditavam, que esta tecnologia estava escondida num mundo ‘pré-emergente’. Existe alguma validade nisso?”

“Desde que, o Coletivo de Mundos aderiram às leis galácticas da Graça, que nós deixámos de explorar essa suposição. Até agora, os poucos mundos que ‘emergiram’, antes que os Kulsat os destruíssem, não encontraram o segredo perdido.”

Dando a volta à conversa, Justine perguntou: “Se o Coletivo de Mundos conceder estatuto de ‘emergente’ ao Sistema Solar, isso significa que vocês nos irão oferecer proteção contra os Kulsat?”

“Não podemos garantir a segurança de nenhum sistema.” Disse Fairamai. “Um mero exemplo, só no século passado, vimos as culturas de mais de uma centena de sistemas ‘emergentes’ serem destruídas pela armada dos Kulsat. Embora, possamos oferecer a ajuda para reforçar as vossas defesas. Existem maneiras de limitar as viagens, através do vosso farol estrela. É um processo difícil e exige o esforço combinado de muitos ‘seres etéreos’ para o fazer.”

Um sinal sonoro soou algures na parede e Fairamai disse: “Naila terminou

de atracar a cápsula dos Kulsat. Ele vai colocar-nos, brevemente, em sono etéreo. Quando despertarmos, estaremos no Espaço Gliesan.”

“Só mais uma pergunta.” Disse Justine. “Só porque nós conseguimos, aquilo a que você chama de voo etéreo, isso não significa que nos irão considerar ‘emergentes’, não é?”

“Para Gliese, passaram-se anos, depois da primeira descoberta da Rocha de Éter, até que fôssemos capazes de viajar ‘fora do nosso plano de existência’.”

Justine amaldiçoou-se. Os Kulsat, provavelmente, já estariam à procura do Sistema Solar. A Terra não tinha anos para jogar à apanhada.

Antes que ela pudesse formar mais algum pensamento, sentiu transformar-se no estado fotónico. Naila induziu-a ao sono etéreo.

**Cerro Azul:
Guatemala:**

Imediatamente, Michael correu para Yaxche e Patli, com a intenção de os empurrar para fora da linha de fogo. Humberto sacou da sua pistola, agachou-se e analisou a área arborizada para localizar os seus agressores.

“Eu disse, não se mexam!” Gritou o atirador, em inglês.

Michael congelou e olhou na direção que a voz tinha surgido. Não conseguia ver nada. Olhando para Humberto, Michael disse: “Eles cercaram-nos.”

“Coloquem as vossas armas no chão, virem-se e coloquem as mãos na cabeça.” Momentos depois, o atacante acrescentou: “Eu não quero ter que matar nenhum de vós, mas fá-lo-ei.”

Com um resmungo baixo, Humberto obedeceu. Só quando os quatro colocaram as mãos sobre as suas cabeças, é que duas pessoas, um homem e uma mulher, saíram de trás dos arbustos. Alarmado, Michael reconheceu o casal de turistas que estava na aldeia, no dia anterior. Eles seguiram-nos durante todo o caminho. Quem seriam eles?

Ele não lhes tinha prestado muita atenção na aldeia, mas agora olhou bem para eles. Ambos pareciam ser de origem espanhola e eram altos e magros. O cabelo preto do homem estava cortado curto, enquanto a mulher tinha o seu longo cabelo preso num rabo-de-cavalo. Nenhum deles sorria e os seus olhos irradiavam raiva. Havia algo de familiar no homem.

Ambos tinham caçadeiras de alta potência. O homem apontava para Humberto, enquanto a mulher passava lentamente a arma pelos restantes, um de cada vez.

“Quem são vocês?” Perguntou Humberto. Quando os dois não responderam, ele continuou: “Posso ir ver como é que os meus amigos estão?”

O homem acenou levemente com a cabeça e falou em inglês, com um forte

sotaque espanhol. “Eu sou um excelente atirador. Não lhes acertei em nenhuma área vital. Apenas no ombro e na perna. Ambos vão sobreviver. Contudo, se vocês não fizerem exatamente como lhes digo, vou certificar-me de que *não* sobrevivam.”

Com cuidado, para não deixar a sua pontaria desviar-se do seu alvo, o homem caminhou em direção a Humberto. Só quando estava mesmo à frente do Cruzado, é que parou. Sem olhar para trás, para se certificar de que a sua parceira lhe estava a dar cobertura, o homem colocou a caçadeira ao ombro. Permanecendo de pé e mantendo os olhos fixos em Humberto, ele estendeu a mão e agarrou no painel holográfico que o Cruzado tinha escondido numa bolsa presa ao cinto.

Ele tocou-lhe com o dedo e olhou para a tela. “Teve sorte em não ter tido tempo para enviar a sua mensagem; caso contrário, poderia ter que tomar medidas mais drásticas.”

“Quem são vocês?” Perguntou Humberto, novamente.

Continuando a examinar o painel holográfico e a folhear as telas para descobrir a história, o homem disse: “Que mapa é este? Porque é que esta área é tão importante para vocês? Porque é que querem fazer escavações lá?”

Uma onda de alívio passou por Michael. Se aquelas pessoas trabalhavam para Ruiz, então a organização deles, não fazia ideia do que é que ele estava a fazer nas Honduras e na Guatemala. A tentativa de o sequestrar e a Yaxche, não era mais do que uma expedição de busca. Sob nenhuma circunstância, ele poderia deixar que descobrissem sobre a sua verdadeira missão.

“É um depósito de jade.” Disse Michael.

A mulher estreitou os olhos. “Jade?” Ela soltou uma gargalhada de descrença.

“Eu costumava trabalhar para uma empresa de recursos canadense.” Disse Michael. “Um satélite mineral que varreu a área, há vários anos, indicou que pode existir um depósito. Era muito pequeno para a minha empresa. para uma grande empresa como a minha, não valia a pena explorá-lo. Contudo, pode ser valioso para uma mais pequena. Se o conseguir encontrar, posso vender as informações por uma comissão de dez por cento. Na minha idade, tenho que pensar na minha reforma.”

O homem e a mulher não pareciam convencidos e Michael acrescentou: “Eu pedi aos meus amigos, que me ajudassem a encontrar o depósito.”

“Se estamos equivocados relativamente a vocês, receio que os tenhamos que matar a todos.” O homem sorriu conspiratório. “Afim de contas, não

precisamos de testemunhas.” Ele levantou a sua caçadeira novamente para Humberto.

“Não, espere!” Disse Michael, estendendo a mão.

“Porquê?” Perguntou o homem, levantando uma sobrancelha. “Tem uma história diferente para me contar, Sr. Sanderson?”

Michael ficou boquiaberto. Como é que ele sabia o nome dele?

O homem acenou com a cabeça e o seu sorriso alargou-se. “Sim, nós sabemos tudo sobre si. A tentativa de desinformação por parte do seu governo, pode enganar os noticiários, mas não a nós.”

“O que é que vocês querem?”

“Lembra-se do *Señor* Oscar Ruiz? Ele ofereceu-lhe hospitalidade e proteção e, em troca, você levou a polícia até à plantação dele, arruinou o nome dele e roubou o conhecimento que o *Señor* Yaxche possuía, para os seus próprios objetivos.”

Michael olhou para Humberto e depois novamente para o homem. “Você trabalha para ele?”

“Trabalhar para ele?” Disse o homem, parecendo ofendido com a sugestão.

Humberto estreitou os olhos. “Ele é o vosso pai. Vocês devem ser Alondo e Nadia. Já estou a ver a semelhança.”

“E então” disse Alondo, finalmente, “agora que todos sabemos quem somos, vamos fazer uma nova tentativa.”

“O que é que vocês querem de nós?” Perguntou Michael.

Nadia falou. “Certa vez, você veio às Honduras e roubou a nossa nação. Levou o nosso conhecimento e, tanto o senhor como o seu país prosperaram. Agora, regressou. Por isso, acho que está aqui para roubar mais. Só que, desta vez, vai roubá-lo para nós. Vamos esculpir o nosso próprio legado.”

“Eu não estou aqui para roubar nada.”

Com um sorriso de escárnio, Nadia disse “Você está à procura de informações, tal como antes. Vai negar isso?”

Michael não o conseguia negar. Só que, quer do aspecto físico como psicológico, estava demasiado exausto da marcha. Para além disso, estava emocionalmente influenciado pela violência, para ser um ator convincente.

Alondo disse: “Você vai explicar, de uma vez por todas, o que é que está aqui a fazer. A tentar passar ilegalmente a fronteira para as Honduras. Outra pergunta; o que está realmente enterrado nesta serra? Garanto-lhe, *amigo*, que tenho mais balas, do que você tem amigos.”

À espera que Alondo e Nadia pensassem que ainda estava a mentir e os

matasse na mesma, Michael respondeu com uma voz calma, “Com base num conto popular, acreditamos que uma criatura alienígena foi enterrada algures naquelas montanhas, há mais de mil anos.”

“Você disse um alienígena?” Alondo sorriu. “Isso é uma história e tanto. Vamos investigar este conto de fadas, sim? Vou tomar as providências.”

∞

Alondo permitiu que Humberto e Michael cuidassem de Diego e de Miguel e eles fizeram o seu melhor, para ligarem as feridas dos homens. Os dois levaram os feridos para mais perto das pedras, onde tinham mais sombra. Depois de Alondo e Nadia lhes darem autorização, deixaram os dois homens com alguns cantis de água.

“Vou mandar alguém para os vir buscar.” Disse Alondo e, instruiu os restantes prisioneiros a marchar para norte, para a pequena aldeia que Humberto tinha visto anteriormente, no seu mapa.

Parecia que Alondo Ruiz e a sua irmã, não eram parcos de recursos. Ao longo do caminho, quando recebeu um sinal de satélite decente, Alondo fez várias chamadas no seu operador de comunicações. Nunca tentou esconder as suas conversas dos prisioneiros.

Contatou uma empresa de mineração que era parcialmente sua e ordenou-lhes que tratassem da papelada, para escavar naquela área.

Percebendo a confusão de Michael, Alondo riu. “O quê, você achava que ia para um parque nacional, com algumas pás e começava a cavar? A polícia estaria em cima de vós, antes de começarem a suar. Não, para manter as aparências, tudo será legalizado. O Presidente sabe como convencer certas autoridades guatemaltecas, para obter as licenças rapidamente. Não temam, começaremos o levantamento amanhã a esta hora. Depois de encontrarem o local, começaremos as escavações.”

Depois de mais de três horas de marcha, chegaram à aldeia e foram recebidos por dois homens armados, que dirigiam um camião de carga de duas toneladas. Os cativos foram levados para uma cama de dossel. Michael estava sentado no chão, aliviado, por finalmente, poder descansar os seus pés. Sentia-os, literalmente, a arder, repletos de bolhas. Tanto Patli como Yaxche, pareciam mais desgastados. Humberto estava mais irritado do que exausto, mas mantinha a cabeça baixa.

Os irmãos iam à frente com o motorista e o outro homem armado, estava sentado com os prisioneiros na parte de trás, de caçadeira sempre pronta.

Seguiam para norte, durante meia hora. Pararam, quando chegaram a uma fazenda isolada.

Michael e os outros saíram do camião. Alondo levou-os para um celeiro e fez-lhes sinal para entrarem. Era composto por várias divisões, com o chão coberto de palha. As portas estavam fechadas e acorrentadas e uma janela no sótão foi selada. O celeiro não tinha animais, mas tinha alguns barris cheios. Michael tinha esperanças que estivessem cheios de água potável.

Alondo olhou para fora e acenou com a mão. Entrou um outro homem, segurando uma grande panela. Colocando-a no chão, removeu a tampa, para revelar uma mistura de milho, feijão e arroz. Não parecia particularmente apetitosa, mas já tinha passado tanto tempo, desde a última vez que tinham comido, que o aspeto era o que menos importava. Estavam famintos. Não parecia haver talheres, como se Alondo esperasse que comessem com as mãos.

Ele disse: “O meu pai acreditava que devia tratar os seus convidados com cortesia.” Ele olhou para Michael. “Porém, vocês não são convidados. Espero que *não* tenham uma estadia confortável.”

**Posto Avançado de Gliese:
Sistema Gliesan:**

Justine saiu do estado fotónico - sono etéreo - imediatamente. Não houve nenhum atraso entre os estados intangível e físico de ser, que ela tinha experimentado na sua última viagem. Enquanto algumas pessoas experimentavam desorientação momentânea, quando acordavam do sono normal, Justine tinha sido sempre uma daquelas pessoas que ficava instantaneamente alerta. Este processo não foi diferente.

Ela abriu os olhos e olhou à volta do habitáculo. Fairamai levou alguns momentos para abrir os olhos. A Gliesan fez um movimento de estremecimento rápido com a cabeça, como que para afastar os efeitos do sono etéreo e depois olhou para Justine.

“Chegámos.” Disse ela. “Estamos em casa.”

Expandindo a sua *visão*, Justine percebeu, rapidamente, que estavam num novo sistema solar. Tinha uma estrela anã vermelha no centro. Existiam vários planetas pequenos, que orbitavam próximos à estrela e quatro corpos maiores mais afastados. Vários planetas minúsculos, que mais provavelmente seriam considerados planetas anões, orbitavam na orla exterior do sistema. Pelo que podia sentir, não havia nenhum gigante gasoso em Gliese.

“Eu adoraria poder visitar o seu mundo de origem.” Disse-lhe Justine, cogitando se algum dos quatro planetas da zona habitável, seria o dela.

“Mesmo que fosse permitido, você não seria capaz de sobreviver mais do que alguns dias.”

“Ah?” Perguntou Justine. “Porquê?”

Fairamai levantou-se da sua cama suspensa e esta derreteu-se novamente na parede. “A nossa fisiologia foi alterada pelo processo do Éter. A gravidade de um planeta, ou até mesmo de uma lua, coloca uma pressão incrível sobre

as nossas células. Esta interfere com o Éter e reduz a sua capacidade de nos sustentar. Os nossos sistemas internos começam a parar.”

“Alex, o primeiro de nós a ser alterado pelo Kinemet, viveu vários anos na nossa lua, antes da sua saúde se deteriorar.” Disse Justine.

“Como você disse anteriormente, ele não está totalmente transformado. E pode até conseguir sobreviver vários meses na superfície de um planeta. Somos seres de luz, Justine. Já não somos verdadeiramente membros da nossa espécie.”

Havia uma pergunta que Justine ainda não tinha feito. Entendeu que era porque se tratava de algo, que não estava certa de querer saber. O Kinemet era um elemento milagroso e que daria a qualquer mundo, a capacidade para se aventurar para além das fronteiras do seu sistema solar. Existiam inúmeros benefícios, para aqueles que eram submetidos com sucesso à transformação kinemética e que ficavam alterados para sempre: a capacidade de pilotar naves entre as estrelas, o controle eletropático e a memória eidética. Em muitos níveis, era como um sonho tornado realidade.

Essa mudança, no entanto, trazia algumas desvantagens graves. Apesar dos muitos perigos envolvidos com a utilização do poder kinemético em si, eram os efeitos secundários, que travariam os potenciais candidatos. Nunca ser capaz de colocar os pés novamente no seu planeta de origem, sem correr o risco de morte, era uma desvantagem significativa.

Se Justine tivesse tido escolha, aquando da sua conversão e tivesse sabido desse inconveniente, teria sido uma decisão muito difícil de tomar. Era um problema suficientemente grande, que iria dissuadir muitos, para almejarem o caminho das Estrelas tornarem-se pilotos interestelares.

A mudança kinemética alterava uma pessoa a nível celular. Que outros efeitos secundários, é que essa mudança produziria?

Apesar de, hesitante em fazer a pergunta, Justine fê-la. “O que quer que nos queira chamar – ‘emergentes’, ‘kinemates’, ‘seres etéreos’ – nós não podemos ter filhos, ou podemos?”

“Não. Depois se sermos alterados, não.” Disse Fairamai, como se isso fosse um fato bem conhecido.

A confirmação foi como um soco no estômago de Justine. Embora ela tivesse tomado a decisão de não ter um filho seu, há algum tempo, a opção tinha estado sempre lá, caso ela mudasse de ideia. Agora, já não havia esperança. Klaus tinha-lhe tirado muito mais do que se pensava, quando forçou Justine à transformação.

A raiva cresceu dentro dela, mas não tinha para onde a direcionar. Klaus não tinha sobrevivido no Observatório Lucis mas, se tivesse, iria encontrá-lo e fazê-lo desejar que não o tivesse encontrado.

Fairamai levou-a novamente para a ponte e, quando lá chegaram, Justine já tinha conseguido recuperar o controlo das suas emoções.

O monitor no painel principal da consola, mostrou dezenas de naves de patrulha Gliesan, na vizinhança à volta do farol estrela. À distância, estavam algumas naves maiores, que pareciam ser algum tipo de cruzeiros militares: ela conseguia sentir a bordo deles, uma variação de Kinemet carregado para armamento. Considerando a guerra em curso com os Kulsat, Justine supôs que, se uma nave inimiga se dirigisse para aquele sistema, eles seriam rapidamente envolvidos na batalha.

Naila disse: “Eu transmitti o nosso relatório ao comandante Analock. Vamos ser escoltados para Skanse Aerie, a nossa estação mais afastada.” Olhando por cima do ombro para Justine, acrescentou “O comandante não ficou satisfeito por trazermos a cápsula dos Kulsat connosco... ou... que lhes tenhamos oferecido asilo.”

Endurecendo o queixo, Justine perguntou: “E o que é que ele disse sobre mim?”

“Com o facto de Ah Tabai e Aliah terem quebrado o protocolo e a lei galáctica e com a minha decisão de poupar o inimigo, a resposta dele à sua presença foi... Não-repetível. Todavia, ele enviou uma nave de correio para o Governante de Gliesan Principal, a pedir mais instruções.”

Justine sentiu-se intensamente culpada com a menção do ‘inimigo’, lembrando-se do aviso de Fairamai sobre o quão instável a conversão, de e para o Espaço Etéreo era, para seres normais. “Os Kulsat.” Disse ela. “Será que sobreviveram todos?”

“Há menos uma forma de vida, registrada nos nossos monitores.” Disse Naila.

Rangendo os dentes com a notícia, Justine ficou silenciosamente grata, que a sua ignorância não tenha custado a vida a nenhum dos passageiros da *Ultio*.

À medida que Naila colocava a nave em curso para a estação, Fairamai esticou o seu longo dedo e tocou no painel de controlo, do seu lado da ponte. Uma espécie de estação de trabalho surgiu, da parede de um dos lados da ponte e, uma cadeira com contornos levantou-se e flutuou acima do chão. A Gliesan fez um sinal para Justine se sentar.

“Skanse Aerie, fica a aproximadamente duzentos mil quilómetros de

distância, uma distância muito curta para viagens quânticas. Teremos que utilizar motores espaciais normais. Levará, pelo menos, quarenta minutos, até lá chegarmos. Talvez gostasse de aceder a algum material sobre a nossa história, antes de se reunir com um representante do Coletivo de Mundos e de apresentar o seu caso. Será melhor que vá tão informada, quanto possível.”

“Obrigado, Fairamai.” Disse Justine e acomodou-se na cadeira flutuante. Quando estava de pé, a tela parecia uma representação bidimensional; mas, uma vez sentada, a imagem diante dela expandia-se para um holograma volumétrico. A tecnologia tátil tinha acabado de começar a tornar-se popular na Terra e Justine estendeu a mão para manipular a imagem à sua frente.

“Não,” disse Fairamai, “a base de dados educacional tem um interface sináptico.”

“Como é que funciona?”

“Foque simplesmente a concentração em qualquer objeto ou palavra traduzida.” Ela apontou para uma pequena antena acima da tela. “Isto vai receber os seus impulsos neuronais. Para manipular a exibição, forme um dos comandos básicos na sua mente. Eu já introduzi traduções de ‘Ir’, ‘Voltar’, ‘Continuar’ e ‘Retornar’. Você pode personalizar outros comandos, com o interface na parte inferior. Subvocalize procura, para começar. Gostaria de sugerir que você começasse com as entradas sobre os Xtôti, antes de passar para a história dos Kulsat.”

Em silêncio, espantada com a notável tecnologia, Justine olhou para o visor. Havia apenas uma frase pendurada, em suspensão tridimensional: Por favor, forneça os parâmetros de pesquisa.

“História Xtôti.” Disse Justine sob a sua respiração e a exibição lançou a primeira página da base de dados, com um texto abrangente, bem como uma imagem tridimensional do que parecia ser uma tartaruga humanoide, sem casco. Por momentos, Justine ficou boquiaberta. Na sua mente, ela ainda não tinha formado uma imagem da Graça, mas aquilo não era o que ela estava à espera.

Antes de ler o texto, contudo, ela quis ter a certeza de que tinha controlo sobre o interface. Concentrou-se numa seta na parte inferior do visor e pensou *próximo*. Imediatamente, a página transitou para uma lista de tópicos. *Voltar*, pensou ela, olhando para o lado direito da página. A primeira página regressou. Na primeira linha do texto lia-se ‘Introdução’ e Justine focou-se nisso e pensou *ir*. A definição genérica de ‘Introdução’ apareceu no visor.

Ela brincou com os controlos por mais alguns segundos, até ficar confiante

de que podia navegar na base de dados.

A interface sináptica estava muito próxima de uma ligação telepática, poderia. Na Terra, a cirurgia de implante de ligação-pensamento, permitia que uma ligação muito rudimentar à TerraNet fosse implantada nos nervos óticos, com comandos ainda baseados na vocalização. Ainda não tinha sido desenvolvido um verdadeiro interface sináptico.

Virando-se para Fairamai, Justine perguntou: “Pode-se usar isto para a comunicação?”

Balançando a cabeça, Fairamai disse: “Existem demasiados conservadores no Parlamento. Eles proibiram a tecnologia sináptica para qualquer outra coisa, que não as bases de dados e as emergências médicas.” Ela fez um curto som estridente, que Justine interpretou como diversão. “Uma das primeiras demonstrações, foi embaraçosa para um determinado membro do Parlamento...”

Justine virou-se para o visor e mergulhou profundamente na história da galáxia.

∞

A quantidade de informações que ela absorveu foi incrível, mas sabia que só tinha descoberto a ponta do *iceberg*. Mesmo com a sua capacidade de aprendizagem acelerada, podia levar anos, para aprender tudo que estava disponível na base de dados.

Destacaram-se alguns pontos-chave na pesquisa.

Embora não houvesse uma correspondência direta, nos catálogos das espécies, entre os mundos evoluídos de toda a galáxia, havia semelhanças significativas entre eles. Com raras exceções, os reinos animais dos diversos mundos, poderiam ser classificados nas mesmas famílias básicas.

Assim como os seres humanos evoluíram a partir da família dos primatas e se tornaram a espécie dominante no Sistema Solar, os Gliesans, cujo mundo originário era geograficamente dominado por regiões montanhosas e florestas, evoluíram a partir de uma espécie de aves que não voavam e, que era uma espécie de cruzamento entre uma avestruz e uma coruja.

A antropologia das Aves, como chamavam à sua espécie, era fascinante, e Justine teve de se conter, para não passar toda a sessão a aprender sobre eles. Haveria tempo para isso. Agora, só precisava de aprender sobre os Kulsat.

Noventa e dois por cento da superfície do mundo de origem dos Kulsat, era água. Naquele planeta, os cefalópodes foram os primeiros a utilizar

ferramentas para a sobrevivência. Eles tinham criado cidades subaquáticas e desenvolveram a aquacultura, no mesmo período em que os seres humanos ainda viviam em cavernas. Os Kulsat tinham descoberto a eletricidade, milhares de anos antes que a primeira cabana humana fosse erguida na Mesopotâmia.

Uma estatística que a surpreendeu foi que, entre as trinta mil espécies que tinham desenvolvido as viagens no espaço, ou estavam à beira disso, menos de doze por cento, tinham evoluído a partir de mamíferos terrestres. De longe, a maioria das espécies dominantes, evoluiu a partir de ambientes oceânicos. Fazia sentido, pensou Justine; afinal, os mamíferos surgiram mais tarde, na escala evolutiva da Terra.

Tal como Fairamai tinha mencionado, os Kulsat tinham sido a segunda espécie a expandir, para fora da superfície do seu planeta e dentro do espaço do seu sistema solar. Há exatamente um milhão de anos, os Xtôti eram répteis, que já tinham dominado as viagens à velocidade da luz e tinham descoberto uma forma de contornar o espaço normal.

Justine tinha dificuldade em imaginar-se, a passar aquela quantidade de tempo sozinha na galáxia, sabendo que havia dezenas de milhares de outras espécies sencientes, com o potencial de se tornarem vizinhos galácticos.

Se os Xtôti não lhes tivessem fornecido o avanço tecnológico, os Kulsat não teriam desenvolvido, tão rapidamente, as viagens à velocidade da luz. O seu sistema era estéril de Kinemet. O sistema solar mais próximo, ficava a oitenta e sete anos-luz de distância. Com o curto tempo de vida da espécie dos Kulsat, eles teriam tido que desenvolver naves geracionais, para explorar os sistemas no seu sector.

Sem a interferência dos Xtôti, os Kulsat provavelmente ‘emergiriam’, mais ou menos, no mesmo período que a maioria dos outros membros do Coletivo de Mundos. De acordo com a base de dados, houve uma confluência em massa do avanço, em toda a galáxia. A maioria dos mundos, que tinham ‘emergido’ há dois e quatro mil anos, era praticamente simultânea, no contexto do tempo galáctico.

O Sistema Solar era um sistema marginal. A questão surgiu na mente de Justine e ela fez uma pesquisa rápida. Enquanto a interferência em sistemas ‘emergentes’ era contra a lei, a observação não era. Os Xtôti tinham sido notoriamente discretos, relativamente à existência de outros sistemas, tendo aprendido a lição com os Kulsat.

Uma pergunta ocorreu a Justine e, algumas intuições depois, nos seus

pensamentos, ela encontrou a resposta. Os cientistas galácticos estimavam, que existiam mais de dois mil sistemas ‘não-emergentes’ na galáxia. Quando Justine leu isto, perguntou-se como é que eles teriam chegado àquele número. Com a sua mente, ela concentrou-se nesse fato e pensou *continuar*.

Chegou imeitadamente a uma resposta; Leu que todos os monumentos que abrigavam os faróis estrela, continham o mesmo catálogo de amostras de linguagens. Aparentemente, os Xtôti mantinham uma estreita vigilância, relativamente aos sistemas em desenvolvimento. Em algum período, na evolução dessa cultura, os Xtôti aprendiam as línguas locais e deixavam uma mensagem gravada no monumento do farol estrela, como uma forma de a receber no rebanho galáctico. Havia 2.341 amostras de escrita não-identificadas.

Justine pensou na tradução que tinham encontrado no *Dis Pater*. Ela sabia que a língua Maia tinha dezenas de dialetos e até mesmo os linguistas modernos, discutiam sobre o significado de muitos dos símbolos e ícones.

“Eis a porta poderosa de Kinich Ahua; A eternidade está agora diante de vós; Cuidado com o Poder de Kukulcan.”

Parecia sinistra e perguntou-se, o que é que a mensagem realmente significaria.

Ela virou-se para Fairamai. “Tenho uma pergunta sobre a escrita que está nos monumentos dos faróis estrela. Na verdade, tenho duas, mas a primeira é: o que é que essas mensagens realmente significam?”

“Não estou certa de que o programa de tradução, lhe dará o contexto correto da nossa mensagem.” Disse Fairamai. “A linha foi escrita numa das primeiras línguas do vosso continente, na parte Sul-Americana. Ninguém fala aquela língua, há milhares de anos. Mas, de acordo com os nossos linguistas, lê-se: *“Observe o portão da criação e do céu infinito do seu futuro. Grande e terrível, é o poder do Éter.”*

Justine deduziu que, de uma forma rudimentar, as mensagens eram semelhantes. Também podiam ser escritas num número infinito de maneiras. *Aqui está o farol estrela. Com ele, você pode viajar para outros sistemas solares. Use a tecnologia com cuidado.*

“A base de dados diz que, todos os monumentos têm as mesmas amostras de escrita.” Disse Justine. “No sistema solar, a mensagem nele escrita, é em Maia. Será que os Xtôti escreveram em todos os faróis estrela?”

Balançando a cabeça, Fairamai disse: “Você ainda não compreendeu. Todos os faróis estrela, partilham o mesmo espaço, fora do nosso plano de

existência. Alguns dos nossos cientistas, acreditam que pode haver apenas um farol estrela e que aquilo que vemos no espaço normal, é apenas uma representação metafísica. A nossa tecnologia não pode avaliar com precisão o farol estrela. Podemos apenas supor. Os monumentos estão ligados aos faróis estrela, a um nível que não entendemos.”

“Portanto, se os Xtôti escreveram num, a escrita apareceria em todos?”

“Essa é a nossa teoria.” Respondeu Fairamai.

“Então,” perguntou Justine, selecionando as suas palavras, “se um deles for destruído...?”

Fazendo aquele grito divertido de riso, Fairamai disse: “Eles não podem ser destruídos. Acredite em mim, isso foi tentado muitas vezes, por muitos sistemas diferentes.”

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Da manhã, Nadia veio buscar Michael.

“Os seus amigos vão ficar aqui, para garantir a sua cooperação.” Disse ela, lançando aos outros um olhar desconfiado. A sua caçadeira estava pendurada no braço e era como se ela quisesse que alguém tentasse escapar.

“Você disse que iria enviar alguém para buscar Diego e Miguel.” Disse Michael.

“Sim. Trouxeram-nos para cá ontem à noite. Eles estão na casa principal.” Ela olhou para Humberto. “Ambos irão viver tanto tempo, quanto todos vocês continuarem a cooperar.”

Michael não queria dar-lhe nenhuma desculpa para executar a ameaça. Partilhando um olhar preocupado com Humberto, levantou-se e seguiu a jovem para fora do celeiro. Antes de sair, ele olhou para trás. “Vai correr tudo bem.” Disse ele. Yaxche acenou-lhe com a cabeça.

Do lado de fora, estavam mais pessoas do que no dia anterior. Estava também um segundo caminhão de carga, cheio de equipamento eletrônico e de escavação. Enfiada dentro do compartimento de carga, estava uma escavadora.

Alondo estava de pé, perto da traseira do caminhão, a verificar um inventário. Ele olhou para cima, quando a sua irmã e Michael se aproximaram.

“Acho que temos tudo o que vamos precisar,” disse à irmã, “desde que não seja uma caverna muito profunda.”

“Desde que não estejamos a correr atrás de um conto de fadas.” Disse Nadia, levantando uma sobrancelha para o irmão.

“Eu não posso garantir o que lá está.” Disse Michael e sentiu um arrepio a descer pela sua coluna, devido à expressão malévola que recebeu dos irmãos.

Nadia praticamente cuspiu as palavras. “Para seu bem e dos seus amigos, esperemos encontrar algo que valha o nosso tempo.”

De maneira profissional, Alondo disse: “Temos quatro detetores de radiação laser. Assim que chegar às montanhas, você vai programar neles a frequência e instruir as equipas sobre o que procurar. O vosso mapa mostra uma área de dez mil hectares. Usámos uma análise satélite recente, para eliminar mais de oitenta por cento da área, que não apresenta quaisquer lacunas subterrâneas.

Marquei nestes mapas, os possíveis locais remanescentes. Com quatro equipas, devemos conseguir examinar todas as possibilidades, num dia ou dois. Pagámos às autoridades locais, para ignorar a quantidade de tempo. Se não encontrarmos o que estamos à procura até lá...” Ele deu a Michael um olhar duro.

Todos se viraram com o som de um terceiro camião, a subir pela estrada de terra batida. Ele puxava um longo reboque, no qual estavam quatro veículos militares de todo-o-terreno.

“Um empréstimo de um coronel do Exército da Guatemala.” Disse Alondo.

Formou-se um nó na boca do estômago de Michael. Mais uma vez, ele estava a ser arrastado na maré dos acontecimentos. Outrora, ele foi o Presidente de uma das empresas mais importantes do mundo e ,estava na vanguarda da exploração para o futuro. Agora, em menos de duas décadas, não era nada mais do que um peão, numa luta de poder internacional e interplanetário.

Como é que seria possível, que ele conseguisse salvar o Sistema Solar dos Kulsat, quando não tinha sido capaz de salvar Kenny ou Alex, de Chow Yin? Até mesmo a intervenção de Humberto, só tinha atrasado o seu sequestro e a sua utilização, por parte dos filhos de Oscar Ruiz.

Agora, se ele não cooperasse, mais inocentes morreriam. De qualquer forma, havia toda a possibilidade de morrerem todos.

Michael não conseguia lembrar-se de se ter sentido tão desanimado.

∞

A tropa montou um acampamento de base, a cinquenta metros da linha das árvores, na base da cordilheira e, esperou que Michael calibrasse os detetores de radiação.

Enquanto, o Kinemet puro exalava ultra-alta radiação electromagnética.

Muito maior do que os raios gama, podendo perturbar qualquer dispositivo eletrônico nas proximidades, a radiação de um ‘kinemat’, como Alex, era eletromagnética não-ionizante, numa amplitude de frequência extremamente baixa. Se um ‘kinemat’ não estava a utilizar a sua radiação, o único meio para o detetar, seria com recurso a detetores altamente sensíveis.

Quando Michael terminou, Alondo dividiu os homens em quatro equipas e distribuiu as coordenadas dos locais mais prováveis. Nadia ficou no acampamento, com os camiões e a escavadora. A sua tarefa era coordenar a pesquisa com as equipas e fornecer-lhes um centro de comunicações.

Alondo levou Michael com ele. Depois de subir para o banco de trás de um dos veículos de todo-o-terreno, Michael sentou-se e ficou em silêncio. Até encontrarem a caverna que sepultava o alienígena, se esta existisse de fato, ele não tinha muito para fazer, para além de os acompanhar.

A floresta daquela zona era escassa e as árvores eram suficientemente separadas, para eles poderem andar entre os troncos. Havia também um sistema de caminhos intrincados, que os funcionários do parque tinham mantido, ao longo dos anos. A partir da história que Patli tinha contado, não era provável que a caverna ficasse muito acima, nas montanhas. Michael duvidava que tivessem que se afastar muito dos veículos.

Enquanto se concentrava para impedir os dentes e os ossos de rangerem, com os balanços, Michael avaliou o homem mais jovem ao seu lado. Era impressionante quanto trabalho tinha Alondo feito no terreno, num espaço de tempo tão curto. A sua atenção aos detalhes era meticulosa e comandava os homens com uma facilidade, que parecia ser uma característica inata.

Se Tivesse dedicado as suas habilidades a uma empresa legítima, Alondo poderia facilmente conduzi-la ao sucesso. Era muito mau, que ele tivesse motivações tão básicas. Internamente, Michael suspirou. Parecia que o universo era gerido pela ganância, pela inveja e pela vingança.

Quando chegaram ao primeiro local estimado, uma pequena área de rochas à volta da superfície rochosa, Alondo desceu do veículo e fez sinal a Michael para pegar no detetor de radiação que estava na traseira do veículo.

Quando se aproximaram da superfície rochosa a pé, Alondo comunicou com a irmã, para que ela soubesse onde estavam. Ao terminar a comunicação, virou-se para Michael.

“Está bem, vamos ver se há alguma coisa ali.”

Michael colocou o detetor de radiação laser num tripé, em frente às rochas, girou-o e apontou para o centro da pilha de escombros. Era um dispositivo

semelhante aos pesquisadores, utilizados nos asteroides. Sem saber, Michael cogitou se o Kinemet iria reagir ao laser e produzir um efeito semelhante, ao que colocou Macklin Rock em estado quântico.

Após a descoberta inicial de Kinemet, todas as empresas de mineração na Terra continuaram à caça do elemento, na esperança de melhorar as suas finanças. Só que, depois de anos de pesquisas, não foram encontrados mais sinais de Kinemet.

Agora, aqui estavam eles novamente à procura, só que desta vez não era do elemento e sim do resíduo do elemento. Eles estavam a trabalhar com base numa série de pressupostos, mas a única coisa a que Michael se agarrava, era que, se de fato, estivesse ali enterrado um ser kinemético, iria emitir o mesmo sinal eletromagnético que Alex. Era uma frequência bem documentada.

Levou vários segundos, antes que a análise apresentasse o resultado da verificação. Cada especificação da matéria na Terra tinha a sua forma única de radiação e o computador listou todas as frequências que encontrou: oxigénio, silício, ferro, cálcio, magnésio e muitos outros elementos inócuos.

Michael ajustou o laser alguns graus e esperou por uma nova análise, que acabou por ser semelhante à primeira, exceto por um traço de jade, numa quantidade demasiado pequena, para justificar o esforço de escavação. Ele continuou a passar o laser à volta da área e, só parou, ao fim de meia hora de busca.

Ele pôde sentir os olhos de falcão de Alondo sempre a observá-lo.

“Desculpe,” disse Michael, finalmente, “não está ali nada. Do ponto de vista geológico, provavelmente não é nada mais do que uma fenda, causada por uma mudança natural.”

Ele esperava uma explosão, mas surpreendeu-se, quando Alondo informou, via rádio, a irmã, dizendo-lhe de que a primeira coordenada, não tinha sido bem sucedida.

Alondo colocou uma cruz sobre o local, no seu mapa. Disse para Michael, “Ok. Um a menos, faltam catorze.”

∞

No final da tarde, eles tinham pesquisado cinco locais. Algumas das áreas tinham sido subterradas por deslizamentos de rochas; outras, foi a terra que se abateu. Uma outra, era apenas um túnel escancarado, cuja abertura tinha meio metro de diâmetro. Alondo e Michael tinham começado a entrar, quando um paca (Animal Roedor Gigante, que existe nas florestas tropicais) saiu

disparada. O roedor tinha, obviamente, adotado a caverna como casa e ficou mais assustado com os humanos invasores, do que eles.

Depois da sua pulsação regressar ao normal, Alondo disse: “A seguir, vamos a mais dois locais. Amanhã veremos os restantes. Você parece desidratado. Beba um pouco de água. Vou verificar, como é que as outras equipas se estão a sair.”

Michael só teve tempo para encontrar o cantil no banco do veículo e tomar um gole, antes de Alondo começar a gritar.

“A equipa número três, pensa que pode ter encontrado alguma coisa.” Ele correu para Michael, a tentar ler o mapa, ainda em movimento. Quando chegou ao veículo, colocou o mapa no banco e encontrou a localização da outra equipa. “Ali. Podemos lá chegar em dez minutos.”

Tentando conter-se, Michael sentiu o seu coração a vibrar de excitação. Iria o seu tiro no escuro, trazer realmente resultados?

Ele sentou-se no banco de trás e segurou-se, enquanto Alondo o levava para o local.

∞

Quando lá chegaram, as outras duas equipas já lá estavam e, em poucos minutos, Michael conseguiu ouvir o motor da escavadora, à medida que este trilhava lentamente o caminho pela floresta, até eles. Nadia estava num degrau fora da cabine, com uma mão agarrada ao veículo e a outra à caçadeira.

Quando estava a uma dúzia de metros, ela saltou da máquina escavadora e correu, para ir ao encontro do irmão.

Alondo sorriu para ela e depois virou-se para Michael. “Está bem, vamos verificar os resultados.”

Eles escalaram uma pequena subida, até uma área onde tinha ocorrido um grande deslizamento de terra. Pelo aspeto do excesso de vegetação, poderiam ter passado décadas ou séculos, desde a última vez que alguém tinha lá estado. Só havia uma maneira de dizer, se era este o local.

Michael aproximou-se da máquina de laser, mas os seus olhos pousaram na análise. “O é que ele detetou?” Perguntou.

“Kinemet.” Disse o homem e Michael deu-lhe um olhar aguçado, a questioná-lo.

“Certamente, você quer dizer que detetou uma radiação de frequência extremamente baixa?”

Balançando a cabeça, o homem apontou para a análise. “Veja por si mesmo.”

Michael atualizou a tela e leu os resultados. Era positivo para a radiação de Kinemet de alta frequência. O laser indicava que havia uma quantidade muito pequena do elemento, mas não deixava nenhuma dúvida de que estava lá.

Talvez a história estivesse errada e não havia nenhum alienígena enterrado debaixo da montanha. Havia dezenas de outras possibilidades, para explicar a presença de Kinemet, a menos provável seria a de que era um visitante alienígena.

Ao ver a expressão de Michael, Alondo perguntou: “O que é que isso significa?”

“É possível que haja um depósito natural de Kinemet aqui. Talvez tenha caído um meteorito com o elemento, aqui na Terra, há muito tempo.” Ele balançou a cabeça. “Ao que sabemos, alguém também pode ter roubado algum e tê-lo enterrado aqui, em alguma altura, nos últimos vinte anos.”

Alondo e a sua irmã trocaram um olhar ganancioso. “Um grama de Kinemet vale um milhão, no mercado negro, com o embargo do Imperador. Talvez, se continuarmos a procurar, poderemos encontrar até mais do que isso.”

Nadia virou e fez sinal para o operador da escavadora se aproximar.

Batendo no ombro de Michael como que a congratulá-lo, Alondo disse: “Parece que pode ter encontrado o pote de ouro, no final do seu arco-íris.” Ele riu-se. “Uma sepultura alienígena. Que história! Eu sabia que você estava a tentar, enfim, como é que se chama a isso? Arranjar uma distração.”

∞

Levou quase meia hora, para o operador da escavadora remover suficiente quantidade dos escombros, para revelar uma fenda estreita, na superfície da montanha. Uma rajada de ar fétido saiu para fora e Michael teve que apertar o seu nariz com os dedos.

Alondo tirou um espectrómetro de mão, de uma bolsa presa ao cinto e inclinou-se para se tornar pequeno o suficiente, para caber na fenda. Com a sua mão livre, ele apontou uma lanterna de alta potência para a escuridão interior.

Nadia, com a sua caçadeira, fez sinal a Michael para entrar a seguir. Ela seguiu logo atrás dele.

A caverna estava escura e a lanterna lançava misteriosas sombras

dançantes nas paredes. Eles não tiveram que andar muito, até que o espectrómetro acendesse, indicando que eles estavam mesmo em cima da fonte de Kinemet.

Para surpresa de todos, não havia um depósito ou um veio de um meteorito, ou sequer um esconderijo enterrado com o elemento kinemético.

O que eles encontraram foi um corpo perfeitamente preservado, coberto por uma espessa camada de pó.

A figura era pequena, como um menino, mas a cabeça tinha uma forma reptiliana, com um espinhaço curvo que contornava ambos os lados da sua cabeça calva. Ele tinha uns olhos grandes afastados e uma boca que fazia um bico. A sua pele era de couro; de um branco pálido, salpicada com manchas azuis.

Michael foi o primeiro a recuperar-se do choque e ajoelhou-se ao lado da criatura, tentando sentir-lhe a pulsação, no seu pescoço e no pulso.

Tinha que ser o alienígena da história de Patli. A Graça? Se assim fosse, ele tinha morrido há mais de um milénio.

**Skanse Aerie:
Sistema Gliesan:**

“Chegámos.” Disse Naila, quebrando a concentração de Justine.

Quando olhou para a tela frontal, Justine viu que a *Fainne* estava a aproximar-se do espaço profundo da orbital dos Gliesans, chamada Skanse Aerie.

Enquanto as estações terrenas foram, na sua maioria, construídas utilizando formas arquitetónicas básicas para as suas fundações: um conjunto de tubos, no caso da Terceira Estação do Canadá, ou na forma de roda com raios, no caso do Observatório Lucis, a Estação de Gliesan parecia uma estrela, com centenas de torres que se estendiam a partir do cubo central. Era uma construção iluminada imensa, contra o pano de fundo das estrelas.

“Quantos seres estão ali?” Perguntou Justine maravilhada.

“Cerca de cem mil.” No visor, Fairamai apontou para um local, que ficava no meio de uma das longas torres e que devia ter quase um quilómetro de comprimento. “Eu vivo ali com meu o companheiro, Havena. Ele é um dos técnicos gravimétricos.”

“Esta é a sua casa permanente?” Perguntou Justine.

“Sim.” Fairamai clicou com o seu dedo de garra num ícone, na parte inferior da tela. Uma série de imagens, numa pequena sub-janela, mostrava várias partes da estação: mercados, escritórios, oficinas, corredores e centenas de elaborados jardins. Um dos últimos conjuntos de imagens, mostrava dezenas de hangares com várias naves espaciais. “A Aerie é essencialmente um posto militar, mas também serve como a primeira paragem, para visitantes emissários de outros mundos. A população é, na sua maioria, transitória. Há várias torres reservadas para os Éteres, uma vez que não podemos viver no nosso mundo de origem.”

Quando se aproximaram da área central de Aerie, Justine viu uma doca de ancoragem. Um braço saiu dela e agarrou-se à cápsula de segurança dos Kulsat. Ele rebocou a cápsula para outra seção da estação.

“Para onde é que eles estão a ser levados?” Perguntou Justine.

“Nós temos... um Local para os colocar.” Disse Fairamai. Antes de Justine poder perguntar, ela acrescentou: “Eles não são os primeiros Kulsat que recebemos, mas serão tratados de acordo com as nossas convenções diplomáticas. Pode estar segura, de que eles não serão prejudicados.”

Relaxando com a garantia da Gliesan, Justine observou a *Fainne* completar os seus procedimentos de encaixe. Quando foram puxados para a doca que lhes foi atribuída, Naila falou pelo seu comunicador. A máquina de tradução não interpretou para Justine e ela perguntou-se se estariam a falar dela.

Quando terminou a sua conversa, Naila disse: “Vamos desembarcar agora. Foi atribuído um Embaixador de Gliese para a acompanhar, a partir daqui. Ele irá encontrá-la no portão principal. Eles reservaram uma acomodação para si na estação, enquanto o conselho de avaliação do Coletivo delibera sobre a sua situação. Penso que, em algum momento, a irão contactar para interrogatório, embora não possa afirmar com certeza, sou apenas um piloto, não um político.”

Justine sorriu. “Quanto tempo é que você acha que irão levar, até decidirem?”

“Não faço ideia.” Disse Naila. Ele apontou para a consola de comunicação. “Eu recebi algumas instruções. E, antes que possamos deixá-la sair desta nave, devo informá-la, formalmente, do seguinte:”

“Em nome do Coletivo de Mundos, o Parlamento de Gliese estende a si, Major Justine Turner, asilo político e abrigo de um ataque inimigo. Em troca, você irá comprometer-se a não fazer qualquer tentativa para adquirir a nossa tecnologia de Éter e irá fazer um juramento de que vai respeitar todos os Gliesans e as Leis Galácticas.

Também ficará impedida de viajar para, ou entrar em contato com qualquer ser no Sistema Solar, até que seja concedido ao referido sistema o estatuto de ‘emergente’ e a sua associação ao Coletivo de Mundos. Você concorda com estes termos?”

No início, Justine resistiu a aceitar as palavras oficiais. E se o Coletivo decidisse, que o Sistema Solar não seria considerado ‘emergente’? Ela ficaria presa ali, sozinha e longe de casa, para o resto da sua vida. Mas que outra escolha tinha? Restava-lhe apenas fazer tudo, em seu poder, para convencer

os políticos a chegarem a uma decisão favorável.

“Eu aceito.” Disse ela.

Fairamai colocou uma mão de penas no ombro de Justine e fez um som de assobio suave. “Seja bem-vinda ao Sistema de Gliese.”

∞

Desde que Justine se tinha rematerializado na forma física, a bordo da *Fainne*, que lhe tinha surgido um pensamento irritante, no fundo da mente. Ela tinha ficado tão envolvida com a emoção e a admiração, ao fazer contato com uma cultura alienígena, que só agora se apercebia de uma coisa. Naila e Fairamai tiveram uma atitude absolutamente natural quando ela, uma forma de vida alienígena para eles, lhes tinha aparecido na sua nave.

Seria assim tão comum para eles conhecerem uma nova espécie, que não ocorria nenhuma exaltação emocional, quando ocorria um primeiro contacto? Ah Tabai e Aliah tinham viajado brevemente até ao Sistema de Gliese, para entregarem o seu relatório, antes de partirem para o Sistema Solar. Mas, pelo que Justine percebeu, eles não tinham permanecido no sistema, pois o que planeavam fazer, iria violar a lei galáctica. Certamente que eles teriam transmitido imagens dos ‘seres Solan’. Mas, ainda assim, porque é que Naila e Fairamai tinham reagido de forma tão casual, quando Justine apareceu na sua nave?

Quando Justine desembarcou da nave sentinela e seguiu para o portão principal, aprendeu rapidamente, porque é que a sua aparência não tinha provocado nenhuma surpresa nos pilotos de Gliesan; eles já tinham estado em contato com o Homem.

Justine avançou para a sala de estar da porta de embarque e um macho humano avançou, com um enorme sorriso no seu rosto e estendeu o braço na sua direção, para lhe apertar a mão.

Embora houvesse a possibilidade distinta, dos seres humaniformes terem evoluído de primatas noutro mundo, Justine sabia que aquele não era o caso. O homem podia ser um irmão ou um primo de Alex Manez, ou de Yaxche. Ele era, definitivamente, de origem Maia.

“Bom dia, Major Justine Turner. Sou Yoatl Cen, o Embaixador Gliesan do Sol. Peço desculpas, caso a minha etiqueta não esteja correta. Nunca tive o prazer de visitar o Sistema Solar e só me tenho conseguido referenciar, pelos dados que recebemos da nave de Alex Manez.”

A mente de Justine acelerou-se. Havia algumas informações contraditórias

que ela não conseguia processar. Os Gliesans tinham estado a dizer-lhe que o Sistema Solar estava fora dos limites deles e que a interferência, era estritamente proibida. No entanto ali, diante dela, estava uma prova do contrário.

Entorpecida, ela estendeu a mão para apertar a dele.

Yoatl, mais pequeno que Justine alguns centímetros, acenou-lhe com um sorriso largo nos lábios. “Você deve ter muitas perguntas. Eu preparei um discurso para lhe explicar tudo. Temos uma acomodação preparada para a sua estadia. Vai querer satisfazer as suas necessidades pessoais, ou talvez até meditar durante algumas horas. Quando estiver pronta, vou levá-la numa excursão pela Aerie e informá-la dos acontecimentos, antes da sua reunião com o representante do Coletivo.”

“Obrigado.” Disse Justine, distraidamente, apertando a toga improvisada em torno de si, enquanto seguia o *seu* Embaixador pela área de processamento e pelos corredores da estação.

Uma das primeiras coisas que reparou, foi no aspeto estético da estação. A decoração orgânica, no seu interior, fazia um contraste acentuado com a arquitetura futurista, do lado de fora da estação. Muitas das estações espaciais da Terra, tinham sido projetadas para a eficiência e, embora tivessem havido tentativas para as fazer parecer um pouco mais acolhedoras, para os residentes de longa duração, ninguém que tivesse visitado alguma das estações, teria cometido o equívoco de se esquecer que estava no espaço.

Os corredores da estação de Skanse Aerie eram tudo menos retos. O caminho oscilava para a esquerda e para direita, às vezes gradualmente, às vezes drasticamente. Esculpida para se assemelhar às paredes de um desfiladeiro, a superfície tinha áreas rochosas, com protuberâncias que abrigavam plantas e flores. Justine ficou surpreendida, quando um pequeno pássaro, que pensava ser parte da decoração, bateu as asas e voou à sua frente. O chão subia e descia de forma desigual e a base estreitava-se e alargava-se de forma aleatória.

Acima deles, um céu aberto verde-azulado, alojava várias formações de nuvens e a imagem de um pequeno sol vermelho. O teto, obviamente, que utilizava algum tipo de tecnologia de projeção. Apesar dos custos terem sido enorme, os Gliesans acreditaram que valia a pena criar um ambiente de aparência natural, para quem, de uma forma temporária ou permanente, estivesse estacionado na orla exterior do sistema, nacional, na Terra. Para Justine, era como se estivesse a dar um passeio por um parque

“Do outro lado da parede, à nossa direita, encontra-se uma infraestrutura para o transporte de mantimentos, ou para quem não deseje percorrer a pé, a distância entre o cubo central e o seu destino. Você pode acedê-la por aqui.”

Ele apontou para o que parecia ser uma ramificação que se assemelhava a um cano serrado, que saía da parede. Com um movimento rápido, ele passou com a mão nela e uma seção da parede desapareceu, revelando um pequeno corredor para o túnel de transporte. Este tinha duas vias; uma que levava para o outro lado do túnel e outra que descia uma distância mais curta, em direção ao nível inferior, onde o próprio chão se movia lentamente, ao longo de toda a torre. Embora não pudesse ver o chão do lado superior, ela assumiu que teria um pavimento que realizava o movimento semelhante, indo na direção oposta.

“O transporte para cima.” Disse ela. “Como é que está suspenso?” Não tinha andaimes a apoiá-lo e ela não conseguia ver fios a saírem dele, para o teto do túnel.

“Há um campo eletromagnético, embora não possa afirma em exactidão, qual a tecnologia específica; não é a minha área de especialização.”

Recuando para o corredor principal, Yoatl apontou para outra ramificação, que saía do outro lado da parede, embora não tenha passado a mão sobre ela.

“No lado esquerdo da parede, são os compartimentos para as salas de estar, ambientes de trabalho, complexos industriais, jardins de suporte à vida, ou instalações de armazenamento.”

Justine disse: “Eu adoraria ver esses jardins.”

“Quando tivermos concluído o interrogatório, ser-lhe-á atribuído um nível de acesso codificado com a sua bioassinatura. Suponho que você terá acesso a todas as áreas comuns, para além dos seus aposentos, incluindo os jardins. Você poderá visitar todas as áreas, sem restrições, durante os seus períodos de lazer. Até lá, você irá precisar de mim para a acompanhar pela estação.”

“É compreensível.”

Ele concordou e, de seguida, fez um gesto para o marcador daquele ramo, na parede. “Os visitantes temporários ficam aqui. A acomodação está totalmente equipada com todas as comodidades que você deve precisar, embora eu tenha a certeza de que, quando estabelecer o seu estatuto diplomático, lhe será atribuída uma habitação mais adequada.” Passando com a mão por cima do ramo, ele deu um passo trás, à medida que uma parte da parede desaparecia e, fez-lhe sinal, para ela entrar primeiro.

Lá dentro, havia outro corredor, embora este não parece tão natural, como

a via principal que atravessava a torre. Tanto as paredes como o chão eram planas e retas, mas o teto ainda beneficiava da projeção do céu. Era uma ilusão muito reconfortante.

Havia vários apartamentos ao longo do corredor e, quando chegaram ao último, Yoatl abriu a porta para Justine e, esperou educadamente que ela entrasse.

“A minha esposa, Ekthin, não teve muito tempo para sintetizar a roupa para si; espero que o estilo do vestuário que ela lhe selecionou, seja do seu gosto. Há um refresco nutricional na unidade de armazenamento a frio, um banho sónico e uma plataforma de reclinção, caso queira descansar ou meditar. Eu reservei um espaço privado num dos nossos restaurantes mais populares, onde poderá provar um pouco da cozinha Gliesan e onde poderemos conversar. Volto para a buscar, daqui a duas horas.”

Justine sacudiu a cabeça. “Mas eu tenho tantas perguntas.”

“Estou certo de que tudo o que já experienciou deve ser esmagador, até para um ‘ser etéreo’. Será benéfico, que disponha de algum tempo para organizar os seus pensamentos e, como é que se diz? ‘Recuperar o folego’. Além disso,” disse ele, dando-lhe uma piscadela cúmplice, “eu tenho que relatar as minhas primeiras impressões sobre si, à Sociedade Solan. A sua chegada criou uma grande algazarra entre nós e receio que haverá uma revolução, caso a curiosidade deles não seja satisfeita.”

Justine quis protestar novamente, mas percebeu que ele tinha razão. Tinham acontecido muitas coisas, num espaço de tempo muito curto. Ela precisava de algumas horas para se limpar e colocar a cabeça no lugar.

O que quer que fosse que o Kinemet tivesse feito para alterar o seu metabolismo celular, um dos efeitos colaterais, era que os seus núcleos supraquiasmáticos pararam de induzir o aspeto do sono no seu ritmo circadiano. Ainda que só tivesse passado uma pequena porção do seu tempo na forma física, desde a mudança kinemética, ela percebeu, que ainda sentia necessidade de aquietar a sua mente.

Alex, lembrava-se ela, costumava passar várias horas por dia em estado meditativo. Desde que chegou ao Sistema de Centauri, a única vez que Justine não esteve consciente, foi quando os Kulsat a tinham colocado em estado quântico. E aquele repouso induzido, tinha funcionado mais como estado de vigília, do que descanso sereno.

Quando ela entrou no pequeno apartamento, depois de Yoatl fechar a porta, o primeiro impulso de Justine, foi rever tudo o que lhe tinha acontecido

nos últimos dias. Mas, quando olhou para a plataforma de reclinção, num pequeno recanto da parte de trás da sala, ela mudou de ideia. Ao invés de um colchão plano, havia uma cama de rede, ao estilo brasileiro, que parecia irresistível.

Contudo, tinha que fazer uma coisa primeiro; lavar-se. Ela tinha passado vários dias no terrário dos Kulsat. Yoatl tinha sido educado em não mencionar, o quão mal ela cheirava. Havia outro recesso do outro lado da sala e Justine saiu da sua toga improvisada e entrou no chuveiro sónico. Era simples de perceber como funcionava. Uma única alavanca, fazia com que o dispositivo se ligasse e desligasse. Ela não sabia se tinha um limite de tempo, mas pareceu-lhe que passou uma boa meia hora, a deixar que as ondas sonoras a lavassem. Nunca, em toda a sua vida, tinha sido tão minuciosamente lavada e limpa.

Enquanto tomava banho, ela pensou acerca da tecnologia sónica. Os cientistas, na Terra, há muito que pensavam que o som, era uma das mais poderosas forças da natureza. Na frequência certa, as ondas sonoras conseguiam derreter metal, quebrar vidro e rocha e também, como ela tinha testemunhado, fazer explodir células orgânicas. Há mais de um século, que os engenheiros usavam a soldadura sónica, em eletrónica, para unir metais.

A natureza dos faróis estrela sugeria que, de algum modo, a Graça tinha descoberto as frequências sonoras de todos os objetos estelares e utilizado essa tecnologia para ajudar os que entravam em sintonia com eles, a navegar entre os faróis. Não era de admirar que os Kulsat tivessem desenvolvido armas e ferramentas sonoras.

Com a sua habilidade recém-descoberta, se se esforçasse para ouvir, conseguia ouvir mais do que a Canção das Estrelas ou a Música das Esferas, ela conseguia ouvir algo para além. Quando tivesse tempo, ela teria que discutir aquilo com outros ‘seres etéreos’.

A sua pele já formigava, de ter passado tanto tempo no chuveiro sónico. Ela desligou o aparelho e, saiu.

Nua, ela regressou à plataforma reclinável, deitou-se e ficou surpreendida quando a espuma se enroscou à sua volta, como um casulo moldado à sua forma. Era como se ela estivesse a flutuar, por isso, conseguiu relaxar muito rapidamente.

Era mesmo aquilo que precisava e permaneceu lá, até que soou um suave sinal sonoro. Ela assumiu que Yoatl a tinha vindo buscar.

“Um momento.” Disse ela, perguntando-se se ele a conseguiria ouvir. Ela

olhou rapidamente para a toga improvisada, amontoada no chão. Não obstante de como fosse a moda no Sistema de Gliese, ela tinha a certeza, de que não incluía longas faixas de tecido amarradas ao acaso à volta do seu peito.

Foram necessários apenas alguns minutos à procura, para que encontrasse um pequeno armário com meia dúzia de peças de vestuário. Ela pegou na que lhe pareceu mais atraente. Sentia-se sempre atraída por cores mais escuras, talvez por ter vestido farda militar durante tantos anos.

Depois de se enfiar numa peça longa com calças largas, que parecia produzir o duplo efeito de parecer, simultaneamente, um fato de macaco e um vestido até aos tornozelos, ela foi até à porta e abriu-a.

Yoatl inclinou a cabeça em admiração e sorriu. “Uma escolha perfeita.”

“Obrigada.” Disse Justine e seguiu-o novamente para o corredor principal.

∞

O Cubo de Aerie estava a efervescer de atividade. Se a estação tinha mais de cem mil pessoas, a maioria delas reunia-se na área central.

Quando saíram da torre, que ficava a várias dezenas de metros acima do nível do solo, em ângulo perpendicular, eles utilizaram uma plataforma flutuante para descer e Justine não sentiu qualquer mudança gravitacional, quando a plataforma alterou o campo, para coincidir com a perspetiva da área comum; a tecnologia dos Gliesan era perfeita.

A arquitetura do Cubo tinha o mesmo tema da natureza, que o corredor. Com uma paisagem multifacetada, repleta de desfiladeiros, grutas, florestas, falésias e cascatas, era o suficiente para suplantiar todos os *resorts* temáticos na Terra.

“Supostamente, isto é um entreposto militar!” Exclamou Justine.

“O bem-estar dos nossos cidadãos é de extrema importância. Temos alguns residentes permanentes. Eles podem ter orgulho em chamar a este lugar, de casa. Além disso, precisamos de causar boa impressão aos embaixadores de outros mundos.”

Embora ela tivesse lido sobre a proliferação de espécies exóticas, Justine ainda estava surpreendida ao ver tanta variedade. Embora a maioria da população fosse Gliesan, ela viu vários seres que tinham evoluído de outras espécies. Um ser com quatro pernas curtas, um corpo atarracado e uma cabeça redonda em cima de um longo pescoço, passou por eles. Ele não tinha braços, mas tinha uma longa cauda preênsil, com meia dúzia de ‘dedos’ no

final da mesma. Ele virou a cabeça, inclinou-se para eles e acenou com a sua cauda-mão.

Yoatl devolveu-lhe o aceno. “Embaixador Etrevius.” Disse ele para Justine. “De Beta Monocerotis. E sim, ele é um dinossauro. Os mamíferos não evoluíram sequer, no planeta dele.”

“Tantos seres...” Justine podia passar a vida inteira, a aprender sobre todos os habitantes da galáxia mas, teria que deixar isso para outra altura. Eles chegaram ao restaurante.

Rapidamente, Yoatl conduziu-os e entraram num cubículo. Contudo, não era uma configuração típica de mesa e cadeiras e levou um momento, para Justine descobrir, que o espaço era uma representação de um ninho de pássaro. Seguindo o exemplo de Yoatl, ela subiu e sentou-se no chão do ninho, descansando as costas contra a parede curva, que era revestida com um material semelhante a espuma, bastante confortável.

Yoatl acomodou-se, cruzando as pernas. “Tomei a liberdade de fazer os pedidos. O prato principal deve estar a chegar. Entretanto, se você quiser água ou qualquer outra bebida, basta usar esse painel de controlo, para indicar a sua preferência.” Demonstrou tocando num dos ícones do painel e uma seção da parede dobrou-se para fora. A plataforma continha um recipiente em forma de uma tigela, com líquido. “Uma espécie de vinho, muito doce, semelhante a um néctar. Você quer um?” Perguntou. Justine assentiu. Então, fechou o painel e tocou novamente no ícone, para que produzisse outra bebida para Justine.

Ela tomou um gole e achou a degustação extremamente agradável.

“Obrigada” Disse ela e, de seguida, acenou com uma mão para abranger a estação. “Tudo isso é fantástico e a exploradora em mim não quer mais do que passar o resto da vida, a experimentar todos estes maravilhosos novos mundos. Mas...”

Sorrindo, Yoatl disse: “Mas nós temos assuntos mais urgentes e eu prometi contar-lhe a história.”

“Sim. E pode começar por explicar, como é que existem seres humanos aqui nas estrelas.”

“Muito bem.” Ele tomou mais um gole de vinho néctar. “Eu espero que isto responda à maioria das suas perguntas.”

Levando algum tempo para organizar primeiro os seus pensamentos, começou:

“De acordo com o relatório de Naila, já acedeu a um pouco da história

básica da galáxia, correto?”

Justine assentiu.

“Deixe-me explicar-lhe um pouco acerca da Graça; os Xtôti. Há um milhão de anos, antes da ‘emergência’ em massa, que é o que chamamos à época em que a maioria dos sistemas começaram a descobrir as viagens à velocidade da luz, o sistema de origem dos Xtôti foi destruído, quando a sua estrela se tornou uma supernova.

Não conseguiram evacuar o seu sistema a tempo, o que fez dizimar quase toda a população. Os únicos sobreviventes foram os que estavam na orla do seu sistema, ou noutros sistemas solares, a saber: os ‘seres etéreos’. Alguns especulam que a supernova, pode ter sido causada por experiências. Nós só temos registos dispersos, acerca do que aconteceu naquela época. Você deve lembrar-se, isto aconteceu um milhão de anos antes da maior parte das nossas espécies, começar a evoluir para a senciência.”

“Há uma teoria de que esses Xtôti que estavam no sistema, aquando da formação da supernova, se tornaram a Graça. Lentamente, ao longo do tempo, à medida que cada Xtôti, que estava fora do sistema e que não ascendeu à Graça, chegou ao fim do seu ciclo de vida, o número deles diminuiu, deixando apenas a Graça permanecer.”

Yoatl fez uma pausa, quando soou um elevador na parede do fundo e ele tocou noutro ícone do painel de controlo. A extensão da parede dobrou-se para fora, formando uma longa mesa estreita. Vários pratos de comida deslizaram de dentro da parede e os cheiros flutuaram até ao nariz de Justine. O seu estômago roncou com fome.

Ela não conseguia identificar o tipo de comida que Yoatl tinha encomendado para eles e lançou-lhe um olhar interrogativo.

“Chama-se *biantha*. É um puré vegetariano, cozido num recipiente de crosta de pão, que também é comestível. Experimente.”

Justine experimentou e o sabor explodiu na sua boca. “Deliciosa.” Disse ela. “Tem o sabor de uma torta.”

Yoatl deu uma mordida, antes de continuar a contar a sua história, por entre os bocados dos alimentos. “Os Gliesans descobriam o Sistema Solar por acidente há mil, duzentos e setenta e nove anos atrás.”

Justine ficou boquiaberta. “Você sabe a data exata?”

“Sim.” Assentiu Yoatl. “A Lei Galáctica de não-interferência, estava em vigor desde antes dos Gliesans ‘emergirem’. Uma das maneiras, pelas quais foi imposta, foi através dos faróis estrela. De alguma forma, os Xtôti foram

capazes de ‘bloquear’ esses faróis, que orbitam os mundos em desenvolvimento.

Os faróis estrela são completamente disfarçados. Os nossos computadores não conseguem sequer detetá-los, na grade galáctica. Quaisquer sinais de rádio que você envia, são amortecidos nos limites exteriores do seu sistema solar. Você é, para todos os efeitos, invisível para nós, até sair do seu sistema.”

“Uma nave Gliesan que andava em exploração, tinha vindo a acompanhar um Xtôti solitário. Mesmo naquela época, eles eram raros. Eu não censuro os pilotos, por serem curiosos. Os da Graça eram muito mais do que celebridades, eram considerados como deuses. Assim, quando o Xtôti viajou para o seu sistema, ativando temporariamente o seu farol estrela, os Gliesans registaram a localização do seu farol. Tenho a certeza de que não tinham a intenção de quebrar a Lei Galáctica. Foi mais um ‘golpe de sorte’, por assim dizer, e fizeram o impensável: seguiram o Xtôti até ao Sistema Solar.”

“Eles permaneceram perto do farol, enquanto o Xtôti foi ao seu planeta. Ninguém sabe qual era o objetivo dele. No entanto, durante a visita, houve um acontecimento etéreo perceptível que durou vários dias e, os Gliesans apressaram-se a investigar. Se o Xtôti estivesse em apuros, eles iriam tentar ajudar.”

“Mesmo que ‘seres etéreos’ não pudessem sobreviver num corpo planetário, por muito tempo, os Gliesans assumiram o risco e iriam aterrar no local onde tinham detetado a explosão. Não havia sinal do Xtôti, mas uma pequena aldeia tinha sido irradiada por Éter. Se os deixassem sem ajuda, todos morreriam. Os Gliesans são um povo muito compassivo e, embora soubessem que as suas ações poderiam ser objeto de sanções, ofereceram-se para levar os aldeões aflitos, com o objetivo de salvar as suas vidas.”

“Esses seres humanos,” disse Yoatl, em conclusão, “eram membros de uma tribo Maia perto de Copán, nas Honduras.”

“A Canção.” Interrompeu Justine. “Um dos meus amigos que veio connosco para Centauri, Yaxche, era o detentor de uma história antiga chamada ‘A Canção das Estrelas’. Ela continha a chave para desbloquear o poder do Kinemet, mas a história nela contida, versava sobre um tempo em que os ‘deuses’ sequestraram o seu povo.”

Sorrindo, Yoatl disse: “Tenho a certeza de que, para eles, deve ter parecido assim.”

Finalizando o puré vegetal, Yoatl pegou no prato de pão e deu-lhe uma

mordida. “Muitos dos moradores foram expostos a níveis letais de radiação de Éter. Nesses casos, a transformação de uma pessoa num ‘ser etéreo’, é a cura. Depois de terem curado os moradores, os Gliesans trouxeram-nos para aqui, para Skanse Aerie, onde viveram confortavelmente, pelo resto das suas vidas.”

“Havia vários pares de seres humanos, que só tinham sido parcialmente afetados e que conservavam a forma física normal. Eles optaram por não se tornar ‘seres etéreos’ e fizeram as suas casas em Gliesan Principal. Eles foram recebidos na sociedade, casaram e tiveram filhos. Com o tempo, a nossa população cresceu para mais de seis mil. Embora a nossa pátria seja, oficialmente, Gliesan, muitos de nós lembram-se das nossas raízes Solan, apesar de nunca termos visitado o nosso planeta de origem.”

Justine também já tinha terminado o seu prato de pão e, momentos depois, um segundo prato deslizou do recesso na parede. Vinha num copo, que parecia ser o mesmo tipo de pão, em que tinha sido servido o prato principal.

Yoatl fez um som feliz. “Ah, a sobremesa. É uma espécie de batido doce, feito a partir da seiva de uma das plantas tropicais de Gliesan. Você pode comer o talher e também a taça.”

Justine provou e sorriu. Tinha a consistência de um pudim de arroz, com um ligeiro toque de melaço.

“Há cerca de um século, alguns de nós procuraram reconectar-se com as nossas raízes. Formámos a Sociedade Solan. Pedimos autorização ao Parlamento, para criar um porto espacial no sistema mais próximo; Centauri de seu nome. Era para quando vocês ‘emergissem’. Historicamente, a maioria dos sistemas que descobrem o voo etéreo tentam, naturalmente, visitar os seus vizinhos mais próximos.”

“Há pouco mais de dez anos, os nossos sensores detetaram o primeiro viajante do Sistema Solar, Alex Manez. Ah Tabai, um dos seres Solan etéreos que se voluntariou para se tornar um Sentinela, teve o privilégio de fazer o primeiro contato. Foi graças ao computador da vossa nave, que fomos capazes de descobrir mais sobre a vossa história. Temos estado todos muito entusiasmados, à espera de um segundo encontro.”

“Ah Tabai é humano?” Comentou Justine. Ela tinha ficado, originalmente, com a impressão de que ele era um Gliesan.

Yoatl baixou a voz. “Sim. Ele é jovem e impetuoso. Não sei como é que fez para convencer Aliah a acompanhá-lo, mas, quando eles regressarem a Gliese, receio que serão presos.”

“Eles só nos estavam a tentar ajudar.” Disse Justine.

“A lei é a lei.” Yoatl levantou ambas as mãos, abertas, à frente dele. De seguida, ofereceu a Justine um sorriso conciliador. “Vou fazer o que puder por eles.”

“Obrigado.”

Tendo terminado a sobremesa, Yoatl teclou na consola mais uma vez e o recesso produziu dois pequenos copos de líquido, que pareciam mudar de cor, de vermelho para amarelo.

“Tem o nome de *ljúka*,” disse, enquanto passava um dos copos para Justine. “a bebida final.” Com isso, ele pegou no seu copo e bebeu o líquido de um trago.

Seguindo o exemplo, Justine imitou-o e surpreendeu-se com o sabor. Ela estava à espera de algo frutado e doce, mas a bebida era ligeiramente picante. Quando chegou ao seu estômago, ela sentiu um arrepio a percorre-la. Fosse o que fosse aquela bebida, teve o efeito de a revigorar. Yoatl colocou o copo vazio novamente no recesso e Justine fez o mesmo.

“Isto foi muito bom.” Disse e, Yoatl sorriu. “Obrigada pela refeição.”

“Não são necessários agradecimentos. Foi um prazer.”

“Então,” disse Justine, “o que é que acontece agora?”

Considerando as suas palavras, Yoatl esfregou os nós dos dedos no queixo. “Agora vem a parte mais difícil.”

“Oh?”

“Enquanto você estava a descansar, recebi uma mensagem do Embaixador do Coletivo. Um dos requisitos, antes de poder ser concedido a um sistema o estatuto de ‘emergente’, é que este seja capaz de viajar ‘para fora do seu plano de existência’, utilizando a Graça. Algo que vocês ainda não fizeram. Eles decidiram que o Sistema Solar, ainda não ‘emergiu’.”

Justine encarou-o, de olhos arregalados, quando ouviu a notícia. O Coletivo não a tinha interrogado sequer. “Então eles não nos vão ajudar?”

“Receio que não. Pelo menos, ainda não.” Ele tinha uma expressão de dor no rosto.

“E também não me vão deixar ir para casa.” Disse Justine.

Yoatl assentiu, com olhos baixos. “Lamento muito. Mas foi exposta a muita da nossa tecnologia.”

Sentindo a frustração e a raiva a crescerem dentro dela, Justine obrigou-se a manter a calma. A partir do momento em que tinha escapado do Observatório Lucis, tudo o que tinha acontecido estava fora do seu controlo.

Ela fez o melhor que pôde para sobreviver, mas a sua sobrevivência pessoal não era suficiente, especialmente se os Kulsat invadissem e destruíssem o Sistema Solar.

Yoatl disse: “Serão feitos todos os esforços para garantir o seu conforto. Eles atribuíram-lhe um alojamento permanente na estação. Se optar por isso, pode solicitar tarefas de trabalho, embora não seja obrigatório. Eu ficaria honrado, se você considerasse assumir uma posição na Sociedade Solan.”

“Eu não quero um emprego aqui.” Disse Justine e depois deu-lhe um olhar duro. “Você é humano, como é que pode simplesmente ficar sentado, quando sabe que os Kulsat nos vão nos eliminar a todos?”

“Quero que isso aconteça, tanto quanto a Justine, mas eu acredito na lei. A nave sentinela de Ah Tabai acedeu à vossa base de dados. O Coletivo está ciente da vossa história. Há muitos conflitos no seu mundo; foi um desses que causou a vossa fuga. Se tivéssemos de partilhar o conhecimento sobre a tecnologia do Éter agora, quem é que pode dizer, se os seres humanos não se tornarão os próximos Kulsat?”

Ela não queria ouvir aquelas palavras e, embora o seu primeiro impulso fosse negar aquela possibilidade, no seu coração, ela sabia que a humanidade ainda tinha alguma maturação a fazer.

No entanto, ela acreditava que eles precisavam do tempo e da oportunidade para encontrar o seu lugar na galáxia. Os Kulsat iriam destruir o seu futuro.

Tinha que haver uma maneira de Justine os impedir...

**Sierra de las Minas:
Guatemala:**

Alondo passou o espectrómetro por todo o alienígena e acenou para Michael. “É feito de Kinemet.”

“Como é que isso pode ser?” Engasgou-se Michael. ‘Kinemates’, como Alex, eram alterados a nível molecular pela radiação kinemética. Parecia que esta criatura - a Graça? - continha uma certa quantidade do elemento, como parte da sua fisiologia.

O que é que aquilo significava?

A mente de Michael acelerou-se. Será que a Graça tinha o Kinemet, como parte da sua constituição biológica natural? Ou será que tinham descoberto uma maneira de se infundir com o elemento e alteraram-se a nível genético? Teria sido por isso, que tinham sido capazes de criar a rede de faróis estrela? Ou teriam os faróis estrela estado lá sempre, apesar das lendas e, a Graça tinha-se alterado, de alguma forma, ao longo de um milhão de anos de exposição?

Se os da Graça eram feitos de Kinemet, então talvez eles não se decompusessem como um ser biológico normal. Seria possível que o Kinemet neles, sustentasse as células do corpo, até que o elemento se deteriorasse lentamente, ao longo de centenas de milhares de anos, embora o cérebro da criatura já tivesse deixado de funcionar.

Outra questão surgiu na sua mente; se os da Graça se deteriorassem, ao invés de se decomporem, então, não deveriam existir milhões de corpos de alienígenas, espalhados por toda a galáxia. E, se não existiam, o que é que lhes tinha acontecido? Ele recordou a história, de como o alienígena tinha pedido a Subo Ak para o cremar. Teria sido assim, que os da Graça desapareceram lentamente? Eles chegavam a um planeta e provocavam a sua

própria morte? Desapareciam numa chama de fogo? Michael inicialmente resistiu a esse pensamento, mas depois percebeu, que não compreendia realmente as motivações deles.

Ele precisava de mais informações sobre a Graça, sobre os Kulsat e sobre as origens do Kinemet. Tudo o que sabia, tinha sido imaginado a partir do pouco que Ah Tabai tinha divulgado, antes da sua morte.

Ele desejou ardentemente que George e Kenny ainda estivessem vivos. Ambos gostavam de especular sobre tais coisas. Muitas vezes, mastigar as ideias levava-os por caminhos, que nenhum deles pensaria por conta própria. Ambos eram colegas de trabalho, bem como amigos.

Como se assumisse, que Michael tinha todas as respostas prontas para o esclarecer, Alondo acenou com a mão para o corpo do alienígena. “O que é que isto significa?”

“Isto significa, que não há um depósito de Kinemet para você minar.”

O outro homem franziu a testa e Michael quase que podia ler os pensamentos que passavam pela sua mente. Como é que eles iriam conseguir rentabilizar aquela descoberta? Vender o Kinemet seria um negócio garantido no mercado negro, com um valor já definido por quantidade. Quem é que quereria aquele corpo alienígena e quanto é que estaria disposto a pagar por ele? Era uma proposta mais complexa para Alondo e ele olhou para Michael, como se estivesse a pedir uma dica sobre qual deveria ser o próximo passo.

“Existem apenas dois governos que têm a experiência e os recursos, para explorar esta descoberta.” Disse Michael. “A EUA, Inc. e a Corporação do Canadá. Você quer que eu entre em contato com os meus superiores, para marcar um encontro?”

Alondo zombou dele. “Boa tentativa, Sr. Sanderson. Mas acho que nós vamos fazer os nossos próprios planos.” Ele apontou para o alienígena. “Como é que sugere, que se lide com o corpo?”

“Eu recomendaria deixá-lo como está, por agora. Não temos ideia do que irá acontecer, se foram alteradas as condições ambientais. O Kinemet pode ser um elemento volátil. A exposição ao sol pode ter um efeito prejudicial. Precisamos de ser extremamente cuidadosos.”

Juntos, saíram da caverna pela estreita fenda. Nadia assumiu a liderança, seguida pelo seu irmão e, Michael em último.

Quando chegou à abertura, Michael foi bloqueado pelas pernas de Alondo e sofreu um momento de claustrofobia, perguntando-se, se o jovem criminoso iria decidir colocá-lo fora da equação e deixá-lo lá.

Alguém de fora da caverna latiu uma ordem em espanhol, “*¡Alejarse!*” Momentos depois, Alondo saiu da frente de Michael.

Prendendo a respiração, Michael empurrou-se para fora. O seu estômago deu um nó, quando se levantou e olhou à sua volta. Toda a área estava cercada por soldados guatemaltecos, a apontar-lhes caçadeiras.

O capitão dos soldados e Alondo trocaram várias palavras exaltadas, na sua língua nativa, falando demasiado rápido, para Michael entender. Mesmo assim, ele teve a impressão de que os dois homens se conheciam.

Depois de terem terminado a disputa, os soldados baixaram as armas. Alondo virou-se para Michael, com o rosto vermelho e os olhos apertados. “Parece que os nossos planos, já foram traçados.”

Alondo trocou um olhar azedo com a sua irmã. “Está bem. Vamos organizar-nos.”

∞

O capitão deixou um pelotão de soldados armados, para proteger a área, enquanto conduziu o resto dos seus homens para escoltar o Ruiz e os outros, de regresso ao acampamento base. Estavam mais alguns camiões militares, na área. Um esquadrão de soldados guatemaltecos, tinha assumido a operação.

Michael e os irmãos Ruiz subiram para um camião, com o capitão e quatro guardas. Juntos, conduziram uma grande distância, para longe do acampamento. Assim que chegaram a Los Amates, viraram para leste. Pouco mais de uma hora mais depois, chegaram ao seu destino, uma propriedade à beira-mar localizada no Mar do Caribe.

Durante a viagem, nenhum dos soldados lhes falou e, embora tanto Alondo como Nadia sussurrassem um com o outro, ignoraram Michael.

Quando saíram do camião, os três foram recebidos por um pequeno esquadrão de soldados guatemaltecos, que os levou até ao edifício principal.

No interior, vestido com o uniforme de general, um homem de cabelos escuros, de meia-idade, com um bigode preto fino, que caía pelos cantos da sua boca sorridente, saiu de uma sala ao lado e deu a Michael um aceno conciliador com a cabeça.

“Mais uma vez, devo pedir desculpas pelo seu tratamento. Seja bem-vindo à minha casa.”

Michael não podia acreditar nos que os seus olhos viam e, embora tivesse aberto a boca, as palavras não saíam.

Nadia, com a voz embargada de choque, disse: “*¿Papá?*”

“O que é que está a fazer aqui?” Perguntou Alondo, mais indignado do que surpreendido. “Pensei que ainda estava na prisão?”

Obviamente, a divertir-se, Oscar Ruiz fez uma vénia dramática e disse: “Há anos que não estou fora, meu filho. Foi conveniente para mim, deixar o mundo acreditar, que ainda estava encarcerado. Isso deu-me liberdade para fazer muitas coisas.”

“Porque é que não nos disse?” Perguntou Nadia, de seguida, franzindo a testa. “Foi por isso, que não nos permitiu visitá-lo em La Granja?”

“Asseguro-lhes de que foi necessário. Peço desculpas, meus filhos. Claro que vocês me irão perdoar.”

Os irmãos pareciam hesitar.

De seguida, Oscar acenou-lhes com a mão. “Venham, temos muito para discutir e os meus outros convidados estão à espera.”

Entorpecido, Michael deixou-se conduzir para a sala adjacente. Ele adivinhou quem estava na sala, antes mesmo de ter entrado nela.

Yaxche, Patli e Humberto estavam sentados, ao lado uns dos outros, num sofá longo, com um ar revitalizado.

“Você está bem?” Perguntou Michael a Yaxche, com os olhos a passarem pelos três.

“Ahyah.” Disse o velho Maia, com um sorriso. “Estamos aqui desde o meio-dia.”

Humberto olhou para o *Señor* Ruiz. “Onde é que estão os outros?”

“Não se preocupe. Eu ‘libertei-os’ da custódia dos meus filhos e trouxe-os para cá. Os seus amigos feridos estão noutra parte do complexo, a serem tratados, enquanto falamos. Como vê, eu não sou um homem incivilizado.”

Oscar Ruiz apontou para uma mesa com bandejas de carnes, frutas e doces. “Por favor, comam alguma coisa. Peço desculpas por o café não ser tão bom, quanto o que nós cultivamos na minha plantação.”

Alondo e Nadia não fizeram nenhum movimento em direção às bebidas, mas o estômago de Michael rosnou. Ele não estava certo de quais eram as intenções de Oscar, mas, no último encontro que tiveram, ele decidiu que o sentido de hospitalidade do homem, o iria impedir de prejudicar gravemente os seus convidados.

Michael pegou num pequeno prato e encheu-o com alguns itens, que selecionou da mesa. Escolheu uma cadeira e sentou-se.

Com a boca cheia às voltas com a comida, Michael disse: “Você organizou tudo, para que me sequestrassem no aeroporto.”

“Eu prefiro dizer que lhe tentei fazer um convite, Sr. Sanderson, sem o conhecimento das autoridades hondurenhas ou canadenses. Tenho estado a pagar uma grande quantidade de dinheiro, para garantir que todos pensem, que ainda estou encarcerado na prisão de La Granja. Se o meu ‘velho amigo’ Humberto não tivesse interferido, poderia ter-nos poupado uma boa quantidade de tempo.”

Ele olhou para os seus filhos. “Eu lamento que vocês tenham sofrido, nos últimos anos, mas foi necessário para manter a farsa. Eu sei que estão com raiva de mim, mas agora que aqui estão, vamos combinar os nossos esforços e torná-los prósperos novamente.”

“Na Guatemala?” Perguntou Alondo.

“As Honduras estão muito estreitamente alinhadas com os países do norte. Os Cruzados, hoje em dia, não são mais, do que um grupo de agricultores e camponeses nostálgicos. Desculpe-me se isso o insulta, mas é a verdade.” Disse a Humberto. “No entanto, o Presidente da Guatemala Departamental compreende onde está o futuro e, juntos, estamos a trabalhar para assegurar o nosso lugar no Império.”

Michael sentiu as suas entranhas revoltarem-se. “O Império Solan?”

Ele não conseguia acreditar. Chow Yin tinha-se alinhado, de alguma forma, com o governo da Guatemala. Teria sido sempre esse, o plano dele? Teria realmente sido por isso, que ele tinha libertado Michael, em vez de ser apenas para apaziguar Alex? Se sim, como é que Yin teve conhecimento, sobre qual era o propósito de Michael? Nem Michael sabia o que estava à procura, até ter chegado ali. Ou teria Chow Yin vindo, meramente, a jogar com as longínquas probabilidades?

Oscar sorriu. “Vou responder a todas as suas perguntas, Sr. Sanderson,” disse ele, “e vou assegurar-me de que os seus amigos, serão devolvidos ilesos às suas casas, nas Honduras.”

“Sinto que há aí uma condição.” Disse ele.

Concordando, Oscar disse: “E eu estou certo de que você pode imaginar, qual é essa condição.”

Durante a longa viagem no camião, Michael teve muito tempo para pensar nas várias possibilidades. Contudo, tudo se resumia a uma; a posse do corpo alienígena. Michael tinha esperança de que ninguém soubesse o verdadeiro propósito da sua viagem. Agora que Oscar revelou que estava a trabalhar para o Império Solan, ele sabia que já tinha sido enviada uma mensagem para Chow Yin, a informá-lo da descoberta.

De repente, ele perdeu o apetite. “Você quer que eu trabalhe para si.”

“Sua Alteza enviou ordens para o fornecer, com todas as instalações e equipamentos de laboratório de vanguarda disponíveis e para lhe estender toda a conveniência. Garanto-lhe que a sua estadia, aqui comigo, será confortável. Depois de ter concluído o seu trabalho, vamos providenciar para enviar os seus amigos para casa.”

Michael sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

Alondo, cujo olhar de raiva mudou para antecipação, durante o curso da conversa, disse: “E quanto a nós, Pai?”

“Ah!” Disse Oscar. “Eu gostaria que você voltasse para o local de escavação e assumisse novamente a operação. Estou certo de que o Sr. Sanderson o irá instruir, sobre as precauções que precisa de tomar, para transportar o corpo estranho para cá, em segurança.” Ele piscou o olho ao seu filho. “Já é hora de o trazer para debaixo da minha asa e, de o moldar, para se tornar o meu herdeiro, no novo império.”

Para Nadia, ele disse: “Minha filha, tenho uma missão muito importante para si. Com todos os nossos novos convidados, eu preciso de alguém para tomar conta da casa...” respondendo ao seu olhar azedo, Oscar levantou a mão para impedir qualquer protesto. “...e, para entrar em contacto com o escritório do Presidente da Guatemala, como embaixadora oficial do Império Solan. Você acha que está à altura da tarefa?”

Pela primeira vez, Michael viu os olhos da jovem acenderem-se. Era uma posição de prestígio.

“Agora,” Oscar disse a Michael, “você tem que me dar licença, enquanto eu relato a boa notícia a Sua Alteza.”

Michael deixou cair o prato de comida sobre a mesa, com o seu conteúdo não consumido, e trocou um olhar infeliz com Humberto. Ele tinha sido sempre um peão, no jogo de Chow Yin.

**Skanse Aerie:
Sistema Gliesan:**

Justine acompanhou Yoatl ao apartamento dele, noutra torre, onde conheceu a sua esposa, Ekthin. Era uma mulher delicada, que falava com uma voz muito suave.

“Seja bem-vinda à nossa casa.” Disse ela, por meio de saudação. “Espero que as roupas que lhe escolhi, sejam da sua satisfação.”

“São perfeitas.” Justine pegou no tecido da parte superior do traje e estendeu-a. “Do que é que é feito?”

“Há uma pequena espécie animal em Gliese, semelhante aos gambás da Terra, que produz isso para os seus ninhos. Nós conseguimos sintetizar o material. É muito resistente e quente. Chamamos-lhe *swa*.”

Yoatl apontou para uma sala de estar. “Venha, fique à vontade. Espero que não se importe, mas antes de a levar aos seus aposentos, há vários membros da Sociedade Solan que gostaria de lhe apresentar. Espero que corra tudo bem.”

“Depois que me reformei da NASA, tive um emprego como rececionista de relações públicas para diplomatas e embaixadores.” Disse Justine, rindo-se. “Estou bastante confortável com multidões.”

Sorrindo amplamente, Yoatl disse: “Excelente. Vou avisá-los que está pronta para os encontrar.”

∞

Justine passou a maior parte da noite, a conversar com as dezenas de convidados de Yoatl. Na sua maioria, eles estavam mais interessados na sua história pessoal, dos que nos eventos do mundo. Eles queriam ouvir histórias do seu tempo na NASA, como piloto. A sua história com Alex e Michael foi

um tema quente mas, quando ela falou sobre Yaxche, ficaram todos muito entusiasmados.

“Pelo que aprendemos, nós partilhamos um ancestral comum com ele. Os nossos e os antepassados dele, eram da mesma região na Terra” disse um dos homens mais velhos. “Eu teria gostado de o conhecer.”

“Eu não passei muito tempo com ele.” Disse Justine. “Mas ele é muito sábio. Tenho a certeza de que ele adoraria conhecê-lo, algum dia.”

A noite foi mais longa do que Justine esperava e, quando Yoatl finalmente anunciou, que era hora da sua convidada de honra se retirar, ela ficou-lhe muito agradecida.

Despedir-se dos visitantes levou mais uma hora e, quando o último saiu, Justine estava exausta.

Ele acompanhou-a ao outro apartamento, no final da torre. “Houve algum debate sobre onde alojá-la” disse ele. “O comandante da estação achou que você talvez se sentisse mais confortável com os outros éteres, mas nós convencemo-lo de que se iria adaptar à vida aqui mais rapidamente, se estivesse rodeada por Solans.”

Justine não lhe quis dizer que não se importava onde a colocassem; não tinha intenção de se adaptar à vida em Skanse Aerie, por mais maravilhosa que fosse. Ao invés, ela sorriu-lhe e cumprimentou-o, quando pararam à porta do apartamento do seu novo domicílio.

“Obrigada.” Disse-lhe ela.

“Voltarei amanhã de manhã e poderemos começar a sua orientação.”

“Isso seria perfeito.” Justine acenou com a mão por cima da saliência na parede, como tinha visto Yoatl fazer no seu apartamento e a porta abriu-se. Ambos se despediram com boas-noites e Justine entrou.

Estava demasiado cansada para fazer uma exploração completa do apartamento e apenas olhou à volta,

o tempo suficiente, para detetar a plataforma reclinável. Algumas horas de meditação, era justamente o que ela precisava.

∞

Depois de descansar, ela explorou os seus novos aposentos. Tinha quatro salas. Para além dos lavabos e da plataforma de reclinação, havia uma cozinha, com uma área em forma de ninho para as refeições. Justine subiu até à mesma e brincou com a consola. Esta estava encastrada na parede, tal qual aquela que tinha visto no restaurante. Pressionou alguns botões da consola e,

fez soltar um prato com o pequeno-almoço. Ou, pelo menos, aquilo que esperava que fosse o pequeno-almoço.

Surgiu um recipiente raso no recesso, preenchido com algo que parecia ser da mesma consistência que o puré vegetal da noite passada. Ela provou e decidiu que era comestível. Lembrou-se de como se pedia água. Embora tivesse preferido café, ela não sabia se em Gliese tinham algo como a cafeína.

Depois de comer, foi para a enorme sala central, que considerou ser a sala principal. Havia alguns móveis de aparência estranha, dispostos à volta da sala. Em vez de cadeiras, havia pedestais. Ela assumiu que, para os Gliesans era mais confortável empoleirarem-se sobre estes, do que estarem sentados. O apartamento de Yoatl tinha mais mobiliário ao estilo terrestre, todo ele concebido para os seres humanos. Ela teria que lhe perguntar, sobre como adquirir algum mobiliário para si.

Vislumbrou também uma zona de trabalho, com computador, ao longo de uma parede, com configuração semelhante à que tinha visto a bordo da *Fainne*. Sentou-se imediatamente na cadeira curva, e o monitor holográfico acendeu-se.

Não parecia que o computador tivesse uma interface sináptica, mas ela sentia-se igualmente confortável a tocar nos controlos com os dedos.

Anteriormente, ela tinha pesquisado sobre a história antiga dos Kulsat. Ela precisava de informação mais atual e passou a hora seguinte a vasculhar a base de dados de Gliesan, por qualquer coisa que a ajudasse a entendê-los e que a fornecesse com um meio de os impedir de destruir o Sistema Solar.

O mundo de origem dos Kulsat era, em grande medida, um mistério para o resto da galáxia. Eles eram uma sociedade altamente paranóica. Tinham um contingente de várias centenas de naves de guerra, constantemente a guardar o seu farol estrela. O Coletivo enviava naves sentinela para exploração do Sistema Kulsat, em ciclos não sistemáticos. As naves que se materializam no Espaço Kulsat, faziam rapidamente tantas análises quanto conseguiam e voavam de regresso, segundos antes que os Kulsat ‘ressuscitados’ pudessem fechar o acesso ao seu farol estrela e, antes que as naves de guerra, pudessem disparar sobre elas.

Ao longo dos últimos cem anos, tinham sido lançadas grandes ofensivas. Numa determinada altura, antes dos ‘seres etéreos’ perceberem como limitar o acesso ao farol estrela, mais de uma dúzia de sistemas tinham enviado milhares de naves do Coletivo, para atacar os Kulsat, num esforço concertado.

Numa primeira abordagem, tinham conseguido passar a primeira linha de defesa. Mas, antes que pudessem dominar a maioria da armada Kulsat, todas as naves dos Kulsat que estavam nos outros sistemas, regressaram. As naves do Coletivo ficaram presas entre as duas forças e foram dizimadas. Foi a última vez, que tentaram travar a luta em território inimigo.

Os Kulsat, com a sua densidade populacional e a sua tecnologia, atacaram e destruíram mais de dez mil culturas, desde que a guerra tinha começado, há um milénio.

Até agora, a única defesa eficaz contra eles, era permanecer tão impercetível quanto possível e não representar uma ameaça imediata. Como em Gliese, todos os sistemas estelares mantinham uma patrulha permanente, em torno do seu farol estrela. Caso fosse ativado, em qualquer sistema que os Kulsat ocupassem, os ‘seres etéreos’ trabalhariam todos juntos, para suprimir o acesso através do farol estrela. Embora a técnica fosse eficaz contra uma armada, ela não impedia a passagem de um pequeno número de naves. Havia sempre uma presença militar, pronta para lidar com tais situações.

Para que o Sistema Solar se pudesse defender, seriam necessários suficientes ‘kinemates’ para fazer a mesma coisa no seu farol estrela e precisava também de uma frota de naves de guerra, para interditar qualquer nave dos Kulsat, que conseguisse atravessar a abertura restrita. Além disso, eles precisavam de compreender a tecnologia que os outros sistemas tinham desenvolvido, para ler e controlar os faróis estrela. Tanto quanto Justine sabia, isso poderia levar anos...

A sentir o desânimo crescer, com o conhecimento daquilo que parecia ser uma desvantagem insuperável, Justine pesquisou algumas informações não-militares, cogitando sobre se haveria alguma outra forma, de derrotar aquela força invencível.

Como sociedade, a evolução dos Kulsat foi impulsionada pela necessidade. O seu mundo, na maior parte oceânico, era um ambiente hostil, cheio de dezenas de predadores submarinos. Na sua história, os Kulsat tinham sido presa fácil e tiveram necessidade de desenvolver a capacidade de utilizar ferramentas e armas, para garantir a sua sobrevivência.

O seu progresso tinha sido direcionado para empreendimentos industriais e a sua estrutura social era baseada no mérito tecnológico. Quanto mais avançada fosse, maior a hipótese de proteger a sua espécie contra os inimigos e eles consideravam todos os não-Kulsat um inimigo. Era quase, como se tivessem uma predisposição genética para a paranoia.

Um teórico social do Coletivo postulou que, conhecer os da Graça, teria sido uma das experiências mais assustadoras, na história dos Kulsat; uma força tão avançada, que os deixava completamente à sua mercê. Tal como acontecia com muitas culturas militaristas, os Kulsat, percebendo que eram impotentes, tornaram-se subservientes dos Xtôti, para ganharem tempo, até a sua própria tecnologia avançar ao ponto de já não se sentirem ameaçados.

Quando os Xtôti morreram, os Kulsat começaram uma campanha de mil anos de expansão e dominação, que aterrorizou a galáxia.

Justine levantou a cabeça, quando ouviu o sinal sonoro da sua porta e rapidamente se levantou para responder. Yoatl estava à sua espera.

“Presumo que teve uma noite tranquila?” Perguntou.

Concordando, Justine disse: “Sim. Eu tenho que dizer, que a cama de rede, é dos sitios mais confortáveis em que já dormi. Eu só desejava poder dormir; para conseguir tirar o máximo proveito dela.”

“É uma extensão dos ninhos, que as Aves pré-históricas faziam. Quentes, confortáveis e protetoras.” Yoatl ondulou a sua cabeça. “Você já pensou, sobre a minha oferta para se juntar à Sociedade Solan?”

“Somos muito mais do que apenas uma afiliação ocasional de seres humanos. Aliás, muitas Aves também são membros. Somos fortes defensores das futuras relações entre Gliese e o Sol, para quando se tornarem eventualmente membros do Coletivo.”

“Isso soa-me promissor.” Disse Justine. Embora Yoatl já tivesse mostrado, que era um homem que acreditava na Lei Galáctica e não ia contra ela, podiam existir outros que fossem mais simpáticos e que poderiam fornecer a Justine, outros meios para realizar o seu objectivo - parar os Kulsat.

“Antes de fazer mais alguma coisa, existe alguma maneira de eu poder ver a Mancha Vermelha e certificar-me de que ela está bem?”

“Claro.” Disse Yoatl, com um sorriso amável. “Embora não lhes tenham sido oferecidos tanto privilégios como a si, foi oferecido aos Kulsat o estatuto oficial de refugiados, por parte do Parlamento. Nós podemos ir lá imediatamente, se quiser.”

“Sim por favor.”

Recuando, para dar a Justine espaço suficiente para sair do seu apartamento e juntar-se a ele no longo corredor, disse: “Uma nota interessante, é que Gliese tem sido, historicamente, muito acolhedor para as espécies de outros mundos.

Eu acredito que, quase oito por cento da cidadania de Gliesan, são

xenomórficos na sua origem. Caso a Mancha Vermelha e os outros, desejem trabalhar para a cidadania, seriam os primeiros Kulsat da história de Gliese a fazê-lo.” Um momento depois, acrescentou, “Tenho a certeza de que, se você decidir pedir a cidadania, poderíamos pressionar para obter uma aprovação rápida. Existem apenas cinco ‘seres etéreos’ Solan, incluindo Ah Tabai. Estou certo de que você se poderia tornar um modelo e talvez convencer os outros, a tentar a conversão.”

“Apenas cinco?” Perguntou Justine.

“O Solans em Gliese são altamente orientados para a família e temos mantido muitas das nossas tradições ancestrais, incluindo uma grande reverência pela natureza. O sacrifício de estar longe de casa e da lareira, pelo resto da vida, é uma decisão difícil de tomar. Mas acredito que a Sociedade Solan ganharia estatuto político junto do Parlamento, se pudessemos contribuir mais para as empresas espaciais.”

Tinham chegado ao ponto central da estação e Yoatl dirigiu Justine para outra plataforma, que flutuava acima da grande área e terminava próxima à entrada de uma torre guardada.

Dois Gliesans olharam para cima, quando eles se aproximaram e um deles falou com Yoatl. “Embaixador,” disse ele, lançando um olhar para Justine. “Não estávamos à sua espera.”

Yoatl acenou educadamente para o guarda. “Foi uma decisão de última hora, ver os nossos novos hóspedes.”

“Um momento por favor.”

O outro guarda teclou algo num pódio, à frente dele. Justine achou que fosse um computador ou uma consola para comunicações, porque momentos mais tarde, o guarda acenou para o seu colega. “O comandante autorizou a visita.”

O primeiro guarda afastou-se para os deixar passar. “Presumo, Sr Embaixador, que conhece o caminho?”

Yoatl disse: “Obrigado, sim. Também prometo que, da próxima vez, peço ao meu escritório que trate primeiro da autorização.”

“Tenham um bom dia.” Disse o guarda e, de seguida, assumiu a sua posição novamente à frente da entrada.

A torre em si, era muito mais utilitária do que as outras, projetada mais para a eficiência do que para a estética. Era inequivocamente, uma área militar. Não se evidenciava ali, o longo corredor do tipo desfiladeiro com a projeção do teto, que tinha as outras torres.

Yoatl levou Justine até à plataforma de transporte automático e ambos se colocaram nela, esperando pacientemente que o transportador os levasse, até ao topo da torre. Em vez de corredores estreitos, que ligavam a plataforma de transporte ao corpo principal da torre, haviam grandes portas, semelhantes às dos hangares das docas de ancoramento. Muitas delas estavam abertas, para permitir o acesso rápido às centenas de soldados, mecânicos, engenheiros, funcionários e supervisores Gliesan, enquanto estes desempenhavam as suas funções.

“A gravidade do Sistema Kulsat, é ligeiramente superior à de Gliese.” Explicou Yoatl. “Temos o último segmento da torre, seccionado e convertido num ambiente de água autossuficiente. Foi o melhor que conseguimos, para estarem adaptados ao seu mundo de origem. Há muito espaço para todos eles, embora bastantes Kulsat tenham tido que partilhar alojamento, até que possamos instalar mais domicílios individuais.”

Quando chegaram à última seção, eles foram parados novamente por mais dois guardas, que tiraram as suas leituras de bioassinatura, antes de permitirem que Yoatl e Justine entrassem.

Um pequeno corredor, levava a uma área de visualização envidraçada.

“Há um monitor visual no interior e um interface de computador para os Kulsat utilizarem. A sua comunicação interpessoal é inteiramente baseada numa linguagem gestual, de sinais complexos. A sua língua escrita é de natureza técnica e foi desenvolvida principalmente para transmitir os seus avanços industriais. Mesmo com os nossos computadores de comunicação, por vezes há coisas que se perdem na tradução.”

Embora o vidro cobrisse a parede da sala, não mostrava todo o ambiente de água do outro lado. Havia uma parede rochosa, que obscurecia a vista. Até mesmo os Kulsat mereciam um pouco de privacidade.

Quando um pequeno Kulsat passou por ali a nadar, alheio aos dois seres humanos que estavam no lado seco do vidro, Yoatl ergueu um pouco a voz e falou na direção de um recetor que se projetava para fora do chão, à frente do vidro.

“Olá, o meu nome é Yoatl. Eu sou o Embaixador Gliesan do Sol. Eu gostaria de falar com a Mancha Vermelha, se ela estiver disponível.”

O pequeno Kulsat virou-se para eles, aproximou-se do computador do seu lado e teclou na consola.

“Vou informá-la da sua presença. Você vai esperar aqui.”

Ele afastou-se a nadar e Justine trocou um olhar com Yoatl, que informou:

“Eles são uma sociedade muito antiga. Mesmo que estejam no nosso espaço e confinados nas nossas instalações, a sensibilidade dos Kulsat continua a considerar todos os seres não-Kulsat, como inferiores. A diplomacia não é uma das suas prioridades.”

Depressa, uma Kulsat familiar aproximou-se. Justine reconheceu-a de imediato pela sua marca, mas viu que um dos tentáculos da Mancha Vermelha estava pendurado frouxamente, à medida que ela se aproximava a nadar.

“Está ferida?” Perguntou Justine, lançando um olhar para Yoatl, para ver se ele estava ciente deste desenvolvimento. Ele parecia tão preocupado e surpreendido quanto ela.

A Mancha Vermelha digitou. “Tivemos um conflito menor entre nós. Vários dos outros ‘potenciais’ ficaram indignados, ao terem que se render. Eles lançaram um ataque. Houve vítimas. Dois ‘deficientes’ e um ‘potencial’ foram mortos, no combate.”

“Na luta?” Disse Justine. “Quando é que isso aconteceu?”

“Nós resolvemos a situação.” Respondeu a Mancha Vermelha.

Com isso, Yoatl disse numa voz firme: “Vou alertar os guardas. Devem existir salvaguardas para evitar isso. Eu já volto.” Com isso, ele saiu da sala.

Voltando-se para a Mancha Vermelha, Justine disse: “Lamento, por isso que aconteceu com o seu povo.”

“Aconteceu fortuitamente.” Digitou a Mancha Vermelha. “Eu estabeleci o comando como ‘potencial’ sénior. Os outros Kulsat, não se irão rebelar novamente. Os ‘deficientes’ também me juraram lealdade. Nós ‘continuaremos’.”

“Eu não sei o que dizer.” Justine deu um passo para o vidro e colocou a mão sobre a superfície. Ela não tinha ideia, se a Mancha Vermelha podia sentir a sua sinceridade. “Você salvou a minha vida, por isso, não gosto de a ver, ou a qualquer dos outros, magoados.”

“Gratidão, Justine. Os Gliensans forneceram para as nossas necessidades. Não há motivos para preocupação adicional.”

Mesmo nessa altura, Yoatl regressou à sala de visualização. “Parece que a luta ocorreu fora da vista dos monitores de segurança. Os guardas estão a enviar pessoal médico, para ver o que podem fazer para ajudar e para recuperar os corpos. Infelizmente, não havia nada que pudessem ter feito para evitar a luta.”

A Mancha Vermelha digitou. “É um assunto interno, Embaixador. A

interferência não é necessária.”

“Claro.” Disse Yoatl.

Pareceu a Justine, que a Mancha Vermelha não tinha estendido a sua confiança a mais ninguém, para além dela. Ela perguntou: “É possível, que eu e a Mancha Vermelha possamos falar em privado? Será que os tradutores, irão gravar a nossa conversa?”

Yoatl deu-lhe um olhar a considerar. “Como refugiados e não prisioneiros, os Kulsat têm mais direitos, sob a lei de Gliesan. A privacidade é um desses direitos.” Ele parecia querer fazer uma pergunta, mas depois sorriu e, arqueou a cabeça para Justine, ao invés. “Vou esperar por si, lá fora.”

“Obrigado, Yoatl.”

Quando ele saiu, Justine falou com a Mancha Vermelha. “Eu não lhe quero pedir para fazer nada que traia o seu povo, mas preciso de proteger o meu mundo. Mas, preciso de os avisar urgentemente, que os vossos militares os irão atacar.”

“É compreensível. Embora eu não concorde com a nossa política de atacar os sistemas ‘não-ressuscitados’, não sei como a poderei ajudar, Justine.”

Respirando fundo, ela disse: “Eu dei aos Gliesans a minha palavra, de que não procuraria aprender sobre a tecnologia deles do Éter e não quero quebrar a minha palavra. A Lei Galáctica deles proíbe a partilha. Mas, uma vez que os Kulsat não subscrevem a essa Lei...”

“Claro, Justine,” digitou a Mancha Vermelha, apanhando a dica “eu ficarei feliz em ensinar-lhe tudo o que sei sobre a ‘dádiva’ e o caminho para se tornar um ser ‘ressuscitado’.”

“Obrigado.” Disse Justine, mas ela foi interrompida. A Mancha Vermelha continuou a escrever.

“Todavia, alertar o seu sistema do nosso ataque, será inútil. As nossas naves de guerra são muito poderosas. Elas superam as vossas. Elas vão esmagar qualquer arma, que a vossa tecnologia possa enviar contra elas. Se quiser salvar o seu sistema de origem, há apenas um caminho.”

“O que é que eu tenho que fazer?”

“Você tem que parar os Kulsat ‘ressuscitados’.”

Justine riu-se. “Essa é a questão principal na mente de todos; como conseguir isso?”

“A resposta é óbvia, Justine.” Digitou a Mancha Vermelha. “Obter o componente final.”

**Costa do Caribe:
Guatemala:**

No decorrer das semanas seguintes, Michael trabalhou num laboratório subterrâneo na propriedade costeira.

Fiel à sua palavra, o *Señor* Ruiz forneceu-lhe os equipamentos mais avançados de diagnóstico, com o propósito de estudar o alienígena. Lamentavelmente, Michael tinha mais experiência nos campos da geologia planetária e da astrofísica.

Por isso, com o intuito de o ajudar, foram contratados dois assistentes de laboratório. Quando eles viram o corpo do alienígena, pela primeira vez, ambos se levantaram e olharam por alguns minutos, de boca aberta, em estado de choque. Depois de se recuperarem, começaram a falar incontrolavelmente, tão entusiasmados como crianças num parque temático.

Um dos assistentes era um bioquímico da Universidade de San Carlos, na Guatemala. O nome dele era Felipe e tratava-se de um homem mais velho, que passava uma grande parte do tempo a falar do seu barco de pesca e para onde iria navegar quando se reformasse, com o dinheiro que estava a fazer com este trabalho.

O outro era Tristán, um jovem biólogo do Zoológico de La Aurora, que tinha passado alguns anos na exploração oceanográfica. Foi ele que rapidamente categorizou o alienígena, presumindo que evoluiu de uma criatura muito parecida com a família *protostegidae*.

“Uma tartaruga de mar?” Perguntou Felipe. “Mas não tem carapaça.”

Tristán sorriu. “Olhe para este raio-x.” Ele apontou. “Obviamente que, ao longo do tempo, deixaram de precisar da carapaça para proteção e esta diminuiu gradualmente. Há ainda o remanescente de uma carapaça, que funciona ao longo da coluna vertebral da criatura. É subdérmica, mas é

definitivamente uma carapaça sob a sua pele. Muito semelhante à *dermochelys coriácea*: a tartaruga de couro.”

Os dois debateram e especularam sobre a origem daquela espécie. De que tipo de ambiente é que ele viria? Qual o nível de inteligência que tinha conseguido? Que dinâmica cultural tinha desenvolvido? Como é que ele tinha conseguido ser enterrado na terra? A única coisa com a qual concordavam, era que ele tinha evoluído num planeta diferente, noutro sistema solar.

Embora Michael ouvisse as conversas deles e, por vezes, se juntasse à discussão, ele estava muito mais interessado num aspeto completamente diferente da fisiologia do alienígena: ou seja, que cada célula do seu corpo, continha apenas uma molécula de Kinemet alterado.

Muito rapidamente, determinaram que o elemento tinha que ter sido introduzido, algum tempo após o nascimento físico. O Kinemet, ao fornecer uma fonte constante de energia para as células, também teve o efeito de travar o processo de envelhecimento.

Levou bem mais de uma semana, para Michael concluir, após a introdução e a recolha de dados de milhares de diagnósticos que realizaram, que a infusão de Kinemet puro nestas criaturas, aumentava o seu tempo de vida normal, num fator de milhares de anos.

Seria esse o legado, que os Kulsat procuravam? A imortalidade virtual? Se essa conclusão estivesse correta, para onde então, teriam ido os da Graça? Certamente, que nem todos eles se teriam perdido, próximo ao poço gravitacional de um planeta, onde a pressão que este exercia sobre as células, seria demasiado forte para qualquer ser físico suportar. Eles decidiram que essa teria sido a causa de morte, naquele caso. O Kinemet era um elemento tão pesado, que a proximidade com a Terra e a tensão da sua força geomagnética, tinha causado com que as células ficassem sobrecarregadas.

Não. Tinha que haver outra explicação para o destino desta raça, os seres antigos que tinham explorado o espaço e criado dezenas de milhares de faróis estrela para ligar a galáxia.

Michael lutava com estas questões durante o dia e elas ainda permeavam os seus pensamentos à noite, quando ele jantava com Yaxche e Patli. Michael não estava autorizado a falar com ninguém. Todas as informações acerca do mundo exterior, estavam-lhe restringidas.

Humberto estava guardado noutro edifício, com os seus dois amigos Cruzados. Ainda eram considerados uma ameaça. Da última vez, tinha organizado a fuga de Michael. O *Señor* Ruiz não cometeria o mesmo erro

novamente.

Todas as manhãs, Michael tinha que apresentar um relatório intercalar a Oscar Ruiz, que o passaria então, presumivelmente, a Chow Yin.

Michael temia o dia, em que fizesse a ligação final. A sua exaltação inicial, ao perceber a relação entre os Xtôti e o Kinemet, foi rapidamente arruinada pelo fato dele saber que não poderia esconder as informações dos seus captores, por muito tempo.

Ele suspeitou que os Kulsat não queriam o segredo da Graça, apenas para estender as suas vidas. Eles queriam-no, para algo muito mais poderoso. Algo que poderia e iria, mudar toda a ordem da galáxia.

A descoberta aconteceu involuntariamente.

Uma vez que Michael, não tinha acesso a nenhum Kinemet para fazer experiências, ele extraiu algum das células da pele do alienígena, utilizando um laser de alta densidade, programado com uma frequência, que ele sabia, que não iria causar uma reação no Kinemet.

O problema surgiu, quando ele tentou separar o Kinemet, das células biológicas. O elemento estava ligado à célula, num nível subatômico.

Durante dois dias, Michael debateu-se com aquele problema, mas nada do que ele fizesse, conseguia extrair o Kinemet. Era como se o elemento, se tivesse tornado parte integrante da fisiologia do alienígena.

Um dos reatores conhecidos para o Kinemet, eram os fótons de hidrogênio. Michael decidiu ver o que aconteceria com a célula infundida com Kinemet, quando bombardeada com fótons de hidrogênio.

Ele montou a sua experiência do outro lado do laboratório, longe do cadáver do alienígena, num recipiente selado a vácuo.

Antes que ele iniciasse o emissor, para este produzir os fótons, ouviu-se uma explosão do lado de fora do laboratório. Por uma fração de segundo, Michael pensou que a sua experiência poderia ter causado aquilo, mas não havia nenhuma maneira disso acontecer.

O seu alarme transformou-se em medo, quando ele ouviu o som distinto dos disparos de metralhadoras. O complexo estava sob ataque.

Ele correu para a janela e levantou uma das cortinas, para olhar para fora. O complexo parecia um campo de batalha. Dezenas de guerrilheiros invadiram a propriedade. Cruzados? Como é que eles tinham rastreado os prisioneiros até aqui?

Uma bala perdida lascou a parede ao lado de Michael e ele saltou para trás, sobressaltado.

Algo brilhante chamou a sua atenção e ele percebeu que a bala tinha atingido o emissor de hidrogênio. Faíscas voaram da unidade, que pegou fogo, espalhando-se rapidamente.

Quando o fogo queimou o recipiente, o Kinemet nas células da pele que ele tinha extraído, começou a ficar cada vez mais brilhante.

Instintivamente, Michael recuou, lembrando-se da história de Patli. Mesmo que houvesse apenas algumas moléculas de Kinemet na mesa, a reação poderia ser altamente energética.

Em seguida, Michael sentiu um calor súbito por detrás dele, saindo do corpo do alienígena. Estava brilhante.

Ele verificou a tela do computador, que monitorizava as células. De alguma forma, o Kinemet nas células da pele, que Michael tinha retirado, estavam envolvidas com o Kinemet que ainda restava no corpo do alienígena. O que acontecia com uma célula, acontecia com todas as células.

Esse foi o seu último pensamento, antes de uma onda de radiação kinemética preencher rapidamente a sala, envolvendo Michael completamente. Ele nem sequer teve tempo de gritar, antes de ser totalmente consumido.

∞

Quando Michael acordou, sentiu que o mundo lhe tinha caído em cima e sentia todo o seu peso. Sentia-se a ser esmagado. Mas, quando abriu os olhos, viu que não tinha nada em cima dele.

Depois, uma sensação atravessou-o e, pela primeira vez, ele sentiu uma pequena fração do que Alex sentiu, aquando das experiências de Klaus.

Michael tinha sido irradiado. Ele não tinha nenhum dos poderes de um ‘kinemat’, porque não tinha sido convertido.

Sentiu umas cócegas na orla da sua consciência. Mas, como um pensamento formado apenas pela metade, o que quer que lá estivesse, escapava-lhe. Ele não conseguia identificar plenamente, qual era a ligação.

Porém, surgiu-lhe um claro entendimento, quando Michael se esforçou para respirar.

Ele ia morrer.

Uma corrente de luz atravessou a sala e uma figura sombria entrou. Apressadamente, aproximou-se dele.

“Michael?” Perguntou Humberto. “Você está vivo. Os Cruzados encontraram-nos. Eles estão a libertar-nos. Depressa estaremos em casa.”

“Como?”

Sorrindo, Humberto disse: “No rancho de Alondo, Diego e Miguel conseguiram passar a palavra aos meus homens nas Honduras, que contactaram alguns dos nossos amigos, aqui no governo. Há uma revolução a acontecer na capital da Guatemala. Parece nem todos concordavam com as políticas do Presidente, nem com o envolvimento dele no sequestro de cidadãos canadenses e das Honduras. Os nossos governos estão a enviar tropas, para policiar a transição. O Exército da Guatemala recebeu novas ordens esta manhã, para libertar este complexo. Eles já prenderam Oscar. Tanto Alondo como Nadia foram mortos.”

Depois ele olhou para Michael, com uma expressão preocupada. “Você está bem?”

Michael mal foi capaz de sussurrar. “Há algo errado. Não me posso mexer.”

“Você está paralisado?”

“Não.” Disse Michael. “Eu posso sentir tudo, mas parece que estou a pesar cem toneladas.”

Humberto olhou para ele, com uma expressão impotente.

“O alienígena,” disse Michael “ainda está ali?”

Levantando-se, Humberto olhou para a mesa de metal que outrora continha o corpo do alienígena. “Não. Para onde é que ele foi?”

“Ele reagiu quando o emissor pegou fogo. Agora, eu estou irradiado com Kinemet. Eu não vou sobreviver a isto.”

“Eu vou chamar um dos outros cientistas...”

“Não. Ouça-me.” Disse Michael. “Aproxime-se.”

Ele estava com uma dificuldade cada vez maior, em respirar.

“O que foi?” Perguntou Humberto.

“Você tem que enviar uma mensagem para Alex Manez. Eu não sei como. Ele foi preso numa estação de mineração, no cinturão de asteroides, pelo Imperador Yin.”

“O que é que quer, que eu lhe diga?”

“Conte-lhe o que aconteceu aqui, que o ADN do alienígena foi infundido com Kinemet.” Sentiu os seus pulmões espessos, como se estivesse a afogar-se. “É algum tipo de entrelaçamento. Esse é o segredo.”

Humberto agarrou no braço de Michael. “O que é que está a acontecer consigo?”

“Prometa-me.” Disse ele a Humberto. “Conte apenas a Alex. Mais

ninguém pode saber.”

“Eu prometo-lhe.” Disse Humberto, mas Michael já não o conseguia ouvir.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Durante as duas semanas seguintes, os guardas seguiram cada movimento de Alex, como se fossem a sua sombra. Ele foi confinado ao laboratório e Sian estava trancado na sala de experiências, com os guardas destacados para o vigiar. Aparentemente, o Imperador Yin, não queria que o jovem programador fizesse algo impensado, como o suicídio. Sian já não era confiável para trabalhar sozinho no projeto, de modo que a configuração final, foi deixada para Alex.

Verificando cada passo do progresso de Alex, Alice nunca deixou de lhe dedicar um sorriso condescendente. Durante todo o tempo em que esteve a configurar a primeira experiência, Alex não conseguiu parar de protestar consigo mesmo. Se a situação não fosse tão grave, ele poderia ter culpabilizado a sua fisiologia, que o levou a pensar com as suas emoções, ao invés da lógica. Uma parte dele reconhecia, que ele podia ter querido acreditar de coração na mudança de Alice, apesar do seu histórico.

O jogo não mudou, apenas os jogadores. Os Kulsat ainda estavam a caminho para chegar a qualquer momento e Alex não conseguia manter a esperança de que alguém, na Terra, fosse capaz de decifrar o código e desenvolver um exército de ‘kinemates’ para deter, tanto Chow Yin, como a invasão alienígena iminente. Tanto quanto sabia, Justine estava morta e, no mundo de origem dos Gliesan, ninguém tinha ideia do que tinha acontecido.

No fundo da sua mente, ele ainda nutria a possibilidade de ser capaz de encontrar uma saída para a sua situação. Ele não podia ceder ao desespero.

Enquanto se preparava para a primeira experiência, ele continuava com a conversa que tivera com Alice, às voltas na sua mente. A teoria dela de que os faróis estrela eram dispositivos interdimensionais, tinha algum mérito, mas

havia um pensamento persistente, de que aquela não era exatamente a resposta correta.

Na Terceira Estação do Canadá, quando ele e Kenny realizaram as suas experiências não autorizadas, Alex tinha ficado perdido nalgum estado alterado de consciência, que não conseguia explicar. Yaxche tinha chamado àquilo, uma caminhada do espírito, um estado de sonho, embora Alex não tivesse conseguido dormir ou sonhar, desde que tinha sido exposto ao Kinemet, em Macklin Rock.

Havia tantas lendas e mitos antigos sobre a natureza do universo, que era difícil considera-los a todos. Porém, todos eles tinham um aspeto comum: existia um nível para além do plano físico, algo a que toda a humanidade pode e deve esforçar-se para alcançar.

O problema que Alex tinha com essa ideia, era como é que os faróis estrela se encaixavam nela. Seriam eles uma espécie de ponte, para um nível alternativo da existência? Ele descobriu que era difícil acreditar, que a resposta fosse algo tão tangível e prevalente.

Embora ele só tivesse acedido a um relato muito breve da história da galáxia, por parte de Ah Tabai, parecia que a Graça era uma espécie terrestre. Eles não eram deuses; eles apenas tinham atingido um nível significativo de avanço científico.

Se eles criaram os faróis estrela, então devia haver outra explicação para o seu funcionamento. As palavras ‘fora do nosso plano de existência’, continuavam às voltas na sua cabeça.

Ele sabia que havia algum tipo de explicação física, para o mecanismo dos faróis estrela; que não era necessário entrar no misticismo ou na metafísica, para encontrar a resposta.

Quando Alex completou todos os cálculos, para o primeiro ensaio de conversão kinemética, informou um dos guardas, que imediatamente falou através do *chip* de comunicação no seu pulso.

Ao fim de alguns minutos, Alice chegou.

Atrás dela, vários trabalhadores carregavam um grande recipiente, feito de um termoplástico transparente. Tinha o tamanho suficiente para caber uma pessoa e estava ligado a vários fios eletrónicos e circuitos. Um pequeno tubo, inserido na parte de trás do recipiente, estava ligado a um tanque de oxigénio. A única abertura era a porta, que era eletromagneticamente selada.

Alex soube intuitivamente, o que é que aquele recipiente era. “Isso é um amortecedor kinemético?”

Balançando a cabeça, Alice disse, “Bem, nós queremos ter controle sobre si, ao observar a experiência e, quando se levantasse o campo de amortecimento no laboratório, você poderia ter a capacidade de frustrar a experiência.”

Alex falou em voz baixa, com acidez. “E claro que isso não pode acontecer?”

Fingindo não o ter ouvido, Alice disse: “Infelizmente, o meu pai está, neste momento, a participar noutro negócio, por isso, vamos ter que adiar a experiência. Possivelmente, para mais logo, esta noite.”

Sian assistia pela janela da pequena sala. Alex conseguia sentir o desespero dele.

Entrou outra pessoa no laboratório. O Doutor Naysmith, com um sorriso perpetuamente bem-humorado no rosto, acenou para Alex enquanto passava e se dirigia para Sian.

“O que é que está a acontecer?” Perguntou Alex.

Alice disse: “Precisamos de ter a certeza, que ele não tem problemas físicos. Não pode haver nada, que possa distorcer os resultados da experiência.”

Enquanto o médico realizava uma análise minuciosa de Sian, Alice ordenou aos guardas, que configurassem o laboratório para a experiência, colocando cadeiras em frente à janela da sala da experiência e colocando monitores, para que todos os que estavam a assistir, pudessem acompanhar o decorrer da experiência. Alex perguntou-se, quantas pessoas estariam presentes.

Uma vez que ninguém parecia estar a prestar-lhe atenção, Alex deu um passo em direção à porta do laboratório, mas um guarda atento viu-o e levantou a sua arma, apontando-lhe o cano da caçadeira para a cabeça.

Alice riu. “Talvez esteja mais confortável, se esperar do outro lado do laboratório. Deite-se na sua cama e descanse um pouco. Você não irá querer perder o espetáculo.”

Sentindo-se mais impotente que nunca, Alex retirou-se para a cama e sentou-se, mas não havia forma de conseguir nenhum descanso. Interiormente, ele sentia-se muito frustrado e irritado.

Forçou-se a pensar noutra coisa, mas a sensação persistente, aquela que o vinha a perseguir desde a TEC, regressou.

Como é que algo poderia estar ‘fora do nosso plano de existência’?

A luz era simplesmente radiação eletromagnética. Os sentidos humanos só

conseguiram detetar um grupo relativamente pequeno, do seu comprimento de onda.

Estaria Ah Tabai a falar de ‘ausência de luz’? Se sim, então como é que isso se relacionava com o estar em estado fotótico? Será que os faróis estrela, anulavam os efeitos da propulsão quântica?

Alex sacudiu a cabeça. Aquilo não explicava nada. A viagem entre os faróis estrelas era, tanto quanto ele sabia, instantânea.

E acerca da extremidade oposta da luz? Os raios gama estavam na parte superior do espectro. A galáxia foi inundada com as suas explosões, quer com buracos negros, quer com hipernovas.

Muitas das frequências correspondentes na Canção das Estrelas, tinham sido mapeadas entre os comprimentos de onda gama. Eram estas frequências, que iriam utilizar na amostra de Kinemet para alterar as suas propriedades físicas, ao ponto de, depois de bombardeado com fotões de hidrogénio, ele pudesse irradiar adequadamente uma pessoa, por sua vez, alterando a sua fisiologia, para se tornar sensível à luz e a todas as coisas no espectro eletromagnético.

Haveria algo, para além dos raios gama? Alguma onda de alta energia, que não tinha sido ainda detetada e que, de alguma forma, foi utilizada para criar os faróis estrela, bem como para criar um ‘kinemat’? Quando Macklin Rock viajou pelo Sistema Solar a velocidades próximas à luz, as análises que a tripulação de Justine tinha feito ao farol estrela, apelidado de *Dis Pater*, estava fora das escalas.

O que é que poderia produzir tanta energia?

O pensamento desapareceu da sua mente, quando ele percebeu que estava alguém de pé, ao seu lado, com um sorriso gentil no rosto.

“Doutor Naysmith?” Disse Alex.

“E como é que você está hoje, meu jovem?”

Franzindo a testa, Alex olhou para Sian. “Como é que pode fingir que se importa, quando sabe que ele poderá morrer, depois desta experiência?”

Por uma fração de segundo, o eterno sorriso no rosto do médico tornou-se hesitante. Ele inclinou a cabeça. “No meu entendimento, ele poderá viver.”

Olhando intensamente para cima, Alex fixou os olhos do médico.

Então o Doutor Naysmith disse: “Todas as pessoas têm direito a tratamento médico. Agora, o seu *check-up* está atrasado. Se me permite, gostaria de o examinar.”

O primeiro impulso dele, foi o de continuar a discutir com o médico, mas

depressa Alex percebeu que só estaria a perder o fôlego.

O médico apertou um sensor, contra um lado do pescoço de Alex e olhou para a leitura, no seu painel holográfico.

“Hmm.” Disse o Doutor Naysmith parecendo, pela primeira vez, preocupado.

“O que é que foi?” Perguntou Alex, querendo saber, se o tempo que esteve afastado da influência do Kinemet, estava a começar a drená-lo.

“A sua pressão arterial está um pouco alta.”

Rindo involuntariamente, Alex balançou a cabeça. “É só?”

“Bem,” disse o médico, a levar a mão a um bolso da sua farda, retirando uma arma hipodérmica. “de acordo com meus registros, a sua dieta está bem dentro das diretrizes. Poderá ser apenas devido ao *stress* do dia, mas há sempre a possibilidade de hipertensão. Eu gostaria de lhe injetar um micromonitor. Ele irá gravar a sua pressão arterial, ao longo das próximas vinte e quatro horas e enviar os resultados para o meu laboratório.”

Sem esperar pelo consentimento, o médico pressionou a ponta da arma contra o interior do pulso de Alex e apertou o gatilho. Alex soltou um grito curto e esfregou o local, até que a dor se dissipou.

Colocando a arma hipodérmica novamente no bolso, o médico disse: “Se a área ficar irritada, avise-me.”

Alex olhou para cima, quando Alice se aproximou. Ela olhou alternadamente entre ele e o médico. “Está tudo bem?” Perguntou ela.

O médico deu-lhe um sorriso caloroso. “Tão bem como um dia de Sol.”

“Boa,” disse ela e olhou para Alex, quando apontou para a gaiola de vidro. “O meu pai estará aqui em breve. É hora de começarmos.”

∞

Quando Alex percebeu, que caminhava como um animal enjaulado no invólucro de vidro, forçou-se a ficar parado. Observou, enquanto Alice e vários técnicos, se preparavam para realizar a primeira experiência em Sian.

Embora o jovem programador estivesse na sala de experiências, do outro lado do laboratório, Alex conseguia ver a preocupação no seu rosto. Não o censurava. Ainda havia uma hipótese de Sian vir a sofrer uma morte agonizante, por ser submetido à radiação kinemética. Repassando todos os cálculos na sua cabeça mais uma vez, Alex não conseguia pensar em nenhuma forma de eliminar um, ou o outro, das duas sequências. A experiência era a única maneira.

Quando Alex foi exposto à radiação kinemética, em Macklin Rock, estava parcialmente blindado pelas barreiras eletromagnéticas da UHTA (unidade de habitação temporária asteroidal), que foi projetada especificamente, para proteger contra as inúmeras ondas radioativas que flutuavam pelo Sistema Solar. Se não fosse por essa blindagem, Alex sabia que teria morrido, tal como os seus pais, uma vez que o Kinemet não tinha sido preparado, antes da ativação. Era uma verdade cruel.

Distraidamente, ele coçou o local no seu pulso, onde o Doutor Naysmith tinha injetado o micromonitor. Quando olhou para baixo, viu que a pele tinha adotado uma fraca tonalidade de vermelho. Provavelmente causada pela fricção do coçar.

Alice estava em frente a um painel de comunicação numa parede, com os punhos das mãos fechados e a descansar nos quadris. Ela trocou algumas palavras exaltadas com quem estava do outro lado, mas, pelo vidro, Alex não conseguia entender o que é que ela estava a dizer.

Finalmente, ela virou-se e olhou para Alex. Depois de um momento, caminhou até ele. Havia um sistema de intercomunicação configurado no invólucro e ela apertou o botão para ligar o microfone. A sua voz veio pelo altifalante, no alto na parede de vidro.

“Bem, parece que vamos ter que começar sem Sua Alteza.” Ela não tentou esconder a sua amargura. “Estamos a gravar a experiencia, para reprodução posterior. Eu não posso imaginar o que é que possa ser mais importante, neste momento.”

“Porque não adiar?” Disse Alex.

Ela lançou-lhe um olhar irritado. “Não. Nós vamos fazer isto já. Só vai demorar mais alguns minutos, para configurar os gravadores. Vou trazer um monitor para aqui, para que você possa acompanhar o decorrer da experiencia. Se houver alguma anomalia, você vai informar-nos imediatamente.”

“Claro.” Disse Alex, com um acenar de cabeça, pouco convincente.

Alice estreitou os olhos. “Preciso de lhe lembrar que, se fizer alguma artimanha, isso irá garantir-lhe uma rápida punição?”

Embora Alex não quisesse causar nenhum mal a Sian, o seu lado lógico sabia que esta experiencia era necessária. Quando o procedimento para criar um ‘kinemat’ fosse apurado, eles poderiam começar a criar uma força defensiva contra os Kulsat.

“Eu sei o que é que está em jogo.” Disse Alex. “Você não precisa de me

ameaçar.”

Um olhar de aborrecimento passou pelo rosto de Alice, mostrando a Alex, que ela não acreditava totalmente nele. Alguém que tinha passado pelo que Alice tinha passado, provavelmente nunca perderia aquele nível de paranoia.

Quando a filha do Imperador saiu, para supervisionar os detalhes de última hora, Alex deu por si a arranhar o seu pulso novamente. A pele estava a ficar com um vermelho brilhante. Ele perguntou-se, se deveria chamar o médico novamente ao laboratório, para o observar. Em vez disso, ele fez um esforço consciente, para enfiar as mãos nos bolsos e não arranhar.

Depois de mais quinze minutos de preparação, Alice e um técnico viraram uma estação de monitorização para a gaiola de vidro e posicionaram a tela, para que Alex pudesse ver a análise. O ecrã mostrava os índices de diagnóstico, incluindo os vitais sinais de Sian, a temperatura ambiente da sala de experiências, a luminosidade, a gravidade, a pressão do ar e os níveis de conteúdo. Depois de uma primeira análise inicial, Alex não conseguiu ver nada fora do comum.

“Está bem.” Disse Alice pelo intercomunicador, depois de um dos técnicos fazer um sinal positivo. “Alex, nós vamos trazer a amostra Kinemet agora, por isso vamos ligar o amortecedor ao seu invólucro. A blindagem vai cortar todas as ondas eletromagnéticas, incluindo o sistema de altifalante. Se você sentir que a experiência precisa de ser abortada, antes de iniciarmos, bata no vidro três vezes. Quando eu iniciar a sequência de preparação, não há como voltar atrás.”

Alex assentiu a demonstrar que entendia. Ela deu alguns passos e sentou-se numa estação nas proximidades.

Um minuto depois, ele ouviu o leve zumbido da blindagem eletromagnética, a indicar que o amortecedor kinemético estava acionado. Ele viu Alice pressionar outro comando na sua consola, presumivelmente para desencadear o amortecedor do laboratório.

Um técnico empurrava um carrinho, que continha um recipiente selado no topo, pela porta principal. Devia ser o Kinemet. Apesar de estar muito próximo, Alex não conseguia sentir a radiação do metal. Só de saber que estava lá, provocava-lhe uma sensação de desejo por ele. Já tinham passado alguns dias, desde que ele tinha estado na presença da radiação kinemética. Como um viciado, todo o seu corpo doía por ele.

Empurrando o carrinho para a sala da experiência, o técnico vestiu uma farda para o proteger da radiação, antes de transferir o recipiente para a

estação de preparação do Kinemet. Sian, amarrado na mesa de operação ao meio da sala, tentou virar a cabeça para ver o que estava a acontecer, mas não conseguiu encontrar o ângulo certo. Alex conseguia imaginar o medo do homem e engoliu uma súbita onda de culpa, que o percorreu.

Saindo da sala, o técnico fechou a porta atrás de si. Alice digitou outro comando e a janela escureceu. As únicas imagens que se podiam ver no laboratório, estavam nos monitores, que ficariam em branco, no momento em que a reação ocorresse.

Alice programou a fórmula da primeira sequência e Alex assistiu no seu monitor, quando o miligrama de Kinemet, ampliado umas centenas de vezes pela câmara, foi bombardeado com uma série de ondas eletromagnéticas. O monitor indicava que o Kinemet estava a transformar a sua assinatura elemental, numa escala microscópica.

Tudo estava a correr como Alex esperava, exceto pelo seu pulso, que parecia estar a arder.

Ele tirou as mãos dos bolsos e ficou alarmado, quando viu que a mancha vermelha na sua pele, tinha triplicado o seu tamanho. Havia um grande caroço a formar-se, como se ele tivesse desenvolvido algum tipo de quisto sebáceo.

Estaria a quantidade diminuta de radiação kinemética no seu sistema, a reagir com o micromonitor?

Incapaz de conter o impulso, Alex arranhou o local, que estava a ficar branco na parte superior. Pressionando, detetou algo duro sob a sua pele. Parecia uma esfera de metal. Ocorreu um repentino surto de calor e a cápsula abriu-se.

A sensação que atravessou Alex foi completamente inesperada.

Havia Kinemet puro no interior da cápsula, pelo menos metade de um grama. O médico não o tinha injetado com um monitor cardiaco. Tinha-lhe dado uma forte dose de metal kinemético, para o alimentar durante vários meses. O médico? Perguntou-se Alex. Seria ele um sabotador? Um agente? Fosse qual fosse a sua motivação, não saberia ele, que a maior arma contra o Imperador, era um 'kinemat' totalmente irradiado?

Faminto pela falta de radiação, Alex quase que podia sentir cada fibra do seu ser a mergulhar nos seus efeitos.

A blindagem eletromagnética ao redor da gaiola estava definida para o nível mais baixo, num esforço para minimizar qualquer efeito que pudesse ter sobre a experiencia. Esse nível era mais do que suficiente, para conter os

vestígios de radiação, que Alex ainda tinha no seu sistema. Porém, agora, com a afluência de Kinemet puro no seu sistema, o campo amortecedor era como um martelo contra uma fina folha de papel.

Instintivamente, Alex pressionou o corpo contra a blindagem e as bobinas de amortecimento rebentaram, por cima do invólucro de vidro.

Alice e os outros técnicos saltaram com o som e viraram-se para ver o que estava a acontecer.

A porta da gaiola já não estava eletromagneticamente selada e Alex bateu contra ela com o ombro. A porta rebentou e abriu-se, batendo num técnico, que tinha corrido para deter Alex.

O impacto projetou o técnico para trás, a cambalear em direção a Alice e à sua consola de comando.

Ela gritou, quando o homem não se conseguiu equilibrar e esticou os braços para se proteger.

No caos, a tecnologia deve ter acionado o comando para abrir a fechadura da porta da sala de experiências e esta, não selada, rolou para trás com um zumbido elétrico.

Pelo canto do olho, Alex viu no seu monitor, que a sequência de preparação estava completa.

“Não!” gritou Alice, tentando alcançar o botão de segurança na sua consola, de modo a parar o gatilho kinemético.

Sem o amortecedor kinemético da sala de experiências, para os proteger da reação, todos eles seriam expostos ao processo kinemético.

Todo o laboratório foi banhado por uma luz ofuscante, à medida que aquela seção da Estação de Qin e todos que estavam naquela área, entraram em estado quântico.

**Skanse Aerie:
Sistema de Gliese:**

Ao longo das semanas seguintes, Justine aclimatizou-se à vida na estação. Durante os dias, ela trabalhava com a Sociedade Solan, em função diplomática. Tinha reuniões com embaixadores de centenas de outros mundos, de modo a fortalecer as futuras relações entre o Sol e os outros sistemas, para quando, finalmente, chegasse o dia, em que o Sistema Solar obtivesse participação no Coletivo de Mundos.

No início, encontrar tantas novas formas de vida tinha sido esmagador e, tinha a certeza de ter cometido dezenas de gafes sociais, mas com a sua capacidade de aprendizagem aumentada, ela superou rapidamente a ansiedade e o constrangimento.

Num curto espaço de tempo, Yoatl foi capaz de conseguir que o Coletivo reconhecesse Justine como Enviada do Sistema Solar. Embora isso não lhe desse nenhum poder significativo no Coletivo, concedeu-lhe voz e aumentou o seu estatuto na Sociedade Solan.

Quando não estava a estabelecer relações com outros mundos, Justine passava o seu tempo com os humanos de Gliesan, a falar com eles sobre a cultura Solan, a sua história, a ciência e a política. Tal como Yoatl tinha esperado, as histórias acerca do seu sistema de origem inspiraram alguns dos seus membros mais jovens, a alistarem-se na Força Espacial de Gliesan e a realizarem a formação em Éter. Ainda demoraria alguns anos, até que estivessem prontos para se tornarem pilotos, mas já tinha sido dado um passo nessa direção.

Justine, também passava algum do seu tempo com os outros seres humanos etéreos do sistema e, embora eles estivessem impedidos de discutir a tecnologia Gliesan do Éter, era-lhes permitido ajudar Justine a saber mais

sobre a sua fisiologia, os aspetos comuns da alteração de todos os seres, que tinham sido submetidos ao processo de serem colocados em estado quântico.

Enquanto estavam na forma física, os ‘seres etéreos’ eram incapazes de dormir, no sentido clássico do termo, mas ainda necessitavam de descanso e de tempo, para as suas mentes poderem processar todas as informações do dia. Eles ensinaram-lhe técnicas de meditação, que se mostraram bastante eficazes em proporcionar-lhe, simultaneamente, descanso e organização mental.

Durante o seu voo de quatro anos, do Sol para Centauri, Justine esteve plenamente consciente e houve momentos, em que pensou que ia enlouquecer de tédio e de solidão. Quando eles souberam do tempo que ela passou no Espaço Etéreo, os outros tinham ficado alarmados e perguntaram-lhe se ela não tinha ficado louca. Os Éteres raramente passavam mais de doze horas, de cada vez, no estado etéreo.

“Livros.” Disse-lhes Justine. “Eu conseguia lembrar-me de todos os livros, que já tinha lido. Eles faziam-me companhia.”

Um dos seres humanos etéreos, Na Huama, disse-lhe que tinham chegado notícias, de que os Kulsat tinham colocado uma nave de guerra a patrulhar o Sistema de Centauri. Era provável, que a nave fosse permanecer lá durante meses, talvez até, durante anos. Os Sentinelas, Fairamai e Naila, decidiram fazer viagens de investigação a Centauri, periodicamente, para verificar o *status* do seu inimigo.

Nas suas horas de folga, Justine visitava a Mancha Vermelha e planeava regressar ao Sistema Solar. Efetuava também o treino que precisava, para atingir esse objetivo.

Uma das suas primeiras perguntas tinha sido, o que era o componente final.

“Nós não sabemos, especificamente.” Disse-lhe a Mancha Vermelha. “Era uma ferramenta de subjugação. Com ela, os Xtôti eram capazes de anular a ‘dádiva’.”

“Tal como um amortecedor?”

“Um amortecedor só irá suprimir o poder. Temos dispositivos que irão sufocar a ‘dádiva’ de um inimigo ou da sua nave, mas têm apenas um efeito temporário. Qualquer que fosse a tecnologia que os Xtôti tinham, se fosse utilizada numa nave, tornaria a ‘dádiva’ inerte de forma permanente, quer fosse num motor quântico, ou num ‘ressuscitado’. Se uma nave estivesse muito longe de uma estação, ou de um planeta, nunca regressaria. Qualquer

‘ressuscitado’ exposto a esta tecnologia, iria perecer.”

Se os Kulsat tivessem essa tecnologia, seriam capazes de eliminar a capacidade de qualquer outro sistema, para viajar entre as estrelas. Com esse tipo de ameaça, nenhum mundo se atreveria a resistir aos Kulsat.

A alienígena não tinha mais nenhuma informação, para além daquela e Justine ficou apenas a especular sobre como é que poderia identificar o componente final.

“E se ele não estiver no meu mundo de origem?” Perguntou Justine.

“Então terá que continuar a procurar noutros mundos, até o encontrar. O nosso povo tem a vantagem, de ser a única raça que procura pelo componente final.”

Ela ouvia a alienígena a entrar em detalhes, acerca dos exercícios de treino que os Kulsat tinham para os ‘potenciais’. Embora a Mancha Vermelha só conhecesse as teorias, ela conseguiu transmitir a Justine muitas técnicas de controlo, para usar enquanto já se estava na forma de ‘ressuscitado’.

Justine colocou-se a si própria em estado quântico. A Mancha Vermelha, juntamente com alguns dos outros Kulsat, ofereceram-se para a deixar praticar também com eles. Depressa Justine conseguiu colocar doze alienígenas em estado quântico simultaneamente e manter uma ligação fotónica com eles por mais de uma hora, sem se esgotar.

Ela aprendeu mais algumas técnicas, para além de colocar os outros seres e objetos em estado quântico. A primeira, tinha sido a maneira de esconder o seu sinal quântico, enquanto estivesse em estado fotónico.

Quando ela fugiu da nave de mineração dos Kulsat, a sorte esteve do seu lado, em mais do que uma maneira.

Se o líder da nave tivesse ampliado a sua *visão*, ele tê-la-ia detetado a mover-se pela nave. Teria ativado um campo de amortecimento, seção por seção, para a prender e a devolver ao seu ser físico. E assim, ela ter-se-ia afogado.

A Mancha Vermelha referiu, que o casco das naves deles tinha um amortecedor, uma defesa básica externa, para que éteres alienígenas não entrassem a bordo das suas naves. Para economizar energia, normalmente os escudos não eram ativados, a menos que houvesse um motivo. Ela teve sorte em ter atravessado o casco, sem ser convertida no seu ser físico e, cair no frio do espaço.

Outra possibilidade, que muitos ‘ressuscitados’ não conseguiram dominar, foi o aprender a resistir a serem colocados em estado quântico, por outro ser.

O Três Crescentes ainda não tinha aperfeiçoado a técnica, já que Justine tinha conseguido colocá-lo em estado quântico.

Justine não podia praticar como esconder o seu sinal quântico, ou a resistir a ser colocada em estado quântico por outro ser. Não havia ninguém com quem praticar, ou contra quem o fazer.

Ela prometeu ao Parlamento de Gliese, que não iria tentar aprender a tecnologia deles, ou do Coletivo, mas não havia nenhuma regra que dissesse, que não podia aprender como é que os Kulsat faziam aquilo. Todavia, se o Coletivo de Mundos ou o Parlamento de Gliese descobrissem que estava a aprender as técnicas, podiam decidir que ela estava a agir contra o seu juramento, utilizando aquela oportunidade e restringi-la de visitar a Mancha Vermelha.

A habilidade mais importante que ela precisava de aprender, era como viajar ‘fora no nosso plano de existência’. A Mancha Vermelha informou-a de que a técnica era universal, não obstante de como os motores quânticos tivessem sido construídos.

Contudo, mais uma vez, Justine só podia aprender a teoria; não tinha motores quânticos dos Kulsat, com os quais praticar. Tinha esperança de que, quando chegasse a hora, a teoria fosse suficiente.

A habilidade, era uma mistura de todos os atributos, de se tornar um ‘kinemat’.

Os princípios da navegação eram semelhantes a quando Justine tinha voado na *Ultio*, do farol estrela do Sol para Centauri. A sua *visão* era capaz de marcar os locais espaciais dos dois faróis e a sua memória reforçada mantinha os dois pontos nos seus pensamentos, quando ela acionasse o farol estrela.

Para viajar ‘fora do nosso plano de existência’, o piloto teria que usar a capacidade eletropática para se conectar ao farol estrela, da mesma maneira que se ligava aos passageiros em estado quântico, da sua nave. Neste sentido, era semelhante ao entrelaçamento quântico. Por um breve período, ela, a sua nave, os seus passageiros e o farol estrela, seriam uma única entidade. O farol estrela iria ‘saber’ as suas intenções de navegação.

Quando ela atingisse o farol estrela, em vez de passar à velocidade de um tiro, como vinha antes, o farol estrela assumiria o controlo e absorveria a energia fotónica da nave e dos seus passageiros.

Aqui, era quando o mistério começava.

Todos com quem falou acerca daquilo, lhe deram uma explicação idêntica:

fora do nosso plano de existência, os faróis estrela partilhavam o mesmo espaço. Para Justine, aquilo não fazia sentido.

Se fosse uma forma de viagem dimensional, então o farol estrela iria, simplesmente, transferir os sinais fotônicos de um farol neste plano de existência, para o seu homólogo noutra dimensão e, em seguida, novamente para outro farol, numa região diferente do espaço. Não havia nenhuma forma que Justine pudesse conceber aquilo, sem que houvesse um atraso. A viagem entre os dois faróis estrela era instantânea; por isso, não era uma transferência dimensional.

Não podia haver um entrelaçamento verdadeiro, o que significava que o farol estrela era, com efeito, o mesmo farol, existente em diferentes lugares ao mesmo tempo. Se fosse esse o caso, sempre que se ativava um farol estrela, todos seriam ativados.

Ninguém sabia o segredo, de como os Xtôti tinham construído os faróis estrela. A única coisa que todos concordavam, era que tinham desenvolvido aquela tecnologia, há quase um milhão de anos.

Justine desejou ter Alex e Michael próximo de si, para poder discutir o assunto; talvez eles tivessem alguma teoria para o explicar.

Todos os dias, ela aprendia os ensinamentos com a Mancha Vermelha mas, sem uma aplicação prática, não sabia se tinha dominado as habilidades. Sob nenhuma circunstância iria partilhar com alguém, para além da Mancha Vermelha e do outro Kulsat, o fato de ter adquirido aquele conhecimento.

Aprender as técnicas sem ser capaz de as praticar, era um obstáculo significativo, mas um problema mais grave ainda, seria conseguir colocar-se a bordo de uma nave, rumo ao Sistema Solar.

Nenhuma nave do Coletivo de Mundos, iria quebrar o protocolo e viajar até lá. Falando com Na Huama, Justine descobriu que Ah Tabai tinha sido sempre uma espécie de rebelde. Por muito que os seres humanos etéreos quisessem ajudar, não iriam seguir o caminho do seu colega.

Justine tinha dado a sua palavra, de que não iria quebrar a Lei de Gliesan e não era de voltar atrás com a sua palavra. Ela trabalhou muito, nas últimas semanas, para estabelecer relações com cerca de cem sistemas. Se quebrasse a Lei, iria também quebrar a confiança, que tinha estabelecido com essas raças. Claro que, se o Sistema Solar fosse devastado pelos Kulsat, essas relações diplomáticas deixariam de ter sentido. Justine estava dividida.

Quando relatou as suas preocupações à Mancha Vermelha, a resposta da alienígena atingiu-a como uma bomba. Ela não podia acreditar no que estava

a ouvir. Por um breve momento, pensou que apesar de todo o tempo que passaram juntas, a construir uma relação de confiança, a Mancha Vermelha tinha estado também a conspirar secretamente contra ela.

Somente depois que o choque inicial se começou a dissolver, é que Justine percebeu que era a única maneira de defender as leis de Gliese e do Coletivo, seria tentar chegar ao Sistema Solar e tentar encontrar o componente final.

A Mancha Vermelha disse-lhe: “Se não há naves a viajar para o Sistema Solar e você não vai comandar uma nave, então deve colocar-se a bordo de uma nave que já esteja a dirigir-se para lá... tem que encontrar uma maneira, de embarcar numa nave dos Kulsat.”

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Pela primeira vez, em meses, Chow Yin não tirou nenhum prazer, de caminhar pela estação com a ajuda das suas pernas biomecatrônicas. A sensação de liberdade que adveio da prótese tecnológica era pequena, em comparação com um outro sentimento, mais familiar.

A perda.

Desde criança, que ele não criava um laço afetivo com mais ninguém, como o que se tinha desenvolvido entre ele e a sua filha. Eles só se tinham reunido nos últimos anos, mas o seu tempo juntos, tinha sido dolorosamente curto.

Ele tinha-se imaginado a prepará-la para herdar o Império Solan, quando partisse para a conquista da galáxia. Agora, não existia mais ninguém, para quem passar o seu legado.

E tudo por causa de Alex Manez e do Doutor Naysmith.

Chow Yin reviu a gravação das últimas horas de vida da sua filha, uma centena de vezes, enquanto os seus técnicos e engenheiros reparavam o dano, que quase tinha destruído a Estação de Qin.

Embora Chow Yin tivesse tido a sua quota de traidores, ao longo dos anos, o médico tinha sido particularmente bem-sucedido, quando colocou em Alex uma pequena quantidade de Kinemet.

Ele tinha dado ao menino a restauração dos seus plenos poderes, que foram utilizados no momento mais infeliz. Simultaneamente com a ativação do processo cinemático em Sian.

A explosão fotónica colocou o laboratório e os poucos níveis principais da estação espacial, em estado quântico. Ao contrário do acidente ocorrido há alguns anos, em Macklin Rock, não havia Kinemet suficiente para lançar a

seção afetada em direção ao farol estrela, quase à velocidade da luz. Menos de um dia depois do evento, os sensores de Chow Yin apanharam fragmentos do casco da estação, a vários milhares de quilômetros de distância.

A missão de resgate recuperou os corpos de todos os afetados pela conversão fotônica, incluindo os técnicos do laboratório, alguns trabalhadores nos níveis das proximidades, bem como Sian e Alice. A equipa médica, rapidamente determinou que todos tinham sido parcialmente convertidos em ‘kinemates’, tal como os sujeitos que foram submetidos aos primeiros testes de Klaus.

Das duas sequências de iniciação, a primeira tentativa era a errada. Mesmo que o frio vácuo do espaço não tivesse morto a sua filha e os outros, poucos momentos depois de retornarem ao espaço normal, a conversão mal sucedida iria matá-los em breve.

O único corpo que não tinham recuperado, tinha sido o de Alex Manez. Chow Yin só podia supor que a sua conversão anterior, de alguma forma, o manteve vivo. Talvez, como os registros indicavam, Alex conseguisse manter-se em estado quântico. Não havia maneira de saber, quanto tempo é que ele se conseguiria manter em estado fotônico. De acordo com aqueles relatórios, Alex não tinha consciência, quando estava nessa forma. Dependendo da quantidade de Kinemet que o médico lhe tinha injetado, Alex poderia permanecer fora do alcance de Chow Yin durante meses, ou até mesmo, durante anos.

Pelo menos, Chow Yin tinha conseguido deter o médico, antes que este se escapasse da estação. Embora Chow Yin não acreditasse em tortura, ele acreditava na justiça poética e ordenou que o médico fosse lançado para o espaço e sofresse o mesmo destino da sua filha.

Havia uma fresta de esperança em toda aquela tragédia e Chow Yin agarrou-se a ela. Agora, eles sabiam a sequência de preparação, para a conversão de uma pessoa num ‘kinemat’. Assim que terminassem a reconstrução da câmara de conversão kinemética, Chow Yin poderia criar tantos esquadrões de pilotos quânticos, quantos precisasse, para subjugar o Sistema Solar e, mais tarde, a galáxia.

Chow Yin nunca tinha sido um homem supersticioso e confiava no poder do acaso, mas agradeceu à sua estrela da sorte, quando recebeu a notícia da libertação de Michael Sanderson, na Guatemala. Isso tinha-o impulsionado a acelerar os trabalhos na nave de *quantum*, que os seus engenheiros estavam a construir na doca inativa da estação, a vários quilômetros de distância da

Estação de Qin. Chow Yin decidiu ir supervisionar as fases finais da operação.

Tratava-se de uma grande nave de guerra. Com uma tripulação de apenas doze elementos, tinha um poder de armamento suficiente, para enfrentar e vencer qualquer dos destruidores do espaço da EUA, Inc.. Há muito, que os engenheiros de Chow Yin tinham aprendido a armar o Kinemet para torpedos e a nave de guerra continha trinta e seis desses, bem como mais vinte e quatro mísseis convencionais e nucleares.

Crente em manipular as probabilidades a seu favor, Chow Yin também tinha uma dúzia de canhões instalados para projeteis de grande calibre, com um alcance de cinco quilómetros cada um, apenas para aqueles momentos raros, em que as naves ficavam muito próximas uma da outra.

Chow Yin visualizava o seu voo inaugural, para depois de ter sido submetido com êxito à conversão kinemética e se ter tornado um piloto quântico. O seu primeiro alvo seria a Terceira Estação do Canadá, como vingança contra Alex e contra o seu país. Mesmo que as suas forças Solan, já tivessem tomado conta dessa estação, ele iria destruí-los como um símbolo do seu poder e vontade.

A União de Corporações da Terra conheceria a temeridade do seu propósito. Se não se rendessem imediatamente e lhe entregassem as nações corporativas do mundo, ele iria lançar ogivas kineméticas para as suas capitais, até que capitulassem. Quando tivesse subjugado o Sistema Solar à sua vontade, então iria incidir sobre os Kulsat, que Alex tinha mencionado a Alice.

Embora a informação que tinha sobre eles fosse reduzida, já tinha desenvolvido um plano de ataque: se eles estavam assim tão interessados em algum artefacto, na Terra, iria oferecer-lhes o livre acesso ao planeta, para o procurarem. Porque não simular uma cooperação e fazê-los baixar a guarda? Quando tivessem encontrado o que quer que fosse que estavam à procura, presumivelmente algum tipo de arma que temiam, então Chow Yin cairia sobre eles, apropriar-se dela e usá-la contra qualquer armada que enviassem contra ele. Com essa arma no seu arsenal, a galáxia ficaria à sua mercê, para ser dominada.

“Sua Alteza.” Disse alguém atrás dele. “Encontrei-o finalmente.”

Chow Yin parou de andar e virou-se, para ver o General Leong correr até si.

“General.” Ele inclinou levemente a cabeça. “Eu ia a caminho, para

inspecionar o progresso na restauração do laboratório.”

O General disse: “As obras devem ficar concluídas até ao final do dia.”

Retomando o seu ritmo, na expectativa de que o General o acompanhasse, Chow Yin disse: “E, em relação à nave de guerra?”

“Estamos a passar pelos diagnósticos finais. A propulsão quântica passou todos os testes. A nave estará pronta para a sua primeira viagem, amanhã, por esta hora.”

“Assegure-se de que há uma grande quantidade de Kinemet a bordo. Estou com plena expectativa, de testar a unidade de *quantum* por essa altura.”

“Tem a certeza, de que é prudente submeter-se à conversão?” Perguntou o General, levantando uma sobrancelha. “Talvez fosse mais prudente, testar primeiro a fórmula noutra pessoa.”

Chow Yin virou a cabeça e resmungou: “E manchar a memória da minha filha? Ela deu a sua vida, para provar que a sequência é válida. Não. Eu vou fazer a conversão esta noite.”

“Claro, Alteza.”

∞

Chow Yin sentiu apreensão pela primeira vez, desde que era criança. Na sua mente, ele sabia que aquela sequência de preparação era a correta, mas ainda existia um pequeno pensamento persistente, de que poderia haver outro fator que pudesse fazer com que a experiencia falhasse.

Durante uma fração de segundo, ele quis dar ouvidos aos conselhos do General e realizar o primeiro teste em alguém mas, de seguida, o seu orgulho afogou esse pensamento. Como é que ele poderia enfrentar os seus homens, se mostrasse o menor indício de medo?

Propositadamente, entrou no laboratório, sentindo prazer com o som pesado do batimento das suas pernas biomecatrónicas, à medida que caminhava, no chão de cerâmica. Era uma boa maneira de efetuar uma entrada; ninguém poderia confundir a sua chegada.

O General estava lá, bem como vários dos seus principais oficiais, a assistir aos últimos preparativos efetuados pelos técnicos.

Sem qualquer sinal de hesitação, o Imperador Yin continuou até à câmara de conversão kinemética. No interior, em vez de uma mesa de operações com correias, estava uma cadeira. Chow Yin não conseguiria usar as suas pernas biomecatrónicas durante o evento. A assinatura eletromagnética poderia interferir com a sequência de preparação kinemética.

Com a ajuda de dois técnicos, Chow Yin abriu as pernas e, apoiando-se pesadamente sobre os homens, permitiu-se ser colocado na cadeira.

Ao lado da cadeira, o Kinemet já tinha sido colocado dentro do dispositivo de preparação. Chow Yin imaginou que conseguia sentir a radiação a atravessá-lo.

Ele olhou pela janela de visualização para o general e para os outros oficiais, assumindo um olhar de suprema confiança, quando os técnicos lhe ligaram os sensores.

Quando tudo estava pronto, um dos técnicos assentiu. “Podemos começar quando estiver pronto, Alteza.”

Chow Yin esperou até que todos tivessem saído da câmara e selou a porta atrás deles.

Quando todos no laboratório focaram

a sua atenção, Chow Yin disse: “Senhores, hoje começa uma nova era, da nossa história. Deste dia em diante, o curso da existência humana será moldado por nós. Queimem as memórias nas vossas mentes. Vocês serão capazes de contar aos vossos netos, que estavam entre as testemunhas de honra, no nascimento do primeiro império galáctico.”

Tendo terminado o seu discurso, Chow Yin levantou. Lentamente, a mão, destacando um dedo e, depois de uma pausa dramática, apontou para o técnico para que este iniciasse a sequência de iniciação.

A câmara tornou-se estranhamente silenciosa, quando o amortecedor kinemético foi acionado e a sala foi selada eletromagneticamente. Ao seu lado, o miligrama de Kinemet no dispositivo de conversão, tão pequeno no seu estado puro que Chow Yin tinha que apertar os olhos para o conseguir ver. No momento em que foi preparado com a sequência de ondas de luz, começou a brilhar. Quando o processo se completou e, o Kinemet se tornou tão brilhante, que era impossível olhar diretamente, o dispositivo de bombardeamento abriu um túnel fino, a partir do qual um feixe de fótons de hidrogénio penetrou no metal kinemético.

A reacção a seguir, consumiu tudo.

∞

Chow Yin nunca tinha sido um grande patrono das artes e tinha cultivado pouco interesse em música. O som que encheu a sua mente e o seu corpo, quando se tornou um ser fotónico, transcendeu tudo o que tinha experimentado até àquele momento da sua vida e, a música, que penetrou a

sua alma, estava para além de qualquer descrição. Era o final de todas as coisas; - Forevermore - a elegante sinfonia dos corpos celestes através do universo. Ele era a música, e a música era ele.

Ele conseguia sentir o sinal sutil do amortecedor kinemético ao redor da câmara e com um simples impulso do pensamento, ele atravessou-o e desligou o selo eletromagnético.

Como uma amálgama de fótons, o Imperador Yin empurrou-se para fora da câmara e para o laboratório, deleitando-se com os olhares de espanto dos seus homens, enquanto observavam um ser de luz a aparecer diante deles.

Chow Yin sabia que, agora, era realmente, um deus.

Assim que esse pensamento surgiu, ele tornou-se consciente de algo mais, nas proximidades, uma outra presença. Soube instintivamente, que era de uma magnitude muito mais poderosa do que ele.

Pela primeira vez na sua vida, Chow Yin, sentiu medo.

Desconhecido:
Desconhecido:

Nada.
Depois alguma coisa.
O mais pequeno sussurro.
Um crescendo de sons.
Tudo dentro dele estava fora dele.
O universo infinito preenchia a sua essência.
As respostas estavam simplesmente fora do alcance.
A Música das Esferas?
A Canção das Estrelas?
Opus Cósmica?
Chave.
Uma falha.
Ausência de luz.
A inexistência de tempo.
A dicotomia da matéria espacial.
Convergência de luz, espaço e tempo.
Tudo o que estava fora dele, estava dentro dele.
Divergência simultânea da matéria.
Invariância e covariância.

Ausência de *Quantum*.
Tudo.

**Orbita da Terra:
Sistema Solar:**

O primeiro pensamento de Michael, foi que tinha morrido e passado para o outro lado.

Quando recuperou a consciência, uma sensação de plenitude preenchia-o. O calor suave e reconfortante que fluía pelo seu corpo, era diferente de tudo aquilo que já havia experimentado.

A dor sempre presente, que sentia nos joelhos e quadris à medida que ia envelhecendo, tinha regressado, foi aí que percebeu que, ainda, não estava morto. Cada célula do seu corpo estava a arder e ele sabia que isso era devido a ter sido irradiado pelo Kinemet que estava no alienígena. Contudo, não tinha sido suficiente radiação, para o matar imediatamente. Então, porque é que tinha sentido que ia morrer?

Ele abriu os olhos e olhou à sua volta. Para sua confusão, percebeu que estava nos aposentos de um oficial, numa nave. Havia uma mesa, com uma janela de um simulador digital de realidade antigo. A tela continha ordens para o capitão da nave e o nome era-lhe muito familiar.

Michael esforçou-se para entender, como é que tinha ido parar, novamente, à nave do Tenente Gao.

Estaria no espaço?

A sua desorientação e confusão, fez acelerar o seu coração. O que é que estava a acontecer? Como é que ele tinha chegado até ali?

Lutando contra a sensação de fraqueza que o percorria, levantou-se e uma onda de dor percorreu o seu peito.

Tinha uma costela partida. Algo deve-lhe ter caído em cima, durante a explosão. Foi por isso que sentiu peso. O choque tinha-o levado a pensar que ia morrer.

Com uma mão, ele sentiu a ligadura à volta das suas costelas. Ainda lhe doía respirar e levou algum tempo, até se aproximar da consola do computador. Lá, ele leu o relatório de *status* que estava na tela.

A nave estava em órbita no ponto L3 do lado oposto da Lua, da Terra. Essa região funcionava, há muito, como o ponto de partida de missões para os planetas exteriores. Tinha sido um dos primeiros alvos de Chow Yin.

O relatório de estado indicou, que havia dezenas de naves a partilhar a mesma órbita e, a maioria delas, eram modelos utilizados pela EUA, Inc., Corporação do Canadá, UK PLC e Deutschland, AG. Todavia, mais de metade das naves, eram de fabrico chinês. Teria Chow Yin reunido um exército para invadir a Terra? Teria ele capturado todas aquelas naves? Teria ele capturado Michael?

A sua confusão aumentou, quando o Tenente Gao, entrou nos aposentos e lhe sorriu.

“Sr. Sanderson, vejo que já está bem acordado.”

Pondo de lado os bons modos, Michael ripostou, “O que diabos está a acontecer? Como é que eu cheguei até aqui?”

Estendendo uma mão para pressionar o seu convidado para baixo, o Tenente Gao disse: “Calma! Você está seguro, garanto-lhe. Se já estiver apto, posso explicar-lhe.”

Embora soubesse que a radiação no seu corpo, combinada com as costelas quebradas, tinha minado a sua força, ele sentia-se mais do que apto, para uma explicação.

“Sou todo Ouvidos.” Disse ele, sentando-se na borda da cama.

O Tenente Gao puxou a cadeira de uma pequena mesa, colocada num nicho da parede e sentou-se. “Nós temos apenas alguns minutos, por isso, desculpe-me se só lhe der as informações gerais.”

“Prossiga.”

“Eu sou e sempre fui, um agente da República Popular da China, colocado dentro do Império Solan, para servir de desinformador do governo de Chow Yin. Quando você chegou ao Sistema Solar, enviámos um alerta para evitar as minas, mas a nave alienígena não recebeu o aviso atempadamente. Quando o vi voar em direção a outra mina, lancei um míssil de aviso para o fazer mudar de rumo. Não fazia ideia de que a nave podia explodir. Lamento pelos seus amigos.”

Uma mistura de emoções atravessou Michael no momento da confissão, mas depressa acenou ao Tenente Gao para continuar.

O Tenente disse: “Ao longo dos últimos meses, temos estado, secretamente, a acumular naves, que tem descolado durante as explosões solares, de modo a mascarar os nossos movimentos. Dentro de uma hora, vamos começar o ataque para reconquistarmos o Sistema Solar e precisamos da sua ajuda.”

“Da minha ajuda? O que é que você acha, que eu posso fazer?”

“Você foi capturado nas Honduras, por rebeldes que trabalhavam para Chow Yin, está correto?”

“Sim.” Disse Michael. “É a última coisa de que me lembro! O complexo estava sob ataque e, Humberto, um amigo meu, veio dizer que o Exército da Guatemala nos tinha libertado.” Fixou o Tenente com um olhar duro. “Como é que eu saí de lá e, cheguei até aqui?”

“Quando as autoridades o encontraram, o Cruzado informou-os de que você tinha sofrido lesões graves e, seguindo as suas ordens, só tinha licença para falar com Alex Manez. Claro, isso era impossível naquele momento. Por isso, acabou por concordar em falar com o Ministro Calbert Loche, um dos vossos altos funcionários.”

“E o que é que ele lhe disse?”

“Que, para além de você ter algumas costelas quebradas, tinha sido exposto à radiação kinemética. A informação foi enviada, por via diplomática, pelo seu governo para os americanos e, de seguida, para o meu governo, que tem vindo a trabalhar em cooperação com eles.

A minha nave estava em órbita na Terra, numa patrulha de rotina, quando recebi instruções para quebrar o meu disfarce e levá-lo para bordo. Os guatemaltecos lançaram um pequeno veículo, que veio ao encontro da nossa nave. Você já está aqui há vários dias, a entrar e a sair da consciência. Agora, o médico da nossa nave, verificou que você está a recuperar bem das suas lesões físicas.”

Michael, com a sua mente num corrupio, com toda a informação que tinha acabado de receber, chegou à conclusão mais vital. “Você quebrou o disfarce. O que significa que...”

“Que Chow Yin está ciente da minha duplicidade. Nós já temos a informação de que ele está a reunir as suas forças, na Estação de Qin. Ele está, obviamente, a proteger algo muito importante. A nossa frota vai ser lançada dentro de uma hora, mas o General Gates, o comandante da frota, precisa de o interrogar, antes de finalizarmos as nossas especificações relativamente à missão.”

“Explique-me porquê?”

“Você poderá ser a única pessoa, que poderá falar com Alex.”

“Com Alex?”

O Tenente assentiu. “Nós conseguimos enviar a mensagem codificada de Humberto, para um agente na Estação de Qin; o Doutor Naysmith. Mas não temos nenhuma forma de verificar, se o Sr. Manez a recebeu e perdemos o contato com o médico.”

Levou um momento para Michael integrar todos os novos desenvolvimentos. Ele perguntou: “E os outros, Humberto e os homens dele e Yaxche e Patli?”

“Tanto quanto sei, eles foram escoltados de regresso às Honduras e estão sob a proteção dos militares deles. Eles estão bem.”

Soou um sinal sonoro e o Tenente levantou-se. “Ah, está pronto.”

“O quê?”

“Nós preparámos uma cápsula de segurança, para o levar para a nave-mãe do General.”

∞

A *Liberty* era o maior cruzeiro de guerra da Força Espacial dos EUA. Tinha oito tubos de torpedos com ogivas nucleares e convencionais, doze lançadores de mísseis de curto alcance e duas dezenas de cargas de artilharia pesada. Havia seis portas, de cada lado da nave, para pequenas cápsulas de segurança atracarem. A nave utilizava os mecanismos defensivos tecnologicamente mais avançados e, estava equipada com a tecnologia de informática de vanguarda.

O que chamou a atenção de Michael, não foi o armamento ou o seu poder de ataque. À medida que a sua cápsula se aproximava da nave de guerra, ele viu nos monitores, que tinham instalado uma unidade quântica. Tanto quanto sabia, era a mesma configuração do protótipo que ele tinha instalado na *Ultio*.

Esta era a primeira vez que ouvia falar de uma nave militar, com capacidade de voar à velocidade da luz. Claro que, para o fazer, só precisaria de um ‘kinemat’ que a pudesse pilotar.

Durante o período de tempo em que atracou, desembarcou e foi levado para a ponte, para se encontrar com o General Gates, Michael estava atafalhado de perguntas.

No entanto, antes que pudesse dizer alguma coisa, o General levou-o directamente para uma pequena sala de conferências, longe dos outros

oficiais.

“Sr. Sanderson, bem-vindo à *Liberty*. Obrigado por nos estar a ajudar.”

“Como é que posso ajudar?”

“Pretendemos um ataque surpresa e ciurgico a Estação de Qin, que é a base de operações do Imperador Yin. Recebemos a informação, de que o Imperador Yin tem quatro vezes mais naves do que nós, no entanto, a maioria delas, está espalhada nesta área do espaço. Para termos alguma hipótese, temos que estar preparados, antes que ele tenha a oportunidade de reunir a sua frota. O nosso ataque deve ser inesperado. Sem dúvida que está ciente, de que os nossos motores iónicos melhoraram, ao longo dos últimos anos. Só devemos levar dois ou três dias para lá chegarmos, depois do lançamento.”

“Então, para que é que precisa de mim?” Perguntou Michael.

“Estamos convencidos, de que o Imperador Yin está a construir uma nave de *quantum*, da sua autoria. Se ele criar um ‘kinemat’ com êxito, terá uma vantagem sobre nós. Sabemos que ele pode ter coagido Alex Manez para o ajudar; temos que o recuperar vivo, se quisermos ter alguma hipótese de criarmos a nossa própria força de ‘kinemates’.”

“Alex não teve escolha...” Disse Michael.

“Isso nós sabemos. Mas não é o mais importante neste momento. O que é realmente fulcral, é que ele pode não saber em quem confiar. E é aí, que você entra.”

“Claro. Farei tudo o que puder para ajudar.”

“Que bom.” O General concordou e, de seguida, levou um momento para seleccionar as palavras. “Pensamos que não conseguimos conter as notícias da revolta da Guatemala e é por isso que acreditamos, que o Imperador Yin acelerou o seu calendário. Quando ele tiver o que quer de Alex...”

“Ele vai matá-lo.” Terminou Michael.

**Estação de Qin:
Sistema Solar:**

Alex, não tinha qualquer noção de tempo ou de espaço. Foi uma metamorfose metafísica completa. Não tinha noção, de que já tinha sido um ser corpóreo. A sua consciência foi preenchida, com todo o alcance da existência do universo. Ao mesmo tempo, ele estava suspenso num momento de energia pura.

Ele podia ter existido sempre nesse estado e não saber a diferença, ou sequer importar-se sobre o fato. Era o fim e o início de todas as coisas.

Num instante, ele tornou-se consciente da sua ignorância e forçou-se a tornar-se consciente.

Havia uma outra senciencia perto dele e os limites da sua percepção disseram-lhe, que era uma presença semelhante a ele.

A felicidade esmagadora chamou-o novamente e ele estava muito perto de afastar a sensação anómala, de que havia alguém ou algo perto de si. Tudo o que ele queria, era existir naquele glorioso fragmento de tempo e de espaço, por toda a eternidade, a suspensão de toda a realidade.

Ainda assim, havia algo na sua psique, que não o iria deixar permanecer na sua forma atual. O que era? Se ele tinha percepção da consciência, não teria ele a obrigação de a acolher? Caso contrário, a inexistência infinita era uma mentira.

Ele concentrou-se e tornou-se consciente de que havia um universo material em torno dele.

Galáxias, sistemas solares e planetas. Elementos, partículas, moléculas e *quanta*.

O tempo abrandou e, voltou a si. As suas memórias foram restauradas.

De um momento para o outro, ele percebeu um grande número de coisas.

Estava diferente de antes. Durante quase vinte anos, tinha sido afetado pela radiação de Kinemet. Agora, o Kinemet era uma parte dele. Cada célula do seu corpo, aliás, o seu próprio ADN, tinha sido alterado. Agora, o Kinemet era parte fundamental da sua fisiologia. Ele já não era uma conversão mal sucedida, já não era um meio-humano, ‘meio-kinemat’. Ele estava suficientemente diferente, para se ter tornado uma outra espécie, mesmo sabendo que a sua aparência física não mostrava as alterações.

A Graça! Era isso que a Graça era? Alex expandiu a sua consciência. Embora ele sempre tivesse conseguido sentir cada corpo planetário no Sistema Solar, ele não conseguia expandir a sua consciência, mais do que cento e cinquenta quilómetros de distância do seu ser fotónico. Para além dessa limitação, os pormenores ficavam completamente obscurecidos. Agora, se ele se concentrasse, poderia expandir a sua consciência para cada ponto do Sistema Solar.

Como um farol a irradiar diretamente a sua alma, o farol estrela em Plutão brilhava. Não era mais do que um ponto distante de luminescência, nos confins da sua *visão*.

E... Alex conseguia ver para além dele. Não no sentido físico. Era algo Inatingível, Metafísico, como se ele pudesse ver o passado. Embora ele ainda conseguisse detetar outros faróis estrela, por toda a galáxia, a sua nova perceção do farol do Sistema Solar, estava para além de qualquer outra coisa, que ele já tivesse imaginado.

Emanava dele uma sinfonia etérea, algo muito mais majestoso do que a Música das Esferas, ou do que a Canção das Estrelas. Era uma perfeição que tudo continha e chamava-o. A mensagem estava lá, desde Macklin Rock, mas agora estava mais poderosa do que nunca.

Alex, volte para casa.

Como é que ele tinha mudado? O médico! Como tinha o Doutor Naysmith sabido, que a injeção de Alex com Kinemet, antes do processo de conversão, teria aquele efeito? Ou teria sido um acidente?

Alex sabia que essa, era a chave final. Programar o Kinemet conforme a Canção das Estrelas, era apenas metade da equação. A exposição à sua radiação, iria converter um ser físico num ‘kinemat’ mas, um ‘kinemat’, era apenas a metade do caminho. Injetar o Kinemet convertido, durante o processo, alterou Alex para um ser quântico completo.

Seria esse o segredo que os Kulsat tinham procurado, nos últimos mil anos? Em teoria, parecia correto, mas ainda existia uma semente de dúvida na

mente de Alex. Precisava de pensar mais sobre aquilo.

Ele percebeu outra coisa, ainda mais imediata. Existia algo de importante, relativamente à presença secundária que ele tinha sentido.

Havia uma distância física entre ele e o outro ser fotónico. Vários milhares de quilómetros. Antes que pudesse pensar sobre essa questão, ele teve a resposta. Alex, no seu estado quântico, tinha saído do Sistema Solar. Um cálculo rápido da sua posição entre os planetas, informou-o que, ele tinha estado alternadamente na consciência, durante vários dias.

Usando a sua *visão*, ele concentrou-se na presença e percebeu que esta estava muito perto da Estação de Qin.

Era outro 'kinemat' e Alex focou a sua percepção para o identificar.

Quando percebeu que era Chow Yin, Alex empurrou o seu ser fotónico para a frente.

Em determinada altura, ele pensou que a única opção para salvar o Sistema Solar, era ajudar o imperador autoproclamado do Sistema Solar. Agora que tinha descoberto como criar 'kinemates', Chow Yin não iria parar na sua busca louca. A última coisa que precisava, era de um maníaco à solta, com aquele poder.

Chow Yin tinha que ser detido.

Embora a sua percepção viajasse a uma velocidade próxima à da luz, Alex ainda tinha limitações e só conseguia empurrar o seu ser fotónico, a uma fração dessa velocidade.

Ao aproximar-se da Estação de Qin, Alex sentiu a presença de uma quantidade significativa de matéria Kinemet, a totalidade da qual, estava a bordo de uma grande nave. Ele podia sentir a presença kinemética do Imperador Yin nessa nave e detetou uma unidade quântica instalada na embarcação.

Quando a essência de Alex alcançou a Estação de Qin, a nave de guerra deslocou-se, distanciando-se alguns quilómetros e começou a aparecer.

A nave de Chow Yin lançou um torpedo kinemético para a estação.

Tal como tinha feito com Justine, anos antes, fazendo explodir um torpedo quando eles estavam a ser perseguidos, ao saírem da Terceira Estação do Canadá, Alex expandiu os seus sentidos em direção à arma e, detonou o torpedo kinemético, antes deste atingir a estação.

Imediatamente, a nave do Imperador lançou um míssil convencional e Alex não pôde fazer nada, senão, assistir com horror, quando a Estação de Qin foi obliterada.

Quantas pessoas inocentes estariam naquela estação?

Maldição! Alex enfureceu-se. Ele teve uma ideia louca: tal como detonou o Kinemet armado nos torpedos, talvez houvesse uma forma dele fazer detonar o Kinemet, que estava bordo da nave de guerra do Imperador.

Antes que expandisse os seus sentidos, Chow Yin ativou a sua propulsão quântica e a nave de guerra desapareceu, num raio de luz.

Nessa altura Alex sentiu outra quantidade de Kinemet. Uma frota de naves estava a vir na sua direção. O seu primeiro pensamento, foi que elas seriam os reforços do imperador, pois muitas das naves tinham marcas da República Popular da China.

Mas, quando olhou mais de perto, percebeu que as naves não transportavam ogivas de Kinemet armado. Uma das naves tinha uma assinatura da EUA, Inc. e, tinha uma unidade quântica instalada, para além de várias centenas de quilos de Kinemet a bordo, mais do que suficiente para abastecer a nave, durante anos.

Ao mesmo tempo, um outro grupo de naves, convergia para os recém-chegados, vindo de outra direção. Elas deviam ser o que restava das forças de Chow Yin.

Quando as duas frotas se encontraram, começaram a disparar uma contra a outra. Alex estava impotente na luta.

Se fosse um holovisor, ou uma versão de *‘Piratas de Nova’*, o jogo que Alex adorava quando era criança, ele teria gostado da épica batalha espacial que se seguiu. Ele ter-se-ia revelado no conflito, torcendo pelo seu lado favorito.

Agora, Alex só conseguia assistir com horror, enquanto dezenas de naves e centenas de soldados de ambos os lados, eram destruídos na luta.

Depois do que pareceram horas mas, na verdade, foram menos de cinco minutos, a batalha terminou.

As forças de Chow Yin, sem o Imperador a liderá-las, rapidamente foram dominadas e as naves afastaram-se da luta, fugindo da morte certa.

As forças da Terra tinham vencido a batalha.

Mas o que dizer da guerra?

Alex sabia que, certamente existiam grupos de imperialistas por todo Sistema Solar, mas sem o seu Imperador, as hipóteses favoreciam a Terra.

Alex tinha estado distraído pela luta, mas agora que o conflito tinha terminado, ele vasculhou a nave principal da Terra. Estariam eles realmente do seu lado?

Quando ele concentrou a sua percepção na ponte, sentiu uma onda de alívio. Michael!

Empurrando-se para a frente, Alex atravessou o casco da nave e, dirigiu-se para a ponte.

Como se estivesse estado sempre à espera da sua chegada, Michael disse: “É tão bom vê-lo, Alex.”

O seu sorriso, fez um contraste total com o olhar de choque no rosto dos oficiais, quando Alex se materializou na forma física.

∞

Na cabine do capitão, Alex bebeu uma xícara de caldo de galinha quente, enquanto Michael e o comandante da frota, o General Alan Gates, o informavam dos acontecimentos.

“E assim,” disse Michael: “Chow Yin devia estar já, preparado para nos repelir...”

“Mas depois ele sentiu-me.” Disse Alex e sacudiu a cabeça.

Michael disse: “Consigo de um lado e nós no outro, ele percebeu que estava desarmado, sem a maior parte da sua frota. E fugiu, como qualquer covarde.”

O General Gates rosnou. “Não, até se assegurar de que destruía a Estação de Qin, fosse para nos distrair ou para esconder a sua pesquisa.”

Olhando Alex de frente, Michael perguntou: “Para onde é que acha que ele foi?”

“Ele foi procurar mais aliados.”

“Onde?” Perguntou o General. “Às luas de Júpiter?”

“Não.” Disse Alex, e respirou fundo. “A Centauri. Ele sabe sobre os Kulsat. Acha que eles se vão juntar a ele, se lhes der o que estão à procura.”

O General Gates, franziu a testa e olhou para Michael. “Nada disto estava no seu relatório. Os Kulsat?”

“É altura de você saber a verdade.” Disse Michael. “Eu informei o meu governo, mas o meu relatório foi descartado, como sendo uma invenção.”

Juntos, Michael e Alex contaram ao General tudo o que sabiam sobre a ameaça dos Kulsat.

Quando terminaram, o General não questionou a veracidade da sua história. Ele perguntou: “E sobre esses Gliensans que você mencionou, aqueles que salvaram Alex na sua primeira viagem, bem como os restantes de vós, nesta última vez?”

Michael disse: “Eu não sei, se eles têm os recursos para enfrentar os Kulsat. Tenho a impressão de que eles estão, severamente, desarmados. Os ‘kinemates’ deles ajudaram-nos, mas acredito que tivessem feito isso, por sua conta e risco. As ações podiam não ser oficiais e eles podiam estar a quebrar as suas próprias leis, para nos ajudar.” Ele balançou a cabeça. “Não há forma de adivinhar, qual a orientação que o governo deles adotou, a nosso respeito.”

Alex disse: “Até agora, os Kulsat não tinham qualquer ideia onde, na galáxia, estava localizado o Sistema Solar. Os faróis estrela têm uma espécie de mecanismo de camuflagem interestelar, escondendo a nossa localização de quem não conheça as nossas coordenadas.”

“E escondendo-os de nós.” Acrescentou Michael. “É por isso, que nenhum dos nossos sensores de longo alcance, tem conseguido gravar nada fora do nosso sistema.”

O General Gates, levantou-se e caminhou na pequena sala. “E você diz que isto foi criado por esses alienígenas antigos, os da Graça?”

“Pelo que sabemos, sim.” Disse Michael. “Nós não conseguimos interrogar os Gliesans na íntegra, antes das minas de Chow Yin nos terem atingido. E a única fonte de informação alternativa que temos, são as histórias de Yaxche e do seu amigo, Patli. É possível, que algumas partes da história pudessem ter sido alteradas ou perdidas, ao longo dos últimos mil anos.”

Esticando-se até à sua altura máxima, o General disse para consigo. “Vou enviar um relatório para a Sede.”

“Não temos tempo para esperar que eles discutam isso.” Disse Alex. “Se nós não seguirmos Chow Yin e, o impedirmos, ele vai trazer os Kulsat diretamente até nós.”

“Eu não tenho autoridade para fazer isso.” Disse o General e, de seguida, olhou para Michael. “Além disso, se o seu governo ignorou a sua história, o meu governo poderá fazer o mesmo. Eu não posso simplesmente fugir para outro sistema solar, com base em conjeturas.”

“E, se eu puder provar isso?” Disse Alex, levantou-se.

Levantando uma sobrancelha, o General perguntou: “Provar a ameaça dos Kulsat?”

“Sim.”

“Como?”

“Você tem uma unidade quântica a bordo.”

Lentamente, o General assentiu. “Sim... mas... pelo que percebo, nenhum de vós é totalmente capaz de pilotar a unidade.”

“As coisas mudaram.” Assegurou Alex. “Não se preocupe; será uma viagem curta.”

“Uma viagem curta?” O General franziu o cenho. “Para onde?”

Alex sorriu. “Para Plutão.”

∞

O General foi enviar o seu relatório, insistindo que precisava que alguém, acima na hierarquia, assinasse a proposta. Por isso, deixou Alex e Michael sozinhos na cabine.

“Você foi irradiado por Kinemet.” Disse Alex.

“Fui, mas não pareço ter nenhum dos poderes de um ‘kinemat’. Só sinto os efeitos colaterais negativos. Se não me tivessem tirado da Terra, tenho a certeza de que teria morrido. Mas, posso lidar com isso, pelo menos por enquanto. Com base nos casos anteriores, posso não ter mais do que alguns dias ou semanas, antes da radiação me começar a matar.”

“Conte-me o que aconteceu?”

Michael relatou rapidamente tudo o que lhe tinha acontecido, desde que se separaram, depois da morte de Kenny. “Eu percebi que o alienígena tinha Kinemet infundido no seu ADN. Claro que a revelação veio, segundos antes, do laboratório explodir.”

“Não era Kinemet puro.” Disse Alex. “Já tinha sido alterado, como se tivesse sofrido a sequência de preparação.”

“Sim.” Michael fez uma careta. “Eu pedi a Humberto para lhe enviar a mensagem a informá-lo, que essa era a chave final. Assumi que...”

Balançando a cabeça, Alex disse: “O Doutor Naysmith, deve ter infundido Kinemet na minha corrente sanguínea, pouco antes da primeira experiência. A amostra utilizada em Sian estava incompleta e toda a gente que estava no laboratório, morreu. Eu estava protegido contra isso. Assumo que tenha sido, porque fui previamente irradiado.

Fui eu próprio que me coloquei em estado quântico, momentos antes da explosão. De alguma forma, ao ser colocado em estado quântico, consegui processar o Kinemet no meu sistema. A conversão deve tê-lo alterado. Se me tirasse uma amostra genética agora, iria mais provavelmente descobrir, que eu partilho os mesmos marcadores de ADN kinemético que o Xtôti que você examinou.”

“Então você...”

Alex assentiu. “T tecnicamente, já não sou um ser humano. Sou da Graça!”

Ele riu-se. “Infelizmente, não tenho ideia do que isso implica. Para além de ficar consciente no estado fotónico, a única capacidade que pareço ter mais, é conseguir estender a minha consciência a todo o Sistema Solar.”

“Então, esse era o legado que os Kulsat estavam à procura? A infusão de Kinemet? Foi o corpo do alienígena que nos deu essa pista.”

Alex franziu o cenho. “Eu acho que a infusão, é apenas uma parte do legado, um passo importante sem dúvida, mas, no entanto, ainda há uma peça que nos falta nesta equação e, juro, pela minha vida, que não sei o que é.”

“Para isso, precisamos de um laboratório e uma boa quantidade de tempo.” Disse Michael. “Não temos nenhum dos dois.” Momentos depois, ele acrescentou: “Também não sei sequer, quanto tempo é que tenho.”

“Tenho a certeza, de que você irá ter todo o tempo do mundo.” Disse Alex.

Michael olhou para ele. “O que é que quer dizer?”

“Você contou-me a história de Patli, acerca de como os outros alienígenas sequestraram os moradores irradiados, há um milénio atrás.”

“Sim.”

“Eu acredito que as equipas de resgate foram os Gliesans e os aldeões foram os ancestrais de Ah Tabai.”

Concordando, Michael olhou para o chão, pensando sobre aquilo. “Isso faz sentido.”

“Então, tudo o que precisamos, é de fazer com que Ah Tabai e Aliah o alterem a si, tal como os Gliesans fizeram aos moradores.”

Michael levantou a cabeça. “O quê?”

“Que melhor maneira de provar a nossa história, do que obtê-la diretamente da boca do Lobo?”

“Ah Tabai? Aliah? Eles sobreviveram?”

Alex assentiu. “Sim. Da mesma forma que eu, quando fui pela primeira vez ao Sistema de Centauri. Eles estão à espera no espaço, em estado fotónico. Porque outro motivo, haveria eu de querer ir para Plutão?”

∞

No início, o General queria obter autorização, mas Alex alertou que uma mensagem enviada para a Terra, a partir de posição deles, levaria cerca de quinze minutos em cada sentido, juntando ao tempo que levaria, para alguém no comando tomar uma decisão, Chow Yin estaria provavelmente uma ou duas horas à frente deles, a viajar a uma velocidade muito próxima à da luz.

“Além disso, se estiver totalmente convertido num ‘kinemat’, ele pode

utilizar o farol estrela. Quando ele viajar para o Sistema de Centauri, poderá sinalizar os Kulsat.”

“A minha missão original, era a captura de Chow Yin.” Disse o General Gates, depois de considerar as palavras de Alex. “Tecnicamente, nada mudou.” Com isso, ele deu a ordem para ligar a propulsão quântica.

Levou aos engenheiros apenas alguns minutos para preparar tudo e, quando o General foi notificado de que todos os sistemas estavam prontos, acenou para Alex. “Você tem a certeza, de que consegue fazer isto?”

“Sim.” Disse Alex, dirigindo-se para a área da consola, construída especificamente para um piloto quântico. “Agora, mais do que nunca.”

“Muito bem, eu estou a transferir a navegação para a sua estação. Informe-nos, quando iniciar a ativação da unidade.”

Respirando profundamente e familiarizando-se com os controlos, Alex lembrou-se subitamente, da primeira vez que tinha pilotado uma embarcação Irradiada. Foi quando sequestrou a *Quanta*.

Fechou os olhos e conseguiu sentir uma conexão com o Kinemet, já carregado a bordo do motor quântico. Ao mesmo tempo, tornou-se extremamente consciente de Michael e dos outros três oficiais na ponte, bem como dos seis engenheiros a bordo da nave. Era quase como se ele pudesse tocar cada um deles, com uma madeixa fina da sua própria essência.

Alex hesitou, quando algo revolucionário lhe passou pela mente.

“Alex, o que é que foi?” Perguntou o General.

“Há algo, que não está bem.”

Michael saiu do seu assento e olhou por cima do ombro de Alex, para a consola. “Parece-me tudo bem.”

“Não,” disse Alex: “não é com a unidade, é com o procedimento.” Ele olhou para Michael. “Você lembra-se de uma das principais razões, pelas quais eu tomei o lugar do primeiro piloto da *Quanta*?”

“Você pensou que um piloto, que não tivesse sofrido o processo de conversão kinemética, não seria capaz de amortecer a reação kinemética secundária.”

“E eu estava certo.” Alex olhou novamente para os controlos de propulsão quântica. “Desde aquela altura, sempre achei que havia algo de fundamentalmente errado com a nossa teoria, que a reação secundária, nunca deveria ter sido sequer um problema.”

O General Gates aproximou-se, com um olhar atormentado no seu rosto. “Porquê o atraso? Não foi você quem me convenceu, de que o tempo era

essencial?”

“Temos vindo sempre a utilizar a teoria, de que um piloto quântico é para a navegação e para controlar o regresso da nave ao espaço físico.” Ele sorriu. “Mas há muito mais do que isso.”

“O que é que quer dizer?” Perguntou Michael.

Alex acenou, para que os dois homens voltassem aos seus lugares. “Não se preocupem. Acho que sei o que tenho que fazer.”

“Acha que sabe?” Perguntou o General, com os olhos arregalados e descrentes.

“Instintivamente.” Disse Alex e deu-lhe um firme aceno de cabeça. “Confie em mim.”

Lentamente, os dois homens voltaram aos seus lugares e Alex olhou para a frente.

Fechando os olhos, Alex estendeu a sua essência fotónica e conectou-se com a tripulação. De seguida, ele formou uma ponte entre eles e a unidade quântica.

Michael disse: “Estamos prontos...”

Tal como Alex tinha sido capaz de se colocar a si próprio em estado quântico, no passado, ele sabia no fundo, que podia converter a tripulação para fotões, apenas com a sua vontade. Assim fez e, um momento depois, colocou-se a si mesmo em estado quântico. Estava plenamente consciente nesse estado e, com seus sentidos eletropáticos, ele envolveu-se na unidade quântica...

...Pouco mais de quatro horas mais tarde, ele desengatou a unidade e, de seguida, regressou à forma física, logo depois, rematerializar a tripulação.

Foi o voo mais suave, que Alex alguma vez podia ter esperado.

“Quando você estiver.” Terminou Michael, então parou com a boca aberta, quando viu a principal janela da ponte mostrar que a nave estava em órbita, em torno de Plutão.

“Nós já chegámos?” Disse o General Gates, sem fôlego. Com um leve aceno de cabeça, acrescentou: “Foi instantâneo.”

“É apenas uma questão de percepção.” Disse Alex. “Para mim, o voo levou quatro horas, oito minutos e vinte e sete segundos.”

“Plutão.” O General Gates, olhou para a imagem na tela da janela. “Nunca pensei que o iria ver.”

“Se pensa que isso é notável,” Alex disse: “então, prepare-se para se surpreender.”

“O que é...?” O General começou a perguntar.

Duas essências fotônicas saíram do teto e flutuaram para baixo, para a frente dos oficiais na ponte. Lentamente, os dois fundiram-se em formas bípedes.

“Eu gostaria que você conhecesse Ah Tabai,” disse Alex, levantando-se e aproximando-se dos dois. Ele apertou a mão do mais baixo dos dois seres, que tinha uma aparência maia. “E Aliah, do Sistema de Gliese.” Ele curvou-se para a alienígena alta, do tipo pássaro, que lhe deu um sinal sonoro animado de saudação.

“Alex.” Disse Ah Tabai. “Eu não sabia se você iria perceber que estávamos aqui, à espera. Obrigado por nos resgatar.”

Sorrindo, Alex colocou a mão no ombro dele. “Era a minha vez de os salvar.”

Aliah falou na sua língua do tipo assobio e as palavras saíram do tradutor no seu pescoço. “Está aqui mais do que um ‘ser etéreo’, Alex. Eu posso senti-lo.” Ela e Ah Tabai entreolharam-se.

Ah Tabai assentiu. “Sim, eu também o posso sentir. Você está...” Então os seus olhos arregalaram-se. “...você está no estado da Graça! Como?”

Consciente de que todos os olhos estavam em cima dele e, sem a certeza se deveria dizer a alguém o segredo, Alex percebeu que era apenas uma questão de tempo, até que a verdade viesse à tona.

“Michael descobriu o corpo de um dos da Graça na Terra e viu que ele era composto por Kinemet no seu ADN. Eu fui injetado e exposto a uma conversão.” Ele balançou a cabeça. “Estou surpreso, que nunca ninguém tenha descoberto isto.”

“Não.” Disse Ah Tabai. “Isso já foi tentado antes. Nunca resultou na ascensão à Graça.” Trocando um olhar preocupado com Aliah, acrescentou, “Os resultados dessa experiência, foram sempre fatais.”

Michael perguntou: “Então, como é que Alex sobreviveu a ela e se tornou, como é que você disse, ascendido?”

“Essa é a questão.” Disse Ah Tabai.

Aliah falou. “Sentimos outra ativação do farol estrela há pouco tempo. Foi em direção ao Sistema de Centauri.”

“Sim.” Disse Michael. “Foi Chow Yin.” Para melhor entendimento de Aliah e de Ah Tabai, acrescentou, “Ele é um criminoso, que está a tentar entrar em contato com os Kulsat.”

Com uma expressão alarmada, Ah Tabai disse: “Vocês não devem permitir

isso. Os Kulsat não se irão aliar a ele. Eles vão destruí-lo e depois vêm para cá. Temos de o deter.”

“É exatamente o que eu penso.” Disse o General. Até àquele momento, ele não tinha falado. Em vez disso, tinha estado a olhar para a alienígena na sua nave. “Talvez possamos efetuar um interrogatório mais tarde. Neste momento, é possível chegar a Centauri e deter Chow Yin a tempo?”

Alex respirou fundo. “Já estivemos melhor de tempo.” Ele virou-se para Ah Tabai. “Eu nunca usei um farol estrela, isto é, de forma correta. Mas não acho que tenhamos tempo para uma aula rápida. Você faria as honras?” Perguntando a Ah Tabai, mas olhando para o General para aprovação.

Quando o General Gates, concordou, Ah Tabai disse: “É claro.”

...E, de seguida, Alex tornou-se ciente de que ele, a tripulação e toda a nave, existiam agora na órbita profunda, à volta do farol estrela de Centauri.

Na sua percepção, a viagem tinha sido instantânea.

Logo a seguir, eles encontravam-se sob um pesado ataque.

Skanse Aerie:
Sistema de Gliese:

Justine, no fundo, esperava que o dia chegasse mas, quando recebeu a mensagem de Naila, ficou atônita.

“Apanhámos um sinal do farol estrela de Centauri. Ele está a ser ativado, indicando uma nova chegada. Poderá ser uma nave dos Kulsat a vir ajudar a outra, mas, pelo que os nossos sensores conseguiram detetar, a nave de guerra que está no sistema, acionou os escudos etéreos e preparou os seus sistemas de armas. Nós presumimos, que o recém-chegado não seja esperado. Se você vier, é melhor apressar-se. Vamos voar para Centauri para investigar, daqui a quinze minutos.”

Justine, que tinha estado a jantar no apartamento de Yoatl, olhou para o Embaixador. “Está na hora. Você ainda está disposto a ajudar-me? Pensei que tinha dúvidas.”

Yoatl limpou o canto da boca com um guardanapo, quando a sua esposa começou a limpar a mesa. “É um risco terrível. Se o Parlamento descobre, você sacrificou a sua posição aqui para nada. Não é demasiado tarde para voltar atrás.”

De pé, Justine forçou um sorriso. “Esta poderá ser a minha única oportunidade. Estou disposta a correr o risco.”

“Lembre-se,” disse Yoatl, quando foi para a consola do computador, do outro lado da sala. “Se for uma das vossas naves e chegarem utilizando a Graça, você ainda não pode partilhar nenhuma tecnologia de Éter com eles, até que o Coletivo verifique o método de viagem deles. Avise-os para regressarem ao Sol e depois volte para cá imediatamente.” Ele começou a digitar uma série de comandos no computador, concedendo-lhe permissão para acompanhar a *Fainne* na sua missão de investigação. “Se o Parlamento

descobrir que fiz isto, vão revogar o meu estauto de embaixador e, como tal, a embaixada.”

“Não se preocupe, Yoatl. Eu não vou quebrar a Lei Galáctica. É o mesmo buraco na lei, que Naila e Fairamai usaram para me salvar.”

Yoatl encarou-a, respirando fundo. “Tenha cuidado. Os Kulsat são rápidos no ataque.” Ele deu-lhe um olhar longo. “Não me perdoarei, se acontecer alguma coisa consigo.”

“Você tem sido um amigo maravilhoso, Yoatl. Eu vou fazer tudo o que puder, para voltar para Gliese em segurança.”

∞

Quando Justine chegou à área do porto espacial, onde a *Fainne* estava atracada, Naila e Fairamai já tinham a nave preparada e estavam prontos para voar. O controlador do espaçoporto reparou nela, a caminhar propositadamente em direção à nave. Ele era um Gliesan alto, com plumas vermelhas na parte superior da cabeça.

Com as suas longas pernas, rapidamente chegou até ela. “Enviada Turner, você não deveria estar aqui.” Disse ele. “Você não tem autorização.”

“Na verdade, sim!” disse-lhe: “Tenho a autorização. É que, existe a mera possibilidade do recém-chegado ser do Sistema Solar. Como Enviada desse sistema, é da minha responsabilidade estar lá, para os avisar do perigo dos Kulsat.”

O controlador inclinou a cabeça em dúvida.

Justine encolheu os ombros. “Ligue ao Embaixador Yoatl, se quiser. Ele vai confirmar as ordens. Mas você está a atrasar a *Fainne*. Temos apenas uma pequena janela de oportunidade.”

Como se estivesse a imaginar o esforço, de passar pelos canais oficiais para verificar a declaração de Justine, o controlador concordou. “Está bem. Prossiga.”

“Obrigado.” Disse Justine e correu para a nave. O portal fechou-se atrás dela e a nave descolou logo a seguir.

Fairamai estava na entrada e fez sinal para Justine a seguir para o habitáculo, onde a ajudou a acomodar-se no assento moldado.

“Você lembra-se do que falámos?” Perguntou a alienígena do tipo pássaro e continuou a falar, antes de esperar por uma resposta. “Quando a *Fainne* chegar a Centauri, Naila irá varrer a área para detetar os sinais da nave. Se for Kulsat, ele vai trazer-nos imediatamente para Gliese. Caso a nova chegada

venha do Sistema Solar, você terá menos de vinte segundos para lhes enviar uma advertência; que é a quantidade de tempo que uma nave dos Kulsat precisa, para localizar a nossa nave, carregar armas e disparar.”

“Sim.” Disse Justine. “Eu sei. Estarei pronta.”

Franzindo a testa, Fairamai disse: “Nós somos perfeitamente capazes de enviar a transmissão. Você não precisa de vir nesta missão. Ficar aqui, é mais seguro. Nós vamos regressar com notícias.”

“Não.” Declarou Justine, sacudindo a cabeça. Ela podia sentir as vibrações da *Fainne*, à medida que se deslocava à volta da Estação de Skanse, alinhando-se em direção ao farol estrela de Gliese. “A responsabilidade é minha.”

Um altifalante de comunicação na sala cantarolava e momentos depois, Naila disse: “Iniciar o sono etéreo em 5 ... 4 ... 3 ... 2 ... 1”

∞

Justine estava preparada para reagir, logo que saísse do estado fotónico. Ela não esperou para descobrir a origem da nave que estava a chegar, porque isso não fazia diferença para o seu plano.

Uma fração de segundo depois de voltar ao espaço normal, em Centauri, Justine colocou-se em estado quântico e empurrou as suas partículas para fora do casco da *Fainne*. Utilizando a técnica que a Mancha Vermelha lhe tinha ensinado, ela protegeu os seus fotões, tornando-a essencialmente invisível para deteção e usou a sua *visão*, para procurar as outras naves na área. Ela imaginou que havia uma hipótese em duas possibilidades.

Se a nova nave fosse Kulsat, a intenção de Justine era entrar a bordo. Enquanto os Kulsat não suspeitassem do seu passageiro invisível, Justine seria capaz de se alimentar da radiação cinemética da nave e permanecer no seu estado fotónico, indefinidamente. No momento em que os Kulsat descobrissem o Sistema Solar, Justine iria apanhar a boleia e retornar ao seu mundo de origem e fazer o melhor que pudesse, para ajudar na defesa do seu povo: tentando encontrar o componente final, se este estivesse na Terra.

Se a nave fosse do Sistema Solar, Justine entraria a bordo e faria tudo o que pudesse, para fugir da nave de guerra dos Kulsat e regressar ao Sol, mesmo que ela própria tivesse que comandar a nave e pilotá-la.

Sentia-se culpada por enganar Yoatl, acerca das suas verdadeiras intenções, mas a sua promessa mantinha-se; ela não iria partilhar o conhecimento técnico sobre o Kinemet. Era possível que ela não tivesse que

o fazer. Já se tinha passado algum tempo desde que Alex, Kenny, Michael e Yaxche tinham retornado ao Sistema Solar. Eles iriam fazer o seu melhor, para se prepararem para uma invasão por parte dos Kulsat e para incentivar o desenvolvimento da tecnologia kinemética, tanto quanto pudessem.

Todavia, não obstante do que eles fizessem, ela sabia que a única coisa que poderia salvar o sistema, era fazer o que Mancha Vermelha tinha sugerido - possuir tecnologia mais avançada que os Kulsat e obrigá-los a renderem-se.

A primeira nave que ela sentiu foi a nave de guerra dos Kulsat, uma gigante, em comparação com a nave de mineração que a tinha sequestrado, quando ela chegou a Centauri pela primeira vez. Ela conseguia sentir a quantidade avassaladora de Kinemet a bordo, eles armazenaram o suficiente para abastecer uma frota, durante anos. Para sua surpresa, eles já estavam a disparar as armas e não para *Fainne*, mas para a nave Solan que tinha acabado de chegar.

Ela tornou-se ciente de várias coisas ao mesmo tempo:

A nave Solan tinha viajado, do Sistema Solar para Centauri, ‘fora do nosso plano de existência’. Pela primeira vez, desde que ela deixou o seu sistema de origem, Justine pôde sentir momentaneamente o farol estrela do Sol, ligado ao monumento *Dis Pater*. Era fraco, e o sinal dissipou-se rapidamente, no entanto, estava lá.

A tecnologia, que tinha escondido o Sistema Solar da consciência do resto da galáxia, tinha sido disparada pelo próprio ato de usar o farol estrela. No fundo da sua mente, ela sabia que seria apenas uma questão de tempo, até que os Gliesans se tornassem cientes disso e, com o facto de Justine já ter preparado o terreno diplomático, ratificassem o Sistema Solar como parte do Coletivo de Mundos.

Esses pensamentos iam e vinham, num piscar de olhos. O que chamou a atenção de Justine, foi quando percebeu que a nave Solan tinha as mesmas marcas, que a nave que tinha perseguido a *Ultio* até esta sair do Sistema Solar.

O *flashback* de evitar por pouco a destruição, resultante de ser atingida por um torpedo kinemético, fez com que Justine parasse. Por um breve momento, ela não sabia qual nave preferia que explodisse.

Apenas a alguns milhares de metros de distância, os Kulsat e a nave Solan estavam a disparar uma contra a outra, os Kulsat com os seus raios de energia sónicos, os Solans com as ogivas nucleares armadas com Kinemet alterado.

Para surpresa de Justine, a nave Solan estava a aguentar-se. Muitas das

naves industriais da Terra, especialmente as naves de longo curso, que viajavam entre os planetas, ainda estavam fortemente dependentes de eletrocerâmica, um material altamente durável, que proporcionava isolamento contra a radiação solar e outras formas de energia, incluindo o som, para reforçar os cascos de titânio.

A *Ultio*, sendo uma nave de cruzeiro projetada para passeios curtos, não tinha eletrocerâmica no seu casco de titânio. A nave de mineração, com os seus raios de energia de som, projetados para rasgar metais asteroidais, tinha rasgado a *Ultio* ao meio, prontamente.

Mesmo assim, a explosão sónica foi suficiente para paralisar a nave Solan. Os painéis do casco quebraram-se e voaram. A nave oscilou, como se os seus estabilizadores internos, estivessem a funcionar mal.

Quando ela empurrou as suas partículas fotónicas para a frente, em direção à batalha, ela conseguiu sentir a nave dos Kulsat a mudar o alvo de um dos seus raios de energia. Ela não tinha reparado, mas a *Fainne* veio atacar a nave de guerra dos Kulsat. As suas armas não eram páreo por si só mas, em conjunto com as da nave Solan, ajudaram a equilibrar as hipóteses.

A distração deu à nave Solan suficiente oportunidade, para se deslocar alguns graus abaixo, para estibordo do seu inimigo.

Os Solans dispararam um torpedo convencional para a barriga da nave alienígena, onde, por estimativa de Justine, estaria o seu motor quântico.

Ao contrário das munições kineméticas, o torpedo convencional causou danos. Não desativou a nave de guerra, mas estilhaçou uma seção do casco da nave dos Kulsat e Justine conseguiu sentir diminuir o nível da radiação de proteção. Se os Solans lançassem outro torpedo no mesmo local, ou se a *Fainne* disparasse as suas armas, poderiam ser capazes de infligir pesados danos à nave.

Aparentemente, os Kulsat estavam cientes de que, se sofressem outro golpe, seriam mortos no espaço e, ao invés de continuarem o ataque, a nave mudou de rumo, apontando para o farol estrela e ativando a sua propulsão quântica. De Imediato, desapareceram do Espaço de Centauri.

Justine observou a *Fainne* afastar-se da nave Solan. Não havia forma de Naila ou Fairamai saberem onde Justine estava, ou sequer se ela ainda estava no Espaço de Centauri. Eles também não tinham forma de saber, se esta nave Solan era amiga ou inimiga. As suas duas únicas opções resumiam-se a, voltar para Gliese para obter mais instruções, ou permanecer e ver o que acontecia. Eles escolheram esperar.

Não querendo contatar Naila, visto que, provavelmente, iria obriga-la a voltar para Gliese, Justine aproximou-se da nave Solan e, por brves momentos, sentiu-se inquieta.

Esta Nave, era a mesma que a tinha tentado destruir, há quatro anos. Ela sabia que não a tinham seguido logo, no imediato. O reaparecimento, na sua consciência fotónica, do farol estrela do Sistema Solar era a prova de que, quem pilotava a nave, não só tinha desenvolvido a capacidade de criar ‘kinemates’, mas também tinha descoberto como viajar ‘fora do nosso plano de existência’.

Ela só conseguia tirar uma conclusão: uma das nações mais agressivas da Terra, tinha dominado a capacidade de viajar mais rápido do que a luz. De repente, o destino dos seus amigos tornou-se incerto para ela.

Sob as circunstâncias atuais, no entanto, ela não tinha outra opção. Agora que o farol estrela do Sistema Solar, tinha sido ativado, na grelha interestelar, enquanto os Kulsat estavam a monitorizar, a armada iria para lá, assim que reunisse as suas forças.

Preparando-se mentalmente, Justine empurrou os fotões pelo espaço, na direção da nave Solan. Levou bastante tempo a chegar até lá. A principio, teve a impressão de que a nave estaria a afastar-se do farol estrela mas, quando se aproximou, percebeu que estava à deriva. Eles não tinham saído ilesos da luta. Ela pensou que talvez os motores iónicos, tivessem ficado danificados durante a luta.

Ela também conseguia sentir, que muitos dos sistemas elétricos a bordo tinham explodido. Quando ela se empurrou para atravessar o casco da nave, ouviu os gritos da tripulação. Uns estavam gravemente feridos; outros estavam mortos.

Enquanto flutuava perto de uma seção com vários corpos no chão, ela examinou-os. A primeira coisa que reparou, foi que eles eram multirraciais. Detendo-se próximo a um homem, ela olhou mais de perto. O estilo do uniforme e a insígnia na manga não lhe eram familiares, mas as palavras escritas no *epaulet* provocaram-lhe uma onda de medo: o seu chinês estava enferrujado, mas ela jurou que podia traduzir aquilo como ‘Força Espacial do Império Solan’.

Os corredores estavam cheios de entulho metálico, as luzes do teto acenderam-se e o fumo preencheu o ar. Ainda no seu estado fotónico, Justine conseguiu deslocar-se pela nave, para a ponte.

Foi lá, que a suspeita dela foi confirmada. O capitão da nave era, de fato,

um ‘kinemat’. Justine podia sentir a radiação que emanava dele. Quando viu quem era, ela não conseguia acreditar nos seus sentidos.

De pé, com o auxílio de um conjunto volumoso de pernas biomecatrônicas, à frente de uma série de consolas de computador, Chow Yin gritava ordens para meia dúzia de homens, de modo a recuperar novamente o controlo da nave. Justine ficou feliz, por ter aprendido a mascarar a sua forma fotónica, de outros sensores ‘kinemates’ e kineméticos. Assim, estava livre para escutar, até ter informações suficientes, antes de decidir que curso de ação adotar.

Um homem mais velho, fardado, com estrelas de general no colarinho, sentou-se numa consola ao lado de Chow Yin. Ele olhou para cima e disse: “Imperador Yin, temos relatos de que os incêndios na sala do motor iónico foram apagados, mas irá demorar algumas horas para reparar o dano.”

“E quanto à unidade de *quantum* ?”

“Ficou intacta, senhor.”

“E em relação aos torpedos.”

O general pediu uma análise. “Dois convencionais, quatro kineméticos, senhor.”

Chow Yin apontou para ele. “Certifique-se que todos eles estão armados. Aquela nave pode decidir a disparar sobre nós, a qualquer momento. Enquanto isso, coloque tantos homens quanto puder a fazer as reparações.” Ele soltou um grunhido gutural. “E mantenha os seus olhos na análise do farol estrela.”

“Sim, senhor. A outra nave está a manter a distância. Não me parece que esteja com intenções de atacar.”

“Se ela mudar de posição, informe-me. Caso contrário, ignore-a. Nós não sabemos se eles são os Kulsat, ou se são outra raça.”

Estava tudo a acontecer rápido demais, para Justine descobrir o que é que estava a passar. Ela precisava de mais informações. Aliança? Força Espacial do Império Solan? Imperador Yin? O que teria acontecido, desde que ela deixou o Sistema Solar?

Ela observou nos minutos seguintes, enquanto a tripulação tentava desesperadamente reparar a sua nave.

Com uma voz de pânico, um dos timoneiros chamou. “Majestade, o sensor indica que o farol estrela está a ser ativado. Não temos como saber se é o agressor a regressar, ou a Coligação.”

Acenando a mão com desdém, Chow Yin disse: “Não importa quem seja.

Preparar os torpedos. Disparar tanto um convencional como uma ogiva kinemética, no instante em qualquer nave se rematerialize.”

Justine sentiu um momento de pânico. Ela não sabia quem seria a Coligação, mas, se eles se estavam a opor a Yin, então tinham que ser os bons. Duvidava que os Kulsat voltassem a Centauri; agora que o farol do Sistema Solar lhes tinha sido revelado, eles seriam capazes de ir lá, de qualquer ponto da galáxia.

O General disse: “Eles devem estar a chegar em cinco segundos. Três... dois”

Com um pensamento, Justine deslocou-se para o espaço normal.

“Pare!” Gritou ela.

Ela esperava, no mínimo, que Chow Yin e os oficiais ficassem surpreendidos com a sua aparição inesperada. No momento em que ela se tornou um ser físico, contudo, o General virou-se em sua direção. Ele tinha uma pistola de energia na mão e atirou sem hesitação.

A única coisa que salvou Justine, foi que ela estava suficientemente perto de Chow Yin, para que o objetivo fosse suspenso, de modo a evitar atingir o Imperador.

Indignada, Justine colocou-o em estado quântico.

A reação de Chow Yin foi uma fração mais lenta do que o seu oficial, mas muito mais eficaz. Teclou um controlo na consola do seu computador e ativou um amortecedor kinemético.

Toda a ponte se tornou uma zona nula para a energia kinemética.

Quando Klaus usou a tecnologia de amortecimento em Justine, em Vénus, ela estava na forma física. O efeito foi que se tornou incapaz de se converter em luz, ou de utilizar a energia.

O General, já em estado fotónico, sofreu um efeito muito diferente.

Sem a ligação kinemética de Justine, para orientar a inversão, os fotões tornaram-se físicos, mas não se realinharam com a forma original do General.

Apareceu uma massa de carne no ar, suspensa por um momento, depois caiu no convés, formando um monte sangrento. Justine regurgitou e desviou o olhar, antes que vomitasse.

Ignorando o General morto, Chow Yin gritou uma ordem para o outro membro da tripulação mais próximo da ponte. “Você, aponte uma arma à Major Turner. Se ela se mexer, mate-a.”

O homem puxou uma arma e apontou-a para Justine. Ela levantou as mãos para cima.

Chow Yin apontou para outro oficial e gritou: “Você! Vá para ali e dispare esses malditos torpedos.”

Justine olhou para a tela holográfica na parede frontal. Outra nave tinha entrado no Espaço de Centauri e a sua arquitetura era-lhe familiar. Parecia uma das naves de guerra do Corpo Espacial dos EUA.

No momento em que o tripulante correu para a estação do General e lançou os torpedos, a nave de guerra dos EUA abriu fogo, pulverizando a nave de Chow Yin com milhares de projéteis que rasgaram o casco, já danificado e violaram os compartimentos internos. Nas telas, os dois torpedos explodiram a meio caminho entre as duas naves.

O ataque inesperado balançou a nave de guerra de Chow Yin. Soaram os alarmes das sirenes. A nave estava a perder ar.

O timoneiro gritou: “Majestade, devemos deixar a nave.”

“Vá para o inferno! Podemos enviar equipas de reparos, para corrigir esses buracos. Lance mais torpedos. As defesas deles não os podem parar a todos. Faça-os explodir pelo espaço. Maldição!” Gritou, pressionando um controlo na sua consola. “Eu faço isso sozinho.”

A nave de guerra dos EUA lançou um torpedo. Este não continha Kinemet armado, mas carregava o suficiente poder de explosão convencional, para que a força derrubasse a todos os que estavam na ponte. Chow Yin, o imperador autoproclamado, começou a tombar e a lutar para não perder o equilíbrio.

Alguns dos sistemas elétricos foram desligados, por causa dos danos generalizados. Para espanto de Justine, um desses sistemas, estava a alimentar o amortecedor kinemético. O seu poder rapidamente regressou a ela. Não perdeu um instante.

Colocou a todos, na ponte, em estado quântico.

∞

A nave dos EUA estava a lançar outra saraivada de projéteis. Em pânico, Justine correu para a consola de comunicações e olhou para os controlos do rádio. Ela lembrou-se dos canais militares de emergência utilizados nos conflitos, dos seus dias na NASA e teve esperança de que eles não tivessem mudado o protocolo.

“Nave dos EUA, aqui é a Major Justine Turner, a bordo da nave inimiga. Eu tomei o controlo da ponte. Cessar-fogo. Cessar-fogo. Repito: eu tomei o controlo da ponte da nave inimiga.” Ela tentou mais dois canais, antes de receber uma resposta.

“Maior Turner, aqui é o General Gates. Verifique a sua identidade.”

“Código de Identificação:-sete-alfa-sete-cinco-cinco-alfa.”

“Verificado.”

Justine deu um suspiro de alívio. “General, seja bem-vindo a Centauri.”

“Foi uma recepção e tanto.” Disse o General, ironicamente. “Qual é o estado da nave, Major?”

“Chow Yin e os oficiais da ponte estão em estado quântico. A nave está bastante danificada e, pode não ser recuperável. Há pelo menos uma dúzia de feridos e vários mortos.”

O General disse: “Se você tem acesso às comunicações internas, informe a tripulação para se render. Prepare-se para ser abordada.”

“Entendido, General.” Antes que Justine cumprisse as ordens, perguntou: “Senhor, importa-se que pergunte, quem é o ‘kinemat’ na sua nave?”

“Vou deixar que fale com eles.” Disse o General.

“Eles?”

Momentos depois, chegou-lhe uma voz muito familiar pelo altifalante. “Justine,” disse Alex: “tenho tanto para lhe contar.”

“Você está bem.” Disse Justine, sentindo o peso de preocupação no seu coração. De seguida, ela perguntou: “Espere um minuto. Você é um ‘kinemat’ completo?”

“Mais ou menos.” Disse Alex. “É uma longa história.”

Justine balançou a cabeça em admiração, embora ninguém a conseguisse ver. “Você vai ter que me dar a versão condensada. Nós temos outro problema. Momentos antes de vocês chegarem, Chow Yin esteve em batalha com uma nave de guerra dos Kulsat e conseguiu feri-los o suficiente, para que eles se retirassem.”

O General voltou ao rádio. “Estamos à espera que eles voltem com reforços?”

“Não, General, é muito pior: a armada dos Kulsat tem pelo menos cem mil naves de guerra. Eles já estão conscientes do Sistema Solar e, a sua resposta padrão, será enviar uma frota de invasão para lá e destruir tudo o que considerarem uma ameaça. Receio que não estejam abertos à negociação. Quantos ‘kinemates’ têm?”

“Contando com Alex e consigo.” Disse o General. “Quatro.”

“Quatro?” Perguntou Justine.

Ela conseguiu ouvir a apreensão na voz dele, quando o General perguntou: “Será que temos aliados, que irão intervir?”

“A situação é terrível.” Disse Justine. “Os Kulsat são a força dominante na galáxia. O Coletivo de Mundos não os pode enfrentar. E mesmo que pudesse, eles mantêm uma lei antiga que os impede de interferir. Receio, sinceramente, que estamos por nossa conta e risco, General.”

“Estamos quase a chegar, Justine. Nós vamos garantir a segurança da nave inimiga e transferir os prisioneiros.”

“Não se esqueça do Kinemet.” Disse ela. “Estão aqui várias toneladas.”

“Certo. Depois, poderemos fazer um interrogatório completo.”

∞

Alex e Michael estavam à espera, numa grande sala de conferências ao lado da ponte e Justine mal conseguiu conter as emoções. Tinham passado menos de dois meses, desde que ela os tinha visto pela última vez, mas já parecia uma vida.

Levantando-se e atirando os braços em volta de Justine, Alex disse: “Você deu-nos um susto a todos. Nós pensámos o pior.”

“Estou viva.” Disse e deu-lhe um largo sorriso. “Estou tão feliz que todos vocês estejam bem.”

“Graças a Ah Tabai e Aliah.” Disse Alex e depois apresentou-os formalmente uns aos outros. Aliah pediu licença para entrar em contato com Naila a bordo da *Fainne* e dar-lhes uma atualização sobre os acontecimentos.

Justine apertou a mão ao Gliesan de ascendência Maia. “Passei algum tempo com Yoatl.”

Ah Tabai ergueu as sobrancelhas e esboçou um sorriso culpado. “Tenho a certeza de que ele vai ter algumas palavras, bem seleccionadas, para mim, quando eu voltar.”

Justine estreitou os olhos para Alex. Ela podia sentir a mudança nele. “Você tem que me contar, como é que conseguiu concluir a conversão kinemética. Não é algo que alguém, no Coletivo, tenha conseguido fazer.”

“Você não vai acreditar.” Disse Alex a sorrir.

“Ponha-me à prova.” Depois Justine disse: “Melhor ainda, comece desde o início.”

Todos se sentaram na mesa de conferências.

Alex contou a sua história, desde a altura em que Justine tinha sido raptada, pela nave de mineração dos Kulsat. Atualizou-a sobre a agitação política no Sistema Solar, a liderança imperial de Chow Yin e a investigação para redescobrir o processo de Klaus.

Em seguida Michael contou a sua história, explicando sobre o antigo conto do amigo de Yaxche, o *Señor* Patli. Quando ouviu aquilo, Justine rapidamente os informou sobre o que sabia acerca daquilo, confirmando que tinha acontecido tal como lhes foi transmitido.

“Foi chegar e virar.” Disse Michael, depois de descrever a sua pesquisa sobre o corpo alienígena que encontraram e de como o ADN dos da Graça, tinha sido infundido com moléculas de Kinemet alterado.

“Quando eles me trouxeram para o espaço, com suficiente rapidez para me impedir de morrer, soubemos que um agente duplo no império de Chow Yin, tinha conseguido injetar Kinemet em Alex, antes da experiência de conversão. É claro que,” disse ele, olhando para Ah Tabai, “aparentemente, esse não foi o motivo real, pelo qual Alex entrou no estado da Graça.”

Justine colocou a mão sobre Alex. “No entanto, isso aconteceu e eu estou contente que você esteja alterado. De acordo com o que aprendi, aqueles que falham o processo de conversão, tem uma expectativa de vida mais curta. Você agora já não tem que se preocupar com isso.”

Alex disse: “Eu tenho muitas perguntas para lhe fazer. Como, por exemplo, como é que você sobreviveu à nave dos Kulsat.”

Justine soltou um sorriso irônico e contou-lhes o que lhe tinha acontecido. Descreveu sobre os Kulsat e como a Mancha Vermelha a salvou do Três Crescentes. Em seguida, fez referência ao seu resgate por Naila e Fairamai, a viagem para Gliese e os eventos que antecederam a sua residência e nomeação política como Enviada do Sistema Solar.

A meio da sua história, o General Gates, entrou na sala. Ele tinha estado ocupado a supervisionar a transferência dos prisioneiros da nave de Chow Yin e a direcionar a sua equipa para efetuar os reparos. Ele sentou-se na mesa de conferências e ouviu.

“Enviada política, hein?” Disse o General, quando Justine terminou. “É uma pena, que você não possa usar a sua influência para convencer o Coletivo.”

“Eu iniciei o processo, mas pode levar algum tempo, antes de darem o estatuto de ‘emergente’ ao Sistema Solar.”

“Então o que fazemos, ficamos aqui sentados, enquanto o nosso Sistema Solar é destruído?” Perguntou ele, num tom mais exasperado do que acusatório.

“Talvez não.” Durante toda a história de Alex, surgiu um pensamento irritante no fundo da mente de Justine. Por isso disse a Alex, “O conselho da

Mancha Vermelha ainda pode ser válido. Ela disse que poderíamos fazer com que os Kulsat se rendessem, se encontrássemos primeiro o componente final.”

“Como?” Perguntou Alex.

Justine deu-lhe um olhar interrogativo. “Você está pronto para uma experiência?”

“Claro. Em que é que está a pensar?”

“Quando fomos expulsos do Sistema Solar por Chow Yin, ele lançou um torpedo com Kinemet armado. Eu consegui fazê-lo explodir, antes que chegasse até nós.”

Alex assentiu. “Eu também já fiz isso, quando Chow Yin tentou destruir a Estação de Qin.” O seu rosto ficou sombrio. “No entanto, eu não consegui parar o segundo ataque dele.”

“Pergunto-me; se você, tendo os plenos poderes dos da Graça, terá algo mais do que isso, relativamente ao Kinemet.”

“Você quer que eu faça explodir todas as naves dos Kulsat, que tenham Kinemet a bordo?” Perguntou Alex, com o rosto pálido. “Mesmo que eu conseguisse, acho que não o faria.”

“Não.” Disse Justine, balançando a cabeça. “Mas há algo mais, acerca da maneira como a Mancha Vermelha falou sobre os da Graça, que me levou a acreditar, que eles tinham uma habilidade que inspirava ainda mais temor.”

“Mais do que desencadear uma explosão kinemética, mil vezes mais poderosa do que qualquer bomba atômica?” Perguntou Michael.

Justine virou-se para o General. “Você tem uma pequena quantidade de Kinemet, que possamos usar?”

Ele balançou a cabeça e falou no seu comunicador.

Enquanto esperavam, Justine descreveu as técnicas que tinha aprendido com a Mancha Vermelha: como ocultar a sua essência fotónica, enquanto estava em estado de luz e como resistir a ser colocada em estado quântico. Para as testar, Alex colocou-se a si próprio em estado quântico e, momentos depois, Justine foi incapaz de sentir a sua presença. Alguns momentos depois, ele reapareceu na forma física. Ela tentou colocá-lo em estado quântico, e não conseguiu.

“Muito interessante.” Disse Alex. “Posso ver como essas técnicas vieram mesmo a calhar, permitindo-lhe aproximar-se de Chow Yin.”

“Eu acho que pode haver uma extensão destas técnicas, que só alguém que se funde com o Kinemet, é que pode executar.”

“O que é que quer dizer?” Perguntou Alex e olhou para cima, quando um Tenente entrou na sala com um recipiente que continha um miligrama de Kinemet.

“Se alguém o ameaçar, uma reação natural será defender-se, ou partir para a ofensiva. No entanto, se você sabe que alguém tem o poder, de lhe tirar o seu próprio poder e torná-lo inútil, você não se pode defender, nem lutar. Talvez seja isso que os Kulsat mais temem, estar à mercê completa de todas as outras raças na galáxia.”

“O que é que você quer que eu faça?”

“Alex.” Disse Justine: “Eu não sei como se sairá, mas pode tentar anular a radiação da amostra?”

“Anular?”

O General limpou a garganta. “Esse grama de Kinemet representa uma considerável quantidade de dinheiro.”

“Vai valer a pena.” Disse Justine e, de seguida, virou-se para Alex. “Se você puder tornar o Kinemet inerte, pode também ser capaz de desativar qualquer nave dos Kulsat.”

“Vou tentar.” Disse Alex e focou a sua concentração no Kinemet. Justine manteve também a sua atenção sobre ele e, gritou de alegria, quando sentiu a radiação na amostra dissipar-se completamente.

Ah Tabai, que permaneceu em silêncio por toda a reunião, quase se engasgou. “Você fez isso. Você é, de fato, um dos da Graça. O primeiro, num milénio.”

“Então, já conseguimos desativar as naves deles?” Perguntou o General, lançando a Ah Tabai um olhar de incerteza, pelo canto do olho.

“Sim.” Quando ela percebeu a expressão carrancuda do General, Justine perguntou: “Qual é o problema? Isto é uma boa notícia.”

“Temos uma nave a ir contra quantas, umas cem mil?” Disse o General. “Mesmo com essa capacidade, Alex não pode fazer tudo. Os Kulsat caíam sobre ele, como um enxame. Nós não temos tempo para converter ‘kinemates’ suficientes para deter os Kulsat, pelo menos não antes que eles nos destruam.”

“Talvez eu tenha uma ideia.” Disse Alex, virando-se para Justine. “Você mencionou anteriormente, que o Coletivo já tentou, pelo menos uma vez, levar a luta para o mundo de origem dos Kulsat.”

Ah Tabai respondeu. “Sim. Todos nós conhecemos a história. Toda a armada dos Kulsat regressou num curto espaço de tempo e destruiu a força

invasora.”

Justine olhou para Alex. “Se formos capazes de os atrair a todos novamente para o seu sistema de origem, você acha que conseguirá realmente anular as suas naves, quando eles entrarem no Espaço Kulsat?”

“Como na batalha de Termópilas?” Perguntou Michael e virou-se para Alex. “Tal como disse o General, há somente um de vocês e cem mil deles. Não obstante do quão rápido você conseguir anular o Kinemet nas naves deles, basta um míssil convencional e eles ganham.”

“O General está certo.” Disse Alex. “Cem mil naves é muito. Não há maneira, de eu conseguir anular todas elas.”

“Eu não acho que você tenha que o fazer.” Disse Justine. “Quando chegar a informação aos seus líderes, de que um dos Graça incapacitou a sua armada, eles vão render-se para preservarem o que têm. Porque é que você acha, que eles foram subservientes aos da Graça, durante tanto tempo?”

“Mas, espere um momento.” O General deu a todos um olhar duro. “Eu não posso autorizar esse tipo de ação. Precisamos de regressar e transmitir uma atualização aos meus superiores, pois eu só tinha ordens para seguir Chow Yin e prendê-lo. E nós já fizemos isso.”

“Qualquer ação, ainda precisa ser sancionada. Não temos o direito de tomar decisões unilaterais sobre o destino do Sistema Solar e muito menos da galáxia. Eu não posso simplesmente deixá-los ‘invadir’ outro sistema solar. Já para não falar, que temos que levar Chow Yin de volta à Terra para julgamento. Todos precisam de saber, que ele está sob custódia.”

“General,” disse Justine, “Existe a possibilidade do Sistema Solar poder estar cercado, neste momento. Eu odeio frases feitas, mas em tempos de desespero, medidas desesperadas. Corrija-me se estiver errada, mas o oficial superior em qualquer teatro de operações, tem a autoridade para determinar o plano da sua força de ação individual, caso não tenha a oportunidade de receber ordens dos seus superiores. A invasão dos Kulsat está iminente, se não estiver já em curso. Precisamos de dar ao Sistema Solar uma hipótese de sobrevivência.”

“OK,” disse o General, finalmente, “isso *irá* afastá-los de atacar o Sistema Solar, pelo menos, temporariamente. E poderá dar tempo a alguém, para regressar ao Sistema Solar com esta informação, para criar ‘kinemates’ mais avançados como Alex.” Ele inclinou a cabeça. “Mas você percebe, que é uma missão suicida.”

“Se você conseguir reparar a nave de Chow Yin,” disse Alex, fazendo um

esforço óbvio para manter a voz firme, “eu vou fazer isso.”

Justine disse: “Eu vou com ele.”

O General balançou a cabeça. “Não. Antes de mais, a nave de Chow Yin exigiria nove meses em doca seca. Em segundo lugar, não podemos dar-nos ao luxo de sacrificar tantos de vós. Além disso, você já se estabeleceu na esfera política do Coletivo de Mundos. Se conseguirmos ultrapassar isto, vamos precisar dessa sua capacidade.”

“Com todo o respeito, General” disse Justine, “não me parece, que toda a armada dos Kulsat vá retornar ao seu mundo de origem, por causa de uma nave da Terra, danificada e com um único ‘kinemat’ a bordo.”

“E acha que se sentirão mais ameaçados com duas?”

“Não, não sentirão.” Disse Ah Tabai. Todos na sala se viraram para ele, quando acrescentou: “Mas eles podem sentir-se ameaçados, caso o seu mundo de origem esteja a ser invadido por vinte mil naves.”

“Vinte mil?” Perguntou Michael.

“Sim. Isso é aproximadamente o número de naves sentinela existentes na galáxia.” Ele olhou para Aliah, que assentiu o seu acordo. “As nossas naves são pequenas, mas temos experiência em combater com as naves cruzado de batalha dos Kulsat. Vou enviar a informação para todos.”

Justine deu-lhe um longo olhar. “E a antiga lei? O Coletivo nunca irá tolerar esta ação.”

Ah Tabai sorriu. “Nós não vamos interferir com a evolução do Sistema Solar. O nosso propósito, é proteger a galáxia dos Kulsat.” Ele olhou para Alex. “E, seguir as regras da Graça.”

Respirando fundo, Justine olhou para o General. “Você tem um plano melhor?”

Balançando, lentamente, a cabeça, o General disse: “Não”

“Está bem, então.” Justine levantou-se. “Do que é que estamos à espera? Vamos dar início as festividades da guerra.”

**Força Espacial dos Estados Unidos:
Nave de Guerra *Liberty*:
Sistema de Centauri:**

Assegurar as reparações necessárias, para que pudessem colocar-se em curso para Gliese, seria rápido. O General Gates deixou Alex, Michael, Justine, Ah Tabai e Aliah na sala de conferências, com uma advertência final.

“Vocês têm noção, de que eu estou a dar-vos muita margem de manobra. Em algum momento, espero um relatório completo.”

Michael acenou-lhe. “Você tem a minha palavra, General. Quando esta crise estiver ultrapassada, vamos assegurar que tenha todas as informações de que precisa.”

Quando o oficial se foi embora, Alex virou-se para Ah Tabai e apontou para Michael. “Eu não tenho a certeza do que está a acontecer com ele. Ele foi exposto a uma explosão kinemética.”

Michael explicou rapidamente o que tinha acontecido com o corpo do alienígena, na Terra. Também contou a história de Patli.

“Ficamos todos sob um grande *stress*, quando estamos dentro do poço de gravidade de um planeta.” Explicou Ah Tabai. “Os Xtôti, a espécie de seres que, até agora, foram os únicos a ascender à Graça - eram muito mais sensíveis. Eles tinham tecnologia, muito para além de qualquer coisa que tenhamos sido capazes de alcançar.

Conseguiram manipular a Rocha de Éter de cem maneiras diferentes e tornaram-se mil vezes mais poderosos do que qualquer coisa que já tenhamos visto. Um dos efeitos secundários desta sensibilidade extrema, era a alteração dessa Rocha à luz solar e ao fogo. A radiação da mesma, foi o que afetou aqueles aldeões há centenas de anos atrás e que está a afetar Michael agora.”

“Então, como é que o vamos curar?” Perguntou Alex.

“Não curamos.” Quando todos o olharam, confusos, ele disse, “Nós apenas concluímos o processo. Ele deve realizar a conversão. Se for bem-sucedido, então tornar-se-á um ‘ser etéreo’, como nós.”

Alex perguntou: “Será que isso era a solução para mim, durante todo aquele tempo?”

Ah Tabai encolheu os ombros. “Ontem, eu teria dito que sim. Contudo, agora, não tenho a certeza. Afinal de contas, você é um dos da Graça. Há um fator desconhecido que permanece, no seu caso. Talvez a sua exposição inicial no asteroide, quando você era criança tenha sido única, de alguma forma. Quando tivermos ultrapassado esta crise, podemos explorar a sua condição, com maior profundidade.”

Michael limpou a garganta. “Os da Graça acharam melhor não partilhar a tecnologia.” Ele deu a Alex um olhar severo. “Talvez você deva pensar melhor, antes de ir por esse caminho.”

Ah Tabai curvou-se imediatamente. “Claro, a decisão será inteiramente da Graça. Como a Lei Galáctica nos proíbe de partilhar tecnologia, até que um sistema emerja, espero que a Graça siga a mesma filosofia e retenha o conhecimento, até que tenhamos encontrado um padrão melhor.”

Alex, parecendo desconfortável com a ideia de toda aquela responsabilidade, apontou para Michael. “Então, só temos que alterar algum Kinemet e expor Michael a ele, depois que estiver ativo?”

Michael inclinou a cabeça. “Eu espero que você tenha uma câmara de conversão nas proximidades... Chow Yin explodiu a única que tínhamos.”

“Nós temos instalações para isso, na nossa Estação de Aerie, em Gliese,” disse Ah Tabai, “mas isso não será necessário neste momento.”

“Não?” Perguntou Michael, olhando alternadamente para Ah Tabai e Aliah, que fez um movimento peculiar com as penas do pescoço.

Apontando para Alex, Ah Tabai disse: “Para além de todas as habilidades comuns aos ‘seres etéreos’, os da Graça sempre tiveram a capacidade de iniciar, eles próprios, o processo do Éter.”

“O quê?” Perguntou Alex. “Como?”

“Você sabe como colocar as pessoas em estado quântico?” Perguntou Ah Tabai.

Balançando a cabeça, Alex disse: “Foi algo que apenas me ocorreu. Eu fiz isso para levar todos para Plutão.”

“Ao contrário de outros ‘seres etéreos’, você alterou as moléculas da Rocha de Éter. Você não precisa de uma câmara de conversão. Talvez, se

pensar bem sobre isso, o processo do Éter lhe surja naturalmente.”

Michael levantou-se e enfrentou Alex. “Se você achar que me pode ajudar...”

Levantando-se, Alex colocou-se na frente de Michael e pareceu ficar a observá-lo durante algum tempo. Então, quando Michael pensou que a resposta iria escapar ao seu jovem amigo, o rosto de Alex iluminou-se.

“Claro!” Disse ele e colocou Michael em estado quântico.

Ao contrário das vezes anteriores Michael, em que tinha estado inconsciente no estado fotónico, desta vez ele manteve plena consciência daquilo que o rodeava. Ele era uma nuvem de luz flutuante. A sensação era algo, para além de tudo, que já tinha experimentado anteriormente, na sua vida.

Como uma criança que tinha acabado de descobrir, como era divertido bater com o pé numa poça de lama, Michael empurrou a sua essência à volta da sala de conferências. Ele expandiu os seus sentidos e viu as três estrelas do Sistema de Centauri. Embora não tivesse corpos planetários, havia milhões de grandes asteroides espalhados por todo o sistema. Ele conseguiu, de alguma forma, detetar a sua localização exata, em relação a onde estava.

Como um orientador poderoso, o farol estrela resplandecia brilhante ao seu lado, e, em menor grau, ele conseguiu detetar milhares de outros faróis estrela, espalhados por toda a galáxia.

A própria nave, era uma coisa viva para ele, vibrando com eletricidade e Michael podia sentir os eletrões a pulsar como veias e artérias. Instintivamente, ele soube que conseguia expandir os seus sentidos e manipular a eletricidade, se assim escolhesse.

Então, pensou ele, é esta a sensação? Nunca mais quero parar!

Mas, ainda havia muito para fazer.

Com um pensamento, voltou à sua forma física.

Justine olhou para Ah Tabai. “Você acha que isto será prova suficiente, de que somos ‘emergentes’? Precisamos de praticar algumas das nossas técnicas.”

O Sentinela assentiu. “No que me diz respeito, o Sistema Solar ‘emergiu’. Certamente, será ratificado. É uma violação menor do protocolo, mas as técnicas podem ser necessárias para a impedirem de prejudicar a si própria, ou aos outros.”

Nos minutos seguintes, Ah Tabai deu a Alex e a Michael um curso intensivo de como ser um ‘kinemat’, ou ‘ser etéreo’, como eles lhe

chamavam. Os Kulsat chamavam ‘ressuscitado’. Michael perguntou-se, se todas as espécies na galáxia, teriam nomes diferentes para a mesma coisa.

Michael aprendeu a colocar objetos inanimados em estado quântico, sem Kinemet. Também aprendeu a esconder a sua assinatura fotónica; como resistir a ser colocado em estado quântico e, também, a teoria por detrás da utilização dos faróis estrela.

No momento em que estavam a terminar os ensinamentos, o General Gates, entrou.

“Todos os sistemas estão operacionais. Não está bonito, mas vai servir.” Olhou para cada um deles, detendo-se um pouco mais em Aliah. “Estamos todos informados, sobre tudo o que aconteceu até agora?”

“Estamos prontos.” Disse Justine e então dirigiu-se a todos na sala. “Há muitas pessoas, para vos apresentar. Estou ansiosa.”

**Skanse Aerie:
Sistema de Gliese:**

Qualquer nave alienígena que aparecesse inesperadamente no Espaço Gliesan, tinha apenas segundos, antes que as naves-patrolha que guardavam o farol estrela, a atacasse.

Naila e Fairamai já tinham reportado os detalhes da batalha entre os Kulsat e as forças de Chow Yin e que Alex e os outros Solans estavam a caminho, mas Ah Tabai disse que era melhor seguir o protocolo. Quando a *Liberty* entrou no Espaço Gliesan, Ah Tabai transmitiu a sua identidade pelo sistema de comunicações, bem como a identidade de quem vinha com ele.

Momentos depois, a mensagem de resposta veio pelo comandante Analock. O tradutor na nave ainda não tinha sido programado com a linguagem Gliesan, por isso Ah Tabai disse-lhes qual era a resposta.

“Nós reconhecemos os nossos vizinhos Solan. Sejam bem-vindos ao Sistema de Gliese. Por favor, permaneçam na vossa posição atual e abstenham-se de mais transmissões, até que informemos o comando central.”

O General Gates perguntou a Ah Tabai: “O que é que podemos esperar?”

“A maioria das respostas do Governo de Gliesan é ditada por um rigoroso conjunto de leis e de protocolos.” Disse Ah Tabai. “Tal como acontece com muitos sistemas ‘emergentes’, nós estamos constantemente em estado de sítio. Embora nenhuma nave dos Kulsat invada o nosso sistema, há mais de cem anos, ninguém sabe o que poderia levá-los a lançar um ataque surpresa. Já aconteceu antes. Os nossos protocolos servem para dar ao nosso sistema um aviso prévio, caso isso aconteça. Quando o comando central estiver ciente de que não somos inimigos, seremos formalmente convidados para visitar a Skanse Aerie, que é a nossa principal estação diplomática.”

“É uma estação incrível.” Disse Justine. “Você vai ficar, sem dúvida,

surpreendido pelos representantes dos diferentes sistemas estelares.” Ela sorriu para Michael. “Se pensou que a política internacional era difícil. Vai ver que o protocolo da política interestelar é um caso de estudo. Tem bastantes derivações. Não só lida com línguas e culturas diferentes, mas também com sistemas biológicos diferentes.

O Embaixador do Sistema de Mebsuta, por exemplo, é fisiologicamente semelhante a uma anêmona-do-mar; a boca é também o seu ânus e eles não consideram a defecação pública socialmente inaceitável. Por vezes, pode ser perturbador para outras culturas, tal como a nossa, interagir com a espécie deles.”

“Eu imagino que sim.” Disse Michael, com os olhos arregalados.

O General interrompeu. “Quanto tempo vai demorar, para o seu comandante responder?”

“Muito em breve.” Disse Ah Tabai. “Mas vai-nos levar algum tempo, para voar até lá. Quando tivermos autorização, vou entrar em contato com o Conselho de Sentinelas e começar a organizá-los.”

Olhando alternadamente para Michael e Justine, o General disse: “Se eles forem como os nossos militares, essa mobilização pode levar algum tempo. E se os Kulsat atacarem o Sol, antes de nos organizarmos?”

Justine acenou a cabeça para responder à pergunta. “Pela minha experiência, os Kulsat são uma sociedade hierárquica altamente estruturada. O relatório terá de ir até à sua cadeia de comando. Quando os líderes deles tomarem a sua decisão, irão começar os preparativos e invadir o nosso sistema em massa.”

Impaciente, o General perguntou: “E quanto tempo é que acha, que isso irá demorar?”

Ah Tabai respondeu: “Historicamente, algures entre um dos vossos dias, a um mês, dependendo da quantidade de resistência que esperarem do sistema de destino. Considerando que o seu criminoso, Chow Yin, foi capaz de derrotar a nave de patrulha deles, irão considerar que o Sol é uma grande ameaça. Ião mobilizar-se o mais rápido que puderem, mas também irão utilizar a maior parte da sua armada. Os Kulsat acreditam na destruição.”

Michael perguntou: “E se o Conselho dos Sentinelas não aprovar o nosso plano? Pior ainda,” acrescentou, “e se os Governos do Coletivo decidirem proibir a ação?”

Com um sorriso tranquilizador, Ah Tabai respondeu: “Os governos só têm autoridade sobre os seus próprios sistemas. Eles podem definir políticas para

o protocolo dos Sentinelas dentro dos seus sistemas, mas a Lei Galáctica definida pelos da Graça, substitui a dos governos locais.

Quando estamos em jurisdição vizinha, devemos obedecer às leis locais. Quando estamos numa região não regulamentada do espaço, como o Sistema de Centauri, precisamos apenas de seguir a Lei Galáctica. Estou confiante que, quando a Comissão souber do retorno da Graça, na forma de Alex, irão ficar deveras entusiasmados. No último milénio, temos procurado uma maneira de eliminar a ameaça dos Kulsat.”

A conversa foi interrompida, quando o Comandante Analock abriu um canal de comunicação para eles. Ah Tabai traduziu:

“Em nome do Coletivo de Mundos, o Parlamento de Gliese estende a si, General Gates, as boas-vindas oficiais ao nosso sistema. Durante a sua estadia, você irá comprometer-se a não tentar adquirir a nossa tecnologia de Éter e irá jurar, que vai respeitar todos os Gliesan e as Leis Galácticas.

Como o seu sistema ainda não é reconhecido como ‘emergente’, terá acesso limitado à nossa estação e ficará impedido de se aventurar de viajar fora da rota, entre o farol estrela e a Estação. Como comandante da sua nave, você deve aceitar a responsabilidade pelas ações da sua tripulação e dos passageiros, enquanto estiver no nosso sistema. Concorda com estes termos?”

Acenando para Ah Tabai traduzir, o General disse: “Concordo plenamente.”

∞

A *Liberty* não era tão rápida quanto a *Fainne* e a viagem para Skanse Aerie levou quase três horas.

Entretanto, Justine falava com Alex e Michael mais pormenorizadamente sobre tudo o que tinha lido sobre os Kulsat, sobre a sua história e o seu sistema solar.

Quando chegou à estação, Ah Tabai informou que enviou uma mensagem para o Conselho dos Sentinelas e que eles tinham aprovado o plano. Com um dos da Graça ao seu lado, todos acreditavam que a história tinha atingido um ponto de viragem.

Embora a maioria dos Sistemas do Coletivo tivesse inúmeros ‘kinemates’, poucos escolhiam juntar-se aos Sentinelas. Muitos sistemas não tinham nenhum representante nos Sentinelas. Extraordinariamente, o Sistema de Gliese tinha quatro. Com os seus membros espalhados pelos vinte mil ou mais sistemas ‘emergentes’ na galáxia, levaria algum tempo para que a

mensagem chegasse a todos.

O plano era que todos os Sentinelas convergissem em Gliese, onde a Graça estava e, depois, fossem para o Sistema Kulsat em ondas pequenas, sendo esta a única maneira de entrar um sistema ‘emergente’ guardado por ‘seres etéreos’.

O ataque iria iniciar-se em doze horas.

∞

Na Estação de Aerie, o Embaixador Yoatl estava no cais para cumprimentar os recém-chegados do Sistema Solar.

“Enviada Justine.” Disse ele. “Você não deveria ter-me dado tamanho susto.” As suas palavras foram tingidas com admoestação, mas ele sorriu através delas. “Estou feliz que tenha saído ilesa.”

O General Gates disse, “Temos alguns prisioneiros a bordo. É possível podermos transferir a custódia deles para a estação, enquanto fazemos as reparações e nos preparamos para a incursão aos Kulsat?”

“Claro.” Disse Yoatl. “Vou tomar providencias. Tenho a certeza, de que irá considerar as nossas instalações de detenção, mais do que suficientes.” Ele falou pelo seu comunicador no pescoço, numa série de assobios e silvos. Quando terminou, ele olhou para Justine. “Por falar nisso, a Mancha Vermelha tem perguntado por si. Quando soube que você estava de regresso a Gliese com um dos da Graça, ela solicitou uma reunião convosco.”

Justine assentiu. “Eu já fazia conta de a visitar.” Ela virou-se para Alex. “A menos que precise de algum tempo para descansar, quer ir já?”

“Absolutamente.”

Michael disse: “Se não se importarem, eu estava a pensar se poderia passar algum tempo com o Embaixador Yoatl.” Quando Justine lhe levantou uma sobrancelha, ele acrescentou: “Quer sejamos ou não, bem-sucedidos em deter os Kulsat, precisamos de fazer parte da comunidade galáctica. Tenho a certeza de que haverá uma enormidade de protocolos e procedimentos, para se tornar membro do Coletivo de Mundos.”

“Isso é um fato.” Disse Yoatl. “É um processo longo e complicado. Há muito para aprender.” Ele balançou a cabeça em aprovação para Michael. “Eu vou levá-lo até aos escritórios do Conselheiro de Gliese. Esse será o melhor lugar para começar.”

“Eu conheço o caminho para a instalação de detenção.” Disse Justine.

O General Gates, olhou para cima quando um Gliesan alto e imponente se

aproximou. Os militares pareciam reconhecer os outros soldados automaticamente e o General saudou-o.

“Eu sou o comandante Analock.” Disse o Gliesan, a tradução saindo do tradutor no seu pescoço, uma fração de segundo depois. “Estou à sua disposição, General.” Os dois oficiais dirigiram-se para organizar as reparações e a transferência de Chow Yin e dos outros prisioneiros.

Yoatl apontou para a extremidade oposta ao lugar do embarcadouro, para uma cápsula que os aguardava. “Vai ser mais rápido voar até aos escritórios do vereador, por aqui. Ele tem um cais privado, onde podemos pousar.”

“Nós vemo-nos em breve.” Disse Justine a Michael e Yoatl e, fazendo sinal para que Alex a seguisse, levou-o para fora do compartimento de encaixe, para a área da estação onde a Mancha Vermelha a aguardava. Durante o percurso, ela explicou-lhe rapidamente tudo sobre o funcionamento da estação.

∞

Embora ela tenha descrito os Kulsat para Alex em detalhes, ela ainda viu o seu olhar de espanto, quando a Mancha Vermelha nadou até à consola do computador para os cumprimentar.

“Justine.” Disse ela. “Você ainda ‘continua’.”

Com um sorriso, Justine respondeu: “Sim, obrigado. Como é que você está?”

“Eu também ‘continuo’.” Momentos depois, ela disse: “Os Gliesans informaram-nos sobre o retorno da Graça.” Era difícil saber se a Mancha Vermelha estava a olhar para ela ou para Alex.

Justine fez um gesto para o seu jovem amigo. “Este é Alex Manez. Ele foi o primeiro dos Solans a tentar a ascensão e tornou-se um dos da Graça.”

A Mancha Vermelha acenou com três dos seus tentáculos, num movimento ondulante. “É uma honra estar na sua presença, Sua Graça.”

“Por favor, trate-me por Alex.”

“Não é permitida tanta familiaridade, Sua Graça.”

Justine apanhou a expressão confusa de Alex. Ela disse à Kulsat: “Agora que a Graça voltou, esperamos que o seu Consórcio termine o seu conflito com o resto da galáxia. Fizemos planos para viajar até ao seu sistema e tornar o vosso povo consciente da Graça.”

“Isso nunca irá acontecer.” Disse a Mancha Vermelha e Justine empalideceu, não tendo certeza se havia problemas com a tradução.

“O que é que quer dizer? Você disse que iriam render-se, se encontrássemos o componente final.”

Mancha Vermelha disse: “Não, Justine. Eu disse que a única maneira de os parar, é encontrar o componente final. Os ‘ressuscitados’ não se irão render. Independentemente se a Graça voltou, ou não. Estamos todos bem-educados pela nossa história e acerca da escravização do nosso povo, pelos da Graça.”

“Escravização?”

“De que outra forma poderia ser descrita? Tivemos que obedecer à Graça, ou eles iriam tirar a nossa capacidade de viajar, para além do nosso sistema solar.”

“Mas,” disse Justine lentamente, “então como é que vamos deter os Kulsat?”

“Eu vou explicar.” A Mancha Vermelha digitou na consola por alguns momentos. “Até tentarmos receber a ‘dádiva’, nós, os Kulsat somos escravos. Para nós, fará pouca diferença quem são os nossos mestres; se a Graça, ou se os ‘ressuscitados’. Contudo, os ‘ressuscitados’, nunca irão abandonar o seu estatuto. Eles preferem morrer. Encontrar o componente final e trazer o retorno da Graça, é a única maneira de deter os ‘ressuscitados’. Alex Manez tem que destruir todos os Kulsat ‘ressuscitados’. Só então, os ‘não-ressuscitados’, irão mais uma vez jurar fidelidade à Graça e começar a reconstruir a nossa sociedade.”

A palidez que emergiu no rosto de Alex, quando ouviu aquela declaração, deixou-o lívido. Justine ficou horrorizada com a ideia. Era um genocídio. Mesmo que ele concordasse com uma tarefa tão horrível, os obstáculos seriam intransponíveis. Incapacitar centenas ou milhares de naves era uma coisa. Procurar e matar centenas de milhares, talvez milhões de ‘ressuscitados’, era uma tarefa impossível. Mesmo ignorando as implicações morais de tal ação, isso levaria uma vida inteira.

“Não.” Disse Alex. “Eu não vou fazer isso. Tem que haver outra maneira.”

“No decorrer do último milénio, os ‘ressuscitados’ tornaram-se completamente consumidos pelo seu poder. Eles nunca irão parar.”

Alex virou-se para Justine. O seu rosto ficou vermelho de raiva e de horror. “Nós precisamos de parar a invasão. Mesmo que eu fosse louco o suficiente, para avançar com isso, não o conseguiria fazer sozinho. Talvez se existissem centenas de nós, com o poder da Graça” Ele balançou a cabeça. “Não, é impensável. Mesmo que eu soubesse converter alguém para a Graça, não teria como saber, se essa pessoa o iria fazer.”

Respirando fundo, Justine assentiu. “Nem eu. É monstruoso.”

Enquanto os dois conversavam, a Mancha Vermelha continuou a escrever. As suas palavras saíram. “Há apenas uma maneira de deter os Kulsat, sem destruir os ‘ressuscitados’. É um risco enorme para nós, mas é possível.”

Alex e Justine disseram ao mesmo tempo: “Como?”

“Só vos direi, quando estivermos no Sistema Kulsat.” Como nenhum dos seres humanos respondeu imediatamente, ela digitou novamente. “Você deve-me isso, Justine. Tanto a mim como aos meus companheiros. Para que assim, possamos regressar a casa. Isto não é negociável.”

“Mancha Vermelha,” disse Justine, com a sua mente acelerada, para descobrir se a Kulsat tinha planeado aquilo desde o início, ou se ela estava a jogar com eles “como é que podemos saber, se você está... a praticar o engano?”

“Eu não vou trair o meu mundo.” Disse a Mancha Vermelha, através do tradutor. “Nem vou trair a Graça e nem a galáxia. A única maneira de parar a ameaça dos ‘ressuscitados’, é salvar os Kulsat deles. Somente a Graça pode conseguir isso. Para o bem dos triliões dos do meu povo, que está à mercê dos poucos milhões de ‘ressuscitados’, vocês devem ajudar-nos.”

“A salvar os Kulsat?” Perguntou Justine. “Como?”

“Só vou passar o meu conhecimento à Graça e, apenas quando estivermos no Sistema Kulsat.”

Mancha Vermelha digitou novamente. “Sua Graça, vai salvar-nos?”

Skanse Aerie:
Sistema de Gliese:

“Nem pensar.” Disse o General Gates, quando Alex e Justine o abordaram e lhe explicaram aquilo que a Mancha Vermelha lhes tinha dito.

Os dois encontraram o General, na casa do Vereador de Gliesan. Michael e Yoatl também estavam lá.

O rosto do General tornou-se numa máscara de vermelho carregado, enquanto falava. “Não só, estamos já muito para além da minha missão. Com sorte, provavelmente serei submetido a tribunal marcial, quando regressarmos a casa. Mas, mesmo que eu tivesse alguma inclinação para prosseguir com esta missão agora, o que seria um claro sinal de que eu tinha sofrido algum tipo de surto psicótico, não consigo imaginar o Conselho de Sentinelas a alinhar naquilo que é equivalente a uma missão suicida.” E respirou fundo quando terminou o seu discurso, com os olhos a passar alternadamente de Justine para Alex.

“Não é uma missão suicida.” Disse Justine, mas as palavras seguintes foram cortadas, quando o General levantou uma mão.

“Primeiro diz-me que, não obstante do que façamos, os Kulsat não se irão render. Depois diz que há algum tipo de método secreto para deter os Kulsat, salvando-os!” Ele balançou a cabeça, em descrença. “Mas a única que sabe qual o método, é uma das Kulsat que está presa e que não nos diz, a não ser que a levemos connosco.” Olhando exasperado para Justine, ele perguntou: “E você não encontra nada de suspeito nisso?”

Após o General lançar um olhar suplicante ao Conselheiro Ijallanna, o Gliesan alto fez um movimento com as penas cinzento-escuras do pescoço e disse: “Oficialmente, o nosso governo não tem voz, sobre se devem aceitar, ou não, esta ação – os assuntos dos Sentinelas não estão sob a nossa alçada.

No entanto, se os Sentinelas concordarem com isso, tenho a certeza de que poderemos convencer o nosso conselho de segurança a passar a custódia dos nossos hóspedes Kulsat para si, General Gates. Afinal de contas, tomámos precauções relativamente ao acesso a qualquer informação vital, acerca do nosso sistema.”

O Conselheiro respondeu ao olhar incrédulo do General: “Talvez devêssemos convidar os Sentinelas para esta discussão.” Ele deu uns passos largos para a sua consola do computador e deu algumas ordens através dele.

Em poucos instantes, o monitor deu sinal de vida. Apareceu Ah Tabai na imagem, juntamente com Aliah, Naila e Fairamai ao fundo.

“Conselheiro Ijallanna.” Disse Ah Tabai. “Eu estava prestes a informá-lo e, também, aos outros. Chegou a resposta do Conselho dos Sentinelas. Todos os Sentinelas disponíveis, estarão prontos para ir para o Sistema Kulsat, dentro de seis horas.”

“Parece haver um obstáculo significativo ao plano, Sentinela Ah Tabai. Vou deixar a Graça explicar.”

Alex deu um passo para se aproximar do monitor e disse: “Temos informações de que a incursão pode não convencer os Kulsat ‘ressuscitados’ a renderem-se. A Mancha Vermelha disse que eles são tão loucos pelo poder, que provavelmente irão lutar até à morte. Há uma alternativa, mas não temos todos os fatos.

Em vez de uma ofensiva, pedimos que os Sentinelas nos proporcionem uma distração. Precisamos de atrair todos os ‘ressuscitados’, espalhados pela galáxia, para regressarem ao Sistema Kulsat, altura em que a Mancha Vermelha irá revelar como detê-los, permanentemente. Contudo, ela não nos irá dizer como, até que estejamos no sistema.”

Ah Tabai franziu a testa. “Você acredita que ela está a dizer a verdade?”

Alex, lançou um olhar rápido para Justine, que assentiu e disse: “Pode ser a nossa única opção.”

Depois de um momento a conversar com os outros três Sentinelas, Ah Tabai voltou para a tela. “Vamos precisar da confirmação do Conselho, mas todos seguimos a lei da Graça. Eu não vejo nenhuma razão para não o seguir, Sua Graça.”

O General deixou escapar um profundo suspiro. Justine e Alex olharam para ele.

Ele sacudiu concisamente a sua cabeça. “Eu devo estar tão louco quanto vocês.” Dirigindo-se ao Conselheiro, perguntou: “Existe alguma forma, de

vocês nos ajudarem a construir uma espécie de manga, que irá acopular a nave dos Kulsat à nossa nave?”

∞

Cinco horas depois, Alex estava na ponte da *Liberty*, junto com o General e a sua equipa, enquanto passavam por uma verificação final dos sistemas. Eles e as vinte mil naves sentinela, estavam em formação, à volta do farol estrela de Gliesan.

A Mancha Vermelha e os outros noventa Kulsat já estavam a bordo da sua nave, que foi firmemente acoplada à *Liberty* com uma manga eletromagnética. Foi estabelecida uma linha de comunicação direta, entre a nave dos Kulsat e a estação de Alex na ponte. Quando ele lembrou à Mancha Vermelha, sobre a limitação do piloto de *quantum* de quantos seres podia colocar em estado quântico, a líder dos Kulsat assegurou a Alex que todos eles estavam mais do que dispostos a correr esse risco.

Enquanto que Michael permaneceu na Skanse Aerie, pois não tinha nenhuma experiência prática, nem como ‘kinemat’ nem como piloto, Justine insistiu em fazer parte da força invasora.

“Durante toda a minha vida, treinei-me para isto.” Disse ela. “Além disso, estudei as naves sentinela, consigo pilotar uma. Vocês precisam de todos os colaboradores, que se encontrem aptos.” Quando o General e o Conselho dos Sentinelas aprovaram a sua participação, Justine não conseguiu esconder a euforia no seu rosto. Alex sabia, de conversas anteriores, que ela nunca acreditou que fosse voltar a pilotar uma nave espacial novamente e guardou um pensamento sombrio para si; esta podia ser a sua última viagem.

Embora tivessem revisto o plano várias vezes, o General reiterou-o, de modo a beneficiar tanto Alex como a Mancha Vermelha.

“Nós iremos passar pelo farol estrela para o Espaço Kulsat. Quando chegarmos, não nos envolveremos diretamente com os Kulsat. Vamos sair do meio da batalha e esperar na retaguarda, até termos a certeza de que a maior parte das naves dos Kulsat ‘ressuscitados’, retornou ao sistema.”

“Alex, você irá anular a unidade de *quantum* de qualquer nave inimiga que se aproxime de nós e nós sairemos da sua linha de fogo. Quando a maior parte da armada dos Kulsat estiver no sistema e, a Mancha Vermelha permitir que você saiba, o que é suposto fazer para salvar os Kulsat, você fá-lo-á. E então sairemos de lá.” Ele balançou a cabeça confuso, como se não pudesse acreditar, que estava a alinhar no plano.

Momentos depois ele continuou e a sua voz assumiu um limite duro. “Mancha Vermelha, espero que você mantenha a sua parte do acordo.”

A voz mecânica veio através das colunas da ponte. “Eu não pratico o engano”, disse a Mancha Vermelha. “Esperem várias ondas de Kulsat. Os Sentinelas irão enfrentar a patrulha de defesa inicial, mas esta não dará muita resistência. Eles irão alertar o nosso planeta e depois sairão do sistema para pedir reforços.”

“A força maior virá de dentro do sistema. Os Sentinelas devem segurá-los tanto tempo quanto possível, para permitir que aqueles que estão fora do sistema, regressem.” Em consenso, estimou-se que isso levaria até um quarto de hora, vindos de qualquer lugar.

“O problema será, quando as naves que estiverem fora do Sistema Kulsat regressarem. Os Sentinelas ficarão presos entre as duas armadas.”

O General perguntou: “E quanto tempo vai levar até que Alex faça... o que você quer que ele faça?”

“Não vai demorar muito.” Disse a voz traduzida da Mancha Vermelha, pelos altifalantes. “Antes de Alex nos salvar, você deve proceder ao lançamento do nosso transporte e assegurar-se de que todos os não-Kulsat já tenham saído do sistema. Só então, eu partilharei o conhecimento consigo.”

Alex podia ouvir um rugido muito baixo vindo do General e, embora ele simpatizasse com as reticências deste, confiava no julgamento de Justine. A Mancha Vermelha tinha arriscado tudo para a salvar a ela, uma alienígena e, não tinha dado nenhuma indicação de que os iria trair.

“Quanto tempo falta, até que a operação comece, General?” Perguntou Alex, mais para distrair o militar, do que qualquer outra coisa.

O General estava em constante contato com os comandantes do esquadrão sentinela, através da sua consola de comunicações, agora, com um funcionamento mais avançado. Eram quinhentos esquadrões. A partir do instante em que a primeira onda de naves sentinela passasse, até à última onda, levaria quase um quarto de hora. A *Liberty*, com Alex como piloto quântico, iria lançar-se um minuto depois. Durante esse tempo, os Sentinelas estariam sob fogo pesado. Alex não queria pensar sobre as potenciais vítimas.

“Se eu tiver a ler estes monitores corretamente,” disse o General, a olhar para as telas “a primeira onda vai colocar-se em estado quântico, em trinta minutos.”

“Qual é o esquadrão em que Justine está?”

“No último.” Disse o General. “Ela disse-me que planeia juntar-se aos

Sentinelas, quando tudo isto terminar. Por alguma razão, voar bilhões de quilômetros pelo vasto vazio do espaço, é mais atraente para ela, do que uma posição política confortável.”

Momentos depois, ele disse: “Eu estou a receber um alerta nas telas.”

“O que é?”

O General levantou a cabeça e lançou um olhar duro a Alex. “Os Sentinelas têm um sensor de rastreamento, destinado ao farol estrela do Sistema Solar. Dizem que foi ativado. Os Kulsat estão a invadir-nos agora.”

Uma gota fria de suor escorreu pela espinha de Alex. “Quantos são?”

“Não faço ideia. Pelo que sei, poderão ser centenas. O Comandante dos Sentinelas está a dar a ordem, para nos lançarmos contra os Kulsat agora. Ele espera que a patrulha dos Kulsat enviem o alerta para a sua armada regressar, antes que cheguem muito longe dentro do nosso sistema, de modo a regressarem a tempo.”

O General perguntou: “Você está pronto para isto? A primeira onda está a ser lançada... agora. Vamos sair dentro de quinze minutos.”

“Isso é muito tempo” Disse Alex.

“O quê?”

“Precisamos de chegar ao Sistema Solar, agora.” Alex não estava preparado para ficar à espera, enquanto uma armada de Kulsat ‘ressuscitados’ genocidas, estava a caminho da Terra. Ele sabia que, mesmo que os líderes deles enviassem uma mensagem para que voltassem, eles estariam demasiado longe dentro do sistema, para virar. A Terra estaria mesmo ao seu alcance.

Antes que o General pudesse dizer mais alguma palavra de protesto, Alex colocou todos os passageiros da *Liberty* e estado quântico e, também, todos os Kulsat que estavam na cápsula de mineração.

Um momento depois, ele colocou a própria nave em estado quântico e dirigiu-se para o farol estrela de Gliesan, traçando o curso para o *Dis Pater*.

No instante antes de chegar ao farol estrela, ele estava no espaço fotónico: um ser elemental dentro do universo físico.

No instante seguinte...

Desconhecido:

Bem-vindo a casa, Alex.

Era a voz que o assombrava, que o tinha chamado durante quase duas décadas e que ele se esforçava para compreender.

Embora tivesse estado em estado fotônico várias vezes, antes da experiência trágica na Estação de Qin, que tinha completado a sua transformação, ele nunca esteve ‘consciente’ durante o estado quântico.

Desde a Estação de Qin, que ele se colocou em estado quântico várias vezes e ficou maravilhado com a consciência que tinha, quando estava naquele estado de ser.

Contudo, nunca tinha viajado como piloto quântico, utilizando os faróis estrela. Em ambas as vezes, do Sol para Centauri e depois de Centauri para Gliese, Ah Tabai tinha estado no controlo. Quando outro Kinemat colocava alguém em estado quântico, era a única altura em que o ser não mantinha a consciência, durante o estado fotônico.

Alex não tinha a certeza, do que podia esperar. Na verdade, os seus pensamentos tinham estado tão preocupados em chegar ao Sistema Solar, que não tinha antecipado totalmente o que iria acontecer. Afinal, o que os outros ‘kinemates’ lhe tinham dito era que, quando atingisse o farol estrela, não prevalecia a consciência durante o transporte para o destino, até depois de chegarem ao novo sistema.

Tanto quanto se sabia, a viagem entre os faróis estrela era instantânea.

Agora, Alex, sabia algo diferente.

Para ele, a viagem era simultaneamente imediata e de duração infinita.

Embora o universo físico tivesse vastas extensões de vazio, havia sempre uma leve assinatura de radiação eletromagnética em todos os lugares do espaço, ainda que esta fosse incomensurável para os sensores tecnológicos.

Os faróis estrela não eram portais para outra dimensão, como Alice Yin tinha teorizado.

Alex lembrou-se da descrição que Ah Tabai lhe tinha dado antes: “Fora do nosso plano de existência, todos os faróis estrela, ocupam o mesmo espaço” Sem a perspectiva correta, aquela era a única explicação racional para a existência dos faróis estrela.

A sua mente esforçou-se para compreender a realidade e ele pareceu levar eras, até perceber a verdade.

Os faróis estrela não ocupavam o mesmo espaço, porque o lugar que tocavam, não tinha luz, ou espaço ou tempo.

O artefacto monumental chamado *Dis Pater*, não era mais do que uma construção física, construída com Kinemet alterado, à volta do farol estrela.

O farol estrela era uma anomalia, algo como uma fratura, no tecido do universo. Era a ausência do universo.

De alguma forma, Alex adivinhou que, os Xtôti não ficaram satisfeitos em viajar por toda a galáxia à velocidade da luz. Afinal, seriam necessários mais de cinquenta mil anos para ir de uma ponta da Via Láctea, para a outra. Os físicos da Quantum Resources teorizaram que, havia inúmeras maneiras de alterar o Kinemet e criar resultados poderosos com essa alteração.

Os da Graça tinham feito experiências com aquilo, há um milhão de anos. Instintivamente, ele percebeu, que uma dessas experiências, tinha feito com que o sol deles se tornasse uma supernova. Vagamente, ele cogitou se essa reação teria causado a metamorfose neles, de ‘kinemates’ para a Graça...

Seria possível que os Xtôti, tal como Alex, não soubessem como tinham evoluído de ‘kinemates’ para a Graça? Se soubessem, eles teriam criado mais seres da Graça e teriam morrido. Eles teriam continuado em expansão por toda a Via Láctea e, possivelmente também, ter-se-iam aventurado até às galáxias vizinhas.

Seria Alex, realmente, o último dos da Graça?

Se assim fosse, cabia-lhe redescobrir o processo e repovoar a galáxia com mais dos da Graça. Mas como? Haveria algum tipo de semelhança, entre aquele fenómeno e o que tinha acontecido com Alex, em Macklin Rock?

Ele lembrou-se que o primeiro relatório do recetáculo de segurança, indicava que algo estava a chegar até eles à velocidade da luz. Poderia aquele evento cósmico ter, de fato, acontecido ao mesmo tempo que os seus pais tinham perfurado o asteroide e exposto o depósito de matéria Kinemet? Alex adivinhou que, o que quer que tivesse acontecido, teria algo a ver com o

próprio Sol. Talvez tivesse sido o mesmo tipo de evento solar inesperado durante uma experiência que, inadvertidamente, causou a transformação do sol dos Xtôti, em supernova.

Se os da Graça nunca tinham descoberto, então como é que Alex o iria fazer?

Ocorreu-lhe então um pensamento: mesmo se ele pudesse descobrir como fazer, para elevar alguém para o estado de Graça, será que deveria? Talvez a galáxia não estivesse pronta para isso. Talvez alguns segredos, devessem permanecer um mistério.

Mas ele teria que pensar sobre isso, noutra altura. Afinal de contas, de acordo com o que Justine lhe tinha dito, ele teria uma abundância de TEMPO, para meditar sobre o tema.

Agora, precisava de compreender a natureza desse espaço nulo, entre os faróis estrela.

O que Justine lhe tinha relatado, acerca da história dos da Graça, referia que, tinha sido depois do sol dos Xtôti passar a supernova, que eles iniciaram a sua expansão pela galáxia, criando o sistema de faróis estrela, para conectar sistemas solares individuais.

Enquanto Graça, eles descobriram como fazer para rasgar buracos no universo e ‘costurar’ os rasgões novamente, junto com ‘fios’ de Kinemet alterado, que estavam metafisicamente ligados uns aos outros, como se estivessem num estado de sobreposição quântica.

Viajar pelos faróis estrela era, na realidade, viajar através de rasgos no universo.

Os próprios monumentos eram incríveis obras de tecnologia avançada, projetada para monitorizar e abrigar os ‘fios’. Eles também tinham o poder de proteger a localização dos faróis estrela, dos outros sistemas solares povoados.

O Kinemet era um elemento quântico. Ao usá-lo e ao entrar no estado fotónico, Alex estava ciente dos outros seres que também estavam nesse estado e conseguia sentir o Kinemet nas unidades quânticas.

Ele imaginou que, se tentasse, também poderia sentir os depósitos de matéria de Kinemet. De certa forma, todo o Kinemet no universo estava ligado, entrelaçado a um nível metafísico. E o centro dessas conexões, estava naquele rasgão do universo; que era o centro de tudo.

Ao mesmo tempo, aquela existência entre os faróis estrela, era o estado mais puro do Kinemet. Alex e todos aqueles que tivessem alcançado o estado

da Graça, eram criaturas desse elemento. Era fundamental para o seu ADN. Era uma concentração tão poderosa de Kinemet puro, que era a coisa mais próxima de ‘casa’, que poderia haver para alguém como Alex.

Para além daqueles que tinham morrido por acidente, aquele era o lugar para onde a maioria dos da Graça tinha ido. Um milhão de anos de vida, era mais do que tempo suficiente para qualquer ser senciente existir. Alex não conseguia imaginar isso. Um por um, eles devem ter tomado uma decisão, para fazer essa última viagem ao espaço nulo fora do universo e permanecerem lá.

Instintivamente, Alex sabia que poderia ficar naquele lugar, entre os faróis estrela, pela eternidade e sentir-se perfeitamente contente, pelo resto da sua existência metafísica. Ele estava em casa.

Mas... havia algo mais importante para ele fazer, do que permanecer lá e a sua consciência não o deixaria ficar.

O Sistema Solar estava em perigo.

Ele era o único, que o poderia salvar.

**Força Espacial dos Estados Unidos:
Nave de Guerra *Liberty*:
Sistema Solar:**

... **Ele estava de volta** ao estado físico, na *Liberty*.

“Que diabo pensa você que está a fazer, rapaz?” Perguntou o General Gates num rosnado, mas foi rapidamente distraído, quando a conexão com a frota sentinela foi perdida. A sua matriz de comunicações, ficou em silêncio. O seu segundo em comando, teclou algum símbolo tátil na sua própria consola e o monitor principal da ponte iluminou-se com as coordenadas atuais: eles estavam em órbita à volta de Plutão.

Ignorando a pergunta do General, Alex colocou-se a si mesmo em estado quântico, apesar de não ser para evitar a repreensão do oficial. Em vez disso, ele usou os seus sentidos fotónicos, para os expandir pelo Sistema Solar, à procura de sinais de Kulsat ‘ressuscitados’.

Quando os encontrou, uma onda de apreensão percorreu-o.

Durante a fase de planeamento da sua ação militar, os Sentinelas especularam que os Kulsat iriam enviar, de entre uma dúzia a algumas centenas das naves de guerra deles, para o Sistema Solar.

Alex detetou mais de dez mil ‘ressuscitados’, todos em estado fotónico, a voar a velocidades próximas à luz, em direção a Neptuno.

Um momento depois, o seu espanto relativamente ao grande número deles passou, quando ele cogitou porque é que eles se dirigiam para o planeta grande mais distante do Sistema Solar. Não havia lá nenhum posto, mas somente algumas estações de monitorização a orbitar o gigante de gelo.

Depois, ele percebeu que os Kulsat não sabiam, quais os planetas que estavam preenchidos com Solans e quais os que eram estéreis de vida. Eles teriam que voar de planeta em planeta, até encontrarem a Terra, onde iriam

começar a procurar pelo componente final, causando destruição em todos os seres humanos que se atravessassem no seu caminho.

Exultante, Alex voltou à sua forma física na ponte da *Liberty* e informou o General que havia mais de dez mil naves dos Kulsat, a dirigirem-se para Neptuno.

“Neste momento, a órbita dele é muito próxima de Plutão.” Disse ele, com naturalidade. “Fica a apenas duas centenas de milhões de quilômetros. A propulsão quântica pode levar-nos até lá, em doze minutos.”

“O quê?” Perguntou o General. “As dez mil naves dos Kulsat estão a dirigir-se para Neptuno?” Ele pareceu perceber que estava apenas a repetir o que Alex dizia. “O que é que isso significa?”

“Eles não sabem que a Terra, é o nosso mundo primário. Eles precisam de sair do espaço fotónico, para verificar cada planeta que encontrarem. Eu imagino que vão demorar algum tempo, a fazer a análise de cada um, antes de passarem ao próximo. Precisamos de ir atrás deles.”

“E o que é que você imagina que podemos fazer, se chegarmos lá, antes de saírem? Uma nave contra dez mil?” Ele disse o número com voz rouca.

“Nós vamos enviar-lhes uma advertência.”

“Um aviso?” Perguntou o General, não compreendendo obviamente a intenção de Alex.

“Não de nós,” disse ele, “da Mancha Vermelha. Nós vamos levá-la, para os alertar de que os Sentinelas se aproveitaram da situação e estão a atacar o mundo de origem deles.”

“Ah!” Disse o General, com um ligeiro aceno.

Alex abriu uma linha de comunicação para a Mancha Vermelha e delineou o seu plano. A Kulsat concordou em ajudar.

Ela acrescentou: “Depois de entregarmos a mensagem, devemos sair, antes que analisem a vossa nave e decidam que nós praticámos um engano.”

“Entendido.” Disse Alex. “Quando chegarmos ao Espaço Neptuniano, você deve estar pronta para transmitir a advertência.”

A Mancha Vermelha respondeu. “Entendido, Sua Graça.”

Alex deu ao General Gates um olhar interrogativo e, quando recebeu um aceno de assentimento, colocou imediatamente a tripulação e a nave em estado quântico e voou em direção à armada dos Kulsat.

**Nave de Patrulha:
Sistema de Gliese:**

Justine não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Ninguém esperava que Alex fosse para o Sistema Solar, assim. Toda a rede de comunicações dos Sentinelas foi inundada, com todos a tentarem descobrir o que estava a acontecer e o que fazer.

Sem Alex, não haveria nenhum objetivo em ir para o Sistema Kulsat. Eles estariam em desvantagem, de cinco para um e cada nave de guerra dos Kulsat estava fortemente armada, enquanto a maioria das naves sentinela, eram naves de investigação de duas pessoas. Seria um massacre.

Justine sentou-se na cadeira de piloto da pequena embarcação, que o Conselheiro de Gliese lhe tinha emprestado. Embora a nave não tivesse sido projetada de acordo com os padrões das naves sentinela, tinha suficiente armadura cinemática, para absorver um ou dois disparos de laser de mineração. Ela sabia que o seu papel na invasão não era tanto para o combate direto, mas para monitorizar Alex na *Liberty*.

Ela tinha falhado na missão, ainda antes de começar.

Surgiu um alerta de comunicações na sua consola e ela reconheceu a identificação do autor da chamada. Era o Conselheiro Ijallanna. Quando abriu o canal, viu Yoatl e Michael na imagem do monitor.

“Enviada Turner.” Disse o Conselheiro. “O que é que aconteceu?”

“Lamento, Conselheiro. Quando Alex ouviu que os Kulsat tinham invadido o Sistema Solar, foi atrás deles.”

“Sozinho? O que é que ele espera conseguir?”

“Não tenho a certeza, Senhor.” Justine dirigiu-se a Michael. “Você acha que ele vai tentar enfrentá-los a todos, sozinho? Isso seria um suicídio.”

Ao fundo, Michael parecia seriamente preocupado. “Só há uma maneira de

descobrir. Alguém tem que ir até lá e ver o que está a acontecer.”

Yoatl disse: “O Sistema Solar não foi ratificado como ‘emergente’. Oficialmente, não é permitido a ninguém viajar até lá.”

Ah Tabai e Aliah tinham ido contra o protocolo para levar Michael, Alex, Kenny e Yaxche, anteriormente. Eles só tinham feito aquilo, porque não acreditavam que seriam detetados pelos Solans. Justine soube que o Conselho dos Sentinelas iria efetuar uma investigação sobre as ações deles e, possivelmente, poderia expulsar os dois da organização pelo que tinham feito.

Agora, com praticamente, todos os Sentinelas da galáxia reunidos num só lugar, nenhum deles iria quebrar o protocolo sem ordens explícitas dos seus líderes. Esse tipo de decisão política não seria tomado de forma unilateral.

Coube a Justine. Ela não era uma Sentinela e a única coisa que tinha a perder, era a sua liberdade condicional no Governo de Gliese.

“Conselheiro Ijallanna...” E falou sobre o seu estatuto.

“Claro.” Respondeu ele. “Você está livre do seu vínculo. Vá. Descubra o que está a acontecer e volte aqui imediatamente. Nós precisamos de saber.”

Antes do conselheiro terminar de falar, Justine colocou-se a ela e à sua nave em estado quântico, focando a sua consciência no farol estrela e iniciou uma ligação, diretamente para Sistema Solar.

∞

A viagem de Gliese ao Sistema Solar foi instantânea e, quando Justine se materializou no seu sistema de origem, depois de meses de estar longe, sentiu uma espécie de euforia ao regressar.

Com a mesma rapidez, a sensação deixou-a. O espaço em torno de Plutão estava estéril de quaisquer naves, convencionais ou quânticas. Na forma física, ela só poderia expandir a sua *visão* até cento cinquenta e quilómetros, mas em estado fotónico, ela conseguiria estender os seus sentidos para detetar outros sinais kineméticas em todo o Sistema Solar, desde que não estivessem escondidos.

Quando se colocou em estado quântico e expandiu os seus sentidos, ela engasgou-se, quando detetou uma massa de seres kineméticos Kulsat! A dirigirem-se diretamente para ela.

Vinham de Neptuno.

Engolindo o seu pânico, ela percebeu que Alex devia ter conseguido atrair a atenção deles, de alguma forma. Concentrando-se, viu que havia um sinal à

frente daquela massa, por uma margem muito estreita. Tinha que ser Alex.

Eles estavam a apenas meio minuto de viagem do farol estrela. O impulso inicial de Justine foi lançar-se primeiro e retornar a Gliese com a notícia, mas obrigou-se a esperar.

Com suficiente certeza, ela detetou a ativação do farol estrela e, com os sensores da nave, viu que estava a conectar-se com o Sistema Kulsat. Tal como tinha adivinhado, Alex estava a levá-los novamente para lá.

Ela sabia que existia um grande problema naquilo e sentiu a mão de ferro do pânico a apertá-la. Se Alex os estava a levar até ao Sistema Kulsat, ele estaria lá sozinho, preso entre os milhares de perseguidores e as dezenas de milhares de naves de guerra no sistema. Ele estaria por conta própria e não iria durar muito tempo, sem a ajuda dos Sentinelas.

Com o farol estrela ativado, Justine não conseguia fazer nada, até que Alex e os Kulsat tivessem passado para o outro sistema solar.

Assim que eles saíram, Justine ativou o farol estrela mais uma vez e foi através dele, novamente para Gliese.

∞

Momentos depois, ela espalhou notícia para que todos pudessem ouvir.

“Alex conseguiu levar os Kulsat de volta para o seu sistema de origem. Ele está lá sozinho. Precisamos mobilizar-nos imediatamente.”

Centenas de vozes inundaram o sistema de comunicações, até que o Comandante dos Sentinela enviou um bloqueador, que silenciou a conversa.

Quando ele conseguiu a atenção de todos, deu a ordem. “Preparem-se para se lançarem para o Sistema Kulsat. Primeira leva, quando estiverem lá, encontrem os sinais de Alex e tentem protegê-lo. Todos os outros, estejam preparados para fogo pesado. Prontos? Lançamento.”

Justine, quase sem conseguir recuperar o fôlego, tentou ir logo na primeira leva. Maldito protocolo! Mas, no momento em que se colocou em estado quântico, juntamente com as primeiras centenas de Sentinelas e se dirigia para o farol estrela, percebeu que havia algo errado.

O farol estrela não ativava para o Sistema Kulsat.

Depois de tentativas repetidas, tudo o que lhe restava era voltar ao espaço físico.

Através da sua consola de comunicações, ela ouviu o comandante emitir um comunicado. “Sentinelas, de alguma forma, os Kulsat bloquearam completamente o seu farol estrela. Nós não somos capazes de entrar nele.”

Os sentidos de Justine nadaram com as implicações.
Alex estava preso no Sistema Kulsat, sem esperança de resgate.

**Força Espacial dos Estados Unidos:
Nave de Guerra *Liberty*:
Sistema Kulsat:**

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo.

Ao entrar no Sistema Kulsat, Alex e a *Liberty* retornaram ao espaço físico.

As naves de patrulha que guardavam o farol estrela, detetaram a sua presença e começaram a disparar as suas armas sobre o intruso.

Alex sabia que tinha apenas segundos, antes que a nave Solan fosse arrancada da existência, e estava à beira de colocar a nave novamente em estado quântico, com a intenção de viajar mais profundamente para território inimigo, quando a sua consola de comunicações transmitiu uma mensagem da Mancha Vermelha.

O General Gates, ao perceber onde estava, começou a gritar com ele mas, as suas palavras perderam-se para Alex.

A mensagem. O segredo que Mancha Vermelha sabia, que mais ninguém parecia saber. Lá estava ele, no seu monitor, mas, naquele instante, Alex não conseguia entender o seu significado.

“Os Kulsat não temiam a Graça, só por causa da sua capacidade de anular a ‘dádiva’. Os Kulsat temiam a Graça, porque eles podiam dismantelar os faróis estrela.”

No espaço de um momento, a mente de Alex fez várias ligações.

A transformação de um ‘kinemat’ estendia o tempo de vida natural do ser afetado, por um fator de dois ou três.

A expectativa de vida natural de um Kulsat, era cerca de dois ou três anos e uma média de vida de um ‘ressuscitado’, era de cinco a seis anos.

O Sistema Kulsat estava na ponta mais distante, de um dos braços espirais da Via Láctea, a oitenta e sete anos-luz do sistema mais próximo.

Sem um farol estrela, uma nave dos Kulsat precisaria de gerações, para viajar do seu sistema de origem, até ao seu vizinho mais próximo.

O Sistema Kulsat não tinha depósitos naturais de Kinemet. Os ‘ressuscitados’ iriam acumular todo o Kinemet que conseguissem.

Os Kulsat ‘ressuscitados’ tinham-se tornado seres autossuficientes e egocêntricos, desde o desaparecimento dos da Graça. Talvez, no futuro, eles pudessem evoluir e estar dispostos a fazer aquele tipo de sacrifício, para se reconectarem com a galáxia, mas era improvável que isso acontecesse durante séculos.

Se Alex anulasse o farol estrela dos Kulsat, iria isolá-los do resto da galáxia e, terminar a ameaça que eles representavam.

Ao mesmo tempo, isso iria isolar os Kulsat das outras espécies da galáxia, protegendo-os de qualquer possível retribuição, pelo menos durante o próximo século ou algo do género.

Ele iria salvar a galáxia dos Kulsat e salvar os Kulsat do resto da galáxia.

Devido à sua natureza, era improvável que os ‘ressuscitados’ desperdiçassem mais Kinemet, para criar mais ‘ressuscitados’. Lógica e previsão, era algo que raramente entrava no raciocínio dos seres loucos pelo poder.

“Liberte a minha nave, tal como prometeu.” Foi a mensagem seguinte da Mancha Vermelha.

Com a personalidade forte da Mancha Vermelha e com a sua exposição às outras culturas, era possível que ela se conseguisse tornar uma força, para provocar uma revolução no Sistema Kulsat. Se fosse capaz de espalhar a sua história, talvez mais nativos Kulsat se rebelassem contra os ‘ressuscitados’. Pela primeira vez, num milénio, a sua cultura teria um novo propósito. Talvez em algumas centenas, ou milhares de anos, os Kulsat conseguissem amadurecer o suficiente, como sociedade, para estarem prontos para se juntar à galáxia.

Todos aqueles pensamentos ocorreram a Alex, no espaço de alguns segundos.

Contudo, ele não libertou logo a Mancha Vermelha. Ela estaria em perigo, no meio das patrulhas dos Kulsat. Além disso, ele precisava ter a certeza, de que toda a Armada tinha retornado ao Espaço Kulsat.

“A nave líder está a disparar.” Começou a dizer o General Gates, mas Alex colocou a nave em estado quântico e impulsionou os motores quânticos da *Liberty* para voar à velocidade da luz durante um segundo.

Eles estavam a mais de trezentos mil quilómetros de distância do farol estrela, quando Alex voltou a materializar a nave no espaço físico. Estendeu a mão para a sua consola e desatracou a cápsula de mineração da Mancha Vermelha, da *Liberty*.

O General Gates estava com o rosto vermelho. Era óbvio, que ele não estava acostumado a estar à mercê das decisões de outra pessoa, especialmente de um ser que ainda parecia um adolescente. “Você vai contar-me, neste instante, o que é que está a acontecer.” Ordenou.

Alex, certificando-se que a cápsula de mineração da Mancha Vermelha estava segura e seguia o seu caminho, disse: “Eu realmente lamento fazer-lhe isto a si e à sua tripulação, General, mas não tenho outra opção.”

Pela última vez, Alex colocou a *Liberty* em estado quântico. No Instante seguinte, sentiu a chegada da armada dos Kulsat. Para além das eventuais naves retardatárias, algumas naves de mineração de sistemas solares despovoados, a grande maioria dos Kulsat ‘ressuscitados’ estava aqui.

Alex focou-se no farol estrela.

Desta vez, ele não o fez com a intenção de fazer voar a nave *quantum* através dele, para outro sistema.

Desta vez, ele puxou o ‘fio condutor’ kinemético que ligava o farol estrela dos Kulsat à rede galáctica. Ele sabia, instintivamente, que não poderia fazer aquilo fora do Sistema Kulsat.

Sem esse ‘fio condutor’, o rasgo no tecido do universo iria autorreparar-se. O farol estrela dos Kulsat, já não existia.

Alex, juntamente com a *Liberty*, ficou preso dentro do Sistema Kulsat.

**Pueblo de Santa Brio:
Copán, Honduras:**

Janeiro de 2197

O meu nome é Rosalia Chiquita Hernandez e eu sou a primeira da minha aldeia, a celebrar o meu centésimo aniversário. É um marco, pelos padrões de qualquer cultura humana. Claro, os ‘kinemates’ do Sol, irão viver duas ou três centenas de anos, disseram-me. Da mesma maneira, também me disseram, que aqueles que se tornam Viajantes das Estrelas, são algo para além de humano e algo menor que os deuses.

Para mim, o meu aniversário é agridoce. É também o aniversário da morte do meu avô. Yaxche, que nunca gostou do seu nome espanhol, faleceu quando eu completei vinte anos. Embora já tenha passado muito tempo, lembro-me dele e do seu legado, todos os dias. Ele passou a guarda da Canção das Estrelas para mim e pediu-me para guardar o antigo pergaminho. Eu tenho netos e bisnetos. Juan, o mais delicado deles, deseja continuar a tradição, quando eu passar para Mitnal. Que será em breve, eu suspeito. Mas ainda não.

Eu tive uma vida muito cheia e, muitas vezes, refleti acerca dos meus cem anos.

Após a derrota do imperador, na Estação de Qin, a Coalizão de Nações retomou o controlo sobre o Sistema Solar, em alguns dias. Embora a aliança, que se formou para essa tarefa, se pudesse ter dissolvido com o tempo, o retorno da Major Justine Turner e do Embaixador Michael Sanderson, causou uma agitação interplanetária. É que eles trouxeram emissários alienígenas de Gliese até ao Sistema Solar.

Ainda que as histórias da ameaça e da destruição, que os Kulsat poderiam ter trazido, emocionasse e assustassem as pessoas em todo o sistema, foi a oferta para se tornar um membro do Coletivo Galáctico, que levou o Sistema Solar a revolucionar o seu sistema político, pois o Coletivo somente reconheceria um único governo, centralizado, de cada sistema membro.

A União de Corporações da Terra foi dissolvida e foi criada a Sinergia Solan. As corporações de países e subsidiárias planetárias, foram substituídas por cooperativas democráticas, que reconheciam a autoridade da Sinergia.

A tecnologia kinemética avançou, com a cooperação do Coletivo. Com as viagens espaciais baratas e o acesso aos recursos do Sistema Solar, houve uma explosão da população, para os outros planetas e luas do Sistema Solar. Até mesmo as regiões mais pobres da Terra prosperaram, não apenas economicamente, mas em matéria de saúde e bem-estar.

Foi o início do Quinto Mundo, uma era de prosperidade e de progresso humano.

Todos os anos, no meu aniversário, milhares de pessoas de todo o Sistema Solar e até mesmo alguns de outras espécies na galáxia, têm feito peregrinação à minha aldeia. ‘Kinemates’ e Sentinelas, que não conseguem suportar a gravidade do planeta, estão presentes em forma holográfica, através de assistentes, que projetam as suas imagens e gravam as imagens e sons para as enviarem novamente para eles, em órbita à volta da Terra.

Nós conservamos uma celebração de um dia, em homenagem ao meu avô e aos seus amigos. A Sentinela Justine Turner e o Embaixador Michael Sanderson, têm participado todos os anos. Honramos os heróis caídos, George Markowitz, Kenny Harriman e todos os soldados que lutaram e morreram, nos anos que precederam a ‘emergência’.

Na parte da tarde, eu conto a história de Subo Ak e do Deus Moribundo, que me foi ensinado pelo sábio Patli, que não tinha herdeiros.

Ao pôr-do-sol, eu recito a Canção das Estrelas, que me foi ensinada pelo meu avô, em homenagem à Graça Perdida, Alex Manez, e à corajosa tripulação da *Liberty*, que se sacrificaram para liderar a armada dos Kulsat para longe do Sol, poupando assim o nosso Sistema Solar.

Este ano, contudo, antes que eu conseguisse começar a Canção das Estrelas, o Embaixador Michael Sanderson pediu para falar com a multidão, antes da cerimónia final começar.

Ele está diante deles e há muita emoção no seu rosto enrugado.

“Amigos, cidadãos da Sinergia Solan, ‘kinemates’ e Sentinelas. Há poucos

minutos, recebi a notícia de que o farol estrela em Heraiea, o sistema mais próximo dos Kulsat, foi ativado, sendo o sinal proveniente do Sistema Kulsat.”

Quando ele disse aquilo, houve um suspiro coletivo dos que estavam reunidos. Durante décadas, fomos informados de como era improvável que os Kulsat ‘ressuscitados’ tentassem atravessar aquela grande distância. Contudo, as histórias sobre os Kulsat tinham perdurado e eles ainda eram considerados os maus da galáxia.

O Embaixador Sanderson levantou as mãos, para conter a multidão. “Calma! Não foram os Kulsat que chegaram.”

“Foi uma nave de guerra, com um século de idade.” Ele fez uma pausa para o efeito ser mais dramático. “A *Liberty* e toda a sua tripulação regressaram a nós, vivos e saudáveis depois de oitenta e sete anos.”

As suas últimas palavras, foram abafadas pela alegria retumbante da multidão. Só depois, quando teve novamente a atenção do público, é que o embaixador falou.

“Sua Graça, Alex Manez, está entre eles.”

“Está, finalmente... A regressar a casa.”

METAMORFOSE

... O fim da Era Interestelar

Sobre o autor:

Valmore Daniels viveu na costa do Atlântico, do Pacífico, e do Ártico, e em dezenas de lugares entre eles. Uma sede insaciável por novas experiências levou-o a trabalhar em vários campos, incluindo a investigação jurídica, o cuidado a idosos, a administração de petróleo e gás, web design, serviços para o governo, recursos humanos e gestão de vendas a retalho. O seu entusiasmo pelas viagens só é superado pela sua paixão por contar histórias de ficção.

Visite-o em: ValmoreDaniels.com

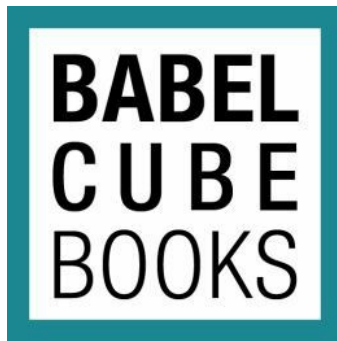
Posfácio

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença.

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com